OS MELHORES CONTOS DE
H.P. LOVECRAFT
hedra

LIVRO 22 de outubro de 2014 12:41 Page 2

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2013
tradução© Guilherme da Silva Braga
organização© Luis Dolhnikoff

edição Jorge Sallum e Luis Dolhnikoff
coedição Luan Maitan
capa Ronaldo Alves

corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Fernando Quinteiro,
Iuri Pereira,
Jorge Sallum,
Luis Dolhnikoff,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

H.P. Lovecraft e o moderno conto de terror

Guilherme da S. Braga

"A emoção mais antiga e mais forte do homem é o medo, e o medo mais antigo e mais forte é o medo do desconhecido": eis as palavras com que Howard Phillips Lovecraft abre o ensaio "O horror sobrenatural na literatura", no qual faz o elogio do conto de horror — forma à qual dedicou praticamente toda a sua carreira literária — como forma artística legítima.

Não se pode dizer que o autor não tivesse argumentos sólidos para lançar-se à empreitada: em defesa da causa, evoca autores como Villiers de L'Isle Adam, William Beckford, Ambrose Bierce, S.T. Coleridge, Nathaniel Hawthorne, Washington Irving, Henry James, Guy de Maupassant e R.L. Stevenson, entre inúmeros outros — além, é claro, de Edgar Allan Poe, que em sua opinião foi o primeiro escritor a elevar os contos fantásticos ao patamar da arte no século XIX.

Segundo afirma Lovecraft, no entanto, o horror tem uma longa tradição que remonta aos primórdios da humanidade. Assim, não causa espanto a característica de grande antiguidade comum a celebrações primitivas como a Missa Negra, o Sabá das Bruxas, o Halloween, a Noite de Walpurgis e outros ritos orgiásticos de fertilidade tão frequentes nas histórias de horror de todas as épocas.

O tema do horror ancestral atravessa todas as fases de sua obra: já em "Dagon" (1917), um de seus primeiros contos maduros, o narrador, ao deparar-se com um monolito entalhado, imagina estar diante de representações dos deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou navegadores; uma tribo cujos últimos descendentes haviam perecido eras antes que o primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou do Homem de Neandertal nascesse.

"O modelo de Pickman" (1926) também bebe em fontes históricas e tem como pano de fundo os julgamentos das bruxas de Salem, ocorridos no século XVII, embora traga o horror também para o tempo presente. "O chamado de Cthulhu" (1926) menciona os Grandes Anciões, criaturas alienígenas que vieram à Terra e "viveram eras antes do primeiro homem nascer e chegaram a um mundo ainda jovem".

Não será surpresa, portanto, descobrir que Lovecraft era obcecado pelo passado. Mas neste caso, por que mais tarde teria escrito histórias que se aproximam da ficção científica, como "A cor que caiu do céu" (1927), "Um sussurro nas trevas" (1930) ou "A sombra fora do tempo" (1934–35)?

Antes de tudo, é preciso saber que, por mais que celebrasse o século XVIII, Lovecraft estava sempre a par dos avanços científicos de sua época. Certa vez

descreveu os três grandes interesses de sua vida como sendo “(a) O amor ao estranho e ao fantástico. (b) O amor à verdade abstrata e à lógica científica. (c) O amor à antiguidade e à permanência”.[1]

Um de seus méritos foi justamente o de combinar a antiga tradição de horror com os avanços da ciência, o que resultou em um tratamento literário e filosófico dos preceitos científicos de então: É chegado o momento em que a revolta normal contra o tempo, o espaço e a matéria deve assumir uma forma que não seja manifestamente incompatível com o que se sabe acerca da realidade — o momento em que deve ser satisfeita por imagens que formem *complementos* em vez de *contradições* ao universo visível e mensurável. E o que mais, senão uma forma de *arte cósmica não sobrenatural*, é capaz de apaziguar este sentimento de revolta — bem como satisfazer a curiosidade correspondente?

O efeito prático da modernização do horror encontra-se bem representado em “O modelo de Pickman”: ao contemplar as terríveis cenas históricas infestadas de monstros nas telas do amigo, o narrador se impressiona; mas o horror só é total quando, passando à uma sala contígua, Pickman mostra-lhe seus “estudos modernos” — pinturas em que criaturas medonhas atacam passageiros do metrô de Nova York.

Outra ruptura inaugurada por Poe e adotada por Lovecraft foi a extinção do que este último chamou de convenções literárias como o final feliz, a virtude recompensada e um didatismo moral vazio generalizado, a aceitação dos valores e padrões populares e os esforços envidados pelo autor para infiltrar suas próprias emoções na história e postar-se ao lado dos partidários das ideias artificiais da maioria.

Assim, o que encontramos nos contos de Lovecraft é uma descrição, sem nenhum juízo de valor, do estado de coisas no mundo fictício habitado por seus personagens — mundo este que, à exceção do momento em que o horror sobrenatural aparece, é perfeitamente igual ao “mundo real”, conforme Lovecraft deixa claro no breve ensaio “Notas sobre a escritura de contos fantásticos”: Acontecimentos e condições inconcebíveis apresentam-se como um obstáculo a ser transposto, o que só pode ser feito por meio da manutenção de um realismo minucioso em todas as partes da história, exceto naquela em que se aborda o prodígio em questão. O portento deve receber um tratamento deliberado e impressionante — com uma atenta preparação emocional — sob pena de soar banal e pouco convincente. Sendo o principal elemento da história, sua mera existência deve obscurecer todos os demais personagens e acontecimentos.

Este obscurecimento de todos os aspectos do real, que muitas vezes também inclui o obscurecimento da sanidade do protagonista, chama a atenção para outra característica notável dos “mitos” criados por Lovecraft: enquanto nas narrativas mitológicas tradicionais o herói adentra um mundo maravilhoso de onde emerge

abençoado, os protagonistas de Lovecraft lançam-se às profundezas do horror e do desespero apenas para emergir com o conhecimento de que a humanidade não tem importância alguma na vastidão do universo: O mundo e todos os seus habitantes parecem-me imensuravelmente insignificantes, de modo que sempre anseio por insinuar simetrias mais vastas e mais sutis do que aquelas relativas à humanidade.[2]

Eis, em suma, a essência do horror cósmico.

Howard Philips Lovecraft, filho de Winfield Scott Lovecraft e Sarah Susan Phillips Lovecraft, nasceu no dia 20 de agosto de 1890 em Providence, Rhode Island, no seio de uma família tradicional e abastada.

Em 1893, quando Lovecraft tinha apenas dois anos, seu pai, após um episódio alucinatório em Chicago, durante uma viagem a trabalho, foi contido e levado às pressas de volta a Providence, onde permaneceu internado no Butler Hospital até 1898, quando faleceu em consequência de uma paresia provavelmente causada pela sífilis.

A mãe, Susan, jamais se recuperou do trauma. O subsequente agravo dos distúrbios psicológicos que antes já a afligiam desencadeou uma relação superprotetora e bastante doentia entre ela e o filho, que assim cresceu isolado do mundo, convivendo apenas com os membros da família que moravam na casa — a mãe, duas tias e o avô.

Lovecraft foi uma criança precoce. Aos dois anos, recitava poesia. Aos três, aprendeu a ler. Aos cinco, teve contato com as fábulas dos irmãos Grimm e com *As mil e uma noites*, e o fascínio pelas lendas árabes levou-o a adotar o pseudônimo "Abdul Alhazred" — que mais tarde viria a ser o infame autor fictício do terrível *Necronomicon*. Entre seis e sete anos, aventurou-se na escrita: seu primeiro conto, "The Noble Eavesdropper" (1896), não sobreviveu, mas alguns escritos dos anos seguintes — "The Little Glass Bottle" (1897), "The Secret Cave" (1898), "The Mystery of the Grave-Yard" (1898) e "The Mysterious Ship" (1902) — ainda hoje constituem sua reduzida juvenília. Aos oito, descobriu a obra de Edgar Allan Poe, um dos escritores que mais o influenciaram.

Em 1904, Lovecraft entrou para a Hope Street High School, onde travou relações amigáveis com colegas e professores. O grande interesse que tinha pelas ciências, em especial química e astronomia, fazia da escola um lugar agradável, porém a saúde precária frequentemente o obrigava a faltar às aulas.

No mesmo ano, Lovecraft perdeu o avô, que provinha o sustento do lar. A família começou a enfrentar dificuldades financeiras em virtude da má administração da herança e viu-se obrigada a vender a mansão onde morava para recomeçar a vida em uma residência muito mais modesta. O jovem Lovecraft sofreu tanto com a perda do antigo lar que por um tempo chegou a contemplar o suicídio, mas no fim prosseguiu com os estudos. Em 1908, porém, sofreu uma

grave crise nervosa durante a qual destruiu grande parte do material que havia escrito na infância. O motivo para a crise jamais foi esclarecido a contento, mas talvez estivesse relacionado às dificuldades de Lovecraft no aprendizado de matemática, disciplina indispensável para que realizasse o sonho de tornar-se astrônomo. Nunca mais retomou os estudos, embora tenha compensado amplamente esta falta de educação formal com inúmeras leituras sobre os mais variados assuntos.

Durante os sete anos seguintes, Lovecraft viveu quase como um recluso, até que em 1913, irritado com a baixa qualidade de algumas histórias publicadas na *Argosy*, uma das revistas *pulp* que habitualmente lia, decidiu escrever à publicação uma sarcástica crítica em verso, publicada na seção reservada aos leitores. Houve réplicas e tréplicas e a polêmica estendeu-se por um ano inteiro, mas a despretensiosa correspondência rendeu a Lovecraft seu primeiro emprego: Edward F. Daas, da United Amateur Press Association (*uapa*), acompanhou o debate de perto e no fim convidou Lovecraft a trabalhar para a associação. Depois de aceitar o convite, o jornalista estreante começou a escrever para diversos jornais, além de editar seu próprio periódico, chamado *The Conservative* (1915–1923). Nos anos seguintes, ocupou vários cargos importantes dentro da *uapa* e também da National Amateur Press Association (*napa*).

Graças ao jornalismo amador, Lovecraft teve contato com inúmeras pessoas que compartilhavam de seus interesses e passaram a admirá-lo. W. Paul Cook leu dois contos seus que haviam sido publicados — "A fera na caverna" (1905) e "O alquimista" (1908) — e incentivou-o a continuar escrevendo. Assim, ainda em 1917 Lovecraft completou "A tumba" e "Dagon", que, assim como "Polaris" (1918) e "O navio Branco" (1919), foram enviados para a apreciação de um seleto grupo de correspondentes — os primeiros leitores de sua ficção.

Mais tarde o autor também ficaria famoso pela vasta correspondência que manteve com outros expoentes da literatura de horror, fantasia e ficção científica, como August Derleth, Clark Ashton Smith, Donald Wandrei, Frank Belknap Long, Robert Bloch e Robert E. Howard, entre muitos outros.

Por esta mesma época, em 1919, Susan Lovecraft sofreu um colapso nervoso e foi internada no mesmo hospital psiquiátrico onde seu marido havia falecido. Diagnosticada com distúrbios mentais, permaneceu internada no Butler Hospital até 1921, quando morreu em decorrência de uma malfadada operação na vesícula.

Com o choque da perda, Lovecraft voltou a ter pensamentos suicidas, mas desta vez recuperou-se muito mais depressa e apenas um mês mais tarde compareceu a uma convenção de jornalistas amadores em Boston, onde conheceu Sonia Haft Greene, para quem na época prestava alguns dos serviços de revisão editorial que, ao lado de uma pequena herança familiar, constituíam seu parco rendimento desde a juventude, uma vez que o dinheiro obtido com seus próprios

escritos jamais bastou para garantir-lhe o sustento. Os dois descobriram afinidades e casaram-se três anos mais tarde, em 1924. Ninguém foi convidado para a cerimônia: as testemunhas da união foram os próprios funcionários da igreja onde o casal esteve, e as tias de Lovecraft só foram comunicadas uma semana mais tarde — talvez porque o prospecto de trazer ao seio da família uma judia ucraniana proprietária de uma loja de chapéus na Fifth Street fosse arrojado demais para as conservadoras senhoras.

Após o casamento, Lovecraft foi morar com a esposa em Nova York. A princípio, deslumbrou-se com a cidade, os museus, as bibliotecas e mil outras maravilhas; mas o encanto inicial durou pouco. A herança que o sustentava ficava dia a dia mais escassa, e a situação financeira e afetiva do casal piorou até se tornar insustentável: a loja de chapéus de Sonia faliu; sua saúde deteriorou-se; Lovecraft não conseguia, por mais que tentasse, arranjar um emprego fixo; e, somado a tudo isso, Sonia sofria com o total desinteresse do marido pelo sexo. Assim, passados dez meses de vida a dois, mudou-se para Cleveland, onde teria arranjado um bom emprego, enquanto Lovecraft foi morar sozinho em uma vizinhança sórdida do Brooklyn.

Na época, o ódio do autor por Nova York — devido em grande parte aos sentimentos racistas que nutria em relação aos imigrantes — foi transformado em contos como “Ele” (1925), “O horror em Red Hook” (1925) e “Ar frio” (1926).

Ao saber da situação difícil em que o amigo se encontrava, Frank Belknap Long, Jr., escreveu para as tias de Lovecraft em Providence, que então o convidaram a voltar para casa — um convite que o escritor esperava havia tempo, mas não tinha coragem de pedir. Lovecraft voltou à sua amada cidade natal em 1926, embora desacompanhado da esposa: suas tias acharam que seria desonroso para a família ter uma mulher cuidando de uma loja em Providence, ou mesmo em Boston, e assim vetaram este plano. Na prática foi o fim do casamento, embora Sonia tenha pedido o divórcio apenas mais tarde e Lovecraft jamais o tenha assinado.

Quando retornou sozinho a Providence, no entanto, Lovecraft não era mais o eremita de outrora: havia se tornado uma pessoa mais integrada ao mundo e ocupava parte de seu tempo com viagens e visitas a antiquários; além do mais, continuava dedicando-se a sua volumosa correspondência.

Foi nesta época que começou o período mais fértil de toda a sua carreira: ainda em 1926, escreveu o mais famoso de todos os seus contos, “O chamado de Cthulhu”. No ano seguinte, dedicou-se a narrativas mais longas, como *À procura de Kadath* e *O caso de Charles Dexter Ward*. A maior complexidade das novas histórias, no entanto, tornava-as menos vendáveis aos olhos dos editores, o que reduzia ainda mais o já escasso sustento do autor. O pouco dinheiro que obtinha com revisões e *ghostwriting* obrigava-o a levar uma vida extremamente limitada.

Em 1935, Lovecraft começou a ter sintomas de câncer no intestino, mas recusou-se a buscar ajuda médica, talvez porque temesse uma cirurgia desastrosa como a que ceifara a vida de sua mãe. Quando as dores causadas pela doença tornaram-se insuportáveis e obrigaram-no a buscar tratamento, já era tarde demais: Lovecraft morreu no dia 15 de março de 1937, apenas cinco dias após sua internação no Jane Brown Memorial Hospital.

Em vida, Lovecraft jamais alcançou um público maior do que os leitores de revistas *pulp* para as quais escrevia. O único livro que conseguiu publicar — *The Shadow Over Innsmouth* (1936) — saiu em uma edição descuidada de baixa tiragem (cerca de duzentos exemplares) pela Visionary Publishing Company, uma pequena editora especializada em fantasia e ficção científica. Tudo parecia indicar que o destino final de sua obra, dispersa em vários periódicos, seria o esquecimento.

Mas os correspondentes August Derleth e Donald Wandrei, movidos pelo desejo de preservar a obra de Lovecraft, ofereceram os contos do amigo a vários editores. Como não encontrassem ninguém interessado, uniram esforços e, em 1939, fundaram a editora Arkham House a fim de publicar as obras de H.P. Lovecraft em livro. A primeira coletânea, *The Outsider and Others*, foi lançada no mesmo ano. Logo vieram muitos outros volumes, que no entanto não chamaram suficiente atenção da crítica para alçar a obra de Lovecraft ao nível de literatura.

Na década de 40, Lovecraft começou a despertar alguma atenção por parte de especialistas, embora os comentários ainda fossem tímidos, quando não de todo negativos. Foi somente após a publicação do primeiro volume de sua correspondência em *Selected Letters i* (Arkham House, 1965) que Lovecraft passou a desfrutar de algum prestígio nos círculos literários. Alguns anos mais tarde, em 1979, foi fundado o periódico *Lovecraft Studies*, dedicado exclusivamente ao estudo do autor.

O reconhecimento definitivo tardou quase setenta anos, mas veio em 2005 com a publicação de *Tales*, um volume inteiramente dedicado a Lovecraft na prestigiosa coleção da Library of America, que desde 1982 publica autores canônicos de língua inglesa. E assim o horror instalou-se definitivamente na biblioteca.

Bibliografia

FAIG, J.R.; KENNETH, W. “The parents of Howard Phillips Lovecraft”. In: LOVECRAFT, Howard Philips; SCHULTZ, David E.; JOSHI, S.T. *An Epicure in the Terrible*. Fairleigh Dickinson University Press, 1991.

JONES, Stephen (ed.). *H. P. Lovecraft's Book of the Supernatural*. Pegasus Books, 2006.

JOSHI, S.T. "Introduction". In: LOVECRAFT, Howard Phillips; JOSHI, S.T. (org.). *The Call of Cthulhu and Other Stories*. Penguin Classics, 1999.

_____.. "Introduction". In: LOVECRAFT, Howard Phillips; JOSHI, S.T. (org.). *The Thing on the Doorstep and Other Weird Stories*. Penguin Classics, 2001.

_____.. "Introduction". In: LOVECRAFT, Howard Philips; SCHULTZ, David E.; JOSHI, S.T. *An Epicure in the Terrible*. Fairleigh Dickinson University Press, 1991.

LÉVY, Maurice. *Lovecraft, a Study in the Fantastic*. Trad. S. T. Joshi. Wayne State University Press, 1988.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *Supernatural Horror in Literature*. With a new introduction by E.F. Bleiler. Dover Publications, Inc., 1973.

LOWELL, Mark. Lovecraft's "Cthulhu Mythos". *Explicator* 63, nº 1, Fall 2004, pp. 47–50.

PRICE, Robert M. "H.P. Lovecraft: Prophet of Humanism." *The Humanist* 61, nº 4, July-August 2001, pp. 26–29.

---

1 A carta de Lovecraft é citada por Joshi (1991), p. 22.

2 Lovecraft citado por Lévy (1988), p. 34.

Dagon (1917)

Escrevo essa história sob uma pressão mental considerável, uma vez que hoje à noite me apago. Sem dinheiro, com o estoque da droga que torna a vida suportável próximo do fim, não aguento mais essa tortura; estou prestes a me atirar pela janela da água-furtada na desolação da rua lá embaixo. Não entenda minha dependência da morfina como uma fraqueza ou uma perversão. Quando o senhor ler essas páginas rabiscadas às pressas poderá entender, ainda que não por completo, a minha ânsia pelo esquecimento ou pela morte.

Foi numa das regiões mais abertas e menos frequentadas do enorme Pacífico que o paquete em que eu era supervisor de carga caiu vítima das forças alemãs. Era o início da grande guerra, e as forças oceânicas dos teutos ainda não haviam afundado ao nível da degradação posterior; de modo que nossa embarcação foi capturada como um troféu legítimo, enquanto nós, da tripulação, fomos tratados com toda a justeza e consideração devida aos prisioneiros navais. A postura de nossos captores, a bem dizer, era tão tolerante que cinco dias após a abordagem consegui escapar sozinho em um pequeno barco, levando comigo água e provisões suficientes para um período considerável.

Quando por fim me vi livre, à deriva, eu tinha pouca ideia das minhas coordenadas. Sendo um navegador de poucas habilidades, eu só conseguia ter uma vaga noção, graças ao sol e às estrelas, de que estava ao sul do Equador. Quanto à longitude eu não fazia a menor ideia, e não havia nenhuma ilha ou litoral à vista. O tempo manteve-se bom e, por dias incontáveis, fiquei à deriva sob o sol escaldante; esperando que algum navio passasse ou que as ondas me conduzissem à orla de um lugar habitável. Mas nem o navio nem a costa apareceram, e comecei a entrar em desespero com a solidão em meio à grandeza opressiva do infinito panorama azul.

A mudança operou-se enquanto eu dormia. Jamais conhecerei os detalhes; pois o meu sono, mesmo sendo agitado e cheio de pesadelos, foi ininterrupto. Quando por fim acordei, vi-me parcialmente sugado pelo lodo de um infernal pântano negro, que se estendia à minha volta em ondulações monótonas até onde a vista alcançava, e onde o meu barco estava ancorado a alguma distância.

Mesmo que se possa imaginar a minha reação de surpresa ante uma transformação tão prodigiosa e súbita no cenário, a verdade é que eu sentia mais terror do que espanto; pois no ar e no solo putrescente havia algo de sinistro que me enregelava até o âmago. O lugar fedia a restos pútridos de peixes em decomposição e de outras coisas indescritíveis que eu via erguerem-se do lodo

asqueroso que recobria a infindável planície. Talvez eu não devesse tentar pôr em meras palavras o horror indescritível que o silêncio absoluto e a imensidão estéril podem encerrar. Não se ouvia nada, não se via nada afora a vastíssima extensão de lodo negro; mas era a perfeição do silêncio e a constância do cenário o que me oprimia com um terror nauseante.

O sol ardia em um céu que parecia quase negro em sua crueldade límpida; como se a refletir o palude escuro como nanquim sob os meus pés. Enquanto eu retornava ao barco, percebi que só havia uma teoria para explicar a minha situação. Por obra de alguma erupção vulcânica sem precedentes, uma parte do solo marítimo fora arremessada em direção à superfície, expondo regiões que por incontáveis milhões de anos haviam repousado em silêncio nas insondáveis profundezas oceânicas. Tamanha era a extensão de terra assim surgida que eu não conseguia ouvir o rumor do mar, por mais que tentasse. Tampouco se viam aves marítimas a procurar comida entre as carcaças.

Por longas horas fiquei pensando ou cogitando no barco, que estava de lado a fim de projetar alguma sombra enquanto o sol movia-se no firmamento. À medida que o dia avançava o chão ficava menos pegajoso e dava a impressão de que em pouco tempo estaria seco o suficiente para uma caminhada. Dormi pouco à noite e, no dia seguinte, preparei um suprimento de comida e água, antevendo uma jornada por terra em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã o solo estava seco o bastante para que eu pudesse caminhar sem dificuldade. O odor dos peixes era enlouquecedor; mas eu estava compenetrado em assuntos muito mais graves para incomodar-me com um mal tão insignificante e, assim, lancei-me rumo ao desconhecido. Andei o dia inteiro em direção ao Ocidente, guiado por um promontório que se erguia mais alto do que qualquer outra elevação naquele vasto deserto. Acampei naquela noite e, no dia seguinte, prossegui em direção ao promontório, que no entanto parecia quase tão distante quanto no momento em que o vi pela primeira vez. Na quarta noite cheguei ao pé da elevação, muito mais alta do que parecera ao longe; um vale destacava seus contornos em meio ao panorama geral. Exausto demais para escalar, dormi à sombra do promontório.

Não sei por que meus sonhos foram tão fantásticos naquela noite; mas antes que a formidável lua gibosa subisse às alturas celestes, acordei, suando frio, determinado a não mais dormir. Eu não seria capaz de aguentar mais uma vez aquelas visões. O luar mostrou-me o quão tolo eu fora ao viajar durante o dia. Sem o brilho do sol escaldante, minha jornada teria consumido menos energia; em verdade, naquele instante eu sentia-me apto a empreender a escalada que me vencera ao pôr do sol. De posse dos meus suprimentos, parti em direção ao pico daquela eminência.

Disse eu que a monotonia constante da paisagem inspirava-me um horror vago; mas acredito que meu horror tenha sido ainda maior quando ganhei o cume do promontório e olhei para o outro lado, em direção a um enorme fosso ou cânion, cujos negros recessos a lua ainda não subira o bastante para iluminar. Senti-me nos limites do mundo, olhando para o caos insondável de uma noite eterna. Meu terror era atravessado por reminiscências do *Paraíso Perdido* e da terrível escalada de Satã pelos domínios da escuridão primordial.

À medida que a lua subia, comecei a notar que os declives do vale não eram tão íngremes quanto eu imaginara a princípio. Saliências e escarpas na rocha proporcionavam uma descida relativamente fácil e, após algumas dezenas de metros, o declive tornava-se bastante gradual. Tomado por um impulso que não sou capaz de explicar, desci pelo caminho de pedra e postei-me no declive mais suave lá embaixo, olhando aquelas profundezas infernais onde luz alguma jamais havia penetrado.

De repente minha atenção dirigiu-se a um enorme e singular objeto que se erguia a pique no declive do outro lado, a uns cem metros de distância; um objeto que resplandecia em brancura com os raios recém-chegados da lua ascendente. Logo me convenci de que era uma enorme rocha; mas por algum motivo eu tive a nítida impressão de que aquele contorno e aquela disposição não podiam ser obra da Natureza. Um exame mais atento encheu-me de sensações inexplicáveis; pois, apesar da enorme magnitude e da proximidade ao abismo hiante que repousava no fundo do mar desde que o mundo era jovem, percebi sem a menor dúvida que o estranho objeto era um monolito bem-formado, cuja opulência conhecera o trabalho e talvez a adoração de criaturas vivas e pensantes.

Confuso e assustado, mas sentindo o entusiasmo dos cientistas e arqueólogos, examinei meus arredores em maior detalhe. A lua, já próxima ao zênite, resplandeceu com um brilho estranho acima do sobranceiro promontório que circundava o abismo e revelou um enorme volume de água lá embaixo, que se estendia para os dois lados e quase batia-me nos pés enquanto eu permanecia no declive. No outro lado do pélago, pequenas ondas quebravam junto à base do monolito ciclópico, onde se viam inscrições e esculturas primitivas. A escrita usava um sistema de hieróglifos que eu ignorava, diferente de todos aqueles vistos nos livros, e consistia, na maior parte, de símbolos aquáticos estilizados, como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e outros. Muitos hieróglifos representavam coisas marinhas desconhecidas ao mundo moderno, mas cujos corpos em decomposição eu avistara na planície que se erguera do mar.

Era o estilo pictórico, no entanto, o que mais me hipnotizava. Claramente visível na água, graças a suas enormes proporções, havia um conjunto de baixos-relevos cujos temas teriam despertado a inveja de um Doré. Acho que as figuras representadas eram homens — ou pelo menos um certo tipo de homem; no

entanto, as criaturas apareciam divertindo-se como peixes na água de alguma gruta marinha ou rendendo homenagens em um templo monolítico que também parecia estar sob as ondas. Os rostos e as formas eu não ouso descrever em detalhe, pois a simples lembrança faz-me fraquejar. Grotesco além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, o contorno geral das figuras era muito humano, apesar das mãos e pés com membranas natatórias, dos impressionantes lábios carnudos e molengos, dos olhos vidrados, arregalados, e de outros traços de lembrança desagradável. Tive a curiosa impressão de que os desenhos estavam bastante fora de proporção com o cenário ao redor; uma das criaturas aparecia matando uma baleia, representada em tamanho só um pouco maior do que ela própria. Como eu disse, reparei no aspecto grotesco e no tamanho exagerado das figuras; mas no instante seguinte pensei que aqueles seriam apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou navegadores; uma tribo cujos últimos descendentes haviam perecido eras antes que o primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou do Homem de Neandertal nascesse. Estupefato com o vislumbre de um passado que extrapolava a imaginação do mais ousado antropólogo, pus-me a meditar enquanto a lua lançava reflexos singulares sobre o silencioso canal à minha frente.

Então, de repente eu vi. Com um leve rumor que marcou sua chegada à superfície, a coisa apareceu acima das águas escuras. Vasto como um Polifemo, horrendo, aquilo dardejava como um pavoroso monstro saído de algum pesadelo em direção ao monolito, ao redor do qual agitava os braços escamosos ao mesmo tempo que inclinava a cabeça hedionda e emitia sons compassados. Acho que foi naquele instante que perdi a razão.

Em relação à escalada frenética do aclive e do promontório e à jornada delirante rumo ao barco não recordo quase nada. Acho que cantei um bocado e irrompi em gargalhadas estranhas quando não consegui mais cantar. Tenho lembranças difusas de uma forte tempestade algum tempo depois de retornar ao barco; de qualquer modo, sei que ouvi trovoadas e outros sons que a Natureza só emite em seus momentos de maior furor.

Quando emergi das trevas eu estava num hospital em São Francisco; quem me levou até lá foi o capitão do navio americano que resgatou meu barco, à deriva no oceano. Falei muito em meu delírio, mas descobri que haviam dado pouca atenção às minhas palavras. Meus benfeitores não sabiam nada a respeito de terras emersas no Pacífico; e não julguei apropriado insistir em algo que eu sabia ser inacreditável. Certa vez falei com um etnólogo famoso e diverti-o com perguntas um tanto peculiares sobre a antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-Peixe; mas logo, ao perceber que o estudioso era irremediavelmente ordinário, desisti das minhas perguntas.

É à noite, em especial quando a lua está gibosa e minguante, que vejo a coisa. Tentei morfina; mas a droga mostrou-se um alívio apenas temporário e prendeu-me em suas garras como a um escravo desesperançado. Agora, tendo escrito um relato completo para a informação ou para o deleite zombeteiro de meus semelhantes, pretendo pôr um fim a tudo. Muitas vezes pergunto-me se tudo não seria a mais pura ilusão — um simples delírio enquanto eu jazia vociferando durante uma insolação no barco exposto aos elementos, logo após escapar da belonave alemã. Eis o que me pergunto, mas sempre tenho uma visão nítida do terror em resposta. Não consigo pensar nas profundezas oceânicas sem estremecer ao imaginar as coisas inomináveis que neste exato momento podem estar deslizando e arrastando-se pelo fundo viscoso, rendendo homenagens a antigos ídolos de pedra e esculpindo sua execranda imagem em obeliscos submarinos de granito úmido. Sonho com o dia em que possam erguer-se acima das ondas para arrastar ao fundo, em suas garras fétidas, os resquícios dessa humanidade pífia e devastada pela guerra — com o dia em que a terra há de afundar, e o fundo escuro do oceano erguer-se em meio ao pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um barulho na porta, como o de um enorme corpo escorregadio batendo contra a madeira. Jamais vão me encontrar. Meu Deus, aquela mão! A janela! A janela!

O Navio Branco (1919)

Sou Basil Elton, faroleiro do farol de North Point, do qual meu pai e meu avô cuidaram antes de mim. Longe da orla ergue-se a construção cinza, acima de pedras musguentas visíveis na maré baixa, mas ocultas pela maré alta. Além do lume, por mais de um século singraram as majestosas barcas dos sete mares. Na época do meu avô elas eram muitas; na época do meu pai, nem tantas; e hoje são tão poucas que eu às vezes sinto uma estranha solidão, como se eu fosse o último homem sobre a Terra.

De praias distantes vinham os antigos galeões de velas brancas; de longínquas praias orientais, onde o sol brilha e perfumes doces envolvem jardins exóticos e alegres templos. Os velhos lobos-do-mar amiúde vinham fazer visitas ao meu avô e contar histórias que ele mais tarde contou ao meu pai, e o meu pai a mim nas longas noites de outono quando escutávamos o uivo lúgubre do vento leste. E li mais sobre essas coisas, e também sobre muitas outras, nos livros que os homens me deram quando eu era jovem e deslumbrado com o mundo.

Porém, ainda mais deslumbrante do que a sabedoria dos anciões e a sabedoria dos livros é a sabedoria oculta do oceano. Azul, verde, cinza, branco ou preto; calmo, encapelado ou montanhoso; o oceano não se cala. Passei a vida inteira olhando e escutando o mar, e hoje o conheço bem. No início ele só me contava histórias simples sobre praias calmas e portos vizinhos, mas com o passar dos anos tornou-se meu amigo e falou sobre outras coisas; coisas mais estranhas e mais distantes no espaço e no tempo. Certas vezes, ao entardecer, os vapores gris do horizonte abriam-se para me oferecer uma visão dos caminhos além; e certas vezes, à noite, as águas profundas do oceano faziam-se claras e fosforescentes para me oferecer uma visão dos caminhos abaixo. E essas visões eram tanto dos caminhos que foram e poderiam ser como dos que ainda são; pois o oceano é mais antigo que as montanhas e carrega as memórias e os sonhos do Tempo.

Era do Sul que o Navio Branco vinha quando a lua cheia pairava alta nos céus. Era do Sul que vogava suave e silente pelas águas do mar. E independente de o mar estar calmo ou agitado, de os ventos serem favoráveis ou não, o Navio Branco sempre vogava suave e silente, com as velas distantes e as fileiras de estranhos remos movendo-se em um único compasso. Uma vez, à noite, vi um homem de barba e manto no convés, que com um aceno pareceu convidar-me para uma viagem rumo a terras desconhecidas. Vi-o em muitas outras noites de lua cheia, porém nunca mais acenou.

A lua estava muito clara na noite em que respondi ao chamado e caminhei pelas águas até o Navio Branco em uma ponte de luar. O homem que havia acenado deu-me boas-vindas em uma língua suave que eu parecia conhecer bem, e as horas passaram em meio às doces canções dos remadores enquanto vogávamos rumo ao Sul misterioso, tingido de ouro com o brilho cintilante da lua cheia.

E quando o dia raiou, rosado e esplendoroso, vislumbrei a silhueta verde de terras longínquas, vistosas e belas, e a mim desconhecidas. Do mar erguiam-se terraços altaneiros com folhagens, repletos de árvores, que revelavam aqui e acolá os telhados brancos e as colunatas refulgentes de estranhos templos. Enquanto nos aproximávamos da orla o homem barbado falou sobre aquela terra, a terra de Zar, onde habitavam todos os sonhos e pensamentos belos que já ocorreram aos homens e foram mais tarde esquecidos. E quando olhei mais uma vez para os terraços vi que era verdade, pois no panorama diante dos meus olhos havia muitas coisas que alguma vez eu vira por entre as névoas do horizonte e nas profundezas cintilantes do oceano. Havia também formas e fantasias mais esplêndidas do que qualquer outra que eu jamais houvesse vislumbrado; visões de jovens poetas que morreram na penúria antes que o mundo pudesse saber o que tinham visto e com o que tinham sonhado. Mas não desembarcamos nos pastos íngremes de Zar, pois segundo a lenda os que pisam naquelas terras podem nunca mais voltar ao porto de onde vieram.

Enquanto o Navio Branco se afastava em silêncio dos terraços de Zar, divisamos no horizonte à frente os coruchéus de uma cidade esplendorosa; e o homem disse, “Eis Thalarion, a Cidade das Mil Maravilhas, onde moram todos os mistérios que o homem tentou em vão desvendar”. Olhei outra vez, mais de perto, e notei que a cidade era maior do que qualquer outra que eu tivesse visto ou sonhado. Os coruchéus dos templos desapareciam nos céus, de modo que era impossível divisar seus cumes; e além do horizonte estendiam-se as muralhas cinzas e sombrias por detrás das quais se viam apenas alguns telhados, bizarros e soturnos, mas adornados com frisos trabalhados e formosas esculturas. Eu ansiava por entrar nessa cidade incrível e a um só tempo repulsiva, e implorei ao homem de barba que me deixasse no píer junto ao enorme portão lavrado Akariel; mas ele, cheio de bondade, negou meu pedido dizendo: “Muitos já adentraram Thalarion, a Cidade das Mil Maravilhas, mas ninguém retornou. Lá não há nada além de demônios e criaturas desvairadas que perderam a humanidade e de ruas brancas com as ossadas insepultas dos que olharam para o *eídolon* Lathi, que preside a cidade.” E o Navio Branco foi adiante até deixar para trás as muralhas de Thalarion e seguiu por muitos dias um pássaro que voava rumo ao Sul, cuja plumagem reluzente tinha a mesma cor do céu de onde havia surgido.

Então chegamos a um litoral agradável com flores de todas as cores, onde lindos bosques e arvoredos radiantes estendiam-se até onde a vista alcançava sob o calor do sol meridional. Dos caramanchões além do horizonte vinham explosões de música e trechos de harmonia lírica intercalados por risadas tão deliciosas que apressei os remadores para chegarmos o mais rápido possível àquela cena. O homem barbado não disse uma palavra, mas ficou me observando enquanto nos aproximávamos da costa salpicada de lírios. De repente uma brisa cruzou os prados floridos e os bosques folhosos e trouxe consigo um perfume que me fez estremecer. O vento foi ganhando força e o ar encheu-se com o odor letal e pútrido das cidades flageladas pela peste e das covas abertas. E enquanto nos afastávamos como loucos daquele litoral abominável o homem de barba enfim disse: “Eis Xura, a Terra dos Prazeres Inalcançados.”

Mais uma vez o Navio Branco seguiu o pássaro celeste pelos mares cálidos e abençoados, impelido por suaves brisas fragrantes. Dia após dia e noite após noite navegamos, e quando a lua estava cheia escutávamos a canção dos remadores, doce como naquela noite distante em que zarpamos da minha longínqua terra natal. E foi ao brilho do luar que enfim lançamos âncora no porto de Sona-Nyl, vigiado por promontórios gêmeos de cristal que se erguem do mar e tocam-se em uma arcada resplendente. É o País dos Devaneios, e caminhamos até a orla verdejante em uma ponte de luar dourado.

No País de Sona-Nyl não existe tempo nem espaço, sofrimento nem morte; e lá morei por muitos éons. Verdes são os bosques e arvoredos, claras e fragrantes as flores, azuis e musicais os córregos, límpidas e frias as fontes e opulentos e maravilhosos os templos, castelos e cidades de Sona-Nyl. Lá não existem fronteiras, pois além de cada panorama de beleza ergue-se outro ainda mais vistoso. Pelo campo afora e em meio ao esplendor das cidades, as pessoas felizes movem-se a seu bel-prazer, todas elas abençoadas com a graça imaculada e a felicidade mais pura. Pelos éons em que lá estive, vaguei cheio de alegria por jardins onde pagodes extravagantes espreitam por detrás de arbustos, e onde os passeios brancos são ladeados por flores delicadas. Subi morros suaves e, das alturas, avistei panoramas encantadores de beleza, com vilarejos cheios de coruchéus aninhados em convales verdejantes, e as cúpulas douradas de cidades colossais a brilhar no horizonte infinitamente longínquo. E ao luar eu pude ver o mar refulgente, os promontórios cristalinos e o porto plácido onde o Navio Branco estava ancorado.

Foi contra a lua cheia que um dia, no ano imemorial de Tharp, divisei a silhueta do pássaro celestial que me chamava e senti os primeiros sinais de inquietude. Falei com o homem barbado e contei-lhe o desejo que eu sentia de viajar até a distante Cathuria, jamais vista por nenhum mortal, mas que se acreditava estar além dos pilares basálticos do Ocidente. É o País da Esperança,

onde refulgem os ideais perfeitos de tudo o que se conhece em outros lugares; ao menos é o que dizem. Mas o homem barbado disse-me: “Cuidado com os mares traiçoeiros onde dizem que Cathuria fica. Em Sona-Nyl não existe sofrimento nem morte, mas quem sabe ao certo o que se esconde além dos pilares basálticos do Ocidente?” Mesmo assim, quando a lua voltou a ficar cheia, embarquei no Navio Branco e, com o relutante homem barbado, deixei para trás o alegre porto rumo a mares nunca outrora desbravados.

E o pássaro celeste voava adiante de mim e conduzia-nos aos pilares basálticos do Ocidente, mas dessa vez os remadores não cantavam nenhuma canção doce sob a lua cheia. Em minha fantasia eu imaginava o desconhecido País de Cathuria com esplêndidos bosques e palácios e me perguntava que novas delícias estariam à minha espera. “Cathuria”, eu dizia para mim mesmo, “é a morada dos deuses e o país das incontáveis cidades de ouro. As florestas são de aloe e sândalo, como os bosques fragrantes de Camorin, e por entre as árvores esvoaçam pássaros alegres, cheios de doçura e música. Nas montanhas verdes e floridas de Cathuria erguem-se templos de mármore rosa, que ostentam glórias entalhadas e pintadas, com fontes argênteas pelos pátios, onde as águas fragrantes do rio Narg, que nasce em uma gruta, sussurram melodias encantadoras. As cidades da Cathuria são cercadas por muralhas áureas, e suas calçadas também são de ouro. Nos jardins dessas cidades há estranhas orquídeas e lagos perfumados, cujos leitos são coral e âmbar. À noite as ruas e os jardins são iluminados por alegres lanternas feitas com o casco tricolor da tartaruga, e lá ressoam as notas suaves do cantor e do alaúde. E as casas nas cidades de Cathuria são todas palácios, construídas sobre um canal fragrante onde correm as águas do sagrado Narg. De mármore e porfirito são as casas, cobertas por um ouro reluzente que reflete os raios do sol e aumenta o esplendor das cidades tal como os deuses, satisfeitos, veem-nas dos picos mais elevados. A mais bela construção é o palácio do grande monarca Dorieb, que alguns dizem ser um semideus, outros, um deus. Altaneiro é o palácio de Dorieb, e vários os torreões de mármore em suas muralhas. Em seus amplos salões as multidões reúnem-se, e lá estão pendurados os troféus de todas eras. E o teto é de ouro maciço, sustentado por altos pilares de rubi e lápis-lazúli com figuras entalhadas na forma de deuses e heróis, de modo que quem ergue os olhos àquelas alturas tem a impressão de vislumbrar o próprio Olimpo. O piso dos palácios é de vidro, e por debaixo do cristal correm as águas iluminadas do Narg, alegres com peixes vistosos, desconhecidos de todos além das fronteiras da adorável Cathuria.”

Era assim que eu falava comigo mesmo sobre Cathuria, mas o homem de barba sempre me aconselhava a voltar para as alegres praias de Sona-Nyl; pois Sona-Nyl é conhecida dos homens, enquanto ninguém jamais vislumbrou Cathuria.

E no trigésimo primeiro dia seguindo o pássaro, divisamos os pilares basálticos do Ocidente. Surgiram envoltos em névoa, de modo que era impossível ver o que se escondia além deles ou mesmo seus cumes — que alguns dizem alçar-se até os céus. E o homem barbado mais uma vez implorou para que eu voltasse atrás, mas não lhe dei ouvidos; pois das névoas para além dos pilares basálticos eu imaginava ouvir as notas de cantores e alaúdes; mais doces do que as mais doces canções de Sona-Nyl, e soando minhas próprias loas; loas a mim, que tinha viajado para longe da lua cheia e estado no País do Devaneio. Assim, ao som da melodia o Navio Branco vogou rumo à névoa entre os pilares basálticos do Ocidente. E quando a música cessou e a névoa baixou, vislumbramos não o País de Cathuria, mas um mar de correnteza irresistível, que arrastava nossa nau indefesa rumo ao desconhecido. Logo nossos ouvidos captaram o troar longínquo de cachoeiras e, diante de nossos olhos, assomou no horizonte a espuma titânica de uma catarata monstruosa, na qual os oceanos do mundo deságuam em um vazio abissal. Foi então que o homem barbado disse-se, com lágrimas a rolar pelo rosto: “Nós rejeitamos a beleza do lindo País de Sona-Nyl, que podemos nunca mais rever. Os deuses são mais grandiosos que os homens, e eles venceram.” Fechei meus olhos antes do estrondo que viria a seguir, perdendo de vista o pássaro celestial que ruflou as zombeteiras asas cerúleas em provocação sobre a borda da torrente.

Após o estrondo veio a escuridão, e ouvi gritos de homens e de coisas inumanas. Do Oriente sopraram ventos tempestuosos, que me enregelaram quando agachei-me na prancha de pedra úmida que se havia erguido sob os meus pés. Então, depois de mais um estrondo, abri os olhos e me vi na plataforma do farol, de onde eu zarpara tantos éons atrás. Na escuridão lá embaixo avultava a enorme silhueta difusa de uma embarcação que se chocava contra escolhos cruéis, e quando tirei os olhos do naufrágio percebi que o farol havia falhado pela primeira vez desde que o meu avô o tomara sob seus cuidados.

No avançado da ronda, entrei na torre e, na parede, descobri um calendário que permanecia tal como eu o havia deixado quando parti. Com o raiar do dia, desci a torre e fui procurar os destroços nos escolhos, mas só o que encontrei foi um estranho pássaro morto, azul como o céu, e uma única verga destroçada, de brancura mais intensa que a da espuma na crista das ondas e da neve nas montanhas.

E desde então o oceano jamais voltou a me contar segredos; e ainda que por muitas vezes a lua cheia tenha brilhado alta nos céus, o Navio Branco do Sul nunca mais retornou.

Os Gatos de Ulthar (1920)

Dizem que em Ulthar, que fica além do rio Skai, é proibido matar gatos; e parece-me fácil acreditar nisso enquanto observo o espécime que ronrona em frente à lareira. O gato é um animal críptico e afeito a coisas estranhas, invisíveis ao homem. É a alma do antigo Egito e o guardião de histórias vindas de cidades esquecidas em Meroe e Ofir. É parente dos senhores da floresta e herdeiro dos segredos da África antiga e sinistra. A Esfinge é sua prima, e os gatos falam a língua dela; mas eles são ainda mais antigos do que a Esfinge, e lembram do que ela esqueceu.

Em Ulthar, antes que os aldeões proibissem para sempre a matança dos gatos, moravam um velho fazendeiro e sua esposa; os dois adoravam prender e matar os gatos da vizinhança. Não sei por que o faziam, ainda que muitas pessoas detestem a voz dos gatos à noite e não gostem de vê-los correndo furtivos pelos pátios no entardecer. Seja qual fosse a motivação, o velho e a velha se compraziam em prender e matar qualquer gato que se aproximasse da cabana onde moravam; e, pelos sons que se ouviam após o cair da noite, muitos aldeões imaginavam que a matança assumisse formas bastante peculiares. Mas os aldeões não discutiam essas coisas com o velho e sua esposa; por causa da expressão no rosto encarquilhado de ambos e também porque a cabana era muito pequena e ficava muito bem escondida sob a opulência dos carvalhos atrás de um pátio abandonado. Na verdade, por mais que os donos dos gatos odiassem o estranho casal, o medo que sentiam era ainda maior; e em vez de tratá-los como assassinos frios, apenas cuidavam para que nenhum animal de estimação fosse parar na remota cabana sob as árvores lúgubres. Se por obra de algum descuido inevitável um gato desaparecia, e à noite ouviam-se sons estranhos, só restava ao dono lamentar-se; ou consolar-se, agradecendo ao Destino que não fora um de seus filhos a desaparecer assim. Pois as pessoas de Ulthar eram humildes e não sabiam de onde todos os gatos vieram no princípio das coisas.

Um dia uma caravana de andarilhos do Sul chegou às estreitas ruas de Ulthar. Eram andarilhos de tez escura, diferentes de outros viajantes que passavam pela aldeia duas vezes por ano. No mercado eles leram a sorte em troca de prata e compraram miçangas coloridas dos mercantes. Ninguém sabia de onde tinham vindo; mas logo se notou que os andarilhos eram dados a rezar orações estranhas e que, na lateral de seus vagões, haviam pintado estranhas figuras com corpos humanos e cabeças de gatos, águias, carneiros e leões. E o líder da

caravana usava um adorno de cabeça com dois chifres e um curioso disco entre eles.

Na singular caravana havia um garotinho órfão de pai e mãe, que não tinha ninguém no mundo além de um minúsculo gatinho preto. A peste havia sido implacável com ele, mas no fim deixara essa pequena criatura felpuda para mitigar-lhe o sofrimento; e, para uma criança, as travessuras de um gatinho preto podem ser um grande consolo. Então o garoto, que os andarilhos de tez escura chamavam de Menes, ria mais do que chorava ao brincar com o gracioso animalzinho nos degraus de um vagão com as estranhas pinturas.

Na terceira manhã após a chegada dos andarilhos em Ulthar, Menes não encontrou o gatinho; e, enquanto chorava inconsolável no mercado, os aldeões contaram-lhe sobre o velho e sua esposa e também sobre os sons que se ouviam à noite. E quando Menes ouviu as histórias ele interrompeu o choro e entregou-se à meditação, e logo às preces. O menino estendeu os braços em direção ao sol e fez orações numa língua que nenhum dos aldeões era capaz de entender; ainda que a bem dizer os aldeões não tenham feito grandes esforços para entendê-lo, uma vez que tinham a atenção voltada para o céu e para as estranhas configurações que as nuvens assumiam. Tudo era muito peculiar, mas quando o garoto deu voz a seu pedido as nuvens lá no alto pareceram formar a silhueta indistinta e nebulosa de coisas jamais vistas; de criaturas híbridas coroadas com discos ladeados por chifres. A natureza guarda muitas ilusões semelhantes para aqueles de imaginação fértil.

Naquela noite os andarilhos deixaram Ulthar, e ninguém jamais voltou a vê-los. Os moradores ficaram intrigados ao notar que não se via mais um gato sequer em todo o vilarejo. Os gatos de estimação haviam sumido da lareira; grandes e pequenos, pretos, cinzentos, brasinos, amarelos e brancos. O velho burgomestre Kranon jurou que os andarilhos de tez escura tinham levado todos os gatos embora para vingar o gatinho de Menes; e amaldiçoou a caravana e o garoto. Mas Nith, o esguio notário, declarou que o velho fazendeiro e sua esposa eram suspeitos mais prováveis; pois o ódio que tinham aos gatos era notório e cada vez mais ousado. Mesmo assim, ninguém ousou falar com o sinistro casal; nem quando o pequeno Atal, filho do estalajadeiro, jurou ter visto todos os gatos de Ulthar no pátio amaldiçoado sob as árvores, em uma ronda vagarosa e solene em torno da cabana, dois a dois, como se estivessem celebrando algum rito animal desconhecido. Os aldeões não sabiam se deviam acreditar em um garoto tão pequeno; e, mesmo temendo que o maldoso casal houvesse encantado os gatos para depois matá-los, acharam melhor não fazer críticas ao velho fazendeiro até que o encontrassem longe do escuro e odioso pátio.

Então Ulthar foi dormir com a raiva contida; mas quando as pessoas acordaram ao raiar do dia — Ah! Eis que cada gato havia tornado ao lar! Grandes

e pequenos, pretos, cinzentos, brasinos, amarelos e brancos, nenhum estava faltando. Os gatos pareciam todos gordos e bem-cuidados e ronronavam de satisfação. Os habitantes começaram a comentar o incidente, um tanto surpresos. O velho Kranon voltou a acusar os andarilhos, uma vez que os gatos jamais saíam com vida da cabana onde o velho fazendeiro morava com a esposa. Mas todos estavam de acordo em um ponto: a recusa dos gatos em comer porções de carne ou em tomar o leite da tigela era um tanto inusitada. E por dois dias e duas noites os gatos bem-cuidados e preguiçosos de Ulthar não tocaram na comida, mas passaram o tempo inteiro cochilando junto à lareira ou ao sol.

Só uma semana mais tarde os aldeões perceberam que nenhuma luz aparecia nas janelas da cabana sob as árvores ao anoitecer. Então Nith fez notar que ninguém avistara o velho nem sua esposa desde a noite em que os gatos desapareceram. Depois de mais uma semana o burgomestre decidiu enfrentar o medo e fazer uma visita à morada silenciosa como parte do dever, ainda que tenha tomado a precaução de levar consigo o ferreiro Shang e o lapidador Thul como testemunhas. Depois de arrombar a frágil porta, só o que encontraram foram dois esqueletos humanos no chão de sapé e um grande número de insetos rastejando pelos recônditos escuros.

Muito se falou a respeito do ocorrido em Ulthar. Zath, o legista, discutiu por um longo tempo com Nith, o esguio notário; e Kranon e Shang e Thul não encontravam respostas para suas inúmeras perguntas. Até o filho do estalajadeiro, o pequeno Atal, foi interrogado; como recompensa, ganhou um doce. As pessoas falavam sobre o velho fazendeiro e sua esposa, sobre a caravana dos andarilhos de tez escura, sobre o pequeno Menes e seu gatinho, sobre a oração de Menes e as transformações no céu durante a oração, sobre o comportamento dos gatos na noite em que a caravana foi embora e sobre a descoberta na cabana sob as árvores lúgubres no odioso pátio.

E no fim os aldeões aprovaram a notável lei comentada por comerciantes em Hatheg e discutida por viajantes em Nir; a saber, que em Ulthar é proibido matar gatos.

Celephaïs (1920)

Em um sonho Kuranes viu a cidade no vale, e mais além a costa, e o pico nevado sobranceando o mar, e as galeras de cores alegres que saem do porto rumo às regiões longínquas onde o mar encontra o céu. Foi também num sonho que recebeu o nome de Kuranes, pois em vigília era chamado por outro nome. Talvez fosse natural que sonhasse outro nome; pois ele era o último remanescente da família, sozinho em meio à multidão indiferente em Londres, e não havia muitas pessoas para falar-lhe e lembrá-lo de quem fora. O dinheiro e as terras haviam ficado para trás, e ele não se importava com as outras pessoas, mas preferia sonhar e escrever sobre os sonhos. Esses relatos suscitavam o riso em quem os lia, de modo que, passado algum tempo, guardava-os para si mesmo, e por fim parou de escrever. O quanto mais se afastava do mundo ao redor, mais exuberantes tornavam-se os sonhos; e seria inútil tentar descrevê-los no papel. Kuranes não era moderno e não pensava como outros escritores. Enquanto estes tentavam arrancar o manto encantado que recobre a vida e mostrar uma realidade abjeta em todo o seu horror, Kuranes só se preocupava com a beleza. Quando a verdade e a experiência não eram suficientes para evocá-la, ele a buscava na fantasia e na ilusão, e a encontrava batendo à porta, em meio a lembranças nebulosas de histórias infantis e sonhos.

Poucas pessoas conhecem as maravilhas que as histórias e visões da infância são capazes de revelar; pois quando ainda crianças escutamos e sonhamos, pensamos meros pensamentos incompletos, e uma vez adultos tentamos relembrar, sentimo-nos prosaicos e embotados pelo veneno da vida. Mas há os que acordam na calada da noite com estranhas impressões de morros e jardins, de chafarizes que cantam ao sol, de penhascos dourados suspensos sobre o murmúrio do oceano, de planícies que se estendem até cidades adormecidas em bronze e pedra e de heróis que montam cavalos brancos caparazonados nos limites de densas florestas; e então sabemos ter olhado para trás, através dos portões de marfim, e visto o mundo incrível que nos pertencia antes de sermos sábios e infelizes.

E de repente Kuranes reencontrou o antigo mundo de sua infância. Tinha sonhado com a casa onde nasceu; a enorme casa de pedra recoberta de hera, onde treze gerações de seus antepassados haviam morado, e onde esperava morrer. A lua brilhava, e Kuranes havia saído para a fragrante noite de verão, cruzado os jardins, descido os terraços, passado os enormes carvalhos do parque e seguido a estrada branca até o vilarejo. O vilarejo parecia muito antigo, carcomido nas

bordas como a lua que começava a minguar, e Kuranes imaginou se os telhados triangulares das casinhas esconderiam o sono ou a morte. Nas ruas a grama crescia alta, e as janelas dos dois lados estavam ou quebradas ou espiando, curiosas. Kuranes não se deteve, mas seguiu adiante como se atendesse a um chamado. Não ousou ignorá-lo por temer que fosse uma ilusão como os desejos e ambições da vida, que não conduzem a objetivo algum. Então seguiu até uma estradinha que deixava o vilarejo em direção aos penhascos do canal e chegou ao fim de todas as coisas — ao precipício e ao abismo onde todo o vilarejo e o mundo inteiro caíam de repente no nada silencioso da infinitude, e onde até mesmo o céu parecia escuro e vazio sem os raios da lua decrépita e das estrelas vigilantes. A fé o impeliu adiante, além do precipício e para dentro do golfo, por onde desceu, desceu, desceu; passou por sonhos obscuros, amorfos, jamais sonhados, esferas cintilantes que poderiam ser partes de sonhos sonhados, e coisas aladas e risonhas que pareciam zombar dos sonhadores de todos os mundos. Então um rasgo pareceu abrir a escuridão adiante, e Kuranes viu a cidade no vale, resplandecendo ao longe, lá embaixo, contra um fundo de céu e mar com uma montanha nevada junto à costa.

Kuranes acordou assim que divisou a cidade, mas o breve relance não deixava dúvidas de que era Celephaïs, no Vale de Ooth-Nargai, além das Montanhas Tanarianas, onde seu espírito havia passado a eternidade de uma hora numa tarde de verão em tempos longínquos, quando fugiu da governanta e deixou a quente brisa marítima embalar-lhe o sono enquanto observava as nuvens no rochedo próximo ao vilarejo. Ele protestou quando encontraram-no, acordaram-no e levaram-no para casa, pois no instante em que despertou estava prestes a zarpar numa galera dourada rumo às alentadoras regiões onde o mar encontra o céu. E no presente ele sentiu o mesmo ressentimento ao despertar, pois havia reencontrado a cidade fabulosa depois de quarenta anos.

Mas passadas três noites Kuranes voltou mais uma vez a Celephaïs. Como da outra vez, sonhou primeiro com o vilarejo adormecido ou morto, e com o abismo que se desce flutuando em silêncio; então o rasgo abriu-se mais uma vez na escuridão e ele vislumbrou os minaretes reluzentes da cidade, e viu as galeras graciosas ancoradas no porto azul, e observou as árvores de ginkgo no Monte Homem balouçando ao sabor da brisa marítima. Mas desta vez ninguém o acordou e, como uma criatura alada, Kuranes aos poucos foi se aproximando de uma encosta verdejante até que seus pés estivessem firmes sobre a grama. De fato ele havia retornado ao Vale de Ooth-Nargai e à esplendorosa cidade de Celephaïs.

Kuranes caminhou junto ao pé do morro, por entre a grama perfumada e as flores resplendentes, cruzou os gorgolejos do Naraxa pela ponte de madeira onde havia entalhado seu nome tantos anos atrás e atravessou o bosque sussurrante até a enorme ponte de pedra junto ao portão da cidade. Tudo era como nos velhos

tempos: as muralhas de mármore seguiam imaculadas, e as estátuas de bronze em seu topo, lustrosas. E Kuranes viu que não precisava temer pelas coisas que conhecia; pois até mesmo os sentinelas nas muralhas eram os mesmos, e jovens como no dia em que os vira pela primeira vez. Quando entrou na cidade, além dos portões de bronze e das calçadas de ônix, os mercadores e os homens montados em camelos cumprimentaram-no como se jamais houvesse ido embora; o mesmo aconteceu no templo turquesa de Nath-Horthath, onde os sacerdotes ornados com coroas de orquídeas disseram-lhe que não existe tempo em Ooth-Nargai, apenas a juventude eterna. Então Kuranes caminhou pela Rua dos Pilares em direção à muralha junto ao mar, onde ficavam os comerciantes e marinheiros, e os estranhos homens das regiões onde o mar encontra o céu. E lá ficou por muito tempo, contemplando o porto esplendoroso onde as águas refletiam um sol desconhecido, e onde vogavam suaves as galeras vindas de mares longínquos. Contemplou também o Monte Homem, que se erguia altaneiro sobre o litoral, com as encostas mais baixas repletas de árvores balouçantes e o cume branco a tocar o céu.

Mais do que nunca, Kuranes queria navegar em uma galera até as terras distantes sobre as quais tinha ouvido tantas histórias singulares e, assim, foi em busca do capitão que muito tempo atrás prometera levá-lo. Encontrou o homem, Athib, sentado no mesmo baú de especiarias onde estava da outra vez, e Athib parecia não perceber que o tempo havia passado. Os dois remaram juntos até uma galera no porto e, dando ordens aos remadores, singraram as águas do Mar Cerenariano, que acaba no céu. Por vários dias o navio deslizou sobre as águas, até alcançar enfim o horizonte, onde o mar encontra o céu. A galera não parou por um instante e, sem a menor dificuldade, começou a flutuar pelo azul do céu em meio às felpudas nuvens rosadas. E sob a quilha Kuranes pôde ver países estranhos, rios e cidades de beleza ímpar banhados pelos raios de um sol que parecia jamais enfraquecer ou sumir. Passado algum tempo Athib disse que a viagem estava chegando ao fim, e que eles logo desembarcariam no porto de Serannian, a cidade de mármore rosa nas nuvens, construída no litoral etéreo onde o vento oeste adentra o céu; mas quando as torres lavradas da cidade surgiram no horizonte ouviu-se um som em algum lugar no espaço, e Kuranes acordou no sótão onde morava em Londres.

Por muitos meses depois disso Kuranes procurou em vão a resplendente Celephaïs e as galeras celestes; e ainda que os sonhos levassem-no a muitos lugares belos e inauditos, ninguém que encontrasse pelo caminho sabia dizer como encontrar Ooth-Nargai detrás das Montanhas Tanarianas. Certa noite ele voou sobre montanhas sombrias onde havia fogueiras solitárias e esparsas, e manadas estranhas, de pelo desgrenhado e com sinetas no pescoço, e na parte mais selvagem dessa terra montanhosa, tão remota que poucos homens poderiam

tê-la descoberto, encontrou uma terrível muralha ou barragem de pedra antiga que ziguezagueava por entre escarpas e vales; gigante demais para ter sido construída por homens, e de uma extensão tal que não se lhe via nem o começo nem o fim. Além da muralha, no entardecer sombrio, Kuranes chegou a um país de singulares jardins e cerejeiras e, quando o sol nasceu, vislumbrou uma beleza tão intensa de flores brancas e vermelhas, folhagens e gramados, estradas brancas, riachos cristalinos, lagoas azuis, pontes lavradas e pagodes de telhado vermelho que, por um instante, esqueceu de Celephaïs, tamanho seu deleite. Mas voltou a lembrar-se da cidade ao caminhar por uma estrada branca em direção a uma pagode de telhado vermelho, e teria perguntado o caminho aos habitantes dessa terra se não tivesse descoberto que no local não havia homens, apenas pássaros e abelhas e borboletas. Em outra noite Kuranes subiu uma interminável escadaria de pedra em espiral e chegou à janela de uma torre que dava para uma imponente planície e para um rio iluminado pelos raios da lua cheia; e na cidade silenciosa que espraiava-se a partir da margem do rio pensou ter visto algum detalhe ou alguma configuração familiar. Teria descido e perguntado o caminho a Ooth-Nargai se não fosse pela temível aurora que assomou em algum lugar remoto além do horizonte, revelando a ruína e a antiguidade do lugar, a estagnação do rio juncoso e a morte que pairava sobre aquela terra desde que o Rei Kynaratholis voltou das batalhas e defrontou-se com a vingança dos deuses.

Então Kuranes procurou em vão pela maravilhosa cidade de Celephaïs e pelas galeras que singram o firmamento até Serannian, vendo pelo caminho inúmeros prodígios e certa vez escapando por um triz de um alto sacerdote indescritível, que usa uma máscara de seda amarela sobre o rosto e vive isolado em um monastério pré-histórico no inóspito platô gelado de Leng. No fim ele estava tão impaciente com os áridos intervalos entre uma noite e outra que decidiu comprar drogas para dormir mais. O haxixe ajudava um bocado, e uma vez mandou-o a uma zona do espaço onde não existem formas, mas gases cintilantes estudam os mistérios da existência. E um gás violeta explicou que aquela zona do espaço estava além do que Kuranes chamava de infinitude. O gás nunca tinha ouvido falar em planetas e organismos, mas identificou Kuranes como originário da infinitude onde a matéria, a energia e a gravidade existem. Kuranes estava muito ansioso para rever os minaretes de Celephaïs e, para tanto, aumentou a dosagem; mas logo o dinheiro acabou e ele ficou sem drogas. Em um dia de verão, expulsaram-no do sótão e ele ficou perambulando sem destino pelas ruas, até atravessar uma ponte e chegar a um lugar onde as casas pareciam cada vez mais diáfanas. E foi lá que veio a realização e Kuranes encontrou o cortejo de cavaleiros de Celephaïs que o levaria de volta à cidade esplendorosa para sempre.

Os cavaleiros pareciam mui garbosos, montados em cavalos ruanos e vestidos com armaduras lustrosas e tabardos com brasões em filigrana. Eram tão

numerosos que Kuranes quase os tomou por um exército, mas na verdade vinham em sua honra, uma vez que ele havia criado Ooth-Nargai em seus sonhos e, por isso, seria coroado como o deus mais alto do panteão para todo o sempre. Então deram um cavalo a Kuranes e puseram-no à frente do cortejo, e todos juntos cavalgaram majestosamente pelos montanhas de Surrey e avante, rumo às regiões onde Kuranes e seus antepassados haviam nascido. Era um tanto estranho, mas à medida que avançavam os cavaleiros pareciam voltar no Tempo a cada galope; pois quando passavam pelos vilarejos no crepúsculo viam apenas casas e aldeões como os que Chaucer ou os homens que viveram antes dele poderiam ter visto, e às vezes viam outros cavaleiros montados com um pequeno grupo de escudeiros. Quando a noite caiu, aumentaram a marcha, e logo estavam num voo espantoso, como se os cavalos galgassem o ar. Com os primeiros raios da aurora chegaram ao vilarejo que Kuranes tinha visto cheio de vida na infância, e adormecido ou morto nos sonhos. O lugar estava mais uma vez cheio de vida, e os aldeões madrugadores faziam mesuras enquanto os cavalos estrondeavam rua abaixo e dobravam a ruela que conduz ao abismo dos sonhos. Kuranes só havia adentrado o abismo à noite e assim pôs-se a imaginar que aspecto teria durante o dia; então ficou olhando, ansioso, enquanto o cortejo aproximava-se da beirada. Assim que chegaram no aclive antes do precipício um fulgor dourado veio de algum lugar no Oeste e envolveu todo o panorama ao redor em mantos refulgentes. O abismo era um caos fervilhante de esplendor róseo e cerúleo, e vozes invisíveis cantavam exultantes enquanto o séquito de cavaleiros precipitava-se além da beirada e descia flutuando, cheio de graça, por entre nuvens cintilantes e lampejos argênteos. A suave descida durou uma eternidade, com os cavalos galgando o éter como se a galopar em areias douradas; e então os vapores luminosos abriram-se para revelar um brilho ainda mais intenso, o brilho da cidade de Celephaïs, e mais além a costa, e o pico nevando sobranceando o mar, e as galeras de cores alegres que saem do porto rumo às regiões longínquas onde o mar encontra o céu.

E desde então Kuranes reina sobre Ooth-Nargai e todas as regiões vizinhas ao sonho e preside sua corte ora em Celephaïs, ora em Serannian, a cidade das nuvens. Ele ainda reina por lá, e há de reinar feliz por todo o sempre, ainda que sob os penhascos de Innsmouth as marés do canal tratassem com escárnio o corpo de um mendigo que atravessou o vilarejo semideserto ao amanhecer; tratassem com escárnio e atirassem o corpo sobre as rochas ao lado das Trevor Towers cobertas de hera, onde um cervejeiro milionário, gordo e repulsivo desfruta a atmosfera comprada de uma nobreza extinta.

Os Outros Deuses (1921)

No topo dos mais altos picos da Terra habitam os deuses terrestres, que não admitem olhares humanos. Outrora habitavam picos menos elevados; porém os homens das planícies sempre escalavam as encostas rochosas e nevadas, obrigando os deuses a buscar montanhas cada vez mais altas até que restasse apenas uma. Ao deixar os velhos picos levavam consigo todos os sinais da antiga presença, a não ser por uma única vez, quando segundo a lenda deixaram uma imagem entalhada na encosta da montanha que chamavam de Ngranek.

Porém, hoje se encontram na desconhecida Kadath, na desolação gelada aonde nenhum homem se atreve, e tornaram-se austeros, uma vez que não têm outro pico para onde fugir com a chegada dos homens. Tornaram-se austeros, e aos lugares de onde outrora haviam permitido que os homens afastassem-nos, hoje impedem que cheguem; ou, caso cheguem, que partam. Convém aos homens nada saber sobre Kadath na desolação gelada, pois de outro modo cometeriam a imprudência de tentar escalá-la.

Às vezes, quando sentem saudades de casa, os deuses terrestres visitam os picos que outrora habitaram na calada da noite, e choram em silêncio enquanto tentam brincar como em tempos antigos nas encostas lembradas. Os homens sentiram o pranto dos deuses na nevada Thurai, embora tenham acreditado que fosse chuva; e ouviram os suspiros dos deuses nos plangentes ventos matinais de Lerion. Os deuses são propensos a viajar em navios de nuvens, e os camponeses sábios conhecem lendas que os mantêm longe de certos picos elevados nas noites de névoa, pois os deuses não são mais tolerantes como nos tempos antigos.

Em Ulthar, que se estende além do rio Skai, outrora morava um velho que ansiava por contemplar os deuses terrestres; um homem profundamente versado nos sete livros crípticos de Hsan e conhecedor dos Manuscritos Pnakóticos da distante e gélida Lomar. Chamava-se Barzai, o Sábio, e os habitantes dos vilarejos contam histórias sobre a noite em que subiu a montanha durante um estranho eclipse.

Barzai conhecia os deuses tão a fundo que era capaz de prever suas idas e vindas, e adivinhou tantos segredos divinos que ele mesmo era considerado um semideus. Foi Barzai quem proferiu o sábio conselho aos aldeões de Ulthar quando passaram a notável lei contra a matança de gatos, e também quem primeiro contou ao jovem sacerdote Atal para onde os gatos vão à meia-noite na Véspera de São João. Barzai era versado na sabedoria dos deuses terrestres e nutria um profundo desejo de ver-lhes o rosto. Acreditava que o grande

conhecimento secreto que detinha a respeito dos deuses conseguiria protegê-lo da ira divina, e assim resolveu subir até o cume da elevada e rochosa Hatheg-Kla em uma noite em que os deuses estariam presentes.

Hatheg-Kla situa-se no interior do deserto rochoso além de Hatheg, que lhe empresta o nome, e ergue-se como uma estátua de rocha em meio ao silêncio de um templo. Ao redor do pico as névoas ondulam sempre com tristeza, pois as névoas são as lembranças dos deuses, e os deuses amavam Hatheg-Kla quando a habitavam nos tempos antigos. Muitas vezes os deuses da Terra visitam Hatheg-Kla em navios de nuvem, projetando vapores pálidos acima das encostas enquanto executam danças reminiscentes no cume sob os raios da lua. Os habitantes de Hatheg dizem que é arriscado escalar Hatheg-Kla, e mortal escalar a montanha à noite quando vapores pálidos ocultam o cume e a lua; mas Barzai não lhes deu ouvidos quando chegou da vizinha Ulthar com o jovem sacerdote Atal, que era seu discípulo. Atal era o único filho de um estalajadeiro, e por vezes sentia medo; no entanto, o pai de Barzai fora um landgrave que morava em um antigo castelo, de modo que não trazia nenhuma superstição vulgar no sangue e ria dos temerosos camponeses.

Barzai e Atal deixaram Hatheg e adentraram o deserto rochoso a despeito das orações dos camponeses, e falaram sobre os deuses terrestres ao pé da fogueira durante a noite. Viajaram por muitos dias, e de longe viram a sobranceira Hatheg-Kla com a auréola de névoas tristes. No décimo terceiro dia chegaram à solitária base da montanha, e Atal falou sobre os temores que sentia. Mas Barzai era um homem vivido e erudito e não tinha medos, e assim desbravou o caminho da encosta que nenhum homem jamais havia escalado desde a época de Sansu, mencionado com espanto nos bolorentos Manuscritos Pnakóticos.

O caminho era rochoso e arriscado por conta de abismos, penhascos e pedras soltas. Mais tarde esfriou e começou a nevar; e Barzai e Atal muitas vezes escorregavam e caíam à medida que golpeavam e apoiavam-se com bastões e machados ao longo do caminho. Por fim o ar se rarefez, e a cor do céu se alterou, e os desbravadores tiveram dificuldades para respirar; mas continuaram sempre em frente, admirados com a estranheza do panorama e entusiasmados ao pensar no que aconteceria no cume quando a lua surgisse e os vapores pálidos se espalhassem. Por três dias subiram cada vez mais alto em direção ao topo do mundo; e então acamparam à espera das névoas que haviam de encobrir a lua.

Quatro noites se passaram sem que as nuvens viessem, enquanto a lua projetava o brilho frio através da triste névoa matina ao redor do silencioso pináculo. Por fim, na quinta noite, que era a noite de lua cheia, Barzai viu densas nuvens ao norte, e permaneceu desperto com Atal para vê-las se aproximar. Densas e majestosas deslizavam pelo céu, com vagar e deliberação; dispondo-se ao redor do pico muito acima dos observadores, e ocultando a lua e o cume de

Hatheg-Kla. Por uma longa hora os observadores permaneceram atentos enquanto os vapores revoluteavam e a cortina de nuvens tornava-se mais densa e mais agitada. Como fosse versado na sabedoria dos deuses terrestres, Barzai apurou o ouvido em busca de certos sons, mas Atal sentiu o toque gelado dos vapores e o espanto da noite e encheu-se de temores. E quando Barzai começou a subir ainda mais alto e a fazer gestos entusiasmados, Atal levou um bom tempo até decidir segui-lo.

Os vapores eram densos a ponto de dificultar a escalada, e embora Atal por fim tenha seguido adiante, mal conseguia distinguir o vulto de Barzai na difusa encosta mais acima em meio ao luar encoberto. Barzai avançava muito à frente, e apesar da idade parecia escalar com mais facilidade do que Atal, sem temer as encostas que aos poucos tornavam-se íngremes a ponto de intimidar qualquer um a não ser por um homem impávido e robusto nem se deter ao encontrar abismos negros que Atal mal conseguia saltar. E assim continuaram a subida desvairada em meio a rochas e precipícios, com escorregões e tropeços, e por vezes espantados com a vastidão e o horrendo silêncio dos inóspitos pináculos de gelo e o mutismo das encostas graníticas.

De repente Barzai sumiu do campo de vista de Atal e escalou um formidável penhasco que dava a impressão de avolumar-se e bloquear o caminho de qualquer explorador que não fosse inspirado pelos deuses terrenos. Atal estava lá embaixo, planejando o que fazer quando chegasse àquele ponto, quando percebeu com singular curiosidade que a luz tornara-se mais forte, como se o pico desanuviado que era o local de encontro dos deuses ao luar estivesse muito próximo. E enquanto avançava com dificuldade rumo ao formidável penhasco e ao céu iluminado Atal sentiu temores ainda mais chocantes do que quaisquer outros que já houvesse sentido. Então, em meio às névoas altas, ouviu a voz de Barzai gritar em um deslumbramento incontrolável:

“Eu ouvi os deuses! Eu ouvi os deuses terrestres cantarem durante o recreio em Hatheg-Kla! As vozes dos deuses terrestres revelaram-se a Barzai, o Profeta! As névoas estão finas e a lua está clara, e hei de ver os deuses dançarem com abandono na Hatheg-Kla que tanto amaram na juventude. A sabedoria de Barzai tornou-o maior do que os deuses terrenos, e contra a sua vontade magias e barreiras divinas são como nada; Barzai há de contemplar os deuses, os deuses orgulhosos, os deuses secretos, os deuses da Terra que desprezam a presença do homem!”

Atal não pôde ouvir as vozes que Barzai ouviu, mas nesse ponto estava próximo ao formidável penhasco enquanto o examinava em busca de apoios para os pés. Então tornou a ouvir a voz de Barzai, mais alta e mais estridente:

“As névoas estão finas e a lua projeta sombras na encosta; os deuses têm vozes altas e estridentes e temem aproximar-se de Barzai, o Sábio, que agora é

maior do que os deuses… A luz da lua bruxuleia sobre os deuses terrestres que dançam; hei de ver os vultos dançantes dos deuses que saltam e uivam ao luar… A luz está mais tênue e os deuses começam a temer…”

Enquanto Barzai gritava essas coisas Atal percebeu uma mudança espectral em toda a atmosfera ao redor, como se as leis da Terra se curvassem perante leis maiores; pois embora o caminho fosse mais íngreme do que nunca, a escalada se havia tornado deveras fácil, e o formidável penhasco mal representou um obstáculo quando o alcançou e deslizou perigosamente sobre a face convexa. A luz da lua havia falhado, e enquanto disparava encosta acima através das névoas Atal ouviu Barzai, o Sábio, gritar em meio às sombras:

“A lua está escura, e os deuses terrestres dançam noite afora; o terror está no céu, pois sobre a lua abateu-se um eclipse que não foi previsto em nenhum livro dos homens ou dos deuses terrestres… Uma magia desconhecida atua sobre Hatheg-Kla, pois os gritos dos deuses assustados transformaram-se em riso, e as encostas geladas erguem-se rumo ao firmamento negro em que mergulho… Eia! Eia! Até que enfim! Na luz difusa contemplo os deuses da Terra!”

E nesse ponto Atal, deslizando vertiginosamente para cima e atravessando elevações inconcebíveis, ouviu em meio à escuridão gargalhadas odiosas, misturadas a um grito como nenhum homem jamais ouviu a não ser no Flegetonte de pesadelos indescritíveis; um grito que pôs a reverberar o horror e a angústia de uma vida inteira de assombro em um único momento atroz:

“Os Outros Deuses! Os Outros Deuses! Os deuses dos infernos siderais que guardam os fracos deuses da Terra…! Desvie o olhar… Volte… Não veja! Não veja! A vingança dos abismos infinitos… Aquele poço infausto e amaldiçoado… Piedosos deuses da Terra, estou caindo rumo ao céu!”

E enquanto Atal fechava os olhos e tapava os ouvidos e tentava descer, contrariando a terrível força que o puxava para cima desde alturas desconhecidas, ressoou em Hatheg-Kla o terrível ribombar do trovão que acordou os bons camponeses das planícies e os honestos aldeões de Hatheg, Nir e Ulthar e levou-os a contemplar por entre as nuvens o estranho eclipse da lua que nenhum livro jamais havia previsto. E quando a lua enfim surgiu Atal estava a salvo nas neves mais baixas da montanha, longe dos deuses da Terra e dos Outros Deuses.

Consta nos bolorentos Manuscritos Pnakóticos que Sansu não encontrou nada além de silêncio em meio ao gelo e às rochas quando escalou Hatheg-Kla na juventude do mundo. Mas quando os homens de Ulthar e Nir e Hatheg venceram os temores e subiram a encosta assombrada durante o dia em busca de Barzai, o Sábio, descobriram entalhado na pedra nua do cume um curioso e ciclópico símbolo com cinquenta cúbitos de largura, como se a rocha tivesse sido arrancada por um titânico cinzel. E o símbolo era similar a outro que os eruditos

discerniram nas terríveis partes dos Manuscritos Pnakóticos antigas demais para que sejam lidas. Eis o que encontraram.

Mas Barzai, o Sábio, nunca foi encontrado, nem o sacerdote Atal jamais foi persuadido a rezar pela alma do antigo mestre. Até hoje os povos de Ulthar e de Nir e de Hatheg temem eclipses e rezam à noite quando vapores pálidos encobrem o topo da montanha e a lua. E acima das névoas em Hatheg-Kla, os deuses terrestres por vezes executam danças reminiscentes; pois sabem que estão a salvo, e amam vir desde a desconhecida Hatheg-Kla em navios de nuvens para brincar como em tempos antigos, conforme faziam quando a Terra ainda era jovem e os homens não eram dados a escalar lugares inacessíveis.

A Música de Erich Zann (1921)

Examinei diversos mapas da cidade com o maior cuidado, mas jamais reencontrei a Rue d'Auseil. Não foram só mapas modernos, pois eu sei que os nomes mudam. Pelo contrário, investiguei a fundo a antiguidade do lugar e explorei pessoalmente todas as regiões, independente do nome, que pudessem corresponder à rua que conheci como Rue d'Auseil. Mas, apesar de todo o esforço, persiste o fato humilhante de que não consigo encontrar a casa, a rua ou mesmo a localidade onde, durante os últimos meses da minha humilde vida como estudante de metafísica na universidade, ouvi a música de Erich Zann.

Que a memória esteja fraca não me espanta; pois a minha saúde física e mental sofreu um grave abalo durante o período em que morei na Rue d'Auseil, e lembro de que não levei nenhum de meus conhecidos até lá. Mas que eu não consiga reencontrar o local é ao mesmo tempo singular e espantoso; pois ficava a meia hora a pé da universidade e destacava-se por características que dificilmente seriam esquecidas por alguém que lá houvesse estado. Jamais encontrei outra pessoa que tenha visto a Rue d'Auseil.

A Rue d'Auseil ficava de frente para um rio escuro, bordejado por altíssimos depósitos de tijolo à vista com janelas embaçadas e atravessado por uma opressiva ponte em pedra escura. O caminho ao longo do rio ficava sempre à sombra, como se a fumaça das fábricas vizinhas fosse uma barreira perpétua contra o sol. O rio também era malcheiroso, com odores fétidos que jamais senti em outra parte e que, algum dia, talvez me ajudem a encontrá-lo, visto que eu os reconheceria de imediato. Além da ponte ficavam as estreitas ruelas calçadas com seus trilhos; e então vinha a subida, a princípio suave, mas de um aclive vertiginoso na altura da Rue d'Auseil.

Nunca vi outra rua tão estreita e tão íngreme como a Rue d'Auseil. Era quase um penhasco, fechada aos veículos, consistindo, em boa parte, de lances de escada, e terminando, no cume, em um alto muro tomado por hera. A pavimentação era irregular; ora lajes, ora paralelepípedos e, às vezes, terra batida com uma resistente vegetação verde-acinzentada. As casas eram altas, com telhados triangulares, antiquíssimas, e inclinavam-se de maneira bizarra para trás, para a frente e para os lados. Às vezes casas opostas, ambas inclinadas para a frente, quase se tocavam por sobre a rua, como um arco; e sem dúvida evitavam que a luz chegasse até o solo. Havia algumas pontes entre as casas nos dois lados da rua.

Os habitantes da Rue d'Auseil me impressionaram de forma bastante peculiar; no início, pensei que era por serem silenciosos e reticentes; mas depois descobri que era por serem todos muito velhos. Não sei como fui parar em uma rua como aquela, mas decerto eu estava fora de mim ao me mudar para lá. Eu havia morado em muitos lugares pobres, sendo sempre despejado por falta de pagamento; até que enfim cheguei à casa inclinada de Blandot, o paralítico, na Rue d'Auseil. Era a terceira casa a partir do alto da rua e, por uma boa margem, a mais alta de todas.

Meu quarto ficava no quinto andar; a única habitação ocupada, uma vez que a casa estava quase vazia. Na noite em que cheguei ouvi uma estranha música no sótão logo acima e, no dia seguinte, perguntei ao velho Blandot do que se tratava. Ele explicou-me que era um velho violista alemão, um homem estranho e mudo que assinava como Erich Zann e que à noite tocava na humilde orquestra de algum teatro; e acrescentou que o gosto de Zann por tocar à noite após voltar das apresentações era o motivo por que havia escolhido o isolamento do quartinho no sótão, cuja trapeira solitária era o único ponto em toda a rua de onde se podia enxergar por cima do muro em direção ao declive e ao panorama além.

A partir de então eu ouvia Zann todas as noites e, ainda que ele mantivesse-me desperto, eu me sentia assombrado pela estranheza daquela música. Mesmo com meus parcos conhecimentos de arte, eu tinha certeza de que nenhuma daquelas harmonias tinha relação alguma com as músicas que eu ouvira antes; e concluí que Zann era um compositor de gênio altamente original. O quanto mais eu escutava, mais crescia o meu fascínio, até que, passada uma semana, resolvi conhecer o velho.

Certa noite, quando Zann retornava do trabalho, interceptei-o ainda no corredor e disse que gostaria de conhecê-lo e de estar em sua companhia enquanto tocasse. Ele era um homenzinho magro, encurvado, com trajes puídos, olhos azuis, um rosto grotesco, de sátiro, e quase careca; diante das minha palavras, pareceu a um só tempo irritado e assustado. Meus modos afáveis, no entanto, terminaram por vencê-lo; mesmo um pouco contrariado, Zann gesticulou para que eu o seguisse pelas escadarias escuras, rangentes e decrépitas. Seu quarto, um de apenas dois na íngreme água-furtada, dava para o Oeste, em direção ao alto muro que demarcava o fim da rua. O cômodo era muito amplo e parecia ainda maior devido à austeridade e ao abandono extremos. A mobília consistia apenas em uma estreita cama de ferro, uma pia imunda, uma pequena mesa, uma grande estante de livros, uma estante de música e três cadeiras à moda antiga. No chão, partituras amontoavam-se sem nenhuma ordem aparente. As paredes eram de tábuas cruas, e davam a impressão de jamais terem recebido uma camada de reboco; enquanto a abundância de pó e teias de aranha fazia o lugar

parecer mais deserto do que habitado. Era evidente que o belo mundo de Erich Zann ficava em algum cosmo longínquo da imaginação.

Apontando para uma cadeira, o mudo cerrou a porta, fechou a enorme trava de madeira e acendeu uma outra vela além da que trazia consigo. A seguir tirou a viola de uma capa roída pelas traças e, com ela em mãos, sentou-se na cadeira menos desconfortável. Zann não usou a estante de música, mas, sem oferecer nenhuma alternativa e tocando de memória, encantou-me por mais de uma hora com melodias que eu jamais ouvira; melodias que devem ter sido sua própria criação. Descrever a natureza exata daquelas composições é impossível para alguém ignorante em música. Eram uma espécie de fuga, com passagens recorrentes das mais cativantes, mas chamaram-me a atenção pela ausência daquelas estranhas notas que eu ouvira do meu quarto em outras ocasiões.

Eu lembrava daquelas notas assombrosas, que amiúde tentei cantarolar e assobiar para mim mesmo, de modo que, por fim, quando o violista largou o arco, perguntei se poderia executar algumas delas. Assim que comecei meu pedido o rosto enrugado de sátiro perdeu a tranquilidade enfadonha que mantivera durante a apresentação e pareceu exibir aquela mesma mistura de irritação e susto que percebi na primeira vez em que abordei o velho. Por um instante senti-me inclinado a usar da persuasão, sem levar muito em conta os caprichos da senilidade; e tentei despertar a veia mais excêntrica de meu anfitrião assobiando algumas das melodias que eu havia escutado na noite anterior. Mas não insisti por mais do que um instante; pois quando o violista mudo reconheceu a ária que eu assobiava, seu rosto crispou-se de repente em uma expressão que transcende qualquer análise, e sua mão direita, esguia, fria e ossuda, estendeu-se para tapar a minha boca e silenciar aquela imitação grosseira. Quando fez esse gesto, Zann demonstrou mais uma vez sua excentricidade ao olhar de relance para a janela solitária, com a cortina fechada, como se temesse algum invasor — um olhar duplamente absurdo, uma vez que a água-furtada pairava alta e inacessível acima de todos os demais telhados, sendo o único ponto em toda a extensão da rua, segundo o senhorio havia me dito, de onde era possível ver além do muro em seu ponto mais alto.

O olhar do velho fez-me recordar o comentário de Blandot, e, por puro capricho, senti o desejo de olhar para fora, em direção ao amplo e vertiginoso panorama de telhados ao luar e luzes citadinas além do alto da montanha, que, de todos os moradores da Rue d’Auseil, apenas o músico irritadiço podia ver. Fiz um movimento em direção à janela e teria aberto as cortinas ordinárias quando, com uma raiva assustada ainda maior, o locatário mudo lançou-se outra vez sobre mim; dessa vez, apontando a porta com a cabeça, enquanto insistia em me arrastar para fora com ambas as mãos. Sentindo repulsa do meu anfitrião, ordenei que me soltasse e disse que eu partiria de imediato. Zann afrouxou a mão, e,

quando percebeu a minha repulsa e o meu desgosto, sua própria raiva pareceu atenuar-se um pouco. Logo ele voltou a apertar os dedos que se haviam relaxado, mas dessa vez com modos amistosos, e pôs-me sentado em uma cadeira; então dirigiu-se com um aspecto melancólico até a mesa abarrotada, onde escreveu umas quantas palavras a lápis, no francês rebuscado dos estrangeiros.

O bilhete que por fim entregou-me era um apelo à tolerância e ao perdão. Zann explicava que era velho, solitário e perturbado por medos e transtornos nervosos causados pela música e por outras coisas. Tinha apreciado minha companhia e gostaria que eu o visitasse mais vezes, sem reparar nessas excentricidades. Mas ele não conseguia tocar suas estranhas melodias para os outros nem aguentava ouvi-las dos outros; tampouco aguentava que os outros encostassem nos objetos de seu quarto. Antes de nossa conversa no corredor, Zann não sabia que suas melodias eram audíveis do meu quarto e, no bilhete, perguntou se eu poderia solicitar a Blandot que me acomodasse em um andar mais baixo, onde eu não pudesse ouvi-las à noite. O músico prontificava-se a pagar a diferença do aluguel.

Enquanto fiquei sentado decifrando aquele francês execrável, senti-me um pouco mais tolerante em relação ao velho. Ele era vítima de moléstias físicas e nervosas, assim como eu; e meus estudos metafísicos haviam me ensinado a bondade. Em meio ao silêncio, ouvi um som discreto na janela — como se a veneziana houvesse sacudido com o vento noturno, e por algum motivo dei um sobressalto quase tão violento como o de Erich Zann. Então, quando terminei de ler, apertei a mão de meu anfitrião e despedi-me como amigo.

No dia seguinte Blandot providenciou-me um quarto mais caro no terceiro piso, entre o apartamento de um velho agiota e o quarto de um estofador muito respeitável. O quarto andar estava vazio.

Não custou muito para eu descobrir que o entusiasmo de Zann em relação à minha companhia não era tão grande como parecera de início, enquanto tentava persuadir-me a morar em um apartamento mais baixo. Ele não solicitava nenhuma visita e, quando eu o visitava, Zann parecia irrequieto e tocava sem atenção. As visitas eram sempre à noite — durante o dia ele dormia e não recebia ninguém. Minha simpatia pelo violista mudo não aumentou, ainda que o quarto na água-furtada e a estranha música continuassem me inspirando um singular fascínio. Eu sentia o vivo desejo de olhar por aquela janela, por cima do muro, e avistar o declive oculto com os telhados esplendorosos e os coruchéus que deveria haver por lá. Certa vez, subi até a água-furtada enquanto Zann tocava no teatro, mas a porta estava trancada.

Tive de me contentar em escutar a música do velho mudo. No início eu subia, pé ante pé, até o meu antigo quinto andar, mas logo tomei coragem suficiente para subir o último lance de escadas decrépitas que conduzia ao sótão.

No estreito corredor, junto à porta trancada e à fechadura coberta, muitas vezes eu ouvia sons que me infundiam um temor indefinível — o temor de prodígios vagos e mistérios ameaçadores. Não que os sons fossem terríveis, pois não era esse o caso; mas vinham carregados de vibrações que não sugeriam nada existente nesse mundo e, em certos momentos, assumiam uma qualidade sinfônica que eu relutava em atribuir a um único instrumentista. Sem dúvida, Erich Zann era um gênio de talento inigualável. À medida que as semanas passavam, a música tornava-se mais frenética, enquanto o velho músico exibia um esgotamento e uma furtividade cada vez mais pronunciados, dignos de compaixão. A essa altura Zann recusava-se a me receber em quaisquer circunstâncias, e evitava-me sempre que nos víamos nas escadas.

Então, certa noite, enquanto eu ouvia junto à porta, escutei a viola estridente irromper em uma babel de sons caóticos; um pandemônio que me teria levado a duvidar da minha própria sanidade frágil se, de trás do intransponível portal, não viesse uma prova lamentável de que o horror era real — o grito terrível e desarticulado que só os mudos conseguem proferir e que surge apenas nos momentos de mais intenso temor e angústia. Bati várias vezes na porta, mas não obtive resposta. Fiquei esperando no corredor escuro, tremendo de frio e de medo, até escutar os débeis esforços empreendidos pelo pobre músico a fim de se reerguer com a ajuda de uma cadeira. Acreditando que Zann houvesse recuperado a consciência após um breve desmaio, voltei a bater na porta, ao mesmo tempo em que exclamava o meu nome para tranquilizá-lo. Escutei-o cambalear até a janela, fechar os caixilhos e as venezianas e então cambalear até a porta, que abriu com certa dificuldade. Dessa vez, o prazer que sentiu em me ver era legítimo; pois aquele rosto distorcido irradiou alívio quando o pobre homem se agarrou ao meu casaco como uma criança agarra-se à saia da mãe.

Tremendo de forma patética, o velho fez-me sentar em uma cadeira ao mesmo tempo em que se deixou cair sobre outra, junto à qual se viam a viola e o arco atirados no piso. Zann ficou sentado por um tempo sem esboçar reação alguma, meneando a cabeça, mas aparentando, de maneira paradoxal, uma concentração intensa e apreensiva. Logo ele pareceu dar-se por satisfeito e, dirigindo-se a uma cadeira junto à mesa, escreveu um bilhete, entregou-me e retornou à mesa, onde começou a escrever sem parar com grande rapidez. O bilhete implorava, em nome da compaixão e também da minha curiosidade, que eu ficasse onde estava enquanto ele escrevia, em alemão, um relato completo de todos os terrores que o afligiam. Esperei enquanto o lápis do mudo corria sobre a página.

Foi talvez uma hora mais tarde, enquanto eu seguia esperando e as folhas escritas às pressas pelo velho músico continuavam a acumular-se sobre a escrivaninha, que vi Zann dar um sobressalto diante do que parecia ser a

insinuação de um choque horrendo. Sem dúvida ele estava olhando para a janela de cortinas fechadas e escutando, ao mesmo tempo em que tremia. Então eu também tive a impressão de ouvir um som; ainda que não fosse um som horrível, mas antes uma nota musical extremamente grave e infinitamente distante, sugerindo um músico em alguma das casas vizinhas ou em alguma habitação para além do elevado muro sobre o qual eu jamais conseguira olhar. O efeito sobre Zann foi terrível, pois, deixando o lápis cair, de repente ele se levantou, pegou a viola e começou a rasgar a noite com a execução mais arrebatada que eu jamais ouvira de seu arco, salvo as vezes em que eu o escutara do outro lado da porta.

Seria inútil tentar descrever o modo como Erich Zann tocou naquela noite pavorosa. Foi mais terrível do que qualquer coisa que eu jamais tivesse ouvido, porque dessa vez eu podia ver a expressão no rosto dele e ter certeza de que sua motivação era o medo em estado bruto. Zann tentava fazer barulho; afastar alguma coisa ou abafar alguma outra — o quê, eu não era capaz de imaginar, por mais prodigioso que me parecesse. A execução tornou-se fantástica, delirante e histérica, mas manteve todas as qualidades do gênio supremo que aquele estranho senhor possuía. Eu reconhecia a ária — era uma animada dança húngara, bastante popular nos teatros, e pensei por um instante que aquela era a primeira vez que eu ouvia Zann tocar a obra de um outro compositor.

Cada vez mais altos, cada vez mais frenéticos soavam os gritos e os resmungos da viola desesperada. O músico pingava uma quantidade extravagante de suor e retorcia-se como um macaco, sempre com o olhar fixo na janela de cortinas fechadas. Naquele esforço insano eu quase distinguia a sombra de sátiros e bacantes dançando e rodando ensandecidos por entre abismos de nuvens e fumaça e relâmpagos. Então pensei ouvir uma nota mais estridente, mais constante, que não emanava da viola; uma nota calma, ponderada, resoluta e zombeteira vinda de algum ponto longínquo no Ocidente.

Nesse instante a veneziana começou a chacoalhar com os uivos de um vento noturno que soprava do lado de fora como se respondesse à música insana que soava no lado de dentro. A estridente viola de Zann superava a si mesma, emitindo sons que eu jamais imaginei saídos de um instrumento musical. A veneziana chacoalhou com mais força, abriu-se e começou a bater contra a janela. Então o vidro quebrou com os impactos persistentes e o vento gélido entrou no quarto, fazendo as velas bruxulearem e agitando as folhas de papel na mesa onde Zann havia começado a escrever seu terrível segredo. Olhei para o músico e percebi que ele estava além de qualquer observação consciente. Seus olhos estavam esbugalhados, vidrados e baços, e a execução frenética havia se transformado em uma orgia cega, mecânica, irreconhecível, que nenhuma pena seria capaz de sugerir.

Uma rajada súbita, mais forte do que as anteriores, arrastou o manuscrito em direção à janela. Desesperado, segui as folhas esvoaçantes, mas elas se foram antes que eu pudesse alcançar as vidraças estilhaçadas. Então lembrei do meu antigo desejo de olhar por essa janela, a única em toda a Rue d'Auseil de onde se podia ver o declive além do muro e a cidade que se estendia lá embaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade ardiam, e eu esperava vê-las em meio ao vento e à chuva. Porém, quando olhei através daquela que era a mais alta dentre todas as trapeiras, enquanto as velas bruxuleavam e a viola insana ululava com o vento noturno, não enxerguei cidade alguma lá embaixo, nem as luzes amigáveis das ruas que eu conhecia, mas apenas a escuridão do espaço infinito; um espaço inimaginável, vivo graças ao movimento e à música, sem nenhuma semelhança com qualquer coisa terrena. E enquanto fiquei olhando, aterrorizado, o vento apagou as duas velas no interior do antigo sótão, deixando-me em uma escuridão selvagem e impenetrável com o caos e o pandemônio diante de mim e a loucura endemoniada da viola que ladrava às minhas costas.

Sem ter como acender um lume, cambaleei para trás na escuridão, esbarrando na mesa, virando uma cadeira e por fim tateando até chegar ao ponto onde a escuridão gritava uma música impressionante. Eu poderia ao menos tentar salvar a mim mesmo e a Erich Zann, quaisquer que fossem os poderes contra mim. A certa altura senti alguma coisa gelada roçar em mim e gritei, mas o meu grito foi abafado pelo som da hedionda viola. De repente, na escuridão, o arco enlouquecido atingiu-me, e então eu soube que estava próximo ao músico. Estendi a mão e descobri o espaldar da cadeira de Zann; então encontrei e sacudi seu ombro, em um esforço por trazê-lo de volta à razão.

Ele não reagiu, e a viola continuou a gritar sem trégua. Levei as mãos à cabeça, cujos acenos mecânicos logrei deter, e gritei em seu ouvido que precisávamos fugir dos inexplicáveis mistérios da noite. Mas Zann não respondeu nem diminuiu o ardor de sua música inefável, enquanto por toda a água-furtada estranhas correntes de vento pareciam dançar na escuridão e no caos. Quando minha mão encostou em sua orelha, estremeci, mesmo sem saber por quê — só descobri quando toquei seu rosto imóvel; o rosto gélido, fixo, estático, cujos olhos vidrados esbugalhavam-se em vão no meio do nada. Então, depois de encontrar a porta e a enorme trava de madeira como que por milagre, precipitei-me para longe daquela coisa de olhos vidrados na escuridão e para longe dos uivos fantasmáticos da viola amaldiçoada cuja fúria seguia aumentando mesmo enquanto eu me afastava.

Saltar, flutuar, voar pelas intermináveis escadarias do prédio escuro; correr sem pensar em direção à estreita, íngreme e antiga rua das escadarias e das casas inclinadas; estrondear pelos degraus e pelo calçamento até as ruas mais baixas e o rio pútrido junto ao vale dos depósitos; arquejar ao longo da grande ponte escura

até as ruas mais largas, mais felizes, e até os *boulevards* que todos conhecemos; eis as horríveis lembranças que trago comigo. E lembro-me de que o vento não soprava, não havia lua e todas as luzes da cidade cintilavam.

Apesar das minhas buscas e investigações minuciosas, desde então fui incapaz de reencontrar a Rue d'Auseil. Mas talvez não haja apenas motivos para lastimar; nem esse fato nem a perda, em abismos insondáveis, das folhas escritas em caligrafia miúda que traziam a única explicação possível para a música de Erich Zann.

O Que a Lua Traz Consigo (1922)

Odeio a lua — tenho-lhe horror — pois às vezes, quando ilumina cenas familiares e queridas, transforma-as em coisas estranhas e odiosas.

Foi durante o verão espectral que a lua brilhou no velho jardim por onde eu errava; o verão espectral de flores narcóticas e úmidos mares de folhagens que evocam sonhos extravagantes e multicoloridos. E enquanto eu caminhava pelo raso córrego cristalino percebi extraordinárias ondulações rematadas por uma luz amarela, como se aquelas águas plácidas fossem arrastadas por correntezas irresistíveis em direção a estranhos oceanos para além deste mundo. Silentes e suaves, frescas e fúnebres, as águas amaldiçoadas pela lua corriam a um destino ignorado; enquanto, dos caramanchões à margem, flores brancas de lótus desprendiam-se uma a uma no vento opiáceo da noite e caíam desesperadas na correnteza, rodopiando em um torvelinho horrível por sob o arco da ponte entalhada e olhando para trás com a resignação sinistra de serenos rostos mortos.

E enquanto eu corria ao longo da margem, esmagando flores adormecidas com meus pés relapsos e cada vez mais desvairado pelo medo de coisas ignotas e pela atração exercida pelos rostos mortos, percebi que o jardim não tinha fim ao luar; pois onde durante o dia havia muros, descortinavam-se novos panoramas de árvores e estradas, flores e arbustos, ídolos de pedra e pagodes, e curvas do regato iluminado para além das margens verdejantes e sob grotescas pontes de pedra. E os lábios daqueles rostos mortos de lótus faziam súplicas tristes e pediam que eu os seguisse, mas não parei de andar até que o córrego se transformasse em rio e desaguasse, em meio a pântanos de juncos balouçantes e praias de areia refulgente, no litoral de um vasto mar sem nome.

Neste mar a lua odiosa brilhava, e acima das ondas silentes estranhas fragrâncias pairavam. E lá, quando vi os rostos de lótus desaparecerem, anseei por redes para que eu pudesse capturá-los e deles aprender os segredos que a lua havia confiado à noite. Mas quando a lua moveu-se em direção ao Ocidente e a maré estagnada refluiu para longe da orla tétrica, pude ver sob aquela luz os antigos coruchéus que as ondas quase revelavam e colunas brancas radiantes com festões de algas verdes. E, sabendo que todos os mortos estavam congregados naquele lugar submerso, estremeci e não quis mais falar com os rostos de lótus.

Contudo, ao ver um condor negro ao largo descer do firmamento para descansar em um enorme recife, senti vontade de interrogá-lo e perguntar sobre os que conheci ainda em vida. Era o que eu teria perguntado se a distância que

nos separava não fora tão vasta, mas o pássaro estava demasiado longe e sequer pude vê-lo quando se aproximou do gigantesco recife.

Então observei a maré vazar à luz da lua que aos poucos baixava, e vi os coruchéus brilhando, as torres e os telhados da gotejante cidade morta. E enquanto eu observava, minhas narinas tentavam bloquear a pestilência de todos os mortos do mundo; pois, em verdade, naquele lugar ignorado e esquecido reuniam-se todas as carnes dos cemitérios para que os túrgidos vermes marinhos desfrutassem e devorassem o banquete.

Impiedosa, a lua pairava logo acima desses horrores, mas os vermes túrgidos não precisam da lua para se alimentar. E enquanto eu observava as ondulações que denunciavam a agitação dos vermes lá embaixo, pressenti um novo calafrio vindo de longe, do lugar para onde o condor voara, como se a minha carne houvesse sentido o horror antes que meus olhos o vissem.

Tampouco a minha carne estremecera sem motivo, pois quando ergui os olhos percebi que a maré estava muito baixa, deixando à mostra boa parte do enorme recife cujo contorno eu já avistara. E quando vi que o recife era a negra coroa basáltica de um horripilante ícone cuja fronte monstruosa surgia em meio aos baços raios do luar e cujos temíveis cascos deviam tocar o lodo fétido a quilômetros de profundidade, gritei e gritei com medo de que aquele rosto emergisse das águas, e de que os olhos submersos avistassem-me depois que a maligna e traiçoeira lua amarela desaparecesse.

E para escapar a essa coisa medonha, atirei-me sem hesitar nas águas pútridas onde, entre muros cobertos de algas e ruas submersas, os túrgidos vermes marinhos devoram os mortos do mundo.

Ar Frio (1926)

O senhor pede que eu explique por que temo as lufadas de ar frio; por que estremeço mais do que outros ao entrar em um recinto frio e pareço sentir náuseas e repulsa quando o frio noturno sopra em meio ao calor dos dias amenos do outono. Há quem diga que respondo ao frio como outros reagem a um odor desagradável, e a comparação parece-me apropriada. O que me proponho a fazer é relatar a circunstância mais horrenda que jamais presenciei e deixar para o senhor a decisão de aceitá-la ou não como justificativa para a minha excentricidade.

É um erro achar que o horror está necessariamente associado à escuridão, ao silêncio, à solidão. Encontrei-o em pleno sol do meio-dia, no rumor de uma metrópole e em meio a uma pensão rústica e ordinária, com uma senhoria prosaica e dois homens robustos ao meu lado. Na primavera de 1923, consegui um trabalho editorial tedioso e mal remunerado em uma revista de Nova York; sem condições de pagar grandes somas por um aluguel, comecei a vagar de uma pensão barata a outra, em busca de um quarto que combinasse as qualidades de razoável limpeza, móveis duradouros e preço acessível. Logo ficou claro que a única opção viável seria escolher entre os diferentes males, mas, passado um tempo, descobri uma casa na West Fourteenth Street que me desagradava muito menos do que as outras.

Era uma mansão de quatro andares em arenito, construída, a julgar pela aparência, no fim da década de 1840, com detalhes em madeira e mármore cujo esplendor manchado e encardido denunciava a decadência em relação a níveis de opulência outrora elevados. Sobre os quartos, grandes e espaçosos, e decorados com papéis de parede impossíveis e cornijas de estuque com ornamentos ridículos, pairava uma umidade deprimente e um resquício de cozinhas obscuras; mas o piso era limpo, as roupas de cama bastante decentes e a água quente não ficava fria ou desligada com muita frequência, de modo que comecei a encarar a pensão ao menos como um lugar tolerável para hibernar até que eu pudesse voltar de fato à vida. A senhoria, uma espanhola vulgar e quase barbada que atendia pelo nome de Herrero, não me aborrecia com fofocas nem com críticas a respeito da luz que permanecia acesa até o avançado da noite em meu quarto no terceiro andar; e os demais inquilinos eram tão quietos e indiferentes quanto se podia desejar, sendo a maioria deles espanhóis só um pouco acima da maior grosseria e da maior vileza. O único aborrecimento incontornável era o fragor dos bondes na rua lá embaixo.

Eu estava na pensão havia umas três semanas quando ocorreu o primeiro incidente estranho. Pelas oito horas da noite, escutei o barulho de algum líquido espalhando-se no chão e logo senti um cheiro pungente de amônia. Olhando ao redor, percebi que o teto estava úmido e gotejava; o líquido parecia vir de um canto, no lado que dava para a rua. Ansioso por resolver o problema antes que piorasse, apressei-me em falar com a senhoria; e fui informado de que o problema se resolveria logo em breve…

"El seniôr Muñoz", gritou ela, enquanto subia os degraus correndo à minha frente, "derramô algun producto químico. El está mui doliente para tratarse — cada vez más doliente — pero no acepta aiúda de ninguiên. Es una dolência mui ecsquisita — todos los dias el toma unos bánios con tcheiro ecstránio, pero no consigue merrorar ni calentarse. Todo el trabarro doméstico es el que lo face — el quartito está repleto de garrafas i máquinas, i el no trabarra mas como médico. Pero iá fue famosso — mio pai en Barcelona conocia el nombre — i hace poco le curô el braço a un encanador que se matchucô de repente. El hombre no sale nunca, i mio filho Esteban le lheva comida i ropas i medicamentos i productos químicos para el. Dios mio, la sal amoníaca que el hombre usa para conservar el frio!"

A sra. Herrero desapareceu pela escada em direção ao quarto andar, e eu retornei ao meu quarto. A amônia parou de pingar e, enquanto eu limpava a sujeira e abria a janela para ventilar o quarto, ouvi os pesados passos da senhoria logo acima da minha cabeça. Eu jamais ouvira o dr. Muñoz, salvo por alguns sons como os de uma máquina a gasolina; uma vez que suas passadas eram gentis e suaves. Por um instante perguntei-me que estranha moléstia afligia esse homem, e também se a obstinação em recusar ajuda externa não seria o resultado de uma excentricidade com pouco ou nenhum fundamento. Ocorreu-me o pensamento nada original de que existe um páthos incrível na situação de uma pessoa eminente caída em desgraça.

Eu talvez jamais tivesse conhecido o dr. Muñoz se não fosse pelo infarto súbito que me acometeu certa manhã enquanto eu escrevia em meu quarto. Os médicos já me haviam alertado para o perigo desses ataques, e eu sabia que não havia tempo a perder; assim, relembrando as palavras da senhoria a respeito da ajuda oferecida pelo inválido ao encanador ferido, arrastei-me até o quarto andar e bati de leve na porta acima da minha. A batida foi respondida em excelente inglês por uma voz curiosa, à esquerda, que perguntou meu nome e o objetivo da visita; uma vez que as expus, a porta ao lado daquela em que bati abriu-se.

Fui recebido por uma rajada de ar frio; e, ainda que o dia fosse um dos mais quentes no final de junho, estremeci ao cruzar o umbral rumo ao interior de um apartamento cuja decoração rica e de bom gosto surpreendeu-me naquele antro de imundície e sordidez. Um sofá-cama desempenhava seu papel diurno de sofá, e a

mobília em mogno, as tapeçarias suntuosas, as pinturas antigas e as estantes de livros lembravam muito mais o estúdio de um cavalheiro do que o quarto de uma casa de pensão. Percebi que o quarto logo acima do meu — o "quartito" das garrafas e máquinas que a sra. Herrero havia mencionado — era apenas o laboratório do doutor; e que os cômodos onde vivia ficavam no espaçoso quarto ao lado, com alcovas e um grande banheiro contíguo que lhe facultavam esconder todas as prateleiras e demais instrumentos. O dr. Muñoz era, sem dúvida, alguém de boa posição social, culto e de bom gosto.

O homem à minha frente era baixo, mas de proporções notáveis, e usava um traje algo formal de corte e caimento perfeitos. Um semblante altivo de expressão dominadora, mas não arrogante, era adornado por uma curta barba grisalha, e um *pince-nez* à moda antiga protegia os penetrantes olhos escuros e apoiava-se em um nariz aquilino, que conferia um toque mouro à fisionomia, ademais um bocado celtibérica. Os cabelos grossos e bem-cortados, que denunciavam as tesouradas precisas do barbeiro, apareciam repartidos com graça logo acima da fronte elevada; o aspecto geral era de notável inteligência e de linhagem e educação superiores.

No entanto, ao ver o dr. Muñoz em meio à rajada de ar frio, senti uma repulsa que nada em sua aparência poderia justificar. Apenas o tom lívido da pele e a frieza do toque poderiam oferecer alguma base física para o sentimento, e até mesmo essas coisas seriam desculpáveis a levar-se em conta a notória invalidez do médico. Também pode ter sido o frio singular o que me alienou; pois uma rajada como aquela parecia anormal em um dia tão quente, e tudo o que é anormal suscita aversão, desconfiança e medo.

Mas a repulsa logo deu lugar à admiração, pois a perícia do estranho médico ficou evidente mesmo com o toque gélido e os tremores que afligiam suas mãos exangues. O dr. Muñoz compreendeu a situação assim que pôs os olhos em mim e, em seguida, administrou-me os medicamentos necessários com a destreza de um mestre; ao mesmo tempo, assegurou-me, com uma voz modulada, ainda que oca e sem timbre, que era o mais ferrenho inimigo da morte e que havia gasto toda a fortuna e perdido todos os amigos ao longo de uma vida de experimentos devotados à sua derrota e aniquilação. Ele tinha algo em comum com os fanáticos benevolentes, e seguiu desfiando uma conversa quase trivial enquanto auscultava o meu peito e preparava uma mistura com drogas retiradas do pequeno quarto onde funcionava o laboratório. Era óbvio que o dr. Muñoz havia encontrado, na companhia de um homem bem-nascido, uma grata surpresa em meio à atmosfera decadente e, assim abandonou-se a um tom incomum na medida em que as lembranças de dias melhores surgiam.

A voz dele, ainda que estranha, era ao menos tranquilizadora; e eu sequer percebia sua respiração enquanto as frases bem-articuladas saíam de sua boca. O

doutor tentou distrair a atenção que eu dispensava ao meu surto falando de suas teorias e experiências; e lembro da maneira gentil como me consolou a respeito do meu coração fraco, insistindo que a força de vontade e a consciência são mais fortes do que a própria vida orgânica, de modo que um corpo mortal saudável e bem-preservado, por meio do aprimoramento científico dessas qualidades, é capaz de reter uma certa animação nervosa a despeito de graves problemas, defeitos ou até mesmo ausência de órgãos específicos. Em tom meio jocoso, disse que um dia poderia ensinar-me a viver — ou pelo menos a desfrutar de uma existência consciente — mesmo sem coração! De sua parte, o dr. Muñoz sofria com uma pletora de moléstias que exigiam um tratamento rigoroso à base de frio constante. Qualquer aumento prolongado na temperatura poderia ter consequências fatais; e em seu apartamento gélido — onde fazia cerca de 12 ou 13 graus centígrados — havia um sistema de resfriamento por amônia, cujo motor a gasolina eu ouvira repetidas vezes no meu quarto, logo abaixo.

Quando senti o coração aliviado, deixei o gélido recinto na condição de discípulo e devoto do talentoso recluso. A partir de então comecei a fazer-lhe visitas frequentes, sempre encasacado; eu ouvia o doutor falar sobre pesquisas secretas e resultados quase hediondos e estremecia de leve ao examinar os tomos antigos e raros nas estantes. Devo acrescentar que fui quase curado da minha doença graças a sua grande habilidade clínica. O dr. Muñoz não desprezava os encantos dos medievalistas, pois acreditava que aquelas fórmulas crípticas encerrassem estímulos psicológicos bastante raros, que poderiam muito bem ter efeitos singulares em um sistema nervoso abandonado pelas pulsações orgânicas. Fiquei comovido com seu relato sobre o dr. Torres de Valencia, que lhe havia acompanhado durante os primeiros experimentos e ficado a seu lado durante uma longa doença dezoito anos atrás, de onde provinham as moléstias então presentes. Mas assim que o médico idoso salvou o colega, ele próprio sucumbiu ao implacável inimigo que havia combatido. Talvez o esforço tivesse sido grande demais; pois, em um sussurro, o dr. Muñoz deixou claro — mesmo sem dar muitos detalhes — que os métodos usados para a cura haviam sido os mais extraordinários, com expedientes e processos um tanto malvistos pelos Galenos mais velhos e conservadores.

Com o passar das semanas, notei, com grande pesar, que meu novo amigo estava de fato perdendo o vigor físico aos poucos, mas de forma incontestável, como a sra. Herrero havia mencionado. O aspecto lívido em seu semblante intensificara-se, a voz tornara-se mais vazia e indistinta, os movimentos musculares coordenavam-se de maneira cada vez menos perfeita e a mente e a determinação apresentavam-se menos constantes e menos ativas. O dr. Muñoz não parecia alheio a essas tristes mudanças, e aos poucos seu rosto e sua voz

assumiram um tom de terrível ironia, que me fez sentir mais uma vez a leve repulsa que eu sentira de início.

Começou a desenvolver estranhos caprichos, adquirindo um gosto tão intenso por especiarias exóticas e incenso egípcio que seu quarto cheirava como a tumba de um Faraó sepultado no Vale dos Reis. Ao mesmo tempo a necessidade por ar frio tornou-se mais premente, e com a minha ajuda o doutor aumentou o encanamento de amônia no quarto e modificou as bombas e a alimentação do sistema refrigerador até que conseguisse manter a temperatura do quarto entre um e quatro graus, e finalmente a dois graus negativos; o banheiro e o laboratório, naturalmente, não eram tão frios para evitar que a água congelasse e os processos químicos fossem prejudicados. O inquilino ao lado reclamou do ar frio que vazava pela porta entre os quartos, então ajudei o dr. Muñoz a instalar pesadas tapeçarias a fim de solucionar o problema. Uma espécie de horror crescente, de origem singular e mórbida, dava a impressão de possuí-lo. O inválido discorria sem parar sobre a morte, mas dava gargalhadas ocas quando se falava em enterro ou em procedimentos funerários.

No geral, o dr. Muñoz tornou-se um companheiro desconcertante e até mesmo repulsivo; mas a gratidão que eu sentia pela cura não me permitia abandoná-lo aos estranhos que o cercavam, e eu espanava seu quarto e cuidava de suas necessidades dia após dia, enrolado em um pesado sobretudo que eu havia comprado especialmente para este fim. Da mesma forma, eu me encarregava de fazer suas compras, e ficava pasmo com alguns dos produtos químicos que ele encomendava de farmácias e lojas de suprimentos laboratoriais.

Uma atmosfera de pânico cada vez maior e mais inexplicável dava a impressão de pairar sobre o apartamento. Como eu disse, o prédio inteiro tinha um cheiro desagradável; mas naquele quarto era ainda pior — apesar de todas as especiarias e incensos e, também, dos químicos de odor pungente usados pelo doutor nos banhos de imersão, que insistia em tomar sozinho. Percebi que tudo deveria estar relacionado à sua doença e estremeci ao imaginar que doença poderia ser essa. Depois de abandonar o doutor inteiramente aos meus cuidados, a sra. Herrero passou a fazer o sinal da cruz ao vê-lo; não permitia sequer que o filho Esteban continuasse a desempenhar pequenas tarefas para o velho. Quando eu sugeria outros médicos, o doente manifestava toda a raiva de que parecia capaz. Era visível que temia os efeitos físicos dessas emoções violentas, mas sua determinação e seus impulsos cresciam em vez de minguar, e ele recusava-se a ficar de cama. A lassitude da antiga doença deu lugar a um ressurgimento de seu ferrenho propósito, de forma que o dr. Muñoz dava a impressão de estar pronto para enfrentar o demônio da morte no mesmo instante em que esse ancestral inimigo atacava-o. O pretexto das refeições, quase sempre uma formalidade, foi

praticamente abandonado; e apenas o poder da mente parecia evitar um colapso total.

O dr. Muñoz adquiriu o hábito de escrever longos documentos que eram selados com todo o cuidado e entregues a mim, com instruções para que, após sua morte, eu os entregasse a certas pessoas que nomeava — em sua maioria indianos letrados, mas também a um físico francês outrora célebre e dado por morto, de quem se diziam as coisas mais inconcebíveis. A verdade é que eu queimei todos esses papéis, sem os entregar a ninguém nem abri-los. O aspecto e a voz do médico tornaram-se horríveis, e sua presença, quase insuportável. Certo dia, em setembro, um relance inesperado do médico provocou um ataque epilético em um homem que viera consertar sua lâmpada de leitura; o dr. Muñoz receitou-lhe a medicação adequada enquanto mantinha-se longe de vista. O mais curioso é que o homem havia enfrentado todos os terrores da Grande Guerra sem sofrer nenhum surto parecido em todo o seu decurso.

Então, no meio de outubro, o horror dos horrores veio com um ímpeto vertiginoso. Uma noite, por volta das onze horas, a bomba do sistema de refrigeração quebrou, de modo que, passadas três horas, o processo de resfriamento por amônia tornou-se impossível. O dr. Muñoz convocou-me por meio de fortes passadas contra o chão, e eu, desesperado, tentei consertar o estrago enquanto meu companheiro praguejava em um tom de voz cujo caráter estertorante e vazio estaria além de qualquer descrição. Meus débeis esforços, no entanto, mostraram-se inúteis; e quando chamei o mecânico da oficina vinte e quatro horas, descobrimos que nada poderia ser feito antes do amanhecer, quando um novo pistão seria comprado. O medo e a raiva do eremita moribundo, tendo escalado a proporções grotescas, aparentavam estar prestes a estilhaçar o quanto restava de seu físico debilitado; ato contínuo, um espasmo fez com que levasse as mãos aos olhos e corresse até o banheiro. O dr. Muñoz saiu de lá com o rosto coberto por ataduras, e nunca mais vi seus olhos.

A temperatura do apartamento aumentava sensivelmente, e por volta das cinco horas o doutor retirou-se para o banheiro com ordens de que eu lhe fornecesse todo o gelo que pudesse encontrar nas lojas e cafés vinte e quatro horas. Ao retornar dessas jornadas desanimadoras e largar meus espólios em frente à porta fechada do banheiro, eu escutava um chapinhar incansável lá dentro e uma voz encorpada grasnando “Mais — mais!”. Por fim o dia raiou, e as lojas abriram uma após a outra. Pedi a Esteban que me ajudasse a providenciar o gelo enquanto eu procurava o pistão da bomba ou que comprasse o pistão enquanto eu continuava com o gelo; instruído pela mãe, no entanto, o garoto recusou com veemência.

Por fim paguei um vagabundo sórdido que encontrei na esquina da Eighth Avenue para fornecer ao paciente o gelo disponível em uma lojinha, onde o

apresentei, e empenhei toda a minha diligência na tarefa de encontrar um pistão novo para a bomba e contratar mecânicos competentes para instalá-lo. A tarefa parecia interminável, e tive um surto de raiva quase como o do eremita ao perceber que as horas passavam num ciclo frenético e incansável de telefonemas inúteis e buscas de um lugar ao outro, para lá e para cá no metrô e no bonde. Próximo ao meio-dia encontrei uma loja de peças no centro da cidade e, por volta da uma e meia, cheguei de volta à casa de pensão com a parafernália necessária e dois mecânicos robustos e inteligentes. Eu fiz tudo o que pude, e tinha a esperança de que ainda houvesse tempo.

O terror negro, no entanto, havia chegado mais depressa. A casa estava em pandemônio, e acima das vozes exaltadas escutei alguém rezando em uma voz de baixo profundo. Havia algo demoníaco no ar, e os inquilinos rezavam as contas de seus rosários enquanto sentiam o cheiro fétido que saía por baixo da porta fechada do médico. O desocupado que eu arranjara havia fugido em meio a gritos e com o olhar vidrado logo após a segunda remessa de gelo; talvez como resultado de uma curiosidade excessiva. É claro que não poderia ter chaveado a porta atrás de si; mas nesse instante ela estava trancada, provavelmente pelo lado de dentro. Não se ouvia som algum exceto um inominável gotejar, lento e viscoso.

Depois de uma breve consulta à sra. Herrero e aos mecânicos, apesar do temor que me corroía a alma, decidi pelo arrombamento da porta; mas a senhoria deu um jeito de girar a chave pelo lado de fora usando um pedaço de arame. Já havíamos aberto as portas de todos os outros quartos no andar e escancarado todas as janelas ao máximo. Nesse instante, com os narizes protegidos por lenços, adentramos, trêmulos, o amaldiçoado aposento sul, que resplandecia com o sol da tarde que começava.

Uma espécie de rastro escuro e viscoso se alastrava desde a porta aberta do banheiro até a porta do corredor, e de lá para a escrivaninha, onde uma terrível poça havia se acumulado. Lá encontrei algo escrito a lápis, com uma caligrafia tenebrosa e cega, numa folha horrivelmente manchada como que pelas mesmas garras que às pressas haviam traçado as últimas linhas. Então o rastro seguia até o sofá e acabava de forma indizível.

O que estava ou havia estado no sofá é algo que não consigo e não ouso descrever. Mas aqui relato o que, com as mãos trêmulas, decifrei no papel coberto por manchas grudentas antes de puxar um fósforo e reduzi-lo a cinzas; o que decifrei horrorizado enquanto a senhoria e os dois mecânicos corriam em pânico daquele aposento infernal para balbuciar suas histórias incoerentes na delegacia mais próxima. As palavras nauseantes pareciam inacreditáveis sob o brilho dourado do sol, em meio ao rumor dos carros e caminhões vindos da movimentada Fourteenth Street, mas confesso que lhes dei crédito naquele

instante. Se ainda lhes dou crédito agora, honestamente não sei. Existem coisas sobre as quais é melhor não especular, e tudo o que posso dizer é que odeio o cheiro de amônia e sinto-me prestes a desmaiar com uma lufada de ar um pouco mais frio.

"O fim", dizia o rabisco abjeto, "é aqui. Não há mais gelo — o homem olhou e fugiu. O calor aumenta a cada instante e os tecidos não têm como aguentar. Imagino que o senhor saiba — o que eu falei sobre a vontade e os nervos e o corpo preservado depois que os órgãos param de funcionar. A teoria era boa, mas na prática não tinha como durar para sempre. Houve uma deterioração gradual que eu não havia previsto. O dr. Torres sabia, mas o choque matou-o. Ele não suportou o que tinha de fazer — precisou levar-me a um lugar estranho e escuro quando deu atenção à minha carta e me trouxe de volta. Mas os órgãos jamais voltaram a funcionar. Tinha de ser feito à minha moda — preservação — pois fique sabendo que morri dezoito anos atrás."

O Chamado de Cthulhu (1926)

(*Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de Boston.*)

> No que tange estes vastos poderes ou seres é possível conceber uma sobrevivência… a sobrevivência de um período infinitamente remoto, em que a consciência talvez se manifestasse através de linhas e formas desaparecidas há muito tempo ante a maré crescente da humanidade… formas das quais apenas a poesia e a lenda guardaram lembranças fugazes, chamando-as de deuses, monstros, criaturas míticas de todos os tipos e espécies…
>
> Algernon Blackwood

I. O horror no barro

A coisa mais misericordiosa do mundo é, segundo penso, a incapacidade da mente humana em correlacionar tudo o que sabe. Vivemos em uma plácida ilha de ignorância em meio a mares negros de infinitude, e não fomos feitos para ir longe. As ciências, cada uma empenhando-se em seus próprios desígnios, até agora nos prejudicaram pouco; mas um dia a compreensão ampla de todo esse conhecimento dissociado revelará terríveis panoramas da realidade e do pavoroso lugar que nela ocupamos, de modo que ou enlouqueceremos com a revelação ou então fugiremos dessa luz fatal em direção à paz e ao sossego de uma nova idade das trevas.

Os teosofistas especularam a respeito da incrível magnitude do ciclo cósmico, em que o nosso universo e a raça humana não passam de breves incidentes. Sugeriram estranhas permanências em termos que fariam o sangue gelar se não estivessem mascaradas por um brando otimismo. Mas os teosofistas não foram os responsáveis pelo singular relance de éons proibidos que me dá calafrios em pensamento e enlouquece-me no sonho. Esse relance, como todos os temíveis relances da verdade, foi um lampejo decorrente de uma conjunção acidental de coisas separadas — no caso, uma notícia de jornal e as anotações de um professor universitário já falecido. Espero que ninguém mais logre correlatar estes itens; não há dúvida de que, se eu viver, jamais contribuirei elo algum a uma corrente tão horrenda. Creio que o professor também pretendia manter-se calado a respeito do que sabia e destruir as anotações, caso não houvesse sucumbido a uma morte súbita.

Meu conhecimento sobre o assunto começa no inverno de 1926–27, com a morte do meu tio George Gammell Angell, professor emérito de línguas semíticas na Brown University, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era um grande especialista em inscrições antigas e muitas vezes havia prestado serviços a museus famosos; de modo que seu falecimento, aos noventa e dois anos, é um fato lembrado por muitos. Na região onde morava, o interesse foi ainda maior em vista das circunstâncias obscuras ligadas à sua morte. O professor havia tombado enquanto retornava do barco de Newport; conforme o relato de testemunhas, caiu de repente, após receber um encontrão de um negro com ares de marinheiro saído de um dos estranhos pátios sombrios na encosta íngreme que servia de atalho entre a zona portuária e a casa do falecido, na Williams Street. Os médicos não conseguiram detectar nenhuma disfunção aparente, mas após um debate concluíram, perplexos, que alguma lesão cardíaca obscura, decorrente da escalada de um morro tão íngreme por um senhor de idade tão avançada, fora responsável pelo fim. Na época eu não vi motivos para discordar do veredicto, mas ultimamente ando propenso a imaginar — e a mais do que imaginar.

Na condição de herdeiro e executor do meu tio, que morreu sem deixar filhos nem esposa, eu deveria analisar seus papéis com particular atenção; e, com esse propósito em mente, levei todos os arquivos e caixas que a ele pertenciam para a minha residência em Boston. Grande parte do material que relacionei será publicada mais tarde pela American Archaeological Society, mas há uma caixa que considero demasiado enigmática e cujo conteúdo sinto-me pouco à vontade para mostrar a outras pessoas. A caixa estava trancada, e não encontrei a chave até que tive a ideia de examinar o chaveiro que o professor levava sempre no bolso. Foi assim que logrei abri-la, porém logo me vi confrontado por uma barreira maior e de transposição mais difícil. Afinal, qual seria o significado daqueles estranhos baixos-relevos em barro, dos rabiscos, devaneios e recortes que encontrei? Será que meu tio, na idade avançada, ter-se-ia interessado por essas imposturas superficiais? Decidi sair em busca do excêntrico escultor que, ao que tudo indicava, transtornara a paz de espírito do pobre velho.

O baixo-relevo era um retângulo áspero, com menos de três centímetros de espessura e cerca de treze por quinze centímetros de área; sem dúvida, uma peça moderna. Os entalhes, porém, não tinham nada de moderno em termos de ambiência e sugestão; pois, ainda que as variações cubistas e futuristas sejam frequentes e radicais, via de regra não reproduzem a regularidade críptica que se esconde nas escritas pré-históricas. E boa parte dos entalhes parecia ser algum tipo de escrita; mas a minha lembrança, apesar da grande familiaridade com os papéis e coleções do meu tio, não conseguia identificar esse espécime em particular nem mesmo aventar hipóteses sobre suas mais remotas afinidades.

Acima dos hieróglifos havia um entalhe sem dúvida figurativo, ainda que a execução impressionista não permitisse uma ideia muito exata a respeito de sua natureza. Parecia algum tipo de monstro, ou de símbolo representando um monstro, tal como apenas um intelecto perturbado poderia conceber. Se eu disser que minha fantasia extravagante conjurava ao mesmo tempo as imagens de um polvo, de um dragão e de uma caricatura humana, não incorro em nenhum tipo de infidelidade ao espírito da coisa. Uma cabeça polpuda, com tentáculos, colmava um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares; mas era a *silhueta* da figura o que a tornava ainda mais horrenda. Atrás da figura aparecia a vaga sugestão de um cenário arquitetônico ciclópico.

As anotações que acompanhavam o curioso artefato, à exceção de alguns recortes de jornal, estavam escritas na caligrafia tardia do professor Angell; e não tinham nenhuma pretensão literária. O que aparentava ser o documento principal trazia o título de *o culto a cthulhu* em letras desenhadas com todo o cuidado necessário para evitar dificuldades na leitura de uma palavra tão esdrúxula. O manuscrito era dividido em duas seções, a primeira delas intitulada “1925 — O Sonho e a Obra Onírica de H. A. Wilcox, 7 Thomas St., Providence, R.I.” e a

segunda, “Relato do Inspetor John R. Legrasse, 121 Bienville St., Nova Orleans, La., no Cong. da A.A.S. em 1908 — Notas sobre o Insp. e Depoimento do Prof. Webb”. Os outros papéis que compunham o manuscrito eram anotações breves, algumas delas relatos dos estranhos sonhos de diferentes pessoas, outras citações de livros e periódicos teosóficos (em especial de *Atlântida e Lemúria*, de W. Scott-Elliot) e o restante comentários a respeito de sociedades secretas e cultos misteriosos que sobrevivem há séculos, com referências a passagens em fontes mitológicas e antropológicas como *O ramo de ouro* de Frazer e *O culto das bruxas na Europa ocidental* da srta. Murray. Os recortes referiam-se, na maior parte, a distúrbios mentais bizarros e a surtos de loucura e histeria coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal trazia um relato bastante peculiar. Parece que, no dia primeiro de março de 1925, um jovem magro, taciturno, de aspecto neurótico e eufórico havia procurado o professor Angell, trazendo nas mãos o singular baixo-relevo em barro, que na ocasião ainda estava úmido e fresco. O cartão dele trazia o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio reconheceu-o como o filho mais moço de uma excelente família, que estudava escultura na Rhode Island School of Design e morava sozinho no prédio Fleur-de-Lys próximo a essa instituição. Wilcox era um jovem precoce célebre por seu gênio, mas também pela personalidade excêntrica, e desde a mais tenra infância chamava atenção graças às estranhas histórias e sonhos inusitados que habitualmente narrava. O jovem descrevia sua condição como “hipersensibilidade psíquica”, mas para os dignos habitantes da antiga cidade comercial aquilo não passava de uma certa “esquisitice”. Sempre evitando a companhia de seus semelhantes, Wilcox aos poucos afastara-se de todos os círculos sociais e só era conhecido por um seleto grupo de estetas que moravam em outras cidades. Até mesmo o Providence Art Club, ávido por preservar seu conservadorismo, havia-o considerado um caso perdido.

Segundo o manuscrito do professor, na ocasião da primeira visita o jovem artista recorreu ao conhecimento arqueológico de seu anfitrião para identificar os hieróglifos no baixo-relevo. Ele falava de maneira rebuscada e sonhadora, que sugeria afetação e afastava a simpatia; e meu tio foi um pouco rude ao responder, pois o barro ainda fresco do baixo-relevo indicava uma total ausência de relação com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio o suficiente para que mais tarde ele a recordasse *verbatim*, foi uma incrível argumentação poética que deve ter permeado toda a conversa e que, mais tarde, descobri ser uma de suas características mais marcantes. Ele disse: “De fato, é recente, pois eu terminei a escultura noite passada, sonhando com estranhas cidades; e sonhos são diferentes da Tiro penserosa, ou da Esfinge contemplativa, ou da Babilônia cingida por jardins”.

Nesse ponto começou o interminável relato que de repente soou a nota de uma lembrança adormecida e conquistou o vivo interesse do meu tio. Na noite anterior ocorrera um leve tremor sísmico, que ainda assim fora o mais intenso em toda a Nova Inglaterra por alguns anos; e a imaginação de Wilcox foi profundamente afetada. Depois de recolher-se, o escultor teve um sonho sem precedentes de enormes cidades ciclópicas erguidas com blocos titânicos e monolitos altaneiros, tudo vertendo uma gosma verde e sinistra com o horror latente. Hieróglifos cobriam os muros e pilastras, e de algum lugar lá embaixo vinha uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que apenas a fantasia seria capaz de transmutar em som, mas que Wilcox tentou capturar no quase impronunciável amontoado de letras *"Cthulhu fhtagn"*.

Essa aberração verbal foi a chave para a lembrança que empolgou e perturbou o professor Angell. O mestre questionou o escultor com rigor científico; e estudou com atenção quase frenética o baixo-relevo em que o jovem trabalhara, passando frio e vestindo apenas um pijama, até que a vigília pegasse-o de surpresa. Mais tarde Wilcox afirmou que meu tio culpou a idade avançada por sua demora em reconhecer tanto os hieróglifos como o padrão pictórico. Muitos dos questionamentos pareciam um tanto descabidos ao visitante, em especial os que o presumiam membro de estranhos cultos e sociedades; Wilcox não conseguia entender as reiteradas promessas de silêncio que recebia em troca da admissão no seio de alguma seita mística ou pagã. Quando o professor Angell convenceu-se de que o escultor de fato ignorava os cultos e todo o sistema de sabedoria críptica, impôs um cerco ao visitante exigindo que no futuro fizesse relatórios de seus sonhos. O método rendeu bons frutos, pois após a primeira entrevista o manuscrito registra visitas diárias feitas pelo jovem Wilcox, durante as quais relatava fragmentos assombrosos de paisagens noturnas cujo tema era sempre um terrível panorama ciclópico de pedra escura e gotejante, com uma voz ou uma inteligência subterrânea gritando, cheia de monotonia, impactos sensoriais irreproduzíveis, salvo na forma de algaravia. Os dois sons repetidos com maior frequência eram aqueles representados pelas letras *"Cthulhu"* e *"R'lyeh"*.

No dia 23 de março, continuava o manuscrito, Wilcox não apareceu; e uma busca em seus aposentos revelou que fora acometido por uma febre obscura e levado à casa de sua família na Waterman Street. Naquela noite ele havia gritado, alarmando muitos outros artistas no prédio, e desde então passou a alternar entre a inconsciência e o delírio. Meu tio telefonou de imediato à família Wilcox e, a partir de então, começou a acompanhar de perto o caso, fazendo telefonemas frequentes para o consultório da Thayer Street, onde trabalhava o dr. Tobey, responsável pelo doente. A mente febril do jovem, ao que tudo indicava, meditava sobre coisas estranhas; e de vez em quando o doutor estremecia ao

relatá-las. Não se tratava apenas de repetições de antigos sonhos, mas também de coisas gigantes “com quilômetros de altura”, que caminhavam ou arrastavam-se ao redor. Este ser não foi descrito por inteiro nenhuma vez, mas o desespero nas palavras ocasionais repetidas pelo dr. Tobey bastou para convencer o professor de que aquela era a monstruosidade inominável que Wilcox tentara representar na escultura enquanto sonhava. Qualquer referência a esse ser, acrescentou o doutor, servia de prelúdio a um novo episódio de letargia por parte do jovem. Sua temperatura não estava muito acima do normal, o que era um tanto singular; mas a condição geral do paciente era mais típica de febre do que de distúrbios mentais.

No dia dois de abril, às três horas da tarde, todos os sintomas da moléstia de Wilcox sumiram de repente. Ele se endireitou na cama, surpreso ao ver-se em casa e alheio a tudo o que havia acontecido em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Depois de receber alta do médico, voltou a seus aposentos no terceiro dia; porém não pôde mais ajudar o professor Angell. Todos os resquícios dos estranhos sonhos haviam desaparecido com a melhora, e meu tio parou de registrar os pensamentos noturnos de Wilcox após uma semana de relatos pífios e irrelevantes de visões absolutamente corriqueiras.

Neste ponto acabava a primeira parte do manuscrito, mas referências a certas anotações esparsas deram-me farto material para reflexão — tão farto, na verdade, que apenas o ceticismo inato da minha filosofia incipiente poderia explicar a desconfiança que eu nutria em relação ao artista. As anotações a que me refiro traziam descrições dos sonhos de várias pessoas durante o mesmo período em que o jovem Wilcox relatou suas estranhas visões. Parece que meu tio não tardou a começar uma investigação abrangente entre todos os amigos a quem poderia, sem parecer inoportuno, solicitar relatos diários de sonhos e as datas precisas de quaisquer visões notáveis surgidas por aquela época. As reações ao pedido parecem ter sido as mais diversas; mesmo assim, o professor Angell deve ter recebido mais respostas do que qualquer um seria capaz de arquivar sem a ajuda de um secretário. As correspondências originais não foram preservadas, mas as anotações do professor traziam resumos completos e esclarecedores. Pessoas envolvidas em assuntos sociais e negócios — o “sal da terra” da Nova Inglaterra — quase sempre davam resultados negativos, apesar de alguns relatos esparsos de impressões noturnas inquietantes, mas difusas, sempre entre 23 de março e dois de abril — o período que o jovem Wilcox passou delirando. Homens ligados à ciência também se mostraram pouco suscetíveis, ainda que quatro descrições vagas sugiram relances de estranhas paisagens e um relato mencione o temor de alguma coisa sobrenatural.

Foi dos artistas e dos poetas que as respostas pertinentes surgiram, e sem dúvida o pânico ter-se-ia alastrado caso houvessem tido a chance de comparar

suas anotações. Na falta das correspondências originais, suspeitei de que o compilador houvesse feito perguntas tendenciosas ou editado toda a correspondência de modo a confirmar o que, na época, estava determinado a ver. Assim continuei a acreditar que Wilcox, a par dos velhos dados coletados por meu tio, estivesse a aproveitar-se do cientista veterano. As respostas dos estetas contavam uma história bastante perturbadora. De 28 de fevereiro a dois de abril, a maioria deles havia sonhado as coisas mais bizarras, sendo que a intensidade dos sonhos teve um aumento descomunal durante o delírio do escultor. Mais de um quarto dos estetas relatava cenas e sons de algum modo semelhantes aos que Wilcox havia descrito; e alguns dos sonhadores manifestavam verdadeiro pavor da enorme coisa inominável surgida nos últimos episódios. Um dos casos, descrito com riqueza de detalhes nas anotações, foi bastante triste. A vítima, um arquiteto célebre com inclinações à teosofia e ao ocultismo, perdeu completamente a razão no dia em que Wilcox adoeceu e, por fim, sucumbiu depois de vários meses, gritando para que o salvassem de alguma hoste infernal. Se meu tio houvesse feito referências aos casos por meio de nomes em vez de números, eu teria buscado provas e começado uma investigação pessoal; mas, da forma como tudo aconteceu, só consegui rastrear uns poucos missivistas. Todos, no entanto, corroboravam a íntegra das anotações. Muitas vezes perguntei-me se todas as pessoas questionadas pelo professor sentiam-se tão desorientadas quanto esse grupo. É bom que nenhuma explicação jamais os alcance.

Os recortes, conforme já expliquei, discutiam casos de pânico, mania e excentricidade durante o mesmo período. O professor Angell deve ter contratado algum serviço de recortes, pois a quantidade de notícias era imensa, e as fontes espalhavam-se por todos os cantos do mundo. Eis aqui um suicídio noturno em Londres, em que um homem adormecido atirou-se da janela após soltar um grito horripilante. Eis aqui, da mesma forma, uma carta divagante ao editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático anuncia o futuro horrendo que lhe foi revelado em uma visão. Uma notícia da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas vestidos de branco à espera de um “acontecimento glorioso” que não chega nunca, enquanto os recortes da Índia discutem com cautela as tensões entre os nativos do país durante o fim de março. Orgias vodu multiplicam-se pelo Haiti, e os postos avançados na África noticiam balbucios nefastos. Na mesma época, os oficiais americanos nas Filipinas relatam problemas com certas tribos, e os policiais de Nova York veem-se atacados por levantinos histéricos na noite de 22 de março. O oeste da Irlanda também sente a influência de rumores e lendas, e um pintor fantástico chamado Ardois-Bonnot expõe uma “Paisagem de Sonho” blasfema no salão de Paris durante a primavera de 1926. Os problemas noticiados nos asilos para loucos são tão numerosos que só um milagre pode ter impedido a classe médica de notar os estranhos paralelismos e tirar conclusões enigmáticas.

No geral, um amontoado de recortes um tanto esquisitos; hoje mal posso conceber o racionalismo convicto com que os pus de lado. Mas na época eu estava convencido de que o jovem Wilcox conhecia os velhos assuntos mencionados pelo professor.

II. O relato do inspetor Legrasse

Os velhos assuntos que justificavam toda a importância dada ao sonho e ao baixo-relevo do escultor eram o tema abordado na segunda parte do longo manuscrito. Parece que em uma ocasião anterior o professor Angell tinha visto a silhueta infernal daquela monstruosidade inominável, indagado sobre a natureza dos hieróglifos desconhecidos e ouvido as sílabas nefastas que só se deixam reproduzir como *"Cthulhu"* como resposta; e tudo de forma tão perturbadora e horrível que não surpreende o fato de o acadêmico ter perseguido o jovem Wilcox com perguntas e pedidos de informação.

Essa primeira experiência ocorreu em 1908, dezessete anos atrás, durante o congresso anual da American Archaeological Society em St. Louis. O professor Angell, como convinha a alguém de seu renome, ocupou uma posição de destaque em todas as deliberações; e foi uma das primeiras pessoas a serem abordadas por vários estranhos que aproveitavam o evento para fazer perguntas e expor problemas aos especialistas.

O líder desses forasteiros, e logo o principal foco de atenção durante todo o congresso, era um homem de meia-idade, com aparência comum, que tinha viajado desde Nova Orleans em busca de algumas informações específicas que não se podiam obter em nenhuma fonte de pesquisa local. Seu nome era John Raymond Legrasse, e ele trabalhava como inspetor de polícia. O homem trazia consigo o motivo da visita: uma grotesca e repulsiva estatueta em pedra, que aparentava ser muito antiga, e cuja origem ele não conseguia determinar. Não se deve supor que o inspetor Legrasse tivesse o mais remoto interesse por arqueologia. Pelo contrário; buscava esclarecimentos por razões puramente profissionais. A estatueta, ídolo, fetiche ou o que fosse fora encontrado alguns meses atrás nos pântanos ao sul de Nova Orleans durante uma operação policial em um suposto ritual vodu; e os rituais de adoração à imagem eram tão singulares e tão hediondos que os policiais acreditavam ter encontrado um culto nefasto até então desconhecido, infinitamente mais diabólico do que os mais obscuros círculos vodu de toda a África. Sobre a origem do culto, afora as histórias erráticas e absurdas contadas pelos membros capturados, não se descobriu nada; o que explicava a ânsia da polícia em ter acesso à sabedoria dos antiquários, que poderiam ajudá-los a compreender o tenebroso ícone e, assim, rastrear o culto até sua origem.

O inspetor Legrasse não estava preparado para a comoção que seu relato gerou. Bastou um relance do objeto para que os homens de ciência lá reunidos fossem tomados pela euforia e logo estivessem acotovelando-se ao redor do inspetor a fim de ver a diminuta figura cuja absoluta estranheza e cujos ares de antiguidade abismal traziam fortes indícios de panoramas desconhecidos e

arcaicos. Nenhuma escola conhecida de escultura havia animado aquele terrível objeto, mas o passar de séculos e talvez milênios parecia estar registrado na superfície opaca e esverdeada da pedra indefinível.

A imagem, que aos poucos foi passada de mão em mão a fim de propiciar um exame mais detido e minucioso por parte dos especialistas, tinha entre dezoito e vinte centímetros de altura e ostentava uma técnica artística notável. Representava um monstro de traços vagamente antropoides, mas com uma cabeça de polvo cujo rosto era um amontoado de tentáculos, um corpo escamoso, prodigiosas garras nas patas dianteiras e traseiras e longas asas estreitas nas costas. A coisa, que transpirava uma terrível malevolência sobrenatural, tinha um aspecto inchado e sentava-se em uma pose vil sobre um bloco ou pedestal retangular coberto por caracteres indecifráveis. A ponta das asas tocava a borda traseira do bloco e o corpo ocupava o centro, enquanto as longas garras curvas das pernas traseiras, que estavam dobradas, agarravam-se à borda frontal e estendiam-se para baixo em direção à base do pedestal. A cabeça do cefalópode projetava-se para a frente, de maneira que a ponta dos tentáculos faciais tocava o dorso das enormes garras dianteiras, que cingiam os joelhos da criatura sentada. O aspecto da figura era de um realismo anormal, tornado ainda mais temível porque nada se sabia a respeito de sua origem. Não havia dúvida quanto à antiguidade vasta, assombrosa e incalculável do artefato; no entanto, não se percebia elo algum com a arte do nascimento da civilização — nem com a de qualquer outra época. O próprio material era um mistério insondável; a rocha preto-esverdeada, com veios e listras dourados ou iridescentes, não se assemelhava a nada conhecido pela geologia ou pela mineralogia. Os caracteres em torno da base eram igualmente desorientadores; e, ainda que o evento reunisse a metade dos especialistas mundiais no assunto, nenhum participante foi capaz de sugerir qualquer afinidade linguística. Assim como o tema e o material, os hieróglifos pertenciam a alguma coisa terrivelmente remota e distinta da humanidade tal como a conhecemos; algo que sugeria antigos ciclos profanos da vida, em que o nosso mundo e os nossos conceitos não têm lugar.

Contudo, enquanto os participantes sacudiam a cabeça um após o outro e declaravam-se vencidos pelo desafio do inspetor, um homem percebeu um bizarro toque familiar na escultura e na escrita monstruosas e declarou, com certa hesitação, o pouco que sabia. Este homem era o falecido William Channing Webb, professor de antropologia na Princeton University e notável explorador. Quarenta e oito anos antes, o professor Webb havia participado de uma excursão à Groenlândia e à Islândia em busca de inscrições rúnicas que não foram encontradas; e, nos picos do oeste da Groenlândia, descobriu uma tribo ou um culto singular de esquimós degenerados cuja religião, uma forma curiosa de adoração ao demônio, enregelou-lhe os ossos com a sanguinolência e o horror

deliberados. Era uma crença sobre a qual os outros esquimós pouco sabiam, mencionada sempre em meio a calafrios; diziam que se originara em éons pavorosamente remotos, quando o mundo sequer existia. Além de ritos indescritíveis e sacrifícios humanos, havia sinistros rituais hereditários que rendiam homenagem a um demônio supremo e ancestral, ou *tornasuk*; e o professor Webb fez uma transcrição fonética minuciosa ao ouvir a palavra de um velho *angekok*, ou feiticeiro-sacerdote, registrando os sons em alfabeto romano da maneira mais clara possível. Mas naquele instante o ponto central era o fetiche que este culto adorava, e ao redor do qual os esquimós dançavam quando a aurora surgia por entre as escarpas geladas. Tratava-se, afirmou o professor, de um baixo-relevo primitivo, em pedra, com uma figura execranda e inscrições crípticas. Segundo acreditava, em todas as características essenciais era um paralelo rústico do artefato bestial que naquele instante era discutido no congresso.

Essas informações, recebidas com suspense e espanto pela assembleia de especialistas, pareceram ainda mais instigantes ao inspetor Legrasse; e logo ele começou a pressionar o informante com outras perguntas. Tendo transcrito e copiado um rito de tradição oral praticado pelos adoradores que a polícia havia prendido nos pântanos, o inspetor solicitou ao acadêmico que tentasse relembrar as sílabas colhidas entre os esquimós diabolistas. Começou então uma minuciosa comparação de detalhes, e fez-se um instante do mais espantoso silêncio quando o detetive e o cientista concordaram na identidade da frase comum a dois rituais infernais situados em mundos tão diversos. O que tanto os feiticeiros esquimós quanto os sacerdotes do pântano de Louisiana cantavam a seus ídolos era algo como o que segue, sendo as divisões entre as palavras meras suposições baseadas nas pausas feitas durante a entoação das frases:

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Legrasse estava um passo adiante do professor Webb, pois muitos dos prisioneiros mestiços haviam-lhe repetido o significado que os adoradores mais velhos atribuíam a essas palavras. A tradução era algo como:

“Na casa em R’lyeh, Cthulhu, morto, aguarda sonhando.”

Nesse instante, em resposta ao clamor e à impaciência gerais, o inspetor Legrasse relatou em detalhe sua experiência com os adoradores do pântano; e contou uma história à qual percebo que meu tio atribuiu grande importância. A narrativa tinha o sabor dos sonhos mais loucos dos mitômanos e teosofistas e revelava um grau impressionante de imaginação cósmica em meio aos mestiços e párias que seriam os menos propensos a desenvolvê-la.

No dia primeiro de novembro de 1907, a polícia de Nova Orleans recebeu um chamado urgente para comparecer aos pântanos e lagoas no Sul. Os posseiros que lá habitavam, em sua maioria descendentes primitivos mas bondosos dos

homens de Lafitte, estavam desesperados por conta de uma coisa desconhecida que havia surgido à noite. Era algum tipo de magia vodu, porém o vodu mais terrível que jamais haviam visto; e algumas das mulheres e crianças estavam desaparecidas desde que os tamborins haviam começado o incessante ruflar malévolo em meio aos longínquos bosques escuros e assombrados aonde nenhum morador se aventurava. Havia gritos ensandecidos e berros aterrorizantes, cânticos de enregelar a alma e demoníacas chamas dançantes; e, segundo o relato do mensageiro desesperado, os habitantes não aguentavam mais.

Então um destacamento de vinte policiais, em duas carruagens e uma viatura, dirigiu-se até o local, tendo por guia o trêmulo posseiro. O grupo parou no final da estrada e, a pé, avançou chapinhando em meio ao silêncio dos terríveis bosques de cipreste onde o sol jamais resplandecia. Raízes abomináveis e forcas malévolas de barba-de-pau assediavam os homens por todos os lados e, de quando em quando, um amontoado de pedras úmidas ou o fragmento de um muro pútrido, ao sugerir uma habitação mórbida, intensificava a atmosfera depressiva que cada árvore disforme e cada ilhota infestada de fungos ajudava a criar. Por fim o vilarejo dos posseiros, um lamentável amontoado de casebres, descortinou-se logo adiante; e os habitantes histéricos vieram correndo amontoar-se em volta do grupo de lanternas errantes. O ruflar abafado dos tamborins podia ser ouvido ao longe, muito ao longe; e um grito apavorante ressoava a intervalos irregulares, sempre que o vento mudava. Um clarão avermelhado também parecia filtrar através da pálida vegetação rasteira para além dos intermináveis caminhos da noite na floresta. Relutantes em ficar sozinhos, os posseiros recusaram-se terminantemente a dar mais um passo sequer em direção ao local do culto profano, e assim o inspetor Legrasse e seus dezenove colegas avançaram sem ter quem os guiasse rumo às arcadas de horror que nenhum deles jamais havia cruzado.

A região explorada pela polícia tinha fama de ser amaldiçoada, e era em boa parte desconhecida e inexplorada pelos brancos. Havia lendas a respeito de um lago secreto jamais visto por olhos mortais, onde habita uma coisa branca, informe, cheia de pólipos e com olhos luminosos; e em voz baixa os posseiros contavam histórias sobre demônios com asas de morcego que, à meia-noite, saíam de cavernas subterrâneas para adorá-lo. Diziam que já estava lá antes de d’Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e até mesmo antes das bestas enérgicas e dos pássaros do bosque. Era um pesadelo encarnado, e vê-lo era morrer. Mas o monstro fazia os homens sonharem, então eles mantinham-se afastados. A orgia vodu era celebrada, de fato, na periferia daquela área execranda, mas ainda assim o local era ruim o bastante; talvez o próprio lugar do culto houvesse assustado os posseiros mais do que os terríveis sons e incidentes.

Só a poesia ou a loucura poderiam fazer justiça aos clamores ouvidos pelos homens de Legrasse enquanto abriam caminho através do negro lodaçal em direção ao fulgor rubro e ao som dos tamborins. Existem certas qualidades vocais particulares aos homens, e outras particulares às bestas; e é terrível escutar uma sair da garganta da outra. A fúria animal e a libertinagem orgíaca incitavam paroxismos demoníacos por meio de gritos e êxtases ruidosos que explodiam e reverberavam pelos bosques noturnos como tempestades pestilentas das profundezas do inferno. De vez em quando os uivos discordantes cessavam e, do que parecia ser um coro bem-treinado de vozes ríspidas, erguia-se em um cântico aquela terrível frase ou feitiço: *"Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn."*

Foi quando os homens, depois de chegar a um ponto onde o bosque era menos denso, conseguiram divisar o espetáculo. Quatro deles sentiram vertigens, um desmaiou e dois foram acometidos por gritos frenéticos, que a cacofonia delirante da orgia por sorte abafou. Legrasse jogou água do pântano no rosto do policial desmaiado, e todos começaram a tremer, quase hipnotizados por aquele horror.

Uma clareira natural do pântano abrigava uma ilha coberta de grama, com talvez um acre de extensão, sem nenhuma árvore e razoavelmente seca. Lá saltava e contorcia-se uma horda indescritível de aberrações humanas que apenas um Sime ou um Angarola seriam capazes de pintar. Despidos, aqueles seres híbridos zurravam, mugiam e convulsionavam-se ao redor de uma colossal fogueira circular, em cujo centro, visível por entre as frestas ocasionais que abriam-se na cortina de fogo, erguia-se um enorme monolito granítico com dois metros e meio de altura; e no topo deste, em sua contrastante estatura diminuta, repousava o odioso ídolo entalhado em pedra. De um amplo círculo composto por dez patíbulos montados a intervalos regulares ao redor do monolito envolto em fogo pendiam, de cabeça para baixo, os corpos terrivelmente mutilados dos posseiros indefesos que haviam desaparecido. Era no interior do círculo que a roda de adoradores saltava e rugia, movendo-se da direita para a esquerda em bacanais intermináveis entre o círculo dos corpos e o círculo de fogo.

Pode ter sido apenas a imaginação ou apenas um eco o que levou um dos homens, um espanhol de sangue quente, a imaginar que ouvia respostas antifônicas ao ritual vindas de algum ponto longínquo e escuro nas profundezas daquele bosque de lenda e horror ancestrais. O homem, Joseph D. Galvez, eu mais tarde encontrei e questionei; e ele mostrou ter a imaginação um tanto fértil. Chegou até mesmo a insinuar o leve bater de enormes asas, um relance de olhos brilhantes e um descomunal volume branco além das árvores mais remotas — mas desconfio que estivesse muito impressionado pelas superstições locais.

De fato, a pausa horrorizada feita pelos homens durou pouco tempo. O dever vinha em primeiro lugar; e ainda que houvesse quase cem mestiços naquela multidão, os policiais recorreram às armas de fogo e arrojaram-se cheios de determinação em meio ao caos nauseante. Durante os cinco minutos seguintes o alarde e a confusão foram indescritíveis. Golpes foram desferidos, tiros foram disparados e fugas foram efetuadas; mas no fim Legrasse pôde contar quarenta e sete prisioneiros carrancudos, que foram obrigados a vestir-se de imediato e a fazer uma fila entre duas outras de policiais. Cinco dos celebrantes jaziam mortos, e dois feridos graves foram removidos em macas improvisadas por seus colegas de crime. A imagem do monolito, é claro, foi removida e transportada com todo o cuidado por Legrasse.

Examinados na delegacia após uma viagem muito tensa e cansativa, todos os prisioneiros revelaram-se homens vis, mestiços e mentalmente perturbados. Muitos eram marinheiros, e alguns negros e mulatos, na maior parte caribenhos ou portugueses de Brava, no Cabo Verde, davam a cor do vodu ao culto heterogêneo. Mas logo após as primeiras perguntas ficou evidente que a descoberta envolvia algo muito mais profundo e antigo do que o fetichismo negro. Degradados e ignorantes como eram, aquelas criaturas atinham-se com surpreendente obstinação à ideia central de sua odiosa fé.

Disseram ser adoradores dos Grandes Anciões que viveram eras antes do primeiro homem nascer e chegaram a um mundo ainda jovem vindos do céu. Os Anciões já haviam sucumbido, no interior da Terra e no fundo do mar; mas seus corpos mortos haviam revelado segredos nos sonhos dos primeiros homens, que iniciaram um culto imortal. Este era o culto que seguiam, e os prisioneiros afirmaram que sempre havia existido e sempre iria existir, escondido em longínquas regiões inóspitas e em lugares sombrios por todo o mundo, até que o alto sacerdote Cthulhu, de sua casa sinistra na grandiosa cidade submersa de R’lyeh, caminhasse mais uma vez sobre a Terra e voltasse a impor seu jugo. Um dia Cthulhu lançaria seu chamado, quando as estrelas estivessem alinhadas; e o culto secreto estaria sempre esperando para libertá-lo.

Até lá não se deveria dizer mais nada. Havia um segredo que não se obtinha nem mediante tortura. A humanidade não estava sozinha entre os seres conscientes da Terra, pois formas surgiam da escuridão para visitar os fiéis. Mas estes não eram os Grandes Anciões. Ninguém jamais vira os Anciões. O ídolo entalhado em pedra era o grande Cthulhu, mas ninguém saberia dizer se os outros eram parecidos com ele. Ninguém mais sabia ler a antiga escrita, porém a sabedoria conservava-se na tradição oral. Os cânticos rituais não eram o segredo — este não era dito jamais em voz alta, apenas em sussurros. O cântico significava apenas: “Na casa em R’lyeh, Cthulhu, morto, aguarda sonhando”.

Apenas dois prisioneiros mostraram-se sãos o bastante para merecerem a forca, enquanto os outros ficaram aos cuidados de várias instituições. Todos negaram participação nos assassinatos rituais e alegaram que as mortes eram obra de Alados Negros que haviam deixado sua assembleia imemorial no bosque assombrado. No entanto, jamais se obteve um depoimento coerente sobre estes misteriosos aliados. O que a polícia conseguiu descobrir veio em grande parte de um *mestizo* muito velho chamado Castro, que disse ter navegado a estranhos portos e conversado com os líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro citou fragmentos de antigas lendas que deitavam por terra as especulações dos teosofistas e faziam o homem e o mundo parecerem coisas muitíssimo recentes e efêmeras. Houve éons em que outras Coisas reinaram sobre a Terra, e Elas construíram cidades esplendorosas. Suas ruínas, teria dito o chinês imortal, ainda podiam ser vistas como pedras ciclópicas nas ilhas do Pacífico. Todas essas Coisas morreram em épocas ancestrais, muito antes do primeiro homem nascer, mas havia uma arte capaz de trazê-Las de volta quando as estrelas voltassem a se alinhar no ciclo da eternidade. De fato, Elas próprias tinham vindo das estrelas e trazido Suas imagens Consigo.

Os Anciões, prosseguiu Castro, não eram feitos de carne e osso. Eles tinham forma — não era o que provava aquela imagem em forma de estrela? —, mas essa forma não era constituída de matéria. Quando as estrelas estavam alinhadas, Eles podiam viajar ao mundo através dos céus; mas quando as estrelas estavam desalinhadas, Eles não conseguiam viver. Mas, ainda que não vivessem, Eles não morreriam jamais. Todos jaziam em casas de pedra na grande cidade de R’lyeh, preservados graças aos feitiços do poderoso Cthulhu enquanto esperavam o dia da ressurreição gloriosa quando as estrelas e a Terra mais uma vez estivessem prontas. Mas ao mesmo tempo alguma força externa deveria ajudá-Los a libertar Seus corpos. Os feitiços que Os preservavam ao mesmo tempo impediam-Nos de fazer o gesto inicial, e Eles só conseguiam ficar acordados no escuro e pensar enquanto incontáveis milhões de anos passavam. Sabiam de tudo o que acontecia no universo, pois a língua Deles era o pensamento telepático. Naquele exato instante Eles estavam falando em Seus túmulos. Quando, passadas eras infinitas, surgiram os primeiros homens, os Grandes Anciões falaram com os mais sensatos dentre eles através de sonhos; pois só assim a Sua língua poderia alcançar o mundo carnal dos mamíferos.

Então, sussurrou Castro, os primeiros homens formaram o culto aos pequenos ídolos que os Grandes Anciões haviam lhes mostrado; ídolos trazidos em épocas imemoriais das estrelas sombrias. O culto não morreria enquanto as estrelas não se alinhassem uma vez mais, e os sacerdotes retirariam o grande Cthulhu de Seu túmulo para restituí-Lo a Seus súditos e dar continuidade a Seu legado sobre a Terra. Seria fácil identificar o momento oportuno, pois então a

humanidade estaria como os Grandes Anciões; livre e descontrolada e além do bem e do mal, com todas as leis e tábuas deixadas de lado e todos os homens gritando e matando e rejubilando-se em êxtase. Então os Anciões libertos haveriam de ensinar novas formas de gritar e matar e rejubilar-se em êxtase, e toda a Terra explodiria em um holocausto de arrebatamento e liberdade. Até lá, por meio dos ritos apropriados, o culto deveria manter viva a memória desses costumes antigos e profetizar o retorno dos Grandes Anciões.

Em tempos passados, os escolhidos falavam com os Anciões sepultados através de sonhos, mas então algo aconteceu. R'lyeh, a grande cidade de pedra com monolitos e sepulcros, foi engolida pelas ondas; e as águas profundas, repletas do mistério primevo que nem mesmo o pensamento consegue atravessar, cortaram toda a comunicação espectral. Mas a lembrança não morreu, e os altos sacerdotes diziam que a cidade ressurgiria quando as estrelas estivessem alinhadas. Então os espíritos negros surgiram da terra, bolorentos e ensombrecidos, e com rumores abafados juntaram-se em cavernas ignotas no fundo do mar. Mas a esse respeito Castro falou pouco — o homem interrompeu-se de repente e não houve persuasão ou artimanha que o fizesse dizer mais uma palavra sobre o assunto. Também se recusou a comentar o *tamanho* dos Anciões. Em relação à sede do culto, disse acreditar que ficasse no insondável deserto da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha oculta e intocada. O culto não tinha relação alguma com a bruxaria europeia e era praticamente desconhecido para além de seus membros. Não era mencionado em livro algum, ainda que o chinês imortal houvesse afirmado que havia passagens alegóricas no *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred que os iniciados podiam ler como quisessem, em especial o controverso dístico:

Não está morto o que eterno jaz,
No tempo a morte é de morrer capaz.

Legrasse, muito impressionado e não menos perplexo, havia feito várias perguntas infrutíferas sobre as afiliações históricas do culto. Ao que tudo indicava, Castro dissera a verdade ao afirmar que a seita era absolutamente secreta. Os especialistas da Tulane University não conseguiram esclarecer nada a respeito do culto ou da imagem, e assim o detetive saiu à procura dos maiores especialistas do país e deparou-se com nada menos do que a história do professor Webb sobre a expedição à Groenlândia.

O vivo interesse que o relato de Legrasse despertou durante o encontro, corroborado pela estatueta, subsistiu nas correspondências trocadas mais tarde

entre os presentes, embora as menções nos periódicos oficiais da sociedade sejam esparsas. A desconfiança é a primeira reação de quem está acostumado à charlatanice e à impostura. Por um tempo, Legrasse emprestou a imagem ao professor Webb, mas quando este faleceu a estátua foi devolvida ao detetive e permanece até hoje em seu poder, como a vi um tempo atrás. É um artefato terrível que sem dúvida tem afinidades com a escultura do jovem Wilcox.

Não me surpreendeu a empolgação com que meu tio recebeu a história do escultor; afinal, para quem já conhecia o relato de Legrasse sobre o culto, que fantasias não devem ter se excitado com a história de um jovem sensitivo que havia *sonhado* não só com a figura e com hieróglifos idênticos àqueles presentes na imagem do pântano e na tábua demoníaca da Groenlândia, mas que *nos sonhos* havia escutado pelo menos três das valiosas palavras entoadas pelos diabolistas esquimós e pelos mestiços de Louisiana? A prontidão com que o professor Angell empenhou-se em uma investigação minuciosa foi absolutamente natural; ainda que, de minha parte, eu suspeitasse de que o jovem Wilcox tivesse obtido informações sobre o culto de maneira indireta e também inventado uma série de sonhos para aumentar e fazer perdurar o mistério às custas de meu tio. Claro, os relatos dos sonhos e os recortes coligidos pelo professor eram fortes evidências; mas a minha natureza racional e a extravagância do tema levaram-me a tirar as conclusões que eu julgava mais sensatas. Assim, depois de estudar a fundo o manuscrito e de relacionar as anotações teosóficas e antropológicas à narrativa de Legrasse sobre o culto, viajei a Providence para encontrar o escultor e fazer-lhe as censuras que eu considerava justas por ter se aproveitado com tamanha desfaçatez de um homem culto e idoso.

Wilcox ainda morava no prédio Fleur-de-Lys na Thomas Street, uma pavorosa imitação vitoriana da arquitetura bretã do século XVII que ostenta sua fachada de estuque em meio às adoráveis casas coloniais na montanha, e à sombra do mais perfeito coruchéu georgiano nos Estados Unidos encontrei-o em um de seus aposentos e, de imediato, deduzi a partir dos objetos espalhados no recinto que o gênio do homem era de fato profundo e autêntico. Acredito que um dia ele venha a ser considerado um dos grandes decadentistas; pois cristalizou no barro e um dia ainda há de espelhar no mármore os pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca em prosa e que Clark Ashton Smith materializa em versos e pinturas.

Com um aspecto sombrio, frágil e algo desleixado, Wilcox virou-se em minha direção ao ouvir a batida e perguntou o que eu desejava sem levantar-se. Quando identifiquei-me, o escultor demonstrou algum interesse; pois meu tio havia despertado sua curiosidade ao sondar-lhe os sonhos, porém sem nunca explicar o objetivo do estudo. Não lhe ofereci mais informações a esse respeito, mas usei alguns ardis para ganhar sua confiança. Logo me convenci da absoluta

sinceridade do jovem, pois ele falava de seus sonhos com inelutável convicção. Os sonhos e seus resíduos inconscientes tiveram uma profunda influência em sua arte, e Wilcox mostrou-me uma estátua mórbida cuja silhueta fez-me estremecer com a impressão macabra que produzia. Ele não lembrava de ter visto o original dessa criatura em nenhum outro lugar que não o seu próprio baixo-relevo, mas a silhueta havia se formado de maneira imperceptível sob suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigante que ele havia mencionado no delírio. Logo ficou claro que, em relação ao culto secreto, Wilcox não sabia nada além do que o catequismo incansável de meu tio permitiria supor; e mais uma vez renovei meus esforços em imaginar de onde ele poderia ter recebido aquelas impressões singulares.

O artista relatava seus sonhos em um tom de estranho lirismo; fez-me ver com terrível clareza a gotejante Cidade Ciclópica de pedras verdes e musgosas — cuja *geometria*, disse ele com uma nota estranha na voz, era *toda errada* — e ouvir em trêmula expectativa o chamado, em parte mental, que emergia das profundezas: *"Cthulhu fhtagn"*, *"Cthulhu fhtagn"*. Essas palavras eram parte do terrível ritual que narrava a vigília em sonho empreendida por Cthulhu, morto no túmulo de pedra em R'lyeh; apesar de minhas crenças racionais, fiquei muito abalado. Eu achava que Wilcox teria ouvido algum comentário vago acerca do ritual, logo esquecido em meio ao caos de suas leituras e fantasias igualmente estranhas. Mais tarde, em virtude de seu caráter impressionante, o ritual ter-se-ia expressado de maneira inconsciente em sonhos, no baixo-relevo e na temível estátua que naquele instante eu tinha diante dos meus olhos; de modo que a impostura do artista para com meu tio fora algo um tanto inocente. O jovem era o tipo de pessoa a um só tempo afetada e algo insolente que eu jamais consegui apreciar, mas a estas alturas eu já era capaz de admitir o gênio e a honestidade dele. Despedimo-nos em termos cordiais, e desejei-lhe todo o sucesso que seu talento promete.

O culto continuou a exercer um poderoso fascínio sobre mim, e às vezes eu me imaginava famoso por ter pesquisado sua origem e suas relações. Fiz uma visita a Nova Orleans, conversei com Legrasse e os outros integrantes do grupo de busca, vi a terrível imagem e pude até mesmo interrogar os prisioneiros mestiços sobreviventes. O velho Castro, infelizmente, havia falecido alguns anos atrás. Os vívidos relatos que escutei em primeira mão, ainda que não passassem de confirmações mais detalhadas dos apontamentos feitos por meu tio, voltaram a despertar meu interesse; pois eu tinha certeza de estar na pista de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta haveria de tornar-me um antropólogo notável. Minha atitude foi de absoluto materialismo, *como eu gostaria que ainda fosse*, e descartei com uma teimosia quase inexplicável a

coincidência entre os relatos de sonhos e os singulares recortes coligidos pelo professor Angell.

Comecei a suspeitar, e agora temo *saber*, que a morte de meu tio não foi nada natural — ele caiu na estreita ruela que vai da zona portuária infestada de estrangeiros mestiços até o alto do morro depois de ser empurrado por um marinheiro negro. Eu não havia esquecido o sangue misturado e as ligações marítimas entre os adoradores de Louisiana, e não me surpreenderia ao descobrir métodos e ritos e crenças secretas. É verdade que Legrasse e seus homens foram deixados em paz; mas na Noruega um marujo que viu certas coisas morreu. Será que as buscas de meu tio, enriquecidas com a descoberta do escultor, haviam chegado a ouvidos sinistros? Creio que o professor Angell morreu por saber demais, ou por estar na iminência de saber demais. Resta saber se vou ter o mesmo fim, pois agora eu também sei muito.

III. A loucura que veio do mar

Se o céu algum dia quiser conceder-me uma bênção, esta será o esquecimento absoluto do acaso que dirigiu meu olhar a um pedaço de papel usado para forrar uma estante. Não era nada que eu fosse perceber durante a minha rotina normal, pois tratava-se de um velho exemplar do periódico australiano *Sydney Bulletin* de 18 de abril de 1925.

O material havia escapado até mesmo à empresa de recortes que, na época da impressão, buscava material para a pesquisa de meu tio.

Para todos os efeitos eu havia abandonado minhas buscas relativas ao que o professor Angell chamava de "Culto a Cthulhu" e estava visitando um amigo em Paterson, Nova Jersey, que era o curador do museu local e um mineralogista de renome. Certo dia, ao examinar os espécimes armazenados em uma sala nos fundos do museu, chamou-me a atenção a estranha figura estampada em um dos velhos jornais sob as pedras. Era o *Sidney Bulletin* que mencionei, pois meu amigo tinha contatos com todos os países estrangeiros imagináveis; e a gravura mostrava uma odiosa imagem de pedra quase idêntica à que Legrasse havia encontrado no pântano.

Depois de remover o precioso conteúdo das estantes, examinei atentamente a ilustração; e fiquei desapontado com seu pequeno tamanho. A sugestão que trazia, no entanto, era de vital importância para a minha busca negligenciada; e, com todo o cuidado, arranquei-a do jornal para tomar providências imediatas. O texto dizia:

ENCONTRADO MISTERIOSO NAVIO À DERIVA

O Vigilant *atracou com um iate armado de bandeira neozelandesa a reboque.*

Um sobrevivente e uma vítima foram encontrados a bordo. Relato de uma batalha desesperada e de mortes em alto-mar.

O marujo resgatado recusa-se a falar sobre o estranho acontecimento. Um estranho ídolo foi encontrado em sua posse. O caso será investigado.

O cargueiro *Vigilant*, da Morrison Co., ao retornar de Valparaíso, atracou essa manhã no cais de Darling Harbour, trazendo a reboque o iate armado *Alert*,

de Dunedin, N.Z., avistado com avarias no dia 12 de abril na latitude Sul 34º21’, longitude Oeste 152º17’ com um sobrevivente e uma vítima fatal a bordo.

O *Vigilant* deixou Valparaíso em 25 de março e, no dia dois de abril, teve a rota desviada em direção ao Sul por conta de fortes tormentas e ondas gigantes. No dia 12 de abril o navio à deriva foi avistado; e, ainda que à primeira vista parecesse deserto, na verdade trazia um sobrevivente acometido por delírios e um outro homem que sem dúvida estava morto havia mais de uma semana. O sobrevivente estava agarrado a uma terrível escultura em pedra, de origem desconhecida e com cerca de trinta centímetros de altura, que deixou perplexos os especialistas da Sidney University, da Royal Society e do museu na College Street; o sobrevivente afirma tê-la encontrado na cabine do iate em uma pequena caixa lavrada.

Depois de voltar a si, o homem contou uma estranha história de pirataria e morticínio. Seu nome é Gustaf Johansen, um norueguês inteligente que fora segundo imediato da escuna de dois mastros *Emma*, de Auckland, que zarpou de Calao no dia 20 de fevereiro com uma tripulação de onze homens. O *Emma*, segundo o norueguês, sofreu um atraso e foi arrastado muito ao Sul da rota original durante a tempestade em primeiro de março, e, no dia 22 de março, na latitude Sul 49º51’, longitude Oeste 128º34’, encontrou o *Alert*, tripulado por canacas de aspecto vil e outros mestiços. O capitão Collins recusou-se a acatar ordens expressas para recuar; foi quando, sem aviso prévio, a estranha tripulação abriu fogo contra a escuna, usando uma pesada bateria de canhões que integrava o equipamento do iate. Os homens do *Emma* deram combate, afirma o sobrevivente, e, mesmo com a embarcação a pique em decorrência de tiros recebidos abaixo da linha-d’água, conseguiram aproximar-se do navio inimigo e abordá-lo, lutando contra a tripulação selvagem no convés do iate e vendo-se obrigados a matá-los todos, por estarem os inimigos em vantagem numérica e também em decorrência da maneira odiosa e desesperada, embora canhestra, como lutavam.

Três tripulantes do *Emma*, entre eles o capitão Collins e o primeiro imediato Green, foram mortos; e os oito homens restantes, comandados pelo segundo imediato Johansen, puseram-se a navegar o iate capturado, seguindo a rota original para descobrir o que teria motivado as ordens para voltar atrás. No dia seguinte a tripulação aportou em uma pequena ilha, ainda que não se conheça nenhum acidente geográfico do tipo naquela parte do oceano; e seis homens morreram em terra, ainda que Johansen seja um tanto reticente no que tange a essa parte da história e limite-se a dizer que todos caíram num precipício rochoso. Ao que parece, mais tarde ele e o companheiro restante tripularam o iate e

tentaram navegá-lo, mas foram derrotados pela tormenta do dia dois de abril. O homem não recorda quase nada do que se passou entre essa data e o dia 12, quando foi salvo, tendo esquecido até mesmo o dia em que William Briden, seu último companheiro, veio a falecer. Não há nenhuma causa aparente para a morte de Briden, provavelmente motivada por uma crise nervosa ou por uma insolação. Telegramas de Dunedin indicam que o *Alert* era bem conhecido como navio mercante e que tinha má fama em toda a zona portuária. A embarcação pertencia a um curioso grupo de mestiços, cujos frequentes encontros e incursões noturnas aos bosques despertavam muitas suspeitas; e havia zarpado com grande pressa logo depois da tempestade e dos tremores de terra em primeiro de março. Nosso correspondente em Auckland atribui ao *Emma* e a seus homens uma excelente reputação, e Johansen é descrito como um homem equilibrado e valoroso. Amanhã o almirantado abrirá um inquérito para investigar o caso, e espera-se que Johansen forneça mais detalhes do que revelou até o presente momento.

Além da imagem infernal que a acompanhava, esta era a íntegra da notícia; mas que turbilhão de ideias provocou em minha fantasia! Ali estava um verdadeiro tesouro de informações acerca do Culto a Cthulhu, com indícios de que seus estranhos interesses manifestavam-se não apenas em terra, mas também no mar. Que motivo teria levado a tripulação mestiça a ordenar o retorno do *Emma* enquanto navegavam com o ídolo pavoroso? Qual seria a misteriosa ilha onde seis homens do *Emma* pereceram e sobre a qual o segundo imediato Johansen preferiu guardar silêncio? O que a investigação do vice-almirantado teria descoberto, e o que se sabia a respeito do culto maléfico em Dunedin? E, acima de tudo, que profunda e terrível relação entre as datas seria essa, que conferia uma relevância maligna e incontestável aos vários acontecimentos registrados com tanto desvelo pelo meu tio?

O dia primeiro de março — nosso 28 de fevereiro, segundo a Linha Internacional de Data — trouxe o sismo e a tempestade. Em Dunedin, o *Alert* zarpou apressado com sua ruidosa tripulação, como se atendesse a um chamado urgente, e no outro lado da Terra poetas e artistas sonharam com uma estranha e úmida cidade ciclópica enquanto um jovem escultor, em um acesso de sonambulismo, moldou as formas do temível Cthulhu. Em 23 de março a tripulação do *Emma* desembarcou em uma ilha desconhecida onde seis homens pereceram; e nessa noite os sonhos de um homem sensível adquiriram uma vividez ainda maior e obscureceram-se com o terror inspirado por um monstro gigante, enquanto um arquiteto enlouqueceu e um escultor de repente sucumbiu ao delírio! E o que dizer da tempestade em dois de abril — a data em que todos os sonhos relativos à cidade úmida cessaram e Wilcox libertou-se dos grilhões de sua estranha febre? O que dizer de tudo isso — das insinuações do velho Castro sobre os Anciões, vindos das estrelas e enterrados no mar, e de seu reinado

futuro? O que dizer de seus fiéis adoradores e do *poder que exercem sobre os sonhos*? Será que eu estava prestes a descobrir horrores cósmicos além da compreensão humana? Em caso afirmativo, tais horrores deveriam ser apenas quimeras, pois de alguma forma o dia dois de abril havia posto um fim à ameaça monstruosa que preparava um cerco às almas de toda a humanidade.

Naquela noite, depois de mandar alguns telegramas às pressas e de fazer alguns planos, despedi-me do meu anfitrião e tomei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em Dunedin; onde, no entanto, descobri que pouco se sabia em relação aos adeptos do culto que haviam ficado pelas antigas tavernas portuárias. A escória do porto era demasiado ordinária para merecer atenção; mesmo assim, ouviam-se menções a uma viagem empreendida pelos mestiços, durante a qual o som abafado de tambores e uma chama rubra foram percebidos nas montanhas mais distantes. Em Auckland descobri que Johansen, outrora loiro, havia voltado com os cabelos *completamente brancos* de um interrogatório rotineiro e inconclusivo em Sydney, depois do que vendeu sua cabana na West Street e tomou um navio com a esposa a fim de voltar à sua velha casa em Oslo. Aos amigos, não dizia nada além do que revelara aos oficiais do almirantado sobre a sua impressionante vivência no mar, e tudo o que pude conseguir deles foi o endereço do segundo imediato em Oslo.

A seguir viajei a Sydney e tive conversas improdutivas com marujos e membros do tribunal do vice-almirantado. Vi o *Alert*, que foi vendido para uso comercial, no Circular Quay em Sydney Cove, mas não descobri mais nada ao contemplar aquele vulto indefinido. A imagem sentada, com cabeça de cefalópode, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal hieroglífico estava preservada no museu do Hyde Park; e depois de um exame aprofundado e minucioso, considerei-a um exemplar sinistro de grande habilidade artística, que mantinha o mistério absoluto, a antiguidade inefável e a estranheza sobrenatural que eu já notara no pequeno exemplar de Legrasse. Para os geólogos, a peça era um enigma monstruoso, disseme o curador; pois asseguraram-me que não havia, em lugar algum do mundo, outra rocha como aquela. Então lembrei com um calafrio do que o velho Castro havia dito a Legrasse sobre os Grandes Anciões: “Eles vieram das estrelas e trouxeram Suas imagens Consigo.”

Abalado por esta revolução mental sem precedentes, decidi visitar o segundo imediato Johansen em Oslo. Ao chegar em Londres, reembarquei sem demora rumo à capital norueguesa; e aportei em um dia de outono nos charmosos cais à sombra da Egeberg. Logo descobri que o endereço de Johansen ficava na antiga cidade do rei Harald Hardråde, que manteve vivo o nome de Oslo durante os séculos em que a cidade maior passou disfarçada de “Christiania”. Fiz o breve percurso de táxi e, com o coração aos sobressaltos, bati na porta de uma construção antiga com a fachada em estuque. Uma senhora de preto com olhar

triste abriu a porta, e fui tomado pela decepção quando, num inglês hesitante, ela me explicou que Gustaf Johansen havia falecido.

Disse que o marido morrera logo após voltar à Noruega, pois os acontecimentos no mar em 1925 haviam acabado com sua fibra. Johansen não lhe havia dito nada além do que revelara ao público, mas deixara um longo manuscrito — nas palavras dele, relativo a "questões técnicas" — escrito em inglês, sem dúvida para salvaguardar a esposa de uma leitura casual. Durante uma caminhada por uma ruela estreita nas docas de Gotemburgo, um fardo de papéis jogado de uma trapeira atingiu o segundo imediato. Dois marinheiros lascares prontamente ajudaram-no a se levantar, mas o homem morreu antes que o socorro chegasse. Os médicos não encontraram nenhuma causa plausível para o óbito, e atribuíram-no a problemas cardíacos e a uma constituição frágil.

Neste ponto eu senti em minhas entranhas o terror negro que só me deixará no dia em que eu também descansar; seja por "acidente" ou de outra forma. Após convencer a viúva de que meu interesse nas "questões técnicas" de seu marido era suficiente para assegurar-me a posse do manuscrito, levei o documento embora e comecei a lê-lo no barco de volta a Londres. Era um relato simples e divagante — uma tentativa de diário *post factum* por um marinheiro humilde — que buscava relembrar, dia após dia, os terrores daquela última viagem fatídica. Não ensejarei uma transcrição integral das inúmeras obscuridades e redundâncias do diário, mas faço aqui um resumo dos pontos centrais que bastará para demonstrar por que o som da água batendo no costado do navio pareceu-me tão insuportável que precisei tapar os ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo depois de ver a cidade e a Coisa, mas eu jamais dormirei tranquilo outra vez ao pensar nos horrores constantes que nos espreitam por trás da vida, no espaço e no tempo, e nas blasfêmias profanas das estrelas ancestrais que sonham no fundo do mar, conhecidas e adoradas por um culto infernal ávido por lançá-las sobre a Terra assim que um outro sismo trouxer a monstruosa cidade de pedra mais uma vez à superfície e à luz do sol.

A viagem de Johansen começara tal como em seu testemunho ao vice-almirantado. O *Emma*, carregado com lastro, zarpou de Auckland no dia 20 de fevereiro e sentiu toda a força da tempestade provocada pelo terremoto, que deve ter arrancado do fundo do mar os horrores que infestaram os sonhos dos homens. Mais uma vez sob controle, o navio avançava em condições normais quando foi confrontado pelo *Alert* em 22 de março; e senti o pesar do imediato ao descrever o bombardeio e o posterior naufrágio da embarcação. Os satanistas de tez escura a bordo do *Alert* são descritos com um sentimento de profunda aversão. Havia algo de abominável naqueles homens, que fez com que sua aniquilação parecesse quase um dever, e Johansen demonstra legítima surpresa com a acusação de

crueldade feita contra sua tripulação durante o inquérito judicial. Em seguida, movidos pela curiosidade no iate recém-capturado sob o comando de Johansen, a tripulação avistou um enorme pilar rochoso que se erguia do oceano e, na latitude Sul 47º9', longitude Oeste 126º43', encontrou um litoral composto por uma mistura de barro, gosma e pedras ciclópicas recobertas por algas que não poderiam ser nada menos do que a substância palpável que compunha o terror supremo da Terra — o cadáver da apavorante cidade de R'lyeh, construída incontáveis éons antes da história por formas vastas e odiosas vindas de estrelas sombrias. Lá estavam o grande Cthulhu e suas hordas, ocultos sob as catacumbas viscosas e enfim transmitindo, depois de eras incalculáveis, os pensamentos que semeavam o medo nos sonhos dos homens sensíveis e os clamores imperiosos que incitavam os fiéis a partir em uma jornada de libertação e restauração. Johansen não suspeitava de tudo isso, mas Deus sabe que ele viu o suficiente!

Acredito que um único cume montanhoso — a horrenda cidadela encimada pelo monolito, onde o grande Cthulhu estava enterrado — tenha surgido das águas. Quando penso nas *dimensões* de tudo o que pode estar acontecendo nas profundezas, quase tenho vontade de suicidar-me no mesmo instante. Johansen e seus homens ficaram estarrecidos com a opulência visual da Babilônia gotejante onde os antigos demônios habitavam e, mesmo sem nenhum conhecimento prévio, devem ter intuído que aquilo não poderia ser nada normal ou terreno. O pavor ante os colossais blocos de pedra esverdeada, a altura vertiginosa do enorme monolito entalhado e a semelhança assombrosa das estátuas e baixos-relevos colossais que representavam a mesma imagem singular descoberta no *Alert* ficam patentes em todas as descrições do pobre imediato.

Sem saber o que era o futurismo, Johansen chegou muito perto de descobri-lo ao falar da cidade; pois, em vez de descrever estruturas e construções individuais, ateve-se à impressão geral de ângulos vastos e superfícies rochosas, grandes demais para pertencer a qualquer coisa própria ou típica deste mundo — um panorama impiedoso coberto por terríveis imagens e hieróglifos. Faço menção aos *ângulos* descritos por Johansen porque relacionam-se a algo que Wilcox havia me dito a respeito de seus abomináveis sonhos. O jovem afirmou que a *geometria* do cenário que avistara tinha algo de anormal, de não euclidiano, que sugeria esferas e dimensões abjetas muito além das que conhecemos. No diário, um marujo semianalfabeto registrara a mesma impressão ao contemplar a terrível realidade.

Johansen e seus homens atracaram em um barranco lodoso naquela Acrópole monstruosa e escalaram os titânicos blocos viscosos que não poderiam ser obra de nenhum mortal. O próprio sol do firmamento parecia distorcido quando visto através do miasma polarizante que emanava daquele naufrágio perverso, e um suspense deformante pairava zombeteiro nos insanos ângulos furtivos da pedra

lavrada, em que um segundo relance mostrava uma superfície côncava logo depois de havê-la mostrado convexa.

Algo muito similar ao pânico apoderou-se de todos os exploradores mesmo antes que encontrassem qualquer coisa além de gosma e algas. Todos os homens teriam fugido se não temessem a chacota dos companheiros, e assim procuraram sem muito entusiasmo — e em vão — por algum *souvenir* que pudessem levar consigo.

Foi Rodriguez, o português, que escalou até o sopé do monolito e aos gritos anunciou sua descoberta. Os outros seguiram-no e viram, com o olhar cheio de curiosidade, uma enorme porta decorada com o já familiar baixo-relevo do dragão com cabeça de lula. Era como uma enorme porta de galpão, segundo Johansen; e todos os exploradores acreditaram tratar-se de uma porta por causa do lintel decorado, do umbral e das jambas que a emolduravam, ainda que fossem incapazes de decidir se a porta era horizontal como um alçapão ou inclinada como a porta externa de um porão. Conforme Wilcox dissera, a geometria do lugar era toda errada. Não se podia afirmar com certeza que o mar e o chão estivessem na horizontal, e assim a posição relativa de todo o resto adquiria uma instabilidade fantasmática.

Briden forçou a pedra em diversos pontos sem obter nenhum resultado. Então Donovan passou as mãos por toda a extensão das bordas, apertando cada ponto à medida que prosseguia. Escalou por um tempo interminável a grotesca muralha de pedra lavrada — ou melhor, teria escalado se o objeto não estivesse em um plano horizontal — enquanto os outros se perguntavam como poderia existir uma porta tão vasta no universo. Então, aos poucos, o painel de um acre começou a ceder na parte superior; e os homens perceberam que ele estava equilibrado. Donovan deslizou ou de alguma outra forma impulsionou-se para baixo ou ao longo da jamba e reuniu-se a seus companheiros, e todos observaram o singular movimento para trás do monstruoso portal esculpido. Nessa fantasia de distorção prismática, o portal moveu-se de modo anômalo em um plano diagonal, violando todas as leis da física e da perspectiva.

A brecha estava escura, envolta em trevas quase tangíveis. Essa tenebrosidade era de fato uma *qualidade positiva*; pois ocultava paredes internas que deveriam estar visíveis, e chegava a espalhar-se como fumaça para fora do claustro onde havia passado éons aprisionada, obscurecendo o sol a olhos vistos enquanto afastava-se em direção ao céu murcho e distorcido no ruflar de asas membranosas. O odor que recendia do sarcófago recém-aberto era intolerável, e passado algum tempo Hawkins, que tinha uma audição notável, julgou ter escutado um terrível chapinhar naquelas profundezas. Todos se puseram a escutar, e seguiam escutando quando a Coisa emergiu diante de todos e, babando,

espremeu Sua imensidão gelatinosa através do portal negro em direção ao ar conspurcado que então pairava no exterior sobre a pestilenta cidade da loucura.

Neste ponto a caligrafia do pobre Johansen quase sofria um colapso. Dos seis homens que jamais retornaram ao navio, o imediato acredita que dois tenham morrido de susto naquele mesmo instante. A Coisa era indescritível — não há idioma em que se possa expressar tais abismos de angústia e loucura imemorial, tais contradições preternaturais da matéria, da força e de toda a ordem cósmica. Uma montanha caminhava ou arrastava-se. Meu Deus! Será mesmo surpreendente que no outro lado do mundo um grande arquiteto tenha enlouquecido e o pobre Wilcox tenha delirado de febre naquele instante telepático? A Coisa dos ídolos, o rebento verde e viscoso das estrelas havia despertado para reclamar o que era seu. As estrelas haviam se alinhado, e o que os adoradores ancestrais não foram capazes de fazer, por mais que tentassem, um grupo de marinheiros inocentes conseguiu por acaso. Passados vigesilhões de anos, o grande Cthulhu caminhava mais uma vez sobre o mundo, ávido por prazer.

Três homens foram abalroados pelas garras flácidas antes que tivessem tempo de se virar. Que descansem em paz, se existe alguma paz no universo. Eram Donovan, Guerrera a Ångström. Parker escorregou enquanto os três homens restantes corriam desesperados em meio a panoramas intermináveis de rocha coberta por algas para chegar ao barco, e Johansen jura que foi engolido por um ângulo de pedra lavrada que surgiu à sua frente; um ângulo agudo, mas que se comportava como se fosse obtuso. Assim, apenas Briden e Johansen alcançaram o barco e zarparam sem perder mais um instante na direção do *Alert* enquanto a monstruosidade montanhosa debatia-se sobre as pedras viscosas e cambaleava hesitante à beira d’água.

Ainda restava algum vapor na caldeira, mesmo que toda a tripulação estivesse em terra; e bastaram alguns instantes de labuta febril entre o leme e os motores para que o *Alert* deslizasse sobre as águas. Devagar, em meio aos horrores disformes daquela cena indescritível, a embarcação começou a desbravar as águas funestas; enquanto sobre a pedra lavrada nas tétricas margens extraterrenas a monstruosa Coisa estelar babava e urrava como Polifemo ao amaldiçoar o barco de Odisseu. Então, com mais ousadia do que o lendário ciclope, o grande Cthulhu deslizou envolto em gosma para dentro d’água e começou a perseguição, erguendo ondas com suas descomunais braçadas de poderio cósmico. Briden olhou para trás e enlouqueceu, soltando as gargalhadas estridentes que o acompanharam até que a morte o levasse certa noite na cabine, enquanto Johansen delirava pelo navio.

Mas Johansen ainda não havia sucumbido. Sabendo que a Coisa poderia muito bem alcançar o *Alert* enquanto a caldeira não estivesse a todo vapor, o

imediato fez uma aposta desesperada; e, depois de acelerar o navio ao máximo, correu como um raio pelo convés e virou a roda do leme. Um poderoso redemoinho espumante formou-se no clamor das águas salgadas e, enquanto a pressão do vapor subia a níveis cada vez mais altos, o bravo norueguês pôs o navio em rota de colisão com a criatura gelatinosa que se erguia acima da escuma impura como a popa de um galeão demoníaco. A terrível cabeça de lula e os tentáculos convulsos por pouco não tocaram o gurupés do robusto iate, mas Johansen seguiu em frente sem a menor hesitação. Sobreveio um estrondo como o de uma bexiga explodindo, uma massa viscosa como a de um peixe-lua cortado ao meio, um fedor como o de mil covas abertas e um som que o cronista foi incapaz de registrar no papel. Naquele instante o navio foi envolvido por uma acre e cegante nuvem verde, e logo não havia mais do que uma convulsão peçonhenta a ré; onde — Deus do céu! — a os fragmentos espalhados daquele rebento celestial inominável estavam se *recombinando* para voltar à odiosa forma original, ao passo que a distância aumentava a cada segundo enquanto o *Alert* ganhava mais ímpeto com o aumento do vapor na caldeira.

Isso foi tudo. Passado o pior, Johansen não fez mais do que meditar sobre o ídolo na cabine e cuidar de assuntos relativos às provisões para si e para o maníaco gargalhante que o acompanhava. O homem não tentou navegar depois dessa fuga heroica, pois a reação lhe arrancara um pedaço à alma. Então veio a tempestade do dia dois de abril, e as nuvens toldaram-lhe a razão. Nesse ponto há uma sensação de vertigem espectral por entre abismos líquidos de infinitude, de passagens atordoantes por universos giratórios na cauda de um cometa e de investidas histéricas do precipício à lua e da lua de volta ao precipício, sensações tornadas ainda mais pungentes pelo coro de escárnio formado pelos disformes e grotescos deuses ancestrais e pelos verdes demônios zombeteiros com asas de morcego que habitam o Tártaro.

Mas desse sonho veio o socorro — o *Vigilant*, o tribunal do vice-almirantado, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta a Noruega, até a antiga casa junto à Egeberg. Mas não havia como contar — Johansen seria tido por louco. Assim, decidiu escrever o que sabia antes de morrer, mas sua esposa não deveria saber de nada. A morte seria uma bênção se pudesse apagar as memórias.

Foi esse o documento que li e depois guardei na caixa de latão junto ao baixo-relevo e aos demais papéis do professor Angell. O mesmo fim deve ter meu relato — essa provação à minha sanidade que correlaciona o que eu espero jamais seja correlacionado outra vez. Vi tudo o que o universo abriga em termos de horror, e desde então até mesmo os céus da primavera e as flores do verão são veneno para mim. Mas creio que viverei pouco. Assim como meu tio se foi, como o pobre Johansen se foi, eu também irei. Sei demais, e o culto ainda vive.

Imagino que Cthulhu também ainda esteja vivo naquele abismo de pedra que o abriga desde a época em que o sol era jovem. A cidade maldita afundou outra vez, pois o *Vigilant* singrou aquelas águas depois da tormenta de abril; mas os mensageiros de Cthulhu na Terra ainda bradam e desfilam e matam ao redor de monolitos coroados por ídolos em lugares ermos. A criatura deve ter ficado presa em seu abismo negro durante o naufrágio, pois de outra forma hoje o mundo estaria mergulhado no pavor e na loucura. Que fim terá essa história? O que emergiu pode afundar, e o que afundou pode emergir. A repulsa aguarda e sonha nas profundezas, e a decadência espalha-se pelas frágeis cidades dos homens. O momento chegará — mas não devo e não posso pensar! Rezo para que, se eu não sobreviver a este manuscrito, meus executores ponham a cautela antes da ousadia e cuidem para que ninguém mais lhe ponha os olhos.

O Modelo de Pickman (1926)

Você não precisa achar que sou louco, Eliot — muitas pessoas têm superstições ainda mais estranhas. Por que você não ri do avô de Oliver, que se recusa a andar de carro? Se eu não gosto daquele maldito metrô, o problema é meu; e além disso chegamos mais depressa de táxi. Com o metrô, precisaríamos ter subido o morro desde a Park Street.

Eu sei que estou mais nervoso do que estava quando você me viu ano passado, mas você também não precisa criar caso. Tenho bons motivos, só Deus sabe, e considero-me um homem de sorte por não ter enlouquecido. Mas afinal, por que esse interrogatório? Você não era tão inquisitivo.

Bem, se você quer saber, não vejo por que não contar. Talvez você deva saber mesmo, pois me escreveu como um pai preocupado quando soube que eu havia deixado o Art Club e me afastado de Pickman. Agora que ele sumiu eu apareço no clube de vez em quando, mas os meus nervos já não são mais os mesmos.

Não, não sei que fim levou Pickman, e não gosto sequer de imaginar. Você deve ter concluído que eu tinha alguma informação privilegiada quando o abandonei — e é por isso que eu não quero nem imaginar para onde ele foi. A polícia que trate de descobrir o quanto puder — não vai ser muita coisa, sendo que até agora eles ainda não sabem de nada a respeito do velho estúdio que Pickman alugava em North End sob o nome de Peters.

Nem eu sei se saberia voltar lá — e de qualquer forma não pretendo tentar, nem mesmo à luz do dia!

Sim, eu sei, ou temo saber, por que ele o alugava. Já vou chegar lá. E acho que antes de eu acabar você vai entender por que não comunico a polícia. Eles me pediriam para guiá-los, mas eu não conseguiria voltar lá nem que soubesse o caminho. Havia alguma coisa lá — e agora não consigo mais andar de metrô nem (fique à vontade para rir disto também) descer a porão algum.

Achei que você saberia que eu não me afastei de Pickman pelas mesmas razões estúpidas que levaram velhas caprichosas como o dr. Reid ou Joe Minot ou Rosworth a abandoná-lo. A arte mórbida não me choca, e quando um homem tem o gênio de Pickman eu me sinto honrado ao conhecê-lo, independente do caráter de sua arte. Boston jamais teve um pintor maior do que Richard Upton Pickman. Eu disse e repito, e não mudei em nada a minha opinião quando ele me mostrou aquele *Ghoul se alimentando*. Você lembra? Foi naquela época que Minot o cortou.

Sabe, é preciso um profundo talento e uma profunda compreensão da Natureza para produzir obras como as de Pickman. Qualquer amador que desenhe capas de revistas pode espalhar a tinta de um jeito qualquer e chamar o resultado de pesadelo ou de sabá das bruxas ou de retrato do demônio, mas só um grande pintor consegue fazer uma coisa dessas parecer realmente assustadora ou convincente. É por isso que só um artista de verdade conhece a fundo a anatomia do terror ou a psicologia do medo — o tipo exato de linhas e proporções que se ligam a instintos latentes ou memórias hereditárias de pavor, e os contrastes e a iluminação que despertam o sentimento de estranheza adormecido. Não preciso dizer a você por que um Fuseli faz nossos ossos literalmente se enregelarem, enquanto um frontispício de história de terror só nos faz rir. Existe alguma coisa que esses sujeitos captam — algo além da vida — que eles conseguem nos fazer captar por um breve instante. Com Doré era assim. Com Sime é assim. Com Angarola, de Chicago, é assim. E quanto a Pickman — nenhum homem jamais foi como ele e, por Deus, espero que jamais seja outra vez.

Não me pergunte o que eles veem. Você sabe, na arte convencional existe uma enorme diferença entre as coisas vivas, de verdade, criadas a partir da natureza ou de modelos, e o lixo artificial que os peixes pequenos em geral produzem num estúdio precário. Bem, devo dizer que um artista realmente excêntrico tem um tipo de visão que cria modelos, ou invoca alguma coisa equivalente a cenas reais do mundo espectral em que vive. Seja como for, Pickman consegue resultados que se distinguem dos sonhos alucinados de um impostor mais ou menos como os resultados obtidos por um pintor da natureza distinguem-se das garatujas de um cartunista formado por correspondência. Se eu alguma vez tivesse visto o que Pickman via — mas não! Escute, vamos beber alguma coisa antes de continuar o assunto. Meu Deus, eu não estaria vivo hoje se tivesse visto o que aquele homem — se é que era um homem — via!

Você lembra que o forte de Pickman eram os rostos. Acho que ninguém, desde Goya, foi capaz de representar o inferno em estado bruto nos traços de um rosto ou em uma expressão contorcida. E antes de Goya você precisa voltar até os sujeitos medievais que fizeram os gárgulas e as quimeras em Notre-Dame e em Mont Saint-Michel. Eles acreditavam em todo tipo de coisa — e talvez também vissem todo tipo de coisa, afinal a Idade Média teve umas fases bem curiosas. Eu lembro que uma vez, um ano antes da sua partida, você perguntou a Pickman de onde raios ele tirava aquelas ideias e visões. Foi bem macabra a risada que ele deu, não? Em parte foi por causa daquela risada que Reid se afastou dele. Reid, você sabe, mal havia começado a estudar patologia comparada e já estava cheio de “conhecimentos especializados” pomposos sobre a importância biológica ou evolutiva deste ou daquele sintoma mental ou físico. Ele disse que Pickman o repelia mais a cada dia, e que nos últimos tempos quase o assustava — que os

traços e a expressão no rosto dele aos poucos se desenvolviam de um modo que não o agradava; de um modo que não era humano. Reid veio cheio de conversas sobre alimentação e disse que Pickman deveria ser anormal e excêntrico ao extremo. Imagino que você tenha dito a Reid, se vocês trocaram alguma correspondência a respeito, que os nervos ou a imaginação dele ficavam muito abalados com as pinturas de Pickman. Eu ao menos disse — na época.

Mas lembre que eu não me afastei de Pickman por nada disso. Pelo contrário, minha admiração por ele só aumentava; aquele *Ghoul se alimentando* era uma obra magnífica. Como você sabe, o clube se recusou a exibi-lo, e o Museu de Belas Artes não o aceitou nem de presente; além do mais, ninguém queria comprá-lo, então o quadro ficou pendurado na casa de Pickman até o dia em que ele sumiu. Agora está com o pai dele em Salem — você sabe que Pickman vem de uma antiga família de Salem, e que algum antepassado dele foi enforcado por bruxaria em 1692.

Habituei-me visitar Pickman com certa frequência, em especial depois que comecei a tomar notas para escrever uma monografia sobre arte fantástica. Foi provavelmente o trabalho dele que enfiou essa ideia na minha cabeça e, de qualquer modo, ele se revelou uma verdadeira mina de informações e sugestões quando resolvi levar o projeto adiante. Pickman me mostrou todas as pinturas e desenhos que tinha; inclusive alguns rascunhos em bico-de-pena que, acredito, teriam rendido uma expulsão do clube se os outros membros tivessem-nos visto. Logo eu tinha virado quase um seguidor, e ficava como um colegial, escutando, por horas a fio, teorias estéticas e especulações filosóficas loucas o bastante para que o internassem no hospício de Danvers. Essa devoção ao meu herói, somada ao fato de que em geral as pessoas tinham cada vez menos contato com ele, levaram-no a depositar muita confiança em mim; e em uma certa noite ele insinuou que se eu ficasse de bico fechado e não fizesse alarde, ele me mostraria algo um tanto incomum — algo um pouco mais forte do que qualquer outra coisa na casa.

“Você sabe”, disse ele, “certas coisas não foram feitas para a Newbury Street — coisas que ficam deslocadas e que de qualquer modo são impensáveis aqui. O meu interesse é captar as sutilezas da alma, e você não vai achar nada parecido com isso em um conjunto de ruas cheias de novos-ricos em um aterro. A Back Bay não é Boston — ainda não é nada, porque não teve tempo de guardar memórias e atrair espíritos locais. Se existem fantasmas aqui, são os fantasmas mansos de um pântano salgado e de uma pequena gruta; mas eu quero fantasmas humanos — fantasmas de seres inteligentes o bastante para terem visto o inferno e compreendido o que viram.

“O lugar ideal para um artista morar é o North End. Se os estetas fossem sinceros, aguentariam os bairros pobres em nome das tradições acumuladas. Por

Deus! Você não vê que lugares como aquele não foram simplesmente construídos, mas cresceram de verdade? Gerações e mais gerações viveram e sofreram e morreram por lá, e numa época em que as pessoas não tinham medo de viver e sofrer e morrer. Você não sabe que havia um moinho em Copp's Hill em 1632, e que metade das ruas atuais já existiam em 1650? Posso mostrar para você casas que estão de pé há mais de dois séculos e meio; casas que presenciaram coisas que fariam uma casa moderna desabar em ruínas. O que os modernos entendem sobre a vida e as forças que se escondem por trás dela? Você diz que a bruxaria de Salem é uma mera superstição, mas eu aposto que a vó da minha bisavó teria histórias para contar. Ela morreu enforcada em Gallows Hill, sob o olhar farisaico de Cotton Mather. Mather, que o diabo o carregue, temia que alguém conseguisse escapar dessa maldita prisão de monotonia — como eu queria que alguém o tivesse enfeitiçado ou chupado seu sangue à noite!

"Posso mostrar a você a casa onde ele morava e também uma outra onde tinha medo de entrar, apesar de todo aquele falatório destemido. Ele sabia de coisas que não ousou escrever naquela estupidez de *Magnalia* ou nos deslumbres pueris de *Wonders of the Invisible World*. Escute, você sabia que por todo o North End havia um conjunto de túneis que ligavam as casas umas às outras, e também ao cemitério e ao mar? Os caçadores de bruxas podiam procurar à vontade na superfície — dia após dia aconteciam coisas fora do alcance deles, e vozes indefiníveis riam à noite!

"Ah, pegue dez casas construídas antes de 1700 ainda no terreno original e aposto que em oito delas eu descubro alguma coisa estranha no porão. É raro passar um mês sem que você leia uma notícia sobre trabalhadores que, ao demolir construções antigas, descobrem arcadas fechadas com tijolos e poços que não levam a lugar nenhum — no ano passado dava para ver uma casa assim quando o trem elevado passava pela Henchman Street. Havia bruxas e o que os feitiços delas invocavam; piratas e o que traziam do mar; corsários — é o que eu digo, antigamente as pessoas sabiam viver e ampliar os horizontes da vida! Esse não era o único mundo que um homem sábio e destemido podia conhecer — pfui! E pensar nos dias de hoje, com intelectos tão apagados que até mesmo um clube de supostos artistas sente calafrios e convulsões se uma pintura ofende a sensibilidade de uma mesa de chá na Beacon Street!

"O único aspecto positivo do presente é que ele é estúpido demais para fazer perguntas detalhadas acerca do passado. O que os mapas e registros e guias de viagem nos informam a respeito do North End? Ha! Eu garanto que vou levá-lo a trinta ou quarenta vielas e emaranhados de vielas ao norte da Prince Street que não são conhecidos por mais de dez pessoas além dos estrangeiros que se amontoam por lá. E o que aqueles carcamanos entendem disso? Não, Thurber, esses lugares antigos têm sonhos maravilhosos e transbordam enlevo e horror e

fugas dos lugares-comuns, mas nem assim aparece uma vivalma que os compreenda ou se beneficie deles. Ou melhor, existe uma alma — afinal, não estive revirando o passado a troco de nada!

"Quem diria, você se interessa por essas coisas. E se eu dissesse que tenho um outro estúdio por lá, onde posso captar o espírito noturno de horrores ancestrais e pintar coisas que eu não conseguiria sequer imaginar na Newbury Street? Claro que as titias velhas do clube não sabem disso — com Reid, maldito seja, espalhando boatos de que sou algum tipo de monstro descendo o tobogã da evolução reversa. É, Thurber, há muito tempo eu decidi que, assim como a beleza, também se deve pintar o terror a partir da observação, então explorei alguns lugares onde eu tinha motivos para acreditar que o terror habitava.

"Além de mim, não mais do que três homens nórdicos devem ter visto o lugar. Não fica muito longe do trem elevado, mas em relação à alma são séculos de distância. Escolhi ficar lá por causa do velho poço de tijolos no porão — um dos que mencionei há pouco. A construção está prestes a cair, então ninguém quer morar por lá, e eu detestaria contar a você a bagatela que estou pagando. As janelas estão fechadas com tábuas, mas isso é ainda melhor para mim, já que não preciso de luz solar para o meu trabalho. Eu pinto no porão, onde a inspiração atinge o grau máximo, mas também tenho outras salas no térreo. O proprietário é siciliano, e aluguei o estúdio sob o nome Peters.

"Se você estiver a fim, posso levá-lo hoje à noite até lá. Acho que você iria gostar dos quadros, pois, como eu disse, deixei a imaginação correr solta. Não é longe — às vezes faço o trajeto a pé, porque não quero chamar atenção aparecendo de táxi num lugar daqueles. Podemos pegar o trem na South Station em direção à Battery Street, e de lá é só uma caminhada curta."

Bem, Eliot, não me restou muita coisa a fazer depois de todo esse falatório senão conter a vontade de sair correndo e pegar o primeiro táxi livre que aparecesse na nossa frente. Trocamos para o trem elevado na South Station e, por volta do meio-dia, já tínhamos descido a escadaria da Battery Street e chegado ao antigo porto depois de Constitution Wharf. Eu não prestei atenção nas ruas transversais e não saberia dizer em qual delas entramos, mas sei que não foi em Greenough Lane.

Quando dobramos, foi para subir pela desolação da viela mais antiga e mais imunda que eu já vi em toda a minha vida, cheia de empenas que pareciam prestes a desmoronar, janelinhas quebradas e chaminés arcaicas que se erguiam meio decrépitas contra o céu enluarado. Acho que eu não vi nem três casas construídas depois da época de Cotton Mather — tenho certeza de que vi pelo menos duas com beirais, e lá pelas tantas tive a impressão de ver um telhado de duas águas anterior às mansardas, embora os antiquários digam que não restou nenhuma casa assim em Boston.

Ao sair dessa viela, que tinha iluminação tênue, dobramos à esquerda em direção a uma outra viela tão silenciosa quanto e ainda mais estreita, sem iluminação alguma: em seguida, no escuro, fizemos o que eu acredito ter sido uma curva em ângulo obtuso à direita. Logo Pickman sacou uma lanterna e revelou uma porta antediluviana de dez painéis que parecia devastada pelos cupins. Depois de abri-la, ele me levou por um corredor vazio guarnecido com o que em outras épocas tinham sido lambris de carvalho escuro — um mero detalhe, mas que fazia pensar em Andros e em Phipps e na bruxaria. Então passamos por uma porta à esquerda, ele acendeu uma lamparina a óleo e disse que eu podia ficar à vontade.

Eliot, você sabe que eu sou o tipo de sujeito que costumam chamar de "durão", mas confesso que fiquei perturbado com o que vi nas paredes daquele cômodo. Eram as pinturas — as pinturas que Pickman não podia pintar nem exibir na Newbury Street — e ele tinha toda a razão quando disse que havia deixado a imaginação "correr solta". Vamos — peça outra bebida — eu, ao menos, preciso de mais uma!

Nem adianta eu tentar descrever os quadros para você, porque o horror blasfemo e a inacreditável repulsa e decadência moral vinham de toques discretos, muito além do poder descritivo das palavras. Não havia nenhum elemento da técnica exótica que se vê nas obras de Sidney Sime, nada parecido com os cenários trans-saturnianos e fungos lunares que Clark Ashton Smith usa para nos gelar o sangue. Os cenários eram em grande parte igrejas antigas, bosques densos, escarpas à beira-mar, túneis de cimento, antigos corredores com lambril ou simples arcadas em cantaria. O cemitério de Copp's Hill, que não podia ficar muito longe daquela casa, era um dos cenários mais frequentes.

A loucura e a monstruosidade ficavam por conta das figuras em primeiro plano — pois a arte mórbida de Pickman consistia acima de tudo em retratos demoníacos. As figuras raramente eram humanas, mas muitas vezes apresentavam vários traços humanoides. Os corpos, apesar de bípedes, em sua maioria eram curvados para a frente e tinham traços vagamente caninos. A textura parecia algo borrachuda e era um tanto desagradável. Ugh! É como se eu os estivesse vendo nesse instante! As ocupações deles — bem, não me peça para entrar em detalhes. Em geral estavam se alimentando — não direi do quê. De vez em quando apareciam aos bandos em cemitérios ou passagens subterrâneas, e muitas vezes pareciam disputar uma presa — ou, melhor dizendo, um tesouro. E que expressividade incrível Pickman dava aos rostos inertes daqueles espólios macabros! Às vezes as criaturas apareciam saltando por janelas abertas à noite, ou agachadas sobre o peito de pessoas adormecidas, observando suas gargantas. Uma tela mostrava as criaturas latindo em volta de uma bruxa enforcada em

Gallows Hill, cuja expressão cadavérica guardava uma estreita semelhança com a expressão delas.

Mas não ache que foi a escolha dos temas e cenários tétricos o que me levou a fraquejar. Não sou nenhuma criança, e já vi muita coisa assim antes. Eram os rostos, Eliot, aqueles malditos rostos com sorrisos de escárnio e fios de baba pendente que pareciam sair da tela com o sopro da vida! Por Deus, eu pensei que estivessem vivos! Aquele mago repulsivo tinha despertado os fogos do inferno em pigmento, e o pincel dele conjurou terríveis pesadelos. Passe-me a garrafa, Eliot!

Havia um quadro chamado *A lição* — Deus me perdoe por ter visto aquilo! Escute — você consegue imaginar um grupo de seres caninos inomináveis, agachados em círculo num cemitério, ensinando uma criança a se alimentar como eles? O preço de uma criança trocada, imagino — você conhece a velha lenda sobre pessoas estranhas que deixavam suas crias nos berços em troca dos bebês humanos que raptavam. Pickman estava mostrando o que acontece às crianças raptadas — como é a vida delas — e então eu comecei a ver uma semelhança pavorosa entre os rostos humanos e os inumanos. Pickman, com todas as gradações de morbidez entre o manifestamente inumano e a humanidade degradada, estabelecia uma linhagem e uma evolução sardônica. As criaturas caninas descendiam de humanos!

Eu mal havia me perguntado o que aconteceria às crias daqueles seres deixadas ao cuidado de humanos quando avistei uma pintura que materializava esse mesmo pensamento. Era o interior de uma antiga casa puritana — um cômodo com inúmeras vigas e gelosias, um arquibanco e outros móveis desengonçados do século XVII, com toda a família sentada enquanto o pai lia uma passagem da Bíblia. Todos os rostos, com a exceção de um, tinham uma expressão nobre e reverente, mas aquele um refletia o escárnio das profundezas. Era o rosto de um garoto, sem dúvida tido por filho daquele pai tão devoto, mas que na verdade tinha parentesco com os seres impuros. Era a outra criança trocada — e, num espírito de suprema ironia, Pickman havia pintado o rosto do garoto com notável semelhança ao seu próprio.

Nesse ponto Pickman já havia acendido uma lamparina no cômodo ao lado e, com excelentes modos, segurou a porta aberta para que eu passasse; perguntou se eu gostaria de ver seus “estudos modernos”. Eu não tinha conseguido comunicar a ele as minhas impressões — o pavor e a repulsa me emudeciam — mas acho que ele entendeu o que se passava e considerou tudo aquilo um grande elogio. E mais uma vez, Eliot, faço questão de repetir que não sou nenhum maricas que sai gritando ao ver qualquer coisa que se afaste um pouco do trivial. Sou um homem de meia-idade, sofisticado, e você me viu na França e sabe que não me deixo afetar por qualquer coisa. Também não esqueça que eu mal havia

recuperado o fôlego e me acostumado àquelas figuras pavorosas que transformavam a Nova Inglaterra colonial em um anexo do inferno. Mas, bem, apesar de tudo isso, o cômodo seguinte me fez soltar um grito, e precisei me agarrar ao vão da porta para não cair. O primeiro aposento mostrava grupos de ghouls e de bruxas à solta no mundo de nossos antepassados, mas esse outro trazia o horror para a nossa vida cotidiana!

Meu Deus, como aquele homem pintava! Ele tinha um estudo chamado *Acidente no metrô* em que um bando das criaturas vis saía de alguma catacumba desconhecida por uma rachadura no piso da estação na Boston Street e atacava a multidão de pessoas que aguardava na plataforma. Um outro mostrava um baile entre os túmulos de Copp's Hill, com uma paisagem contemporânea ao fundo. Além disso, havia inúmeras cenas em porões com monstros passando através de buracos e frestas na cantaria e rindo agachados atrás de barris ou fornalhas enquanto esperavam a primeira vítima descer as escadas.

Uma tela repugnante parecia mostrar uma parte de Beacon Hill tomada por exércitos dos monstros mefíticos enfiados em inúmeras tocas que conferiam ao chão o aspecto de um favo de mel. Bailes nos cemitérios de hoje eram temas recorrentes, e uma outra composição me chocou mais do que todas as outras — uma cena no interior de uma arcada desconhecida, onde inúmeras criaturas amontoavam-se em torno de uma outra, que tinha nas mãos um famoso guia de Boston e estava sem dúvida lendo em voz alta. Todos apontavam para uma certa passagem, e cada um daqueles rostos parecia tão desfigurado pelas risadas epilépticas e reverberantes que eu quase pude ouvir os ecos demoníacos. O título da obra era *Holmes, Lowell e Longfellow enterrados em Mount Auburn*.

Enquanto aos poucos eu me recompunha e habituava-me ao segundo aposento de crueldade e morbidez, comecei a analisar algumas características da minha repulsa. Em primeiro lugar, disse eu para mim mesmo, aquelas coisas me repeliam devido ao caráter absolutamente inumano e à crueza impiedosa que revelavam em Pickman. O sujeito deveria ser um inimigo ferrenho de toda a humanidade para sentir tamanho júbilo com a tortura de carnes e miolos e a degradação do invólucro mortal. Em segundo lugar, me aterrorizavam justamente por causa de sua grandeza. Aquele era o tipo de arte que convence — ao ver as pinturas, víamos os próprios demônios e sentíamos medo. E o mais estranho era que Pickman não obtinha esse efeito com requintes fantásticos ou bizarrias. Não havia elementos borrados, distorcidos ou estilizados; os contornos eram nítidos e realistas, e os detalhes, executados à perfeição. E os rostos!

Não era a simples interpretação de um artista o que víamos; era o pandemônio encarnado, claro e objetivo como um cristal. Céus! Aquele homem não era um romântico ou um fantasista, não! Ele sequer tentava representar o caráter inquieto, prismático e efêmero dos sonhos; em vez disso, com frieza e

sarcasmo, refletia um mundo de horror perene, mecanístico e bem-estabelecido, que ele enxergava com abrangência, brilhantismo, objetividade e decisão. Só Deus sabe onde aquele mundo poderia estar, ou onde Pickman teria vislumbrado as formas blasfemas que andavam, corriam e arrastavam-se por lá; mas qualquer que fosse a assombrosa origem das imagens, uma coisa estava clara. Pickman era, em todos os sentidos — na composição e na execução — um realista talentoso, esmerado e quase científico.

Meu anfitrião conduziu-me pelas escadas até o porão onde ficava o estúdio propriamente dito, e eu me preparei para mais cenas demoníacas em meio às telas inacabadas. Quando chegamos ao fim da úmida escadaria ele virou a lanterna para um canto do amplo espaço à nossa frente, revelando um contorno circular de tijolos que sem dúvida era um grande poço no chão de terra batida. Chegamos mais perto e eu vi que o poço deveria ter um metro e meio de diâmetro, com paredes de uns trinta centímetros de espessura a cerca de quinze centímetros do chão — uma sólida construção do século XVII, a não ser que eu estivesse muito enganado. Aquilo, disse Pickman, era o tipo de coisa sobre as quais vinha falando — um acesso ao sistema de túneis que existia sob o morro. Percebi quase sem querer que a abertura do poço não estava cimentada, e que um disco de madeira fazia as vezes de tampa. Ao pensar nas coisas que aquele poço evocava se os comentários de Pickman não fossem pura retórica, estremeci de leve; então me virei para subir mais um degrau e atravessar uma porta estreita que conduzia a um aposento bastante amplo, com piso de madeira e equipado como estúdio. Uma lamparina a acetileno providenciava a iluminação necessária para o trabalho.

As telas inacabadas sobre os cavaletes ou apoiadas de encontro à parede eram tão macabras quanto as do andar superior, e demonstravam a apurada técnica do artista. As cenas pareciam esboçadas com extremo cuidado, e os contornos a lápis denunciavam a técnica minuciosa que Pickman usava para obter a perspectiva e as proporções corretas. O homem era genial — e digo isso agora, mesmo sabendo de tudo o que eu sei. Uma enorme câmera fotográfica em cima de uma mesa chamou a minha atenção, e Pickman me disse que a usava para fotografar os cenários e pintá-los a partir das fotografias, no estúdio, em vez de sair carregando toda a sua parafernália pela cidade. Ele achava que uma fotografia servia tão bem quanto um cenário ou um modelo real, e declarou que as usava com bastante frequência.

Havia algo de muito perturbador naqueles esboços nauseantes e monstruosidades inacabadas que escarneciam ao nosso redor, e quando Pickman de repente levantou o pano que cobria uma enorme tela no lado mais afastado da luz eu não consegui evitar um grito — o segundo que soltei naquela noite. O grito ecoou e ecoou pelas arcadas tenebrosas do antigo e nitroso porão, e precisei sufocar uma reação impetuosa que ameaçava irromper como um surto de

gargalhadas histéricas. Misericórdia! Eliot, eu não sei o quanto era real e o quanto era delírio. Não me parece possível que a Terra abrigue um sonho como aquele!

Era uma blasfêmia colossal, inominável, com olhos em brasa, e trazia nas garras ossudas algo que podia ser um homem ao mesmo tempo em que lhe roía a cabeça como uma criança mordisca um doce. A criatura estava meio agachada, e dava a impressão de que a qualquer momento poderia largar a presa em busca de uma refeição mais suculenta. Mas para o inferno com tudo, não era o tema demoníaco o que fazia daquela pintura uma fonte imortal de pavor — nem sequer o rosto canino com orelhas pontudas, olhos injetados, nariz achatado e lábios salivantes. Não eram as garras escamadas nem o corpo recoberto de mofo nem os cascos — não, mesmo que alguns desses elementos pudessem ter levado um homem impressionável à loucura.

Era a técnica, Eliot — aquela técnica ímpia, maldita, sobrenatural! Assim como eu estou vivo, em nenhuma outra ocasião vi o sopro da vida tão presente em uma tela. O monstro estava lá — roendo com raiva e com raiva roendo — e eu sabia que só uma suspensão das leis da Natureza poderia facultar a um homem pintar uma coisa daquelas sem ter um modelo — sem vislumbrar o mundo das profundezas jamais vislumbrado pelos mortais que não venderam a alma ao Diabo.

Preso com um percevejo a um canto vazio da tela havia um papel enrolado — provavelmente, imaginei, uma fotografia que Pickman estava usando a fim de pintar um cenário tão hediondo quanto o pesadelo que deveria incrementar. Estendi a mão para desenrolá-lo e ver do que se tratava quando, de repente, vi Pickman dar um sobressalto tão grande como se houvesse levado um tiro. Ele vinha prestando muita atenção aos sons ambientes desde que o meu grito de horror despertou ecos estranhos no porão escuro, e naquele instante pareceu levar um susto que, embora pequeno em relação ao meu, era de natureza muito mais física do que espiritual. Pickman sacou um revólver e fez um gesto pedindo silêncio, então deixou o aposento rumo ao porão principal e fechou a porta atrás de si.

Acho que fiquei paralisado por um instante. Atentando aos sons como Pickman, julguei ter ouvido um leve rumor em algum lugar, e uma série de grunhidos ou batidas em uma direção que eu não conseguia determinar. Pensei em ratos gigantes e estremeci. Então sobreveio um ruído que me deu calafrios pelo corpo inteiro — um ruído furtivo, incerto, embora nem eu saiba ao certo como pôr isso em palavras. Era como o som de madeira caindo na pedra ou em tijolos — madeira em tijolos — no que isso me fez pensar?

O ruído voltou, mais alto. Na segunda vez tive a impressão de que a madeira havia caído um pouco mais longe do que na primeira. Logo depois ouvi um rangido estridente, uma frase incompreensível de Pickman e a descarga

ensurdecedora dos seis cartuchos do revólver, deflagrados de modo espetacular, como um domador de leões atira para o alto a fim de impressionar a plateia. Um grunhido ou um chiado e a seguir uma batida. Então mais uma vez o atrito de madeira contra tijolos, uma pausa, e porta se abriu — e nesse ponto eu confesso que dei um sobressalto violento. Pickman reapareceu com o revólver fumegante, amaldiçoando os ratos inchados que infestavam o antigo poço.

"Nem o diabo sabe o que eles comem, Thurber", disse ele, sorrindo, "afinal esses túneis arcaicos se ligavam a cemitérios e covis de bruxas e orlas marítimas. Mas, seja o que for, deve ter acabado, porque eles estavam loucos para sair. Acho que o seu grito os deixou agitados. É melhor tomar cuidado nesses lugares antigos — nossos amigos roedores são a única desvantagem, mesmo que às vezes eu os considere úteis para criar a atmosfera ideal."

Bem, Eliot, esse foi o fim da minha aventura noturna. Pickman tinha prometido me mostrar o estúdio, e Deus sabe que ele cumpriu a promessa. Tenho a impressão de que depois ele me conduziu para longe daquele emaranhado de vielas por um outro caminho, pois quando avistamos um poste de iluminação estávamos numa rua meio familiar com fileiras monótonas de condomínios e casas antigas. Era a Charter Street, mas eu ainda estava muito impressionado para notar a altura exata. Já era tarde demais para pegar o trem elevado, e assim caminhamos até o centro pela Hanover Street. Lembro bem daquele muro. Da Tremont pegamos a Beacon, e Pickman me deixou na esquina com a Joy, de onde parti. Nunca mais falei com ele.

Por que eu me afastei? Não seja tão impaciente. Espere até eu pedir um café. Já bebemos um bocado, mas eu ainda preciso tomar alguma coisa. Não — não foi por causa das pinturas que vi naquele lugar; mas eu juro que elas seriam o suficiente para causar o ostracismo de Pickman em nove de cada dez lares e clubes de Boston, e acho que agora você deve entender por que não entro mais em metrôs nem em porões. Foi — foi por causa de uma coisa que eu achei no bolso do meu casaco na manhã seguinte. Era o papel enrolado que estava preso àquela horrível tela no porão, sabe; a coisa que eu imaginei ser uma fotografia de alguma cena que ele pretendesse usar como cenário para o monstro. O último susto veio quando eu estava estendendo a mão para desenrolá-lo, e acho que inadvertidamente o pus no bolso. Ah, aqui está o café — tome-o puro, Eliot, se você for capaz.

Sim, foi por causa daquele papel que eu me afastei de Pickman; Richard Upton Pickman, o maior artista que eu conheci — e o ser mais asqueroso a ultrapassar os limites da vida rumo às profundezas do mito e da loucura. Eliot — o velho Reid tinha razão. Pickman não era humano. Ou ele nasceu em uma estranha região sombria, ou então descobriu um jeito de abrir os portais secretos.

Mas agora não vem ao caso; Pickman desapareceu — em meio às trevas fabulosas que tanto gostava de visitar. Escute, vamos acender o lustre.

Não me pergunte ou sequer faça conjecturas a respeito do que eu queimei. Também não me pergunte o que havia por trás daqueles ruídos parecidos com os de toupeiras que Pickman fez questão de atribuir aos ratos. Você sabe, existem segredos que podem ter sobrevivido desde os antigos tempos de Salem, e Cotton Mather fala sobre coisas ainda mais estranhas. E você lembra de como as pinturas de Pickman eram realistas — de como todos nós nos perguntávamos de onde ele tirava aqueles rostos.

Bem — aquele papel não era a fotografia de um cenário. Mostrava simplesmente o ser monstruoso que ele estava pintando naquela tela horrenda. Era o modelo de Pickman — e o cenário ao fundo era apenas a parede do estúdio no porão. Mas por Deus, Eliot, *era uma fotografia!*

A Cor Que Caiu do Espaço (1927)

A oeste de Arkham as colinas se erguem selvagens, e existem vales de raízes profundas que nenhum machado jamais cortou. Existem desfiladeiros sombrios e estreitos onde as árvores se inclinam de maneira fantástica e onde pequenos riachos correm sem jamais ter refletido a luz do sol. Nas encostas mais suaves existem antigas fazendas de pedra com cabanas atarracadas e cobertas de musgo que por toda a eternidade ponderam os segredos da Nova Inglaterra, abrigadas pelas saliências rochosas; mas hoje estão todas vazias, com as chaminés em ruínas e as laterais cedendo sob o peso das baixas mansardas. Os antigos habitantes foram embora, e os estrangeiros não gostam de morar por lá. Os franco-canadenses tentaram, os italianos tentaram e os poloneses vieram e foram embora. Não devido a coisas que possam ser vistas, ouvidas ou tocadas, mas devido a coisas imaginadas. O lugar não faz bem para a imaginação e não traz sonhos tranquilos à noite. Deve ser isso o que mantém os estrangeiros afastados, pois o velho Ammi Pierce nunca lhes contou nada sobre as lembranças que tem daqueles dias estranhos. Ammi, que nos últimos anos não anda bem da cabeça, é o único que restou, ou ao menos o único que ainda se atreve a falar hoje em dia; pois mora em uma casa próxima aos campos abertos e às estradas movimentadas no entorno de Arkham.

Antes havia uma estrada que atravessava as colinas e os vales e que cortava o terreno onde hoje fica o descampado maldito; mas as pessoas deixaram de usá-la e uma nova estrada curva foi construída mais ao sul. Ainda se encontram resquícios do antigo caminho em meio às ervas daninhas da natureza selvagem que retorna, e alguns desses resquícios sem dúvida persistirão mesmo quando os vales forem inundados pela nova represa. Os bosques escuros serão cortados e o descampado maldito ficará adormecido sob águas plácidas cuja superfície há de refletir o céu e ondular ao sol. Assim os segredos daqueles dias estranhos serão um só com os segredos das profundezas; um só com a sabedoria oculta do velho oceano e com todos os mistérios da Terra primitiva.

Quando visitei as colinas e os vales para medir o terreno da nova represa disseram-me que o lugar era amaldiçoado. Escutei o comentário em Arkham, e como essa é uma cidade muito antiga e repleta de histórias sobre bruxaria, achei que a maldição devia ser algo que as avós vinham sussurrando para as crianças há séculos. O nome “descampado maldito” pareceu-me muito estranho e teatral, e me perguntei como teria entrado para o folclore dos puritanos. Mais tarde, porém, eu vi o emaranhado de vales e encostas a oeste e abandonei quaisquer perguntas

que não versassem sobre a aura de mistério ancestral que pairava sobre o lugar. Era manhã, mas nos vales sempre havia sombras à espreita. As árvores cresciam muito próximas umas das outras, e os troncos eram grandes demais em relação às espécies típicas da Nova Inglaterra. Havia um silêncio profundo demais nas veredas entre as árvores, e o chão era macio demais por conta do musgo úmido e da camada formada por incontáveis anos de putrescência.

Nos espaços abertos, e em especial ao longo da antiga estrada, pequenas fazendas empoleiravam-se nas encostas; às vezes com todas as construções ainda de pé, às vezes com apenas uma ou duas remanescentes e às vezes com apenas uma chaminé solitária ou um pequeno porão meio soterrado. As ervas daninhas e os espinheiros reinavam, e coisas furtivas e selvagens farfalhavam em meio à vegetação rasteira. Uma névoa de inquietude e opressão pairava sobre tudo; um toque irreal e grotesco, como se algum elemento vital de perspectiva ou de *chiaroscuro* não estivesse correto. Não me admirei ao saber que os estrangeiros não haviam ficado por lá, pois aquela não era uma região propícia ao sono. O cenário lembrava uma paisagem de Salvator Rosa; uma xilogravura proibida em uma história de terror.

Mas nada era tão assustador quanto o descampado maldito. Eu o reconheci assim que o enxerguei no fundo de um vale espaçoso; pois nenhum outro nome serviria para a coisa, e nenhuma outra coisa serviria para o nome. Era como se o poeta houvesse cunhado a expressão ao ver aquela região em particular. Logo que a avistei, pensei que devia ser resultado de um incêndio; mas por que nada mais havia crescido naqueles cinco acres de desolação cinzenta que se estendiam sob o céu como uma grande mancha corroída por ácido em meio aos campos e bosques? O descampado maldito ficava quase todo ao norte da antiga estrada, mas alcançava uma pequena área no outro lado. Senti relutância ao me aproximar, e mesmo assim só consegui porque o dever me chamava mais além. Não havia vegetação de nenhum tipo em toda aquela extensão de terra — apenas um fino pó cinzento que nenhum vento parecia espalhar. As árvores próximas eram doentes e retorcidas, e muitos troncos mortos apodreciam ao redor. Enquanto caminhava às pressas, percebi as pedras e os tijolos desabados de uma velha chaminé e de um porão à minha direita, bem como a bocarra escancarada de um poço abandonado cujas emanações pútridas criavam reflexos singulares quando iluminadas pelos raios de sol. Até mesmo a caminhada pelo longo e escuro bosque mais além pareceu bem-vinda em comparação, e assim compreendi os sussurros temerosos dos habitantes de Arkham. Não havia casas nem ruínas próximas; mesmo em tempos antigos o local parecia ter sido remoto e solitário. Durante o crepúsculo, com medo de atravessar mais uma vez aquele lugar aziago, retornei à cidade pela estrada curva ao sul. Senti o desejo vago de que nuvens encobrissem o céu, pois

uma estranha inquietude motivada pela vastidão celeste se havia instilado em minha alma.

À noite, fiz perguntas aos moradores mais velhos de Arkham sobre o descampado maldito e sobre “aqueles dias estranhos”, uma expressão que muitos balbuciavam de maneira evasiva. No entanto, não obtive nenhuma resposta satisfatória; descobri apenas que o mistério era bem mais recente do que eu havia pensado. Não era de maneira alguma o tema de antigas lendas, mas algo ocorrido ainda durante a vida dos meus interlocutores. Tudo aconteceu por volta de 1880, quando uma família inteira desapareceu ou foi morta. Os meus interlocutores evitavam fornecer detalhes: e como todos me disseram para não prestar atenção aos relatos fantásticos do velho Ammi Pierce, fui procurá-lo na manhã seguinte, pois eu sabia que morava sozinho na antiga cabana decrépita onde as estranhas árvores começaram a crescer. O lugar era de uma antiguidade pavorosa e exsudava o leve odor miasmático que se entranha nas casas demasiado antigas. Somente após muitas batidas insistentes consegui acordar o velho, e quando se aproximou da porta com passos tímidos e cambaleantes notei que estava feliz ao me ver. Não pareceu tão debilitado quanto eu imaginava, mas os olhos pareciam caídos; e as roupas puídas, somadas à barba branca, conferiam-lhe um aspecto de desleixo e desamparo. Sem saber qual seria a melhor forma de levá-lo a contar as histórias, fingi que tinha ido tratar de negócios; falei sobre o meu trabalho como agrimensor e fiz perguntas genéricas sobre o distrito. Ammi Pierce era muito mais inteligente e educado do que me haviam levado a imaginar e sabia tanto do assunto quanto qualquer outra pessoa com quem eu houvesse conversado em Arkham. O homem não era como outros rústicos que eu havia encontrado nos locais que seriam inundados pela represa. Não protestou contra os quilômetros de antigos bosques e fazendas que desapareceriam sob as águas, embora a situação talvez fosse outra se a casa onde morava não estivesse fora dos limites do futuro lago. Tudo o que demonstrou foi alívio; alívio em relação ao destino dos antigos vales escuros por onde havia errado ao longo de uma vida inteira. Seria melhor que ficassem sob as águas — desde aqueles dias estranhos. E, uma vez feita essa declaração, a voz rouquenha do homem diminuiu de volume enquanto o corpo inclinou-se para frente e o indicador direito começou a apontar com gestos trêmulos e impressionantes.

Foi então que ouvi a história, e enquanto aquela voz divagante rouquejava e sussurrava eu estremecia e tornava a estremecer apesar do verão. Muitas vezes tive de interromper divagações, esclarecer detalhes científicos que o homem conhecia apenas à força de repetir comentários dos pesquisadores e completar lacunas quando a lógica ou a continuidade se perdiam. Quando terminou, entendi por que estava com a sanidade um pouco abalada, e também por que os habitantes de Arkham não gostavam de falar sobre o descampado maldito. Corri de volta

para o hotel antes do pôr do sol, temeroso de que as estrelas surgissem enquanto eu estivesse ao relento; e no dia seguinte retornei a Boston para pedir demissão. Nada me levaria a adentrar mais uma vez aquele caos difuso de antigas florestas e encostas, nem a defrontar mais uma vez o cinzento descampado maldito onde o poço negro escancarava a bocarra ao lado das pedras e tijolos desabados. Logo a represa será construída, e assim todos esses segredos ancestrais estarão guardados para sempre sob as profundezas das águas. Mas nem assim eu voltaria para aquele lugar à noite — pelo menos não em uma noite com estrelas sinistras a cintilar no céu; e nada me levaria a beber a água da represa de Arkham.

Segundo o velho Ammi, tudo começou com o meteorito. Antes, as últimas lendas fantasiosas remontavam à época da perseguição às bruxas, e mesmo então os bosques ocidentais não eram temidos como a pequena ilha no Miskatonic onde o demônio aparecia ao lado de um estranho altar de pedra mais antigo do que os índios. Os bosques não eram assombrados, e o crepúsculo fantástico em meio às árvores jamais despertou temor antes daqueles dias estranhos. Mas então vieram a nuvem branca ao meio-dia, a sequência de explosões no ar e o pilar de fumaça em um vale longínquo no bosque. À noite, todos em Arkham tinham ouvido falar a respeito da enorme rocha que caiu do céu e encravou-se ao lado do poço na propriedade de Nahum Gardner. Essa era a casa que havia no lugar mais tarde ocupado pelo descampado maldito — a bela casa branca de Nahum Gardner, cercada por jardins e pomares cheios de viço.

Nahum decidiu ir até a cidade falar às pessoas sobre a pedra, e no caminho parou na casa de Ammi Pierce. Na época Ammi tinha quarenta anos, e toda sorte de coisas singulares causava-lhe forte impressão. Ammi e a esposa acompanharam os três professores da Universidade do Miskatonic que na manhã seguinte saíram às pressas para ver aquele estranho visitante do espaço sideral desconhecido, e perguntaram-se por que Nahum o havia descrito como enorme no dia anterior. Enquanto apontava para o volumoso monte marrom acima da terra revolvida e da grama chamuscada próxima à arcaica cegonha do poço, Nahum disse que havia encolhido; mas os sábios responderam que pedras não encolhem. O objeto permanecia quente, e Nahum afirmou que havia cintilado à noite. Os professores experimentaram golpeá-lo com um martelo de geólogo e descobriram que era macio. Na verdade, era macio quase a ponto de ser maleável; e os três mais rasparam do que lascaram para colher uma amostra e fazer testes no laboratório. A amostra foi levada em um velho balde tomado de empréstimo à cozinha de Nahum, pois mesmo o fragmento menor recusava-se a esfriar. Na viagem de volta os homens pararam para descansar na casa de Ammi e ficaram pensativos quando a sra. Pierce comentou que o fragmento estava encolhendo e queimando o fundo do balde. Verdade que não era um pedaço muito grande, mas talvez houvessem colhido uma amostra menor do que imaginavam.

No dia seguinte — tudo se passou em junho de 1882 —, os professores mais uma vez se puseram a caminho tomados por uma grande empolgação. Ao passar pela casa de Ammi, falaram-lhe sobre as estranhas coisas que o espécime havia feito e sobre como havia desbotado quando o puseram em um béquer. O béquer também foi danificado, e os sábios mencionaram a afinidade da estranha pedra com a sílica. O espécime havia apresentado características inimagináveis no laboratório; não fez coisa alguma e não liberou nenhum tipo de gás ocluso ao ser aquecido, não reagiu com a pérola de bórax e não se volatilizou a temperatura alguma — sequer na chama de um maçarico de oxi-hidrogênio. Mostrou-se bastante maleável na bigorna, e no escuro apresentava uma notável luminosidade. Sempre se recusando a arrefecer, o espécime despertou o entusiasmo de toda a universidade; e, quando revelou faixas brilhantes diferentes de quaisquer matizes conhecidos ao ser aquecido no espectroscópio, houve muitas conversas exaltadas sobre a descoberta de novos elementos, propriedades ópticas bizarras e outras coisas que em geral dizem os homens de ciência perplexos quando encontram o desconhecido.

Por mais quente que estivesse, o espécime foi testado em um cadinho com todos os reagentes apropriados. Não reagiu com a água. Tampouco reagiu com o ácido clorídrico. O ácido nítrico e a água-régia não faziam mais do que produzir sibilos e pequenos estouros contra aquela invencibilidade tórrida. Ammi teve dificuldade para recordar essas coisas, mas reconheceu alguns dos solventes quando recitei os nomes na ordem tradicional de aplicação. Tentaram a amônia e a soda cáustica, o álcool e o éter, o nauseante dissulfeto de carbono e uma dúzia de outros; mas, embora o peso do espécime diminuísse sem parar à medida que o tempo passava e o fragmento parecia esfriar aos poucos, os solventes não sofriam nenhuma alteração capaz de indicar que houvessem atacado a substância. Mesmo assim, não havia dúvidas de que era um metal. Para começar, era magnético; e a imersão nos solventes ácidos deu a impressão de revelar discretos traços das figuras de Widmannstätten encontradas em ferro meteórico. Quando o resfriamento alcançou um nível considerável, os testes passaram a ser conduzidos em recipientes de vidro; e as lascas do fragmento original foram deixadas em um béquer durante o trabalho. Na manhã seguinte, as lascas e o béquer haviam desaparecido sem deixar nenhum rastro, e apenas a madeira chamuscada indicava o lugar que haviam ocupado na estante.

Tudo foi relatado pelos professores ainda na porta da casa, e mais uma vez Ammi seguiu-os para ver o rochoso mensageiro das estrelas, embora dessa vez a esposa não os tenha acompanhado. Sem dúvida, havia encolhido, e nem os sóbrios professores puderam duvidar do que viram. A terra marrom havia cedido por todos os lados; e, se no dia anterior o meteorito ultrapassava os dois metros, naquele instante mal chegava a um e meio. Ainda estava quente, e os sábios

estudavam-lhe a superfície tomados pela curiosidade enquanto recolhiam uma amostra maior com o martelo e o cinzel. Cavaram um pouco mais fundo nessa segunda vez e, ao arrancar a crosta daquela massa reduzida, perceberam que o núcleo da coisa não era muito homogêneo.

Encontraram o que parecia ser a lateral de um glóbulo colorido incrustado na substância. A cor, que lembrava alguma das faixas no singular espectro do meteoro, era quase impossível de descrever; e foi apenas por analogia que puderam designá-la como tal. A textura era brilhosa, e leves batidas deram sinais do que parecia ser uma textura quebradiça e um interior oco. Um dos professores deu uma pancada firme com o martelo e o glóbulo rompeu-se com um pequeno estouro nervoso. Nada saiu lá de dentro, e todos os vestígios da coisa sumiram com a perfuração. Restou apenas um vazio esférico de aproximadamente oito centímetros, e todos julgaram provável que outros fossem aparecer à medida que a substância externa se deteriorasse.

Quaisquer conjecturas seriam em vão; e assim, após uma tentativa fútil de encontrar mais glóbulos por meio de perfurações, os pesquisadores foram embora com o novo espécime — que, no entanto, mostrou-se tão impressionante quanto o predecessor no laboratório. Além de ser quase plástico, emitir calor, magnetismo e uma pequena luminosidade, baixar a temperatura em contato com ácidos corrosivos, apresentar um espectro desconhecido, deteriorar-se na presença do ar e atacar compostos de sílica com resultados mutuamente destrutivos, o espécime não apresentava nenhuma característica que permitisse uma identificação; e ao final dos testes os cientistas foram obrigados a reconhecer que não sabiam como classificá-lo. Não era nada que se pudesse encontrar na Terra, mas um fragmento do vasto espaço sideral; e portanto dotado de propriedades desconhecidas e sujeito a leis desconhecidas.

Naquela noite houve uma tempestade elétrica, e quando os professores foram à casa de Nahum no dia seguinte depararam-se com uma amarga decepção. A pedra, sendo magnética, devia apresentar alguma propriedade elétrica peculiar; pois havia “atraído os raios”, segundo Nahum, com singular persistência. Em uma hora o fazendeiro viu seis raios caírem no sulco feito no pátio, e quando a tempestade passou não restava nada além de um buraco irregular e meio encoberto pela terra ao lado da ancestral cegonha. As escavações foram infrutíferas, e os cientistas comprovaram o desaparecimento. O fracasso era total; não restava mais nada a fazer senão voltar ao laboratório e continuar os testes com o fragmento cada vez menor, armazenado em um recipiente de chumbo. O fragmento durou uma semana, ao fim da qual nenhuma descoberta de valor havia sido feita. Quando desapareceu, não deixou nenhum resíduo para trás, e passado algum tempo os professores mal acreditavam ter visto com os próprios olhos aquele vestígio críptico dos insondáveis abismos siderais; aquela estranha e

solitária mensagem vinda de outros universos e de outras esferas de matéria, força e entidade.

Como se poderia imaginar, o jornal de Arkham deu ampla cobertura ao incidente por conta do patrocínio universitário e mandou repórteres para entrevistar a família de Nahum Gardner. Pelo menos um diário de Boston também mandou um repórter, e em pouco tempo Nahum virou uma espécie de celebridade local. Era um homem magro e simpático que vivia com a mulher e os três filhos em uma agradável propriedade rural no vale. Ele e Ammi visitavam-se com bastante frequência, bem como as esposas de ambos; e, mesmo após todos esses anos, Ammi só tinha elogios para fazer ao vizinho. Nahum parecia sentir um discreto orgulho em virtude da atenção dedicada à propriedade da família e falou sobre o meteorito com frequência nas semanas a seguir. Julho e agosto foram quentes, e Nahum trabalhou com afinco na preparação do feno em uma pastagem de dez acres do outro lado de Chapman's Brook; a carreta rangente deixava sulcos profundos nas veredas ensombrecidas. O trabalho cansou-o mais do que havia cansado em outros anos, e assim Nahum começou a sentir os primeiros sinais da idade.

Então veio a época das frutas e da colheita. As peras e maçãs amadureciam aos poucos, e Nahum jurou que os pomares estavam mais bonitos do que nunca. As frutas apresentavam um tamanho impressionante e um brilho extraordinário, e cresciam com tanta abundância que barris sobressalentes foram encomendados para a futura colheita. Mas com o amadurecimento veio uma grande decepção; pois, apesar de todo aquele espetáculo de viço lustroso, nem uma única fruta prestava para comer. No sabor delicioso das peras e das maçãs haviam se insinuado o amargor e a doença, de modo que até uma pequena mordida suscitava um asco duradouro. O mesmo aconteceu com os melões e os tomates, e Nahum percebeu com tristeza que toda a colheita estava perdida. Nahum relacionou os acontecimentos e declarou que o meteorito havia envenenado o solo, e agradeceu a Deus que a maioria das plantações ficassem em terras mais altas ao longo da estrada.

O inverno chegou cedo e foi muito frio. Ammi passou a fazer visitas menos frequentes a Nahum e a dizer que o amigo parecia preocupado. A bem dizer, a família inteira também parecia mais taciturna e menos assídua na igreja e em vários outros eventos sociais no campo. Não havia causa conhecida para essa reserva ou melancolia, embora todos os membros da família por vezes se queixassem da saúde e admitissem um vago sentimento de inquietude. O próprio Nahum fez a declaração mais explícita quando se disse preocupado com certas pegadas que havia encontrado na neve. Eram os rastros corriqueiros deixados por esquilos, coelhos e raposas, mas o pensativo fazendeiro afirmou ver algo de anormal na natureza e na disposição das pegadas. Nahum nunca ofereceu muitos

detalhes, mas parecia imaginar que os rastros não evidenciavam a anatomia e o comportamento dos esquilos, coelhos e raposas da maneira esperada. Ammi escutou essas conversas sem muito interesse até a noite em que passou pela casa de Nahum no trenó, enquanto voltava de Clark's Corners. Era noite de lua e um coelho atravessou correndo a estrada, mas os saltos do animalzinho eram longos a ponto de causar desconforto em Ammi e no cavalo. O cavalo, aliás, teria saído a galope se não fosse uma mão firme a segurar as rédeas. A partir de então Ammi começou a dar mais crédito às histórias de Nahum e a perguntar-se por que os cães dos Gardner pareciam tão ariscos e arredios pela manhã. Os animais quase não latiam mais.

Em fevereiro, os jovens McGregor de Meadow Hill estavam no mato caçando marmotas e, próximo à propriedade dos Gardner, alvejaram um espécime bastante peculiar. As proporções do corpo do animal pareciam alteradas de maneira indescritível, enquanto o rosto tinha uma expressão jamais vista em uma marmota. Os garotos pareceram muito assustados e na mesma hora jogaram o animal longe, de modo que apenas relatos grotescos chegaram aos habitantes do campo. A relutância dos cavalos em se aproximar da casa de Nahum também era notória, e assim todos os elementos necessários a um ciclo de lendas contadas aos sussurros pareciam estar presentes.

As pessoas juravam que ao redor da casa de Nahum a neve derretia mais depressa do que em qualquer outro lugar, e no início de março houve uma discussão no armazém de secos e molhados de Potter, em Clark's Corners. Stephen Rice havia passado pela propriedade dos Gardner pela manhã e percebido alguns repolhos-gambá crescendo na lama do outro lado da estrada. Jamais tinha visto exemplares tão grandes como aqueles, e além do mais as plantas apresentavam estranhas cores que não se deixavam descrever em palavras. Tinham um formato monstruoso, e o cavalo resfolegou ao captar um odor que Stephen jamais havia sentido. Durante a tarde muitas pessoas foram até lá para ver o fenômeno fora do normal, e todos concordaram que plantas como aquelas jamais cresceriam em um mundo saudável. Todos falaram das frutas arruinadas no outono, e assim começaram boatos de que as terras de Nahum estavam envenenadas. Só podia ser o meteorito; e, ao lembrar das estranhas características minerais citadas pelos professores da universidade, muitos fazendeiros foram consultá-los.

Certo dia os pesquisadores fizeram uma visita a Nahum; mas, como não gostavam de histórias fantásticas nem de folclore, tiraram conclusões bastante céticas. As plantas eram sem dúvida estranhas, mas os repolhos-gambá naturalmente têm formas, odores e cores um pouco estranhos. Talvez algum elemento mineral do meteorito tivesse adentrado o solo, mas nesse caso logo haveria de se diluir. Quanto às pegadas e aos cavalos assustadiços — não

passavam de lendas do campo, sem dúvida inspiradas pelo fenômeno do aerólito. Não havia nada que os homens de ciência pudessem fazer contra boatos infundados, pois os rústicos supersticiosos acreditam em qualquer coisa. Assim, durante todos aqueles dias estranhos, os acadêmicos mantiveram-se afastados por desprezo. Apenas um, ao receber duas ampolas de pó para análise por ocasião de um trabalho policial mais de um ano e meio mais tarde, lembrou que a estranha cor daquele repolho-gambá tinha uma semelhança muito grande com as anômalas faixas de luz emitidas pelo fragmento do meteoro durante a análise espectroscópica na universidade, e também com o glóbulo quebradiço incrustado na pedra vinda do abismo. No início as amostras dessa análise emitiram as mesmas faixas peculiares, mas com o passar do tempo perderam essa propriedade.

As árvores ao redor da casa de Nahum brotavam antes do tempo e à noite balançavam de maneira agourenta ao sabor do vento. Thaddeus, um rapaz de quinze anos, filho de Nahum, jurava que as árvores também balançavam quando não tinha vento; mas nem os mais supersticiosos acreditaram. No entanto, não havia dúvidas de que uma certa agitação pairava no ar. Todos os membros da família Gardner adquiriram o hábito de ficar em silêncio tentando escutar um som que não saberiam descrever em termos conscientes. Na verdade, esse hábito parecia ser o resultado de certos momentos em que a consciência parecia escapar-lhes. Infelizmente, esses momentos ficaram cada vez mais frequentes com o passar das semanas, e logo todos diziam que havia algo de errado com a família Nahum. As primeiras saxífragas em flor apresentaram outra cor estranha; não exatamente como a do repolho-gambá, mas de qualquer modo uma cor relacionada e igualmente desconhecida de todos que a viam. Nahum levou algumas flores até Arkham e mostrou-as para o editor da *Gazette*, mas o dignitário não fez mais do que escrever um artigo humorístico, no qual ridicularizava os temores obscuros dos rústicos que moravam no campo. Outro equívoco de Nahum foi relatar a um insensível habitante da cidade a maneira como as enormes borboletas-antíope se comportavam em relação às saxífragas.

Abril trouxe uma espécie de loucura aos habitantes do campo e marcou o início do abandono da estrada para além da casa de Nahum. Era a vegetação. Todas as árvores do pomar floresciam em estranhas cores, e por todo o solo rochoso no pátio e na pastagem vizinha brotou uma bizarra espécie vegetal que apenas um botanista poderia relacionar à flora da região. Não se via nenhuma cor sã ou saudável a não ser pela grama e pela relva verdejantes; apenas, por toda a parte, os matizes prismáticos e berrantes de uma doentia cor primária subjacente que não tinha lugar entre os matizes terrestres conhecidos. Os calções-de-holandês transformaram-se em uma ameaça sinistra, e as sanguinárias-do-canadá pareciam insolentes naquela perversão cromática. Ammi e os Gardner achavam

que a maioria das cores apresentava uma assombrosa familiaridade e chegaram à conclusão de que lembravam o glóbulo quebradiço no interior do meteoro. Nahum arou e semeou a pastagem de dez acres e as terras mais altas, mas não fez nada com o terreno em torno da casa. Sabia que seria inútil, e nutria esperanças de que as estranhas plantas do verão extraíssem todo o veneno do solo. Neste ponto estava preparado para qualquer coisa e habituado à sensação de que havia algo próximo à espera de ser escutado. O distanciamento dos vizinhos o entristeceu, claro; mas entristeceu a esposa ainda mais. Os filhos se deram melhor, pois frequentavam a escola; mesmo assim, sempre se assustavam com os boatos. Thaddeus, um rapaz particularmente sensível, foi quem mais sofreu.

Em maio vieram os insetos, e a propriedade de Nahum virou um pesadelo de zumbidos e patinhas rastejantes. A maioria das criaturas parecia evidenciar aspectos e movimentos fora do normal, bem como hábitos noturnos contrários a tudo o que se conhecia. À noite os Gardner ficavam de sentinela — procurando em todas as direções por alguma coisa… embora não soubessem dizer o quê. Nesse ponto reconheceram que Thaddeus estava certo em relação às árvores. A sra. Gardner viu os galhos inchados de um bordo a balançar no outro lado da janela com o céu enluarado ao fundo. Sem dúvida os galhos estavam se mexendo, e não havia vento. Devia ser a seiva. A estranheza havia tomado conta de tudo o que nascia da terra. Mesmo assim, não foi nenhum dos Gardner quem fez a descoberta seguinte. A familiaridade os havia tornado indiferentes, e o que não conseguiam ver foi vislumbrado por um tímido vendedor de máquinas para serraria de Bolton que chegou certa noite sem conhecer as lendas do campo. O relato que fez mereceu um breve parágrafo na *Gazette*, e foi no jornal que todos os fazendeiros, inclusive Nahum, tomaram conhecimento do ocorrido. Fazia uma noite escura e as lamparinas da charrete estavam fracas, mas ao redor de uma certa fazenda no vale, que todos reconheceram como a propriedade de Nahum, a escuridão era menos densa. Uma luminosidade tênue parecia emanar da vegetação, da grama, das folhas e das flores, e em um dado momento um pedaço de matéria fosforescente deu a impressão de fazer um movimento furtivo no pátio próximo ao celeiro.

Até esse ponto a grama permanecia inalterada e as vacas eram criadas na pastagem junto da casa, porém no fim de maio o leite começou a estragar. Nahum levou as vacas para as terras mais altas e o problema acabou. Pouco tempo mais tarde essa mudança na grama e nas folhas tornou-se visível a olho nu. Tudo o que antes era viçoso começou a ficar cinzento e tornou-se extremamente quebradiço. Ammi era a única pessoa que ainda visitava a propriedade, mas as visitas ficavam cada vez mais esparsas. Quando a escola fechou, os Gardner viram-se isolados do mundo, e às vezes pediam a Ammi que resolvesse certos assuntos na cidade. Todos os membros da família estavam com a saúde física e mental deteriorada, e

assim ninguém se surpreendeu quando veio a notícia de que a sra. Gardner tinha enlouquecido.

Aconteceu em junho, mais ou menos quando a queda do meteoro fez um ano; a pobre mulher vociferava a respeito de coisas indescritíveis que pairavam no ar. Nos delírios não havia um único substantivo específico — apenas verbos e pronomes. As coisas moviam-se, transformavam-se e esvoaçavam, e os ouvidos da mulher captavam o ritmo de impulsos que não eram propriamente sons. Algo fora levado — a sra. Gardner se dizia parasitada por alguma coisa — algo que não devia existir prendia-se ao corpo da mulher — alguém precisava manter aquilo longe — tudo se mexia à noite — inclusive as paredes e as janelas. Nahum não a mandou para o hospício do condado e preferiu mantê-la em casa enquanto não oferecesse riscos a si mesma e aos outros. Nem quando a expressão da sra. Gardner mudava Nahum esboçava qualquer reação. Mas, quando os garotos começaram a ficar com medo e Thaddeus quase desmaiou com certas caretas da mãe, Nahum decidiu trancá-la no sótão. Em julho a mulher havia parado de falar e andava apenas de quatro, e antes que o mês acabasse Nahum teve a bizarra impressão de que ela cintilava no escuro, como sem dúvida fazia a vegetação próxima.

Pouco antes os cavalos haviam fugido. Alguma coisa os acordou à noite, e os relinchos e os coices na estrebaria foram terríveis. Nada parecia capaz de acalmar os animais, e quando Nahum abriu a porta da estrebaria todos saíram a galope como cervos assustados. Levou quase uma semana para que todos os quatro fossem encontrados, e mesmo assim reapareceram em um estado deplorável. Algo de muito errado havia acontecido, e todos precisaram ser sacrificados. Nahum pegou um cavalo emprestado de Ammi para continuar o trabalho no feno, porém o animal se recusava a chegar perto do celeiro. O cavalo refugava, empacava e relinchava, e no fim o único jeito foi deixá-lo no pátio enquanto os homens empurravam a pesada carreta até o celeiro para terminar o serviço. Durante todo esse tempo a vegetação ficava cada vez mais cinzenta e mais quebradiça. Até as flores que antes exibiam estranhos matizes haviam ficado acinzentadas, e as frutas nasciam cinzentas e miúdas e insossas. Os ásteres e as virgáureas cresciam cinzentos e distorcidos, e as rosas e canelas-de-velha e malvaíscos-silvestres do pátio tinham um aspecto tão blasfemo que Zenas, o filho mais velho de Nahum, decidiu cortar todas as flores. Os estranhos insetos morreram por essa época, bem como as abelhas que haviam deixado as caixas e ido para os bosques.

Em setembro toda a vegetação começou a se desmanchar em um pó cinzento, e Nahum temia que as árvores morressem antes que o veneno fosse extraído do solo. A esposa sofria com terríveis crises histéricas, e Nahum e os filhos viviam em constante tensão. Passaram a evitar as pessoas, e quando a

escola reabriu os garotos não voltaram às aulas. Mas foi Ammi, em uma das raras visitas, o primeiro a notar que a água do poço não estava boa. Tinha um gosto vil que não era nem fétido nem salgado, e Ammi sugeriu ao amigo que cavasse outro poço em terras mais altas para ter água enquanto o solo não voltasse ao normal. Mas Nahum ignorou o alerta, pois havia se acostumado a coisas estranhas e desagradáveis. Ele e os filhos continuaram a usar a água contaminada, bebendo da mesma forma desatenta e mecânica como faziam as refeições parcas e malpreparadas e executavam as tarefas ingratas e monótonas ao longo daqueles dias sem perspectiva. Todos pareciam resignados, como se andassem em outro mundo nas fileiras de guardiões sem nome que protegiam o destino inexorável da família.

Thaddeus enlouqueceu em setembro após uma visita ao poço. Tinha levado um balde e voltou de mãos vazias, gritando e agitando os braços, e por vezes sucumbindo a risadas estúpidas ou sussurros nervosos enquanto falava sobre “as cores que andam por lá”. Dois casos na família eram um fardo e tanto, mas Nahum enfrentou tudo com bravura. Deixou o filho à solta por mais uma semana, quando o garoto começou a tropeçar nas coisas e a se machucar; então o trancou em uma peça no sótão, em frente ao aposento da mãe. Os gritos que lançavam um para o outro por trás das portas fechadas eram terríveis, em especial para o pequeno Merwin, que imaginava ouvir a mãe e o irmão conversando em uma língua estranha ao mundo que conhecemos. A imaginação de Merwin era muito fértil, e a inquietude do garoto piorou depois que o irmão e companheiro de brincadeiras foi trancafiado.

Quase ao mesmo tempo os animais começaram a morrer. As galinhas ficavam acinzentadas e logo morriam, revelando uma carne seca de odor nauseante quando eram cortadas. Os cordeiros engordavam muito além do normal e de repente começavam a sofrer transformações horrendas que ninguém conseguia explicar. A carne ficava imprestável, e Nahum já não sabia mais o que fazer. Nenhum veterinário do campo chegava perto da fazenda, e o veterinário de Arkham não escondeu a perplexidade. Os porcos ficavam com o corpo cinzento e quebradiço e começavam a se desmanchar antes de morrer, e os olhos e focinhos exibiam alterações bastante singulares. A situação era inexplicável, pois esses animais nunca haviam comido a vegetação contaminada. Então algo atacou as vacas. Certas áreas no corpo dos animais se ressequiam ou encolhiam ao extremo, e colapsos e desintegrações atrozes tornaram-se comuns. Nos últimos estágios — pois o resultado era sempre a morte —, observava-se o mesmo aspecto cinzento e quebradiço que afetava os cordeiros. Não havia dúvida quanto à existência de um veneno, pois todos os casos aconteceram em um celeiro fechado e tranquilo. Nenhuma mordida de outras criaturas poderia ter trazido um vírus, pois que animal consegue atravessar obstáculos sólidos? Só poderia ser uma doença

natural — mas que doença seria capaz de provocar tamanhos estragos, ninguém se arriscava a dizer. Quando chegou a época da colheita não havia um único animal na fazenda, pois as ovelhas, porcos e vacas estavam mortos e os cães haviam fugido. Os cães, que eram três, haviam todos desaparecido juntos durante a noite para nunca mais reaparecer. Os cinco gatos haviam ido embora algum tempo atrás, mas essa partida mal foi percebida, uma vez que parecia não haver mais ratos e apenas a sra. Gardner estimava os graciosos felinos.

No dia 19 de outubro Nahum entrou cambaleando na casa de Ammi com notícias pavorosas. A morte havia chegado para o pobre Thaddeus no quartinho do sótão de maneira indescritível. Nahum foi até os fundos da fazenda e cavou uma sepultura no jazigo da família para enterrar o que havia encontrado. Nada poderia ter entrado no sótão a partir do lado de fora, pois a pequena janela gradeada e a fechadura da porta estavam intactas; tudo se deu como no celeiro. Ammi e a esposa consolaram o homem como podiam, mas estremeceram ao fazê-lo. O terror em forma bruta parecia se abater sobre os Gardner e sobre tudo em que tocavam, e a mera presença de um membro da família em casa era como um sopro de regiões inominadas e inomináveis. Ammi acompanhou Nahum até em casa com grande relutância e fez o que pôde a fim de acalmar o choro histérico do pequeno Merwin. Zenas não precisou de consolo. Nos últimos tempos, não fazia mais nada além de olhar para o vazio e obedecer as ordens do pai; segundo Ammi, era um destino piedoso. De vez em quando os gritos de Merwin eram respondidos a meia-voz no sótão, e em resposta a um olhar intrigado Nahum explicou que a esposa ficava mais fraca a cada dia que passava. Quando a noite estava prestes a cair, Ammi foi embora; pois nem a amizade era capaz de mantê-lo naquele lugar quando a vegetação começava a cintilar e as árvores davam a impressão de balançar com ou sem vento. Ammi teve a sorte de ser pouco imaginativo. Naquela situação, tinha os pensamentos um pouco desordenados; mas se tivesse a capacidade de relacionar e analisar todos os portentos que o cercavam, sem dúvida o homem teria enlouquecido de vez. Voltou para casa ao entardecer, com os gritos da louca e do garoto perturbado a ecoar nos ouvidos.

Três dias mais tarde Nahum irrompeu na cozinha de Ammi pela manhã e, na ausência do amigo, balbuciou para a aterrorizada sra. Pierce mais uma história desesperadora. Dessa vez fora o pequeno Merwin. Estava desaparecido. Tinha saído à noite com uma lamparina e um balde para buscar água e não voltou mais. O garoto passou dias fora de si e mal sabia o que estava fazendo. Gritava por qualquer motivo. No fim soltou um grito desesperado no pátio e, antes que o pai conseguisse chegar à porta, o garoto havia sumido. Não se viu mais o brilho da lamparina que levava consigo, e tampouco havia pistas do garoto. Na hora Nahum pensou que a lamparina e o balde também houvessem desaparecido; mas, quando o dia raiou e o homem retornou da busca noturna pelos bosques e

campos, encontrou coisas muito curiosas próximas ao poço. Havia um amontoado de ferro esmagado e aparentemente derretido que sem dúvida era a lamparina; enquanto uma alça e argolas de ferro distorcido, fundidas em uma coisa só, pareciam indicar os resquícios do balde. Porém não havia mais nada. Nahum não sabia o que pensar, a sra. Pierce ficou estupefata e Ammi, depois de chegar em casa e ouvir a história, não teve nenhum palpite a oferecer. Merwin havia desaparecido e não adiantaria nada avisar os vizinhos, pois a essa altura todos evitavam os Gardner. Tampouco adiantaria avisar os moradores de Arkham, que davam risada de tudo. Thad havia partido, e agora Mernie também. Algo estava se insinuando cada vez mais à espera de ser ouvido e sentido e escutado. Nahum não resistiria por muito tempo, e assim pediu a Ammi que cuidasse da esposa e de Zenas se ainda estivessem vivos quando se fosse. Aquilo devia ser algum tipo de julgamento; mas Nahum não conseguia entender por quê, uma vez que sempre havia trilhado os caminhos do Senhor.

Ammi passou mais de duas semanas sem ver Nahum; e então, preocupado com o que poderia ter acontecido, venceu o medo e fez uma visita à propriedade dos Gardner. Não havia fumaça na grande chaminé, e por um instante o visitante temeu o pior. O aspecto de toda a fazenda era chocante — grama seca e cinzenta por toda a parte, trepadeiras esfarelando-se nas vetustas paredes e empenas e grandes árvores nuas erguendo as garras em direção ao cinzento céu de outubro com uma malevolência intencional que Ammi atribuiu a uma discreta mudança na inclinação dos galhos. Mas Nahum estava vivo. Estava fraco, deitado em um sofá sob o teto baixo da cozinha, porém consciente e ainda capaz de dar ordens simples a Zenas. O recinto estava frio como um túmulo; e, enquanto Ammi tremia a olhos vistos, o anfitrião pediu com voz rouca a Zenas que buscasse mais lenha. A lenha era uma necessidade premente, pois o nicho da lareira estava vazio e apagado, com uma nuvem de fuligem rodopiando ao sabor do vento gélido que soprava pela chaminé. No mesmo instante Nahum perguntou se a lenha extra havia deixado o amigo mais confortável, e então Ammi percebeu o que havia acontecido. A amarra mais forte havia rebentado, e a mente do infeliz fazendeiro foi motivo de mais tristeza.

Por mais que perguntasse, Ammi não conseguia obter nenhuma informação coerente sobre o paradeiro de Zenas. “No poço — ele mora no poço” era tudo o que o transtornado pai conseguia dizer. Em um lampejo, o visitante pensou na esposa desvairada e mudou a linha do interrogatório. “Nabby? Ora, aqui está ela!”, foi a resposta do pobre Nahum, e então Ammi percebeu que teria de procurar sozinho. Após deixar o amigo entregue a delírios inofensivos no sofá, Ammi pegou as chaves penduradas em um prego ao lado da porta e subiu os degraus estalejantes que levavam até o sótão. O ar lá em cima era abafado a nauseante, e não se ouvia nenhum som de nenhuma direção. Das quatros portas à

vista, apenas uma estava trancada, e Ammi tentou abri-la com várias das chaves que havia pegado. A terceira chave fez a fechadura girar, e depois de alguns movimentos desajeitados Ammi conseguiu abrir a porta.

O interior do cômodo estava escuro, pois a janela era pequena e ficava obscurecida pelas rústicas grades de madeira; e Ammi não conseguia ver nada nas tábuas do assoalho. O fedor era insuportável, e antes de proceder foi necessário voltar a um dos cômodos anteriores para retornar com os pulmões repletos de ar respirável. Ao entrar, Ammi viu alguma coisa escura em um canto, e quando enxergou com mais clareza não conseguiu sufocar um grito. Enquanto gritava, Ammi imaginou ver uma nuvem eclipsar a janela por alguns instantes, e no momento seguinte teve a impressão de perceber uma odiosa corrente de vapor a roçar-lhe a pele. Estranhas cores dançaram ante seus olhos; e se aquele horror não o houvesse entorpecido, Ammi teria pensado no glóbulo do meteoro, destruído pelo martelo de geólogo, e na mórbida vegetação que brotou na primavera. Da maneira como foi, pensou apenas na monstruosidade blasfema que o confrontava e que sem dúvida havia compartilhado o inefável destino que se abateu sobre o jovem Thaddeus e os animais da fazenda. Porém o mais terrível a respeito daquele horror era que continuava a se mexer devagar enquanto se esfarelava.

Ammi não quis me dar muitos detalhes sobre essa cena, mas esse vulto no canto não voltou a aparecer na história como algo dotado de movimento. Existem coisas que não devem ser ditas, e às vezes o que se faz em nome da simples humanidade é julgado com crueldade pela lei. Compreendi que quando deixou o sótão não havia nada se mexendo lá dentro, e que deixar qualquer coisa capaz de movimento para trás seria uma monstruosidade suficiente para condenar qualquer um ao tormento eterno. Qualquer outra pessoa além de um fazendeiro endurecido teria desmaiado ou enlouquecido, mas Ammi atravessou a porta em pleno domínio das faculdades e trancou o segredo maldito atrás de si. Ainda restava Nahum; seria preciso alimentar o amigo e levá-lo a um lugar onde pudesse receber os cuidados necessários.

Enquanto começava a descer a escada sombria, Ammi escutou um baque no andar de baixo. Pensou ter ouvido um grito abafado e lembrou-se com nervosismo do vapor sufocante que lhe havia roçado a pele naquele pavoroso cômodo no andar de cima. Que presença haveriam despertado o grito e a chegada de um visitante? Paralisado por um vago temor, Ammi escutou outros sons vindo do andar de baixo. Sem dúvida havia o rumor de um objeto pesado sendo arrastado, e o ruído detestável de algo pegajoso, como uma espécie de sucção demoníaca e impura. Com a capacidade associativa levada ao extremo, nenhum motivo racional foi necessário para que o homem pensasse no que tinha visto no alto da escada. Deus misericordioso! Que mundo onírico e quimérico teria adentrado? Ammi não teve coragem para avançar nem retroceder, e assim

permaneceu tremendo na curva sombria da escada. Até os mais ínfimos detalhes da cena ficaram gravados a ferro na memória. Os sons, a expectativa de algo tenebroso, a escuridão, a altura dos degraus estreitos e — Deus do céu! … a tênue e inconfundível luminosidade de todos os objetos de madeira ao redor; degraus, painéis, detalhes torneados e vigas!

Foi então que Ammi escutou um relincho frenético do cavalo, seguido de imediato por rumores que denunciavam uma fuga desesperada. No momento seguinte já não era mais possível ouvir o cavalo nem a charrete, e tudo o que restou àquele homem assustado foi permanecer na escada sombria tentando adivinhar o que estava acontecendo. Mas isso não foi tudo. Houve um outro som lá fora. Uma espécie de chapinhar líquido — água —, deve ter sido o poço. Ammi havia deixado Hero lá perto, e uma roda da charrete devia ter raspado no bocal e derrubado uma pedra. Uma fosforescência pálida continuava a emanar da odiosa madeira antiga. Meu Deus! Como a casa era velha! A maior parte fora construída antes de 1670, e a mansarda por volta de 1730.

Um leve arranhão no assoalho do térreo soou de maneira distinta, e Ammi crispou os dedos em volta de um pesado bastão que por algum motivo havia pegado no andar de cima. Depois de tomar coragem, terminou a descida e avançou determinado em direção à cozinha. No entanto, não chegou a completar o trajeto, pois o que procurava não estava mais lá. Apenas uma coisa veio a seu encontro. Se havia rastejado ou sido arrastada por alguma força externa, Ammi não sabia dizer; mas trazia a morte em si. Não havia se passado mais de meia hora, mas o colapso, a contaminação cinzenta e a desintegração eram irreversíveis. A coisa tinha uma pavorosa textura quebradiça e desprendia farelos secos. Ammi viu-se incapaz de tocar naquilo, mas olhou horrorizado em direção à paródia do que tinha sido um rosto. “O que foi, Nahum — o que foi?”, sussurrou, e os lábios rachados e tumefactos conseguiram rouquejar uma derradeira resposta.

“Nada… nada… a cor… ela queima… fria e molhada… mas queima… passô todo esse tempo no poço… Eu vi… uma fumaça… que nem as flores da primavera passada… o poço brilhava de noite… O Thad e o Mernie e o Zenas… tudo vivo… sugano a vida de todo o resto… naquela pedra… só pode tê vino co’aquela pedra… envenenô toda a fazenda… eu não sei por quê… aquela cousa redonda que os professor da faculdade tiraro da pedra… eles quebraro… era da mesma cor… a mesma cousa, que nem as flor e as planta… devia tê mais… as semente… as semente… elas crescero… Eu só fui vê essa semana… deve de tê se apoderado do Zenas… ele era um rapaz forte, cheio de vida… mas a cousa acaba com a sua mente e depois pega você… queima você… na água do poço… você tinha razão sobre o… veneno na água… O Zenas nunca voltô do poço… não conseguiu saí… aquilo arrasta você… você sabe que a cousa tá vino atrás, mas não adianta… Eu mesmo vi aquilo várias vez desde que o Zenas foi levado…

onde tá a Nabby, Ammy? …não ando bem da cabeça… não sei quando foi a última vez que dei de comê a ela… a cousa vai pegá ela se a gente não tomá cuidado… só que a cor… de noite às vez o rosto dela fica daquela cor… queima e suga… e veio de algum lugar onde as cousa não são que nem aqui… foi um dos professor que disse… ele tinha razão… cuidado, Ammi, porque ainda não acabô… a cousa vai sugá a vida…"

Isso foi tudo. O vulto parou de falar porque se desmanchou. Ammi estendeu uma toalha de mesa vermelha e branca por cima do que havia restado e saiu cambaleando pela porta dos fundos em direção ao campo. Subiu a encosta até a pastagem de dez acres e voltou para casa aos tropeços pela estrada ao norte e pelos bosques. Não conseguiria passar na frente do poço de onde o cavalo havia fugido. Ammi havia olhado pela janela e constatado que não havia nenhuma pedra faltando no bocal do poço. Neste caso, a charrete em fuga não havia deslocado nada — o chapinhar fora alguma outra coisa — algo que entrou no poço depois de acabar com o pobre Nahum…

Quando Ammi chegou em casa, descobriu que o cavalo e a charrete haviam voltado sozinhos, para grande preocupação da esposa. Depois de acalmá-la sem oferecer explicações, Ammi partiu rumo a Arkham e notificou às autoridades o ocaso da família Gardner. Não forneceu detalhes; apenas registrou a morte de Nahum e de Nabby, uma vez que a de Thaddeus era de conhecimento público, e mencionou que a causa parecia ser a mesma estranha doença que havia matado os animais. Também declarou que Merwin e Zenas haviam desaparecido. Houve um longo interrogatório na delegacia, e no fim Ammi foi obrigado a levar três policiais até a propriedade dos Gardner, junto com o delegado, o legista e o veterinário que havia tratado os animais. O fazendeiro obedeceu a contragosto, pois o entardecer ficava cada vez mais escuro e ele temia a chegada da noite naquele lugar amaldiçoado, embora sentisse um certo conforto ao ver-se rodeado de tantas pessoas.

Os seis homens partiram em uma carruagem, seguindo a charrete de Ammi, e chegaram à propriedade assolada pela peste por volta das quatro horas. Por mais que os policiais estivessem acostumados a ocorrências horripilantes, ninguém permaneceu indiferente ao que encontraram no sótão e sob a toalha de mesa vermelha e branca no térreo. O aspecto geral da fazenda era terrível o bastante por conta da desolação cinzenta, mas aqueles dois objetos esfarelados ultrapassavam qualquer limite. Ninguém se atrevia a olhá-los de perto, e o próprio legista admitiu que havia pouco a examinar. Mas as amostras poderiam ser analisadas, claro, e assim não tardou em colhê-las — e foi assim que um desdobramento muito intrigante ocorreu no laboratório da universidade para onde duas ampolas de pó foram enfim levadas. No espectroscópio, as duas amostras exibiram um espectro desconhecido em que muitas das impressionantes faixas

coincidiam de maneira exata com aquelas observadas no estranho meteoro durante o ano anterior. A emissão desse espectro cessou dentro de um mês, ao fim do qual o pó revelou uma composição de fosfatos alcalinos e carbonatos.

Ammi não teria falado nada sobre o poço se imaginasse que os homens da polícia fossem investigá-lo naquele momento. O sol estava quase se pondo, e ele ansiava por estar longe da propriedade. Mesmo assim, não conseguiu conter um olhar nervoso em direção ao bocal de pedra junto da enorme cegonha, e ao ser questionado por um detetive Ammi reconheceu que Nahum temia alguma coisa naquela área — a ponto de jamais ter ido atrás de Merwin ou de Zenas. Ao ouvir essa resposta os policiais resolveram esvaziar e investigar o poço no mesmo instante, e Ammi esperou tremendo enquanto os baldes de água estagnada subiam pela corda e eram despejados na terra encharcada. Os homens fungaram enojados ao sentir o cheiro daquele fluido, e no fim da operação taparam o nariz para se proteger do fedor. O trabalho não demorou tanto quanto imaginaram a princípio, uma vez que o nível da água estava baixo ao extremo. Não há por que descrever em detalhe a descoberta que fizeram. Merwin e Zenas estavam lá dentro — ao menos em parte, pois restavam pouco mais do que dois esqueletos. Também havia um pequeno cervo e um cão no mesmo estado, bem como alguns ossos de animais menores. O lodo e a viscosidade no fundo do poço pareciam borbulhar de maneira inexplicável, e um homem que desceu com uma longa vara descobriu que podia enfiá-la a qualquer profundidade na lama sem encontrar nenhum obstáculo sólido.

Como a noite começava a cair, lamparinas foram trazidas da casa. Depois, quando ficou claro que o poço não revelaria mais nada, todos entraram para conferenciar na sala enquanto a luz intermitente da meia-lua espectral dançava pálida sobre a desolação cinzenta lá fora. Os homens estavam francamente perplexos com o caso e não conseguiam encontrar nenhum elemento comum que relacionasse a estranha mudança na vegetação, a moléstia desconhecida que atacava pessoas e animais e as mortes inexplicáveis de Merwin e Zenas no poço contaminado. Todos conheciam os boatos que circulavam pelo campo, mas ninguém acreditava que algo contrário às leis naturais pudesse ter ocorrido. Sem dúvida o meteoro tinha envenenado o solo, mas a doença de pessoas e animais que não haviam consumido nada cultivado naquele solo era outro assunto. Seria a água do poço? Muito provavelmente. Talvez fosse uma boa ideia analisá-la. Mas que loucura teria levado os dois garotos a se jogarem no poço? Aqueles gestos desesperados apresentavam uma estranha semelhança — e os restos mortais revelaram que ambos haviam sofrido com a morte cinza e quebradiça. Por que tudo estava cinza e quebradiço?

Foi o legista, sentado próximo a uma janela com vista para o pátio, quem primeiro notou a luminosidade ao redor do poço. A noite havia caído, e todo

aquele terreno abominável parecia tremeluzir com algo mais do que o luar intermitente; mas essa nova cintilação era algo claro e distinto, e parecia emanar do poço negro como o tênue facho de uma lanterna para refletir-se nas pequenas poças d'água formadas pelo esvaziamento dos baldes. A cor era muito estranha, e enquanto todos os homens reuniam-se ao redor da janela Ammi teve um violento sobressalto. Aquele estranho facho de miasma espectral não lhe era estranho. Já tinha visto aquela cor antes, e estremeceu ao ponderar o significado daquela aparição. Ele a tinha visto no glóbulo quebradiço encontrado no interior do aerólito dois verões atrás, na bizarra vegetação da primavera e talvez por um breve instante naquela mesma manhã, ao olhar para a pequena janela gradeada do terrível cômodo no sótão onde coisas indescritíveis haviam acontecido. A cor havia brilhado por um instante e a seguir uma odiosa corrente de vapor frio roçou-lhe a pele — e a seguir o pobre Nahum foi tomado por algo daquela cor. No fim Ammi explicou — disse que aquilo vinha do glóbulo e das plantas. Depois vieram a fuga no pátio e o chapinhar no poço — e agora o poço eructava noite adentro um insidioso facho pálido com o mesmo matiz demoníaco.

Ammi demonstrou ter uma mente alerta ao ponderar um detalhe essencialmente científico mesmo nesse momento de tensão. Ficou intrigado ao perceber que havia recebido a mesma impressão de um vapor vislumbrado à luz do dia com o céu da manhã ao fundo e de uma exalação noturna vista como uma névoa fosforescente com a paisagem negra e malograda ao fundo. Algo não estava certo — era contra a natureza — e então pensou nas terríveis palavras ditas pelo amigo no momento extremo. "Veio de algum lugar onde as coisa não são que nem aqui… foi um dos professor que disse…"

De repente os três cavalos no pátio, amarrados a duas arvorezinhas definhadas à beira da estrada, começaram a relinchar e a escarvar o chão em um verdadeiro frenesi. O cocheiro disparou em direção à porta para tentar fazer alguma coisa, mas Ammi deteve-o com uma mão trêmula. "Não saia", sussurrou. "A gente não pode fazê nada contra isso que tá aconteceno. O Nahum disse que alguma cousa vivia no poço e sugava a vida de tudo. Ele disse que essa cousa saiu de uma bola que nem a que a gente viu naquela pedra de meteoro que caiu vai fazê um ano agora em junho. Suga e queima, disse ele; é uma nuvem de cor que nem aquela luz lá fora, que os siores mal pode vê e não sabe explicá o que é. O Nahum achava que aquilo se alimenta de tudo que existe e que fica mais forte a cada instante que passa. Ele me disse que só foi vê essa semana. Deve de sê uma cousa de algum lugar distante no céu, como dissero os pesquisador da universidade sobre o meteoro no ano passado. O jeito que aquilo tem e a manera como funciona não são obra de Deus. É alguma cousa do além."

Os homens pararam sem saber o que fazer enquanto a luz do poço ficava mais intensa e os cavalos amarrados escarvavam e relinchavam num frenesi cada

vez maior. Foi um momento pavoroso, com o terror à espreita na casa antiga e amaldiçoada, quatro conjuntos de restos mortais — dois da casa e dois do poço — no galpão logo atrás e aquele facho de iridescência desconhecida e profana a emanar das profundezas lodosas à frente. Ammi deteve o cocheiro por instinto, sem lembrar que não havia sofrido nenhum tipo de consequência após o roçar frio daquele vapor cromático no sótão, mas talvez tenha sido melhor assim. Ninguém jamais saberá o que estava à solta naquela noite; e embora a blasfêmia do além não tivesse atacado nenhum humano com a sanidade perfeita até então, não há como saber o que poderia ter feito naquele derradeiro instante, com as forças aumentadas e os sinais repletos de intenção que em breve exibiria sob o céu enluarado oculto pelas nuvens.

Um dos investigadores junto da janela arfou de repente. Os outros o encararam e em seguida viraram o rosto em direção ao céu, onde por um mero acaso o homem havia fixado o olhar. Não havia necessidade de palavras. As incertezas que permeavam os boatos do campo desfizeram-se no mesmo instante, e é por conta dos sussurros mais tarde trocados pelos integrantes do grupo que em Arkham ninguém fala sobre aqueles dias estranhos. Faz-se necessário esclarecer de antemão que não ventava àquela hora da noite. Uma rajada soprou muito tempo depois, mas naquele instante não havia vento algum. Até os ramos secos dos erísimos, malogrados e cinzentos, e as franjas no tejadilho da carruagem permaneciam imóveis. E, no entanto, em meio à calmaria herética os elevados galhos nus de todas as árvores ao redor se mexiam. Pulsavam em um ritmo mórbido e espasmódico, erguendo as garras em uma loucura convulsiva e epiléptica na direção das nuvens enluaradas; arranhavam impotentes o ar contaminado, como que açuladas por uma ligação extraterrena e incorpórea com horrores subterrâneos a retorcer-se e a debater-se sob as raízes negras.

Por alguns instantes, nenhum dos homens se atreveu a respirar. Então uma nuvem mais negra encobriu a lua, e a silhueta dos galhos em movimento desapareceu por um instante. Nesse ponto ouviu-se um único grito saído de todas as gargantas; abafado pelo espanto, mas rouco e quase uniforme. O terror não havia desaparecido com a silhueta, e em um pavoroso momento de escuridão mais profunda os observadores vislumbraram, na copa das árvores, a convulsão de milhares de pontos de luminosidade tênue e profana a colmar os galhos como o fogo de são telmo ou as chamas que desceram sobre a cabeça dos Apóstolos no Pentecostes. Era uma constelação monstruosa de luz sobrenatural, como um enxame de vaga-lumes necrófagos inchados a executar uma sarabanda demoníaca acima de um pântano maldito; e tinha a mesma cor do invasor sem nome que Ammi havia aprendido a reconhecer e a temer. O facho de fosforescência que emanava do poço tornava-se cada vez mais intenso e despertava na imaginação dos homens uma sensação de catástrofe e anormalidade que ultrapassava em

muito qualquer imagem concebível pelo intelecto consciente. O facho já não apenas *brilhava*, mas antes *se derramava*; e ao sair do poço aquela torrente amorfa de matiz indefinível parecia fluir direto rumo ao céu.

O veterinário estremeceu e caminhou até a porta da frente para acrescentar-lhe mais uma tranca de metal. Ammi não tremia menos e, incapaz de controlar a voz, precisou cutucar os companheiros e apontar com o dedo quando desejou chamar a atenção para a crescente luminosidade das árvores. Os relinchos e a agitação dos cavalos haviam se transformado em um pesadelo, mas não havia vivalma no grupo que se aventurasse a sair da antiga casa naquele instante, por maiores que fossem as recompensas prometidas. Com o passar do tempo as árvores começaram a brilhar mais forte, enquanto os galhos incansáveis pareciam contorcer-se para assumir uma posição cada vez mais vertical. A madeira da cegonha também brilhava, e nesse instante um dos policiais apontou em silêncio para os galpões de madeira e as caixas de abelha próximas ao muro de pedra no ocidente. Haviam começado a brilhar, embora os veículos dos visitantes dessem a impressão de permanecer incólumes. Então houve uma grande comoção e um rumor na estrada e, enquanto Ammi apagava a lamparina para ver melhor, todos perceberam que a parelha de tordilhos frenéticos havia quebrado a árvore que servia de mourão e fugido com a carruagem.

O choque serviu para soltar algumas línguas, e houve uma troca de sussurros constrangidos. “Essa coisa se espalha por toda a matéria orgânica ao redor”, balbuciou o legista. Ninguém respondeu, mas o homem que havia descido ao poço deu a entender que poderia ter despertado alguma coisa intangível com a vara. “Foi horrível”, acrescentou. “O poço não tinha fundo. Apenas lodo e bolhas e uma sensação de algo à espreita.” O cavalo de Ammi continuava a escarvar e a relinchar em volume ensurdecedor na estrada lá fora, e por pouco não abafou a voz trêmula do dono enquanto este balbuciava algumas reflexões confusas. “Essa cousa veio daquela pedra… deve de tê crescido lá embaxo… e pegô tudo que era vivo… se alimentô do corpo e da alma… O Thad e o Mernie, o Zenas e a Nabby… o Nahum foi o último… todos eles bebero daquela água… a cousa foi se apoderano… e veio de algum lugar do além, onde as cousa não são como aqui… e agora tá voltano pra casa…”

Nesse ponto, enquanto a coluna de cor desconhecida se iluminou em um clarão repentino e começou a desenhar vultos fantásticos que mais tarde cada espectador descreveu de maneira distinta, o pobre Hero emitiu um som que nenhum homem jamais tinha ouvido e jamais tornaria a ouvir de um cavalo. Todos os que estavam na sala de teto baixo taparam os ouvidos, e o horror e a náusea levaram Ammi a desviar o olhar da janela. Não há palavras capazes de descrever — quando Ammi tornou a olhar para a rua, o pobre animal estava reduzido a um corpo inerte, estirado no chão entre os varões partidos da charrete.

Este foi o fim de Hero, enterrado no dia seguinte. Mas naquele instante não havia tempo para se lamentar, pois logo um dos investigadores indicou com um gesto que algo terrível estava presente na sala. Na falta da luz emitida pela lamparina, ficou evidente que um tênue brilho fosforescente emanava de todo o cômodo. Reluzia nas tábuas do assoalho e no tapete vermelho, e cintilava nos caixilhos das janelas com pequenas vidraças. Subia e descia pelas vigas expostas, coruscava nas estantes e no consolo e infectava até mesmo as portas e a mobília. O brilho ficava mais forte a cada instante, e logo ficou evidente que quaisquer seres vivos saudáveis precisariam abandonar a casa.

Ammi levou os companheiros até a porta dos fundos e guiou-os pelos campos até a pastagem de dez acres. Todos caminharam aos tropeções como em um sonho, sem coragem de olhar para trás enquanto não chegassem a um terreno mais elevado. Estavam felizes com o caminho, pois não teriam conseguido sair pela porta da frente, junto do poço. Foi ruim o bastante passar pelo celeiro e pelos galpões cintilantes e pelas silhuetas distorcidas e diabólicas das árvores que resplandeciam no pomar; mas graças aos céus apenas os galhos mais altos se contorciam com maior fúria. A lua escondeu-se atrás de nuvens muito escuras quando o grupo atravessava a rústica ponte sobre Chapman’s Brook, e a partir de então todos seguiram às apalpadelas em direção ao pasto aberto.

Quando olharam para trás, em direção ao vale e à distante propriedade dos Gardner, defrontaram-se com uma visão horripilante. Toda a fazenda refulgia com a horrenda mistura de cores desconhecidas; as árvores, as construções e até mesmo a grama e as ervas que pouco tempo atrás não haviam sofrido a mutação para o cinza quebradiço e letal. Todos os galhos se erguiam em direção ao céu, colmados por línguas de um fogo maldito, e rastros luminosos daquelas chamas monstruosas arrastavam-se em direção às cumeeiras da casa, do celeiro e dos galpões. Era uma cena digna das visões de Fuseli, e por todo o cenário reinava aquele caos de luminescência amorfa, aquele arco-íris extraterreno e adimensional de veneno críptico emanado do poço — pulsando, palpitando, escoando, avançando, cintilando, escorrendo e borbulhando na malignidade suprema de um cromatismo sideral irreconhecível.

Então, sem nenhum aviso, aquela coisa odiosa disparou verticalmente em direção ao céu como um foguete ou um meteoro, sem deixar nenhum rastro, e desapareceu em um curioso rasgo circular nas nuvens antes que qualquer um dos homens tivesse oportunidade de arfar ou de soltar um grito. Nenhum dos observadores jamais há de esquecer aquela visão, e Ammi ficou olhando pasmo para a constelação de Cygnus, com Deneb a cintilar acima das outras estrelas, onde a cor desconhecida se dissolveu na Via-Láctea. Mas no instante seguinte teve o olhar chamado de volta à Terra por um estalo no vale distante. Nada mais. Apenas o estalo de madeira quebrando e rachando — sem explosão alguma,

como vários outros membros do grupo confirmaram mais tarde. De qualquer modo, o resultado foi o mesmo, pois em um instante febril e caleidoscópico irrompeu da fazenda condenada e maldita um cataclismo eruptivo de centelhas e substâncias sobrenaturais, que ofuscou a visão dos presentes e lançou em direção ao zênite uma nuvem explosiva de fragmentos coloridos e fantásticos renegados pelo universo que conhecemos. Em meio aos vapores que tornavam a se adensar, os fragmentos seguiram a horrenda morbidez desaparecida e, no instante seguinte, desapareceram também. Para trás e para baixo restaram apenas trevas para onde os homens não ousaram retornar, e por toda a parte havia um vento de intensidade crescente que parecia descer em rajadas negras e geladas do espaço interestelar. Aquilo uivava e ululava e açoitava os campos e os bosques retorcidos em um insano frenesi cósmico, e logo o abalado grupo percebeu que não adiantaria esperar que a lua revelasse o que havia sobrado na propriedade de Nahum.

Tomados de um espanto profundo demais para sequer arriscar teorias, os sete homens trêmulos fizeram a longa e difícil caminhada até Arkham pela estrada norte. Ammi estava pior do que os companheiros e insistiu para que fizessem uma parada na sua cozinha em vez de seguir direto para a cidade. Não queria atravessar sozinho os bosques noctíferos e açoitados pelo vento que o separavam de casa. Ammi sofreu um choque adicional em relação aos demais integrantes da companhia e ficou para sempre marcado por um medo constante que não ousou sequer mencionar por muitos anos a seguir. Enquanto os demais observadores na colina tempestuosa mantiveram os olhares fixos na estrada, por um instante Ammi voltou o rosto para trás em direção ao ensombrecido vale da desolação que nos últimos tempos servira de morada ao astroso Nahum. E, daquele lugar malogrado e longínquo, viu algo se erguer devagar, apenas para afundar mais uma vez no ponto de onde o grande horror amorfo havia disparado rumo ao céu. Era apenas uma cor — mas não uma cor nativa da Terra ou do nosso céu. Desde que reconheceu aquela cor e soube que aquele último resquício tênue ainda devia estar à espreita no interior do poço, Ammi nunca mais foi o mesmo.

Jamais voltaria a se aproximar da propriedade. Mais de meio século se passou desde o horror, porém Ammi nunca mais esteve lá e há de ficar satisfeito quando a nova represa apagar a existência do lugar. Eu também ficarei satisfeito, pois a maneira como a luz do sol trocou de cor ao redor da boca do poço abandonado me perturbou. Espero que as águas sejam profundas — e mesmo assim jamais hei de bebê-la. Acho que jamais vou retornar ao interior de Arkham. Três dos homens que estavam com Ammi voltaram à propriedade na manhã seguinte para ver as ruínas à luz do dia, mas não havia ruínas de fato. Apenas os tijolos da chaminé, as pedras do porão, alguns destroços minerais e metálicos aqui e acolá e o bocal daquele poço nefando. A não ser pelo cavalo morto de Ammi, que foi transportado e enterrado, e a charrete que em seguida lhe devolveram,

todos os outros organismos vivos haviam desaparecido. Restaram apenas cinco acres quiméricos de um deserto cinzento, e nada mais cresceu por lá desde então. Até hoje o panorama se estende sob o céu como uma grande mancha corroída por ácido em meio aos campos e bosques, e os poucos que se atreveram a vê-lo a despeito das lendas rurais chamaram-no de “descampado maldito”.

As lendas rurais são estranhas. E podem ficar ainda mais estranhas quando os homens da cidade e os químicos da universidade se interessam o suficiente a ponto de analisar a água de um poço abandonado ou o fino pó cinzento que nenhum vento parece dispersar. Os botânicos também deviam estudar a flora adoecida na região próxima, pois assim poderiam esclarecer se de fato a peste está se espalhando como os fazendeiros dizem — devagar, à taxa de três ou quatro centímetros por ano. Dizem que a cor das plantas ao redor parece irregular na primavera, e que certas coisas selvagens deixam estranhas pegadas na neve alva do inverno. A neve parece nunca se acumular no descampado maldito como em outros lugares. Os cavalos — os poucos que ainda restam nessa época a motor — ficam arredios no silêncio do vale; e os caçadores não podem contar com os cães no entorno do pó cinzento.

Dizem que as influências mentais também são muito nocivas. Muitos enlouqueceram nos anos que sucederam a morte de Nahum, sempre incapazes de fugir. Logo todas as pessoas de mente sadia abandonaram a região, e apenas os estrangeiros tentaram viver nas antigas casas decrépitas. Mesmo assim, não conseguiram permanecer lá; e às vezes me pergunto que compreensão além da nossa podem ter obtido graças aos fantásticos e bizarros encantamentos que sussurram. Os sonhos que os visitam à noite, segundo afirmam, são sempre horríveis naquele terreno grotesco; e sem dúvida a mera visão daquele domínio sombrio é suficiente para instigar devaneios mórbidos. Nenhum viajante escapa à sensação de estranheza nas profundezas dos vales, e os artistas sempre estremecem ao pintar bosques densos cujo mistério reside não apenas no olhar, mas também no espírito. Eu mesmo tenho uma certa curiosidade relativa à impressão que tive durante a caminhada solitária que fiz antes de ouvir a história de Ammi. Com a chegada do crepúsculo, senti o desejo vago de que nuvens encobrissem o céu, pois uma estranha inquietude motivada pela vastidão celeste se havia instilado em minha alma.

Não me peça para explicar. Eu não sei — isso é tudo. Não havia ninguém além de Ammi que pudesse responder minhas perguntas; pois os moradores de Arkham se recusam a falar sobre aqueles dias estranhos, e todos os três professores que viram o aerólito e o glóbulo colorido estão mortos. E houve outros glóbulos — pode ter certeza. Um deve ter encontrado alimento e escapado, e outro provavelmente ficou para trás. Não há dúvida de que ainda hoje habita o fundo do poço — sei que havia algo de errado com a luz do sol que vi acima

daquele poço miasmático. Os rústicos dizem que a praga se espalha três ou quatro centímetros por ano, então pode ser que continue se alimentando e crescendo. Mesmo assim, qualquer prole demoníaca que esteja por lá deve estar amarrada a alguma coisa, pois de outra maneira não tardaria em espalhar-se. Será que estaria presa às raízes das árvores que erguiam as garras para o céu? Uma das lendas que correm em Arkham versa sobre carvalhos intumescidos que brilham e balançam de maneira anormal à noite.

O que pode ser, só Deus sabe. Em termos de matéria, imagino que a coisa descrita por Ammi possa ser chamada de gás, mas esse gás obedecia leis estranhas ao nosso cosmo. Não era fruto dos mundos e dos sóis que fulguram nos telescópios e nas chapas fotográficas dos nossos observatórios. Não era um sopro dos céus cujos movimentos e dimensões os nossos astrônomos medem ou julgam demasiado vastos para medir. Era apenas uma cor que caiu do espaço — o pavoroso mensageiro de reinos informes que transcendem a Natureza tal como a conhecemos; de reinos cuja mera existência atordoa os nossos pensamentos e entorpece-nos com os negros abismos siderais que descortina ante o nosso olhar frenético.

Duvido que Ammi tenha mentido para mim e não acredito que o relato tenha origem nas alucinações causadas pela loucura, conforme haviam me prevenido na cidade. Algo terrível chegou aos vales e às colinas naquele meteoro, e algo terrível — embora eu não saiba em que proporção — permanece lá. Para mim vai ser uma alegria ver as águas chegarem. No meio-tempo, espero que nada aconteça com Ammi. A visão que teve da coisa foi completa demais — e as consequências foram insidiosas. Por que nunca conseguiu ir embora? E a exatidão com que lembrava das palavras de Nahum — “O Zenas nunca voltô do poço… não conseguiu saí… aquilo arrasta você… você sabe que a cousa tá vino atrás, mas não adianta…” Ammi é um homem bom — quando a equipe da represa começar as obras eu preciso escrever para o engenheiro-chefe e pedir que fique de olho nele. Eu detestaria pensar no velho fazendeiro como a monstruosidade cinzenta, retorcida e quebradiça que insiste em atormentar meu sono.

A Busca Onírica por Kadath (1927)

Por três vezes Randolph Carter sonhou com a cidade maravilhosa, e por três vezes perdeu-a enquanto se detinha no alto do terraço que a dominava. Dourada e bela, a cidade refulgia ao pôr do sol, com muros, templos, colunatas e pontes em arco entalhadas em mármore, fontes com bacias de prata que lançavam borrifos prismáticos em amplas esplanadas e jardins perfumados e ruas largas que marchavam por entre árvores delicadas e urnas repletas de flores e estátuas de marfim dispostas em fileiras esplendorosas; enquanto nas íngremes encostas ao norte empilhavam-se vermelhas e antigas empenas triangulares que abrigavam pequenas ruelas onde a grama crescia por entre as pedras do calçamento. Era uma febre dos deuses; uma fanfarra de trombetas sobrenaturais e um clangor de címbalos imorredouros. O mistério pairava sobre a cidade como as nuvens sobre uma montanha erma; e enquanto permanecia ansioso e com a respiração suspensa junto à balaustrada do parapeito, Carter foi atingido pelo ímpeto e pelo mistério da memória quase esmaecida, pela dor da perda e pela necessidade enlouquecedora de mais uma vez encontrar o que outrora tinha sido um lugar prodigioso e relevante.

Sabia que aquele significado outrora devia ter sido absoluto, embora não soubesse dizer em que ciclo ou encarnação o havia conhecido, nem se em sonho ou em vigília. O sentimento evocava vislumbres de uma primeira juventude distante e esquecida, em que o prazer e o deslumbramento estavam em todo o mistério dos dias, e tanto a aurora como o crepúsculo chegavam profeticamente ao som de alaúdes e canções, abrindo os portões encantados que davam acesso a outros portentos ainda mais surpreendentes. Porém, toda noite, quando chegava ao elevado terraço de mármore com as curiosas urnas e os balaústres entalhados e olhava para além da silenciosa cidade ao pôr do sol dotada de beleza e imanência extraterrenas, Carter sentia os grilhões dos tirânicos deuses dos sonhos; pois de modo algum conseguia deixar aquele ponto altaneiro ou galgar os amplos e marmóreos lances de escada que desciam interminavelmente até onde as ruas de bruxaria ancestral estendiam-se e fascinavam.

Quando pela terceira vez acordou sem descer os lances marmóreos e sem explorar as silenciosas ruas ao pôr do sol, rezou com paciência e fervor para os deuses ocultos dos sonhos que habitam com todos os caprichos divinos acima das nuvens na desconhecida Kadath, em meio à desolação gelada aonde nenhum homem se atreve. Porém, os deuses não ofereceram resposta e não fizeram menção de ceder, e tampouco deram qualquer sinal favorável quando Carter

rezou no sonho e invocou-os através de sacrifícios com o auxílio dos barbados sacerdotes Nasht e Kaman-Thah, cujo templo no interior de uma caverna com um pilar de fogo localiza-se próximo aos portões do mundo em vigília. As orações, no entanto, deram a impressão de causar efeitos adversos, pois já depois da primeira Carter cessou por completo de vislumbrar a cidade maravilhosa, como se os três vislumbres de longe tivessem sido meros acidentes ou descuidos que contrariavam o plano ou o desígnio oculto dos deuses.

Por fim, farto de ansiar pelas cintilantes ruas ao pôr do sol e pelas crípticas estradas que cortavam as colinas por entre telhados ancestrais, e incapaz de afastá-las dos pensamentos, fosse no sono ou na vigília, Carter decidiu aventurar-se onde homem nenhum jamais havia estado e desafiar os gélidos desertos mergulhados na escuridão onde a desconhecida Kadath, envolta em nuvens e coroada por estrelas inimaginadas, abriga secreta e noturna o castelo de ônix dos Grandes Deuses.

Em um leve cochilo, desceu os setenta degraus rumo à caverna da chama e falou sobre os próprios desígnios com os barbados sacerdotes Nasht e Kaman-Thah. Os sacerdotes balançaram as cabeças cingidas com *pshents* e asseveraram que aquela seria a morte anímica de Carter. Afirmaram que os Grandes Deuses já haviam manifestado seus desejos, e que não seria aconselhável perturbá-los com súplicas insistentes. Lembraram-no também de que não apenas homem nenhum jamais havia estado na desconhecida Kadath, mas homem nenhum sequer imaginava em que parte do espaço poderia localizar-se — se nas terras oníricas ao redor do nosso mundo ou se naquelas que circundam uma insuspeita companheira de Fomalhaut ou Aldebarã. Se estivesse localizada em nossas terras oníricas, talvez fosse possível alcançá-la; mas desde o primórdio dos tempos apenas três almas completamente humanas tinham reatravessado os impiedosos abismos negros em direção a outras terras oníricas, e duas haviam retornado com a sanidade um tanto abalada. Nessas viagens sempre existem perigos incalculáveis, bem como o perigo supremo que balbucia coisas inefáveis para além do universo ordenado, onde nenhum sonho alcança — o derradeiro malogro amorfo da mais profunda confusão que blasfema e borbulha no centro da infinitude — o ilimitado sultão-demônio Azathoth, cujo nome não existem lábios que se atrevam a pronunciar em voz alta, e que rói faminto em câmaras inconcebíveis e escuras para além do tempo em meio ao ritmo abafado e enlouquecedor de vis tambores e ao gemido estridente e monótono de flautas amaldiçoadas, em cujo ritmo abominável dançam de maneira lenta, desajeitada e absurda os gigantescos deuses supremos — os cegos, mudos, tenebrosos e irracionais Outros Deuses cujo espírito e mensageiro é o caos rastejante Nyarlathotep.

Quanto a essas coisas Carter foi alertado pelos sacerdotes Nasht e Kaman-Thah na caverna da chama, porém mesmo assim decidiu encontrar os deuses na

desconhecida Kadath em meio à desolação gelada, onde quer que ficasse, e assim reconquistar o vislumbre e a lembrança e o abrigo daquela maravilhosa cidade ao pôr do sol. Sabia que a jornada seria longa e estranha, e que os Grandes Deuses seriam contra; porém, estando habituado às terras dos sonhos, contava com inúmeras memórias e artimanhas úteis que poderiam ajudá-lo. Assim, depois de pedir uma bênção de adeus aos sacerdotes, desceu os setecentos degraus até o Portão do Sono Profundo fazendo planos e a seguir embrenhou-se no bosque encantado.

Nos túneis do bosque retorcido, cujos prodigiosos carvalhos emaranham os galhos e cintilam com a fosforescência de estranhos fungos, habitam os furtivos *zoogs*, que conhecem inúmeros segredos obscuros dos mundos oníricos e também do mundo em vigília, uma vez que o bosque tange as terras dos homens em dois pontos, embora fosse desastroso revelar onde. Certos rumores, fatos e desaparecimentos inexplicáveis ocorrem entre os homens nos locais a que os *zoogs* tem acesso, e convém que não possam se afastar muito do mundo onírico. Mesmo assim, os *zoogs* cruzam livremente as fronteiras mais próximas do mundo onírico, esvoaçando marrons e pequenos e invisíveis e trazendo de volta deliciosas histórias que ajudam a passar o tempo ao redor das fogueiras na floresta que amam. A maioria dessas criaturas vive em tocas, porém algumas habitam os troncos de grandes árvores; e embora tenham uma alimentação baseada principalmente em fungos, conta-se aos sussurros que também gostam de carne, seja física ou espiritual, pois muitos sonhadores que adentraram o bosque nunca mais saíram. Carter, no entanto, não sentia medo, pois era um velho sonhador e tinha aprendido a esvoaçante língua dos *zoogs* e feito diversos acordos com as criaturas, tendo encontrado, graças à ajuda delas, a esplêndida cidade de Celephaïs em Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas, governada durante a metade do ano pelo rei Kuranes, um homem que havia conhecido em vida por outro nome. Kuranes era a única alma a ter visitado os abismos estelares e retornado a salvo da loucura.

Enquanto galgava os baixos corredores fosforescentes por entre os troncos gigantes, Carter emitia sons esvoaçantes à maneira dos *zoogs* e aguardava uma resposta. Lembrou-se de um vilarejo das criaturas próximo ao centro do bosque, onde um círculo de grandes pedras cobertas de musgo no que outrora tinha sido uma clareira sugeria habitantes mais antigos e mais terríveis há muito tempo esquecidos, e seguiu com passos rápidos naquela direção. Orientou-se graças aos fungos grotescos, que parecem cada vez mais bem alimentados à medida que se chega perto do círculo onde os seres anciãos dançavam e faziam sacrifícios. Por fim a fosforescência mais intensa dos fungos amontoados revelaram uma sinistra vastidão verde e cinza que se elevava acima das copas da floresta e perdia-se de vista. Esse era o círculo de pedras mais próximo, e Carter sabia que estava perto

do vilarejo dos *zoogs*. Depois de repetir mais uma vez o som esvoaçante, esperou com paciência; e enfim foi recompensado pela impressão de que inúmeros olhos vigiavam-no. Eram os *zoogs*, pois os estranhos olhos verdes dessas criaturas surgem muito antes que se possa distinguir o contorno pequeno e escorregadio dos corpos marrons.

Logo saíram em um grande enxame da toca oculta e da árvore repleta de galerias, até que toda aquela região de luz tênue ganhasse vida com as criaturas. Alguns dos *zoogs* mais atrevidos roçaram-se em Carter, e um chegou a dar-lhe uma nojenta mordiscada na orelha; mas logo esses espíritos sem lei foram contidos pelos mais velhos. Depois de reconhecer o visitante, o Conselho dos Sábios ofereceu-lhe uma cabaça de seiva fermentada colhida de uma árvore misteriosa e diferente das outras, que havia crescido a partir de uma semente lançada por alguém na lua; e enquanto Carter bebia cerimoniosamente teve início um estranhíssimo colóquio. Infelizmente os *zoogs* não sabiam onde ficava o cume de Kadath, nem estavam em condições de dizer se a desolação gelada localizava-se em nosso mundo onírico ou em outro. Os humores dos Grandes Deuses emanavam de todos os lados; e poder-se-ia dizer que seria mais provável avistá-los nos altaneiros cumes das montanhas do que nos vales, uma vez que nos cumes executam danças reminiscentes quando a lua se ergue acima das nuvens.

Um *zoog* deveras provecto lembrou-se de uma história desconhecida aos demais, e disse que em Ulthar, que fica além do rio Skai, encontrava-se a última cópia dos inconcebivelmente ancestrais Manuscritos Pnakóticos feitos por homens em vigília nos reinos boreais e levados até a terra dos sonhos quando o hirsuto canibal Gnophkehs subjugou os numerosos templos de Olathoë e matou todos os heróis da terra de Lomar. Esses manuscritos, segundo disse, continham muitas informações acerca dos deuses; e, além do mais, em Ulthar havia homens que tinham recebido os sinais dos deuses, e até mesmo um velho sacerdote que havia escalado uma grande montanha para vê-los dançando ao luar. O sacerdote havia falhado, embora um companheiro de viagem tivesse obtido sucesso e perecido de maneira inefável.

Então Randolph Carter agradeceu aos *zoogs*, que esvoaçaram amigavelmente e lhe ofereceram mais uma cabaça de vinho lunar para que levasse consigo durante a jornada, e afastou-se pelo bosque fosforescente do outro lado, onde as águas ligeiras do Skai descem as encostas de Lerion enquanto Hatheg e Nir e Ulthar salpicam a planície. Mais atrás, furtivos e ocultos, espreitavam diversos *zoogs* curiosos, pois desejavam saber o que aconteceria a Carter para contar a lenda às outras criaturas da espécie. Os enormes carvalhos tornavam-se cada vez mais densos à medida que Carter se afastava do vilarejo, com o olhar fixo em um ponto onde pareciam um pouco mais esparsos por estarem mortos ou morrendo em meio aos densos fungos anômalos e ao mofo

putrescente e aos troncos pastosos dos irmãos caídos. Ao chegar lá faria uma curva fechada, pois naquele ponto o chão da floresta é revestido por uma robusta placa de pedra; e aqueles que se atreveram a chegar perto dizem que traz uma sólida argola de metal com um metro de diâmetro. Conhecendo o círculo arcaico de grandes pedras cobertas por musgo e o possível uso daquele objeto, os *zoogs* não se detinham nas proximidades da extensa placa de pedra com a enorme argola de metal; pois sabem que nem tudo o que foi esquecido está necessariamente morto, e não gostariam de ver a placa erguer-se sozinha de maneira deliberada.

Carter se afastou do caminho no local adequado e ouviu atrás de si o esvoaçar assustado de certos *zoogs* mais tímidos. Sabia que o seguiriam, e assim não se deixou perturbar, uma vez que estava acostumado às anomalias dessas criaturas enxeridas. Estava na hora do crepúsculo quando chegou à orla do bosque, e o esplendor cada vez mais forte dava os primeiros sinais da alvorada. Em meio às planícies férteis que descem até o Skai, Carter viu a fumaça das cabanas, e por todos os lados espalhavam-se as sebes e os campos arados e os telhados de sapé daquela terra pacata. Houve um momento em que parou junto ao poço de uma fazenda para tomar um gole d'água e todos os cães latiram apavorados para os inconspícuos *zoogs* que se esgueiravam no gramado logo atrás. Em outra casa, onde os moradores estavam envolvidos em afazeres domésticos, indagou sobre os deuses e perguntou se dançavam com frequência em Lerion; mas o fazendeiro e a esposa limitaram-se a fazer o Símbolo Ancestral e a indicar o caminho de Nir e de Ulthar.

Ao meio-dia Carter atravessou a principal rua de Nir, que outrora havia visitado e que havia marcado as viagens mais distantes naquela direção; e logo em seguida chegou à grande ponte de pedra sobre o Skai, em cujo píer central os pedreiros haviam emparedado um sacrifício humano ainda vivo na época da construção mil e trezentos anos atrás. Depois de chegar ao outro lado, a frequente presença dos gatos (que sem exceção arqueavam as costas ao perceberem os *zoogs*) revelou a proximidade de Ulthar; pois em Ulthar, segundo uma lei antiga e importante, nenhum homem pode matar gatos. Deveras agradáveis eram os subúrbios de Ulthar, repletos de pequenas cabanas verdes e fazendas com cercas bem-cuidadas; e ainda mais agradável era o próprio vilarejo pitoresco, com antigos telhados de duas águas e incontáveis chaminés e estreitas ruelas morro acima, onde se viam antigas calçadas sempre que os graciosos felinos ofereciam espaço suficiente para tanto. Depois que os gatos foram em parte dispersados pelos *zoogs* semivisíveis, Carter seguiu diretamente rumo ao Templo dos Anciões, onde segundo as lendas encontravam-se os sacerdotes e os antigos registros; e, uma vez no interior da venerável torre circular de pedra recoberta por hera que coroa a montanha mais alta de Ulthar, buscou o patriarca Atal, que havia subido a montanha proibida de Hatheg-Kla no deserto pedregoso e sobrevivido.

Atal, que estava sentado em um pedestal de marfim sobre um santuário ornado por festões no alto do templo, tinha trezentos anos de idade; mesmo assim, era muito lúcido e tinha uma excelente memória. Com Atal, Carter aprendeu muitas coisas sobre os deuses — em especial que eram apenas os deuses terrestres e exerciam apenas uma débil supremacia sobre as nossas próprias terras oníricas, sem nenhuma prerrogativa de poder ou morada em qualquer outra parte. Segundo Atal, era possível que atendessem as preces de um homem se estivessem de bom humor; mas ninguém devia almejar subir até a fortaleza de ônix no alto de Kadath em meio à desolação gelada. Era sorte que nenhum homem soubesse onde Kadath sobranceia, pois os frutos dessa escalada seriam demasiado graves. O companheiro de Atal, conhecido como Barzai, o sábio, fora tragado aos gritos em direção ao céu simplesmente por escalar a montanha conhecida de Hatheg-Kla. Com a desconhecida Kadath, se um dia fosse descoberta, as consequências seriam infinitamente mais graves; pois, embora às vezes possam ser superados pela sabedoria mortal, os deuses terrestres são protegidos pelos Outros Deuses do Espaço Sideral, sobre os quais seria melhor calar. Pelo menos duas vezes na história do mundo os Outros Deuses haviam marcado o granito primordial da Terra com o próprio sinete; uma nos tempos antediluvianos, como sugere um desenho encontrado nas partes dos Manuscritos Pnakóticos antigas demais para que sejam lidas, e outra em Hatheg-Kla, quando Barzai, o sábio, tentou ver os deuses terrestres dançando ao luar. Assim, Atal disse que o melhor seria deixar todos os deuses em paz, a não ser em orações cautelosas.

Carter, embora desapontado pelo conselho desencorajador de Atal e pela ajuda insuficiente oferecida pelos Manuscritos Pnakóticos e pelos Sete Livros Crípticos de Hsan, não perdeu a esperança. Primeiro questionou o velho sacerdote a respeito da maravilhosa cidade ao pôr do sol vislumbrada do terraço com balaústres, pensando que talvez pudesse encontrar o que buscava sem o auxílio dos deuses; mas Atal não pôde oferecer nenhum esclarecimento. Segundo Atal, seria possível que o lugar pertencesse à terra onírica particular de Carter, e não à terra da visão geral que muitos outros conhecem; e seria concebível que ficasse em outro planeta. Nesse caso os deuses terrestres não poderiam guiá-lo nem se quisessem. Mas isso não era provável, uma vez que a ausência de sonhos podia ser interpretada como um sinal claro de que aquilo era algo que os Grandes Deuses desejavam manter oculto.

Então Carter cometeu uma vileza, oferecendo ao inocente anfitrião goles e mais goles do vinho lunar que os *zoogs* haviam lhe dado, até que o velho sucumbisse à irresponsabilidade e começasse a falar. Privado de toda a discrição, o pobre Atal balbuciou livremente sobre toda sorte de coisas proscritas, contando histórias sobre uma grande imagem entalhada na sólida rocha da montanha

Ngranek, situada na ilha de Oriab e banhada pelo Mar Austral, e insinuando que podia ser uma estátua lavrada pelos deuses terrestres à própria imagem e semelhança enquanto dançavam ao luar na montanha. Também deixou escapar que as feições da estátua eram muito estranhas, sendo portanto de imediato reconhecíveis, e que eram um traço distintivo nos representantes autênticos da raça divina.

Nesse ponto a utilidade de todas essas informações na busca pelos deuses tornou-se evidente para Carter. Sabe-se que os mais jovens dentre os Grandes Deuses muitas vezes usam disfarces para desposar as filhas dos homens, de modo que no entorno da desolação gelada onde se ergue Kadath todos os aldeões devem ter o sangue dos deuses. Sendo assim, a melhor forma de encontrar a desolação gelada seria observar o rosto de pedra em Ngranek e prestar atenção às feições; e então, depois de memorizá-las, procurar feições similares em meio aos homens. O lugar onde fossem mais simples e evidentes deveria ser próximo à morada dos deuses; e qualquer terreno rochoso que se estendesse atrás dos vilarejos nesse lugar deveria ser a desolação onde se ergue Kadath.

Muito se poderia aprender sobre os Grandes Deuses nessas regiões, pois aqueles com o sangue divino herdam pequenas memórias muito úteis a um explorador. Talvez não conheçam a própria genealogia, pois os deuses evitam revelar-se aos homens e portanto não existe ninguém que saiba ter contemplado rostos divinos — uma descoberta feita por Carter enquanto tentava escalar Kadath. Porém, tinham estranhos pensamentos elevados, mal compreendidos pelos próprios semelhantes, e cantavam sobre lugares e jardins longínquos tão distintos de qualquer local conhecido, mesmo nas terras oníricas, que as pessoas os chamavam de tolos; e graças a todas essas coisas talvez fosse possível aprender os antigos segredos de Kadath, ou encontrar pistas sobre a maravilhosa cidade ao pôr do sol que os deuses mantinham oculta. Além do mais, em determinadas circunstâncias seria possível tomar o bem-amado filho de um deus como refém; ou mesmo capturar um jovem deus incógnito que vivesse entre os homens com uma bela camponesa por esposa.

Atal, no entanto, não sabia como encontrar Ngranek na ilha de Oriab, e recomendou a Carter que seguisse o melodioso Skai por sob as pontes até chegar ao Mar Austral, onde nenhum cidadão de Ulthar jamais esteve, mas de onde os mercadores chegam em barcos ou em longas caravanas de mulas e carroças. Lá se encontra a grande Dylath-Leen, porém o lugar tem má fama em Ulthar devido às galés com três ordens de remos que trazem rubis de portos desconhecidos. Os mercadores que chegam nessas galés para tratar com os joalheiros são humanos, ou ao menos quase, mas os remadores nunca são avistados; e os habitantes de Ulthar julgam pouco apropriado que os mercadores façam comércio com navios pretos de lugares desconhecidos cujos remadores não podem ser vistos.

Quando terminou de fornecer essa informação Atal ficou muito sonolento, e Carter deitou-o cuidadosamente em um sofá de ébano com incrustações e sobre o peito juntou com enorme decoro a longa barba do anfitrião. Quando se virou para ir embora, notou que nenhum esvoaçar suprimido vinha em seu encalço e perguntou-se por que motivo os *zoogs* haviam abandonado aquela curiosa perseguição. Logo percebeu que todos os lustrosos e satisfeitos gatos de Ulthar lambiam os bigodes com um entusiasmo fora do comum, e lembrou-se dos bufos e dos miados que havia percebido nas partes mais baixas do templo enquanto distraía-se conversando com o velho sacerdote. Lembrou-se também do consternador olhar faminto que um jovem e atrevido *zoog* havia lançado em direção a um gatinho preto no calçamento da rua lá fora. E, como na Terra amava os gatinhos pretos acima de tudo, Carter abaixou-se e afagou os lustrosos gatos de Ulthar que lambiam os bigodes e não lamentou a relutância dos *zoogs* inquiridores em continuar a segui-lo.

Como o sol estivesse se pondo, Carter parou em uma antiga estalagem numa ruela íngreme que sobranceava as partes mais baixas do vilarejo. Quando saiu para a sacada do quarto e olhou para baixo em direção ao mar de telhados vermelhos e calçadas e agradáveis campos mais além, mergulhado na tranquilidade e na magia da luz oblíqua, jurou que Ulthar seria um lugar muito agradável para se morar por todo o sempre se não fosse pela memória de uma cidade ao pôr do sol ainda mais grandiosa que o impelia rumo a perigos desconhecidos. Então veio o crepúsculo, e os muros rosados das empenas rematadas com gesso ganharam um aspecto místico e violáceo enquanto pequenas luzinhas amarelas se acendiam uma a uma nas velhas gelosias. E doces sinos repicaram na torre do templo mais acima, e a primeira estrela reluziu suave acima dos prados na outra margem do Skai. Com a noite veio a música, e Carter balançou a cabeça ao ritmo dos alaúdes enquanto os instrumentistas louvavam os tempos antigos além das sacadas decoradas com filigranas e dos pátios tesselados da singela Ulthar. Talvez pudesse haver doçura até mesmo na voz dos inúmeros gatos de Ulthar, se não estivessem em boa parte fartos e silenciosos como resultado de um estranho banquete. Alguns felinos afastaram-se em direção aos reinos crípticos conhecidos somente pelos gatos, que os habitantes do vilarejo dizem ficar no lado escuro da lua, aonde os gatos chegam saltando desde os mais altos telhados; porém um gatinho preto subiu o lance de escadas e pulou no colo de Carter para ronronar e brincar, e aninhou-se aos pés do viajante quando este por fim deitou-se no pequeno sofá estofado com ervas fragrantes e soporíferas.

Pela manhã Carter juntou-se a uma caravana de mercadores que estavam a caminho de Dylath-Leen com a lã fiada de Ulthar e os repolhos das movimentadas fazendas de Ulthar. E por seis dias viajaram com sininhos tilintantes pela estrada nivelada à margem do Skai, parando certas noites nas

estalagens de curiosos vilarejos pesqueiros, e em outras acampando sob o lume das estrelas enquanto ouviam as canções dos barqueiros nas plácidas águas do rio. O campo era belíssimo, repleto de verdejantes sebes e arvoredos e pitorescas cabanas com telhados de duas águas e moinhos octogonais.

No sétimo dia uma pluma de fumaça surgiu no horizonte à frente, e logo se ergueram as altaneiras torres basálticas de Dylath-Leen. Dylath-Leen, repleta de torres delgadas e angulosas, olha para longe como a Calçada dos Gigantes, e tem ruas escuras e pouco atraentes. Existem sórdidas tavernas portuárias nos arredores dos inúmeros cais, e por todo o vilarejo amontoam-se os estranhos marujos de todos os países da Terra e outros que talvez venham de portos ainda mais distantes. Carter perguntou a citadinos trajados com estranhos mantos sobre a montanha de Ngranek na ilha de Oriab e descobriu que a conheciam muito bem. No porto havia embarcações de Baharna, na mesma ilha — e embora um dos navios fosse retornar dentro de um mês, a viagem do porto a Ngranek leva apenas dois dias nas costas de uma zebra. Mesmo assim, poucos tinham visto o rosto pétreo do deus, localizado em uma encosta muito acidentada de Ngranek, que sobranceia apenas as escarpas mais íngremes e um sinistro vale de lava. Certa vez os deuses zangaram-se com os homens naquele lado e levaram o assunto ao conhecimento dos Outros Deuses.

Foi difícil obter essa informação dos comerciantes e marujos nas tavernas portuárias de Dylath-Leen, uma vez que preferiam falar apenas aos sussurros sobre as galés negras. Dentro de uma semana um navio aportaria com uma carga de rubis vindo de orlas desconhecidas, e a população do vilarejo temia essa chegada. Os homens desse navio tinham a boca larga demais, e a maneira como seus turbantes avolumavam-se em dois pontos distintos na altura da testa eram de extremo mau gosto. Os sapatos que usavam eram os mais curtos e os mais estranhos jamais vistos nos Seis Reinos. Mas o pior de tudo eram os remadores invisíveis. As três ordens de remos moviam-se com velocidade e precisão e vigor excessivos, e não parecia certo que um navio permanecesse ancorado em um porto durante semanas a fio enquanto os mercadores conduziam negócios sem que ninguém avistasse a tripulação. Não parecia justo com os taverneiros de Dylath-Leen, e tampouco com os merceeiros e açougueiros; pois nenhum mantimento era jamais enviado a bordo. Os mercadores atravessavam o rio levando de Parg apenas ouro e rotundos escravos negros. Eis tudo o que levavam esses mercadores de feições desagradáveis com remadores invisíveis; jamais faziam compras nos açougues ou mercearias — levavam apenas ouro e negros gordos de Parg, comprados a quilo. Não há como descrever o cheiro dessas galés quando o vento sul soprava dos cais. Mesmo os mais endurecidos frequentadores das velhas tavernas portuárias precisavam fumar *thag* constantemente para suportá-lo. Dylath-Leen jamais haveria tolerado as galés negras se aqueles rubis

pudessem ser obtidos de outra maneira, porém não se conhecia nenhuma outra mina em todas as terras oníricas de nosso planeta capaz de produzir gemas parecidas.

Os habitantes cosmopolitas de Dylath-Leen discutiam esses assuntos enquanto Carter esperava pacientemente pelo navio de Baharna, que poderia conduzi-lo à ilha onde a montanha entalhada de Ngranek ergue-se altaneira e desolada. Nesse meio-tempo, não deixou de vasculhar os lugares habitualmente frequentados pelos viajantes em busca das histórias que pudessem conhecer a respeito de Kadath na desolação gelada ou sobre uma fabulosa cidade com muros de marfim e fontes de prata que reluziam sob os terraços ao pôr do sol. Quanto a essas coisas, no entanto, não descobriu nada, ainda que em certa ocasião um velho mercador de olhar oblíquo tenha dado estranhos sinais de conhecimento quando ouviu menções à desolação gelada. Esse homem tinha a fama de manter comércio com os horrendos vilarejos de pedra no inóspito platô gelado de Leng, jamais visitado por pessoas salubres e repleto de fogueiras malignas à noite. Dizia-se até que havia tratado com o alto sacerdote que não deve ser descrito, que usa uma máscara de seda amarela sobre o rosto e vive isolado em um pré-histórico monastério de pedra no inóspito platô gelado de Leng. Não restava nenhuma dúvida de que esse homem pudesse ter mantido comércio com as entidades que habitam a desolação gelada, porém Carter logo percebeu que era inútil questioná-lo.

Após deixar para trás o molhe basáltico e o elevado farol a galé negra adentrou o porto, silenciosa e alienígena, trazendo consigo um estranho odor que o vento sul soprava rumo à cidade. A inquietude pairava sobre as tavernas ao longo da zona portuária, e passado algum tempo os mercadores de boca larga com turbantes salientes e pés curtos desembarcaram furtivamente a fim de procurar os bazares dos joalheiros. Carter observou-os mais de perto e percebeu que quanto mais os encarava, mais os execrava. Em seguida viu-os conduzir os rotundos negros de Parg ao interior da galé através do portaló, em meio a muitos grunhidos e muito suor, e perguntou-se em que países — se é que era em algum país — aquelas criaturas gordas e patéticas estariam fadadas a servir.

Na terceira noite depois que a galé aportou um dos inquietantes mercadores falou-lhe, piscando cheio de malícia e fazendo insinuações a respeito do que tinha ouvido nas tavernas sobre a busca de Carter. Parecia deter algum conhecimento demasiado secreto para uma revelação pública; e, embora o som daquela voz fosse odioso ao extremo, Carter percebeu que não poderia subestimar a sabedoria de um viajante de plagas tão longínquas. Convidou-o para uma conversa a portas fechadas no quarto andar da estalagem e usou o restante do vinho lunar dos *zoogs* para soltar a língua do interlocutor. O estranho mercador bebeu à farta e limitou-se a sorrir, imune aos efeitos da bebida. Em seguida sacou uma curiosa garrafa de

vinho, e Carter percebeu que o recipiente era um único rubi oco, entalhado com desenhos grotescos demais para que pudessem ser compreendidos. Ofereceu aquele vinho ao anfitrião — e, embora tenha bebido apenas um gole minúsculo, Carter sentiu a vertigem do espaço e a febre de selvas inimaginadas. O convidado foi abrindo um sorriso cada vez mais largo, e antes de sucumbir de vez ao esquecimento Carter viu aquele odioso semblante escuro contorcer-se em uma gargalhada demoníaca e percebeu um movimento nefando no ponto onde uma das protuberâncias frontais do turbante laranja agitou-se com o frêmito daquele júbilo epiléptico.

Carter recobrou a consciência em meio a odores terríveis sob o toldo no convés de um navio enquanto a esplêndida costa do Mar Austral deslizava a uma velocidade espantosa. Não estava acorrentado, mas três dos sardônicos mercadores obscuros estavam próximos com um largo sorriso no rosto, e a visão das protuberâncias gêmeas sob os turbantes provocou uma vertigem quase tão intensa quanto aquela causada pelo fedor que trescalava pelas sinistras escotilhas. Carter viu passarem as gloriosas terras e cidades sobre as quais um outro sonhador da Terra — um faroleiro da antiga Kingsport — havia discursado em priscas épocas e reconheceu os terraços de Zar, morada dos sonhos esquecidos; os coruchéus da infame Thalarion, a cidade-demônio de mil maravilhas presidida pelo *eídolon* Lathi; os funestos jardins de Xura, terra dos prazeres inalcançados, e os promontórios gêmeos de cristal, que se encontram em uma arcada resplendente e guardam o porto de Sona-Nyl, o abençoado país dos devaneios.

O malcheiroso navio traçava uma rota insalubre por todos esses belos países, impelido pela força sobrenatural dos remadores invisíveis lá embaixo. E antes que o dia chegasse ao fim Carter viu que o timoneiro não poderia ter outro rumo senão os Pilares Basálticos do Ocidente, além dos quais as pessoas humildes creem situar-se a esplêndida Cathúria, ainda que os sonhadores experientes saibam que são os portões de uma catarata monstruosa, na qual os oceanos do mundo deságuam no abismo do nada e atravessam o espaço vazio rumo a outros mundos e outras estrelas e aos terríveis vácuos para além do universo conhecido, onde o sultão-demônio Azathoth rói faminto em meio ao caos e aos rumores e assovios e às danças demoníacas dos Outros Deuses, cegos, mudos, tenebrosos e irracionais, com o espírito e mensageiro Nyarlathotep.

Durante todo esse tempo os três mercadores sardônicos não pronunciaram uma única palavra quanto ao intento da captura, embora Carter imaginasse que deviam estar mancomunados com aqueles que pretendiam frustrá-lo na busca. Nas terras oníricas sabe-se que os Outros Deuses têm muitos agentes entre os homens; e todos esses agentes, sejam humanos ou humanoides, anseiam por fazer a vontade dessas coisas cegas e irracionais em troca dos favores do terrível espírito e mensageiro, o caos rastejante Nyarlathotep. Assim, Carter imaginou

que os mercadores de turbantes salientes, ao saber da intrépida busca pelos Grandes Deuses no castelo em Kadath, haviam decidido levá-lo e entregá-lo a Nyarlathotep em troca do galardão inefável que pudesse ser oferecido em troca daquele prêmio. Carter não conseguia imaginar de que confins no universo conhecido ou quiméricos espaços siderais viriam aqueles mercadores; tampouco era capaz de imaginar em que demoníaco local de assembleia haveriam de encontrar o caos rastejante para entregá-lo e exigir a recompensa devida. Sabia, no entanto, que seres quase humanos como aqueles jamais ousariam se aproximar do noctífero trono do demônio Azathoth no âmago do vazio amorfo.

Quando o sol se pôs os mercadores lamberam os amplos lábios e trocaram olhares famintos, e um deles desceu ao convés e voltou de alguma cabine fétida com uma panela e um cesto de pratos. Em seguida agacharam-se sob o toldo e comeram a carne fumegante que passava de mão em mão. Depois de receber uma porção, Carter percebeu algo medonho ao extremo no tamanho e no formato da comida, de maneira que ficou ainda mais pálido e lançou a porção ao mar enquanto nenhum olhar o observava. Mais uma vez pensou naqueles remadores invisíveis lá embaixo e nas sinistras provisões que alimentavam todo aquele poderio mecânico.

Era noite quando a galé passou em meio aos Pilares Basálticos do Ocidente, e o fragor da catarata suprema alcançava níveis ensurdecedores logo adiante. A névoa da catarata ergueu-se a ponto de obscurecer as estrelas e o convés se umedeceu, e a embarcação jogou em meio à corrente provocada pelo abismo. Então, com um estranho assovio e um estranho mergulho o salto foi dado, e Carter sentiu todos os terrores de um pesadelo enquanto a Terra se afastava e o grande barco disparava silencioso como um cometa rumo ao espaço planetário. Jamais tinha imaginado as coisas negras e amorfas que espreitam e pululam e arrastam-se pelo éter com sorrisos maliciosos e zombeteiros para quantos viajantes passarem, às vezes tateando com as patas viscosas quando um objeto móvel desperta-lhes a curiosidade. Essas são as larvas sem nome dos Outros Deuses, inertes como os progenitores são cegos e irracionais, e imbuídas de singulares fomes e sedes.

Porém, a fétida galé não chegaria tão longe quanto Carter havia temido, pois logo notou que o timoneiro seguia em direção à lua. O crescente cintilava com um brilho cada vez mais intenso e exibia singulares crateras e picos de aspecto inquietante à medida que se aproximava. O navio seguiu em direção à borda, e logo ficou claro que o destino era aquele lado secreto e misterioso eternamente voltado para longe da Terra em que nenhum ser completamente humano, salvo talvez o sonhador Snireth-Ko, jamais pôs os olhos. O aspecto próximo da lua à medida que a galé se aproximava mostrou-se perturbador ao extremo, e Carter não gostou da forma e do tamanho das ruínas que se espalhavam aqui e acolá. A

disposição dos templos mortos nas montanhas insinuava que não tinham servido à glória de deuses salubres ou apropriados, e nas simetrias das colunas quebradas parecia espreitar um portento obscuro e secreto que não convidava a nenhuma resolução. Quanto à estrutura e às proporções dos antigos adoradores, Carter recusava-se com veemência a fazer qualquer conjectura.

Quando o navio atravessou a borda e singrou aquelas terras desconhecidas aos homens, surgiram no estranho panorama certos sinais de vida, e Carter percebeu muitas cabanas baixas, largas e redondas em campos repletos de fungos esbranquiçados. Notou também que essas cabanas não tinham janelas, e pensou que o formato sugeria os iglus dos esquimós. Então vislumbrou as ondulações untuosas de um oceano modorrento e soube que a viagem mais uma vez seguiria pela água — ou pelo menos através de um líquido. A galé bateu na superfície com um som peculiar, e a estranha maneira elástica como as ondas receberam o impacto deixou Carter um tanto perplexo. Logo depois avançaram com grande velocidade, passando e saudando uma outra galé do mesmo tipo, porém na maior parte do tempo sem ver nada além daquele estranho mar e do céu negro e coalhado de estrelas, ainda que o sol abrasador continuasse a arder no firmamento.

De repente surgiram no horizonte as escarpas de uma costa leprosa, e Carter viu as sólidas torres cinzentas de uma cidade. A maneira como estavam recurvadas, o modo como se amontoavam e a total ausência de janelas foram muito inquietantes para o prisioneiro, que lamentou o desatino que o levara a provar o curioso vinho do mercador com o turbante saliente. À medida que a costa se aproximava e o horrendo fedor da cidade ganhava intensidade, viu inúmeras florestas no alto das escarpas, bem como certas árvores que pareciam ter alguma relação com a solitária árvore lunar no bosque encantado na Terra, de cuja seiva fermentada os pequenos *zoogs* marrons produzem um vinho peculiar.

Carter pôde distinguir figuras em movimento nos abjetos cais mais à frente, e quanto melhor os via, maiores eram o temor e a repulsa que sentia. Pois não eram homens ou sequer humanoides; eram enormes criaturas branco-acinzentadas e pegajosas capazes de expandirem-se e contraírem-se à vontade, e cuja forma predominante — embora sofressem constantes mutações — era uma espécie de sapo desprovido de olhos, dotado de uma curiosa massa fremente repleta de curtos tentáculos rosados na ponta do vago e grosseiro nariz. Esses objetos cambaleavam pelos cais, transportando fardos e caixas e caixotes com uma força sobrenatural, de vez em quando entrando ou saindo aos pulos de uma galé ancorada com longos remos nas patas dianteiras. Às vezes uma criatura aparecia conduzindo um bando de escravos amontoados que de fato eram aproximações de seres humanos, com bocas largas como as dos mercadores que faziam comércio em Dylath-Leen; porém esses bandos, por estarem sem turbantes nem sapatos

nem roupas, não pareciam tão humanos afinal de contas. Alguns escravos — os mais gordos, que uma espécie de capataz beliscava à guisa de experimentação — foram descarregados dos navios e pregados no interior de caixas que outros trabalhadores empurravam para dentro de galpões baixos ou carregavam em enormes e ponderosos carroções.

Em um dado momento um dos carroções foi atrelado e partiu, e a coisa fabulosa que o dirigia fez com que Carter tivesse um forte sobressalto, mesmo depois de ver as outras monstruosidades daquele lugar odioso. Vez ou outra um pequeno grupo de escravos com trajes e turbantes similares aos dos mercadores obscuros eram conduzidos a bordo de uma galé, seguidos por uma grande tripulação dos batráquios cinzentos e pegajosos que ocupavam as funções de oficiais, navegadores e remadores. E Carter viu que as criaturas humanoides eram empregadas nos tipos mais ignominiosos de servidão, que não requeriam nenhum vigor físico, como guiar o navio, preparar comida, transportar pequenos objetos e barganhar com os homens da Terra ou de outros planetas onde mantivessem comércio. Essas criaturas teriam sido convenientes na Terra, pois a bem dizer não eram muito diferentes dos homens quando trajavam roupas e calçados e turbantes, e sabiam regatear nas lojas dos homens sem nenhum constrangimento e sem explicações curiosas. Porém, a maioria das criaturas, salvo aquelas magras ou desfavorecidas, foram despidas e postas em caixotes e levadas em ponderosos carroções por coisas fabulosas. De vez em quando outros seres eram descarregados e encaixotados; alguns muito similares aos humanoides, outros nem tanto, e ainda outros nem um pouco. E Carter perguntou-se se algum dos pobres negros rotundos de Parg seria descarregado e encaixotado e embarcado rumo ao continente nos carroções.

Quando a galé aportou em um cais de aspecto graxento entalhado em pedra esponjosa, uma horda de coisas batráquias saídas de um pesadelo esgueirou-se pelas escotilhas, e duas dessas criaturas pegaram Carter e o arrastaram para terra. O cheiro e o aspecto da cidade desafiavam qualquer descrição, e Carter reteve apenas imagens fragmentárias das ruas calçadas e dos vãos negros nas portas e dos intermináveis precipícios verticais de paredes cinzentas e desprovidas de janelas. Por fim foi arrastado ao interior de uma porta um tanto baixa e obrigado a galgar infinitos degraus em uma escuridão de breu. Segundo tudo indicava, para as coisas batráquias pouca diferença fazia se estivesse claro ou escuro. O odor do lugar era intolerável, e quando foi trancafiado sozinho em um cômodo Carter mal teve forças para se arrastar ao redor e investigar o formato e as dimensões do recinto. Era circular e tinha aproximadamente seis metros de diâmetro.

A partir daquele momento o tempo deixou de existir. De vez em quando uma porção de comida era empurrada para dentro da câmara, porém Carter não a tocava. Não tinha a menor ideia de que destino o levaria; mas sentia que estava

sendo retido para a chegada do terrível espírito e mensageiro dos Outros Deuses da infinitude, o caos rastejante Nyarlathotep. Por fim, depois de um intervalo de horas ou de dias insabidos, a grande porta de pedra tornou a se abrir e Carter foi empurrado pela escada em direção às ruas de iluminação vermelha naquela temível cidade. Era noite na lua, e por todo vilarejo havia escravos empunhando archotes.

Em uma esplanada medonha, uma espécie de procissão estava formada: eram dez coisas batráquias e 24 criaturas humanoides de archote em punho, onze de cada lado, uma na frente e uma atrás. Carter foi posto no meio da formação, com cinco coisas batráquias à frente e outras cinco atrás, e um humanoide de archote em punho em cada lado. Algumas das coisas batráquias sacaram flautas de marfim ornadas com entalhes repugnantes e começaram a produzir sons odiosos. No ritmo daqueles sopros infernais a coluna deixou para trás as ruas calçadas e avançou rumo às planícies noctíferas de fungos obscenos a fim de escalar uma das colinas mais baixas e mais graduais logo atrás da cidade. Carter não tinha a menor dúvida de que em uma encosta terrível ou em um blasfemo platô o caos rastejante estaria à espreita; e desejou que o suspense acabasse o quanto antes. Os lamentos daquelas flautas ímpias eram chocantes, e teria dado o mundo em troca de um som remotamente normal; porém as coisas batráquias eram desprovidas de voz, e os escravos permaneciam em silêncio.

De repente, em meio à escuridão coalhada de estrelas, fez-se ouvir um som normal. Veio desde as colinas mais altas e ecoou por todos os picos escarpados ao redor no *crescendo* de um coro demoníaco. Era o grito noturno de um gato, e Carter soube enfim que os velhos habitantes do vilarejo estavam certos quando especularam a meia-voz sobre os crípticos reinos conhecidos somente pelos gatos, e para onde os felinos mais velhos dirigem-se com passos furtivos à noite, saltando desde os telhados mais altos. Em verdade, é para o lado escuro da lua que os gatos vão para saltar e brincar nas colinas e entabular conversas com sombras antigas, e em meio àquela coluna de coisas fétidas Carter escutou o grito familiar e amigável e pensou nos telhados íngremes e nas lareiras aconchegantes e nas janelas iluminadas de casa.

Randolph Carter conhecia bem a língua dos gatos, e assim tratou de proferir o grito adequado naquele lugar distante e terrível. O grito, no entanto, não seria necessário; pois assim que abriu os lábios Carter percebeu que as vozes do coro ganhavam intensidade à medida que se aproximavam, e em seguida viu sombras ligeiras obscurecerem as estrelas enquanto pequenas formas graciosas pulavam de colina em colina em legiões cada vez maiores. O chamado do clã havia soado, e antes que houvesse tempo para sentir medo uma nuvem de pelos sufocantes e uma falange de garras assassinas abateu-se como o mar revolto ou como uma tempestade sobre a horrenda procissão. As flautas calaram-se e gritos ecoaram

noite afora. Os humanoides moribundos gritavam, e os gatos cuspiam e miavam e bufavam, mas as coisas batráquias não faziam nenhum som quando a fétida sânie verde escorria de maneira fatal pela terra porosa coberta por fungos obscenos.

Foi uma visão impressionante enquanto ainda havia archotes, e Carter jamais tinha visto tantos gatos juntos. Pretos, cinzentos e brancos; amarelos, tigrados e malhados; comuns, persas e Manx; tibetanos, angorás e egípcios; todos reunidos na fúria da batalha e cingidos pela aura de profunda e inviolável santidade que enaltece a deusa protetora dos gatos nos templos de Bubástis. Pulavam sete ao mesmo tempo no pescoço de um humanoide ou no focinho tentaculado de uma coisa batráquia e derrubavam a vítima sobre a planície fúngica, onde miríades de felinos cobriam-na e investiam com garras e dentes no frenesi de uma fúria divina. Carter havia tomado o archote de um escravo abatido, mas logo foi arrastado pelas ondas impetuosas de seus leais protetores. Permaneceu então na mais absoluta escuridão, ouvindo o clamor da batalha e os gritos dos vitoriosos enquanto sentia as patas macias dos amigos que passavam de um lado para o outro na escaramuça.

Por fim o espanto e a exaustão fecharam-lhe os olhos, e quando tornou a abri-los se deparou com uma estranha cena. O grande disco luminoso da Terra, cerca de treze vezes maior do que a lua tal como a vemos, havia se erguido com torrentes de uma estranha luz para acima da paisagem lunar; e por todas aquelas léguas de platô selvagem e de cristas escarpadas havia um interminável mar de gatos dispostos em formação. Eram círculos e mais círculos, e dois ou três líderes que haviam deixado as fileiras lambiam-lhe o rosto e ronronavam a fim de reconfortá-lo. Não havia sobrado muitos resquícios dos escravos e das coisas batráquias, mas Carter imaginou ter visto um osso a uma pequena distância no espaço vazio entre o lugar onde estava e o início do denso círculo de guerreiros.

Então Carter falou com os líderes na suave língua dos gatos e descobriu que a antiga amizade que mantinha com a espécie era famosa e muitas vezes mencionada nos lugares onde os gatos congregam-se. Não haviam deixado de notá-lo durante a passagem por Ulthar, e os velhos gatos lustrosos recordaram-se de como os havia afagado depois que afastaram os *zoogs* famintos que lançavam olhares maldosos em direção a um gatinho preto. Lembraram-se também de como havia recebido o gatinho que fora visitá-lo na estalagem, e de que havia lhe oferecido um deliciosa tigela de leite na manhã da partida. O avô daquele pequeno gatinho era o líder do exército reunido naquele instante, pois tinha avistado a terrível procissão a partir de uma colina longínqua e reconhecido o prisioneiro como um amigo jurado da espécie felina tanto em nosso planeta como na terra dos sonhos.

De repente um miado soou em um pico mais afastado e o velho líder interrompeu a conversa. Era um dos integrantes do exército, estacionado em um

posto avançado na mais alta montanha lunar para observar o único inimigo temido pelos gatos terrestres: os enormes e peculiares gatos de Saturno, que por algum motivo não permaneceram alheios aos encantos no lado escuro da nossa lua. Esses felinos têm um tratado com as malignas coisas batráquias e adotam um comportamento notoriamente hostil em relação aos gatos terrestres, e naquele momento um confronto seria motivo de graves preocupações.

Depois de uma breve consulta aos generais os gatos se ergueram e adotaram uma formação mais cerrada, reunindo-se ao redor de Carter e preparando-se para o grande salto através do espaço que os levaria de volta aos telhados do nosso planeta e às nossas terras oníricas. O velho marechal de campo aconselhou Carter a deixar-se carregar de maneira passiva e suave em meio às fileiras do exército felpudo e ensinou-o a saltar quando os outros saltassem e a aterrissar com graça quando os outros aterrissassem. Também se dispôs a deixá-lo em qualquer lugar que desejasse, e Carter decidiu-se pela cidade de Dylath-Leen, de onde a galé negra havia partido; pois de lá pretendia zarpar com destino a Oriab e à crista entalhada de Ngranek para solicitar aos habitantes da cidade que cessassem o comércio com as galés negras se de fato esse comércio pudesse ser interrompido de maneira cordial e judiciosa. Então, mediante um sinal, todos os gatos deram um gracioso salto com o amigo protegido no meio da bichanada enquanto, em uma caverna escura no longínquo cume profano das montanhas lunares, o caos rastejante Nyarlathotep aguardava em vão.

O salto dos felinos através do espaço foi muito veloz; e, estando rodeado pelos companheiros, dessa vez Carter não viu as colossais informidades negras que espreitam e pululam e arrastam-se no abismo. Antes que percebesse por completo o que havia acontecido, estava de volta ao familiar quarto da estalagem em Dylath-Leen, e os furtivos e amistosos gatos saíam pelas janelas aos borbotões. O velho líder de Ulthar foi a último a sair e, enquanto Carter apertava-lhe a pata, disse que estaria de volta com o cantar do galo. Quando a aurora raiou, Carter desceu a escada e descobriu que uma semana havia passado desde a captura e a partida. Ainda teria de esperar quase duas semanas pelo navio com destino a Oriab, e durante esse tempo disse tudo quanto podia contra as galés negras e seus estratagemas infames. A maioria dos habitantes do vilarejo deram-lhe um voto de confiança; mas o apreço dos joalheiros por aqueles enormes rubis impediu que prometessem cessar o comércio com os mercadores de boca larga. Se algum infortúnio um dia abater-se sobre Dylath-Leen por conta desse comércio, não será por culpa de Carter.

Após cerca de uma semana o navio esperado arribou próximo ao molhe negro e ao alto farol, e Carter alegrou-se ao ver que era uma embarcação de homens sadios, com os costados pintados, velas latinas amarelas e um capitão grisalho envolto em mantos de seda. O navio transportava a fragrante resina dos

mais profundos vales de Oriab, e as delicadas cerâmicas produzidas pelos artistas de Baharna, e as pequenas e singulares imagens esculpidas na lava ancestral de Ngranek. As mercadorias eram pagas com a lã de Ulthar e com os têxteis iridescentes de Hatheg e com o marfim que os negros entalham na outra margem do rio em Parg. Carter fez um trato com o capitão para ir até Baharna e foi informado de que a viagem levaria dez dias. Durante a semana de espera falou bastante com o capitão de Ngranek e descobriu que pouquíssima gente tinha visto o rosto entalhado; e também que muitos viajantes limitavam-se a escutar as lendas daquela terra conforme eram contadas pelos velhos e pelos coletores de lava e entalhadores de imagens em Baharna, embora ao voltar para casa dissessem que o haviam contemplado. O capitão não sabia nem ao menos se existia alguma pessoa viva que tivesse contemplado o rosto entalhado na rocha, pois aquela encosta de Ngranek é muito sinistra e escarpada e inóspita, e existem rumores sobre cavernas próximas ao pico onde habitam os noctétricos. Mas o capitão não quis dizer como eram os noctétricos, uma vez que estes seres costumam assombrar os sonhos dos que pensam com demasiada frequência a seu respeito. Então Carter perguntou ao capitão sobre a desconhecida Kadath na desolação gelada, e sobre a maravilhosa cidade do pôr do sol, mas quanto a essas o bom homem realmente nada sabia.

Carter zarpou de Dylath-Leen cedo da manhã, quando a maré virou, e viu os primeiros raios de sol nas esguias torres angulares da lúgubre cidade basáltica. E por dois dias os navegadores seguiram rumo ao oriente, costeando litorais verdejantes e com frequência avistando os pacatos vilarejos pesqueiros que se erguiam de repente com telhados vermelhos e chaminés desde velhos cais sonhadores e de praias onde redes estendidas secavam. Porém, no terceiro dia deram uma forte guinada em direção ao sul, onde o mar era mais revolto, e logo perderam de vista qualquer sinal de terra. No quinto dia os marujos estavam nervosos, mas o capitão pediu desculpas por aqueles temores, dizendo que o navio estava prestes a passar pelas muralhas recobertas de algas e pelas colunas arruinadas de uma cidade submersa demasiado antiga para que fosse lembrada, e que quando a água estava límpida viam-se tantas sombras em movimento naquelas profundezas que os mais humildes chegavam a temê-las. Admitiu, contudo, que muitos navios haviam se perdido naquela parte do oceano para nunca mais serem vistos.

Naquela noite a lua estava muito clara, e era possível enxergar a uma grande profundidade sob a superfície da água. Ventava tão pouco que o navio mal fazia caminho no mar espelhado. Olhando por cima da amurada, Carter viu a muitas braças de profundidade a cúpula de um grande templo, e logo em frente uma avenida de esfinges sobrenaturais que conduziam ao que outrora tinha sido uma esplanada. Golfinhos brincavam alegremente em meio às ruínas, e desajeitadas

toninhas divertiam-se aqui e acolá, por vezes aproximando-se da superfície e saltando para fora d’água. À medida que o navio avançou o fundo do mar ergueu-se em uma cadeia de montanhas, e foi possível distinguir com clareza as linhas das antigas ruas íngremes e das paredes submersas de inúmeras casas.

Logo apareceram os subúrbios, e por fim uma enorme construção solitária em uma encosta, de arquitetura mais simples do que as outras estruturas, porém em um estado de conservação muito superior. Era uma estrutura atarracada e escura que cobria os quatro lados de um quadrado, com uma torre em cada canto, um pátio calçado no meio e curiosas janelinhas redondas por toda parte. Provavelmente era construída em basalto, embora tivesse quase toda a superfície recoberta por algas; e ocupava um lugar tão solitário e imponente na montanha longínqua que bem poderia ter sido um templo ou um monastério. Algum peixe fosforescente lá dentro conferia às janelinhas redondas um aspecto cintilante, e naquele instante Carter solidarizou-se com os marujos que temiam aquele lugar. A seguir, no brilho do luar aquoso, percebeu um estranho monólito no meio do pátio central e viu que nele havia alguma coisa amarrada. E quando, depois de pegar um telescópio da câmara do capitão, viu que a coisa amarrada era um marujo que trajava os mantos de seda de Oriab, virado de cabeça para baixo e sem os olhos, alegrou-se ao perceber que uma brisa tratava de impelir o navio adiante rumo a partes mais salubres do oceano.

No dia seguinte chegaram à fala com um navio de panos violeta que seguia rumo a Zar, na terra dos sonhos esquecidos, com bulbos de lírios de estranhas cores no porão de carga. E na noite do décimo primeiro dia avistaram a ilha de Oriab, com a montanha de Ngranek erguendo-se ao longe com as escarpas e as coroas de neve. Oriab é uma ilha muito grande, e o porto de Baharna é uma cidade vibrante. Os portos de Baharna são de porfirito, e a cidade ergue-se mais atrás em enormes terraços de pedra, repletos de ruas com escadarias que muitas vezes formam arcadas entre as construções e as pontes que ligam as construções. Existe um grande canal que corre sob toda a cidade em um túnel com portões de granito que deságua no lago de Yath, em cuja margem mais distante espalham-se as vastas ruínas de tijolos que remontam a uma cidade ancestral cujo nome não é mais lembrado. À medida que o navio se aproximou do porto ao entardecer, os faróis gêmeos Thon e Thai acenderam-se para dar as boas-vindas, e por todo o milhão de janelas no terraço de Baharna luzes tênues espiaram em silêncio, como as estrelas espiam no firmamento ao anoitecer, até que a íngreme e altaneira cidade se transformasse em uma constelação cintilante suspensa entre as estrelas do céu e os reflexos destas mesmas estrelas no porto silencioso.

Uma vez em terra, o capitão recebeu Carter como hóspede em sua própria casa no litoral de Yath, onde a parte de trás da cidade desce até a praia; e a esposa e os criados trouxeram estranhas e saborosas comidas para o deleite do viajante.

Nos dias a seguir Carter saiu em busca de rumores e lendas sobre Ngranek em todas as tavernas e lugares públicos onde os coletores de lava e os entalhadores de imagens se reúnem, mas não encontrou ninguém que tivesse visitado as encostas mais altas ou visto o rosto entalhado. A montanha de Ngranek era uma escarpa inóspita com um vale amaldiçoado logo atrás, e por esse motivo não seria prudente acreditar que os noctétricos fossem apenas criaturas fabulosas.

Quando o capitão zarpou mais uma vez rumo a Dylath-Leen, Carter hospedou-se em uma taverna ancestral que dava para uma ruela com degraus em uma parte antiga do vilarejo, construída em tijolo e semelhante às ruínas na outra margem do Yath. Naquele local Carter traçou um plano para escalar Ngranek e relacionou tudo o que tinha descoberto com os coletores de lava a respeito das estradas mais além. O taverneiro era um homem muito velho que pôde oferecer uma grande ajuda graças às inúmeras lendas que tinha escutado. Chegou até mesmo a levar Carter a um cômodo no andar superior daquela casa antiga para mostrar-lhe um desenho grosseiro que um viajante havia rabiscado na parede de barro no tempo em que os homens demonstravam mais coragem e menos relutância em visitar as encostas mais altas de Ngranek. O bisavô do taverneiro ouvira do próprio bisavô que o viajante que havia rabiscado a figura tinha subido a montanha de Ngranek e visto o rosto entalhado, e que o havia desenhado para que outros o vissem; mas Carter foi invadido por uma dúvida atroz, uma vez que as enormes feições grosseiras na parede tinham sido traçadas às pressas e sem capricho, e estavam cercadas por uma multidão de pequenas figuras desenhadas no pior estilo imaginável, com chifres e asas e garras e caudas enroladas.

Por fim, depois de obter todas as informações que poderia obter nas tavernas e lugares públicos de Baharna, Carter alugou uma zebra e certa manhã tomou a estrada que seguia ao longo da margem do Yath em direção ao interior do continente onde se ergue a rochosa montanha de Ngranek. À direita estendiam-se colinas ondulantes e agradáveis pomares e pequenas fazendolas de pedra, que guardavam uma estreita semelhança com os campos férteis que flanqueiam o Skai. Quando a noite caiu Carter estava próximo às antigas ruínas sem nome na outra margem do Yath e, embora os antigos coletores de lava tivessem-no aconselhado a não acampar naquele ponto à noite, o viajante amarrou a zebra a um curioso pilar em frente a uma muralha decrépita e estendeu o cobertor em um recanto abrigado sob entalhes cujo significado ninguém poderia decifrar. Enrolou um segundo cobertor ao redor do corpo, pois as noites são frias em Oriab; e quando acordou no meio da noite e imaginou sentir as asas de algum inseto a roçar-lhe o rosto, cobriu totalmente a cabeça e dormiu em paz até despertar com o canto dos pássaros-*magah* nos distantes vales de resina.

O sol tinha acabado de nascer na grande encosta onde léguas e mais léguas de fundações primordiais de tijolos e paredes desgastadas e eventuais pilares e

pedestais rachados desciam desolados até a margem do Yath, e Carter olhou ao redor em busca da zebra amarrada. Grande foi a tristeza ao encontrar o dócil animal prostrado junto do curioso pilar a que estava amarrado, e maior ainda a irritação ao descobrir que a montaria estava morta, com o todo o sangue chupado por um singular ferimento na garganta. Carter também notou que seus pertences estavam revirados e deu falta de várias traquitanas chamativas, e por todo o solo poeirento haviam grandes pegadas membranosas para as quais não havia explicação. Lembrou-se das lendas e avisos dos coletores de lava e pensou na coisa que lhe havia roçado o rosto durante a noite. Em seguida pôs a mochila no ombro e continuou a pé em direção a Ngranek, mas não pôde deixar de sentir um calafrio quando, no ponto em que a estrada atravessa as ruínas, percebeu um enorme arco baixo e vazio na parede de um antigo templo, com degraus que desciam a uma escuridão impenetrável ao olhar.

O caminho seguia montanha acima por um terreno cada vez mais inexplorado e arborizado, de onde Carter via apenas as cabanas dos queimadores de carvão e os acampamentos dos coletores que retiravam seiva no vale. O ar tinha o perfume de um bálsamo, e todos os pássaros-*magah* cantavam alegres ao mesmo tempo em que ostentavam as sete cores ao sol. Pouco antes do pôr do sol, Carter chegou a um novo acampamento de coletores de lava que retornavam com sacos abarrotados das encostas mais baixas de Ngranek; e nesse ponto o viajante também acampou, escutando as músicas e as histórias dos homens e ouvindo o que sussurravam a respeito de um colega que haviam perdido. Tinha escalado até um ponto bastante elevado para chegar a uma preciosa massa de lava mais acima, e quando a noite caiu não retornou para junto dos companheiros. Quando o procuraram no dia seguinte encontraram apenas um turbante, e tampouco havia sinais de que pudesse ter caído do penhasco. Não continuaram as buscas porque os homens mais velhos disseram que seria inútil. Ninguém jamais encontrava as coisas levadas pelos noctétricos, embora a existência dessas criaturas fosse incerta a ponto de torná-las quase fabulescas. Carter perguntou se os noctétricos chupavam sangue e se gostavam de objetos reluzentes e deixavam pegadas membranosas, porém todos balançaram a cabeça e pareceram assustados com a pergunta. Ao perceber que todos haviam ficado taciturnos, Carter interrompeu os questionamentos e foi dormir no cobertor.

No dia seguinte, levantou-se com os coletores de lava e se despediu quando os homens seguiram rumo ao oeste e ele seguiu rumo ao leste em uma zebra que havia comprado dos companheiros. Os mais velhos ofereceram-lhe bênçãos e alertas e disseram que não seria prudente escalar as partes mais altas de Ngranek — porém, mesmo que tenha agradecido o conselho com todo o coração, Carter não estava dissuadido. Ainda sentia que precisava encontrar os deuses na desconhecida Kadath para ganhar acesso à maravilhosa e obsedante cidade ao pôr

do sol. Ao meio-dia, depois de um longo trecho montanha acima, chegou a vilarejos abandonados de tijolo, outrora habitados pelos montanheses que haviam morado próximos a Ngranek e às imagens entalhadas em lava. Tinham morado naquele lugar até a época do avô do velho taverneiro, quando sentiram que a permanência naquele local era indesejada. As casas tinham subido a encosta da montanha, e quanto mais alto eram construídas, mais pessoas desapareciam à noite. Por fim decidiram que seria melhor ir embora de vez, pois na escuridão às vezes divisavam-se coisas estranhas que ninguém conseguia interpretar de maneira favorável; de modo que no fim todos desceram até o mar e se estabeleceram em um bairro muito antigo de Baharna, onde ensinaram aos filhos a antiga arte de entalhar imagens que se mantém viva até os dias de hoje. Foi desses filhos dos montanheses exilados que Carter ouviu as melhores histórias sobre Ngranek enquanto conduzia buscas pelas antigas tavernas de Baharna.

Durante todo esse tempo a lúgubre encosta de Ngranek assomava cada vez maior à medida que Carter aproximava-se. Havia árvores esparsas na encosta mais baixa e frágeis arbustos logo acima, e então a terrível rocha nua erguia-se em uma fantasmagoria rumo ao céu para se misturar à geada e ao gelo e à neve eterna. Carter percebeu as rachaduras e as escarpas da pedra sombria e não se animou com o prospecto da escalada. Em certos pontos havia córregos de lava sólida e montes de escória que se espalhavam pelas encostas e saliências da rocha. Noventa éons atrás, antes mesmo que os deuses tivessem dançado no cume pontiagudo, a montanha havia falado na língua do fogo e rugido com a voz dos trovões. Naquele instante a montanha de Ngranek erguia-se silenciosa e sinistra, trazendo no lado oculto a titânica imagem secreta mencionada nos rumores. E havia cavernas na montanha que poderiam estar sozinhas e entregues às trevas ancestrais, ou — se as lendas dissessem a verdade — guardar horrores de formas inconcebíveis.

O terreno elevava-se em direção ao sopé de Ngranek, coberto por arbustos de carvalho e freixos e repleto de fragmentos de rocha, lava e antigas cinzas. Havia resquícios das lareiras de inúmeros acampamentos, onde os coletores de lava em geral paravam, e diversos altares rústicos que haviam construído para aplacar os Grandes Deuses ou para afastar as coisas que apareciam em sonhos nos elevados desfiladeiros e nas labirínticas cavernas de Ngranek. No entardecer Carter alcançou o mais distante monte de cinzas e lá resolveu passar a noite, amarrando a zebra a uma pequena árvore e enrolando-se no cobertor antes de adormecer. Durante toda a noite um *voonith* uivou à margem de um lago oculto, mas Carter não sentiu medo do terror anfíbio porque tinham lhe assegurado que nenhuma daquelas criaturas ousa se aproximar das encostas de Ngranek.

No sol da manhã, Carter deu os primeiros passos da longa escalada, levando a zebra até onde o útil animal pudesse acompanhá-lo e amarrando-a a um freixo

retorcido quando a estradinha tornou-se demasiado íngreme. A partir desse ponto, continuou sozinho; primeiro atravessando a floresta e as ruínas de antigos vilarejos nas clareiras, e depois avançando em meio à grama resistente onde franzinos arbustos cresciam aqui e acolá. Carter lamentou deixar as árvores para trás, uma vez que a encosta apresentava um aclive bastante pronunciado e todo o panorama era um tanto vertiginoso. Por fim começou a discernir a zona rural que se espraiava lá embaixo para onde quer que olhasse; as cabanas desertas dos entalhadores de imagens, os vales produtores de resina e os acampamentos dos homens que a recolhem, os bosques onde os prismáticos *magahs* fazem ninhos e cantam e até mesmo um vislumbre longínquo das margens do Yath e daquelas antigas ruínas proscritas cujo nome foi esquecido. Teve por bem não olhar ao redor e manteve-se firme na escalada até que os arbustos se tornassem mais esparsos e muitas vezes não houvesse nada a que se agarrar além da grama resistente.

Em seguida a vegetação tornou-se mais rala e o solo começou a apresentar longos trechos de rocha nua, e de vez em quando um ninho de condor em algum recôndito. Por fim não havia mais nada além da rocha nua, e se a superfície rochosa não fosse tão áspera e tão castigada pelas intempéries, Carter mal conseguiria ter avançado. Protuberâncias, saliências e pináculos, no entanto, eram de grande ajuda; e era sempre animador encontrar a intervalos o sinal de algum coletor de lava rabiscado na pedra arenosa e saber que uma criatura humana e salubre já havia estado lá. Passada uma certa altura a presença do homem evidenciava-se através de apoios para os pés e as mãos entalhados na rocha onde necessário, e através de pequenas pedreiras e escavações junto a algum importante fluxo ou veio de lava. Em um dado ponto uma estreita saliência havia sido artificialmente criada para dar acesso a um rico depósito à extrema direita da principal rota de escalada. Por uma ou duas vezes Carter se atreveu a olhar ao redor, e por pouco não sentiu vertigens ao contemplar o panorama que se estendia lá embaixo. Toda a ilha entre o ponto onde estava e o litoral revelava-se à vista, com os terraços de pedra em Baharna e a fumaça das místicas chaminés ao longe. E mais além estendia-se o ilimitado Mar Austral repleto de segredos.

Até aquele ponto haviam sido necessárias muitas voltas pela montanha, de modo que o lado mais distante, onde ficava o rosto entalhado, permanecia oculto. De repente Carter percebeu uma saliência que subia em direção à esquerda e parecia seguir na direção desejada, e tomou esse caminho na esperança de que fosse contínuo. Passados dez minutos percebeu que de fato não se tratava de um beco sem saída, porém seguia em um arco muito íngreme que — a não ser que fosse interrompido ou mudasse de direção — dentro de poucas horas haveria de levá-lo à desconhecida encosta sul que sobranceia os penhascos desolados e o amaldiçoado vale de lava. À medida que o novo terreno se revelava, Carter

percebia que era ainda mais inóspito e selvagem do que as terras em direção ao mar que tinha atravessado. A própria encosta da montanha parecia diferente, e naquele ponto era perpassada por estranhas fendas e cavernas inexistentes na rota mais direta que abandonara. Havia cavernas acima e abaixo, porém todas se abriam em precipícios verticais completamente inacessíveis aos pés de qualquer ser humano. O ar estava muito frio, mas a escalada era a tal ponto exaustiva que Carter não se importou. Apenas a rarefação cada vez maior o incomodava, e pensou que talvez aquilo houvesse afetado o juízo de outros viajantes e inspirado as absurdas histórias sobre os noctétricos que serviam de explicação para o sumiço dos escaladores que caíam dos voraginosos caminhos. Carter não se deixava impressionar muito por histórias de viajantes, porém mesmo assim carregava uma boa cimitarra para o caso de encontrar problemas. Todos os pensamentos menores perdiam-se no desejo de ver o rosto entalhado que poderia indicar o caminho rumo aos deuses no alto da desconhecida Kadath.

Por fim, no temível frio das regiões elevadas, conseguiu fazer a volta e chegar ao lado oculto de Ngranek, onde em abismos infinitos viu os penhascos menores e os estéreis abismos de lava que sinalizavam a ira ancestral dos Grandes Deuses. No mesmo instante descortinou-se também uma vasta extensão de terras ao sul; mas era um terreno desértico sem campos verdejantes nem chaminés de cabanas, e parecia não ter fim. Não se avistava nenhum indício do mar naquele lado, pois Oriab é uma ilha bastante grande. Cavernas negras e estranhos recônditos ainda surgiam em grande número nos precipícios verticais, porém nenhum estava ao alcance de um escalador. Logo assomou nas alturas uma enorme massa plana que se debruçava para além da beirada e impedia qualquer vislumbre do que havia mais acima, e por um instante Carter temeu que se revelasse um obstáculo intransponível. Postado quilômetros acima da terra em meio à insegurança dos ventos, com nada além de vazio e morte de um lado e escorregadios paredões de rocha no outro, por um instante Carter conheceu o medo que leva os homens a abominar o lado oculto de Ngranek. Não poderia voltar atrás, e o sol já estava baixo. Se não houvesse um caminho até o topo, a noite certamente o encontraria agachado e em silêncio, e a manhã seguinte já não o encontraria mais.

Mas havia um caminho, e Carter o viu em boa hora. Apenas um sonhador experiente poderia ter usado aqueles imperceptíveis apoios de pé, mas para Carter foram suficientes. Depois de escalar a rocha protuberante, descobriu que a encosta a seguir era muito mais suave do que tinha imaginado, uma vez que o derretimento de uma enorme geleira havia revelado uma generosa extensão de barro e saliências. À esquerda um precipício arrojava-se de alturas desconhecidas a profundezas desconhecidas, com a escura boca de uma caverna inalcançável

logo acima. Em outros pontos, no entanto, o aclive da montanha diminuía e chegava até mesmo a oferecer espaços onde era possível parar e descansar.

Ao avaliar o frio, Carter imaginou estar próximo à linha de neve e olhou para cima a fim de ver que pináculos cintilantes poderiam estar reluzindo à luz do rubro sol tardio. Sem dúvida havia neve a incalculáveis metros acima, e abaixo uma enorme rocha que se debruçava para além da beirada como a que tinha acabado de escalar, com os negros contornos eternamente suspensos contra a brancura do pico gelado. E ao ver o penhasco Carter engasgou-se e gritou, e agarrou-se à rocha escarpada em terror; pois aquele vulto titânico não havia permanecido o mesmo desde que a aurora terrestre o delineara contra o céu, mas refulgia vermelho e imponente ao pôr do sol com feições entalhadas e polidas dignas de um deus.

Austero e terrível brilhava o rosto que chamejava ao sol. Não existe intelecto que possa conceber tamanha vastidão, e no mesmo instante Carter soube que homem nenhum poderia ter construído aquilo. Era um deus entalhado pelas mãos dos deuses, que encarava o viajante com desdém e majestade. Os rumores diziam que o rosto era estranho e que não haveria como confundi-lo; e Carter percebeu que de fato assim era, pois os olhos largos e estreitos e as orelhas de lóbulos compridos, e o nariz fino e o queixo pontudo, sugeriam uma raça não de homens, mas de deuses. Tomado pelo espanto, Carter agarrou-se ao perigoso e sobranceiro pináculo, mesmo que a imagem fosse aquilo que esperava e desejava encontrar; pois o rosto de um deus revela mais portentos do que as previsões são capazes de sugerir, e quando esse rosto é maior do que um templo e revela-se ao pôr do sol olhando para baixo em meio aos silêncios crípticos do mundo superior de cuja lava escura fora divinamente criado em tempos antigos, o portento é tão impressionante que ninguém pode escapar.

Somava-se a isso tudo o portento adicional do reconhecimento; pois, embora tivesse planos de procurar em todas as terras oníricas homens cujos rostos pudessem marcá-los como filhos dos deuses, naquele instante Carter percebeu que não seria necessário. Sem dúvida o grande rosto entalhado naquela montanha não tinha nada de estranho, mas apresentava um forte parentesco com os homens que tinha avistado nas tavernas do porto de Celephaïs, que se estende no Vale de Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas e é governada pelo rei Kuranes, que Carter certa vez havia encontrado em vigília. Todo ano marujos com aquele rosto chegavam em navios escuros vindos do norte a fim de trocar o ônix que traziam pelo jade entalhado e pelo ouro em fio e pelos rubros pássaros canoros de Celephaïs, e esses marujos não podiam ser outra coisa se não os semideuses que Carter buscava. Onde quer que morassem, a desolação gelada devia estar próxima, e nela a desconhecida Kadath e o castelo de ônix dos Grandes Deuses. Seguiria então rumo a Celephaïs, muito distante da ilha de Oriab, por caminhos

que o levariam de volta a Dylath-Leen e pelo Skai até a ponte de Nir, e mais uma vez para o interior do bosque encantado onde habitam os *zoogs*, quando o caminho faria uma curva para o norte em meio aos jardins nos arredores de Oukranos rumo aos coruchéus dourados de Thran, onde poderia embarcar em um galeão para atravessar o Mar Cereneriano.

Porém, a noite começava a cair, e o enorme rosto entalhado parecia ainda mais austero rodeado pelas sombras. A noite encontrou o viajante empoleirado naquela saliência; e em meio às trevas não era possível subir nem descer, mas apenas permanecer de pé e tremer naquela passagem estreita até que a aurora raiasse, rezando para manter-se acordado e evitar que o sono o levasse a relaxar os dedos e cair por quilômetros de um vazio vertiginoso até os penhascos e rochas escarpadas do vale maldito. As estrelas surgiram, mas além do brilho tênue não havia nada além de trevas nos olhos de Carter; trevas em conluio com a morte — um chamado que podia ser resistido apenas agarrando-se às rochas e afastando-se do precipício invisível. A última coisa que viu no crepúsculo terrestre foi um condor, que planou junto do precipício a oeste e fugiu aos gritos quando chegou perto da caverna que escancarava a boca em um lugar inalcançável.

De repente, sem nenhum som de alerta, Carter teve a cimitarra retirada do cinto por mãos furtivas e invisíveis. Em seguida escutou o retinir do metal nas rochas lá embaixo. Entre o lugar onde estava e a Via Láctea, imaginou ver o terrível contorno de alguma coisa esquálida com chifres e rabo e asas de morcego. Outras coisas também haviam começado a encobrir as estrelas a oeste, como se uma revoada de entidades vagas estivesse ruflando as asas em silêncio ao sair da inacessível caverna na encosta do precipício. A seguir uma espécie de braço frio e borrachento agarrou-lhe o pescoço e uma outra coisa agarrou-lhe os pés, e Carter foi erguido sem nenhuma consideração e sacudido de um lado para o outro no espaço vazio. No instante seguinte as estrelas haviam desaparecido, e então Carter soube que os noctétricos o haviam capturado.

Carregaram-no com a respiração suspensa para o interior da caverna no paredão e através dos monstruosos labirintos mais além. Quando Carter resistia, como a princípio fez por simples instinto, as criaturas faziam-lhe cócegas. Não emitiam nenhum som, e até mesmo as asas membranosas ruflavam no mais absoluto silêncio. Tinham o corpo pavorosamente frio e úmido e escorregadio, e patas que apertavam de maneira odiosa. Logo as criaturas executaram um pavoroso mergulho rumo a abismos inconcebíveis em uma atmosfera entorpecedora, vertiginosa e nauseante como o úmido sopro do túmulo; e Carter percebeu que estavam a ponto de lançar-se na suprema voragem de loucura vociferante e demoníaca. Gritou e tornou a gritar, mas sempre que esboçava qualquer reação as criaturas faziam-lhe cócegas sutis. Depois de algum tempo viu uma espécie de fosforescência cinzenta ao redor e imaginou que estivessem

chegando ao mundo recôndito de horror subterrâneo mencionado em lendas vagas, iluminado apenas pelo fogo mortiço e pálido que empesteia o ar e as névoas primordiais dos abismos no centro da Terra.

Por fim vislumbrou nas profundezas as linhas tênues dos cinzentos e aziagos pináculos que reconheceu como sendo os fabulosos Picos de Thok. Pavorosos e sinistros, estes cumes se erguem no crepúsculo assombrado das eternas profundezas lúgubres a alturas maiores do que os homens são capazes de calcular, como sentinelas dos terríveis vales onde os *bholes* se arrastam e escavam de maneira repulsiva. Porém, Carter preferiu ver aquilo do que olhar para os captores, que de fato eram criaturas negras horripilantes e grosseiras com superfícies lisas, untuosas e cetáceas, repelentes chifres que se curvavam para dentro, um em direção ao outro, asas de morcego cujo ruflar não produzia nenhum som, feias garras preênseis e caudas serrilhadas que açoitavam sem necessidade e sem dar trégua. O mais terrível, no entanto, era que jamais falavam ou gargalhavam e jamais sorriam, pois não tinham rostos com que pudessem sorrir, mas apenas um vazio sugestivo onde devia haver um rosto. Só o que faziam era voar e agarrar e fazer cócegas; eis os modos dos noctétricos.

Quando o bando começou a voar mais baixo os Picos de Thok ergueram-se cinzentos e sobranceiros por todos os lados, e tornou-se evidente que nada poderia viver no granito austero e impassível daquele crepúsculo eterno. Nos níveis ainda mais baixos os fogos mortiços sumiram, e a partir de então havia apenas a escuridão primordial do vazio, a não ser nas alturas, onde os picos emaciados se erguiam como *goblins.* Logo os picos ficaram para trás e nada mais restou além das grandes rajadas de vento e da umidade das mais profundas grutas. Por fim os noctétricos aterrissaram em um terreno que parecia consistir de várias camadas de osso e deixaram Carter sozinho naquele vale obscuro. Carregá-lo até lá era o dever dos noctétricos que guardam a montanha de Ngranek; e, uma vez cumprido esse desígnio, voaram em silêncio para longe. Quando Carter tentou acompanhar o voo com os olhos descobriu que era impossível, uma vez que até mesmo os Picos de Thok haviam desaparecido. Não havia nada em lugar algum a não ser a escuridão e o horror e o silêncio e os ossos.

Nesse instante Carter soube que estava no vale de Pnath, onde se arrastam e escavam os enormes *bholes;* porém não sabia o que esperar, pois ninguém jamais tinha visto um *bhole* ou sequer conjecturado sobre o aspecto daquelas coisas. Os *bholes* são mencionados apenas em sussurros vagos por conta dos rumores que produzem em meio às montanhas de ossos e do rastro pegajoso que deixam para trás. Não podem jamais ser vistos porque se arrastam somente no escuro. Carter não queria encontrar um *bhole*, e assim permaneceu atento ao menor sinal de ruído nas desconhecidas profundezas de ossos ao redor. Mesmo naquele lugar pavoroso ele tinha um plano e um objetivo, pois sussurros a respeito de Pnath e

das regiões circunjacentes não eram estranhos a alguém com quem muito havia conversado nos velhos tempos. Em suma, parecia bastante provável que aquele fosse o lugar onde todos os *ghouls* do mundo em vigília atiram os rejeitos de seus fúnebres banquetes; e que com um pouco de sorte poderia tropeçar no imponente rochedo mais alto que os Picos de Thok onde começam os domínios desses seres medonhos. Uma chuva de ossos indicaria onde procurar, e uma vez que encontrasse um *ghoul* poderia chamá-lo e pedir que lançasse uma escada; afinal, por mais estranho que pareça, Carter tinha uma estranha ligação com as terríveis criaturas.

Um homem que havia conhecido em Boston — um pintor de estranhos quadros que tinha um estúdio secreto em um beco antigo e profano próximo a um cemitério — de fato havia feito amizade com os *ghouls* e lhe ensinado a compreender as partes mais rudimentares dos repulsivos tartanhos e gasganeios da língua que falavam. Esse homem por fim desapareceu, mas Carter não ficaria surpreso se naquele momento o reencontrasse e usasse pela primeira vez nas terras oníricas o inglês distante da tênue vida em vigília. De uma forma ou de outra, sentia-se capaz de convencer um *ghoul* a indicar-lhe o caminho para sair de Pnath; e seria melhor encontrar um *ghoul*, que é visível, do que um *bhole*, que é invisível.

Então Carter avançou pelo escuro e correu quando imaginou ter ouvido um estrépito em meio aos ossos espalhados pelo chão. A uma certa altura esbarrou contra uma encosta de pedra e soube que aquilo devia ser a base de um dos Picos de Thok. Por fim escutou monstruosos estrondos e estrépitos que se subiram às alturas e teve certeza de que estava próximo ao rochedo dos *ghouls.* Não sabia se o escutariam naquele vale a quilômetros de profundidade, mas lembrou-se de que aquele mundo recôndito era governado por leis estranhas. Enquanto pensava, Carter foi atingido por um osso tão pesado que devia ser um crânio, e ao notar a proximidade do fatídico rochedo emitiu da melhor maneira possível o brado gasganeante em que consiste o chamado dos *ghouls.*

O som viaja devagar, de modo que levou algum tempo até que escutasse um outro tartanho em resposta. Mas a resposta enfim chegou, e dentro de pouco tempo uma voz informou a Carter que uma escada de corda seria lançada. A espera foi muito tensa, pois não havia como saber o que o grito poderia ter despertado em meio aos ossos. De fato, não demorou muito até que Carter ouvisse um vago rumor ao longe. À medida que o rumor aproximava-se devagar, Carter sentia-se ainda menos confortável; pois não queria se afastar do local onde a escada seria lançada. Por fim a tensão atingiu um nível insuportável, e o viajante estava a ponto de sair correndo em pânico quando um baque na pilha de ossos recém-empilhados chamou-lhe a atenção. Era a escada, e depois de um instante passado às apalpadelas Carter tinha-a firme entre as mãos. Porém, o outro

som não cessou, e continuou a segui-lo mesmo enquanto subia. Carter estava a um metro e meio do chão quando o rumor tornou-se mais enfático, e a três metros quando alguma coisa balançou a ponta da escada lá embaixo. A uma altura de cinco ou seis metros sentiu toda a lateral do corpo ser roçada por uma longa extensão pegajosa que se retorcia com uma alternância de estruturas côncavas e convexas, e depois subiu em desespero para escapar ao contato com o focinho daquele repugnante *bhole* obeso cuja forma nenhum homem poderia ver.

Por horas Carter subiu com os braços extenuados e as mãos queimadas, vendo apenas os cinzentos fogos mortiços e os incômodos pináculos de Thok. Por fim notou uma projeção do grande rochedo habitado pelos *ghouls*, cujo paredão vertical não conseguia discernir; e horas mais tarde viu um curioso rosto espreitando como uma gárgula sobre o parapeito de Notre Dame. Essa visão quase o fez perder o equilíbrio por conta da vertigem, porém no instante seguinte Carter reassenhorou-se de si; pois o desaparecido amigo Richard Pickman certa vez o apresentara a um *ghoul*, e portanto Carter conhecia os rostos caninos e as formas recurvadas e as inúmeras idiossincrasias dessas criaturas. Assim, sentiu-se no controle da situação quando aquela coisa horrenda o puxou da vertiginosa queda livre para o alto do rochedo, e sequer gritou ao ver a pilha de rejeitos parcialmente consumidos ou os círculos de *ghouls* agachados que roíam e observavam-no com um olhar curioso.

Estava agora em uma planície de luz tênue cujas únicas características topográficas eram grandes penedos e a abertura das tocas. Os *ghouls* em geral adotaram um comportamento respeitoso, mesmo que um deles tenha beliscado Carter enquanto vários outros encaravam aquele corpo magro com olhares especulativos. À força de pacientes tartanhos, o explorador fez perguntas a respeito do amigo desaparecido e descobriu que havia se tornado um *ghoul* de certa relevância em abismos próximos ao mundo em vigília. Um velho *ghoul* esverdeado se ofereceu para levá-lo até a morada de Pickman, e apesar do sentimento natural de repulsa Carter seguiu a criatura até uma toca espaçosa de onde os dois se arrastaram por horas em meio à escuridão do mofo pútrido. Emergiram em uma planície vaga repleta das mais variadas relíquias terrestres — antigas lajes tumulares, urnas quebradas e grotescas ruínas de monumentos —, e Carter percebeu com alguma emoção que provavelmente estava mais próximo do mundo em vigília do que em qualquer outro momento desde que havia descido os setecentos degraus na caverna da chama rumo ao Portão do Sono Profundo.

Em uma lápide de 1768, roubada do Granary Burying Ground em Boston, estava sentado o *ghoul* que outrora tinha sido o artista Richard Upton Pickman. Nu, o ex-artista tinha uma pele tão borrachenta e exibia de maneira tão pronunciada a fisionomia dos *ghouls* que qualquer resquício de origem humana parecia obscurecido. Porém, a criatura ainda recordava algumas palavras em

inglês e foi capaz de conversar com Carter através de grunhidos e monossílabos, valendo-se vez ou outra dos característicos tartanhos dos *ghouls.* Ao saber que Carter desejava chegar ao bosque encantado e de lá seguir rumo a Celephaïs em Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas, ficou em dúvida; pois os *ghouls* do mundo em vigília não transitam pelos cemitérios das terras oníricas superiores (uma tarefa deixada aos *wamps* de patas membranosas que vivem nas cidades mortas), e existem muitas coisas entre o abismo onde habitam e o bosque encantado, inclusive o terrível reino dos *gugs.*

Os *gugs*, hirtos e gigantescos, certa vez ergueram círculos de pedra naquele bosque e ofereceram estranhos sacrifícios aos Outros Deuses e ao caos rastejante Nyarlathotep, até que certa noite uma abominação engendrada pelas criaturas chegou ao conhecimento dos deuses terrestres, que os baniram para cavernas subterrâneas. Apenas um grande alçapão de pedra com uma argola de metal liga o abismo dos *ghouls* terrestres ao bosque encantado, porém os *gugs* temem abri-lo por conta de uma maldição. Que um sonhador mortal pudesse atravessar o reino das cavernas e sair por aquela porta seria inconcebível; pois os sonhadores mortais costumavam ser mera comida, e os *gugs* têm lendas sobre o sabor refinado destes sonhadores, embora o banimento tenha restringido a dieta das criaturas aos *ghasts*, os repulsivos seres que morrem em contato com a luz e vivem nas catacumbas de Zin e pulam usando as pernas traseiras como cangurus.

Então o *ghoul* que outrora tinha sido Pickman aconselhou Carter a sair do abismo em Sarkomand, a cidade deserta no vale abaixo de Leng onde negras escadarias com incrustações de salitre guardadas por leões alados de diorito descem das terras oníricas rumo aos abismos inferiores, ou então a voltar ao mundo da vigília por um cemitério e recomeçar a busca pelos setenta degraus do sono leve até a caverna da chama e os setecentos degraus rumo ao Portão do Sono Profundo e ao bosque encantado. O conselho, no entanto, não agradou ao explorador; pois Carter não conhecia o caminho de Leng para Ooth-Nargai e relutava em despertar por medo de esquecer tudo o que havia ganhado até aquele ponto do sonho. Seria desastroso para a busca esquecer os rostos celestiais e augustos dos marujos do norte que comerciavam ônix em Celephaïs e que, sendo filhos dos deuses, poderiam apontar a direção da desolação gelada e de Kadath, onde os Grandes Deuses habitam.

Depois de muita insistência o *ghoul* consentiu em acompanhar o visitante ao interior da grande muralha que demarcava o reino dos *gugs.* Carter talvez pudesse esgueirar-se por aquele reino crepuscular de torres de pedras circulares enquanto os gigantes estivessem fartos e cochilando dentro de casa e assim chegar à torre central que abriga o símbolo de Koth e a escada que sobe até o alçapão de pedra e franqueia acesso ao bosque encantado. Pickman chegou a consentir em emprestar três *ghouls* para ajudar usando uma lápide à guisa de alavanca para abrir a porta

de pedra; pois os *gugs* temem os *ghouls* e muitas vezes fogem dos próprios cemitérios colossais ao presenciar os banquetes dessas criaturas.

Também aconselhou Carter a disfarçar-se de *ghoul*, raspando a barba que havia deixado crescer (pois os *ghouls* não usam barba), rolando nu em meio à putrescência para adquirir uma aparência mais convincente e adotando o característico trote com as costas recurvadas enquanto levava as roupas em uma trouxa, como se fossem o festim retirado de um túmulo. Chegariam à cidade dos *gugs* — contígua a todo o reino — pelas galerias apropriadas, para então emergir em um cemitério próximo à Torre de Koth. Mesmo assim, precisariam estar atentos a uma grande caverna próxima ao cemitério que era a entrada para as catacumbas de Zin, onde os vingativos *ghasts* estão sempre à espreita e prontos para matar os habitantes do abismo superior que os caçam e preparam emboscadas. Os *ghasts* tentam sair enquanto os *gugs* dormem, e atacam os *ghouls* com o mesmo ímpeto que demonstram em relação aos *gugs*, pois não conseguem discriminá-los. Os *ghasts* são muito primitivos e praticam o canibalismo. Os *gugs* mantêm uma sentinela em uma estreita passagem nas catacumbas de Zin, mas esse guarda no entanto é frequentemente vencido pela sonolência e às vezes surpreendido por um bando de *ghasts.* Embora os *ghasts* não sobrevivam na luz, podem suportar o crepúsculo cinzento do abismo por horas a fio.

Por fim, com muita cautela, Carter começou a se arrastar pelas intermináveis galerias subterrâneas na companhia de três solícitos *ghouls* que carregavam a lápide de ardósia do Cel. Nehemiah Derby, falecido em 1719 e enterrado no Charter Street Burying Ground em Salém. Quando emergiram na superfície crepuscular, estavam rodeados por uma floresta de vastos monólitos cobertos de líquen que se estendiam até onde o olhar alcançava e formavam as modestas lápides dos *gugs.* À direita da toca por onde tinham se esgueirado, visto em meio aos corredores de monólitos, descortinava-se um estupendo panorama de ciclópicas torres redondas que se alçavam a alturas inalcançáveis na atmosfera plúmbea da Terra interior. Aquela era a grande cidade dos *gugs*, cujas portas medem nove metros de altura. Os *ghouls* visitam frequentemente aquele lugar, pois um *gug* enterrado pode alimentar toda uma comunidade por cerca de um ano, e mesmo com o risco adicional é melhor desenterrar *gugs* do que se ocupar com os túmulos dos homens. Naquele instante Carter compreendeu os ossos titânicos que havia sentido sob os pés no vale de Pnath.

À frente, junto à saída do cemitério, erguia-se um precipício vertical em cuja base escancarava-se a boca de uma imensa e formidável caverna. Os *ghouls* pediram a Carter que a evitasse tanto quanto possível, uma vez que era a entrada para as profanas catacumbas de Zin, onde os *gugs* caçam os *ghasts* na escuridão. De fato, o alerta logo se justificou; pois no instante em que um dos *ghouls* avançou rumo às torres a fim de averiguar se a hora prevista para o repouso dos

gugs estava correta, a escuridão na boca da enorme caverna cintilou primeiro com um par de olhos amarelo-avermelhados e a seguir com outro, indicando que os *gugs* haviam perdido uma sentinela e que os *ghasts* tinham um excelente olfato. O *ghoul* retornou à galeria e sinalizou aos companheiros que permanecessem em silêncio. Seria melhor deixar os *ghasts* entregues aos próprios desígnios, pois havia uma chance de que logo se afastassem em decorrência do cansaço provocado pelo combate contra a sentinela dos *gugs* no interior das negras catacumbas. Passados alguns momentos um objeto com o tamanho de um pequeno cavalo surgiu em meio ao crepúsculo cinzento, e Carter sentiu náuseas ao perceber o aspecto daquela besta escabrosa e insalubre com um semblante humano, apesar da ausência de um nariz, de uma testa e de outros traços importantes.

No mesmo instante outros três *ghasts* saíram para juntar-se ao companheiro, e um dos *ghouls* sussurrou em um tartanho para Carter que a ausência de cicatrizes de batalha era um mau sinal. Provava que os *ghasts* não haviam combatido a sentinela dos *gugs*, mas simplesmente passado em silêncio enquanto dormia, de modo que as forças e a selvageria das criaturas permaneciam intactas e assim permaneceriam até que encontrassem e aniquilassem uma vítima. Era muito desagradável ver aqueles animais imundos e desproporcionais, que logo somavam quinze, caminhando de um lado para outro e saltando como cangurus no crepúsculo cinzento onde torres e monólitos titânicos se erguiam, mas era ainda mais desagradável quando falavam entre si usando os tossidos guturais dos *ghasts*. Por mais horrendos que fossem, no entanto, não eram tão horrendos quanto o que logo emergiu da caverna com uma rapidez desconcertante.

Era uma pata com quase um metro de largura e equipada com garras formidáveis. A seguir veio outra pata, e depois um enorme braço hirto e negro ao qual ambas as patas se ligavam por meio de curtos antebraços. Dois olhos rosados cintilaram e a cabeça da sentinela dos *gugs*, enorme como um barril, revelou-se aos olhos de todos. Os olhos projetavam-se cinco centímetros para fora das órbitas e eram protegidos por protuberâncias ósseas recobertas por cerdas grossas. Mas a cabeça era terrível em especial por conta da boca. A boca tinha enormes presas amarelas e se abria de cima a baixo da cabeça, no sentido vertical.

Porém, antes que o malfadado *gug* pudesse emergir da caverna e erguer o corpanzil de sete metros de altura, os vingativos *ghasts* lançaram-se ao ataque. Por um instante Carter temeu que pudesse dar o alarme e chamar a atenção das todas as criaturas, porém um *ghoul* tartanhou em um sussurro que os *gugs* não tinham voz, mas comunicavam-se através de expressões faciais. A batalha que teve início foi terrível. De todos os lados os peçonhentos *ghasts* investiam em um frenesi contra o *gug* rastejante, mordendo e lacerando com os focinhos e causando mutilações pavorosas com os cascos. Durante o tempo inteiro tossiam

de emoção, gritando quando a enorme bocarra vertical do *gug* apanhava um dos adversários, de modo que o ruído do combate sem dúvida teria despertado a cidade adormecida se o enfraquecimento da sentinela não houvesse levado o combate cada vez mais para o fundo da caverna. Da maneira como foi, o tumulto logo se recolheu aos recônditos escuros, e apenas ecos ocasionais davam sinais de prosseguimento.

Então o mais alerta dos *ghouls* fez sinal para que todos avançassem, e Carter seguiu os três companheiros trotadores para fora da floresta de monólitos rumo às lúgubres e abjetas ruas daquela cidade horrenda cujas torres redondas de cantaria ciclópica erguiam-se a altura inalcançáveis. Em silêncio, cambalearam pelo calçamento de rocha irregular enquanto ouviam, atrás das enormes portas negras, os abomináveis roncos abafados que sinalizavam o sono dos *gugs.* Apreensivos devido ao fim iminente da hora de descanso, os *ghouls* apertaram o passo; porém mesmo assim a jornada era longa, pois naquela cidade de gigantes as distâncias medem-se em grande escala. No entanto, chegaram por fim a um espaço mais ou menos amplo defronte a uma torre ainda mais vasta do que as outras, cuja porta colossal era encimada por um monstruoso símbolo em baixo-relevo que provocava calafrios apesar do significado obscuro e ignoto. Aquela era a torre central com o símbolo de Koth, e os enormes degraus quase ocultos pelo crepúsculo no interior da construção eram o princípio da grande escadaria que levava às terras oníricas superiores e ao bosque encantado.

Naquele momento começou uma subida interminável em meio a trevas absolutas; uma jornada quase impossível devido à altura dos degraus, feitos para os *gugs* e portanto medindo quase um metro de altura. Quanto ao número de degraus Carter não pôde ter sequer a mais remota noção, pois logo se exauriu a tal ponto que os *ghouls* viram-se obrigados a oferecer auxílio. Durante toda a interminável subida o perigo de detecção e caçada esteve à espreita; pois embora nenhum *gug* se atreva a erguer o alçapão de pedra que se abre para a floresta devido à maldição lançada pelos Grandes Deuses, nenhum interdito vigora no interior da torre e nas escadas, e os *ghasts* em fuga são muitas vezes perseguidos até o topo. Os *gugs* têm ouvidos tão apurados que até mesmo os pés descalços dos exploradores poderia ser prontamente ouvido assim que a cidade acordasse; e sem dúvida seria necessário pouquíssimo tempo para que os gigantes de passadas largas, acostumados a ver no escuro em função das caçadas aos *ghasts* nas catacumbas de Zin, alcançassem as vítimas menores e mais vagarosas naqueles degraus ciclópicos. Era desanimador ao extremo pensar que os silenciosos *gugs* nem ao menos seriam ouvidos, mas surgiriam de repente no escuro para investir contra os exploradores. Não poderiam sequer contar com o tradicional medo que os *gugs* nutrem em relação aos *ghouls* em um lugar onde as criaturas estariam em flagrante vantagem. Também representavam um certo perigo os furtivos e

peçonhentos *ghasts*, que com frequência adentravam a torre durante o sono dos *gugs.* Se os *gugs* dormissem por bastante tempo e os *ghasts* retornassem do embate na caverna, o cheiro dos exploradores seria percebido por aquelas coisas odiosas e mal-intencionadas; e nesse caso seria quase melhor ser devorado por um *gug.*

Passados éons de subida ouviu-se um tossido na escuridão mais acima, e a situação sofreu uma reviravolta deveras grave e inesperada. Ficou claro que um *ghast*, ou talvez mais de um, havia entrado na torre antes da chegada de Carter e de seus guias; e ficou igualmente claro que o perigo estava muito próximo. Depois de um segundo com a respiração suspensa, o *ghoul* que liderava o grupo empurrou Carter para junto da parede e dispôs os dois semelhantes da melhor forma possível, com a velha lápide de ardósia erguida e pronta para desferir um golpe esmagador assim que um inimigo surgisse. Como os *ghouls* enxergam no escuro, o grupo se encontrava em uma situação melhor do que Carter então se encontraria caso estivesse sozinho. No momento seguinte o estrépito de cascos anunciou a descida de pelo menos uma fera, e os *ghouls* prepararam a lápide de ardósia para um golpe desesperado. No mesmo instante surgiram dois olhos vermelho-amarelados, e os arquejos do *ghast* foram ouvidos em meio aos baques dos cascos. Quando alcançou o degrau imediatamente acima dos *ghouls*, essas criaturas manejaram a lápide com uma força prodigiosa, de modo que houve apenas um arquejo e estertor antes que a vítima desabasse em um amontoado peçonhento. Parecia tratar-se de um único animal, e após mais um instante de audição minuciosa os *ghouls* sinalizaram a Carter que prosseguisse. Como antes, viram-se obrigados a auxiliá-lo; e Carter se comprouve ao deixar o local da carnificina onde os nauseantes restos mortais do *ghast* espalhavam-se invisíveis na escuridão.

Por fim os *ghouls* se detiveram; e, tateando acima da cabeça, Carter perceber que enfim o grupo havia chegado ao grande alçapão de pedra. Abrir por completo uma coisa tão vasta estava fora de cogitação, mas os *ghouls* tinham a esperança de usar a lápide como alavanca a fim de permitir que Carter se esgueirasse pela fresta. Depois planejavam tornar a descer e voltar pela cidade dos *gugs*, uma vez que eram furtivos ao extremo e pela superfície não eram capazes de traçar o caminho até a espectral Sarkomand, onde leões guardam a passagem para o abismo.

Valeroso foi o esforço dos três *ghouls* para erguer a pedra do alçapão, e Carter ajudou-os a empurrar com todas as forças de que dispunha. Julgaram que a extremidade mais próxima ao topo da escada fosse a correta, e naquele ponto aplicaram todo o vigor dos músculos nutridos com a infâmia. Passados alguns momentos surgiu uma frincha de luz; e Carter, a quem a tarefa fora delegada, fez deslizar a extremidade da velha lápide ao interior da abertura. A seguir veio um

esforço veemente; mas o progresso foi vagaroso ao extremo, e era necessário voltar à posição inicial a cada tentativa fracassada de levar a alavanca até o ponto desejado e abrir o portal.

De repente o desespero foi amplificado mil vezes pelo som de passos mais abaixo. Eram apenas as pancadas e os estrépitos causados pelos cascos do *ghast* morto enquanto rolava para os níveis inferiores; porém as possíveis causas para o deslocamento eram todas igualmente inquietantes. Por conhecer os hábitos dos *gugs*, os *ghouls* empenharam-se com uma espécie de frenesi; e ao cabo de um tempo surpreendentemente curto tinham elevado o alçapão a uma altura considerável, onde foram capazes de segurá-lo até que Carter girasse a lápide de maneira a deixar uma fresta generosa. Os *ghouls* ajudaram-no, permitindo que subisse nos ombros borrachentos e depois guiando-lhe os pés enquanto se agarrava ao solo abençoado das terras oníricas superiores que se estendiam do outro lado. No momento seguinte as próprias criaturas também estavam do outro lado, derrubando a lápide e fechando o enorme alçapão no exato instante em que arquejos tornavam-se audíveis logo abaixo. Devido à maldição dos Grandes Deuses, jamais um *gug* atravessaria aquele portal, e foi com um profundo alívio e um profundo senso de responsabilidade que Carter deitou-se nos grotescos fungos do bosque encantado enquanto os guias se agachavam na típica postura de repouso dos *ghouls.*

Por mais estranho que fosse aquele lugar explorado em tempos remotos, o bosque encantado revelou-se um porto seguro e um deleite em comparação aos abismos que havia deixado para trás. Não havia sequer uma criatura viva ao redor, pois os *zoogs* abominam a passagem misteriosa, e em seguida Carter consultou os *ghouls* em relação ao curso a seguir. As criaturas não se atreveriam a voltar pela torre, porém o mundo em vigília não pareceu uma alternativa desejável quando descobriram que teriam de passar pelos sacerdotes Nasht e Kaman-Thah na caverna da chama. Por fim resolveram atravessar Sarkomand e a passagem ao abismo, embora não soubessem como chegar até lá. Carter lembrou-se de que a cidade situa-se no vale abaixo de Leng, e lembrou-se ademais de que em Dylath-Leen tinha visto um velho mercador de aspecto sinistro e olhos oblíquos que tinha fama de manter comércio com Leng. Assim, Carter aconselhou os *ghouls* a procurarem Dylath-Leen, atravessando os campos em direção a Nir e ao Skai e seguindo o rio até a foz. A sugestão foi prontamente aceita e os *ghouls* puseram-se a caminho no mesmo instante, uma vez que o crepúsculo prometia uma noite inteira de viagem à frente. E Carter apertou as garras daquelas feras repugnantes, agradecendo a ajuda e solicitando que transmitissem esses agradecimentos à fera que outrora havia sido Pickman; mas não conseguiu evitar um suspiro de alívio quando se afastaram. Afinal, *ghouls* são *ghouls*, e na melhor das hipóteses companheiros desagradáveis para os homens.

Depois Carter procurou um olho d’água na floresta para lavar o lodo da Terra interior e a seguir vestir as roupas que transportara com tanto cuidado.

Era noite naquele duvidoso bosque de árvores monstruosas, mas graças à fosforescência era possível viajar como se fosse dia; e assim Carter tomou o famoso caminho de Celephaïs em Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas. Ao longo do caminho começou a pensar na zebra que havia deixado amarrada a um freixo em Ngranek na longínqua Oriab tantos éons atrás, e perguntou-se se algum coletor de lava teria soltado e alimentado o animal. Também imaginou se algum dia retornaria a Baharna a fim de pagar pela zebra morta à noite nas ruínas ancestrais às margens do Yath, e se o velho taverneiro haveria de reconhecê-lo. Eis os pensamentos que lhe ocupavam na atmosfera das terras oníricas superiores.

Porém, Carter logo deteve o passo ao escutar um som vindo de uma enorme árvore oca. Tinha evitado o grande círculo de pedras, uma vez que não fazia questão alguma de falar com os *zoogs* naquela circunstância; porém o forte ruflar de asas no interior da grande árvore parecia indicar que importantes conselhos estivessem reunidos em outra parte. Ao se aproximar, Carter percebeu as manifestações de um tenso e acalorado debate; e dentro de pouco tempo inteirou-se de assuntos que foram motivo de grande preocupação. Uma guerra contra os gatos estava sendo discutida na assembleia soberana dos *zoogs*. O motivo era a perda de um destacamento que havia seguido Carter até Ulthar, cujas intenções maldosas os gatos haviam punido com o devido rigor. Por muito tempo o assunto tinha sido motivo de animosidades; e naquele mesmo instante fileiras de *zoogs* estavam se preparando para investir contra toda a tribo felina em uma série de ataques surpresa, que incluía emboscadas a gatos individuais e a grupos de gatos indefesos que tornariam inviável qualquer tentativa de treinamento ou mobilização. Esse era o plano dos *zoogs*, e Carter soube que precisaria frustrá-lo antes de prosseguir na incansável busca.

No mais absoluto silêncio, Randolph Carter esgueirou-se até a orla do bosque e emitiu o grito dos gatos em meio aos campos coalhados de estrelas. Um velho felino em uma cabana próxima captou o chamado e retransmitiu-o por léguas de pradarias a guerreiros pequenos e grandes, pretos, cinzentos, tigrados, brancos, amarelos e malhados; e o chamado ecoou por Nir e para além do Skai até chegar em Ulthar, onde os numerosos gatos de Ulthar repetiram-no em coro e reuniram-se em marcha. Por sorte não havia lua, de modo que todos os gatos estavam na Terra. Com saltos ágeis e silenciosos, os gatos pularam de cada lareira e de cada telhado e derramaram-se em um mar felpudo através das planícies até a orla do bosque. Carter estava lá para recebê-los, e a visão dos elegantes e salubres gatos foi deveras agradável aos olhos depois das coisas que tinha visto e seguido no abismo. Carter regozijou-se ao ver o venerável amigo e salvador à frente do destacamento de Ulthar, usando um colar de patente ao redor do lustroso pescoço

e com os bigodes espetados em um ângulo marcial. Para melhorar ainda mais as coisas, o subtenente do exército era um jovem vivaz que se revelou como ninguém menos do que o gatinho para o qual Carter tinha oferecido uma deliciosa tigela de leite naquela longínqua manhã em Ulthar. Havia crescido e se transformado em um gato forte e promissor, e ronronou ao apertar a mão do amigo. O avô disse que estava se saindo muito bem no exército e seria promovido a capitão depois de mais uma campanha bem-sucedida.

Carter ofereceu um breve relatório sobre os perigos que ameaçavam a tribo dos gatos e foi recompensado com graves ronronados de gratidão vindos de todos os lados. Depois de consultar os generais, preparou um plano de ação imediata que envolvia marchar contra o conselho inimigo e contra outras fortalezas conhecidas dos *zoogs* a fim de impedir os ataques-surpresa e obrigá-los a fechar um acordo antes que o exército se mobilizasse para a invasão. Sem perder mais um instante, o enorme oceano de gatos inundou o bosque encantado e fechou o cerco à árvore do conselho e ao grande círculo de pedra. O ruflar de asas transformou-se em pânico quando o inimigo percebeu a aproximação dos recém-chegados, e houve pouca resistência em meio aos furtivos e curiosos *zoogs.* Perceberam que estavam derrotados antes mesmo do início do combate, e logo os pensamentos de vingança deram vez aos pensamentos de autopreservação.

Metade dos gatos sentou-se em um semicírculo com os *zoogs* capturados no centro, deixando aberto um corredor por onde marchavam os prisioneiros adicionais cercados pelos outros gatos em outros pontos do bosque. Os termos do acordo foram discutidos por um longo tempo, com Carter fazendo o papel de intérprete, e foi decidido que os *zoogs* poderiam continuar sendo uma tribo livre desde que pagassem aos gatos um generoso tributo anual de tetrazes, codornas e faisões das partes menos fabulosas da floresta. Doze *zoogs* jovens de famílias nobres foram tomados como reféns e mandados para o Templo dos Gatos em Ulthar, e os vitoriosos deixaram claro que qualquer desaparecimento felino próximo à fronteira teria consequências desastrosas para os *zoogs.* Uma vez discutidos esses assuntos, as fileiras de gatos dispersaram-se e permitiram que os *zoogs* retornassem para casa às pressas e com uns quantos olhares ressentidos para trás.

O velho general felino ofereceu a Carter um guerreiro para acompanhá-lo pela floresta a qualquer fronteira onde desejasse chegar, pois era muito provável que os *zoogs* fossem ressentir a frustração da empresa bélica. A oferta foi aceita com gratidão; não apenas pela segurança que oferecia, mas também porque Carter apreciava a graciosa companhia dos gatos. Assim, no meio de um regimento agradável e brincalhão, feliz por ter cumprido com o dever, Randolph Carter atravessou com dignidade o encantado e fosforescente bosque de árvores titânicas enquanto falava sobre a busca com o velho general e o neto ao mesmo tempo em

que os demais gatos do bando entregavam-se a brincadeiras fantásticas ou corriam atrás das folhas soltas que o vento soprava entre os fungos do solo primordial. E o velho gato disse que tinha ouvido muitas coisas sobre a desconhecida Kadath na desolação gelada, mas não sabia onde ficava. Quanto à maravilhosa cidade ao pôr do sol, jamais tinha ouvido falar a respeito, mas de bom grado avisaria Carter se mais tarde descobrisse alguma coisa.

O gato revelou ao explorador senhas secretas de grande importância entre os gatos das terras oníricas e recomendou-o ao velho chefe dos gatos em Celephaïs, para onde estava indo. O velho gato, com quem Carter já se sentia um pouco familiarizado, era um solene maltês, e seria capaz de exercer grande influência em qualquer transação. O dia estava raiando quando chegaram à orla do bosque, e Carter despediu-se com pesar dos amigos felinos. O jovem subtenente que havia conhecido ainda filhote teria assumido a escolta se o velho general não o tivesse proibido, mas o austero patriarca afirmou que devia permanecer junto do exército e da tribo. Então Carter partiu sozinho pelos misteriosos campos dourados que se estendiam ao longo de um rio ladeado por salgueiros, e os gatos voltaram ao bosque.

O viajante conhecia bem as terras que se estendiam entre o bosque e o Mar Cereneriano, e seguiu com alegria as águas cantantes do rio Oukranos, que lhe indicavam o caminho. O sol erguia-se cada vez mais alto nas suaves encostas dos vales e pradarias, realçando os matizes dos milhares de flores que salpicavam os outeiros e entremontes. Uma névoa abençoada pairava sobre toda a região à frente, onde havia mais raios de sol do que nos demais lugares e um pouco mais da música estival de pássaros e abelhas, de modo que era possível atravessá-la como a uma terra encantada e sentir um júbilo e um enlevamento infinitamente maiores do que seria possível lembrar mais tarde.

Ao entardecer Carter chegou aos terraços de jaspe em Kiran, que descem até as margens do rio e abrigam o belo templo aonde o rei de Ilek-Vad chega uma vez por ano em um palanquim de ouro após uma longa viagem desde o longínquo reino no oceano crepuscular a fim de rezar para o deus do Oukranos, que cantou para um monarca ainda jovem que morava às margens do rio. Esse templo de jaspe maciço cobre um acre inteiro de chão com muros e pátios, sete torres com pináculos e um templo onde o rio chega depois de atravessar canais ocultos e o deus entoa suaves canções à noite. Por vezes a lua escuta uma estranha música ao reluzir sobre aqueles pátios e terraços e pináculos, mas se essa música é a canção do deus ou o canto dos crípticos sacerdotes, somente o rei de Ilek-Vad poderia dizer; pois apenas o monarca adentrou o templo e viu os sacerdotes. Na modorra do dia, o gracioso templo entalhado permanecia em silêncio, e Carter ouvia apenas os murmúrios do grande rio e o rumor de pássaros e abelhas enquanto seguia viagem sob os raios de um sol encantado.

Durante toda aquela tarde o peregrino vagou em meio a pradarias fragrantes e abrigou-se do vento atrás das suaves colinas próximas ao rio e dos templos em honra a deuses amistosos entalhados em jaspe ou crisoberilo. Por vezes caminhava próximo à margem do Oukranos e assoviava para os vivazes e iridescentes peixes daquelas águas cristalinas, e em outros momentos detinha-se em meio aos juncos sussurrantes para olhar em direção ao bosque escuro na outra margem, cujas árvores chegavam até a beira d'água. Em antigos sonhos Carter tinha visto estranhos *buopoths* desajeitados saírem timidamente do bosque para beber, mas naquele instante não havia nenhum à vista. De vez em quando parava a fim de observar um peixe carnívoro capturar um pássaro pesqueiro, atraído à água pelas escamas reluzentes do predador, que prendia o bico da vítima na enorme boca quando o caçador alado tentava uma investida.

No fim da tarde, subiu uma encosta verdejante e viu diante de si os mil coruchéus dourados de Thran chamejando ao pôr do sol. Sobranceiros além da imaginação eram os muros de alabastro daquela incrível cidade, que se inclinavam em direção ao topo e juntavam-se em uma única peça ninguém sabia como, pois aqueles muros são mais antigos do que a memória. Mas por mais sobranceiros que fossem com uma centena de portões e duas centenas de torretas, as alvas torres reunidas no interior dos muros sob os coruchéus dourados são ainda mais sobranceiras, e os homens da planície ao redor as veem se alçar rumo ao céu, às vezes claras, às vezes enredadas em nuvens e névoas e às vezes encobertas na base com a extremidade dos pináculos refulgindo livre acima dos vapores. E no ponto onde os portões de Thran se abrem para o rio existem grandes cais de mármore, com vistosos galeões de cedro perfumado e madeira de Coromandel portando pela âncora, e estranhos marujos barbados sentados em barris e fardos com os hieróglifos de terras longínquas. Em direção ao continente para além dos muros estende-se o campo, onde pequenas cabanas brancas sonham em meio a suaves encostas e estradinhas com inúmeras pontes de pedra serpenteiam com graça em meio a córregos e jardins.

Carter andou por esse panorama verdejante ao entardecer e viu o crepúsculo subir desde o rio até os prodigiosos coruchéus dourados de Thran. No instante em que anoiteceu o viajante chegou ao portão sul e foi parado por uma sentinela de manto vermelho para que narrasse três sonhos inacreditáveis e assim provasse ser um sonhador digno de andar pelas íngremes ruas misteriosas de Thran e visitar os bazares onde as mercadorias dos galeões ornados eram vendidas. Carter adentrou a cidade dos portentos através de um muro tão espesso que o portão mais parecia um túnel, e depois seguiu por ruas curvas e ondulantes que serpenteavam por entre as torres sobranceiras. Luzes ardiam em janelas com grades e sacadas, e o som de alaúdes e flautas erguia-se tímido de pátios internos onde fontes de mármore borbulhavam. Carter estava habituado ao caminho e logo atravessou as

ruelas escuras em direção ao rio, onde encontrou em uma antiga taverna portuária os capitães e os marujos que havia conhecido em miríades de outros sonhos. Comprou a passagem para Celephaïs em um enorme galeão verde e passou a noite em uma estalagem depois de entabular uma grave conversa com o venerável gato que cochilava em frente a uma enorme lareira e sonhava com antigas guerras e deuses esquecidos.

Pela manhã Carter embarcou no galeão com destino a Celephaïs e sentou-se na proa enquanto os cabos eram desamarrados para que a longa viagem ao Mar Cereneriano tivesse início. Por muitas léguas as margens do rio permaneceram como as de Thran, interrompidas a intervalos esparsos por um templo curioso que se erguia à direita nas colinas mais distantes ou por um sonolento vilarejo repleto de telhados vermelhos e redes estendidas ao sol. Ciente da busca em que se havia lançado, Carter questionou todos os marujos em detalhe a respeito daqueles que haviam encontrado nas tavernas de Celephaïs, fazendo perguntas sobre os nomes e os costumes dos estranhos homens de olhos largos e estreitos, orelhas de lóbulos compridos, narizes finos e queixos pontudos que chegavam em navios escuros vindos do norte e trocavam ônix por jade entalhado e ouro em fio e pequenos pássaros canoros de Celephaïs. Quanto a esses homens os marujos sabiam apenas que falavam pouco e pareciam espalhar uma estranha aura de espanto ao redor.

O longínquo país desses homens chamava-se Inganok, e pouca gente o visitava porque era uma terra fria e crepuscular, supostamente próxima ao infame platô de Leng — embora as lendas afirmassem que Leng ficava do outro lado de uma intransponível cadeia de montanhas e portanto ninguém soubesse dizer com certeza se esse maligno platô com horrendos vilarejos de pedra e um nefando monastério realmente existia ou se os rumores eram apenas um temor noturno provocado pela visão da formidável barreira formada à noite pelas montanhas negras com a lua ao fundo. Com certeza os homens chegavam a Leng vindos dos mais diversos oceanos. Quanto às outras fronteiras de Inganok os homens não tinham ideia, e tampouco haviam escutado relatos sobre a desolação gelada e a desconhecida Kadath, a não ser pelos mais vagos rumores. Em relação à maravilhosa cidade ao pôr do sol que Carter buscava, nada sabiam. Então o viajante parou com as perguntas sobre lugares distantes e esperou até que pudesse falar com os estranhos homens da fria e crepuscular Inganok, que são a prole dos deuses entalhados em Ngranek.

No final do dia o galeão chegou ao ponto em que o rio atravessa as fragrantes selvas de Kled. Carter quis desembarcar, pois em meio às folhagens daqueles trópicos repousam maravilhosos palácios de marfim, solitários e intactos, onde outrora viveram monarcas de uma terra cujo nome foi esquecido. Feitiços dos Anciões mantêm esses lugares protegidos e conservados, pois está

escrito que um dia ainda podem ser necessários; e caravanas de elefantes já os vislumbraram reluzindo ao luar, embora ninguém se atreva a chegar perto em virtude dos guardiões que os protegem. O navio continuou a singrar as águas, e o entardecer silenciou os murmúrios do dia, e as primeiras estrelas cintilaram em resposta aos vaga-lumes temporões enquanto se afastava da selva, deixando apenas um rastro de perfume como lembrança de que havia existido. E por toda a noite o galeão deixou para trás mistérios jamais vistos e jamais imaginados. A certa altura um vigia relatou incêndios nas colinas a leste, mas o sonolento capitão disse que seria melhor não olhar para aquelas bandas, uma vez que ninguém sabia quem ou o que teria ateado o fogo.

Pela manhã o leito do rio havia se alargado um bocado, e pelas casas ao longo da margem Carter soube que estavam próximos à cidade comercial de Hlanith no Mar Cereneriano. Os muros da cidade eram de granito irregular, e as casas ostentavam telhados fantásticos e empenas rematadas por vigas e gesso. Os homens de Hlanith são os mais parecidos com os homens da Terra em toda a extensão das terras oníricas; por esse motivo, a cidade não é procurada apenas em virtude do comércio, mas também devido ao impressionante trabalho de seus artesãos. Os cais de Hlanith são de carvalho, e lá o galeão permaneceu amarrado enquanto o capitão negociava nas tavernas. Carter também foi a terra e examinou com olhar curioso as ruas sulcadas por onde carros de boi se arrastavam e comerciantes inflamados anunciavam os produtos aos quatro ventos nos bazares. As tavernas portuárias situavam-se todas próximas aos cais em ruelas com calçamentos de pedra salgados pela espuma da maré alta, e pareciam antigas ao extremo por conta das vigas pretas no teto e dos olhos de boi com vidros esverdeados. Os marujos mais velhos falavam sobre portos distantes e contavam muitas histórias sobre os estranhos homens da crepuscular Inganok, mas tinham pouco a acrescentar ao que os marujos do galeão haviam dito. Então, por fim, depois de muita carga e descarga, o navio mais uma vez se fez ao mar no pôr do sol, e os altaneiros muros e empenas de Hlanith perderam-se na distância até que o último raio de sol lhes conferisse uma beleza prodigiosa muito além daquela proporcionada pelos homens.

Por duas noites e dois dias o galeão navegou as águas do Mar Cereneriano, sem nenhuma terra à vista e sem encontrar nenhuma outra embarcação. Porém, no entardecer do segundo dia assomou à frente do navio o pico nevado de Aran com as balouçantes árvores de *ginkgo* nas encostas mais baixas, e então Carter soube que haviam chegado a Ooth-Nargai e à maravilhosa cidade de Celephaïs. Logo descortinaram-se os minaretes cintilantes do fabuloso vilarejo, e os imaculados muros de mármore com estátuas de bronze, e a grande ponte de pedra onde o Naraxa deságua no mar. A seguir as suaves colinas verdejantes ergueram-se atrás do vilarejo, com vales e jardins de asfódelos e pequenos templos e cabanas; e

mais ao longe a cordilheira púrpura das Montanhas Tanarianas, imponente e mística, por trás da qual se escondem caminhos proibidos que levam ao mundo em vigília e a outras regiões oníricas.

O porto estava repleto de galeões pintados, alguns dos quais vinham de Serannian, a cidade nas nuvens localizada no espaço etéreo onde o mar encontra o céu, e alguns dos quais vinham de portos mais tangíveis nos oceanos das terras oníricas. Em meio a esses últimos o timoneiro abriu caminho até os cais que recendiam a especiarias para enfim amarrar o navio ao entardecer, quando os milhões de luzes da cidade começaram a reluzir na superfície d'água. Sempre renovada parecia aquela imortal cidade das visões, onde o tempo é incapaz de macular ou destruir. Como sempre foi ainda é a turquesa de Nath-Horthath, e os oitenta sacerdotes com as frontes cingidas por orquídeas são os mesmos que a construíram dez mil anos atrás. Ainda refulge o bronze dos enormes portões, e os calçamentos de ônix jamais se desgastam e jamais quebram. E as grandes estátuas de bronze no alto dos muros observam comerciantes e cameleiros mais antigos do que as fábulas, porém sem um único fio grisalho nas barbas forquilhadas.

Carter não saiu de imediato em busca do templo ou do palácio ou da cidadela, mas permaneceu junto dos muros portuários em meio aos marujos e comerciantes. Quando estava tarde demais para rumores e lendas, procurou uma antiga taverna que conhecia bem e descansou sonhando com os deuses que procurava na desconhecida Kadath. No dia seguinte vasculhou os cais em busca dos estranhos marujos de Inganok, mas descobriu que não estavam no porto e que a galé não devia chegar do norte em menos de duas semanas. No entanto, descobriu um marujo thoraboniano que tinha estado em Inganok e trabalhado nas minas daquelas plagas crepusculares; e o marujo afirmou que sem dúvida havia um deserto ao norte da região povoada, e que todos pareciam temê-lo e evitá-lo. O thoraboniano afirmou que o deserto avançava até o limite extremo dos cumes intransponíveis que cercavam o platô de Leng, e que por isso o local era temido; embora admitisse que havia outras histórias vagas sobre presenças malignas e sentinelas inomináveis. Se esse seria o deserto onde se estende a desconhecida Kadath, o homem não sabia dizer; mas pareceria estranho que, se de fato existissem, essas presenças e sentinelas estivessem a postos sem motivo.

No dia seguinte Carter subiu a rua dos Pilares até chegar ao templo turquesa para conversar com o alto sacerdote. Embora o deus mais reverenciado em Celephaïs seja Nath-Horthath, todos os Grandes Deuses são mencionados nas orações diurnas; e o sacerdote conhece razoavelmente bem o temperamento de todos. Como Atal já havia feito na distante Ulthar, o sacerdote aconselhou Carter a abandonar o projeto de vê-los, declarando que os deuses são irritadiços e caprichosos e além do mais têm a proteção dos Outros Deuses irracionais do Espaço Sideral, cujo espírito e mensageiro é o caos rastejante Nyarlathotep. O

ciúme que demonstravam ao ocultar a maravilhosa cidade ao pôr do sol era a prova cabal de que não desejavam a presença de Carter, e não se sabia ao certo como reagiriam a um visitante cujo propósito era vê-los para fazer pedidos. Nenhum homem jamais havia encontrado Kadath no passado, e poderia muito bem ser que ninguém a encontrasse no futuro. Os rumores que circulavam a respeito do castelo de ônix dos Grandes Deuses não eram nem um pouco reconfortantes.

Depois de agradecer ao alto sacerdote com a fronte cingida por orquídeas, Carter deixou o templo e dirigiu-se ao bazar dos açougueiros, onde o velho chefe dos gatos de Celephaïs morava lustroso e contente. Essa criatura cinzenta e solene estava tomando sol no calçamento de ônix e estendeu languidamente a pata quando o visitante se aproximou. Porém, quando Carter repetiu as senhas e a apresentação fornecidas pelo velho general de Ulthar, o felpudo patriarca adotou uma postura muito cordial e comunicativa, e falou sobre o folclore secreto dos gatos que habitam as encostas voltadas para o mar em Ooth-Nargai. Além do mais, repetiu várias histórias que os tímidos gatos na zona portuária de Celephaïs contavam às furtadelas sobre os homens de Inganok, em cujos barcos escuros nenhum gato se atreve a embarcar.

Parece que esses homens têm uma aura de terra quente ao redor, embora não seja esse o motivo por que nenhum gato se atreve a viajar naqueles barcos. O motivo para tamanha aversão é que Inganok tem sombras que nenhum gato consegue tolerar, de modo que em todo aquele frio reino crepuscular jamais se escuta um ronronar ou um miado aconchegante. Se isso é consequência das coisas que sopram através dos intransponíveis picos do hipotético platô de Leng ou de coisas que filtram desde o deserto gelado ao norte, ninguém sabe dizer; porém não há como negar que sobre aquela região longínqua paira uma sugestão de espaço sideral que em nada agrada os felinos e em relação à qual demonstram maior sensibilidade do que os homens. Por isso os gatos não se atrevem a embarcar nos navios escuros que rumam para os portos basálticos de Inganok.

O velho chefe dos gatos também revelou onde encontrar o rei Kuranes, que nos sonhos mais recentes de Carter havia reinado alternadamente no róseo e cristalino Palácio das Setenta Delícias em Celephaïs e no castelo guarnecido por torretas sobre as nuvens da flutuante Serannian. Parece que Kuranes não conseguia mais se contentar com esses lugares e havia passado a sentir profundos anseios pelos rochedos e pelas colinas inglesas da infância, onde à noite as antigas canções da Inglaterra erguem-se por trás das gelosias em pequenos vilarejos sonolentos, e onde cinzentas torres eclesiásticas espiam com doçura por entre as folhagens de vales distantes. O rei não tinha como retornar aos prazeres do mundo em vigília porque seu corpo havia morrido; porém havia compensado essa perda da melhor forma possível sonhando uma pequena região campestre a

leste da cidade, onde graciosos prados se estendiam desde os rochedos à beira-mar até o sopé das Montanhas Tanarianas. Lá o rei morava em uma cinzenta mansão gótica construída em pedra e voltada para o mar enquanto tentava imaginar-se nas antigas Trevor Towers, onde nasceu e onde treze gerações atrás os antepassados da família tinham vindo à luz. No litoral próximo, havia construído um pequeno vilarejo pesqueiro em estilo córnico repleto de calçadas íngremes, onde colocou pessoas com rostos ingleses e tentou lhes ensinar o querido sotaque dos antigos pescadores da Cornualha. Em um vale não muito distante havia erguido uma enorme abadia em estilo normando, cuja torre enxergava da janela, e entalhado o nome dos ancestrais nas lápides cinzentas do cemitério, cobertas com um musgo similar ao musgo da Velha Inglaterra. Pois, embora fosse um monarca nas terras oníricas, onde desfrutava de pompas e prodígios, esplendores e maravilhas, êxtases e júbilos, novidades e emoções, Kuranes teria renunciado com alegria ao trono e ao luxo e à liberdade em troca de um único dia abençoado como menino naquela Inglaterra pura e pacata — a antiga e bem-amada Inglaterra que o havia moldado e da qual seria uma parte imutável por todo o sempre.

Então, quando se despediu do velho chefe dos gatos, Carter não se dirigiu aos terraços do róseo e cristalino palácio, mas saiu pelo portão oriental e atravessou os campos repletos de margaridas em direção a uma empena que tinha vislumbrado por entre os carvalhos de um parque que subia até os rochedos à beira-mar. Passado algum tempo chegou a uma enorme sebe e a um portão com uma pequena guarita de tijolos, e ao tocar a campainha foi recebido não por um lacaio do palácio ataviado com um manto e outros adereços, mas por um velho atarracado que trajava uma túnica pastoril e fazia o maior esforço possível para imitar o estranho sotaque da Cornualha longínqua. Carter prosseguiu à sombra pelo caminho entre árvores semelhantes às da Inglaterra e subiu pelos terraços em meio a jardins que sugeriam a época da Rainha Ana. Quando chegou à porta, flanqueada por gatos de pedra à moda antiga, foi recebido por um mordomo barbado que trajava um belo *libré;* e a seguir foi acompanhado até a biblioteca onde Kuranes, Senhor de Ooth-Nargai e do Céu ao redor de Serannian, permanecia sentado com uma expressão pensativa em uma cadeira ao lado da janela e olhava para o vilarejo costeiro na esperança de que a antiga governanta viesse repreendê-lo por não estar pronto para a detestável festa no pátio do vigário enquanto a carruagem esperava e a mãe por pouco não perdia de vez a paciência.

Kuranes, trajando um roupão do tipo preferido pelos alfaiates londrinos na época da meninice, ergueu-se para receber o convidado, pois a visão de um anglo-saxão vindo do mundo em vigília era-lhe muito cara, mesmo que fosse um saxão de Boston, Massachusetts, e não da Cornualha. Os dois começaram uma longa

conversa sobre os velhos tempos, pois tinham muita coisa a dizer por serem ambos sonhadores de longa data e muito bem versados nas maravilhas de lugares incríveis. De fato, Kuranes havia estado além das estrelas no vazio supremo, e dizia-se que era o único a ter retornado com a sanidade intacta dessa viagem.

Por fim Carter explicou o que buscava e então fez ao anfitrião as mesmas perguntas que já havia feito a tantos outros. Kuranes não sabia onde ficava Kadath nem a maravilhosa cidade ao pôr do sol; mas sabia que os Grandes Deuses eram criaturas deveras perigosas, e que os Outros Deuses tinham estranhas maneiras de protegê-los contra a curiosidade impertinente. Tinha aprendido um bocado sobre os Outros Deuses em lugares mais distantes do espaço, em particular na região onde não existem formas e gases coloridos estudam os segredos arcanos. O gás violeta S’ngac disse-lhe coisas terríveis sobre o caos rastejante Nyarlathotep e o aconselhou a jamais se aproximar do vazio central onde o sultão-demônio Azathoth rói faminto no escuro. No geral, não era uma boa ideia envolver-se com os Anciões; e se persistissem em negar acesso à maravilhosa cidade ao pôr do sol, melhor seria não procurá-la.

Além do mais, Kuranes duvidou que o visitante pudesse obter qualquer benefício mesmo que conseguisse chegar à cidade. Por anos o próprio rei havia tido sonhos e ansiado pela adorável Celephaïs e por todo o território de Ooth-Nargai, bem como pela liberdade e pelas cores e pela grande experiência de uma vida livre de grilhões, convenções e futilidades. Porém, depois de adentrar a cidade e a região que tanto desejava e de ser sagrado rei, descobriu que a liberdade e a intensidade logo desvaneciam e tornavam-se monótonas devido à falta de ligação com os sentimentos e as memórias de outrora. Era o rei de Ooth-Nargai, mas não encontrava nenhum significado nisso e no fim sempre voltava aos velhos e familiares temas ingleses que o haviam moldado durante a infância. Daria todo o reino em troca do repicar de sinos pelas colinas da Cornualha, e todos os mil minaretes de Celephaïs em troca dos telhados pontudos no vilarejo perto de onde morava. Então disse ao convidado que a desconhecida cidade ao pôr do sol talvez não oferecesse o júbilo que buscava, e que talvez fosse melhor se permanecesse como um glorioso sonho lembrado apenas pela metade. Pois Kuranes tinha feito muitas visitas a Carter nos antigos dias de vigília e conhecia bem as adoráveis encostas da Nova Inglaterra onde o amigo tinha nascido.

Por fim, afirmou ter certeza de que o explorador em breve ansiaria somente pelas cenas mais antigas; o brilho de Beacon Hill ao entardecer, os altos coruchéus e as ruas que serpenteavam pelas colinas na pitoresca Kingsport, as provectas mansardas da antiga e assombrada Arkham e os abençoados quilômetros de prados e vales onde muros de pedra serpenteavam e as empenas brancas de casinhas rústicas espiavam por entre os caramanchões. Todas essas coisas Kuranes disse a Randolph Carter, mas o explorador permaneceu

irredutível. E no fim os dois se despediram cada um com a própria convicção, e Carter atravessou mais uma vez o portão de bronze em direção a Celephaïs e desceu a rua dos Pilares até o antigo quebra-mar, onde falou mais um pouco com os marinheiros de portos distantes e esperou o navio escuro que chegaria da fria e crepuscular Inganok, cujos marujos e comerciantes de rosto estranho traziam o sangue dos Grandes Deuses nas veias.

Certa noite estrelada, quando o Farol brilhava esplendorosamente sobre o porto, o navio tão aguardado chegou e os marujos e comerciantes de rosto estranho começaram a surgir um a um e logo depois grupo a grupo nas tavernas ao longo do quebra-mar. Era muito empolgante rever aqueles semblantes, que lembravam em todos os detalhes as feições divinas em Ngranek, mas Carter não se apressou em entabular conversas com os silenciosos homens do mar. Não sabia quanto orgulho nem quantos segredos ou quantas lembranças tênues e sobrenaturais poderiam animar a prole dos Grandes Deuses, e sentia que não seria prudente revelar o propósito da jornada ou fazer perguntas muito detalhadas sobre o deserto gelado que se estende a norte da terra crepuscular onde habitam. Os homens de Inganok falavam pouco com os demais frequentadores das tavernas portuárias, mas reuniam-se em grupos nos recantos mais remotos e entoavam assombrosas canções sobre lugares desconhecidos, ou contavam histórias em sotaques estranhos a todas as terras oníricas. Tamanho era o requinte e a comoção dessas canções e histórias que chegavam a sugerir maravilhas no rosto dos ouvintes, ainda que aos ouvidos vulgares as palavras tivessem uma cadência estranha e uma melodia obscura.

Por uma semana os estranhos marujos frequentaram as tavernas e fizeram comércio nos bazares de Celephaïs, e antes que zarpassem Carter havia assegurado a passagem no navio escuro dizendo que era um velho mineiro de ônix e gostaria de ver as pedreiras de Inganok. O navio era muito bonito e fora construído com grande esmero em teca e guarnecido com aprestos de ébano e filigranas de ouro, e a cabine em que o viajante se acomodou era ornada com tapeçarias de seda e veludo. Certa manhã, quando a maré começava a virar, as velas foram içadas e o ferro suspenso, e do alto da proa do navio Carter viu as muralhas que refulgiam ao pôr do sol e as estátuas de bronze e os minaretes dourados da atemporal Celephaïs afundarem no horizonte enquanto o pico nevado do Monte Aran diminuía até desaparecer. Ao entardecer não havia nada a vista além do plácido azul do Mar Cereneriano, com uma galé pintada ao longe que rumava para o reino flutuante de Serannian onde o mar encontra o céu.

E a noite caiu com lindas estrelas, e o navio escuro fez caminho em direção ao Grande Carro e à Ursa Menor enquanto aos poucos dava a volta em torno do polo. E os marinheiros cantaram estranhas canções sobre lugares desconhecidos, e então se dirigiram um a um até o castelo de proa enquanto os melancólicos observadores entoavam velhos cânticos e se debruçavam por cima da balaustrada a fim de ver os peixes luminosos brincarem nos caramanchões submersos no fundo do mar. Carter se recolheu à meia-noite e acordou com o brilho de uma manhã jovem, percebendo a seguir que o sol parecia estar mais ao sul do que seria esperado. Durante todo o segundo dia travou conhecimento com os homens da tripulação e aos poucos convenceu-os a falar sobre a fria e crepuscular terra onde haviam nascido, a esplendorosa cidade de ônix e o medo que nutriam em relação aos picos intransponíveis além dos quais Leng supostamente estendia-se. Os homens comentaram com tristeza que nenhum gato parava nas terras de Inganok, e que acreditavam que a proximidade oculta de Leng seria responsável por esse estranho comportamento. Mesmo assim, não quiseram falar sobre o deserto ao norte. Havia algo de inquietante a respeito do deserto, e segundo pensavam o mais conveniente era negar que existisse.

Alguns dias mais tarde conversaram sobre as pedreiras de ônix onde Carter disse que iria trabalhar. As pedreiras eram em grande número, pois toda a cidade de Inganok era feita de ônix, e grandes blocos polidos dessa pedra eram trocados em Rinar, Ogrothan e Celephaïs, e também em casa com os mercadores de Thran, Ilarnek e Kadatheron, pelas belas mercadorias desses fabulosos portos. No extremo norte, quase no deserto gelado cuja existência os homens de Inganok relutavam em admitir, havia uma pedreira maior do que todas as outras, de onde em tempos remotos haviam saído blocos tão prodigiosos que a simples visão dos vazios que haviam deixado instilava terror em todos que os vislumbrassem. Quem teria retirado esses blocos incríveis e para onde teriam sido levados eram

perguntas que ninguém sabia responder; e assim todos consideravam prudente não perturbar uma pedreira ao redor da qual talvez pairassem memórias inumanas. Assim, foi deixada em paz no crepúsculo, e apenas os corvos e os supostos pássaros-*shantak* atreviam-se a ponderar tamanha imensidão. Carter foi levado a uma profunda reflexão quando ouviu falar sobre essa pedreira, pois sabia que nas antigas lendas o castelo habitado pelos Grandes Deuses no alto da desconhecida Kadath é entalhado em ônix.

A cada novo dia o sol parecia estar mais baixo no firmamento, e as névoas acima pareciam cada vez mais densas. Em duas semanas já não havia mais sol — apenas um estranho crepúsculo cinzento que filtrava por uma eterna cúpula de nuvem durante o dia e uma fosforescência tépida e sem estrelas que emanava do fundo dessa nuvem. No vigésimo dia uma rocha escarpada surgiu em pleno mar — o primeiro sinal de terra desde que o pico nevado do Monte Aran desaparecera atrás do navio. Carter perguntou ao capitão como o escolho se chamava, mas ouviu como resposta que não tinha nome nem jamais havia sido visitado por embarcação alguma por conta dos sons que à noite vinham de lá. E quando, depois que a noite caiu, um uivo distante e incansável veio daquela escarpa granítica, o viajante rejubilou-se ao saber que nenhuma embarcação a tinha visitado e que tampouco recebera um nome. Os marujos rezaram e cantaram até que o barulho ficasse para trás, e Carter sonhou terríveis sonhos dentro de sonhos por toda a madrugada.

Na segunda manhã depois do ocorrido assomou no oriente longínquo uma fileira de grandes picos cinzentos cujos cimos perdiam-se nas nuvens imutáveis daquele mundo crepuscular. E ao vê-los os marinheiros entoaram canções alegres, e alguns caíram de joelhos no convés para rezar; e então Carter soube que haviam chegado à terra de Inganok e que logo o navio estaria amarrado a um cais basáltico da grandiosa cidade que levava o nome de toda a região. Próximo ao meio-dia surgiu um litoral escuro, e antes das três da tarde delinearam-se ao norte as cúpulas bulbosas e os fantásticos coruchéus da cidade de ônix. Rara e singular, a cidade arcaica se erguia acima dos muros e cais, toda feita em um delicado matiz de preto e repleta de frisos, volutas e arabescos com incrustações de ouro. Altas e ventiladas eram as casas, dotadas de muitas janelas e ornadas em todos os lados com entalhes florais e desenhos cujas escuras simetrias ofuscavam o olhar com uma beleza mais intensa do que a luz. Algumas terminavam em imponentes cúpulas inchadas que se afinavam em um cume agudo; outras, em pirâmides com terraços onde se erguiam grupos de minaretes que ostentavam toda sorte de estranheza e devaneio fantástico. Os muros eram baixos e atravessados por diversos portões, todos encaixados em um grande arco que se erguia acima do nível geral e rematados pela cabeça de um deus entalhada com a mesma habilidade evidenciada pelo monstruoso rosto na distante Ngranek. Em uma

colina no centro da cidade erguia-se acima de todas as outras uma torre hexadecagonal com um altaneiro campanário e um coruchéu que repousavam sobre uma cúpula achatada. Aquele, segundo os marinheiros, era o Templo dos Anciões, governado por um antigo sacerdote detentor de tristes segredos arcanos.

De tempos em tempos o dobre de um estranho sino fazia a cidade de ônix estremecer, e sempre era respondido pelo clamor de uma música composta por cornos, violas e vozes cantantes. A fileira de tripés na galeria que circunda a altaneira cúpula do templo em certos momentos era abalada por uma explosão de chamas; pois os sacerdotes e os habitantes da cidade eram versados nos mistérios primordiais e acreditavam em manter o ritmo dos Grandes Deuses de acordo com os ensinamentos de certos pergaminhos mais antigos do que os Manuscritos Pnakóticos. À medida que o navio deixava para trás os grandes molhes de basalto e adentrava o porto os rumores da cidade fizeram-se ouvir, e Carter viu os escravos, os marujos e os mercadores nas docas. Os marujos e mercadores tinham o estranho rosto da raça divina, porém os escravos eram homens atarracados e de olhos oblíquos que, segundo as lendas, teriam atravessado ou contornado os picos intransponíveis desde os vales para além de Leng. Os portos estendiam-se para muito além do muro da cidade e ofereciam toda sorte de mercadoria nas galés ancoradas, enquanto em uma das extremidades havia enormes pilhas de ônix bruto e entalhado aguardando o transporte para os longínquos mercados de Rinar, Ogrothan e Celephaïs.

A noite ainda não havia caído quando o navio escuro fundeou ao lado de um cais de pedra e a seguir todos os marujos e mercadores saíram em fila e atravessaram o portão em arco que levava ao interior da cidade. As ruas eram de ônix, e algumas vias eram largas e retas ao extremo, enquanto outras eram curvas e estreitas. As casas próximas à água eram mais baixas do que as outras e ostentavam acima da porta em arco certos símbolos de ouro que prestavam honra aos deuses menores que protegiam cada residência. O capitão do navio levou Carter até uma antiga taverna portuária onde se reuniam os marinheiros dos mais singulares países e prometeu que no dia seguinte mostraria todas as maravilhas da cidade crepuscular e o acompanharia às tavernas dos mineiros de ônix próximas ao muro norte. E a noite caiu, e pequenas lâmpadas de bronze se acenderam, e os marujos naquela taverna entoaram canções de lugares remotos. Porém, quando o grande sino da altaneira torre repicou sobre a cidade e o enigmático clamor de cornos e violas e vozes se ergueu em resposta, todos interromperam as canções ou as histórias e curvaram-se em silêncio até que o último eco se dissipasse. Pois existe um portento e uma estranheza na cidade crepuscular de Inganok, e os homens temem a inobservância dos ritos por medo de que uma vingança possa estar à espreita.

Ao longe, nas sombras da taverna, Carter percebeu um vulto atarracado que em nada o agradou, pois sem dúvida tratava-se do velho mercador de olhos oblíquos visto muito tempo atrás nas tavernas de Dylath-Leen e famoso por manter comércio com os terríveis vilarejos de pedra em Leng, um lugar evitado por todos os homens salubres cujas fogueiras malignas podem ser vistas de longe à noite, e até mesmo com o alto sacerdote que não deve ser descrito, que usa uma máscara de seda amarela por cima do rosto e habita sozinho um pré-histórico monastério de pedra. Esse homem tinha dado a impressão de um fugaz lampejo de conhecimento quando Carter perguntou aos mercadores de Dylath-Leen sobre a devastação gelada e Kadath; e por algum motivo aquela presença na escura e assombrada Inganok, tão próxima às maravilhas do norte, causou-lhe certa inquietação. O homem sumiu de vista antes que Carter pudesse dirigir-lhe a palavra, e os marujos disseram que havia chegado em uma caravana de iaques vindo de um lugar insabido, transportando os ovos colossais e saborosos do suposto pássaro-*shantak* para trocá-los pelos hábeis cálices de jade que os mercadores traziam de Ilarnek.

Na manhã seguinte o capitão do navio conduziu Carter pelas ruas de ônix de Inganok, toldadas pelo céu crepuscular. As portas com incrustações e as fachadas com desenhos, os balcões entalhados e as janelas com folhas de cristal reluziam com uma beleza sombria e polida; e de vez em quando surgia uma esplanada repleta de pilares negros, colunatas e estátuas de curiosos seres a um só tempo humanos e fabulosos. Não existem palavras para descrever a beleza e a estranheza de certos panoramas nas longas avenidas retas, ou nas ruelas laterais e acima de cúpulas bulbosas, coruchéus e tetos ornados com arabescos; e nada era mais esplêndido do que a altura vertiginosa do imponente Templo dos Anciões, com a torre hexadecagonal, a cúpula achatada e o altaneiro campanário encimado por um coruchéu, que se erguia acima de toda a cidade e dominava todos os ângulos do panorama. Seguindo rumo ao oriente, para muito além dos muros da cidade e das léguas e mais léguas de pradarias, erguiam-se as laterais cinzentas e lúgubres dos picos intransponíveis e intermináveis para além dos quais, segundo as lendas, estendia-se Leng.

O capitão levou Carter ao imponente templo, que se situava com o jardim em uma grande esplanada redonda de onde as ruas partem como os raios de uma roda. Os sete portões arqueados do jardim — cada um deles encimado por um rosto entalhado como os que adornam os portões da cidade — estão sempre abertos; e as pessoas caminham à vontade com passos reverentes pelas rotas calçadas e pelas estreitas ruelas repletas de marcos grotescos e santuários de deuses modestos. E também existem fontes, lagos e bacias que refletem o brilho ininterrupto dos tripés montados na altaneira sacada, todos feitos de ônix e repletos de peixinhos luminosos capturados por mergulhadores nos mais

profundos caramanchões do oceano. Quando o grave clangor do campanário estremece sobre o jardim e a cidade e a resposta dos cornos e violas e vozes se ergue das sete guaritas junto aos portões do jardim, emergem das sete portas do templo longas fileiras de sacerdotes que trajam máscaras e mantos negros enquanto carregam, estendidos à frente do corpo, grandes recipientes dourados de onde se ergue um estranho vapor. E todas as sete fileiras avançam de maneira peculiar em fila simples, estendendo as pernas para frente sem dobrar os joelhos, e seguem pelos caminhos que levam até as sete guaritas, onde então desaparecem para não mais reaparecer. Dizem que galerias subterrâneas ligam as guaritas ao templo e que as longas fileiras de sacerdotes retornam por esse caminho; e não se pode negar a existência de rumores sobre profundos lances de degraus em ônix que descem rumo a mistérios inefáveis. Mas poucos insinuam que os sacerdotes que trajam máscaras e mantos naquelas fileiras não sejam humanos.

Carter não entrou no templo porque ninguém além do Rei Velado tem permissão para assim proceder. Porém, antes que deixasse o jardim chegou a hora do sino, e Carter escutou quando o clangor fez todo o céu estremecer e os lamentos de cornos e violas e vozes ergueram-se nas guaritas junto dos portões. E pelos sete grandes caminhos desceram as longas fileiras de sacerdotes, carregando os recipientes de maneira singular e instilando no viajante um medo que os sacerdotes humanos em geral não instilam. Quando o último integrante da fila desapareceu no interior da guarita Carter deixou o jardim, notando ao se afastar um ponto na calçada por onde os recipientes haviam passado. O capitão do navio tampouco gostava daquele lugar, e apressou o explorador em direção à colina onde o palácio do Rei Velado se ergue em meio a cúpulas múltiplas e a outras maravilhas.

Os caminhos que levam ao palácio de ônix são íngremes e estreitos, a não ser pela estrada curva por onde o rei e o cortejo real transitam em iaques ou em carruagens puxadas por estes animais. Carter e o guia subiram por uma ruela feita inteiramente de degraus, que ficava entre muros com incrustações de estranhos símbolos dourados, e sob sacadas e janelas de onde às vezes emanavam discretos trenos musicais ou sopros ou fragrâncias exóticas. Mais à frente avultavam as muralhas titânicas, as imponentes ameias e as cúpulas bulbosas pelas quais o palácio do Rei Velado é famoso; e por fim os dois passaram sob um grande arco e emergiram nos jardins que compraziam o monarca. Nesse ponto Carter precisou deter o passo, atordoado ao se deparar com tanta beleza; pois os terraços de ônix e os passeios ladeados por colunatas, os alegres *parterres* e as delicadas árvores balouçantes dispostas em latadas auríferas, as imponentes urnas e os tripés com baixos-relevos impressionantes, as estátuas em mármore com veios negros que davam a impressão de respirar no alto de pedestais, os lagos com fundo de basalto e as fontes azulejadas com peixes luminosos, os diminutos templos de pássaros

canoros iridescentes no alto de colunas entalhadas, as maravilhosas volutas dos grandes portões de bronze e as trepadeiras em flor espalhavam-se por cada centímetro das muralhas polidas e complementavam-se de maneira a compor um panorama cuja beleza transcendia a realidade e parecia quase fabulosa mesmo na terra dos sonhos. Cintilava como uma miragem sob o plúmbeo céu crepuscular com a plangente magnificência do palácio abobadado mais adiante e a fantástica silhueta dos longínquos cumes intransponíveis à direita. E os pássaros e as fontes não paravam de cantar enquanto o perfume de flores raras estendia-se como um véu por cima de todo o incrível jardim. Não havia nenhuma outra presença humana naquele lugar, e Carter apreciou que assim fosse. A seguir fizeram uma curva e tornaram a descer os degraus da ruela de ônix, uma vez que o palácio não podia ser visitado por ninguém; e não convém olhar por muito tempo e com muita atenção para a enorme cúpula central, pois dizem que o lugar abriga o pai de todos os supostos pássaros-*shantak* e provoca estranhos sonhos nos curiosos.

Depois o capitão levou Carter até a região norte do vilarejo, próximo ao Portão das Caravanas, onde se situam as tavernas dos mercadores de iaques e dos mineradores de ônix. Lá, em uma estalagem de teto baixo apinhada de mineiros, os dois se despediram; pois o capitão tinha negócios a tratar, enquanto Carter estava ansioso por falar com os mineiros a respeito do norte. Havia muitos homens na estalagem, e o viajante não tardou a interpelar um deles dizendo que era um velho minerador de ônix ansioso por saber alguma coisa a respeito das pedreiras de Inganok. Porém, não descobriu muita coisa além do que já sabia, pois os mineiros eram tímidos e evasivos ao falar sobre o deserto gelado ao norte e sobre a pedreira onde nenhum homem se atreve a ir. Temiam os fabulosos emissários ao redor das montanhas intransponíveis para além das quais segundo as lendas estendia-se Leng, bem como as presenças malignas e as sentinelas sem nome que ficavam no extremo norte em meio a rochas espalhadas. E também diziam aos sussurros que os supostos pássaros-*shantak* não eram coisas salubres; de fato, era melhor que nenhum homem jamais tivesse visto uma dessas criaturas (pois o fabuloso pai dos *shantaks* que habita a cúpula do rei se alimenta no escuro).

No dia seguinte, depois de alegar que gostaria de ver as minas com os próprios olhos e visitar as fazendas espalhadas e os pitorescos vilarejos de ônix em Inganok, Carter alugou um iaque e encheu grandes alforjes de couro para a jornada. Para além do Portão das Caravanas a estrada seguia numa linha reta em meio aos campos arados e a estranhas casas rústicas colmadas por cúpulas baixas. Em algumas dessas casas o explorador deteve-se para fazer perguntas; e em certo ponto deparou-se com um anfitrião tão austero e reticente, e tão cheio de uma majestade indefinível similar àquela das enormes feições em Ngranek, que teve certeza de estar frente a frente com um dos Grandes Deuses, ou ao menos de

alguém com nove décimos de sangue divino que morava entre os homens. E para esse austero e reticente camponês Carter teve o cuidado de falar muito bem sobre os deuses, e de louvar todas as bênçãos que haviam lhe concedido.

À noite Carter acampou em um prado na beira da estrada sob a copa de uma árvore-*lygath* à qual amarrou o iaque, e pela manhã continuou a peregrinação rumo ao norte. Por volta das dez horas chegou às pequenas cúpulas no vilarejo de Urg, onde os mercadores repousam e os mineiros contam histórias, e permaneceu nas tavernas até o meio-dia. Nesse ponto a grande estrada das caravanas faz uma curva a oeste, em direção a Selarn, mas Carter seguiu rumo ao norte pelo caminho da mina. Por toda a tarde avançou pela estrada cada vez mais íngreme, que era um pouco mais estreita do que a grande estrada das caravanas e passava por uma região com mais rochas do que campos arados. À noite os outeiros à esquerda haviam dado lugar a penhascos negros consideráveis, e assim Carter soube que estava próximo à região mineira. O tempo inteiro as colossais e lúgubres encostas das montanhas intransponíveis sobranceavam ao longe, e quanto mais Carter avançava, mais terríveis eram as histórias que os fazendeiros e mercadores e condutores de carretas abarrotadas de ônix contavam a respeito do lugar.

Na segunda noite, depois de amarrar o iaque a uma estaca fincada no chão, acampou à sombra de uma grande escarpa negra. Percebeu a intensa fosforescência das nuvens naquele ponto setentrional e mais de uma vez imaginou enxergar vultos escuros delinearem-se contra o firmamento. E na terceira manhã avistou a primeira de várias pedreiras de ônix, e saudou os homens que lá trabalhavam com picaretas e formões. Antes do entardecer havia passado por onze pedreiras; naquele ponto o panorama era dominado por penhascos e rochedos de ônix, sem nenhuma vegetação — apenas grandes fragmentos rochosos espalhados no chão de terra preta, com os cinzentos picos intransponíveis sempre a se erguerem lúgubres e sinistros à direita. A terceira noite foi passada em um acampamento de mineiros cujas fogueiras crepitantes projetavam estranhos reflexos nos penhascos reluzentes a oeste. E os homens entoaram muitas canções e contaram muitas histórias, e evidenciaram tantos estranhos conhecimentos sobre os tempos de outrora e os hábitos divinos que Carter notou que tinham inúmeras memórias latentes dos antepassados — os Grandes Deuses. Perguntaram para onde ia, e aconselharam-no a não avançar muito rumo ao norte; mas Carter respondeu que estava procurando novos penhascos de ônix e que não assumiria riscos maiores do que qualquer outro prospector. Pela manhã Carter despediu-se e avançou rumo ao norte cada vez mais escuro, onde haviam dito que encontraria a temida e abandonada pedreira de onde mãos mais antigas do que o homem tinham arrancado blocos prodigiosos. Mas não gostou quando, ao se virar para um último adeus, imaginou ter visto, próximo ao acampamento, o velho mercador atarracado e evasivo com olhos

oblíquos, cujo suposto comércio com Leng era motivo de boatos na distante Dylath-Leen.

Depois de mais duas pedreiras a parte habitada de Inganok dava a impressão de acabar, e a estrada se afunilava em um caminho para iaques cada vez mais íngreme entre os formidáveis penhascos negros. Sempre à direita sobranceavam os lúgubres e distantes picos, e à medida que Carter avançava o reino inexplorado tornava-se mais frio e mais escuro. Logo o viajante percebeu que não havia pegadas nem marcas de cascos no caminho preto que galgava, e assim percebeu que de fato tinha adentrado os estranhos e desertos caminhos dos tempos antigos. De vez em quando um corvo crocitava ao longe, e às vezes um ruflar de asas por trás de uma rocha colossal insinuava a inquietante presença do suposto pássaro-*shantak*. Porém, na estrada Carter estava sozinho com a montaria desgrenhada, e preocupou-se ao notar que o excelente iaque demonstrava uma relutância cada vez maior em avançar, bem como uma disposição cada vez maior de bufar assustado ao menor sinal de barulho na rota.

Em seguida o caminho espremeu-se por entre reluzentes muros sable e começou a exibir uma elevação ainda mais íngreme do que antes. O chão era irregular, e muitas vezes o iaque escorregava nos fragmentos de pedra espalhados em grande quantidade ao redor. Passadas duas horas, Carter divisou um cume para além do qual havia tão-somente um céu plúmbeo e monótono e abençoou o prospecto de um percurso nivelado ou descendente. Chegar ao cume, no entanto, não seria uma tarefa simples; pois naquele ponto o caminho era quase perpendicular e revelava-se perigoso ao extremo devido a incontáveis fragmentos soltos de rocha preta e pequenas pedras. Por fim, Carter apeou do iaque e passou a conduzir a desconfiada montaria, puxando as rédeas com força sempre que o animal empacava ou tropeçava enquanto tentava manter o equilíbrio da melhor forma possível. De repente chegou ao topo da elevação e enxergou mais além, e espantou-se com o que viu.

O caminho de fato seguia adiante e apresentava um declive suave, com as mesmas linhas de elevados paredões naturais de antes; porém à esquerda abria-se um monstruoso espaço vazio, com vastos acres de extensão, de onde algum poder arcaico havia arrancado e demolido os penhascos nativos de ônix em uma pedreira de gigantes. A escavação ciclópica avançava sobre a rocha sólida do precipício e chegava aos mais bem-guardados recônditos nas entranhas da Terra. Não poderia ser uma pedreira humana, e as laterais côncavas ostentavam cicatrizes quadradas de vários metros, que indicavam o tamanho dos blocos cortados por mãos e formões sem nome. No alto da escarpa grandes corvos esvoaçavam e crocitavam, e vagos rumores nas profundezas ocultas sugeriam morcegos ou *urhags* ou outras presenças nefandas a assombrar a escuridão eterna. Naquele instante, Carter deteve-se na estreita passagem em meio ao crepúsculo

com o rochoso caminho descendente adiante; à direita, elevados penhascos de ônix estendiam-se até onde a vista alcançava, e à esquerda elevados penhascos cortados logo à frente davam forma à terrível e extraterrena pedreira.

De repente o iaque soltou um berro e fugiu do controle de Carter, dando um salto para frente e correndo em pânico até desaparecer no estreito declive rumo ao norte. As pedras espalhadas pelos velozes cascos do animal caíam da pedreira e desapareciam no escuro sem fazer nenhum som que indicasse a chegada ao fundo; mas Carter ignorou os perigos do estreito caminho enquanto corria sem fôlego atrás da veloz montaria. Logo os penhascos à esquerda retornaram à normalidade, mais uma vez transformando o caminho em uma passagem estreita; porém mesmo assim o viajante seguiu correndo atrás do iaque cujos rastros espaçados indicavam uma fuga em pânico.

Em certo momento Carter imaginou ter captado a batida dos cascos da montaria assustada e redobrou a velocidade por conta desse incentivo. Estava percorrendo quilômetros, e aos poucos o caminho à frente se abriu e por fim o explorador soube que não tardaria a adentrar o gélido e temível deserto ao norte. Os lúgubres flancos cinzentos dos longínquos picos intransponíveis mais uma vez surgiram acima dos penhascos à direita, e à frente estavam as rochas e penedos de um amplo espaço que sem dúvida oferecia um primeiro relance da escura e infinita planície. E mais uma vez os cascos soaram nas orelhas do explorador, ainda mais claros do que antes, porém dessa vez instilando terror em vez de incentivo, porque não eram mais os cascos do iaque em fuga. Eram passos implacáveis e decididos que vinham de trás.

A perseguição ao iaque de repente transformou-se em uma fuga de uma coisa invisível, pois embora não se atrevesse a olhar por cima do ombro, Carter sentia que a presença mais atrás não poderia ser nada salubre ou sequer mencionável. O iaque devia ter ouvido ou percebido a aproximação, e Carter relutou em indagar se aquilo o teria seguido desde as moradas dos homens ou se teria saído do negro fosso na pedreira. Nesse meio-tempo os penhascos haviam ficado para trás, de modo que a iminente chegada da noite anunciava-se em meio à enorme desolação arenosa e às rochas espectrais onde todos os caminhos perdiam-se. Carter não conseguia mais ver os rastros do iaque, porém continuava escutando atrás de si as detestáveis batidas, por vezes misturadas ao que imaginava ser um ruflar e um rumor de asas frenéticas. A aproximação daquela coisa era um incômodo evidente, e Carter sabia que estaria irremediavelmente perdido naquele deserto arrasado e inóspito de rochas e areias inexploradas. Somente os remotos e intransponíveis cumes à direita ofereciam qualquer resquício de orientação, mas logo tornaram-se menos evidentes à medida que o crepúsculo cinzento desvaneceu para dar lugar à fosforescência mortiça das nuvens.

Em seguida, Carter teve um horrendo vislumbre tênue e nebuloso em direção ao norte escuro. Por alguns momentos imaginou tratar-se de uma cordilheira de montanhas negras, porém a seguir notou que era algo mais. A fosforescência das nuvens ameaçadoras proporcionara-lhe uma visão inconfundível, e chegara a delinear certos contornos enquanto vapores baixos cintilavam mais atrás. Não seria possível estimar a distância, mas parecia ser muito grande. A coisa tinha milhares de metros de altura e se estendia em um enorme arco côncavo desde os cinzentos picos intransponíveis até lugares inimaginados a oeste, e outrora tinha sido de fato uma cordilheira de imponentes colinas de ônix. Mas as colinas já não eram mais colinas, pois forças maiores que as do homem haviam-nas tocado. Permaneciam agachadas no topo do mundo, como lobos ou *ghouls* cingidos por nuvens e névoas, guardando para sempre os segredos do norte. Agachavam-se em um enorme semicírculo, aquelas montanhas caninas transformadas em monstruosas estátuas vigilantes, e tinham as destras erguidas contra a humanidade em sinal de ameaça.

Foi apenas a luz bruxuleante das nuvens que criou a ilusão de um gesto nas duplas cabeças mitradas, mas enquanto seguia adiante Carter viu se erguerem daqueles regaços sombrios vultos cujos movimentos não eram nenhum delírio. Com um ruflar de asas, essas formas tornavam-se maiores a cada momento, e o explorador soube que a caminhada havia chegado ao fim. Não eram pássaros nem morcegos conhecidos em outras plagas da Terra ou sequer das terras oníricas, pois eram maiores do que elefantes e tinham cabeças como a dos cavalos. Carter soube que deviam ser os pássaros-*shantak* de mau agouro, e enfim descobriu os guardiões maléficos e as sentinelas inomináveis que levavam os homens a evitar o deserto de rocha boreal. E quando deteve-se em uma resignação derradeira, tomou coragem e olhou para trás; e de fato avistou o atarracado mercador de olhos oblíquos mencionado em lendas nefastas, montado em um iaque magro com um sorriso zombeteiro no rosto enquanto liderava uma pestilenta horda de *shantaks* malignos cujas asas ainda ostentavam a geada e o salitre dos abismos inferiores.

Mesmo encurralado pelos fabulosos e hipocéfalos pesadelos alados que o rondavam em enormes círculos blasfemos, Randolph Carter não perdeu a consciência. Sobranceiras e horrendas pairavam as gárgulas titânicas quando o mercador de olhos oblíquos apeou do iaque e postou-se com um sorriso escarninho à frente do prisioneiro. Com um gesto, o homem indicou a Carter que montasse em um dos repugnantes *shantaks*, ajudando-o a subir enquanto a consciência do viajante tentava vencer o asco. Foi difícil montar a criatura, pois os pássaros-*shantak* têm escamas no lugar de penas, e essas escamas são muito escorregadias. Quando o prisioneiro conseguiu montar, o homem de olhos

oblíquos pulou logo atrás, e o magro iaque foi conduzido rumo ao círculo de montanhas entalhadas mais ao norte por um dos incríveis colossos alados.

A seguir veio um voo horrendo pelo espaço gélido, infinitamente para cima e para o leste, rumo aos lúgubres flancos das montanhas intransponíveis para além das quais, segundo as lendas, estendia-se Leng. Voaram muito acima das nuvens, até que por fim estivessem sobre os fabulosos píncaros que os homens de Inganok jamais viram, e que estão sempre envoltos por altos redemoinhos de névoa cintilante. Carter os viu com clareza quando passaram, e percebeu no alto dos picos mais elevados estranhas cavernas que o fizeram pensar naquelas avistadas em Ngranek; porém achou melhor não questionar o captor quando percebeu que tanto o homem como o *shantak* hipocéfalo pareceram demonstrar um estranho temor em relação àquelas coisas, fazendo um voo apressado e evidenciando uma profunda tensão até que os deixassem para trás.

Em seguida o *shantak* diminuiu a altitude, revelando por sob o dossel de nuvem uma cinzenta planície devastada onde pequenas fogueiras queimavam a grandes distâncias umas das outras. Durante a aterrissagem, surgiam a intervalos solitárias cabanas de granito e vilarejos de pedra cujas minúsculas janelas iluminavam-se com uma luz pálida. E dessas cabanas e vilarejos vinham estridentes sons de assovios e nauseantes ruídos de cascavéis, que provaram de uma vez por todas que os homens de Inganok estão certos em suas especulações geográficas. Pois outros viajantes já ouviram aqueles sons em outras ocasiões, e sabem que emanam apenas do frio e deserto platô jamais visitado por homens salubres; do assombrado lugar de malignidade e mistério que é Leng.

Vultos negros dançavam ao redor das débeis fogueiras, e Carter ficou curioso para saber que tipo de criatura podiam ser; pois nenhuma pessoa salubre jamais havia estado em Leng, e o lugar só é conhecido pelas fogueiras e pelas cabanas de pedra vistas de longe. As formas executavam saltos lentos e canhestros, acompanhados por torções e outras manobras desagradáveis ao olhar; de modo que Carter não se admirou com a malignidade suprema que lhes era atribuída em lendas vagas, nem com o temor demonstrado por todos os habitantes das terras em relação ao repelente platô congelado. Quanto mais baixo o *shantak* voava, mais a repulsa inspirada pelos dançarinos parecia tingida por uma certa familiaridade infernal; e o prisioneiro continuou a forçar a vista e a vasculhar a memória em busca de pistas sobre quando teria visto aquelas criaturas antes.

Saltavam como se tivessem cascos em vez de pés, e pareciam usar uma espécie de peruca ou adorno de cabeça com pequenos chifres. Não usavam mais nenhum item de vestuário, porém muitas eram um tanto hirsutas. Tinham pequenas caudas vestigiais, e quando olhavam para cima Carter podia ver a largura excessiva das bocas. Naquele instante compreendeu o que eram, e também que não usavam nenhum tipo de peruca ou adorno de cabeça. Pois o

críptico povo de Leng pertencia à mesma raça dos incômodos mercadores das galés negras que negociavam rubis em Dylath-Leen — os mercadores humanoides escravizados pelas monstruosas coisas lunares! De fato, eram o mesmo povo de tez escura que havia sequestrado Carter na abjeta galé muito tempo atrás, e cujos semelhantes tinha visto andar em bando nos sórdidos cais daquela amaldiçoada cidade lunar, enquanto os mais franzinos mourejavam e os mais gordos eram levados em caixotes para satisfazer outras necessidades dos mestres amorfos e poliposos. Naquele instante Carter soube de onde vinham aquelas criaturas ambíguas, e estremeceu ao pensar que Leng deveria ser um território conhecido por aquelas informes abominações lunares.

Porém, o *shantak* voou para além das fogueiras e das cabanas de pedra e dos dançarinos inumanos, e planou acima das colinas estéreis de granito cinzento e das obscuras devastações de rocha e gelo e neve. O dia raiou, e a fosforescência das nuvens mais baixas deu lugar ao crepúsculo nebuloso do mundo setentrional enquanto o vil pássaro-*shantak* batia as asas em meio ao frio e ao silêncio. Às vezes o homem de olhos oblíquos conversava com a montaria em um odioso idioma gutural, e o *shantak* respondia com tons gargalhantes e ríspidos como o raspar de vidro quebrado. Durante todo esse tempo o terreno se elevava cada vez mais, até por fim culminar em um platô arrasado pelo vento que parecia ser o ápice de um mundo devastado e desabitado. Lá, sozinhas em meio ao silêncio e ao crepúsculo e ao frio, erguiam-se as rústicas pedras de uma atarracada construção sem janelas rodeada por monólitos brutos. Não havia nenhum elemento humano naquele arranjo, e ao lembrar-se das antigas lendas Carter pressupôs que havia de fato chegado ao mais temível e ao mais lendário de todos os lugares — o remoto monastério pré-histórico onde habita sozinho o alto sacerdote que não deve ser descrito, que usa uma máscara de seda amarela por cima do rosto e reza para os Outros Deuses e para o caos rastejante Nyarlathotep.

O ascoroso pássaro-*shantak* enfim pousou, e o homem de olhos oblíquos desceu com um salto e ajudou o prisioneiro a apear. Quanto ao propósito daquela captura, Carter não podia ter certeza; pois sem dúvida o mercador de olhos oblíquos era um agente das forças sombrias, ansioso por levar à presença dos mestres um mortal cuja presunção era encontrar a desconhecida Kadath e fazer uma oração diante dos Grandes Deuses no castelo de ônix. Parecia um tanto provável que o mercador tivesse ordenado a captura feita pelos escravos das coisas lunares em Dylath-Leen e que naquele momento tivesse a intenção de levar a termo o plano que os gatos haviam frustrado, conduzindo a vítima a um terrível encontro com o monstruoso Nyarlathotep a fim de denunciar a temeridade com que o viajante havia se lançado em busca da desconhecida Kadath. Tudo indicava que Leng e a desolação gelada ao norte de Inganok ficassem próximas aos Outros

Deuses, e naquele ponto os desfiladeiros rumo a Kadath são muito bem guardados.

O homem de olhos oblíquos era pequeno, mas o enorme pássaro hipocéfalo assegurava que todas as ordens fossem obedecidas; e assim Carter seguiu-o e passou ao interior do círculo de monólitos e cruzou a atarracada porta que dava acesso ao monastério de pedra sem janelas. Não havia iluminação lá dentro, porém o funesto mercador acendeu uma pequena lamparina de barro ornada com mórbidos baixos-relevos e empurrou o prisioneiro ao longo de labirintos com estreitos corredores serpenteantes. Nas paredes dos corredores, pavorosas cenas mais antigas do que a própria história estavam pintadas em um estilo desconhecido a todos os arqueólogos da Terra. Mesmo depois de incontáveis éons os pigmentos continuavam intensos, pois o clima frio e seco da horripilante Leng mantinha vivas inúmeras coisas ancestrais. Carter viu os desenhos de relance graças aos raios da lamparina tênue e bruxuleante e estremeceu ao compreender a história que contavam.

Os anais de Leng desfilavam por aqueles afrescos primordiais; e os humanoides com chifres, cascos e bocas largas executavam danças malignas em meio a cidades esquecidas. Havia cenas de antigas guerras em que os humanoides de Leng combatiam as túmidas aranhas roxas dos vales próximos; e havia cenas que retratavam a chegada das galés negras vindas da lua, e a sujeição do povo de Leng às blasfêmias poliposas e amorfas que saltavam e se arrastavam e se contorciam nas paredes. Essas blasfêmias escorregadias e esbranquiçadas foram reverenciadas como deuses, e portanto os nativos jamais reclamavam quando dezenas de machos gordos eram levados pelas galés negras. As monstruosas bestas lunares haviam se instalado em uma ilha escarpada em pleno mar, e Carter percebeu no afresco que não poderia ser outro lugar senão o escolho solitário e sem nome avistado durante a viagem para Inganok — a rocha cinzenta e maldita temida pelos marinheiros de Inganok onde uivos malignos reverberam durante a noite inteira.

E os afrescos retratavam a grande capital portuária dos humanoides, solene e repleta de pilares em meio aos penhascos e aos cais basálticos e fabulosa devido aos templos sobranceiros e às construções entalhadas. Jardins enormes e ruas ladeadas por colunas saíam dos penhascos e de cada um dos seis portões rematados por esfinges para encontrar-se em uma vasta esplanada central, onde havia dois gigantescos leões alados que vigiavam o topo de uma escadaria subterrânea. Os enormes leões alados surgiam repetidas vezes nos afrescos, com os imponentes flancos de diorito reluzindo no crepúsculo cinzento do dia e na fosforescência nebulosa da noite. E enquanto avançava aos tropeços em meio às frequentes e repetidas imagens, Carter enfim percebeu o que eram de fato, e que cidade era aquela onde os humanoides haviam reinado em tempos primordiais

anteriores à chegada das galés negras. Não havia como se equivocar, pois as lendas das terras oníricas são generosas e profusas. Sem dúvida aquela cidade ancestral não era outro lugar senão a lendária Sarkomand, cujas ruínas haviam deteriorado ao sol por um milhão de anos antes que o primeiro ser humano verdadeiro surgisse na Terra e cujos titânicos leões gêmeos guardam para sempre os degraus que descem das terras oníricas ao Grande Abismo.

Outras representações mostravam os lúgubres picos cinzentos que separavam Leng de Inganok, bem como os monstruosos pássaros-*shantak* que constroem ninhos no alto das encostas. Mostravam também as singulares cavernas próximas aos pináculos mais elevados, e como até mesmo os *shantaks* mais destemidos fogem gritando ao vê-las. Carter tinha avistado as cavernas enquanto as sobrevoava e percebido as semelhanças com as cavernas em Ngranek. Naquele instante, soube que a semelhança era mais do que uma simples coincidência, pois os afrescos mostravam seus temíveis habitantes; e as asas de morcego, os chifres curvos, as caudas serrilhadas, as garras preênseis e o corpo borrachento não lhe eram estranhos. Já havia encontrado aquelas criaturas silenciosas, esvoaçantes e pegajosas — os guardiões irracionais do Grande Abismo temidos até mesmo pelos Grandes Deuses que têm por senhor não o caos rastejante Nyarlathotep, mas o encanecido Nodens. Eram os temíveis noctétricos, que jamais sorriem ou gargalham porque não têm rosto, e que se debatem incessantemente na escuridão entre o Vale de Pnath e os desfiladeiros que conduzem ao mundo exterior.

Nesse ponto o mercador de olhos oblíquos empurrou Carter para o interior de um grande recinto abobadado cujas paredes eram cobertas por medonhos baixos-relevos e em cujo centro abria-se um fosso circular rodeado por um círculo de seis altares de pedra com máculas sinistras. Não havia iluminação na vasta cripta malcheirosa, e a pequena lamparina do funesto mercador oferecia uma luz tão parca que somente aos poucos foi possível discernir os detalhes. Na extremidade mais distante havia um púlpito de pedra acessado por cinco degraus; e sentada em um trono dourado havia uma figura envolta em mantos de seda amarela trabalhada em vermelho e com o rosto coberto por uma máscara de seda amarela. O homem de olhos oblíquos executou certos gestos com as mãos e o vulto à espreita nas trevas respondeu erguendo uma odiosa flauta entalhada em marfim nas patas cobertas de seda e tirando sons repulsivos por sob a ondulante máscara amarela. Esse colóquio estendeu-se por algum tempo, e Carter percebeu semelhanças nauseantes entre o som da flauta e o fedor pungente do malcheiroso recinto. Lembrou-se da temível cidade das luzes vermelhas e da repugnante procissão que a atravessou em fileira; e também da terrível escalada através do terreno lunar mais além, antes que fosse resgatado pela enxurrada de amistosos gatos amigos vindos da Terra. Carter soube que a criatura no púlpito era sem

dúvida o alto sacerdote que não deve ser descrito a respeito do qual as lendas sussurram possibilidades anormais e demoníacas, mas assustou-se ao pensar o que exatamente o abominável sacerdote poderia ser.

Então a seda trabalhada escorregou de uma das patas branquicentas, e Carter soube o que era o abjeto sacerdote. E naquele horrendo instante o medo irresistível incitou-o a um ato que a razão jamais teria arriscado, pois em toda aquela consciência abalada havia espaço somente para a vontade frenética de escapar do vulto que repousava no trono dourado. Carter sabia que invencíveis labirintos de pedra o separavam do frio platô no lado de fora, e que mesmo se alcançasse o platô o deletério *shantak* estaria a postos; porém mesmo assim não sentia nada além da vontade urgente de se afastar daquela monstruosidade que se retorcia ataviada em mantos de seda.

O homem de olhos oblíquos havia deixado a lamparina em um dos altares maculados junto do fosso e avançou um pouco a fim de se comunicar com o sacerdote usando as mãos. Carter, que até aquele instante continuara passivo, de repente empurrou o homem com toda a incontrolável força do medo, e a vítima precipitou-se no mesmo instante rumo ao interior do fosso que segundo as lendas descem até as infernais Catacumbas de Zin, onde os *gugs* caçam *ghasts* na escuridão. Quase no mesmo instante Carter pegou a lamparina do altar e disparou rumo aos labirintos decorados com afrescos, correndo de um lado para o outro conforme os ditames da sorte enquanto tentava não pensar no rumor abafado de patas macias e amorfas atrás de si nem nas contorções e deslizamentos silenciosos que deviam estar acontecendo nos corredores escuros.

Passados alguns momentos, lamentou a fuga precipitada e desejou que houvesse tentado prestar maior atenção aos afrescos que havia deixado para trás ao entrar. Verdade que eram confusos e complexos a ponto de não poder oferecer muita ajuda, porém mesmo assim desejou que ao menos tivesse feito a tentativa. Os que viu naquele instante eram ainda mais terríveis do que os afrescos vistos anteriormente, e Carter soube que não estava nos corredores que levavam à saída. Depois de alguns instantes teve quase certeza de que não estava sendo seguido e diminuiu a marcha; porém mal havia dado um suspiro de alívio quando foi assaltado por um novo perigo. A lamparina começava a se apagar, e Carter logo estaria na escuridão absoluta sem nenhum meio de visão ou de orientação.

Quando a luz enfim se extinguiu, tateou devagar no escuro e rezou aos Grandes Deuses pedindo toda a ajuda possível. Às vezes percebia um aclive ou um declive nos corredores de pedra, e a dada altura tropeçou em um degrau para cuja existência não parecia haver explicação alguma. Quanto mais avançava, mais úmida a atmosfera parecia ficar, e sempre que percebia uma junção ou o acesso a uma passagem lateral, Carter tomava o caminho menos descendente. Mesmo assim, tinha a impressão de que a direção geral era para baixo; e o cheiro de

cripta e as incrustações nas paredes graxentas e no chão indicaram que estava penetrando cada vez mais fundo no insalubre platô de Leng. Mas não houve nenhum alerta relativo à coisa que surgiu por último; apenas o surgimento da própria coisa com a aura de terror e o espanto e o choque e o caos atordoante. Em um momento Carter estava tateando devagar enquanto avançava pelo chão escorregadio de um corredor quase nivelado, e no instante seguinte mergulhou no escuro em uma velocidade espantosa por uma galeria praticamente vertical.

Quanto à distância percorrida nesse mergulho, Carter jamais poderia ter certeza, mas teve a impressão de que caiu durante horas de náusea delirante e frenesi extático. Então percebeu que estava parado, com as nuvens fosforescentes de uma luz boreal reluzindo mortiças mais acima. Por todos os lados havia paredes decrépitas e colunas quebradas, e o calçamento onde se encontrava era cortado pela grama que medrava entre as pedras e por frequentes arbustos e raízes que as deslocavam para os lados. Mais atrás, um penhasco basáltico perdia-se nas alturas depois de se erguer em sentido perpendicular, com as encostas repletas de repulsivas cenas esculpidas e varadas por um arco entalhado que dava acesso à escuridão interior por onde Carter havia chegado. Mais adiante estendiam-se fileiras duplas de pilares e os fragmentos de pedestais e pilares que davam testemunho sobre uma larga rua de outrora; e a partir das urnas e cisternas ao longo do caminho Carter soube que aquela tinha sido uma grande rua ajardinada. Ao longe, pilares se espalhavam para demarcar os limites de uma vasta esplanada circular, e no interior do círculo um par de coisas monstruosas agigantava-se sob as lúgubres nuvens noturnas. Eram enormes leões alados de diorito, em meio à escuridão e à sombra. Seis metros adiante, erguiam as grotescas cabeças ainda intactas e rosnavam com desdém para as ruínas ao redor. E Carter soube muito bem o que deveriam ser, pois as lendas mencionam uma parelha como aquela. Eram os imutáveis guardiões do Grande Abismo, e as ruínas escuras eram de fato a primordial Sarkomand.

A primeira reação de Carter foi fechar e barricar a passagem no penhasco com os blocos desabados e os destroços espalhados ao redor. Não queria que nenhuma criatura o seguisse desde o odioso monastério de Leng, pois ao longo do caminho outros perigos já estariam à espreita. Quanto à maneira de sair de Sarkomand rumo às regiões habitadas das terras oníricas, Carter nada sabia; tampouco poderia se informar descendo até as grutas dos *ghouls*, uma vez que as criaturas não dispunham de mais informações. Os três *ghouls* que o haviam ajudado a atravessar a cidade dos *gugs* em direção ao mundo exterior não sabiam como chegar a Sarkomand na jornada de volta, mas pretendiam indagar os velhos comerciantes em Dylath-Leen. Carter não pretendia retornar ao mundo subterrâneo dos *gugs* e arriscar-se uma vez mais na infernal torre de Koth com os degraus ciclópicos que levam ao bosque encantado, mas sentiu que teria de seguir

esse curso se tudo mais falhasse. Atravessar o platô de Leng sozinho para além do monastério solitário estava fora de cogitação, pois os emissários do alto sacerdote deviam ser muitos, e no fim da jornada com certeza seria necessário enfrentar os *shantaks* e talvez ainda outras coisas. Se conseguisse um barco, poderia voltar para Inganok depois de passar pela terrível rocha escarpada em alto-mar, pois os afrescos primordiais no labirinto do monastério haviam revelado que esse pavoroso lugar não se situa longe dos cais basálticos de Sarkomand. Mas encontrar um barco naquela cidade abandonada aos éons não seria plausível, e provavelmente jamais poderia construir um.

Esses eram os pensamentos de Randolph Carter quando uma nova impressão se ofereceu à sua mente. Durante todo esse tempo a vastidão cadavérica da fabulosa Sarkomand havia se estendido à frente com ruínas de pilares negros e destroços de portões rematados por esfinges e pedras titânicas e monstruosos leões alados que se delineavam com o brilho mortiço das luminosas nuvens noturnas ao fundo. Porém, naquele instante Carter percebeu, ao longe e à direita, um brilho que não poderia ser explicado pela presença das nuvens, e soube que não estava sozinho no silêncio da cidade morta. O brilho aumentava e diminuía de intensidade em um ciclo constante, e cintilava com um matiz esverdeado que nada fez para tranquilizar o observador. Ao chegar mais perto depois de percorrer a rua obstruída por destroços e avançar pelas estreitas frestas entre as paredes desabadas, Carter percebeu tratar-se de uma fogueira próxima aos cais, que reunia diversos vultos indefinidos em um obscuro conclave e exalava um odor mortífero que pairava sobre todos. Mais além ouvia-se o chapinhar oleoso das águas portuárias no costado de um grande embarcação que portava pela âncora, e Carter ficou paralisado pelo terror quando percebeu que o navio era de fato uma das temidas galés negras da lua.

Então, quando estava prestes a se afastar daquela odiosa chama, percebeu um burburinho em meio aos vultos indefinidos e ouviu um som peculiar e inconfundível. Era o gasganeio de um *ghoul* assustado, que no momento seguinte deu lugar a um verdadeiro coro de angústia. Escondido em meio às sombras das ruínas monstruosas, Carter deixou que a curiosidade vencesse o medo e avançou em vez de retroceder. Em um dado ponto, ao atravessar uma rua, arrastou-se sobre o próprio ventre como um verme; e em outro momento pôs-se de pé a fim de evitar qualquer barulho ao atravessar pilhas de mármore desabado. Porém, sempre logrou manter-se escondido, e em pouco tempo encontrou um lugar atrás de um pilar titânico de onde poderia assistir a toda a cena iluminada pelo matiz verde. Ao redor de uma horrenda fogueira alimentada pelos talos de fungos lunares, um fétido círculo de bestas lunares batráquias reunia-se na companhia de escravos humanoides. Alguns escravos aqueciam estranhas lanças nas chamas dardejantes, e de tempos em tempos aplicavam as pontas incandescentes a três

prisioneiros fortemente amarrados que se contorciam diante dos líderes do grupo. Observando a movimentação dos tentáculos, Carter viu que as criaturas lunares de focinho chato acompanhavam o espetáculo com enorme satisfação e foi tomado por um profundo horror quando reconheceu o gasganeio frenético e percebeu que os *ghouls* torturados eram o valoroso trio que o havia conduzido em segurança desde o abismo para depois sair do bosque encantado e encontrar Sarkomand e a passagem de acesso às profundezas onde viviam.

O número das malcheirosas bestas lunares ao redor do fogo esverdeado era muito grande, e Carter soube que nada poderia fazer naquele instante para salvar os antigos aliados. Como os *ghouls* haviam sido capturados, Carter não saberia dizer; porém imaginou que aquelas blasfêmias cinzentas e batráquias tivessem ouvido as criaturas perguntarem sobre o caminho até Sarkomand em Dylath-Leen e decidido impedir qualquer aproximação ao odioso platô de Leng e ao alto sacerdote que não deve ser descrito. Por um instante Carter pensou no que fazer, e em seguida lembrou-se de que estava muito próximo ao portão que dava acesso ao reino negro dos *ghouls.* Sem dúvida a melhor alternativa seria esgueirar-se até a esplanada dos leões gêmeos e descer de uma vez até o abismo, onde não haveria de encontrar nenhum horror pior do que aqueles que habitavam a superfície e onde logo poderia encontrar outros *ghouls* ávidos por resgatar os semelhantes e talvez por exterminar as bestas lunares da galé negra. Ocorreu-lhe que o portal, como outras passagens ao abismo, poderia ser guardado por revoadas de noctétricos; porém naquele instante não temeu as criaturas sem rosto. Tinha descoberto que mantinham solenes tratados com os *ghouls*, e o *ghoul* que tinha sido Pickman havia lhe ensinado a tartanhar uma senha compreendida pelos noctétricos.

Então Carter começou mais uma jornada silenciosa em meio às ruínas e aos poucos se aproximou da vasta esplanada central e dos leões alados. Era uma missão de alta periculosidade, mas as bestas lunares estavam ocupadas com o agradável passatempo e não ouviram os discretos barulhos que por duas vezes o viajante produziu em meio às pedras espalhadas. Por fim Carter chegou à esplanada e avançou em meio às árvores retorcidas e aos espinheiros que haviam crescido no local. Mais acima os gigantescos leões assomavam terríveis em meio à cintilação mortiça das fosforescentes nuvens noturnas, mas Carter persistiu avançando com bravura e se esgueirou para a direção em que os rostos miravam, sabendo que naquele lado encontraria a poderosa escuridão que as criaturas guardavam. A três metros de distância as bestas de diorito permaneciam em uma imobilidade ameaçadora no alto de pedestais ciclópicos cujas laterais eram repletas de terríveis baixos-relevos. Entre os dois leões havia um pátio azulejado com um espaço central outrora demarcado por uma balaustrada de ônix. No meio desse espaço abria-se um poço, e Carter não tardou a perceber que de fato havia

chegado ao abismo hiante cujos degraus bolorentos e encarquilhados desciam às criptas de pesadelo.

Horrendas são as lembranças daquela jornada no escuro em que horas passaram enquanto Carter andava às cegas, dando voltas e mais voltas pelos degraus altos e escorregadios de uma interminável espiral descendente. Tão desgastados e estreitos eram os degraus, e tão escorregadios devido à gosma no interior da Terra, que o explorador nunca sabia em que momento esperar uma súbita e apavorante queda rumo aos abismos supremos; da mesma forma, não sabia quando nem como os noctétricos guardiões poderiam atacar se de fato estivessem à postos naquela passagem primeva. Todo o ambiente estava empesteado pelo odor sufocante dos mais profundos abismos, e Carter sentiu que o ar daquelas profundezas asfixiantes não era feito para os homens. Depois de algum tempo sentiu-se entorpecido e sonolento, e continuou a andar mais por força do instinto do que por uma vontade consciente; e não percebeu mudança alguma sequer quando parou de mover-se ao ser agarrado em silêncio por trás. Carter notou que estava voando a uma velocidade impressionante quando cócegas malévolas indicaram que os borrachentos noctétricos haviam cumprido com o dever.

Ao perceber que estava nas garras frias e úmidas daqueles voadores sem rosto, Carter lembrou-se da senha dos *ghouls* e a tartanhou o mais alto que podia em meio ao vento e ao caos do voo. Por mais irracional que aquelas criaturas em geral sejam consideradas, o efeito foi instantâneo; pois as cócegas cessaram de repente e os noctétricos apressaram-se em pôr o refém em uma posição mais confortável. Com o ânimo renovado, Carter aventurou-se a oferecer explicações, falando sobre a captura e a tortura dos três *ghouls* aprisionados pelas bestas lunares e sobre a necessidade de reunir um grupo a fim de resgatá-los. Os noctétricos, embora não falassem, pareceram compreender o que dizia; e começaram a voar com ainda mais pressa e determinação. De repente as trevas deram vez ao crepúsculo cinzento da Terra interior, onde se descortinava um pouco mais adiante uma das planícies estéreis onde os *ghouls* adoram se agachar e roer. Lápides e fragmentos ósseos espalhados indicavam a presença dos habitantes do lugar; e quando Carter emitiu um sonoro gasganeio convocatório, vinte tocas despejaram os coriáceos moradores de aspecto canino para a superfície. Os noctétricos fizeram um voo rasante e largaram o passageiro em pé, e a seguir afastaram-se um pouco e agacharam-se em um semicírculo no chão enquanto os *ghouls* davam boas-vindas ao recém-chegado.

Carter tartanhou a mensagem às pressas e nos termos mais explícitos possíveis a toda a grotesca companhia; e no mesmo instante quatro *ghouls* desapareceram em tocas diferentes a fim de dar a notícia aos outros e reunir todas as tropas disponíveis para o resgate. Após uma longa espera um *ghoul* importante

apareceu e fez gestos prenhes de significado que levaram dois noctétricos a alçar voo e desaparecer na escuridão. Depois houve uma sequência de aterrissagens em meio ao bando de noctétricos na planície, até que por fim o solo lodoso estivesse coberto pelas negras criaturas. Nesse ínterim novos *ghouls* arrastavam-se para fora das tocas um atrás do outro, todos a tartanhar freneticamente enquanto se organizavam em uma rudimentar formação de batalha junto ao bando de noctétricos. No momento oportuno surgiu o orgulhoso e influente *ghoul* que outrora tinha sido o artista Richard Pickman, de Boston, para quem Carter tartanhou um relato completo de tudo o que havia ocorrido. O grave Pickman, surpreso ao reencontrar o velho amigo, pareceu um tanto impressionado e convocou uma assembleia com outros chefes em um local um pouco afastado da multidão cada vez maior.

Por fim, depois de examinar as fileiras com todo o cuidado, os chefes reunidos gasganearam em uníssono e puseram-se a tartanhar ordens para as multidões de *ghouls* e noctétricos. Um grande destacamento dos voadores chifrudos desapareceu no mesmo instante, enquanto as demais criaturas ajoelhavam-se duas a duas com as patas dianteiras estendidas à frente enquanto aguardavam a aproximação dos *ghouls*, um a um. Depois de alcançar a dupla de noctétricos os *ghouls* eram levados e desapareciam na escuridão; e por fim toda a multidão havia desaparecido, à exceção de Carter, Pickman e os outros chefes e umas poucas duplas de noctétricos. Pickman explicou que os noctétricos são a vanguarda e as montarias de batalha dos *ghouls*, e que o exército estava se dirigindo a Sarkomand para combater as bestas lunares. Então Carter e os chefes dos *ghouls* aproximaram-se das montarias a postos e foram erguidos por patas úmidas e escorregadias. Mais um instante e tudo estava rodopiando em meio ao vento e à escuridão; para cima, cada vez mais alto, até o portão dos leões alados e as ruínas da primordial Sarkomand.

Quando, passado um longo intervalo, Carter tornou a ver a luz mortiça no céu noturno de Sarkomand, vislumbrou a grande esplanada central repleta de *ghouls* e noctétricos prontos para o combate. Não havia dúvidas de que o dia estava próximo; mas o exército era tão poderoso que não seria necessário contar com a vantagem de um ataque surpresa. O clarão esverdeado próximo aos cais ainda cintilava, embora a ausência dos gasganeios dos *ghouls* indicasse que a tortura dos prisioneiros por ora havia acabado. Enquanto tartanhavam instruções a meia-voz para as montarias e para os noctétricos sem montadores que seguiam à frente, os *ghouls* ergueram-se em colunas rumorosas e avançaram pelas ruínas desoladas em direção ao fogo maligno. Carter estava ao lado de Pickman na primeira fileira dos *ghouls* e ao se aproximar do repulsivo acampamento percebeu que as bestas lunares estavam completamente despreparadas. Os três prisioneiros jaziam amarrados e inertes ao pé do fogo, enquanto os captores batráquios

esparramavam-se ao redor, vencidos pelo sono. Os escravos humanoides também estavam adormecidos — até mesmo as sentinelas negligenciavam um dever que naquele reino devia ter parecido meramente perfunctório.

A investida final dos noctétricos e dos *ghouls* que os montavam foi muito repentina, e as cinzentas blasfêmias batráquias e os escravos humanoides foram todos capturados por um grupo de noctétricos sem que um único som fosse ouvido. As bestas lunares, claro, eram mudas; porém mesmo os escravos tiveram pouca chance de gritar antes que patas borrachentas obrigassem-nos ao silêncio. Terríveis foram os espasmos daquelas aberrações gelatinosas quando os noctétricos agarraram-nas, porém nada podia contra a força daquelas negras garras preênseis. Quando uma besta lunar agitava-se com excessiva violência, os noctétricos agarravam um dos frementes tentáculos cor-de-rosa e davam-lhe um forte puxão, que parecia doer a ponto de fazer com que a vítima parasse de se debater. Carter estava preparado para testemunhar uma carnificina, mas descobriu que os *ghouls* tinham planos muito mais sutis. Tartanharam ordens simples aos noctétricos que se ocupavam dos reféns e deixaram o resto a cargo do instinto; e logo as infelizes criaturas foram levadas em silêncio rumo ao Grande Abismo para serem distribuídas irmãmente entre *bholes*, *gugs*, *ghasts* e outros habitantes da escuridão cujos hábitos alimentares não são nada indolores para as vítimas. Nesse meio-tempo os três prisioneiros foram desamarrados e consolados pelos companheiros vitoriosos, enquanto vários grupos empreendiam buscas nos arredores à procura de bestas lunares remanescentes e subiam a bordo da malcheirosa galé negra no cais para garantir que nada houvesse escapado à derrota geral. Com certeza a captura fora completa; pois nenhum outro sinal de vida foi encontrado pelos vencedores. Carter, ansioso por preservar uma via de acesso ao restante das terras oníricas, insistiu em que não afundassem a galé ancorada — uma solicitação prontamente atendida como um gesto de gratidão pela denúncia dos suplícios impostos ao trio de prisioneiros. No navio foram encontrados estranhos objetos e enfeites, alguns dos quais Carter lançou no mesmo instante ao mar.

Ghouls e noctétricos dividiram-se em grupos separados, e os primeiros começaram a questionar os reféns acerca de acontecimentos passados. Tudo indicava que os três houvessem acatado as instruções de Carter e seguido desde o bosque encantado até Dylath-Leen, passando por Nir e pelo Skai, roubando vestes humanas em uma fazenda solitária e imitando da melhor forma possível a maneira de caminhar dos homens. Nas tavernas de Dylath-Leen os rostos e os modos grotescos das criaturas deram azo a inúmeros comentários; mas o trio continuou a fazer perguntas sobre o caminho a Sarkomand até que um velho viajante os esclarecesse. Assim, descobriram que apenas um navio com destino a

Lelag-Leng serviria esse propósito e decidiram aguardar pacientemente uma embarcação.

Porém, sem dúvida espiões malignos haviam denunciado aquelas presenças, pois dentro de pouco tempo uma galé negra aportou e os mercadores de rubis com bocas largas convidaram os *ghouls* para beber em uma taverna. Vinho foi servido de uma daquelas sinistras garrafas entalhadas em um único rubi, e dentro de pouco tempo os *ghouls* viram-se aprisionados na galé negra como antes sucedera a Carter. Dessa vez, no entanto, os remadores invisíveis não conduziram o navio à lua, mas à antiga Sarkomand — sem dúvida a fim de levar os prisioneiros à presença do alto sacerdote que não deve ser descrito. Ao singrar as águas do mar boreal, o navio deteve-se na rocha escarpada que instilava medo nos marinheiros de Inganok, onde os *ghouls* viram pela primeira vez os verdadeiros mestres da embarcação; e, apesar dos próprios hábitos insalubres, ficaram nauseados com aqueles extremos de informidade maligna e odor repugnante. Lá também descobriram os inomináveis passatempos da guarnição de criaturas batráquias — passatempos responsáveis pelos uivos que os homens temem. Depois veio o desembarque em meio às ruínas de Sarkomand e o início das torturas, cujo prosseguimento foi impedido pelo resgate.

A seguir foram discutidos os planos para o futuro, quando os três *ghouls* resgatados sugeriram uma invasão da rocha escarpada e o extermínio da guarnição batráquia. Os noctétricos fizeram objeções, uma vez que o prospecto de voar sobre a água não os agradava. A maioria dos *ghouls* foi a favor do plano, mas não sabia como implementá-lo sem a ajuda dos noctétricos alados. Nesse ponto Carter, ao ver que os *ghouls* não poderiam navegar a galé ancorada, ofereceu-se para ensiná-los a usar as grandes ordens de remos, e a proposta foi aceita de imediato. Um dia cinzento havia raiado, e sob o plúmbeo céu boreal um seleto destacamento de *ghouls* adentrou o abjeto navio e postou-se nos bancos dos remadores. Carter descobriu que as criaturas aprendiam depressa, e antes que a noite caísse arriscou vários percursos experimentais nos arredores do porto. No entanto, apenas depois de três dias julgou que seria prudente lançar-se à viagem da conquista. Com os remadores treinados e os noctétricos postados em segurança no castelo de proa, o grupo enfim zarpou enquanto Pickman e os outros chefes reuniam-se no convés para discutir o método de aproximação e ataque.

Na primeira noite os uivos vindos do escolho fizeram-se ouvir. O timbre fez com que a tripulação da galé tremesse a olhos vistos; porém quem mais estremeceu foram os três *ghouls* resgatados, que conheciam o significado preciso daqueles uivos. Foi decidido que seria melhor evitar um ataque à noite, e assim o navio atravessou as velas sob as nuvens fosforescentes à espera da aurora cinzenta. Quando a luz tornou-se suficiente e os uivos cessaram os remadores puseram-se mais uma vez a trabalhar, e a galé aproximou-se cada vez mais da

rocha escarpada cujos pináculos de granito estendiam-se como garras fantásticas rumo ao céu mortiço. As laterais do escolho eram demasiado íngremes; mas em saliências rochosas aqui e acolá viam-se as paredes de estranhas habitações sem janelas e os balaústres que guarneciam os caminhos mais elevados. Nenhuma embarcação humana jamais havia se aproximado tanto do lugar, ou pelo menos jamais havia se aproximado tanto e retornado; mas Carter e os *ghouls* permaneceram impávidos e seguiram adiante, dando a volta pela face oriental do escolho e procurando os cais mais ao sul que, segundo o trio resgatado, localizavam-se no interior de um porto formado por altos promontórios.

Os promontórios eram extensões da própria ilha, e chegavam tão perto uns dos outros que apenas um navio poderia passar de cada vez. Não parecia haver sentinelas à vista, e assim a galé foi conduzida com determinação através do estreito e ao interior do fétido e estagnado porto mais além. Lá, no entanto, havia movimento e atividade; diversos navios portavam pela âncora ao longo de um formidável cais de pedra, e dezenas de escravos humanoides e bestas lunares na zona portuária transportavam caixas e caixotes ou conduziam horrores inomináveis e fabulosos atrelados a ponderosos carroções. Havia um pequeno vilarejo de pedra construído com o material extraído do penhasco vertical que dominava os cais e o princípio de uma estrada serpenteante que espiralava em direção às mais altas saliências do escolho. O que poderia haver no interior daquele prodigioso pico de granito, ninguém saberia dizer, mas as coisas que se viam e ouviam do lado de fora não eram nem um pouco encorajadoras.

Ao ver a galé que se aproximava, a turba nos cais demonstrou entusiasmo; os que tinham olhos observavam o navio de perto, e os que não tinham fremiam os tentáculos rosados de expectativa. Não haviam percebido a troca no comando do navio preto; pois os *ghouls* são bastante parecidos com os humanoides dotados de chifres e cascos, e os noctétricos estavam escondidos no convés. Nesse ponto os líderes tinham um plano detalhado, que consistia em soltar os noctétricos assim que chegassem ao cais e afastar-se no mesmo instante, para que o assunto fosse resolvido pelos instintos daquelas criaturas quase irracionais. Uma vez abandonados no escolho, a primeira providência dos voadores chifrudos seria agarrar todas as coisas vivas que encontrassem, e depois, dominados pelo instinto de voltar para casa, esqueceriam o medo da água e retornariam voando a toda velocidade para o abismo, levando as presas abjetas a um destino apropriado no escuro, de onde poucas sairiam com vida.

O *ghoul* que outrora havia sido Pickman desceu ao convés para dar as instruções aos noctétricos enquanto o navio se aproximava dos agourentos e malcheirosos cais. Fez-se um burburinho na zona portuária, e Carter percebeu que a movimentação do navio havia começado a levantar suspeitas. Era evidente que o timoneiro não estava rumando para a doca correta, e provavelmente os

observadores tinham percebido a diferença entre os horrendos *ghouls* e os escravos humanoides cujo lugar ocupavam. Um alarme silencioso deve ter soado, pois quase no mesmo instante uma horda de mefíticas bestas lunares começou a derramar-se pelas pequenas portas negras das casas sem janelas e a descer a estrada serpenteante à direita. Uma saraivada de curiosos dardos atingiu a galé assim que a proa chegou ao cais, alvejando dois *ghouls* e ferindo de leve um terceiro; porém nesse ponto todas as escotilhas foram abertas para dar passagem a uma nuvem negra de rumorosos noctétricos que enxamearam por toda a cidade como uma revoada de morcegos chifrudos e ciclópicos.

As gelatinosas bestas lunares haviam providenciado uma longa vara e tentavam empurrar o navio invasor para longe, mas com a investida dos noctétricos abandonaram a iniciativa. Era um espetáculo terrível ver aqueles fazedores de cócegas borrachentos e sem rosto desfrutando um passatempo, e causava uma impressão tremenda ver a densa nuvem das criaturas alastrar-se pelo vilarejo e subir pela estrada serpenteante. Às vezes um grupo dos voadores negros largava um prisioneiro batráquio por engano em pleno voo, e a maneira como a vítima estourava ao cair era um atentado à visão e ao olfato. Quando o último dos noctétricos saiu da galé os líderes dos *ghouls* deram a ordem de bater em retirada, e os remadores afastaram-se silenciosamente do porto entre os promontórios cinzentos enquanto o vilarejo mergulhava no caos da batalha e da conquista.

O *ghoul* que outrora havia sido Pickman dispôs de várias horas até que os noctétricos tomassem uma decisão em suas mentes rudimentares e vencessem o medo de atravessar o mar voando, e manteve a galé a cerca de uma milha da rocha escarpada enquanto aguardava e aplicava bandagens nos homens feridos. A noite caiu e o crepúsculo cinzento deu lugar à fosforescência mortiça das nuvens baixas, e durante o tempo inteiro os líderes observavam com atenção os sobranceiros picos do escolho maldito buscando sinais do voo dos noctétricos. Quase pela manhã um pontinho negro planou timidamente acima do mais elevado pináculo, e logo depois o pontinho transformou-se em um enxame. Pouco antes da aurora o enxame pareceu espalhar-se, e dentro de quinze minutos havia desaparecido por completo no horizonte a nordeste. Por uma ou duas vezes algo pareceu cair do enxame disperso nas águas do mar; mas Carter não sentiu-se apreensivo, pois sabia que as bestas lunares batráquias não sabem nadar. Por fim, quando os *ghouls* convenceram-se de que todos os noctétricos haviam retornado para Sarkomand e para o Grande Abismo com as vítimas condenadas, a galé retornou ao porto por entre os promontórios cinzentos; e toda a horrenda companhia foi a terra e desbravou a rocha nua protegida por torres e pináculos e fortalezas cinzeladas em pedra sólida.

Terríveis foram os segredos desvendados nessas malignas criptas sem janelas; pois os restos dos joguetes abandonados eram muitos, e apresentavam-se

em diversos estágios de decadência em relação ao estado original. Carter acabou com algumas coisas remanescentes que ainda estavam vivas de certa forma e fugiu às pressas de outras em relação às quais não pôde ter certeza. A maioria das casas fétidas era mobiliada com grotescos bancos entalhados em madeira lunar e ornados com pinturas de desenhos frenéticos e inomináveis. Inúmeras armas, implementos e enfeites espalhavam-se ao redor, incluindo grandes ídolos de rubi sólido que representavam criaturas singulares inexistentes na Terra. Essas últimas, apesar do material de que eram feitas, não despertavam nenhuma vontade de posse ou de exame prolongado; e Carter deu-se o trabalho de reduzir cinco exemplares a estilhaços com um martelo. Juntou as lanças e os dardos espalhados ao redor e, com a aprovação de Pickman, distribuiu-os entre os *ghouls.* Essas armas eram novidade para os trotadores caninos, porém a relativa simplicidade permitiu que aprendessem a usá-las depois de ouvirem uns poucos conselhos sucintos.

As regiões superiores do escolho abrigavam mais templos do que residências, e em diversas câmaras foram encontrados terríveis altares entalhados e fontes com máculas duvidosas e templos para a adoração de coisas mais monstruosas do que os deuses suaves no alto de Kadath. Nos fundos do grande templo estendia-se uma passagem negra e baixa, por onde Carter seguiu rumo ao interior da rocha de archote em punho até chegar a um saguão abobadado de enormes proporções, com arcadas recobertas por entalhes demoníacos e em cujo centro escancarava-se um fétido poço sem fundo como aquele no horrendo monastério de Leng, onde sozinho medita o alto sacerdote que não deve ser descrito. Na distante extremidade ensombrecida, para além do poço abjeto, imaginou ter visto uma estranha porta lavrada em bronze; mas por alguma razão sentiu um pavor indescritível ao pensar em abri-la ou mesmo em se aproximar dela, e voltou às pressas pela galeria a fim de reencontrar os repugnantes aliados que cambaleavam ao redor com uma tranquilidade e um abandono que mal conseguia sentir. Os *ghouls* tinham assistido ao passatempo inconcluso das bestas lunares e dele extraído todo o proveito que podiam. Também haviam encontrado um barril do forte vinho lunar, que estava sendo levado até os cais para o transporte e mais tarde para o posterior uso em negociações diplomáticas — embora os três prisioneiros resgatados, ao lembrarem do efeito que o vinho teve em Dylath-Leen, houvessem pedido aos demais *ghouls* da companhia que não o degustassem. Havia rubis lunares brutos e lapidados em grande quantidade em uma das arcadas próximas à água; mas quando os *ghouls* descobriram que não eram comestíveis perderam todo o interesse pelo achado. Carter não tentou levá-los consigo, pois sabia coisas demais a respeito dos seres que os haviam minado.

De repente ouviu-se o gasganeio entusiasmado de todas as sentinelas nos cais, e todos os repugnantes *ghouls* necrófagos pararam o que estavam fazendo

para olhar em direção ao oceano e reunir-se na zona portuária. Em meio aos promontórios cinzentos uma outra galé negra aproximou-se a grande velocidade, e dentro de poucos instantes os humanoides no convés perceberiam a invasão do vilarejo e soariam o alarme para as coisas monstruosas que se escondiam sob o convés. Por sorte os *ghouls* ainda empunhavam as lanças e dardos que Carter havia distribuído; e a um comando do viajante, corroborado pelo ser que outrora havia sido Pickman, organizaram uma fileira pronta para bater-se em combate e impedir que o navio aportasse. Logo uma intensa movimentação na galé revelou que haviam descoberto a recente mudança no estado de coisas, e a parada imediata da embarcação demonstrou que a superioridade numérica dos *ghouls* fora percebida e levada em conta. Passado um momento de hesitação os recém-chegados deram meia-volta em silêncio e deixaram os promontórios cinzentos para trás, mas nem por um instante os *ghouls* imaginaram que o conflito seria evitado. Ou a galé negra buscaria reforços, ou a tripulação tentaria aportar em outro ponto da ilha; e assim um grupo de batedores foi enviado ao pináculo para ver qual seria o curso do inimigo.

Dentro de poucos momentos um *ghoul* arquejante retornou com notícias de que as bestas lunares e os escravos humanoides estavam desembarcando junto ao mais oriental dos escarpados promontórios cinzentos e subindo por caminhos e saliências rochosas que até um cabrito teria dificuldade para galgar em segurança. Quase no mesmo instante a galé tornou a ser avistada no estreito, mas apenas por um relance fugaz. Então, passados alguns momentos, um segundo mensageiro arquejante chegou para dizer que mais um grupo estava desembarcando em outro promontório e que ambos eram bem mais numerosos do que o tamanho da galé permitiria supor. O navio, que se deslocava com lentidão devido ao número reduzido de remadores, logo surgiu em meio aos penhascos e atravessou as velas naquele porto fétido como que para assistir à escaramuça iminente e manter-se a postos em caso de necessidade.

A essa altura Carter e Pickman haviam dividido os *ghouls* em três grupos — dois que iriam ao encontro das colunas de invasores e um que permaneceria no vilarejo. Os primeiros dois não tardaram a escalar as rochas nas respectivas direções, enquanto o terceiro foi subdividido em um grupo terrestre e um grupo marítimo. O grupo marítimo, comandado por Carter, subiu a bordo do navio ancorado e remou ao encontro da subtripulada galé dos recém-chegados; e em seguida essa última embarcação recuou pelo estreito e voltou para o alto-mar. Carter preferiu não iniciar uma perseguição, pois sabia que seria mais necessário nos arredores do vilarejo.

Nesse meio-tempo os terríveis destacamentos de bestas lunares e humanoides tinham se arrastado até o alto dos promontórios, e naquele instante projetavam silhuetas horrendas em ambos os lados do escolho com o crepúsculo

cinzento ao fundo. As estridentes flautas infernais dos invasores haviam começado a soar, e o efeito geral daquelas procissões híbridas e semiamorfas era tão nauseante quanto o odor exalado pelos batráquios horrores lunares. Logo os dois grupos de *ghouls* reapareceram e juntaram-se à silhueta do panorama. Dardos começaram a voar de ambos os lados, e os gasganeios cada vez mais altos dos *ghouls*, somados aos uivos bestiais dos humanoides, aos poucos se juntaram aos lamentos das flautas para culminar em um frenético e indescritível caos de cacofonia demoníaca. De vez em quando corpos despencavam das estreitas cristas dos promontórios rumo ao mar ou ao porto, sendo nesse último caso tragados às pressas por certos predadores submarinos cuja presença era indicada apenas por borbulhas prodigiosas.

Por meia hora a dupla batalha acirrou-se nas alturas, até que os invasores fossem completamente aniquilados no promontório a oeste. A leste, no entanto, onde o líder das bestas lunares parecia estar presente, os *ghouls* não se saíram tão bem, e aos poucos retrocederam até as encostas do pináculo. Pickman havia mandado reforços dessa frente de batalha para o grupo que estava no vilarejo, e esses reforços foram de grande ajuda nos primeiros estágios do combate. Então, quando a batalha a ocidente se encerrou, os sobreviventes vitoriosos apressaram-se em ajudar os colegas em apuros, virando a maré e obrigando os invasores a voltar pela estreita crista do promontório. Os humanoides estavam todos mortos a essa altura, mas os últimos horrores batráquios lutavam desesperadamente com enormes lanças empunhadas nas robustas e asquerosas garras. Os dardos já haviam quase chegado ao fim, e a luta transformou-se em um combate mano a mano contra os poucos lanceiros que puderam se reunir na estreita crista.

À medida que a fúria e a imprudência aumentavam, o número de feridos que caía ao mar crescia. Os que despencavam no porto sucumbiam à extinção inominável dos borbulhadores invisíveis, mas os que despencavam no mar conseguiam nadar até os penhascos e alcançar os baixios enquanto a galé inimiga resgatava diversas bestas lunares. A não ser no ponto onde os monstros haviam desembarcado os penhascos eram inescaláveis, e assim nenhum dos *ghouls* nas rochas pôde se reunir à linha de batalha. Alguns foram mortos por dardos da galé hostil ou das bestas lunares lá no alto, mas uns poucos sobreviveram até o resgate. Quando a segurança dos grupos em terra parecia assegurada, a galé de Carter avançou por entre os promontórios e afastou o navio inimigo em direção ao mar, fazendo paradas a fim de resgatar os *ghouls* que estavam sobre a rocha ou nadando no oceano. Várias bestas lunares arrastadas de encontro às rochas ou aos recifes foram rapidamente liquidadas.

Por fim, quando a galé das bestas lunares estava a uma distância segura e o exército invasor concentrava-se em um único ponto, Carter desembarcou uma força considerável no promontório oriental, na retaguarda do inimigo; e após essa

manobra a batalha durou muito pouco. Atacadas por ambos os lados, os criaturas abjetas foram rapidamente cortadas em pedaços e empurradas em direção ao mar, e ao entardecer os chefes dos *ghouls* declararam que a ilha estava livre do inimigo. A galé hostil havia desaparecido nesse meio-tempo; e foi decidido que seria melhor evacuar a maligna rocha escarpada antes que uma horda invencível de horrores lunares pudesse se reunir e avançar contra os vencedores.

À noite, Pickman e Carter reuniram todos os *ghouls* e, depois de os contarem com todo cuidado, descobriram que mais de um quarto do exército fora perdido nas batalhas do dia. Os feridos foram acomodados em beliches na galé, uma vez que Pickman desencorajava o velho costume *ghoul* de matar e comer os próprios feridos; e os soldados ilesos foram mandados aos remos e a outros lugares onde pudessem ser úteis. Sob as baixas nuvens fosforescentes da noite a galé partiu, e Carter não lamentou deixar para trás aquela ilha de segredos insalubres cujo escuro saguão abobadado com um poço sem fundo e uma repugnante porta de bronze não paravam de assombrar-lhe os pensamentos. Quando a aurora raiou a tripulação pôde avistar os arruinados cais basálticos de Sarkomand, onde uns poucos noctétricos permaneciam de guarda, agachados como sombrias gárgulas chifrudas no alto das colunas quebradas e das esfinges decrépitas na terrível cidade que tinha vivido e morrido antes da era do homem.

Os *ghouls* acamparam em meio às pedras desabadas de Sarkomand e despacharam um mensageiro para solicitar aos noctétricos que lhes servissem de montaria. Pickman e os demais chefes agradeceram efusivamente a ajuda de Carter; e Carter percebeu que o plano estava amadurecendo bem e que poderia valer-se da ajuda daqueles terríveis aliados não apenas para deixar aquela parte das terras oníricas, mas também para levar adiante a busca suprema pelos deuses no alto da desconhecida Kadath e pela cidade ao pôr do sol que por estranhos motivos esses mesmos deuses negavam-lhe. Dando seguimento ao plano, Carter discutiu esses assuntos com os líderes dos *ghouls*, dizendo que sabia da existência da devastação gelada onde se estende Kadath e dos monstruosos *shantaks* e das montanhas entalhadas em imagens de duas cabeças que a guardam. Falou sobre o medo que os *shantaks* tinham dos noctétricos, e sobre como os vastos pássaros hipocéfalos fogem aos gritos das tocas negras no alto dos lúgubres picos cinzentos que separam Inganok da odiosa Leng. Falou também sobre as coisas que tinha aprendido a respeito dos noctétricos nos afrescos do monastério sem janelas do alto sacerdote que não deve ser descrito; e disse que até mesmo os Grandes Deuses os temem, e que o senhor dos noctétricos não é o caos rastejante Nyarlathotep, mas o encanecido e imemorial Nodens, Senhor do Grande Abismo.

Todas essas coisas Carter tartanhou para a assembleia de *ghouls*, e em seguida fez menção ao pedido que tinha em mente, e que não lhe parecia extravagante em vista dos serviços que havia acabado de prestar aos trotadores

borrachentos e caninos. Afirmou que desejava os serviços de um número de noctétricos suficiente para levá-lo voando em segurança aos confins do reino dos *shantaks* e das montanhas entalhadas, rumo à devastação gelada muito além da trilha de retorno de qualquer outro mortal. Desejava voar até o castelo de ônix no alto da desconhecida Kadath na devastação gelada para suplicar aos Grandes Deuses pela cidade ao pôr do sol que lhe era negada, e tinha certeza de que os noctétricos poderiam levá-lo até lá sem nenhum problema, pairando acima dos perigos da planície e sobrevoando as horrendas cabeças duplas das montanhas entalhadas como sentinelas que permanecem eternamente agachadas no crepúsculo cinzento. As criaturas chifrudas e sem rosto não poderiam temer nenhuma entidade terrena, uma vez que eram temidas pelos próprios Grandes Deuses. E mesmo que coisas inesperadas viessem dos Outros Deuses, que são propensos a supervisionar os assuntos dos deuses suaves da Terra, os noctétricos não teriam o que temer; pois os infernos siderais são indiferentes para voadores silenciosos e escorregadios que não servem a Nyarlathotep, mas curvam-se diante do poderoso e arcaico Nodens.

Uma revoada de dez ou quinze noctétricos, tartanhou Carter, com certeza seria suficiente para manter qualquer número de *shantaks* à distância; embora talvez fosse melhor ter *ghouls* no grupo a fim de manejar as criaturas, uma vez que os hábitos dos noctétricos eram mais conhecidos pelos *ghouls* do que pelos homens. O grupo poderia aterrissar em um local conveniente além de quaisquer muros que pudessem circundar a fabulosa cidadela de ônix e lá ficar à espera de um sinal enquanto se aventurava ao interior do castelo para fazer orações ao deuses da Terra. Se os *ghouls* quisessem acompanhá-lo à sala do trono dos Grandes Deuses, Carter ficaria muito agradecido, pois essa presença haveria de conferir mais peso e mais importância à súplica. Mesmo assim, não insistiria em relação a esse assunto, e desejava simplesmente o transporte de ida e de volta até o castelo no alto da desconhecida Kadath; a jornada final seria ou à maravilhosa cidade ao pôr do sol, caso os deuses se mostrassem favoráveis, ou de volta ao Portão do Sono Profundo no bosque encantado, caso as preces não dessem frutos.

Enquanto Carter falava todos os *ghouls* escutavam com profunda atenção, e passados alguns instantes o céu se obscureceu com a revoada de noctétricos convocados pelos mensageiros. Os horrores alados dispuseram-se em semicírculo ao redor do exército de *ghouls*, esperando respeitosamente enquanto os chefes caninos avaliavam o pedido do viajante terreno. O *ghoul* que outrora havia sido Pickman tartanhou em tom grave com os semelhantes, e no fim Carter recebeu mais do que havia esperado a princípio. Assim como tinha ajudado os *ghouls* a derrotar as bestas lunares, os *ghouls* haveriam de ajudá-lo na ousada viagem a reinos de onde ninguém jamais havia retornado; e colocariam à disposição não apenas alguns dos noctétricos aliados, mas todo o exército reunido, com *ghouls*

veteranos e noctétricos recém-chegados, à exceção de uma pequena guarnição que cuidaria da galé negra capturada e dos espólios recolhidos naquela rocha escarpada em alto-mar. Dispuseram-se a rasgar os ares no momento que Carter escolhesse, e em Kadath um grupo de *ghouls* poderia acompanhá-lo durante a petição perante os deuses terrestres no castelo de ônix.

Movido por uma gratitude e uma satisfação para além das palavras, Carter começou a traçar os planos para a audaciosa viagem com os líderes dos *ghouls.* Foi decidido que o exército voaria a uma grande altitude por cima da horrenda Leng com o monastério inominável e os malignos vilarejos de pedra, parando apenas nos vastos picos cinzentos a fim de confabular com os noctétricos que assustavam os *shantaks* cujas galerias atravessavam aqueles pináculos longínquos. Então, dependendo dos conselhos que recebessem dessas criaturas, decidiriam o percurso final; ou chegariam a Kadath pelo deserto de montanhas entalhadas a norte de Inganok, ou pelas terras mais ao norte da repulsiva Leng. Por mais caninos e desalmados que fossem, os *ghouls* e os noctétricos não temiam as revelações daqueles desertos inexplorados; tampouco sentiam-se desencorajados pelo espanto causado por Kadath, que se erguia solitária com o misterioso castelo de ônix.

Por volta do meio-dia os *ghouls* e os noctétricos prepararam-se para alçar voo, e cada *ghoul* escolheu um par de montarias chifrudas para carregá-lo. Carter assumiu um lugar próximo à dianteira de uma coluna ao lado de Pickman, e a linha de frente foi deixada a cargo de uma dupla fileira de noctétricos que fazia as vezes de vanguarda. Quando Pickman gasganeou todo o chocante exército ergueu-se em uma nuvem digna de um pesadelo acima das colunas quebradas e das esfinges decrépitas da primordial Sarkomand, cada vez mais alto, até que o enorme penhasco de basalto atrás do vilarejo fosse transposto e o frio e estéril platô de Leng se descortinasse mais adiante. A hoste negra subiu ainda mais alto, até que o platô se tornasse pequeno lá embaixo; e, à medida que avançavam rumo ao norte por aquele platô de horror açoitado pelo vento, Carter mais uma vez vislumbrou com um calafrio o círculo de rústicos monólitos e atarracadas construções sem janelas que abrigavam a pavorosa blasfêmia com máscara de seda de cujas garras havia escapado por um triz. Dessa vez o exército não reduziu a altitude ao passar como uma revoada de morcegos sobre o panorama estéril, deixando para trás os tênues fogos dos insalubres vilarejos de pedra sem deter-se para examinar os humanoides dotados de chifres e cascos que dançam e cantam por toda a eternidade. Em dado momento avistaram um pássaro-*shantak* que fazia um voo rasante sobre a planície, mas quando viu o exército que se aproximava o *shantak* gritou e fugiu para o norte em um pânico grotesco.

Ao entardecer, o exército chegou aos escarpados picos cinzentos que formam a barreira de Inganok e planou acima das estranhas cavernas próximas

aos cumes que tanto pavor haviam inspirado nos *shantaks.* A um gasganeio insistente dos líderes *ghouls* um enxame de negros voadores chifrudos saiu de cada uma das altaneiras tocas; e nesse momento os *ghouls* e os noctétricos do grupo enfim confabularam valendo-se de feios gestos. Logo tornou-se claro que o melhor curso a seguir seria pela devastação gelada ao norte de Inganok, pois as regiões mais setentrionais de Leng são repletas de armadilhas invisíveis que desagradam até mesmo aos noctétricos; pois influências abismais concentram-se no alto de estranhos outeiros em certas construções hemisféricas brancas, que o folclore associa de maneira nem um pouco agradável com os Grandes Deuses e o caos rastejante Nyarlathotep.

Quanto a Kadath, os voadores dos cumes quase nada sabiam, a não ser que devia haver algum portento espantoso em direção ao norte, onde os *shantaks* e as montanhas entalhadas ficam de guarda. Fizeram insinuações acerca das supostas anomalias nas proporções das léguas inexploradas que se estendiam mais adiante e recordaram vagos sussurros a respeito de uma terra onde a noite reina eterna; mas não tinham nenhuma informação concreta a oferecer. Carter e o grupo agradeceram; e, depois de transpor os mais altos pináculos de granito rumo aos céus de Inganok, desceram ao nível das fosforescentes nuvens noturnas e vislumbraram no horizonte as terríveis gárgulas agachadas que tinham sido montanhas até que uma mão titânica entalhasse o medo na rocha virgem.

Lá estavam, agachadas em um semicírculo infernal, com as pernas na areia do deserto e as mitras espetadas nas nuvens luminosas; sinistras, lupinas e bicéfalas, com semblantes enfurecidos e a destra erguida, vigiando com monotonia e malignidade os limites do mundo humano e guardando com horror as terras de um gélido mundo boreal que não pertence ao homem. No terrível regaço das gárgulas erguiam-se *shantaks* de porte elefantino que fugiram com gorjeios ensandecidos quando a vanguarda de noctétricos foi avistada em meio às névoas celestes. Rumo ao norte e acima das gárgulas montanhosas o exército voou, e por léguas e mais léguas de deserto indefinido sequer um ponto de referência foi avistado. As nuvens tornaram-se cada vez mais esparsas, até que por fim Carter não visse nada além da escuridão ao redor; porém as montarias aladas não hesitaram por um instante sequer, pois habitavam as mais negras criptas terrestres e enxergavam não com os olhos, mas com toda a superfície úmida dos corpos escorregadios. Seguiram sempre avante, em meio a ventos de cheiro duvidoso e a sons de significado dúbio; cada vez envoltos por uma escuridão mais profunda, e cobrindo distâncias tão prodigiosas que Carter se perguntou se ainda poderiam estar nos limites das terras oníricas de nosso planeta.

Porém, de repente as nuvens dispersaram-se e as estrelas reluziram com um brilho espectral no firmamento. Lá embaixo tudo estava mergulhado na

escuridão, mas pálidos fachos no céu pareciam estar investidos de um significado e de uma importância que jamais haviam possuído em outra parte. Não que as figuras das constelações houvessem mudado; porém os mesmos contornos familiares pareciam revelar naquele instante um significado que até então permanecera obscuro. Tudo apontava para o norte; cada curva e cada asterismo do firmamento cintilante tornaram-se parte de um enorme desenho cuja função era impelir adiante primeiro o olhar e depois o observador rumo a um sigiloso e terrível objetivo de convergência para além da desolação gelada que se estendia infinitamente adiante. Carter olhou para o leste, onde a grande cordilheira de picos intransponíveis havia sobranceado durante todo o trajeto ao longo de Inganok, e mais uma vez percebeu, delineada contra as estrelas, uma silhueta escarpada que revelava a continuidade daquela presença. Parecia ainda mais acidentada naquele ponto, com enormes rachaduras e pináculos fantasticamente erráticos; e Carter estudou de perto os sugestivos volteios e traçados do grotesco contorno, que parecia compartilhar com as estrelas um sutil anseio pelo norte.

Estavam voando a uma velocidade extrema, e o observador precisou olhar com atenção a fim de captar todos os detalhes; e de repente vislumbrou, logo acima dos picos mais altos, um objeto negro que se delineava contra as estrelas e cujo trajeto correspondia de maneira exata àquele descrito pelo bizarro grupo a que pertencia. Os *ghouls* também o haviam percebido, pois Carter escutou tartanhos discretos ao redor e, por um instante, imaginou que o objeto fosse um gigantesco *shantak*, de estatura vastamente superior à dos espécimes habituais. Logo, no entanto, percebeu que a teoria carecia de sustentação; pois o vulto da coisa que pairava acima das montanhas não era o de um pássaro hipocéfalo. A silhueta delineada pelas estrelas ao fundo, necessariamente vaga, sugeria antes uma colossal e mitrada cabeça, ou parelha de cabeças, ampliada a proporções infinitas; e o rápido voo que empreendia pelo firmamento dava a singular impressão de que prescindia de asas. Carter não conseguiu estabelecer em que lado das montanhas se encontrava o vulto, mas logo notou que tinha mais partes além das primeiras que tinha avistado, uma vez que obscurecia todas as estrelas em pontos onde a cordilheira apresentava profundas divisões.

Então veio uma ampla falha na cordilheira, onde as medonhas terras da tramontina Leng juntavam-se à devastação gelada do lado em que o viajante se encontrava graças a um desfiladeiro por onde as estrelas projetavam um brilho tênue. Carter observou a falha com profunda atenção, sabendo que poderia ver, delineadas contra o firmamento, as partes inferiores da vasta criatura que executava um voo ondulante sobre os pináculos. O objeto avançou um pouco, e todos os olhos do grupo fixaram-se na colossal rachadura que a qualquer momento revelaria a silhueta completa. Aos poucos aquela coisa gigantesca acima dos picos aproximou-se da falha depois de reduzir um pouco a velocidade,

como se estivesse consciente de ter deixado para trás o exército de *ghouls.* Houve mais um momento de profundo suspense, e então veio o breve instante em que a silhueta completa se revelou, trazendo aos lábios dos *ghouls* um gasganeio de temor cósmico sufocado a duras penas e à alma do viajante um calafrio que jamais a abandonou por completo. Pois a forma colossal que pairava sobre a cordilheira era apenas uma cabeça — uma dupla cabeça mitrada — abaixo da qual, na terrível vastidão, corria o horrendo corpo túmido que a sustentava; a monstruosidade com a altura de uma montanha que andava em silêncio com passos furtivos; a distorção hienídea de uma gigantesca forma humanoide que trotava envolta em trevas com o céu ao fundo enquanto o par de cabeças mitradas alçava-se rumo ao zênite.

Carter não perdeu a consciência ou sequer gritou, pois era um sonhador experiente; mas olhou para trás tomado pelo horror e estremeceu ao ver que as silhuetas de outras cabeças monstruosas começavam a se delinear acima dos picos, balançando discretamente atrás da primeira. Na retaguarda, outros três daqueles opulentos vultos montanhosos foram avistados com as estrelas austrais ao fundo, avançando com passos lupinos e balançando as enormes mitras a milhares de metros de altura. As montanhas entalhadas não haviam permanecido agachadas naquele rígido semicírculo ao norte de Inganok com as destras erguidas. Tinham deveres a cumprir, e não eram relapsas. Porém, era terrível que não falassem e que jamais fizessem um único som, mesmo ao caminhar.

Nesse meio-tempo o *ghoul* que outrora havia sido Pickman tartanhou uma ordem para os noctétricos, e todo o exército alçou-se a grandes alturas. A coluna disparou rumo às estrelas até que nada mais pudesse ser visto no firmamento; nem a cinzenta cordilheira de granito que permanecia imóvel nem as montanhas entalhadas e mitradas que caminhavam. Tudo estava envolto em trevas quando as legiões aladas investiram rumo ao norte em meio a ventos cortantes e risadas invisíveis no éter, e em nenhum momento um *shantak* ou qualquer outra entidade nefanda ergueu-se da desolação assombrada para dar início a uma perseguição. Quanto mais longe iam, mais depressa avançavam, e logo a velocidade alucinante pareceu ultrapassar a da bala de um rifle para aproximar-se à de um planeta girando em torno da própria órbita. Carter perguntou-se como, a aquela velocidade, o terreno continuava a se estender lá embaixo, porém sabia que na terra dos sonhos as dimensões têm estranhas propriedades. Tinha certeza de que estavam em um reino de noite eterna, e imaginou que as constelações no firmamento tivessem enfatizado sutilmente a orientação ao norte, como se estivessem erguendo-se a fim de lançar o exército voador rumo ao vazio do polo boreal, como uma bolsa virada do avesso para expulsar o último resquício de substância lá dentro.

Então percebeu aterrorizado que as asas dos noctétricos haviam parado de bater. As montarias chifrudas e sem rosto haviam dobrado os apêndices membranosos e permaneciam numa atitude passiva em meio ao caos de vento que ria e rodopiava enquanto os impelia adiante. Uma força extraterrena havia capturado o exército, e tanto os *ghouls* como os noctétricos viram-se impotentes diante de um vórtice que os empurrava de maneira implacável e ensandecida rumo ao norte de onde nenhum mortal jamais havia retornado. Por fim surgiu no horizonte à frente uma pálida luz solitária, que se erguia cada vez mais à medida que se aproximavam e tinha abaixo de si uma massa negra que obscurecia as estrelas. Carter percebeu que devia ser alguma espécie de farol em uma montanha, pois apenas uma montanha poderia se erguer tão vasta a ponto de ser visível mesmo de uma altura tão prodigiosa.

Cada vez mais alto se ergueram a luz e a escuridão mais abaixo, até que metade do céu boreal fosse obscurecida pela colossal escarpa cônica. Por mais alto que o exército estivesse voando, o clarão pálido e sinistro erguia-se sempre mais alto, dominando monstruosamente todos os picos e proporções terrenas enquanto provava do éter despido de átomos em que a lua e os planetas insanos rodopiam. A montanha que assomava à frente não era conhecida por homem nenhum. As mais altas nuvens sob a horda voadora não eram mais do que um tapete para o sopé da montanha. A vertigem do ar rarefeito não era mais do que um cinturão para seu ventre. A ponte entre a terra e o céu erguia-se zombeteira e espectral enquanto negrejava em meio à noite eterna, coroada por um *pshent* de estrelas desconhecidas cujos contornos espantosos e prenhes de significado tornavam-se a cada instante mais distintos. Os *ghouls* gasganearam deslumbrados ao vê-la, e Carter estremeceu com o medo de que todo o exército voador se arrebentasse no impassível ônix do penhasco ciclópico.

A luz continuou a se erguer, até que por fim se misturasse aos mais elevados orbes do zênite e, com uma zombaria lúgubre, piscasse o olho para os integrantes da revoada. Abaixo, todo o norte encontrava-se mergulhado na escuridão; uma escuridão horrenda e rochosa que se erguia de profundezas infinitas a alturas infinitas sem nenhuma interrupção além do pálido facho que cintilava em um local inatingível e além do alcance da visão. Carter estudou a luz com maior atenção e enfim as linhas que aquela negrura de breu traçava contra as estrelas. Havia torres no topo daquela titânica montanha; horrendas torres abobadadas em repugnantes e incalculáveis fileiras e amontoados que transcendiam todos os talentos concebíveis da humanidade; ameias e terraços prodigiosos e nefastos, todos debuxados com minúsculos traços negros e distantes enquanto o *pshent* estrelado cintilava malevolamente ao fundo nos supremos limites da visão. No ápice da mais imensurável dentre todas as montanhas assomava um castelo que transcendia todo o pensamento mortal e cintilava sob a luz demoníaca. Então

Randolph Carter soube que a busca havia chegado ao fim, e que via acima de si o objetivo de todos os passos proibidos e visões audaciosas — o fabuloso e incrível lar dos Grandes Deuses no alto da desconhecida Kadath.

No instante mesmo em que teve essa revelação, Carter percebeu uma mudança na trajetória descrita pelo grupo arrastado pelo vento. Estavam ganhando altitude muito depressa, e não havia dúvidas de que o foco daquele voo era o castelo de ônix de onde a luz pálida emanava. A enorme montanha negra estava tão próxima que as encostas pareceram deslizar a uma velocidade alucinante enquanto o grupo disparava para o alto; mas em meio à escuridão era impossível distinguir quaisquer contornos. Cada vez mais vastas avultavam as tenebrosas torres do noctífero castelo mais acima, e Carter percebeu que a construção beirava os limites do blasfemo com tamanha imensidão. As pedras bem poderiam ter sido extraídas por trabalhadores inomináveis do horrendo abismo de rocha no desfiladeiro ao norte de Inganok, pois tinham dimensões que faziam um homem parecer uma formiga ante os degraus da mais colossal fortaleza terrena. Os *pshents* de estrelas desconhecidas acima das miríades de torretas abobadadas cintilavam com um brilho insalubre e mortiço, e uma espécie de crepúsculo envolvia as muralhas tenebrosas de ônix escorregadio. Logo o clarão pálido revelou ser uma única janela iluminada no alto das mais elevadas torres, e à medida que o exército indefeso se aproximava do cume da montanha Carter imaginou ter percebido desagradáveis sombras esvoaçando por aquela região envolta em penumbra. Era uma estranha janela em arco, pertencente a um estilo arquitetônico completamente desconhecido na terra.

A rocha sólida de repente deu lugar às gigantescas fundações do monstruoso castelo, e a velocidade a que o grupo avançava pareceu diminuir um pouco. Vastas muralhas avultavam à frente, e houve o breve vislumbre de um enorme portão por onde os viajantes foram arrastados. A noite reinava no titânico pátio, e então vieram as trevas ainda mais profundas de coisas recônditas quando um enorme portal em arco engoliu a coluna. Vórtices de rajadas frias sopravam úmidos pela escuridão absoluta nos labirintos de ônix, e Carter não saberia dizer que degraus e corredores ciclópicos estendiam-se em silêncio durante o trajeto das intermináveis contorções aéreas. O terrível avanço em meio à escuridão impelia-os sempre para cima, sem que um único som, toque ou vislumbre rasgasse a impenetrável mortalha do mistério. Por maior que fosse o exército de *ghouls* e noctétricos, estavam todos perdidos nos prodigiosos vazios daquele castelo supraterreno. Quando por fim todo espaço ao redor de repente fulgurou com a luz tétrica daquele único aposento localizado na torre cuja sobranceira janela havia servido como farol, Carter levou um tempo considerável para discernir as muralhas longínquas e o teto altaneiro e distante, bem como para

perceber que de fato não mais se encontrava entre as incontroláveis rajadas de vento que sopravam no lado de fora.

Randolph Carter tinha acalentado a esperança de entrar na sala do trono dos Grandes Deuses com dignidade e compostura, flanqueado e seguido por um impressionante séquito de *ghouls* com trajes cerimoniais, e oferecer as próprias orações como um mestre livre e poderoso entre os sonhadores. Sabia que os Grandes Deuses não se encontram além dos poderes de um mortal, e contava com a sorte para que os Outros Deuses e o caos rastejante Nyarlathotep não se fizessem presentes naquele momento crucial, como havia ocorrido nas tantas outras vezes em que os homens haviam procurado os deuses da terra nas moradas dos deuses ou nas montanhas onde habitavam. Com esse hediondo séquito, esperava desafiar até mesmo os Outros Deuses se houvesse necessidade, pois sabia que os *ghouls* não têm mestres, e que os noctétricos têm por senhor não o caos rastejante Nyarlathotep, mas apenas o arcaico Nodens. Porém, naquele instante Carter percebeu que a sobrenatural Kadath na devastação gelada é de fato rodeada por obscuros portentos e sentinelas inomináveis, e que os Outros Deuses sem dúvida permanecem vigilantes a fim de proteger os suaves e fracos deuses da Terra. Mesmo que não tenham autoridade perante os *ghouls* e os noctétricos, essas blasfêmias irracionais e amorfas do espaço sideral podem controlá-los se assim desejarem; e portanto Randolph Carter não pôde adentrar a sala do trono dos Grandes Deuses com um séquito de *ghouls* como um livre e poderoso mestre entre os sonhadores. Arrastado e pastoreado por tempestades estelares dignas de um pesadelo, e perseguido pelos horrores invisíveis da devastação boreal, todo o exército flutuava aprisionado e indefeso em meio à luz tétrica, caindo ao chão de ônix quando, por força de um comando sem voz, as rajadas de pavor amainavam.

Randolph Carter não estava diante de nenhum templo dourado, e tampouco havia um círculo augusto de entidades cingidas por halos e coroas com olhos estreitos, orelhas de lóbulos compridos, nariz fino e queixo pontudo, cujo parentesco com o rosto entalhado em Ngranek pudesse marcá-los como aqueles a quem o sonhador poderia dirigir as preces. Salvo por aquele único recinto na torre, o castelo de ônix no alto de Kadath estava às escuras, e os mestres não estavam presentes. Carter havia chegado à desconhecida Kadath na desolação gelada, mas não havia encontrado os deuses. Mesmo assim, a luz tétrica cintilava naquele recinto da torre cujo tamanho era pouco menor do que todo o restante no lado de fora, e cujas paredes longínquas e teto distante estavam quase perdidos em meio às névoas revoluteantes. Os deuses da Terra não estavam presentes; mas outras presenças mais sutis e menos visíveis não faltavam. Mesmo onde os deuses suaves se ausentam, os Outros Deuses não deixam de fazer-se representar; e com certeza o castelo dos castelos entalhado em ônix não estava desabitado. Sob que forma ou formas de atrocidade o terror haveria de revelar-se, Carter não poderia

sequer conceber. Sentiu que aquela visita fora esperada, e ocorreu-lhe que durante o tempo inteiro poderia ter sido vigiado de perto pelo caos rastejante Nyarlathotep. É a Nyarlathotep, horror de formas infinitas e espírito tenebroso e mensageiro dos Outros Deuses, que as fúngicas bestas lunares servem; e Carter pensou na galé negra que havia desaparecido quando a maré da batalha virou-se contra as aberrações batráquias na rocha escarpada em alto-mar.

Enquanto refletia sobre essas coisas, Carter punha-se de pé em meio à companhia digna de um pesadelo quando, sem aviso, soou pela câmara ensombrecida e infinita o horrendo sopro de uma trombeta demoníaca. Por três vezes ressoou o terrível grito estridente, e quando os ecos da terceira nota dissiparam-se com trenos de zombaria Randolph Carter percebeu que estava sozinho. Para onde, por que e como os *ghouls* e noctétricos haviam desaparecido estava além da compreensão imediata. Carter sabia apenas que de repente se vira sozinho, e que as forças que o espreitavam e escarneciam ao redor não eram forças benévolas das terras oníricas de nosso planeta. No instante seguinte um novo som emergiu dos mais profundos recônditos da câmara. Mais uma vez eram as notas ritmadas de uma trombeta, porém imbuídas de uma qualidade totalmente distinta dos três sopros roucos que haviam dissolvido a sinistra coorte. Naquela grave fanfarra ecoavam todas as maravilhas e melodias do sonho etéreo; panoramas exóticos de beleza inimaginada emanavam de estranhos acordes e de inauditas cadências extraterrenas. Odores de incenso chegaram para acompanhar as áureas notas musicais; e mais acima uma intensa luz começou a brilhar com cores que se alternavam em ciclos desconhecidos ao espectro terreno e a acompanhar a música da trombeta em bizarras harmonias sinfônicas. Archotes fulguravam ao longe, e as batidas de tambores pulsavam cada vez mais próximas em ondas de tensa expectativa.

Em meio às névoas cintilantes e à nuvem de estranho incenso alinhavam-se fileiras gêmeas de gigantescos escravos negros que vestiam tangas de seda iridescente. Tinham as cabeças ornadas com enormes archotes de metal reluzente, presos como capacetes, de onde a fragrância de obscuros bálsamos espalhava-se em fumarentas espirais. Na mão direita traziam varinhas de cristal com as extremidades ornadas por entalhes de zombeteiras quimeras, e na mão esquerda seguravam longas e finas trombetas prateadas que eram tocadas alternadamente. Vinham ataviados com braceletes e tornozeleiras de ouro, e entre cada par de tornozeleiras estendia-se uma corrente de ouro que obrigava os passos a seguir um rígido andamento. No mesmo instante tornou-se evidente que eram negros legítimos das terras oníricas de nosso planeta, mas pareceu menos provável que aqueles ritos e trajes pertencessem à Terra. A três metros de Carter as colunas detiveram-se, e no instante seguinte as trombetas foram levadas aos grossos lábios dos instrumentistas. Desvairadas e extáticas foram as notas que soaram a

seguir, e ainda mais desvairado o grito que depois se ergueu em coro ao sair daquelas gargantas negras tornadas estridentes por meio de um estranho artifício.

Então uma figura solitária desfilou em meio à larga avenida entre as duas colunas; uma figura alta e esguia com o rosto jovem de um antigo faraó, trajando alegres mantos prismáticos e cingida por um *pshent* dourado que reluzia com luz própria. Para junto de Carter avançou a nobre figura, cujo porte orgulhoso e rosto moreno encerravam todo o fascínio de um deus obscuro ou de um arcanjo decaído, e ao redor de cujos olhos as chispas lânguidas de uma disposição caprichosa espreitavam. A seguir fez um pronunciamento, e em notas amenas fez tremular a música suave dos gritos do Lete.

“Randolph Carter”, disse a voz, “vieste ao encontro dos Grandes Deuses interditos aos olhos dos homens. Observadores falaram a respeito dessa busca, e os Outros Deuses grunhiram enquanto rolavam e debatiam-se irracionalmente ao som de flautas estridentes no vazio supremo onde habita o sultão-demônio cujo nome não existem lábios que se atrevam a pronunciar.

“Barzai, o sábio, jamais retornou depois de escalar Hatheg-Kla para ver os Grandes Deuses dançarem e uivarem acima das nuvens ao luar. Os Outros Deuses estavam lá, e fizeram o que se poderia esperar. Zenig de Aphorat tentou chegar à desconhecida Kadath na devastação gelada, e hoje o crânio deste explorador encontra-se engastado em um anel que adorna o dedo mínimo de uma entidade que não preciso nomear.

“Mas tu, Randolph Carter, enfrentaste todas as coisas das terras oníricas do teu planeta, e assim mesmo ardes com as chamas dessa busca. Vieste não como um reles curioso, mas como alguém que busca o que é devido, e ademais como alguém que jamais deixou de reverenciar os suaves deuses da Terra. Porém, os deuses mantiveram-te longe da maravilhosa cidade ao pôr do sol vislumbrada em teus sonhos por simples inveja; e a bem dizer ansiaram pela estranha beleza engendrada em teus devaneios, e juraram que nenhum outro lugar poderia servir-lhes de morada.

“Os deuses abandonaram o castelo na desconhecida Kadath para habitar a tua cidade maravilhosa. Passam os dias regozijando-se nos palácios de mármore e, quando o sol se põe, saem aos jardins perfumados e observam a glória dourada nos templos e nas colunatas, nas pontes em arco e nas fontes com bacias, e também nas largas ruas ornadas por urnas repletas de flores e reluzentes fileiras de estátuas de marfim. E quando a noite cai sobre os altos terraços orvalhados, sentam-se nos bancos entalhados em porfirito para observar as estrelas, ou se debruçam sobre as pálidas balaustradas para admirar as encostas íngremes ao norte do vilarejo, onde uma a uma as janelinhas das velhas empenas iluminam-se com o calmo lume amarelo de familiares candeias.

“Os deuses amam a tua cidade maravilhosa, e não mais trilham o caminho dos deuses. Esqueceram-se dos lugares elevados na Terra e das montanhas que conheceram na juventude. A Terra não tem mais deuses que sejam divindades, e apenas os Outros Deuses presidem a esquecida Kadath. Em um vale distante da tua própria infância, Randolph Carter, os Grandes Deuses brincam sem nenhuma preocupação. Sonhaste bem demais, ó, sábio arquissonhador; e assim atraíste os deuses dos sonhos para longe do mundo das visões humanas para um mundo todo teu, depois de construir, com pequenos devaneios infantis, uma cidade mais bela do que todas as fantasias precedentes.

“Não convém que os deuses terrestres abandonem os tronos para que a aranha fie a teia, nem o reino para que os Outros o ocupem à sombria maneira dos Outros. De bom grado os poderes siderais fariam o caos e o horror se abaterem sobre o causador dessa perturbação, Randolph Carter, se não soubessem que és o único capaz de levar os deuses de volta à morada habitual. Naquela terra de sonhos e devaneios que te pertence, nenhum poder noctífero há de prosperar; e apenas tu és capaz de afastar os Grandes Deuses com gentileza da tua cidade ao pôr do sol e conduzi-los pelo crepúsculo boreal de volta à morada no alto da desconhecida Kadath na desolação gelada.

“Assim sendo, Randolph Carter, poupo a tua vida em nome dos Outros Deuses e ordeno que sirvas à minha vontade. Ordeno que busques a cidade ao pôr do sol que te pertence, e que de lá afastes os sonolentos deuses relapsos por quem o mundo onírico espera. Não é difícil encontrar a febre rósea dos deuses, a fanfarra de trombetas sobrenaturais e o clangor de címbalos imorredouros, o mistério cujo lugar e cujo significado te assombraram nos salões da vigília e nos abismos dos sonhos e atormentaram-te com vislumbres de memórias esmaecidas e a dor associada à perda de coisas prodigiosas e relevantes. Não é difícil encontrar o símbolo e a relíquia dos teus dias de deslumbre, pois em verdade são a constante e eterna gema em que todo esse deslumbre cristalizou-se a fim de iluminar teus caminhos ao entardecer. Vê! Não é por mares desconhecidos, mas de volta aos anos bem-lembrados que a tua busca deve prosseguir; de volta às estranhas coisas reluzentes da tua infância e aos vislumbres fugazes e ensolarados da magia que essas velhas cenas traziam a teus jovens olhos despertos.

“Pois sabe que a tua cidade maravilhosa de ouro e mármore é apenas a soma de tudo o que viste e amaste na tua juventude. É a glória dos telhados nas colinas e janelas ocidentais que chamejam ao pôr do sol em Boston; a glória das flores no Common e da grande cúpula na colina e do emaranhado de empenas e chaminés no vale púrpura onde o Charles dormita enquanto corre sob as pontes. Essas coisas todas, Randolph Carter, viste quando tua governanta levou-te a passear de carrinho no esplendor da primavera, e serão elas as últimas coisas que hás de ver com os olhos da memória e do amor. E há a antiga Salém onde paira o peso dos

anos, e a espectral Marblehead que escala precipícios rumo a séculos passados, e a glória das torres e dos coruchéus de Salém vistos ao pôr do sol desde os longínquos prados de Marblehead no outro lado do porto.

"Há Providence, graciosa e imponente com as sete colinas acima do porto azul e terraços verdejantes que levam a coruchéus e cidadelas de antiguidade pulsante, e Newport, que se ergue como um fantasma dos molhes sonhadores. Há Arkham, que se estende com mansardas cobertas de musgo e intermináveis pastos rochosos; e a antediluviana Kingsport, que ostenta chaminés antigas e cais abandonados e empenas sobranceiras, e a maravilha dos penhascos altaneiros e do oceano ataviado com as névoas leitosas e as boias de sino mais além.

"Os vales frescos de Concord, as ruas pavimentadas em Portsmouth e as curvas crepusculares das rústicas estradas de New Hampshire, onde olmos gigantes ocultam os muros alvos das residências campestres e as cegonhas que rangem nos poços. Os portos salgados de Gloucester e os arejados salgueiros de Truro. Os panoramas de longínquas cidades ornadas por coruchéus e de colinas atrás de colinas ao longo da margem norte, as silenciosas encostas pedregosas e as pequenas cabanas recobertas por hera e abrigadas por enormes rochas no interior de Rhode Island. O cheiro do mar e o perfume dos campos; o encanto dos bosques ensombrecidos e a alegria dos pomares e dos jardins ao amanhecer. Essas coisas, Randolph Carter, são a tua cidade; pois delas és feito. A Nova Inglaterra criou-te, e na tua alma derramou uma beleza líquida que não morre jamais. Essa beleza, moldada, cristalizada e polida por anos de lembranças e de sonhos, é a maravilha dos teus efêmeros terraços ao pôr do sol; e a fim de encontrar aquele parapeito de mármore com curiosas urnas e balaústres entalhados, e de enfim descer os intermináveis degraus que levam à cidade de amplas esplanadas e fontes prismáticas, necessitas apenas voltar aos pensamentos e às visões da tua melancólica infância.

"Olha! Do outro lado da janela brilham as estrelas da noite eterna. Mesmo agora iluminam as cenas que conheceste e acalentaste, bebendo do encanto para que possam brilhar com ainda mais beleza sobre os jardins do sonho. Lá está Antares — cintilando nesse exato instante sobre os telhados da Tremont Street, onde poderias vê-lo da tua janela em Beacon Hill. Para além das estrelas abrem-se os abismos de onde os meus mestres irracionais enviaram-me. Um dia também hás de atravessá-los, mas se fores sábio evitarás tamanha imprudência; pois dentre todos os mortais que foram e voltaram, somente um conseguiu resistir com a mente intacta aos insidiosos horrores do vazio. Heresias e blasfêmias roem umas às outras em busca de espaço, e o mal reside em maior quantidade nas coisas pequenas do que nas grandes, como bem pôdes notar pelo comportamento daqueles que tentaram entregar-te nas minhas mãos — embora eu não acalentasse nenhum desejo de causar tua ruína e a bem dizer pudesse ter oferecido ajuda se

não estivesse ocupado com outros desígnios ou não tivesse certeza de que encontrarias o caminho por conta própria. Evita, portanto, os infernos siderais, e apega-te às coisas tranquilas e belas da tua juventude. Procura a tua cidade maravilhosa e de lá afasta os Grandes Deuses em recreio, mandando-os de volta com delicadeza para as cenas da própria juventude divina que os aguardam inquietas.

"Mais fácil até do que o caminho das memórias vagas há de ser o caminho que prepararei para ti. Vê! Um monstruoso *shantak* se aproxima, conduzido por um escravo que, em nome da paz do teu espírito, há de permanecer invisível. Monta e prepara-te — eia! Yogash, o negro, há de ajudar-te a guiar o horror escamoso. Segue em direção à mais brilhante estrela a sul do zênite — é Vega; e em duas horas estarás acima dos terraços da tua cidade ao pôr do sol. Segue em frente até ouvires cantos distantes nas alturas do éter. Além desse ponto espreita a loucura; puxa, então, as rédeas do *shantak* quando a primeira nota se fizer ouvir. Olha em direção à Terra e verás o imorredouro altar chamejante de Ired-Naa brilhar no alto de um templo sagrado. Esse templo é a cidade ao pôr do sol pela qual tanto anseias — então trata de pôr-te a caminho antes que ouças o canto e te percas.

"Quando chegares à cidade, procura o mesmo parapeito elevado em que outrora costumavas admirar a glória que se descortinava à tua frente, esporeando o *shantak* até arrancar-lhe um grito. Esse grito será ouvido e reconhecido pelos Grandes Deuses nos terraços perfumados, que assim serão acometidos por uma saudade tão profunda da antiga morada que nem mesmo as maravilhas da tua cidade poderão atenuar a falta do sinistro castelo em Kadath e do *pshent* de estrelas perenes que o coroa.

"Então hás de aterrissar em meio aos Grandes Deuses com o *shantak* e permitir que vejam e toquem o abjeto pássaro hipocéfalo enquanto falas a respeito da desconhecida Kadath, que há pouco tempo deixaste, e relatas a solitude e a escuridão dos saguões ilimitados por onde antigamente costumavam pular e brincar com uma radiância sobrenatural. E o *shantak* há de falar na língua dos *shantaks*, porém nada mais poderá fazer além de evocar as recordações de tempos passados.

"Deves falar repetidas vezes sobre a morada e a juventude dos Grandes Deuses, até que se ponham a chorar e peçam que indiques o caminho de volta há tanto tempo esquecido. Então poderás soltar o *shantak*, que ascenderá ao céu e dará o grito da espécie; e ao ouvi-lo os Grandes Deuses hão de regozijar-se e pular com a mesma alegria dos tempos antigos e incontinente seguirão no encalço do repugnante pássaro à maneira dos deuses, atravessando os profundos abismos do céu rumo às familiares torres e cúpulas de Kadath.

“E assim a maravilhosa cidade ao pôr do sol mais uma vez será tua, para que possas habitá-la e acalentá-la para todo o sempre enquanto os deuses da Terra reinam nos sonhos dos homens desde a sede habitual. Agora vai — a janela está aberta e as estrelas te aguardam lá fora! Teu *shantak* já arqueja e estremece de ansiedade. Segue em direção a Vega noite afora, mas vira quando ouvires o canto. Não te esqueças deste aviso, pois de outra forma horrores inimagináveis podem tragar-te rumo ao clamoroso e ululante abismo de loucura. E lembra-te dos Outros Deuses, que são poderosos e irracionais e terríveis e espreitam nos vazios siderais. Convém temê-los.

“*Hei! Aa-shanta ’nygh!* Põe-te a caminho! Manda os deuses da Terra de volta à morada na desconhecida Kadath e reza a tudo o que existe no espaço para nunca mais me encontrar em nenhuma das minhas mil outras formas. Adeus, Randolph Carter, e toma cuidado; *pois eu sou Nyarlathotep, o Caos Rastejante!”*

E Randolph Carter, atordoado e ofegante no dorso do medonho *shantak*, disparou com um grito em direção ao espaço e avançou rumo ao gélido brilho azul da boreal Vega sem olhar para trás — a não ser uma única vez, quando viu as amontoadas e caóticas torretas do pesadelo de ônix iluminadas pela solitária luz tétrica da janela que se erguia acima do ar e das nuvens que pairavam sobre as terras oníricas de nosso planeta. Grandes horrores poliposos deslizavam obscuramente no espaço próximo e invisíveis asas de morcego batiam em grande número ao redor, porém mesmo assim Carter agarrava-se com tenacidade à insalubre crina do repugnante e escamoso pássaro hipocéfalo. As estrelas executavam danças zombeteiras, e por vezes quase formavam pálidos símbolos aziagos que sugeriam uma estranha familiaridade e um estranho temor; e o tempo inteiro os ventos do éter uivavam em notas que sugeriam a negrura e a solidão além do cosmo.

Então, na cintilante arcada logo à frente fez-se um silêncio portentoso, e todos os ventos e horrores afastaram-se como a noite se afasta para dar lugar à aurora. Tremulando nas estranhas ondas reveladas pela nebulosa, ergueu-se a tímida sugestão de uma melodia distante, que trazia acordes desconhecidos ao nosso universo e às nossas estrelas. Quando a música ganhou força o *shantak* ergueu as orelhas e avançou em frente, e Carter apurou o ouvido a fim de captar os belos trenos. Era música, mas não a música de uma voz. A noite e as esferas entoavam-na, e já era antiga quando o espaço e Nyarlathotep e os Outros Deuses nasceram.

O *shantak* voava cada vez mais depressa e o cavaleiro inclinava-se cada vez mais para frente, inebriado pelas maravilhas dos estranhos abismos enquanto rodopiava nas espirais cristalinas da magia sideral. Tarde demais veio o aviso da entidade malévola — o sardônico alerta do emissário demoníaco que havia pedido ao explorador que evitasse a loucura daquela canção. Apenas como

provocação Nyarlathotep havia revelado o caminho da segurança e da maravilhosa cidade ao pôr do sol; apenas para escarnecer o mensageiro negro havia revelado o segredo dos deuses em recreio cujos passos poderia facilmente reverter sem nenhum tipo de ajuda. Pois a loucura e a vingança impiedosa são as únicas dádivas que Nyarlathotep confere aos presunçosos; e por mais frenéticos que fossem os esforços do viajante para desviar o rumo da repugnante montaria, o ardiloso e zombeteiro *shantak* seguiu adiante com ímpeto e convicção, batendo as enormes asas coriáceas em um júbilo maligno à medida que avançava rumo aos abismos profanos que nem os sonhos alcançam; rumo ao supremo malogro amorfo do mais profundo caos, onde borbulha e blasfema no centro da infinitude o irracional sultão-demônio Azathoth, cujo nome não existem lábios que se atrevam a pronunciar.

Pertinaz e obediente às ordens do vil emissário, o pássaro infernal seguiu adiante em meio a cardumes de criaturas amorfas que espreitavam e brincavam na escuridão, e a rebanhos vazios de entidades à deriva que estendiam as patas e tentavam se agarrar e tentavam se agarrar e estendiam as patas — as larvas inomináveis dos Outros Deuses, cegas e irracionais como os progenitores, e dotadas de fomes e sedes singulares.

Adiante, pertinaz e implacável, soltando gargalhadas hilárias ao perceber os risos histéricos em que a música da noite e das esferas havia se transformado, o quimérico monstro escamoso levou o cavaleiro indefeso; avançando e disparando, rasgando os confins supremos e atravessando os mais longínquos abismos; deixando para trás as estrelas e o reino da matéria, e precipitando-se como um meteoro através da informidade pura em direção às inconcebíveis e escuras câmaras além do tempo onde Azathoth rói amorfo e faminto em meio ao abafado e enlouquecedor ritmo de tambores malignos e ao agudo e monótono lamento de flautas amaldiçoadas.

Adiante — adiante — por tenebrosos abismos populosos que gritavam e gargalhavam — e então, de uma tênue e abençoada distância, uma imagem e um pensamento ocorreram ao malfadado Randolph Carter. Engenhoso fora o plano de Nyarlathotep para provocar e escarnecer, pois havia conjurado imagens que nenhuma rajada de terror gelado seria capaz de obliterar. A antiga casa — a Nova Inglaterra — Beacon Hill — o mundo em vigília.

“Pois sabe que a tua cidade maravilhosa de ouro e mármore é apenas a soma de tudo o que viste a amaste na tua juventude… a glória dos telhados nas colinas e janelas ocidentais que chamejam ao pôr do sol em Boston; a glória das flores no Common e da grande cúpula na colina e do emaranhado de empenas e chaminés no vale púrpura onde o Charles dormita enquanto corre sob as pontes… essa beleza, moldada, cristalizada e polida por anos de lembranças e de sonhos, é a maravilha dos teus efêmeros terraços ao pôr do sol; e a fim de encontrar aquele

parapeito de mármore com curiosas urnas e balaústres entalhados, e de enfim descer os intermináveis degraus que levam à cidade de amplas esplanadas e fontes prismáticas, necessitas apenas voltar aos pensamentos e às visões da tua melancólica infância.”

Adiante — adiante — rumo à vertigem do destino supremo em meio à escuridão onde criaturas cegas estendiam as patas e focinhos úmidos cutucavam e coisas sem nome riam e riam e riam. Porém, a imagem e o pensamento haviam surgido, e Randolph Carter percebeu claramente que estava sonhando e apenas sonhando, e que em algum lugar, escondido atrás do mundo em vigília, a cidade da infância ainda existia. As palavras fizeram-se ouvir mais uma vez — “Necessitas apenas voltar aos pensamentos e às visões da tua melancólica infância”. Virar — virar — não havia nada além de escuridão por todos os lados, mas Randolph Carter poderia virar-se mesmo assim.

Em meio ao pesadelo alucinante que lhe embotava os sentidos, Randolph Carter poderia virar-se e mexer-se. Poderia mexer-se, e se assim desejasse poderia saltar das costas do *shantak* que o carregava rumo a um destino de acordo com as ordens de Nyarlathotep. Poderia saltar e desbravar as profundezas da noite que se estendia infinitamente para baixo — aquelas profundezas de medo cujos terrores no entanto não poderiam exceder o destino inefável que o aguardava à espreita no âmago do caos. Randolph Carter poderia virar-se e mexer-se e saltar — poderia — poderia — e assim faria — e assim faria —

Para longe da abominação hipocéfala o condenado sonhador em desespero saltou, e por intermináveis vazios de escuridão senciente caiu. Éons revolutearam, universos morreram e tornaram a nascer, as estrelas deram lugar a nebulosas e as nebulosas deram lugar a estrelas, e Randolph Carter continuou a cair pelos intermináveis vazios de escuridão senciente.

Então, no lento e arrastado curso da eternidade, o derradeiro ciclo do cosmo mais uma vez estremeceu em uma completude fútil, e todas as coisas voltaram a ser como haviam sido incalculáveis kalpas atrás. A matéria e a luz tornaram a nascer como o espaço outrora as tinha conhecido; e cometas, sóis e planetas ganharam vida em convulsões flamejantes, embora nada houvesse sobrevivido para saber que tinham existido e desaparecido, existido e desaparecido incontáveis vezes por toda a eternidade, desde um começo que jamais fora o primeiro.

E mais uma vez surgiram o céu e o vento e o brilho de uma luz púrpura nos olhos do sonhador que caía. Havia deuses e presenças; e a vontade, a beleza e o mal, e os gritos da noite corrupta cuja presa havia escapado. Pois todo o ignoto ciclo supremo fora presidido por um pensamento e por uma visão da infância do sonhador, e naquele instante foram refeitos um mundo em vigília e uma velha cidade acalentada que haveriam de corporificar e justificar essas coisas. Em meio

ao vazio o gás violeta S’ngac havia indicado o caminho, e o arcaico Nodens grunhia conselhos desde profundezas insondáveis.

As estrelas intumesceram até se tornarem auroras, e as auroras explodiram em fontes de ouro, carmim e púrpura, e por todo esse tempo o sonhador continuava a cair. Gritos rasgaram o éter enquanto raios de luz repeliam os demônios siderais. E o encanecido Nodens soltou um uivo triunfante quando Nyarlathotep, próximo à pedreira, deteve os passos ao perceber um clarão que abrasava os horrores informes e os reduzia a cinzas. Randolph Carter havia enfim descido a ampla escadaria de mármore até a cidade maravilhosa, pois mais uma vez se encontrava no belo mundo da Nova Inglaterra que o havia criado.

Então, com o som dos acordes de órgão em meio à miríade de assovios matinais e o brilho da manhã filtrando pelas vidraças roxas junto à grande cúpula dourada na Sede do Governo em Beacon Hill, Randolph Carter acordou com um grito no interior de um quarto em Boston. Os pássaros cantavam em jardins ocultos e o triste perfume das trepadeiras plantadas pelo avô soprava dos caramanchões. A beleza e a luz cintilavam nas linhas clássicas do consolo e da cornija entalhada e das paredes com ornatos grotescos enquanto um lustroso gato preto acordava com um bocejo do sono ao pé da lareira, perturbado pelo sobressalto e pelo grito do dono. E vastas infinitudes ao longe, para além do Portão do Sono Profundo e do bosque encantado e dos jardins fragrantes e do Mar Cereneriano e das terras crepusculares em Inganok, o caos rastejante Nyarlathotep entrou ameaçadoramente no castelo de ônix no alto da desconhecida Kadath na desolação gelada e provocou com insolência os suaves deuses da Terra que havia arrancado bruscamente de um recreio perfumado na maravilhosa cidade ao pôr do sol.

O Caso de Charles Dexter Ward (1927)

> Os Saes essenciaes das Bestas podem ser preparados e preservados de Maneyra que seja facultado a hum Homem de Engenho conter toda a Arca de Noe no proprio Estudio, e fazer com que a Forma perfeyta de huma Besta ressurja a partir das Cinzas a seu Bel-Prazer; e, applicando hum Methodo analogo aos Saes Essenciaes do Pó humano, um Phylosopho pode, sem recorrer a qualquer Sorte de Necromancia obscura, invocar a Forma de qualquer Antepassado fallecido a partir do Pó que resulta da Incineraçam do Cadaver.
>
> Borellus

I — Um resultado e um prólogo

1.

De um hospital particular para os insanos, próximo a Rhode Island, desapareceu há pouco tempo um indivíduo singular ao extremo. O paciente atendia pelo nome de Charles Dexter Ward, e a internação foi ordenada pelo sofrido e relutante pai, que viu a moléstia do filho evoluir de uma mera excentricidade para uma mania funesta que envolvia ao mesmo tempo a possibilidade de tendências homicidas e uma peculiar alteração no conteúdo observável de seus pensamentos. Os médicos demonstraram perplexidade em relação ao caso, uma vez que apresentava uma estranheza geral de caráter fisiológico associada a alterações psíquicas.

Em primeiro lugar, o paciente tinha uma aparência mais velha do que meros vinte e seis anos de idade levariam a imaginar. As perturbações mentais de fato aceleram o processo de envelhecimento, porém o semblante deste jovem revestia-se daquela expressão sutil que via de regra caracteriza indivíduos de idade muito avançada. Em segundo lugar, os processos orgânicos indicavam uma anomalia de proporções insuperáveis por qualquer outro relato de casos médicos conhecidos. A respiração e a atividade cardíaca evidenciavam uma assimetria desconcertante; a voz havia desaparecido, de maneira que nenhum som mais rumoroso do que um sussurro podia ser produzido; a digestão era incrivelmente prolongada e reduzida, e as reações neurais aos estímulos-padrão não se assemelhavam a qualquer outro caso relatado até então, fosse normal ou patológico. A pele apresentava uma frigidez e uma secura de caráter mórbido, e a estrutura celular dos tecidos parecia exageradamente áspera e mal-ajambrada. Até a grande marca de nascença

marrom no lado direito do quadril havia desaparecido, enquanto no peito havia se formado uma verruga ou um ponto negro a respeito do qual não havia qualquer indício anterior. Os médicos em geral compartilham a opinião de que os processos fisiológicos de Ward sofreram um retardamento sem precedentes.

A psicologia de Charles Ward também apresentava características únicas. A loucura que o acometia não apresentava nenhuma afinidade com qualquer outro tipo registrado sequer nos mais novos e abrangentes tratados e aliava-se a uma destreza mental que o teria elevado à condição de gênio se não tivesse conferido formas estranhas e grotescas aos pensamentos. O dr. Willett, médico da família Ward, afirma que a capacidade mental bruta do paciente, quando medida em relação a assuntos que não diziam respeito à esfera da insanidade, na verdade havia aumentado desde o surto. A bem dizer, Ward sempre tinha sido um acadêmico e um antiquário; porém nem mesmo o brilhantismo dos trabalhos incipientes demonstrava a visão e a compreensão prodigiosa evidenciada durante os últimos exames conduzidos pelos alienistas. Na verdade, foi difícil obter autorização legal para a internação do paciente, pois a mente do jovem parecia equilibrada e lúcida ao extremo; foi apenas por conta das evidências fornecidas por terceiros e das inúmeras e aberrantes lacunas de conhecimento em uma inteligência de tamanha envergadura que por fim o levaram a ser confinado. Até o instante do desaparecimento, Charles Ward foi um leitor onívoro e um debatedor igualmente talentoso enquanto a voz permitiu; e observadores astutos, incapazes de prever a fuga, afirmaram que não tardaria até que recebesse alta.

Apenas o dr. Willett, que trouxe Charles Ward ao mundo e acompanhou o crescimento do corpo e da mente do rapaz desde então, parecia assustado ao pensar na futura liberdade do paciente. O médico tinha vivido uma experiência terrível e feito uma descoberta terrível que não se atrevia a revelar para os colegas céticos. Para dizer a verdade, Willett desponta como um pequeno mistério à parte no que diz respeito a esse caso. Foi a última pessoa a ver o paciente antes da fuga, e retornou da derradeira conversa em um misto de horror e alívio lembrado por muitas pessoas quando a fuga de Ward veio a público três horas mais tarde. A fuga em si é apenas mais um dos mistérios não resolvidos no hospital do dr. Waite. Uma janela aberta que dá para uma queda livre de quase vinte metros não parece oferecer uma explicação satisfatória, mas não há dúvidas de que o jovem desapareceu após a conversa com Willett. O próprio Willett não tem nenhuma explicação pública a oferecer, embora pareça demonstrar uma estranha tranquilidade após a fuga. Na verdade, muitos acham que o doutor teria mais a dizer se acreditasse na existência de um número razoável de pessoas dispostas a lhe darem crédito. Encontrou Ward no quarto, mas logo depois que partiu os enfermeiros bateram em vão. Quando abriram a porta o paciente não estava mais lá dentro, e tudo o que encontraram foi a janela aberta com uma brisa gelada de

abril a soprar a nuvem de um fino pó azul-acinzentado que quase os sufocou. É verdade que os cachorros tinham uivado pouco tempo antes; mas foi enquanto Willett ainda estava presente, e os animais não capturaram nada e não demonstraram nenhum tipo de agitação mais tarde. O pai de Ward foi informado de imediato pelo telefone, mas pareceu mais triste do que surpreso. Quando o dr. Waite foi dar a notícia pessoalmente, o pai estava conversando com o dr. Willett, e os dois negaram qualquer tipo de conhecimento ou cumplicidade em relação à fuga. As pistas foram todas colhidas dos amigos próximos de Willett e do patriarca Ward, e mesmo assim são fantásticas demais para desfrutar do crédito geral. Mesmo assim, permanece o fato de que até o presente momento não se encontrou nenhum vestígio do louco desaparecido.

Charles Ward foi um antiquário desde a infância, e sem dúvida adquiriu esse gosto com a venerável cidade em que cresceu e com as relíquias do passado que enchiam todos os recantos da velha mansão dos pais, situada na Prospect Street, no alto da colina. Com o passar dos anos a devoção às coisas antigas continuou aumentando, de modo que a história, a geologia e o estudo da arquitetura, do mobiliário e das técnicas de artesanato do período colonial acabaram por expurgar todos os demais assuntos da sua esfera de interesse. É importante mencionar esses gostos ao falar sobre a loucura que o acometeu; pois, embora não funcionem como um núcleo absoluto, desempenham um papel relevante na manifestação superficial do desvario. As lacunas de conhecimento relatadas pelos alienistas estavam todas relacionadas a assuntos modernos, e eram invariavelmente compensadas por um conhecimento em igual medida excessivo porém oculto a respeito de temas antigos, que surgiu graças aos interrogatórios bem conduzidos e causou a impressão de que o paciente teria sido literalmente transferido para uma época passada graças a um obscuro método de auto-hipnose. O mais estranho era que Ward parecia ter perdido o interesse pelas antiguidades que conhecia tão bem. A dizer pelas aparências, tinha perdido o apreço como resultado da simples familiaridade; e todos os esforços que empreendeu no final estavam sem dúvida relacionados ao aprendizado de fatos corriqueiros da vida moderna que, de maneira total e inequívoca, haviam sido expurgados de suas lembranças. Charles Ward fez o quanto pôde a fim de ocultar essa obliteração, mas era claro para todos aqueles que o observavam que todo o programa de leitura e debate que levava a cabo era marcado por um anseio frenético de embeber-se nos conhecimentos acerca da própria vida e das vivências práticas e culturais do século XX que deviam pertencer-lhe em virtude do nascimento em 1902 e da educação recebida em escolas do nosso tempo. Os alienistas passaram a se perguntar como, em vista da ausência dessa gama de dados absolutamente vitais, o fugitivo poderia lidar com o complexo mundo de hoje; segundo a opinião

dominante, estaria “se escondendo” em uma posição discreta e humilde enquanto tenta acumular o mínimo necessário de informações sobre a vida moderna.

O início da loucura de Ward é motivo de disputa entre os especialistas. O dr. Lyman, eminente médico de Boston, situa o princípio da loucura entre 1919 e 1920, durante o último ano passado na Moses Brown School, quando de repente Ward abandonou o estudo do passado para se dedicar às ciências ocultas e recusou-se a entrar para a universidade alegando que tinha pesquisas individuais muito mais importantes a fazer. A hipótese parece ser corroborada pelos hábitos anômalos que Ward cultivava à época, e em especial pela incessante busca em arquivos públicos e cemitérios da cidade por um túmulo cavado em 1771; o túmulo de um antepassado de nome Joseph Curwen, cujos papéis Ward alegava ter encontrado atrás dos painéis de uma antiga casa em Olney Court, em Stamper’s Hill, que fora construída e habitada por Curwen. Em linhas gerais, não há como negar que o inverno de 1919–1920 trouxe consigo uma profunda mudança; de repente, Ward deixou para trás as ambições antiquárias e lançou-se em um desbravamento frenético de assuntos ocultos tanto em casa como no exterior, que se intercalava apenas com a estranha e persistente busca pelo túmulo do antepassado.

O dr. Willett, no entanto, discorda substancialmente dessa opinião, e fundamenta o veredito no conhecimento íntimo e contínuo que detinha acerca do paciente, bem como em certas investigações e descobertas pavorosas feitas antes do desaparecimento. Essas investigações e descobertas deixaram marcas profundas; a voz do médico estremece quando as menciona, e a mão estremece quando tenta consigná-las ao papel. Willett admite que a mudança do período 1919–1920 de fato parece marcar o início de uma decadência progressiva que culminou na horrível e inexplicável alienação de 1928; porém, motivado por observações pessoais, acredita que é mister fazer uma distinção mais sutil. Mesmo reconhecendo que o garoto sempre apresentou um temperamento desequilibrado e uma propensão a demonstrar um excesso de suscetibilidade e de entusiasmo em relação aos fenômenos que o cercavam, o dr. Willett recusa-se a admitir que essa alteração incipiente tenha marcado a passagem da sanidade à loucura; segundo acredita, o momento foi sinalizado por uma declaração do próprio Ward, quando este afirmou ter feito uma descoberta ou uma redescoberta cujo efeito sobre o pensamento humano seria profundo e prodigioso. A verdadeira loucura, segundo afirma, teria vindo com uma mudança tardia, posterior à descoberta do retrato e dos antigos papéis de Curwen; posterior à viagem a estranhos lugares no estrangeiro e às evocações terríveis entoadas em circunstâncias estranhas e secretas; posterior ao surgimento de certas *respostas* a essas mesmas invocações e à escritura de uma carta frenética nas condições mais inexplicáveis e agonizantes; posterior ao surto do vampirismo e aos agourentos

boatos em Pawtuxet; e posterior ao momento em que a memória do paciente começou a excluir imagens contemporâneas ao mesmo tempo em que a voz começou a falhar e o aspecto físico sofreu a sutil alteração percebida por inúmeros outros mais tarde.

Foi somente por volta dessa época, segundo as observações precisas de Willett, que a qualidade de pesadelo se torna indissociável de Ward; e o médico tem a apavorante certeza de que existem indícios sólidos o suficiente para sustentar a alegação do jovem no que diz respeito à descoberta crucial. Em primeiro lugar, dois trabalhadores de elevada capacidade intelectual viram os antigos papéis redescobertos de Curwen. Em segundo lugar, o rapaz certa vez mostrou ao dr. Willett esses papéis e uma página do diário de Curwen, e ambos os documentos tinham um aspecto totalmente genuíno. O buraco onde Ward afirmou tê-los encontrado era uma realidade tangível, e Willett teve um vislumbre muito convincente desses documentos em lugares que quase incitam a descrença e talvez jamais possam ser provados. A esses fatores somam-se os mistérios e as coincidências das cartas entre Orne e Hutchinson, bem como o problema da caligrafia de Curwen e da revelação feita pelos detetives acerca do dr. Allen; e também a mensagem em minúsculas medievais encontrada no bolso de Willett quando recobrou a consciência após a medonha revelação.

Mas acima de tudo existem os dois pavorosos *resultados* que o médico obteve de um certo par de fórmulas durante o estágio final das investigações; resultados que praticamente demonstraram a autenticidade dos papéis e das implicações monstruosas ao mesmo tempo em que esses papéis eram levados para além da esfera do conhecimento humano por toda a eternidade.

2.

É preciso olhar para a vida pregressa de Charles Ward como se olha para um evento passado, como as antiguidades que tanto admirava. No outono de 1918, com uma notável demonstração de fervor durante o serviço militar do período, Ward havia ingressado na Moses Brown School, situada perto da casa onde morava. A construção principal, erigida em 1819, sempre tinha agradado o gosto antiquário do jovem; e o amplo parque onde a academia se localizava agradou seu olhar apurado para aquele tipo de cenário. As atividades sociais eram poucas, e o jovem passava a maior parte do tempo em casa, em caminhadas sem rumo, em aulas e exercícios e na busca de dados antiquários e genealógicos na Prefeitura, no Capitólio, na Biblioteca Pública, no Athenaeum, na Sociedade Histórica, nas bibliotecas John Carter Brown e John Hay da Brown University e na recém-inaugurada Shepley Library na Benefit Street. Ainda é possível imaginá-lo como era naquela época: alto, esbelto e louro, com olhos estudiosos e uma leve

corcunda, vestido com certo descuido, o que dava a pouco atraente impressão geral de uma inofensiva falta de jeito.

As caminhadas eram sempre aventuras rumo à antiguidade, durante as quais conseguia recapturar, a partir da miríade de relíquias de uma cidade antiga e esplendorosa, uma imagem vívida e coesa de séculos passados. A casa onde morava era uma enorme mansão em estilo georgiano no alto da colina quase abismal que se ergue logo a oeste do rio; e pelas janelas nos fundos dos aposentos labirínticos Charles Ward perdia-se em vertigens ao admirar os coruchéus, as cúpulas, os telhados e os topos dos arranha-céus que se amontoavam na parte mais baixa da cidade e que aos poucos davam lugar às colinas purpúreas dos campos mais além. Tinha nascido naquele lugar, e na bela varanda ao estilo clássico na fachada com duas aberturas a babá o havia empurrado pela primeira vez no carrinho, para além da pequena casa branca que já existia dois séculos antes que a cidade a alcançasse, e adiante em direção às imponentes universidades ao longo da rua suntuosa e ensombrecida, cujas antigas mansões de tijolos quadrados, junto às casinhas de madeira com varandas estreitas e ponderosas ornadas por colunas em estilo dórico, sonhavam com a solidez e a exclusividade de que desfrutavam em meio aos exuberantes pátios e jardins.

Também fora empurrado ao longo da sonolenta Congdon Street, uma rua abaixo na íngreme encosta da colina, com todas as casas a leste situadas em terraços elevados. As casinhas de madeira eram ainda mais antigas naquele local, pois ao crescer a cidade havia escalado a colina; e nesses passeios Charles tinha absorvido as cores de um pitoresco vilarejo colonial. A babá costumava parar e sentar nos bancos de Prospect Terrace para conversar com os policiais; e uma das primeiras memórias do menino era uma imagem do grande e nebuloso oceano de telhados e cúpulas e coruchéus a oeste, bem como a visão das colinas longínquas que teve em uma tarde de inverno mística e violeta junto à balaustrada na margem do rio, com um pôr do sol frenético e apocalíptico repleto de vermelhos e dourados e púrpuras e curiosos matizes de verde. A vasta cúpula de mármore do Capitólio desenhava uma silhueta colossal, em que a estátua que a colmava adquiria um halo fantástico graças a um rasgo em um dos estratos coloridos que encobriam o céu flamejante.

Quando cresceu, tiveram início as famosas caminhadas; primeiro com a babá levada de arrasto, e mais tarde sozinho, em um devaneio meditativo. Aventurou-se cada vez mais baixo na colina quase perpendicular, encontrando a cada vez lugares ainda mais antigos e ainda mais pitorescos da antiga cidade. Avançou com timidez desde a íngreme Jenckes Street, em meio aos barrancos e às empenas coloniais, até a esquina com a ensombrecida Benefit Street, onde avistou uma antiguidade de madeira com entradas guarnecidas de pilastras jônicas, tendo ao lado uma mansarda pré-histórica com o resquício de antiquíssimas terras aráveis,

e a enorme mansão do juiz Durfee, com os vestígios decadentes do esplendor georgiano. O lugar estava transformando-se em um cortiço; mas os titânicos olmos projetavam uma sombra restauradora sobre o lugar, e o garoto tinha por hábito continuar o passeio rumo ao sul, em meio às longas fileiras de casas do período pré-revolucionário com grandes chaminés centrais e portais em estilo clássico. A leste as casas apoiavam-se no alto de porões guarnecidos por lances duplos de escadas com degraus em pedra, e o jovem Charles conseguia imaginar a aparência que tinham quando eram novos, e quando saltos vermelhos e perucas destacavam os frontões pintados cujos sinais de idade começavam a ficar bastante visíveis.

A oeste empreendeu uma descida quase tão profunda quanto a leste, até a antiga "Town Street" que os fundadores haviam construído à beira do rio em 1636. Lá corriam incontáveis ruelas com residências amontoadas e fora de prumo que remontavam a uma antiguidade inconcebível; e, por maior que fosse o fascínio despertado, levou tempo até que Ward se atrevesse a galgar aquela verticalidade arcaica, por medo de que se revelassem um sonho ou um portal rumo a terrores desconhecidos. Achava bem menos formidável continuar ao longo da Benefit Street, para além da cerca de ferro do cemitério oculto de St. John's rumo aos fundos da Casa Colonial de 1761 e ao ponderoso vulto da Golden Ball Inn, onde Washington havia se hospedado. Na Meeting Street — sucessivamente a Gaol Lane e a King Street de outros períodos —, direcionava o olhar para cima em direção ao leste e contemplava a escadaria em arco a que a estrada teve de recorrer para subir a encosta, e depois para baixo em direção ao oeste para vislumbrar a velha escola colonial de tijolo à vista que do outro lado da rua sorri para a antiga Insígnia do Busto de Shakespeare, onde o *Providence Gazette* e o *Country-Journal* eram impressos antes da revolução. A seguir vinha a magnífica Igreja Batista de 1775, ornada com um coruchéu insuperável desenhado por James Gibbs, à qual se somavam os telhados e cúpulas do período georgiano que flutuavam ao redor. Nesse ponto e em direção ao sul a vizinhança melhorava de aspecto, e florescia em pelo menos dois grupos distintos de mansões antigas; mas as ruelas ancestrais continuavam a descer o precipício a oeste com arroubos espectrais de arcaísmo nas múltiplas empenas enquanto despencavam rumo a um caos de decadência iridescente onde a sordidez da antiga zona portuária o fazia pensar na pompa das expedições às Índias, em meio à penúria e ao vício nas mais variadas línguas, a cais apodrecidos e a comerciantes de aprestos com os olhos inchados devido à falta de sono, e nas alusões que sobreviviam em nomes de ruas, como Packet, Bullion, Gold, Silver, Coin, Doubloon, Sovereign, Guilder, Dollar, Dime e Cent.

Por vezes, à medida que crescia e imbuía-se de um espírito mais aventureiro, o jovem Ward avançava rumo à voragem de casas decrépitas, claraboias

quebradas, degraus desabados, balaustradas tortas, rostos morenos e odores inomináveis enquanto seguia da South Main em direção a South Water, em busca das docas onde a baía e os vapores do canal ainda se encontravam para depois retornar pelo norte por aquele nível mais baixo para além dos armazéns com telhados de duas águas construídos em 1815 e também da ampla praça junto à Great Bridge, onde o Mercado de 1773 permanece sustentado com firmeza pelos velhos arcos. Nessa praça, detinha o passo para beber água em meio à beleza encantadora da velha cidade que se ergue na margem a leste, ornada por dois coruchéus georgianos e coroado pela enorme cúpula da Christian Science assim como Londres é coroada pela St. Paul's Church. Charles Dexter gostava especialmente de chegar ao local no fim da tarde, quando a luz oblíqua do sol toca o Mercado e os ancestrais telhados e campanários da colina, espalhando uma aura de magia ao redor dos cais sonhadores onde os navios de Providence retornados da Índia costumavam aportar. Após um longo tempo observando, sentia-se tomado pelo amor de um poeta diante de uma paisagem, e então tratava de subir a encosta e voltar para casa em meio ao crepúsculo, passando pela antiga igreja branca e pelos caminhos estreitos e vertiginosos onde raios amarelos espiavam por trás de janelas com pequenas vidraças e de claraboias no alto de lances duplos de escada ornados com curiosos balaústres em ferro lavrado.

Em outros momentos, e nos anos posteriores, buscava os mais vívidos contrastes; passava metade da caminhada nas regiões coloniais decrépitas a noroeste de casa, onde a colina diminui o vulto e dá vez à eminência um pouco mais baixa de Stamper's Hill, com o gueto e o bairro negro próximo ao local de onde a posta de Boston costumava partir antes da Revolução, e a outra metade no gracioso reino sulista entre a George, a Benevolent, a Power e a Williams Street, onde a velha encosta mantém preservadas as belas casas e resquícios de jardins fechados e íngremes caminhos verdejantes onde persistem inúmeras memórias fragrantes. Esses passeios, somados à dedicação aos estudos que os acompanhava, sem dúvida bastariam para explicar o enorme volume de sabedoria antiquária que no fim expulsou o mundo contemporâneo da imaginação de Charles Ward; e também para explicar o solo mental em que, no terrível inverno de 1919–1920, caíram as sementes que germinaram frutos tão estranhos e terríveis.

O dr. Willett tem certeza de que, antes desse inverno aziago em que surgiu a primeira alteração, o antiquarismo de Charles Ward era isento de qualquer traço de morbidez. Os cemitérios não exerciam nenhuma atração particular, a não ser pelo caráter pitoresco e pelo valor histórico, e Ward era completamente desprovido de inclinações à violência e de instintos agressivos. Mas a partir de então, de maneira gradual, começou a delinear-se uma singular continuação para um dos triunfos genealógicos do ano anterior, quando o jovem havia descoberto

entre os ancestrais da linha materna um homem deveras longevo chamado Joseph Curwen, que havia chegado de Salém em março de 1692 e a respeito de quem se contava aos sussurros uma série de histórias um tanto peculiares e inquietantes.

Welcome Potter, o trisavô de Ward, casara em 1795 com uma certa "Ann Tillinghast, filha da sra. Eliza, filha do cap. James Tillinghast", a respeito de cuja paternidade a família não havia preservado nenhum traço. No fim de 1918, enquanto examinava um tomo manuscrito original com os registros municipais, o jovem genealogista encontrou uma entrada que descrevia uma alteração de nome realizada em 1772, graças à qual uma sra. Eliza Curwen, viúva de Joseph Curwen, readotou, junto com a filha de sete anos, o nome Tillinghast, que havia usado na época de solteira, sob a alegação de que "O Nome do Marido se havia tornado uma Vergonha para a Sociedade em Razam do que se descobrio apos seu Fallecimento; o qual veyo a confirmar um antigo Rumor, que no entanto não mereceria o Credito de uma Espoza fiel enquanto não fosse provado para allem de qualquer Duvida". Essa entrada veio à tona após a separação acidental de duas folhas que haviam sido coladas com todo o cuidado e tratadas como se fossem uma folha única, graças a uma trabalhosa revisão na numeração das páginas.

Naquele instante Charles Ward compreendeu que encontrara um tataravô até então desconhecido. A descoberta foi motivo de um duplo entusiasmo, pois Ward já tinha ouvido relatos vagos e encontrado alusões dispersas acerca daquele nome, sobre o qual restavam tão poucos registros disponíveis além dos que vieram a público somente na época atual que quase parecia ter havido uma conspiração para apagá-lo da memória. Além do mais, o caso revestia-se de uma natureza tão singular e provocativa que não havia como afastar certas especulações curiosas sobre o que os tabeliães da época colonial estariam tão ávidos por esconder e esquecer, e tampouco a suspeita de que essa obliteração poderia de fato ter razões válidas.

Antes, Ward limitava-se a deixar as suposições românticas a respeito de Joseph Curwen na esfera da curiosidade; porém, após descobrir um parentesco com esse personagem "silenciado", passou a buscar da maneira mais sistemática possível tudo o que pudesse encontrar a seu respeito. Nessa busca desenfreada, logrou um sucesso muito além das expectativas mais otimistas, pois cartas, diários e fardos de memórias não publicadas nos sótãos empoeirados de Providence e de outros lugares forneceram muitas passagens esclarecedoras que os autores não haviam feito questão de destruir. Uma revelação importante veio da longínqua Nova York, uma vez que certas correspondências da época colonial encontravam-se armazenadas no museu da Fraunces' Tavern. O documento crucial, no entanto, que segundo a opinião do dr. Willett precipitou a ruína de Ward, foi o material encontrado em agosto de 1919 por trás dos painéis de uma

casa decrépita em Olney Court. Sem dúvida, foi esse documento que descortinou o negro panorama cujo fim era mais profundo do que o abismo.

II — Um antecedente e um horror

1.

Joseph Curwen, segundo os confusos relatos consubstanciados em tudo o que Ward tinha ouvido e descoberto, era um homem impressionante, enigmático, obscuro e terrível. Havia fugido de Salém para Providence — esse refúgio universal de tudo o que era estranho, livre e subversivo — no início do grande pânico da bruxaria, com medo de ser acusado por conta da vida solitária e dos singulares experimentos químicos ou alquímicos que conduzia. Era um sujeito pálido de cerca de trinta anos, e logo obteve a qualificação necessária para tornar-se um homem livre em Providence; e assim comprou um terreno um pouco ao norte da casa de Gregory Dexter, próximo ao ponto mais baixo da Gluey Street. A casa foi construída em Stamper's Hill, a oeste da Town Street, no que mais tarde viria a se tornar Olney Court; e em 1761 o proprietário substituiu-a por uma residência maior, que existe até hoje.

A primeira coisa estranha a respeito de Joseph Curwen é que não parecia ficar mais velho do que estava quando chegou à cidade. Envolveu-se com negócios marítimos, comprou uma acostagem próxima a Mile-End Cove, ajudou a reconstruir a Great Bridge em 1713 e em 1723 foi um dos fundadores da Congregational Church na colina; porém sempre mantendo o aspecto pouco chamativo de um homem recém-entrado nos trinta ou trinta e cinco anos. Com o passar das décadas, essa qualidade singular passou a despertar a atenção do público; mas Curwen sempre a explicava afirmando que tinha ancestrais robustos e que levava uma vida simples que não o exauria. Como tamanha simplicidade poderia ser conjugada às inexplicáveis idas e vindas do furtivo comerciante ou ainda à estranha visão de luz nas janelas da casa onde morava, a todas as horas da madrugada, jamais ficou claro para o povo da cidade, que assim passou a evidenciar certa predisposição a acreditar em outros motivos para a juventude prolongada e a longevidade do forasteiro. Em geral, acreditava-se que as incessantes misturas e fervuras de componentes químicos promovidas por Curwen tivessem uma estreita relação com essa condição. Corriam boatos a respeito de estranhas substâncias trazidas de Londres e das Índias nos barcos ou compradas em Newport, Boston e Nova York; e quando o velho dr. Jabez Bowen chegou de Rehoboth e abriu o apotecário do outro lado da ponte sob a Insígnia do Unicórnio e do Pilão, correram intermináveis conversas sobre as drogas, os ácidos e os metais que o taciturno recluso solicitava de maneira incessante em compras e encomendas. Movidos pela suposição de que Curwen fosse dotado de habilidades médicas secretas e maravilhosas, inúmeros doentes dos mais variados

tipos começaram a procurá-lo em busca de socorro; mas, embora Curwen parecesse incentivar essas crenças de maneira indireta e sempre providenciasse poções de estranho colorido em resposta a esses apelos, era visível que o tratamento dispensado aos outros raras vezes trazia efeitos benéficos. Por fim, quando mais de cinquenta anos se haviam passado desde a chegada do forasteiro sem produzir alterações correspondentes a mais do que cinco anos no semblante e no aspecto físico, a população começou a sussurrar histórias mais obscuras e a respeitar o isolamento a que Curwen sempre fora propenso.

As cartas e os diários do período revelam uma verdadeira miríade de outras razões para que Joseph Curwen fosse admirado, temido e por fim abominado como a peste. A paixão por cemitérios, onde era avistado a todas as horas e sob todas as condições climáticas, tornou-se notória, embora não houvesse testemunhas de qualquer comportamento que pudesse ser descrito como mórbido. Tinha uma fazenda na Pawtuxet Road onde costumava morar durante o verão e para onde muitas vezes o viam cavalgar nos mais variados e improváveis horários do dia e da noite. Os únicos criados, trabalhadores do campo e zeladores conhecidos eram um casal de índios Narragansett; o marido, mudo e coberto por estranhas cicatrizes; e a esposa marcada pelo aspecto repulsivo do rosto, provavelmente devido à mistura de sangue negro. No galpão ficava o laboratório onde a maioria das experiências era conduzida. Os curiosos carregadores e carreteiros que entregavam vidros, bolsas e caixas na diminuta porta dos fundos trocavam entre si histórias sobre frascos, cadinhos, alambiques e fornalhas no interior do pequeno recinto repleto de prateleiras; e profetizavam aos sussurros que o taciturno “quimista” — com o que queriam dizer *alquimista* — não tardaria a encontrar a Pedra Filosofal. Os vizinhos mais próximos da fazenda — os Fenner, que moravam a cerca de quinhentos metros — tinham histórias ainda mais estranhas a contar sobre os sons que afirmavam vir da propriedade de Curwen à noite. Mencionavam gritos e uivos prolongados; e não gostavam da grande quantidade de animais que enchia os pastos, demasiado excessiva para fornecer a apenas um homem solitário e poucos criados as provisões necessárias de carne, leite e lã. A composição do rebanho parecia mudar de uma semana para a outra à medida que novos animais eram comprados dos fazendeiros de Kingstown. O sentimento de repulsa era tornado ainda mais intenso por uma grande construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas.

Da mesma forma, os desocupados da Great Bridge tinham muito a dizer sobre a casa na cidade, em Olney Court; nem tanto acerca da nova, construída em 1761, quando o proprietário devia ser quase um homem centenário, mas acerca da primeira, mais antiga, que tinha uma mansarda, um sótão desprovido de janelas e as fachadas cobertas por recortes de madeira que Curwen teve o cuidado de

queimar após a demolição. Verdade que nesse caso o mistério era menor; mas nas horas em que as luzes estavam acesas, a furtividade dos dois forasteiros de pele morena que compunham a totalidade da criadagem masculina, os pavorosos e incompreensíveis rumores da vetusta caseira francesa, as enormes quantidades de comida que adentravam a porta de uma casa onde viviam apenas quatro pessoas e a *Dualidade* de certas vozes ouvidas durante conversas abafadas em horários altamente improváveis combinavam-se com os demais rumores sobre a fazenda de Pawtuxet e davam origem à má reputação do lugar.

A residência de Curwen era assunto mesmo nos círculos de maior prestígio; afinal, enquanto trabalhava na igreja e na vida comercial do vilarejo, o forasteiro havia cultivado as melhores amizades para assim poder desfrutar de companhias e conversas adequadas à educação que havia recebido. O berço de onde vinha era bom, uma vez que os Curwen ou Corwin de Salém dispensavam apresentações na Nova Inglaterra. A certa altura veio à tona que Joseph Curwen tinha viajado um bocado ainda menino, tendo vivido por um tempo na Inglaterra e feito pelo menos duas viagens ao Oriente; e o sotaque, quando se dignava a falar, era o de um cavalheiro inglês culto e refinado. Mas por algum motivo Curwen não se importava com a vida em sociedade. Embora jamais mandasse os visitantes embora, costumava erguer uma muralha de reserva tão intransponível que poucos conseguiam pensar em dizer alguma coisa que não fosse soar banal.

Naquele comportamento parecia ocultar-se uma arrogância críptica e sardônica, como se tivesse passado a aborrecer-se com toda a humanidade depois de mover-se em meio a entidades mais estranhas e mais potentes. Quando o dr. Checkley, famoso pela erudição e pelo espírito trocista, chegou de Houston em 1738 para ser pastor da King’s Church, Joseph Curwen não perdeu a oportunidade de fazer uma visita à personalidade de quem tanto ouvira falar; mas foi embora após poucos instantes por conta de uma sinistra nota subjacente percebida no discurso do anfitrião. Charles Ward contou ao pai, quando os dois falavam a respeito de Curwen em uma noite de inverno, que estaria disposto a oferecer muita coisa para saber o que aquele velho sinistro teria dito para o vivaz sacerdote, porém todos os diaristas estão de acordo ao mencionar a relutância do dr. Checkley em repetir o que tinha ouvido. O bom homem havia recebido um choque terrível, e a partir de então não conseguia mais pensar em Joseph Curwen sem obter como resultado o desaparecimento momentâneo da alegria que o havia tornado famoso.

Bem mais claro, no entanto, foi o motivo que levou outro homem de bom gosto e boa criação a evitar o ermitão atrevido. Em 1746 o sr. John Merrit, um vetusto cavalheiro inglês com inclinações literárias e científicas, chegou de Newport à cidade que rapidamente a ultrapassava em prestígio e construiu uma bela casa rural em Neck, onde hoje se localiza o coração da melhor zona

residencial. Vivia cercado de estilo e de conforto, porém mantinha o primeiro coche e a criadagem de *libré* na cidade e se enchia de orgulho do telescópio, do microscópio e da bem-escolhida biblioteca de livros ingleses e latinos. Ao ouvir que Curwen era o proprietário da mais bem-fornida biblioteca de Providence, o sr. Merritt tratou de fazer uma visita o mais breve possível, e foi recebido com mais cordialidade do que a maioria dos outros visitantes da casa. A admiração demonstrada pelo visitante em relação às amplas prateleiras do anfitrião, que além dos clássicos gregos, latinos e ingleses vinham equipadas com uma impressionante bateria de obras filosóficas, matemáticas e científicas, incluindo obras de Paracelso, Agricola, Van Helmont, Sylvius, Glauber, Boerhaave, Becher e Stahl, levou Curwen a sugerir uma visita à fazenda e ao laboratório, onde ninguém jamais estivera; e assim os dois partiram de imediato no coche do sr. Merritt.

O sr. Merritt sempre afirmava não ter visto nada de horripilante na fazenda, mas admitia que apenas os títulos dos livros na biblioteca especial de taumaturgia, alquimia e teologia que Curwen mantinha em um recinto à parte tinham sido o bastante para inspirar-lhe um duradouro sentimento de repulsa. No entanto, é possível que a expressão facial do proprietário ao exibir os livros tenha contribuído em boa medida para esse preconceito. A estranha coleção, além de uma hoste de obras clássicas que o sr. Merritt pôde invejar sem nenhum motivo para alarme, abarcava praticamente todos os cabalistas, demonologistas e magos conhecidos à humanidade; e consistia em um verdadeiro tesouro de sabedoria em reinos duvidosos como a alquimia e a astrologia. Hermes Trismegisto na edição de Mesnard, o *Turba Philosophorum*, o *Liber Investigationis* de Geber e o *Key of Wisdom de* Arthepius estavam todos lá, com o cabalístico *Zohar*, a coleção de Alberto Magno editada por Peter Jammy, o *Ars Magna et Ultima* de Raimundo Lúlio na edição de Zelsner, o *Thesaurus Chemicus* de Roger Bacon, o *Clavis Alchimiae* de Fludd e o *De Lapide Philosophico* de Tritêmio ao redor. Judeus e árabes medievais estavam representados em profusão, e o sr. Merritt empalideceu quando, ao tomar nas mãos um belo volume claramente identificado como *Qanoon-e-Islam*, descobriu tratar-se na verdade do proscrito *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred, a respeito do qual havia escutado coisas monstruosas ditas aos sussurros anos atrás, quando se revelou a prática de rituais inomináveis no estranho vilarejo pesqueiro de Kingsport, na Província de Massachusetts Bay.

No entanto, por mais estranho que pareça, o grande motivo da perturbação alegada pelo digno cavalheiro foi um mero detalhe. Na enorme mesa de mogno encontrava-se um exemplar muito desgastado de Borellus, que trazia um grande número de anotações e interlineações crípticas feitas na caligrafia de Curwen. O livro estava aberto no meio, e um determinado parágrafo exibia sublinhados tão

grossos e tão trêmulos sob as linhas de místicos caracteres góticos que o visitante não pôde resistir a analisá-los. Se foi a natureza da passagem grifada ou o peso febril dos golpes da pena que formavam os grifos, o sr. Merritt não soube dizer; mas algo naquela combinação causou-lhe uma impressão muito negativa e muito peculiar. O sr. Merritt recordou a passagem até o fim da vida e reproduziu-a de memória no próprio diário pessoal, e certa vez tentou recitá-la para o dr. Checkley, com quem mantinha uma estreita amizade, mas deteve-se ao perceber o quanto aquilo perturbava o ilustrado pastor. A passagem dizia:

> "Os Saes essenciaes das Bestas podem ser preparados e preservados de Maneyra que seja facultado a hum Homem de Engenho conter toda a Arca de Noe no proprio Estudio, e fazer com que a Forma perfeyta de huma Besta ressurja a partir das Cinzas a seu Bel-Prazer; e, applicando hum Methodo analogo aos Saes Essenciaes do Pó humano, um Phylosopho pode, sem recorrer a qualquer Sorte de Necromancia obscura, invocar a Forma de qualquer Antepassado fallecido a partir do Pó que resulta da Incineraçam do Cadaver."

Era nas cercanias das docas na parte ao sul da Town Street, no entanto, que corriam os piores boatos acerca de Joseph Curwen. Os marinheiros são uma gente supersticiosa, e os lobos do mar que tripulavam as infinitas chalupas de rum, escravos e melaço, os mal-afamados navios corsários e os grandes brigues das famílias Brown, Crawford e Tillinghast faziam estranhos e furtivos gestos de proteção quando viam a figura magra e enganadoramente jovem de cabelos trigueiros e com uma discreta corcunda entrar no depósito de Curwen na Doubloon Street ou conversar com os capitães e supervisores no longo cais onde os navios de Curwen aportavam inquietos pela âncora. Os próprios fiscais e capitães de Curwen nutriam temor e ódio pelo empregador, e todos os marujos pertenciam à rábula mestiça da Martinica, de Santo Eustáquio, de Havana ou de Port-Royal. De certa forma, a frequência com que esses marinheiros eram substituídos foi o que inspirou a parte mais intensa e mais tangível do medo despertado pelo velho. Uma tripulação desembarcava na cidade em licença, por vezes com um ou outro afazer a cumprir; porém, no momento da reunião, quase sempre se dava pela falta de um ou mais homens. O fato de que muitos afazeres envolviam a fazenda na Pawtuxet Road, somado ao fato de que poucos marinheiros retornavam do lugar, não foi esquecido; de maneira que, passado algum tempo, Curwen passou a enfrentar grandes dificuldades para manter os homens da caótica tripulação. Quase sempre um grande número de marinheiros desertava imediatamente após ouvir os boatos sobre os cais de Providence, e a

reposição desses homens nas Índias Ocidentais tornou-se um problema cada vez maior para o comerciante.

Em 1760 Joseph Curwen havia se tornado um pária e era suspeito de ter perpetrado horrores vagos e forjado alianças demoníacas que pareciam ainda mais ameaçadoras porque não tinham nome, não eram compreendidas e também porque não havia sequer como provar que existiam. A gota d'água pode ter sido o caso dos soldados desaparecidos em 1758, pois em março e em abril desse ano dois regimentos reais a caminho da Nova França alojaram-se em Providence e desapareceram como resultado de um processo inexplicável, muito além da taxa média de deserção. Rumores furtivos mencionavam a frequência com que Curwen era visto conversando com os forasteiros de capa vermelha; e, quando estes começaram a desaparecer, as pessoas lembraram-se do estranho fenômeno que acometia os marinheiros. O que teria acontecido se os regimentos não recebessem ordens de seguir adiante, ninguém saberia dizer.

Nesse meio-tempo, o comerciante prosperava nos negócios mundanos. Praticamente detinha o monopólio sobre o comércio de salitre, pimenta-do-reino e canela, e com a exceção da firma dos Brown, estava à frente de quase todos os outros estabelecimentos de comércio marítimo na importação de artigos de latão, índigo, algodão, lã, sal, aprestos, ferro, papel e bens ingleses de toda sorte. Lojistas como James Green, sob a Insígnia do Elefante em Cheapside, os Russell, sob a Insígnia da Águia Dourada no outro lado da Ponte, ou Clark e Nightingale, sob a insígnia da Frigideira e do Peixe nas proximidades da New Coffee-House, dependiam de Ward em caráter quase exclusivo para a obtenção desses produtos; e os acordos firmados com os destiladores locais, os leiteiros e criadores de cavalo Narrangasett e os fabricantes de velas em Newport haviam-no transformado em um dos maiores exportadores da Colônia.

Embora relegado ao ostracismo, Joseph Curwen não era desprovido de espírito cívico. Quando a Casa Colonial queimou, fez grandes investimentos nas loterias graças às quais o novo prédio, de alvenaria — que ainda hoje se ergue na antiga rua principal —, foi construído em 1761. No mesmo ano, ajudou a reconstruir a Great Bridge após o vendaval de outubro. Repôs muitos livros da biblioteca pública consumidos pelo fogo durante o incêndio da Casa Colonial e comprou muitos bilhetes da loteria que propiciou à embarrada Market Parade e à sulcada Town Street a pavimentação com grandes pedras arredondadas e um passeio ou canteiro de tijolos no meio. Por volta da mesma época, construiu a simples mas excelente residência cuja fachada sobrevive até hoje como um grande triunfo da entalhadura. Quando os partidários de Whirefield romperam com a igreja do dr. Cotton em 1743 e fundaram a Deacon Snow's Church do outro lado da Ponte, Curwen os acompanhou, embora o fervor e o interesse pelo assunto tenham durado pouco. Porém voltou a cultivar a religiosidade, como se

quisesse dissipar a sombra que o havia precipitado rumo ao isolamento e que não tardaria a arruinar-lhe os negócios se não fosse combatida.

2.

A visão desse estranho e pálido homem que aparentava estar na meia-idade, embora não pudesse ter menos do que um século de vida, e tentava enfim dissipar uma nuvem de pavor e repulsa demasiado vaga para que se pudesse compreendê-la ou analisá-la era a um só tempo dramática, patética e desprezível. No entanto, o poder da fortuna monetária e dos gestos superficiais resultou em uma discreta redução na visível repulsa que lhe era dispensada, em particular depois que o súbito desaparecimento dos marinheiros cessou de repente. Ao mesmo tempo, Curwen deve ter começado a cercar-se de cuidado e discrição durante as expedições noturnas ao cemitério, pois nunca mais foi avistado nessas perambulações; e os rumores acerca de sons e movimentações estranhas na fazenda de Pawtuxet diminuíram na mesma proporção. O consumo de mantimentos e a reposição dos animais do campo mantiveram-se em um nível anômalo; mas apenas em tempos recentes, quando Charles Ward examinou contas e faturas do antepassado na Shepley Library, ocorreu ao público em geral — talvez com a exceção de um certo jovem amargurado com a vida — estabelecer ligações sombrias entre o elevado número de negros importados da Guiné até 1766 e a inquietante ausência de notas fiscais idôneas emitidas para os mercadores de escravos na Great Bridge ou para os donos de plantações em Narragansett Country. Sem dúvida a astúcia e a engenhosidade dessa figura abominada revelaram-se deveras profundas quando a necessidade premente de usá-las se apresentou.

Mesmo assim, o efeito dessas correções tardias foi mínimo. Joseph Curwen continuou a inspirar desconfiança e a ser evitado, o que a bem dizer encontrava respaldo no eterno aspecto jovial que ostentava mesmo em idade avançada; e no fim percebeu que a fortuna poderia dar uma guinada para o pior. Qualquer que fosse a natureza dos complexos estudos e experimentos que conduzia, era evidente que a manutenção destes exigia uma renda considerável; e, uma vez que qualquer mudança na situação o privasse das vantagens comerciais que granjeara, não valeria a pena recomeçar em outra região. O juízo havia ditado que remediasse as relações que mantinha com o povo de Providence, de maneira que sua presença deixasse de ser motivo para conversas a meia-voz, desculpas transparentes para compromissos em outros lugares e uma atmosfera generalizada de reserva e inquietude. Os despachantes, a essa altura limitados aos rejeitos depauperados e modorrentos a quem ninguém mais daria emprego, haviam se transformado em uma fonte de constantes preocupações; e os capitães e imediatos eram mantidos apenas por força da astúcia de Curwen, que tratou de exercer uma

forte influência sobre todos — através de hipotecas, notas promissórias ou informações pertinentes ao bem-estar do interessado. Muitos diaristas da época registraram com evidente espanto que Curwen parecia ter poderes quase sobrenaturais para descobrir segredos de família a fim de empregá-los para fins um tanto questionáveis. Nos últimos cinco anos de vida, a impressão causada era a de que nada menos do que conversas diretas com os mortos de outrora poderia ter fornecido certas informações que tinha na ponta da língua.

Por volta da mesma época, o sagaz erudito tentou um último e desesperado expediente para se restabelecer no seio da comunidade. Depois de passar a vida inteira como um completo ermitão, Curwen resolveu tirar vantagem do matrimônio com uma esposa de reconhecida posição social a fim de tornar impossível o ostracismo da casa onde morava. Pode ser que tivesse outros motivos mais profundos para forjar essa aliança — motivos tão estranhos à esfera cósmica onde vivemos que somente papéis encontrados um século e meio após sua morte levantaram suspeitas; porém jamais teremos respostas definitivas quanto a essas questões. Sem dúvida Curwen estava ciente do horror e da indignação com que qualquer tentativa de corte seria recebida, e assim tratou de procurar uma candidata filha de pais sobre quem pudesse exercer uma pressão considerável. Essas candidatas, no entanto, não eram fáceis de encontrar, pois Curwen tinha exigências muito específicas no que dizia respeito à beleza, aos talentos e à estabilidade social. Por fim, viu-se reduzido à casa de um dos melhores e mais antigos capitães — um viúvo nascido em berço de ouro e de reputação impecável chamado Dutee Tillinghast, cuja filha Eliza parecia ter sido abençoada com toda sorte de favorecimento imaginável, a não ser no que dizia respeito às perspectivas como herdeira. O cap. Tillinghast estava sob o completo domínio de Curwen; e, após um terrível colóquio na casa encimada por uma cúpula onde morava, em Power’s Lane Hill, consentiu em sancionar essa aliança blasfema.

Eliza Tillinghast somava na época dezoito anos de idade, e tinha sido criada da forma mais delicada possível nas limitadas circunstâncias do pai. Havia frequentado a Stephen Jackson’s School em frente à [Court-House Parade*] e sido instruída nas artes e requintes da vida doméstica pela diligente mãe, que morreu em decorrência de varíola em 1757. Exemplares de objetos feitos por Eliza aos nove anos de idade podem ainda hoje ser vistos nas salas da Rhode Island Historical Society. Após o falecimento da mãe, Eliza passou a cuidar da casa auxiliada somente por uma preta velha. As discussões que teve com o pai acerca do matrimônio proposto por Curwen devem ter sido dolorosas, mas a esse respeito não há nenhum registro. O que se sabe é que o noivado com o jovem Ezra Weeden, o segundo imediato do paquete *Enterprise*, de Crawford, foi devidamente rompido, e que a união com Joseph Curwen foi celebrada na igreja

batista aos sete de março de 1763, na presença dos mais distintos personagens que a cidade tinha a oferecer, em uma cerimônia oficiada pelo jovem Samuel Winsor. A *Gazette* publicou uma breve nota sobre a cerimônia, e na maioria dos exemplares que sobreviveram à passagem do tempo o item em questão parece ter sido recortado ou rasgado. Após inúmeras buscas, Ward encontrou um único exemplar intacto nos arquivos de um notável colecionador particular, e admirou com gosto a falsa cortesia da linguagem empregada:

> "Na tarde da segunda-feira ultima, o sr. Joseph Curwen, desta Cidade, despozou a Srta. Eliza Tillinghast, Filha do Cap. Dutee Tillinghast. A jovem Noiva detem inumeraveis Meritos que, somados a huma bela Figura, agraciam o Matrimonio e asseguram ao Casal uma Felicidade perene."

As correspondências trocadas entre Durfee e Arnold, descobertas por Charles Ward pouco antes do primeiro surto de loucura, na coleção do sr. Melville F. Peters, da George Street, cobrem esse período e o período imediatamente anterior e oferecem um testemunho contundente do ultraje causado ao sentimento público pelo mal-arranjado casamento. O prestígio social dos Tillinghast, no entanto, não podia ser negado; e mais uma vez Joseph Curwen viu-se em uma casa frequentada por pessoas que, de outra forma, jamais teria persuadido a cruzar o umbral de sua porta. Mas a aceitação não foi de forma nenhuma total, e a noiva sofreu diversos reveses sociais em decorrência da empresa forçada; mesmo assim, a muralha de absoluto ostracismo desabou em parte. No tratamento dispensado à esposa, o estranho noivo surpreendeu tanto à própria quanto à comunidade em geral ao demonstrar profunda graciosidade e consideração. A nova casa em Olney Court ficou assim completamente a salvo de manifestações perturbadoras, e, embora Curwen passasse boa parte do tempo ausente na fazenda em Pawtuxet que a esposa jamais visitava, parecia nessa época uma pessoa mais normal do que jamais havia sido em todos os longos anos de residência. Somente uma pessoa manteve uma inimizade declarada: o jovem oficial de navio cujo noivado com Eliza Tillinghast fora rompido de maneira tão abrupta. Ezra Weeden havia jurado vingança; e, embora tivesse uma disposição pacata e introvertida, viu-se tomado por uma determinação obsessiva e odiosa que não trazia bons presságios para o marido usurpador.

No dia sete de maio de 1765 nasceu Ann, a única filha de Curwen; a menina foi batizada pelo rev. John Graves da King's Church, com quem tanto o marido quanto a esposa haviam entrado em contato logo após o matrimônio a fim de encontrar um meio-termo para as respectivas afiliações à igreja congregacional e à igreja batista. O registro deste nascimento, bem como o do matrimônio

celebrado dois anos antes, foi riscado de quase todos os documentos eclesiásticos e anais da cidade; Charles Ward localizou-os apenas graças a um árduo trabalho de busca empreendido depois que a mudança de nome efetuada pela viúva revelou o parentesco que o ligava ao objeto da pesquisa e assim engendrou o interesse febril que culminou em loucura. Com efeito, a certidão de nascimento foi encontrada em uma troca de correspondências bastante curiosa entre os herdeiros do lealista dr. Graves, que havia levado consigo uma duplicata de todos os registros quando deixou o pastorado após o início da Revolução. Ward havia buscado essa fonte porque sabia que a trisavó Ann Tillinghast Potter tinha sido adepta da igreja episcopal.

Pouco tempo após o nascimento da filha — um acontecimento que parece ter recebido com um fervor bastante incompatível com a frieza habitual —, Curwen decidiu encomendar um retrato seu. O retrato foi pintado por um escocês muito talentoso de nome Cosmo Alexander, que na época morava em Newport e mais tarde ganhou fama como um dos primeiros mestres de Gilbert Stuart. Segundo relatos, teria sido executado em um painel na biblioteca da casa em Olney Court, mas nenhum dos antigos diários que o mencionavam oferecia qualquer pista sobre o destino final do retrato. Por volta desse período o acadêmico errático começou a dar mostras de uma abstração fora do comum e a passar o maior tempo possível na fazenda em Pawtuxet Road. Segundo relatos, dava a impressão de se encontrar em um estado de empolgação contida ou de suspense, como se aguardasse um acontecimento extraordinário ou estivesse prestes a fazer uma estranha descoberta. A química ou a alquimia pareciam ter desempenhado um papel importante, pois Curwen levou a maior parte dos livros sobre esses assuntos para a fazenda.

A afetação de interesse cívico não arrefeceu, e Curwen tampouco perdia a oportunidade de ajudar líderes como Stephen Hopkins, Joseph Brown e Benjamin West a elevar o nível cultural da cidade, que na época se encontrava muito abaixo do nível encontrado em Newport no que dizia respeito às artes. Ajudou Daniel Jenckes a estabelecer a livraria em 1763, e a partir de então passou a ser o mais assíduo cliente; e ofereceu ajuda também à emergente *Gazette*, impressa todas as quartas-feiras sob a Insígnia do Busto de Shakespeare. Na política, ofereceu apoio irrestrito ao governador Hopkins contra o partido de Ward, que concentrava forças em Newport, e o eloquente discurso que proferiu no Hacker’s Hall em 1765 contra a emancipação de North Providence como um vilarejo independente através de um voto pró-Ward na Assembleia Geral fez mais do que qualquer outra coisa para diminuir o preconceito com que era visto. Mas Ezra Weeden, que o observava de perto, zombava de todo esse ativismo político e alardeava para quem quisesse ouvir que tudo não passava de uma máscara sob a qual Curwen mantinha tráfico com os mais negros abismos do Tártaro. O jovem vingativo

lançou-se em um estudo sistemático do homem e de seus afazeres sempre que estava em terra; à noite, quando via luzes nos armazéns de Curwen, passava longas horas de prontidão em uma canoa a remo no cais, para então seguir o barquinho que por vezes cruzava furtivamente a baía. Também vigiava de perto a fazenda de Pawtuxet, e em uma ocasião levou graves mordidas dos cachorros que o casal de índios havia soltado contra o invasor.

3.

Em 1766 Joseph Curwen sofreu a derradeira transformação. A mudança foi muito repentina e chamou a atenção de todos os moradores curiosos, pois a atmosfera de suspense e de expectativa caiu como um velho manto, dando vez à exaltação malcontida de um triunfo perfeito. Curwen parecia enfrentar dificuldades para evitar manifestações públicas sobre o que havia descoberto ou aprendido ou feito; mas aparentemente a necessidade de discrição era maior do que o desejo de compartilhar o êxito, pois nenhuma explicação foi oferecida. Após essa transição, que parece ter se operado no início de julho, o sinistro acadêmico começou a impressionar as pessoas com a posse de informações que somente antepassados falecidos muito tempo atrás poderiam ser capazes de fornecer.

Porém, as febris atividades secretas de Curwen não cessaram com a mudança. Muito pelo contrário: davam a impressão de aumentar, pois uma parte cada vez maior dos negócios marítimos começou a ser administrada pelos capitães, que a essa altura estavam ligados a Curwen por laços de medo tão poderosos quanto antes haviam sido os da bancarrota. O comércio de escravos foi abandonado por completo, sob o pretexto de que os lucros eram cada vez menores. Curwen passava o tempo inteiro na fazenda de Pawtuxet, embora de vez em quando surgissem rumores de que estivera em lugares que, embora não fossem próximos a nenhum cemitério, levaram os mais pensativos a refletir sobre a real extensão da mudança de hábitos que se havia operado no comerciante. Ezra Weeden, embora tivesse períodos de espionagem necessariamente breves e intermitentes em função das viagens marítimas, tinha uma persistência vingativa sem par entre os moradores e fazendeiros de espírito mais prático; e assim submeteu os negócios de Curwen a um escrutínio que nunca haviam recebido antes.

Muitas das estranhas manobras executadas pelas embarcações do comerciante tinham sido atribuídas à turbulência de um período em que todos os colonizadores pareciam estar determinados a resistir às provisões da Lei do Açúcar, que impediam a movimentação conspícua dos navios. O contrabando e a evasão eram as regras em Narragansett Bay, e o desembarque noturno de cargas ilícitas era uma ocorrência corriqueira. Porém Weeden, depois de observar noite

após noite as balsas ou as pequenas chalupas que se afastavam com manobras dos armazéns de Curwen junto às docas da Town Street, logo percebeu que não eram apenas os navios armados de Vossa Majestade que o sinistro personagem tentava evitar. Antes da mudança em 1766, a maior parte desses navios trazia cargas de negros acorrentados, que eram levados até o outro lado da baía e descarregados em um local obscuro nas margens logo ao norte de Pawtuxet, para então serem conduzidos outeiro acima e campo afora até chegar à fazenda de Curwen, onde eram trancados na enorme construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas. Após a mudança, no entanto, todo esse programa sofreu alterações. A importação de escravos cessou de repente, e por um tempo Curwen abandonou a movimentação noturna dos navios. Então, por volta da primavera de 1767, surgiu uma nova política. Mais uma vez as balsas começaram a zarpar das negras e silenciosas docas e a singrar a baía por uma certa distância, por vezes até Namquit Point, quando então recebiam carregamentos de estranhos navios de tamanho considerável e aspecto variado ao extremo. A seguir os marinheiros de Curwen depositavam a carga junto à margem, no lugar de sempre, e de lá a transportavam por terra até a fazenda, para então trancafiá-la na críptica estrutura de pedra que antes havia recebido os negros. A carga era composta quase exclusivamente por caixas — quase sempre caixotes grandes e pesados e oblongos que guardavam uma perturbadora semelhança com a silhueta de um ataúde.

Weeden vigiava a fazenda de maneira persistente, realizando visitas diárias por longos períodos e raramente permitindo uma semana inteira passar sem observações, salvo quando a neve no chão pudesse reter suas pegadas. Mesmo nesses casos, aproximava-se o quanto fosse possível pela beira da estrada ou pelo gelo do rio vicinal para investigar os rastros que outros pudessem ter deixado. Ao perceber que essas vigílias noturnas seriam interrompidas pelos deveres náuticos, Ezra Weeden contratou um companheiro de taverna chamado Eleazar Smith para levar adiante as buscas durante o período em que estivesse ausente; e os dois poderiam ter dado início a rumores extraordinários. Mesmo assim, os rumores não vieram à tona porque ambos sabiam que o efeito de qualquer publicidade seria alertar a presa e impedir qualquer tipo de progresso nas investigações. Weeden e Smith queriam ter alguma certeza antes de tomar qualquer atitude. O que descobriram deve ter sido espantoso ao extremo, e em várias conversas com os pais Charles Ward lamentou o fato de que Weeden mais tarde houvesse queimado todos os cadernos que tinha. Tudo o que se pode saber a respeito das descobertas é o que Eleazar Smith anotou em um diário um tanto desconexo e o que outros diaristas e missivistas da época repetiram timidamente a partir dos relatos feitos mais tarde pelos dois — segundo os quais a fazenda era apenas o invólucro externo de uma ameaça colossal e repulsiva, de um escopo e de uma

grandeza demasiado profundos e intangíveis para mais do que uma compreensão difusa e nebulosa.

Percebe-se que Weeden e Smith não tardaram a se convencer da existência de uma enorme série de galerias e catacumbas, habitadas por um número considerável de pessoas além do velho casal de índios, sob o terreno da fazenda. A casa era uma antiga relíquia da metade do século XVII, com telhado de duas águas e guarnecido por uma enorme chaminé e janelas de treliça em forma de losango, estando o laboratório situado em um galpão mais ao norte, em um ponto onde o telhado quase tocava o chão. A construção ficava longe de todas as demais; porém, a dizer pelas diferentes vozes escutadas no interior até mesmo nos horários mais improváveis, devia ser acessível a partir de passagens secretas nos subterrâneos. Antes de 1766, essas vozes eram meros balbucios, sussurros e gritos desesperados dos negros, somados a peculiares cânticos ou invocações. Após essa data, no entanto, revestiram-se de um caráter deveras peculiar e odioso, e passaram a oscilar entre murmúrios de aquiescência reprimida e explosões de dor ou de ira frenética, rumores de conversas e gemidos de lamúria, arquejos de entusiasmo e gritos de protesto. Davam a impressão de pertencer a diferentes línguas, todas faladas por Curwen, cujo sotaque gutural muitas vezes podia ser ouvido em resposta, reprimenda ou ameaça. Às vezes tinha-se a impressão de que havia diversas pessoas na casa; Curwen, certos prisioneiros e os guardas desses prisioneiros. Havia vozes que nem Weeden nem Smith jamais tinham ouvido, embora possuíssem um vasto conhecimento sobre as nações estrangeiras, e outras que davam a impressão de pertencer a esta ou àquela nacionalidade. A natureza das conversas parecia consistir sempre em uma espécie de sabatina, como se Curwen quisesse arrancar informações dos prisioneiros rebeldes ou aterrorizados.

Weeden tinha diversas anotações *verbatim* de fragmentos ouvidos, pois o inglês, o francês e o espanhol eram usados com frequência; mas nenhuma destas chegou até nós. Afirmou, no entanto, que à exceção de uns poucos diálogos monstruosos em que os assuntos passados das famílias de Providence eram discutidos, a maioria das perguntas e respostas que conseguiu ouvir eram de natureza histórica ou científica, por vezes atinentes a lugares e épocas muito longínquas. Certa vez, por exemplo, uma figura que alternava entre momentos de ira e mau humor foi questionada em francês acerca do massacre promovido pelo Príncipe Negro em Limoges no ano de 1370, como se houvesse uma razão secreta que pudesse esclarecer. Curwen perguntou ao prisioneiro — se é que de fato se tratava de um prisioneiro — se a ordem para matar fora dada em resposta ao Símbolo do Bode encontrado no altar da antiga cripta romana sob a Catedral ou se o Homem Negro do Pacto de Haute-Vienne havia proferido as Três Palavras. Diante do fracasso na obtenção de respostas, o inquisidor dera a impressão de

recorrer a meios extremos — pois ouviu-se um terrível grito seguido por silêncio e balbucios e por fim um baque.

Nenhum desses colóquios foi testemunhado com os olhos, uma vez que as janelas se encontravam o tempo inteiro cobertas por pesadas cortinas. Certa vez, no entanto, durante um pronunciamento em uma língua desconhecida, uma sombra avistada na cortina infundiu extremo pavor em Weeden, pois lembrou-o das marionetes que tinha visto em um espetáculo no outono de 1764 no Hacker's Hall, quando um homem de Germantown, Pensilvânia, apresentou um interessante espetáculo mecânico anunciado como "Huma Vizam da Famosa Cidade de Jerusalem, em que aparecem Jerusalem, o Templo de Salomão, o Throno Real, as famosas Torres e as Collinas, bem como os Soffrimentos de Nosso Salvador desde o Jardim de Gethsemane ate a Cruz na Collina de Golgotha; huma interessante peça de Estatuario que deve agradar ao Gosto dos Curiosos". Foi nessa ocasião que o investigador, à espreita junto à janela do recinto frontal de onde as vozes emanavam, soltou um grito que acordou o velho casal de índios e levou-os a soltar os cachorros. A partir de então nenhuma outra conversa foi ouvida na casa, e Weeden e Smith concluíram que Curwen havia transferido o campo de ação para as regiões inferiores.

Que tais regiões existiam de verdade parecia ser um fato amplamente comprovado por diversos indícios. Gritos e gemidos inconfundíveis de tempos em tempos saíam do que parecia ser terra sólida em lugares distantes de qualquer estrutura, e, oculto nos arbustos ao longo do rio mais ao fundo, onde o terreno elevado se precipitava de repente em direção ao vale de Pawtuxet, foi encontrada na pesada cantaria uma porta de carvalho em arco, que sem dúvida era uma via de acesso às cavernas no interior da colina. Quando e como essas catacumbas teriam sido construídas, Weeden não saberia dizer; mas com frequência chamava atenção para a facilidade com que o local seria alcançado por bandos de trabalhadores não avistados que viessem pelo rio. De fato, Joseph Curwen empregava os marinheiros de sangue mestiço nas mais variadas tarefas! Durante as fortes chuvas na primavera de 1769 os dois observadores ficaram de olho na íngreme margem do rio para ver se quaisquer segredos subterrâneos podiam revelar-se à luz, e foram recompensados pela visão de incontáveis ossos de origem humana e animal em lugares onde sulcos profundos haviam cortado o solo das margens. Naturalmente poderia haver diversas explicações para essas coisas nos fundos de uma fazenda de gado em um local onde antigos cemitérios indígenas eram comuns, mas Weeden e Smith tiraram suas próprias conclusões.

Em janeiro de 1770, quando Weeden e Smith ainda discutiam em vão o que pensar ou fazer a respeito de toda a perturbadora situação, deu-se o incidente com o *Fortaleza.* Exasperados pelo incêndio que acometeu a chalupa da receita *Liberty,* ocorrido em Newport durante o verão anterior, a esquadra alfandegária

comandada pelo almirante Wallace adotara uma vigilância mais severa no que dizia respeito a embarcações desconhecidas; e nessa ocasião a escuna armada *Cygnet*, pertencente a Vossa Majestade e comandada pelo capitão Charles Leslie, capturou após uma breve perseguição a barca *Fortaleza*, de Barcelona, Espanha, que segundo o registro de bordo viera desde o Cairo, no Egito, até Providence sob o comando do cap. Manuel Arruda. Ao ser passado em revista em função de possíveis contrabandos, o navio fez a surpreendente revelação de que a carga transportada consistia exclusivamente de múmias egípcias, consignadas ao "Marinheiro *a*. *b*. *c*.", que receberia os bens em uma balsa em local próximo a Namquit Point e cuja identidade o cap. Arruda sentia-se na obrigação moral de preservar. O Tribunal do Vice-Almirantado em Newport, sem saber o que fazer levando em conta por um lado a natureza não contrabandeada da carga e por outro lado o sigilo da entrada ilegal, aceitou a recomendação do coletor Robinson de liberar o barco mas impedir que aportasse nas águas de Rhode Island. Mais tarde surgiram rumores de que o navio teria sido avistado na Baía de Boston, embora nunca tenha entrado abertamente no porto do vilarejo.

O extraordinário incidente atraiu muita atenção em Providence, e eram poucos os que duvidavam da existência de alguma ligação entre a carga de múmias e o sinistro Joseph Curwen. Sendo as pesquisas exóticas e as estranhas importações químicas assuntos de conhecimento público, e a preferência de Curwen por cemitérios uma suspeita comum, não seria preciso muita imaginação para associá-lo a um carregamento que não poderia ter por destinatário qualquer outro habitante do vilarejo. Como se estivesse ciente dessa crença natural, Curwen teve o cuidado de falar em várias ocasiões sobre a relevância química dos bálsamos encontrados nas múmias, imaginando talvez que dessa forma o assunto poderia ganhar ares menos sobrenaturais, porém mesmo assim evitando admitir qualquer tipo de participação. Weeden e Smith, é claro, não tinham nenhuma dúvida quanto à importância do assunto, e cogitavam as mais desvairadas teorias a respeito de Curwen e dos monstruosos trabalhos que executava.

A primavera seguinte, como a do ano anterior, trouxe pesadas chuvas; e os observadores investigaram de perto as margens do rio atrás da fazenda de Curwen. Grande parte do terreno sofreu erosão, e um certo número de ossos foi descoberto; mas não houve nenhum vislumbre de câmaras ou de galerias subterrâneas. No entanto, surgiram rumores no vilarejo de Pawtuxet, cerca de um quilômetro e meio mais abaixo, onde as águas do rio despencam em cachoeiras acima de um terraço rochoso e juntam-se em uma plácida enseada rodeada de terra. Lá, onde pitorescas casas antigas escalavam a colina desde a ponte rústica e sumacas de pesca dormitavam nas sonolentas docas enquanto portavam pela âncora, correu um vago relato sobre coisas que flutuavam rio abaixo e revelavam-se por um instante quando despencavam das cachoeiras. Como sabemos, o

Pawtuxet é um rio comprido que serpenteia em meio a várias regiões habitadas repletas de cemitérios, e sabemos que as chuvas de primavera tinham sido fortes; mas os pescadores que moravam ao redor da ponte não gostaram nem um pouco da forma como uma dessas coisas olhou ao redor enquanto caía até as águas lá embaixo, nem da forma como outra gritou, embora as condições em que se encontrava apresentassem uma grotesca divergência em relação às circunstâncias de todas as coisas em geral capazes de gritar. O rumor levou Smith — pois Weeden estava em alto-mar — a apressar-se rumo às margens do rio atrás da fazenda, onde havia fartas evidências de um enorme desabamento. Não havia, entretanto, qualquer indício de uma passagem rumo ao interior da margem talhada a pique, uma vez que a diminuta avalanche tinha deixado para trás uma sólida muralha de terra e de arbustos. Smith chegou a arriscar escavações preliminares, mas foi desencorajado pela ausência de sucesso — ou talvez pelo medo de um possível sucesso. Seria interessante cogitar o que o vingativo e persistente Weeden teria feito se estivesse em terra durante esse período.

4.

No outono de 1770 Weeden decidiu que havia chegado a hora de contar a outros sobre as descobertas que havia feito, pois reunira um grande número de fatos correlacionados e uma segunda testemunha ocular capaz de refutar as possíveis acusações de que a inveja e a vingança teriam engendrado um desvario. Escolheu como primeiro confidente o cap. James Mathewson do *Enterprise*, que por um lado conhecia-o bem o suficiente para não duvidar da veracidade da história, e por outro lado tinha influência suficiente na cidade para que o ouvissem com a devida consideração. O colóquio deu-se próximo às docas, em um dos quartos no segundo andar da Sabin’s Tavern, com Smith presente a fim de corroborar cada declaração, e sem dúvida causou uma forte impressão sobre o cap. Mathewson. Como todos os outros na cidade, o capitão tinha nutrido as mais negras suspeitas acerca de Joseph Curwen, e por esse motivo necessitou apenas da confirmação e da ampliação de dados para convencer-se de uma vez por todas. No final da conferência o capitão adotou uma expressão de gravidade extrema, e solicitou o mais estrito silêncio aos dois jovens. Segundo informou, transmitiria a informação separadamente para cerca de dez homens escolhidos entre os mais eruditos e prestigiosos cidadãos de Providence a fim de averiguar as opiniões que pudessem manifestar em relação ao assunto e de seguir quaisquer conselhos que tivessem a oferecer. A discrição seria essencial para a empreitada, pois o assunto não poderia ser assumido pelos condestáveis ou pela milícia do vilarejo; e acima de tudo a turba deveria ser mantida na mais absoluta ignorância, para que em meio a todas a essas atribulações não se corresse o risco de repetir o terrível

pânico ocorrido em Salém que menos de um século atrás levara Curwen até a cidade.

As pessoas a serem avisadas, segundo acreditava, seriam o dr. Benjamin West, cujo panfleto sobre o trânsito recente de Vênus havia-o consagrado como acadêmico e pensador; o rev. James Manning, recém-chegado Presidente da Universidade e hóspede temporário da escola na King Street enquanto aguardava o término da construção na colina acima da Presbyterian-Lane; o ex-governador Stephen Hopkins, que tinha sido membro da Sociedade Filosófica de Newport e era um homem de percepções muito amplas; John Carter, o editor da *Gazette;* os irmãos John, Joseph, Nicholas e Moses Brown, reconhecidos como os quatro magnatas locais, sendo que Joseph era também um cientista amador; o velho dr. Jabez Bowen, homem de erudição considerável e detentor de informações obtidas em primeira mão sobre as singulares compras de Curwen; e o cap. Abraham Whipple, um corsário de energia e coragem extraordinárias com quem se poderia contar para a tomada de quaisquer medidas necessárias. Estes homens, caso fossem todos favoráveis, poderiam ser reunidos em uma deliberação coletiva; e assim teriam por responsabilidade dar o veredito sobre informar ou não o Governador da Colônia, Joseph Wanton de Newport, antes de partir para a ação.

A missão do cap. Mathewson obteve um êxito muito além das expectativas mais otimistas, pois, embora um ou dois confidentes tenham recebido o aspecto possivelmente sinistro da história de Weeden com certa dose de ceticismo, todos concordaram em que seria necessário tomar providências secretas e articuladas. Embora de maneira vaga, Curwen representava uma ameaça potencial para o bem-estar da cidade e da Colônia, e portanto devia ser eliminado a qualquer custo. No fim de dezembro de 1770 um grupo de eminentes habitantes do vilarejo reuniu-se na casa de Stephen Hopkins e debateu as medidas cabíveis. As anotações que Weeden havia entregado ao cap. Mathewson foram lidas com todo o cuidado; e solicitou-se que Weeden e Smith fizessem relatos e oferecessem mais detalhes. Um sentimento muito semelhante ao medo tomou conta da companhia antes que o encontro chegasse ao fim, embora esse medo fosse perpassado por uma determinação sinistra, expressa com perfeição pela bravata e pela ribombante imprecação proferida pelo cap. Whipple. Ninguém informaria o Governador porque um curso de ação fora da alçada da lei parecia necessário. Devido aos poderes ocultos de extensão ignorada que tinha à disposição, Curwen não podia ser instado a abandonar a cidade de maneira segura. Retalhações inomináveis podiam vir à tona, e mesmo que a sinistra criatura obedecesse, a remoção não seria mais do que a transferência de um fardo blasfemo para outra localidade. Vivia-se em uma época sem lei, e homens que haviam zombado das forças do Rei por anos a fio não hesitariam diante de coisas mais graves quando o dever chamasse. Curwen seria surpreendido na fazenda de Pawtuxet por um

numeroso grupo de corsários experientes e receberia a oportunidade de se explicar de uma vez por todas. Caso se revelasse um louco que se divertia com gritos e conversas imaginárias executadas em vozes diversas, seria devidamente trancafiado. Caso o resultado fosse mais grave, e caso os horrores subterrâneos de fato fossem reais, devia morrer junto com todo o restante. Tudo poderia ser feito com discrição, e sequer a viúva e o pai da viúva saberiam o que de fato aconteceu.

Enquanto essas medidas sérias eram discutidas, ocorreu na cidade um incidente tão horrível e tão inexplicável que por um determinado tempo não se falou em mais nada por quilômetros ao redor. Durante uma noite enluarada de janeiro, com uma grossa camada de neve sob os pés, ressoou por todo o rio e por toda a colina uma série de gritos que trouxe rostos sonolentos a todas as janelas; e os moradores próximos a Weybosset Point avistaram uma enorme coisa branca executando movimentos frenéticos ao longo do espaço aberto em frente ao Turk's Head Building. Cachorros latiam ao longe, mas o alarido cessou assim que o clamor da cidade desperta tornou-se audível. Grupos de homens com lanternas e mosquetes apressaram-se para ver o que estava acontecendo, mas não encontraram nada durante as buscas. Na manhã seguinte, contudo, um enorme corpanzil musculoso e desnudo foi encontrado em meio ao acúmulo de gelo ao redor dos píeres ao sul da Great Bridge, no ponto onde a Long Dock estendia-se em frente à destilaria Abbott; e a identidade desse objeto foi tema de inúmeras especulações e sussurros. Não eram tanto os jovens, mas os velhos que sussurravam; pois apenas nos patriarcas aquele semblante impassível com olhos arregalados e repletos de horror poderia fazer soar os acordes da memória. Com tremores a varar-lhes o corpo, trocaram murmúrios furtivos de espanto e temor, pois as rígidas e horrendas feições apresentavam uma semelhança tão espantosa que chegava às raias da identidade, e essa identidade dizia respeito a um homem falecido cinquenta anos atrás.

Ezra Weeden estava presente no momento da descoberta; e, ao recordar os latidos na noite anterior, percorreu a Weybosset Street e atravessou a Muddy Dock Bridge de onde o som havia chegado. Tinha um curioso sentimento de expectativa e não se surpreendeu quando, chegando ao limite do distrito habitado onde a rua juntava-se à Pawtuxet Road, encontrou rastros curiosos sobre a neve. O gigante nu fora perseguido por vários cães e homens que calçavam botas, e o rastro que os animais e os donos haviam deixado na volta pôde ser traçado sem nenhuma dificuldade. A caçada fora interrompida nos arredores do vilarejo. Weeden abriu um sorriso lúgubre e, à guisa de verificação perfunctória, seguiu as pegadas de volta à origem. Era a fazenda de Joseph Curwen em Pawtuxet, como havia imaginado; e o investigador desejou que o jardim estivesse em um estado de menor arruaça. Da maneira como estava, não poderia mostrar-se demasiado

curioso em plena luz do dia. O dr. Bowen, a quem Weeden prontamente ofereceu um relatório, encarregou-se de fazer a autópsia do estranho cadáver, e assim descobriu certas peculiaridades que o deixaram estupefato. O trato digestivo do homem parecia não ter sido usado jamais, e a pele como um todo apresentava uma textura rústica e mal-ajambrada para a qual seria difícil achar uma explicação. Impressionado pelo sussurros dos velhos, que mencionavam a semelhança do cadáver com o defunto ferreiro Daniel Green, cujo bisneto Aaron Hoppin era um supervisor de carga a serviço de Curwen, Weeden fez as perguntas de praxe até descobrir onde Green fora enterrado. Na mesma noite um grupo de dez homens visitou o North Burying Ground em frente a Herrenden's Lane para abrir uma sepultura. Encontraram-na vazia, precisamente como tinham antecipado.

Nesse meio-tempo o grupo tomou as providências necessárias para que se interceptasse a correspondência de Joseph Curwen, e pouco antes do incidente do corpo desnudo fora descoberta uma carta de Jedediah Orne, de Salém, que levou os cidadãos confederados a fazerem profundas reflexões. Partes dessa missiva, copiadas e preservadas nos arquivos privados da família Smith, onde Charles Ward a encontrou, diziam o seguinte:

> "Folgo em saber que continuaes as Investigaçoens dos Antigos Assumptos que encontraes pelo vosso Caminho, e não pensaes que Milhor tenha sido feito pelo sr. Hutchinson em Salem-Village. Decerto não houve Nada allem do maes vivo Horror no que H. invocou a partir Daquillo que conseguio obter apenas em Parte. Aquillo que mandastes não funcionou, seja porque tenha havido Falta de alguma Cousa, seja porque as Pallavras não estivessem correctas devido a minha Pronuncia ou a vossa Transcripçam. Estou sozinho e não sei maes o que fazer. Não detenho a Arte Chymica necessaria para accompanhar Borellus, e reconheço a minha Perplexidade diante do *vii*. Livro do Necronomicon que recomendastes. Contudo, gostaria de pedir que observasseis Aquillo que nos foi dicto a Respeito de attentar para as Invocaçoens, pois estaes ciente do que o sr. Mather escreveo no Magnalia de ———————— e bem podeis julgar a Veracidade do Horror relatado. Rogo-vos mais huma Vez que não invoqueis Nada que não possaes supprimir; com o que me refiro a Qualquer Hum que por sua Vez possa fazer outra Invocaçam contra vos, em Relaçam a qual vossos mais Poderosos Recursos mostrem-se vãos. Chamae os Fracos, posto que os Fortes talvez não se dignem a attender ao Chamado e, huma Vez invocados, podem commandar mais do que vos. Fui tomado pelo Horror ao ler que sabeis o que Ben Zariatnatmik guardava na Caixa de

> Ebano, pois bem imagino quem vos possa ter contado. Maes huma Vez, insisto em pedir que me escrevaes como Jedediah e não como Simon. Nessa Communidade hum Homem não pode viver por Tempo demasiado, e vos conheceis o Plano graças ao qual voltei como o meu Filho. Desejo que me comuniqueis o que o Homem Negro apprendeo com Sylvanus Cocidius na Catacumba sob a Muralha Romana e ficaria muito grato com o Emprestimo do Manuscprito que mencionastes."

Outra carta sem assinatura franqueada na Filadélfia provocou o mesmo sentimento, em especial devido à seguinte passagem:

> "Comprometto-me a observar o que pedis em Relaçam ao envio de Relatos somente atravez de vossas Naos, porem nem sempre posso saber ao certo o Momento de recebellos. Quanto ao Assumpto mencionado, rogo apenas maes huma Cousa; mas quero ter a Certeza de ter aprehendido correctamente o que dissestes. Afirmastes que nenhuma Parte deve faltar para a Obtençam dos milhores Resultados, porem vos mesmo deveis conhecer a Difficuldade de se obter essa Certeza. Parece hum grande Fardo e hum grande Risco levar a Caixa inteira, e no Vilarejo (ou seja, na St. Peter's, St. Paul's, St. Mary's ou Christ Church) este Transporte mal poderia ser realizado. No entanto, conheço as Imperfeiçoens daquelle que invoquei em Outubro ultimo, e sei quantos Especimes vivos fostes obrigado a empregar antes de encontrar o Methodo correcto no Anno de 1776; e portanto disponho-me a seguir vossos Conselhos em todos esse Assumptos. Aguardo com Impaciência o vosso Brigue, e indago a esse Respeito todos os Dias no Caes do sr. Kiddie."

Uma terceira carta suspeita estava escrita em um idioma e até mesmo em um alfabeto desconhecido. No diário de Smith, encontrado por Charles Ward, uma única combinação de caracteres encontra-se copiada repetidas vezes; os especialistas da Brown University declararam que o alfabeto deve ser amárico ou abissínio, embora não tenham reconhecido a palavra. Nenhuma dessas epístolas jamais foi entregue a Curwen, embora o desaparecimento de Jedediah Orne em Salém, conforme atestam os registros da época, demonstre que os homens de Providence tomaram a iniciativa necessária. A Sociedade Histórica da Pensilvânia também dispõe de algumas missivas curiosas recebidas pelo dr. Shippen relativas à presença de um personagem insalubre. No entanto, os passos mais decisivos permaneciam vagos, e é na reunião secreta entre marinheiros fiéis e conhecidos e velhos e leais corsários que se deu à noite, nos armazéns de Brown, que devemos

buscar os principais resultados das revelações de Weeden. Não restavam dúvidas de que havia um plano de campanha com o objetivo de obliterar todos os resquícios dos mistérios nefastos de Joseph Curwen.

Curwen, apesar de todas as precauções, deve ter percebido alguma coisa no ar, pois testemunhas relatam que a partir desse momento passou a ter a marca de uma grande preocupação estampada no semblante. O coche era visto a todas as horas do dia na cidade e na Pawtuxet Road, e aos poucos o homem abandonou a congenialidade forçada com que nos últimos tempos vinha tentando combater o preconceito do vilarejo. Os vizinhos mais próximos da fazenda — os Fenner — perceberam certa noite um grande facho de luz projetar-se rumo ao céu a partir de uma abertura no teto da misteriosa construção em pedra com as frestas elevadas à guisa de janelas; um acontecimento que não tardaram a relatar a John Brown em Providence. O sr. Brown assumira o cargo de líder executivo do seleto grupo dedicado à aniquilação de Curwen, e nessa condição informou aos Fenner que alguma providência seria tomada. Esse seria um passo necessário em função da impossibilidade de evitar que a família testemunhasse a invasão final; e o sr. Brown explicou a providência alegando que Curwen era um espião dos oficiais da alfândega em Newport, contra quem os punhos de todos os expedidores, comerciantes e fazendeiros de Providence estavam erguidos em segredo. Não se sabe se o artifício recebeu crédito da parte dos vizinhos que já haviam testemunhado inúmeros fenômenos estranhos; mas de qualquer forma os Fenner estavam dispostos a associar qualquer tipo de mal com um homem de hábitos tão estranhos. O sr. Brown pediu que vigiassem a propriedade rural de Curwen e que relatassem quaisquer incidentes ocorridos no local.

5.

A chance de que Curwen estivesse de guarda e tentando manobras fora do comum, sugerida pelo singular facho de luz, precipitou enfim a ação cuidadosamente orquestrada pelo grupo de graves cidadãos. Segundo o diário de Smith, uma companhia de cerca de cem homens encontrou-se às 22 horas na sexta-feira, 12 de abril de 1771, no grande salão da Thurston’s Tavern junto à Insígnia do Leão Dourado em Weybosset Point, do outro lado da ponte. Além do líder John Brown, encontravam-se presentes nesse grupo de homens célebres o dr. Bowen, com a maleta de instrumentos cirúrgicos, o presidente Manning, destituído da grande peruca (a maior de todas as Colônias) pela qual era conhecido, o Governador Hopkins, envolto em um manto escuro e acompanhado pelo irmão Esek, um desbravador dos mares convocado de última hora com a aprovação de todos os restantes, John Carter, o cap. Mathewson e o cap. Whipple, que seria o líder do grupo encarregado da invasão. Os homens deliberaram em um cômodo nos fundos da taverna, e por fim o cap. Whipple retornou ao grande salão

para dar as últimas instruções e solicitar os últimos juramentos de lealdade aos marujos presentes. Eleazar Smith estava com os líderes quando estes sentaram-se no cômodo de fundos à espera de Ezra Weeden, encarregado de vigiar Curwen a fim de avisar quando o coche deixasse a fazenda.

Por volta das 22h30 ouviu-se um forte estrondo na Great Bridge, seguido pelo som de um coche na rua lá fora; e a essa altura não havia necessidade de esperar por Weeden para saber que o condenado havia partido na última noite de feitiçaria profana. No momento seguinte, enquanto o coche se afastava com certo estrépito pela Muddy Dock Bridge, Weeden apareceu; e em silêncio os invasores assumiram uma formação militar na rua, tendo nos ombros os arcabuzes, mosquetes ou arpões baleeiros que traziam consigo. Weeden e Smith estavam junto com o grupo, e entre os cidadãos da assembleia deliberativa que haviam se disposto a desempenhar um papel ativo na operação estavam o cap. Whipple, na condição de líder, o cap. Esek Hopkins, John Carter, o presidente Manning, o cap. Mathewson e o dr. Bowen; e também Moses Brown, que havia aparecido na undécima hora a despeito da ausência na sessão preliminar na taverna. Todos esses homens livres e a centena de marujos puseram-se em marcha sem mais delongas, com uma expressão grave e um pouco apreensiva enquanto deixavam Muddy Dock para trás e escalavam e suave inclinação da Broad Street em direção à Pawtuxet Road. Logo depois da igreja de Elder Snow, alguns dos homens olharam para trás e lançaram um olhar de despedida em direção a Providence, que se estendia sob as estrelas do início da primavera. Coruchéus e empenas se erguiam em silhuetas negras e graciosas, e brisas marítimas sopravam da enseada ao norte da ponte. Vega subia acima da grande colina na margem oposta, cujo pico verdejante era interrompido pelo telhado do prédio ainda inacabado da universidade. No pé da colina, e ao longo das estreitas ruelas que subiam a encosta, a velha cidade sonhava — a velha Providence, em nome de cuja segurança e sanidade uma blasfêmia monstruosa e colossal estava prestes a ser extinta.

Uma hora e quinze minutos mais tarde os invasores chegaram, como haviam combinado, à fazenda dos Fenner, onde ouviram o último relato sobre a vítima pretendida. Curwen havia chegado à fazenda mais de uma hora atrás, e logo a seguir o estranho facho de luz fora mais uma vez avistado no céu, embora não houvesse luz em nenhuma das janelas visíveis. Nos últimos tempos era sempre assim. No instante mesmo em que a notícia era relatada, mais um grande clarão ergueu-se em direção ao sul, e os homens do grupo perceberam que de fato haviam chegado próximo ao palco de portentos inacreditáveis e sobrenaturais. Nesse instante o cap. Whipple ordenou que o grupo fosse separado em três divisões; uma, formada por vinte homens e comandada por Eleazar Smith, foi encarregada de cruzar a margem e proteger o local da aportagem contra possíveis

reforços mandados por Curwen até que um mensageiro a chamasse de volta para executar um serviço desesperado; a segunda, formada por vinte homens e comandada pelo cap. Esek Hopkins, foi encarregada de se esgueirar até o vale atrás da fazenda de Curwen e demolir com machados ou pólvora a porta de carvalho na margem elevada; e a terceira foi encarregada de cercar a casa e as construções adjacentes. Um terço dessa última divisão seria liderado pelo cap. Mathewson em uma incursão até o críptico edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas; outro terço seguiria o cap. Whipple até a casa principal, e o terço restante permaneceria disposto em um círculo ao redor de todo o grupo de construções até que fosse chamado pelo derradeiro sinal de emergência.

O grupo do rio arrombaria a porta da encosta ao ouvir o primeiro sopro de um apito, e a seguir permaneceria de tocaia a fim de capturar o que quer que pudesse sair das regiões subterrâneas. Ao som do segundo sopro de apito, o grupo avançaria pela brecha a fim de enfrentar o inimigo ou juntar-se ao restante do contingente invasor. O grupo da construção de pedra receberia os respectivos sinais de maneira análoga, forçando a entrada no primeiro e, no segundo, descendo por qualquer passagem subterrânea que pudesse ser descoberta a fim de juntar-se ao combate geral ou local que deveria eclodir no interior das cavernas. Um terceiro sinal de emergência, que consistia de três sopros de apito, serviria para convocar a reserva que estaria de guarda, composta por vinte homens que se dividiriam e adentrariam as profundezas desconhecidas tanto através da fazenda como também pela construção de pedra. A crença do cap. Whipple na existência das catacumbas era absoluta, e portanto não havia outra alternativa contemplada nos planos. O capitão tinha consigo um apito de som estridente e altissonante, e não temia nenhum mal-entendido em relação aos sinais. A reserva final no local da aportagem, claro, estava quase além do alcance do instrumento; e por esse motivo dependeria de um mensageiro caso fosse necessária. Moses Brown e John Carter foram com o cap. Hopkins até a margem do rio, enquanto o presidente Manning seguiu com o cap. Mathewson rumo à construção de pedra. O dr. Bowen permaneceu com Ezra Weeden no grupo do cap. Whipple, encarregado de invadir a fazenda. O ataque começaria assim que o mensageiro do cap. Hopkins se juntasse ao cap. Whipple e anunciasse que o grupo do rio estava de prontidão. O líder então faria soar o primeiro apito, e os vários grupos lançariam ataques simultâneos nos três locais. Pouco antes da uma hora da manhã as três divisões saíram da casa dos Fenner; um destinado a defender o local da aportagem, outro a buscar o vale e a porta na encosta e o terceiro a subdividir-se e vigiar as construções na propriedade de Curwen.

Eleazar Smith, que acompanhava o grupo encarregado de defender a margem, registrou no diário uma marcha sem nenhum contratempo e uma longa espera no outeiro junto à baía, interrompido uma vez pelo que parecia ser o som

distante do apito sinalizador e depois por uma mistura peculiar de gritos e urros abafados com uma explosão de pólvora que parecia ter vindo da mesma direção. Mais tarde um dos homens imaginou ter ouvido tiros ao longe, e ainda mais tarde o próprio Smith sentiu a reverberação de palavras titânicas e tonitruantes que ressoaram pelo ar. Pouco antes do amanhecer um mensageiro solitário e exausto com o olhar desvairado e um pavoroso e desconhecido odor a trescalar das roupas apareceu e insistiu em pedir que o destacamento se dispersasse em silêncio, voltasse para casa e nunca mais pensasse ou falasse sobre os acontecimentos daquela noite ou sobre aquele que tinha sido Joseph Curwen. Alguma coisa na maneira como o mensageiro se portava transmitiu uma convicção mais profunda do que as palavras seriam capazes de fazer, pois, embora fosse um marinheiro conhecido por vários dos homens presentes, notou-se uma perda ou um ganho de dimensões sombrias na alma do pobre homem, que a partir de então seria eternamente um pária. O mesmo tornou a acontecer mais tarde quando encontraram velhos companheiros que haviam adentrado aquela região de horror. A maioria havia sofrido uma perda ou um ganho imponderável e indescritível. Tinham visto ou ouvido ou sentido coisas que não se destinavam às criaturas humanas, e portanto jamais poderiam esquecer. Esses homens jamais contaram histórias, pois existem barreiras terríveis até mesmo para os mais comezinhos instintos mortais. E por conta desse mensageiro solitário o grupo da margem foi tomado por um espanto inefável que por pouco não selou os lábios de todos. Os rumores aventados por qualquer um dos homens são parcos, e o diário de Eleazar Smith é o único registro escrito remanescente de toda a expedição que partiu da Insígnia do Leão Dourado sob a luz das estrelas.

Charles Ward, no entanto, descobriu um detalhe vago e interessante em uma correspondência dos Fenner encontrada em New London, onde sabia que outra parte da família tinha vivido. Parece que os Fenner, de cuja residência avistava-se à distância a fazenda condenada, tinham observado o avanço das colunas de invasores; e ouviram claramente os latidos furiosos dos cachorros de Curwen, seguidos pelo estridente sinal que precipitou o ataque. Esse sinal foi seguido por uma repetição do grande facho de luz na construção de pedra, e em outro momento, após o sinal de duas breves notas que deu a ordem para a invasão geral, ouviu-se um rumor abafado de mosquetes seguido por um rugido horrendo, que o correspondente Luke Fenner representou na epístola mediante o emprego dos caracteres *“Waaaahrrrrr — R’waaahrr”*. Esse grito, no entanto, revestia-se de uma qualidade que não se deixava representar pela mera escrita, e o correspondente afirma ter visto a própria mãe desfalecer ao ouvir o som. Mais tarde, repetiu-se com menos intensidade, e a seguir vieram outros indícios ainda mais abafados de disparos, seguidos por uma explosão de pólvora na direção do rio. Cerca de uma hora mais tarde os cachorros puseram-se todos a latir

freneticamente, e o chão sofreu abalos capazes de fazer os castiçais balançarem no consolo da lareira. Havia um forte odor de enxofre; e o pai de Luke Fenner declarou ter escutado o terceiro sinal de emergência, mesmo que os outros não tenham percebido nada. Logo vieram mais sons abafados de mosquetes, seguidos por um grito menos estridente mas ainda mais horrível do que aquele que o havia precedido; uma espécie de tossido ou gorgolejo plástico e gutural, cuja definição como grito deveu-se mais à continuidade e ao impacto psicológico que causou do que propriamente à configuração acústica.

Então a coisa em chamas surgiu no ponto exato onde devia estar a fazenda de Curwen, e ouviram-se os gritos humanos de homens tomados pelo horror e pelo desespero. Os mosquetes dispararam em meio a clarões e estampidos, e a coisa flamejante caiu ao chão. Logo uma segunda coisa flamejante apareceu, e um berro de origem claramente humana fez-se ouvir. Fenner relatou ter conseguido distinguir algumas palavras vomitadas em meio ao frenesi: “Todo-Poderoso, protege o teu cordeiro!” A seguir vieram mais tiros, e a segunda coisa flamejante tombou. Fez-se então um silêncio de cerca de quarenta e cinco minutos, e ao fim desse intervalo o pequeno Arthur Fenner, irmão de Luke, afirmou aos gritos ter visto uma “névoa vermelha” deixar a amaldiçoada fazenda ao longe para se alçar rumo às estrelas. Não existe nenhuma outra testemunha do fenômeno além do menino, mas Luke reconhece que esse momento coincidiu com o pânico e o desespero quase convulsivo que no mesmo instante levou os três gatos no recinto a arquear as costas e eriçar os pelos.

Cinco minutos depois um vento gélido soprou, e a atmosfera foi impregnada por um fedor insuportável que apenas o intenso frescor do oceano poderia ter impedido de chegar até o grupo da margem ou a qualquer outra alma desperta no vilarejo de Pawtuxet. Esse fedor jamais fora percebido por qualquer um dos Fenner, e produziu uma espécie de medo amorfo e paralisante muito além daquele provocado pelo túmulo ou pelo ossuário. Logo a seguir veio a terrível voz que nenhuma das desafortunadas testemunhas jamais poderá esquecer. Ribombou pelo céu como uma maldição, e as janelas estremeceram à medida que os ecos se dissipavam. Era uma voz grave e musical; poderosa como as notas graves de um órgão, porém maléfica como os livros proscritos dos árabes. O que disse, ninguém saberia dizer, pois falou em uma língua desconhecida; mas eis as palavras que Luke Fenner consignou à escrita a fim de retratar as invocações demoníacas: “*deesmees — jesmet — bonk dosefe duvema — enitemoss*”. Até o ano de 1919 não houve ninguém capaz de relacionar essa transcrição a qualquer outro conhecimento mortal, porém Charles Ward empalideceu ao reconhecer o que Mirandola denunciara em meio a tremores como sendo o horror supremo dentre todos os feitiços da magia negra.

Um grito inconfundivelmente humano ou um brado profundo repetido em coral pareceu responder a esse portento maligno na fazenda de Curwen, e a seguir o fedor desconhecido tornou-se mais complexo mediante o acréscimo de um novo odor em igual medida insuportável. No instante seguinte ecoou um uivo marcadamente distinto do grito, que permaneceu ululando em paroxismos ascendentes e descendentes. Às vezes tornava-se quase articulado, embora nenhuma testemunha tenha conseguido compreender palavras coerentes; e em certo ponto pareceu chegar às raias de uma gargalhada histérica e diabólica. Então um urro de terror supremo e absoluto somado à loucura consumada foi arrancado de vintenas de gargantas humanas — um urro ouvido de maneira clara e distinta apesar das profundezas de que devia ter emergido; e a seguir a escuridão e o silêncio envolveram tudo. Espirais de fumaça acre subiram e encobriram as estrelas, embora não se visse nenhuma chama e nenhuma construção estivesse desaparecida ou danificada no dia seguinte.

Próximo ao amanhecer, dois mensageiros assustados com os odores monstruosos e inidentificáveis que lhes saturavam as roupas bateram na porta dos Fenner e pediram um barril de rum, pelo qual pagaram uma soma considerável. Um deles contou à família que os assuntos relativos a Joseph Curwen haviam se encerrado, e que os acontecimentos daquela noite jamais deveriam ser mencionados outra vez. Por mais arrogante que parecesse a ordem, o aspecto de quem a proferiu afastou toda sorte de ressentimento e transmitiu uma autoridade terrível, de modo que apenas as furtivas cartas de Luke Fenner, que solicitou a um parente de Connecticut que as destruísse, restaram para contar a história do que foi visto e ouvido. Foi a relutância do parente em seguir essa instrução, graças à qual as cartas foram salvas, que impediu o assunto de cair em um misericordioso oblívio. Mas Charles Ward tinha um detalhe a acrescentar depois de longos questionamentos feitos aos residentes de Pawtuxet acerca das tradições ancestrais. O velho Charles Slocum, habitante do vilarejo, disse que o avô estava a par de um estranho rumor a respeito de um corpo distorcido e carbonizado que aparecera nos campos uma semana depois que a morte de Joseph Curwen veio a público. O que motivava os rumores era a ideia de que esse corpo, mesmo na situação retorcida e queimada em que se encontrava, não parecia nem humano nem relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet jamais tivessem visto ou lido a respeito.

6.

Nenhum dentre os homens que participaram da terrível invasão jamais pôde ser convencido a dizer uma única palavra a respeito do que aconteceu, e todos os fragmentos das vagas informações que sobreviveram vêm de fontes exteriores ao grupo que participou do derradeiro combate. Existe algo de assustador no cuidado

com que os invasores destruíram todos os fragmentos que pudessem fazer qualquer alusão ao assunto. Oito marinheiros haviam sido mortos, mas, embora os corpos jamais tenham sido entregues, as famílias pareceram dar-se por satisfeitas com a explicação de que houvera um conflito com os oficiais da alfândega. O mesmo tratamento foi dispensado aos numerosos casos de ferimentos, todos limpos e tratados apenas pelo dr. Jabez Bowen, que tinha acompanhado o grupo. O mais difícil de explicar, no entanto, era o fedor inefável que tresandava de todos os invasores — um assunto que foi discutido por semanas. Dentre os líderes dos cidadãos, o cap. Whipple e Moses Brown sofreram os ferimentos mais graves, e as cartas das respectivas esposas oferecem um testemunho da reticência e da discrição com que as bandagens eram tratadas. Em termos psicológicos, todos os participantes sentiam-se mais velhos, mais sóbrios e mais abalados. Por sorte eram todos robustos homens de ação e religionários simples e ortodoxos, pois com uma disposição maior à introspecção sutil e à complexidade mental o resultado teria sido desastroso. O presidente Manning era o mais perturbado; mas, como os outros, conseguiu vencer a sombra mais obscura e sufocar as lembranças nas orações. Todos os líderes tiveram papéis importantes a desempenhar nos anos vindouros, e pode ser que tenha sido melhor assim. Pouco mais de um ano depois o cap. Whipple liderou a turba que incendiou o navio da receita *Gaspee*, e nesse ato de coragem podemos notar um passo em direção ao apagamento das imagens deletérias.

À viúva de Joseph Curwen foi entregue um caixão de chumbo de estranho formato, com certeza disponível no momento necessário, e dito que o corpo do marido se encontrava lá dentro. Segundo a explicação oferecida, Curwen tinha sido morto em uma batalha política a respeito da qual mais detalhes não seriam oferecidos. Mais não se falou sobre o fim de Joseph Curwen, e Charles Ward dispunha de uma única pista para elaborar um teoria. A pista consistia apenas em uma vaga sugestão — a linha trêmula que sublinhava uma passagem na carta interceptada de Jedediah Orne para Curwen, copiada em parte na caligrafia de Ezra Weeden. A cópia estava em posse dos descendentes de Smith; e assim nos resta decidir se Weeden a entregou ao companheiro após o fim, como uma pista tácita a respeito da anormalidade que havia ocorrido, ou se, como parece mais provável, Smith já dispunha da cópia e apenas sublinhou a passagem com base nas informações que conseguiu arrancar do amigo à base de conjecturas sagazes e habilidosos questionamentos. A passagem sublinhada consiste apenas no que segue:

> *“Rogo-vos mais huma Vez que não invoqueis Nada que não possaes supprimir; com o que me refiro a Qualquer Hum que por sua Vez possa fazer outra Invocaçam contra vos, em Relaçam a qual vossos mais*

Poderosos Recursos mostrem-se vãos. Chamai os Fracos, posto que os Fortes talvez não se dignem a attender ao Chamado e, huma vez invocados, podem commandar mais do que vos.”

À luz dessa passagem, e depois de refletir sobre os últimos aliados que um homem derrotado poderia tentar invocar na mais extrema necessidade, Charles Ward pode muito bem ter se perguntado se algum morador de Providence teria matado Joseph Curwen.

A supressão deliberada de todas as memórias do morto na vida e nos anais de Providence recebeu amplo incentivo graças à influência dos líderes da invasão. A princípio nenhum dos homens pretendia levar a cabo um projeto muito abrangente, e assim permitiram que a viúva e a filha permanecessem alheias à situação real; mas o cap. Tillinghast era um homem perspicaz que logo descobriu rumores suficientes para acirrar o horror e levá-lo a pedir que a filha e a neta trocassem de nome, queimassem a biblioteca e todos os papéis remanescentes e apagassem a inscrição entalhada na lápide de Joseph Curwen. Conhecia bem o cap. Whipple e provavelmente obteve mais pistas desse marinheiro sincero do que qualquer outra pessoa jamais conseguiu em relação ao fim do feiticeiro maldito.

A partir de então a obliteração da memória de Curwen tornou-se cada vez mais sistemática, e por fim estendeu-se, de comum acordo, aos registros da cidade e aos arquivos da *Gazette*. Poderia ser comparada em espírito somente ao silêncio que pairou sobre o nome de Oscar Wilde na década seguinte à desgraça do irlandês, e em extensão somente ao destino do pecaminoso Rei de Runazar no conto de Lord Dunsany, que pela vontade dos Deuses precisou não apenas deixar de existir, mas deixar de um dia ter existido.

A sra. Tillinghast, como ficou conhecida a viúva de 1772 em diante, vendeu a casa em Olney Court e passou a morar com o pai em Power’s Lane até morrer no ano de 1817. A fazenda em Pawtuxet, temida por todas as pessoas da região, permaneceu abandonada ao longo dos anos, e parecia degradar-se com uma rapidez inexplicável. Em 1780 somente as pedras e os tijolos permaneciam de pé, e em 1800 tudo se reduzira a montes de entulho. Ninguém se aventurava a penetrar o denso matagal à margem do rio que devia ocultar a porta na encosta, e tampouco se dispôs a estabelecer uma imagem bem-definida das cenas em meio às quais Joseph Curwen abandonou os horrores que havia perpetrado.

Apenas o robusto cap. Whipple às vezes balbuciava como que para si mesmo na presença de ouvintes atentos, “Que se dane aquele ————, mas ele não tinha o direito de rir enquanto gritava. Foi como se o ———— tivesse alguma carta na manga. Por meia coroa eu queimaria aquela casa.”

III — Uma busca e uma evocação

1.

Charles Ward, como sabemos, descobriu em 1918 que era descendente de Joseph Curwen. Não causa nenhum espanto o profundo interesse que desenvolveu por tudo o que dizia respeito a esse mistério de um tempo passado; pois cada rumor vago que ouvira a respeito de Curwen passou a ser algo vital para si, uma vez que o sangue de Curwen corria em suas veias. Nenhum genealogista espirituoso e imaginativo poderia ter feito outra coisa que não se lançar de imediato em uma ávida e sistemática coleta de dados relativos a Curwen.

Nos primeiros tempos não houve nenhuma tentativa de sigilo — motivo pelo qual o dr. Lyman hesita em situar a loucura do jovem em qualquer período anterior ao fim de 1919. Charles Ward discutia o assunto com a família — embora a ideia de ter um ancestral como Curwen não agradasse à mãe — e com os funcionários dos museus e das bibliotecas que visitava. Ao solicitar os arquivos pessoais das famílias que podiam tê-los, não fazia segredo do motivo da busca, e compartilhava do ceticismo irônico com que os relatos dos antigos diaristas e missivistas eram vistos. Muitas vezes expressava profundo espanto em relação ao que teria ocorrido um século e meio atrás naquela fazenda em Pawtuxet cuja localização esforçava-se em vão por encontrar, bem como em relação à natureza exata do que Joseph Curwen teria sido.

Quando encontrou o diário e os arquivos de Smith e descobriu a carta de Jedediah Orne, Charles Ward decidiu visitar Salém e fazer uma pesquisa sobre as primeiras atividades e ligações de Curwen na cidade, o que de fato ocorreu no feriado de Páscoa de 1919. No Essex Institute, que conhecera em outros passeios à glamorosa cidade antiga de empenas puritanas decrépitas e grandes concentrações de mansardas, Ward foi muito bem recebido, e além do mais encontrou um volume considerável de dados acerca de Curwen. Descobriu que o antepassado havia nascido em Salem-Village, hoje Danvers, a dez quilômetros da cidade no dia 18 de fevereiro (no antigo calendário juliano) de 1662–3; e que fugira para o mar aos quinze anos para voltar apenas nove anos mais tarde, com o sotaque, as roupas e os modos de um inglês nativo para estabelecer-se em Salém. Na época, Joseph Curwen tinha pouco contato com a família e passava a maior parte do tempo com os singulares livros que havia trazido da Europa e com os estranhos produtos químicos que chegavam em navios da Inglaterra, da França e da Holanda. Certas viagens ao interior atiçaram a curiosidade local, e mais tarde foram associadas em tom de lamento aos vagos rumores sobre as fogueiras avistadas à noite nas colinas.

Os únicos amigos próximos de Curwen haviam sido um certo Edward Hutchinson de Salem-Village e um certo Simon Orne de Salém. Era visto com frequência na companhia destes homens, sempre a falar sobre o Amherst College, e as visitas entre os amigos não eram raras. Hutchinson tinha uma casa na orla da floresta que era evitada pelos habitantes mais sensíveis em função dos sons que lá se ouviam à noite. Corriam boatos de que recebia estranhos visitantes, e as luzes vistas nas janelas não eram sempre da mesma cor. O conhecimento que detinha a respeito de pessoas falecidas muito tempo atrás e de acontecimentos havia muito esquecidos, em particular, era tido por insalubre; e desapareceu na época em que começou o pânico da bruxaria sem que nunca mais se tivessem notícias a seu respeito. Por volta dessa época Joseph Curwen também se afastou da cidade, mas o novo endereço em Providence logo veio a público. Simon Orne morou em Salém até 1720, quando a extraordinária capacidade de não sucumbir ao envelhecimento começou a chamar atenção. A seguir desapareceu, embora trinta anos mais tarde um homem de feições e porte idênticos, que se disse filho do desaparecido, tenha surgido para reivindicar as posses do pai. A reivindicação foi atendida em virtude da existência de documentos escritos com a caligrafia do próprio Simon Orne, e Jedediah Orne continuou morando em Salém até 1771, quando missivas enviadas por moradores de Providence ao rev. Thomas Barnard e a outras pessoas de renome culminaram no afastamento sigiloso rumo a um destino ignorado.

Certos documentos escritos por todos esses estranhos personagens, somados a outros acerca dos três, encontravam-se disponíveis no Essex Institute, no Fórum e no Registro de Títulos e Documentos, e incluíam não apenas trivialidades inofensivas como a escritura de terrenos e recibos de venda, mas também fragmentos furtivos de natureza mais provocadora. Havia quatro ou cinco alusões inconfundíveis aos três nos registros dos julgamentos de bruxaria; como, por exemplo, quando um certo Hepzibah Lawson afirmou, no dia dez de julho de 1692, no tribunal presidido pelo juiz Hathorne, que “Duas Vintenas de Bruxas e o Homem Negro tinhão por Habito reunir-se em Sigillo nos Bosques atraz da Casa do sr. Hutchinson”, ou quando um certo Amity How declarou, na sessão do dia 8 de agosto diante do juiz Gedney, que “O sr. G. B. (rev. George Burroughs) naquella Noute pos a Marca do Demonio em Bridget S., Jonathan A., *Simon O.*, Deliverance W., *Joseph C.*, Susan P. Mehitable C. e Deborah B.” Havia também um catálogo da impressionante biblioteca de Hutchinson, encontrado após o desaparecimento, e um manuscrito inacabado em sua caligrafia, vazado em uma cifra que ninguém fora capaz de ler. Ward solicitou uma cópia fotostática desse manuscrito e começou a trabalhar ocasionalmente na cifra assim que esta lhe foi entregue. Passado o agosto seguinte, o labor dedicado à cifra tornou-se intenso e febril, e a fala e a conduta de Ward davam motivos para crer que tivesse

encontrado uma solução antes de outubro ou novembro. Mesmo assim, o próprio Ward jamais revelou se obteve ou não sucesso.

Porém o material de interesse imediato era o que dizia respeito a Orne. Em pouco tempo Ward conseguiu determinar, por meio da identidade da caligrafia, o que já dava por certo em função da carta endereçada a Curwen — a saber, que Simon Orne e o suposto filho eram na verdade a mesma e única pessoa. Como Orne dissera ao correspondente, seria muito arriscado permanecer em Salém; a seguir recorreu a uma estada de trinta anos no exterior e não voltou mais para reivindicar as posses que tinha acumulado, a não ser como representante de uma geração posterior. Ao que tudo indicava, Orne havia tomado o cuidado de destruir a maior parte dessa correspondência, mas os cidadãos que participaram da ação em 1771 encontraram cartas e documentos que despertaram perplexidade. Havia fórmulas e diagramas crípticos na caligrafia de Orne e de outras pessoas, que Ward copiou minuciosamente ou mandou fotografar, e uma carta misteriosa ao extremo em uma quirografia que o investigador reconheceu como sendo de Joseph Curwen graças à absoluta identidade com a quirografia presente no Registro de Títulos e Documentos.

Essa carta de Curwen, embora não trouxesse nenhuma indicação de ano, com certeza não era a que havia suscitado a missiva confiscada; e, graças a evidências internas, Ward estabeleceu que não devia ter sido escrita muito depois de 1750. Talvez não seja despropositado reproduzir o texto na íntegra a fim de exemplificar o estilo de um homem cuja história foi tão obscura e tão terrível. O destinatário foi identificado como “Simon”, mas existe um risco (Ward não descobriu se feito por Curwen ou por Orne) que corta o nome de lado a lado.

> *Providence, primeiro de maio (Ut. vulgo)*
> IRMÃO — Meo muy vetusto e honrado Irmão, saudemos com o devido Respeito e com os milhores Votos Aquelle a quem servimos em nome de teu eterno Poder! Acabo de descobrir Aquillo que precisas saber acerca da Extremidade Ultima e do que fazer a Respeito desse Assumpto. Não me disponho a seguir-te em Decorrencia dos meus avançados Annos, pois que Providence não tem a Celleridade da Bahia para dar Caça as Cousas estranhas nem para levallas a Julgamento. Estou preso as Naos e as Mercadorias, e portanto não me encontro em Condiçoens de fazer como fizeste; ademais, sob minha Fazenda em Pawtuxet encontra-se Aquillo que tam bem conheces, e que não poderia aguardar meu Retorno como hum Outro.
> Todavia, não me encontro despreparado para os Revezes da Fortuna, como ja tive Occasiam de dizer-te, e ha Tempo dedico-me a encontrar hu’a Maneyra de retornar apos o Fim. Noute passada deparei-me com

as Pallavras que invocão *yogge-sothothe*, e então vi pela primeyra Vez o Semblante mencionado por Ibn Schacabao no ————————. E ELLE disse que o III. Psalmo do Liber-Damnatus encerra a Chave. Com o Sol na Casa e Saturno em Trigono, basta que desenhes o Pentagramma de Fogo e recites por tres Vezes o nono Verso. Sendo esse Verso repetido a cada Roodemas e a cada Dia das Bruxas, a Cousa ha multiplicar-se nas Espheras Sideraes.

E as Sementes de Tempos Ancestraes hão de engendrar hum Ser capaz de olhar para traz, embora desconheça Aquillo que procura.

Todavia, de Nada adianta caso não haja hum Herdeiro, ou se os Saes, ou ainda o Methodo para a Preparaçam dos Saes, não lhe estiver ao Alcance das Mãos; e admitto que não tomei as devidas Providencias nem descobri muita Cousa a esse Respeito. O Processo he muito difficil, e requer uma Quantidade tam grande de Especimes que tenho Difficuldade para os conseguir em Numero sufficiente, não obstante os Marinheiros que vierão das Indias. As Pessoas que moram aqui nas Proximidades começarão a se mostrar curiosas, muito embora eu as consiga manter affastadas. A Aristocracia he peor do que o Populacho, visto serem Gentes de Actos mais ponderados que desfrutão de maes Credibilidade nas Cousas que affirmão. Temo que o Parocho e o sr. Merritt possão ter dado Azo a certos Boatos, mas por enquanto não ha Perigo. As Substancias Chymicas são faceys de encontrar, huma vez que existem dous bons Pharmaceuticos no Vilarejo: o dr. Bowen e Samuel Carew. Estou a seguir os Passos indicados por Borellus, mas tambem busco Amparo no Livro VII. de Abdul Al-Hazred. O que quer que eu logre obter ha de ser teu. Nesse Meio-Tempo, não te esqueças de usar as Pallavras aqui indicadas. Estam todas correctas, mas se desejares um encontro com ELLE, emprega os Escriptos do ———————— que estou a enviar junto com este Pacote. Repete os versos sempre no Roodmas e no Dia das Bruxas; e, se não falhares na Sequencia, *ha de surgir nos Annos vindouros hu'a Força capaz de olhar para traz e usar os Saes ou as Cousas necessarias a Preparaçam dos Saes que lhe deixares.* Job 14. 14.

Folgo em saber que estas em Salem e espero ver-te dentro em pouco. Tenho hum excellente Alazão, e penso em comprar hum Coche, visto que já existe hum em Providence (pertencente ao sr. Merritt), muito embora as Estradas sejão ruins. Se estiveres disposto a embarcar numa Viagem, não deixa de communicar-me. De Boston, deves pegar a Post Rd. e atravessar Dedham, Wrentham e Attleborough, todos estes Vilarejos que offerecem boas Tavernas. Hospeda-te nos Apposentos do

sr. Bolcom, em Wrentham, onde os Leitos são maes confortaveis do que Aquelles offerecidos pelo sr. Hatch; mas faze as Refeiçoens na outra Casa, posto que o Cosinheiro delles he milhor. Toma a Estrada rumo a Providence junto as Cataractas de Pawtuxet, e entam a segue ate passar em frente a Taverna do sr. Sayles. Minha Casa fica defronte a Taverna do sr. Epenetus Olney, proximo a Town Street — he a primeira no Lado Norte de Olney's Court. A distancia approximada he de XLIV milhas desde o Marco de Boston. Do teu velho e sincero Amigo e Servidor em *Almousin-Metraton*,
JOSEPHUS C.
Para Simon Orne, William's-Lane, em Salem.

Por mais estranho que pareça, foi essa carta que revelou a Ward a localização exata da residência de Curwen em Providence, uma vez que nenhum dos registros encontrados até então trazia informações detalhadas. A descoberta foi ainda mais notável porque revelou ser a casa erigida por Curwen em 1761, no mesmo terreno da antiga residência, uma construção dilapidada que permanecia de pé em Olney Court e que Ward havia conhecido tempos atrás durante os passeios antiquários por Stamper's Hill. A bem da verdade, o local ficava a poucos quarteirões da residência de Ward, situada em um ponto mais elevado da colina, e na época servia de lar para uma família de negros muito estimados pelos serviços ocasionais de lavagem, limpeza e manutenção de fornalhas que ofereciam. Encontrar, na longínqua Salém, provas inesperadas da importância dessa espelunca familiar no histórico da própria família era um acontecimento não menos do que extraordinário; e assim Ward resolveu explorar o local imediatamente ao voltar. As passagens mais abstrusas da carta, interpretadas como parte de um simbolismo extravagante, deixaram-no de todo perplexo, embora tenha percebido com um frêmito de curiosidade que a passagem bíblica mencionada — Jó 14:14 — era o conhecido versículo, "Morrendo o homem, acaso tornará a viver? Todos os dias da minha lida esperaria eu, até que viesse a minha mudança."

2.

O jovem Ward voltou para casa com notável entusiasmo, e passou todo o sábado seguinte fazendo um longo e detalhado estudo da casa em Olney Court. O lugar, que começava a desabar em função da idade, nunca tinha sido uma mansão; mas era uma modesta casa de dois andares com sótão, telhado de duas águas, uma grande chaminé central e uma fachada repleta de entalhes, rematada por uma claraboia raiada, um frontão triangular e elegantes pilastras dóricas. A construção havia sofrido poucas alterações externas, e Ward sentiu que estava próximo de certos aspectos deveras sinistros da busca a que se havia lançado.

Os ocupantes negros eram conhecidos, e portanto o velho Asa e a robusta esposa Hannah receberam-no com modos corteses no interior da residência. A parte interna sofrera mais alterações do que o exterior levaria a crer, e Ward notou com pesar que metade dos ornatos acima do consolo, bem como os antigos entalhes conquiformes nos armários, haviam desaparecido, enquanto boa parte dos lambris e dos frisos estavam marcados, danificados e arrancados, ou simplesmente cobertos com papel de parede barato. Em geral, a pesquisa não trouxe os bons resultados que Ward havia esperado; porém mesmo assim era emocionante caminhar entre as paredes ancestrais que haviam dado abrigo a um homem medonho como Joseph Curwen. Ward percebeu com um surto de entusiasmo que um monograma fora cuidadosamente apagado da vetusta aldraba em latão.

Desse ponto até o fim dos estudos, Ward dedicou todo o tempo de que dispunha à cópia eletrostática da cifra de Hutchinson e ao acúmulo de dados locais a respeito de Curwen. A cifra permaneceu insolúvel; mas, no que diz respeito aos dados, Ward encontrou-os em tão vasta quantidade, e somados a tantas outras pistas sobre informações similares, que em julho estava com tudo pronto para fazer uma viagem a New London e a Nova York a fim de consultar as antigas correspondências cuja presença nesses locais estava indicada. A viagem foi extremamente frutuosa, pois rendeu-lhe as cartas de Fenner, com o terrível relato da invasão à fazenda em Pawtuxet, e as correspondências trocadas entre Nightingale e Talbot, graças às quais tomou conhecimento do retrato pintado em um painel na biblioteca de Curwen. O retrato despertou um interesse muito particular, uma vez que Ward tinha um profundo desejo de saber qual teria sido o aspecto de Joseph Curwen; e por esse motivo decidiu empreender uma segunda busca em Olney Court a fim de averiguar se não poderia haver resquícios do revestimento original por trás das camadas de tinta que descascavam ou dos embolorados papéis de parede.

A busca foi realizada no início de agosto, e Ward submeteu a um exame minucioso as paredes de todos os cômodos grandes o suficiente para que pudessem ter sido a biblioteca do malévolo construtor. Dispensou atenção especial aos grandes painéis acima dos consolos remanescentes, e foi tomado por um profundo entusiasmo cerca de uma hora mais tarde, quando a grande área que encimava a lareira de um espaçoso cômodo no térreo revelou, por baixo de várias camadas de tinta, uma área mais escura do que qualquer outra tinta ou madeira usada no interior da casa poderia ter sido. Depois de fazer alguns testes com uma faca de lâmina fina, Ward teve a certeza de que havia descoberto um retrato a óleo de grandes dimensões. Com o mais genuíno rigor acadêmico, o jovem furtou-se a assumir o risco de causar danos à pintura com uma tentativa imediata de revelar o retrato oculto mediante o uso da faca e deixou o local da descoberta em busca de ajuda especializada. Passados três dias, retornou com o sr. Walter C. Dwight, um artista experiente que trabalhava em um estúdio próximo ao sopé de College Hill; e o talentoso restaurador de pinturas pôs-se a trabalhar de imediato com os métodos e os reagentes químicos pertinentes. O velho Asa e a esposa demonstraram grande entusiasmo com a presença dos estranhos visitantes, e foram devidamente reembolsados por essa intrusão.

Quanto mais avançava o trabalho de restauro, mais interesse Charles Ward demonstrava em relação às linhas e sombras que aos poucos se revelavam ao cabo daquele longo oblívio. Dwight havia começado por baixo; e, como se tratava de um retrato de três quartos, o rosto não se revelou por algum tempo. Nesse ínterim descobriu-se que o modelo era um homem esbelto e de boa figura, que trajava um casaco azul-escuro, um colete bordado, um lenço de cetim preto e meias brancas de seda, que estava sentado em uma cadeira entalhada e que tinha ao fundo uma janela por onde se viam cais e navios. Quando enfim surgiu, a cabeça revelou uma peruca Albemarle e um semblante magro, calmo e discreto, que pareceu familiar tanto a Ward como ao meticuloso artista. Foi apenas quando o trabalho estava próximo ao fim, no entanto, que o restaurador e o cliente puderam demonstrar espanto perante os detalhes do rosto descarnado e pálido e reconhecer com uma nota de espanto o truque dramático executado pela hereditariedade. Pois foram necessários o último banho de óleo e o golpe final do delicado raspador para que fosse revelada por completo a expressão que os séculos haviam ocultado — e para que o estupefato Charles Dexter Ward, eterno habitante de épocas passadas, se defrontasse com as feições do próprio rosto no semblante do horrendo tataravô.

Ward levou os pais até a casa para que vissem o portento recém-descoberto, e no mesmo instante o pai resolveu comprar a pintura, ainda que esta tivesse por suporte um painel estacionário. A semelhança com o rapaz, a despeito da aparência de uma idade avançada ao extremo, não era menos do que espantosa; e

via-se que, por força de um furtivo truque do atavismo, os contornos físicos de Joseph Curwen haviam gerado uma réplica perfeita um século e meio depois. Não se percebeu nenhuma semelhança notável entre a sra. Ward e o antepassado, embora a mulher tivesse lembranças de parentes que apresentavam certas características faciais compartilhadas pelo filho e pelo finado Curwen. A sra. Ward não gostou da descoberta, e disse ao marido que seria melhor queimar a pintura em vez de levá-la para casa. Asseverou que havia algo de insalubre a respeito do retrato; não apenas no aspecto intrínseco, mas também na maneira como se assemelhava a Charles. O sr. Ward, no entanto, era um homem poderoso e pragmático — um fabricante de algodão com diversos moinhos em Riverpont, no Pawtuxet Valley —, e por esse motivo não deu ouvidos a esse escrúpulo feminino. A pintura impressionou-o deveras em virtude da semelhança com o filho, e assim decidiu que o garoto merecia ganhá-la de presente. Seria ocioso dizer que Charles apoiou efusivamente a opinião do pai; e poucos dias mais tarde o sr. Ward localizou o proprietário da casa — uma pessoa com dentes protuberantes como o dos roedores e com uma dicção gutural — e arrematou o consolo e o painel com ornatos que trazia o retrato por uma quantia peremptória que visava a poupá-lo de uma torrente de regateios untuosos.

Bastaria, portanto, remover o painel e transportá-lo até a casa dos Ward, onde já estavam sendo tomadas as devidas providências para que a obra fosse restaurada por completo e instalada ao pé de uma lareira elétrica no estúdio ou na biblioteca de Charles, no terceiro andar. Charles foi encarregado de supervisionar a remoção, e no dia 28 de agosto acompanhou dois trabalhadores especializados da firma de decoração Crooker até a casa em Olney Court, onde o consolo e o painel com ornatos, que fazia as vezes de suporte para o retrato, foram removidos com a cautela e a precisão necessárias para então serem colocados no caminhão da empresa. A remoção expôs parte da estrutura em alvenaria e revelou o percurso da chaminé, no qual o jovem Ward observou um recôndito cúbico com cerca de trinta centímetros de lado situado atrás do rosto do retrato. Curioso em relação ao que o espaço poderia significar ou conter, o jovem aproximou-se e olhou para dentro — e assim encontrou, sob grossas camadas de poeira e fuligem, certos papéis amarelados e avulsos, um volumoso e rústico caderno de caligrafia e alguns farrapos embolorados de material têxtil, que deviam ter servido para amarrar o pequeno fardo. Depois de soprar para longe o grosso da sujeira e das cinzas, tomou o caderno nas mãos e leu as opulentas letras inscritas na capa. Estas vinham escritas em uma caligrafia com que se havia familiarizado no Essex Institute, e apresentavam o volume como *“Diario e Appontamentos de Joseph Curwen, originario das Plantaçoens de Providence e actual Residente de Salem”*.

Tomado pelo entusiasmo da descoberta, Ward mostrou o livro para os dois curiosos trabalhadores que estavam na casa. O relato desses trabalhadores é

taxativo no que diz respeito à natureza e à veracidade do achado, e o sr. Willett usa-o para defender a hipótese de que o jovem Ward não estava louco quando deu início às grandes excentricidades. Os demais papéis também estavam todos escritos na caligrafia de Curwen, e um item em especial sugeriu um grande portento devido à seguinte inscrição: *"Para Aquelle que ha de vir depoes de mim, com Instrucçoens acerca do Methodo para a Transcendencia do Tempo & das Espheras"*. Outro consistia em uma cifra, e Ward torceu para que fosse a mesma empregada por Hutchinson e que até então o havia derrotado. Um terceiro, que levou o jovem antiquário a rejubilar-se, parecia ser uma chave para a cifra; enquanto o quarto e o quinto estavam destinados respectivamente "Ao Armigero Edward Hutchinson" e "Ao Senhor Jedediah Orne", "ou aos Herdeiros destes, ou a seus Representantes legaes." O sexto e último documento ostentava o título: *"A Vida e os Periplos de Joseph Curwen entre os Annos de 1678 e 1687: Contendo Mençoens aos Locaes aonde foi, aos Albergues onde se hospedou, as Pessoas que encontrou e as Cousas que apprendeu"*.

3.

Chegamos agora ao ponto exato que, segundo os círculos mais acadêmicos de alienistas, marca o início da loucura de Charles Ward. Imediatamente após a descoberta o rapaz examinou certas páginas do livro e dos manuscritos, e sem dúvida encontrou algo capaz de causar uma impressão profunda. A bem dizer, quando mostrou os títulos para os trabalhadores, o jovem Ward deu a impressão de que estava a tomar cuidados muito particulares a fim de ocultar o texto, e também de que sofria com uma grave perturbação que dificilmente se deixaria explicar pela importância antiquária e genealógica da descoberta. Ao retornar para casa, deu a notícia com um ar quase tímido, como se desejasse transmitir a ideia de uma importância absoluta sem ter de apresentar qualquer tipo de evidência. Sequer mostrou os títulos para os pais, limitando-se a mencionar a descoberta de alguns documentos na caligrafia de Joseph Curwen, “quase todos cifrados”, que teriam de ser estudados minuciosamente para que revelassem o verdadeiro significado. Parece improvável que fosse mostrar aos pais os objetos antes exibidos aos trabalhadores se não fosse a insistência despertada pela evidente curiosidade. Da maneira como foi, Charles Ward parece ter evitado qualquer demonstração de reticência que pudesse fomentar as discussões acerca do tema.

Naquela noite, permaneceu no quarto estudando o diário e os documentos encontrados, e não se interrompeu sequer quando o dia raiou. As refeições, depois de um pedido urgente feito à mãe quando bateu na porta para ver se havia algo de errado com o filho, passaram a ser mandadas para o quarto; somente à tarde o rapaz fez uma breve aparição enquanto os trabalhadores instalavam o retrato e o consolo de Curwen no interior do estúdio. A noite seguinte foi marcada por breves sonecas com as roupas ainda no corpo, tiradas entre as longas horas de esforços frenéticos dedicadas à solução do manuscrito cifrado. Pela manhã a sra. Ward encontrou o filho às voltas com a cópia fotostática da cifra de Hutchinson, que já tinha visto em mais de uma oportunidade; porém, em resposta à pergunta feita pela mãe, Charles Ward afirmou que a chave de Curwen não podia ser usada para decifrá-la. À tarde, deixou de lado o trabalho e observou fascinado o término da instalação do retrato acima de uma lareira elétrica com um aspecto quase real, quando a falsa lareira e o painel com ornatos foram afastados da parede norte, como que para dar espaço a uma chaminé, e aos vãos laterais, cobertos por lambris idênticos aos que revestiam as paredes. O painel frontal em que o retrato se encontrava pintado foi serrado e guarnecido com dobradiças para que o espaço atrás da pintura fosse usado como armário. Depois que os instaladores foram embora, Ward levou o trabalho para o estúdio e sentou-se defronte aos papéis,

com olhar fixo em parte na cifra e em parte no retrato que o encarava de volta como se fosse um espelho capaz de envelhecê-lo e de evocar os séculos passados.

Os pais, ao relembrar a conduta do filho por volta dessa época, oferecem detalhes interessantes sobre a política de sigilo adotada pelo rapaz. Diante dos criados, Charles Ward escondia todo e qualquer documento que porventura estivesse analisando, pois supunha corretamente que a quirografia rebuscada e arcaica de Curwen seria demais para essas pessoas. Com os pais, no entanto, era mais circunspecto; e, a não ser que o manuscrito em questão fosse uma cifra, ou um simples amontoado de símbolos crípticos e ideogramas desconhecidos (como o documento intitulado "*Para Aquelle que ha de vir depoes de mim* etc." parecia ser), tratava sempre de ocultá-lo com outro papel qualquer até que o visitante houvesse partido. À noite os documentos eram guardados a sete chaves em uma antiga escrivaninha, onde Ward também os guardava sempre que saía do quarto. O rapaz não tardou a voltar para a rotina e os horários de sempre, mas parecia ter perdido todo o interesse nas longas caminhadas e em outras atividades ao ar livre. A abertura da escola, onde começara o último ano de estudos, parecia ser um enorme aborrecimento; e o jovem muitas vezes dizia que jamais se preocuparia em entrar para a universidade. Segundo afirmava, tinha interesse em conduzir investigações um tanto particulares, capazes de abrir vias de acesso ao conhecimento e às humanidades que nenhuma universidade poderia oferecer.

Naturalmente, uma pessoa de caráter mais ou menos estudioso, excêntrico e solitário poderia ter mantido esses hábitos por vários dias sem chamar atenção. Ward, no entanto, era um acadêmico e um eremita por definição; e por esse motivo os pais mostraram-se mais chateados do que surpresos ao perceber o isolamento e o sigilo adotados pelo filho. Ao mesmo tempo, tanto o pai como a mãe estranharam a relutância de Charles a mostrar qualquer fragmento do baú do tesouro, bem como a oferecer qualquer tipo de relato acerca das informações decifradas. A reticência foi explicada mediante recurso a um desejo de esperar até que pudesse oferecer um relato coeso, mas após semanas inteiras sem nenhuma revelação, surgiu entre o jovem e a família uma sensação de constrangimento, tornada ainda mais intensa aos olhos da mãe em decorrência da desaprovação explícita em relação a toda e qualquer pesquisa relativa a Curwen.

Em outubro Ward tornou a visitar as bibliotecas, porém não mais em busca dos temas antiquários de outrora. A bruxaria e a magia, o ocultismo e a demonologia passaram a ser os objetos das pesquisas; e quando as fontes em Providence mostravam-se infrutíferas, tomava um trem rumo a Boston para ter acesso à fortuna de informações na grande biblioteca de Copley Square, na Widener Library em Harvard ou na Zion Research Library em Brookline, onde se encontram certas obras raras sobre temas bíblicos. Comprou um grande número de livros e mandou instalar um novo conjunto de prateleiras no estúdio para

guardar os volumes recém-adquiridos sobre esses estranhos assuntos; e, durante o feriado de Natal, empreendeu uma série de viagens para fora da cidade, que incluiu uma visita a certos arquivos do Essex Institute.

Em meados de janeiro de 1920, o porte de Ward pareceu revestir-se de um inexplicável elemento de triunfo, e o jovem não foi mais visto a trabalhar na cifra de Hutchinson. No entanto, adotou uma dupla política de pesquisas químicas e análise de registros, que resultou na instalação de um laboratório no espaço ocioso no sótão da casa e em uma busca minuciosa por todos os arquivos de estatísticas vitais em Providence. Os vendedores de medicamentos e de suprimentos científicos questionados mais tarde apresentaram catálogos deveras estranhos e desprovidos de sentido com listas das substâncias e dos instrumentos adquiridos; porém os burocratas do Capitólio, da Prefeitura e de várias bibliotecas todos concordam no que dizia respeito ao objeto do segundo interesse. Ward lançou-se em uma intensa e febril busca pelo túmulo de Joseph Curwen, cuja lápide tivera o nome sabiamente apagado por uma geração anterior.

Aos poucos, a convicção da família Ward de que havia algo errado ganhou força. Antes, Charles já tivera episódios de pequenos surtos e mudanças repentinas de interesse, mas o crescente sigilo e a extrema atenção dedicada a estranhas buscas era inquietante mesmo em um indivíduo sabidamente excêntrico. As tarefas escolares não passavam de um pretexto; e, embora não se saísse mal em nenhuma matéria, era visível que o antigo empenho havia desaparecido. Tinha outras preocupações; e, quando não estava no laboratório com uma vintena de tomos obsoletos sobre alquimia, debruçava-se sobre antigos registros de cemitérios no centro da cidade ou trancava-se com livros de ocultismo no estúdio, onde as surpreendentes feições de Joseph Curwen — que a cada dia pareciam mais similares às do sucessor distante — encaravam-no do painel na parede norte.

No fim de março, Ward complementou a busca pelos arquivos com um macabro esquema de perambulações em vários cemitérios antigos pela cidade. O motivo veio à tona apenas mais tarde, quando os burocratas da Prefeitura revelaram que provavelmente o jovem havia encontrado uma pista importante. A busca pelo túmulo de Joseph Curwen deu lugar à busca pelo túmulo de um certo Naphthali Field; e essa mudança foi explicada quando, ao revisar os documentos analisados por Ward, os investigadores encontraram um registro fragmentário do enterro de Curwen que havia escapado à obliteração generalizada, segundo o qual o caixão de chumbo tinha sido enterrado “dez Pez ao Sul e cinco Pez a Oeste do Jazigo de Naphthali Field em ——————”. A ausência de um maior detalhamento acerca do local do enterro complicou bastante as buscas, e o túmulo de Naphthali Field mostrou-se tão esquivo quanto o de Curwen; mas nesse caso não havia nenhum apagamento sistemático, e seria possível deparar-se com uma

lápide mesmo que os registros tivessem perecido. Eis, portanto, o motivo das perambulações — das quais os cemitérios da St. John's Church (antiga King's Church) e o antigo cemitério congregacional no meio do Swan Point Cemetery foram excluídos, uma vez que outras informações demonstravam que o único Naphthali Field (morto em 1729) a cujo túmulo se podia aludir tinha sido batista.

4.

Era quase maio quando o dr. Willett, a pedido do patriarca Ward e equipado com todos as informações sobre Curwen que a família tinha obtido de Charles no período anterior ao sigilo, tentou conversar com o rapaz. A entrevista teve pouca serventia e admitiu poucas conclusões, uma vez que durante o tempo inteiro Charles demonstrou ter pleno domínio das faculdades mentais e pareceu estar lidando com assuntos de suma importância; mas pelo menos o jovem viu-se obrigado a oferecer explicações racionais para o comportamento adotado. Ward, um tipo pálido e impassível que apenas raramente dava sinais de constrangimento, pareceu disposto a discutir as buscas, mas não a revelar o propósito a que serviam. Afirmou que os documentos do ancestral tinham revelado impressionantes segredos de um conhecimento científico incipiente, quase sempre cifrado, de uma abrangência comparável apenas às descobertas do Frade Bacon, embora pudessem ter importância ainda maior do que estas. No entanto, esse conhecimento não fazia sentido a não ser quando relacionado a todo um arcabouço de erudição totalmente obsoleto, de modo que uma apresentação imediata dos achados a um mundo que dispunha apenas da ciência moderna acabaria por roubar-lhe toda a magnitude e toda a importância dramática. Para que pudessem reivindicar o merecido destaque na história do pensamento humano, essas relações precisariam ser estabelecidas por uma pessoa familiarizada com o contexto em que haviam evoluído, e era a essa tarefa que Ward então se dedicava. Estava procurando adquirir o mais depressa possível todas as artes negligenciadas de outrora necessárias a uma interpretação adequada de todos os dados relativos a Curwen, e tinha a esperança de, no futuro, fazer uma revelação e uma apresentação completa de supremo interesse para a humanidade e para o mundo das ideias como um todo. Segundo afirmou, nem mesmo Einstein poderia trazer uma revolução mais profunda à atual concepção acerca das coisas.

Quanto às buscas nos cemitérios, cujo objeto foi assumido de pronto, embora sem nenhum comentário a respeito do progresso eventualmente feito, Ward afirmou ter motivos para crer que a lápide depredada de Joseph Curwen ostentasse certos símbolos místicos — entalhados a partir de instruções deixadas no testamento e por mero acaso ignoradas por aqueles que haviam apagado o nome — absolutamente essenciais para a solução final do críptico sistema. Segundo acreditava, Curwen teria guardado esse segredo com muito cuidado, distribuindo os dados de acordo com um método deveras curioso. Quando o dr. Willett pediu para ver os documentos místicos, Ward mostrou-se relutante e tentou desanimá-lo com as cópias fotostáticas da cifra de Hutchinson e das fórmulas e diagramas de Orne; mas por fim concordou em mostrar o exterior de

certos documentos relacionados a Curwen — como o *"Diario e Appontamentos"*, a cifra (com o título igualmente cifrado) e a mensagem repleta de fórmulas intitulada *"Para Aquelle que ha de vir depois de mim"* — e permitiu que o visitante examinasse o interior daqueles escritos em caracteres obscuros.

Também abriu o diário em uma página escolhida em função da inocuidade, e assim ofereceu a Willett um vislumbre da caligrafia cursiva de Curwen em inglês. O médico procedeu a um minucioso exame das letras rebuscadas e elaboradas e da aura setecentista que pairava ao redor da caligrafia e do estilo, apesar da sobrevivência do autor até o século dezoito, e logo concluiu tratar-se de um documento genuíno. O texto em si era relativamente trivial, e Willett recordava apenas de um breve fragmento:

> "Quarta-feira, dezasseis de Outubro de 1754. Minha Chalupa *The Wakeful* chegou hoje de Londres com XX novos Homens trazidos das Indias, Espanhoes de Martinica e dous Hollandezes de Suriname. Os Hollandezes encontrão-se propensos a Deserçam, huma vez que ouviram maus Agoiros a respeito desta Empreza, mas hei de empenhar-me para que fiquem. Para o sr. Knight Dexter, da Bahia e do Gancho, 120 Peças de Camelão, 100 Peças sortidas de Chamalote, 20 Peças de Baeta azul, 100 Peças de Caxemira, 50 peças de Calicos e 300 peças de Amã. Para o sr. Green, do Elefante, 50 Panellas de Galão, 20 Escalfetas, 15 Panellas de Lareira, 10 Pares de Pinças de Fumar. Para o sr. Perrigo 1 Conjunto de Sovellas, para o sr. Nightingale 50 Resmas de Papel de primeyra Qualidade. Recitei o *sabaoth* tres Vezes na Noute passada mas Nada appareceo. Aguardo Noticias do sr. H., que esta na Transilvania, embora seja muy difficil contactallo e demasiado estranho que não possa me indicar o Uso Daquillo que tam bem vem usando ao longo de todos estes Secullos. Simon não escreve ha cinco Semmanas, mas espero receber Noticias dentro em breve."

Ao chegar a esse ponto, o dr. Willett virou a página, mas foi impedido por Ward, que quase lhe arrancou o tomo das mãos. Tudo o que o médico teve a chance de ver na página recém-aberta foram duas breves frases; mas estas, por mais estranho que pareça, perduraram com tenacidade na memória. Diziam: "Tendo recitado o Verso do Liber Damnatus durante cinco Roodmasses e quatro Dias das Bruxas, tenho a Esperança de que a Cousa esteja a multiplicar-se allem das Espheras. Assim ha de atrahir Aquelle cuja Chegada espero, se eu puder garantir que haja de ser, e elle ha de pensar em Cousas remotas e olhar para traz rumo aos Annos passados, de modo que devo ter prontos os Saes ou as Substancias necessarias para a Preparaçam destes."

Willett não viu mais nada, mas esse pequeno vislumbre conferiu um novo e vago terror às feições pintadas de Joseph Curwen que o encaravam do painel acima do consolo. Mesmo depois, passou a ter a singular impressão — que a formação médica assegurava não ser mais do que uma simples impressão — de que os olhos do retrato nutriam uma espécie de desejo, se não de fato uma tendência, a seguir o jovem Charles Ward enquanto andava pelo cômodo. Antes de sair do estúdio, o dr. Willett deteve-se para examinar o retrato de perto, admirando a grande semelhança que guardava em relação a Charles e memorizando cada detalhe daquele rosto pálido e críptico, incluindo uma discreta cicatriz ou depressão acima da sobrancelha direita. Decidiu que Cosmo Alexander era um pintor digno da Escócia onde havia nascido Raeburn, e um mestre digno do ilustre aluno Gilbert Stuart.

Ao escutarem do médico que a saúde mental de Charles não corria perigo e que o filho na verdade estava às voltas com uma pesquisa que mais tarde poderia revelar-se deveras importante, os Ward adotaram uma postura mais tolerante do que teriam feito de outra forma quando em junho o rapaz se recusou de vez a frequentar a universidade. Declarou que tinha estudos de importância vital com que se ocupar; e deu a entender que desejava viajar para o estrangeiro no ano seguinte para ter acesso a certas fontes de informações indisponíveis nos Estados Unidos. O patriarca Ward, tendo negado esse último desejo por considerá-lo absurdo para um rapaz de apenas dezoito anos, concordou no que dizia respeito à universidade; de maneira que, após uma formatura não muito brilhante da Moses Brown Scholl, sobreveio um período de três anos durante os quais Charles ocupou-se com intensos estudos de ocultismo e buscas em cemitérios. Obteve reconhecimento como um personagem excêntrico, e assim tornou-se ainda mais recluso do que havia sido antes; devotava a maior parte do tempo ao trabalho e apenas em raras ocasiões fazia viagens a outras cidades a fim de consultar registros obscuros. Certa vez foi ao sul conversar com um velho e estranho mulato que morava em um pântano e a cujo respeito um jornal havia publicado um curioso artigo. Em outra ocasião saiu em busca de um pequeno vilarejo nas montanhas Adirondack, de onde haviam chegado relatos de singulares práticas ritualísticas. Mas os pais continuavam a negar-lhe a viagem ao Velho Mundo que tanto desejava.

Quando alcançou a maioridade em abril de 1923, depois de herdar uma pequena quantia monetária da avó materna, Ward enfim decidiu fazer a viagem europeia que até então lhe fora negada. Quanto ao itinerário pretendido, não revelou nada, a não ser que as exigências ditadas pelos estudos haveriam de levá-lo a diversos lugares; mas prometeu escrever aos pais com detalhes fidedignos. Ao perceber que o filho não seria dissuadido, o sr. e a sra. Ward abandonaram toda a oposição e passaram a ajudar da melhor forma possível; e assim o rapaz

zarpou rumo a Liverpool em junho com as bênçãos de despedida do pai e da mãe, que o acompanharam até Boston e acenaram-lhe do píer White Star em Charlestown. Logo chegaram cartas que narravam a bem-sucedida viagem e a busca por boas acomodações na Great Russell Street, em Londres, onde, depois de recusar todas as ofertas de amigos da família, Charles Ward decidiu hospedar-se até exaurir todos os recursos do Museu Britânico a respeito de um certo tema. Os relatos sobre a vida cotidiana eram raros, pois havia pouco a escrever. Os estudos e os experimentos consumiam-lhe todo o tempo, e Charles mencionou que havia montado um laboratório em um dos cômodos. A ausência de qualquer comentário acerca de passeios antiquários pela opulenta cidade antiga, com um vistoso panorama de cúpulas e coruchéus ancestrais em meio a um emaranhado de avenidas e becos repletos de volteaduras místicas e vistas repentinas que ora surpreendem e ora inspiram, foi interpretada pelos pais como um bom indício do ponto que os novos interesses passaram a ocupar nos pensamentos do filho.

Em junho de 1924, uma breve nota deu conta de uma partida rumo a Paris, para onde Charles já havia feito duas viagens expressas em busca de material na Bibliothèque Nationale. Pelos três meses a seguir, limitou-se a enviar cartões-postais, informando um endereço na Rue St. Jacques e referindo-se a uma busca especial em meio aos manuscritos raros pertencentes à biblioteca de um colecionador particular cujo nome não foi mencionado. Charles Ward evitava os conhecidos, e não havia relatos de turistas que o tivessem avistado. Então veio um período de silêncio, e em outubro os Ward receberam um cartão-postal de Praga, na Tchecoslováquia, relatando que Charles estava nessa antiga cidade para uma conferência com um homem de idade muito avançada que, segundo relatos, seria a última pessoa viva em posse de certas informações medievais deveras singulares. Informou um endereço em Neustadt e anunciou que não devia fazer mais viagens antes de janeiro seguinte, quando enviou diversos cartões de Viena que narravam a passagem por esta cidade durante a jornada rumo a uma região mais ao leste para onde um correspondente e pesquisador das ciências ocultas o convidara.

O cartão-postal seguinte veio de Klausenburg, na Transilvânia, e narrava o progresso de Ward rumo ao destino final. Haveria de visitar um certo barão Ferenczy, proprietário de terras nas montanhas a leste de Rakus; e estaria hospedado em Rakus, nos aposentos do nobre em questão. O cartão enviado de Rakus uma semana mais tarde, com informações de que o anfitrião fora encontrá-lo de carruagem e de que em breve deixaria o vilarejo rumo às montanhas, foi a última mensagem durante um período razoavelmente longo; de fato, Charles não respondeu às frequentes correspondências dos pais antes de maio, quando escreveu para desencorajar o plano materno de encontrar o filho em Londres, Paris ou Roma durante o verão, quando o sr. e a sra. Ward planejavam viajar para

a Europa. Afirmou que o estágio em que se encontravam as buscas não permitiria que saísse do local onde se encontrava, e que a situação no castelo do barão Ferenczy não favorecia visitas. A construção situava-se em um rochedo em meio a montanhas sombrias, e a região era temida com tanta intensidade pelos camponeses locais que nenhuma pessoa normal poderia sentir-se à vontade no lugar. Além do mais, o barão não seria considerado uma pessoa agradável pela aristocracia correta e conservadora da Nova Inglaterra. Tinha idiossincrasias de aspecto e de atitude, e uma idade avançada a ponto de causar incômodo naqueles que o viam. De acordo com Charles, seria melhor se os pais o aguardassem em Providence, uma vez que o retorno não poderia estar muito distante.

O retorno, todavia, ocorreu apenas em maio de 1926, quando, depois de alguns cartões-postais em que anunciou a novidade, o jovem viajante chegou furtivamente a Nova York no *Homeric* e atravessou os longos quilômetros até Providence em um ônibus motorizado, saciando a sede com as viçosas colinas ondulantes, os fragrantes pomares em flor e os vilarejos salpicados de coruchéus na primavera em Connecticut; pois era o primeiro gosto que tinha da antiga Nova Inglaterra em um período de quase quatro anos. Quando o ônibus atravessou o Pawcatuck e chegou a Rhode Island em meio ao ouro feérico de um entardecer primaveril, o coração de Charles Ward bateu com forças renovadas; e a entrada em Providence ao longo da Reservoir e da Elmwood Avenue deixou-o sem fôlego, apesar das profundezas de sabedoria proscrita em que havia mergulhado. No ponto em que a Broad, a Weybosset e a Empire Street se encontram, viu no fogo que se estendia adiante e abaixo de si as agradáveis casas e cúpulas e coruchéus que recordava da antiga cidade; e entregou-se aos devaneios enquanto o veículo rodava por trás do Biltmore, revelando o enorme domo e a macia vegetação de raízes profundas que medrava na ancestral colina na margem oposta do rio, e por fim o sobranceiro coruchéu em estilo colonial da First Baptist Church debuxou-se em rosa em meio à prodigiosa luz do entardecer, tendo ao fundo o vertiginoso panorama do viço e do frescor primaveril.

A velha Providence! Fora aquele lugar e as estranhas forças de uma longa e contínua história que lhe haviam dado a vida e que o impeliram rumo a portentos e segredos cujos limites nenhum profeta seria capaz de predizer. Lá estavam os poderes arcanos fantásticos ou medonhos para os quais todos os anos dedicados às viagens e aos estudos o haviam preparado. Um coche levou-o para além do Post Office Square com um vislumbre do rio, do velho Mercado e da baía, e então subiu a curva íngreme da Waterman Street até a Prospect, onde a vasta cúpula reluzente e as colunas iônicas ensolaradas da Christian Science Church chamavam-no rumo ao norte. Depois vieram mais oito quarteirões repletos das antigas casas que o olhar de Charles havia conhecido na infância, e a seguir as calçadas de tijolos galgadas tantas vezes durante a meninice. Então uma pequena

propriedade à direita, que logo ficou para trás, e por fim, à esquerda, a clássica varanda ao estilo de Robert Adams e a suntuosa fachada guarnecida por arcos da imponente mansão onde havia nascido. A noite começava a cair, e Charles Dexter Ward havia tornado a casa.

5.

Uma escola de alienistas um pouco menos acadêmica que a do dr. Lyman atribui à viagem europeia de Ward o início da loucura consumada. Admitindo a sanidade de Ward no momento da partida, esse grupo acredita que a conduta do rapaz na volta indica uma mudança desastrosa. No entanto, o dr. Willett reluta em aceitar sequer essa afirmação. Insiste em alegar que a transformação operou-se apenas mais tarde; quanto às excentricidades do rapaz por volta desse período, atribuiu-as à prática de rituais aprendidos no estrangeiro — coisas estranhas, sem dúvida, mas que não implicam nenhum tipo de aberração mental por parte do praticante. Ward, embora mais velho e mais endurecido, continuava a comportar-se de maneira normal, e em várias conversas com Willett deu mostras de um equilíbrio que nenhum louco — sequer nos primórdios da loucura — poderia fingir por muito tempo. O que levantou a suspeita acerca de uma possível insanidade por volta dessa época foram os *sons* ouvidos a todas as horas do dia e da noite vindos do laboratório que Ward havia montado no sótão, onde permanecia durante a maior parte do tempo. Ouviam-se cânticos e repetições, e declamações ribombantes em ritmos desconhecidos; e embora os sons viessem sempre na voz do próprio Ward, havia algo indefinível na qualidade da voz e no sotaque das fórmulas pronunciadas que enregelava o sangue de todos os que as escutavam. Logo se percebeu que Nig, o amável e venerado gato preto da casa, eriçava os pelos e arqueava as costas quando certos sons eram entoados.

Os odores que por vezes sopravam do laboratório também eram demasiado estranhos. Às vezes tinham um cheiro agressivo ao extremo, porém com maior frequência eram aromáticos, e revestiam-se de uma qualidade fugidia e assombrosa que parecia ter o efeito de induzir imagens fantásticas. As pessoas que sentiam esses cheiros evidenciavam uma tendência a ver miragens fugazes de enormes panoramas com estranhas colinas e intermináveis avenidas de esfinges e hipogrifos que se estendiam rumo ao infinito. Ward não retomou as caminhadas de outrora, mas dedicou-se com afinco aos estranhos livros que havia levado para casa e às igualmente estranhas investigações que conduzia nos aposentos particulares, com a justificativa de que as fontes europeias haviam produzido uma grande ampliação no campo de trabalho e prometiam grandes revelações nos anos vindouros. O aspecto mais velho levou a semelhança de Ward com o retrato de Curwen a um nível impressionante; e o sr. Willett com frequência detinha-se junto à pintura ao final das visitas, admirando a notável identidade entre as duas figuras e ponderando que, naquela altura, somente a pequena cicatriz acima do olho direito do retrato diferenciava o feiticeiro morto há mais de um século do rapaz cheio de vida. Essas visitas de Willett, feitas a pedido do sr. e da sra. Ward,

eram um tanto estranhas. Em nenhum momento Charles Ward rejeitou o médico, mas este logo percebeu que jamais conseguiria alcançar a psicologia íntima do rapaz. Com frequência notava objetos singulares, como pequenas imagens grotescas moldadas em cera nas prateleiras ou nas mesas, e os resquícios parcialmente apagados de círculos, triângulos e pentagramas desenhados a giz ou a carvão no vão livre que ocupava o centro do amplo cômodo. À noite os ritmos e os encantamentos continuavam a ribombar, e por fim surgiram dificuldades para manter os criados na casa ou suprimir as conversas furtivas sobre a loucura de Charles.

Em janeiro de 1927 ocorreu um incidente bastante peculiar. Certa noite, por volta da meia-noite, enquanto Charles entoava um ritual de cadência inaudita que ecoava por todos os andares da casa, uma rajada de vento gélido soprou da baía, e um discreto e obscuro tremor de terra foi percebido por todos os moradores da vizinhança. Ao mesmo tempo, o gato exibiu traços de um pavor fenomenal, enquanto todos os cachorros em um raio de um quilômetro e meio ao redor puseram-se a latir. Esse foi o prelúdio de uma forte tempestade elétrica, bastante anômala naquela época do ano, que trouxe consigo um estrondo tão intenso que o sr. e a sra. Ward chegaram a acreditar que a casa teria sido atingida. Os dois subiram as escadas correndo a fim de averiguar os estragos, porém Charles encontrou-os na porta do sótão; estava pálido, decidido e aziago, e ostentava no rosto uma combinação quase terrível de triunfo e seriedade. Assegurou-os de que a casa não fora atingida, e de que a tempestade logo passaria. O casal deteve-se e, depois de olhar para fora de uma janela, percebeu que o filho de fato tinha razão, pois os raios iluminavam céus cada vez mais distantes, enquanto as árvores aos poucos deixavam de vergar-se com as estranhas rajadas gélidas que vinham do mar. O trovão reduziu-se a uma espécie de rumor abafado e por fim desapareceu. As estrelas surgiram, e a marca de triunfo no semblante de Charles Ward cristalizou-se em uma expressão deveras singular.

Por dois meses ou mais após esse incidente Ward passou menos tempo do que o habitual confinado no laboratório. Passou a exibir um curioso interesse pelo clima e a fazer estranhas indagações a respeito da data em que o gelo começaria a derreter na primavera. Certa noite em março saiu de casa após a meia-noite e retornou apenas pouco tempo antes do alvorecer, quando a mãe, que estava acordada, ouviu o ruído de um motor aproximando-se da entrada da carruagem. Era possível distinguir imprecações abafadas, e a sra. Ward, depois de erguer-se e avançar até a janela, divisou quatro vultos retirando uma longa e pesada caixa de um caminhão e carregando-a até a porta lateral sob o comando de Charles. Ouviu uma respiração arquejante e passadas ponderosas nos degraus da escada, e por fim um baque surdo no sótão, quando então as pegadas tornaram a descer e os quatro homens reapareceram do lado de fora e partiram com o caminhão.

No dia seguinte Charles retomou o enclausuramento no sótão, baixando as cortinas escuras nas janelas do laboratório e dando a impressão de estar trabalhando em alguma substância metálica. Não abria a porta para ninguém, e recusava toda e qualquer comida que lhe fosse oferecida. Por volta do meio-dia um estrépito repentino foi seguido por um grito e uma queda terríveis, mas quando a sra. Ward bateu na porta o filho enfim atendeu com uma voz débil e disse que não havia nada de errado. O horrendo e indescritível fedor que o laboratório exalava era absolutamente inofensivo e infelizmente necessário. A solidão era o mais importante naquele momento, porém se comprometeu a aparecer mais tarde para o jantar. Naquela tarde, quando cessaram os estranhos sons sibilantes que se ouviam por detrás da porta trancada, Charles enfim apareceu, revelando um aspecto de extremo desalento e proibindo toda e qualquer pessoa de adentrar o laboratório sob qualquer pretexto. De fato, o anúncio revelou-se como o início de uma nova política de sigilo; pois a partir de então jamais outra pessoa recebeu permissão para visitar o misterioso estúdio na água-furtada ou a despensa adjacente que Charles Ward esvaziou, mobiliou de maneira precária e incorporou a seus domínios particulares na condição de quarto de dormir. Passou a morar naquele cubículo com os livros que retirava da biblioteca no andar de baixo, até que, passado algum tempo, comprou a casa em Pawtuxet e mudou-se para lá com todos os aparatos científicos.

À noite Charles pegou o jornal antes dos outros membros da família e danificou-o em parte em um suposto acidente. Mais tarde o dr. Willett, tendo estabelecido a data a partir dos testemunhos de vários membros da casa, procurou um exemplar intacto na redação do *Journal* e descobriu que a seção destruída trazia a seguinte nota:

> ESCAVADORES NOTURNOS SUPREENDIDOS NO NORTH BURIAL GROUND
>
> Robert Hart, vigia noturno do North Burial Ground, descobriu hoje pela manhã um grupo de vários homens com um caminhão na parte mais antiga do cemitério, mas conseguiu afugentá-los antes que pudessem cumprir qualquer desígnio que pudessem ter em mente.
> A descoberta deu-se por volta das quatro horas da manhã, quando a atenção de Hart foi atraída pelo som de um motor no lado de fora da guarita. Quando saiu para investigar, percebeu um caminhão de grandes proporções na estrada principal a vários metros de distância; mas não conseguiu alcançá-lo antes que o som dos próprios passos no cascalho o denunciasse. Os homens puseram uma enorme caixa no caminhão e saíram às pressas em direção à rua antes que pudessem ser

interceptados; mas, como nenhum túmulo foi profanado, Hart acredita que a caixa encerrava algum objeto que pretendiam enterrar.
Os escavadores devem ter trabalhado por um longo período antes de serem percebidos, pois Hart encontrou um enorme buraco cavado a uma distância considerável da estrada no terreno de Amosa Field, onde a maior parte das antigas lápides desapareceu muito tempo atrás. O buraco, com a largura e a profundidade de uma cova, encontrava-se vazio, e não coincidia com nenhum jazigo mencionado nos registros do cemitério.
O sagto. Riley, da Segunda Delegacia de Polícia, averiguou o local e afirmou que o buraco foi cavado por falsificadores de bebida que, com esse método engenhoso e terrível, poderiam estocar a carga em um lugar onde dificilmente a encontrariam. Durante o depoimento, Hart afirmou que imaginou ver o caminhão seguir rumo à Rochambeau Avenue, embora não pudesse afirmar com certeza.

Durante os dias que vieram a seguir, Charles foi visto em poucas ocasiões pela família. Depois de acrescentar um quarto de dormir a seus domínios no sótão, adotou um regime de enclausuramento ainda mais rígido, e passou a exigir que a comida fosse deixada na porta, negando-se a aparecer enquanto o criado não tivesse se afastado. A litania de fórmulas monótonas e a entoação de ritmos bizarros surgiam a intervalos regulares, enquanto em outras situações o ouvinte casual podia detectar o som de vidros tilintantes, químicos sibilantes, água corrente ou rumorosas bicas de gás. Odores de qualidade indescritível, totalmente estranhos a tudo o que se havia percebido até então, por vezes pairavam ao redor da porta; e o ar de tensão observável no jovem recluso sempre que se aventurava no mundo exterior era capaz de suscitar as mais febris especulações. Certa vez fez uma viagem às pressas até o Athenaeum em busca de um livro que necessitava, e em outra ocasião contratou um mensageiro para buscar um volume altamente obscuro em Boston. O suspense estava inscrito como um portento em toda a situação, e tanto a família Ward como o dr. Willett declararam não saber o que pensar nem o que fazer a respeito.

6.

O dia quinze de abril trouxe um estranho desdobramento. Embora nada parecesse ter se alterado no tocante à natureza, sem dúvida havia uma terrível diferença de intensidade; e por algum motivo o dr. Willett atribui grande importância a essa mudança. Era Sexta-Feira Santa — uma circunstância a que os criados atribuem grande importância, embora outros naturalmente a considerem apenas uma coincidência sem qualquer relevância. No fim da tarde o jovem Ward começou a repetir certa fórmula em uma voz de singular potência enquanto queimava uma substância pungente cujos vapores escaparam por toda a casa. A fórmula era audível de maneira tão clara no corredor em frente à porta trancada que a sra. Ward não teve como evitar memorizá-la enquanto aguardava e esperava angustiada, e por esse motivo foi mais tarde capaz de escrevê-la a pedido do sr. Willett. Dizia o seguinte — e os especialistas afirmaram ao sr. Willett que uma fórmula deveras semelhante pode ser encontrada nos escritos místicos de “Eliphas Levi”, a alma críptica que se esgueirou por uma rachadura do portal interdito e vislumbrou terríveis panoramas do vazio mais além:

> “Per Adonai Eloim, Adonai Jehova, Adonai Sabaoth, Metraton On Agla Mathon, verbum pythonicum, mysterium salamandrae, conventus sylvorum, antra gnomorum, daemonia Coeli Gad, Almousin, Gibor, Jehosua, Evam, Zariatnatmik, veni, veni, veni.”

A ladainha havia se repetido por duas horas sem alterações e sem nenhuma interrupção quando, por toda a vizinhança, os cachorros puseram-se a entoar uivos pandemoníacos. A intensidade desses uivos pode ser imaginada pelo destaque que recebeu nos jornais do dia seguinte, mas para os ocupantes da casa dos Ward o barulho foi obscurecido pelo odor que veio instantaneamente a seguir; um odor terrível e pungente que nenhum homem jamais tinha sentido e jamais tornaria a sentir outra vez. Em meio a essa torrente mefítica surgiu um clarão muito perceptível, como o de um raio, que teria sido ofuscante e notável se não fosse a luz do dia que o rodeava; e foi então que se ergueu a *voz* que nenhum ouvinte jamais poderá esquecer em função da ribombante distância, da incrível profundidade e da quimérica dissimilitude em relação à voz de Charles Ward. A voz fez com que a casa estremecesse e sem dúvida foi ouvida por pelo menos dois outros vizinhos em meio ao alarido dos cachorros. A sra. Ward, que escutava desesperada no lado de fora do laboratório trancado pelo filho, estremeceu ao reconhecer a demoníaca importância daquele som; pois Charles havia lhe falado a respeito da negra fama que granjeara em tomos obscuros, e também a respeito da

maneira como, segundo as correspondências de Fenner, havia ribombado acima da fazenda de Pawtuxet na noite em que Joseph Curwen foi aniquilado. Não havia como se enganar a respeito daquela frase saída de um pesadelo, pois Charles a descrevera de maneira vívida na época em que falava livremente sobre as investigações acerca de Curwen. Mesmo assim, tratava-se apenas de um fragmento em uma língua esquecida e arcaica: "*dies mies jeschet boene doesef douvema enitemaus*".

O estrondo foi seguido por um obscurecimento momentâneo da luz do dia, embora ainda faltasse uma hora para o pôr do sol, e então por uma rajada de odor diferente da primeira mas igualmente desconhecida e insuportável. Charles tornou a fazer a entoação mais uma vez e a mãe pôde ouvir sílabas que soavam como "Yi-nash-Yog-Sothoth-he-lgeb-fi-throdog" — e terminavam com um "Yah!" cuja força desvairada escalava em um crescendo de estourar os ouvidos. No instante seguinte todas as memórias anteriores foram obliteradas pelo grito ululante que surgiu em uma explosão frenética e aos poucos transformou-se em um paroxismo de gargalhadas histéricas e diabólicas. A sra. Ward, com o misto de temor e coragem cega da maternidade, avançou e bateu assustada nas tábuas ocultativas, mas não suscitou nenhum sinal de reconhecimento. Logo tornou a bater, mas deteve-se sem coragem quando uma segunda voz se ergueu, sendo essa a voz inconfundível do filho, *e soando em concomitância com as cachinadas explosivas daquela outra voz.* No mesmo instante perdeu os sentidos, embora ainda hoje se declare incapaz de recordar a causa precisa e imediata do desmaio. Às vezes a memória promove apagamentos piedosos.

O sr. Ward voltou da repartição de negócios por volta de seis e quinze, e, ao perceber que a esposa não se encontrava no térreo, foi informado pela assustada criadagem de que devia estar observando a porta de Charles, de onde haviam surgido gritos mais estranhos do que nunca. Após subir de pronto as escadas, encontrou a sra. Ward estirada no assoalho do corredor em frente à porta do laboratório; e, ao perceber que estava desmaiada, apressou-se em buscar um copo d'água de uma moringa em uma alcova próxima. Depois de aspergir-lhe o rosto com o líquido frio, animou-se ao observar uma reação imediata, e estava a observar o confuso abrir das pálpebras quando um arrepio gélido varou-lhe o corpo e ameaçou reduzi-lo ao mesmo estado de que a esposa naquele instante emergia. O laboratório aparentemente silencioso não estava tão silencioso quanto dava a impressão de estar, mas encerrava os murmúrios de uma conversa tensa e abafada em tons demasiado baixos para a compreensão, porém de uma qualidade profundamente inquietante para o espírito.

Que Charles balbuciasse fórmulas não era nenhuma novidade; mas aquele balbuciar era um tanto diferente. Era sem dúvida um diálogo, ou a imitação de um diálogo, que exibia as alterações regulares de inflexões que sugeriam perguntas e

respostas, asserções e réplicas. Uma era a voz corriqueira de Charles, mas a outra apresentava um caráter profundo e cavo que os melhores poderes de mímica cerimonial do jovem mal lograram produzir em outras situações. Havia um elemento medonho, blasfemo e anormal a respeito daquilo, e, se não fosse por um grito da esposa que recobrava a consciência a clarear-lhe os pensamentos e despertar-lhe para os instintos de sobrevivência, seria improvável que Theodore Howland Ward pudesse manter por mais quase um ano a velha bravata de que nunca havia desmaiado. Da maneira como foi, tomou a esposa nos braços e levou-a o mais depressa possível para o térreo antes mesmo que percebesse as horrendas vozes que tanto o perturbavam. Mesmo assim, no entanto, não foi rápido o suficiente para deixar de captar algo que o levou a cambalear perigosamente com o fardo que transportava. Pois o grito da sra. Ward sem dúvida fora ouvido por outros além do próprio marido, e de trás da porta trancada vieram as primeiras palavras reconhecíveis que o terrível e mascarado colóquio havia produzido. Não passava de um alerta exaltado proferido na voz do próprio Charles, mas por algum motivo trouxe insinuações repletas de um horror inefável para o pai que o ouviu. A frase era simplesmente a seguinte: *"Pssst! — Escreva!"*

O sr. e a sra. Ward conversaram durante algum tempo após o jantar, e o patriarca resolveu ter uma conversa firme e séria com Charles naquela mesma noite. Por mais importantes que fossem os estudos, aquele tipo de conduta não seria mais tolerado, uma vez que esses últimos desdobramentos haviam transcendido os limites da sanidade e constituído uma ameaça à ordem e ao bem-estar nervoso de todos os habitantes da casa. Não restava dúvida de que o jovem havia perdido completamente o juízo, pois nada além da loucura consumada poderia ter resultado nos gritos frenéticos e nas conversações imaginárias com interpretação de diferentes vozes que aquele dia havia trazido. Tudo precisava acabar, ou a sra. Ward acabaria doente e a manutenção da criadagem tornar-se-ia uma tarefa impossível.

O sr. Ward ergueu-se ao final da refeição e fez menção de subir a escada rumo ao laboratório de Charles. No terceiro andar, no entanto, deteve-se ao escutar os barulhos que vinham da então abandonada biblioteca do filho. A impressão era a de que livros estavam sendo atirados para todas as direções enquanto documentos eram folheados, e ao se aproximar da porta o sr. Ward vislumbrou o jovem lá dentro, coligindo em frenesi uma vasta quantidade de volumes literários dos mais diversos tipos e formatos. O aspecto de Charles era de cansaço e desalento extremos, e o jovem deixou cair toda a carga com um sobressalto ao escutar a voz do pai. Ao comando do patriarca, sentou-se, e por algum tempo escutou as admoestações havia tanto tempo merecidas. Não houve cena alguma. No fim do sermão o filho aceitou que o pai tinha razão, e que os ruídos, balbucios, encantamentos e odores químicos de fato eram aborrecimentos

imperdoáveis. Concordou em adotar uma conduta mais silenciosa, embora insistisse em um prolongamento da privacidade extrema. Asseverou que muito do trabalho que ainda restava fazer resumia-se a pesquisas bibliográficas; e que podia alojar-se em outro lugar para as vocalizações rituais necessárias em um estágio mais avançado. Expressou o mais profundo arrependimento em relação ao susto e ao desmaio da mãe, e explicou que a conversa ouvida mais tarde havia sido parte de um elaborado simbolismo que tinha por meta criar uma certa atmosfera mental. O uso de termos técnicos e abstrusos desorientou o sr. Ward, mas a impressão geral foi de inegável sanidade e compostura, apesar de uma tensão misteriosa da mais profunda gravidade. A entrevista revelou-se um tanto inconclusiva, e quando Charles juntou os livros e deixou o recinto o sr. Charles mal sabia o que pensar a respeito da situação como um todo. Era tão misteriosa como a morte do velho Nig, cuja forma rígida havia sido encontrada uma hora antes no porão, com os olhos vidrados e a boca distorcida pelo medo.

Movido por um impulso detetivesco, o pai desorientado lançou olhares curiosos às prateleiras vazias a fim de averiguar que volumes o filho havia levado para o sótão. A biblioteca do jovem apresentava uma organização clara e rígida ao extremo, de maneira que em um único relance era possível identificar os livros ou ao menos o tipo dos livros que haviam sido levados. Nessa ocasião o sr. Ward surpreendeu-se ao descobrir que nenhuma das obras antiquárias ou ocultistas, além das que já tinham sido removidas, fora levada. As novas remoções diziam respeito apenas a itens recentes: livros de história, tratados científicos, atlas de geografia, manuais de literatura, compêndios filosóficos e certos jornais e periódicos contemporâneos. Era uma mudança bastante curiosa em vista da recente lista de leituras de Charles Ward, e o pai deteve-se em meio a uma voragem cada vez maior de perplexidade e de estranheza. A estranheza revelou-se uma sensação muito aguçada, e quase lhe arranhava o peito enquanto se esforçava por descobrir o que estaria errado. Não havia dúvidas de que algo estava errado, não apenas em termos tangíveis, mas também espirituais. Desde o instante em que adentrou o recinto, o sr. Ward teve o pressentimento de que havia alguma coisa fora dos conformes, e por fim percebeu o que era.

Na parede norte ainda se erguia o antigo painel entalhado da casa em Olney Court, porém o desastre havia se abatido sobre os óleos craquelados e precariamente restaurados do grande retrato de Curwen. O tempo e o aquecimento irregular por fim surtiram efeito, e em um momento qualquer desde a última limpeza do cômodo o pior havia acontecido. Após se desprender da madeira e encarquilhar-se em voltas cada vez mais próximas, até enfim pulverizar-se em pequenos cacos em um movimento repentino e silencioso de malignidade latente, o retrato de Joseph Curwen abandonara para sempre a

vigilância constante do jovem com quem tanto se parecia e, naquele instante, encontrava-se espalhado pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

IV — Uma mutação e uma loucura

1.

Na semana que se seguiu à memorável Sexta-Feira Santa Charles Ward foi visto com mais frequência do que o normal, e passou o tempo inteiro carregando livros entre a biblioteca e o laboratório no sótão. Executava as ações de maneira calma e racional, mas tinha um olhar furtivo e acuado que em nada agradou à mãe, e desenvolveu um apetite incrivelmente voraz no que dizia respeito às exigências feitas à cozinheira. O dr. Willett ouviu relatos acerca dos ruídos e desdobramentos da sexta-feira, e na terça-feira seguinte teve uma longa conversa com o jovem na biblioteca onde o retrato não mais vigiava. A entrevista, como sempre, foi inconclusiva; mas Willett continuava disposto a jurar que o rapaz mantinha o pleno domínio das faculdades mentais naquele momento. Fez promessas de uma revelação prematura e falou sobre a necessidade de montar um laboratório em outra parte. Em vista do entusiasmo inicial, Charles demonstrou pouco remorso em relação à perda do retrato, dando a impressão de ter descoberto um elemento positivo na súbita degradação da pintura.

Por volta da segunda semana Charles começou a se ausentar da casa por longos períodos, e certo dia, quando veio ajudar com a faxina de primavera, a velha preta Hannah mencionou as frequentes visitas que Charles fazia à antiga casa em Olney Court, onde aparecia com uma valise enorme e conduzia singulares buscas no porão. Costumava mostrar-se muito à vontade na presença da criada e do velho Asa, embora parecesse sempre mais preocupado do que costumava aparentar — o que muito a angustiava, visto que conhecia o jovem patrão desde o dia em que havia nascido. Outro relato sobre os afazeres de Charles chegou de Pawtuxet, onde certos amigos da família afirmaram tê-lo visto à distância um surpreendente número de vezes. Parecia frequentar o hotel de Rhodes-on-the-Pawtuxet, e os questionamentos ulteriores feitos pelo dr. Willett nesse local trouxeram à tona o fato de que o propósito do investigador era sempre encontrar uma via de acesso à margem do rio, cercada por arbustos ao longo dos quais costumava seguir rumo ao norte, em geral para não ser visto durante um bom tempo a seguir.

No fim de maio houve um retorno momentâneo dos sons ritualísticos no laboratório do sótão que resultou em uma severa reprimenda da parte do sr. Ward e em uma angustiada promessa de endireitar-se da parte de Charles. Tudo aconteceu pela manhã, e parecia consistir em uma continuação da conversa imaginária percebida na turbulenta Sexta-Feira Santa. O jovem mantinha um debate ou uma discussão acalorada consigo mesmo, pois de repente ergueu-se uma série perfeitamente reconhecível de gritos conflitantes em diferentes tons, como se fossem exigências e recusas alternadas, que levou a sra. Ward a subir a

escada correndo e postar-se junto à porta a fim de escutar. Não pôde ouvir mais do que um fragmento cujas únicas palavras audíveis foram “Preciso do vermelho durante três meses”, e quando bateu todos os sons cessaram no mesmo instante. Quando mais tarde foi questionado pelo pai, Charles afirmou que havia certos conflitos de esferas da consciência que somente uma grande habilidade seria capaz de evitar, mas que se esforçaria por transferi-los a outros reinos.

No meio de junho ocorreu um bizarro incidente noturno. No fim da tarde ouviram-se barulhos e estrépitos no laboratório do sótão, e o sr. Ward esteve a ponto de investigá-los quando de repente cessaram. À meia-noite, depois que a família tinha se recolhido, o mordomo estava trancando a porta da frente quando, de acordo com o depoimento, Charles apareceu com passos cambaleantes e incertos junto ao pé da escada com uma enorme valise e pôs-se a fazer sinais indicativos de que buscava uma via de egresso. O jovem não proferiu sequer uma palavra, mas o valoroso nativo de Yorkshire percebeu o olhar febril do patrão e começou a tremer sem saber ao certo por quê. Abriu a porta e o jovem Ward saiu, porém na manhã seguinte o homem pediu demissão à sra. Ward. Segundo disse, havia algo de profano no olhar com que Charles o havia encarado. Não convinha que um jovem cavalheiro olhasse para um empregado honesto daquela maneira, e assim o mordomo afirmou que não poderia ficar sequer mais uma noite. A sra. Ward dispensou-o, mas não deu muita importância ao comentário. Imaginar Charles em um estado febril naquela noite parecia um tanto ridículo, pois durante todo o tempo em que esteve acordada a sra. Ward não ouviu mais do que rumores no laboratório do sótão; sons que sugeriam passos e um choro convulsivo, e suspiros que nada revelavam além de um profundo desespero. A sra. Ward havia se acostumado a apurar o ouvido em busca de sons durante a noite, pois o mistério do filho sobrepunha-se a todos os demais pensamentos.

No entardecer seguinte, como em outro entardecer cerca de três meses antes, Charles Ward pegou o jornal muito cedo e acidentalmente perdeu a seção principal. O assunto foi retomado apenas mais tarde, quando o dr. Willett começou a investigar as pontas soltas e a buscar os elos faltantes aqui e acolá. Na redação do *Journal* conseguiu encontrar a seção que Charles havia perdido, e identificou duas notas de possível interesse. Ei-las:

> MAIS ESCAVAÇÕES NO CEMITÉRIO
> Hoje pela manhã Robert Hart, o vigia noturno do North Burial Ground, descobriu que ladrões de sepultura estiveram mais uma vez em atividade na parte antiga do cemitério. O túmulo de Ezra Weeden, nascido em 1740 e falecido em 1824 segundo a lápide de ardósia tombada e completamente lascada, foi escavado e violado, sem dúvida

mediante o uso de uma pá que se encontrava na casa de ferramentas adjacente.
Qualquer que pudesse ser o conteúdo do jazigo mais de um século após a ocasião do enterro, não se encontrou nada além de umas poucas lascas de madeira apodrecida. Não havia marcas de rodas, mas a polícia examinou as pegadas encontradas nas proximidades e concluiu que foram deixadas pelas botas de um homem requintado.
Hart acredita que o incidente esteja relacionado à escavação frustrada de março passado, quando um grupo de homens em um caminhão foi descoberto após cavar um buraco um tanto profundo; mas o sagto. Riley da Segunda Delegacia de Polícia descarta essa hipótese e afirma haver diferenças fundamentais entre os dois casos. Em março a escavação ocorreu em um local onde não havia nenhuma sepultura conhecida; porém desta vez um túmulo bem sinalizado e em boas condições de preservação foi violado de maneira voluntária e com requintes de malignidade consciente expressos na depredação na lápide, que se encontrava intacta no dia anterior ao ocorrido.
Os membros da família Weeden manifestaram espanto e pesar, e não conseguiram pensar em nenhum inimigo que pudesse querer profanar o túmulo desse antepassado. Hazard Weeden, domiciliado à Angell Street, 598, afirma conhecer uma lenda segundo a qual Ezra Weeden teria se envolvido em circunstâncias bastante peculiares, embora não desonrosas, pouco antes da Revolução; mas desconhece qualquer inimizade ou mistério na época atual. O inspetor Cunningham assumiu o caso e espera descobrir pistas valiosas nos próximos dias.

CACHORROS EM POLVOROSA EM PAWTUXET

Os moradores de Pawtuxet acordaram por volta das três horas da manhã de hoje com o alarido ensurdecedor dos inúmeros cachorros que latiam, principalmente às margens do rio logo ao norte de Rhodes-on-the-Pawtuxet. Segundo o relato de testemunhas, o volume e a qualidade dos uivos era singular ao extremo; e Fred Lemdin, o vigia noturno em Rhodes, afirmou que em meio ao alarido era possível distinguir o que pareciam ser os gritos de um homem em terror e agonia mortais. Uma tempestade elétrica breve e intensa, que começou próximo às margens do rio, pôs fim ao tumulto. Estranhos e desagradáveis odores com provável origem nos tanques de óleo dispostos ao longo da baía foram identificados pelo populares como sendo a causa do incidente, e de fato podem ter contribuído para alterar o temperamento dos animais.

A partir desse ponto o aspecto de Charles tornou-se desalentado e acuado ao extremo, de maneira que, ao pensar em retrospectiva, todos afirmaram que o rapaz dava a impressão de querer fazer uma declaração ou uma confissão que, no entanto, era impedida pelo terror em estado bruto. O mórbido hábito da sra. Ward de escutar à noite revelou que Charles Ward com frequência saía da casa sob o manto da escuridão, e a maior parte dos alienistas mais acadêmicos associam-no aos revoltantes casos de vampirismo que a imprensa noticiou com requintes sensacionalistas na época, embora ainda não tenham sido atribuídos de maneira conclusiva a nenhum malfeitor conhecido. Esses casos, demasiado recentes e célebres para que seja necessário entrar em detalhes, envolvem vítimas das mais variadas características e faixas etárias, e parecem centrar-se em duas localidades distintas: na parte residencial do morro e no North End, próximos à casa da família, e nos distritos suburbanos do outro lado da Cranston Line, próximo a Pawtuxet. Viajantes noturnos e pessoas acostumadas a dormir com as janelas abertas foram vítimas de ataques, e os que sobreviveram para contar a história falaram em um monstro esbelto e ágil que soltava fogo nos olhos, cravava os dentes na garganta ou na parte superior do braço da vítima e banqueteava-se com um apetite voraz.

O dr. Willett, que se recusava a admitir a loucura de Charles Ward a essa época, era cauteloso ao arriscar uma explicação para esses horrores. Segundo disse, elaborou teorias próprias a esse respeito, e limitou todas as afirmações a um tipo peculiar de negação. “Não pretendo”, disse, “revelar quem ou o que acredito ter perpetrado esses ataques e homicídios, mas declaro que Charles Ward é inocente de todas as acusações. Tenho motivos para afirmar com certeza que desconhecia o gosto do sangue, pois a decadência anêmica e o palor cada vez maior desse jovem são provas mais convincentes do que qualquer argumento verbal. Ward envolveu-se com coisas terríveis e pagou um alto preço, mas nunca foi um monstro ou um vilão. Quanto à situação atual — não gosto nem de pensar a respeito. Houve uma alteração, e me sinto mais leve por acreditar que o velho Charles Ward tenha morrido com ela. Pelo menos em alma — pois a carne desvairada que desapareceu do hospital de Waite tinha outra.”

Willett falava com autoridade, pois estava com frequência na casa dos Ward cuidando da sra. Ward, cujos nervos haviam começado a se deteriorar com a tensão. As audições noturnas haviam engendrado alucinações mórbidas reveladas com certo receio para o médico, que as ridicularizava ao falar com a paciente, mas ponderava-as em profundas reflexões quando sozinho. Todos esses delírios referiam-se aos sons tênues que a sra. Ward imaginava ouvir no laboratório e no quarto do sótão, e enfatizavam a ocorrência de suspiros abafados e choro nos horários mais impossíveis. No início de julho Willett mandou a sra. Ward passar uma temporada de convalescência em Atlantic City sem data para voltar, e

orientou o sr. Ward e o desalentado e fugidio Charles a escrever-lhe apenas com boas notícias. É possível que a mulher deva a sanidade e a própria vida a esse afastamento indesejado e compulsório.

2.

Pouco tempo após a partida da mãe Charles Ward começou a negociar a casa em Pawtuxet. Era uma pequena e sórdida construção de madeira com uma garagem de concreto, empoleirada no alto da margem esparsamente povoada do rio acima de Rhodes, mas por algum motivo bizarro o jovem não demonstrou interesse por nenhuma outra propriedade. Tampouco deu sossego aos corretores imobiliários enquanto não lograram comprar o imóvel de um proprietário avesso ao negócio por uma soma exorbitante, e assim que a casa foi desocupada Charles instalou-se no local sob o manto da noite, transportando em um grande caminhão fechado todo o conteúdo do laboratório no sótão, incluindo os livros que havia retirado do estúdio. O caminhão foi carregado durante as trevas da madrugada, e o pai recorda-se apenas de perceber imprecações abafadas e o som de passos na noite em que os bens foram levados. A seguir Charles tornou a ocupar os antigos aposentos no terceiro andar e nunca mais voltou a frequentar o sótão.

Para a casa em Pawtuxet Charles levou todo o sigilo que antes rodeava o antigo reino do sótão — a única diferença foi que a partir desse ponto começou a dar a impressão de ter dois companheiros de mistério: um mestiço português de aspecto repulsivo que trabalhava na zona portuária da South Main Street como criado e um magro e erudito forasteiro que usava óculos escuros e uma barba cerrada de aspecto tingido cuja posição era sem dúvida a de um colega. Os vizinhos tentaram em vão entabular conversas com esses singulares personagens. O mulato Gomes falava pouco inglês, e o homem barbado, que se identificava como dr. Allen, seguiu voluntariamente o exemplo. Ward tentou ser mais afável, mas conseguiu apenas despertar ainda mais curiosidade com os prolixos relatos acerca das pesquisas químicas a que se dedicava. Dentro de pouco tempo começaram a circular estranhos causos relativos às luzes que ardiam durante a noite inteira; e mais tarde, quando pararam de arder de repente, surgiram causos ainda mais estranhos a respeito de encomendas colossais feitas para o açougueiro e a respeito dos berros, declamações, litanias e gritos abafados que pareciam vir das profundezas de algum lugar sob a casa. Sem dúvida os novos ocupantes sofreram com a evidente e amarga rejeição da burguesia honesta que morava nos arredores, e não chega a causar surpresa saber que rumores sombrios começaram a relacionar a odiosa morada à epidemia de ataques e assassinatos vampíricos, em especial porque o raio de ação dessa praga dava a impressão de limitar-se a Pawtuxet e às ruas adjacentes de Edgewood.

Ward passava a maior parte do tempo na casa em Pawtuxet, mas por vezes dormia na mansão da família e ainda era contado entre aqueles que moravam sob o teto do pai. Por duas vezes ausentou-se da cidade em viagens de uma semana

cujos destinos ainda não foram descobertos. Estava cada vez mais pálido e mais descarnado do que antes e parecia ter perdido a antiga convicção quando repetiu para o sr. Willett a velha história sobre pesquisas vitais e revelações futuras. Willett muitas vezes interpelava-o na casa do pai, pois o patriarca Ward demonstrava perplexidade e preocupação extremas e desejava que o filho recebesse tanta supervisão quanto fosse possível oferecer a um adulto tão sigiloso e independente. O médico insistia em afirmar que o rapaz mantinha o pleno domínio de todas as faculdades mentais até esse ponto e apresentava evidências colhidas ao longo de inúmeras conversas para demonstrar essa afirmação.

Por volta de setembro os casos de vampirismo diminuíram, mas no janeiro seguinte Ward quase acabou envolvido em problemas sérios. Por um tempo a chegada e a saída de caminhões à noite na casa de Pawtuxet tinham sido motivo de comentários, e foi nessa circunstância que um obstáculo inesperado revelou a natureza de pelo menos um item transportado nos carregamentos. Um local isolado próximo ao Hope Valley foi palco de uma das frequentes e sórdidas emboscadas promovidas pelos "sequestradores" de caminhões em busca de carregamentos de bebida, porém dessa vez os ladrões estavam destinados a levar um tremendo susto. Ao serem abertas, as caixas oblongas das quais se haviam apossado revelaram coisas medonhas ao extremo; a bem dizer, tão medonhas que não foram mantidas em sigilo nem mesmo pelos frequentadores do submundo. Os ladrões enterraram às pressas o que haviam encontrado, mas quando a Polícia Civil tomou conhecimento do caso iniciou-se uma busca minuciosa. Um andarilho preso não muito tempo atrás, mediante a promessa de que não seria indiciado por nenhum outro crime, por fim concordou em levar um grupo de investigadores ao local; e no esconderijo cavado às pressas foi encontrado um carregamento vergonhoso e horrendo. Não faria bem ao decoro nacional ou mesmo internacional que a população soubesse o que foi encontrado por esse atônito grupo de investigadores. Não havia engano possível, nem mesmo para aqueles investigadores nada estudiosos; e logo telegramas foram despachados para Washington com uma rapidez frenética.

As caixas tinham sido remetidas para o endereço da casa em Pawtuxet, e em certa ocasião agentes estaduais e federais fizeram uma visita deveras séria e intimidadora à casa de Charles Ward. Encontraram-no pálido e preocupado com os dois estranhos companheiros, e receberam o que parecia ser uma explicação válida como alegação de inocência. Charles afirmou que precisara de certos espécimes anatômicos para levar adiante um programa de pesquisa cuja profundidade e originalidade qualquer pessoa que o houvesse conhecido durante a última década poderia atestar, e também que os encomendara segundo a necessidade de agências que imaginou serem perfeitamente idôneas. Quanto à *identidade* do espécime, afirmou nada saber, e a bem da verdade mostrou-se

chocado quando os inspetores sugeriram o impacto monstruoso que o ocorrido poderia ter sobre o sentimento público e a dignidade nacional se porventura viesse à tona. O depoimento foi confirmado pelo barbado dr. Allen, cuja estranha voz cava transmitia ainda mais convicção do que o tom nervoso em que se expressava; e assim os oficiais decidiram não levar o caso adiante e limitaram-se a anotar o nome e o endereço em Nova York que Ward havia mencionado como ponto de partida para uma busca que no fim não deu em nada. Cabe mencionar que os espécimes foram devolvidos ao lugar de origem com a maior brevidade e o maior sigilo possíveis, e que a população jamais tomará conhecimento dessa profanação blasfema.

No dia 9 de fevereiro de 1928 o dr. Willett recebeu de Charles Ward uma carta que considerou ser de extraordinária importância e que serviu como mote de inúmeras discussões com o dr. Lyman. Lyman acreditou que essa correspondência trazia provas irrefutáveis de um evidente caso de *dementia praecox*, enquanto Willett a interpretou como a última manifestação salubre do malfadado jovem. O médico da família chamou especial atenção para a caligrafia, que, embora trouxesse evidências de uma alteração nervosa, representava de maneira fidedigna o estilo de Ward. Eis o texto integral da carta:

> *100 Prospect St.*
> *Providence, R.I.,*
> *8 de fevereiro de 1928.*
>
> CARO DR. WILLETT — Sinto que enfim chegou o momento de fazer as revelações que há muito tempo prometi ao senhor, e pelas quais o senhor tantas vezes me pressionou. A paciência demonstrada nessa espera e a confiança evidenciada pelo senhor em relação à minha sanidade e à minha integridade serão motivos de eterno apreço da minha parte.
> Mesmo agora, quando me encontro disposto a falar, reconheço humilhado que um triunfo como o que idealizei jamais poderá ser atingido — pois em vez do triunfo encontrei o terror, e a revelação que ora ofereço não é a bravata de um vitorioso, mas apenas o pedido de um suplicante em busca de ajuda e de conselhos para salvar a si mesmo e ao mundo de um horror que transcende toda a concepção humana. Com certeza o senhor recorda o que as cartas de Fenner dizem a respeito do antigo grupo encarregado da invasão em Pawtuxet. Tudo aquilo precisa ser feito mais uma vez, e depressa. De nossas providências dependem mais coisas do que seria possível expressar em palavras — todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do

sistema solar e do universo como um todo. Eu trouxe à luz do dia uma aberração monstruosa, porém meu único objetivo era a obtenção de conhecimento. Agora, em nome da vida e da Natureza, o senhor precisa me ajudar a empurrá-la de volta para as trevas.

Abandonei a residência em Pawtuxet para sempre, e precisamos aniquilar tudo aquilo que lá se encontra, independente de estar vivo ou morto. Não pretendo voltar jamais até aquele lugar, e o senhor não deve acreditar se em algum momento receber notícias de que me encontro lá. Prometo explicar por que quando nos encontrarmos pessoalmente.

Voltei para casa em definitivo, e gostaria que o senhor me fizesse uma visita na primeira oportunidade em que possa dispor de cinco ou seis horas ininterruptas para ouvir o que tenho a dizer. Todo esse tempo será necessário — e acredite-me quando digo que o senhor nunca teve um dever profissional mais genuíno do que esse. Minha vida e minha sanidade são as coisas menos importantes que estão em jogo.

Não me atrevo a contar nada ao meu pai, que não conseguiria apreender o todo. Mesmo assim, informei-o do perigo atual, e agora temos quatro homens de uma agência de detetives vigiando a casa. Não tenho certeza de que possam ter grande serventia, pois o oponente é uma força que mesmo o senhor mal poderia conceber ou admitir. Assim, peço que venha logo se pretende me encontrar vivo e saber como pode ajudar a salvar o cosmo do inferno.

Venha a qualquer momento — não vou mais sair de casa. Não telefone antes, pois não há como saber quem ou o que pode tentar emboscá-lo no caminho. Rezemos a quaisquer deuses que existam para que nada possa impedir nosso encontro.

Na mais absoluta gravidade e desespero,

CHARLES DEXTER WARD.

P.S. Caso encontre o dr. Allen, mate-o a tiros no ato e *dissolva o corpo em ácido.* Não o queime.

O dr. Willett recebeu esse bilhete por volta das 10h30 e imediatamente resolveu dedicar todo o final do entardecer e toda a noite a essa importantíssima conversa, disposto a permitir que se estendesse por tanto tempo quanto fosse necessário. Planejou chegar por volta das quatro horas da tarde, e durante o tempo que antecedeu o encontro viu-se tão distraído por toda sorte de especulações improváveis que executou a maioria das tarefas de forma mecânica. Por mais lunática que a carta pudesse ter soado aos ouvidos de um estranho, Willett conhecia as excentricidades de Charles Ward demasiado a fundo para considerá-

las um simples caso de alucinação. Tinha quase certeza de que uma sombra furtiva, antiga e terrível pairava sobre a revelação, e a referência ao dr. Allen quase podia ser compreendida à luz do que os boatos correntes em Pawtuxet diziam a respeito do enigmático colega de Ward. Willett nunca o tinha visto, mas escutara vários comentários sobre o aspecto e o porte desse personagem, e por esse motivo nutria uma certa curiosidade em relação aos olhos que os óculos escuros discutidos nas mais variadas rodas sociais podiam ocultar.

Pontualmente às quatro horas da tarde o dr. Willett apresentou-se na residência dos Ward, porém descobriu com justificada frustração que Charles cumprira a promessa de manter-se em casa. Os guardas estavam a postos, mas informaram-lhe que o jovem aparentava ter perdido um pouco da timidez. Segundo um dos detetives, naquela manhã tinha feito reclamações e protestos um tanto receosos ao telefone, respondendo a uma voz desconhecida com frases como “Estou muito cansado e preciso descansar um pouco”, “Não posso receber ninguém por algum tempo, desculpe”, “Por favor adie as medidas decisivas para quando pudermos chegar a um meio-termo” e “Lamento, mas preciso tirar férias de tudo; conversamos mais tarde.” Por fim, tendo aparentemente encontrado coragem na meditação, esgueirou-se para a rua com tanto sigilo que ninguém o viu partir ou sequer percebeu que havia se ausentado enquanto não voltou, por volta da uma hora da tarde, e entrou na casa sem dizer uma palavra. Subiu imediatamente as escadas, o que parece ter causado o ressurgimento parcial do medo; pois quando entrou na biblioteca ouviram-no soltar um grito de pavor que aos poucos deu lugar a uma espécie de estertor sufocado. Quando, no entanto, o mordomo subiu para averiguar qual era o problema, Charles recebeu-o junto à porta com uma grande demonstração de coragem e dispensou-o com um gesto que infundiu no serviçal um terror inexplicável. A seguir, procedeu sem dúvida a uma reorganização das prateleiras, uma vez que se ouviram estrépitos e baques e rangidos; e por fim reapareceu e de imediato saiu da casa. Willett perguntou se Ward teria deixado alguma mensagem, mas foi informado de que não havia nenhuma. O mordomo parecia evidenciar uma estranha perturbação relativa a alguma coisa na aparência e nos modos de Charles, e indagou preocupado se havia esperança de cura para o estado de nervos em que se encontrava.

Por quase duas horas o sr. Willett esperou em vão na biblioteca de Charles Ward, observando as prateleiras empoeiradas com grandes falhas nos lugares de que os livros tinham sido removidos e abrindo sorrisos lúgubres para o painel que encimava o consolo na parede norte, de onde um ano atrás as feições delicadas do velho Joseph Curwen haviam olhado com uma expressão serena para baixo. Passado algum tempo, as sombras do crepúsculo adensaram-se, e o pôr do sol deu lugar a um vago terror crescente que fugia como uma sombra perante a noite. O sr. Ward por fim chegou e demonstrou surpresa e raiva ao saber da ausência do

filho depois de todas as precauções que tomara para resguardá-lo. Não sabia nada acerca do encontro marcado por Charles, e prontificou-se a notificar Willet assim que o jovem retornasse. Ao despedir-se do médico, expressou a mais absoluta perplexidade em relação à situação do filho, e suplicou ao visitante que fizesse todo o possível a fim de restabelecer a compostura normal do rapaz. Willett sentiu-se aliviado ao deixar a biblioteca, pois algo terrível e profano dava a impressão de assombrar o lugar, como se o retrato desaparecido tivesse deixado para trás um legado maligno. Nunca tinha gostado daquela pintura; e naquele instante, por mais domínio que tivesse sobre os próprios nervos, uma qualidade indefinível no painel vazio fê-lo sentir a necessidade urgente de sair para o ar puro o mais depressa possível.

3.

Na manhã seguinte Willett recebeu uma mensagem do patriarca Ward dizendo que Charles seguia ausente. O sr. Ward mencionou que o dr. Allen telefonara para dizer que Charles permaneceria em Pawtuxet por algum tempo e que não devia ser perturbado. Todas essas medidas eram necessárias porque o próprio Allen de repente viu-se obrigado a se ausentar por um período indefinido, durante o qual as pesquisas seriam deixadas aos cuidados de Charles. Charles havia mandado saudações e pedia desculpas por quaisquer transtornos causados pela súbita mudança de planos. O sr. Ward escutou a voz do dr. Allen pela primeira vez ao ouvir essa mensagem, e o timbre pareceu reavivar uma lembrança vaga e fugidia que não podia ser identificada de maneira precisa, mas se mostrava perturbadora a ponto de causar temor.

Ao confrontar-se com esses relatos contraditórios e intrigantes, o dr. Willett não soube como reagir. Não havia como negar a seriedade frenética do bilhete de Charles, mas o que se poderia cogitar a respeito da violação imediata das políticas expressas pelo próprio missivista? O jovem Ward escrevera que os aposentos que habitava tinham se transformado em um lugar blasfemo e ameaçador, que deviam ser aniquilados juntamente com o colega barbado a qualquer custo e que ele próprio jamais retornaria ao local; porém, de acordo com os últimos relatos, havia se esquecido de tudo e voltado a envolver-se com o mistério. O senso comum recomendaria deixar o jovem em paz com essas excentricidades, porém um instinto mais profundo impedia que a impressão causada pela carta frenética desaparecesse. Willett leu e releu a mensagem, mas não conseguiu fazer com que a essência que encerrava soasse vazia e insana como a verborragia bombástica e a súbita inobservância da conduta recomendada poderiam sugerir. O terror era demasiado profundo e real, e somado a tudo que o médico sabia evocava sugestões demasiado vívidas de monstruosidades para além do tempo e do espaço para que permitissem qualquer tipo de explicação mais cética. Havia horrores inomináveis à espreita; e, por mais improvável que se afigurasse uma tentativa de aproximação, era necessário estar preparado para tomar providências a qualquer momento.

Por mais de uma semana o dr. Willett meditou sobre o dilema que parecia haver se imposto, e assim viu-se cada vez mais inclinado a fazer uma visita a Charles na casa em Pawtuxet. Nenhum amigo do jovem havia se aventurado a penetrar nesse refúgio proibido, e mesmo o patriarca Ward conhecia apenas os detalhes interiores que o filho tinha por bem lhe oferecer; mas Willett sentiu que uma conversa direta com o paciente seria necessária. O sr. Ward vinha recebendo correspondências breves e evasivas do filho, sempre datilografadas, e afirmou que

a situação da sra. Ward não era diferente em Atlantic City. Por fim o dr. Willett decidiu-se a agir; e, apesar de uma sensação curiosa inspirada pelas velhas lendas a respeito de Joseph Curwen e das revelações e alertas recentes de Charles Ward, partiu cheio de coragem rumo à casa situada nas margens do rio.

Movido por uma profunda curiosidade, Willett já havia visitado o local, embora jamais tivesse adentrado a casa ou mencionado essa incursão; e portanto sabia exatamente que caminho tomar. Depois de pegar o carro e tomar a Broad Street em uma tarde no fim de fevereiro, pensou com certa estranheza no sinistro grupo de homens que havia tomado aquele mesmo caminho cento e cinquenta e sete anos atrás para cumprir uma missão que ninguém jamais poderá compreender.

O trajeto através da periferia decadente da cidade era curto, e a graciosa Edgewood e a sonolenta Pawtuxet logo se estenderam à frente. Willett virou à esquerda para descer a Lockwood Street e continuou dirigindo pela estrada rural até onde era possível; então desceu do carro e prosseguiu a pé rumo ao norte, onde a margem erguia-se em meio às belas curvas do rio e aos rochedos nebulosos que se espraiavam mais além. As casas ainda eram um tanto esparsas naquele ponto, e não havia como enganar-se a respeito da construção com a garagem de concreto em um ponto elevado à esquerda. Após subir a passos lépidos a estrada de cascalho abandonada, o médico bateu na porta com a mão firme e falou sem nenhum temor com o mulato português que a abriu pouco mais do que uma fresta.

Alegou que precisava ver Charles Ward o quanto antes para discutir um assunto de vital importância. Nenhuma desculpa seria aceita, e uma eventual recusa significaria um relato completo do ocorrido ao patriarca Ward. O mulato continuou hesitante e empurrou a porta no instante em que Willett tentou abri-la; porém o médico ergueu a voz e tornou a repetir as exigências feitas. Nesse instante veio do interior sombrio um sussurro rouco que enregelou o sangue do visitante, ainda que não conhecesse o motivo desse temor. “Deixe-o entrar, Tony”, disse a voz; “agora podemos conversar.” Mas por mais perturbador que fosse o sussurro, um temor ainda maior veio logo a seguir. O assoalho estalou e o misterioso interlocutor se revelou — e o dono daquela estranha e ribombante voz não era outro senão Charles Dexter Ward.

A precisão com que o dr. Willett recordou e registrou a conversa dessa tarde deve-se à importância que atribui a esse período em particular. A partir desse ponto o médico enfim reconhece a ocorrência de uma alteração fundamental na mentalidade de Charles Dexter Ward, e acredita que o jovem que encontrou na casa em Pawtuxet falava movido por ideias e pensamentos totalmente estranhos às ideias e aos pensamentos do rapaz que tinha acompanhado ao longo de vinte e seis anos. A polêmica com o dr. Lyman obrigou-o a ser mais específico, e assim o

dr. Willett afirmou que a loucura de Charles Ward começou na época em que passou a enviar as correspondências datilografadas para os pais. Essas correspondências não são vazadas no estilo habitual de Ward nem no estilo da última carta frenética endereçada a Willett. Parecem estranhas e arcaicas, como se o colapso mental do remetente tivesse feito transbordar uma torrente de pendores e impressões acumuladas de maneira inconsciente ao longo de toda uma infância de antiquarismo. Percebe-se uma evidente tentativa de parecer moderno, porém o espírito e por vezes a linguagem das missivas remontam ao passado.

O passado também se mostrou presente na postura e nos gestos de Ward quando recebeu o dr. Willett na casa obscura. Charles fez uma mesura, indicou um assento a Willett e sem mais delongas começou a falar de repente naquele estranho sussurro que tentou explicar desde o primeiro momento.

"Estou tísico", disse, "por causa dos ventos desse rio maldito. Por favor não repare na minha voz. Imagino que o meu pai o tenha mandado averiguar o que me aflige, mas espero que o senhor não leve notícias alarmantes."

Willett estudou aqueles sons com o maior cuidado, mas estudou ainda mais de perto a expressão do interlocutor. Percebeu que havia alguma coisa errada; e lembrou-se do que a família lhe dissera a respeito do susto que o mordomo de Yorkshire havia tomado em uma certa noite. Desejou que não estivesse tão escuro, mas não pediu que as cortinas fossem abertas. Em vez disso, simplesmente perguntou a Ward por que tinha contrariado o bilhete frenético de pouco menos de uma semana atrás.

"É o que eu gostaria de explicar", respondeu o anfitrião. "Como o senhor deve saber, meus nervos encontram-se em um estado deveras precário, e assim me levam a dizer e a fazer coisas pelas quais não posso ser responsabilizado. Conforme afirmei em inúmeras ocasiões, estou envolvido em pesquisas de extrema importância; e a grandeza dessas pesquisas por vezes embota-me os pensamentos. Qualquer um haveria de sentir-se assustado pelo que descobri, mas eu não posso adiar meu progresso por muito tempo. Sinto-me um idiota por ter pedido aquela guarda e me decidido a ficar em casa, pois o meu lugar é aqui. Não sou bem falado por meus vizinhos intrujões, e talvez a fraqueza tenha me levado a acreditar no que disseram a meu respeito. Nã há mal nenhum no que faço, desde que eu o faça direito. Tenha a bondade de aguardar seis meses e hei de recompensar-lhe a paciência."

"O senhor deve saber que tenho maneiras de inteirar-me a respeito de temas antigos valendo-me de fontes mais confiáveis que os livros, e portanto deixo-lhe a tarefa de julgar a importância da contribuição que posso fazer à história, à filosofia e às artes com as portas a que tive acesso. Meu antepassado dispunha dessas coisas todas quando aqueles idiotas enxeridos vieram matá-lo. Eu agora tenho-as mais uma vez ao meu dispor, ou ao menos hei de ter alguma parte, ainda

que de maneira imperfeita. Dessa vez nada deve acontecer, e acima de tudo não em decorrência de meus temores estúpidos. Rogo ao senhor que esqueça tudo o que escrevi, e que não tenha medo desse lugar nem das pessoas que aqui se encontram. O dr. Allen é um homem decente, e devo-lhe um pedido de desculpas por todos os males que espalhei a seu respeito. Eu não gostaria de tê-lo dispensado, porém tinha compromissos em outro lugar. O fervor que demonstra em relação a essas coisas não é menor do que o meu, e imagino que quando temi meu dever também o temi na condição de meu principal ajudante."

Ward deteve-se e o dr. Willett mal soube o que fazer ou pensar. Sentiu-se quase tolo em vista desse tranquilo repúdio em relação à carta; porém, mesmo assim ateve-se ao fato de que, embora tivesse parecido estranha e bizarra e sem dúvida insana, a mensagem tinha sido trágica por conta da naturalidade e da profunda semelhança que guardava com o Charles Ward que conhecia de outrora. Willett tentou abordar temas mais antigos para que o jovem recordasse eventos passados capazes de restaurar uma atmosfera mais familiar, entretanto obteve apenas resultados grotescos nesse processo. O mesmo se repetiu mais tarde com todos os alienistas. Grandes porções do repositório de imagens mentais de Charles Ward, e em especial aquelas que se relacionavam aos tempos modernos e a sua vida pessoal, tinham sido inexplicavelmente obliteradas, enquanto todo o antiquarismo acumulado durante a juventude aflorou das profundezas do inconsciente e tragou tudo o que havia de contemporâneo e de individual. O conhecimento íntimo que o jovem evidenciava acerca de coisas antigas era anômalo e profano, e por esse motivo o paciente tentava ocultá-lo da melhor forma possível. Às vezes, quando Willett mencionava um objeto favorito dos estudos arcaicos da infância, Charles Ward revelava por acaso um conhecimento de que nenhum mortal comum poderia dispor, e quando essas alusões surgiam o médico nunca deixava de estremecer.

Não era salubre deter tanto conhecimento a respeito da maneira como a peruca do rotundo xerife caiu quando se inclinou para frente durante uma encenação na Histrionick Academy do sr. Douglass, em plena King Street, no dia onze de fevereiro de 1762, uma quinta-feira; nem a respeito da ocasião em que os atores fizeram tantos cortes no texto de *Conscious Lovers*, de Steele, que o fechamento do teatro pela legislatura batista da época duas semanas mais tarde foi visto quase com alegria por certas pessoas. Que o coche para Boston de Thomas Sabin era "desconfortável de sobejo" as correspondências da época talvez pudessem revelar; mas que antiquarismo saudável poderia recordar que os estalos da nova placa de Epenetus Olney (a espalhafatosa coroa adotada depois que passou a chamar a taverna de Crown Coffee House) soavam exatamente como as primeiras notas da nova canção de jazz que tocava em todas as rádios de Pawtuxet?

Ward, contudo, não se deixava questionar por muito tempo nessa veia. Os tópicos pessoais e modernos eram abandonados de maneira sumária, e os temas antigos não tardavam a aborrecê-lo. O que claramente pretendia fazer era satisfazer a curiosidade do visitante para que fosse embora sem a intenção de voltar. A fim de atingir esse objetivo, dispôs-se a mostrar a Willett a casa inteira, e no instante seguinte começou a acompanhar o médico por todos os cômodos do porão ao sótão. Willett examinou tudo com atenção e percebeu que os livros visíveis eram demasiado parcos e triviais para que pudessem ter preenchido as grandes lacunas deixadas nas prateleiras de Ward, e também que o suposto "laboratório" não passava de uma cortina das mais ordinárias. Sem dúvida havia uma biblioteca e um laboratório em outro lugar, mas era impossível determinar onde. Derrotado na busca por algo que nem ao menos sabia o que era, Willett voltou para a cidade antes do anoitecer e contou ao patriarca Ward tudo o que havia se passado. Os dois chegaram à conclusão de que o jovem havia definitivamente perdido o controle sobre as próprias faculdades mentais, porém acharam que nenhuma medida drástica precisaria ser tomada de imediato. Acima de tudo a sra. Ward devia ser mantida na mais absoluta ignorância a respeito do ocorrido, na medida que as estranhas notas datilográficas do filho permitissem.

Nessa ocasião o sr. Ward decidiu-se a fazer uma visita pessoal ao filho, sem comunicá-lo de antemão. O dr. Willett levou-o de carro em um entardecer, mostrou onde se situava a casa e esperou pacientemente o retorno do companheiro de viagem. A entrevista foi longa, e por fim o pai saiu em um estado de profunda tristeza e perplexidade. A recepção fora similar à de Willett, com a diferença de que Charles levou um tempo deveras longo para apresentar-se depois que o visitante abriu passagem à força pelo corredor e mandou o português embora com uma ordem peremptória; e na compostura alterada do jovem não havia nenhum resquício de afeição filial. A iluminação era tênue, porém mesmo assim Charles afirmou sentir-se ofuscado de maneira quase insuportável. Tinha falado em voz baixa, alegando que a garganta estava em condições precárias; mas no sussurro rouco havia uma qualidade vagamente perturbadora que o sr. Ward não conseguia afastar dos pensamentos.

Unidos em definitivo para fazer o quanto fosse possível a fim de resguardar a sanidade do jovem, o sr. Ward e o dr. Willett começaram a reunir todos os detalhes que pudessem encontrar acerca do caso. Os boatos que circulavam em Pawtuxet foram o primeiro item examinado, e a tarefa foi relativamente fácil porque ambos tinham amigos na região. O dr. Willett coletou o maior número de rumores porque as pessoas dispunham-se a ser mais abertas com um médico do que com o pai da figura central — e, a dizer pelos relatos que colheu, o jovem Ward vinha levando uma vida deveras estranha. As línguas comuns não conseguiam dissociar a casa onde morava dos casos de vampirismo ocorridos no

verão anterior, e a movimentação noturna dos caminhões dava origem a muitas outras especulações sombrias. Os comerciantes locais mencionaram a estranheza dos pedidos feitos pelo mulato de aspecto maligno e em particular as enormes quantias de carne e sangue frescos compradas dos únicos dois açougues na vizinhança imediata. Para uma residência com apenas três pessoas, as quantidades eram absurdas.

Havia também a questão dos ruídos subterrâneos. Os relatos acerca dessas coisas eram difíceis de interpretar, mas todas as vagas insinuações concordavam nos detalhes essenciais. Surgiam ruídos de natureza ritual nas ocasiões em que a casa se encontrava às escuras. Poderiam, é claro, vir do porão conhecido; mas os rumores insistiam em afirmar que havia criptas mais extensas e mais profundas. Tendo em mente as antigas histórias sobre as catacumbas de Joseph Curwen e o pressuposto de que a casa atual tivesse sido escolhida por ocupar o mesmo terreno da antiga propriedade de Curwen, segundo informavam certos documentos encontrados atrás do retrato, o dr. Willett e o sr. Ward prestaram muita atenção a essa faceta dos rumores, e por inúmeras vezes procuraram sem sucesso a porta à margem do rio mencionada nos antigos manuscritos. Quanto à opinião popular acerca dos vários habitantes da casa, logo ficou evidente que o português de Brava era abominado, que o dr. Allen de barba e de óculos era temido e que o pálido e jovem estudioso era o objeto de uma profunda repulsa. Durante os dez ou quinze últimos dias Ward sem dúvida havia sofrido mudanças profundas; tinha abandonado qualquer tentativa de mostrar-se afável e passara a falar apenas com sussurros roucos e estranhamente repulsivos nas raras ocasiões em que saía de casa.

Estes eram os retalhos e fragmentos coletados aqui e acolá pelo sr. Ward e pelo dr. Willett; e a respeito deles tiveram várias conferências longas e graves. Os dois se esforçaram por aplicar métodos de dedução, indução e imaginação criativa da forma mais abrangente possível, e também por estabelecer relações entre todos os fatos conhecidos acerca da vida recente de Charles, incluindo a carta frenética que o médico havia mostrado ao pai e as parcas evidências documentais disponíveis que diziam respeito a Joseph Curwen. Estariam dispostos a dar muita coisa em troca de um vislumbre dos papéis que Charles encontrara, pois sem dúvida a explicação para a loucura do jovem estava naquilo que aprendera sobre as façanhas do antigo feiticeiro.

4.

Apesar de tudo, o último movimento deste caso singular não se deveu às ações do sr. Ward ou do dr. Willett. O pai e o médico, confusos e perplexos ante uma sombra demasiado amorfa e intangível para que pudessem combatê-la, desfrutavam de um repouso intranquilo à espera do passo seguinte enquanto as notas datilográficas do jovem Ward tornavam-se cada vez menos frequentes. Quando o dia primeiro do mês trouxe os ajustes financeiros habituais, os funcionários de certos bancos começaram a balançar a cabeça e a telefonar uns para os outros. Oficiais que conheciam Charles Ward de vista foram até a casa em Pawtuxet perguntar por que todos os cheques apresentados naquela circunstância traziam falsificações grosseiras no campo da assinatura, e receberam uma resposta menos convincente do que gostariam de receber quando o jovem explicou com voz rouca que nos últimos tempos os tremores nervosos vinham-lhe afetando a mão a ponto de tornar a escrita normal impossível. Segundo disse, não conseguia mais formar caracteres manuscritos a não ser com extrema dificuldade, e resolveu provar o que dizia explicando que se vira obrigado a datilografar todas as correspondências recentes, inclusive aquelas endereçadas ao pai e à mãe, que poderiam confirmar essa alegação.

A confusão que levou os investigadores a se deterem não foi essa circunstância isolada, pois a esse respeito não havia nada de inédito ou de suspeito; tampouco os boatos de Pawtuxet, a respeito dos quais um que outro investigador ouvira falar. Foi a fala desconexa do jovem que os deixou atônitos, uma vez que indicava uma total perda de memória no tocante a assuntos monetários de grande importância que apenas um ou dois meses atrás tinham sido tratados com a mais absoluta desenvoltura. Alguma coisa estava errada, pois a despeito do aspecto de coerência e de racionalidade presente no discurso, não poderia haver uma razão concebível para aquela ignorância escondida a duras penas em relação a tópicos vitais. Além do mais, embora nenhum dos homens fosse muito próximo a Ward, todos perceberam uma alteração no porte e na maneira de falar do jovem. Tinham ouvido falar das inclinações ao antiquariato, porém nem mesmo o antiquário mais empedernido faria uso diário de frases e gestos obsoletos. No geral, essa combinação de voz rouca, mãos paralisadas, lacunas de memória e alterações de fala e de comportamento devia ser o indicativo de um distúrbio ou de uma moléstia grave, o que sem dúvida formava a base dos rumores que circulavam; e depois de partir o grupo de oficiais decidiu que a providência mais urgente seria arranjar uma entrevista com o patriarca Ward.

Assim, no dia seis de março de 1928 houve uma longa e grave conferência no escritório do sr. Ward, ao cabo da qual o resignado pai solicitou a presença do dr. Willett. Willett examinou as assinaturas canhestras e forçadas nos cheques e comparou-as mentalmente com a caligrafia daquele último bilhete frenético. Sem dúvida a alteração fora radical e profunda, porém mesmo assim havia um traço de familiaridade sinistra naquela nova caligrafia. Apresentava fortes tendências a garatujas e arcaísmos de um tipo deveras curioso, e parecia ser o resultado de traçados muito diferentes daqueles via de regra usados pelo jovem. Parecia estranho — mas onde teria visto aquilo antes? Dado o contexto geral, era óbvio que Charles tinha enlouquecido. Quanto a isso não restavam dúvidas. E como parecia improvável que pudesse gerenciar a propriedade ou se manter no mundo dos negócios por mais tempo, alguma providência devia ser tomada o mais depressa possível em relação a uma possível curatela. Foi nesse ponto que os alienistas foram chamados: os drs. Peck e Waite de Providence e o dr. Lyman de Boston, a quem o sr. Ward e o dr. Willett ofereceram um relato tão abrangente quanto possível do caso, e que por fim mantiveram uma longa conferência na biblioteca ociosa do jovem enfermo, analisando os livros e papéis deixados para trás com vistas a formar uma opinião acerca da têmpera habitual do paciente. Depois de averiguar o material e examinar o agourento bilhete enviado a Willett, todos concordaram em que os estudos de Charles Ward haviam desequilibrado ou ao menos distorcido um intelecto comum, e manifestaram o vivo desejo de perscrutar outros volumes e documentos pessoais; mas sabiam que esse passo somente poderia ser dado no próprio local da casa em Pawtuxet. Willett revisou o caso inteiro com uma disposição febril; e foi por volta dessa época que colheu os depoimentos dos trabalhadores que tinham acompanhado o momento em que Charles descobrira os documentos de Curwen e coligiu os incidentes dos jornais danificados após localizá-los na redação do *Journal*.

Na quinta-feira, dia oito de março, os drs. Willett, Peck, Lyman e Waite, acompanhados pelo sr. Ward, partiram rumo à tão aguardada visita ao jovem; não fizeram nenhum segredo a respeito do que pretendiam e questionaram o recém-declarado paciente com extrema minúcia. Charles, embora tenha levado um tempo excessivo para atender a porta e conquanto ainda trescalasse estranhos e nocivos odores do laboratório quando enfim se apresentou, mostrou-se um anfitrião nem um pouco recalcitrante, e admitiu com a mais absoluta franqueza que a memória e o equilíbrio mental haviam sofrido um pouco com a profunda dedicação a estudos abstrusos. Não ofereceu nenhuma resistência quando insistiram em que mudasse de acomodações; e, a bem da verdade, pareceu evidenciar um alto grau de inteligência além da simples memória. A conduta presenciada teria deixado os entrevistadores perplexos se não fosse a persistente tendência a arcaísmos na fala, enquanto a inconfundível substituição de ideias

modernas por conceitos obsoletos marcava-o em definitivo como uma pessoa fora da normalidade. Quanto às pesquisas realizadas, não poderia dizer ao grupo de médicos mais do que já havia revelado previamente à própria família e ao dr. Willett, e o bilhete frenético do mês anterior foi desdenhado como a simples consequência de nervos agitados e histeria. Charles insistiu em dizer que a casa ensombrecida não dispunha de um laboratório nem de uma biblioteca além daqueles que se podiam enxergar, e ofereceu explicações abstrusas quando pediram que explicasse a ausência, na casa, dos odores que lhe impregnavam as roupas. Os boatos da vizinhança foram atribuídos à inventividade barata da curiosidade frustrada. Quanto ao paradeiro do dr. Allen, disse que não estava em posição de oferecer informações precisas, mas assegurou aos inquiridores que o homem de barba e de óculos escuros retornaria no momento oportuno. Ao pagar o impassível português de Brava que resistiu a toda sorte de questionamento da parte dos visitantes e ao fechar a casa que ainda parecia guardar segredos noctíferos, Ward não demonstrou nenhum sinal de nervosismo, salvo apenas por uma discreta tendência a deter-se e apurar o ouvido como se desejasse captar um som longínquo. Parecia estar animado por uma serena resignação filosófica, como se o afastamento fosse apenas um incidente passageiro que causaria menos transtornos se não oferecesse resistência e se livrasse daquilo o mais depressa possível. Era evidente que confiava na agudeza intocada da própria mentalidade absoluta para vencer todos os constrangimentos em que a memória deturpada, a perda da voz e da caligrafia e o comportamento furtivo e excêntrico haviam culminado. Foi combinado que a mãe não seria informada a respeito dessa mudança, e que o pai haveria de enviar bilhetes datilográficos em nome do filho. Ward foi levado ao tranquilo e pitoresco hospital particular mantido pelo dr. Waite em Conanicut Island, na baía, onde foi examinado e questionado minuciosamente por todos os médicos relacionados ao caso. Nesse ponto as anomalias físicas foram percebidas; o metabolismo desacelerado, a pele alterada e as reações neurais desproporcionais. O dr. Willett era o mais perturbado dentre todos os examinadores, pois tinha acompanhado Ward ao longo de toda a vida e portanto era quem melhor podia dimensionar a gravidade e a extensão da decadência física. Até mesmo a familiar marca de nascença no quadril havia desaparecido, enquanto no peito havia surgido um sinal ou uma cicatriz de cor preta que nunca havia estado lá e que levou Willett a indagar se o jovem teria participado dos rituais de “marcação das bruxas” que supostamente ocorrem durante certos encontros noturnos insalubres em lugares ermos e selvagens. O médico não conseguia tirar da cabeça a transcrição do julgamento de uma bruxa em Salém que Charles lhe havia mostrado antes de adotar o comportamento furtivo, que dizia: “O sr. G. B. naquella Noute pos a Marca do Demonio em Bridget S., Jonathan A., Simon O., Deliverance W., Joseph C., Susan P. Mehitable

C. e Deborah B.”. O rosto de Ward também o horrorizava, e por fim descobriu de repente a causa de tamanho horror. Acima do olho direito do jovem, notou um detalhe que nunca havia percebido antes — uma pequena cicatriz ou depressão exatamente idêntica àquela presente na pintura decrépita do velho Joseph Curwen, que talvez indicasse uma inoculação ritualística medonha à qual ambos tivessem se submetido a certa altura da carreira ocultista.

Enquanto Ward intrigava os médicos do hospital, todas as correspondências endereçadas ao paciente ou ao dr. Allen passaram a ser mantidas sob a mais estrita vigilância e entregues na mansão da família Ward. Willett imaginou que o método traria poucos resultados, uma vez que as comunicações de natureza vital provavelmente seriam trocadas através de mensageiros; mas no fim de março uma carta que chegou de Praga para o dr. Allen deixou tanto o médico quanto o pai um tanto pensativos. Veio escrita com garatujas arcaicas ao extremo; e, embora não tivesse saído da pena de um estrangeiro, apresentava desvios quase tão singulares em relação à linguagem moderna quanto a maneira de falar do jovem Ward. Ei-la:

Kleinstrasse 11,
Altstadt, Praga,
11 de Fev. de 1928

IRMÃO EM ALMOUSIN-METRATON — hoje recebi a Mençam Aquillo que resultou da Encommenda que vos enviei. Houve hum Erro, o que sem Duvida significa que as Pedras Tumullares estavão em Logares trocados quando Barnabas obteve o Especime. Huma Situaçam comezinha, como deveis saber pela Cousa obtida no Terreno da King’s Chapell em 1769 e por Aquillo que H. encontrou no Olde Bury’g Point em 1690 e que acabou por matallo. Encontrei hu’a Cousa simillar no Egypto 75 Annos atraz, e dahi vem a Cicatriz que o Menino viu quando me encontrou aqui em 1924. Conforme ja tive Occasiam de dizer, não invoqueis Nada que não possaes supprimir; seja dos Saes mortos ou das Espheras maes allem. Tende sempre prontas as Pallavras do Esconjuro, e não vos demoreis a empregallas quando surgirem quaesquer Duvidas sobre a Identidade Daquelle que invocastes. As Pedras Tumullares se encontrão trocadas em nove de cada dez cemyterios. Não ha como ter Certesa sem perguntar. Hoje recebi Noticias de H., que enfrentou Difficuldades com os Soldados. He possivel que lamente a Transferencia da Transilvania da Hungria para a Romenia, e a bem dizer mudaria a Sede de Logar se o Castello não estivesse tam repleto Daquillo que Conhecemos. Mas não tenho Duvidas de que ha de vos ter

escripto acerca desses Assumptos. Em minha proxima Missiva pretendo dar Noticias a Respeito da Descoberta feita em hum Tumullo no alto de huma Collina no Occidente que, segundo acredito, ha de trazer-vos profunda Satisfacçam. Neste meio-tempo não vos esqueçaes de que estou desejoso de falar com B. F. se puderdes encontrallo. Afinal, conheceis G. na Philadelphia milhor do que eu. Fazei com que se erga primeyro, se assim preferis, mas não o useis a ponto de tornallo difficil, huma vez que preciso ter com Elle no Fim.

Yogg-Sothoth Neblod Zin
SIMON O.

Para o sr. J.C. em
Providence

O sr. Ward e dr. Willett detiveram-se em estado de absoluto caos perante essa evidente prova de insanidade consumada. Apenas aos poucos lograram compreender o que parecia insinuar. Seria o ausente dr. Allen, e não Charles Ward, o espírito dominante em Pawtuxet? Isso explicaria as referências desvairadas e a denúncia na última carta frenética do jovem. E o que dizer a respeito do destinatário, identificado pelo forasteiro de barba e de óculos escuros como “Sr. J.C.”? Não havia como escapar à inferência, mas existem limites para as monstruosidades concebíveis. E quem seria “Simon O.”? O velho que Ward tinha visitado em Praga quatro anos antes? Talvez, mas nos séculos passados havia existido um outro Simon O. — Simon Orne, também conhecido como Jedediah, de Salém, que desapareceu em 1771 e *cuja caligrafia um tanto peculiar o sr. Willett naquele instante reconheceu graças às cópias fotostáticas das fórmulas de Orne que Charles certa vez lhe havia mostrado.* Que horrores e mistérios, que contradições e contravenções da Natureza teriam retornado depois de um século e meio para assolar a velha Providence repleta de cúpulas e coruchéus?

O pai e o velho médico, sem saber o que fazer ou o que pensar, foram visitar Charles no hospital para questioná-lo com o maior tato possível a respeito do dr. Allen, da viagem a Praga e das coisas que havia aprendido com Simon ou Jedediah Orne de Salém. O jovem ofereceu respostas polidas mas evasivas a todos os questionamentos, restringindo-se a dizer em um rouco sussurro que havia encontrado o dr. Allen a fim de estabelecer uma comunicação espiritual com almas do passado e que qualquer contato que o homem barbado tivesse em Praga muito provavelmente teria dons similares. Quando foram embora, o sr. Ward e o dr. Willett notaram com pesar que tinham sido vítimas de uma sabatina;

pois, sem oferecer nenhum tipo de informação vital, o jovem se valera de uma lábia impressionante para fazer com que relatassem todo o conteúdo da carta de Praga.

Os drs. Peck, Waite e Lyman não estavam dispostos a atribuir muita importância à estranha correspondência do companheiro de Charles Ward, pois conheciam a tendência dos excêntricos e dos monomaníacos a buscar espíritos irmãos e acreditavam que Charles e Orne não tinham feito nada além de encontrar uma contraparte no estrangeiro — uma contraparte que talvez houvesse visto a caligrafia de Orne e decidido copiá-la em uma tentativa de passar-se por uma reencarnação do falecido personagem. O próprio caso de Allen não era muito diferente, pois talvez se houvesse apresentado ao jovem como um avatar do finado Curwen. Casos semelhantes haviam ocorrido no passado, e baseados nesse conhecimento os intransigentes médicos descartaram as crescentes preocupações de Willett com a mudança da caligrafia de Charles Ward em relação aos espécimes não premeditados obtidos graças às mais diversas manobras. No fim Willett imaginou ter identificado a origem da estranha familiaridade, e estabeleceu que se assemelhava à caligrafia outrora empregada pelo velho Joseph Curwen; porém os outros médicos afirmaram que uma fase imitativa era parte integrante da mania que afligia o paciente e assim se recusaram a atribuir qualquer importância favorável ou desfavorável ao assunto. Ao perceber a atitude prosaica dos colegas, o dr. Willett aconselhou o sr. Ward a não comentar a carta que chegou no dia dois de abril, enviada ao dr. Allen desde Rakus, na Transilvânia, e escrita em uma caligrafia que guardava semelhanças tão intensas e fundamentais com a cifra de Hutchinson que tanto o pai como o médico viram-se paralisados de espanto por um instante antes de violar o lacre. O conteúdo da carta era o seguinte:

> *Castello Ferenczy*
> *7 de março de 1928.*
>
> CARO C. — Huma Milicia composta por huma Vintena de Homens veyo falar sobre os Rumores que correm entre as Gentes do Campo. Preciso cavar maes fundo e chamar menos Attençam. Esses Romenos são huma Praga dos Infernos, pois se mostram enxeridos e meticulosos, enquanto os Magiares deixavam-se comprar com Bebidas e Comidas. No Mez passado, M. entregou-me o Sarcophago das Cinco Esphinges trazido da Acropole, onde Aquelle que invoquei affirmou que estaria, e desde entam entabulei Tres Pallestras com *Aquillo que nelle se encontra inumado.* O Sarcophago deve ser despachado sem maes Delongas para S. O., em Praga, e de la deve seguir Viagem ate vos.

Vereis como a Creatura he obstinada — porem sabeis lidar com essas Cousas. Mostraste-vos sabio por agora terdes menos do que dantes; pois não havia Necessidade de manter os Guardas em Forma e comendo-lhes as Cabeças, posto que isso daria hum Bocado de Assumpto se porventura surgissem Problemas, como bem sabeis. Assim podeis mudar-vos para dar Prosseguimento aos Trabalhos em outro Logar, sem Problemas decorrentes da Matança eventualmente necessaria, muito embora eu espere que ao menos por ora Nada vos force a adoptar Medidas tam extremadas. Folgo em saber que não levastes adiante o Traffico com as *Creaturas Sideraes*, pois que sempre representarão Perigo Mortal, e decerto não ignorais o que acconteceo quando pedistes a Protecçam Daquelle que não estava disposto a concedella. Surpreendestes-me ao conseguir que as Phormulas sejão profferidas por *Outros* com Successo, embora Borellus tenha previsto que assim seria caso as Pallavras correctas fossem obtidas. O Garoto usa-as com Frequencia? Lamento que esteja a mostrar-se affectado, como temi que haveria de mostrar-se depois que o tive em minha Casa por Obra de 15 Mezes, mas tenho a Certesa de que sabereis lidar com elle. Não ha como esconjura-lo com a Phormula, que funciona somente Naquelles que tenhão sido invocados pela outra Phormula a partir dos Saes; entretanto ainda tendes Mãos fortes e a Faca e a Pistola, e Covas não são difficeis de cavar, nem os Acidos avessos a queimar. O. disseme que prometestes entregar-lhe B.F. Depois hei de precisar Delle. B. deve fazer-vos huma Visita em breve, e tomara que possa vos levar o que desejaes daquella Cousa Obscura nos Subterraneos de Memphis. Tende Cuidado com tudo Aquillo que invocardes e acautelae-vos com o Garoto. Dentro de hum Anno chegará o momento de trazer as Legioens dos Subterraneos, e entam não haverá maes Limites para as nossas Conquistas. Confiae em tudo o que vos digo, pois bem sabeis que eu e O. tivemos 150 Annos a maes do que vos para comprehender esses Assumptos.

Nephren-Ka nai Hadoth
EDW: H.

Para o sr. J. Curwen.
Providence.

Mas, embora Willett e o sr. Ward tenham se furtado a mostrar essa carta aos alienistas, não se furtaram a tomar as devidas providências. Não haveria sofisma ou erudição capaz de contradizer o fato de que o estranho dr. Allen de barba e de

óculos escuros, descrito na carta frenética de Charles como uma ameaça monstruosa, mantinha uma correspondência íntima e sinistra com duas criaturas inexplicáveis que Ward visitara durante as viagens e que sem dúvida afirmavam ser avatares dos antigos colegas de Curwen em Salém; de que se via como a reencarnação do próprio Joseph Curwen, e de que tinha — ou ao menos fora instado a ter — desígnios assassinos contra um "garoto" que dificilmente poderia ser outro que não Charles Ward. Havia um horror organizado à espreita; e independente de quem o houvesse começado, nesse ponto tornou-se evidente que o desaparecido Allen estava por trás de tudo. Foi assim que, aliviado ao saber que Charles estava a salvo no hospital, o sr. Ward de imediato contratou detetives para que descobrissem o quanto fosse possível a respeito do críptico médico barbado — de onde tinha vindo e o que os habitantes de Pawtuxet sabiam a seu respeito, e se possível o paradeiro de então. Depois de entregar aos investigadores uma das chaves da casa em Pawtuxet que Charles lhe havia confiado, o patriarca Ward pediu que examinassem os aposentos vazios de Allen, identificados durante o transporte dos artigos pertencentes ao jovem paciente, a fim de averiguar a existência de pistas entre os artigos pessoais que pudesse ter deixado para trás. O sr. Ward conversou com os detetives na antiga biblioteca do filho, e todos sentiram uma profunda sensação de alívio ao deixarem o cômodo, que parecia envolto em uma vaga aura de malignidade. Talvez já tivessem ouvido boatos a respeito do infame feiticeiro cujo retrato outrora havia fitado de um painel acima do consolo da lareira, e talvez fosse outro detalhe irrelevante qualquer; mas o fato é que todos pressentiram o miasma intangível que se concentrava nos resquícios entalhados daquela habitação de outrora e que por vezes quase ganhava a intensidade de uma emanação material.

V — Um pesadelo e um cataclismo

1.

Logo a seguir precipitaram-se os medonhos eventos que deixaram a indelével marca do medo na alma de Marinus Bicknell Willett, e que acrescentaram uma década à idade aparente de outro, cuja juventude encontrava-se ainda mais longe. O dr. Willett teve um longo colóquio com o sr. Ward, e chegou a um acordo relativo a vários aspectos que, na opinião de ambos, seriam ridicularizados pelos alienistas. Em primeiro lugar, reconheceram a existência de um terrível movimento em ação no mundo, cuja relação direta com uma necromancia ainda mais antiga do que a bruxaria de Salém estava além de qualquer dúvida. Que pelo menos dois homens — e também um terceiro em quem não se atreviam a pensar — tinham a posse absoluta de intelectos ou de personalidades que haviam existido desde 1690 ou antes era um fato para o qual havia provas incontestáveis mesmo em vista de todas as leis naturais conhecidas. O que essas criaturas horrendas — e também Charles Ward — estavam fazendo ou tentando fazer parecia claro o bastante em vista das correspondências e de outras descobertas antigas e recentes que haviam esclarecido diversas facetas do caso. Estavam roubando túmulos de todas as épocas, entre os quais se encontravam o lugar de repouso dos maiores e mais sábios homens que a humanidade já conheceu, na esperança de recuperar, das cinzas de outrora, os vestígios da consciência e da sabedoria responsáveis por animá-los e informá-los em vida.

Um tráfico horrendo estava sendo conduzido por aqueles ladrões de túmulos saídos de um pesadelo, que promoviam o escambo de ossos ilustres com a fleuma de escolares que estivessem a trocar livros; e com aquilo que conseguiam extrair do pó secular esperavam obter sabedoria e poderes além de tudo o que o cosmo já viu se concentrar em um único homem ou grupo de homens. Encontraram maneiras profanas de manter os cérebros vivos, fosse no mesmo corpo ou em corpos distintos; e sem dúvida encontraram uma forma de acessar a consciência dos mortos com que se congregavam. Havia indícios de que o velho e quimérico Borellus tivesse revelado certas verdades ao escrever sobre o método de preparação dos “Saes Essenciaes” que poderiam ser extraídos dos mais antigos restos mortais a fim de conjurar a sombra de coisas mortas muito tempo atrás. Havia uma forma para invocar essas sombras, e outra para esconjurá-las; e naquele momento ambas tinham sido aperfeiçoadas e podiam ser ensinadas com sucesso. Era necessário tomar cuidado com essas invocações, pois as demarcações nos túmulos antigos nem sempre estão corretas.

Willett e o sr. Ward estremeceram ao passar de uma conclusão à outra. Coisas — presenças ou vozes de natureza desconhecida — podiam ser conjuradas

de lugares ignotos e também do túmulo, mas era preciso tomar muito cuidado na execução do processo. Joseph Curwen indubitavelmente tinha conjurado inúmeras coisas proscritas, e quanto a Charles — o que se poderia pensar do rapaz? Que forças de "além das esferas" poderiam tê-lo alcançado desde a época de Joseph Curwen para voltar seus pensamentos em direção a coisas esquecidas? Fora levado a encontrar certas instruções, e então a usá-las. Tinha falado com aquele terrível homem em Praga e permanecido um longo período com a criatura nas montanhas da Transilvânia. E por fim devia ter encontrado o túmulo de Joseph Curwen. A nota do jornal e aquilo que a sra. Ward ouvira à noite eram detalhes importantes demais para que não fossem percebidos. Depois havia invocado alguma coisa, que devia ter atendido ao chamado. A poderosa voz que veio das alturas na Sexta-Feira Santa e os *diferentes tons* vindos do laboratório trancado no sótão… com o que se pareciam em função da natureza profunda e cava? Não havia nesse ponto um espantoso prenúncio do temível e desconhecido dr. Allen com a voz grave e espectral? Ah, eis o que o sr. Ward sentira com um vago horror durante a única conversa que teve com esse homem — se de fato um homem estivesse na linha!

Que consciência ou voz infernal, que sombra ou presença mórbida respondera aos ritos secretos conduzidos a portas fechadas por Charles Ward? As vozes ouvidas na contenda — "Preciso do vermelho durante três meses" — por Deus! Não tinha acontecido logo antes dos surtos de vampirismo? A profanação do antigo túmulo de Ezra Weeden e mais tarde os gritos em Pawtuxet — que mente haveria planejado a vingança e redescoberto a medonha origem de blasfêmias ancestrais? Depois vieram a casa em Pawtuxet e o forasteiro barbado e os rumores e o medo. Nem o pai nem o médico tentaram oferecer explicações para a derradeira loucura de Charles, mas ambos tinham certeza de que a mente de Joseph Curwen estava de volta à Terra para dar prosseguimento à morbidez de outrora. Seria a possessão demoníaca uma possibilidade real? Allen estava de alguma forma implicado nos acontecimentos, e os detetives precisariam obter mais informações a respeito de um homem cuja existência ameaçava a vida do jovem Ward. Nesse meio-tempo, uma vez que a existência de uma vasta cripta sob a casa em Pawtuxet parecia estar além de qualquer controvérsia, esforços seriam envidados para localizá-la. Willett e o sr. Ward, conscientes da atitude cética dos alienistas, resolveram em uma última conferência proceder a uma exploração sigilosa de inigualável minúcia; e assim combinaram de encontrar-se na casa pela manhã seguinte munidos de valises e de certas ferramentas necessárias às buscas arquitetônicas e à exploração subterrânea.

O dia 6 de abril raiou com uma manhã clara, e às dez horas os dois exploradores estavam em frente à casa. O sr. Ward tinha a chave, e logo a entrada e uma busca superficial foram levadas a cabo. A julgar pela desordem do quarto

antes ocupado pelo dr. Allen, parecia óbvio que os detetives já haviam estado lá, e os exploradores tardios acalentaram a esperança de que pudessem encontrar uma pista que se mostrasse útil. Era evidente que a parte mais importante do trabalho a ser feito encontrava-se no porão, e assim os dois exploradores desceram sem mais delongas, refazendo o circuito que já haviam feito em vão na presença do jovem proprietário louco. Por alguns instantes tudo os deixou atônitos, pois cada centímetro do chão de terra batida e das paredes de pedra revestia-se de um aspecto tão sólido e tão inócuo que mal era possível cogitar a ideia de uma abertura. Willett pensou que, uma vez que o porão original tinha sido escavado sem nenhum conhecimento acerca de quaisquer catacumbas subterrâneas, o início da passagem representaria apenas os cômodos modernos de Ward e de seus companheiros no ponto onde haviam procurado as antigas galerias cujos rumores não poderiam tê-los alcançado senão por meios insalubres.

O médico tentou colocar-se no lugar de Charles para entender como um explorador poderia começar, mas o método não lhe trouxe muita inspiração. Então decidiu adotar a política da eliminação, e percorreu cuidadosamente toda a superfície do porão subterrâneo no sentido vertical e horizontal, tentando averiguar cada centímetro separadamente. Logo havia reduzido os pontos suspeitos de maneira considerável, e por fim viu-se reduzido à pequena plataforma em frente às tinas d’água, que já tinha examinado anteriormente em vão. Experimentando de todas as maneiras possíveis e exercendo força redobrada, descobriu enfim que a parte superior de fato era capaz de girar e de deslizar no plano horizontal graças a um ponto fixo na extremidade da superfície. Logo abaixo havia uma superfície de concreto com um bueiro de ferro, em direção ao qual o sr. Ward correu tomado de entusiasmo. A tampa não ofereceu resistência, e o pai havia quase terminado de removê-la quando percebeu a estranheza daquele objeto. O sr. Ward pôs-se a cambalear e começou a sentir vertigens, e a rajada de ar viciado que soprou do abismo negro foi logo identificada como causa suficiente para esses sintomas.

No instante seguinte o dr. Willett deitou o companheiro desmaiado no chão da peça e reavivou-o com água fria. O sr. Ward não fez mais do que esboçar uma reação, mas pôde-se notar que a rajada mefítica da cripta subterrânea havia causado uma moléstia grave. Relutante em dar qualquer chance ao azar, Willett apressou-se até a Broad Street à procura de um coche e logo despachou o doente para casa, apesar dos débeis protestos a meia-voz; e então sacou do bolso uma lanterna elétrica, cobriu o nariz com uma tira de gaze estéril e desceu mais uma vez a fim de perscrutar as profundezas recém-descobertas. A intensidade do ar pestilento diminuiu, e Willett conseguiu divisar um facho de luz que descia por aquele buraco rumo ao Estige. Por cerca de três metros era uma passagem cilíndrica vertical com paredes de concreto e uma escada de ferro; e a partir de

então o buraco parecia levar a uma antiga escadaria de pedra que outrora devia ter chegado até a superfície do solo em algum ponto a sudoeste da construção atual.

2.

Willett admite que por um instante a memória das lendas a respeito do velho Curwen impediu-o de galgar sozinho a escada que descia rumo ao abismo fétido. Não conseguia tirar da cabeça o comentário que Luke Fenner havia feito na derradeira e monstruosa noite. No entanto, o dever se impunha, e assim o médico empreendeu a descida com uma grande valise para o eventual transporte de quaisquer documentos de suprema importância que viesse a encontrar. Aos poucos, como seria conveniente a um homem já entrado em anos, desceu a escada e chegou aos degraus viscosos lá embaixo. A lanterna revelou uma construção de cantaria ancestral; e nas paredes úmidas o dr. Willett percebeu uma grande quantidade de musgo secular e insalubre. Os degraus desciam cada vez mais fundo; não em espiral, mas em três curvas fechadas; e em passagens tão estreitas que dois homens teriam dificuldade para caminhar lado a lado. Willett havia contado cerca de trinta quando percebeu um som abafado; e depois não se dispôs mais a contá-los.

Era um som herético; um ultraje insidioso e cavo da Natureza que não devia sequer existir. Descrevê-lo como um grito indistinto, como um resmungo arrastado ou como o uivo desesperado de uma carne irracional aflita e atormentada seria ignorar a quintessência monstruosa e os repugnantes harmônicos do todo. Seria aquilo o que Ward tentava escutar no dia em que foi levado para o hospital do dr. Waite? Era a coisa mais horrenda que Willett havia escutado ao longo de uma vida inteira, e continuou a emanar de um ponto desconhecido quando o médico chegou ao último degrau e projetou o facho da lanterna em direção às elevadas paredes dos corredores colmados por abóbadas ciclópicas e varados por incontáveis arcos negros. O corredor em que se encontrava media talvez quatro metros no ponto central da abóbada e três ou quatro metros de largura. O pavimento era composto por lajes grandes e lascadas, e as paredes e o teto eram de cantaria regular. Não era possível imaginar a extensão da galeria, pois esta se estendia indefinidamente adiante rumo à escuridão. Quanto aos arcos, certos espécimes tinham portas de seis painéis, ao estilo colonial, enquanto outros não tinham nada para fechá-los.

Depois de vencer o terror infundido pelo cheiro e pelo uivo, Willett começou a explorar os arcos um a um; e mais além descobriu aposentos com abóbadas de aresta, todos de tamanho mediano e aparentemente usados para fins um tanto bizarros. A maioria tinha uma lareira, e a parte superior das chaminés teria dado um interessante estudo na ciência da engenharia. Nunca tinha visto e jamais tornaria a ver instrumentos ou sugestões de instrumentos como os que assomavam por todos os lados em meio à poeira e às teias de aranha de um século

e meio, que em muitos casos encontravam-se destruídas como que por antigos saqueadores. Muitas das câmaras pareciam jamais ter sido galgadas por visitantes modernos, e deviam representar as mais antigas e obsoletas fases dos experimentos levados a efeito por Joseph Curwen. Por fim Willett chegou a uma sala de evidente modernidade, ou pelo menos de ocupação recente. Havia aquecedores a óleo, estantes de livros e mesas, cadeiras e gabinetes e uma escrivaninha com uma pilha de documentos de antiguidade e contemporaneidade variáveis. Candelabros e lamparinas a óleo encontravam-se em vários locais do aposento; e, depois de encontrar um porta-fósforos, Willett acendeu os que se encontravam prontos para o uso.

Com a iluminação mais intensa, teve a impressão de que o apartamento não seria outra coisa senão o último estúdio ou a última biblioteca de Charles Ward. Quanto aos livros, o dr. Willett tinha visto uns quantos em ocasiões anteriores, e parecia evidente que boa parte da mobília tinha vindo da mansão na Prospect Street. Espalhadas aqui e acolá encontravam-se outras peças conhecidas por Willett, e a sensação de familiaridade tornou-se tão intensa que por alguns instantes o explorador chegou a esquecer a náusea e os uivos, naquele ponto ainda mais audíveis do que junto ao pé da escada. O primeiro dever, como já havia planejado, seria encontrar e resgatar papéis que pudessem ter importância vital — e em particular os documentos aziagos que Charles tinha encontrado havia muito tempo no recôndito atrás do retrato em Olney Court. À medida que procurava, notou a grandiosidade que envolvia a investigação final; pois eram tantos os arquivos atulhados de papéis escritos em caligrafias variadas e ornados por estranhos desenhos que meses ou até mesmo anos poderiam ser necessários para uma decifração e uma edição de caráter abrangente. Em certo ponto encontrou grandes pilhas de cartas franqueadas em Praga e em Rakus, escritas na caligrafia de Orne e de Hutchinson; e levou-as todas como parte do fardo a ser transportado na valise.

Por fim, em um gabinete de mogno trancado a chave que costumava agraciar a mansão dos Ward, Willett encontrou o conjunto dos antigos papéis de Curwen, tendo-os reconhecido em função do vislumbre relutante que Charles lhe havia permitido muito tempo atrás. O jovem sem dúvida os havia mantido na mesma disposição em que se encontravam quando da descoberta original, uma vez que todos os títulos mencionados pelos trabalhadores se encontravam lá, à exceção dos papéis endereçados a Orne e a Hutchinson e da cifra com a chave. Willett colocou o monte de papéis na valise e deu prosseguimento ao exame dos arquivos. Como a condição imediata do jovem Ward fosse o mais importante assunto naquele momento, as buscas mais aprofundadas ocorreram na porção mais recente do material; e em meio a essa abundância de manuscritos contemporâneos uma bizarria exasperante foi percebida. A bizarria consistia na

pequena quantidade de material escrito na caligrafia ordinária de Charles, que a bem dizer não incluía nenhum documento escrito menos de dois meses atrás. Por outro lado, havia resmas e mais resmas de símbolos e fórmulas, apontamentos históricos e comentários filosóficos feitos com garatujas absolutamente idênticas à caligrafia ancestral de Joseph Cruwen, embora sem dúvida fossem documentos contemporâneos. Estava claro que parte do programa mais recente havia incluído uma imitação minuciosa da caligrafia do velho feiticeiro, que Charles parecia ter conseguido reproduzir com um impressionante grau de perfeição. Quanto a uma terceira caligrafia que pudesse ser identificada como a de Allen não havia o menor sinal. Se de fato tivesse sido o líder, devia ter obrigado o jovem Ward a atuar como estenógrafo.

Em meio a esse novo material uma fórmula mística, ou antes um par de fórmulas, reaparecia com tanta frequência que Willett o havia decorado antes mesmo que a busca tivesse chegado ao fim. Consistia em duas colunas paralelas — a da esquerda colmada pelo símbolo arcaico conhecido como “Cabeça do Dragão”, usado em almanaques para indicar um nó ascendente, e a da esquerda encimada pelo signo complementar da “Cauda do Dragão”, que assinalava o nó descendente. A aparência do todo era mais ou menos essa, e de maneira quase inconsciente o médico percebeu que a segunda metade não era nada mais do que uma repetição da primeira, com as sílabas escritas ao contrário, à exceção dos monossílabos finais e do estranho nome *Yog-Sothoth*, que tinha se acostumado a reconhecer sob as mais variadas grafias por conta de outras coisas vistas em função desse terrível assunto. As fórmulas eram como se pode ver a seguir — e *exatamente* assim, segundo Willett pôde confirmar em mais de uma ocasião —, e a primeira fez soar uma perturbadora nota de memória latente no cérebro do médico, conforme admitiu mais tarde ao reexaminar os acontecimentos daquela terrível Sexta-Feira Santa do ano anterior.

Y’AI ’NG’NGAH,
YOG-SOTHOTH
H’EE — L’GEB
F’AI THRODOG
UAAAH

OGTHROD AI’F
GEB’L — EE’H
YOG-SOTHOTH
’NGAH’NG AI’Y
ZHRO

Tão assombrosas eram as fórmulas, e com tanta frequência surgiam nos documentos, que sem nem ao menos perceber o dr. Willett começou a repeti-las sozinho a meia-voz. No fim, porém, sentiu que se havia apossado de todos os papéis dos quais por ora conseguiria obter alguma vantagem; e assim resolveu parar de examiná-los até que pudesse convencer todos os alienistas céticos a conduzir uma busca mais ampla e mais sistemática. Ainda teria de encontrar o laboratório oculto, e assim, deixando a valise no aposento iluminado, retornou ao negro e nauseante corredor cuja abóbada ecoava sem parar o indistinto e horrendo resmungo.

Os outros cômodos que explorou se encontravam todos abandonados, ou repletos de caixas decrépitas e aziagos caixões de chumbo; porém mesmo assim o impressionaram com a magnitude das operações conduzidas por Joseph Curwen. Pensou nos escravos e marinheiros que haviam desaparecido, nos túmulos profanados ao redor do mundo e na visão com que o último grupo encarregado da invasão devia ter se deparado; e então decidiu que era melhor não pensar mais. Outrora uma grande escadaria de pedra havia se erguido à direita, e Willett deduziu que devia ter chegado até uma das construções externas no pátio de Curwen — talvez o famoso edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas — caso os degraus por onde havia descido tivessem origem na casa com o telhado de duas águas. De repente as paredes deram a impressão de ter desabado mais à frente, e o fedor e os uivos tornaram-se mais intensos. Willett percebeu que tinha chegado a um vasto espaço aberto, tão amplo que o facho da lanterna não chegava à outra extremidade; e, à medida que avançava, encontrou as robustas pilastras que sustentavam os arcos da abóbada.

Passado algum tempo, Willett chegou a um círculo de pilares que se agrupavam como os monólitos de Stonehenge, com um enorme altar entalhado sobre uma base de três degraus no centro; e as entalhaduras no altar eram tão curiosas que o explorador se aproximou a fim de estudá-las à luz da lanterna elétrica. Mas, quando percebeu o que representavam, o médico se afastou tremendo e não se deteve para investigar as manchas escuras que haviam tingido

as bordas e se espalhado pelas laterais em linhas finas. A seguir, encontrou a parede mais distante e traçou-a da maneira como se estendia em um gigantesco círculo perfurado por eventuais portas negras e marcado por uma miríade de celas rasas guarnecidas com grades de ferro e grilhões para tornozelos e punhos que se prendiam à cantaria logo atrás. As celas encontravam-se vazias, porém mesmo assim o terrível odor e os gemidos desolados continuaram, mais insistentes do que nunca, e às vezes interrompidos por uma espécie de baque viscoso.

3.

O pavoroso cheiro e o assombroso barulho não puderam mais ser ignorados pelo dr. Willett. Ambos eram mais intensos e mais terríveis no grande salão com pilastras do que em qualquer outro lugar, e davam a vaga impressão de uma profundidade extrema, mesmo naquele mundo negro de mistério subterrâneo. Antes de se aventurar pelos degraus além dos arcos negros que continuavam a descer, o médico apontou o facho de luz para as pedras no chão, pavimentado de maneira um tanto solta, e percebeu que a intervalos irregulares havia lajes curiosamente transfixadas por minúsculos furos sem nenhuma disposição particular, ao passo que em determinado ponto havia uma longa escada atirada de qualquer jeito. Dessa escada, por mais estranho que fosse, parecia emanar boa parte do horrendo fedor que envolvia a tudo. Enquanto caminhava lentamente naquela direção, Willett percebeu que tanto o barulho como o odor pareciam mais fortes acima das estranhas lajes perfuradas, como se fossem alçapões rústicos que talvez conduzissem a regiões de horror ainda mais profundas. Ajoelhado junto a uma dessas lajes, Willett descobriu que poderia manuseá-la, embora com extrema dificuldade. A um mero toque os gemidos que vinham de baixo deram a impressão de se tornar mais intensos, e foi apenas com grande trepidação que conseguiu perseverar na tentativa de erguer a ponderosa laje. No mesmo instante um fedor inefável ergueu-se das profundezas, e o médico sentiu vertigens enquanto largava a laje e apontava a lanterna para aquele metro quadrado exposto de negrura hiante.

Se tivesse a expectativa de encontrar um lance de degraus que o levasse rumo ao enorme abismo de abominação suprema, Willett estava fadado ao fracasso, pois em meio ao fedor e aos resmungos das vozes alquebradas pôde discernir apenas o topo de um poço cilíndrico de bocal construído em tijolo com talvez um metro e meio de diâmetro e desprovido de escada ou de qualquer outro meio de acesso. Quando a luz chegou até lá embaixo, os uivos transformaram-se de repente em uma série de horrendos latidos; e ao mesmo tempo ouviram-se mais uma vez os sons de um inútil tateamento às cegas e de um baque viscoso. O explorador tremeu, avesso a sequer imaginar que coisa insalubre poderia estar à espreita naquele abismo, mas passado um instante reuniu a coragem necessária para espiar além da rústica mureta, deitando-se no chão e segurando a tocha dentro do buraco com o braço estendido para ver o que poderia estar oculto lá embaixo. Por um segundo não conseguiu distinguir nada além das viscosas paredes de tijolo cobertas de musgo que se estendiam infinitamente rumo ao miasma semitangível de trevas e fedores e frenesi desesperado; e então percebeu que um vulto escuro saltava com gestos canhestros e frenéticos de um lado para o

outro no fundo do estreito túnel, que devia localizar-se a cerca de seis ou sete metros abaixo do chão de pedra onde se encontrava. A lanterna tremeu em sua mão, mas o explorador tornou a olhar para ver que espécie de criatura poderia estar confinada na escuridão daquele poço sobrenatural, faminta e abandonada pelo jovem Ward durante todo o longo mês que se havia passado desde a internação, embora fosse apenas um espécime do vasto número aprisionado nos poços similares cujas tampas de cantaria perfurada espalhavam-se pelo enorme chão da grande caverna abobadada. O que quer que fossem aquelas coisas, não conseguiam se deitar no espaço exíguo, e deviam ter se postado de cócoras e ganido e esperado e saltado em vão durante todas aquelas horrendas semanas passadas desde que o dono as havia consignado ao esquecimento.

Porém, Marinus Bicknell Willett lamentou ter olhado mais uma vez; pois embora fosse um veterano da mesa de dissecação, nunca mais foi o mesmo desde então. Seria difícil explicar como uma única visão de um objeto tangível com dimensões mensuráveis poderia abalar e transformar um homem daquela forma; e podemos dizer apenas que certas entidades e silhuetas revestem-se de um poder sugestivo e simbólico que age de maneira terrível sobre a perspectiva de um pensador sensível e sussurra insinuações horrendas a respeito de relações cósmicas e realidades inomináveis por trás das ilusões protetoras de nossa visão corriqueira. Naquele segundo Willett viu a silhueta de uma dessas entidades, pois durante os instantes a seguir estava tão louco quanto os pacientes do hospital particular do dr. Waite. Deixou a lanterna cair da mão privada de força muscular e de coordenação nervosa sem nem ao menos ouvir o som dos dentes que rangeram anunciando o destino do artefato no fundo do poço. Então gritou e gritou e gritou com uma voz cujo pânico em falseto não poderia ser identificado por nenhum amigo ou conhecido; e, embora não conseguisse postar-se de pé, arrastou-se e rolou em desespero pelo pavimento úmido por onde dezenas de poços tartáreos davam vazão a resmungos e latidos exaustos em resposta a esses gritos insanos. Cortou as mãos nas pedras ásperas e soltas, e por muitas vezes bateu a cabeça nas pilastras, mas conseguiu prosseguir mesmo assim. Por fim voltou a si na mais absoluta escuridão em meio ao fedor insuportável e tapou os ouvidos para não ouvir o uivo insistente a que a explosão de latidos havia se reduzido. Estava encharcado de suor e privado dos meios necessários para obter luz; e apavorado e aflito em meio à escuridão e ao horror abismal, e oprimido por uma lembrança que jamais poderia obliterar. Mais abaixo, inúmeras daquelas coisas seguiam vivas, e a tampa de um duto fora removida. Willett sabia que a coisa vislumbrada jamais poderia escalar as paredes viscosas, porém mesmo assim estremeceu ao pensar que talvez existissem apoios para os pés ocultos pela escuridão.

O que era essa coisa o médico jamais viria a dizer. Assemelhava-se a certos entalhes presentes no altar demoníaco, mas estava vivo. A Natureza jamais havia

concebido a criatura daquela maneira, pois era evidente que estava *incompleta*. Apresentava deficiências dos mais variados tipos, e as anomalias nas proporções não poderiam ser descritas. Willett limitou-se a dizer que coisas como aquela deviam representar entidades que Ward invocara a partir de *sais imperfeitos*, e que as mantivera para fins servis ou ritualísticos. Se não tivessem importância, não teriam a imagem gravada na pedra maldita. A criatura não era a pior coisa representada na pedra — mas Willett não abriu mais nenhum fosso. Naquele momento, a primeira ideia coerente que lhe ocorreu foi um parágrafo retirado de certos documentos antigos de Curwen que havia examinado muito tempo atrás; uma frase usada por Simon ou Jedediah Orne na agourenta missiva confiscada que tinha por destinatário o feiticeiro de outrora: "Decerto não houve Nada alem do maes vivo Horror no que H. invocou a partir Daquillo que conseguio obter apenas em Parte."

Então, de maneira a prover um horrível suplemento e não um deslocamento dessa imagem, acudiu-lhe a lembrança dos ancestrais e duradouros rumores acerca da coisa queimada e retorcida encontrada nos campos uma semana após a invasão da casa de Curwen. Charles Ward certa vez havia contado ao dr. Willett o que o velho Slocum dissera sobre aquele objeto — que não era nem totalmente humano, nem totalmente relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet tivessem visto ou lido a respeito.

Essas palavras ressoaram na cabeça do médico enquanto balançava de um lado para o outro, agachado no chão de pedra recoberto por salitre. Tentou afastá-las e rezou um Pai-Nosso a meia-voz; e, passado algum tempo, perdeu-se em uma mixórdia mnemônica como a *Terra devastada* do modernista T.S. Eliot, e por fim reverteu à fórmula dúplice que havia encontrado inúmeras vezes na biblioteca subterrânea de Ward: *"Y'ai 'ng'ngah, Yog-Sothoth"*, e assim prosseguiu até o derradeiro *"Zhro"*. Aquilo pareceu acalmá-lo, e assim pôs-se de pé após um breve intervalo, lamentando com amargura a lanterna perdida durante o susto e olhando desesperadamente ao redor em busca de uma nesga qualquer de luz em meio ao breu e à atmosfera enregelante. Pensar seria impossível; mas apertou os olhos com o rosto voltado em todas as direções em busca de uma cintilação ou de um reflexo tênue da forte iluminação que deixara para trás na biblioteca. Passado algum tempo, percebeu a suspeita de um brilho infinitamente longínquo, e pôs-se a engatinhar naquela direção com agonizante cautela em meio ao fedor e aos uivos, sempre tateando à frente para evitar colisões com as inúmeras pilastras ou ainda uma queda no interior do abominável fosso que havia destampado.

Em dado momento os dedos encostaram em algo que Willett imaginou ser o lance de degraus que conduzia até o altar demoníaco, quando então se encolheu tomado de repulsa. Em outro instante encontrou a laje furada que havia removido, e nesse ponto os cuidados que tomou chegariam quase a inspirar pena. Mas no

fim não se aproximou da temida abertura, e nenhuma criatura emergiu a fim de impedir-lhe o progresso. Aquilo que havia estado lá no fundo não fazia sons nem se mexia. Sem dúvida a mastigação da lanterna elétrica derrubada não fizera bem à criatura. Cada vez que os dedos de Willett tocavam em uma laje perfurada o médico estremecia. A passagem através desses pontos às vezes provocava um aumento nos gemidos lá embaixo, mas em geral não produzia efeito nenhum, uma vez que o explorador se movia de forma quase inaudível. Inúmeras vezes durante o progresso o brilho mais à frente sofreu uma notável diminuição de intensidade, e assim Willett percebeu que as diversas velas e lamparinas que tinha acendido deviam estar se apagando uma a uma. A ideia de acabar perdido em meio à mais absoluta escuridão sem nem ao menos um fósforo naquele mundo subterrâneo de labirintos saídos de um pesadelo levou-o a pôr-se de pé e correr — o que já podia ser feito em segurança, uma vez que o fosso aberto fora deixado para trás; pois Willett sabia que, quando a luz se extinguisse, a única esperança de resgate e de sobrevivência dependeria do envio de um grupo de buscas que o sr. Ward talvez despachasse ao perceber a ausência do médico após um período suficiente de tempo. Naquele instante, contudo, deixou o espaço aberto para trás e entrou no corredor mais estreito, e assim pôde localizar o brilho, que vinha de uma porta à direita. Imediatamente se dirigiu até lá e mais uma vez se viu na biblioteca secreta do jovem Ward, tremendo de alívio e observando o bruxulear daquela última lamparina que o havia guiado até um lugar seguro.

4.

No instante seguinte o dr. Willett começou a encher as lamparinas vazias usando um suprimento de óleo que havia percebido durante a primeira visita ao recinto, e, quando o cômodo tornou a se iluminar, olhou ao redor para ver se encontraria uma lanterna que o ajudasse a levar a exploração adiante. Embora estivesse atormentado pelo horror, a convicção implacável ainda era o sentimento dominante; e o médico estava decidido a não deixar nenhum detalhe passar em branco na investigação dos horrendos acontecimentos por trás da bizarra loucura de Charles Ward. Ao perceber que não havia nenhuma lanterna ao redor, decidiu levar consigo uma das lamparinas menores; e aproveitou para encher os bolsos com velas e fósforos, e também para transportar um galão de óleo, que pretendia usar em qualquer laboratório oculto que pudesse revelar-se além do terrível espaço aberto com o altar profano e os inefáveis poços cobertos. Uma nova travessia daquele espaço haveria de exigir uma demonstração de extrema fortitude, mas Willett sabia que não havia outra maneira. Por sorte, nem o terrível altar nem o fosso aberto localizavam-se próximos à parede repleta de celas que circundava toda a área da caverna e cujos negros e misteriosos arcos formavam o objetivo seguinte de uma exploração lógica.

Assim, Willett voltou àquele enorme corredor guarnecido por enormes pilastras e tomado pelo fedor e pelos uivos desesperados, posicionando a lamparina de maneira a evitar qualquer vislumbre distante do altar infernal ou do fosso aberto com a laje de pedra furada ao lado. A maior parte das portas negras conduzia apenas a pequenas câmaras — algumas vazias e outras sem dúvida usadas como depósitos; e em várias dessa últimas havia um estranho acúmulo dos mais variados objetos. Uma estava repleta de fardos podres e empoeirados de roupas, e o explorador sentiu um arrepio ao perceber que eram trajes de um século e meio atrás. Em outro recinto encontrou uma miscelânea de roupas modernas, como se provisões graduais estivessem a ser feitas com vistas ao equipamento de um numeroso grupo de homens. No entanto, o que mais o perturbou foram as enormes tinas de cobre que apareciam a intervalos irregulares; as tinas e as incrustações que traziam. Mesmo assim, até mesmo estas o perturbaram menos do que as bacias de chumbo ornadas com estranhas figuras, cujas bordas retinham sedimentações abjetas e ao redor das quais pairavam odores repulsivos e perceptíveis mesmo na fétida atmosfera da cripta. Quando havia completado a metade do circuito da parede, Willett encontrou outro corredor como aquele por onde havia chegado e a partir do qual muitas portas se abriam. Resolveu então investigá-las; e, depois de adentrar três aposentos de tamanho médio sem nenhum conteúdo notável, chegou a um amplo cômodo

oblongo cujo aspecto profissional com tanques e mesas, fornalhas e instrumentos modernos, alguns poucos livros e incontáveis prateleiras repletas de vidros e potes revelava-o como sendo enfim o tão procurado laboratório de Charles Ward — e, em tempos mais antigos, sem dúvida de Joseph Curwen.

Depois de acender as três lamparinas que havia encontrado e tinha de prontidão, o dr. Willett examinou o lugar e todos os apetrechos que continha tomado pelo mais vivo interesse, notando a partir da quantidade dos vários reagentes nas prateleiras que a preocupação dominante do jovem Ward devia ter se concentrado em uma ramificação da química orgânica. No geral, não era possível apreender muita coisa a partir do equipamento científico, que incluía uma mesa de dissecação de aspecto medonho; e por esse motivo o aposento foi uma decepção e tanto. Em meio aos livros havia um antigo exemplar em frangalhos de autoria de Borellus, impresso em letras góticas — e era interessante notar que Ward havia sublinhado a mesma passagem que tanto perturbara o bom dr. Merritt na fazenda de Curwen mais de um século e meio atrás. O exemplar mais antigo, é claro, devia ter perecido junto com o restante da biblioteca ocultista de Curwen na invasão final. Três arcos se abriam a partir do laboratório, e assim o doutor pôs-se a explorá-los um a um. A partir de um exame sumário, pôde ver que dois simplesmente levavam a pequenos depósitos; mesmo assim, investigou-os minuciosamente, notando as pilhas de caixões nos mais diversos estágios de decomposição e estremecendo ante as duas ou três placas que conseguiu decifrar. Também nesses aposentos encontrou um grande número de peças de vestuário, bem como várias caixas de aparência recente fechadas com pregos que não se deteve para examinar. Mas talvez o mais interessante de tudo fossem os estranhos detalhes que imaginou serem fragmentos do laboratório do velho Joseph Curwen. Estes haviam sofrido danos nas mãos dos invasores, mas ainda formavam uma parte reconhecível da parafernália química que remontava ao período georgiano.

O terceiro arco levava a uma câmara de tamanho considerável totalmente forrada de prateleiras e com uma mesa e duas lamparinas no centro. Willett acendeu as lamparinas e no brilho intenso pôs-se a estudar as intermináveis prateleiras que o cercavam. Alguns dos níveis superiores estavam vazios, porém a maior parte do espaço se encontrava repleta de estranhos recipientes de chumbo pertencentes a dois tipos; o primeiro sem nenhum pegador, como um *lekythos* ou vaso de azeite grego, e o outro com um único pegador e de formato semelhante a um jarro de Falero. Todos dispunham de uma tampa de metal e se encontravam cobertos por símbolos de aspecto peculiar moldados em baixo-relevo. Em um instante o médico percebeu que aqueles jarros estavam classificados de acordo com um rígido princípio; todos os *lekythoi* encontravam-se em um único lado da sala, guarnecido com uma placa de madeira onde se lia “Custodes” logo acima, e

todos os jarros de Falero no outro, identificados da mesma forma com uma placa onde se lia “Materia”. Cada um dos vasos ou jarros, a não ser por certos espécimes avulsos nas prateleiras que estavam vazias, trazia uma etiqueta de papelão com um número que provavelmente se referia a um catálogo; e assim Willett decidiu procurar esse registro. Naquele momento, contudo, estava mais interessado na natureza daquela coleção como um todo; e, à guisa de experimento, abriu diversos *lekythoi* e jarros de Falero ao acaso a fim de obter uma ideia geral acerca do todo. O resultado era sempre o mesmo. Os dois tipos de jarro continham apenas pequena quantidade de um único tipo de substância — um fino pó de peso quase desprezível composto por diversos matizes de uma cor neutra. Quanto às cores que formavam a única instância de variação, não havia método evidente na maneira como estavam dispostas; e tampouco uma distinção entre o que se encontrava nos *lekythoi* e o que se encontrava nos jarros de Falero. Um pó cinza-azulado podia estar ao lado de um branco-rosado, e qualquer substância em um jarro de Falero podia ter uma contraparte exata em um *lekythos*. A característica mais notável dos pós era a inaderência. Willett derramava um punhado na palma da mão e, ao devolver o pó ao jarro, percebia que nenhum resíduo permanecia grudado à pele.

O significado das placas intrigou-o, e então se perguntou por que aquela bateria de produtos químicos estaria separada de maneira tão radical dos potes de vidro que se encontravam nas prateleiras do laboratório em si. “Custodes”, “Materia”; eram as palavras latinas para “Guardas” e “Materiais”, respectivamente — e logo um clarão da memória fez com que o dr. Willett se recordasse onde tinha visto a palavra “Guardas” no contexto daquele terrível mistério. Tinha sido, é claro, na recente carta endereçada ao dr. Allen, supostamente pelo velho Edward Hutchinson; e a frase dizia: “Não havia Necessidade de manter os Guardas em Forma e comendo-lhes as Cabeças, posto que isso daria hum Bocado de Assumpto se porventura surgissem Problemas, como bem sabeis”. O significaria essa frase? Mas espere — não havia ainda *outra* referência a “guardas” que não havia sequer lhe ocorrido durante a leitura da carta enviada por Hutchinson? No período anterior ao sigilo Ward lhe dissera que o diário de Eleazar Smith registrava a espionagem conduzida por Smith e Weeden na fazenda de Curwen, e que nessa pavorosa crônica havia menções a conversas ouvidas antes que o velho feiticeiro desaparecesse de uma vez por todas sob a terra. Smith e Weeden insistiam em dizer que haviam escutado terríveis colóquios entre Curwen, certos prisioneiros e *os guardas desses prisioneiros.* Esses guardas, de acordo com Hutchinson ou com seu avatar, haviam lhes “comido as cabeças”, e assim o dr. Allen não os manteve *em forma*. E se não estavam *em forma*, como poderiam estar, senão como os “sais” a que o bando de feiticeiros parecia estar decidido a reduzir o maior número possível de corpos ou de esqueletos humanos?

Seria *esse*, portanto, o conteúdo dos *lekythoi* — o monstruoso fruto de ritos e atos heréticos, possivelmente convertido ou coagido à submissão a fim de, quando chamado por meio de um encantamento demoníaco, ajudar a defender o blasfemo mestre ou a interrogar os recalcitrantes? Willett estremeceu ao pensar no que havia derramado sobre as próprias mãos, e por um instante foi dominado pelo impulso de fugir em pânico daquela caverna repleta de prateleiras horrendas com guardiões silenciosos e talvez vigilantes. Então pensou na "Materia" — na miríade de jarros de Falero que ocupavam o lado oposto do recinto. Sais, também — mas, se não os sais dos "guardas", então sais do quê? Meu Deus! Seria possível que lá estivessem as relíquias mortais de metade dos pensadores titânicos de todas as épocas, retirados por ladrões de sepulturas das criptas onde o mundo os tinha imaginado seguros e à mercê de loucos que buscavam extrair-lhes conhecimento a fim de cumprir um desígnio ainda mais ambicioso cujo resultado último diria respeito, como o pobre Charles havia insinuado no bilhete frenético, a "todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do sistema solar e do universo como um todo"? E Marinus Bicknell Willett havia deixado o pó desses homens correr por entre os dedos!

No momento seguinte, percebeu uma diminuta porta no lado oposto do recinto e acalmou-se o suficiente para se aproximar e examinar o rústico símbolo entalhado logo acima. Era apenas um símbolo, e no entanto instilou-lhe um vago pavor espiritual; pois um amigo mórbido e sonhador certa vez o havia traçado em uma folha de papel e discorrido sobre os significados que adquire nos negros abismos do sono. Era o símbolo de Koth, que os sonhadores veem afixado logo acima da arcada de uma certa torre negra que se ergue solitária em meio ao crepúsculo — e Willett não gostou nem um pouco do que o amigo Randolph Carter tinha dito acerca dos poderes que encerrava. Mesmo assim, um instante mais tarde esqueceu-se do símbolo ao reconhecer um novo odor acre na atmosfera pestilenta. Era um cheiro químico, e não animal, que sem dúvida tinha origem no cômodo do outro lado da porta. E era sem dúvida o mesmo odor que havia saturado as roupas de Charles Ward no dia em que os médicos o levaram embora. Então era aquele o lugar em que o jovem fora interrompido pelo derradeiro chamado? Nesse caso, Ward seria mais sábio do que Curwen, pois não havia resistido. Willett, determinado a penetrar todos os portentos e pesadelos que aquele reino subterrâneo pudesse encerrar, apanhou a pequena lamparina e atravessou o umbral. Uma onda de pavor inefável veio a seu encontro, mas o explorador não cedeu a nenhum devaneio e aferrou-se à intuição. Não havia nenhuma criatura viva capaz de fazer-lhe mal naquele lugar, e tampouco se permitiria hesitar na investigação da nuvem quimérica que envolvera o paciente.

O cômodo além da porta possuía dimensões medianas, e não tinha nenhum móvel além de uma mesa, uma única cadeira e dois grupos de curiosas máquinas

com rodas e presilhas, que, passados alguns instantes, Willett reconheceu como instrumentos medievais de tortura. Ao lado da porta havia um suporte com diversos azorragues de aparência brutal, acima dos quais se encontravam prateleiras com fileiras vazias de copas em chumbo no formato de cílices gregos. No outro lado estava a mesa, com uma poderosa lâmpada de Argand, um bloco de anotações acompanhado de um lápis e dois *lekythoi* tampados trazidos das prateleiras no outro cômodo e largados a espaços irregulares, como que de maneira provisória ou precipitada. Willett acendeu a lâmpada e examinou minuciosamente o bloco para ver que notas o jovem Ward poderia haver tomado quando foi interrompido, mas não encontrou nada mais compreensível do que os seguintes fragmentos desconexos escritos com as garatujas de Curwen, que não ajudavam a esclarecer nenhum aspecto do caso tomado como um todo:

> "B. não morreo. Escapou para allem dos Muros e encontrou o Logar maes abaixo.
> "Vi o velho V. dizer o Sabbath e apprendi o Caminho.
> "Invoquei *Yog-Sothoth* por tres Vezes e no Dia seguinte minha Supplica foi attendida.
> "F. tentou anniquillar todos Aquelles que sabem como invocar as Creatures Sideraes."

Quando o forte brilho da lâmpada de Argand iluminou a câmara por completo, o médico viu que a parede defronte à porta, entre os dois grupos de instrumentos de tortura dispostos nos cantos, tinha ganchos de onde pendiam mantos informes de um branco-amarelado um tanto lúgubre. Porém ainda mais interessantes eram as duas paredes vazias, cobertas por símbolos e fórmulas místicas entalhadas de maneira rústica na cantaria regular. O assoalho úmido também ostentava marcas de entalhaduras; e Willett não teve dificuldade para decifrar um enorme pentagrama no centro, com um círculo branco de cerca de um metro de diâmetro a meio caminho entre o símbolo místico e cada um dos cantos. Em um desses quatro círculos, próximo ao lugar onde um manto amarelado fora atirado de qualquer jeito ao chão, repousava um cílice raso como aqueles que se encontravam acima do suporte para os azorragues; e logo além da periferia encontrava-se um dos jarros de Falero retirados das prateleiras no outro recinto, que trazia na etiqueta o número 118. Esse jarro não se encontrava tampado, e um rápido exame revelou que estava vazio; porém o médico estremeceu ao ver que o cílice não estava. Naquela área rasa, preservada pela ausência de vento naquela caverna erma, havia uma pequena quantidade de um pó de coloração verde-fluorescente que devia anteriormente estar contido no jarro; e Willett quase sentiu vertigens ao perceber as implicações que se impuseram assim que aos poucos

começou a estabelecer relações entre os vários elementos e antecedentes da cena. Os azorragues e os instrumentos de tortura, o pó ou os sais no jarro de “Materia”, os dois *lekythoi* da prateleira marcada como “Custodes”, os mantos, as fórmulas nas paredes, as anotações no bloco, as insinuações de cartas e lendas e os milhares de vislumbres, dúvidas e suposições que atormentavam os amigos e os pais de Charles — a soma desses elementos atingiu o dr. Willett como uma onda de terror quando olhou em direção ao pó esverdeado que se espalhava pelo cílice de chumbo deixado no chão.

Com um esforço da vontade, no entanto, Willett se recompôs e começou a estudar as fórmulas entalhadas nas paredes. A dizer pelas letras manchadas e com diversas incrustações, parecia evidente que remontassem à época de Joseph Curwen, e o texto apresentava uma vaga familiaridade para alguém que tivesse lido o farto material a respeito de Curwen ou estudado a fundo a história da magia. Uma fórmula foi reconhecida por Willett como sendo aquela que a sra. Ward ouvira o filho entoar naquela agourenta Sexta-Feira Santa de um ano atrás, que, segundo um especialista, consistia em uma terrível invocação a deuses proscritos que se encontravam além das esferas normais do ser. Não estava soletrada exatamente como a sra. Ward a havia registrado de memória, tampouco como o especialista lha havia mostrado no volume proscrito de “Éliphas Lévi”; mas a identidade era inconfundível, e palavras como *Sabaoth*, *Metraton*, *Almousin* e *Zariatnatmik* fizeram com que um arrepio de pavor varasse o corpo do homem que tinha visto e sentido de muito perto a abominação cósmica à espreita.

Essas palavras encontravam-se no lado esquerdo de quem entrava no recinto. O lado direito apresentava uma quantidade similar de inscrições, e Willett teve um sobressalto ao reconhecer um par de fórmulas que ocorriam com grande frequência nas recentes notas encontradas na biblioteca. Em termos gerais, eram idênticas, e ostentavam os símbolos ancestrais da “Cabeça do Dragão” e da “Cauda do Dragão” no alto da página, que a seguir dava lugar à caligrafia de Ward. Entretanto, a grafia variava bastante em relação às versões modernas, como se o velho Curwen usasse um método diferente para registrar os sons, ou como se um estudo mais aprofundado tivesse encontrado variantes mais perfeitas e mais poderosas das invocações em questão. O médico tentou conciliar a versão entalhada àquela que insistia em martelar-lhe os pensamentos, porém encontrou dificuldades. No ponto em que a fórmula memorizada dizia *“Y’ai ’ng ’ngah, Yog-Sothoth”*, a epígrafe trazia *“Aye, engengag, Yogge-Sothotha”*, o que dava a impressão de causar uma séria interferência à silabificação da segunda palavra.

Em função da intensidade com que o texto mais recente havia se impregnado nos pensamentos do explorador, a discrepância o perturbou; e logo se viu entoando a primeira das fórmulas em voz alta em uma tentativa de conciliar o

som que havia concebido às letras entalhadas que havia encontrado. Estranha e ameaçadora soou-lhe a própria voz naquele abismo de blasfêmia ancestral, com trenos que seguiam o ritmo de uma litania insistente devido a um feitiço antigo e ignoto ou devido ao exemplo infernal dos uivos abafados e heréticos que se erguiam dos fossos onde distantes cadências rítmicas e inumanas se erguiam e se atenuavam em meio ao fedor e às trevas.

"Y'AI 'NG'NGAH,
YOG-SOTHOTH
H'EE -L'GEB
F'AI THRODOG
UAAAH!"

Mas o que seria o vento gélido que de repente havia soprado logo nas primeiras sílabas do cântico? As tristes lamparinas bruxuleavam, e a escuridão se adensou de tal maneira que as letras na parede quase desapareceram em meio às trevas. Havia também fumaça, e um odor acre que abafou quase por completo o fedor dos poços distantes; um odor como o que havia surgido antes, porém infinitamente mais forte e mais pungente. Então o dr. Willett desviou o olhar das inscrições para virar-se em direção à câmara repleta de itens bizarros e notou que o cílice no chão, no qual o agourento pó fosforescente se encontrava, havia começado a emanar uma densa nuvem de vapor preto-esverdeado com volume e opacidade surpreendentes. Aquele pó — Meu Deus! — Aquilo havia saído da estante de "Materia" — mas o que estaria fazendo naquele instante, e o que teria desencadeado o processo? A fórmula que havia entoado — a primeira do par — a Cabeça do Dragão, *nó ascendente* — Pai do Céu, seria possível…?

Willett viu-se tomado por vertigens, e por seus pensamentos correram fragmentos desconexos de tudo o que tinha visto, ouvido e lido a respeito do pavoroso caso de Joseph Curwen e de Charles Dexter Ward. "Rogo-vos mais huma Vez que não invoqueis Nada que não possaes supprimir… Tende sempre prontas as Pallavras do Esconjuro, e não vos demoreis a empregallas quando surgirem quaesquer Duvidas sobre a Identidade Daquelle que invocastes… Tres Pallestras com *Aquillo que nelle se encontra inumado…" Por misericórdia, o que era o vulto por trás da fumaça que se descortinava?*

5.

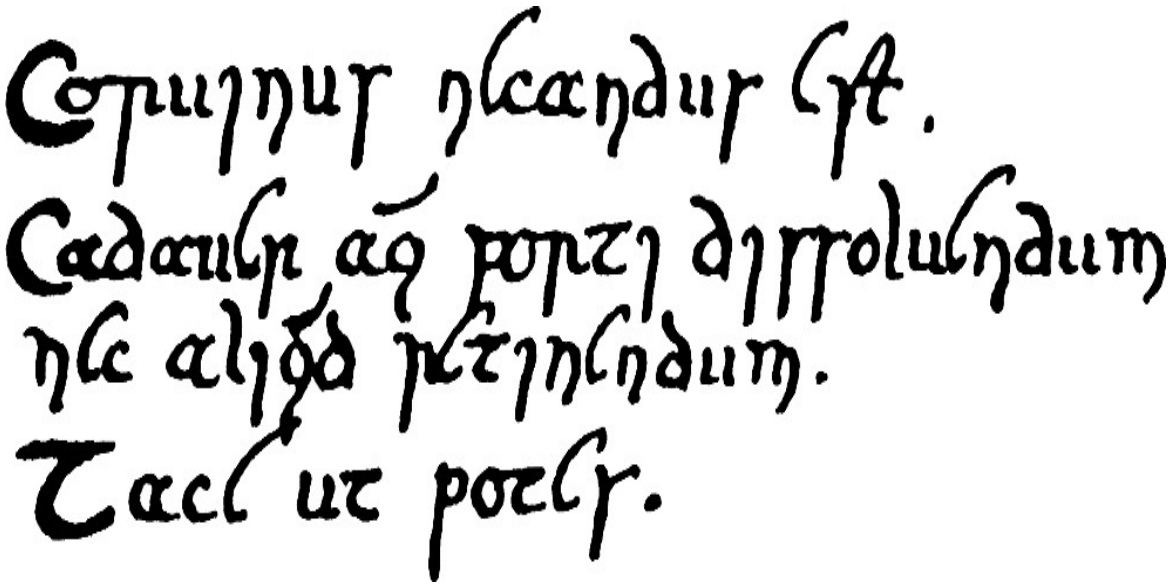
Marinus Bicknell Willett não tinha a menor esperança de que as diferentes partes da história fossem receber o crédito de outros que não os amigos mais próximos, e por esse motivo não chegou sequer a contá-la fora do círculo mais íntimo em que transitava. Apenas um reduzido número de pessoas de fora tomou conhecimento do relato, e a maioria destas simplesmente riu e afirmou que o médico sem dúvida estava começando a sentir o peso da idade. Aconselharam-no a tirar longas férias e a evitar toda sorte de envolvimento futuro em casos de perturbação mental. Mas o patriarca Ward sabe que o médico veterano não fez mais do que revelar uma verdade horrenda. Não tinha visto com os próprios olhos a abertura insalubre no porão da casa em Pawtuxet? Willett não o havia deixado em casa, vencido e doente, às onze horas daquela agourenta manhã? Não havia telefonado ao médico em vão ao entardecer, e mais uma vez no dia seguinte, e não se dirigira mais uma vez à casa em Pawtuxet na tarde subsequente, apenas para encontrar o amigo desacordado em uma das camas no andar de cima? Willett respirava em arquejos, mas abriu os olhos devagar quando o sr. Ward ofereceu-lhe um gole do *brandy* que tinha no carro. Então estremeceu e gritou, *"Aquela barba… aqueles olhos… Meu Deus, quem é você?"* Era um comentário um tanto estranho a se fazer para um cavalheiro elegante, bem-escanhoado e de olhos azuis que havia conhecido desde a meninice.

Na luz forte do meio-dia, a casa permanecia inalterada desde a manhã anterior. As roupas de Willett não traziam nenhum sinal de desalinho a não ser por certas manchas e um certo desgaste nos joelhos, e apenas um discreto odor acre lembraria o sr. Ward do cheiro que exalara do filho no dia em que o levaram para o hospital. A lanterna do médico havia se perdido, mas a valise estava segura, e vazia como a trouxera. Antes de oferecer qualquer explicação, e obviamente com um grande esforço moral, Willett cambaleou tomado por vertigens até o porão e tentou abrir a fatídica plataforma defronte às tinas. O objeto não se moveu. Depois de ir até o ponto onde deixara a bolsa de ferramentas no dia anterior, sacou um formão e começou a forçar as resistentes tábuas uma a uma. Por baixo o concreto liso ainda era visível, mas quanto a qualquer abertura ou perfuração não restava nenhum traço. Nenhuma passagem se abriu naquele momento para nausear o pai estupefato que tinha descido o lance de escadas em companhia do médico; havia apenas o concreto liso por baixo das tábuas — nenhum poço insalubre, nenhum horror subterrâneo, nenhuma biblioteca secreta, nenhum papel de Curwen, nenhum fosso saído de um pesadelo de uivos e fedores, nenhum laboratório com prateleiras e fórmulas entalhadas… O dr. Willett empalideceu e agarrou-se ao homem mais jovem. "Ontem",

perguntou a meia-voz, “você também viu aqui… você também sentiu o cheiro?” E quando o sr. Ward, transfixado pelo horror e pelo espanto, reuniu forças para fazer um gesto afirmativo com a cabeça, o médico soltou um suspiro engasgado e respondeu-lhe com um gesto idêntico. “Então vou contar tudo”, disse.

E assim, durante uma hora no recinto mais ensolarado que puderam encontrar no andar de cima, o médico sussurrou o terrível relato ao pai estupefato. Não havia nada a relatar além do vulto que surgiu quando o vapor preto-esverdeado que saiu do cílice descortinou-se, e Willett estava cansado demais para indagar sobre o que de fato teria ocorrido. Os dois homens trocaram inúteis meneios de cabeça, e em um dado momento o sr. Ward aventurou-se a perguntar a meia-voz: “Você acha que resolveria alguma coisa se cavássemos?” O médico permaneceu em silêncio, pois não julgou adequado responder sabendo que os poderes de esferas ignotas haviam chegado a esse lado do Grande Abismo. O sr. Ward tornou a perguntar: “Para onde foi aquela coisa? Você sabe que foi aquilo que o trouxe até aqui e que de algum modo fechou o acesso.” E mais uma vez Willett respondeu com o silêncio.

Mesmo assim, a história estava longe do fim. Quando estendeu a mão a fim de pegar o lenço antes de se levantar e partir, o dr. Willett fechou os dedos ao redor de um pedaço de papel no interior do bolso que não havia estado lá anteriormente e que se fez acompanhar pelas velas e fósforos que havia encontrado nas galerias desaparecidas. Era uma folha comum, sem dúvida arrancada do bloco que se encontrava naquele fabuloso recinto de horror nas galerias subterrâneas, e a caligrafia sobre o papel era a de um lápis de grafite ordinário — com certeza o instrumento que se encontrava ao lado do bloco. A folha estava dobrada sem nenhum cuidado, e à exceção do discreto cheiro acre das câmaras crípticas não trazia nenhuma marca ou sugestão de qualquer outro mundo que não o nosso. Do texto, contudo, trescalavam portentos; pois não se tratava de uma caligrafia da época contemporânea, mas dos traços rebuscados das trevas medievais, legíveis somente a duras penas aos olhos dos leigos que naquele instante se debruçaram sobre o papel, que no entanto ostentava símbolos vagamente familiares. Eis a mensagem rabiscada às pressas — e o mistério instilou convicção na dupla de investigadores abalados, que sem mais delongas foram até o carro do sr. Ward e ordenaram ao motorista que passasse em um restaurante silencioso e depois os levasse até a John Hay Library na colina.



Na biblioteca não foi difícil encontrar bons manuais de paleografia, e os homens deixaram-se intrigar por esses volumes até que as luzes do anoitecer se refletissem no enorme lustre. No fim encontraram o que tanto haviam procurado. As letras não eram nenhuma invenção fantástica, mas apenas a caligrafia ordinária de um período obscuro ao extremo. Eram as minúsculas saxônicas do século VIII ou IX, e traziam consigo memórias de uma época de barbárie em que, sob o novo lustre do cristianismo, religiões antigas e ritos ancestrais moviam-se às furtadelas enquanto a lua pálida da Bretanha por vezes contemplava as estranhas cerimônias nas ruínas romanas de Caerleon e de Hexham, e também junto às torres da muralha decrépita de Adriano. As palavras eram vazadas no latim que se podia esperar de uma época bárbara — *“Corvinus necandus est. Cadaver aq(ua) forti dissolvendum, nec aliq(ui)d retinendum. Tace ut potes”* — e podem ser traduzidas aproximadamente como: “Curwen deve ser morto. O corpo deve ser dissolvido em água-forte, e nada deve restar. Guarde silêncio tanto quanto possível”.

Willett e o sr. Ward calaram-se, perplexos. Ao se defrontarem com o desconhecido, perceberam que não tinham emoções adequadas para reagir da maneira como haviam vagamente antecipado. No caso de Willett, em particular, a capacidade de receber novas impressões de espanto havia chegado muito próximo do limite; e os dois homens permaneceram sentados, imóveis e indefesos, até que o fechamento da biblioteca os obrigasse a ir embora. Então seguiram de carro até a mansão Ward na Prospect Street e falaram noite adentro sem chegar a nenhuma conclusão. O médico descansou perto do amanhecer, mas não foi para casa. Ainda estava na mansão quando, ao meio-dia de domingo, recebeu uma mensagem telefônica enviada pelos detetives contratados para vigiar o dr. Allen.

O sr. Ward, que estava andando com passos nervosos de um lado para o outro vestido com um roupão, atendeu pessoalmente a ligação, e solicitou aos homens que fizessem uma visita à casa na manhã seguinte ao saber que tinham um relatório quase pronto. Tanto Willett como o sr. Ward alegraram-se ao perceber que essa fase da investigação estava tomando corpo, pois qualquer que fosse a origem da estranha mensagem em minúsculas, tudo indicava que o "Curwen" a ser destruído não podia ser outro senão o forasteiro de barba e de óculos escuros. Charles havia temido esse homem, e também havia dito no bilhete frenético que devia ser morto e dissolvido em ácido. Como se não bastasse, Allen vinha recebendo cartas de estranhos feiticeiros da Europa sob a alcunha de Curwen, e não havia dúvidas de que se considerava um avatar do necromante de outrora. E naquele instante uma nova e até então desconhecida fonte havia surgido, dizendo que "Curwen" devia ser morto e dissolvido em ácido. Os nexos pareciam demasiado coesos para que fossem engendrados; além do mais, Allen não estava planejando o assassinato do jovem Ward a pedido da criatura chamada Hutchinson? Claro, a carta talvez nunca tivesse chegado até o forasteiro barbado; mas a partir do texto foi possível determinar que Allen já tinha planos concretos para lidar com o jovem caso viesse a mostrar-se demasiado "afetado". Sem dúvida, Allen precisava ser detido; e mesmo que as providências mais drásticas não se fizessem necessárias, devia ser colocado em um lugar onde não pudesse fazer mal a Charles Ward.

Naquela tarde, em uma vã esperança de arrancar informações acerca dos mais profundos mistérios da única pessoa capaz de fornecê-las, o pai e o médico dirigiram-se até a baía para visitar o jovem Charles no hospital. Com palavras simples e graves, Willett contou-lhe tudo o que havia descoberto até então e notou que o jovem empalidecia à medida que cada descrição corroborava ainda mais a certeza da descoberta. O médico usou o maior número possível de efeitos dramáticos e permaneceu atento a qualquer expressão de sofrimento no semblante de Charles quando abordou a questão dos poços cobertos e dos inomináveis seres híbridos que continham. Mas a expressão de Ward não se alterou. Willett deteve-se e passou a falar com uma voz indignada quando mencionou que as criaturas estavam passando fome. Acusou o jovem de ter adotado um comportamento desumano, e estremeceu ao receber como resposta apenas uma risada sardônica. Charles, tendo abandonado qualquer pretensão de fingir que a cripta não existia, deu a impressão de encarar toda aquela circunstância como uma grande piada macabra, e viu-se obrigado a abafar o riso. Então sussurrou, em tons de horror redobrado em função da voz alquebrada que usou, "Que se danem! Eles *comem*, mas ele *não precisa!* Essa é a parte estranha! Um mês sem comida, o senhor disse? Ora, quanta modéstia! Esse era o chiste que fazíamos com a santimônia do velho Whipple! Matar tudo aquilo, ele? Ah, o desgraçado ficou mouco com os

rumores do Espaço Sideral e nunca viu nem ouviu coisa alguma vinda dos poços! Nunca sequer imaginou que existissem! Que o demônio vos leve — *aquelas coisas estão uivando lá embaixo desde que Curwen mordeu a terra cento e cinquenta e sete anos atrás!"*

Mais informações Willett foi incapaz de arrancar do jovem. Horrorizado, porém quase persuadido malgrado a própria vontade, deu seguimento à própria história na esperança de que um incidente qualquer pudesse despertar o interlocutor da insana compostura adotada. Ao encarar o rosto do jovem, o médico não conseguiu evitar um vago sentimento de terror ao perceber as mudanças operadas pelos meses recentes. Em verdade o rapaz havia trazido horrores inomináveis dos céus. Quando o recinto onde se encontravam as fórmulas e o pó verde foi mencionado, Charles deu a primeira mostra de entusiasmo. Uma expressão de curiosidade tomou conta do rosto quando ouviu o relato sobre o que Willett havia lido no bloco de anotações, e a seguir o jovem afirmou em um sucinto comentário que os apontamentos eram antigos e desprovidos de significado para qualquer pessoa que não detivesse profundos conhecimentos relativos à história da magia. "Mas", acrescentou, "se o senhor conhecesse a fórmula para invocar aquilo que estava no cílice, não estaria aqui para me contar essa história. Aquele era o número 118, e imagino que o senhor teria estremecido se houvesse consultado a lista no outro cômodo. Eu mesmo jamais o invoquei, muito embora pretendesse conjurá-lo no dia em que o senhor apareceu e mandou-me para cá."

Então Willett falou sobre a fórmula que havia repetido e a fumaça preto-esverdeada que havia se erguido; e enquanto falava viu o mais puro medo despontar pela primeira vez no semblante de Charles Ward. "Ele *apareceu* e o senhor está vivo?" Quando Ward crocitou as palavras, a voz parecia ter vencido todas as barreiras e afundado em abismos cavernosos de lúgubres ressonâncias. Willett, em um súbito lampejo de inspiração, imaginou ter compreendido o que se passava, e assim incluiu na resposta o alerta retirado de uma correspondência que havia recordado. "Não. 118, você diz? Não esqueça que *as pedras Tumulares se encontram trocadas em nove de cada dez cemitérios. Não há como ter certeza sem perguntar!"* Então, sem nenhum aviso prévio, sacou a diminuta mensagem e postou-a ante os olhos do paciente. Não poderia ter imaginado um resultado mais contundente, pois no mesmo instante Charles Ward desfaleceu.

Toda essa conversa, é claro, fora conduzida no mais absoluto sigilo para evitar que os alienistas residentes acusassem o pai e o médico de incentivar os delírios patológicos de um louco. Sem nenhum auxílio externo, o dr. Willett e o sr. Ward levantaram o jovem desfalecido e puseram-no em cima do sofá. Quando voltou a si, o paciente emitiu diversos balbucios a respeito de uma mensagem que precisava despachar de imediato para Orne e Hutchinson, de modo que, quando a

consciência pareceu voltar por completo, o médico lhe asseverou que pelo menos uma dessas estranhas criaturas era um inimigo encarniçado que havia sugerido ao dr. Allen que o matasse. Essa revelação não produziu nenhum efeito visível, e mesmo antes os visitantes puderam ver que o anfitrião tinha o olhar de um homem acossado. Desse ponto em diante Charles Ward recusou-se a continuar a conversa, e assim Willett e o pai resolveram ir embora, deixando para trás um alerta em relação ao barbado Allen, ao qual o jovem respondeu prontamente dizendo que já havia dado um jeito no assunto e que essa pessoa não faria mal a mais ninguém nem se quisesse. O comentário fez-se acompanhar de uma risada malévola muito dolorosa de ouvir. Willett e o sr. Ward não se preocuparam com a chance de que Charles pudesse escrever uma carta para a monstruosa dupla na Europa, pois sabiam que as autoridades do hospital interceptavam toda a correspondência externa para fins de censura e que não deixariam passar nenhuma mensagem extravagante ou desvairada.

Existe, no entanto, uma curiosa sequência para a história de Orne e de Hutchinson, se de fato os feiticeiros no exílio chamavam-se assim. Movido por um vago pressentimento em meio aos horrores desse período, Willett contratou um serviço de recortes internacionais para que se mantivessem atentos a quaisquer relatos de crimes e acidentes em Praga e no leste da Transilvânia; e seis meses depois convenceu-se de que havia encontrado dois itens de suma importância na miscelânea de recortes que havia recebido e mandado traduzir. Um dizia respeito à destruição total de uma casa à noite no bairro mais antigo de Praga e ao desaparecimento de um velho maléfico chamado Josef Nadek, que morava sozinho desde as mais remotas lembranças dos moradores locais. O outro dizia respeito a uma explosão titânica nas montanhas da Transilvânia a leste de Rakus e ao total aniquilamento do agourento Castelo Ferenczy e de todos os antigos ocupantes — um lugar cujo proprietário era tão malfalado pelos camponeses e soldados da região que em breve teria sido intimado a se apresentar em Bucareste para um interrogatório se o incidente não tivesse dado fim a uma longa carreira que remontava a tempos anteriores à lembrança comum. Willett sustenta que a mão que escreveu as minúsculas também era capaz de empunhar armas mais fortes, e que, embora a aniquilação de Curwen tenha ficado a seu próprio encargo, o autor em pessoa teria saído em busca de Orne e de Hutchinson. Em relação ao destino que se teria abatido sobre os dois, o médico evita ao máximo pensar.

6.

Na manhã seguinte o dr. Willett apressou-se rumo à mansão dos Ward para estar presente quando os detetives chegassem. A destruição ou a captura de Allen — ou de Curwen, se a tácita alegação de reencarnação fosse deveras válida — devia ser empreendida a todo custo, e o médico detalhou essa convicção ao sr. Ward enquanto os dois permaneciam sentados à espera dos homens. Nesta ocasião encontravam-se no térreo, pois as partes superiores da casa estavam sendo evitadas em função da peculiar repugnância que pairava de maneira indefinida ao redor de tudo; uma repugnância que os criados de longa data associavam a uma maldição deixada pelo desaparecido retrato de Curwen.

Às nove horas os três detetives apresentaram-se e no mesmo instante relataram tudo o que tinham a relatar. Infelizmente, não tinham localizado o nativo de Brava Tony Gomes como haviam desejado, tampouco encontrado qualquer resquício sobre a origem ou o paradeiro do dr. Allen; mas tinham conseguido reunir um número considerável de impressões e fatos relativos ao lacônico forasteiro. Allen tinha dado aos habitantes de Pawtuxet a impressão de que seria uma criatura vagamente sobrenatural, e havia uma crença generalizada de que a grossa barba escura seria ou tingida ou postiça — uma crença demonstrada de maneira irrefutável quando uma barba postiça de acordo com essa descrição e acompanhada por um par de óculos escuros foi encontrada no quarto que havia ocupado na fatídica casa em Pawtuxet. A voz, como o sr. Ward poderia confirmar a partir da conversa telefônica, tinha um caráter profundo e cavo que seria impossível esquecer; e o olhar irradiava malevolência até mesmo por trás dos óculos escuros com armação de chifre. Um certo comerciante, durante o curso das negociações, tinha visto um espécime da caligrafia de Allen e declarou que consistia em estranhas garatujas, o que foi confirmado pelas enigmáticas notas a lápis encontradas no quarto que ocupava e mais tarde reconhecidas pelo comerciante. Em relação às suspeitas de vampirismo aventadas no verão anterior, a maioria dos rumores indicava que Allen, e não Ward, seria efetivamente o vampiro. Também foram colhidos relatos dos oficiais que haviam visitado a casa em Pawtuxet após o desagradável incidente do roubo com o caminhão. Todos haviam pressentido menos elementos sinistros no dr. Allen, mas a partir de então passaram a considerá-lo a figura dominante na estranha casa ensombrecida. O lugar era demasiado escuro para que pudessem vê-lo com nitidez, mas seriam capazes de reconhecê-lo mesmo assim. A barba parecia estranha, e o homem parecia ter uma discreta cicatriz acima do olho direito por trás dos óculos. Quanto à busca empreendida pelos detetives no quarto de Allen, não trouxe nenhuma revelação decisiva além da barba e dos óculos e de várias

anotações a lápis feitas com garatujas que Willett no mesmo instante reconheceu como sendo idênticas àquelas nos antigos manuscritos de Curwen e nas volumosas notas recentes do jovem Ward encontradas nas desaparecidas catacumbas de horror.

O dr. Willett e o sr. Ward receberam a impressão de um profundo, sutil e insidioso medo cósmico das informações que aos poucos se desvelavam, e quase estremeceram ao levar adiante o pensamento vago e insano que lhes ocorreu ao mesmo tempo. A barba postiça e os óculos — as garatujas de Curwen — o velho retrato e a pequena cicatriz — *e o jovem desvairado no hospital com uma cicatriz idêntica* — a voz profunda e cava ao telefone — não fora nessas coisas que o sr. Ward pensou ao ouvir o filho latir as notas dignas de pena às quais naquele ponto afirmava estar reduzido? Alguém já tinha visto Charles e Allen juntos? Uma vez, os oficiais — mas e depois? Não foi quando Allen se afastou que Charles de repente perdeu o medo cada vez maior e começou a viver de forma plena na casa em Pawtuxet? Curwen — Allen — Ward — em que fusão blasfema e abominável essas duas épocas e essas duas pessoas teriam se envolvido? A semelhança maldita entre Charles e o retrato — por acaso a pintura não costumava encarar o jovem e segui-lo com os olhos pelo cômodo? Mas por que tanto Allen como Charles haveriam de copiar a caligrafia de Joseph Curwen, mesmo sozinhos e com a guarda baixa? E havia também o horrendo trabalho dessas pessoas — a cripta de horrores perdida que havia levado o médico a envelhecer de um dia para o outro; os monstros famintos nos poços insalubres; a pavorosa fórmula capaz de trazer resultados inomináveis; a mensagem em minúsculas encontrada no bolso de Willett; os papéis e as cartas e as discussões acerca de túmulos e “saes” e descobertas — como tudo poderia encaixar-se? No fim o sr. Ward fez a coisa mais sensata. Armado contra todos os questionamentos quanto ao motivo para agir desta forma, entregou aos detetives um artigo que devia ser mostrado aos comerciantes de Pawtuxet que tivessem visto o agourento dr. Allen. O artigo era uma fotografia do próprio filho desafortunado, na qual desenhou com todo o cuidado, a tinta, um par de pesados óculos escuros e a barba negra e pontuda que os detetives haviam trazido do quarto de Allen.

Por duas horas esperou com Willett na atmosfera opressiva da mansão onde o medo e os miasmas aos poucos se mesclavam enquanto o painel vazio na biblioteca do terceiro andar de cima sorria e sorria e sorria. Então os homens retornaram. De fato. *A fotografia alterada era uma representação absolutamente passável do dr. Allen.* O sr. Ward empalideceu, e Willett enxugou com um lenço a testa que se havia umedecido de repente. Allen — Ward — Curwen — tudo estava se tornando horrendo demais para um raciocínio coerente. O que o garoto havia invocado do abismo, e como a entidade poderia tê-lo afetado? O que, em suma, havia acontecido do início ao fim? Quem era esse Allen que tentara matar

Charles por considerá-lo “afetado”, e por que a vítima pretendida havia dito no *post-scriptum* à carta frenética que o forasteiro devia ser destruído com ácido? Por que, além do mais, a mensagem em minúsculas, cuja origem ninguém se atrevia a cogitar, dizia que “Curwen” devia ser destruído de maneira idêntica? No que consistiria a *mudança*, e quando o estágio final havia chegado? No dia em que o bilhete frenético foi recebido — Charles havia passado a manhã inteira nervoso, e depois operou-se uma mudança. O jovem se esgueirou para fora da casa sem que ninguém o visse e caminhou a passos largos, deixando para trás os homens contratados para vigiá-lo. Durante aquele tempo esteve fora. Mas não — por acaso não havia soltado um grito de terror ao adentrar o estúdio — aquele mesmo recinto? O que havia encontrado lá dentro? Ou então — *o que o havia encontrado?* O simulacro que tornou a casa sem que o vissem partir — seria um espectro sideral e um horror que se abatia sobre uma figura trêmula que na verdade jamais havia saído? O mordomo não havia mencionado barulhos estranhos?

Willett pediu que chamassem o homem e fez-lhe algumas perguntas em voz baixa. Sem dúvida a situação havia sido tensa. Houve barulhos — um grito, um suspiro e um engasgo, e a seguir uma espécie de rangido ou estrépito ou baque, ou ainda todos os três. E o sr. Charles não era mais o mesmo quando deixou o cômodo sem dizer uma palavra sequer. O mordomo tremia ao falar, e sentiu o cheiro do ar fétido que soprava de uma janela aberta no andar de cima. O terror havia se instalado em definitivo na mansão, e apenas os detetives profissionais davam a impressão de não ter digerido a notícia. Mesmo assim, também estavam irrequietos, pois no segundo plano o caso apresentava elementos vagos que não lhes agradavam nem um pouco. O dr. Willett pensava com profundidade e clareza, e esses pensamentos eram terríveis. Às vezes quase sucumbia aos balbucios enquanto examinava mentalmente uma nova, terrível e cada vez mais conclusiva cadeia de acontecimentos dignos de um pesadelo.

Então o sr. Ward sinalizou que a conferência havia chegado ao fim, e todos à exceção do pai e do médico deixaram o recinto. Era meio-dia, porém sombras como as da noite que cai ameaçavam engolir a casa assombrada por espectros em um triunfo de zombaria. Willett começou a falar em tom muito sério com o anfitrião e insistiu em pedir-lhe que deixasse grande parte da futura investigação a seu encargo. Segundo imaginava, haveria certos elementos nocivos que um amigo poderia suportar melhor do que um familiar. Como médico da família, precisaria ter carta branca, e a primeira coisa que exigiu foi um período de solidão e repouso na biblioteca abandonada do andar de cima, onde o antigo painel havia ganhado uma aura de horror insalubre mais intensa do que quando as próprias feições de Joseph Curwen espreitavam com olhos argutos desde o retrato pintado.

O sr. Ward, perplexo ante a enxurrada de elementos morbidamente grotescos e de sugestões inconcebivelmente insanas que o assaltavam por todos os lados, não teve alternativa senão aquiescer; e meia hora mais tarde o médico estava trancado no temido recinto com o painel retirado de Olney Court. O pai, escutando no lado de fora, ouviu sons de movimentações e de vasculhamentos à medida que o tempo passava; e por fim um esforço e um rangido, como se um pesado armário estivesse a ser aberto. Então veio um grito abafado, uma espécie de engasgo e um baque veloz, provocado pelo fechamento do que quer que tivesse sido aberto. Quase no mesmo instante a chave movimentou-se na fechadura e Willett apareceu no corredor, com uma expressão sinistra e tétrica, e exigiu lenha para a lareira na parede sul da habitação. Asseverou que a fornalha não seria o bastante; e a lareira elétrica teve pouco uso prático. Angustiado, porém avesso a fazer perguntas, o sr. Ward deu as ordens correspondentes e um homem levou troncos de pinho, estremecendo ao penetrar a atmosfera pestilenta da biblioteca a fim de colocá-los na grelha. Nesse meio-tempo, Willett subiu ao laboratório desativado e desceu com uma miscelânea de itens não levados durante a mudança efetuada no mês de julho anterior. Estavam todos em uma cesta coberta, e o sr. Ward jamais chegou a ver do que se tratava.

Então o médico trancou-se mais uma vez na biblioteca, e pelas nuvens de fumaça que saíam da chaminé e ondulavam em frente às janelas pôde-se depreender que havia acendido o fogo. Mais tarde, após um intenso farfalhar de jornais, o puxão e o rangido foram ouvidos mais uma vez, seguidos por um baque que desagradou a todos os que o ouviram. A seguir vieram dois gritos abafados de Willett, e no momento seguinte um rumor que provocou um indefinível sentimento de repulsa. A fumaça empurrada pelo vento tornou-se muito escura e acre, e todos desejaram que o clima os houvesse poupado daquela sufocante e deletéria inundação de vapores peculiares. O sr. Ward sentiu a cabeça rodopiar, e toda a criadagem amontoou-se em um grupo compacto para ver a horrenda fumaça preta descer pela chaminé. Após um longo tempo de espera os vapores deram a impressão de se dissipar, e os ruídos quase amorfos de arranhões, deslizamentos e de outras operações menores foram ouvidos por trás da porta trancada. Por fim, após o bater de um armário no interior do cômodo, Willett tornou a aparecer — triste, pálido e desalentado, e segurando na mão a cesta coberta que havia buscado no laboratório do andar de cima. Tinha deixado a janela aberta, e por todo aquele recinto outrora maldito soprava uma brisa de ar puro e salubre que se misturava ao estranho e recente cheiro dos desinfetantes. O antigo painel continuava no lugar de sempre, mas parecia desprovido de malignidade, e erguia-se calmo e opulento como se jamais tivesse ostentado o retrato de Joseph Curwen. A noite se aproximava, porém desta vez as sombras não traziam nenhum medo latente — apenas uma suave melancolia. Quanto ao

que havia feito, o médico jamais viria a falar. Para o sr. Ward, disse apenas: “Eu não posso responder a nenhuma pergunta, mas afirmo que existem diferentes tipos de magia. Fiz uma grande purgação, e as pessoas desta casa vão dormir melhor agora”.

7.

Que a “purgação” feita pelo dr. Willett foi um suplício quase tão devastador quanto as pavorosas andanças pela cripta desaparecida pode ser demonstrada pelo fato de que o provecto médico sucumbiu assim que chegou em casa naquela mesma noite. Permaneceu três dias inteiros confinado no quarto, embora mais tarde a criadagem tenha sussurrado alguma coisa sobre a noite de quarta-feira, quando a porta de entrada abriu-se e fechou-se com espantosa delicadeza. A imaginação dos criados, felizmente, é limitada, pois de outra forma poderiam ter-se deixado influenciar por uma nota na edição de quinta-feira do *Evening Bulletin* que dizia o seguinte:

LADRÕES DE SEPULTURA EM NORTH END
VOLTAM À ATIVA

Dez meses após o covarde vandalismo perpetrado no jazigo de Weeden no North Burial Ground, um malfeitor noturno foi avistado hoje pela manhã no mesmo cemitério pelo vigia noturno Robert Hart. Quando olhou por acaso ao redor por volta das duas horas da madrugada, o sr. Hart percebeu o brilho de uma lamparina ou de lanterna portátil um pouco a noroeste e, ao abrir a porta, deparou com o vulto de um homem delineado contra uma luz elétrica nas proximidades. Lançando-se de imediato a uma perseguição, o vigia noturno observou o vulto correr depressa em direção à entrada principal do cemitério, ganhar a rua e perder-se em meio às sombras antes que pudesse efetuar a aproximação ou a captura.

Como os primeiros ladrões de sepultura no ano passado, o intruso não chegou a causar nenhum estrago. Uma parte vazia do jazigo da família Ward mostrava indícios de uma escavação superficial, que no entanto não chegava sequer próximo ao tamanho de uma sepultura, e outros jazigos tampouco foram perturbados.

O sr. Hart conseguiu perceber apenas que o malfeitor era um homem barbado e de pequena estatura, e acredita que os três incidentes tenham uma fonte comum; mesmo assim, os agentes da Segunda Delegacia de Polícia pensam diferente em função da violência observada no segundo incidente, quando um antigo caixão foi removido e teve a lápide destruída mediante o uso da força.

O primeiro incidente, em que a possível tentativa de enterrar alguma coisa viu-se frustrada, ocorreu em março último, e foi atribuído a falsificadores de bebida em busca de um lugar improvável para estocar as mercadorias ilegais. Segundo o sgto. Riley, é possível que esse terceiro incidente tenha uma motivação

semelhante. Os agentes da Segunda Delegacia de Polícia empenham todos os esforços possíveis na localização e na captura dos malfeitores responsáveis por esses reiterados ultrajes.

Durante o dia inteiro o dr. Willett descansou como se estivesse a se recuperar de algum ocorrido ou a preparar-se para o que pudesse suceder. À tarde escreveu um bilhete para o sr. Ward, que foi entregue na manhã seguinte e que levou o atônito pai a uma longa e profunda meditação. O sr. Ward não fora capaz de se dedicar a nada desde o choque da segunda-feira devido aos impressionantes relatos da sinistra "purgação", mas conseguiu encontrar um lampejo de tranquilidade na carta do médico, apesar do desespero que dava a impressão de prometer e dos mistérios que parecia evocar.

10 Barnes St.,
Providence, R.I.,
12 de abril de 1928.

CARO THEODORE — sinto que devo ter uma palavra com você antes de fazer o que pretendo fazer amanhã. Disponho-me a terminar o assunto que nos tem ocupado (pois sinto que nenhuma pá haverá de encontrar o monstruoso lugar que conhecemos), mas temo que nada seja capaz de tranquilizá-lo enquanto eu não asseverar de maneira expressa que acredito ter encontrado uma solução definitiva.

Você me conhece desde que era menino, então acho que não teria motivo para desconfiar de mim se eu disser que certos assuntos devem ser relegados à incerteza e ao esquecimento. O melhor a fazer é abandonar toda sorte de especulação acerca do caso de Charles, e é muito importante que você não conte à mãe do garoto nada além do que ela já suspeita. Quando eu o visitar amanhã, Charles terá fugido. Eis tudo o que outras pessoas devem saber. Charles estava louco e fugiu. Você pode fazer revelações suaves e graduais à mãe quando parar de enviar as notas datilográficas em nome do garoto. Eu o aconselharia a encontrar sua esposa em Atlantic City e descansar um pouco. Deus sabe que você precisa descansar após um choque desses, e o mesmo vale para mim. Vou passar uma temporada no Sul para me acalmar e me preparar para o que ainda virá.

Por isso peço que você não me faça perguntas quando eu o visitar. Pode ser que as coisas deem errado, mas nesse caso eu prometo avisá-lo. Não acho que vá acontecer. Não haverá mais nada com o que se preocupar, pois Charles estará a salvo, totalmente a salvo. Agora mesmo está mais seguro do que você pode imaginar. Você não tem mais motivos para

temer Allen, ou ainda quem ou o que possa ser esse misterioso personagem. Allen pertence ao passado, assim como o retrato de Joseph Curwen, e quando eu tocar a campainha da sua porta você pode ter a certeza de que essa pessoa não existe. O que quer que tenha escrito aquela mensagem em minúsculas nunca mais vai importunar você ou a sua família.

Mas você deve estar pronto para enfrentar a melancolia e preparar a sua esposa para fazer o mesmo. Vejo-me obrigado a dizer com toda a franqueza que a fuga de Charles não vai significar a volta do garoto para casa. Charles vem sofrendo com uma moléstia um tanto singular, como você mesmo pode concluir pelas sutis alterações físicas e mentais que o afligiram, e você não deve nutrir a esperança de um dia tornar a vê-lo. À guisa de consolo, saiba que o seu filho nunca foi um demônio ou sequer um louco, mas apenas um garoto ávido, dedicado e curioso levado à ruína pelo amor que nutria em relação ao mistério e ao passado. Charles descobriu coisas que nenhum mortal jamais deveria saber e esquadrinhou o passado de uma forma que ninguém deveria fazer; e uma sombra surgiu do passado a fim de tragá-lo.

Agora chegamos ao ponto em que a sua confiança se faz mais necessária — pois é certo que não há incertezas quanto ao destino de Charles. Daqui a cerca de um ano, digamos, você pode imaginar um relato coeso para o fim se assim desejar; pois o garoto não haverá mais de existir. Você há de erguer uma lápide no jazigo da família no North Burial Ground exatos três metros a oeste da lápide do seu pai, apontada para a mesma direção, para assim marcar o verdadeiro lugar de repouso do seu filho. Não há motivos para temer que o monumento possa marcar o local de qualquer aberração ou monstruosidade. As cinzas no túmulo serão as dos seus ossos e tendões inalterados — terão pertencido ao verdadeiro Charles Dexter Ward, cujo desenvolvimento você acompanhou desde a infância — o verdadeiro Charles, com a marca escura no quadril e sem a marca das bruxas no peito nem a cicatriz acima da sobrancelha. O Charles que nunca fez nenhum mal, e que há de ter pago a “afetação” com a própria vida.

Eis tudo. Charles vai ter fugido, e daqui a um ano você poderá erguer-lhe uma lápide. Não me faça perguntas amanhã. Mas acredite que a honra dessa antiga família permanece imaculada, como ademais sempre esteve em todas as épocas desde o mais remoto passado.

Com os meus profundos sentimentos, e com exortações à fortitude, à serenidade e à resignação, permaneço sendo

Seu amigo sincero,
MARINUS B. WILLETT.

Então, na manhã do dia 13 de abril de 1928, Marinus Bicknell Willett visitou o quarto de Charles Dexter Ward no hospital particular do dr. Waite em Conanicut Island. O jovem, embora não tentasse evitar o visitante, encontrava-se em um estado de espírito sombrio, e demonstrava pouca disposição para entabular a conversa que Willett obviamente desejava. A nova descoberta feita pelo doutor em relação à cripta e aos monstruosos experimentos conduzidos no local tinha criado uma nova fonte de constrangimento, de maneira que ambos hesitaram após a troca das formalidades obrigatórias. Logo um novo elemento restritivo surgiu enquanto Ward dava a impressão de ler por trás do semblante impassível do médico uma terrível obstinação que jamais havia estado lá. O paciente se encolheu, ciente de que desde a última visita havia se operado uma mudança graças à qual o obsequioso médico da família havia cedido o lugar a um vingador impiedoso e implacável.

Ward chegou a empalidecer, e o médico foi o primeiro a tomar a palavra. “Mais coisas foram encontradas”, disse, “e devo avisá-lo de que certas explicações se fazem necessárias.”

“Cavando mais uma vez em busca de bichos famintos?”, retrucou Ward com uma nota de forte ironia. Não havia dúvidas de que o jovem pretendia manter as bravatas até o fim.

“Não”, emendou Willett devagar; “dessa vez não precisei cavar. Nossos homens vigiaram o dr. Allen e encontraram os óculos e a barba postiça na casa em Pawtuxet.”

“Excelente!”, comentou o anfitrião inquieto em uma tentativa de insulto espirituoso; “espero que sirvam melhor do que os óculos e a barba que o senhor está usando nesse instante.”

“Serviriam muito bem em você”, veio a resposta calma e estudada, *“como a bem dizer parecem ter servido.”*

Quando Willett pronunciou estas palavras foi como se uma nuvem obscurecesse o sol, embora as sombras no assoalho não tivessem sofrido qualquer alteração. Então Ward arriscou:

“Essa é a explicação que tanto se faz necessária? E se uma pessoa julgar conveniente transformar-se em duas de vez em quando?”

“Não”, respondeu Willett. “Mais uma vez você se engana. Um homem que busca a dualidade não me diz respeito, *contanto que tenha direito a existir e que tampouco destrua aquilo que o invocou desde o espaço.”*

Ward teve um violento sobressalto. “Bem, mas o que descobristes, e por que desejastes ter comigo?”

O médico deixou que alguns instantes se passassem antes de responder, como se estivesse a pensar em uma resposta eficaz.

“Descobri”, continuou por fim, “uma certa coisa em um armário por trás de um antigo painel onde esteve outrora um retrato, e queimei-a e enterrei as cinzas restantes no lugar onde há de ser o túmulo de Charles Dexter Ward.”

O paciente insano engasgou-se e saltou da cadeira onde se encontrava sentado:

“Maldito sede! A quem contastes — e quem há de acreditar que seja ele após esses dois meses em que estive vivo? O que pretendeis fazer?”

Willett, embora fosse um homem pequeno, investiu-se de uma majestade judicial enquanto acalmava o paciente com um gesto.

“Não contei para ninguém. Não se trata de um caso comum — é uma loucura vinda do tempo e um horror de além das esferas que nenhuma polícia, nenhum tribunal, nenhum advogado e nenhum alienista seria capaz de compreender ou de reparar. Graças a Deus o destino me agraciou com a chama da imaginação para que eu não enlouquecesse pensando sobre essa coisa. *O senhor não me engana, Joseph Curwen, pois eu sei que essa magia amaldiçoada é verdadeira!*

“Eu sei que o senhor urdiu o feitiço que pairou ao redor do tempo e aferrou-se ao seu duplo e descendente; sei que o atraiu rumo ao passado e que o levou a retirá-lo da odiosa sepultura onde o senhor se encontrava; sei que o manteve oculto no laboratório enquanto o senhor estudava as coisas modernas e vagava como um vampiro à noite, e sei que mais tarde apresentou-se de óculos e barba para que ninguém se espantasse com a semelhança blasfema entre ambos; sei o que o senhor resolveu fazer quando o garoto hesitou ante a monstruosa profanação das sepulturas mundo afora, *e ante o que o senhor planejava para mais tarde*, e sei como o senhor levou o plano a cabo.

“O senhor tirou a barba e os óculos e enganou os guardas ao redor da casa. Acharam que era Charles quem havia entrado e depois acharam que era Charles quem havia saído, quando na verdade o senhor o havia estrangulado e ocultado o corpo. Mas o senhor não havia levado em conta a diferença de conteúdo entre as duas mentes. O senhor foi um tolo, Curwen, por achar que uma simples identidade visual seria o bastante! Por que não pensou na maneira de falar e na voz e na caligrafia? No fim não deu certo, como o senhor mesmo pode ver. O senhor conhece melhor do que eu quem ou o que escreveu aquela mensagem em minúsculas, mas aviso que não foi escrita em vão. Existem abominações e blasfêmias que precisam ser aniquiladas, e acredito que o autor daquelas palavras há de se juntar a Orne e a Hutchinson. Uma dessas criaturas certa vez lhe escreveu, dizendo: ‘não invoqueis nada que não possais suprimir’. O senhor já foi vencido antes, talvez dessa mesma forma, e pode ser que a sua própria magia

demoníaca traga-lhe mais uma vez a ruína. Curwen, não podemos interferir com a natureza além de certos limites, e todos os horrores que o senhor urdiu hão de retornar para eliminá-lo.”

Nesse ponto o médico foi interrompido por um grito convulsivo da criatura que tinha diante de si. Acuado, indefeso e ciente de que qualquer demonstração de violência física chamaria uma vintena de enfermeiros em auxílio ao visitante, Joseph Curwen recorreu ao antigo aliado, e assim começou uma série de gestos cabalísticos com os indicadores enquanto a voz profunda e cava, enfim livre da rouquidão fingida, recitou as palavras iniciais de uma terrível fórmula.

> “PER ADONAI ELOIM, ADONAI JEHOVA, ADONAI SABAOTH, METRATON…”

Porém, Willett foi mais rápido. No mesmo instante em que os cachorros do pátio começaram a uivar, e no mesmo instante em que um vento gélido soprou da baía, o médico começou a entoar de maneira solene e compassada as palavras que desde o início pretendia recitar. Olho por olho — magia por magia — que o desfecho mostre como a lição do abismo foi aprendida! Então, com uma voz clara, Marinus Bicknell Willett começou a *segunda* fórmula do par cujo primeiro elemento havia conjurado o autor daquelas minúsculas — a críptica invocação encimada pela Cauda do Dragão, signo do *nó descendentte* —

“OGTHROD AL’F
GEB’L — EE’H
YOG-SOTHOTH
’NGAH’NG AI’Y
ZHRO!”

Assim que a primeira palavra deixou os lábios de Willett, a fórmula começada antes pelo interno foi interrompida. Incapaz de falar, o monstro executou gestos frenéticos com os braços até que estes por fim também se detiveram. Quando o terrível nome de *Yog-Sothoth* foi pronunciado, teve início a horrenda transformação. Não era uma simples *dissolução*, mas antes uma *transformação ou recapitulação;* e Willett fechou os olhos para evitar que desfalecesse antes de terminar o encanto.

Porém, não desfaleceu, e aquele homem de séculos blasfemos e segredos proscritos jamais tornou a perturbar o mundo. A loucura vinda do tempo desaparecera, e o caso de Charles Dexter Ward havia chegado ao fim. Quando abriu os olhos antes de sair cambaleando daquele recinto de horror, o dr. Willett percebeu que o que havia retido na memória não fora em vão. Conforme havia

previsto, o emprego de ácidos não foi necessário. Pois, como o amaldiçoado retrato de um ano atrás, naquele instante Joseph Curwen espalhou-se pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

O Horror de Dunwich (1928)

> Górgonas e Hidras e Quimeras — histórias terríveis sobre Celeno e as Harpias — talvez se reproduzam no imaginário da superstição — *mas já existiam antes.* Essas criaturas são transcrições, tipos — os arquétipos estão em nós e são eternos. De que outra forma a narrativa daquilo que em vigília sabemos ser falso seria capaz de nos causar temor? Será que concebemos um terror natural a partir destes objetos devido à capacidade que têm de nos causar danos físicos? De maneira alguma! *Esses terrores são mais antigos. Encontram-se além do corpo* — ou, na ausência do corpo, seriam os mesmos… Que o tipo de medo tratado aqui seja puramente espiritual — que ganhe força na medida em que se apresenta desprovido de um objeto na Terra, que predomine no período da nossa infância livre de pecado — eis as dificuldades cuja solução pode nos facultar um possível entendimento da nossa condição antemundana e enfim um vislumbre nas sombras da preexistência.
>
> Charles Lamb, “Bruxas e outros temores noturnos”

I.

Se ao passar a norte da região central de Massachusetts um viajante toma o acesso errado na bifurcação da estrada de Aylesbury, logo depois de Dean’s Corners, ele encontra um lugar solitário e curioso. A vegetação do solo fica mais alta, e os muros de pedra ladeados por espinheiros amontoam-se cada vez mais perto dos sulcos na estrada poeirenta e sinuosa. As árvores das várias faixas de floresta parecem grandes demais, e as ervas selvagens, arbustos e gramas atingem uma exuberância raramente vista em regiões habitadas. Ao mesmo tempo, os campos plantados parecem singularmente escassos e estéreis, enquanto as casas ostentam um aspecto surpreendentemente uniforme de antiguidade, sordidez e dilapidação. Sem saber por quê, o viajante hesita em pedir informações às figuras retorcidas e solitárias vislumbradas de vez em quando em soleiras decrépitas nas pradarias inclinadas e salpicadas de rochas. Essas figuras são a tal ponto silenciosas e furtivas que o viajante sente-se diante de coisas proibidas, com as quais seria melhor não ter nenhum contato. Quando uma elevação na estrada descortina as montanhas acima dos profundos bosques, a inquietação do forasteiro aumenta. Os cumes são demasiado curvos e simétricos para transmitir

uma sensação de conforto e naturalidade, e às vezes o céu delineia com particular vividez os círculos dos altos pilares de pedra que coroam a maioria deles.

Vales e desfiladeiros de profundezas enigmáticas cruzam-se naquela direção, e as rústicas pontes de madeira parecem oferecer uma segurança duvidosa. Quando a estrada torna a descer surgem trechos pantanosos que causam uma aversão instintiva, e por vezes temores ao cair da noite, quando bacuraus invisíveis tagarelam e os vaga-lumes saem em uma profusão anormal para dançar ao ritmo estridente e obstinado dos sapos-boi coaxantes. A linha estreita e cintilante dos pontos mais altos do Miskatonic sugere os movimentos de uma serpente à medida que se aproxima dos sopés das colinas abobadadas em meio às quais se ergue.

À medida que as colinas se aproximam, o viajante percebe mais as encostas verdejantes do que os cumes coroados pelas rochas. Essas encostas são tão escuras e tão íngremes que o forasteiro deseja que se mantivessem ao longe, mas não há outra estrada por onde escapar. Do outro lado de uma ponte coberta, encontra um pequeno vilarejo aninhado entre o rio e a encosta vertical da Round Mountain e percebe um amontoado de mansardas apodrecidas que indicam um período arquitetônico anterior ao de toda a região circunjacente. Não é nada reconfortante ver, ao chegar mais perto, que a maioria das casas encontra-se abandonada e em ruínas, e que a igreja de coruchéu desabado abriga o único estabelecimento comercial decrépito do vilarejo. O túnel da ponte inspira o terror da incerteza, mas não há como evitá-lo. Ao chegar do outro lado, é difícil conter a impressão de um discreto odor maligno na rua do vilarejo, que parece resultar do mofo e da decadência de séculos. É sempre um alívio sair desse lugar e seguir estrada afora, contornando os sopés das colinas e atravessando o terreno plano mais além até retornar à estrada de Aylesbury. Depois, às vezes o viajante descobre que passou por Dunwich.

Os forasteiros visitam Dunwich com a menor frequência possível, e desde uma certa estação de horror toda a sinalização que apontava para o vilarejo foi retirada. O cenário, considerado segundo os ditames do cânone estético vulgar, é mais bonito do que o normal; mesmo assim, não há influxo de artistas ou turistas de verão. Dois séculos atrás, quando boatos sobre o sangue de bruxas, rituais de adoração a Satanás e estranhas presenças na floresta eram levados a sério, em geral se ofereciam motivos para evitar o local. Na época sensata em que vivemos — desde que o horror de Dunwich em 1928 foi silenciado por aqueles que tinham o bem-estar do vilarejo e do mundo no coração — as pessoas evitam-no sem saber ao certo por quê. Talvez o motivo — embora não possa causar efeito em forasteiros desinformados — seja que os nativos agora se encontram em um estado repulsivo de decadência, uma vez que seguiram pelo caminho do retrocesso comum em vários recantos da Nova Inglaterra. Acabaram formando

uma raça própria, com os estigmas bem-definidos da degeneração mental e física provocada por casamentos consanguíneos. A inteligência média da população é pavorosamente baixa, e os anais da história cheiram a vícios em excesso e ao abafamento de assassinatos, incestos e atos de violência e perversidade quase inefáveis. A antiga aristocracia, representada pelas duas ou três famílias blasonadas que chegaram de Salém em 1692, manteve-se um pouco acima do nível geral de decadência, embora muitas linhagens tenham afundado a tal ponto no meio do populacho sórdido que certos nomes permanecem apenas como uma chave para revelar a origem que desgraçam. Alguns dos Whateley e dos Bishop ainda mandam os filhos mais velhos para Harvard e para a Universidade do Miskatonic, embora esses filhos poucas vezes retornem às mansardas emboloradas sob as quais nasceram como tantos outros ancestrais.

Ninguém, nem mesmo as pessoas que conhecem os fatos pertinentes ao recente horror, sabem dizer ao certo qual é o problema com Dunwich, embora antigas lendas versem sobre rituais profanos e conclaves de índios acompanhados pela invocação de sombras proscritas nas grandes colinas abobadadas e por desvairadas preces orgiásticas respondidas por estalos e rumores vindos da terra. Em 1747 o reverendo Abijah Hoadley, recém-chegado à Igreja Congregacional em Dunwich Village, deu um sermão memorável sobre a proximidade de Satã e de uma hoste de diabretes, no qual disse:

> “Devemos admitir que essas Blasphêmias de hum Séquito de Demônios infernaes são Assumptos de Conhecimento demasiado comum para que sejão negadas; tendo as vozes abafadas de *Azazel* e *Buzrael*, de *Belzebu* e *Belial* sido ouvidas nos Subterrâneos por mais de uma Vintena de Testemunhas vivas. Eu mesmo, pouco mais de duas semanas atrás, flagrei o inconfundível Discurso dos Poderes do Mal na Collina atrás da minha Casa; o qual se fez acompanhar de Pancadas e Rumores, Gemidos, Arranhões e Sibilos, taes como não existem Cousas nessa Terra capazes de provocar, e que decerto vieram das Grutas que somente a Magia negra consegue descobrir, e somente o Demônio destranca.”

O sr. Hoadley desapareceu logo depois de dar esse sermão; mas o texto, impresso em Springfield, chegou até nós. Barulhos nas colinas ainda são relatados ano após ano, e permanecem como um enigma para os geólogos e fisiógrafos.

Outras tradições fazem menção a odores fétidos próximo aos pilares de pedra que coroam as colinas e a presenças aéreas que podem ser ouvidas a certas horas em determinados pontos no fundo dos enormes vales; enquanto ainda

outras tentam explicar o Canteiro do Diabo — uma encosta estéril e maldita onde nenhuma árvore, arbusto ou grama cresce. Além do mais, os nativos têm um medo mortal dos numerosos bacuraus que erguem a voz nas noites quentes. Alguns juram que os pássaros são psicopompos à espera da alma dos moribundos, e que emitem os gritos horripilantes em uníssono com os estertores dos que agonizam. Se capturam a alma ao sair do corpo, no mesmo instante alçam voo, pipilando risadas demoníacas; mas, se fracassam, aos poucos sucumbem a um silêncio decepcionado.

Essas histórias, é claro, parecem obsoletas e ridículas porque remontam a épocas demasiado antigas. A bem dizer, Dunwich é um lugar ridiculamente antigo — muito mais antigo do que qualquer outra comunidade em um raio de cinquenta quilômetros. Ao sul do vilarejo ainda se podem ver as paredes do porão e a chaminé da antiga casa dos Bishop, construída antes de 1700, enquanto as ruínas do moinho na queda-d'água, construído em 1806, o espécime arquitetônico mais moderno que se pode encontrar. A indústria não prosperou por aqui, e o impulso industrial do século XIX mostrou-se passageiro. Mais velhos do que todo o restante são os enormes círculos de pedra rústica no alto das colinas, mas estes em geral são atribuídos aos índios, e não aos colonos. Depósitos de crânios e ossadas descobertos nesses círculos e ao redor da grande rocha retangular na Sentinel Hill reforçam a crença popular de que esses lugares foram outrora cemitérios dos pocumtuck, ainda que muitos etnólogos, rejeitando a improbabilidade absurda dessa teoria, continuem associando os restos mortais a pessoas de origem caucasiana.

II.

Foi no vilarejo de Dunwich, em uma grande casa rural parcialmente desabitada e construída junto de uma encosta a seis quilômetros do vilarejo e a dois quilômetros e meio de qualquer outra residência, que Wilbur Whateley nasceu às cinco horas da manhã de domingo, dois de fevereiro de 1913. A data era lembrada porque era Candelária, uma celebração que as pessoas de Dunwich curiosamente chamam por outro nome; e porque os rumores haviam soado nas colinas e os cachorros tinham latido sem parar no campo durante toda a noite anterior. Menos digno de nota era o fato de que a mãe era uma das Whateley decadentes, uma mulher de 35 anos, albina, com leves deformações e desprovida de qualquer encanto que vivia com o pai idoso e meio ensandecido, a respeito de quem as mais terríveis histórias de bruxaria haviam sido sussurradas na época da juventude. Lavinia Whateley não tinha nenhum esposo conhecido, mas como era costume na região não fez nenhuma tentativa de abandonar a criança; quanto à

linhagem paterna, as pessoas do campo podiam especular — e de fato especularam — à vontade. Muito pelo contrário: parecia nutrir um estranho orgulho em relação ao menino de tez escura e com feições de bode que contrastava com o albinismo enfermiço e os olhos rosados da mãe e balbuciava estranhas profecias sobre os raros poderes e o espantoso futuro do menino.

Lavinia tinha uma certa predisposição a balbuciar essas coisas, pois era uma criatura solitária dada a andar em meio a tempestades elétricas nas colinas e a ler os grandes livros malcheirosos que o pai herdara após dois séculos da família Whateley e que se deterioravam muito depressa por conta da idade e das traças. Nunca tinha frequentado a escola, mas conhecia inúmeros fragmentos desconexos de sabedoria antiga que o Velho Whateley lhe havia ensinado. A propriedade remota sempre fora temida por causa do suposto envolvimento do Velho Whateley com magia negra, e a morte inexplicável e violenta da sra. Whateley quando Lavinia tinha doze anos não contribuiu em nada para a popularidade do lugar. Isolada em meio a estranhas influências, Lavinia entregava-se a devaneios elaborados e grandiosos e a ocupações um tanto singulares; o lazer não era muito prejudicado pelos afazeres domésticos em uma casa onde todos os critérios de ordem e de limpeza haviam desaparecido há muito tempo.

Houve um grito horrendo que ecoou mais alto que os rumores das colinas e os latidos dos cachorros na noite em que Wilbur veio ao mundo, mas nenhum médico e nenhuma parteira assistiu o nascimento. Os vizinhos receberam a primeira notícia sobre o garoto uma semana mais tarde, quando o Velho Whateley conduziu o trenó pela neve até Dunwich Village e fez um discurso incoerente para o grupo de desocupados no armazém de secos e molhados de Osborn. Parecia haver uma mudança nos modos do velho — um elemento extra de furtividade no intelecto confuso, que sutilmente o havia transformado de objeto a sujeito do medo —, embora não fosse o tipo de pessoa que se preocupa com ocorrências familiares comuns. Apesar de tudo, demonstrou uma ponta de orgulho, mais tarde percebida na filha, e o que disse sobre a paternidade do menino ainda era lembrado pelos ouvintes muitos anos mais tarde.

“Poco me importa o que as pessoa dize — se o minino da Lavinny fosse paricido co’o pai, ele seria bem diferente do que vocês imagino. Não ache que as única pessoa que existe são as pessoa daqui! A Lavinny leu e viu cousas que a maioria de vocês só conhece de ovi falá. Na mi’a opinião o esposo dela é um marido tão bom como qualqué otro que se possa arranjá aqui pelas banda de Aylesbury; e se vocês conhecesse as colina tão bem quanto eu, saberio que nenhum casamento na igreja sairia melhor que o dela. Escute bem o que eu vô dizê — *um dia vocês ainda vão ovi o filho da Lavinny gritá o nome do pai no alto da Sentinel Hill!*”

As únicas pessoas que viram Wilbur durante o primeiro mês de vida foram o velho Zechariah Whateley, um dos Whateley ainda íntegros, e Mamie Bishop, a esposa de Earl Sawyer. A visita de Mamie deveu-se à curiosidade, e as histórias que contou mais tarde fizeram justiça ao que viu; mas Zechariah apareceu para entregar uma parelha de vacas Alderney que o Velho Whateley havia comprado de Curtis, seu filho. Esse acontecimento marcou o início da aquisição de cabeças de gado pela pequena família de Wilbur que acabou em 1928, quando o horror de Dunwich apareceu e desapareceu; mas em nenhum momento o deplorável estábulo dos Whateley pareceu abrigar um rebanho numeroso. Houve uma época em que a curiosidade levou certas pessoas a se esgueirar até a propriedade e contar o rebanho que pastava na encosta íngreme junto da velha casa, mas nunca se viam mais do que dez ou doze animais anêmicos e de aspecto exangue. Sem dúvida algum malogro, talvez causado pelo pasto insalubre ou por fungos e tábuas apodrecidas no estábulo imundo, era o causador da grande mortandade entre os animais dos Whateley. Estranhas feridas e machucados que sugeriam o aspecto de incisões pareciam afligir o gado; e em uma ou duas ocasiões durante os primeiros meses, certos visitantes imaginaram ter visto feridas similares na garganta do velho grisalho e barbado e da albina vulgar de cabelo ondulado.

Na primavera após o nascimento de Wilbur, Lavinia retomou os passeios habituais pelas colinas, carregando nos braços desproporcionados o menino de tez escura. O interesse público pelos Whateley diminuiu depois que a maioria dos habitantes viu o bebê, e ninguém se preocupou em comentar o desenvolvimento assombroso que o recém-nascido parecia exibir dia após dia. O crescimento de Wilbur era de fato espantoso; três meses depois de nascer, o menino tinha um tamanho e uma força muscular poucas vezes observáveis em crianças com menos de um ano de idade. Os movimentos e até mesmo os sons vocais evidenciavam um controle e uma deliberação muito singulares em uma criança tão pequena, e ninguém se surpreendeu quando, aos sete meses, ele começou a caminhar sozinho, com pequenos tropeções que o passar de mais um mês eliminou por completo.

Foi um pouco mais tarde — no Dia das Bruxas — que um grande clarão foi visto à meia-noite no alto da Sentinel Hill onde a velha pedra retangular ergue-se em meio a um túmulo de ossos antigos. Houve um rebuliço considerável quando Silas Bishop — dos Bishop íntegros — mencionou ter visto o garoto subir a colina correndo à frente da mãe cerca de uma hora antes que o clarão fosse percebido. Silas estava laçando uma novilha fugida, mas quase esqueceu da missão quando teve um vislumbre fugaz daquelas duas figuras à tênue luz da lanterna. Corriam quase sem fazer barulho em meio aos arbustos, e o observador atônito teve a impressão de que estavam completamente nus. Mais tarde demonstrou incerteza em relação ao garoto, que talvez estivesse usando uma

espécie de cinto com franjas e um par de calças ou calções. Wilbur nunca mais foi visto enquanto vivo e consciente sem estar usando trajes abotoados completos, cujo desalinho ou princípio de desalinho sempre parecia enchê-lo de raiva e de apreensão. O contraste com a penúria da mãe e do avô foi notado com certa estranheza até que o horror de 1928 sugerisse razões bastante convincentes para esse comportamento.

Segundo os boatos de janeiro seguinte, o "fedelho moreno" de Lavinny havia começado a falar com a idade de apenas onze meses. A fala do garoto chamava atenção não apenas por apresentar diferenças consideráveis em relação ao sotaque típico do vilarejo, mas também porque apresentava um grau de articulação que seria motivo de orgulho para muitas crianças de três ou quatro anos. O garoto não era muito prolixo, mas ao falar dava a impressão de refletir um elemento totalmente estranho a Dunwich e aos habitantes da região. Essa estranheza não estava no que costumava dizer, nem nas expressões que usava; mas parecia estar vagamente relacionada à entonação ou aos órgãos internos que produziam os sons falados. O aspecto facial também era notável pela maturidade; pois, embora tivesse herdado o queixo quase inexistente da mãe e do avô, o nariz firme e bem talhado de Wilbur unia-se à expressão dos olhos grandes e escuros, quase latinos, para conferir-lhe um certo ar de maturidade e de inteligência quase sobrenatural. Apesar da aparência brilhante, no entanto, era feio ao extremo; havia algo que sugeria um bode ou algum outro animal nos lábios grossos, na pele amarela de poros dilatados, no grosso cabelo ondulado e nas estranhas orelhas alongadas. Logo passou a sofrer uma rejeição ainda mais forte do que a mãe e o avô, e todas as conjecturas a respeito do garoto eram temperadas com alusões aos feitiços lançados outrora pelo Velho Whateley e à vez em que as colinas estremeceram quando gritou o pavoroso nome de *Yog-Sothoth* no interior de um círculo de pedras com um grande livro aberto nos braços. Os cães detestavam o garoto, que assim se via obrigado a tomar várias medidas defensivas contra essas ruidosas ameaças.

III.

Nesse meio-tempo o Velho Whateley continuou a comprar reses sem aumentar o rebanho de qualquer maneira perceptível. Também começou a cortar lenha para reparar as partes não utilizadas da casa — uma construção espaçosa com um telhado de duas águas e os fundos escavados diretamente na encosta rochosa, cujos três aposentos térreos menos arruinados sempre tinham sido suficientes para si e para a filha. O velho devia ter reservas prodigiosas de energia para executar todo aquele trabalho pesado; e, embora às vezes ainda balbuciasse frases desconexas, os trabalhos de carpintaria evidenciavam uma capacidade

indubitável de fazer cálculos precisos. Começou assim que Wilbur nasceu, quando um dos inúmeros armazéns de ferramentas foi organizado, revestido com ripas de madeira e equipado com uma nova e robusta fechadura. Durante a reforma do andar superior da casa, o talento do Velho Wilbur como artesão não esmoreceu. Os indícios de demência manifestaram-se apenas quando pregou tábuas em todas as janelas da área reocupada — embora muitos achassem que já era loucura o bastante promover a reocupação. Menos explicável ainda foi a construção de um novo cômodo no térreo para o neto — um cômodo visto por muitos visitantes, embora ninguém jamais fosse recebido no andar superior pregado com tábuas. A alcova teve as paredes cobertas por estantes altas e robustas, ao longo das quais o velho aos poucos começou a dispor, de maneira organizada, todos os antigos livros e fragmentos de livros apodrecidos que na época da própria juventude haviam ficado dispostos em pilhas negligenciadas nos cantos de aposentos variados.

"Eu usei alguns", disse enquanto tentava consertar uma página arrancada escrita em letras góticas com uma cola preparada no fogão da cozinha, "mas o minino com certeza há de fazê uso bem melhor. Ele deve de se familiarizá co'esses livro o mais dipressa possívio, porque essa vai sê a única educação que vai recebê."

Quando Wilbur tinha um ano e sete meses — em setembro de 1914 —, o tamanho e a evolução do garoto eram quase alarmantes. Tinha a altura de uma criança de quatro anos, falava com fluência e exibia uma inteligência nada menos do que espantosa. Corria solto pelos campos e colinas e acompanhava todas as andanças da mãe. Em casa, examinava atentamente as estranhas figuras e mapas nos livros do avô, enquanto o Velho Whateley o instruía e catequizava durante longas tardes silenciosas. Neste ponto a reforma da casa estava concluída, e as pessoas que a viram perguntaram-se por que uma das janelas superiores tinha sido transformada em uma sólida porta de tábuas. Era uma janela nos fundos da empena que dava para o leste, perto da colina; e ninguém conseguia imaginar por que uma rampa de madeira fora construída desde o chão até lá. Quando a reforma estava prestes a ser concluída as pessoas notaram que o armazém de ferramentas, trancado e totalmente revestido por ripas de madeira desde o nascimento de Wilbur, tinha sido abandonado mais uma vez. A porta abriu-se sem que ninguém percebesse, e ao entrar no armazém certa vez durante uma visita relativa à venda de gado para o Velho Whateley, Earl Sawyer ficou impressionado com o singular odor que encontrou — segundo disse, um fedor mais intenso do que qualquer outro cheiro que tivesse sentido ao longo de toda a vida, à exceção do fedor que pairava sobre os círculos indígenas no alto das colinas e que não poderia vir de qualquer coisa salubre desse mundo. Mesmo assim, as casas e os galpões de Dunwich nunca ganharam fama por conta do asseio olfatório.

Nos meses seguintes não houve nenhum evento visível, mas todos juravam que os misteriosos barulhos nas colinas aos poucos ficavam mais audíveis. Na Noite de Walpurgis de 1915 tremores foram sentidos até mesmo em Aylesbury, e o Dia das Bruxas subsequente trouxe um rumor subterrâneo acompanhado por estranhas irrupções de chamas — "bruxaria dos Whateley" — no pico da Sentinel Hill. Wilbur crescia de maneira assombrosa, e aos quatro anos parecia um rapaz. Era um leitor ávido, mas falava ainda menos do que antes. Uma taciturnidade permanente o absorvia, e pela primeira vez as pessoas começaram a falar sobre o olhar de maldade cada vez mais evidente naquela expressão de bode. Às vezes Wilbur balbuciava em um jargão desconhecido e entoava ritmos bizarros que enregelavam o ouvinte com uma sensação de terror inexplicável. A aversão demonstrada pelos cães tornou-se um fenômeno de conhecimento público, e o garoto era obrigado a andar sempre armado com uma pistola para garantir a própria segurança no campo. O uso ocasional da arma pouco serviu para aumentar sua popularidade entre os proprietários dos guardiões caninos.

Os poucos visitantes em geral encontravam Lavinia sozinha no térreo, enquanto estranhos gritos e passadas soavam no segundo andar pregado com tábuas. Ela negava-se a revelar o que o pai e o garoto faziam lá em cima, mas certa vez empalideceu e demonstrou um medo fora do comum quando um vendedor de peixe itinerante tentou abrir a porta trancada que dava para os degraus em uma brincadeira. O vendedor contou para os desocupados na loja de Dunwich Village que imaginou ter ouvido os cascos de um cavalo no andar de cima. Os desocupados refletiram sobre a porta e a rampa e o gado que desaparecia com tamanha celeridade. Logo estremeceram ao relembrar as histórias sobre a juventude do Velho Whateley e as estranhas coisas invocadas da terra quando um novilho é sacrificado no momento oportuno a certas divindades pagãs. As pessoas notaram que os cachorros haviam passado a temer e a odiar toda a propriedade dos Whateley com o mesmo temor e o mesmo ódio que demonstravam em relação ao jovem Wilbur.

Em 1917 veio a guerra, e Sawyer Whateley, proprietário de terras e presidente da junta de recrutamento local, teve bastante trabalho para encontrar uma cota de jovens de Dunwich em condições de serem mandados sequer para um campo de treinamento. O governo, alarmado por esses sinais de decadência regional generalizada, mandou vários oficiais e médicos para investigar a situação; e o resultado foi um estudo que muitos leitores de jornais da Nova Inglaterra ainda devem recordar. A publicidade que acompanhou essa investigação despertou a atenção dos repórteres para os Whateley, e levou o *Boston Globe* e o *Arkham Advertiser* a imprimir reportagens de domingo sobre a precocidade do jovem Wilbur, a magia negra do Velho Whateley, as estantes de livros estranhos, o segundo andar fechado da antiga casa rural e a estranheza de

toda a região e dos barulhos nas colinas. Wilbur tinha quatro anos e meio na época, mas parecia um rapaz de quinze. Tinha os lábios e o rosto cobertos por uma penugem grossa e escura e havia começado a mudar de voz.

Earl Sawyer foi à residência dos Whateley com dois grupos de repórteres e operadores de câmera, e chamou a atenção de todos para o estranho fedor que parecia emanar dos cômodos fechados no andar de cima. Segundo disse, era exatamente o mesmo cheiro que tinha sentido no armazém de ferramentas abandonado após a reforma da casa; e também como os discretos odores que por vezes imaginava captar próximo aos círculos de pedras nas montanhas. Os habitantes de Dunwich leram essas histórias quando elas saíram nos jornais e sorriram ao constatar os equívocos patentes. Ninguém entendeu por que os autores haviam chamado tanta atenção para o fato de que o Velho Whateley sempre pagava pelo gado com moedas de ouro antigas ao extremo. Os Whateley receberam os visitantes com evidente desgosto, mas não se atreveram a atrair mais publicidade ainda se recusando a falar ou resistindo com violência.

IV.

Por uma década os anais da famílias Whateley desaparecem em meio à vida cotidiana de uma comunidade mórbida habituada aos próprios costumes estranhos e endurecida em relação às orgias na Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxas. Duas vezes por ano fogueiras eram acesas no alto da Sentinel Hill, e por volta dessas épocas os rumores da montanha retornavam com violência cada vez maior; e em todas as estações havia uma movimentação estranha e aziaga na casa solitária. Com o passar do tempo os visitantes começaram a relatar sons ouvidos no andar superior mesmo quando toda a família estava no térreo e a fazer questionamentos acerca da rapidez ou da lentidão com que as vacas e os novilhos eram oferecidos em sacrifício. Cogitou-se fazer uma queixa na Sociedade Protetora dos Animais; mas a ideia não foi adiante, uma vez que os habitantes de Dunwich em geral não têm interesse em chamar a atenção do mundo para si.

Por volta de 1923, quando Wilbur era um garoto de dez anos com uma voz, uma estatura e uma barba que davam a mais perfeita impressão de maturidade, houve um segundo cerco de carpintaria na antiga casa. Tudo aconteceu no andar superior, que seguia trancado, e a partir dos fragmentos de lenha descartados as pessoas concluíram que o jovem e o avô tinham derrubado todas as partições internas e arrancado até mesmo o piso do sótão, deixando um único vão livre entre o térreo e as duas águas do telhado. Também haviam derrubado a grande chaminé central e equipado o velho fogão enferrujado com uma frágil chaminé externa de latão.

Na primavera após esses acontecimentos o Velho Whateley percebeu um aumento no número de bacuraus que vinham de Cold Spring Glen cantar sob a janela do quarto à noite. Parecia atribuir um significado profundo a essa circunstância e disse aos desocupados no armazém de secos e molhados de Osborn que sua hora estava chegando.

"Agora eles assovio em sintonia co'a mi'a respiração", disse, "e eu acho que 'stão se preparano pra pegá a minh'alma. Eles sabe que ela 'stá saino pra fora e não têm a menor intenção de dexá ela escapá. Vocês vão sabê se eles me pegaro ou não depois que eu me for. Se me pegare, vão ficá cantano e rino até o dia raiá. Se não, vão se aquetá um poco. Acho que eles e as alma que andam caçano por aí deve de tê uns belo duns entrevero de vez em quano."

Na Noite de Lammas de 1924, o dr. Houghton, de Aylesbury, foi chamado às pressas por Wilbur Whateley, que tinha vergastado o último cavalo remanescente através da escuridão e telefonado do armazém de Osborn no vilarejo. O médico encontrou o Velho Whateley em estado grave, com palpitações e uma respiração estertorante que anunciavam a proximidade do fim. A filha albina disforme e o estranho neto barbado permaneceram ao lado da cabeceira, enquanto inquietantes sugestões de um escorrer ou de um chapinhar como as marolas de uma praia plana vinham do abismo logo acima. O médico, no entanto, manifestou singular preocupação com o alarido dos pássaros noturnos lá fora — uma legião aparentemente sem fim de bacuraus que cantavam mensagens infinitas em repetições diabolicamente sincronizadas com os arquejos estertorantes do velho moribundo. Era uma cena espantosa e sobrenatural — parecida, pensou o dr. Houghton, com toda a região que a contragosto havia adentrado para atender à ocorrência urgente.

Por volta da uma hora o Velho Whateley recobrou a consciência e interrompeu os estertores para tossir algumas palavras ao neto.

"Mais espaço, Willy, mais espaço em breve. Você 'stá cresceno — mas aquilo cresce dipressa. Logo vai 'star pronto pra servi você. Abra o caminho para Yog-Sothoth com o longo cântico que 'stá na página 751 *da edição completa,* e *depois* toque fogo na prisão co'um fósforo. Nenhum fogo da terra pode queimá aquilo."

Sem dúvida o velho estava louco. Depois de um intervalo em que a revoada de bacuraus ajustou os gritos ao novo ritmo enquanto certos indícios dos estranhos barulhos nas colinas se ouviam ao longe, acrescentou mais uma ou duas frases.

"Dê de cumê pr'ele, Willy, e atente pra quantidade; mas não dexe que cresça rápido dimais pro lugar, porque se ele arrombá o escondirijo ou saí pra rua antes de você abri caminho pra Yog-Sothoth, não vai resolvê nada. Só as criatura do

além pode fazê aquilo se multiplicá e dá certo… Só as criatura do além, os ancião que quere voltá…”

Mas logo a fala deu lugar a novos arquejos, e Lavinia gritou ao perceber que os bacuraus acompanharam a mudança. A situação continuou assim por mais uma hora, quando veio o estertor final. O dr. Houghton fechou as pálpebras enrugadas por sobre os olhos cinzentos e vidrados enquanto o tumulto dos pássaros aos poucos dissipou-se em silêncio. Lavinia chorou, mas Wilbur apenas conteve uma risada quando um leve rumor fez-se ouvir mais uma vez nas colinas.

“Não pegaro ele”, balbuciou com o vozeirão grave.

Por essa época Wilbur era um especialista de tremenda erudição no campo a que se dedicava, e graças às correspondências que trocava era conhecido por vários bibliotecários em lugares distantes onde os livros raros e proscritos de outrora se encontram guardados. Era cada vez mais odiado e temido nos arredores de Dunwich por conta de certos desaparecimentos de crianças atribuídos a si de maneira vaga; porém sempre foi capaz de silenciar as investigações valendo-se do medo ou da reserva de ouro antigo que, como na época dos avós, continuava sendo enviada com regularidade e em quantidades cada vez maiores para a aquisição de cabeças de gado. Wilbur tinha um aspecto incrivelmente maduro nesse ponto, e a altura, tendo alcançado o limite máximo da idade adulta, dava a impressão de que diminuiria a partir de então. Em 1925, quando um correspondente erudito da Universidade do Miskatonic visitou-o e foi embora pálido e intrigado, media exatos dois metros e cinco centímetros.

Ao longo dos anos, Wilbur vinha tratando a mãe deformada e albina com um desprezo cada vez mais intenso, e por fim a proibiu de acompanhá-lo até as colinas na Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxas; e no ano de 1926 a pobre criatura admitiu para Mamie Bishop que sentia medo do filho.

“Ele tem mais mistérios do que eu saberia explicá, Mamie”, disse. “E nesses últimos tempo têm acontecido cousas que nem eu sei. Juro por Deus, eu não sei o que ele qué nem o que tá tentano fazê.”

Naquele Dia das Bruxas os barulhos da colina soaram mais altos do que nunca, e o fogo ardeu no alto da Sentinel Hill como de costume; mas a pessoas de Dunwich prestaram mais atenção aos gritos rítmicos das enormes revoadas de bacuraus tardios que pareciam ter se reunido nas proximidades da escura propriedade dos Whateley. Depois da meia-noite as notas estridentes transformaram-se em uma espécie de cachinada demoníaca que tomou conta de todo o campo e silenciou apenas com o raiar do dia. Então os pássaros desapareceram voando em direção ao sul, que os aguardava havia mais de um mês. O significado de tudo isso ficou claro apenas mais tarde. Não houve nenhum relato de camponeses mortos — mas a pobre Lavinia Whateley, a albina disforme, nunca mais foi vista.

No verão de 1927 Wilbur consertou dois galpões no pátio e começou a enchê-los de livros e objetos pessoais. Logo em seguida, Earl Sawyer contou aos desocupados no armazém de secos e molhados de Osborn que os trabalhos de carpintaria haviam recomeçado na propriedade dos Whateley. Wilbur estava fechando todas as portas e janelas do térreo, e parecia estar removendo partições como já havia feito em companhia do avô quatro anos antes. Estava morando em um dos galpões, e Sawyer achou que parecia trêmulo e preocupado. As pessoas em geral desconfiavam de que soubesse alguma coisa sobre o desaparecimento da mãe, e poucos atreviam-se a chegar perto da propriedade. Wilbur havia crescido até a altura de dois metros e quinze centímetros, e esse desenvolvimento não dava sinais de que pudesse cessar.

V.

O inverno seguinte trouxe um acontecimento não menos estranho do que a primeira viagem de Wilbur para fora da região de Dunwich. As correspondências com a Widener Library em Harvard, a Bibliothèque Nationale em Paris, o Museu Britânico, a Universidade de Buenos Aires e a Biblioteca da Universidade do Miskatonic em Arkham não foram o bastante para conseguir o empréstimo de um livro que buscava desesperadamente; de modo que no fim Wilbur resolveu ir pessoalmente — desleixado, sujo, com a barba por fazer e o dialeto grosseiro — consultar o exemplar na Universidade do Miskatonic, que era o mais próximo em termos geográficos. Com quase dois metros e meio de altura, depois de comprar uma valise barata no armazém de secos e molhados de Osborn, esse gárgula sombrio e com feições de bode apareceu certo dia em Arkham em busca do temível volume guardado a sete chaves na biblioteca da universidade — o pavoroso *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred, na edição latina de Olaus Wormius, impressa na Espanha durante o século XVII. Wilbur nunca tinha estado na cidade antes, mas não tinha nada em mente a não ser chegar ao *campus* da universidade; onde, a bem dizer, passou sem dar atenção pelo enorme cão de guarda com afiados dentes brancos que latiu com uma fúria e uma inimizade sobrenaturais e puxou a correia em um verdadeiro frenesi.

Wilbur tinha consigo um exemplar inestimável mas imperfeito com a versão inglesa do dr. Dee, deixada de herança pelo avô, e ao obter acesso ao exemplar latino começou de imediato a cotejar os dois textos no intuito de encontrar uma certa passagem que deveria estar na 751ª página do volume defeituoso. As boas maneiras obrigaram-no a revelar esse tanto ao bibliotecário — o mesmo erudito Henry Armitage (Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Miskatonic, Ph. D. pela Universidade de Princeton, Dr. em Lit. pela Universidade John

Hopkins) que em outra ocasião tinha visitado a fazenda e que naquele instante o atormentava com perguntas. Admitiu que estava procurando uma espécie de fórmula ou de encantamento que contivesse o medonho nome *Yog-Sothoth,* e que havia ficado surpreso ao encontrar discrepâncias, repetições e ambiguidades que tornavam a tarefa um tanto difícil. Enquanto copiava a fórmula que finalmente havia escolhido, o dr. Armitage olhou involuntariamente por cima do ombro em direção às páginas abertas; e a da esquerda continha — em versão latina — ameaças monstruosas à paz e à sanidade do mundo.

> “Não se deve pensar”, dizia o texto enquanto Armitage traduzia-o mentalmente, “que o homem seja o mais antigo ou o último dos mestres da Terra nem que as formas vulgares da vida e da substância andem desacompanhadas. Os Anciões foram, os Anciões são e os Anciões serão. Não nos espaços que conhecemos, mas *entre* um e outro. Os Anciões caminham, serenos e primevos, adimensionais e invisíveis para nós. *Yog-Sothoth* conhece a passagem. *Yog-Sothoth* é a passagem. *Yog-Sothoth* é a chave e o guardião da passagem. O passado, o presente e o futuro encontram-se em *Yog-Sothoth. Yog-Sothoth* sabe onde os Anciões ressurgiram da antiguidade, e onde Eles hão de ressurgir outra vez. Sabe por onde Eles caminharam nos campos da Terra e por onde Eles ainda caminham, e por que ninguém consegue vê-Los enquanto caminham. Pelo cheiro, os homens às vezes sentem a presença dos Anciões, porém a aparência Deles permanece oculta aos homens, *salvo pelos traços das proles que geraram com a humanidade;* e dentre essas existem diversos tipos, tão variados entre si quanto o mais genuíno *eídolon* humano e a forma sem aspecto nem substância que é *Eles.* Os Anciões caminham invisíveis e torpes em lugares ermos onde as Palavras foram ditas e os Ritos uivados nas respectivas Estações. O vento sussurra com as vozes Deles, e a terra murmura com a consciência Deles. Eles derrubam a floresta e destroem a cidade, contudo nenhuma floresta e nenhuma cidade pode ver a mão que golpeia. Kadath na desolação gelada conheceu-Os, mas que homem conhece Kadath? O deserto de gelo ao sul e as ilhas submersas no Oceano abrigam pedras que trazem o símbolo Deles gravado, mas quem viu a cidade sob o manto de gelo ou a torre inviolável há tanto tempo ornada por algas e cracas? O Grande Cthulhu é primo Deles, porém consegue vê-Los somente através de uma névoa difusa. *Iä! Shub-Niggurath!* Haveis de conhecê-los como torpitude. A mão Deles está em vossa garganta, e no entanto não Os vedes; e a morada Deles é o vosso bem-guardado limiar. *Yog-Sothoth* é a chave da passagem

> através do qual as esferas se encontram. O Homem reina hoje como Eles reinaram outrora; mas logo Eles hão de reinar tal como o Homem reina hoje. Depois do verão vem o inverno, e depois do inverno, o verão. Os Anciões esperam, pacientes e poderosos, pois é aqui que Eles hão de reinar outra vez.”

O dr. Armitage, associando a leitura ao que tinha ouvido a respeito de Dunwich e das agourentas presenças no lugar, bem como a respeito de Wilbur Whateley e da obscura e horrenda aura do rapaz, que o acompanhava desde o nascimento suspeito até a nuvem de um provável matricídio, sentiu uma onda de pavor tangível como o gélido sopro do túmulo. O gigante curvo e com feições de bode que tinha diante de si parecia a prole de outro planeta ou de outra dimensão; uma criatura apenas parcialmente humana, que remontava aos abismos negros de essência e entidade que se estendem como espectros titânicos para além de todas as esferas da força e da matéria, do espaço e do tempo. No mesmo instante, Wilbur ergueu a cabeça e começou a falar com uma voz estranha e ribombante que sugeria órgãos fonadores diferentes dos que se observam nos homens comuns.

“Sr. Armitage”, disse, “acho que eu vô tê que levá esse livro pra casa. Tem u’as cousa aqui que eu priciso expermentá nu’as condições impossíveis de consegui aqui dentro, e seria um pecado dexá a burocracia me impedi. Dexe eu levá o livro e eu juro que ninguém nunca vai ficá sabeno. Nem priciso dizê que vô tomá o maior cuidado. Não fui eu que dexei esse meu exemplar no estado que ’stá…”

Wilbur se interrompeu ao ver a recusa no rosto do bibliotecário e em seguida adotou uma expressão arguta no semblante de bode. Armitage, prestes a sugerir que o consulente tirasse cópias dos trechos desejados, deteve-se ao pensar de repente nas possíveis consequências. Era responsabilidade demais entregar a uma criatura daquelas a chave de acesso a esferas de tamanha blasfêmia. Whateley percebeu o que estava acontecendo e tentou responder de maneira casual.

“Então tudo bem, se é isso que o sior pensa. Talvez em Harvard os bibliotecário não sejo tão cheio de nove-horas quanto o sior.” E, sem dizer mais nada, ergueu-se e saiu do prédio, sempre se abaixando ao atravessar o vão das portas.

Armitage ouviu os latidos selvagens do enorme cão de guarda e examinou o caminhar simiesco de Whateley enquanto este atravessava o trecho do *campus* visível a partir da janela. Lembrou-se dos relatos fantásticos que havia escutado e recordou-se das velhas histórias dominicais no *Advertiser,* bem como do folclore que havia escutado de rústicos e moradores de Dunwich durante a visita ao vilarejo. Coisas invisíveis que não pertenciam à Terra — ao menos não às três

dimensões terrestres que conhecemos — corriam fétidas e horrendas pelos vales da Nova Inglaterra e espreitavam de maneira obscena no alto das montanhas. Quanto a isso o bibliotecário estava convencido de longa data. Mas naquele instante teve a impressão de sentir a presença imediata de uma parte terrível desse horror insidioso e de vislumbrar um movimento demoníaco nos domínios do pesadelo ancestral e outrora inerte. Trancou o *Necronomicon* com um calafrio de desgosto, mas na biblioteca ainda pairava um fedor blasfemo e ignoto. “Haveis de conhecê-los como torpitude”, disse. Claro — o fedor era o mesmo que o havia nauseado na fazenda dos Whateley menos de três anos atrás. Armitage pensou mais uma vez em Wilbur, com o aspecto de bode e de maus agouros, e riu com escárnio ao relembrar os boatos sobre a paternidade do rapaz.

“Casamentos consanguíneos?”, balbuciou a meia-voz para si mesmo. “Meu Deus, que simplórios! Se alguém lhes mostrasse *O grande deus Pã* de Arthur Machen, todos achariam que se trata de um mero escândalo de Dunwich! Mas o quê — que influência maldita e amorfa dessa Terra tridimensional ou do além — era o pai de Wilbur? Nascido na Candelária — nove meses depois da Noite de Walpurgis de 1912, quando boatos sobre os estranhos barulhos subterrâneos chegaram até Arkham — o que caminhou sobre as montanhas naquela Noite de Walpurgis? Que horror de Roodmas aferrou-se ao mundo na substância da carne e do sangue?”

Durante as semanas a seguir o dr. Armitage tentou colher a maior quantidade possível de informações a respeito de Wilbur Whateley e das presenças amorfas nos arredores de Dunwich. Entrou em contato com o dr. Houghton, de Aylesbury, que havia cuidado do Velho Whateley durante a última doença, e ficou muito intrigado pelas últimas palavras do avô tal como foram citadas pelo médico. Uma nova visita a Dunwich Village trouxe poucas novidades; mas um exame atento do *Necronomicon,* nas partes que Wilbur havia procurado com tanta avidez, parecia fornecer pistas terríveis sobre a natureza, os métodos e os desejos desse estranho mal que constituía uma insidiosa ameaça ao planeta. Conversas com vários estudiosos de sabedoria arcaica em Boston e correspondências enviadas a diversas pessoas em outros lugares foram motivo de um espanto cada vez maior, que passou por vários níveis de alarme antes de chegar ao nível de genuíno temor espiritual agudo. À medida que o verão passava ele tinha a ligeira impressão de que seria necessário tomar alguma providência a respeito dos terrores à espreita no vale superior do Miskatonic e da criatura monstruosa conhecida pelo mundo humano como Wilbur Whateley.

VI.

O horror de Dunwich ocorreu entre Lammas e o equinócio de 1928, e o dr. Armitage foi um dos que testemunhou o monstruoso prólogo do evento. No meio-tempo, ouviu relatos sobre a grotesca viagem de Whateley a Cambridge e sobre os esforços frenéticos do rapaz para retirar ou copiar trechos do *Necronomicon* guardado na Widener Library. Os esforços foram todos em vão, pois Armitage tinha enviado alertas urgentes para todos os bibliotecários encarregados do temível volume. Wilbur havia demonstrado um nervosismo espantoso em Cambridge — ansioso pelo livro, mas quase tão ansioso por estar de volta em casa, como se temesse os resultados de um afastamento prolongado.

No início de agosto veio o desfecho não muito surpreendente, e às três horas da madrugada do dia três o dr. Armitage foi acordado de repente pelos gritos desvairados e ferozes do selvagem cão de guarda do *campus* universitário. Profundos e terríveis, os rosnados e latidos ensandecidos não deram trégua e continuaram cada vez mais altos, porém com horrendas pausas repletas de significado. Logo soou o grito de uma outra garganta — um grito que acordou metade das pessoas adormecidas em Arkham e assombrou os sonhos da população para sempre — um grito que não poderia ter vindo de nenhum ser terrestre ou completamente terrestre.

Depois de vestir-se às pressas e atravessar correndo a rua e o gramado próximo aos prédios universitários, Armitage percebeu que havia outras pessoas mais à frente; e ouviu os ecos do alarme contra roubo que ainda soava na biblioteca. Uma janela aberta surgia negra e vazia ao luar. O que quer que houvesse entrado tinha conseguido sair; pois os latidos e os gritos, que enfim deram lugar a um misto de rosnados e gemidos, vinham sem dúvida do interior da biblioteca. O instinto avisou Armitage de que aquele não era um acontecimento para ser visto por olhos despreparados, e por esse motivo o bibliotecário empurrou a multidão para longe com autoridade enquanto destrancava a porta do vestíbulo. Entre os presentes encontravam-se o professor Warren Rice e o dr. Francis Morgan, homens a quem havia confiado algumas conjecturas e temores; e os dois foram convidados com um gesto a acompanhá-lo rumo ao interior da biblioteca. A não ser pelo choro vigilante e monótono do cachorro, nesse ponto os sons que vinham lá de dentro haviam cessado; mas Armitage logo percebeu, com um sobressalto repentino, que um alto coro de bacuraus havia começado uma cantoria rítmica e demoníaca nos arbustos, como se estivessem em uníssono com os últimos suspiros de um moribundo.

O prédio estava tomado por um pavoroso fedor que o dr. Armitage conhecia muito bem, e os três homens atravessaram o corredor às pressas em direção à sala de leitura de genealogia, de onde vinha o choro. Por um instante ninguém se atreveu a acender a luz, mas logo o dr. Armitage reuniu toda a coragem e acionou o interruptor. Um dos homens — não se sabe ao certo quem — deixou escapar

um grito ao ver o que se espalhava diante dos três em meio às mesas viradas e às cadeiras derrubadas. O professor Rice afirma ter perdido a consciência por um instante, embora não tenha caído nem tropeçado.

A coisa que estava recurvada de lado em meio a uma poça de sânie amarelo-esverdeada e muco pegajoso tinha quase três metros de altura, e o cachorro havia lhe arrancado quase todas as roupas e parte da pele. A criatura ainda não estava morta, mas sofria espasmos silenciosos enquanto o peito arquejava em um monstruoso uníssono com a cantoria dos bacuraus no lado de fora. Restos de sapatos e fragmentos de vestuário estavam espalhados pelo recinto, e próximo à janela um saco de lona permanecia onde sem dúvida havia sido jogado. Perto da escrivaninha central havia um revólver caído no chão com uma cápsula percutida mas não deflagrada, que mais tarde explicou a ausência de um tiro. A coisa, no entanto, suprimia todas as outras imagens no instante da descoberta. Seria trivial e inexato dizer que nenhuma pena humana seria capaz de descrevê-la, mas pode-se dizer com propriedade que não poderia ser visualizada a contento por nenhuma pessoa cujas ideias sobre aspectos e contornos estejam demasiadamente atreladas às formas de vida encontráveis neste planeta e às três dimensões conhecidas. Sem dúvida a criatura era em parte humana, com as mãos e a cabeça muito reconhecíveis, e tinha o semblante de queixo pequeno e feições de bode que era a marca dos Whateley. No entanto, o tronco e as partes inferiores eram uma incrível aberração teratológica, e apenas grossas vestes permitiriam que caminhasse sobre a Terra sem se expor a confrontos ou à aniquilação.

Da cintura para cima a criatura era semiantropomórfica; embora o peito, onde as garras afiadas do cachorro permaneciam de guarda, tivesse o aspecto coriáceo e reticulado de um jacaré ou de um crocodilo. O dorso era sarapintado de amarelo e preto, e sugeria vagamente a pele escamosa de certas cobras. O que vinha abaixo da cintura, no entanto, era o pior; pois desse ponto em diante toda semelhança humana desaparecia e uma fantasia desvairada começava. A pele era coberta por uma grossa pelagem negra, e do abdômen pendiam uma vintena de compridos tentáculos cinza-esverdeado com bocas vermelhas na ponta. A disposição desses órgãos era muito peculiar e parecia sugerir as simetrias de uma geometria cósmica desconhecida à Terra ou mesmo ao sistema solar. Em ambos os lados do quadril, no fundo de uma espécie de órbita rosada e ciliada, estava o que se imaginou ser um olho rudimentar; e no lugar de uma cauda havia uma espécie de tromba ou tentáculo com marcações aneliformes roxas e vários indícios de que fosse uma boca ou uma garganta vestigial. As pernas, à exceção da pelagem negra, lembravam de maneira grosseira os membros posteriores dos sáurios gigantes que viveram na pré-história da Terra, e terminavam em patas de veias salientes que não eram nem cascos nem garras. Quando a coisa respirava, a cauda e os tentáculos mudavam de cor, como se este fosse um fenômeno normal

no sistema circulatório do ancestral inumano. Nos tentáculos observava-se um escurecimento do matiz verde, enquanto na cauda a alteração manifestava-se como um surgimento amarelo que se alternava com um tom branco-esverdeado doentio nos espaços entre os anéis roxos. Quanto a sangue genuíno, não havia nenhum; apenas a sânie fétida amarelo-esverdeada que pintava o chão para além do raio do muco pegajoso e deixava estranhas manchas atrás de si.

A presença dos três homens pareceu dar novo ânimo à criatura moribunda, que começou a emitir balbucios sem se virar nem erguer a cabeça. O dr. Armitage não fez nenhum registro escrito desses sussurros, mas afirma com convicção que nenhuma palavra em inglês foi proferida. A princípio as sílabas desafiavam o estabelecimento de qualquer relação com outras línguas terrestres, porém mais para o fim surgiram fragmentos desconexos sem dúvida alguma retirados do *Necronomicon,* a monstruosidade blasfema em cuja procura aquela coisa havia perecido. Esses fragmentos, tal como Armitage os recorda, soavam mais ou menos como *"N'gai, n'gha'ghaa, bugg-shoggog, y'hah; Yog-Sothoth, Yog-Sothoth…"*. Depois perderam-se no vazio enquanto os bacuraus gritavam em crescendos rítmicos de antecipação blasfema.

Então fez-se uma pausa nos arquejos e o cachorro ergueu a cabeça em um longo e lúgubre uivo. Uma mudança se operou no semblante amarelo e com feições de boda daquela coisa prostrada, e os grandes olhos negros afundaram de maneira horrível. Do outro lado da janela os gritos estridentes dos bacuraus haviam cessado, e acima dos murmúrios da multidão que começava a se juntar ouviram-se os rumores e as batidas de asas em pânico. Com a lua ao fundo, enormes nuvens de observadores emplumados alçaram um voo frenético no encalço da presa.

De repente o cachorro teve um sobressalto, deu um latido súbito e saltou nervoso pela janela por onde tinha entrado. Um grito veio da multidão, e o dr. Armitage disse aos homens do lado de fora que ninguém seria admitido até que a polícia ou o legista chegasse. Armitage sentiu-se aliviado ao perceber que as janelas eram altas demais para que fosse possível espiar e, com todo cuidado, fechou as cortinas escuras de cada uma. A essa altura dois policiais haviam chegado; e o sr. Morgan, depois de recebê-los no vestíbulo, insistiu para que postergassem a entrada na fétida sala de leitura até que o legista viesse e aquela coisa prostrada fosse coberta.

Nesse meio-tempo, mudanças apavorantes estavam ocorrendo no assoalho. Não seria necessário descrever o tipo e a rapidez do encolhimento e da decomposição que se operaram diante dos olhos do dr. Armitage e do professor Rice; mas pode-se dizer que, a não ser pela aparência externa do rosto e das mãos, o elemento genuinamente humano em Wilbur Whateley devia ser muito pequeno. Quando o legista chegou, restava apenas uma massa esbranquiçada nas

tábuas pintadas, e o fedor monstruoso havia quase desaparecido. Ao que tudo indicava, Whateley não tinha crânio nem esqueleto; pelo menos não no sentido verdadeiro ou estável dessas palavras. De alguma forma, assemelhava-se ao pai desconhecido.

VII.

Mesmo assim, esse foi apenas o prólogo do verdadeiro horror de Dunwich. As formalidades foram cumpridas por oficiais perplexos, detalhes anormais foram devidamente mantidos longe da imprensa e do público e homens foram mandados a Dunwich e a Aylesbury em busca de propriedades e dos eventuais herdeiros do falecido Wilbur Whateley. A gente do campo estava muito agitada, não apenas por causa dos rumores cada vez mais intensos sob as colinas abobadadas, mas também por causa do fedor excepcional e do escorrer ou do chapinhar cada vez mais intenso na grande concha vazia formada pela casa pregada com tábuas de Whateley. Earl Sawyer, que ficou encarregado do cavalo e do gado durante a ausência de Wilbur, estava com os nervos em pandarecos. Os oficiais inventaram desculpas para não entrar naquele lugar abjeto e alegraram-se ao ver que poderiam terminar as buscas nos aposentos do finado — os galpões reformados — em uma única visita. Enviaram um extenso relatório ao tribunal de Aylesbury, e correm boatos de que o litígio relativo à herança ainda está em curso entre os incontáveis Whateley, íntegros e decadentes, que habitam o vale superior do Miskatonic.

Um manuscrito quase interminável em estranhos caracteres em um grande caderno de contabilidade e considerado uma espécie de diário em virtude dos espaçamentos e das variações na tinta e na caligrafia revelou-se um quebra-cabeça para aqueles que o encontraram na velha cômoda que fazia as vezes de escrivaninha. Após uma semana de debates ele foi mandado para a Universidade do Miskatonic, junto com a estranha biblioteca do finado, para estudo e possível tradução; porém logo os melhores linguistas perceberam que não seria fácil decifrá-lo. Nenhum vestígio do ouro antigo com que Wilbur e o Velho Whateley costumavam pagar as contas foi encontrado.

Foi na escuridão de nove de setembro que o horror se abateu sobre o vilarejo. Os barulhos nas colinas foram muito pronunciados durante o entardecer, e os cachorros latiram desesperados por toda a noite. Os madrugadores do dia dez notaram um fedor estranho no ar. Por volta das sete horas Luther Brown, o garoto que trabalhava para George Corey, entre Cold Spring Glen e o vilarejo, voltou correndo em um frenesi da ida matinal a Ten-Acre Meadow com as vacas. Estava quase desesperado de medo quando adentrou a cozinha; e no pátio lá fora o

rebanho apavorado escarvava e mugia depois de fazer o caminho de volta no mesmo estado de pânico em que o garoto se encontrava. Entre um e outro arquejo, Luther tentou balbuciar um relato para a sra. Corey.

"A estrada no fim do vale! Siora Corey — alguma cousa andô por lá! O lugar 'stá co'um chero de trovão, e tudo quanto é arbusto e arvorezinha foro arrancado como se uma casa tivesse passado por cima. E isso nem é o pior. Tem u'as *pegada* no chão. Siora Corey — são u'as pegada enorme, do tamanho dum barril, como se um elefante tivesse andado por lá, *mas parece que a cousa tinha bem mais do que quatro pata!* Olhei pr'uma ou duas antes de saí correno, e vi que elas 'stavo tudo coberta por umas linha que saío do meso lugar, como se o chão tivesse sido batido co'u'as enorme folha de palmera, duas ou três vez maior do que as maior que existe — e o cheiro era horrívio, que nem perto da velha casa do Bruxo Whateley…"

Nesse ponto o garoto hesitou e mais uma vez estremeceu com o pavor que o tinha mandado correndo de volta para casa. A sra. Corey, ao ver que não conseguiria obter informações mais detalhadas, começou a telefonar para os vizinhos, e assim teve início a abertura de pânico que prenunciou os maiores terrores. Quando entrou em contato com Sally Sawyer, criada de Seth Bishop, o vizinho mais próximo da propriedade de Whateley, a sra. Corey parou de falar para começar a ouvir; pois Chauncey, o filho se Sally, que dormia mal, tinha estado no alto da colina próxima à propriedade de Whateley e voltado correndo aterrorizado depois de olhar para a casa e o pasto onde as vacas do sr. Bishop estavam passando a noite.

"É verdade, siora Corey", disse a voz trêmula de Sally através do fio. "O Cha'ncey, ele voltô correno e não consiguia falá de tão apavorado! Disse que a casa de Velho Whateley 'stá toda arrebentada, co'as tábua jogada ao redor como se alguém tivesse estorado dinamite lá dentro; só restô o assoalho, que 'stá todo coberto por uma espécie de piche co'um chero horrívio que fica pingano das borda pro chão onde as tábua das parede foro explodida. E parece que tem umas marca terrívio no pátio, tamém — umas enorme dumas marca redonda, maior do que um barril, cheia da mesma cousa pegajosa que 'stá dentro da casa explodida. O Cha'ncey disse que elas segue na direção do pasto, onde uma trecho maior do que um galpão 'stá afundado, e os muro de pedra desabaro pra tudo quanto é lado por toda parte.

"E ele disse, siora Corey, ele disse que meso assustado ele foi vê como 'stavo as vaca do Seth; e encontrô elas no alto do pasto perto do Cantero do Diabo num estado terrívio. A metade simplismente sumiu, e a otra metade 'stava lá com boa parte do sangue chupado e u'as ferida igual às que aflige o gado do Whateley dês que aquele fedelho moreno da Lavinny nasceu. O Seth, agora ele saiu pra vê como 'stão os bicho, mas aposto que não vai chegá muito perto da casa do Bruxo

Whateley! O Cha’ncey não tomô o cuidado de vê pr’onde io os rasto da grama amassada depois que saío do pasto, mas ele acha que o caminho apontava em direção à estrada do vilarejo.”

“Escute o que eu ’stô dizeno, siora Corey, tem alguma cousa à solta que não devia ’stá, e eu acho que aquele Wilbur Whateley, que teve o fim que merecia, ’stá por trás do surgimento dessa cousa. Ele meso tampoco era humano. Eu sempre digo isso pra todo mundo; e acho que ele e o Velho Whateley deve de tê criado naquela casa pregada co’as tábua uma otra cousa menos humana ainda. Sempre existiro essas cousa invisívio em Dunwich — essas cousa viva que não são humana e não fazem bem pras gente humana.”

“A terra passô a noite intera murmurano, e já pela manhã o Cha’ncey, ele escutô os bacurau cantá tão alto em Col’ Spring Glen que não consegui nem pregá os olho. Depois ele imaginô tê ovido um otro som mais fraco em direção à casa do Bruxo Whateley — madera seno quebrada ou rachada, como se u’a grande caxa ’stivesse seno aberta em algum lugar ao longe. Ora, com tudo isso ele não consiguiu durmi antes do dia raiá, e assim que levantô hoje de manhã precisô ir até a casa do Whateley pra vê qual era o problema. Ele viu o suficente, siora Corey! Essa cousa não ’stá bem-intencionada, e eu acho que os home devio de juntá um grupo e tomá u’a providência. Sei que algu’a cousa terrível ’stá à solta e sinto que a mi’a hora ’stá chegano, mas só Deus sabe o que é.”

“O Luther viu pr’onde io essas trilha enorme? Não? Bom, siora Corey, se elas ’stavo pro lado do vale e inda não chegaro até a casa da siora, acho que essa cousa deve de tê ido pra den’do vale. Pelo menos era pr’onde os rasto ’stavo apontano. Eu sempre disse que Col’ Spring Glen não é um lugar salubre nem decente. Os bacurau e os vaga-lume de lá nunca agiro como se fosse as criatura de Deus, e eu sempre ovi u’as história sobre ’stranhas cousas que corre e converso no ar por aquela região num lugar entre a queda d’água e Bear’s Den.”

Por volta do meio-dia três quartos dos homens e rapazes de Dunwich estavam andando pelas estradas e pastagens entre as recém-formadas ruínas da propriedade de Whateley e Cold Spring Glen, examinando horrorizados as enormes pegadas monstruosas, as vacas mutiladas de Bishop, a estranha destruição fétida da casa e a vegetação quebrada e amassada nos campos e na beira da estrada. Qualquer que fosse a natureza da criatura à solta no mundo, não havia dúvidas de que tinha adentrado o vale sinistro; pois todas as árvores da colina estavam tortas e quebradas, e uma grande avenida tinha sido aberta em meio aos arbustos que se dependuravam no precipício. Era como se uma casa, arrastada por uma avalancha, tivesse deslizado pela densa vegetação da encosta quase vertical. Lá de baixo não vinha nenhum som — apenas um fedor distante e indefinível; e não causa nenhuma surpresa descobrir que os homens preferiram ficar na borda discutindo em vez de descer e confrontar o horror ciclópico no

próprio covil. Três cães que acompanhavam o grupo haviam latido furiosamente a princípio, mas pareciam relutantes e arredios próximo ao vale. Alguém repassou a notícia por telefone à redação do *Aylesbury Transcript;* mas o editor, habituado às histórias fantásticas sobre Dunwich, não fez mais do que escrever um parágrafo humorístico a respeito, logo reproduzido pela Associated Press.

Naquela noite todos foram para casa, e residências e galpões foram protegidos com robustas barricadas. Seria desnecessário dizer que ninguém permitiu que o gado ficasse no pasto aberto. Por volta das duas da manhã um fedor terrível e os latidos ferozes dos cachorros acordaram os ocupantes da casa de Elmer Frye, no leste de Cold Spring Glen, e todos puderam ouvir um zunido ou um chapinhar abafado vindo de algum lugar lá fora. A sra. Frye sugeriu telefonar para os vizinhos, e Elmer estava prestes a concordar quando o barulho de lenha rachando interrompeu a deliberação. Tudo indicava que viesse do galpão; e logo foi seguido por gritos terríveis e pelo som de passos em meio ao gado. Os cachorros começaram a babar e encolheram-se aos pés da família paralisada pelo medo. Frye acendeu uma lanterna por força do hábito, mas sabia que encontraria a morte se saísse para o escuro pátio da fazenda. As crianças e as mulheres choramingavam, mas eram impedidas de gritar por um instinto obscuro e vestigial de sobrevivência que mantinha todos em silêncio. Por fim os sons do gado deram lugar a gemidos, e a seguir vieram estalos, estrondos e estrépitos. Os Frye, abraçados na sala de estar, não se atreveram a fazer nenhum movimento antes que os últimos ecos desaparecessem nas profundezas de Cold Spring Glen. Então, em meio aos gemidos lamuriosos que vinham do estábulo e à cantoria demoníaca dos bacuraus temporões no vale, Selina Frye cambaleou até o telefone e espalhou as notícias que tinha sobre a segunda fase do horror.

No dia seguinte todo o campo estava em pânico; e grupos tímidos e lacônicos foram visitar o local daquela ocorrência demoníaca. Dois rastros titânicos de destruição iam do vale até a propriedade dos Frye; pegadas monstruosas cobriam a terra nua, e uma lateral do galpão vermelho havia desabado por completo. Quanto ao gado, apenas um quarto do rebanho pôde ser encontrado e identificado. Algumas reses estavam dilaceradas em curiosos fragmentos, e todas as sobreviventes precisaram ser sacrificadas. Earl Sawyer sugeriu que buscassem ajuda em Aylesbury ou em Arkham, mas outros insistiram em dizer que não adiantaria. O velho Zebulon Whateley, de uma linhagem que pairava entre a integridade e a decadência, fez alusões obscuras a rituais praticados no alto das colinas. Ele vinha de uma família marcada pela tradição, e as lembranças de cânticos entoados em meio aos círculos de pedra não estavam totalmente relacionadas a Wilbur e ao avô.

A escuridão se abateu sobre um vilarejo demasiado passivo para organizar uma estratégia de defesa eficaz. Em certos casos, famílias próximas reuniam-se e

faziam vigílias na escuridão sob o mesmo teto; mas em geral o que se via era uma simples repetição das barricadas da noite anterior e do gesto fútil e ocioso de carregar mosquetes e deixar forcados em lugares de fácil acesso. No entanto, nada acontecia, à exceção de alguns barulhos nas colinas; e quando o dia raiava muitos nutriam a esperança de que o horror tivesse ido embora tão depressa quanto havia chegado. Certos espíritos destemidos sugeriram uma expedição de ofensiva ao fundo do vale, porém não se atreveram a dar um exemplo à maioria ainda recalcitrante.

Quando a noite caiu mais uma vez as barricadas se repetiram, embora menos famílias estivessem reunidas. Pela manhã, tanto a casa dos Frye como a de Seth Bishop relataram agitação entre os cachorros e vagos sons e fedores distantes, enquanto os exploradores matinais descobriram horrorizados um novo grupo de marcas na estrada que dava a volta na Sentinel Hill. Como antes, as beiras da estrada apresentavam danos que indicavam a blasfema ponderosidade daquele horror, ao passo que a configuração das marcas parecia sugerir uma passagem em ambas direções, como se a montanha ambulante tivesse vindo de Cold Spring Glen e retornado pelo mesmo caminho. No pé da colina, um trecho de nove metros de arbustos esmagados subia de repente, e os exploradores prenderam a respiração a ver que nem mesmo os recantos mais perpendiculares desviavam a trilha inexorável. O que quer que fosse aquele horror, era capaz de escalar um vertiginoso penhasco quase vertical; e quando os investigadores subiram até o alto da colina por rotas mais seguras perceberam que a trilha acabava — ou melhor, se invertia — naquele ponto.

Era lá que os Whateley costumavam acender as malditas fogueiras e entoar os cânticos dos rituais demoníacos junto à pedra retangular na Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxas. Naquele instante, a pedra estava no centro de uma vasta área devastada pelo horror montanhoso, enquanto a superfície levemente côncava revelava o depósito fétido de um muco pegajoso idêntico ao observado no chão da arruinada residência dos Whateley quando o horror escapou. Os homens se encararam e balbuciaram alguma coisa. Então olharam para baixo da colina. Tudo indicava que o horror tivesse descido por uma rota muito similar à da subida. Quaisquer especulações seriam fúteis. A razão, a lógica e as ideias normais quanto à motivação estavam confusas. Apenas o velho Zebulon, que não estava com o grupo, poderia ter feito justiça à situação ou apresentado uma explicação plausível.

A noite de quinta-feira começou como as outras, mas terminou de maneira mais trágica. Os bacuraus no vale gritaram com tanta persistência que muitos não conseguiram dormir, e por volta das três horas da manhã todos os telefones nos arredores tocaram. Os que atenderam a ligação ouviram uma voz desesperada gritar “Meu Deus, socorro…!”, e algumas pessoas ouviram um estrondo

interromper a exclamação. Não se ouviu mais nada. Ninguém se atreveu a tomar qualquer atitude, e ninguém sabia quem havia telefonado. Os que ouviram o apelo ligaram para toda a vizinhança e descobriram que apenas os Frye não atendiam. A verdade veio à tona uma hora mais tarde, quando um grupo de homens armados que se reuniram às pressas avançou até a residência dos Frye, na cabeceira do vale. Foi uma cena horrível, mas não muito surpreendente. Mais pegadas e rastros monstruosos foram encontrados, porém a casa havia desaparecido. Tinha cedido como uma casca de ovo, e entre as ruínas nenhuma criatura viva ou morta foi encontrada. Apenas fedor e um muco pegajoso. Os Frye tinham sido apagados de Dunwich.

VIII.

Neste meio-tempo uma fase mais silenciosa porém ainda mais pungente do horror desenrolava-se por trás da porta fechada de um cômodo forrado de livros em Arkham. O curioso relato ou diário manuscrito de Wilbur Whateley, entregue à Universidade do Miskatonic para tradução, havia causado muita preocupação e perplexidade entre os especialistas em línguas antigas e modernas; o próprio alfabeto em que o texto vinha escrito, a despeito de certa semelhança com o árabe usado na Mesopotâmia, era absolutamente desconhecido a todos os especialistas disponíveis. A derradeira conclusão dos linguistas foi que se tratava de um alfabeto artificial, com os mesmos efeitos práticos de uma cifra, embora nenhum dos métodos em geral empregados no deciframento criptográfico conseguissem fornecer qualquer pista, nem mesmo quando aplicados aos diversos idiomas que o autor pudesse ter usado. Os livros antigos encontrados nas habitações de Whateley, embora despertassem profundo interesse e por vezes prometessem abrir novas e terríveis linhas de pesquisa para os filósofos e demais homens de ciência, não ofereceram nenhum auxílio. Um dos exemplares, um tomo pesado com uma fivela de ferro, era escrito em outro alfabeto desconhecido de moldes totalmente diferentes, que acima de tudo lembrava o alfabeto sânscrito. O velho caderno foi enfim entregue aos cuidados do dr. Armitage, não por conta do peculiar interesse que nutria em relação aos assuntos ligados a Whateley, mas também por conta da ampla formação linguística e dos conhecimentos que detinha sobre as fórmulas místicas da Antiguidade e da Idade Média.

Armitage imaginava que o alfabeto usado pudesse ser um artifício esotérico empregado por certos cultos proscritos que remontam a tempos antigos e mantém muitas formas e tradições dos magos que habitavam o mundo sarraceno. Essa questão, no entanto, não era considerada vital, uma vez que seria desnecessário conhecer a origem dos símbolos se, conforme imaginava, estivessem sendo

empregados como uma cifra em uma língua moderna. Armitage acreditava que, em virtude do grande volume de texto envolvido, o escritor dificilmente teria se dado o trabalho de usar um idioma que não fosse o próprio, a não ser talvez em certas fórmulas e encantamentos. Assim, atacou o manuscrito com a suposição preliminar de que a maior parte do texto estaria em inglês.

Devido ao fracasso dos colegas, o dr. Armitage sabia que a charada era profunda e complexa, e que nenhuma resolução simples devia ser tentada. Durante todo o fim de agosto, preparou-se com a sabedoria acumulada sobre criptografia, explorando todos os recursos da própria biblioteca e penetrando noite após noite nos segredos arcanos do *Poligraphia* de Tritêmio, do *De Furtivis Literarum Notis* de Giambattista Porta, do *Traité des Chiffres* de De Vigenère, do *Cryptomenysis Patefacta* de Falconer, dos tratados do século XVIII escritos por Davy e Thicknesse e de obras escritas por autoridades modernas no assunto, como Blair, Von Marten e o *Kryptographik* de Klüber. Intercalou o estudo desses livros com os ataques ao manuscrito, e passado algum tempo convenceu-se de que estava lidando com o mais sutil e o mais engenhoso de todos os criptogramas, em que diversas listas separadas de caracteres correspondentes são dispostas como em uma tabela de multiplicação e a mensagem constrói-se a partir de palavras-chave conhecidas somente pelos iniciados. Os especialistas antigos mostraram-se bastante mais úteis do que os modernos, e Armitage chegou à conclusão de que o código do manuscrito era de uma antiguidade tremenda, sem dúvida transmitida graças a uma longa tradição de exploradores místicos. Por muitas vezes tinha a impressão de estar prestes a pôr tudo em claro, mas de repente via-se frustrado por algum obstáculo imprevisto. Então, com a chegada de setembro, as nuvens dispersaram-se. Certas letras usadas em certas partes do manuscrito se revelaram de maneira definida e inconfundível; e tornou-se evidente que o texto era de fato em inglês.

No entardecer do dia dois de setembro o último grande obstáculo foi transposto, e o dr. Armitage pôde ler pela primeira vez uma passagem completa dos anais de Wilbur Whateley. Era na verdade um diário, como todos haviam imaginado; e estava vazado em um estilo que evidenciava a mistura de erudição oculta e analfabetismo do estranho ser que o havia escrito. Uma das primeiras passagens longas a serem decifradas — uma anotação feita no dia 26 de novembro de 1916 — revelou-se muito surpreendente e inquietante. Armitage lembrou que tinha sido escrita por uma criança de três anos e meio que mais parecia um rapazote de doze ou treze.

> “Hoje aprendi o Aklo para o Sabaoth”, dizia, “mas não gostei, porque é respondido a partir da colina e não do céu. A coisa no andar de cima está mais à minha frente do que eu tinha imaginado e não deve ter

muito cérebro da Terra. Atirei em Jack, o *collie* de Elam Hutchin quando ele tentou me morder, e Elam disse que me mataria se tivesse a coragem. Acho que não. O vô me fez repetir a fórmula de Dho na noite passada, e acho que vi a cidade interior e os dois polos magnéticos. Pretendo ir para esses polos quando a Terra estiver limpa se eu não conseguir fazer a fórmula de Dho-Hna funcionar. As criaturas do ar me disseram no Sabá que ainda faltam anos para que eu possa limpar a terra, e acho que o vô já vai estar morto, então eu preciso aprender todos os ângulos dos planos e todas as fórmulas entre Yr e Nhhngr. As criaturas siderais vão me ajudar, mas não podem assumir um corpo físico sem sangue humano. A coisa no andar de cima parece que vai ser do tipo certo. Eu consigo ver um pouco quando faço o sinal voorishiano ou sopro o pó de Ibn Ghazi, é parecido com as criaturas da Noite de Walpurgis na Colina. O outro rosto pode esmaecer um pouco. Tenho curiosidade de saber qual vai ser a minha aparência quando a Terra estiver limpa e não houver mais nenhum ser vivo. A criatura que veio com o Aklo Sabaoth disse que eu posso ser transfigurado e que ainda resta muito trabalho a fazer."

Pela manhã o dr. Armitage estava suando frio de terror, em um verdadeiro frenesi de concentração. Não havia abandonado o manuscrito por um instante; passou a noite inteira sentado à mesa sob a luz elétrica, virando página atrás de página com as mãos trêmulas o mais rápido que conseguia decifrar o texto críptico. Telefonou nervoso para dizer à esposa que não iria para casa, e quando ela levou-lhe o café da manhã mal conseguiu engolir um bocado. Durante o dia inteiro o dr. Armitage leu, às vezes fazendo pausas enlouquecedoras quando a reaplicação da complexa chave do criptograma se fazia necessária. Levaram-lhe o almoço e o jantar, porém não conseguiu comer mais do que uma fração ínfima de cada um. No meio da noite seguinte, tirou um cochilo na cadeira, mas logo acordou de uma teia de pesadelos quase tão horrenda quanto as verdades e ameaças à existência da humanidade que havia descoberto.

Na manhã do dia quatro de setembro o professor Rice e o dr. Morgan insistiram em vê-lo e em seguida saíram pálidos e trêmulos. Naquela noite o dr. Armitage foi para a cama, mas dormiu um sono intranquilo. Na quarta-feira — o dia seguinte —, voltou ao manuscrito e começou a tomar notas copiosas, tanto do trecho em que trabalhava quanto dos trechos já decifrados. Durante a madrugada, dormiu um pouco em uma poltrona no escritório, porém mais uma vez tornou ao manuscrito antes do amanhecer. Pouco antes do meio-dia o dr. Hartwell fez-lhe uma visita e insistiu em que parasse de trabalhar. Armitage se recusou, alegando

que terminar e leitura do diário era de suma importância e dizendo que no momento oportuno haveria de explicar tudo.

Naquela noite, assim que escureceu, terminou o exame do terrível volume e deixou-se afundar na cadeira, exausto. A esposa, ao servir o jantar, encontrou-o em estado semicomatoso; mas Armitage estava consciente o bastante para alertá-la com um grito estridente quando viu seu olhar correr na direção das notas que havia tomado. Depois de se erguer, juntou os papéis rabiscados e selou-os em um grande envelope, que no mesmo instante guardou no bolso interno do casaco. Teve forças suficientes para voltar para casa, mas a necessidade de assistência médica era tanta que o dr. Hartwell foi chamado no mesmo instante. Quando o médico o pôs na cama, o paciente conseguia apenas repetir, *"Mas o que podemos fazer, em nome de Deus?"*.

O dr. Armitage dormiu, mas sofreu com delírios intermitentes no dia seguinte. Não ofereceu nenhuma explicação a Hartwell, porém nos momentos de maior lucidez falava sobre a necessidade absoluta de uma longa conferência com Rice e Morgan. Os devaneios mais fantasiosos eram muito impressionantes e incluíam apelos frenéticos para que se destruísse alguma coisa no interior de uma casa pregada com tábuas e referências fantásticas a um plano de extermínio de toda a raça humana e de todas as formas de vida animal e vegetal da Terra por parte de terríveis seres ancestrais de outra dimensão. Gritou que o mundo estava em perigo, uma vez que as Coisas Ancestrais desejavam arrancá-lo da órbita e arrastá-lo para longe do sistema solar e do cosmo material em direção a outro plano ou outra fase da entidade de onde havia se afastado vigintilhões de éons atrás. Em outros momentos, pedia que lhe trouxessem o temível *Necronomicon* e o *Daemonolatreia* de Remigius, nos quais tinha a esperança de encontrar alguma fórmula para conter o perigo conjurado.

"Precisamos detê-los, precisamos detê-los!", gritava. "Os Whateley queriam abrir a passagem para eles, e o pior ainda está por vir! Diga a Rice e a Morgan que precisamos tomar alguma providência — é um tiro no escuro, mas eu sei preparar o pó… A coisa não se alimenta desde o dia dois de agosto, quando Wilbur veio morrer aqui, e nesse ritmo…"

Mesmo aos 73 anos, Armitage tinha um físico robusto e curou o distúrbio com uma boa noite de sono, sem apresentar nenhum sintoma de febre. Acordou tarde na sexta-feira, com os pensamentos lúcidos, mas também estava sóbrio por conta de um medo insidioso e de um tremendo sentimento de responsabilidade. Na tarde de sábado sentiu-se apto a ir até a biblioteca e a chamar Rice e Morgan para uma conferência, e pelo restante do dia e da noite os três homens torturaram os próprios pensamentos com as mais desvairadas especulações e o mais desesperado debate. Livros estranhos e terríveis foram retirados às pilhas das estantes e dos locais de armazenagem seguros; e fórmulas e diagramas foram

copiados com uma pressa febril em quantidade espantosa. Não se percebia ceticismo algum. Todos os três tinham visto o corpo de Wilbur Whateley estirado no chão em uma sala daquele mesmo prédio, e após essa experiência nenhum deles tinha a menor inclinação para tratar o diário como o simples delírio de um louco.

Não houve acordo quanto à notificação da polícia de Massachusetts, e por fim a negativa prevaleceu. Havia coisas que simplesmente não podiam ser aceitas por aqueles que não tivessem visto uma amostra, como de fato ficou claro durante certas investigações subsequentes. Tarde da noite a conferência chegou ao fim sem ter estabelecido um plano claro, mas Armitage passou o domingo inteiro comparando fórmulas e misturando químicos obtidos no laboratório da universidade. Quanto mais refletia sobre o diário infernal, mais se via inclinado a duvidar da eficácia de qualquer agente material na supressão da entidade que Wilbur Whateley havia deixado para trás — a entidade que ameaçava toda a Terra e que, sem que tomasse ciência, estava prestes a ressurgir dentro de algumas horas e a tornar-se o memorável horror de Dunwich.

A segunda-feira foi uma repetição do domingo para o dr. Armitage, pois a tarefa a que se dedicava exigia uma infinitude de pesquisas e experimentos. Consultas mais aprofundadas ao monstruoso diário provocaram diversas mudanças no plano, mas ele sabia que mesmo assim haveria uma grande margem de incerteza. Na quinta-feira já havia estabelecido uma linha de ação bem definida e planejava fazer uma viagem a Dunwich dentro de uma semana. Porém na quarta-feira veio o grande choque. Escondido em um canto do *Arkham Advertiser* havia uma pequena peça satírica da Associated Press falando sobre o monstro colossal que o uísque destilado ilegalmente em Dunwich havia criado. Armitage, estupefato, conseguiu apenas telefonar para Rice e para Morgan. Os três discutiram noite adentro, e o dia seguinte foi um redemoinho de preparativos. Armitage sabia que estava se envolvendo com poderes terríveis, porém não via outro modo de cancelar o envolvimento ainda mais profundo e maligno a que outros haviam se prestado antes dele.

IX.

Na manhã de sexta-feira, Armitage, Rice e Morgan foram de carro até Dunwich e chegaram ao vilarejo por volta da uma hora da tarde. Fazia um dia agradável, porém até mesmo nos lugares ensolarados uma espécie de temor e portento silencioso dava a impressão de pairar sobre as estranhas colinas abobadadas e os sombrios e profundos vales da região maldita. De vez em quando, no topo de alguma montanha, divisava-se um esquálido círculo de pedras com o céu ao fundo. Pelo ar de espanto no armazém de secos e molhados de

Osborn, os três perceberam que algo horrendo tinha acontecido, e logo ficaram sabendo da aniquilação da casa e da família de Elmer Frye. Passaram a tarde inteira andando por Dunwich, questionando os nativos sobre tudo o que havia ocorrido e vendo com os próprios olhos, e com aguilhoadas de horror cada vez mais intenso, as ruínas desoladas da residência dos Frye com vestígios de muco pegajoso, as marcas blasfemas no pátio, o gado ferido de Seth Bishop e os enormes trechos de vegetação destruída em vários locais. A trilha que subia e descia de Sentinel Hill despertou em Armitage um pressentimento quase cataclísmico, e o bibliotecário olhou por um longo tempo em direção ao sinistro altar de pedras no topo da colina.

Por fim, ao descobrir que um grupo de policiais havia chegado de Aylesbury naquela manhã para averiguar os relatos telefônicos relativos à tragédia dos Frye, os visitantes resolveram procurar os oficiais para trocar informações sobre o ocorrido. A execução da tarefa, no entanto, foi muito mais difícil do que o planejado, uma vez que os policiais não estavam em parte alguma. Os cinco haviam chegado em um carro, mas naquele instante o carro estava vazio próximo às ruínas no pátio de Frye. Os nativos, que haviam todos conversado com a polícia, de início ficaram tão perplexos quanto Armitage e seus companheiros. Então o velho Sam Hutchins pensou em alguma coisa e empalideceu, cutucando Fred Farr e apontando para o úmido e profundo vazio que se abria logo à frente.

"Meu Deus", disse, "eu falei pr'eles não descere o vale, e nunca achei que ninguém fosse fazê isso co'as marca e aquele chero e os bacurau gritano lá embaixo na escuridão do meio-dia…"

Um calafrio varou os nativos e os visitantes, e todos pareceram apurar o ouvido em uma espécie de audição instintiva e inconsciente. Armitage, depois de presenciar o horror e a destruição monstruosa que havia causado, estremeceu ao pensar na responsabilidade que pesava em seus ombros. Logo a noite cairia, e foi então que a blasfêmia montanhosa arrastou-se pela trilha quimérica. *Negotium perambulans in tenebris…*[1] O velho bibliotecário ensaiou a fórmula que havia memorizado e agarrou-se ao papel que trazia a alternativa que não havia memorizado. Conferiu se a lanterna elétrica estava em ordem. Rice, que estava ao lado, retirou da valise uma lata de aerosol do mesmo tipo usado no combate aos insetos enquanto Morgan desempacotou o rifle para caça de grande porte em que tanto confiava, mesmo depois de ouvir os companheiros dizerem que nenhuma arma material surtiria efeito.

Armitage, depois de ler o abominável diário, sabia muito bem que tipo de manifestação esperar; mas não quis aumentar o pavor dos habitantes de Dunwich fornecendo pistas ou insinuações. Esperava que o horror pudesse ser vencido sem que revelasse ao mundo a monstruosidade de que havia escapado. As sombras se adensaram e os nativos começaram a se dispersar, ansiosos por trancarem-se em

casa apesar da evidência de que as fechaduras e os ferrolhos humanos seriam inúteis diante de uma força capaz de entortar árvores e esmagar casas quando bem entendesse. Balançaram a cabeça ao ouvir o plano dos visitantes, que pretendiam montar guarda nas ruínas da casa dos Frye, perto do vale; e ao saírem tinham pouca esperança de tornar a vê-los.

Ouviram-se rumores sob as colinas naquela noite, e os bacuraus cantaram de maneira ameaçadora. De vez em quando um vento soprava de Cold Spring Glen e trazia um toque de fedor inefável à atmosfera opressiva da noite; um fedor que os três observadores já haviam sentido antes, quando presenciaram a morte de uma coisa que por quinze anos e meio havia se passado por um ser humano. No entanto, o terror esperado não apareceu. O que quer que estivesse à espreita no vale estava ganhando tempo, e Armitage disse aos colegas que seria suicídio tentar uma ofensiva no escuro.

A manhã chegou pálida, e os sons noturnos cessaram. Era um dia cinza e desalentado, com pancadas de chuva ocasionais; e nuvens cada vez mais escuras pareciam acumular-se para além das colinas a noroeste. Os homens de Arkham não sabiam o que fazer. Depois de procurar abrigo contra a chuva sob uma das construções externas remanescentes na propriedade dos Frye, debateram se seria mais conveniente esperar ou tomar a iniciativa da agressão e descer ao vale em busca da monstruosa vítima inominada. A chuva amainou, e os estrondos longínquos do trovão soaram em horizontes distantes. As nuvens relampejaram e logo um raio bífido fulgurou, como se estivesse descendo rumo ao próprio vale maldito. O céu ficou muito escuro, e os observadores torceram para que a tempestade fosse intensa e curta para que o tempo clareasse.

Ainda estava pavorosamente escuro quando, pouco mais de uma hora depois, uma babel de vozes soou na estrada. O instante seguinte revelou um grupo de mais de uma dúzia de homens assustados, correndo e gritando, e até mesmo chorando em um surto de histeria. Alguém que vinha à frente começou a balbuciar, e os homens de Arkham tiveram um violento sobressalto quando as palavras assumiram uma forma coerente.

“Meu Deus, meu Deus”, tossiu a voz. “Aquela cousa ’stá andano de novo, *e dessa vez à luz do dia!* ’stá à solta — à solta e agora meso vino nessa direção, e só Deus sabe quano vai nos alcançá!”

O interlocutor deu mais um arquejo e calou-se, porém outro homem deu prosseguimento à mensagem.

“Uma meia hora atrás o telefone do Zeb Whateley tocô e era a siora Corey, esposa do George, que mora perto da bifurcação. Ela disse que o Luther ’stava trazeno o gado pra longe da tempestade depois daquele grande relâmpago quano viu as árvore tudo se entortano na cabicera do vale — no outro lado — e sintiu o meso chero horrívio que sintiu quano encontrô aquelas marca na manhã de

segunda. E ela contô que ele disse que tamém oviu um zunido mais alto do que as árvore e os arbusto podio fazê, e de repente as árvore ao longo da estrada começaro a se curvá pro lado e ele oviu u'as pancada e um chapinhá terrívio no barro. Mas preste atenção, o Luther não viu nada, só as árvore e os arbusto se entortano."

"Depois mais adiante onde o Bishop's Brook passa por baxo da estrada ele oviu uns estalo e uns rangido terrívio na ponte e disse que o som era de madera rachano e quebrano. E todo esse tempo ele não viu nada, só as árvore e os arbusto se entortano. E quano o zunido se afastô pela estrada em direção à casa do Bruxo Whateley e da Sentinel Hill, o Luther, ele teve a corage de subi até o lugar onde tinha ovido os barulho pela primera vez e de olhá pro chão. 'stava tudo virado em água e lama, e o céu 'stava escuro, e a chuva 'stava apagano as trilha dipressa, mas na cabicera do vale, onde as árvore tinho se mexido, ele inda consiguiu vê algumas daquelas pegada medonha do tamanho dum barril que nem ele tinha visto na segunda."

Nesse ponto o primeiro interlocutor o interrompeu, visivelmente nervoso.

"Mas agora o problema não é esse — isso foi só o começo. O Zeb aqui 'stava chamano as pessoa e todo mundo 'stava escutano quano um telefonema do Seth Bishop nos interrompeu. A Sally, a criada dele, 'stava quase teno um troço — ela tinha acabado de vê as árvore se entortá na bera da estrada, e disse que 'stava ovino um som pastoso, que nem a respiração e os passo dum elefante ino em direção à casa. Aí ela se levantô e de repente sintiu um chero horrívio, e disse que o Cha'necy começô a gritá que era o mesmo chero que tinha sintido nas ruína da casa dos Whateley na manhã de segunda. E os cachorro 'stavo tudo dano uns latido e uns ganido pavoroso."

"E depois ela soltô um grito horrívio e disse que o galpão na bera da estrada tinha arrecém desmoronado, só que o vento da tempestade não tinha força suficente pra fazê aquilo. Todo mundo ficô escutano, e deu pra ovi várias pessoa assustada na linha. E de repente a Sally, ela gritô de novo e disse que a cerca da frente tinha se espatifado, mas não se via nenhum sinal do que podia tê feito aquilo. Aí todo mundo na linha pôde escutá o Cha'ncey e o velho Seth Bishop gritano tamém, e a Sally começou a dizê que alguma cousa pesada tinha acertado a casa — não um raio nem nada paricido, mas alguma cousa pesada que 'stava bateno sem pará na frente da casa, meso que não desse pra vê nada pelas janela. E aí… aí…"

As linhas do desespero ficaram mais profundas em todos os rostos; e Armitage, abalado como estava, mal tinha a compostura necessária para solicitar ao interlocutor que prosseguisse.

"Aí… A Sally, ela gritô, 'Socorro, a casa 'stá disabano'… e na linha a gente pôde ovi o estrondo dum disabamento e um enorme dum gritedo… que nem na

casa do Elmer Frye, só que pior…”

O homem fez uma pausa, e outro integrante do grupo tomou a palavra.

“Isso é tudo — não se oviu mais nenhum pio no telefone depois disso. Ficô tudo em silêncio. Nós que ovimo tudo entramo nos Ford e nas carreta e juntamo o maior número de homes capazes que a gente consiguiu na casa dos Corey e viemo pra cá vê o que os siores acho melhor a gente fazê. Mas eu acho que esse é o julgamento do Senhor pras nossa iniquidade, que nenhuma criatura mortal é capaz de detê.”

Armitage percebeu que o momento de tomar a iniciativa havia chegado e falou de maneira decidida para o grupo de rústicos assustados.

“Precisamos seguir essa coisa, rapazes.” Tentou fazer com que a voz soasse da maneira mais confiante possível. “Acho que nós podemos tirá-la de ação. Os senhores sabem que os Whateley eram bruxos — bem, essa coisa é fruto de uma bruxaria, e precisamos acabar com ela da mesma forma. Eu vi os diários de Wilbur Whateley e li alguns dos estranhos livros que ele costumava ler; e acho que posso recitar um encantamento para fazer essa coisa sumir. Claro que eu não posso dar nenhuma certeza, mas acho que podemos ao menos tentar. A criatura é invisível, como eu imaginava, mas esse aerosol de longa distância contém um pó capaz de revelá-la por alguns instantes. Mais tarde podemos experimentar. É terrível ver uma coisa dessas à solta, mas teria sido ainda pior se Wilbur tivesse vivido por mais tempo. Os senhores nem imaginam do que o mundo escapou. Agora precisamos apenas enfrentar essa coisa, e ela não tem como se multiplicar. Mesmo assim, pode fazer grandes estragos; então não podemos hesitar em salvar a comunidade.”

“Precisamos segui-la — e a melhor maneira de começar é indo até o lugar que acabou de ser destruído. Peço que alguém nos guie até lá — eu não conheço muito bem as estradas por aqui, mas acredito que exista um atalho por entre as propriedades. Que tal?”

Uma certa agitação tomou conta dos homens por alguns instantes, e por fim Earl Sawyer falou com uma voz mansa, apontando o dedo imundo em meio à chuva cada vez mais fraca.

“Eu acho que o sior pode chegá até a casa do Seth Bishop mais dipressa cortano caminho pelos pasto mais baixo aqui, passano o riacho a vau e subino as terra do Carrier e o pátio de lenha mais adiante. Assim o sior vai saí na estrada bem perto do terreno do Seth — é só caminhá mais um poco pro otro lado.”

Armitage, na companhia de Rice e de Morgan, pôs-se a caminhar na direção indicada; e a maioria dos nativos acompanharam-nos a passos lentos. O céu começou a clarear, e havia sinais de que a tempestade estava chegando ao fim. Quando Armitage inadvertidamente tomou o caminho errado, Joe Osborn alertou-o e tomou a dianteira para mostrar a rota correta. A coragem e a confiança

aumentaram, embora a escuridão na colina arborizada quase perpendicular que ficava próxima ao fim do atalho e em meio às fantásticas árvores ancestrais a que tiveram de se agarrar como se fossem corrimãos pusessem essas qualidades à prova.

Passado algum tempo o grupo chegou a uma estrada lamacenta e deparou-se com o nascer do sol. Estavam um pouco além da propriedade de Seth Bishop, porém as árvores entortadas e as pavorosas e inconfundíveis marcas não deixavam nenhuma dúvida quanto ao que havia passado por lá. Apenas breves momentos foram empregados no exame das ruínas logo depois da curva. Era uma repetição do incidente na casa dos Frye, e nada vivo ou morto foi encontrado nas estruturas em ruínas da casa e do galpão dos Bishop. Ninguém quis ficar por lá em meio ao fedor e ao muco pegajoso; em vez disso, todos se dirigiram como que por instinto rumo às horrendas pegadas que levavam em direção à propriedade destruída de Whateley e às encostas coroadas pelo altar da Sentinel Hill.

Enquanto passavam em frente à antiga morada de Wilbur Whateley, os homens estremeceram e pareceram mais uma vez misturar hesitação ao fervor que demonstravam. Não seria nada fácil seguir uma criatura do tamanho de uma casa que ninguém era capaz de ver e ao mesmo tempo era imbuída de toda a malevolência de um demônio. Em frente à base da Sentinel Hill a trilha afastava-se da estrada, e havia novas árvores entortadas e arbustos amassados ao longo do trecho que demarcava a rota tomada pelo monstro ao subir e descer a colina.

Armitage pegou um telescópio portátil de potência considerável e examinou a encosta íngreme e verdejante da colina. A seguir entregou o instrumento para Morgan, que enxergava melhor. Depois de olhar por um instante Morgan soltou um grito estridente e entregou o telescópio a Earl Sawyer enquanto apontava para um certo ponto da encosta. Sawyer, com a falta de jeito típica das pessoas desacostumadas a usar instrumentos ópticos, atrapalhou-se um pouco; mas por fim ajustou as lentes com o auxílio de Armitage. E seguida soltou um grito ainda menos contido que o de Morgan.

“Deus Todo-Poderoso, a grama e os arbusto ’stão se mexeno! Aquilo ’stá subino — devagar — se arrastano até o topo nesse exato instante, e só Deus sabe pra quê!”

Foi então que a semente do pânico espalhou-se entre os exploradores. Procurar a entidade inominável era uma coisa, porém encontrá-la era um tanto diferente. Os encantamentos podiam funcionar — mas e se falhassem? As vozes começaram a questionar Armitage sobre o quanto sabia a respeito daquela coisa, e nenhuma resposta parecia satisfatória. Todos pareciam sentir-se próximos a fases proibidas da Natureza e do ser e completamente fora da esfera de experiências humanas salubres.

X.

No fim, os três homens de Arkham — o velho e barbado dr. Armitage, o atarracado e grisalho professor Rice e o magro e jovial dr. Morgan — subiram a montanha sozinhos. Depois de muitas instruções pacientes sobre a utilização e o ajuste do foco, deixaram o telescópio com o assustado grupo que permaneceu na estrada; e enquanto subiam eram vigiados de perto pelos homens encarregados do instrumento. A subida era difícil, e mais de uma vez Armitage precisou de ajuda. Muito acima do grupo uma grande área estremeceu quando a criatura infernal tornou a mover-se com a deliberação de uma lesma. Ficou evidente que os perseguidores estavam mais perto.

Curtis Whateley — da linhagem íntegra — estava de posse do telescópio quando o grupo de Arkham desviou radicalmente da trilha. Disse que sem dúvida os homens estavam tentando chegar a uma elevação secundária que sobranceava a trilha em um ponto à frente do local onde naquele instante os arbustos se dobravam. O palpite estava correto; e o grupo foi avistado na elevação secundária pouco tempo após a passagem da blasfêmia invisível.

Então Wesley Corey, que havia pegado o telescópio, gritou que Armitage estava preparando o aerosol que Rice tinha na mão, e que algo estava prestes a acontecer. A multidão agitou-se ao lembrar que o aerosol daria ao horror invisível uma forma visível por um breve momento. Dois ou três homens fecharam os olhos, mas Curtis Whateley voltou a atenção ao telescópio e forçou a vista ao máximo. Notou que Rice, daquele local favorável acima e atrás da entidade, teria uma excelente chance de espalhar o poderoso pó com o efeito desejado.

Os que não tinham acesso ao telescópio viram apenas o lampejo momentâneo de uma nuvem cinzenta — uma nuvem do tamanho de uma construção razoavelmente grande — próximo ao cume da montanha. Curtis, que estava segurando o instrumento, deixou-o cair com um grito cortante no barro que cobria a estrada até a altura dos tornozelos. Cambaleou e teria caído no chão se dois ou três homens não houvessem aparado a queda. Tudo que pôde fazer foi murmurar a meia-voz: “Ah, meu Deus… *aquela cousa.*…”

Houve um pandemônio de perguntas, e apenas Henry Wheeler lembrou-se de resgatar o telescópio caído e limpar o barro que o cobria. Curtis estava além de toda a coerência, e mesmo respostas isoladas pareciam ser demais para ele.

“Maior do que um galpão… todo feito dumas corda se retorceno… com o formato dum ovo de galinha maior do que qualqué otra cousa, com várias dúzia de perna, como barris que se fecho a cada passo… nada de sólido — todo gelatinoso, feito dumas corda que se agito bem junto umas das otra… co’uns olhos enorme e esbugalhado por toda parte… dez ou vinte boca ou tromba saino de toda parte nos lado, co’o tamanho duma chaminé cada, e todas se mexeno e se

abrino e fechano… todo cinza, com uns anel roxo ou azul… *e meu Deus do céu — aquele rosto pela metade em cima…!*

Essa memória final, o que quer que fosse, foi demais para o pobre Curtis, que caiu desmaiado antes que pudesse dizer mais uma palavra. Fred Fair e Will Hutchins levaram-no até a beira da estrada e o puseram deitado na grama úmida. Henry Wheeler, com as mãos trêmulas, apontou o telescópio resgatado em direção à montanha para ver o quanto pudesse. Através das lentes discerniu três figuras diminutas, que pareciam subir a encosta íngreme em direção ao topo o mais depressa possível. Foi só isso — nada mais. Então todos perceberam um estranho barulho nas profundezas do vale, e até mesmo na vegetação rasteira da própria Sentinel Hill. Era o canto de incontáveis bacuraus, e neste coro estridente uma nota de tensão e de maus agouros parecia espreitar.

Earl Sawyer pegou o telescópio e relatou que as três figuras estavam de pé no alto da colina, no mesmo nível do altar de pedra, embora a uma distância considerável. Uma figura, disse, parecia erguer as mãos acima da cabeça em intervalos rítmicos; e quando Sawyer mencionou essa circunstância a multidão acreditou ter ouvido um som fraco e semimusical ao longe, como se um cântico estivesse sendo entoado para acompanhar os gestos. A bizarra silhueta no pico distante deve ter sido um espetáculo grotesco e impressionante ao extremo, mas nenhum observador apresentava inclinações à apreciação estética naquele instante. “Acho que ele ’stá proferino o encanto”, sussurrou Wheeler enquanto retomava o telescópio. Os bacuraus cantavam desesperados e em um curioso ritmo irregular muito diferente daquele que acompanhava o ritual visível.

De repente os raios do sol pareceram enfraquecer sem a interferência de qualquer nuvem. Foi um fenômeno muito peculiar notado por todos. Um rumor parecia soar por baixo das colinas, estranhamente misturado a um rumor no mesmo ritmo que sem dúvida vinha do céu. O céu relampejou, e a multidão estarrecida procurou em vão os sinais da tempestade. Logo os cânticos dos homens de Arkham podiam ser ouvidos com clareza, e Wheeler viu através do telescópio que estavam todos erguendo os braços no ritmo de um encantamento. De alguma propriedade longínqua veio o latido frenético de cães.

A mudança na qualidade da luz do dia ficou ainda mais acentuada, e a multidão ficou olhando para o horizonte tomada de espanto. Uma escuridão arroxeada, nascida de um escurecimento fantasmagórico no azul do céu, abateu-se sobre as colinas rumorejantes. Então o céu relampejou mais uma vez, com ainda mais intensidade, e a multidão imaginou ter visto uma certa nebulosidade em volta do altar de pedra nas alturas distantes. Ninguém, contudo, estava usando o telescópio naquele momento. Os bacuraus continuaram com a pulsação irregular, e os tensos homens de Dunwich prepararam-se para enfrentar a ameaça imponderável com que a própria atmosfera parecia estar saturada.

Sem nenhum aviso vieram os sons profundos, ribombantes e fragorosos que jamais hão de abandonar a lembrança do fatídico grupo que os ouviu. Não vinham de nenhuma garganta humana, pois os órgãos do homem não são capazes de tais perversões acústicas. Pareceriam ter vindo do próprio abismo se não fosse tão evidente que a fonte dos estrondos era o altar de pedra no alto da colina. Seria quase um equívoco chamar aquilo de som, uma vez que o timbre espectral e infragrave falava mais a sedes nebulosas da consciência e do terror do que propriamente ao ouvido; e no entanto é necessário proceder assim, uma vez que, de maneira vaga mas inquestionável, tomava a forma de palavras semiarticuladas. Eram palavras estrondosas — estrondosas como os rumores e o trovão que ecoavam —, porém não vinham de nenhuma criatura visível. E, como a imaginação fosse capaz de sugerir uma fonte conjectural no mundo das criaturas invisíveis, a multidão amontoada na base da montanha amontoou-se ainda mais e se enrijeceu como estivesse prestes a receber um golpe.

"Ygnaiih… ygnaiih… thflthkh'ngha… Yog-Sothoth…", rouquejava o terrível crocitar vindo do espaço. *"Y'bthnk… h'ehye — n'grkdl'lh."*

O impulso da fala pareceu esmaecer nesse ponto, como se uma terrível batalha psíquica estivesse a ser travada. Henry Wheeler apertou o olho no telescópio, mas viu apenas três grotescas silhuetas humanas no cume, movendo os braços na fúria de estranhos gestos à medida que o encanto se aproximava do ponto culminante. De que abismos negros de terror aquerôntico, de que pélagos inexplorados de consciência extracósmica ou de hereditariedade obscura e latente emanava aquele ribombar semiarticulado? No instante seguinte, a voz pareceu recobrar a força e a coerência enquanto se aproximava de um desesperado, supremo e derradeiro frenesi.

"Eh-ya-ya-ya-yahaah — e'yayayayaaaa… ngh'aaaaa… ngh'aaaa… h'yuh… h'yuh… *socorro*! *socorro*! *…pa — pa — pa — pai*! *pai*! *yog-sothoth*…!"

Isso foi tudo. O pálido grupo na beira da estrada, ainda estupefato diante das sílabas em indiscutível inglês que haviam soado como o ribombar do trovão no vazio frenético ao lado do impressionante altar de pedra, nunca mais haveria de escutá-las. Pelo contrário: tiveram um violento sobressalto diante do pavoroso relato que deu a impressão de rasgar as colinas; o ensurdecedor e cataclísmico estrondo cuja origem, fosse os recônditos da Terra ou o céu, nenhum ouvinte jamais foi capaz de reconhecer. Um único relâmpago atravessou o céu do zênite púrpura até o altar de pedra, e uma grande onda de inconcebível força e inefável fedor saiu da colina e espalhou-se por todo o campo. Árvores, gramados e arbustos agitaram-se em fúria; e a multidão apavorada na base da montanha, enfraquecida pelo fedor mortal que parecia estar na iminência de asfixiar o grupo, por pouco não foi derrubada. Os cães uivavam ao longe, gramados e folhagens

verdejantes murcharam e ganharam uma enfermiça coloração amarelo-cinzenta e por campos e florestas espalharam-se os corpos de bacuraus mortos.

O fedor se dissipou em seguida, mas a vegetação nunca mais voltou ao normal. Até hoje existe algo de estranho e blasfemo nas plantas que crescem em cima e em volta da temível colina. Curtis Whateley mal havia recobrado a consciência quando os homens de Arkham desceram a montanha com passos vagarosos sob os raios de um sol mais uma vez puro e reluzente. Estavam graves e silenciosos, e pareciam abalados por memórias e reflexões ainda mais terríveis do que aquelas que haviam reduzido o grupo de nativos a um estado de medo e tremor. Em resposta a um amontoado de perguntas, simplesmente balançaram a cabeça e reafirmaram um fato de vital importância.

"Aquela coisa se foi para sempre", disse Armitage. "Foi separada nos elementos que a compunham e nunca mais pode voltar a existir. Era uma existência impossível em um mundo normal. Apenas uma fração ínfima era constituída de matéria da maneira como a conhecemos. Parecia-se muito com o pai — e em boa parte retornou a ele em alguma esfera ou dimensão vaga para além do universo material; algum abismo vago de onde apenas os mais profanos ritos de blasfêmia humana poderiam tê-lo chamado por um instante fugaz até as colinas."

Fez-se um breve silêncio, e nesse intervalo os sentidos atordoados do pobre Curtis Whateley começaram a se reorganizar em um sistema coeso; e o homem levou a mão à cabeça com um gemido. A memória deu a impressão de recompor-se a partir do último momento de consciência, e o horror da visão que o havia prostrado tornou a invadi-lo.

"Ah, meu Deus, aquele rosto — aquele rosto pela metade… aquele rosto co'os olho vermelho e os cabelo albino ondulado, e sem quexo, que nem os Whateley… Era u'a espécie de polvo, de centopeia, de aranha, mas em cima tinha um rosto pela metade que parecia o do Bruxo Whateley, só que com vários metro de largura…"

O homem deteve-se exausto enquanto o grupo de nativos o encarava em um estado de confusão ainda não cristalizado em um novo terror. Apenas o velho Zebulon Whateley, que tinha recordações erráticas de coisas antigas mas que até então permanecia calado, ergueu a voz.

"Há quinze anos atrás", resmungou, "eu escutei o velho Whateley dizê que um dia nós ainda ia ovi o filho da Lavinny gritá o nome do pai no alto da Sentinel Hill…"

Porém Joe Osborn o interrompeu para fazer mais uma pergunta aos homens de Arkham.

"O que era aquela cousa afinal de contas, e comé que o jovem Bruxo Whateley consiguiu invocá ela do nada?"

Armitage escolheu as palavras com cuidado.

“Aquilo era — digamos que em boa parte era uma força que não pertence à nossa dimensão no espaço; uma força que age e cresce e se molda segundo leis diferentes daquelas que regem a nossa Natureza. Não temos por que invocar essas coisas de longe, e apenas pessoas vis e cultos maléficos se envolvem com isso. O próprio Wilbur Whateley tinha um pouco dessa força — o suficiente para transformá-lo em um demônio precoce e fazer com que seu ocaso fosse uma visão pavorosa. Pretendo queimar o diário maldito que deixou para trás, e se os senhores forem prudentes hão de dinamitar aquele altar de pedra lá em cima e desmanchar todos os círculos de pedra nas outras colinas. Foram coisas como aquelas que trouxeram essas criaturas que os Whateley tanto admiravam — criaturas invocadas para aniquilar a raça humana e arrastar a Terra rumo a algum lugar inefável para algum propósito inefável.”

“Quanto à coisa que acabamos de despachar — os Whateley a criaram para desempenhar um papel terrível em tudo o que estaria por vir. Cresceu depressa e atingiu um tamanho enorme pelo mesmo motivo que levou Wilbur a crescer depressa e atingir um tamanho enorme — porém acabou ainda maior porque continha mais elementos de *estranheza cósmica.* Não há motivo para perguntar como Wilbur a invocou do nada. Ele não a invocou. *Esse era o irmão gêmeo de Wilbur, que puxou um pouco mais ao pai.*”

---

[1]

Salmos 91:6. “A pestilência que se propaga nas trevas.” [N. da E.]

Um Sussurro nas Trevas (1930)

I.

Tenha em mente que eu não presenciei nenhum horror visual no fim. Dizer que um abalo mental foi a causa do que supus — a gota d'água que me fez sair correndo para longe da solitária fazenda de Akeley por entre as colinas abobadadas de Vermont em um carro roubado à noite — é ignorar os fatos mais elementares do acontecimento final. Não obstante a abrangência com que revelei as informações e especulações de Henry Akeley, as coisas que vi e ouvi e a nitidez da impressão produzida em mim por essas coisas, não estou em condições de provar se eu estava certo ou errado na minha odiosa suposição. Afinal, o desaparecimento de Akeley não prova nada. Nada de anormal foi encontrado em sua casa afora as marcas de bala no exterior e no interior. Foi como se ele simplesmente tivesse saído para um passeio casual nas colinas e nunca mais voltado. Não havia sequer indícios de que um visitante estivera lá, nem de que aqueles horríveis cilindros e máquinas estiveram armazenados no estúdio. O medo mortal que sentia das colinas férteis e do incessante murmúrio dos riachos em meio aos quais havia nascido e crescido tampouco significa coisa alguma; pois milhares de pessoas veem-se presas destes mesmos temores mórbidos. A excentricidade, além do mais, oferecia uma explicação fácil para suas estranhas maneiras e apreensões logo antes do fim.

Até onde pude estabelecer, tudo começou com as enchentes históricas e sem precedentes que assolaram Vermont no dia três de novembro de 1927. Na época, como agora, eu era professor de literatura na Universidade do Miskatonic e um ávido diletante em assuntos ligados ao folclore da Nova Inglaterra. Logo após a enchente, em meio aos inúmeros relatos de agruras, sofrimentos e mutirões de ajuda que saíam na imprensa, surgiram estranhas histórias sobre coisas encontradas flutuando em alguns dos rios inundados; de modo que muitos dos meus amigos embarcaram em curiosas discussões e pediram-me para esclarecer o assunto da melhor forma possível. Sentime lisonjeado ao ver os meus estudos folclóricos serem levados tão a sério e fiz o quanto pude a fim de minimizar a importância dessas histórias vagas e fantásticas, que pareciam claramente derivadas de antigas superstições rústicas. Diverti-me ao notar que várias pessoas cultas insistiam em dizer que haveria uma camada factual, por mais obscura e distorcida que fosse, subjacente aos rumores.

As histórias que chegaram a meu conhecimento vieram em boa parte por meio de recortes de jornal; embora um dos causos tivesse uma fonte oral e,

portanto, tenha sido repetido para um amigo meu em uma carta que recebeu da mãe, que morava em Hardwick, Vermont. Em essência, o tipo de coisa descrita era o mesmo em todos os casos, embora parecesse haver três instâncias distintas — uma ligada ao Rio Winooski, próximo a Montpelier, outra relacionada ao West River em Windham County, além de Newfane, e uma terceira centrada no Passumpsic, em Caledonia County, acima de Lyndonville. Claro está que muitos dos relatos particulares mencionavam outras instâncias, porém uma análise demonstrava que todos pareciam resumir-se a essas três. Em todos os casos, os moradores locais relatavam ter visto um ou mais objetos extremamente bizarros e perturbadores nas águas caudalosas que escorriam pelas colinas desabitadas, e havia uma tendência generalizada a associar essas aparições a um ciclo primitivo e parcialmente esquecido de lendas contadas aos sussurros que os habitantes mais velhos ressuscitaram para a ocasião.

O que as pessoas julgavam ter visto eram formas orgânicas diferentes de qualquer outra vista até então. Naturalmente, muitos corpos humanos foram arrastados pelas corredeiras durante esse trágico período; mas as pessoas que descreviam essas formas estranhas afirmavam ter certeza de que não eram humanas, apesar de algumas semelhanças superficiais no tamanho e no contorno geral. Ainda segundo as testemunhas, tampouco poderiam ser os corpos de qualquer animal conhecido em Vermont. Eram coisas rosadas que mediam cerca de um metro e meio; com corpos crustáceos que ostentavam um enorme par de nadadeiras dorsais ou asas membranosas e diversos membros articulados, providos de uma espécie de elipsoide convoluto, coberto por miríades de antenas curtíssimas onde, em criaturas normais, seria o lugar da cabeça. Na época era impressionante notar como os detalhes de diferentes fontes tendiam a coincidir; embora o portento fosse diminuído pelo fato de que as antigas lendas, outrora conhecidas por toda a região das colinas, forneciam uma descrição morbidamente vívida que poderia muito bem ter colorido a imaginação de todas as testemunhas envolvidas. Concluí que as testemunhas — todas elas pessoas ingênuas e humildes de áreas remotas — haviam vislumbrado os corpos contundidos e inchados de seres humanos ou de animais do campo nas correntes revoltas; e permitido que o folclore revestisse esses tristes objetos de uma aura fantástica.

O folclore antigo, embora obscuro, fugaz e em boa parte esquecido pela geração de hoje, era dotado de um caráter altamente singular, e sem dúvida refletia a influência de lendas indígenas ainda mais antigas. Eu sabia dessas coisas mesmo sem nunca ter estado em Vermont graças à raríssima monografia de Eli Davenport, que reúne material colhido oralmente antes de 1839 entre os mais antigos habitantes do estado. Além do mais, o material coincidia em grande medida com as histórias que eu já tinha ouvido pessoalmente dos rústicos que habitavam as montanhas de New Hampshire. Em suma, aludia-se à existência de

uma raça oculta de seres monstruosos que estariam à espreita em meio às colinas mais remotas — nos bosques profundos situados nos mais altos cumes e nos vales escuros onde os riachos correm vindos de fontes ignotas. Essas criaturas eram raramente avistadas, mas evidências de sua presença apareciam em relatos feitos por aqueles que se aventuravam a subir certas escarpas além do nível habitual ou a descer ao fundo de certos desfiladeiros íngremes que até mesmo os lobos evitavam.

Havia estranhas pegadas ou marcas de garras no barro à margem dos córregos e descampados, e curiosos círculos de pedra, com a grama desgastada ao redor, que não pareciam ter sido dispostos ou engendrados pela Natureza. Também havia certas cavernas de profundeza desconhecida nas laterais das colinas; com bocas fechadas por rochas de maneira dificilmente acidental e com uma espantosa profusão dos estranhos rastros que apontavam na direção das cavernas e também para o lado oposto — se de fato é possível estimar com certeza a direção desses rastros. E, o pior de tudo, havia as coisas que os mais aventureiros avistavam em raras ocasiões durante o crepúsculo nos vales mais remotos e nos densos bosques perpendiculares além dos limites das escaladas habituais.

Teria sido menos perturbador se os relatos isolados dessas coisas não houvessem coincidido de maneira tão exata. Da maneira como foi, quase todos os rumores apresentavam diversos aspectos em comum; e afirmavam que as criaturas eram uma espécie de enorme caranguejo de cor vermelho clara com duas enormes asas de morcego no meio da carapaça. Às vezes caminhavam sobre todas as patas, às vezes apenas sobre o par traseiro, usando os demais apêndices para carregar grandes objetos de natureza indeterminada. Em uma ocasião, foram vistos em grande número, com um grupo atravessando um córrego a vau em três fileiras paralelas, sem dúvida mantendo uma formação organizada. Certa vez um espécime foi visto voando — lançando-se do topo de uma colina nua e solitária à noite para desaparecer no firmamento logo após traçar o contorno das enormes asas contra a lua cheia.

Em geral, essas coisas pareciam dispostas a deixar o humanos em paz; embora por vezes tivessem sido responsabilizadas pelo desaparecimento de indivíduos temerários — em especial aqueles que construíam casas próximas demais a certos vales ou demasiado alto em certas montanhas. Muitas localidades ganharam fama de desaconselháveis, e esse sentimento persistiu por muito tempo depois de esquecida a causa. As pessoas estremeciam ao ver certas montanhas e precipícios da vizinhança mesmo que não recordassem quantos habitantes haviam se perdido ou quantas fazendas haviam queimado até virar cinzas nas encostas daquelas sinistras sentinelas verdejantes.

Segundo as lendas mais antigas, as criaturas atacavam apenas aqueles que invadiam seu território; no entanto, havia relatos mais recentes sobre a curiosidade que nutriam em relação aos homens e tentativas de estabelecer postos avançados secretos no mundo humano. Circulavam histórias sobre estranhas marcas de garras descobertas ao redor das janelas de fazendas pela manhã e desaparecimentos ocasionais em regiões fora da área assombrada. E também histórias sobre zumbidos similares à fala humana, que faziam ofertas surpreendentes aos viajantes solitários nas estradas e nos caminhos dos bosques mais profundos, e sobre crianças aterrorizadas por coisas vistas ou ouvidas em locais onde a floresta primeva quase invadia o pátio das casas. Na camada final das lendas — a camada que precedeu o declínio da superstição e o abandono do contato mais estreito com os lugares temidos — encontram-se referências chocantes a ermitões e a fazendeiros em lugares remotos que, em algum período da vida, parecem ter sofrido uma odiosa alteração mental e que eram repelidos e mencionados aos sussurros como se houvessem se vendido às estranhas criaturas. Em um dos condados a nordeste parece que por volta de 1800 estava em voga acusar reclusos excêntricos e misantrópicos de serem aliados ou representantes daquelas coisas abomináveis.

Quanto à natureza delas — naturalmente havia diversas explicações. O termo comum que se usava para designá-las era “aquelas criaturas” ou “as criaturas antigas”, embora também se registrassem outros termos de uso local e passageiro. Talvez tenham sido os colonizadores puritanos os primeiros a acusarem-nas de ter parte com o diabo e a basearem espantosas especulações teológicas em sua existência. Aqueles com lendas celtas na herança familiar — em especial os representantes escoceses e irlandeses de New Hampshire e os parentes estabelecidos em Vermont nas terras doadas pelo governador Wentworth — associavam os seres às fadas malignas e às outras “criaturinhas” dos pântanos e dos outeiros, e protegiam-se com resquícios de feitiços passados de geração a geração. Os índios, no entanto, tinham as teorias mais fantásticas. Mesmo que as lendas tribais apresentassem diferenças entre si, havia uma crença unânime em certos detalhes vitais; e era universalmente aceito que aquelas criaturas não eram nativas à nossa terra.

Os mitos dos pennacook, que eram os mais consistentes e pitorescos, afirmavam que as Criaturas Aladas haviam descido da constelação de Ursa Maior e escavavam minas nas colinas terrestres, de onde extraíam uma pedra que não existia em nenhum outro mundo. Segundo os mitos, as criaturas não moravam nas minas, mas simplesmente mantinham postos avançados de onde voavam, com enormes carregamentos do mineral, de volta para as estrelas do norte. Só faziam mal àqueles que chegassem perto demais ou que as espiassem. Os animais evitavam-nas por um ódio instintivo, não porque fossem caçados. As criaturas

não comiam as coisas nem os animais da terra, mas traziam consigo sua própria comida das estrelas. Era má ideia aproximar-se delas, e às vezes jovens caçadores faziam incursões às colinas para nunca mais voltar. Tampouco era boa ideia escutar o que sussurravam à noite na floresta em zumbidos como o das abelhas que tentavam parecer-se com a voz dos homens. Conheciam as línguas de todo tipo de homem — dos pennacook, dos huron, dos homens das Cinco Nações —, mas não pareciam ter nenhuma língua própria. Falavam através das cabeças, que assumiam diferentes cores para significar diferentes coisas.

Todas as lendas, claro, tanto as brancas como as indígenas, morreram durante o século XIX, salvo por eventuais ressurgimentos atavísticos. Os costumes de Vermont estabeleceram-se; e depois que as estradas e as moradas habituais foram definidas de acordo com um plano determinado, as pessoas passaram a lembrar cada vez menos dos temores e aversões que haviam motivado o plano, e até mesmo da existência desses medos e aversões. A maioria das pessoas sabia apenas que certas regiões montanhosas eram tidas por insalubres, inférteis e agourentas demais para morar, e que em geral o melhor seria manter a maior distância possível. Com o tempo as marcas da tradição e do interesse econômico tornaram-se tão profundas nos lugares estabelecidos que não havia mais motivo algum para sair daqueles limites, e as colinas assombradas foram abandonadas mais por acidente do que por desígnio. À exceção dos raros sustos locais, apenas avós com um gosto especial por histórias fantasiosas e nonagenários sussurravam alguma coisa a respeito de criaturas vivendo nas colinas; mas nesses mesmos sussurros admitiam que não havia muito por que temer aquelas coisas quando já estavam acostumadas à presença das casas e dos vilarejos, ainda mais quando os seres humanos haviam deixado o restante do território intocado.

Tudo isso eu sabia graças às minhas leituras e a algumas histórias folclóricas colhidas em New Hampshire; assim, quando os rumores começaram a aparecer na época da enchente, não tive dificuldade para descobrir que herança imaginativa as teria engendrado. Esforcei-me ao máximo em dar essa explicação aos meus amigos e mais uma vez achei graça ao perceber que diversos ânimos contenciosos insistiam em um possível elemento de verdade nos relatos. Tais pessoas afirmavam que as lendas primitivas tinham persistência e uniformidade notáveis, e que, dada a natureza praticamente inexplorada das colinas de Vermont, seria pouco prudente manter posicionamentos dogmáticos em relação ao que podia ou não podia viver por lá; tampouco se deram por satisfeitas quando lhes assegurei que todos os mitos seguem um padrão bastante conhecido, comum a toda a espécie humana e determinado por certas fases incipientes da experiência criativa que sempre produzem o mesmo tipo de ilusão.

Foi inútil demonstrar a estes oponentes que os mitos de Vermont apresentavam poucas diferenças essenciais em relação às lendas universais que povoavam o mundo antigo de faunos e dríades e sátiros, sugeriam os *kallikanzari* da Grécia moderna e davam à natureza da Irlanda e do País de Gales as estranhas, pequenas e terríveis raças ocultas de trogloditas e outras criaturas subterrâneas. Igualmente inútil foi apontar a crença ainda mais semelhante das tribos que habitavam as montanhas do Nepal nos terríveis *Mi-Go* ou "Abomináveis Homens das Neves" que espreitam em meio ao gelo e às rochas íngremes nos picos do Himalaia. Quando apresentei esse argumento, meus oponentes usaram-no contra mim alegando que a evidência pressupunha uma inspiração histórica para as antigas lendas; que afirmava a existência real de alguma estranha raça primitiva na terra, levada a esconder-se após o surgimento e a ascensão da humanidade, que poderia muito bem ter sobrevivido em pequenos números até tempos recentes — ou mesmo até o presente.

Quanto mais eu ria diante de tais teorias, mais esses obstinados amigos reafirmavam-nas; acrescentando que, mesmo sem nenhuma relação com as lendas, os relatos eram demasiado claros, consistentes, detalhados e prosaicos no modo de narração para serem ignorados. Dois ou três extremistas fanáticos chegaram ao ponto de sugerir uma possível motivação nas lendas indígenas que atribuíam aos seres ocultos uma origem extraterrestre; citando os extravagantes livros de Charles Fort e suas afirmações de que viajantes de outros mundos e do espaço sideral haviam visitado a terra inúmeras vezes. A maior parte dos meus inimigos, no entanto, eram meros românticos que insistiam em transferir para a vida real o folclore sobrenatural que versava sobre "pessoinhas" à espreita, popularizado graças à magnífica ficção de horror escrita por Arthur Machen.

II.

Como seria natural dadas as circunstâncias, o fervoroso debate chegou enfim aos jornais por meio de cartas ao *Arkham Advertiser*; e algumas destas foram reproduzidas na imprensa das regiões de Vermont, onde as histórias sobre a enchente haviam se originado. O *Rutland Herald* publicou meia página com trechos das cartas de ambos os lados, enquanto o *Brattleboro Reformer* reproduziu um dos meus longos sumários históricos e mitológicos na íntegra e alguns comentários pertinentes na ponderada coluna "The Pendrifter", que apoiavam e aplaudiam as céticas conclusões a que eu havia chegado. Na primavera de 1928 eu era uma figura quase célebre em Vermont, apesar de jamais ter posto os pés no estado. Então vieram as cartas desafiadoras de Henry Akeley, que me impressionaram de maneira tão profunda e que me levaram pela primeira

e última vez àquele fascinante reino apinhado de precipícios verdes e córregos murmurantes em meio às florestas.

Quase tudo o que hoje sei a respeito de Henry Wentworth Akeley foi obtido através de correspondências com seus vizinhos e com seu único filho, que vive na Califórnia, após a minha experiência na solitária fazenda onde ele morava. Descobri que o homem era o último representante ainda em solo nativo de uma longa e distinta linhagem de juristas, administradores e agricultores aristocráticos. Com ele, no entanto, a constituição mental da família havia abandonado os assuntos práticos para dedicar-se à mais pura erudição; de maneira que fora um estudante de grande destaque em matemática, astronomia, biologia, antropologia e folclore na Universidade de Vermont. Eu jamais ouvira seu nome, e ele não fornecia muitos detalhes autobiográficos nas correspondências; mas desde o início eu o vi como um homem de caráter, cultura e inteligência, embora fosse ao mesmo tempo um recluso com pouca sofisticação em assuntos mundanos.

Apesar das hipóteses fantásticas que propunha, não pude deixar de levar Akeley muito mais a sério do que qualquer outro opositor até então. Para começar, ele estava muito próximo aos fenômenos — visíveis e tangíveis — a respeito dos quais fazia especulações tão grotescas; e, além do mais, estava disposto a deixar suas conclusões em um permanente estado de incerteza, como um verdadeiro homem de ciência. Não tinha nenhuma ideia preconcebida em relação ao assunto e guiava-se apenas pelo que considerava ser evidência sólida. Claro que à primeira vista julguei-o equivocado, porém dei-lhe crédito por ter cometido um equívoco inteligente; e em momento algum agi como alguns de seus amigos, que atribuíam essas ideias e o pavor que sentia em relação às colinas solitárias à insanidade. Eu via que o homem tinha bons argumentos e sabia que suas conclusões deviam ser baseadas em estranhas circunstâncias merecedoras de uma análise mais minuciosa, ainda que não tivessem relação alguma com as causas fantásticas que lhes atribuía. Mais tarde recebi certas provas materiais que puseram o assunto em uma perspectiva diferente e consideravelmente bizarra.

Não posso fazer mais do que transcrever na íntegra, até onde me for possível, a longa carta na qual Akeley apresentou-se e que constituiu um marco tão importante na minha própria história intelectual. A missiva já não se encontra mais em minha posse, porém a memória guarda praticamente cada palavra da agourenta mensagem que continha; e mais uma vez reafirmo a minha crença na sanidade do homem que a escreveu. Eis aqui o texto — um texto que chegou até mim nas garatujas convulsivas e arcaicas de alguém que obviamente havia mantido pouco contato com o mundo ao longo de uma solene carreira acadêmica.

R.F.D. #2,
Townshend, Windham Co.,
Vermont.

5 de maio de 1928.

Sr. Albert N. Wilmarth,
118 Saltonstall St.,
Arkham, Mass.

Meu caro senhor:

Li com vivo interesse a reprodução, no Brattleboro Reformer (23 de abril de 1928), da carta em que o senhor discute as recentes histórias sobre estranhos corpos avistados nas águas dos nossos córregos inundados no outono passado e o curioso folclore com o qual apresentam tantas semelhanças. Não é difícil compreender por que um forasteiro assumiria a posição que o senhor assume, nem por que o "Pendrifter" concorda com o senhor. Esta é a atitude geralmente adotada por pessoas cultas, tanto em Vermont quanto fora do estado, e foi a mesma atitude que adotei na minha juventude (hoje tenho 57 anos), até que os meus estudos, tanto os gerais quanto aqueles relativos ao livro de Davenport, levaram-me a explorar certos locais pouco conhecidos nas colinas da região.

Fui levado a esses estudos pelas antigas histórias que eu costumava ouvir de fazendeiros idosos e rústicos, mas hoje penso que teria sido melhor deixar o assunto de lado. Posso dizer, com a devida modéstia, que as disciplinas da antropologia e do folclore não me são estranhas. Estudei-as um bocado na universidade, e conheço muitos dos autores clássicos neste campo, tais como Tylor, Lubbock, Frazer, Quatrefages, Murray, Osborn, Keith, Boule, G. Elliot Smith e outros. Sei muito bem que histórias sobre raças ocultas são tão antigas quanto a humanidade. Li as reproduções das cartas escritas pelo senhor e por seus oponentes no Rutland Herald, e julgo saber em que pé encontra-se a controvérsia neste exato instante.

O que pretendo dizer agora é que temo que seus adversários estejam mais certos do que o senhor, embora toda a razão pareça estar ao seu lado. Eles estão mais próximos da verdade do que imaginam — pois é evidente que só se podem orientar pela teoria e não têm como saber o que sei. Se soubesse tão pouco quanto eles a respeito do assunto, eu não chegaria às conclusões que chegam. Sem dúvida eu estaria do seu lado.

Como o senhor percebe, estou tendo muita dificuldade para chegar até onde quero, talvez por medo de abordar o assunto; mas o essencial é que eu tenho certos indícios de que coisas monstruosas de fato habitam os bosques das colinas mais altas às quais ninguém se aventura. Não vi nenhum dos seres encontrados nos rios que os jornais noticiaram, mas já vi criaturas semelhantes em circunstâncias que menciono tomado por um profundo temor. Encontrei pegadas e, nos últimos tempos, avistei-as mais perto da minha casa (moro na antiga

residência dos Akeley, ao sul de Townshend Village e na encosta da Montanha Sombria) do que eu gostaria de admitir para o senhor neste momento. E já escutei vozes em certos pontos do bosque que não pretendo sequer tentar reproduzir no papel.

Em um determinado local eu as ouvi tantas vezes que cheguei a levar um fonógrafo até lá — com um ditafone e um cilindro de cera virgem — e pretendo arranjar um encontro para que o senhor possa ouvir a gravação que fiz. Toquei-a no fonógrafo para alguns dos antigos habitantes daqui, e uma das vozes quase os paralisou de medo em virtude da semelhança a uma certa voz (o zumbido nos bosques citado por Davenport) que suas avós costumam imitar e mencionar em histórias. Sei o que a maioria das pessoas pensa de um homem que afirma "ouvir vozes" — mas antes que o senhor tire qualquer conclusão, escute a gravação e pergunte aos habitantes das regiões mais afastadas o que pensam a respeito. Se puder encontrar alguma explicação racional, muito bem; mas deve haver algo mais por trás. Ex nihilo nihilo fit, como o senhor bem sabe.

Meu objetivo com esta carta não é começar uma polêmica, mas apenas lhe fornecer informações que julgo serem profundamente interessantes a um homem como o senhor. Esta correspondência é pessoal. Publicamente, estou do seu lado, pois certos acontecimentos mostraram-me que não é nada bom oferecer às pessoas muitos detalhes sobre esses assuntos. Meus próprios estudos são totalmente sigilosos, e eu jamais cogitaria dizer qualquer coisa para chamar a atenção das pessoas e levá-las a visitar as regiões que explorei. A verdade — a terrível verdade — é que existem criaturas inumanas observando-nos a cada passo graças a espiões que vivem coletando dados entre nós. Foi um desses coitados que, se ainda estava de posse das faculdades mentais (como eu julgo que estivesse), forneceu-me muitas das pistas relativas ao caso. Mais tarde o homem suicidou-se, mas tenho razões para crer que haja outros em seu lugar.

As criaturas vêm de outro planeta e são capazes de sobreviver no espaço interestelar e de atravessá-lo com asas poderosas que têm a capacidade de resistir ao éter, embora sejam demasiado canhestras para ter qualquer serventia aqui na Terra. Pretendo fornecer-lhe mais detalhes em uma ocasião vindoura se o senhor não me dispensar como sendo um louco. As criaturas vêm até aqui para extrair metais de jazidas profundas sob as colinas, e acho que sei de onde vêm. Não costumam ser agressivas, mas ninguém sabe o que pode acontecer se ficarmos demasiado curiosos. Claro, um exército de homens seria capaz de arrasar a colônia mineradora. Eis o temor das criaturas. No entanto, se isso acontecesse, reforços viriam de longe — em número inimaginável. Não teriam problema algum para dominar a Terra, mas até agora não tentaram nada parecido por não haver necessidade. Preferem deixar tudo como está a fim de evitar aborrecimentos.

Acho que pretendem livrar-se de mim por causa de tudo o que sei. Descobri uma grande pedra negra com inscrições hieroglíficas meio desgastadas nos bosques próximos a Round Hill, a leste daqui; e depois que a levei para casa tudo mudou. Se aquelas coisas acharem que sei demais, acabarão por matar-me, [] ou então por levar-me da Terra para o lugar de onde vêm. Elas gostam de levar homens com estudo de vez em quando para manterem-se informadas quanto ao estado das coisas no mundo humano.

Assim, chegamos ao meu segundo propósito ao escrever-lhe — a saber, uma súplica para que o senhor abafe o debate atual ao invés de promovê-lo. Precisamos manter as pessoas longe das colinas, e para atingir esse objetivo não podemos atiçar-lhes a curiosidade. Deus sabe que já existem riscos suficientes na situação atual, com investidores e agentes imobiliários enchendo Vermont de turistas ávidos por invadir os lugares ermos e salpicar as colinas de cabanas baratas no verão.

De bom grado receberei qualquer manifestação sua, e posso tentar enviar-lhe a gravação do fonógrafo e a pedra negra (tão desgastada que as fotografias não mostram muita coisa) por correio expresso se o senhor estiver interessado. Digo "tentar" porque acho que as criaturas encontraram uma forma de sabotar as coisas por aqui. Em uma fazenda perto do vilarejo mora um sujeito mal-humorado e furtivo chamado Brown, que imagino ser um espião. Aos poucos estou sendo isolado do nosso mundo por saber demais sobre o mundo das criaturas.

Elas têm uma maneira incrível de descobrir o que estou fazendo. Talvez o senhor sequer receba esta carta. Acho que se as coisas piorarem serei obrigado a deixar esta região do país para viver com o meu filho em San Diego, na Califórnia, mas não é fácil abandonar o lugar onde nasci e onde a minha família viveu por seis gerações. Eu tampouco me atreveria a vender minha residência para qualquer outra pessoa agora que as criaturas mantêm uma estreita vigilância sobre a casa. Parecem estar tentando recuperar a pedra negra e destruir a gravação do fonógrafo, mas farei todo o possível para impedi-los. Meus cães de guarda sempre as mantêm afastadas, pois ainda são poucas e têm dificuldades para se deslocar. Como eu disse, as asas têm pouca utilidade para voos curtos na Terra. Estou prestes a decifrar as inscrições na pedra — de maneira terrível — e, com o seu conhecimento de folclore, talvez o senhor tenha condições de fornecer-me os elos que faltam na cadeia. Imagino que o senhor esteja a par dos terríveis mitos anteriores à chegada do homem à Terra — os ciclos de Cthulhu e de Yog-Sothoth insinuados no Necronomicon. Certa vez tive acesso a esse tomo, e ouvi dizer que o senhor mantém um exemplar guardado a cadeado na biblioteca da sua universidade.

Para concluir, sr. Wilmarth, acho que podemos ser muito úteis um ao outro com nosso conhecimento em diferentes áreas de estudo. Não tenho a menor intenção de pôr o senhor em perigo, e devo alertá-lo de que a posse da pedra e da gravação não será exatamente segura; mas creio que o senhor esteja disposto a correr quaisquer riscos em nome do conhecimento. Irei até Newfane ou Brattleboro para enviar-lhe tudo o que o senhor autorizar-me a enviar, pois os correios expressos dessas cidades são mais confiáveis. Estou vivendo muito sozinho agora, uma vez que não tenho mais condições de manter criados. Eles recusam-se a permanecer aqui por causa das coisas que tentam aproximar-se da casa à noite e fazem os cães latir o tempo inteiro. Fico aliviado ao pensar que não investiguei o assunto tão a fundo enquanto a minha esposa era viva, pois ela sem dúvida teria enlouquecido.

Na esperança de não estar incomodando e de que o senhor resolva entrar em [] contato em vez de jogar esta carta no cesto de lixo por julgá-la obra de um lunático, permaneço sendo o seu

Henry W. Akeley

P.S. Estou providenciando reproduções de certas fotografias que tirei e que, segundo penso, ajudar-me-ão a provar algumas das alegações que fiz. Os habitantes mais antigos estão convencidos dessa monstruosidade. Hei de enviá-las ao senhor muito em breve caso esteja interessado. H.W.A.

Seria difícil descrever o que senti durante a primeira leitura desse estranho documento. Segundo o curso natural das coisas, eu deveria ter rido mais alto dessas extravagâncias do que das teorias muito mais comedidas que anteriormente me haviam provocado o riso; porém algo no tom da carta levou-me a encará-la com uma seriedade paradoxal. Não que eu tenha acreditado por um instante sequer na existência da raça estelar desconhecida que o meu correspondente mencionava; mas, após algumas dúvidas preliminares bastante graves, comecei a acreditar cada vez mais na sanidade e na sinceridade daquele homem, e no confronto com um fenômeno genuíno, embora singular e aberrante, que não podia ser explicado senão em termos imaginativos. A situação não poderia ser tal como a concebia, mas, por outro lado, sem dúvida era digna de uma investigação mais detalhada. O homem parecia indevidamente perturbado e alarmado em relação a alguma coisa, mas era difícil aceitar que não houvesse causa alguma. A maneira como se expressava era muito específica e lógica — e, além do mais, a história ajustava-se de maneira impressionante aos velhos mitos — e até mesmo às lendas indígenas mais delirantes.

Que tivesse escutado vozes perturbadoras nas colinas e de fato encontrado a pedra negra que mencionava era totalmente possível, apesar das conclusões malucas que havia tirado — interferências provavelmente causadas pelo homem que se havia declarado espião dos seres extraterrenos e mais tarde cometido suicídio. Era fácil deduzir que se tratava de um louco irremediável, embora uma lógica externa consistente fizesse com que o ingênuo Akeley — predisposto a tais coisas em virtude dos estudos de folclore — acreditasse na história. Quanto aos desdobramentos ulteriores — a impossibilidade de encontrar empregados dispostos a trabalhar fornecia indícios de que os vizinhos rústicos de Akeley também estavam convencidos de que sua casa sofria o cerco de criaturas fantásticas à noite. Também era verdade que os cães latiam.

Quanto à gravação do fonógrafo, eu não tinha motivo para acreditar que a tivesse obtido de outro modo senão como havia mencionado. Aquilo devia indicar a existência de alguma coisa; fosse algum ruído animal enganosamente similar à voz humana, fosse a fala de algum ser humano oculto e noctambulante reduzido a um estado pouco superior ao das bestas. Contudo, logo meus pensamentos voltaram-se à pedra negra com inscrições hieroglíficas e às especulações relativas ao seu significado. E quanto às fotografias que Akeley disse estar prestes a me enviar e que os moradores mais antigos haviam achado tão terríveis?

Enquanto eu relia a caligrafia convulsiva, senti com uma intensidade até então desconhecida que os meus crédulos oponentes poderiam ter muito mais a seu favor do que eu estivera disposto a admitir até então. Afinal, poderiam existir párias estranhos e deformados por alguma condição hereditária nas colinas inacessíveis, ainda que não constituíssem uma raça de monstros estelares como o folclore afirmava. E, caso existissem, então a presença de corpos estranhos nos córregos inundados não seria de todo implausível. Seria pretensão demais supor que tanto as velhas lendas quanto os relatos mais recentes estivessem calcados na realidade? Entretanto, ao mesmo tempo que as dúvidas surgiam, eu sentia vergonha ao perceber que haviam sido motivadas por um espécime de bizarria tão extravagante quanto a carta de Henry Akeley.

No fim, respondi a carta de Akeley em um tom de interesse amistoso, solicitando mais detalhes. A resposta veio quase no correio seguinte; e trouxe-me, conforme o prometido, algumas fotografias das cenas e objetos mencionados no relato anterior. Ao examinar as fotografias à medida que as retirava do envelope, fui tomado por uma sensação de pavor e de proximidade a conhecimentos ocultos; pois, apesar do caráter vago, quase todas as imagens tinham um espantoso poder sugestivo tornado ainda mais intenso pelo fato de serem fotografias genuínas — evidências com uma ligação óptica factual àquilo que representavam e produtos de um processo impessoal de transmissão, que excluía os preconceitos, as falhas e a mendacidade.

Quanto mais eu as observava, mais eu percebia que a minha avaliação séria a respeito de Akeley e da história que me havia oferecido não fora desprovida de fundamento. Aquelas fotografias eram provas conclusivas de que nas colinas de Vermont existia alguma coisa fora da esfera comum do conhecimento e das crenças humanas. O pior de tudo era a pegada — uma imagem captada no momento em que o sol brilhava sobre o barro em algum terreno elevado e deserto. De cara, pude perceber que não se tratava de uma falsificação; os cascalhos e as folhas de grama nitidamente visíveis ofereciam um índice claro em relação à escala e excluíam a possibilidade de uma montagem ardilosa. Embora eu tenha usado o termo "pegada", não se tratava do rastro deixado por um pé, mas por uma garra. Ainda hoje me é difícil descrevê-la, e pouco tenho a dizer além de que guardava uma semelhança horripilante com as marcas deixadas por um caranguejo e que não era possível determinar com certeza a direção do movimento. Não era um rastro muito profundo nem muito recente, mas parecia ter o tamanho aproximado de um pé humano. A partir de um apoio central, pares de garras serrilhadas projetavam-se em direções opostas — e a função daquilo parecia um tanto enigmática se, de fato, a estrutura fosse um órgão de locomoção.

Outra fotografia — sem dúvida tirada com exposição prolongada na escuridão profunda — mostrava a entrada de uma caverna na floresta obstruída por uma enorme rocha de formato esférico. No chão nu, percebia-se um denso emaranhado de curiosos rastros, e, ao estudar a fotografia com uma lupa, tive uma certeza cada vez mais perturbadora de que os rastros eram como aqueles visíveis no outro cenário. Uma terceira fotografia mostrava um círculo de pedras ao estilo druídico no alto de uma colina inexplorada. Ao redor do misterioso círculo, a grama estava muito pisoteada e gasta, embora eu não tenha detectado nenhuma pegada sequer com a ajuda da lupa. O extremo isolamento do local ficava evidente a partir do verdadeiro oceano de montanhas desabitadas que ocupava o segundo plano e estendia-se em direção à névoa do horizonte.

Mas se a imagem mais perturbadora era a da pegada, a mais sugestiva era a da grande pedra negra encontrada nos bosques de Round Hill. Com certeza Akeley havia fotografado o objeto em cima da mesa de seu estúdio, pois fileiras de livros e um busto de Milton eram visíveis ao fundo. A coisa, até onde se podia supor, aparecia de frente para a câmera, em posição vertical e com uma superfície curva levemente irregular de trinta por sessenta centímetros; mas qualquer descrição mais exata da superfície ou do contorno geral daquela massa rígida quase extrapola os limites da linguagem. Que princípios geométricos extraordinários haveriam guiado a lapidação — pois com certeza tratava-se de uma lapidação artificial — eu não conseguia sequer imaginar; e jamais tinha visto qualquer outra coisa que me parecesse tão estranha e indubitavelmente alienígena. Quanto aos hieróglifos na superfície, consegui discernir poucos, mas

um ou dois provocaram-me um choque nada desprezível. Claro que tudo poderia ser uma fraude, pois outros além de mim já haviam lido o monstruoso e abominável *Necronomicon*, escrito por Abdul Alhazred, o árabe louco; mesmo assim, estremeci ao reconhecer certos ideógrafos que o estudo fazia-me associar aos sussurros blasfemos e de enregelar o sangue oriundos de coisas que haviam passado por uma espécie de semiexistência insana antes que a Terra e os demais mundos pertencentes ao sistema solar fossem criados.

Das cinco imagens restantes, três representavam pântanos e colinas que pareciam apresentar resquícios de uma habitação ignota e repulsiva. Outra mostrava uma estranha marca no chão próximo à casa de Akeley, que dizia tê-la fotografado pela manhã após uma noite em que os cães haviam latido com uma violência maior do que a habitual. A imagem era pouco nítida e não oferecia nenhuma resposta definitiva; mas era extremamente semelhante àquela outra marca, possivelmente de uma garra, registrada na desolação do terreno elevado. A última fotografia mostrava a residência de Akeley; uma casa branca bem conservada de dois andares e sótão, com cerca de um século e um quarto, com um gramado bem cuidado e uma estradinha ladeada por pedras que levava a um elegante pórtico entalhado no estilo georgiano. Havia diversos cães de guarda no gramado, sentados próximos a um homem de expressão simpática com uma barba grisalha cortada rente que julguei ser Akeley — ao mesmo tempo o fotógrafo da cena, como se podia deduzir a partir do dispositivo ligado a um tubo que segurava na mão direita.

Depois de examinar as fotografias, voltei minha atenção à carta de caligrafia miúda que as acompanhava; e pelas três horas seguintes afundei em um abismo de horror indescritível. Nesta segunda correspondência, Akeley ofereceu detalhes minuciosos em vez dos meros esboços de nosso primeiro contato; apresentou longas transcrições de palavras ouvidas à noite nos bosques, extensos relatos de monstruosos vultos rosados avistados entre os arbustos durante o crepúsculo nas colinas e uma terrível narrativa cósmica resultante de sua profunda e variada erudição aplicada aos intermináveis discursos proferidos pelo suposto espião louco que havia cometido suicídio. Vi-me diante de nomes e termos que eu sabia estarem associados a horrores indescritíveis — Yuggoth, Grande Cthulhu, Tsathoggua, Yog-Sothoth, R’lyeh, Nyarlathotep, Azathoth, Hastur, Yian, Leng, o Lago de Hali, Bethmoora, o Símbolo Amarelo, L’mur-Kathulos, Bran e o Magnum Innominandum — e fui levado de volta no tempo, através de éons inomináveis e dimensões inconcebíveis, até os mundos da entidade ancestral e extraterrena cuja existência o autor enlouquecido do *Necronomicon* havia insinuado apenas da maneira mais vaga possível. Li sobre os abismos da vida primitiva e os córregos que haviam fluído a partir de lá; e, por fim, sobre a

minúscula ramificação de um destes córregos que se havia unido ao destino da nossa própria Terra.

Meus pensamentos rodopiavam; e, em vez de buscar as explicações anteriores, comecei a acreditar nos mais extraordinários e fantásticos portentos. O leque de evidências relevantes era amplo e contundente; e a postura científica e desapaixonada de Akeley — uma postura sem nenhum resquício de demência, fanatismo, histeria ou mesmo de especulações extravagantes — teve um efeito avassalador sobre os meus pensamentos e o meu juízo. Quando pus a horripilante carta de lado, finalmente compreendi os temores do meu correspondente, e sentime disposto a fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para manter as pessoas longe das colinas ermas e assombradas. Mesmo agora que o tempo já suavizou o choque e levou-me, de certo modo, a questionar a minha própria experiência e as minhas dúvidas atrozes, existem certas coisas na carta de Akeley que prefiro não mencionar, ou sequer traçar no papel. Sinto-me quase aliviado agora que a carta e a gravação e as fotografias se foram — e gostaria, por razões que logo ficarão claras, que o novo planeta além de Netuno não tivesse sido descoberto.

Após a leitura da carta, meu debate público sobre o horror de Vermont terminou por completo. Os argumentos dos meus oponentes ficaram sem réplica ou tiveram a resposta postergada, e passado algum tempo a controvérsia foi esquecida. Durante o fim de maio e o mês de junho mantive uma correspondência constante com Akeley; embora de vez em quando uma ou outra carta fosse extraviada, o que nos obrigava a retraçar o caminho percorrido e a ter o trabalho de providenciar novas cópias. Nosso objetivo mútuo era comparar anotações relativas à nossa erudição em assuntos mitológicos obscuros a fim de estabelecer uma correlação mais exata entre os horrores de Vermont e as características genéricas das lendas primitivas mundo afora.

Logo no início, decidimos que aquelas aberrações e os demoníacos *Mi-Go* do Himalaia pertenciam à mesma ordem de pesadelo encarnado. Também havia conjecturas zoológicas muito interessantes, que eu teria levado ao conhecimento do professor Dexter, meu colega na universidade, se não fosse pela ordem peremptória de Akeley para que eu não informasse mais ninguém a respeito do assunto sobre o qual nos debruçávamos. Se hoje pareço desobedecer a essa ordem, é apenas porque julgo que a esta altura um alerta relativo às colinas mais afastadas de Vermont — e também àqueles picos do Himalaia que os exploradores parecem cada vez mais determinados a escalar — presta maior serviço à segurança pública do que o silêncio. Estivemos a ponto de decifrar os hieróglifos na infame pedra negra — uma descoberta que poderia muito bem ter nos revelado segredos mais profundos e mais vertiginosos do que qualquer outro conhecido pelo homem até então.

III.

No fim de junho, recebi a gravação do fonógrafo — enviada a partir de Brattleboro, uma vez que Akeley estava desconfiado em relação às condições do ramal ferroviário mais ao norte. Meu correspondente achava que a vigilância das criaturas estava cada vez mais rigorosa — um sentimento agravado ainda mais pelo extravio de certas correspondências; e falou muito a respeito dos atos insidiosos de certos homens que julgava serem instrumentos e agentes das criaturas ocultas. Desconfiava sobretudo de Walter Brown, um fazendeiro rabugento que morava em uma casa decrépita numa encosta próxima aos bosques mais profundos e que muitas vezes era visto andando sem rumo pelas esquinas de Brattleboro, Bellows Falls, Newfane e South Londonderry nas circunstâncias mais inexplicáveis e imotivadas que se pode imaginar. Akeley estava convencido de que a voz de Brown era uma das que havia escutado certa vez durante uma terrível conversa; e em outra oportunidade havia descoberto, próximo à casa do homem, o rastro de um pé ou de uma garra que poderia estar revestido de um significado fatídico. O rastro estava muito próximo a pegadas do próprio Brown — pegadas que estavam de frente para a coisa.

Assim, a gravação foi enviada de Brattleboro depois que Akeley dirigiu seu velho Ford até lá, em meio às solitárias estradas secundárias de Vermont. No bilhete que acompanhava o pacote, confessou-me que havia começado a temer as estradas e que não se atrevia mais a ir até Townshend para fazer as compras, salvo à luz do dia. Não se cansava de repetir que não valia a pena saber demais a não ser que estivesse longe das colinas silentes e problemáticas. Logo iria morar na Califórnia com o filho, embora fosse difícil abandonar o lugar onde estavam concentradas todas as suas memórias e sentimentos ancestrais.

Antes de pôr o cilindro no equipamento que eu havia tomado de empréstimo à administração da universidade, recapitulei com grande atenção todas as explicações pertinentes contidas nas várias cartas de Akeley. A gravação, segundo afirmava, fora obtida por volta da uma hora da manhã no dia primeiro de maio de 1915, próximo à entrada bloqueada de uma caverna no ponto em que a encosta oeste da Montanha Sombria encontra o Pântano de Lee. O lugar sempre fora infestado por estranhas vozes, e foi este o motivo que inspirou Akeley a levar consigo o ditafone e um cilindro virgem na esperança de obter algum registro. Experiências anteriores haviam demonstrado que a Noite de Walpurgis — a pavorosa noite do Sabá nas religiões europeias ocultas — provavelmente seria mais frutífera do que qualquer outra data, e o homem não se decepcionou. Contudo, cabe notar que nunca mais ouviu vozes naquele local específico.

Ao contrário da maioria das vozes ouvidas na floresta, a maior parte da gravação apresentava características quase rituais e incluía uma voz indubitavelmente humana que Akeley jamais conseguira identificar. Não era a de Brown, pois parecia ser a voz de um homem mais culto. A segunda voz, no entanto, era o ponto fulcral da coisa — pois se tratava do odioso *zumbido* que não tinha nenhuma semelhança à voz humana, apesar das palavras humanas que pronunciava segundo as regras da gramática inglesa e com um sotaque erudito.

O fonógrafo e o ditafone não haviam funcionado bem o tempo inteiro, e o ambiente remoto e de acústica abafada onde o ritual foi gravado não contribuiu em nada; de modo que os trechos efetivamente registrados tinham um caráter muito fragmentário. Akeley forneceu-me uma transcrição do que acreditava serem as palavras proferidas, e mais uma vez lancei os olhos ao papel enquanto preparava a máquina para reproduzir os sons. O texto, em vez de apresentar horrores evidentes, parecia envolto em um mistério insondável, embora o conhecimento de sua origem e da maneira de sua obtenção conferissem-lhe um horror associativo que ultrapassava as meras palavras. Proponho-me a apresentá-lo aqui na íntegra — e tenho a certeza de sabê-lo de cor, não apenas porque li a transcrição, mas porque escutei a gravação inúmeras vezes uma atrás da outra. Não é algo fácil de esquecer!

(SONS INDISTINTOS)

(VOZ DE UM HOMEM CULTO)

…é o Senhor do Bosque, até… e as dádivas dos homens de Leng… das origens da noite aos abismos do espaço, e dos abismos do espaço às origens da noite, louvor eterno ao Grande Cthulhu, e a Tsathoggua, e Àquele Que Não Se Deve Nomear. Louvor eterno a Eles, e abundância para o Bode Negro do Bosque. Iä! Shub-Niggurath! O Bode com a Prole de Mil Filhotes!

(ZUMBIDO IMITANDO A VOZ HUMANA)

Iä! Shub-Niggurath! O Bode Negro do Bosque com a Prole de Mil Filhotes!

(VOZ HUMANA)

E sucedeu que o Senhor do Bosque, por ser… sete e nove, descendo os degraus de ônix… (tri)butos Àquele que Vive no Abismo, Azathoth, sobre Quem Tu contaste-nos marav(ilhas)… nas asas do noite para além do espaço, para além

d… até Aquilo cuja cria mais nova é Yuggoth, girando sozinho no longínquo éter negro…

(ZUMBIDO)

…andar entre os homens e descobrir o caminho, para que Aquele que Vive no Abismo possa saber. Para Nyarlathotep, o Poderoso Mensageiro, tudo deve ser dito! E Ele há de assumir a forma dos homens, a máscara pálida e o manto ocultador, para vir desde o mundo dos Sete Pecados escarnecer…

(VOZ HUMANA)

…(Nyarl)athotep, Grande Mensageiro, portador de estranhas alegrias para Yuggoth através do limbo! Pai do Milhão de Favorecidos, à espreita em meio…

(FALA CORTADA PELO TÉRMINO DA GRAVAÇÃO)

Eis as palavras que escutei ao ligar o fonógrafo. Foi com um sentimento de verdadeiro pavor e relutância que acionei a alavanca e escutei os chiados preliminares emitidos pela ponta de safira, e sentime aliviado ao perceber que os primeiros fragmentos eram proferidos por uma voz humana — uma voz culta e mansa que parecia ter um leve sotaque de Boston e com certeza não pertencia a nenhum nativo das colinas de Vermont. Enquanto escutava o tênue e sugestivo registro, percebi que a fala correspondia exatamente a transcrição preparada com todo o cuidado por Akeley. Ouvi a entonação do cântico, feita com um suave sotaque bostoniano… “Iä! Shub-Niggurath! O Bode com a Prole de Mil Filhotes!…”

Então escutei *a outra voz*. Ainda estremeço ao recordar da maneira como aquilo me atingiu, embora eu estivesse preparado pelos relatos de Akeley. Todos aqueles para quem descrevi a gravação até hoje são categóricos em afirmar que me envolvi com um vigarista ou com um louco; porém, *se pudessem ouvir aquela coisa maldita por si próprios*, ou ler toda a correspondência de Akeley (em particular a terrível e enciclopédica segunda carta), sei que mudariam de opinião. No fim, é uma grande lástima que eu não tenha desobedecido a Akeley e tocado a gravação para outras pessoas — e uma lástima igualmente grande que toda a correspondência dele tenha se perdido. Para mim, o contato direto com a gravação e o conhecimento a respeito da história e das circunstâncias que lhe

diziam respeito conferiram ao zumbido o caráter de uma coisa monstruosa. Este se fez ouvir logo após a voz humana nas respostas rituais, mas na minha imaginação aquilo não passava de um eco batendo asas em meio a abismos inconcebíveis de infernos extraterrenos inconcebíveis. Faz mais de dois anos desde que toquei o blasfemo cilindro de cera pela última vez; mas, neste exato momento, bem como em qualquer outro, ainda posso ouvir aquele zumbido tênue e demoníaco tal como chegou até mim na primeira audição.

"Iä! Shub-Niggurath! O Bode Negro do Bosque com a Prole de Mil Filhotes!"

No entanto, mesmo que a voz ecoe o tempo inteiro em meus ouvidos, sequer pude analisá-la o suficiente para empreender uma análise gráfica. Era como o zunido de um asqueroso inseto gigante moldado à fala articulada de uma espécie desconhecida, e tenho certeza de que os órgãos que o produziram não podem ter semelhança alguma aos órgãos vocais do homem, ou mesmo aos de qualquer outro mamífero. Havia certas singularidades de timbre, alcance e sobretons que punham o fenômeno completamente fora da esfera da humanidade e da vida terrena. Durante a primeira audição, a chegada súbita daquele som quase me fez desfalecer, e escutei o restante da gravação em uma espécie de estupor. Quando a passagem mais longa do zumbido tocou, percebi um considerável aumento na sensação de infinitude blasfema que havia se apoderado de mim durante a primeira passagem mais curta. Por fim a gravação terminou de maneira abrupta, em um trecho particularmente claro falado pela voz humana com sotaque de Boston; mas permaneci um longo tempo apenas olhando abismado depois que o mecanismo parou.

Mal preciso dizer que escutei a horripilante gravação várias outras vezes, e que fiz tentativas minuciosas de análise e comentário comparando as minhas anotações às de Akeley. Seria não apenas inútil, mas também inquietante reproduzir todas as nossas conclusões; mas posso dizer que chegamos a um acordo quanto a ter obtido indícios relativos à origem de alguns dos costumes mais repulsivos e primordiais pertencentes às antigas religiões crípticas da humanidade. Também nos pareceu claro que existiam alianças elaboradas e ancestrais entre as criaturas siderais e certos membros da raça humana. Qual era o alcance dessas alianças e em que estado encontram-se hoje, quando comparadas às épocas passadas, não havia meio de descobrir; mas na melhor das hipóteses havia espaço para uma quantidade ilimitada de horrendas especulações. Parecia haver uma ligação pavorosa e imemorial em vários estágios definidos entre o homem e a infinitude inominável. As blasfêmias que apareceram na Terra, ao que tudo indicava, eram oriundas do negro planeta Yuggoth, nos confins do sistema

solar; que, por sua vez, era apenas o posto avançado de uma pavorosa raça interestelar cujas origens últimas devem estar muito além até mesmo do *continuum* espaço-tempo einsteiniano ou do mais vasto universo conhecido.

Nesse ínterim, continuamos a discutir a pedra negra e a melhor maneira de transportá-la até Arkham — pois Akeley julgava arriscado que eu o visitasse no local de seus infaustos estudos. Por um ou outro motivo, Akeley mostrava-se indisposto a confiar o objeto a qualquer rota de transporte corriqueira ou previsível. A ideia definitiva foi a de atravessar o condado até Bellows Falls para despachá-lo em um trem da Boston & Maine que passaria por Keene, Winchendon e Fitchburg, embora para tanto fosse necessário dirigir por estradas mais desertas, mais acidentadas e com mais florestas do que a autoestrada até Brattleboro. Akeley afirmou ter visto um homem rondando a agência postal de Brattleboro no dia em que me enviou a gravação do fonógrafo, com uma atitude e uma expressão que não contribuíram em nada para tranquilizá-lo. O homem parecia ansioso por falar com os atendentes, e pegou o mesmo trem em que a gravação foi despachada. Meu correspondente admitiu que ficou preocupado com a gravação até o dia em que acusei o recebimento.

Por essa época — na segunda semana de julho — outra carta minha foi extraviada, conforme fiquei sabendo por meio de um nervoso comunicado de Akeley. Após o incidente, pediu que eu não mais enviasse correspondências ao endereço de Townshend, mas diretamente à posta-restante de Brattleboro; encarregar-se-ia de fazer viagens frequentes até lá, fosse de carro ou com a linha de ônibus que pouco tempo atrás havia substituído o transporte de passageiros pelo ramal da ferrovia. Eu percebia que o homem estava cada vez mais angustiado, pois lançava-se em discussões minuciosas sobre o aumento no latido dos cachorros durante as noites sem lua e as marcas de garras que às vezes descobria na estrada e no barro atrás da propriedade quando o dia raiava. Certa vez, contou-me que um verdadeiro exército de rastros havia desenhado uma linha de frente para outra linha igualmente grossa e decidida de pegadas dos cães, e mandou uma inquietante fotografia à guisa de prova. Fora uma noite em que os cães haviam se superado nos latidos e nos uivos.

Na manhã de quarta-feira, dia 18 de julho, recebi um telegrama de Bellows Falls, no qual Akeley comunicava o envio da pedra negra pela B&M no trem de prefixo 5508, que sairia de Bellows Falls às 12h15 e deveria chegar à North Station, em Boston, às 16h12. Calculei que deveria chegar a Arkham na manhã seguinte; e, tal como convinha, passei toda a manhã de quinta-feira em casa a fim de recebê-la. Mas a manhã passou sem que nada chegasse, e quando telefonei para o escritório dos correios fui informado de que não havia nenhum pacote em meu nome. Minha reação seguinte, em meio a uma tensão crescente, foi fazer uma ligação de longa distância para o agente dos correios na North Station de

Boston; e não foi grande surpresa descobrir que a minha encomenda não havia aparecido. O trem de prefixo 5508 havia chegado com apenas 35 minutos de atraso no dia anterior, mas não continha nenhuma caixa endereçada a mim. O agente comprometeu-se, no entanto, a averiguar o ocorrido; e terminei o dia enviando uma carta noturna para Akeley com um resumo da situação.

Com louvável presteza, recebi um contato do escritório de Boston na tarde seguinte, assim que o agente inteirou-se dos fatos. O despachante do expresso 5508 recordava um incidente que poderia estar ligado ao extravio da minha encomenda — uma discussão com um homem de voz extremamente peculiar, magro, loiro e rústico, ocorrida enquanto o trem estava parado em Keene, New Hampshire, logo após a uma hora da tarde.

Esse homem, ainda segundo o relato, mostrou-se um tanto exasperado em relação a uma pesada caixa que afirmou estar esperando, mas que não estava no trem nem constava nos livros da companhia. Havia se identificado como Stanley Adams, e em sua voz havia um zumbido tão forte e tão pronunciado que o despachante sentiu-se zonzo e sonolento ao escutá-lo. O despachante não conseguia recordar como a conversa havia terminado, mas lembrava-se de ter acordado quando o trem voltou a andar. O agente de Boston acrescentou que o despachante em questão era um jovem da mais absoluta sinceridade e confiança, com antecedentes conhecidos e empregado havia tempo pela companhia.

Depois de obter o nome e o endereço do despachante com o escritório da agência, fui na mesma noite até Boston para encontrá-lo. Era um sujeito franco e simpático, mas percebi que não teria nada a acrescentar ao relato inicial. Afirmou não ter certeza de que pudesse sequer reconhecer o estranho interlocutor. Ao perceber que o funcionário não teria nada mais a dizer, retornei para Arkham e fiquei sentado até o amanhecer escrevendo cartas para Akeley, para a companhia de correio expresso e para o departamento de polícia e o agente da estação em Keene. Senti que o homem de voz estranha que havia exercido uma influência tão estranha sobre o despachante deveria ocupar uma posição estratégica em todo aquele infausto negócio, e torci para que os empregados da estação de Keene e os registros telegráficos pudessem dizer-me alguma coisa sobre ele e sobre como havia feito seus questionamentos no lugar e na hora em que os fez.

Devo admitir, contudo, que as minhas investigações não deram em nada. O homem de voz estranha de fato foi avistado nos arredores da estação de Keene na tarde do dia 18 de julho, e um desocupado parecia ter uma vaga lembrança do homem e de algo relativo a uma pesada caixa; mas o sujeito era totalmente desconhecido, e não fora visto nem antes nem depois do episódio. Segundo as minhas apurações, não havia visitado o escritório de telégrafos nem recebido mensagem alguma, tampouco enviado qualquer mensagem que pudesse comunicar a presença da pedra negra no trem de prefixo 5508 para outra pessoa.

Naturalmente, Akeley dispôs-se a me ajudar nas investigações e chegou a fazer uma viagem até Keene para entrevistar as pessoas ao redor da estação; mas a atitude que adotou em relação ao assunto foi mais fatalista do que a minha. Parecia considerar o extravio da caixa uma concretização agourenta e ameaçadora de tendências inevitáveis e não tinha nenhuma esperança concreta de reavê-la. Falou sobre os indubitáveis poderes telepáticos e hipnóticos das criaturas nas colinas e de seus agentes, e em uma carta insinuou não acreditar que a rocha ainda estivesse na Terra. De minha parte, fui tomado por uma fúria compreensível, pois eu sentira que haveria pelo menos uma chance de aprender coisas profundas e impressionantes com aqueles hieróglifos antigos e desgastados. Eu teria ficado a ruminar o assunto se as cartas seguintes de Akeley não houvessem iniciado uma nova fase relativa ao horripilante problema das colinas que de pronto ocupou toda a minha atenção.

IV.

As criaturas desconhecidas, escreveu Akeley em uma caligrafia trêmula de dar pena, haviam começado a se aproximar com uma determinação jamais vista. Os latidos noturnos dos cães eram horríveis nas noites de lua encoberta ou ausente, e as criaturas haviam tentado atacá-lo nas estradas solitárias que tinha de atravessar à luz do dia. No dia dois de agosto, enquanto seguia até o vilarejo de carro, descobriu um tronco de árvore deixado pelo caminho em um ponto onde a estrada passava por um denso bosque; enquanto os latidos selvagens dos dois enormes cães que tinha consigo davam sinais claros quanto à natureza das coisas que estavam à espreita nos arredores. O que teria acontecido se os cães não estivessem lá, não se atrevia a imaginar — e desde então não saiu mais sem a companhia de pelo menos dois animais de sua leal e robusta matilha. Outros incidentes na estrada ocorreram nos dias cinco e seis de agosto; em uma ocasião, um tiro acertou o carro de raspão, e na outra o latido dos cães denunciou presenças blasfemas no bosque.

Em 15 de agosto recebi uma carta desesperada que me causou grandes perturbações e levou-me a desejar que Akeley esquecesse de toda aquela reticência solitária e invocasse a ajuda da lei. Na madrugada do dia doze para o dia treze aconteceram coisas terríveis; balas voaram ao redor da propriedade e, na manhã seguinte, três dos doze cães foram encontrados mortos. Na estrada havia miríades de rastros em formato de garras, em meio às quais percebiam-se as pegadas humanas de Walter Brown. Akeley havia telefonado para Brattleboro a fim de providenciar mais cães, mas a linha ficou muda antes que pudesse falar muita coisa. Mais tarde, foi a Brattleboro de carro e lá o informaram de que três técnicos haviam descoberto que o principal cabo telefônico fora cortado no ponto

em que passava pelas colinas desertas a norte de Newfane. Mesmo assim, resolveu voltar para casa com quatro novos cães e várias caixas de munição para o rifle de caça. A carta foi escrita na agência de correio de Brattleboro e chegou até mim sem demora.

Minha atitude em relação ao assunto logo deixou de ser científica e transformou-se em uma alarmante preocupação pessoal. Temi por Akeley naquela fazenda remota e solitária, e um pouco também por mim ao lembrar da minha ligação definitiva com o estranho problema das colinas. A coisa *aproximava-se aos poucos*. Será que também haveria de arrastar-me e engolir-me? Na minha resposta à carta, pedi a Akeley não tardasse em buscar ajuda, e insinuei de outra forma que eu mesmo poderia agir. Contrariando os desejos expressos do meu correspondente, dispus-me a fazer uma visita a Vermont para ajudá-lo a explicar a situação para as autoridades competentes. Como resposta, no entanto, chegou-me apenas um telegrama de Bellows Falls que dizia o seguinte:
aprecio a disposicão mas nada posso fazer. não aja sozinho pois prejudicaria a nós dois. aguarde mais explicações.

henry akely

O assunto ficou cada vez mais misterioso. Quando respondi o telegrama, recebi um bilhete trêmulo de Akeley com a surpreendente notícia de que não apenas não havia mandado telegrama algum como tampouco havia recebido a carta que este respondia. Uma investigação feita às pressas em Bellows Falls relevou que a mensagem fora enviada por um estranho homem loiro com uma estranha voz grave, que mais parecia um zumbido, embora não tenha revelado mais nada. O funcionário do balcão mostrou-lhe o texto original rabiscado a lápis pelo remetente, mas a caligrafia era-lhe completamente desconhecida. O nome também continha um erro — o telegrama fora assinado *a-k-e-l-y*, sem o segundo "*e*". Certas conjecturas eram inevitáveis; porém, em meio à evidente crise, Akeley não se deteve para examiná-las em detalhe.

Falou sobre a morte de mais alguns cães e a compra de outros tantos, e sobre a troca de tiros que se havia tornado rotineira em todas as noites sem lua. As pegadas de Brown e de pelo menos mais um ou dois calçados diferentes haviam se tornado uma ocorrência rotineira entre as marcas de garras, tanto na estrada como nos fundos da propriedade. A situação, como o próprio Akeley reconhecia, não era nada boa; e provavelmente teria de ir morar com o filho na Califórnia dentro de pouco tempo, independente de conseguir ou não vender a antiga residência. Mas não era fácil deixar o único lugar onde se sentia em casa. Tentaria resistir um pouco mais; talvez conseguisse afastar os intrusos — em especial se abandonasse explicitamente as tentativas de desvendar esses mistérios.

Ato contínuo, escrevi mais uma carta a Akeley e mais uma vez falei em visitá-lo e em ajudá-lo a convencer as autoridades do grave perigo que corria. Na

resposta, meu correspondente pareceu menos intransigente do que sua atitude anterior levaria a crer, mas afirmou que gostaria de resistir por mais um tempo — tempo suficiente para pôr as coisas em ordem e fazer as pazes com a ideia de deixar para trás a terra natal que celebrava com uma obstinação quase mórbida. As outras pessoas torciam a cara para seus estudos e especulações, e seria melhor sair discretamente, sem começar um tumulto na região ou dar motivo para que lhe pusessem a sanidade em xeque. Akeley reconheceu que já estava farto da situação, mas, dentro do possível, gostaria de ir embora de maneira digna.

Essa carta chegou até mim no dia vinte e oito de agosto, e logo tratei de escrever e enviar a resposta mais encorajadora que pude conceber. O incentivo parece ter funcionado, pois Akeley relatou menos terrores quando acusou o recebimento da minha correspondência. Mesmo assim, não pareceu muito otimista e manifestou a crença de que apenas a lua cheia era responsável pelo sumiço das criaturas. Torcia para que não houvesse muitas noites de névoa e fez alguns comentários vagos sobre alojar-se em Brattleboro quando a lua sumisse. Mais uma vez escrevi dando-lhe forças, mas no dia cinco de setembro recebi uma correspondência que sem dúvida havia se cruzado com a minha carta nos correios; e à qual não pude oferecer respostas esperançosas. Em vista da importância desse documento, julgo ser mais apropriado apresentá-lo na íntegra — tentando reproduzir, da maneira mais exata possível, as minhas lembranças da trêmula caligrafia. O conteúdo era o seguinte:

Segunda-feira.

Caro Wilmarth

Um P.S. bastante desanimador à minha última correspondência. A noite passada foi muito nebulosa — embora não tenha chovido — e assim o luar ficou totalmente bloqueado. A situação piorou um bocado e acho que está próxima do fim, malgrado os nossos melhores votos. Depois da meia-noite alguma coisa pousou no teto da casa e todos os cães foram correndo ver do que se tratava. Ouvi rosnados e sons de coisas se rasgando até que um dos animais, saltando a partir de uma ala mais baixa da casa, conseguiu chegar ao telhado. Houve um embate violento lá em cima, e escutei um zumbido horripilante que jamais hei de esquecer. Logo veio um forte odor nauseabundo. Quase ao mesmo tempo, balas perfuraram as vidraças e por pouco não me atingiram. Acho que a principal fileira das criaturas aproximou-se da casa quando os cães se dividiram por causa do tumulto no telhado. Ainda não sei ao certo o que aconteceu lá em cima, mas temo que as criaturas estejam aprendendo a manobrar melhor com as asas. Desliguei a luz e usei as janelas como seteiras, e então disparei meu rifle em todas as direções possíveis, mirando apenas alto o suficiente para não alvejar os cães. O expediente pareceu dar conta do recado, mas pela manhã descobri enormes poças de sangue no pátio, ao lado de poças de uma substância verde e viscosa com um odor repelente ao extremo. Subi até o telhado e encontrei mais da substância verde lá em cima. Cinco dos cães estavam mortos — acredito ter matado um deles ao mirar baixo demais, pois encontrei-o com um tiro nas costas. Agora estou arrumando as vidraças estilhaçadas pelos tiros para ir a Brattleboro em busca de mais cães. Acho que os donos dos canis devem me tomar por louco. Logo torno a dar notícias. Imagino que estarei pronto para a mudança dentro de uma ou duas semanas, embora eu quase morra só de pensar a respeito.

Às pressas —

Akeley

Mas essa não foi a única carta de Akeley a cruzar-se com a minha. Na manhã seguinte — no dia seis de setembro —, recebi ainda outra; desta vez garatujas frenéticas que me perturbaram ao extremo e deixaram-me sem saber o que dizer ou fazer a seguir. Mais uma vez, não tenho nada melhor a fazer senão citar o texto da maneira mais fiel possível.

Terça-feira.

As nuvens não se desfizeram, então nada de lua outra vez — e logo a seguir vem a lua minguante. Eu mandaria instalar uma fiação elétrica e um holofote se não soubesse que as criaturas cortariam os cabos assim que entrassem em funcionamento.

Acho que estou enlouquecendo — pode ser que tudo que eu já escrevi para o senhor não passe de um sonho ou de uma loucura. Antes já era ruim o suficiente, mas agora foi demais. Aquelas coisas falaram comigo na noite passada — falaram com aquele maldito zumbido e disseram-me coisas que não me atrevo a repetir. Eu pude escutá-las claramente em meio aos latidos dos cães, e quando o zumbido foi abafado pelo barulho uma voz humana assumiu. Não se envolva neste assunto, Wilmarth — é muito pior do que o senhor ou eu havíamos suspeitado. Agora as criaturas não querem deixar que eu vá para a Califórnia — querem levar-me vivo, ou ao menos em uma condição que, em termos teóricos e mentais, equivale a "vivo" — não apenas para Yuggoth, mas para ainda mais longe — para além dos confins da galáxia e possivelmente para além dos limites últimos do universo. Respondi que não irei, muito menos da terrível maneira como pretendem levar-me, mas temo que essas recusas sejam em vão. Minha casa fica em um lugar tão afastado que as criaturas podem vir a qualquer hora do dia ou da noite. Outros seis cães foram mortos, e hoje senti que eu estava sendo observado nas partes da estrada ladeadas por bosques quando dirigi até Brattleboro.

Foi um erro da minha parte tentar enviar-lhe a gravação do fonógrafo e a pedra negra. Aconselho-o a destruir a gravação antes que seja tarde demais. Tornarei a escrever amanhã se eu ainda estiver por aqui. Quisera eu dar um jeito de mandar os meus livros e as minhas coisas para Brattleboro e alojar-me por lá! Eu fugiria sem levar nada se pudesse, mas algo em meus pensamentos mantém-me preso aqui. Posso ir até Brattleboro, onde eu estaria a salvo, mas lá eu me sinto tão aprisionado quanto em casa. E tenho a impressão de saber que eu não chegaria muito longe, mesmo que largasse tudo e tentasse. É um horror — não se envolva neste assunto.

Do seu — Akeley

Não preguei os olhos à noite depois de receber essa terrível mensagem e fiquei pasmo com o grau de sanidade de Akeley. O conteúdo da correspondência evidenciava a mais absoluta loucura, porém a maneira de se expressar — em vista de tudo o que ocorrera até então — parecia imbuída de um sinistro caráter

persuasivo. Não enviei resposta alguma, pensando que seria melhor esperar até que Akeley tivesse tempo de responder ao meu último comunicado. A resposta chegou no dia seguinte, embora o material mais recente ofuscasse qualquer um dos pontos levantados pela carta que respondia. Eis aqui o quanto me lembro do texto, todo rabiscado e borrado durante a composição sem dúvida apressada e frenética.

Quarta-feira.

W —

Recebi sua carta, porém de nada mais adiantam as nossas discussões. Estou resignado. Admiro-me ao ver que ainda tenho força de vontade para combatê-las. Eu não poderia mais escapar nem que estivesse disposto a deixar tudo para trás e sair correndo. As criaturas haveriam de me alcançar.

Ontem recebi uma carta delas — um funcionário da R.F.D. a trouxe enquanto eu estava em Brattleboro. Datilografada e franqueada em Bellows Falls. Traz explicações sobre o que as criaturas pretendem fazer comigo — não ouso repetir. Tome cuidado! Destrua a gravação. As noites seguem enevoadas e a lua está menor a cada dia que passa. Queria ter a coragem de providenciar ajuda — talvez fortalecesse a minha determinação — mas os que estariam dispostos a vir apenas me chamariam de louco a não ser que houvesse alguma prova. Não posso pedir às pessoas que venham sem motivo — faz anos que não tenho contato com ninguém que eu conheça.

Mas eu ainda não lhe falei do pior, Wilmarth. Prepare-se, pois sem dúvida será um grande choque. No entanto, é a mais pura verdade. Ei-la — eu vi e toquei em uma daquelas coisas, ou ao menos em uma parte delas. Meu Deus, que horror! Estava morta, é claro. Um dos cães estava com ela, e eu a encontrei perto do canil hoje pela manhã. Tentei guardá-la no galpão de lenha para convencer as pessoas do que está acontecendo, mas tudo evaporou dentro de poucas horas. Não sobrou nada. Como o senhor sabe, aquelas coisas nos rios foram vistas apenas na manhã seguinte às enchentes. E agora vem o pior. Tentei tirar uma fotografia para mostrar ao senhor, mas quando revelei o filme não havia nada além do galpão. Do que poderia ser feita aquela coisa? Eu a vi e a toquei, e todas as criaturas deixam rastros. Sem dúvida era feita de matéria tangível — mas que tipo de matéria? A forma não pode ser descrita. Era um enorme caranguejo com vários anéis ou protuberâncias carnudas de algum tecido grosso e filamentoso coberto de antenas que ocupava o lugar da cabeça. A substância verde faz as vezes de sangue. Mais criaturas devem chegar à Terra a qualquer instante.

Walter Brown desapareceu — ultimamente ninguém o viu pelos recantos habituais dos vilarejos próximos. Devo tê-lo alvejado com um tiro, mas as criaturas sempre tentam levar os mortos e feridos embora.

Hoje à tarde fui ao vilarejo sem nenhum problema, mas temo que as criaturas tenham dado uma trégua por estarem certas quanto à minha captura. Estou escrevendo do correio de Brattleboro. Talvez isto seja um adeus — se for, escreva para o meu filho George Goodenough Akeley, 176 Pleasant St., San Diego, Cal., mas não apareça por aqui. Escreva para o garoto se o senhor não receber notícias minhas dentro de uma semana e fique atento às notícias de jornal.

Agora jogarei as minhas duas últimas cartas — se eu ainda tiver a determinação necessária. Primeiro tentarei usar gás venenoso contra as criaturas (obtive os insumos químicos necessários e providenciei máscaras para mim e para os cães) e, se não funcionar, chamarei o xerife. Que me tranquem num hospício se quiserem — será melhor do que ficar à mercê das criaturas. Talvez eu consiga chamar a atenção das pessoas para os rastros ao redor da casa — não são muito profundos, mas eu os encontro todas as manhãs. No entanto, imagino que a polícia diria que eu as forjei; pois todos acham que sou uma figura estranha.

Preciso convencer um policial a passar a noite aqui e ver com seus próprios olhos — embora também seja provável que as criaturas descobrissem e não aparecessem. Os fios do meu telefone são cortados toda vez que eu tento fazer uma ligação à noite — os técnicos dizem que o fenômeno é muito estranho e podem testemunhar a meu favor se a polícia não achar que eu mesmo me encarreguei de cortá-los. Faz uma semana que desisti dos reparos.

Eu poderia pegar alguns dos moradores ignorantes para atestar a realidade desses horrores, mas todos riem de tudo o que falam e, seja como for, a população evita a minha casa há tanto tempo que nem ao menos sabe dos últimos acontecimentos. O senhor não convenceria nenhum dos fazendeiros miseráveis a chegar a menos de um quilômetro e meio da minha casa nem que pagasse. O carteiro escuta o que dizem e faz gracejos comigo — Meu Deus! Se ao menos eu tivesse a coragem de dizer-lhe que tudo é real! Acho que vou tentar mostrar-lhe os rastros, mas ele chega à tarde e a essa hora as marcas em geral já desapareceram. Se eu preservasse uma delas colocando uma caixa ou uma panela em cima, com certeza o sujeito acharia que se trata de uma fraude ou então de uma piada.

Quisera eu não ser tão recluso! Assim as pessoas não aparecem com a mesma frequência de antes. Nunca me aventurei a mostrar a pedra negra ou as fotografias, tampouco a tocar a gravação para ninguém além das pessoas ignorantes. Outros diriam apenas que eu forjei tudo aquilo e não fariam nada

além de rir. Mas eu ainda posso tentar mostrar as fotografias. Os rastros deixados pelas garras aparecem nitidamente, mesmo que as coisas que os deixaram não possam ser fotografadas. É uma lástima que ninguém tenha visto a coisa de hoje pela manhã antes que se desintegrasse!

Mas nem sei mais se me importo. Depois de tudo pelo que passei, o hospício parece um lugar tão bom quanto qualquer outro. Os médicos podem me ajudar a sair desta casa, e essa é a minha única salvação possível.

Escreva para o meu filho George se o senhor não receber mais notícias em breve. Adeus, destrua a gravação e não se meta neste assunto.

Do seu — Akeley

A carta lançou-me no mais negro terror. Eu não sabia o que responder, mas rabisquei algumas palavras incoerentes à guisa de conselho e apoio e enviei-as por correio registrado. Lembro de ter pedido que Akeley fosse de uma vez para Brattleboro e pedisse proteção às autoridades; e acrescentei que eu iria até a cidade com a gravação do fonógrafo e tentaria ajudá-lo a convencer os magistrados de sua sanidade. Talvez eu também tenha sugerido que era hora de alertar as pessoas em geral para o perigo que rondava. Ficará claro que neste momento de tensão a minha própria crença em todos os relatos e alegações de Akeley era absoluta, muito embora eu achasse que o fracasso em obter uma [-1] fotografia do monstro não se devesse a uma aberração da Natureza, mas antes a algum deslize nervoso de sua parte.

V.

Então, depois de cruzar-se com a minha nota incoerente e alcançar-me na tarde de sábado, dia 8 de setembro, chegou até mim aquela peculiar carta tranquilizadora, datilografada com todo o cuidado em uma máquina nova; aquela estranha carta convidativa e reconfortante que marcou uma transição tão prodigiosa no pesadelo que assolava as colinas solitárias. Mais uma vez cito de memória — tentando com especial motivo preservar tanto quanto possível o estilo original. A carta fora franqueada em Bellows Falls, e tanto a assinatura como o conteúdo vieram batidos a máquina — como via de regra fazem os datilógrafos iniciantes. O texto, no entanto, era incrivelmente preciso para um catador de milho; e concluí que Akeley devia ter escrito à máquina em algum outro período — talvez na universidade. Seria razoável dizer que a carta aliviou

minhas angústias, mas por baixo do meu alívio havia um substrato de inquietude. Embora houvesse mantido a sanidade ante o terror, será que a teria preservado também na hora da redenção? E a "relação aperfeiçoada" a que fazia alusão… o que seria? Tudo parecia implicar uma reviravolta diametralmente oposta ao comportamento anterior de Akeley! Eis aqui, no entanto, o conteúdo do texto, transcrito com todo o cuidado a partir de uma memória que — não escondo — é motivo de certo orgulho.

Townshend, Vermont.

Quinta-feira, 6 de setembro de 1928.

Meu caro Wilmarth:

É com enorme satisfação que entro em contato para tranquilizá-lo em relação a todas as bobagens que eu vinha escrevendo para o senhor. Digo "bobagens", embora eu me refira mais à minha reação assustada do que às descrições que fiz de certos fenômenos. Os fenômenos são reais e importantes; meu erro consistiu na adoção de uma atitude anômala diante dos fatos.

Lembro de ter mencionado que os meus estranhos visitantes começavam a ensaiar algum tipo de comunicação. Na noite passada esse contato concretizou-se. Em resposta a certos sinais, recebi em minha casa um mensageiro das criaturas lá fora — um humano, apresso-me em dizer. O homem contou-me muita coisa que nem o senhor nem eu jamais havíamos imaginado e mostrou claramente que nós dois estávamos completamente errados e equivocados em relação ao motivo que leva as Criaturas Siderais a manter uma colônia secreta em nosso planeta.

Parece que as lendas malignas sobre o que as criaturas ofereceram aos homens e o que desejam em relação à Terra são resultado da interpretação equivocada aplicada a um discurso alegórico — um discurso evidentemente moldado por uma cultura e uma forma de pensar muito diferentes de tudo o que podemos imaginar. Reconheço que as minhas próprias conjecturas passaram tão longe do alvo quanto os palpites dos fazendeiros analfabetos e dos índios selvagens. O que eu havia tomado por algo mórbido e humilhante e infame é na realidade extraordinário e transcendental e até mesmo glorioso — consistindo a minha avaliação prévia em não mais do que uma simples fase da eterna tendência humana a evitar e temer e odiar tudo o que é radicalmente diferente.

Arrependo-me de todo o mal que infligi a estes incríveis seres alienígenas durante as nossas escaramuças noturnas. Se ao menos eu tivesse aceitado

conversar de maneira pacífica e civilizada! Contudo, as criaturas não guardam nenhum rancor de mim, pois seus sentimentos organizam-se de maneira muito diferente dos nossos. Foi uma lástima que tivessem como agentes humanos espécimes tão desprezíveis — como o finado Walter Brown, por exemplo. O homem foi responsável por muito do preconceito que eu nutria. Na verdade, os seres alienígenas nunca fizeram mal aos homens, porém muitas vezes foram importunados e injustiçados pela nossa espécie. Existe todo um culto secreto formado por homens maus (um estudioso com a sua erudição mística sem dúvida saberá ao que me refiro quando afirmo que o culto está ligado a Hastur e ao Símbolo Amarelo) devotado a perseguir e atacar essas criaturas em nome de poderes monstruosos de outras dimensões. É contra esses agressores — e não contra a humanidade como um todo — que os drásticos expedientes das Criaturas Siderais estão voltados. A propósito, descobri que muitas das nossas cartas extraviadas foram roubadas não pelas Criaturas Siderais, mas por emissários do culto maligno.

Tudo o que as Criaturas Siderais desejam da humanidade é a paz e o respeito mútuo e uma troca intelectual cada vez maior. Esta última é absolutamente necessária agora que as nossas invenções e dispositivos estão ampliando o nosso conhecimento e o nosso modo de agir, e tornando cada vez mais impossível a existência secreta das colônias de Criaturas Siderais neste planeta. Os alienígenas desejam conhecer a humanidade mais a fundo e instruir alguns dos líderes filosóficos e científicos da humanidade em relação à sua raça. Graças a essa troca de conhecimento todos os perigos hão de passar, e um modus vivendi possível será alcançado. A ideia de que os alienígenas possam querer escravizar ou degradar a espécie humana é ridícula.

Para dar início a esta relação aperfeiçoada, as Criaturas Siderais escolheram-me — em vista dos conhecimentos razoáveis que já tenho sobre elas — como seu intérprete na terra. Muitas coisas foram-me explicadas ontem à noite — fatos espantosos que descortinam novos e vastos panoramas —, e ainda outras serão transmitidas a mim por comunicações orais e escritas. Por enquanto não serei chamado a fazer nenhuma viagem ao espaço sideral, embora mais tarde eu possa empreender essa jornada — empregando meios especiais e transcendendo tudo o que até hoje concebemos como sendo a experiência humana. Minha casa não está mais sitiada. Tudo voltou ao normal, e os cães não terão mais com o que se ocupar. Meu terror foi substituído por uma bênção de conhecimento e de aventura intelectual que poucos outros mortais tiveram a chance de encontrar.

As Criaturas Siderais talvez sejam as mais incríveis formas de vida orgânica em todo o espaço-tempo e além — membros de uma raça cósmica da qual todas as outras formas de vida são meras variações degeneradas. São mais vegetais do

que animais, se é que tais termos podem ser aplicados à matéria que os compõe, e apresentam uma estrutura fungoide; embora a presença de uma substância parecida com a clorofila e a existência de um sistema nutritivo muito singular distinga-os dos verdadeiros fungos cormofíticos. De fato, a espécie compõe-se de matéria totalmente desconhecida na região do espaço onde nós habitamos — com elétrons que vibram em frequências muito diferentes. É por esse motivo que as criaturas não podem ser fotografadas com os filmes e as chapas tão comuns no universo conhecido, mesmo que os nossos olhos possam vê-las. Com o conhecimento adequado, no entanto, qualquer pessoa versada em química seria capaz de preparar uma emulsão a fim de registrar suas imagens.

O gênero tem a habilidade única de atravessar o frio e rarefeito vácuo interestelar na forma corpórea, mas algumas das variações precisam de suplementos mecânicos ou de outras curiosas transposições cirúrgicas para fazê-lo. Apenas umas poucas espécies apresentam as asas resistentes ao éter que caracterizam a variedade encontrada em Vermont. As que habitam certos picos remotos no Velho Mundo foram trazidas de outras maneiras. Mais do que a qualquer parentesco, a evolução paralela é a verdadeira responsável pela semelhança externa que os alienígenas apresentam em relação à vida animal e ao tipo de estrutura que concebemos como sendo física. A capacidade cerebral de que são dotados ultrapassa a de qualquer outra forma de vida remanescente, embora os indivíduos alados presentes em nossas colinas não sejam de maneira alguma as formas mais desenvolvidas. Comunicam-se através da telepatia, embora sejam dotados de órgãos vocais rudimentares que, após uma cirurgia simples (pois esses procedimentos são algo muito corriqueiro e desenvolvido entre eles), conseguem reproduzir aproximadamente a fala de organismos que ainda se comunicam por sons.

A principal morada das criaturas na nossa proximidade é um planeta ainda desconhecido e quase desprovido de luz nos confins do nosso sistema solar — além de Netuno, e o nono planeta a partir do Sol. Conforme havíamos pressuposto, trata-se do corpo celeste com o arcano nome de "Yuggoth" que aparece em certos escritos antigos e proibidos; onde logo ocorrerá uma estranha concentração de pensamentos focados no nosso mundo — uma tentativa de facilitar uma relação mental. Eu não ficaria surpreso se os astrônomos fossem influenciados por essas correntes mentais a ponto de descobrir Yuggoth quando as Criaturas Siderais assim desejarem. Mas Yuggoth, claro, é apenas o primeiro passo. A maior parte das criaturas vive em estranhos abismos que transcendem infinitamente o alcance da imaginação humana. O glóbulo do espaço-tempo que reconhecemos como sendo a totalidade de toda a existência cósmica não passa de um átomo na verdadeira infinitude que pertence às Criaturas Siderais. O quanto dessa infinitude pode ser concebido por um cérebro humano ainda me

será revelado, tal como aconteceu a não mais do que cinquenta outros homens desde que a raça humana surgiu.

A princípio pode parecer que estou delirando, mas no momento adequado o senhor poderá avaliar melhor a oportunidade titânica com a qual me deparei. Quero que o senhor compartilhe de tudo o que sei e, para tanto, preciso contar-lhe milhares de coisas que não serão confiadas ao papel. Eu havia pedido ao senhor que não viesse me ver. Agora que tudo está bem, retiro o alerta anterior e convido-o a fazer uma visita.

O senhor poderia fazer a viagem antes que o novo semestre universitário comece? Seria esplêndido se pudesse. Traga a gravação do fonógrafo e todas as cartas que lhe enviei para as nossas consultas — precisaremos de todo o material possível para reconstruir esta incrível história. Por favor, traga também as fotografias, pois extraviei os negativos e as minhas cópias no calor dos últimos acontecimentos. Tenho uma grande riqueza de fatos para acrescentar a este material incerto e duvidoso — e um plano estupendo para suplementar os meus acréscimos!

Não hesite — estou livre de qualquer espionagem, e o senhor não há de presenciar nada de estranho ou de perturbador. Posso buscá-lo de carro na estação de Brattleboro — fique tanto tempo quanto desejar e prepare-se para muitas noites de discussão sobre coisas muito além das conjecturas humanas. Não conte nada a ninguém — o assunto não deve chegar ao público em geral.

Os trens para Brattleboro não são nada maus — o senhor pode pegar uma tabela de horários em Boston. Basta tomar o trem da B&M. até Greenfield e lá fazer uma baldeação antes de percorrer o restante do caminho. Sugiro que o senhor tome o conveniente trem que sai de Boston às 16h10. Assim, chegará a Greenfield às 19h35, e às 21h19 o outro trem sai de lá e chega a Brattleboro às 22h01. Este é o horário dos dias úteis. Basta o senhor informar-me a data e estarei com o meu carro na estação.

Desculpe a carta datilografada, mas a verdade é que a minha caligrafia ficou trêmula nos últimos tempos e não me sinto apto a escrever um texto tão longo a mão. Comprei esta Corona ontem em Brattleboro — a máquina parece funcionar muito bem.

No aguardo de mais notícias e na esperança de vê-lo dentro em breve com a gravação do fonógrafo e todas as minhas cartas — e também as fotografias —

Saudações cordiais do seu

Henry W. Akeley.

Para o sr. Albert N. Wilmarth,
Universidade do Miskatonic,
Arkham, Mass.

A complexidade das minhas emoções ao ler, reler e refletir sobre essa estranha e inesperada carta ultrapassa qualquer tentativa de descrição. Como eu afirmei, ao mesmo tempo sentime aliviado e apreensivo, mas essa alegação não faz senão expressar de modo um tanto grosseiro algumas nuances de sentimentos contraditórios e em grande parte subconscientes que integravam tanto o meu alívio como a minha apreensão. Para começar, tudo era diametralmente oposto a toda a cadeia de acontecimentos anteriores — pois a mudança do terror absoluto para uma sóbria tranquilidade e até mesmo exultação foi tão inesperada, tão súbita, tão completa! Eu mal conseguia acreditar que um único dia pudesse alterar de tal maneira a disposição psicológica do homem que havia escrito o comunicado frenético de quarta-feira, independente das revelações que esse dia pudesse ter trazido. Em certos instantes o sentimento despertado pelas realidades conflitantes fazia-me pensar se toda aquela epopeia sobre forças fantásticas não seria uma espécie de sonho ilusório criado em boa parte pela minha própria imaginação. Ao pensar na gravação do fonógrafo eu me sentia ainda mais estupefato.

A carta parecia tão contrária a tudo o que eu poderia esperar! Enquanto analisava as minhas próprias impressões, notei que se dividiam em duas fases distintas. Em primeiro lugar, se Akeley estava em perfeito juízo e assim permanecia, a mudança na situação era demasiado brusca e inconcebível. Em segundo lugar, a mudança nos modos, na atitude e no estilo de Akeley estavam muito além do que seria normal ou previsível. Toda a personalidade daquele homem parecia ter sofrido uma mutação insidiosa — uma mutação tão profunda que mal se poderiam conciliar esses dois aspectos à suposição de que ambos representassem um indivíduo em posse de todas as suas faculdades. A escolha do vocabulário, a ortografia — tudo apresentava diferenças sutis. Com a minha sensibilidade acadêmica ao estilo da prosa, notei profundas discrepâncias nas reações e no ritmo do meu correspondente. Sem dúvida o cataclismo emocional ou a revelação deveria ter atingido um grau extremo para resultar em uma reviravolta tão profunda! Por outro lado, a carta parecia uma típica correspondência de Akeley. A mesma paixão de sempre pelo infinito — a mesma curiosidade erudita. Não houve um instante — ou pelo menos não mais do que um instante — durante o qual eu tenha dado crédito à ideia de falsidade ou de armação mal-intencionada. Afinal, o convite — a disposição em receber-me para que eu mesmo constatasse a verdade contida na carta — não provava a autenticidade da correspondência?

Não me recolhi no sábado à noite, mas fiquei sentado, pensando nas sombras e nos prodígios por trás da carta que eu havia recebido. Meu juízo, desorientado pela rápida sucessão de noções monstruosas a que fora submetido ao longo dos últimos quatro meses, recebeu o novo e espantoso material em um ciclo de dúvida e aceitação que repetiu quase todas as fases observadas após o contato com os prodígios anteriores; até que, muito antes do raiar do dia, um interesse e uma curiosidade abrasadores começaram a assumir o lugar da inquietude e da perplexidade. Louco ou são, transformado ou simplesmente aliviado, tudo indicava que Akeley de fato houvesse adotado uma mudança radical de perspectiva na arriscada busca em que se havia lançado; uma mudança que a um só tempo aplacou seus temores — fossem reais ou imaginários — e abriu novos e vertiginosos panoramas de sabedoria cósmica e sobre-humana. Meus próprios anseios por conhecimento oculto igualaram-se aos dele em fervor, e sentime tocado pelo contágio daquele mórbido contato. Livrar-se das exasperantes e enlouquecedoras limitações impostas pelo tempo e pelo espaço e pelas leis naturais — juntar-se à *vastidão do universo* — desvendar os mistérios noctíferos e abismais do infinito absoluto — sem dúvida tais aspirações justificariam pôr em risco a vida, a alma e a sanidade! E, segundo disse Akeley, não havia mais perigo — tanto que me convidou para visitá-lo em vez de afastar-me como antes. Senti calafrios só de imaginar as revelações que teria a me fazer — havia uma sensação quase paralisante na ideia de sentar naquela fazenda solitária e até pouco tempo sitiada em companhia um homem que havia conversado com emissários do espaço sideral; tendo em mãos a terrível gravação e o maço de cartas nas quais Akeley havia resumido suas primeiras conclusões.

Assim, no fim da manhã de sábado mandei um telegrama para Akeley dizendo que eu o encontraria em Brattleboro na quarta-feira seguinte — dia 12 de setembro — se a data fosse conveniente. Divergi das sugestões feitas pelo correspondente em um único aspecto, relativo à escolha do trem. Para ser franco, não me agradava a ideia de chegar à região assombrada de Vermont tarde da noite; assim, em vez de tomar o trem que Akeley havia sugerido, telefonei para a estação e tracei outro plano de viagem. Se eu acordasse cedo e pegasse o trem das 8h07 para Boston, eu poderia tomar o das 9h25 para Greenfield; e então chegaria por volta das 12h22. Assim eu teria tempo de fazer a baldeação necessária e chegar a Brattleboro às 13h08 — um horário muito mais agradável do que 22h01 para encontrar Akeley e seguir até as misteriosas colinas.

Mencionei o horário de chegada no meu telegrama e alegrei-me ao saber que um novo contato, recebido ao entardecer, trazia a anuência do meu futuro anfitrião. O telegrama de Akeley dizia:

ARRANJO SATISFATÓRIO. ENCONTRO ÀS 13H08 NA QUARTA-FEIRA. NÃO ESQUEÇA DA GRAVAÇÃO E DAS CARTAS E DAS FOTOGRAFIAS. MANTENHA SIGILO SOBRE A VISITA. ESPERE GRANDES REVELAÇÕES.

AKELEY

O recebimento dessa mensagem em resposta ao telegrama enviado a Akeley — e necessariamente entregue em sua casa a partir da estação de Townshend por um mensageiro oficial ou por um serviço telefônico restabelecido — acabou com quaisquer dúvidas subconscientes que eu ainda pudesse ter em relação à autoria da carta. Meu alívio foi grande — a bem dizer, foi maior do que eu poderia explicar naquele momento; pois todas as minhas dúvidas tinham raízes profundas. De qualquer modo, tive uma longa e tranquila noite de sono e passei os dois dias seguintes muito ocupado com os preparativos da viagem.

VI.

Na quarta-feira, parti no horário combinado, levando comigo uma valise cheia de objetos pessoais necessários e de dados científicos, entre eles a pavorosa gravação do fonógrafo, as fotografias e toda a correspondência enviada por Akeley. Conforme a solicitação no telegrama, não mencionei o meu destino a ninguém; pois eu compreendia que o assunto exigia o mais absoluto sigilo, mesmo que tudo corresse bem. A ideia de estabelecer contato com entidades alienígenas do espaço sideral era um tanto desorientadora para a minha mente treinada e preparada; sendo assim, que efeitos esta aproximação não poderia ter sobre a grande massa de leigos desinformados? Não sei dizer se o meu sentimento dominante era pavor ou expectativa quando troquei de trem em Boston e comecei a percorrer o longo percurso em direção ao oeste, deixando para trás as regiões familiares para ir ao encontro de outras que eu conhecia em menor profundidade. Waltham — Concord — Ayer — Fitchburg — Gardner — Athol.

Cheguei a Greenfield com sete minutos de atraso, mas o trem expresso com destino ao norte esperou a conexão. Depois de fazer a baldeação às pressas, senti uma curiosa falta de ar à medida que os vagões estrondeavam no sol da tarde rumo a territórios sobre os quais eu sempre havia lido, mas onde jamais havia estado — pois eu sabia estar adentrando uma Nova Inglaterra mais antiga e mais primitiva do que as áreas urbanizadas e mecanizadas no litoral e ao sul, onde eu

havia passado toda a minha vida; uma Nova Inglaterra ancestral e preservada, livre dos estrangeiros e da fumaça das chaminés, dos anúncios comerciais e das estradas asfaltadas, e de todos os outros aspectos da vida tocados pela modernidade. Haveria estranhas remanescências da vida nativa e das profundas raízes que fazem da localidade a mais autêntica evolução do panorama original — remanescências estas que mantêm vivas as memórias antigas e fertilizam o solo das crenças sombrias, maravilhosas e raras vezes mencionadas.

De vez em quando eu via o Rio Connecticut brilhando ao sol, e após sair de Northfield nós o atravessamos. À frente assomavam as crípticas colinas verdejantes, e quando o condutor apareceu eu percebi que enfim havia chegado a Vermont. O funcionário orientou-me a atrasar o relógio em uma hora, pois o norte recusava-se a adotar invencionices modernas como o horário de verão. Ao ajustar os ponteiros, tive a impressão de também estar retrocedendo um século no calendário.

O trem bordejava o rio, e enquanto atravessávamos New Hampshire, pude ver a íngreme elevação do Wantastiquet, cercado de inúmeras lendas singulares. Logo ruas apareceram à minha esquerda, e uma ilha verdejante surgiu à minha direita. As pessoas ergueram-se e fizeram uma fila para descer, e eu as segui. O vagão parou e desci sob o longo teto da estação de Brattleboro.

Olhando para a linha de carros à espera, detive-me por um instante a fim de localizar o Ford de Akeley, mas fui reconhecido antes que eu pudesse tomar a iniciativa. Mesmo assim, ficou claro que não foi o próprio Akeley quem me recebeu com a mão estendida e uma solícita pergunta que visava confirmar se eu seria de fato o sr. Albert N. Wilmarth, de Arkham. O homem não guardava nenhuma semelhança com o Akeley grisalho e barbado da fotografia; era alguém mais jovem e mais urbano, vestido segundo a última moda e ostentando apenas um pequeno bigode escuro. Sua voz erudita tinha a nota estranha e quase perturbadora de uma vaga familiaridade, embora eu não soubesse dizer onde a havia escutado antes.

Enquanto eu o examinava, ouvi-o dizer que era amigo do meu futuro anfitrião e que tinha vindo desde Townshend no lugar dele. Akeley, segundo me disse, fora acometido por uma crise de asma e não estava em condições de sair à rua. Entretanto, a situação do homem não era grave e em nada haveria de afetar os planos relativos à minha visita. Não consegui descobrir o quanto o sr. Noyes — foi assim que se apresentou — sabia a respeito das pesquisas e descobertas de Akeley, mas seus modos casuais deram-me a impressão de que permanecia alheio a quase tudo o que se passava. Lembrando-me da natureza solitária de Akeley, fiquei um pouco surpreso ante a disponibilidade de um amigo; mas não deixei que a surpresa impedisse-me de entrar no carro que ele me apontou. Não era o pequeno carro antigo que eu esperava depois de ler as descrições de Akeley, mas

um modelo espaçoso e imaculado de fabricação recente — que, ao que tudo indicava, pertencia ao próprio Noyes e tinha placas de Massachusetts com o divertido “bacalhau sagrado” daquele ano. Concluí que o meu guia devia estar passando o verão em Townshend e arredores.

Noyes sentou-se ao meu lado e deu a partida no carro. Fiquei satisfeito ao perceber que não insistiria em conversar, pois uma tensão bastante curiosa levou-me a preferir o silêncio. O vilarejo pareceu-me muito atraente à luz do sol da tarde quando subimos uma encosta e dobramos à direita para pegar a avenida principal. Tudo parecia estar adormecido, como nas cidades mais antigas da Nova Inglaterra que lembramos da nossa infância, e algo na disposição dos telhados e coruchéus e chaminés e muros de tijolo formava contornos que tangiam as cordas mais profundas da emoção ancestral. Eu sabia estar adentrando uma região meio enfeitiçada pelo acúmulo ininterrupto de tempo; uma região onde coisas velhas e estranhas tiveram a chance de subsistir e desenvolver-se porque ninguém as havia perturbado.

Enquanto saíamos de Brattleboro o meu sentimento de inquietude e de mau agouro aumentou, pois uma qualidade vaga no cenário montanhoso com encostas sobranceiras, intimidantes e ameaçadoras de vegetação e granito insinuava segredos obscuros e remanescências imemoriais que poderiam ou não ser hostis à raça humana. Por algum tempo bordejamos um rio largo e raso que descia as colinas desconhecidas ao norte, e estremeci quando o meu guia afirmou tratar-se do West River. Eu sabia, graças às notícias dos jornais, que aquele fora um dos rios onde os corpos dos mórbidos crustáceos tinham sido avistados depois das enchentes.

Aos poucos a paisagem ao redor tornava-se mais selvagem e mais deserta. Vetustas pontes cobertas projetavam-se de maneira terrível desde o passado nos espaços entre as colinas, e a ferrovia semiabandonada paralela ao rio parecia irradiar uma visível aura de desolação. Havia espantosos panoramas de vales vívidos onde se erguiam enormes colinas, nas quais o granito virgem da Nova Inglaterra revelava-se cinza e austero em meio à vegetação que subia até os cumes. Havia desfiladeiros onde riachos corriam soltos, levando até o rio os segredos inconcebíveis de mil picos inexplorados. De vez em quando surgiam estradas secundárias estreitas e meio escondidas que atravessavam florestas densas e exuberantes, em cujas árvores ancestrais exércitos inteiros de espíritos elementais poderiam muito bem habitar. Ao vê-las, lembrei-me das ocasiões em que Akeley fora assaltado por agentes invisíveis na mesma rota e não me surpreendi ao pensar que tais coisas pudessem mesmo existir.

O vistoso e pitoresco vilarejo de Newfane, ao qual chegamos em menos de uma hora, foi a nossa última visão do mundo que o homem pode com efeito chamar de seu em virtude da conquista e da ocupação absoluta. A partir daquele

ponto, abandonamos toda a lealdade a coisas imediatas, tangíveis e temporais para adentrar um mundo fantástico de irrealidade silenciosa, no qual o caminho estreito subia e descia e fazia curvas ao sabor de caprichos quase propositais em meio a férteis pináculos ermos e vales praticamente desertos. Afora o som do motor e o parco movimento nas fazendas solitárias pelas quais passávamos a intervalos esparsos, o único som que chegava aos meus ouvidos era o ruído gorgolejante e insidioso das estranhas águas que corriam de incontáveis fontes ocultas em meio aos bosques ensombrecidos.

A iminência e a proximidade das colinas abobadadas tirou-me o fôlego. O caráter íngreme e abrupto das encostas era muito mais intenso do que eu havia imaginado e não parecia ter relação alguma com o mundo prosaico e objetivo que conhecemos. Os bosques densos e ermos naquelas encostas inacessíveis pareciam servir de abrigo a incríveis criaturas alienígenas, e tive a impressão de que o próprio contorno das elevações encerrava um significado críptico e esquecido por éons, como se fossem enormes hieróglifos deixados por uma suposta raça de titãs cujas glórias vivessem apenas nos sonhos mais belos e profundos. Todas as lendas do passado e todas as alegações das cartas e evidências de Akeley ressurgiram na minha lembrança para intensificar a atmosfera de tensão e de ameaça iminente. O objetivo da minha visita e as terríveis anormalidades que postulava de repente atingiram-me com um calafrio que por pouco não fez esmorecer o meu ardor por estranhas descobertas.

Meu guia deve ter notado a minha inquietude; pois, quando a estrada ficou mais rústica e mais irregular, e o nosso progresso mais lento e mais sacolejante, expandiu os comentários ocasionais em um fluxo discursivo mais constante. Falou sobre a beleza e o caráter pitoresco da região, e revelou algum conhecimento sobre os estudos folclóricos do meu futuro anfitrião. Com as educadas perguntas que me dirigiu, demonstrou saber que a minha visita tinha algum propósito científico e que eu tinha comigo dados relevantes; mas não deu nenhum sinal de cogitar a profundidade e o espanto inerentes ao conhecimento que Akeley enfim havia obtido.

Os modos de Noyes eram tão afáveis, normais e refinados que seus comentários deveriam ter me transmitido calma e serenidade; mas, por estranho que pareça, sentime ainda mais perturbado enquanto avançávamos aos solavancos pelo caminho em direção à natureza virgem e inexplorada de colinas e bosques. Às vezes o homem parecia estar me pressionando a fim de sondar o meu conhecimento em relação aos monstruosos segredos da região, e a cada nova frase a *familiaridade* vaga, provocativa e fugaz em sua voz aumentava. Não era uma familiaridade comum e sadia, apesar da natureza completamente normal e erudita da voz. Por algum motivo eu a associava a pesadelos esquecidos e sentia que poderia enlouquecer caso a reconhecesse. Se houvesse algum pretexto

razoável, acho que eu teria desistido da visita. Mas, da maneira como foi, a ocasião não se apresentou — e ocorreu-me que em breve uma conversa analítica e científica com Akeley poderia ajudar-me a recompor as minhas emoções.

Além do mais, havia um estranho elemento de beleza cósmica no cenário hipnótico por onde subíamos e descíamos de maneira fantástica. O tempo havia se perdido nos labirintos às nossas costas, e ao nosso redor estendiam-se apenas as ondulantes encostas em flor saídas do reino das fadas e a graça ressurgida de séculos extintos — bosques primevos, pastos imaculados repletos de alegres flores outonais e, a intervalos esparsos, pequenas fazendas pardas aninhadas entre enormes árvores sob precipícios verticais de gramados e espinheiros fragrantes. Até a luz do sol adquiria um encanto sobrenatural, como se uma atmosfera ou um clima peculiar envolvesse toda a região. Eu jamais tinha visto qualquer coisa parecida, a não ser nos cenários mágicos que por vezes aparecem no segundo plano em certas pinturas italianas. Sodoma e Leonardo conceberam vastidões similares, mas apenas ao longe, e sempre vistas de relance por entre arcadas renascentistas. Nós estávamos avançando fisicamente em meio à névoa do cenário, e tive a impressão de descobrir naquela necromancia algo sabido ou herdado de maneira inata que eu sempre buscara em vão.

De repente, logo após vencermos uma curva em ângulo obtuso no alto de uma escarpa, o carro parou. À minha esquerda, defronte a um belo gramado que ia até a estrada e ostentava um arremate de pedras caiadas, erguia-se uma casa branca de dois andares e sótão que apresentava um tamanho e uma elegância pouco comuns na região, com um conglomerado de celeiros e galpões, contíguos ou ligados por arcadas, e um moinho logo atrás e à direita. No mesmo instante reconheci a construção como sendo a mesma retratada na fotografia que me fora enviada, e não me surpreendi ao ler o nome de Henry Akeley na caixa postal de ferro galvanizado próxima à estrada. Atrás da casa estendia-se um terreno plano e pantanoso com algumas árvores, além do qual sobranceava uma encosta íngreme recoberta por densos bosques que terminava em um cume escarpado e verdejante. Este era o pico da Montanha Sombria, que já devíamos ter escalado até a metade.

Após descer do carro e pegar a minha valise, Noyes pediu que eu aguardasse enquanto entrava na casa para informar a Akeley que eu havia chegado. Acrescentou que também tinha negócios importantes em alguma outra parte e, portanto, não se demoraria mais do que alguns instantes. Enquanto ele seguia pela estradinha até a casa eu também desci do carro, pois queria esticar as pernas antes de entabular uma conversa sedentária. Meu sentimento de nervosismo e tensão chegou ao ápice quando me vi no local do mórbido cerco descrito de forma tão assombrosa na correspondência de Akeley, e honestamente temi as discussões que haveriam de abrir-me as portas de um mundo alienígena e proibido.

O contato estreito com elementos absolutamente bizarros muitas vezes inspira mais terror do que enlevo, e não me animei ao pensar que aquela mesma estrada poeirenta fora o lugar onde Akeley encontrou rastros monstruosos e aquela fétida sânie esverdeada após noites sem lua de terror e morte. Notei que nenhum dos cães de Akeley parecia estar lá. Será que os havia vendido assim que as Criaturas Siderais propuseram uma trégua? Por mais que tentasse, eu não conseguia sentir a profunda e sincera paz mencionada na derradeira e radicalmente diferente carta de Akeley. Afinal, era um homem muito simples e com poucas vivências mundanas. Será que não haveria algo de profundo e insondável por trás daquela nova aliança?

Levado pelos meus pensamentos, voltei os olhos para baixo, em direção à poeira da estrada que havia guardado evidências abomináveis. Os últimos dias tinham sido de tempo seco, e rastros de toda espécie amontoavam-se na estrada irregular e cheia de sulcos apesar do pouco movimento no distrito. Com uma vaga curiosidade, comecei a traçar o contorno de algumas impressões heterogêneas, tentando ao mesmo tempo conter os voos macabros da imaginação suscitados pelo lugar e pelas memórias que evocava. Havia algo de ameaçador e de inquietante na atmosfera funesta, no escoar sutil e abafado de córregos longínquos e nos picos verdejantes amontoados e precipícios com bosques enegrecidos que sufocavam o estreito horizonte.

Então me ocorreu uma imagem que fez esses vagos pressentimentos e voos da imaginação parecerem insignificantes ao extremo. Como disse, eu estava examinando as várias marcas na estrada com uma espécie de curiosidade distraída — mas de repente essa curiosidade foi brutalmente sufocada por uma rajada súbita e paralisante de terror ativo. Pois, embora os rastros na poeira fossem em geral confusos e sobrepostos, e pouco propensos a chamar a atenção de um observador desavisado, minha visão percebeu certos detalhes próximos ao local onde o caminho até a casa saía da estrada principal; e reconheceu, para além de qualquer dúvida, o terrível significado daqueles detalhes. Para meu desespero, não foi em vão que me debrucei por horas sobre as fotografias com os rastros das Criaturas Siderais que Akeley havia me enviado. Eu conhecia muito bem as marcas deixadas por aquelas garras horripilantes e a incerteza sobre a direção do movimento que marcava aqueles horrores como a nenhuma outra criatura deste planeta. Não restava a menor chance de um engano misericordioso. De fato, lá estavam, materializadas diante dos meus olhos, e com certeza deixadas não muitas horas atrás, pelo menos três marcas que se destacavam pelo caráter blasfemo em meio à surpreendente pletora de rastros indiscerníveis que pareciam ter percorrido os dois sentidos do caminho até a residência de Akeley. *Eram os rastros infernais deixados pelos fungos de Yuggoth.*

Recompus-me ainda a tempo de sufocar um grito. Afinal, o que mais havia além do esperado, supondo que eu de fato tivesse acreditado nas cartas de Akeley? Ele havia falado sobre fazer as pazes com as criaturas. Neste caso, seria mesmo estranho que algumas delas tivessem lhe feito uma visita? Independente da resposta, o terror foi mais forte. Afinal, seria justo esperar de um homem que não se abalasse ao ver pela primeira vez as marcas deixadas pelas garras de seres oriundos de longínquos abismos siderais? Neste exato instante vi Noyes sair pela porta e aproximar-se com um passo apressado. Pensei que eu precisava me controlar, pois tudo indicava que o meu novo amigo não soubesse de coisa alguma em relação às investigações mais profundas e mais impressionantes levadas a cabo por Akeley.

Akeley, segundo Noyes me informou, estava feliz com a minha chegada e pronto para me ver; mas a súbita crise de asma não permitiria que fosse um anfitrião muito hábil nos dias a seguir. Essas crises prostravam-no de vez nas ocasiões em que apareciam e vinham sempre acompanhadas por uma febre debilitante e uma fraqueza generalizada. O homem ficava quase incapacitado enquanto não convalescia — só conseguia falar aos sussurros e sentia-se muito desajeitado e fraco. Os pés e os tornozelos também inchavam, de modo que precisava envolvê-los em ataduras como fazem os que padecem de gota. Naquele dia o estado de Akeley era particularmente ruim, então eu teria de cuidar de quase todas as minhas necessidades; mesmo assim meu anfitrião mostrava-se ansioso por conversar. Eu o encontraria no estúdio à esquerda do corredor de entrada — o aposento com as cortinas fechadas. Era necessário manter o cômodo às escuras durante os períodos de doença, pois seus olhos ficavam muito sensíveis.

Depois que Noyes se despediu de mim e acelerou rumo ao norte, comecei a caminhar vagarosamente em direção à casa. A porta fora deixada entreaberta para mim; porém, antes de entrar eu lancei um olhar inquisitivo ao redor, tentando decidir o que me havia inspirado uma estranheza tão profunda naquele lugar. Os celeiros e galpões pareciam um tanto prosaicos, e percebi o Ford decrépito de Akeley no abrigo amplo e desprotegido. Foi quando desvendei o motivo da estranheza. Era o silêncio total. Via de regra, uma fazenda tem pelo menos os murmúrios de alguns animais, porém lá todos os sinais de vida estavam ausentes. O que havia acontecido às galinhas e aos porcos? As vacas, que segundo Akeley havia me dito eram numerosas, poderiam muito bem estar fora do pasto, e os cães poderiam ter sido vendidos; mas a total ausência de cacarejos e grunhidos era muito singular.

Não me detive por muito tempo no caminho, mas cruzei o limiar cheio de resolução e fechei a porta atrás de mim. Esta operação custou-me um considerável esforço psicológico, e assim que me vi encerrado no interior da residência tive um impulso momentâneo de bater em retirada. Não que o lugar

apresentasse quaisquer sugestões visuais sinistras; pelo contrário, achei que o gracioso vestíbulo em estilo colonial tardio demonstrava muito bom gosto e admirei-me com o requinte do responsável pela decoração. O que me inspirou o desejo de fugir foi algo muito tênue e indefinível. Talvez tenha sido um certo cheiro peculiar que imaginei ter captado — embora eu soubesse muito bem que odores de mofo são comuns até mesmo nos melhores casarões antigos.

VII.

Avesso a deixar que essas angústias nebulosas dominassem-me, recordei as instruções de Noyes e abri a porta de seis painéis e o trinco de latão na porta branca à minha esquerda. O quarto estava às escuras, conforme o esperado; e ao entrar percebi que o estranho odor era mais forte lá dentro. Também parecia haver um ritmo ou uma vibração quase imperceptível no ar. As cortinas fechadas não me permitiam ver muita coisa, porém logo uma espécie de tossido ou sussurro apologético chamou a minha atenção para uma grande poltrona no canto mais escuro e afastado do recinto. Na penumbra daquele recôndito, percebi o contorno claro do rosto e das mãos de um homem; e no instante seguinte eu me aproximei a fim de saudá-lo. Por mais difusa que fosse a luminosidade, tive certeza de que aquele era o meu anfitrião. Eu havia estudado o retrato enviado pelo correio inúmeras vezes, e não me restavam dúvidas quando à identidade daquele rosto firme e castigado com a barba curta e grisalha.

Mas, quando tornei a olhar, esse reconhecimento misturou-se à tristeza e à ansiedade; pois sem dúvida era o rosto de um homem muito doente. Senti que devia haver alguma coisa além da asma por trás daquela expressão tensa, rígida e impassível de olhar vidrado; e espantei-me com o terrível preço que as aterrorizantes experiências de Akeley haviam cobrado. Não bastava revelar a um ser humano qualquer — até mesmo a alguém mais jovem do que o intrépido pesquisador — os segredos do desconhecido? Temi que o estranho e súbito alívio houvesse chegado tarde demais para salvá-lo de algo como um colapso total. A maneira como suas mãos débeis e sem vida descansavam no colo era digna de pena. O homem trajava um roupão largo e tinha, ao redor da cabeça e do pescoço, um cachecol ou um manto amarelo.

E então eu vi que estava tentando falar comigo usando o mesmo tossido ou sussurro com que me havia recebido. Era um sussurro ríspido e a princípio difícil de captar, uma vez que o bigode grisalho ocultava todos os movimentos dos lábios, e alguma coisa no timbre causava-me extrema preocupação; mas, concentrando os meus esforços, logo pude entender com surpreendente eficiência o que pretendia comunicar. O sotaque não tinha nada de rústico, e a linguagem

que empregava era ainda mais polida do que a correspondência havia me levado a esperar.

"Sr. Wilmarth, segundo imagino? Peço desculpas por não poder levantar. Estou muito enfermo, como o sr. Noyes deve lhe ter comunicado; mas não pude resistir à ideia de recebê-lo mesmo assim. O senhor sabe o que escrevi na minha última carta… tenho muitas coisas a lhe contar amanhã, quando eu estiver melhor. O senhor não imagina a felicidade que sinto ao vê-lo depois das tantas cartas que trocamos! Sem dúvida o senhor trouxe a correspondência consigo? E também as fotografias e a gravação? Noyes deixou a sua valise no vestíbulo… imagino que o senhor tenha visto. Lamento dizer, mas hoje o senhor terá de cuidar de si mesmo. O seu quarto fica no andar de cima… é logo acima deste… a porta do banheiro estará aberta quando o senhor chegar ao topo da escada. Sua refeição está servida na sala de jantar… logo depois da porta à direita… fique à vontade para comer quando quiser. Espero poder recebê-lo melhor amanhã… mas por hoje a doença acabou comigo.

"Sinta-se em casa… e o senhor bem que poderia tirar as cartas e as fotos e a gravação e deixá-las em cima desta mesa antes de subir com a sua bolsa. É aqui que vamos discuti-las… o fonógrafo fica ali naquele canto.

"Não, obrigado… não há nada que o senhor possa fazer por mim. Sei que tudo parece antigo. Peço apenas que me faça mais uma breve visita antes que a noite caia e depois o senhor pode ir para a cama quando quiser. Eu ficarei por aqui… talvez para dormir a noite inteira. Pela manhã terei mais condições de fazer tudo o que temos a fazer. Sem dúvida o senhor percebe o caráter absolutamente espantoso da tarefa que temos pela frente. Para nós, como a poucos outros homens na Terra, estão prestes a revelar-se abismos do espaço e do tempo e um conhecimento além de todas as capacidades da ciência e da filosofia humanas.

"O senhor sabia que Einstein estava errado, e que certos objetos e certas forças podem *de fato* locomover-se a uma velocidade superior à da luz? Com o auxílio necessário eu espero avançar e retroceder no tempo, e até mesmo *ver* e *sentir* a Terra do passado remoto e de épocas futuras. O senhor não imagina a que ponto chegou a ciência dos seres alienígenas. Não existe nada que não possam fazer com o corpo e a mente dos organismos vivos. Espero visitar outros planetas e até mesmo outras estrelas e galáxias. A primeira viagem será para Yuggoth, o mais próximo mundo povoado pelas criaturas. É um estranho orbe negro nos confins do nosso sistema solar… ainda ignorado pelos astrônomos terrestres. Mas eu devia ter lhe escrito a respeito disso. Os alienígenas pretendem apontar correntes de pensamento na frequência certa em direção a nós e fazer com que descubram o planeta… ou talvez permitam que um dos emissários humanos forneça uma pista aos cientistas.

“Existem grandes cidades em Yuggoth… longas fileiras de torres com terraços em pedra negra, como o espécime que lhe enviei. Aquela pedra era de Yuggoth. Lá o sol não brilha mais do que uma estrela, mas as criaturas não precisam de luz. Elas têm outros sentidos, mais sutis, e não põem janelas nas enormes casas ou templos. A luz machuca e atrapalha e confunde os alienígenas, pois não existe no sombrio cosmo além do tempo e do espaço onde as criaturas originaram-se. Uma visita a Yuggoth enlouqueceria qualquer homem fraco… mesmo assim, irei até lá. Os negros rios de alcatrão que correm sob misteriosas pontes ciclópicas… estruturas construídas por alguma raça ancestral extinta e esquecida antes que as criaturas chegassem a Yuggoth vindas do vazio absoluto… tais coisas seriam suficientes para transformar em um Dante ou em um Poe qualquer homem capaz de manter o juízo tempo suficiente para relatar o que viu.

“Mas lembre-se… o mundo obscuro dos jardins fungoides e das cidades sem janela não tem nada de terrível. É apenas a nós que parece assim. Talvez o nosso mundo tenha parecido igualmente terrível aos alienígenas quando o exploraram pela primeira vez na era primordial. Afinal, eles estavam aqui muito antes que a fabulosa era de Cthulhu chegasse ao fim e viram a cidade submersa de R’lyeh quando ela ainda estava acima das águas. Também estiveram no interior da terra… existem aberturas que nenhum ser humano imagina… algumas bem aqui nas colinas de Vermont… e vastos mundos repletos de vida desconhecida lá embaixo; K’n-yan com as luzes azuis, Yorh com as luzes vermelhas e N’kai no escuro, sem luz. N’kai é o lugar de origem do pavoroso Tsathoggua… o senhor sabe, a criatura-deus amorfa e batráquia mencionada nos Manuscritos Pnakóticos, no *Necronomicon* e no ciclo mítico de Commoriom, preservado pelo alto sacerdote Klarkash-Ton de Atlântida.

“Mas nós falaremos sobre tudo isso mais tarde. Já devem ser quatro ou cinco horas. É melhor o senhor trazer as coisas da sua bolsa, fazer uma refeição e depois voltar para uma conversa.”

Virei-me devagar para fazer a vontade do meu anfitrião; busquei a minha valise, peguei os itens solicitados, depositei-os sobre a mesa e por fim subi até o quarto que me fora indicado. Com a memória dos rastros na estrada ainda fresca, os parágrafos sussurrados por Akeley surtiram um estranho efeito sobre mim; e as insinuações de familiaridade com o mundo desconhecido da vida fungoide — com o sinistro planeta Yuggoth — provocaram-me mais arrepios do que eu gostaria de admitir. Lamentei com enorme pesar o estado de saúde em que Akeley se encontrava, mas tive de admitir que seus sussurros ríspidos tinham uma qualidade lamentável e ao mesmo tempo odiosa. Se ao menos o homem não se estendesse *tanto* ao falar sobre Yuggoth e seus mistérios obscuros!

Meu quarto era uma peça agradável e bem-mobiliada, livre do odor de mofo e de qualquer vibração perturbadora, e após deixar a minha valise lá dentro eu

tornei a descer para saudar Akeley e comer a refeição que estava à minha espera. A sala de jantar ficava logo após o estúdio, e percebi que uma cozinha anexa estendia-se ainda mais além naquela mesma direção. Na mesa, uma variada gama de sanduíches, bolos e queijos me aguardava, e uma garrafa térmica ao lado de uma xícara e de um pires indicava que o café quente não fora esquecido. Depois da refeição muito bem-aproveitada, servi uma generosa xícara de café, mas percebi que o padrão culinário havia sofrido um lapso neste ponto. A primeira colherada trouxe um sabor acre levemente desagradável, e assim não bebi mais. Durante todo o almoço fiquei pensando em Akeley, postado em silêncio na poltrona do aposento escuro logo ao lado. Entrei uma vez para insistir em que me acompanhasse na refeição, mas o homem sussurrou que ainda não se sentia capaz de comer. Mais tarde, logo antes de dormir, tomaria um leite maltado — tudo o que haveria de consumir naquele dia.

Depois do almoço eu insisti em tirar a mesa e lavar os pratos na pia da cozinha — e por acaso esvaziei a térmica com o café que eu não havia apreciado. Então, de volta à penumbra do estúdio, puxei uma cadeira para junto do canto onde o meu anfitrião estava acomodado e preparei-me para entabular a conversa que desejasse. As cartas, as fotografias e a gravação ainda estavam na grande mesa de centro, mas naquele momento não seriam necessárias. Pouco tempo depois esqueci do odor bizarro e das curiosas sensações vibratórias.

Como eu já disse, havia certas coisas nas cartas de Akeley — em especial na segunda, a mais extensa — que eu não me atreveria a mencionar ou sequer traçar no papel. Essa hesitação aplica-se ainda mais às coisas que me foram sussurradas durante a noite que passei naquele aposento escuro em meio às solitárias colinas assombradas. Não posso sequer insinuar a dimensão dos horrores cósmicos revelados por aquela voz ríspida. Akeley já estivera diante de coisas monstruosas em outras ocasiões, mas o que havia descoberto após o pacto com as Coisas Siderais estava quase além dos limites da sanidade humana. Até hoje me recuso terminantemente a acreditar nas insinuações que fez sobre a constituição última da infinitude, a justaposição das dimensões e a terrível posição ocupada pelouniverso conhecido do espaço-tempo na infinita cadeia de átomos-cosmos que compõem o supercosmo imediato de curvas, ângulos e organizações eletrônicas materiais e semimateriais.

Nunca um homem são esteve tão perto dos mistérios arcanos da entidade primordial — nunca um cérebro orgânico esteve tão próximo da aniquilação total perante o caos que transcende as formas e as forças e as simetrias. Aprendi sobre as origens de Cthulhu e sobre o motivo que levou metade das grandes estrelas temporárias a se acender. Imaginei — a partir de insinuações que levavam o meu informante a fazer pausas tímidas — qual seria o segredo por trás das Nuvens de Magalhães e das nebulosas globulares, e a verdade negra oculta pelas alegorias

imemoriais do Tao. A natureza dos Doels me foi revelada em toda a plenitude, e fui esclarecido quanto à essência (embora não em relação à origem) dos Cães de Tindalos. A lenda de Yig, Pai das Serpentes, despiu-se do caráter figurativo, e tive um sobressalto de repulsa quando ouvi detalhes a respeito do monstruoso caos nuclear além do espaço anguloso que o *Necronomicon* piedosamente oculta sob o nome de Azathoth. Foi assombroso ter os mais horripilantes pesadelos dos mitos ocultos explicados em termos concretos, cujo horror absoluto e mórbido ultrapassava até mesmo as mais ousadas insinuações dos místicos antigos e medievais. Defrontei-me com evidências inelutáveis de que os primeiros a sussurrar essas histórias amaldiçoadas tivessem estabelecido contato com as Criaturas Siderais e talvez visitado reinos cósmicos longínquos, tal como Akeley propunha-se a visitar.

Ouvi histórias sobre a Pedra Negra e sobre o significado que encerrava e senti um grande alívio por nunca a ter recebido. As minhas suposições acerca dos hieróglifos estavam todas corretas! No entanto, Akeley parecia estar em paz com todo o diabólico sistema que havia descoberto; em paz e ávido por sondar ainda mais fundo aquele monstruoso abismo. Comecei a imaginar com que criaturas haveria falado desde a última carta e também a pensar se muitas não teriam sido humanos, como aquele primeiro emissário. A tensão na minha cabeça atingiu níveis insuportáveis, e comecei a elaborar toda sorte de teorias improváveis a respeito do estranho e persistente odor e das tênues e insidiosas vibrações no aposento escuro.

A noite estava caindo e, quando recordei o que Akeley havia me escrito sobre as noites anteriores, estremeci ao pensar que não haveria lua. Tampouco me agradava a ideia de que a fazenda estivesse localizada na colossal encosta verdejante que levava até o pináculo deserto da Montanha Sombria. Com a permissão de Akeley, acendi uma lamparina a óleo, diminuí a chama e coloquei-a em uma estante de livros afastada, ao lado de um fantasmagórico busto de Milton; mas logo depois me arrependi, pois a luz fazia o rosto tenso e impassível e as débeis mãos do meu anfitrião revestirem-se de um aspecto demoníaco e cadavérico. O homem parecia quase incapaz de se mover, embora eu percebesse que vez por outra meneava a cabeça.

Depois de tudo o que havia me dito eu mal conseguia imaginar que segredos mais profundos estaria guardando para a manhã; mas enfim ficou claro que a viagem para Yuggoth e além — *e a minha participação nela* — seria o assunto do dia seguinte. Akeley deve ter se divertido com o sobressalto de horror que tive ao receber o convite para uma viagem cósmica, pois balançou violentamente a cabeça quando demonstrei os meus temores. A seguir, falou com muita tranquilidade sobre como os seres humanos podem efetuar — e muitas vezes efetuaram — o voo aparentemente impossível através do vazio interestelar.

Parece que *corpos humanos completos de fato não se prestam à viagem*, porém, graças a espantosas habilidades cirúrgicas, biológicas, químicas e mecânicas, as Criaturas Siderais haviam encontrado um modo de transportar cérebros humanos sem a estrutura física concomitante.

Era possível extrair um cérebro sem nenhum prejuízo ao hospedeiro e manter os resíduos orgânicos vivos durante sua ausência. A matéria cerebral pura e compacta era então imersa em um fluido nutritivo dentro de um cilindro à prova de éter feito com um metal encontrado em Yuggoth e provido de eletrodos que podiam ser conectados a complexos instrumentos capazes de duplicar as três habilidades essenciais da visão, da audição e da fala. Para os seres fungoides alados, carregar os cilindros cerebrais através do espaço era uma tarefa simples. Assim, em cada planeta as criaturas encontravam vários instrumentos reguláveis que se ligavam aos cérebros conservados; de modo que, após certos ajustes, essas inteligências interestelares eram dotadas de uma vida sensória e articulada completa — embora incorpórea e mecânica — a cada passo da longa jornada rumo aos limites do *continuum* espaço-tempo e além. Era tão simples quanto carregar um cilindro de cera e tocá-lo sempre que houvesse um fonógrafo de feitio correspondente. Quanto ao sucesso da experiência, não havia a menor sombra de dúvida. Akeley estava confiante. O processo já não fora levado a cabo incontáveis vezes, sempre de maneira brilhante?

Pela primeira vez, uma das mãos inertes e descarnadas ergueu-se e apontou para uma estante alta no outro lado do estúdio. Lá, em uma organizada fileira de livros, havia mais de uma dúzia de cilindros de um metal que eu jamais tinha visto — cilindros com cerca de trinta centímetros de altura e diâmetro um pouco menor, dotados de três singulares conectores dispostos em um triângulo isósceles na superfície convexa frontal. Um dos cilindros tinha dois conectores ligados a um par de estranhas máquinas um pouco mais ao fundo. Quanto ao propósito daquilo, nada mais precisava ser dito, e um arrepio fez-me estremecer. Então percebi que a mão apontou para um canto muito mais próximo onde estavam reunidos alguns instrumentos complexos dotados de fios e conectores, muitos dos quais tinham uma notável semelhança com os dois dispositivos na estante.

“— Aí estão quatro tipos de instrumento, Wilmarth — sussurrou-me a voz. — Quatro tipos… três faculdades cada um… no total, doze peças. O senhor pode ver que existem quatro espécies diferentes naqueles cilindros lá em cima. Três humanos, seis criaturas fungoides que não podem navegar pelo espaço de maneira corpórea, dois seres de Netuno (Meu Deus! Não queira imaginar o aspecto das criaturas desse planeta!); e os restantes, entidades nativas às cavernas centrais de uma estrela negra particularmente interessante além dos confins da galáxia. No posto avançado principal no interior de Round Hill o senhor eventualmente poderá descobrir mais cilindros e máquinas… cilindros de cérebros

extracósmicos com sentidos diferentes de tudo o que conhecemos… aliados e exploradores do Universo longínquo… e máquinas especiais capazes de suprir a um só tempo a necessidade de impressões e de expressão necessária ao contato com diferentes tipos de interlocutor. Round Hill, como a maioria dos postos avançados que as criaturas estabeleceram por vários universos, é um lugar muito cosmopolita! Claro, consegui obter apenas as espécies mais comuns para os meus experimentos.

"Tenha a bondade de pôr aquelas três máquinas em cima da mesa. A alta com as duas lentes de vidro na frente… a caixa com os tubos de vácuo e a placa de ressonância… e por último aquela com um disco de metal em cima. Agora pegue o cilindro com o rótulo B-67. Pode subir na cadeira Windsor para alcançar a estante. Está pesado? Não tem problema! Confira o rótulo… B-67. Não mexa no cilindro mais novo e reluzente conectado aos dois instrumentos de teste… esse que tem o meu nome. Ponha o B-67 em cima da mesa, ao lado das máquinas… e assegure-se de que o botão dos três aparelhos esteja totalmente virado para a esquerda.

"Agora ligue o fio da máquina com as lentes ao conector superior do cilindro… assim! Ligue a máquina com os tubos ao conector da esquerda e o dispositivo com o disco ao conector de fora. Agora gire os botões das três máquinas para a direita… primeiro a da lente, depois a do disco e por último a do tubo. Ótimo. Devo lhe dizer que este é um ser humano como nós dois. Amanhã eu lhe darei uma demonstração das outras criaturas."

Até hoje não sei por que obedeci a esses sussurros, nem se achei que Akeley era louco ou são. Depois de tudo o que havia acontecido, eu devia estar preparado para qualquer coisa; mas aquela pantomima mecânica lembrou-me das típicas extravagâncias de inventores e cientistas malucos a ponto de fazer soar uma nota de dúvida que nem mesmo o discurso anterior havia despertado. As insinuações sussurradas pelo meu anfitrião desafiavam toda a crença humana — mas não havia coisas mais além, tornadas menos ridículas apenas pela distância que as separava de provas materiais concretas?

Enquanto os meus pensamentos rodopiavam em meio ao caos, percebi um ruído emitido pelas três máquinas recém-ligadas ao cilindro — um ruído que logo deu lugar ao silêncio quase absoluto. O que estaria prestes a acontecer? Será que eu haveria de escutar uma voz? Se assim fosse, como saber que não se tratava de um aparelho de rádio controlado por um operador oculto mas com plena visão da cena? Nem hoje me sinto à vontade para dizer com certeza o que ouvi ou para descrever com certeza o fenômeno que presenciei. Mas algo de fato pareceu acontecer.

Para ser breve e direto, a máquina com os tubos e a placa de ressonância começou a falar, e demonstrou uma orientação e uma consciência que só

poderiam ser admitidas se de fato estivesse na nossa presença. A voz era alta, metálica, sem vida e mecânica em todos os aspectos sonoros. Mostrava-se incapaz de qualquer inflexão ou ênfase, porém seguia arranhando e chiando com precisão e deliberação mortais.

"— Sr. Wilmarth — disse a coisa —, espero não assustá-lo. Sou um homem como o senhor, embora o meu corpo agora esteja descansando e recebendo todos os cuidados vitais necessários no interior de Round Hill, a pouco mais de dois quilômetros ao leste. Estou aqui, na presença do senhor… meu cérebro está dentro daquele cilindro e eu vejo, escuto e falo através destes instrumentos eletrônicos. Dentro de uma semana atravessarei o vazio como já fiz inúmeras outras vezes, e espero ser agraciado com a companhia do sr. Akeley. Eu também gostaria que o senhor fosse conosco, pois conheço-o de vista e de nome, e acompanhei com grande interesse as correspondências que o senhor trocou com o nosso amigo. Como o senhor pode imaginar, sou um dos homens que aliou-se aos seres extraterrestres que chegaram ao nosso planeta. Encontrei-os pela primeira vez no Himalaia e, desde então, venho ajudando-os de diversas maneiras. Em troca, as criaturas propiciaram-me experiências que poucos homens já tiveram.

"O senhor tem noção da magnitude do que estou dizendo quando afirmo ter estado em trinta e sete corpos celestes diferentes… planetas, estrelas negras e outros objetos menos definíveis… incluindo oito fora da nossa galáxia e dois fora do universo curvo do espaço-tempo? Tudo sem nenhum risco para mim. Meu cérebro foi removido do corpo por meio de fissões tão hábeis que seria grosseiro chamar o procedimento de cirurgia. Os seres visitantes têm métodos que permitem realizar essas extrações de maneira simples e quase normal… e o corpo não envelhece enquanto o cérebro está fora. O cérebro, aliás, torna-se praticamente imortal graças às faculdades mecânicas e a um sistema nutritivo suprido mediante trocas ocasionais do fluido que o preserva.

"Em suma, espero que o senhor decida vir comigo e com o sr. Akeley. Os visitantes estão ansiosos por conhecer homens de ciência como o senhor e mostrar-lhes os grandiosos abismos com que quase todos nós precisamos sonhar em nossa ignorância fantasiosa. No início o contato pode parecer estranho, mas sei que o senhor logo estará acostumado. Acho que o sr. Noyes também vai nos acompanhar… o homem que o trouxe até aqui de carro. Ele tem nos ajudado há anos… imagino que o senhor tenha reconhecido a voz como sendo a mesma que aparece na gravação feita pelo sr. Akeley."

Ante o meu violento sobressalto, meu interlocutor deteve-se por um instante antes de concluir.

"Bem, sr. Wilmarth, cabe ao senhor decidir; eu apenas gostaria de acrescentar que, com o amor que tem às coisas estranhas e folclóricas, o senhor não deve perder uma chance como esta. Não há nada a temer. Todas as transições

são indolores e há muito a apreciar no estado sensorial mecânico. Quando os eletrodos são desconectados, simplesmente dormimos um sono cheio de sonhos vívidos e fantásticos.

"E agora, se o senhor não se importa, deixaremos o resto para o encontro de amanhã. Boa noite… peço apenas que gire todos os botões mais uma vez para a esquerda; não se preocupe com a ordem, embora o senhor possa desligar a máquina com as lentes por último. Boa noite, sr. Akeley… não se esqueça de tratar bem o nosso hóspede! Pronto para operar os botões?"

Isso foi tudo. Obedeci como um autômato e desliguei os três botões, embora estivesse assolado por inúmeras dúvidas em relação a tudo o que acabara de ocorrer. Meus pensamentos ainda rodopiavam quando ouvi a voz sussurrante de Akeley dizer que eu poderia deixar todo o aparato em cima da mesa. Ele não tentou fazer nenhum comentário em relação ao ocorrido, e de fato nenhum comentário poderia ter sido de grande valia para as minhas sobrecarregadas faculdades mentais. Ouvi-o dizer que eu poderia levar a lamparina para o meu quarto e deduzi que pretendia repousar sozinho no escuro. Sem dúvida, o homem precisava descansar, pois o esforço para falar durante a tarde e a noite fora suficiente para exaurir até mesmo um homem robusto. Ainda estupefato, desejei boa noite ao meu anfitrião e subi a escada de lamparina em punho, ainda que eu tivesse uma excelente lanterna de bolso comigo.

Fiquei muito aliviado ao sair daquele estúdio de cheiro estranho e com vagas sugestões vibratórias no primeiro andar, mas não pude escapar a uma horrenda sensação de perigo e terror e anormalidade cósmica ao pensar no local em que eu me encontrava e nas forças com as quais me defrontava. A paisagem inexplorada e solitária, a misteriosa encosta negra coberta de bosques que se erguia logo atrás da casa, os rastros na estrada, os sussurros mórbidos do meu interlocutor imóvel na escuridão, os cilindros e as máquinas infernais e, acima de tudo, os convites para submeter-me a estranhas cirurgias e a jornadas ainda mais estranhas — essas coisas, tão novas e em tão rápida sucessão, precipitaram-se sobre mim com uma força capaz de solapar a minha determinação e por pouco não minaram a minha força física.

Descobrir que o meu guia Noyes era o participante humano no monstruoso Sabá registrado na gravação foi um golpe particularmente duro, embora eu já houvesse pressentido uma familiaridade tênue e odiosa em sua voz. Outro choque advinha dos meus próprios sentimentos em relação ao meu correspondente sempre que eu me dispunha a analisá-los; por mais que houvesse nutrido uma simpatia instintiva por Akeley durante a nossa troca de correspondências, descobri que o homem inspirava-me uma acentuada repulsa. O enfermo deveria ter despertado a minha comiseração; antes, no entanto, proporcionava-me uma

espécie de arrepio. Akeley tinha um aspecto tão rígido e inerte e cadavérico — e aqueles sussurros incessantes eram tão odiosos e inumanos!

Ocorreu-me que os sussurros eram diferentes de qualquer outra coisa que eu tivesse ouvido até então; que, apesar da curiosa imobilidade dos lábios cobertos pelo bigode, tinham um poder e uma força latente notáveis para os estertores de um asmático. Eu o havia escutado do outro lado do estúdio e, por uma ou duas vezes, tive a impressão de que a pronúncia suave mas penetrante seria resultado não da prostração física, mas antes de uma contenção deliberada — cujo propósito escapava-me de todo. Desde o primeiro instante notei uma qualidade perturbadora no timbre. Ora, quando refleti sobre o assunto, pensei que talvez pudesse atribuir essa impressão a uma espécie de familiaridade subconsciente, como a que me havia levado a perceber algo vagamente agourento na voz de Noyes. Mesmo assim, definir o momento e o local exatos em que eu poderia ter me deparado com a origem desse sentimento estava além da minha capacidade.

Uma coisa era certa — eu não passaria mais uma noite naquela casa. Meu fervor científico havia desaparecido em meio ao medo e à repulsa, e eu já não sentia mais nada além de um anseio por escapar daquela teia de morbidez e revelações assombrosas. Eu havia descoberto o suficiente. Deve ser verdade que ligações cósmicas existem — mas não cabe aos seres humanos normais envolver-se com elas.

Influências blasfemas pareciam impor um cerco cada vez mais fechado às minhas faculdades. Dormir estava fora de cogitação; então simplesmente apaguei a lamparina e atirei-me na cama ainda vestido. Pode parecer absurdo, mas eu quis estar preparado para qualquer emergência desconhecida; assim, fiquei com o revólver que havia levado na mão direita, e a lanterna de bolso na esquerda. Não ouvi nenhum som no térreo, onde imaginei que o meu anfitrião estivesse sentado com uma rigidez cadavérica no escuro.

Em algum lugar ouvi o tique-taque de um relógio e fiquei aliviado ao reconhecer a normalidade do som. Em seguida, porém, um outro aspecto da localidade chamou-me a atenção — a absoluta ausência de vida animal. Não havia animais ao redor, e naquele instante percebi que até mesmo os sons costumeiros dos animais noturnos estavam ausentes. A não ser pelo gorgolejo de águas longínquas, tamanho silêncio pareceu-me anormal — interplanetário —, e perguntei-me que malogro estelar e intangível estaria pairando sobre a região. Recordei que, segundo as lendas antigas, cães e gatos tinham horror às Criaturas Siderais, e indaguei-me sobre o significado dos rastros na estrada.

VIII.

Não me pergunte quanto tempo sucumbi a um sono inesperado nem quanto do que se seguiu foi apenas um sonho. Se eu disser que acordei em um determinado horário e vi e ouvi certas coisas, o senhor vai responder que na verdade eu não acordei; e que tudo não passou de um sonho até o momento em que saí correndo da casa, avancei aos tropeços até o galpão onde eu tinha avistado o velho Ford e usei o antigo veículo para empreender uma corrida frenética e sem rumo pelas colinas assombradas, que por fim levaram-me — após horas percorrendo terreno acidentado e curvas labirínticas em meio à floresta — até o vilarejo de Townshend.

Sem dúvida, o senhor também há de desconsiderar todo o resto do meu relato; e declarar que todas as fotografias, gravações, sons de cilindros e máquinas e evidências similares eram parte de um simples embuste armado pelo desaparecido Henry Akeley. Talvez o senhor chegue a insinuar que o meu anfitrião teve o auxílio de outros excêntricos para elaborar uma farsa complexa — que foi o responsável pelo sumiço do pacote em Keene e que teve a colaboração de Noyes para fazer aquela terrível gravação no cilindro de cera. Mesmo assim, é estranho que até hoje Noyes sequer tenha sido identificado; e que ninguém o conheça nos vilarejos perto da residência de Akeley, embora deva ter feito aparições frequentes nesses lugares. Às vezes pergunto-me por que não me ocorreu memorizar a placa daquele automóvel — mas talvez tenha sido melhor assim. Enfim, apesar de tudo o que o senhor possa dizer, e apesar de tudo o que eu mesmo às vezes tento me dizer, sei que pavorosas influências alienígenas devem estar à espreita nas colinas inexploradas — e que essas influências têm espiões e emissários no mundo dos homens. Tudo o que eu quero na vida de agora em diante é manter-me o mais longe possível dessas influências e desses emissários.

Quando a história desvairada convenceu o xerife a enviar um destacamento até a fazenda, Akeley havia desaparecido sem deixar vestígios. O roupão, o cachecol amarelo e as ataduras que usava nos pés foram encontrados no chão do estúdio, próximos à poltrona do canto, e não ficou claro se alguma outra coisa também havia sumido. Os cães e os outros animais tampouco foram localizados, e havia curiosas marcas de bala nas paredes externas e internas da casa; no mais, nada de estranho foi detectado. Nada de cilindros ou de máquinas, nada das evidências que eu havia transportado na minha valise, nada do odor ou das estranhas vibrações, nada das pegadas na estrada e nada relativo às coisas ainda mais problemáticas que presenciei nos últimos momentos da minha estada.

Passei uma semana em Brattleboro após a minha fuga, conduzindo investigações entre as pessoas que haviam conhecido Akeley; e os resultados convenceram-me de que o ocorrido não foi fruto de um sonho ou de uma alucinação. Havia registros relativos às compras de cães e munições e produtos

químicos e aos cortes na fiação telefônica de Akeley; e todos os que o conheceram — incluindo o filho na Califórnia — admitem que seus comentários ocasionais sobre os estranhos estudos que conduzia apresentavam uma certa consistência. Cidadãos confiáveis tinham-no por louco e sem nenhuma hesitação declaravam que todas as evidências eram uma simples farsa preparada com uma engenhosidade insana que talvez recebesse o apoio de outros comparsas excêntricos; porém os camponeses mais humildes confirmam todos os detalhes das alegações feitas. Akeley havia mostrado a alguns desses rústicos as fotografias e a pedra negra, havia tocado para eles a horrenda gravação; e todos disseram que as pegadas e os zumbidos estavam de acordo com as lendas ancestrais.

Disseram também que sons e visões suspeitas haviam se tornado mais frequentes nos arredores da casa de Akeley depois que descobriu a pedra negra, e que o lugar passara a ser evitado por quase todo mundo a não ser o carteiro e outros visitantes ocasionais e céticos. Tanto a Montanha Sombria como Round Hill eram conhecidas como lugares assombrados, e não consegui encontrar ninguém que as houvesse explorado a fundo. O desaparecimento ocasional de pessoas na região era bem documentado na história do distrito, e entre os desaparecidos estava o andarilho Walter Brown, mencionado na correspondência de Akeley. Cheguei a descobrir um fazendeiro que imaginava ter visto um dos estranhos corpos arrastados pela enchente no West River, mas a história que contou era confusa demais para ter qualquer valor.

Saí de Brattleboro decidido a nunca mais retornar a Vermont, e até hoje a minha decisão permanece inalterada. Aquelas colinas inexploradas são com certeza o posto avançado de uma terrível raça interplanetária — e tenho ainda menos motivo para duvidar agora que um novo planeta acaba de ser descoberto além de Netuno, tal como as criaturas previram. Os astrônomos, com uma propriedade muito mais terrível do que poderiam imaginar, chamaram-no de “Plutão”. Para mim não há dúvida de que se trata do sombrio planeta Yuggoth — e estremeço ao pensar sobre o *real motivo* que teria levado os alienígenas infernais a revelar a existência deste corpo celeste justo agora. Em vão tento assegurar-me de que as criaturas demoníacas não pretendem estabelecer uma nova ordem que seja danosa à Terra e à raça humana.

Mas ainda preciso relatar o desfecho da terrível noite que passei na fazenda. Como eu disse, passado algum tempo sucumbi a um sono intranquilo; um sono repleto de pesadelos com vislumbres de paisagens monstruosas. Não sei dizer o que me acordou, mas estou certo de ter acordado neste ponto. Minha primeira impressão confusa foi a de ouvir leves rangidos no assoalho do corredor que levava até o meu quarto e uma canhestra e abafada manipulação do trinco. Mas logo tudo passou; de modo que as minhas impressões realmente nítidas

começaram com as vozes que escutei no estúdio do térreo. Parecia haver vários interlocutores, e imaginei que estivessem discutindo um assunto controverso.

Bastou ouvir aquilo por alguns segundos para que eu despertasse com um sobressalto, pois a natureza das vozes era um acinte ao sono. Os timbres eram variados, e ninguém que houvesse escutado a gravação do fonógrafo poderia ter qualquer dúvida quanto à natureza de pelos menos dois falantes. Por mais horrenda que a ideia fosse, eu sabia estar sob o mesmo teto que abrigava criaturas inomináveis dos abismos siderais; e aquelas duas vozes decerto eram os zumbidos blasfemos que as Criaturas Siderais usavam no trato com os homens. As duas apresentavam diferenças entre si — diferenças de altura, sotaque e andamento —, porém eram manifestações de uma única espécie abominável.

Uma terceira voz com certeza vinha de uma placa de ressonância conectada a um dos cérebros conservados em cilindros. Essa última levantava tão poucas dúvidas quanto os zumbidos; pois seria absolutamente impossível esquecer aquela voz alta, metálica e sem vida da noite anterior, marcada por uma inflexão monótona e por chiados inexpressivos somados a uma precisão impessoal e absoluta deliberação. Por algum tempo não me preocupei em averiguar se o intelecto por trás dos chiados seria o mesmo que havia falado comigo; mas logo depois pensei que qualquer cérebro haveria de emitir sons vocais da mesma qualidade se estivesse conectado à mesma placa de ressonância; as únicas diferenças possíveis estariam no vocabulário, no ritmo, na cadência e na pronúncia. Para completar o quimérico parlatório, havia duas vozes humanas — uma, a fala grosseira de um homem desconhecido e rústico; a outra, o suave sotaque bostoniano de Noyes, o meu guia de outrora.

Enquanto eu tentava captar as palavras que o grosso assoalho abafava de modo exasperante, tomei consciência de uma comoção com estrépitos e arranhões no piso inferior; assim, não pude escapar à impressão de que a casa estava repleta de seres vivos — em número muito maior do que as vozes que eu conseguia detectar. Descrever a natureza exata da comoção é difícil ao extremo, pois mal existem termos comparativos apropriados. De vez em quando, objetos pareciam mover-se de um lado a outro no cômodo, como se fossem dotados de consciência; o som dos movimentos lembrava o ruído feito por um material solto e rígido — como o contato entre superfícies mal-encaixadas de chifre ou de borracha dura. Para fazer uma comparação mais concreta, embora menos exata, era como se pessoas estivessem cambaleando com sapatos rachados de madeira pelo assoalho de tábua polida. Quanto à natureza e ao aspecto das criaturas responsáveis pelos sons, não me atrevi a especular.

Logo percebi que seria impossível acompanhar o colóquio de maneira coerente. Palavras isoladas — incluindo o nome de Akeley e o meu — apareciam de vez em quando, em especial quando produzidas pela chapa de ressonância;

mas o verdadeiro significado permaneceu além do meu alcance por falta de contexto. Hoje me recuso a tirar qualquer conclusão definitiva a partir do que ouvi, e mesmo o horripilante efeito que as palavras tiveram sobre mim foi mais uma *sugestão* do que uma *revelação*. Tive a certeza de que um conclave terrível e anormal estava reunido no cômodo abaixo do meu quarto; mas para que apavorantes deliberações eu não sabia. Foi curioso perceber que esse inquestionável sentimento de estar na presença de algo maligno e blasfemo tenha me invadido ainda que Akeley tivesse me asseverado que os alienígenas eram pacíficos.

Pus-me a escutar com paciência e logo comecei a distinguir as vozes umas das outras, embora eu não conseguisse entender boa parte do que diziam. Tive a impressão de captar emoções características por trás de certos interlocutores. Um dos zumbidos, por exemplo, manifestava uma autoridade inconfundível; enquanto a voz mecânica, a despeito da altura e da regularidade artificial, parecia estar em uma posição subordinada e suplicante. Os timbres de Noyes exsudavam uma espécie de atmosfera conciliatória. Não fiz nenhuma tentativa de interpretar as demais vozes. Não escutei o sussurro familiar de Akeley, mas eu sabia que um som como aquele jamais atravessaria o sólido piso do meu quarto.

Tentarei relatar algumas das palavras soltas e dos outros sons que ouvi, identificando as vozes da melhor maneira possível. As primeiras frases reconhecíveis que captei foram proferidas pela placa de ressonância.

(PLACA DE RESSONÂNCIA)

"…eu mesmo provoquei… as cartas e a gravação… acabar… recebidas… ver e ouvir… maldição… força impessoal, enfim… reluzente cilindro novo… grande Deus…"

(PRIMEIRO ZUMBIDO)

"…vez que paramos… pequeno e humano… Akeley… cérebro… dizendo…"

(SEGUNDO ZUMBIDO)

"… Nyarlathotep… Wilmarth… gravações e cartas… farsa qualquer…"

(NOYES)

"…(uma palavra ou um nome impronunciável, possivelmente Ntyah-Kthun) …inofensivo… paz… algumas semanas… teatral… havia dito antes…"

(PRIMEIRO ZUMBIDO)

"…sem motivo… plano original… efeitos… Noyes pode observar… Round Hill… cilindro novo… carro de Noyes…"

(NOYES)

"…bem… todo seu… por lá… descanso… paz…"

(DIVERSAS VOZES INCOMPREENSÍVEIS E SIMULTÂNEAS)

(INÚMERAS PASSADAS, INCLUINDO A COMOÇÃO OU O MOVIMENTO PECULIAR)

(ESTRANHO SOM DE ALGUMA COISA AGITANDO-SE)

(SOM DE UM AUTOMÓVEL DANDO PARTIDA E AFASTANDO-SE)

(SILÊNCIO)

Eis a essência do que os meus ouvidos comunicaram-me enquanto eu permanecia estirado na cama do andar superior daquela fazenda assombrada em meio às colinas demoníacas — fiquei deitado com todas as minhas roupas, um revólver na mão direita e uma lanterna de bolso na esquerda. Como eu já disse,

despertei com um sobressalto; mas algo como uma paralisia obscura manteve-me inerte por muito tempo depois que os últimos ecos extinguiram-se. Escutei o tique-taque deliberado do antigo relógio de Connecticut vindo de algum lugar do térreo, e por fim imitei os roncos irregulares de uma pessoa adormecida. Akeley deve ter adormecido logo após a estranha sessão, e eu estava convencido de que era um sono necessário.

Decidir o que pensar ou o que fazer parecia além das minhas capacidades. Afinal, o que havia em tudo aquilo além do que as informações preliminares tinham me levado a esperar? Acaso eu não sabia que os Alienígenas sem nome tinham livre acesso à fazenda? Sem dúvida Akeley fora surpreendido por uma visita inesperada. No entanto, algo naquele discurso fragmentário havia me inspirado calafrios indescritíveis, levantado as mais grotescas e horríveis suspeitas e feito com que eu desejasse de todo o coração acordar e descobrir que tudo não passava de um sonho. Acho que o meu subconsciente deve ter captado algo que passou desapercebido ao meu intelecto. Mas e quanto a Akeley? Não era meu amigo, e não teria protestado se algum mal estivesse sendo tramado contra mim? O ronco tranquilo no andar de baixo parecia ridicularizar todos os meus temores subitamente agravados.

Seria possível que Akeley fosse a vítima inocente de uma farsa, usada como isca para me levar até as colinas com as cartas e as fotografias e a gravação do fonógrafo? Será que aquelas criaturas tinham a intenção de precipitar-nos a uma destruição comum em virtude de tudo o que havíamos descoberto? Mais uma vez refleti sobre a abrupta e inexplicável mudança que deve ter ocorrido no intervalo entre a penúltima e a derradeira carta de Akeley. Meu instinto dizia que alguma coisa estava muito errada. Nada era o que parecia. Aquele café com gosto acre que eu havia recusado — não fora obra de alguma entidade oculta e desconhecida no intuito de me drogar? Senti que eu precisava falar com Akeley o mais breve possível e abrir-lhe os olhos. As criaturas haviam-no hipnotizado com promessas de revelações cósmicas, mas estava na hora de voltar à razão. Precisávamos sair de lá antes que fosse tarde demais. Caso lhe faltassem forças para empreender a fuga rumo à liberdade, eu trataria de supri-las. Se eu não conseguisse persuadi-lo, ao menos poderia ir embora sozinho. Com certeza Akeley poderia emprestar-me o Ford se depois eu o deixasse em uma garagem em Brattleboro. Eu tinha visto o automóvel no galpão — que ficava de porta aberta agora que o perigo havia passado — e imaginei que haveria grandes chances de que estivesse pronto para uso imediato. A aversão momentânea que senti por Akeley durante e após nossa conversa noturna havia desaparecido. O coitado estava em uma posição semelhante à minha e precisávamos um do outro. Ciente da condição em que se encontrava, relutei em acordá-lo a uma hora daquelas, mas senti que era necessário. Eu não poderia ficar naquele lugar até o amanhecer.

Por fim, senti o impulso de agir e espreguicei-me com vontade para recobrar a força dos meus músculos. Depois de me levantar com uma cautela mais impulsiva do que deliberada, pus o chapéu na cabeça, peguei minha valise e comecei a descer as escadas com o auxílio da lanterna. Devido ao nervosismo, mantive o revólver empunhado na mão direita e dei um jeito de carregar a valise e a lanterna com a esquerda. Não sei ao certo por que tomei essas precauções, pois minha intenção era acordar o único outro ocupante da casa.

Ao descer os ruidosos degraus da escada em direção ao vestíbulo do térreo, pude ouvir os roncos com maior clareza e notei que pareciam vir do cômodo à minha esquerda — a sala de visitas onde eu não havia estado. À minha direita estavam as trevas impenetráveis do estúdio onde eu ouvira as vozes. Enquanto abria a porta que levava à sala, levei o facho da lanterna em direção à origem dos roncos e, por fim, projetei a luz no rosto do vulto que dormia. No instante seguinte, porém, afastei o facho e dei início a uma retirada furtiva em direção ao vestíbulo, motivada por uma precaução que dessa vez tinha origem não apenas no instinto mas também na razão — pois o homem adormecido no sofá não era Akeley, mas o meu antigo guia Noyes.

Não pude compreender qual era a situação de fato; mas o bom-senso indicou-me que o mais seguro a fazer seria proceder à investigação mais completa possível antes de acordar quem quer que fosse. Ao ganhar mais uma vez o vestíbulo, em silêncio fechei e tranquei a porta da sala; diminuindo assim as chances de acordar Noyes. Logo adentrei com todo o cuidado as trevas do estúdio, onde eu esperava encontrar Akeley, desperto ou adormecido, na grande poltrona do canto que sem dúvida era o seu lugar favorito. À medida que eu avançava, o facho da lanterna caiu sobre a grande mesa de centro, revelando um dos cilindros infernais conectado às máquinas de visão e de audição e próximo a uma máquina de fala, pronta para ser conectada a qualquer instante. Pensei que aquele deveria ser o cérebro que eu ouvira falar durante a horrenda conferência; e por um instante senti um impulso quase irresistível de conectar a máquina de fala para saber o que haveria de dizer. Imaginei que mesmo naquele momento o cérebro devia estar consciente da minha presença; pois as ligações da visão e da audição não falhariam em revelar o facho da minha lanterna e o leve estalar do assoalho sob os meus pés. Mas no fim não me atrevi a mexer naquela coisa. Notei que se tratava do reluzente cilindro novo com o nome de Akeley que eu havia percebido à noite na estante e no qual o meu anfitrião havia pedido que eu não mexesse. Ao recordar a cena, lamento a minha timidez e arrependo-me de não ter dado ao aparato a chance de falar. Só Deus sabe que mistérios e dúvidas atrozes e questões de identidade poderia ter esclarecido! Mesmo assim, talvez tenha sido melhor deixar aquilo em paz.

Voltei minha lanterna em direção ao canto onde imaginei que encontraria Akeley, porém descobri, para minha grande perplexidade, que a poltrona estava vazia de qualquer ocupante humano, desperto ou adormecido. O familiar e volumoso roupão estendia-se do assento até o piso, e logo ao lado estavam o cachecol amarelo e as enormes ataduras para os pés que eu havia achado tão estranhas. Enquanto eu hesitava, conjecturando onde Akeley poderia estar e por que havia abandonado de maneira tão súbita as vestes de enfermo, percebi que o estranho odor e a sensação vibratória já não se faziam presentes no recinto. Qual fora a causa daqueles fenômenos? Ocorreu-me que eu só os havia notado na proximidade de Akeley. As manifestações eram intensas no local onde o homem ficava sentado, porém totalmente ausentes a não ser na peça que ocupava ou logo após o limiar da porta. Detive-me por um instante e deixei o facho da lanterna correr pelas trevas do estúdio enquanto cogitava alguma explicação plausível para o desenrolar dos acontecimentos.

Ah, como eu queria ter saído discretamente de lá sem iluminar mais uma vez a cadeira vazia! Da maneira como foi, minha saída não teve nada de discreta; mas veio acompanhada de um grito abafado que, embora não tenha acordado, deve ter perturbado a sentinela adormecida no outro lado do vestíbulo. O grito, bem como os roncos imperturbados de Noyes, são os últimos sons que lembro de ter ouvido naquela fazenda mórbida sob os picos enegrecidos de uma montanha assombrada — naquele núcleo de horror intercósmico em meio a solitárias colinas verdejantes e córregos que murmuram maldições em uma rústica região espectral.

É um milagre que eu não tenha derrubado a lanterna, a valise ou o revólver durante a minha fuga desesperada, mas de alguma forma mantive tudo comigo. De fato, consegui sair daquele aposento e daquela casa sem fazer mais nenhum ruído, arrastar-me junto com os meus pertences até o velho Ford no galpão e dar a partida no vetusto automóvel para então seguir rumo a um abrigo desconhecido em meio à noite escura e sem lua. A viagem que se seguiu foi um delírio digno de Poe ou de Rimbaud ou dos desenhos de Doré, mas por fim cheguei a Townshend. Isso é tudo. Se a minha sanidade permanece intacta, considero-me um afortunado. Às vezes temo o que o futuro pode trazer, em especial após a curiosa descoberta do novo planeta chamado Plutão.

Conforme dei a entender, permiti que o facho da lanterna retornasse à poltrona vazia após examinar o restante do estúdio; e foi então que notei, pela primeira vez, a presença de certos objetos no assento, pouco visíveis devido às dobras do roupão vazio que os ocultava. Foram esses os três objetos que os investigadores não encontraram quando foram à cena mais tarde. Como eu disse lá no início, nenhum dos três era dotado de horror visual algum. O problema estava nas inferências que me levaram a fazer. Até hoje tenho os meus momentos

de dúvida — momentos nos quais em parte aceito o ceticismo dos que atribuem toda a minha experiência ao sonho, ao nervosismo e à alucinação.

Os três objetos apresentavam uma construção deveras engenhosa, e vinham equipados com presilhas metálicas para ligá-los a formas orgânicas sobre as quais não me atrevo a fazer nenhuma conjectura. Espero — espero com todo o meu coração — que fossem obra de algum gênio artístico, a despeito do que os mais íntimos temores me dizem. Meu Deus! Aqueles sussurros nas trevas, acompanhados de um odor mórbido e de vibrações! Feiticeiro, emissário, criatura mítica, alienígena… aquele horrendo zumbido abafado… e o tempo todo aquele novo cilindro reluzente na estante… pobre coitado… “espantosas habilidades cirúrgicas, biológicas, químicas e mecânicas”…

Ah! Os perfeitos objetos em cima da poltrona, até os mais ínfimos detalhes de microscópica semelhança — ou talvez de identidade — eram o rosto e as mãos de Henry Wentworth Akeley.

A Sombra de Innsmouth (1931)

I.

Durante o inverno de 1927–8, agentes do Governo Federal conduziram uma estranha investigação secreta a fim de averiguar certas condições no antigo porto de Innsmouth, estado de Massachusetts. A investigação só veio a público em fevereiro, quando ocorreu uma série de buscas e prisões, seguida pelo incêndio e pela dinamitação — ambos conduzidos com toda a cautela — de um assombroso número de casas decrépitas, caindo aos pedaços e supostamente vazias ao longo do porto abandonado. Para as almas menos desconfiadas, a ocorrência passou por um duro golpe desferido no curso de uma convulsiva guerra contra a bebida.

Os que acompanhavam os jornais com maior atenção, no entanto, admiraram-se com o prodigioso número de prisões, o enorme contingente de homens mobilizado para efetuá-las e também com o sigilo que cercava o destino dos prisioneiros. Não se teve notícia de julgamentos nem de acusações; os prisioneiros tampouco foram avistados nos cárceres país afora. Houve rumores vagos sobre uma doença estranha e campos de concentração, e mais tarde falou-se sobre a dispersão dos prisioneiros em instalações navais e militares, mas nada jamais se confirmou. O porto de Innsmouth ficou quase deserto, e até hoje limita-se a dar sinais de uma existência retomada aos poucos.

As reclamações de várias organizações liberais foram recebidas com longos debates sigilosos, e representantes foram enviados a certos campos e prisões. Logo todas essas sociedades adotaram uma postura surpreendente de inércia e silêncio. Os jornalistas não desistiram tão fácil, mas no fim pareciam estar cooperando com as forças governamentais. Apenas um jornal — um tabloide sempre ignorado por conta de políticas radicais — fez menção ao submarino de águas profundas que lançou torpedos contra o abismo marinho logo além do Recife do Diabo. Esta notícia, ouvida por acaso em um reduto de marinheiros, parecia um exagero consumado; pois o negro recife localiza-se a mais de dois quilômetros do Porto de Innsmouth.

Pessoas em todo o país e nas cidades vizinhas falavam um bocado entre si, mas diziam muito pouco ao mundo exterior. Havia-se falado sobre o estado moribundo e semiabandonado de Innsmouth por quase meio século, e nenhuma novidade poderia ser mais absurda ou mais medonha do que os sussurros e as insinuações de alguns anos atrás. Vários acontecimentos haviam ensinado os nativos a agirem com discrição, e agora não havia motivo para pressioná-los. A verdade é que sabiam muito pouco; pois vastos pântanos salgados, inóspitos e

desabitados, separam os habitantes de Innsmouth dos vizinhos no interior do continente.

Mas enfim eu desafiarei a proibição de falar sobre este assunto. Os fatos, estou certo, são tão contundentes que, salvo o choque da repulsa, nenhum mal à população pode resultar de certos esclarecimentos a respeito do que os investigadores horrorizados descobriram em Innsmouth. Além do mais, a descoberta admite diferentes interpretações. Não sei ao certo quanto da história me foi contado e tenho inúmeras razões para não querer me aprofundar no assunto. Tive contato mais direto do que qualquer outro leigo e recebi impressões que ainda podem me levar a tomar medidas drásticas.

Fui eu que fugi desesperado de Innsmouth nas primeiras horas do dia 16 de julho de 1927, e foram os meus apelos desesperados por investigações e medidas governamentais que precipitaram todo o episódio narrado. Dispus-me a permanecer em silêncio enquanto o assunto ainda era recente e incerto; mas agora que essa antiga história não mais desperta a curiosidade ou o interesse do público, sinto o estranho impulso de falar aos sussurros sobre as horas terríveis que passei naquele malfadado porto à sombra da morte, covil de abominações blasfemas. O simples relato ajuda-me a recobrar a confiança nas minhas faculdades; a convencer-me de que não fui o primeiro a sucumbir perante a alucinação coletiva saída de um pesadelo. Também me ajuda a decidir-me em relação a uma terrível providência que me aguarda no futuro.

Jamais escutei o nome de Innsmouth a não ser no dia antes de vê-la pela primeira — e até agora última — vez. Eu estava comemorando a minha recém-atingida maioridade com uma viagem pela Nova Inglaterra — para fins turísticos, antiquários e genealógicos — e planejava, ao deixar a antiga Newburyport, seguir viagem até Arkham, a cidade natal de minha família materna. Eu não tinha carro e viajava em trens, bondes e automóveis, sempre buscando a alternativa mais em conta. Em Newburyport, informaram-me de que o trem a vapor era a única maneira de chegar a Arkham; e foi apenas no guichê de bilhetes da estação ferroviária, quando abri uma exceção ao elevado custo da passagem, que eu soube da existência de Innsmouth.

O funcionário robusto e de expressão astuta, com um sotaque que o traía como forasteiro, pareceu solidário ao meu esforço econômico e deu-me uma sugestão que ninguém mais havia feito.

— O senhor também pode pegar o *velho ônibus* se quiser — disse ele um pouco hesitante —, mas já lhe aviso de que não é grande coisa. Ele passa por Innsmouth… talvez o senhor já tenha ouvido alguma coisa a respeito… então as pessoas daqui evitam pegá-lo. O proprietário é um sujeito de Innsmouth, chamado Joe Sargent, mas acho que ele nunca consegue clientes aqui, tampouco em Arkham. Eu nem imagino como esse ônibus ainda existe. Acho que o preço é

bom, mas nunca vejo mais do que dois ou três passageiros… ninguém a não ser os habitantes de Innsmouth. Se não houve nenhuma alteração recente nos horários, ele sai da Praça, em frente à Farmácia de Hammond, às dez da manhã e às sete da noite. Mas parece uma lata-velha… eu mesmo nunca andei naquilo.

Esta foi a primeira vez que ouvi o nome de Innsmouth, refúgio das sombras. Qualquer referência a uma localidade ausente dos mapas e dos mais recentes guias de viagem teria despertado o meu interesse, e a intrigante alusão feita pelo funcionário provocou algo muito semelhante à curiosidade. Um vilarejo capaz de inspirar tamanho desgosto nas localidades vizinhas deveria ser pelo menos inusitado e digno da atenção de um turista. Se Innsmouth ficasse no meio do caminho até Arkham eu faria uma parada — e assim pedi ao funcionário que me dissesse mais alguma coisa sobre o lugar. Ele foi muito cauteloso e falou com ares de discreta superioridade em relação ao que dizia.

— Innsmouth? Ah, é um vilarejo estranho na foz do Manuxet. Já foi quase uma cidade… um porto e tanto antes da Guerra de 1812… mas o lugar ficou jogado às traças nos últimos cem anos. Já não há mais ferrovias… a B&M não passava por lá e o ramal que saía de Rowley foi abandonado alguns anos atrás.

Tem mais casas vazias do que pessoas por lá, eu acho, e não existe um único negócio além dos peixes e das lagostas. Todo mundo vende os produtos aqui, em Arkham ou em Ipswich. Chegaram até a construir algumas fábricas, mas não sobrou nada além de uma refinaria de ouro que mal funciona meio turno.

A refinaria já foi grande, e o Velho Marsh, o proprietário, deve ser mais rico do que Creso. Ele é um velho estranho que nunca se afasta muito de casa. Dizem que, na velhice, desenvolveu uma doença cutânea ou alguma deformidade que o leva a se esconder. É neto do capitão Obed Marsh, o fundador a empresa. Parece que a mãe dele era estrangeira… uma ilhoa dos Mares do Sul… então fizeram um grande escândalo quando o capitão desposou uma garota de Ipswich cinquenta anos atrás. Isso sempre acontece com os habitantes de Innsmouth, e as pessoas de lá sempre tentam esconder o sangue que trazem nas veias. Mas para mim os filhos e os netos de Marsh se parecem com qualquer outra pessoa. Pedi que alguém os mostrasse para mim… mas, pensando melhor, os filhos mais velhos não têm aparecido nos últimos tempos. Eu nunca vi o pai.

Por que todo mundo é tão negativo em relação a Innsmouth? Ora, meu jovem, não leve tão a sério tudo o que dizem por aqui! É difícil fazer as pessoas falarem, mas quando começam elas não param mais. E assim correm boatos sobre Innsmouth… quase sempre aos cochichos… já faz mais de cem anos, eu acho, e até onde sei as pessoas sentem mais medo do que qualquer outra coisa. Certas histórias fariam-no dar boas risadas… coisas sobre o Capitão Marsh assinando contratos com o diabo e trazendo diabretes do inferno para viver em Innsmouth, ou sobre seitas satânicas e terríveis sacrifícios descobertos em algum lugar perto

do cais por volta de 1845… mas eu sou de Panton, Vermont, e esse tipo de história não me convence.

Mas o senhor tem que ouvir o que o pessoal dos velhos tempos fala sobre o recife negro ao largo… o Recife do Diabo, como o chamam. A maior parte do tempo o recife fica acima do nível do mar, e mesmo quando a maré sobe a água mal consegue encobri-lo, mas ainda assim não se poderia chamar aquilo de ilha. Reza a lenda que às vezes legiões inteiras de demônios surgem no recife e espalham-se ao redor… ou ficam entrando e saindo de alguma gruta perto do topo. É um terreno irregular, acidentado, a uns dois quilômetros da costa, e nos últimos dias do porto os marinheiros chegavam a fazer grandes desvios só para evitá-lo.

Ou melhor, os marinheiros que não eram de Innsmouth. Uma das teimas que tinham com o velho capitão Marsh era que às vezes ele insistia em atracar no recife à noite dependendo da maré. Talvez seja verdade, pois eu admito que a formação rochosa parece interessante, e não é impossível que ele tenha procurado e até encontrado um tesouro pirata; mas também falavam em negociações com demônios. O fato é que, no geral, foi o capitão quem deu má fama ao recife.

Tudo aconteceu antes da grande epidemia de 1846, quando mais da metade da população de Innsmouth foi dizimada. Ninguém descobriu ao certo o que aconteceu, mas deve ter sido alguma doença estrangeira trazida da China ou de algum outro lugar pelos navios. Foi um período difícil… arruaças e todo tipo de coisas sórdidas que provavelmente ninguém de fora imagina… o lugar ficou em condições lamentáveis. Hoje não deve ter mais de trezentas ou quatrocentas pessoas morando por lá.

O verdadeiro motivo por trás de tudo que as pessoas sentem é simplesmente um preconceito racial… mas eu não as culpo. Eu mesmo detesto os habitantes de Innsmouth e não me daria o trabalho de ir até o vilarejo. Imagino que o senhor saiba… embora eu perceba o sotaque do Oeste… o quanto os navios aqui da Nova Inglaterra se envolveram com estranhos portos na África, na Ásia, nos Mares do Sul e em toda parte, e também a quantidade de pessoas estranhas que às vezes traziam para cá. Provavelmente o senhor já ouviu falar do homem de Salém que voltou com uma esposa chinesa, e talvez saiba que ainda há ilhéus de Fiji nos arredores de Cape Cod.

Bem, algo semelhante deve ter acontecido em Innsmouth. Aquele lugar sempre esteve muito isolado do resto do país por pântanos e córregos, e não sabemos muita coisa sobre o que aconteceu por lá; mas é quase certo que o velho capitão Marsh tenha trazido espécimes um tanto singulares quando assinou contratos para os três navios que possuía nos anos vinte e trinta. Sem dúvida, hoje os habitantes de Innsmouth têm traços bastante peculiares… eu não sei explicar direito, mas é uma coisa que faz você sentir arrepios. O senhor vai notar no

próprio Sargent se tomar o ônibus. Alguns têm cabeças estreitas com narizes chatos e olhos saltados e arregalados que parecem não piscar jamais; e a pele deles também tem algo de errado. É áspera e escamosa, e as laterais do pescoço são ressequidas, ou então enrugadas. Eles também perdem o cabelo ainda muito jovens. Os velhos têm o pior aspecto… e para falar a verdade eu nunca vi alguém muito velho de lá. Imagino que devam todos morrer de tanto se olhar no espelho! Até os animais têm medo… antes dos automóveis eles tinham problemas constantes com os cavalos.

Todo mundo daqui, de Arkham e de Ipswich prefere manter distância, e eles também são meio antissociais quando vêm para cá ou quando alguém daqui inventa de pescar nas águas de lá. O mar está sempre repleto de peixes nos arredores do Porto de Innsmouth, mesmo quando a pesca é escassa em toda parte… mas tente o senhor pescar lá e veja como o mandarão embora! Antes aquela gente vinha para cá de trem… caminhando e pegando o trem em Rowley depois que o ramal foi abandonado… mas agora eles usam o ônibus.

Sim, existe um hotel em Innsmouth… chama-se Gilman House… mas não acredito que seja grande coisa. Não aconselho o senhor a arriscar. É melhor ficar por aqui e tomar o ônibus das dez horas amanhã de manhã; e de lá o senhor pode pegar o ônibus das oito e seguir até Arkham. Teve um inspetor que parou no Gilman alguns anos atrás e teve umas impressões bem desagradáveis do lugar. Parece que os hóspedes são um tanto esquisitos, porque nos outros quartos, que estavam vazios, o sujeito escutou vozes que lhe gelaram o sangue. Era alguma língua estrangeira, mas ele disse que o pior de tudo era o timbre da voz que às vezes falava. Parecia tão sobrenatural… gorgolejante, segundo disse… que o homem não se atreveu a pôr o pijama e dormir. Simplesmente ficou de pé e fugiu assim que o dia raiou. A conversa durou quase a noite inteira.

Esse sujeito… Casey era o nome dele… tinha umas quantas histórias sobre como os habitantes de Innsmouth ficavam-no observando e pareciam estar de guarda. Também disse que a refinaria de Marsh era um lugar estranho… uma velha instalação ao pé das corredeiras mais baixas do Manuxet. Tudo o que ele disse batia com o que eu já tinha ouvido. Livros em péssimas condições e nenhum indício de transações comerciais. Sabe, a origem do ouro que os Marsh refinam foi sempre um grande mistério. Eles nunca pareciam comprar muito, mas uns anos atrás expediram um enorme carregamento de lingotes.

Contavam histórias sobre estranhas joias estrangeiras que os marinheiros e os homens da refinaria vendiam às escondidas, e que de vez em quando apareciam enfeitando as mulheres da família Marsh. Uns achavam que o Capitão Obed as conseguia em algum porto pagão, em especial porque sempre encomendava contas de vidro e outras bugigangas que os homens do mar em geral levavam para o escambo com os nativos. Outros achavam, e ainda acham,

que o homem tinha encontrado um baú pirata no Recife do Diabo. Mas tem um detalhe estranho. O capitão morreu há sessenta anos, e desde a Guerra Civil nenhum grande navio zarpou de lá; mesmo assim, os Marsh continuam comprando alguns desses objetos… na maior parte quinquilharias de vidro e de borracha, segundo dizem. Talvez os habitantes de Innsmouth gostem de se enfeitar com aquilo… Deus é testemunha de que acabaram tão degenerados quanto os canibais dos Mares do Sul e os selvagens de Guiné.

A peste de 46 deve ter acabado com todo o sangue bom do lugar. Seja como for, hoje eles são um povoado suspeito, e os Marsh e as outras famílias ricas são tão ruins quanto os outros. Como eu disse, o lugar deve ter no máximo quatrocentos habitantes, apesar de todas as ruas que dizem haver por lá. Acho que são o que costumam chamar de "escória branca" no Sul… criminosos matreiros, cheios de segredos. A produção de peixes e lagostas é grande e o transporte é feito de caminhão. O mais estranho é que a pesca é farta só lá e em nenhum outro lugar.

Ninguém consegue dar conta da população, e o trabalho dos servidores públicos e recenseadores é um inferno. O senhor também precisa saber que forasteiros enxeridos não são bem-vindos em Innsmouth. Eu mesmo já ouvi falar de mais de um homem de negócios ou funcionário do governo que sumiu por lá, sem contar outro que supostamente enlouqueceu e hoje está no manicômio em Danvers. Devem ter dado um susto e tanto no coitado.

É por isso eu não iria à noite se fosse o senhor. Nunca estive lá e não tenho vontade de ir, mas acho que um passeio diurno não poderia fazer mal nenhum… embora as pessoas daqui possam tentar fazê-lo desistir da ideia. Se o senhor está apenas fazendo turismo e procurando peças antigas, Innsmouth pode ser um lugar interessante.

Assim, passei o fim da tarde na Biblioteca Pública de Newburyport, buscando mais informações a respeito de Innsmouth. Quando tentei fazer perguntas aos nativos nas lojas, no refeitório, nas oficinas mecânicas e no quartel dos bombeiros, descobri que convencê-los a falar era mais difícil do que o funcionário da estação tinha previsto; e percebi que não haveria tempo hábil para vencer essa resistência inicial. Todos pareciam nutrir alguma suspeita obscura, como se existisse algo de errado na demonstração de qualquer interesse relativo a Innsmouth. Na ACM, onde eu estava hospedado, o recepcionista tentou dissuadir-me do passeio a um lugar tão inóspito e decadente; e os funcionários da biblioteca tiveram a mesma atitude. Naturalmente, aos olhos das pessoas cultas, Innsmouth não passava de um caso de degradação cívica levada ao extremo.

Os livros sobre a história do Condado do Essex nas prateleiras da biblioteca serviram para pouca coisa além de informar-me que o vilarejo fora fundado em 1643, tivera estaleiros famosos antes da Revolução e firmara-se como uma grande

sede de prosperidade marítima no início do século XIX e mais tarde como um centro industrial de segunda ordem às margens do Manuxet. A epidemia e os levantes de 1846 eram mencionados muito de passagem, como se constituíssem um descrédito ao condado.

As referências ao declínio eram poucas, embora a relevância das informações fosse inconfundível. Depois da Guerra Civil a vida industrial ficou restrita à Refinaria Marsh, e o comércio de lingotes de ouro era o único resquício de atividade econômica além da eterna pesca. A pesca começou a dar cada vez menos dinheiro à medida que os preços caíam e a competição das grandes corporações aumentava, mas jamais houve falta de pescado no Porto de Innsmouth. Os estrangeiros raramente se instalavam no vilarejo, e certos indícios velados indicavam que imigrantes portugueses e polacos haviam sido afastados de maneira um tanto drástica.

O mais interessante era uma referência às estranhas joias vagamente associadas a Innsmouth. Sem dúvida as peças haviam impressionado as pessoas da região, pois os espécimes eram mencionados tanto no museu da Universidade do Miskatonic, em Arkham, como na sala de exibições da Sociedade Histórica de Newburyport. As descrições fragmentárias desses objetos eram objetivas e prosaicas, mas deram-me a impressão de conter uma mensagem subjacente de persistente estranheza. Havia algo a respeito delas que parecia tão singular e instigante que eu não consegui tirá-las da cabeça e, apesar do relativo avançado da hora, resolvi ver o espécime local — descrito como um objeto grande e de proporções estranhas, sem dúvida concebido como uma tiara — se fosse possível.

Na biblioteca deram-me uma carta de apresentação a ser entregue para a curadora da Sociedade, a srta. Anna Tilton, que morava nas redondezas, e após uma breve explicação essa gentil mulher teve a bondade de conduzir-me até o prédio fechado, uma vez que não era demasiado tarde. A coleção era muito impressionante, mas no estado de espírito em que me encontrava eu não tinha olhos para nada além do bizarro objeto que reluzia no armário do canto, sob a luz das lâmpadas elétricas.

Não foi preciso nenhuma sensibilidade particular à beleza para me deixar estupefato diante do peculiar esplendor da fantasia opulenta e extraterrena que descansava sobre uma almofada de veludo púrpura. Mesmo agora me é difícil descrever o que vi, embora tenha ficado claro que se tratava de uma tiara, conforme a descrição que eu havia lido. O objeto era alto na frente e apresentava uma circunferência enorme e irregular, como se desenhada para uma cabeça de aberrante formato elíptico. O material predominante parecia ser ouro, embora o lustre um pouco mais claro sugerisse uma estranha liga de metais igualmente belos e de difícil identificação. A tiara estava em perfeitas condições, e horas poderiam ser empregadas no estudo dos impressionantes e intrigantes desenhos

— alguns deles simples padrões geométricos, outros de inspiração claramente marinha — entalhados ou moldados em alto-relevo na superfície com uma ourivesaria incrivelmente hábil e graciosa.

Quanto mais eu olhava, mais o objeto me fascinava; e nesse fascínio havia um elemento perturbador que não se deixaria classificar ou explicar senão a duras penas. Em um primeiro momento, atribuí meu desconforto à estranha qualidade extraterrena da arte. Todos os outros objetos artísticos que eu já vira até então davam a impressão de pertencer a uma corrente racial ou nacional conhecida, ou então se apresentavam como subversões modernistas a uma das correntes conhecidas. Mas a tiara não. Com certeza era produto de alguma técnica bem-estabelecida, de maturidade e perfeição infinitas, embora essa técnica estivesse absolutamente distante de qualquer outra — do Oriente ou do Ocidente, antiga ou moderna — de que eu já tivesse ouvido falar ou visto exemplos. Era como se a ourivesaria viesse de algum outro planeta.

No entanto, logo percebi que o meu desconforto tinha uma segunda origem, talvez tão potente quanto a primeira, nas sugestões pictóricas e matemáticas dos estranhos desenhos. As linhas insinuavam mistérios remotos e abismos inconcebíveis no tempo e no espaço, e a monótona natureza aquática dos relevos revestia-se de um aspecto quase sinistro. Entre os relevos havia monstros fabulosos de repulsa e malevolência atroz — de aspecto meio ictíico e meio batráquio — que não podiam ser dissociados de um certo assombro e de uma inquietante sensação de pseudomemória, como se evocassem imagens a partir de células e tecidos recônditos cujas funções mnemônicas fossem absolutamente primevas e incrivelmente ancestrais. Por vezes imaginei que o contorno desses sapos-peixes blasfemos emanasse a suprema quintessência da malignidade desumana e ignota.

Pareceu-me um tanto estranho o contraste entre o formidável aspecto da tiara e a breve e prosaica história do objeto, narrada pela srta. Tilton. A tiara fora penhorada por um valor irrisório em uma das lojas na State Street em 1873 por um bêbado de Innsmouth que logo depois foi morto em uma briga. A Sociedade adquiriu-a diretamente da casa de penhor e logo lhe concedeu um lugar que fizesse jus à sua qualidade artística. Classificaram-na como sendo uma peça indiana ou indo-chinesa, embora a atribuição fosse assumidamente incerta.

A srta. Tilton, depois de comparar todas as possíveis hipóteses relativas à origem e à presença da tiara na Nova Inglaterra, via-se inclinada a crer que fosse parte de algum tesouro pirata descoberto pelo velho capitão Obed Marsh. A hipótese ganhou força ao menos em parte graças às insistentes ofertas de somas vultuosas que os Marsh começaram a fazer pelo adorno assim que souberam de sua existência, que vinham se repetindo apesar da determinação da Sociedade a não vendê-lo.

Enquanto me acompanhava até a saída, a gentil srta. Tilton deixou claro que a teoria dos piratas como explicação para a fortuna dos Marsh era muito popular entre as pessoas esclarecidas da região. A própria impressão que tinha em relação à ensombrecida Innsmouth — onde jamais havia estado — resumia-se a uma profunda repulsa por uma comunidade que afundava cada vez mais na escala cultural, e ela me assegurou de que os rumores de adoração ao demônio explicavam-se em parte graças a um culto secreto que havia ganhado força por lá e engolido todas as igrejas ortodoxas.

Chamava-se, segundo fui informado, “A Ordem Esotérica de Dagon”, e consistia indubitavelmente de uma crença depravada e de índole pagã importada do Oriente havia um século, na época em que a indústria pesqueira de Innsmouth enfrentava um período de escassez. A persistência do credo entre as pessoas humildes era bastante natural em vista do ressurgimento súbito e duradouro do excelente pescado, e a nova religião logo passou a ser a maior influência na cidade, desbancando a Maçonaria e estabelecendo sede no velho Templo Maçônico de New Church Green.

Para a srta. Tilton, tudo isso constituía um excelente motivo para evitar o antigo vilarejo de ruína e desolação; mas para mim eram atrativos a mais. Às minhas expectativas históricas e arquitetônicas agora se acrescentava uma intensa disposição antropológica, e mal consegui pregar os olhos no pequeno quarto da ACM enquanto esperava pelo amanhecer.

II.

Pouco antes das dez horas da manhã eu estava a postos com uma pequena valise em frente à Farmácia de Hammond na antiga Praça do Mercado à espera do transporte para Innsmouth. Logo antes da chegada do ônibus, percebi um afastamento geral dos transeuntes em direção a outros lugares da rua ou em direção ao restaurante Ideal Lunch, no outro lado da praça. O agente não havia exagerado ao descrever a aversão que os nativos sentiam em relação à Innsmouth e seus habitantes. Passados alguns momentos um pequeno ônibus em estado de extrema decrepitude e pintado em tons cinzentos sacolejou até a State Street, fez a curva e parou do meu lado, junto ao calçamento. Na mesma hora pressenti que aquele era o ônibus; um palpite logo confirmado pela identificação Arkham—Innsmouth—Newb’port no para-brisa.

Havia apenas três passageiros — homens morenos e desleixados de semblante carrancudo e aparência jovial —, e quando o veículo parou os três desceram meio de arrasto e começaram a subir a State Street em silêncio, de maneira quase furtiva. O motorista também desceu, e fiquei observando quando entrou na farmácia para comprar alguma coisa. Pensei que deveria ser Joe

Sargent, o homem mencionado pelo funcionário da estação; e antes mesmo que eu notasse quaisquer outros detalhes fui atingido por uma onda de repulsa espontânea que não podia ser contida nem explicada. De repente pareceu-me muito natural que os nativos de Newburyport não quisessem tomar um ônibus que pertencesse a Sargent e fosse dirigido por ele, nem visitar com maior frequência o hábitat do homem e de seus conterrâneos. Quando o motorista saiu da farmácia, examinei-o mais de perto e tentei estabelecer a origem da minha terrível impressão. Era um homem magro, de ombros curvados, com cerca de um metro e oitenta, que usava trajes azuis surrados e um boné de golfe cinza todo puído. Talvez tivesse uns trinta e cinco anos, mas as estranhas e profundas dobras nas laterais do pescoço faziam-no parecer mais velho caso não se examinasse o rosto impassível e inexpressivo. Tinha a cabeça estreita, olhos arregalados de um tom azul-aquoso que pareciam não piscar jamais, nariz chato, testa e queixo pequenos e orelhas curiosamente subdesenvolvidas. Os lábios grossos e protuberantes, bem como as faces ásperas e cinzentas, pareciam quase imberbes a não ser por uns poucos fios loiros que cresciam enrolados a intervalos irregulares; e nesses pontos a tez parecia estranhamente áspera, com se estivesse descamando por conta de alguma afecção cutânea. As mãos eram grandes, tinham veias grossas e apresentavam uma improvável coloração azul-acinzentada. Os dedos eram deveras curtos em relação ao resto do corpo e pareciam ter uma tendência natural a crisparem-se junto à enorme palma. Enquanto ele caminhava em direção ao ônibus, percebi-lhe as passadas trôpegas e notei que seus pés eram desproporcionalmente grandes. Quanto mais eu os estudava, mais eu ficava intrigado pensando onde aquele homem encontraria sapatos que lhe servissem.

Uma certa oleosidade da pele aguçou minha aversão pelo sujeito. Era óbvio que Sargent trabalhava ou ao menos frequentava os atracadouros dos navios-pesqueiros, pois exalava um odor muito característico. Não arrisco nenhum palpite quanto ao sangue estrangeiro que corria em suas veias. Aquelas peculiaridades não eram asiáticas, polinésias, levantinas nem negroides, mas ainda assim eu compreendi por que as pessoas o achavam estrangeiro. Quanto a mim, a primeira ideia que me ocorreu foi a de degeneração biológica.

Lamentei a situação ao perceber que não havia outros passageiros no ônibus. Por algum motivo a ideia de andar naquele ônibus sozinho com o motorista não me agradava. No entanto, à medida que a hora da partida se aproximava, dominei meus temores e embarquei depois daquele homem, alcançando-lhe uma cédula de um dólar e murmurando a palavra “Innsmouth”. Por um breve instante ele me lançou um olhar curioso enquanto, em silêncio, devolveu os meus quarenta centavos de troco. Escolhi um assento afastado, porém no mesmo lado do ônibus, uma vez que eu pretendia apreciar a orla ao longo do trajeto.

Por fim o decrépito veículo pôs-se em marcha com um solavanco e passou ruidosamente pelos antigos prédios da State Street em meio à nuvem de fumaça do escapamento. Enquanto eu observava os pedestres na calçada, pareceu-me que todos esforçavam-se em não olhar para o ônibus — ou ao menos em não parecer estar olhando para o veículo. Logo dobramos à esquerda para entrar na High Street, onde o calçamento era um pouco mais regular; passamos por imponentes casarões antigos que remontavam aos primeiros tempos da república e casas de campo coloniais ainda mais antigas, por Lower Green e pelo Parker River, e enfim chegamos a um longo e monótono trecho que bordejava a orla.

O dia estava ensolarado e quente, mas a paisagem de areia, carriço e outros arbustos retorcidos ficava cada vez mais desolada à medida que avançávamos. Do outro lado da janela eu enxergava o mar azul e a linha arenosa da Plum Island, e chegamos ainda mais perto da praia quando a nossa estrada secundária desviou da via principal rumo a Rowley e Ipswich. Não havia casas à vista, e pelo estado em que se encontravam as placas de trânsito deduzi que o tráfego de automóveis era muito escasso. Os postes telefônicos, pequenos e estragados pelo tempo, tinham apenas dois fios. De tempos em tempos atravessávamos pontes rústicas de madeira erguidas acima dos braços de mar que isolavam a região.

Às vezes eu percebia troncos de árvores mortas e fundações em ruínas na superfície da areia e lembrava-me da velha história mencionada em um dos livros que eu havia consultado, segundo a qual Innsmouth já fora fértil e densamente povoada. A mudança, diziam, viera junto com a epidemia de 1846, e as pessoas mais humildes acreditavam que a peste tinha alguma ligação sombria com forças ocultas do mal. Na verdade, tudo fora causado pelo desmatamento dos bosques mais próximos da orla, que privou o solo de proteção e abriu caminho para as ondas de areia sopradas pelo vento.

Finalmente perdemos Plum Island de vista e deparamo-nos com a imensidão do Atlântico à nossa esquerda. A via estreita começou a ficar cada vez mais íngreme, e fui tomado por uma peculiar sensação de inquietude ao olhar para o cume solitário à frente, no ponto em que a estrada tocava o céu. Era como se o ônibus estivesse prestes a decolar, a abandonar de uma vez por todas a sanidade terrena para misturar-se aos enigmas desconhecidos das esferas superiores e dos mistérios celestes. O cheiro da maresia foi um presságio de maus agouros, e as costas recurvadas e duras do motorista, bem como a cabeça estreita, tornaram-se ainda mais odiosas. Enquanto eu o observava, percebi que a parte de trás da cabeça era quase tão calva quanto o rosto e apresentava apenas uns poucos fios enrolados sobre uma áspera superfície acinzentada.

Então chegamos ao cume e contemplamos o vale que se descortinava lá embaixo, onde o Manuxet deságua no mar logo ao norte da longa serra que culmina em Kingsport Head e faz uma curva abrupta em direção a Cape Ann. No

horizonte longínquo e brumoso, com algum custo pude distinguir a silhueta de Kingsport Head, colmada pela estranha casa à moda antiga que tantas lendas mencionam; mas naquele instante toda a minha atenção estava centrada no panorama logo aos meus pés. Percebi que enfim eu estava cara a cara com a ensombrecida Innsmouth. Era um vilarejo extenso e de muitas construções, porém com uma sinistra ausência de vida. Naquele emaranhado de chaminés mal se via uma pluma de fumaça, e três altos coruchéus assomavam, inóspitos e nus, contra o panorama do horizonte marítimo. A parte superior de um estava ruindo, e nele e em um outro se viam apenas enormes buracos negros que outrora haviam abrigado relógios. Um enorme amontoado de mansardas e empenas transmitia com pungente clareza a ideia de corrosão por larvas e cupins, e quando nos aproximamos do trecho descendente da estrada pude ver que muitos telhados haviam desabado. Também havia casarões georgianos quadrados, com telhados de várias águas, cúpulas e belvederes. Estes ficavam quase todos a uma boa distância da água, e um ou dois pareciam estar em condições razoáveis de conservação. Estendendo-se terra adentro entre as construções, divisei a ferrovia, abandonada à grama e à ferrugem, ladeada por postes telegráficos tortos, já sem fios, e as linhas meio obscurecidas do antigo caminho feito pelas carruagens com destino a Rowley e Ipswich.

A decadência era ainda maior perto da zona portuária, embora em meio ao abandono eu tenha descoberto o campanário de uma estrutura razoavelmente bem-conservada que parecia uma fabriqueta. O porto, há muito coberto pela areia, era protegido por um antigo quebra-mar construído em rocha; no qual pude notar as diminutas silhuetas de alguns pescadores, e em cuja extremidade havia o que parecia ser os destroços de um farol de outrora. Uma língua de areia havia se formado no interior do molhe, e nela havia algumas cabines decrépitas, barcos atracados e armadilhas de lagosta espalhadas. As águas profundas pareciam estar além do campanário, no ponto em que o rio fazia uma curva rumo ao sul para desaguar no oceano junto à extremidade do quebra-mar.

Aqui e acolá, ruínas de antigos trapiches estendiam-se a partir da margem e terminavam em um amontoado de ripas podres, sendo as estruturas ao sul as mais arruinadas. E mar adentro, apesar da maré alta, vislumbrei uma extensa linha negra que mal se erguia acima da superfície, mas sugeria uma estranha malignidade latente. Aquele, como eu bem sabia, deveria ser o Recife do Diabo. Enquanto eu observava, um curioso fascínio pareceu acrescentar-se à macabra repulsa; e, por mais estranho que seja, esta nota sutil pareceu-me ainda mais perturbadora do que a impressão inicial.

Não encontramos ninguém pelo caminho, mas logo passamos por fazendas abandonadas nos mais diversos estágios de ruína. Logo percebi algumas casas habitadas com trapos enfiados nas janelas quebradas e conchas e peixes mortos

espalhados na sujeira dos pátios. Uma ou duas vezes vi pessoas desanimadas limpando jardins estéreis ou catando mariscos na praia logo abaixo, e grupos de crianças imundas e de aspecto simiesco brincando em frente a soleiras tomadas pelas ervas daninhas. Por algum motivo essas pessoas pareciam mais inquietantes do que as construções abandonadas, pois quase todas apresentavam certas peculiaridades na fisionomia e nos gestos que despertavam uma aversão instintiva sem que eu fosse capaz de defini-las ou compreendê-las. Por um instante imaginei que a constituição física característica da região pudesse sugerir uma imagem vista em algum outro lugar — talvez num livro — em circunstâncias de particular horror e melancolia; mas essa falsa lembrança dissipou-se muito depressa.

Quando o ônibus chegava ao fim da descida, escutei o som constante de uma cachoeira em meio ao silêncio sobrenatural. As casas fora de prumo e com a pintura descascada tornaram-se ainda mais numerosas nos dois lados da estrada e começaram a exibir mais tendências urbanas do que as construções que deixávamos para trás. O panorama à frente havia se reduzido a uma rua, e em certos pontos eu conseguia ver os resquícios de uma estrada de paralelepípedos com calçamento de tijolo. Todas as casas pareciam estar abandonadas, e havia falhas ocasionais onde chaminés desmanteladas e paredes de porão indicavam o desabamento de antigas construções. Toda a cena vinha mergulhada no odor de peixe mais nauseabundo que se pode conceber.

Logo começaram a aparecer cruzamentos e entroncamentos; na esquerda, os que conduziam aos reinos não pavimentados de sordidez e ruína, enquanto os da direita ofereciam panoramas da opulência passada. Até então eu não tinha visto ninguém no vilarejo, mas logo surgiram indícios de habitação esparsa — janelas acortinadas aqui e ali e uns poucos automóveis estropiados junto à calçada. Aos poucos, as ruas e calçamentos começaram a apresentar uma demarcação mais nítida, e embora a maioria das casas fosse um tanto antiga — construções de madeira e alvenaria do início do século XIX —, estavam em plenas condições de habitação. Como antiquário diletante, quase esqueci da náusea olfativa e da sensação de ameaça e repulsa em meio a essa rica e intocada herança do passado.

Porém, eu não chegaria ao meu destino sem uma fortíssima impressão de desagrado pungente. O ônibus havia chegado a uma confluência de pontos radiais com igrejas nos dois lados e as ruínas de um deplorável jardim circular no centro, e eu observava um enorme templo guarnecido com pilastras no cruzamento à direita. A pintura outrora branca da construção havia se tornado cinza e estava descascando, e a placa preta e dourada no frontão estava tão desgastada que tive de me esforçar para distinguir as palavras “Ordem Esotérica de Dagon”. Descobri que aquele era o antigo templo maçônico transformado em sede do culto depravado. Enquanto eu me esforçava para decifrar a inscrição, minha atenção foi

distraída pelas notas estridentes de um sino rachado na calçada oposta, e virei-me depressa a fim de olhar para fora da janela no meu lado do ônibus.

O som vinha de uma igreja de cantaria com uma torre baixa, erguida mais tarde do que a maioria das casas, construída com uma canhestra inspiração gótica e dotada de um porão desproporcionalmente alto com janelas cobertas por venezianas. Embora os ponteiros do relógio estivessem ausentes no lado que vislumbrei, eu sabia que aquelas ríspidas badaladas estavam dando onze horas. De repente, toda a noção de tempo deu lugar a uma imagem de intensa nitidez e de horror inexplicável que se apoderou de mim antes que eu pudesse compreendê-la. O acesso ao porão estava aberto, revelando um retângulo de escuridão no interior da igreja. E enquanto eu olhava, alguma coisa atravessou ou pareceu atravessar aquele retângulo escuro, marcando a ferro em minha lembrança a concepção momentânea de um pesadelo que pareceu ainda mais enlouquecedor porque uma análise não era capaz de apontar nele um único motivo de inquietação.

Era algum ser vivo — além do motorista, o primeiro que eu via desde a nossa entrada na parte mais compacta da cidade —, e se porventura o meu ânimo se mostrasse mais firme eu não teria percebido terror algum naquilo. Conforme notei no instante seguinte, era o pastor, trajando vestes peculiares sem dúvida introduzidas pela Ordem de Dagon desde a mudança nos rituais eclesiásticos da região. O que provavelmente mais chamou a atenção do meu olhar subconsciente e conferiu-lhe um toque de horror grotesco foi a tiara que o sacerdote ostentava na cabeça; uma réplica quase exata do objeto que a srta. Tilton me havia mostrado na noite anterior. O efeito desta duplicata sobre a minha fantasia conferiu qualidades inefavelmente sinistras ao rosto difuso e à trôpega forma envolta em um manto. Logo percebi que não havia motivo para a horripilante sensação causada pela minha pseudomemória maligna. Não seria natural que o misterioso culto da região tivesse adotado um estilo único de ornamento de cabeça tornado familiar à comunidade graças a algum estranho contato — talvez através de um baú do tesouro? Jovens de aspecto repelente surgiram a intervalos esparsos nas calçadas — indivíduos solitários e grupos silenciosos de dois ou três. Os térreos das decrépitas construções por vezes abrigavam lojinhas com placas sórdidas, e percebi um ou dois caminhões estacionados enquanto avançávamos aos solavancos. O som de cachoeiras tornou-se cada vez mais distinto, até que percebi um rio bastante profundo à minha frente, atravessado por uma ampla ponte com balaustrada de ferro depois da qual se descortinava uma enorme praça. Enquanto sacolejávamos pela ponte, olhei para os dois lados e observei algumas construções industriais na margem verdejante ou um pouco mais para baixo. A água lá embaixo era muito abundante, e pude ver dois conjuntos de cascatas corrente acima, à minha direita, e pelo menos uma corrente abaixo, à esquerda.

Naquele ponto o fragor das águas era quase ensurdecedor. Logo avançamos até uma grande praça semicircular do outro lado do rio e paramos à direita de um alto prédio rematado por uma cúpula, com resquícios de tinta amarela e uma placa desbotada onde se lia o nome Gilman House.

Sentime aliviado ao sair do ônibus e fui direto ao desgastado saguão do hotel deixar a minha valise. Havia apenas uma pessoa à vista — um senhor com a típica "aparência de Innsmouth" —, mas, ao lembrar das estranhas coisas que já haviam acontecido no hotel, preferi não aborrecê-lo com as dúvidas que me inquietavam. Em vez disso, caminhei até a praça, de onde o ônibus já havia partido, e comecei a observar o cenário com atenção minuciosa.

Um dos lados da esplanada consistia na linha reta do rio; o outro era um semicírculo de casas de alvenaria com telhados fora de prumo que remontavam ao século XIX, de onde várias ruas seguiam rumo ao sudeste, ao sul e ao sudoeste. Os postes de iluminação pública eram poucos e pequenos — todos com luzes incandescentes de baixa potência —, e alegrei-me por ter planejado minha partida antes do anoitecer, embora soubesse que a lua estaria radiante. Todas as construções estavam razoavelmente bem-conservadas, e dentre elas havia talvez uma dúzia de lojas em pleno funcionamento; uma das quais era uma mercearia da rede First National e as outras um restaurante, uma farmácia, um escritório de venda de peixe no atacado e por último, na extremidade leste da esplanada, junto ao rio, um escritório da única indústria local — a Refinaria Marsh.

Talvez houvesse mais umas dez pessoas à vista, e quatro ou cinco automóveis e caminhões espalhados ao redor. Deduzi que aquele fosse o centro da vida cívica em Innsmouth. Em direção ao leste eu tive vislumbres do porto, e em primeiro plano erguiam-se as ruínas decrépitas de três coruchéus georgianos outrora belos. E na direção do rio, na margem oposta, vi o campanário branco encimando o que imaginei ser a sede da Refinaria Marsh.

Por um ou outro motivo preferi fazer as primeiras perguntas na mercearia pertencente à rede, pois os funcionários teriam maiores chances de não serem nativos. Lá encontrei um garoto solitário de dezessete anos e congratulei-me ao notar sua disposição e afabilidade, que prometiam uma acolhida calorosa. O jovem parecia excepcionalmente ávido por uma conversa, e não tardei a concluir que não gostava de Innsmouth nem do odor de peixe ou dos furtivos habitantes do vilarejo. Qualquer palavra trocada com um forasteiro era-lhe um alívio. Ele vinha de Arkham, estava hospedado na residência de uma família de Ipswich e voltava para casa sempre que tinha oportunidade. A família não gostava que trabalhasse em Innsmouth, mas a empresa o havia transferido para lá e ele não queria abandonar o emprego.

Segundo me disse, não havia biblioteca pública nem câmara de comércio em Innsmouth, mas eu provavelmente não teria dificuldades para me orientar. A rua

de onde eu tinha vindo era a Federal. Rumo ao oeste ficavam as antigas ruas dos bairros residenciais mais abastados — a Broad, a Washington, a Lafayette e a Adams —, e para o outro lado ficavam os cortiços à beira d'água. Era nesses cortiços — ao longo da Main Street — que eu encontraria as antigas igrejas georgianas, porém estavam todas abandonadas havia muito tempo. Seria aconselhável não dar muito na vista nesses arrabaldes — em especial ao norte do rio —, uma vez que os habitantes eram rabugentos e hostis. Alguns forasteiros haviam até mesmo desaparecido.

Certos lugares eram território proibido, como ele mesmo havia aprendido a um custo nada desprezível. Não se podia, por exemplo, vagar por muito tempo ao redor da Refinaria Marsh, nem ao redor das igrejas ainda em atividade, nem ao redor do Templo da Ordem de Dagon em New Church Green. Essas igrejas eram muito estranhas — todas elas rejeitadas com veemência pelas respectivas denominações em outras localidades e, ao que tudo indicava, adeptas dos mais esdrúxulos cerimoniais e paramentos eclesiásticos. As crenças eram misteriosas e heterodoxas, e aludiam a certas transformações milagrosas que culminariam em uma espécie de imortalidade do corpo ainda na terra. O pároco do garoto — o pastor Wallace da Igreja Metodista Episcopal em Arkham — já havia feito um apelo para que não se juntasse a nenhuma congregação em Innsmouth.

Quanto aos habitantes de Innsmouth — o jovem mal sabia o que pensar deles. Eram tão furtivos e espantadiços quanto os animais que moram entocados, e mal se podia imaginar como passavam o tempo quando não estavam pescando. Talvez — a dizer pela quantidade de bebida ilegal que consumiam — passassem a maior parte do dia em um estupor etílico. Todos pareciam estar juntos em uma espécie de fraternidade taciturna — desprezando o mundo como se tivessem acesso a outras esferas mais interessantes do ser. A aparência da maioria — em especial aqueles olhos arregalados que pareciam não piscar jamais — era sem dúvida chocante; e suas vozes tinham timbres odiosos. Era terrível ouvir os cânticos que entoavam na igreja à noite, em especial durante as principais festividades e assembleias, realizadas duas vezes por ano nos dias 30 de abril e 31 de outubro.

Gostavam muito da água e nadavam um bocado, tanto no rio como no porto. Competições de nado até o Recife do Diabo eram muito comuns, e todos pareciam suficientemente treinados para competir nesse árduo esporte. Pensando melhor, em geral só se viam jovens em público, e dentre estes os mais velhos eram os mais propensos a terem uma aparência maculada. A maior parte das exceções ficava por conta das pessoas sem nenhum traço aberrante, como o velho balconista do hotel. Era curioso pensar no que teria acontecido à população mais velha, e também se a "aparência de Innsmouth" não seria um estranho e insidioso fenômeno mórbido que se tornava mais grave à medida que a idade avançava.

É claro que apenas uma moléstia rara poderia desencadear alterações anatômicas tão profundas e radicais em um indivíduo adulto — alterações que envolviam características ósseas básicas como o formato do crânio —, porém nem mesmo este aspecto se apresentava de forma mais assombrosa e inaudita do que as manifestações visíveis da moléstia como um todo. O garoto deu a entender que seria difícil tirar conclusões sólidas a respeito do assunto, uma vez que era impossível a um forasteiro ter contato pessoal com os nativos, independente do tempo que morasse em Innsmouth.

Também afirmou ter certeza de que vários espécimes muito piores do que os piores à vista permaneciam trancafiados em outros lugares. Às vezes ouviam-se os mais estranhos sons. Os casebres caindo aos pedaços no porto, ao norte do rio, supostamente eram conectados uns aos outros por túneis secretos, constituindo assim uma verdadeira galeria de aberrações ocultas. Que tipo de sangue estrangeiro corria na veia daqueles seres — se é que tinham algum — era impossível dizer. Às vezes eles escondiam certas figuras particularmente repugnantes quando agentes do governo ou outras pessoas de fora visitavam o vilarejo.

Questionar os nativos a respeito do lugar, segundo ouvi de meu informante, seria inútil. O único disposto a falar era um senhor de idade muito avançada, mas de aparência normal, que morava em um casebre no extremo norte da cidade e passava o tempo fazendo caminhadas ou vagando nas proximidades do quartel dos bombeiros. Essa figura grisalha, Zadok Allen, tinha noventa e seis anos e parecia ter um parafuso solto, além de ser o notório bêbado do vilarejo. Era uma criatura estranha e furtiva, que passava o tempo inteiro olhando para trás como se temesse alguma coisa e, quando sóbrio, recusava-se a falar com estranhos. No entanto, também era incapaz de resistir a uma oferta de seu veneno favorito; e, uma vez bêbado, dispunha-se a sussurrar fragmentos surpreendentes de suas memórias.

Mas a verdade é que muito pouco do que se arrancava do homem poderia ser útil; pois todas as histórias traziam sugestões insanas e incompletas de portentos e horrores impossíveis, que não poderiam ter outra origem que não os próprios desatinos de sua fantasia. Ninguém lhe acreditava, mas os nativos não gostavam que bebesse e falasse com forasteiros; e nem sempre era seguro ser visto às voltas com o sr. Allen. O homem era a origem mais provável de certos boatos e histórias delirantes.

Muitos residentes nascidos em outros lugares relatavam visões monstruosas de tempos em tempos, mas levando-se em conta as histórias do velho Zadok e a deformação dos nativos, não surpreende que tais ilusões fossem corriqueiras. Estes residentes jamais permaneciam na rua durante a madrugada, pois havia um

entendimento tácito de que seria pouco sensato fazê-lo. Além do mais, as ruas eram pavorosamente escuras.

Quanto aos negócios — a abundância de pescado era quase sobrenatural, mas os nativos tiravam-lhe cada vez menos proveito. Para piorar, os preços estavam caindo e a concorrência ganhava força. É claro que o principal negócio do vilarejo era a refinaria, que tinha um escritório comercial situado na praça a poucos metros de onde estávamos, em direção ao Leste. O Velho Marsh nunca era visto, mas às vezes ia até a firma em um carro fechado e acortinado.

Ouviam-se inúmeros rumores sobre o aspecto físico de Marsh. Em priscas eras, Marsh tinha sido um dândi notório, e diziam que ainda trajava os elegantes casacos da época eduardiana, embora adaptados a certas deformidades físicas. Antes, seus filhos cuidavam da administração do escritório na praça, mas nos últimos tempos evitavam aparecer em público e preferiam deixar o grosso dos negócios para a nova geração. Os filhos e suas irmãs tinham assumido um aspecto muito esquisito, em especial os mais velhos; e corriam boatos de que a saúde de todos estava em risco.

Uma das filhas era uma mulher repugnante, de aspecto reptiliano, que ostentava uma profusão de joias sem dúvida pertencentes à mesma tradição exótica que dera origem à tiara. Meu informante já tinha visto o adorno por diversas vezes e escutado histórias sobre um tesouro secreto de piratas ou demônios. Os sacerdotes — ou padres, ou como quer que se chamassem — também usavam ornamentos semelhantes na cabeça; mas vê-los era uma ocorrência rara. O jovem nunca tinha visto outro espécime, embora corressem boatos sobre um grande número deles nos arredores de Innsmouth.

Os Marsh, bem como as três outras famílias aristocráticas do vilarejo — os Waite, os Gilman e os Eliot — eram todos muito reservados. Viviam em enormes casas na Washington Street, e nelas supostamente ocultavam parentes ainda vivos cuja aparência impedia aparições em público e cujas mortes já haviam sido devidamente comunicadas e registradas.

Quando me avisou de que muitas ruas já não tinham mais identificação, o jovem desenhou-me um mapa rústico, porém abrangente e detalhado, dos principais pontos da cidade. Ao ver o esboço, percebi que seria de grande serventia e guardei-o no bolso com inúmeros agradecimentos. Insatisfeito com a sordidez do único restaurante que eu havia encontrado, comprei um suprimento razoável de biscoitos de queijo e *wafers* de gengibre para que me servissem de almoço mais tarde. O meu programa, decidi então, seria galgar as ruas principais, conversar com quaisquer outros forasteiros que cruzassem o meu caminho e tomar o ônibus das oito para Arkham. O vilarejo, a meu ver, ilustrava a decadência pungente e exagerada de toda uma comunidade; mas, na falta de uma

formação sólida em sociologia, decidi limitar-me a observações no campo da arquitetura.

Assim comecei minhas andanças sistemáticas, embora algo confusas, pelos becos estreitos e ensombrecidos de Innsmouth. Depois de cruzar a ponte e dobrar uma esquina em direção ao rumor das cachoeiras mais baixas, passei perto da refinaria dos Marsh, que pareceu estranhamente silenciosa para uma indústria. A construção erguia-se na margem elevada do rio, próxima à uma ponte e a uma confluência de ruas que tomei por um antigo centro cívico, deslocado para a Praça Central após a Revolução.

Ao reatravessar o rio pela ponte da Main Street, deparei-me com uma região de absoluta desolação que por algum motivo pôs-me a tremer. Pilhas de mansardas desabadas formavam um panorama irregular e fantástico, acima do qual se erguia o coruchéu decapitado e tétrico de uma antiga igreja. Algumas casas na Main Street eram habitadas, mas a maioria tinha as portas e as janelas pregadas com tábuas. Pelas ruelas com estrada de chão, vi as janelas negras e escancaradas de casebres abandonados, muitos dos quais inclinavam-se em ângulos perigosos e inacreditáveis sobre as ruínas de suas fundações. As janelas pareciam lançar-me um olhar tão espectral que precisei tomar coragem para voltar-me a Leste, em direção ao porto. Sem dúvida, o terror despertado por uma casa deserta aumenta em progressão geométrica, e não aritmética, à medida que as casas multiplicam-se para formar um panorama da mais absoluta desolação. A visão de intermináveis avenidas à mercê de espaços vazios e da morte e a ideia de infinitos compartimentos negros e ameaçadores interligados, entregues às teias de aranha e às memórias do verme conquistador, despertam aversões e pavores primitivos que nem mesmo a mais robusta filosofia é capaz de dissipar.

A Fish Street estava tão deserta quanto a Main, embora tivesse muitos depósitos construídos com pedras e tijolos ainda em excelente estado. O cenário na Water Street era quase o mesmo, salvo pelas grandes falhas em direção ao mar que outrora haviam sido atracadouros. Não vi um único ser vivo afora os pescadores no talha-mar longínquo e não ouvi um único som afora o chapinhar das marés no porto e o rumor das corredeiras do Manuxet. O vilarejo exercia uma influência cada vez mais poderosa sobre os meus nervos, e assim olhei para trás desconfiado enquanto eu fazia o trajeto de volta pela ponte balouçante da Water Street. A ponte da Fish Bridge, segundo o meu mapa, estava em ruínas.

Ao norte da cidade havia resquícios de uma existência sórdida — fornecedores de peixe na Water Street, chaminés fumarentas e telhados remendados aqui e acolá, sons intermitentes de origem indeterminada e por vezes vultos trôpegos em ruas lúgubres e becos de chão batido — mas por algum motivo eu achei tudo aquilo ainda mais opressivo do que o abandono ao Sul. Para começar, lá as pessoas eram ainda mais repugnantes e disformes do que os

habitantes do centro; de maneira que inúmeras vezes vi-me assolado por impressões ameaçadoras de algo absolutamente fantástico que eu não conseguia definir. Sem dúvida as características dos nativos de Innsmouth eram mais evidentes à beira-mar do que em terra — a não ser que a "aparência de Innsmouth" fosse uma doença em vez de uma herança sanguínea, sendo que neste caso o porto abrigaria os casos mais avançados.

Um detalhe bastante perturbador foi a *distribuição* dos poucos sons que ouvi. O mais natural seria que viessem apenas das casas habitadas, mas a verdade é que quase sempre pareciam mais fortes justamente atrás das tábuas pregadas às portas e janelas de certas fachadas. Ouvi rangidos, estrépitos e ruídos ásperos e duvidosos; e pensei com alguma inquietação nas galerias secretas mencionadas pelo garoto da mercearia. De repente, flagrei-me imaginando como seriam as vozes dos nativos. Eu não tinha ouvido uma única palavra nos arredores do porto e, por algum motivo, a ideia de que o silêncio pudesse ser perturbado enchia-me de temores.

Após deter-me apenas tempo suficiente para observar duas belas igrejas em ruínas na Main e na Church Street, apressei-me em deixar para trás os casebres abjetos da zona portuária. Em termos lógicos, a minha próxima parada seria New Church Green, mas por algum motivo eu relutava em passar mais uma vez pela igreja onde eu tinha vislumbrado o vulto inexplicavelmente horripilante daquele estranho padre ou pastor com o diadema. Ademais, o jovem da mercearia havia me dito que as igrejas, bem como o Templo da Ordem de Dagon, não eram locais recomendáveis aos forasteiros.

Assim, segui pela Main Street até chegar à Martin, quando fiz uma curva em direção ao continente, atravessei a Federal Street a norte de New Church Green e entrei no decadente bairro aristocrático entre a Broad, a Washington, a Lafayette e a Adams Street. Embora estas antigas avenidas opulentas sofressem com a deterioração e o abandono, aquela dignidade à sombra dos ulmeiros não havia desaparecido por completo. As diferentes mansões chamavam-me a atenção uma atrás da outra, a maioria delas em ruínas, com tábuas a tapar portas e janelas e pátios abandonados, embora uma ou duas por quarteirão dessem sinais de estar ocupadas. Na Washington Street havia uma série de quatro ou cinco em excelentes condições, com jardins e quintais bem-cuidados. A mais suntuosa — com *parterres* que avançavam até a Lafayette Street — eu imaginei que fosse a residência do Velho Marsh, o inválido proprietário da refinaria.

Nestas ruas não se avistava nenhum ser vivo, e fiquei meditando sobre a ausência de cães e gatos pelas ruas de Innsmouth. Outra coisa que me intrigou e me perturbou, até mesmo em algumas das mansões mais conservadas, foi a veneziana completamente fechada em muitas janelas de sótão e de terceiro andar. A furtividade e a discrição pareciam ser atributos universais naquela cidade

silente de estranheza e morte, e não consegui livrar-me da sensação de estar sendo observado de todos os lados por olhos arregalados, eternamente abertos.

Estremeci quando o campanário à minha esquerda fez soar três horas. Eu lembrava muito bem da igreja que dava origem àquelas notas. Seguindo pela Washington Street em direção ao rio, cheguei a um antigo distrito industrial e comercial; percebi as ruínas de uma fábrica mais adiante e a seguir vi outras, bem com os resquícios de uma velha estação de trem e de uma ponte ferroviária coberta mais além, sobre o rio à minha esquerda.

Havia uma placa de aviso na instável ponte à minha frente, mas resolvi correr o risco e atravessá-la em direção à margem sul, onde havia mais sinais de vida. Criaturas furtivas e trôpegas lançaram olhares crípticos na minha direção, e rostos um pouco mais normais me observaram com modos distantes e curiosos. Innsmouth estava se tornando mais insuportável a cada instante que passava, e assim desci a Paine Street em direção à Praça Central na esperança de arranjar alguma condução que me levasse até Arkham antes do horário de partida ainda longínquo de meu ônibus sinistro.

Foi então que vi o decrépito quartel dos bombeiros à minha esquerda e percebi um velho de rosto esbraseado, barba cerrada e olhos aquosos envolto em farrapos, sentado na frente da construção, conversando com dois bombeiros desleixados, porém de aspecto normal. Aquele homem, é claro, só poderia ser Zadok Allen, o nonagenário meio louco e alcoólatra cujas histórias sobre o passado e as sombras de Innsmouth eram tão horripilantes e incríveis.

*

Deve ter sido algum demônio da obstinação — ou o fascínio sardônico exercido por fontes obscuras e recônditas — que me levou a mudar de planos tal como fiz. Eu já havia resolvido limitar minhas observações estritamente à arquitetura e estava caminhando depressa em direção à Praça Central em busca de algum meio de transporte que me tirasse o mais rápido possível daquela cidade de ruína e de morte; mas a visão de Zadok Allen suscitou novos pensamentos e fez-me diminuir o passo, sem saber o que fazer.

Haviam me assegurado de que o velho era incapaz de fazer outra coisa que não discorrer sobre lendas fantasiosas, desconexas e inacreditáveis, e também haviam me advertido de que os nativos ofereciam um certo perigo a quem fosse visto em sua companhia; mesmo assim, uma antiga testemunha da decadência da cidade, com memórias que remontavam ao tempo dos navios e das fábricas, era uma tentação à qual razão nenhuma me faria resistir. Afinal de contas, os mais estranhos e loucos mitos muitas vezes são apenas alegorias baseadas na verdade — e o velho Zadok devia ter presenciado todos os acontecimentos nos arredores de Innsmouth pelos últimos noventa anos. A curiosidade venceu a sensatez e a cautela e, em meu egotismo juvenil, imaginei ser possível peneirar um núcleo de

história factual a partir da torrente confusa e extravagante que eu provavelmente obteria graças à ajuda de um uísque.

Eu sabia que não poderia abordá-lo naquele momento, pois os bombeiros perceberiam meu intento e fariam objeções. Assim, resolvi me preparar buscando destilado de alambique em um local onde o garoto da mercearia informou-me que haveria bebida em grande quantidade. Em seguida eu ficaria vagando nas cercanias do quartel dos bombeiros e puxaria conversa com o Velho Zadok assim que saísse para um de seus frequentes passeios errantes. Segundo o jovem, o homem era muito inquieto e raras vezes permanecia no entorno do quartel por mais de uma ou duas horas.

Embora não tenha sido barato, tampouco foi difícil obter uma garrafa de uísque nos fundos de uma repugnante loja de conveniências próxima à Praça Central, na Eliot Street. O sujeito imundo que me atendeu tinha alguns traços típicos da "aparência de Innsmouth", mas tratou-me com cortesia; talvez por estar mais acostumado ao trato com os forasteiros — caminhoneiros, negociantes de ouro e outros — que por vezes apareciam no vilarejo.

Ao retornar para a Praça, notei que a sorte estava a meu favor; pois — ao sair da Paine Street pela esquina do Gilman House — vislumbrei nada menos do que o vulto alto, esquálido e maltrapilho do velho Zadok Allen. Pondo o meu plano em prática, chamei-lhe a atenção brandindo a garrafa recém-comprada; e logo percebi que o homem estava arrastando os pés na minha direção quando dobrei na Waite Street, em direção à zona mais deserta que eu conseguia imaginar.

Eu me orientava segundo o mapa desenhado pelo garoto da mercearia enquanto tentava chegar ao trecho totalmente deserto da zona portuária onde eu já havia estado. As únicas pessoas à vista eram os pescadores no quebra-mar longínquo; e, depois de andar uns poucos quarteirões em direção ao Sul, eu os deixei para trás e logo adiante descobri dois assentos em um trapiche abandonado, quando me vi livre para questionar o velho Zadok longe de todos os olhares por tempo indeterminado. Antes de chegar à Main Street eu ouvi um débil e ofegante chamado de "Senhor!" às minhas costas e deixei que o homem me alcançasse e tomasse goles copiosos da garrafa.

Comecei a sondá-lo enquanto caminhávamos em direção à Water Street e fazíamos uma curva ao Sul, em meio à desolação onipresente e às ruínas em ângulos insanos; mas logo descobri que aquela língua provecta não se soltaria tão depressa quanto eu imaginara a princípio. Por fim divisei um terreno entre dois muros desabados em direção ao mar, com a extensão de um atracadouro coberto de algas marinhas que se projetava adiante. Amontoados de pedras musguentas à beira-mar serviriam como assentos razoáveis, e o local ficava totalmente oculto pelas ruínas de um armazém ao norte. Pensei que aquele seria o cenário ideal para

um longo colóquio secreto; e assim conduzi meu companheiro até lá e escolhi um lugar para sentar entre as pedras cobertas de musgo. A atmosfera de morte e abandono era tétrica, e o odor de peixe, quase intolerável; mas eu estava decidido a não permitir que nada me detivesse.

Ainda me restariam cerca de quatro horas de conversa se eu pegasse o ônibus das oito horas para Arkham, e assim comecei a oferecer mais bebida para o velho beberrão ao mesmo tempo em que consumia o meu frugal almoço. Tomei cuidado para não exagerar na generosidade, pois eu não queria que a verborragia etílica de Zadok evoluísse para um quadro de estupor. Uma hora depois, seu silêncio furtivo deu sinais de desaparecer, mas para minha grande decepção o velho ainda evitava as minhas perguntas sobre Innsmouth e as sombras do passado. Dispôs-se apenas a discutir os assuntos do momento, revelando assim grande intimidade com os jornais e uma forte tendência a filosofar por meio de máximas interioranas.

No fim da segunda hora eu comecei a temer que o litro de uísque pudesse não ser o bastante para obter resultados, e imaginei se não seria melhor deixar o velho Zadok a fim de providenciar mais bebida. Nesse exato instante, porém, a sorte ofereceu a abertura que as minhas perguntas não haviam logrado; e as novas divagações ofegantes do velho fizeram com que eu me inclinasse para a frente e escutasse com muita atenção. Minhas costas estavam voltadas para o mar, que tresandava a peixe, e alguma coisa desviou o olhar do velho beberrão para a silhueta baixa e distante do Recife do Diabo, que se erguia nítida e fascinante por cima das ondas. A visão pareceu desagradá-lo, pois logo começou a desfiar uma série de leves imprecações que terminaram com um sussurro confidencial e um misterioso sorriso. O homem se inclinou em direção a mim, puxou-me pela lapela do casaco e, por entre os dentes, fez algumas insinuações que não poderiam estar equivocadas.

“Foi lá que tudo começô… naquele lugar maldito onde as água afunda de repente. Aquilo é o portão do inferno… nenhuma sonda bate no fundo. Foi tudo culpa do velho Capitão Obed… ele que descobriu mais do que devia nas ilha do Mar do Sul.

“Todo mundo tava passano apuro na época. O comércio ia mal, os moinho trabalhavo cada dia menos, até os mais novo, e os melhor homem daqui tinho morrido na pirataria da Guerra de 1812 ou sumido co’os brigue *Elizy* e *Ranger*, as duas empresa de Gilman. Obed Marsh tinha três navio… o patacho *Columby*, o brigue *Hetty* e a barca *Sumatry Queen*. Ele era o único que ainda fazia negócio nas Índia Oriental e no Pacífico, apesar que o lugre-patacho *Malay Pride*, de Esdras Martin, resistiu até 1828.

“Nunca existiu outro sujeito que nem o Capitão Obed… aquele homem era o demo! He, he! Eu lembro dele falano sobre os país do estrangeiro, e chamano

todos os negro de cretino porque eles io nos culto cristão e carregavo cada um o seu fardo de cabeça baixa. Dizeno que eles devio tratá de arrumá uns deus melhor, que nem o pessoal lá das Índia… uns deus que oferecesse mais pescado em troca de sacrifício, que realmente escutasse as oração.

“Matt Eliot, o imediato, tamém falava um bocado, mas era contra essas heresia. Ele contava uma história sobre uma ilha a leste do Taiti, onde tinha umas ruína de pedra muito antiga que ninguém sabia nada a respeito delas, que nem as de Ponape, nas Carolina, só que com uns rosto entalhado que mais parecio as estátua da Ilha da Páscoa. Tamém tinha uma ilha vulcânica por perto, onde tinha mais umas ruína diferente… umas ruína totalmente desgastada, como que tivesse passado muito tempo debaixo d’água, co’os desenho de uns monstro terrível.

“Ah, senhor, e Matt dizia que por lá tinha mais peixe do que os nativo conseguio pescá, e as pessoa andavo co’umas pulseira e uns bracelete e uns adorno de cabeça feito dum tipo estranho de ouro e coberto co’umas figura de monstro que nem os das pedra na ilhota… parecido com uns sapo-peixe ou uns peixe-sapo desenhado em tudo quanto era pose como se fosse gente. Ninguém nunca conseguiu descobri de onde eles tiravo aquilo, e os outros nativo ficavo espantado com a quantidade de peixe que eles pegavo até quando faltava peixe nas ilha mais próxima. E Matt tamém começô a ficá encucado, e o Capitão Obed tamém. Além do mais o capitão Obed notou que muitos jovem de boa figura desaparecio pra sempre ano após ano, e que não tinha muitos velho por lá. Ele tamém achava que o pessoal era pra lá de esquisito, mesmo pra um bando de canaca.

“Só Obed conseguiu arrancá a verdade daqueles pagão. Eu não sei o que ele fez, mas sei que começô ofereceno umas coisa em troca pelos objeto dourado dos nativo. Depois perguntô de onde vinha aquilo, se eles conseguio mais, e no fim fez o velho chefe Walakea soltá a língua. Só Obed mesmo pra acreditá no que aquele velho demônio disse, mas o capitão conseguia lê as pessoa como quem lê um livro. He, he! Ninguém acredita hoje quando eu digo, e não acho que o senhor vá acreditá… mas quem diria, o senhor tamém tem umas vista aguçada que nem o capitão!”

O sussurro do velho começou a ficar cada vez mais indistinto, e percebi que eu tremia com os terríveis e sinceros presságios da entonação, mesmo sabendo que a história não poderia ser mais do que a fantasia de um bêbado.

“Depois Obed aprendeu que existe coisas na terra que a maioria das pessoa nem imagina… e tamém nem acreditaria se ouvisse falá. Parece que os canaca tavo sacrificano um bando de moço e moça pra algum deus do fundo do mar, e em troca eles conseguio tudo quanto era tipo de favor. Eles encontravo as criatura na tal ilhota das ruína esquisita, e parece que os desenho dos monstro em formato de peixe-sapo era pra ser as figura delas. Talvez essas criatura tenha dado origem

às história das sereia e a outras parecida. Elas tinho várias cidade no fundo do mar, e a ilha também tinha vindo lá de baixo. Parece que algumas dessas criatura ainda tavo viva nas construção de pedra quando a ilha subiu de repente. Foi aí que os canaca descobriro que elas vivio no fundo do mar. Eles começaro a se comunicá por gesto, e não demorô muito até que começaro as negociação.

"Aquelas coisa gostavo mesmo de sacrifício humano. Esses ritual era muito antigo, mas as criatura perdero contato co'o mundo da superfície depois de um tempo. Eu não tenho a menor ideia do que eles fazio co'as vítima, e acho que o capitão Obed não teve muita curiosidade de perguntá. Mas pros pagão ia tudo muito bem, porque pra eles era uma época difícil e eles tavo desesperado. Aí eles oferecio uns moço e umas moça em sacrifício aos bicho do mar duas vez por ano… na Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxa… sem falhá nunca. E tamém davo algumas das traquitana de madeira que eles fazio. O que as criatura prometero foi pesca farta… a peixarada ia de tudo quanto era canto do oceano pra lá… e tamém de tempo em tempo uns objeto que parecio de ouro.

"Ora, como eu tava dizeno, os nativo encontraro essas coisa na ilha do vulcão… eles io até lá de canoa pros sacrifício e coisa e tal, e trazio de volta as joia dourada que conseguio em troca. No início as criatura não chegavo nem perto da ilha principal, mas depois de um tempo elas começaro a querê i. Parece que insistiro depois de se misturá co'os nativo e de começá a festejá junto as data importante… a Noite de Walpurgis e o Dia das Bruxa. O senhor tá entendeno? Eles conseguio vivê tanto na água quanto fora… acho que é isso que chamo de anfíbio. Os canaca explicaro pras criatura que os habitante das ilha vizinha poderio querê acabá com a raça delas se ficasse sabeno que elas tavo por lá, mas os bicho dissero que não se importavo, porque eles podio acabá com toda a humanidade se quisesse… qué dizê, com todos que não tivesse o sinal secreto que dize que os Grande Ancião tinho. Mas, como não queria se dá o trabalho, as criatura io dá um jeito de sumi quando alguém visitasse a ilha.

"Quando chegô a hora de tê filho com aqueles peixe com cara de sapo, os canaca parece que ficaro um pouco receoso, mas no fim descobriro uma coisa que mudô tudo. Parece que os humano têm alguma relação co'as fera do mar… que tudo quanto é ser vivo que existe veio do mar, e só precisa de uma pequena mudança para voltá pra lá. Aquelas coisa dissero pros canaca que misturano os dois sangue diferente eles terio uns filho com jeito de gente, que depois ficario cada vez mais parecido com as criatura até chegá a hora de pulá na água e se juntá aos outro no fundo do mar. E essa é a parte mais importante, filho… os que viravo peixe e mergulhavo no mar *não morrio nunca mais.* Aquelas coisa não morrio nunca, só se alguém matasse elas com violência.

"Ah, e parece que quando Obed descobriu tudo isso o sangue daqueles peixe já corria nas veia dos ilhéu. Quando ficavo mais velho e começavo a dá na vista,

eles se escondio até poder entrá na água e sumi de uma vez por todas. Uns ero mais afetado que os outro, e tamém tinha os que nunca se transformavo o suficiente pra entrá na água; mas quase sempre a coisa funcionava do jeito que as criatura tinho dito. Os que nascio mais parecido com peixe se transformavo mais depressa, mas os que era quase totalmente humano às vez ficavo na ilha até depois dos setenta ano, mesmo que desse uns mergulho antes disso pra experimentá. As gente que tinho ido pra água em geral fazio visita aos parente em terra, então era comum que alguém pudesse conversá com o bisavô de seu próprio avô, que já tinha ido pra água vários século atrás.

"Ninguém nem pensava em morrê… a não sê nas guerra contra os outro ilhéu, ou então nos sacrifício pros deus marinho lá embaixo, ou de mordida de cobra ou de peste ou de doença repentina ou de alguma outra coisa antes que eles pudesse i pra água… todo mundo simplesmente esperava por uma mudança que nem parecia tão ruim depois de um tempo. Os ilhéu achavo que tudo que eles recebio em troca valia a pena comparado ao que davo… e eu acho que Obed deve tê achado a mesma coisa depois de pensá mais um pouco sobre a história do velho Walakea. Mas acontece que Walakea era um dos que não tinho nenhum sangue de peixe… ele era de uma linhagem real que casava co'os nobre de outras ilha.

"Walakea mostrô pra Obed muitos dos rito e dos encantamento que tinha que ver co'as criatura marinha, e também deixou ele vê os habitante do vilarejo que já tinho perdido a forma humana. Mas, por algum motivo, ele nunca deixô o capitão vê um dos bicho que saío da água. No fim Walakea deu pro capitão um cacareco estranho feito de chumbo ou algo assim, que servia pra atraí as criatura de qualquer lugar na água onde pudesse existi um ninho. A ideia era atirá aquilo na água co'as oração certa e não sei o que mais. Walakea imaginava que aquelas coisa tavo espalhada pelo mundo inteiro, então qualquer um podia olhá ao redor e invocá eles tudo se quisesse.

"Matt não gostô nem um pouco dessa história toda e quis que Obed ficasse longe da ilha; mas o capitão tinha sede de lucro e descobriu que podia consegui as joia dourada a uns preço tão baixo que valeria a pena se especializá naquilo. As coisa ficaro assim por muitos anos, e Obed juntô o suficiente daquele ouro pra começá a refinaria na antiga oficina de pisoagem de Waite. Ele não se arriscô a vendê as peça como elas ero, porque as pessoa não io pará com as pergunta. Mesmo assim os homem dele de vez em quando pegavo uma daquelas joia e sumio com ela, mesmo que tivesse jurado ficá quieto; e o capitão deixava as mulher da família usá algumas das peça que parecio mais humana que as outra.

"Ah, em 38, quando eu tinha sete ano, Obed descobriu que todos os ilhéu tinho sumido entre uma viagem e a outra. Parece que os outro ilhéu descobriro o que tava aconteceno e resolvero os problema co'as próprias mão. Eles devio ter

os tal símbolo mágico que era a única coisa que fazia medo às criatura do mar. Não tem como sabê o que aqueles canaca pode tê aprontado depois que uma ilha apareceu de repente, vinda do fundo do mar e cheia de umas ruína mais velha que o dilúvio. Ero uns homem muito temente a Deus… não deixaro pedra sobre pedra na ilha principal nem na ilhota vulcânica, a não ser os pedaço de ruína grande demais pra derrubá. Em alguns lugar tinha umas pedrinha espalhada ao redor… como que uns amuleto… e nelas tava desenhado o que chamam por aí de suástica. Aquilo devia sê o símbolo dos Grande Ancião. As pessoa sumida, nenhuma pista dos objeto dourado e os canaca das ilha vizinha não falavo uma palavra a respeito. Nem ao menos admitio que um povo tinha morado naquela ilha.

"Foi um golpe duro pro capitão Obed, porque os negócio dele tavo indo de mal a pior. Innsmouth também sofreu, porque nessa época o que era bom pro capitão de um navio em geral tamém era bom pra tripulação. A maioria das pessoa no vilarejo passô essa época de penúria igual a uns cordeirinho resignado, mas a coisa era séria mesmo porque o pescado tava escasso e a coisa também não tava boa pras indústria.

"Foi aí que o capitão Obed começô a amaldiçoá as pessoa por elas serem um bando de cordeirinho cristão que ficavo orano pra um deus que não ajudava em nada. Ele disse que tinha conhecido um povo que orava pra uns deus que davo tudo que eles precisavo de verdade, e que se alguns homem de coragem ficasse do lado dele, ele podia consegui poderes suficiente pra trazê muito peixe e um bocado de ouro. Claro que os antigo tripulante do *Sumatry Queen* que tinho visto a ilha sabio do que o capitão tava falano e não tavo muito interessado em se misturá às criatura do mar que eles tinho ouvido falá, mas os que não sabio de nada se deixaro levá pelas palavra do capitão e começaro a perguntá pra ele o que poderio fazê pra abraçá essa fé que dava resultado."

Neste ponto o velho hesitou, balbuciou alguma coisa e sucumbiu a um silêncio agourento e nervoso; começou a olhar para trás e logo se virou por completo a fim de observar os distantes contornos negros do recife. O velho Zadok não respondeu quando lhe dirigi a palavra, e assim precisei deixar que terminasse a garrafa. O insano causo que eu estava escutando despertava o meu profundo interesse, pois eu imaginava que nele estivesse contida alguma alegoria rústica baseada na estranheza de Innsmouth e trabalhada por uma imaginação a um só tempo criativa e repleta de fragmentos de lendas exóticas. Nem por um instante acreditei que a história tivesse qualquer fundamentação na realidade; mas ainda assim o relato encerrava um terror genuíno, embora apenas em função das referências às estranhas joias sem dúvida alguma semelhantes à tiara maligna que eu vira em Newburyport. Talvez os ornamentos tivessem mesmo vindo de alguma

ilha estranha; e não é impossível que as histórias fantasiosas fossem invenções do finado Obed, e não do velho beberrão.

Entreguei a garrafa a Zadok, que sorveu até a última gota da bebida. Era curioso notar sua resistência ao uísque, pois seguia falando com uma voz aguda e rouca, sem enrolar a língua. O homem lambeu o gargalo e pôs a garrafa no bolso, quando então começou a menear a cabeça e a cochichar para si mesmo. Inclinei-me para a frente na tentativa de captar as palavras e imaginei ter percebido um sorriso sardônico por trás da barba cerrada. De fato, Zadok estava formando palavras, e eu pude apreender algumas delas.

— Pobre Matt… Matt sempre foi contra… tentô trazê mais gente pro lado dele e teve longas conversa co'os padre… mas não deu em nada… eles mandaro o pastor congregacionalista embora do vilarejo, e o metodista acabou desistino… nunca mais viro Resolved Babcok, o pastor batista… Ira Divina… eu era uma criaturinha de nada, mas ouvi o que eu ouvi e vi o que eu vi… Dagon e Ashtoreth… Belial e Belzebu… o Bezerro de Ouro e os ídolo de Canaã e dos Filisteu… as abominação da Babilônia… *Mene, mene, tekel, upharsin.*…

Mais uma vez Zadok deteve-se, e pela expressão de seus olhos azul-aquosos temi que ele pudesse cair em um estupor a qualquer momento. Mas quando gentilmente eu lhe sacudi o ombro, o homem voltou-se em minha direção com uma lucidez surpreendente e proferiu mais algumas frases obscuras.

— Não acredita em mim, hein? He, he, he… pois então me diga, filho, por que é que o capitão Obed e outras vinte e poucas pessoa costumavo remá em volta do Recife do Diabo na calada da noite e entoá uns cântico tão alto que dava pra ouvi as cantoria por todo o vilarejo quando o vento soprava? Por quê, hein? E por que o capitão Obed volta e meio jogava umas coisa pesada nas profundeza do mar lá do outro lado do recife, onde o fundo despenca num abismo que nenhuma sonda alcança? O que o capitão fez com aquele cacareco engraçado que Walakea deu pra ele? O quê, filho? E pra que eles ficavo uivano na Noite de Walpurgis, e depois de novo no Dia das Bruxa? E por que os novo pastor da igreja… uns homem que antes era marinheiro… usavo aqueles manto esquisito e se enfeitavo co'os adereço dourado que o capitão tinha trazido? Hein?

Neste ponto, os olhos azul-aquosos tinham assumido uma aparência selvagem que beirava a paranoia, e a barba branca estava eriçada como se um impulso elétrico a atravessasse. É provável que o velho Zadok tenha notado quando eu me encolhi, pois começou a dar gargalhadas malignas.

— He, he, he, he! Começano a se dá conta, é? Talvez o senhor pudesse tê gostado de está na minha pele naquele época, veno as criatura indo pro mar do alto da cúpula da minha casa, à noite. Ah, pois saiba que as criança não têm nada de boba, e eu não perdi um ai do que as pessoa falavo sobre o capitão Obed e as gente que io até o recife! He, he, he! Imagine que uma noite eu levei a luneta do

meu pai até o alto da cúpula e vi o recife formigano com uns vulto que mergulharo assim que a lua apareceu? Obed e as gente dele tavo num barquinho a remo, mas as outra figura mergulharo na parte mais funda do oceano e nunca mais aparecero… Como o senhor acha que se sente um moleque sozinho numa cúpula veno um bando de criatura *que não são humana?* Hein? He, he, he, he…

O velho estava às raias da histeria, e eu comecei a tremer com uma apreensão indescritível. Zadok aferrou-me pelo ombro com uma garra disforme, e tive a impressão de que os movimentos que fazia não eram de alegria.

— Já imaginô numa noite o senhor vê uma coisa pesada seno içada pra fora do barco de Obed, e no dia seguinte descobri que um jovem tinha desaparecido? Hein? Ninguém nunca mais teve notícia de Hiram Gilman. Sabia? E Nick Pierce, e Luelly Waite, e Adoniram Southwick, e Henry Garrison? Hein? He, he, he, he… Uns vulto conversano com uns gesto de mão… isso os que tinho mão de verdade…

— Ah, foi nessa época que Obed começô a se recuperá um pouco. As pessoa viro as três filha dele usano uns enfeite dourado que ninguém nunca tinha visto nada parecido antes e logo a fumaça começô a corrê pelas chaminé da refinaria outra vez. Outros também prosperavo… o porto de repente ficô coalhado de peixe e só Deus sabe quantas tonelada foro levada pra Newburyport, Arkham e Boston. Foi aí que Obed fez que construísse o velho ramal da ferrovia. Uns pescador de Kingsport ouviro falá da fartura e viero pra cá numas chalupa, mas todos eles desaparecero. Ninguém nunca mais teve notícia. E bem nessa época fundaro aqui a Ordem Esotérica de Dagon e compraro o Templo Maçônico da Loja do Calvário pra usá como sede… he, he, he! Matt Eliot era maçom e foi contra a venda, mas bem por essa época ele também sumiu.

— Cuide bem, eu não tô dizeno que Obed queria fazê as coisa igual eles fazio na ilha dos canaca. No início eu acho que ele não queria sabê de misturá as raça nem de criá um bando de jovem pra sê transformado em peixe imortal. Ele só queria o ouro, e tava disposto a pagá qualquer preço, e eu acho que os *outro* se dero por satisfeito por um tempo…

— Só que em 64 os morador da cidade resolvero abri os olho e aí tiraro as própria conclusão deles. Era muita gente sumida… muita pregação maluca nas missa de domingo… muita conversa sobre o recife. Acho que eu fiz a minha parte contano pra Selectman Mowry o que eu tinha visto do alto da cúpula. Uma noite teve um grupo que seguiu o pessoal de Obed até o recife, e eu ouvi os barco trocano tiro. No dia seguinte Obed e outras vinte e duas pessoa tavo no xadrez, com todo mundo se perguntano afinal o que tinha acontecido e que acusação poderio fazê contra eles. Deus do Céu, se alguém imaginasse… algumas semana mais tarde, quando passô algum tempo sem que ninguém jogasse nada ao mar…

Zadok começava a dar sinais de medo e exaustão, e assim permiti que se mantivesse calado por alguns instantes, embora eu não conseguisse tirar os olhos do relógio. A maré havia começado a subir, e o som das ondas parecia exaltá-lo. Alegrei-me com a mudança, pois na maré alta o odor de peixe poderia diminuir um pouco. Mais uma vez tive de me esforçar para captar os sussurros do velho.

— Naquela noite terrível… Eu vi eles… Eu tava na cúpula… era hordas e mais hordas por todo o recife, tudo nadano pelo porto em direção ao Manuxet… Meu Deus, o que aconteceu naquela noite… eles chacoalharo a nossa porta, mas o meu pai não abria… até que ele resolveu saí pela janela da cozinha com o mosquete pra i atrás de Selectman Mowry decidi o que fazê… Pilhas de gente morta e ferida… tiros… gritaria… um alarido dos inferno no Antigo Mercado e na Praça Central e em New Church Green… arrombaro o portão da cadeia… proclamação… traição… depois viero dizê que a peste tinha levado metade das pessoa no vilarejo… não sobrô ninguém além dos que se dispunho a ficá do lado de Obed e daquelas criatura ou ao menos a ficá quieto… eu nunca mais fiquei sabeno do meu pai…

O velho estava ofegante e suava muito. Ele apertou o meu ombro com mais força.

— Pela manhã já tinho limpado tudo… mas ficaro alguns *resquício.*.. O capitão Obed assumiu o comando, por assim dizê, e disse que as coisa io mudá… que *outros* tamém io participá dos culto com a gente, e certas casa tivero que recebê os *hóspede.*.. *eles* querio se misturá, que nem já tinho feito co'os canaca, e o capitão é que não ia tentá impedi. Obed foi além da conta… mais parecia um louco. Ele disse que os bicho io nos trazê pescado se a gente desse o que eles querio…

— Por fora nada ia mudá, mas era pra gente evitá falá co'os forasteiro se não quisesse tê problema. Todo mundo teve que fazê o Juramento de Dagon, e mais tarde teve um segundo e um terceiro juramento que alguns de nós fizemo. Quem mais ajudasse, mais ganhava… ouro e outras coisa assim… e não resolvia nada fazê cara feia, porque tinha milhares das criatura no fundo do mar. Elas preferio não tê que saí da água pra acabá com a humanidade, mas se alguém entregasse o segredo e esse fosse o único jeito, tampouco terio muito trabalho pra dá cabo de tudo. A gente não tinha os amuleto pra afastá eles que nem os ilhéu dos Mar do Sul, e os canaca se negavo a revelá o segredo deles.

— Era só não se descuidá dos sacrifício e oferecê umas tralha e abrigo no vilarejo quando as criatura quisesse que tudo ia ficá em paz. Os peixe não se importavo que contasse essas história longe de Innsmouth… desde que ninguém se metesse a xeretá por aqui. E aí um bando de convertido da Ordem de Dagon… as criança, em vez de morrê, voltavo pra Mãe Hidra e pro Pai Dagon de onde

todos nós viemo… *Iä! Iä! Cthulhu fhtagn! Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah-nagl fhtagn.…*

O velho Zadok sucumbia depressa à loucura total enquanto eu esperava com a respiração suspensa. Pobre alma atormentada — a que profundezas delirantes o álcool, somado ao ressentimento que sentia em relação à decadência, à estranheza e à doença havia precipitado sua imaginação! A seguir o homem começou a gemer, e lágrimas correram pelos sulcos de sua face para se perder no emaranhado da barba.

— Meu Deus, tudo o que eu vi desde os meus quinze ano… *Mene, mene, tekel, upharsin!* …as pessoa desaparecida, mais as que se mataro… as que contavo histórias em Arkham e Ipswich e outros lugar como esses era tudo tida por louca, que nem o senhor tá me achano agora… mas por Deus, tudo que eu vi… Eles terio me matado há muito tempo por tudo que eu sei, só que eu fiz o primeiro e o segundo juramento de Dagon perante o capitão Obed, então eu tava protegido a não ser que um júri provasse que eu tava falano a respeito por aí… mas eu me recusei a fazê o terceiro juramento… prefiro morrê do que fazê uma coisa dessas…

— E piorô ainda mais na época da Guerra Civil, *quando as criança nascida em 64 já tavo crescida.*… ou melhor, nem todas. Eu tinha medo… nunca mais espiei coisa nenhuma depois daquela noite e nunca mais vi uma daquelas criatura de perto em toda a minha vida. Qué dizê, nenhuma de sangue puro. Eu fui pra guerra e, se tivesse coragem ou a cabeça no lugar, eu nunca ia tê voltado pra cá. Mas na minha correspondência dizio que as coisa não tavo tão ruim assim. Acho que era porque os homem do alistamento tavo na cidade depois de 63. Depois da guerra tudo voltô a ficá ruim. As pessoa começaro a empobrecê… foi um monte de firma e de loja fechano… o porto ficô cheio de navio parado… desistiro da ferrovia… mas aquelas coisa… aquelas coisa nunca pararo de nadá de lá pra cá no rio vindo daquele maldito recife dos inferno… e cada vez mais janelas de sótão era pregada com tábua, e cada vez mais barulhos vinho das casa onde não devia tê ninguém…

— As pessoa de fora conta cada história a respeito da gente… eu imagino que o senhor tenha ouvido algumas, a dizê pelas coisa que me pergunta… umas história sobre o que eles vio de vez em quando, e sobre as joia esquisita que ainda aparece de tempo em tempo vinda não se sabe de onde e que ainda não derretero todas… mas nunca é nada definitivo. E também ninguém acredita. Dize que é um tesouro pirata e acho que as pessoa de Innsmouth têm sangue estrangeiro ou são destemperada ou alguma coisa assim. Além do mais, quem mora aqui evita falá co’os forasteiro a todo custo e faz o quanto pode pra não despertá a curiosidade alheia, ainda mais à noite. Os bicho fico apavorado quando vee aquelas criatura…

os cavalo mais até do que as mula… mas quando eles começaro a andá de carro tudo ficô bem.

— Em 46 o capitão Obed casô co'uma segunda esposa *que ninguém nunca viu.*… tem quem dissesse que ele nem queria, mas que as criatura obrigaro… e teve três filho com ela… dois desaparecero ainda na meninice, mas a moça que sobrô parecia normal e estudô na Europa. No fim Obed usô de alguma artimanha pra casá a filha co'um sujeito de Arkham que não suspeitava de nada. Mas agora ninguém qué tê nada que vê com o pessoal aqui de Innsmouth. Barnabas Marsh, que hoje é o encarregado da refinaria, é neto de Obed pela família da primeira esposa… filho de Onesiphorus, o primeiro filho do capitão, *mas a mãe era outra que nunca aparecia na rua.*

— Hoje Barnabas é um homem muito mudado. Não consegue mais fechá os olho e tá todo deformado. Dize que ainda usa roupa de gente, mas parece que logo deve entrá na água. Talvez ele já tenha experimentado… às vezes essas coisa passo um tempo mergulhada antes de i de vez pro mar. Ninguém vê ele em público já vai fazê dez ano. Nem imagino como a coitada da esposa dele deve se senti… ela é de Ipswich, e quase lincharo Barnabas por lá quando ele cortejô a moça já há uns cinquenta ano atrás. O capitão Obed morreu em 78, e a geração seguinte tamém já se foi a essas altura… os filho da primeira esposa morrero, e o resto… só Deus sabe…

O som da maré tornava-se cada vez mais insistente, e aos poucos pareceu transformar o sentimentalismo lacrimoso do velho em um temor vigilante. De vez em quando ele fazia pausas para repetir as espiadelas nervosas por cima do ombro ou em direção ao recife, e em seguida, apesar do caráter absurdo da história, também me vi tomado por um vago sentimento de apreensão. Zadok começou a falar em um tom mais estridente e pareceu decidido a instigar a própria coragem elevando o tom da voz.

— Ah, mas então, por que o senhor não diz nada? Que tal morá numa cidade que nem essa, com tudo apodreceno, morreno, cheia de monstro se arrastano dentro das casa fechada e balino e latino e saltitano pelos porão escuro e pelos sótão em cada esquina? Hein? Que tal escutá os uivo que noite atrás de noite sae das igreja e do Tempo da Ordem de Dagon e *sabê pelo menos em parte de onde vem os uivo?* Que tal escutá os som que sempre vêm daquele recife infernal toda Noite de Walpurgis e todo Dia das Bruxa? Hein? O senhor acha que eu sô um velho maluco, é? Bem, pois fique sabeno que *existe coisa pior!*

Neste ponto Zadok estava gritando, e o desvario frenético em sua voz me perturbava mais do que eu gostaria de admitir.

— Maldito seja, não fique aí só me olhano com essa cara… o capitão Obed Marsh tá no inferno, onde é o lugar dele! He, he… no inferno, cuide bem! Não tem mais como me pegá… eu não fiz nada nem disse nada pra ninguém…

— Ah, você, filho? Ora, mesmo que eu ainda nunca tenha dito nada pra ninguém, agora eu vô! Fique aí bem quietinho e ouça, garoto… ouça o que eu nunca disse pra ninguém… Eu disse que eu não xeretei mais depois daquela noite… *mas eu descobri mais coisa assim mesmo!*

— Qué sabê qual é o maior horror de todos, qué? Pois bem… não é o que os peixe-demônio *fizero,* mas o que eles *ainda vão fazê!* Eles tão trazeno uma coisa lá de onde eles vêm aqui pro vilarejo… já faz anos, e de um tempo pra cá vêm diminuino o passo. As casa a norte do rio entre a Water e a Main Street estão apinhada… apinhada co'os demônio e com *tudo que eles trouxero.*.. e quando eles estivere pronto… Isso mesmo, *quando eles estivere pronto.*.. o senhor sabe o que é um *shoggoth?*

— Ei, tá me ouvino? Eu vô lhe contá o que são aquelas coisa… *eu vi uma delas na noite que eu.*.. *eh.*.. *ahhhh!*.. *ah! e'yaahhhh*

O terror inesperado e o desespero sobrenatural no grito do velho quase me fizeram desmaiar. Seus olhos, fixos no mar de odor fétido, pareciam prestes a saltar das órbitas; enquanto o rosto estava fixo em uma máscara digna da tragédia grega. A garra descarnada apertou meu ombro com uma intensidade monstruosa, e o velho não esboçou nenhuma reação quando virei a cabeça para ver o que havia lhe chamado a atenção.

Não consegui ver nada. Apenas a maré crescente, com ondas talvez um pouco mais próximas do que a distante linha da rebentação. Mas a esta altura Zadok estava me sacudindo, e virei-me para trás a fim de testemunhar o derretimento daquela expressão congelada pelo medo, que logo revelou um caos de pálpebras palpitantes e lábios balbuciantes. Então ele recobrou a voz — embora apenas como um débil sussurro.

— *Saia daqui!* Saia daqui! *Eles nos viro.*.. saia daqui e salve a sua vida! Não espere mais um instante… *eles descobriro.*.. Corra… depressa… *pra longe daqui.*..

Mais uma onda quebrou com força na estrutura do que outrora havia sido um cais e transformou o sussurro do velho lunático em mais um grito inumano de gelar o sangue.

— *E-yaahhhh!*.. *yhaaaaaaa!*..

Antes que eu pudesse organizar a confusão de meus pensamentos, o velho havia largado o meu ombro e corrido para o interior do continente rua afora, cambaleando rumo ao norte enquanto dava a volta no muro do armazém. Olhei mais uma vez para o mar, mas não havia nada lá. Quando cheguei à Water Street e olhei em direção ao norte, não havia mais nenhum sinal de Zadok Allen.

IV.

Mal posso descrever o efeito deste horripilante episódio sobre o meu estado de espírito — um episódio a um só tempo desvairado e lamuriante, pavoroso e grotesco. O garoto da mercearia havia me dado o alerta, mas ainda assim a realidade deixou-me confuso e perturbado. Por mais pueril que a história parecesse, a sinceridade e o horror insanos de Zadok haviam me inspirado uma crescente inquietude, que se juntava ao meu velho sentimento de asco pelo vilarejo e pela maldição das sombras intangíveis.

Mais tarde eu teria ocasião para peneirar o relato e extrair dele algum núcleo de alegoria histórica; mas naquele momento eu queria apenas tirá-lo da cabeça. O avançado da hora começava a se tornar perigoso — meu relógio marcava 19:15, e o ônibus para Arkham saía da Praça Central às oito —, então tentei organizar os pensamentos da maneira mais neutra e objetiva possível enquanto eu caminhava depressa pelas ruas desertas com telhados esburacados e casas desmanteladas na direção do hotel onde eu havia deixado a minha valise e de onde o ônibus partiria.

Embora a luz dourada do entardecer conferisse aos antigos telhados e às chaminés decrépitas um ar de beleza mística e tranquilidade, eu não conseguia resistir ao impulso de olhar para trás de vez em quando. Com certeza seria uma grande alegria deixar o fétido e ensombrecido vilarejo de Innsmouth, mas desejei que houvesse algum outro meio de transporte além do ônibus dirigido pelo sinistro Sargent. Porém, não me afastei com excessiva pressa, pois havia detalhes arquitetônicos dignos de observação a cada esquina silenciosa; e calculei que eu poderia, sem dificuldade, percorrer o trajeto necessário em meia hora.

Após examinar o mapa desenhado pelo garoto da mercearia em busca de uma rota que eu ainda não houvesse percorrido, escolhi seguir pela Marsh Street até a Praça Central. Perto da esquina com a Fall Street eu comecei a ver grupos esparsos cochichando às furtadelas, e, quando finalmente cheguei à praça, percebi que quase todos aqueles desocupados estavam reunidos junto à porta do Gilman House. Era como se inúmeros olhos arregalados e aquosos, que não piscavam jamais, estivessem a me vigiar enquanto eu pegava a minha valise do saguão, e torci para que nenhuma daquelas criaturas desagradáveis me fizesse companhia durante a viagem.

O ônibus, um tanto adiantado, chegou com três passageiros antes das oito, e na calçada um sujeito de ar maligno balbuciou certas palavras incompreensíveis ao motorista. Sargent pegou um malote do correio e um fardo de jornais e adentrou o hotel; enquanto os passageiros — os mesmos homens que eu vira chegar a Newburyport naquela manhã — arrastaram-se pela calçada e trocaram sons guturais com um dos ociosos em uma língua que eu teria jurado não ser inglês. Embarquei no ônibus vazio e sentei-me no mesmo assento de antes, porém eu mal havia me acomodado quando Sargent reapareceu e começou a emitir

certos balbucios produzidos no fundo da garganta que me inspiraram uma singular repulsa.

De fato, a sorte não parecia estar ao meu lado. O motor havia apresentado algum problema, apesar da viagem sem contratempos desde Newburyport, e o ônibus não poderia seguir até Arkham. Não seria possível realizar o conserto à noite e tampouco haveria outra maneira de conseguir um transporte para sair de Innsmouth, fosse para ir a Arkham ou a qualquer outro lugar. Sargent pediu desculpas, porém me informou que não haveria alternativa senão hospedar-me no Gilman. Provavelmente o recepcionista conseguiria um desconto, mas não havia mais nada a fazer. Perplexo ante o obstáculo inesperado e temendo com todas as minhas forças a chegada da noite no vilarejo decadente e escuro, desci do ônibus e fui até o saguão do hotel, onde o recepcionista estranho e rabugento informou-me de que eu poderia ocupar o quarto 428 no último andar — um quarto amplo, mas sem água corrente — por um dólar.

Apesar das histórias que haviam me contado a respeito do lugar em Newburyport, assinei o livro de registro, paguei pela estadia, deixei que o recepcionista carregasse a minha mala e segui o funcionário amargurado e solitário por três lances de escada em meio a corredores empoeirados que pareciam entregues ao mais completo abandono. Meu aposento, um quarto de fundos com duas janelas e mobília parca e barata, dava para um pátio sórdido, ladeado por blocos baixos de tijolo, e comandava a vista de uma fileira de telhados decrépitos no Ocidente com um cenário pantanoso mais além. No fim do corredor havia um banheiro — uma desanimadora relíquia com um antigo vaso de mármore, uma banheira de estanho, uma lâmpada elétrica de brilho tênue e painéis de madeira bolorenta envolvendo os canos.

Aproveitando que ainda estava claro, desci à Praça Central e olhei ao redor em busca de um restaurante; e então percebi os estranhos olhares que as vis criaturas ociosas lançavam em minha direção. Como a mercearia estava fechada, vi-me obrigado a jantar no restaurante que antes eu havia refugado; fui atendido por um homem corcunda, de cabeça estreita e olhos vigilantes e por uma garota de nariz achatado, com mãos inacreditavelmente grossas e desajeitadas. A comida era servida no balcão, e fiquei aliviado ao perceber que a maioria dos alimentos vinha de latas e pacotes. Uma sopa de legumes com biscoitos foi o quanto me bastou, e logo retornei ao meu lúgubre quarto no Gilman; ao chegar, peguei com o recepcionista de olhar maléfico um jornal vespertino e uma revista manchada que estavam no frágil suporte ao lado do balcão.

Como as trevas se adensavam, liguei a débil lâmpada elétrica acima da cama de ferro barata e fiz todo o possível para retomar a leitura que eu havia começado. Achei que seria aconselhável providenciar uma distração sadia para os meus pensamentos, pois de nada adiantaria ficar ruminando as aberrações do antigo

vilarejo assolado pelas sombras enquanto eu ainda estivesse em seus confins. A história absurda que o velho bêbado havia me contado não prometia sonhos muito tranquilos, e senti que eu deveria manter a imagem daqueles olhos desvairados e aquosos o mais longe possível da minha imaginação.

Ademais, eu não poderia ficar pensando no que o inspetor da fábrica havia dito ao agente de Newburyport sobre o Gilman House e as vozes dos hóspedes noturnos — tampouco no rosto sob a tiara no vão da porta da igreja; um rosto cujo horror permanecia insondável aos meus pensamentos conscientes. Talvez fosse mais fácil evitar pensamentos inquietantes em um quarto menos bolorento. Da maneira como foi, o bolor letal misturava-se pavorosamente ao odor de peixe e despertava em minha fantasia pensamentos sórdidos e funestos.

Outra coisa que me perturbou foi a ausência de um ferrolho na porta do quarto. Certas marcas evidenciavam a presença recente de um, porém havia indícios de uma retirada feita pouco tempo atrás. Sem dúvida havia apresentado algum problema, como tantas outras coisas no edifício decrépito. Tomado pelo nervosismo, olhei ao redor e descobri um ferrolho no roupeiro que, a julgar pelas marcas, parecia ter o mesmo tamanho da antiga tranca na porta. Para amenizar a tensão, embora apenas em parte, ocupei-me transferindo o mecanismo para o lugar vazio na porta com a ajuda de uma prática ferramenta três em um, que incluía uma chave de fenda e que eu trazia presa ao chaveiro. O ferrolho ajustou-se à perfeição, e senti um certo alívio ao saber que eu poderia trancá-lo quando fosse deitar. Não que eu esperasse precisar do mecanismo, mas qualquer símbolo de segurança seria bem-vindo em um ambiente daqueles. Havia ferrolhos em boas condições nas duas portas laterais que davam acesso aos quartos adjacentes, e em seguida fechei-os também.

Não me despi, mas resolvi ler até ficar sonolento para só então me deitar, tirando apenas o casaco, o colarinho e os sapatos. Peguei uma lanterna portátil da minha valise e guardei-a no bolso da calça, para que pudesse ler durante a vigília caso mais tarde eu acordasse no escuro. O sono, porém, não veio; e quando enfim resolvi analisar os meus pensamentos inquietei-me ao descobrir que, inconscientemente, eu vinha prestando atenção a algum ruído — ao ruído de alguma coisa que me enchia de horror, embora eu fosse incapaz de nomeá-la. A história do inspetor devia ter instigado a minha imaginação mais do que eu suspeitava. Mais uma vez tentei ler, mas não consegui me concentrar.

Passado algum tempo, tive a impressão de ouvir as escadas e os corredores rangerem, e imaginei se os outros quartos estariam ocupados. Contudo, não havia vozes, e ocorreu-me que os rangidos tinham um certo caráter furtivo. Aquilo não me agradou em nada, e pensei se não seria melhor passar a noite acordado. O vilarejo era repleto de pessoas estranhas e havia sido palco de vários desaparecimentos. Será que eu estava em uma daquelas pousadas onde os

viajantes são mortos por ladrões? Com certeza eu não parecia um homem de posses. Ou será que os nativos eram mesmo tão ressentidos em relação a forasteiros curiosos? Será que o evidente caráter turístico de minha viagem, somado às repetidas consultas ao mapa, havia despertado atenção indesejada? Ocorreu-me que os meus nervos deveriam estar muito alterados para que simples rangidos dessem origens a especulações dessa ordem — mas ainda assim lamentei não estar armado.

Por fim, sentindo o peso de uma fadiga sem sono, tranquei a porta recém-guarnecida do corredor, apaguei a luz e atirei-me no colchão duro e irregular — de casaco, sapatos, colarinho e tudo mais. Na escuridão, até os menores ruídos da noite pareciam amplificados, e uma torrente de pensamentos inquietantes tomou conta de mim. Lamentei ter apagado a luz, e no entanto eu estava demasiadamente cansado para levantar-me e acendê-la outra vez. Então, após um longo intervalo de angústia iniciado por um novo ranger nas escadas e no corredor, percebi o leve e inconfundível som que parecia ser a concretização macabra de todas as minhas apreensões. Sem a menor sombra de dúvida, alguém estava tentando abrir a porta do meu quarto — de maneira cautelosa e furtiva — com uma chave. Quando notei o perigo iminente, a intensidade dos meus sentimentos talvez tenha diminuído em vez de aumentar, tendo em vista os meus vagos temores prévios. Embora sem nenhum motivo palpável, eu estava instintivamente em alerta — o que me serviria de vantagem naquele momento de crise real, qualquer que fosse sua natureza. Mesmo assim, a transformação de um pressentimento vago em uma realidade imediata foi um choque profundo, que me acertou com todo o impacto de uma pancada genuína. Nem passou pela minha cabeça que os movimentos na porta pudessem ser algum engano. Eu só conseguia pensar em desígnios maléficos, e mantive-me em silêncio sepulcral, aguardando os movimentos seguintes do invasor.

Passados alguns momentos os ruídos cessaram, e ouvi alguém abrindo o quarto ao norte com uma chave-mestra. Logo alguém tentou abrir a porta que dava acesso ao meu quarto. O ferrolho impediu, é claro, e então escutei o assoalho ranger enquanto o gatuno deixava o aposento. Depois de mais alguns instantes escutei outros ruídos e então soube que alguém estava adentrando o quarto ao Sul. Mais uma discreta tentativa de abrir a porta entre os quartos, e mais rangidos de passos que se afastavam. Desta vez os rangidos seguiram pelo corredor até o lance de escadas, e assim eu soube que o invasor havia percebido não haver meio de ingresso ao meu quarto e abandonado as tentativas, pelo menos até que o futuro trouxesse novidades.

A presteza com que tracei um plano de ação demonstra que meu subconsciente deve ter passado horas atento a alguma ameaça enquanto cogitava possíveis meios de fuga. Desde o primeiro instante eu soube que aquela presença

estranha não representava um problema a ser confrontado, mas um perigo do qual eu devia fugir a qualquer custo. A única coisa a fazer era sair do hotel o mais rápido possível por algum outro acesso que não as escadas e o saguão de entrada.

Pondo-me de pé com cuidado e apontando o facho da lanterna em direção ao interruptor, tentei acender a lâmpada acima da cama a fim de escolher alguns pertences necessários a uma fuga inesperada, deixando a minha valise para trás. Contudo, nada aconteceu; e percebi que a eletricidade fora cortada. Sem dúvida, algum complô maligno e enigmático de grandes proporções estava em andamento — mas eu não saberia dizer em que consistia. Enquanto fiquei pensando no que fazer, com a mão no interruptor inútil, escutei um rangido abafado no andar de baixo e imaginei ouvir vozes conversando. No instante seguinte tive dúvidas de que os sons mais graves fossem vozes, pois os ríspidos latidos e os coaxados de sílabas incompreensíveis não guardavam quase nenhuma semelhança com a fala humana. Então voltei a pensar com força renovada nas coisas que o inspetor da fábrica tinha ouvido à noite naquele prédio tomado pelo bolor e pela peste.

Depois de encher os bolsos à luz da lanterna, pus o chapéu na cabeça e andei na ponta dos pés até as janelas para considerar a possibilidade de uma descida. Apesar das leis de segurança vigentes no estado, não havia escadas de incêndio naquele lado do hotel, e percebi que as janelas do quarto não ofereciam nada além de uma queda de três andares até o calçamento do pátio. À esquerda e à direita, no entanto, o hotel era ladeado por blocos comerciais, cujos telhados ficavam a uma distância razoável da minha janela no quarto andar. Para alcançar uma dessas construções eu teria de estar em um quarto a duas portas do meu — fosse a norte ou a sul —, e meus pensamentos instantaneamente puseram-se a calcular minhas chances de sucesso na empreitada.

Decidi que eu não poderia arriscar uma saída ao corredor, onde os meus passos sem dúvida seriam ouvidos e as dificuldades para chegar a um dos quartos desejados seriam insuperáveis. Meu progresso, se eu pretendesse fazer algum, só poderia dar-se através das portas menos robustas entre os quartos adjacentes; cujos ferrolhos e fechaduras eu teria de vencer usando o ombro como aríete sempre que oferecessem resistência. O plano seria viável graças ao péssimo estado de conservação do hotel e das instalações; mas percebi que seria impossível pô-lo em prática sem fazer barulho. Assim, eu teria de contar apenas com a velocidade e a chance de chegar a uma janela antes que as forças hostis se organizassem o suficiente para abrir a porta certa com uma chave-mestra. Reforcei a porta do quarto com a secretária — devagar, para fazer o menor barulho possível.

Notei que minhas chances eram ínfimas e preparei-me para o pior. Mesmo que eu chegasse a outro telhado, o problema não estaria resolvido, pois ainda me restaria a tarefa de chegar até o chão e fugir do vilarejo. Uma coisa a meu favor

era o estado de abandono e decrepitude das construções vizinhas, bem como a quantidade de claraboias escuras que se abriam em ambos os lados.

Depois de consultar o mapa feito pelo garoto da mercearia e concluir que a melhor rota para deixar a cidade seria a Sul, lancei um olhar para a porta que dava para esta direção. A porta abria para dentro, e assim — depois de soltar o ferrolho e descobrir a existência de outras seguranças — notei que seria mais difícil forçá-la. Levado pela cautela a abandonar a rota, arrastei a cama de encontro à porta a fim de evitar qualquer investida feita mais tarde a partir do quarto vizinho. A porta ao norte abria para fora, e então — ainda que estivesse chaveada ou trancada pelo outro lado — eu soube que aquela seria a minha rota. Se conseguisse alcançar os telhados das construções na Paine Street e descer até o nível da calçada, talvez eu pudesse correr pelo pátio e pelos prédios vizinhos ou pelo outro lado da rua até a Washington ou a Bates — ou ainda sair na Paine e avançar em direção ao sul até chegar à Washington. De qualquer modo, eu tentaria chegar à Washington de alguma forma e sair depressa da região da Praça Central. Se possível, evitaria a Paine, uma vez que o quartel dos bombeiros provavelmente estaria aberto a noite inteira.

Enquanto pensava nessas coisas, olhei para baixo, em direção ao mar decrépito de telhados em ruínas, iluminado pelos raios de uma lua quase cheia. À direita, as águas negras do rio fendiam o panorama; fábricas abandonadas e a estação ferroviária prendiam-se ao leito como cracas. Mais além, a ferrovia enferrujada e a estrada para Rowley atravessavam o terreno plano e pantanoso salpicado por ilhotas de terra alta e seca cobertas por vegetação rasteira. À esquerda, a paisagem cortada por córregos era mais próxima, e a brancura da estrada em direção a Ipswich cintilava ao luar. Do meu lado do hotel não se via a rota Sul em direção a Arkham que eu estava decidido a tomar.

Eu ainda estava distraído com especulações indecisas sobre o melhor momento de forçar a porta norte e sobre como chamar a menor atenção possível quando notei que os ruídos vagos no andar de baixo haviam dado lugar a rangidos mais fortes nas escadas. Uma luz oscilante apareceu na claraboia do meu quarto, e as tábuas do corredor começaram a estremecer sob um peso vultuoso. Sons abafados de possível origem vocal se aproximaram, e por fim uma batida firme soou na porta do corredor.

Por um instante eu simplesmente prendi a respiração e aguardei. Tive a impressão de que passaram eternidades, e o nauseante odor de peixe ao meu redor pareceu intensificar-se de maneira repentina e espetacular. A batida repetiu-se — por várias vezes, com insistência cada vez maior. Eu sabia que havia chegado o momento de agir, e de imediato abri o ferrolho da porta que dava para o quarto ao norte, preparando-me para golpeá-la. As batidas na porta do corredor ficaram mais altas, e nutri esperanças de que os rumores pudessem encobrir o barulho de

meus esforços. Pondo enfim o meu plano em prática, investi repetidas vezes contra o fino painel usando o meu ombro esquerdo, alheio aos impactos e à dor. A porta resistiu mais do que eu havia imaginado, mas não desisti. E durante todo esse tempo o clamor à porta só fazia aumentar.

Por fim a porta que dava acesso ao quarto vizinho cedeu, mas com tamanho estrépito que eu sabia que aqueles lá fora teriam me ouvido. No mesmo instante as batidas deram lugar a pancadas frenéticas, enquanto chaves tilintavam augúrios na porta de entrada dos dois quartos ao lado. Depois de atravessar a passagem recém-aberta, consegui barricar a porta de entrada do quarto ao norte antes que a fechadura fosse aberta; mas nesse mesmo instante ouvi a porta do terceiro quarto — o quarto de onde eu pretendia alcançar o telhado lá embaixo — sendo aberta com uma chave-mestra.

Por um instante fui arrebatado pelo mais absoluto desespero, já que eu parecia estar encurralado em um aposento sem via de egresso pela janela. Uma onda de horror quase sobrenatural tomou conta de mim e conferiu uma singularidade terrível e inexplicável às marcas na poeira, vistas de relance à luz da lanterna, deixadas pelo intruso que pouco tempo atrás havia forçado a porta a partir daquele quarto. Então, graças a um automatismo que persistiu mesmo ao defrontar-se com a ausência de esperança, avancei até a outra porta de acesso entre os quartos e, sem dar por mim, executei os movimentos necessários à tentativa de forçá-la e — se as trancas estivessem intactas como no segundo quarto — trancar a porta do corredor no terceiro quarto antes que a fechadura fosse aberta pelo lado de fora.

Um golpe de sorte veio em meu auxílio — pois a porta que separava os quartos à frente não só estava destrancada, como também entreaberta. Em um instante eu a havia transposto e estava com o joelho e o ombro direitos na porta do corredor, que visivelmente começava a se abrir para dentro. Meu esforço deve ter surpreendido o intruso, pois a porta fechou com o baque e assim consegui trancar o ferrolho, como eu havia feito na outra porta. Um pouco aliviado, escutei as batidas nas duas outras portas diminuírem quando um rumor confuso começou junto à porta que eu havia barricado com a cama. Ficou evidente que os meus atacantes haviam ganhado o quarto ao sul e estavam se reunindo para um ataque lateral. Porém, no mesmo instante ouvi o som de uma chave-mestra na porta ao norte e soube estar diante de um perigo ainda mais iminente.

A porta entre os dois quartos estava escancarada, mas não havia tempo sequer para pensar em impedir a entrada pela porta do corredor. Tudo o que pude fazer foi fechar e trancar as portas internas de ambos os lados — empurrando uma cama contra uma, uma secretária contra a outra e arrastando um lavatório até a porta do corredor. Notei que seria necessário lançar mão dessas barreiras improvisadas até que eu pudesse sair pela janela e alcançar o telhado no bloco

comercial da Paine Street. Porém, mesmo nesse momento crucial o meu maior horror era algo alheio à precariedade das minhas defesas. Eu tremia porque os meus algozes, afora certos estertores, grunhidos e latidos abafados a intervalos irregulares, não emitiam nenhum som vocal humano puro ou inteligível.

Enquanto eu rearranjava a mobília e corria em direção às janelas, escutei um rumor terrível ao longo do corredor que dava para o quarto ao norte e percebi que as pancadas no aposento ao sul haviam cessado. Ficou claro que meus oponentes estavam prestes a concentrar esforços na débil porta interna que levaria diretamente a mim. Na rua, o luar brincava na cumeeira do bloco lá embaixo, e percebi que o salto envolveria um risco desesperado em vista da superfície íngreme onde eu haveria de pousar.

Depois de examinar as condições, escolhi a janela mais ao sul como via de escape; planejando aterrissar na elevação interna do telhado e de lá correr até a claraboia mais próxima. Uma vez no interior das decrépitas estruturas de tijolo eu teria de estar pronto para uma perseguição; mas ainda me restava a esperança de descer e correr para dentro e para fora das portas escancaradas ao longo do pátio ensombrecido para enfim chegar até a Washington Street e deixar o vilarejo para trás rumo ao Sul.

O estrépito na porta interna ao norte havia atingido níveis pavorosos, e notei que o painel de madeira começava a rachar. Era evidente que os atacantes haviam trazido algum objeto pesado para fazer as vezes de aríete. A cama, no entanto, seguia firme no lugar; de modo que ainda me restava uma chance de sucesso na fuga. Ao abrir a janela, percebi que estava flanqueada por pesadas cortinas de veludo que pendiam de argolas douradas enfiadas em um varão, e também que havia um prendedor para as venezianas no lado externo da parede. Vendo aí um possível meio de evitar os perigos de um salto, puxei o tecido com força e derrubei as cortinas com varão e tudo; e logo enfiei duas argolas no prendedor da veneziana e joguei todo o veludo para a rua. Os drapeados chegavam até o telhado vizinho, e percebi que as argolas e o prendedor provavelmente aguentariam o meu peso. Então, saindo pela janela e descendo pela corda improvisada, deixei para trás de uma vez por todas o ambiente mórbido a tenebroso do Gilman House.

Cheguei em segurança às telhas soltas do telhado íngreme e consegui ganhar a escuridão da claraboia sem um único resvalo. Ao olhar para cima, em direção à janela por onde eu tinha saído, notei que ainda estava escura, embora além das chaminés ao norte eu pudesse ver luzes agourentas ardendo no Templo da Ordem da Dagon, na igreja batista e na igreja congregacionalista que me inspirara tanto horror. Não parecia haver ninguém no pátio logo abaixo, e torci para que eu tivesse uma chance de escapar antes que soassem o alarme geral. Ao apontar o facho da lanterna para o interior da claraboia, notei que não havia degraus no

interior. Contudo, a distância era curta, e assim me arrastei até a borda e deixei-me cair; o chão estava muito empoeirado e cheio de caixas e barris arrebentados.

O lugar tinha um aspecto lúgubre, mas a essa altura eu não me importava mais com essas impressões e logo fui em direção à escadaria de lanterna em punho — depois de um breve lance de olhos em direção ao meu relógio de pulso, que marcava duas horas da manhã. Os degraus estalaram, mas pareceram sólidos o bastante; e, passando por um segundo andar que fazia as vezes de celeiro, desci correndo até o térreo. A desolação era completa, e só o que se ouvia além dos meus passos era o som do eco. Por fim alcancei o saguão do térreo, em cuja extremidade percebi um tênue retângulo luminoso que indicava a localização da porta arruinada que se abria para a Paine Street. Andando na direção contrária, descobri que a porta dos fundos também estava aberta; e desci correndo os cinco degraus de pedra que levavam ao calçamento abandonado do pátio.

Os raios do luar não chegavam até lá embaixo, mas eu conseguia enxergar o caminho sem o auxílio da lanterna. Algumas das janelas no Gilman House cintilavam no escuro, e imaginei ter ouvido sons confusos lá dentro. Caminhando com passos leves até o lado que dava para a Washington Street, percebi diversas portas abertas e resolvi sair pela mais próxima. O corredor interno estava escuro como breu, e ao chegar à outra extremidade vi que a porta para a rua estava empenada e não seria possível abri-la. Decidido a tentar outro prédio, voltei tateando até o pátio, mas precisei deter-me quando cheguei perto do vão de entrada.

Uma multidão de vultos indefinidos estava saindo por uma porta do Gilman House — lanternas balançavam na escuridão e terríveis vozes coaxantes trocavam lamúrias graves em uma língua que com certeza não era inglês. As figuras moviam-se indecisas, e percebi, para o meu alívio, que não sabiam para onde eu tinha ido; mas ainda assim senti um calafrio varar-me o corpo dos pés à cabeça. A distância, não era possível distinguir os traços das criaturas, mas a postura recurvada e os passos trôpegos inspiravam-me uma repulsa abominável. O pior de tudo foi quando notei uma figura que trajava um manto e ostentava de maneira inconfundível uma tiara de desenho terrivelmente familiar. Enquanto as figuras dispersavam-se pelo pátio, senti meus temores aumentarem. E se eu não conseguisse encontrar via de egresso para sair à rua? O odor de peixe era nauseante, e não sei como o suportei sem perder os sentidos. Mais uma vez seguindo às apalpadelas em direção à rua, abri uma porta do corredor e descobri um aposento vazio de janelas fechadas, mas sem caixilhos. Movimentando o facho da lanterna, descobri que eu poderia abrir as venezianas; e em mais um instante eu havia me esgueirado para fora e estava cuidadosamente fechando o acesso.

Logo me encontrei na Washington Street, e não percebi nenhuma criatura viva nem luz alguma além dos raios do luar. Em várias direções ao longe, no entanto, eu escutava vozes ríspidas, passadas e um curioso movimento rítmico que não soava exatamente como passos. Era evidente que eu não tinha tempo a perder. Eu estava bem-orientado em relação aos pontos cardeais e regozijei-me ao ver que todos os postes de iluminação pública estavam desligados, como em geral se vê nas noites de luar em regiões rurais pouco prósperas. Alguns dos sons vinham do Sul, porém mantive-me firme na decisão de fugir por esta direção. Eu tinha certeza de que não faltariam portas desertas para me abrigar caso eu encontrasse uma ou mais pessoas em meu encalço.

Pus-me a caminhar depressa, com passos leves e próximo às casas em ruínas. Apesar de estar com a cabeça descoberta e com os trajes em desalinho após minha árdua escalada, não se poderia dizer que eu chamasse a atenção; e assim teria uma boa chance de passar despercebido caso encontrasse um transeunte qualquer. Na Bates Street, recolhi-me a um vestíbulo vazio enquanto duas figuras trôpegas passaram à minha frente, mas logo voltei ao caminho e aproximei-me do espaço aberto onde a Eliot Street passa em sentido oblíquo pela Washington no cruzamento com a South. Embora eu nunca o tivesse visto, o local parecia perigoso no mapa desenhado pelo garoto da mercearia; pois naquele ponto o luar iluminaria todo o cenário ao redor. Mesmo assim, seria inútil tentar evitá-lo, pois qualquer rota alternativa envolveria desvios que resultariam em mais demora e em uma visibilidade possivelmente desastrosa. A única coisa a fazer era atravessar o trecho com coragem e à vista de todos; imitando o andar trôpego dos nativos da melhor maneira possível, torcendo para que ninguém — ou ao menos nenhum de meus perseguidores — estivesse nos arredores.

Eu não fazia a menor ideia da maneira como a perseguição estava organizada — tampouco em relação ao propósito daquilo. Parecia haver uma comoção anormal no vilarejo, mas imaginei que a notícia da minha fuga do Gilman ainda não se teria espalhado. Logo eu teria de sair da Washington em direção a uma outra rua ao Sul; pois a multidão do hotel sem dúvida estaria atrás de mim. Na última construção antiga eu devia ter deixado rastros revelando como havia ganhado a rua.

O espaço aberto, conforme eu imaginara, estava mergulhado no intenso brilho do luar; e percebi os destroços de um parque no interior de uma cerca de ferro no centro. Por sorte não havia ninguém por perto, embora singulares zunidos ou rugidos parecessem estar vindo da direção da Praça Central. A South Street era muito larga e apresentava um leve declive que descia até a zona portuária, comandando assim uma ampla visão do oceano; e nesse momento desejei que ninguém estivesse olhando para cima enquanto eu a cruzava em meio aos raios luminosos do luar.

Nada impediu meu progresso, e não se fez nenhum som capaz de indicar que eu fora avistado. Olhando ao redor, sem querer diminuí o passo por um instante a fim de contemplar o belo panorama marítimo que resplendia sob o luar no fim da rua. Muito além do quebra-mar estava a silhueta difusa e escura do Recife do Diabo, e ao vislumbrá-la não pude deixar de pensar em todas as terríveis lendas que eu havia descoberto nas últimas 34 horas — lendas que retratavam aquela rocha irregular como um verdadeiro portão de acesso a reinos de horror insondável e aberrações inconcebíveis.

Então, sem nenhum aviso, percebi clarões intermitentes no recife longínquo. As luzes eram bem-definidas e inconfundíveis, e despertaram em meus pensamentos um horror cego além de qualquer medida racional. Os músculos em meu corpo contraíram-se, prontos para fugir em pânico, e só foram vencidos por uma cautela inconsciente e um fascínio quase hipnótico. Para piorar ainda mais a situação, no alto da cúpula do Gilman House, que assomava no nordeste às minhas costas, começou uma série de clarões análogos, porém a intervalos diferentes, que não poderia ser nada além de um sinal em resposta.

Após dominar meus músculos e perceber mais uma vez a situação vulnerável em que me encontrava, retomei as passadas lépidas e trôpegas; embora eu tenha mantido o olhar fixo no agourento recife infernal por todo o trecho em que a South Street me oferecia uma vista do mar. Eu era incapaz de imaginar o significado de todo aquele procedimento; a não ser que envolvesse algum estranho ritual ligado ao Recife do Diabo, ou então que um navio tivesse atracado naquela rocha sinistra. Segui pela esquerda, contornando o jardim em ruínas; e o tempo inteiro eu contemplei o esplendor do oceano sob o luar espectral do verão e observei os clarões crípticos daqueles fachos de luz inomináveis e inexplicáveis.

Foi então que a mais terrível impressão se abateu sobre mim — a impressão que destruiu meus últimos vestígios de autocontrole e pôs-me em uma marcha frenética em direção ao Sul, conduzindo-me para além da escuridão de portas escancaradas e de janelas à espreita com olhos de peixe naquela rua deserta saída de um pesadelo. Pois um olhar mais atento revelou que as águas iluminadas entre o recife e a orla não estavam vazias. O mar revolvia-se com uma horda fervilhante de vultos que nadavam em direção ao vilarejo; e mesmo à enorme distância em que eu me encontrava, um único relance bastou para revelar que as cabeças balouçantes e os apêndices convulsos eram estranhos ou aberrantes a ponto de desafiar qualquer expressão ou formulação consciente.

Minha corrida frenética cessou antes que eu tivesse percorrido um único quarteirão, pois à minha esquerda comecei a ouvir algo como o clamor de uma perseguição organizada. Havia passos e sons guturais, e um veículo motor passou estrondeando pela Federal Street em direção ao Sul. Em um segundo todos os meus planos mudaram — pois se a estrada ao sul estivesse bloqueada, a única

maneira seria encontrar outra rota de fuga para sair de Innsmouth. Parei e me escondi no vão escuro de uma porta, refletindo sobre a sorte que me fizera sair do espaço aberto ao luar antes que os meus perseguidores chegassem à rua paralela.

A reflexão seguinte foi menos reconfortante. Como a perseguição estava em curso em outra rua, ficou claro que o grupo não estava no meu encalço direto. Ninguém tinha me visto, mas havia um plano para impedir a minha fuga. A consequência natural do fato, portanto, era que todas as estradas que saíam de Innsmouth deveriam estar sujeitas a uma vigilância semelhante; pois ninguém sabia que rota eu pretendia tomar. Se fosse assim, eu teria de fugir afastado de qualquer estrada; mas como, tendo em vista a natureza pantanosa e salpicada de córregos na região? Por um instante fui tomado pela vertigem — tanto em consequência do desespero como também do aumento na intensidade do onipresente odor de peixe.

Então pensei na ferrovia abandonada em direção a Rowley, com uma linha sólida de terra coberta de cascalho e de grama que ainda avançava em direção ao nordeste a partir da estação arruinada nos arredores do rio. Havia uma chance de que os nativos não pensassem nesta possibilidade; uma vez que a desolada vegetação espinhosa tornava o terreno quase intransponível e, portanto, a mais improvável rota de um fugitivo. Eu havia observado a paisagem em detalhe a partir da minha janela no hotel e sabia que rumo tomar. O trecho inicial era visível a partir da estrada para Rowley e também de outros lugares altos no vilarejo; mas talvez fosse possível arrastar-se sem ser visto em meio aos arbustos. Fosse como fosse, esta seria a minha única chance de escapar e não havia mais nada a fazer senão correr o risco. Recolhendo-me ao corredor de meu abrigo deserto, mais uma vez consultei o mapa desenhado pelo garoto da mercearia com a ajuda da lanterna. O problema imediato era como chegar à antiga estação de trem; e não tardei a perceber que a opção mais segura seria avançar até a Babson Street, dobrar a oeste na Lafayette — dando a volta em um espaço aberto semelhante ao que eu já havia atravessado, porém sem cruzá-lo — para depois voltar ao norte e ao oeste em uma linha ziguezagueante que passaria pela Lafayette, pela Bates, pela Adams e pela Bank Street — esta última ladeando o córrego — para enfim chegar à estação deserta e dilapidada que eu tinha avistado da janela. Meu motivo para avançar até a Babson era que eu não queria cruzar o espaço aberto outra vez nem começar minha jornada em direção ao oeste por uma via tão larga quanto a South Street.

Pondo-me mais uma vez a caminhar, atravessei para o lado direito da rua a fim de chegar à Babson do modo mais discreto possível. Os barulhos continuavam na Federal Street e, quando olhei para trás, imaginei ter visto um clarão perto da construção por onde eu havia escapado. Ansioso para sair da Washington Street, pus-me a correr, contando com a sorte para não encontrar

nenhum olhar vigilante. Na esquina com a Babson Street alarmei-me ao perceber que uma das casas ainda era habitada, conforme atestavam as cortinas penduradas na janela; mas não havia luzes no interior, e assim passei sem qualquer percalço.

Na Babson Street, que atravessava a Federal e assim poderia revelar minha presença, mantive-me o mais próximo possível às construções desabadas e irregulares, parando duas vezes no vão de uma porta quando os barulhos às minhas costas aumentaram por alguns instantes. O espaço desolado à minha frente reluzia ao luar, porém minha rota não me obrigaria a cruzá-lo. Durante a segunda pausa, comecei a perceber uma nova distribuição dos sons vagos; e ao espiar de meu esconderijo percebi um automóvel avançando em alta velocidade pelo espaço aberto, seguindo pela Eliot Street, que naquele ponto cruza a Babson e a Lafayette.

Enquanto eu olhava — com um nó na garganta devido ao súbito aumento na intensidade do odor de peixe, ocorrido após um breve período de alívio —, notei um bando de formas rústicas e corcundas arrastando-se na mesma direção; e soube que aquele devia ser o grupo responsável por vigiar a saída a Ipswich, uma vez que esta estrada é uma extensão da Eliot Street. Duas das figuras que vislumbrei trajavam mantos volumosos, e uma trazia sobre a cabeça um diadema pontiagudo que emanava reflexos brancos ao luar. O andar desta figura era tão peculiar que cheguei a sentir um calafrio — pois tive a impressão de que a criatura estava quase saltitando.

Quando o último integrante do bando sumiu de vista, continuei avançando; dobrei correndo a esquina da Lafayette Street e atravessei a Eliot o mais rápido possível, por medo de que os mais atrasados do grupo ainda estivessem naquele trecho. Escutei alguns sons coaxantes e estrepitosos ao longe, na direção da Praça Central, mas completei o trajeto a salvo de qualquer desastre. O meu maior temor era cruzar mais uma vez a amplitude enluarada da South Street — com sua vista para o mar —, e precisei tomar coragem para este suplício. As chances de alguém estar à espreita eram grandes, e eventuais criaturas ainda na Eliot Street poderiam ver-me de dois pontos diferentes. No último instante decidi que seria melhor diminuir o passo e fazer a travessia como antes, imitando o andar trôpego dos nativos de Innsmouth.

Quando o panorama marítimo mais uma vez descortinou-se — desta vez à minha direita —, eu estava quase determinado a não lhe dar atenção. Contudo, não pude resistir; e lancei um olhar de soslaio enquanto me arrastava em direção às sombras protetoras logo adiante. Contrário à minha expectativa, não havia nenhum navio à vista. A primeira coisa que me chamou a atenção foi um pequeno barco a remo que se aproximou dos velhos atracadouros trazendo um objeto volumoso e coberto com lona. Os remadores, embora distantes e indefiníveis, tinham um aspecto particularmente repugnante. Também percebi inúmeros

nadadores; ao mesmo tempo em que, no longínquo recife negro, notei uma cintilação tênue e contínua, diferente dos clarões intermitentes e tingida por um matiz singular que eu não saberia identificar com precisão. Acima dos telhados inclinados à esquerda assomava a cúpula do Gilman House, completamente às escuras. O odor de peixe, antes dissipado por uma brisa piedosa, retornou mais uma vez com uma intensidade enlouquecedora.

Eu mal havia atravessado a rua quando escutei um grupo balbuciante avançando pela Washington Street, vindo do norte. Quando chegaram ao amplo espaço aberto de onde tive o primeiro vislumbre inquietante das águas ao luar eu pude vê-los claramente um quarteirão adiante — e fiquei abismado com a anormalidade bestial dos rostos e com a sub-humanidade canina do caminhar agachado. Havia um homem que se deslocava com movimentos simiescos, muitas vezes arrastando os longos braços pelo chão; enquanto uma outra figura — de manto e tiara — parecia avançar quase aos saltos. Imaginei que o grupo seria o mesmo avistado no pátio do Gilman's — e, portanto, aquele que me seguia mais de perto. Quando algumas figuras voltaram o rosto em minha direção, fui transfixado pelo pavor, mas consegui manter o passo trôpego e casual que eu havia adotado. Até hoje não sei se fui visto ou não. Se fui, meu estratagema deve tê-los ludibriado, pois todos cruzaram o espaço enluarado sem desviar do percurso — enquanto coaxavam e vociferavam em um odioso patoá gutural que não fui capaz de identificar.

De volta à sombra, retomei minha corrida até passar pelas casas desabadas e decrépitas que contemplavam a noite com olhos vazios. Depois de atravessar para a calçada oeste, dobrei a primeira esquina que dava para a Bates Street, onde me mantive próximo às construções ao Sul. Passei por duas casas com indícios de habitação, uma das quais tinha luzes nos andares superiores, porém não me deparei com nenhum obstáculo. Quando dobrei na Adams Street sentime um tanto mais seguro, porém levei um choque quando um homem saiu se arrastando de uma porta escura bem à minha frente. Mas ele estava demasiado bêbado para constituir ameaça; e assim cheguei às ruínas desoladas dos armazéns na Bank Street em segurança.

Nada se mexia na rua deserta às margens do córrego, e o rumor das cachoeiras abafava as minhas passadas. Foi uma longa corrida até a estação em ruínas, e as paredes do enorme armazém de tijolos à minha volta por algum motivo pareciam mais assustadoras do que as demais casas. Por fim eu vi o arco da antiga estação — ou o que restava dele — e apressei-me em direção à ferrovia que começava na extremidade mais distante.

Os trilhos estavam enferrujados, porém em boa parte intactos, e não mais do que a metade dos dormentes havia apodrecido. Andar ou correr naquela superfície era muito difícil; mas fiz o melhor que pude e consegui manter uma velocidade

razoável. Por um bom pedaço os trilhos ficavam à beira do córrego, mas por fim cheguei à longa ponte coberta no ponto em que atravessava o abismo a uma altura vertiginosa. As condições da ponte determinariam o passo a seguir. Se fosse possível, eu iria atravessá-la; se não, teria de me arriscar em mais andanças pelas ruas até conseguir acesso a uma ponte rodoviária em boas condições.

O enorme comprimento da antiga ponte reluzia com um brilho espectral ao luar, e notei que pelo menos nos primeiros metros os dormentes estavam em condições razoáveis. Acendi minha lanterna ao entrar e quase fui derrubado pela nuvem de morcegos que saiu voando do interior do túnel. Pelo meio do caminho havia uma falha perigosa nos dormentes que por um instante ameaçou deter o meu progresso; mas no fim arrisquei um salto desesperado, que por sorte obteve êxito.

Fiquei feliz quando tornei a ver o luar ao sair do túnel macabro. Os velhos trilhos atravessavam a River Street em uma passagem de nível e então seguiam para uma região mais rural de Innsmouth onde o detestável odor de peixe era menos pungente. A densa vegetação espinhosa dificultava o meu progresso e rasgava impiedosamente as minhas roupas, mas ainda assim me dei por satisfeito ao perceber que estaria protegido em caso de perigo. Eu sabia que boa parte da minha rota era visível a partir da estrada em direção a Rowley.

A região pantanosa começava logo a seguir, e o trilho solitário avançava por um aterro baixo e coberto de grama onde as ervas daninhas eram um pouco mais escassas. A seguir vinha uma espécie de ilha em terreno elevado, onde a ferrovia cruzava uma escavação rasa, tomada por arbustos e espinheiros. Senti um grande alívio ao encontrar este abrigo parcial, pois a estrada para Rowley deveria estar a uma distância inquietantemente curta segundo a observação que eu havia feito de minha janela. A escavação atravessava os trilhos e se afastava até uma distância segura; mas até chegar lá eu precisaria tomar todo o cuidado possível. A essa altura eu tinha certeza de que a ferrovia não estava sendo observada.

Logo antes de entrar na escavação eu olhei para trás, mas não vi ninguém em meu encalço. Os vetustos telhados e coruchéus da decadente Innsmouth cintilavam com um brilho encantador e etéreo sob o brilho pardacento do luar, e imaginei o aspecto que teriam apresentado nos velhos tempos, antes que as sombras se abatessem sobre o vilarejo. A seguir, enquanto o meu olhar se dirigia para o interior do continente, uma visão menos pacata chamou a minha atenção e paralisou-me por um instante.

O que eu vi — ou imaginei ter visto — foi a perturbadora sugestão de um movimento ondulante no sul longínquo; e esta sugestão levou-me a concluir que uma enorme horda de criaturas deveria estar saindo da cidade em direção à estrada de Ipswich. A distância era grande, e eu não conseguia distinguir os detalhes; mas a maneira como aquela coluna se deslocava não me agradou nem

um pouco. O contorno ondulava demais e cintilava com demasiada intensidade sob os raios da lua que naquele instante deslizava rumo ao Ocidente. Também havia a sugestão de um som, embora o vento estivesse soprando no sentido contrário — a sugestão de estrépitos e mugidos bestiais ainda piores do que os balbucios que eu havia escutado antes.

Toda sorte de conjecturas desagradáveis passava pela minha cabeça. Pensei nas criaturas de Innsmouth que, segundo rumores, habitariam antigas galerias em ruínas próximas ao porto. Também pensei nos nadadores inomináveis que eu tinha visto. Somando os grupos avistados até então, bem como os que eu imaginava estarem de tocaia nas outras estradas, o número dos meus perseguidores era estranhamente elevado para uma cidade tão despopulada como Innsmouth.

De onde teriam vindo todos os integrantes da densa coluna que naquele instante eu contemplava? Será que as antigas galerias inexploradas estariam fervilhando com seres disformes, ignorados pela ciência e até então inconcebidos? Ou algum navio teria transportado uma legião de intrusos desconhecidos até o recife infernal? Quem eram aquelas criaturas? Por que estavam lá? E se avançavam em colunas pela estrada em direção a Ipswich, será que as patrulhas do outro lado também teriam recebido reforços?

Eu havia adentrado a escavação tomada pelos arbustos e avançava com dificuldade, a um passo lento, quando mais uma vez um repugnante odor de peixe dominou o panorama. Será que o vento teria mudado para o Leste, de modo a soprar do oceano em direção ao vilarejo? Concluí que esta seria a única explicação, pois comecei a ouvir terríveis murmúrios guturais vindos de um ponto até então silencioso. Mas havia outro som — de batidas ou pancadas colossais que, por algum motivo, conjuravam imagens de caráter absolutamente odioso. O ruído levou-me a abandonar a lógica enquanto pensava na repelente coluna ondulante na longínqua estrada em direção a Ipswich.

Logo a intensidade do fedor e dos sons aumentou e, tremendo, sentime grato pela proteção oferecida pela escavação. Lembrei-me de que naquele ponto a estrada para Rowley passava muito perto da antiga ferrovia antes de guinar para o oeste e afastar-se. Algo estava vindo por aquela estrada, e precisei abaixar-me até que passasse e desaparecesse por completo na distância. Graças a Deus as criaturas não usavam cães na perseguição — embora talvez fosse impossível em vista do odor que infestava em toda a região. Agachado em meio aos arbustos da fenda arenosa eu me sentia razoavelmente seguro, embora soubesse que os meus perseguidores cruzariam os trilhos à minha frente pouco mais de cem metros adiante. Eu poderia vê-los, mas eles, salvo no caso de algum milagre maligno, não me veriam.

De repente, fui tomado por uma forte aversão à ideia de observar a travessia. Vi o espaço enluarado por onde a o cortejo passaria e tive pensamentos curiosos sobre a conspurcação irremediável do lugar. Talvez fossem as piores criaturas de Innsmouth — uma visão que ninguém faria questão de recordar.

O fedor tornou-se ainda mais insuportável, e os barulhos transformaram-se em uma babel de coaxados, uivos e latidos que não tinham sequer a mais remota semelhança com a fala humana. Seriam aquelas as vozes dos meus perseguidores? Será que tinham cães, afinal de contas? Até então eu não tinha visto nenhum dos habitantes mais degradados de Innsmouth. As batidas ou pancadas eram monstruosas — e não consegui olhar para as criaturas degeneradas que as provocavam. Eu manteria os olhos fechados até que os sons desaparecessem no oeste. A horda estava muito próxima — o ar vinha contaminado pelos rosnados brutais, e o chão quase estremecia no ritmo daquelas passadas inconcebíveis. Por pouco não prendi a respiração, e concentrei toda a minha força de vontade em manter os olhos fechados.

Ainda não sei dizer se o que veio a seguir foi uma realidade horrenda ou apenas um pesadelo alucinatório. As medidas governamentais em resposta aos meus apelos frenéticos parecem confirmar a existência de uma realidade monstruosa; mas será que podemos descartar a hipótese de uma alucinação recorrente na atmosfera quase hipnótica daquele vilarejo ancestral, obscuro e tomado pelas sombras? Lugares assim são dotados de estranhas propriedades, e o legado de lendas insanas pode muito bem ter agido sobre mais de uma imaginação humana em meio às ruas desertas e malcheirosas e aos escombros de telhados apodrecidos e coruchéus arruinados. Não seria possível que o germe de uma loucura contagiosa estivesse à espreita nas profundezas da sombra que paira sobre Innsmouth? Quem pode ter certeza da realidade depois de ouvir histórias como aquelas contadas pelo velho Zadok Allen? A polícia jamais encontrou o corpo do velho Zadok, e ninguém sabe que fim o levou. Onde acaba a loucura e onde começa a realidade? Será possível que até os meus temores mais recentes sejam meras ilusões?

Seja como for, preciso tentar explicar o que eu acredito ter visto à noite, sob a luz zombeteira da lua amarela — o que eu acredito ter visto andar pela estrada para Rowley bem diante dos meus olhos enquanto eu permanecia agachado em meio aos arbustos daquela escavação inóspita na ferrovia. É claro que fracassei na tentativa de manter os olhos fechados. A decisão estava fadada ao fracasso — pois quem poderia manter-se agachado de olhos fechados enquanto uma legião de entidades coaxantes e uivantes de origem desconhecida se debate com grande estrépito ao passar pouco mais de cem metros adiante?

Eu me julgava preparado para o pior, e de fato deveria estar em virtude de tudo que o eu tinha visto antes. Afinal, se os meus outros perseguidores eram de

uma anormalidade abominável, eu não deveria estar pronto para vislumbrar o elemento anormal *em grau mais elevado* — ou mesmo para defrontar-me com formas em que o normal não desempenhava parte alguma? Não abri os olhos até que o clamor atingisse um ponto diretamente à minha frente. Neste momento eu soube que uma longa fileira de criaturas deveria estar bem à vista no ponto em que as laterais da escavação achatavam-se e a estrada atravessava a ferrovia — e não pude resistir a uma amostra dos horrores que a zombeteira lua amarela tinha a oferecer.

Para mim, por todo o tempo de vida que ainda me resta sobre a terra, aquela visão enterrou de vez qualquer vestígio de paz de espírito e de confiança na integridade da Natureza e da mente humana. Nada do que eu pudesse ter imaginado — nada sequer do que eu poderia ter concebido ainda que levasse ao pé da letra a história maluca contada pelo velho Zadok — chegaria aos pés da realidade demoníaca e blasfema que presenciei — ou acredito ter presenciado. Tentei insinuar o que vi para postergar o horror de uma descrição direta. Será possível que nosso planeta tenha de fato engendrado tais criaturas? Que olhos humanos possam mesmo ter visto, na substância da carne, o que até então o homem só havia conhecido em devaneios febris e lendas fantasiosas?

E no entanto eu os vi em fileiras intermináveis — debatendo-se, saltando, coaxando, balindo — uma bestialidade crescente sob o brilho espectral do luar, na sarabanda grotesca e maligna de um pesadelo aterrador. Alguns ostentavam tiaras daquele inominável minério dourado… outros trajavam mantos… e um outro, que seguia à frente, estava vestido com um funéreo manto preto e calças listradas, e trazia um chapéu de feltro sobre o apêndice disforme que fazia as vezes de cabeça…

Acho que a cor predominante era um verde-acinzentado, embora as criaturas tivessem barrigas brancas. A maioria tinha corpos brilhosos e escorregadios, mas a protuberância nas costas era escamosa. As silhuetas eram vagamente antropoides, enquanto as cabeças eram como as dos peixes, dotadas de prodigiosos olhos arregalados que não se fechavam jamais. Nas laterais do pescoço tinham guelras palpitantes, e os dedos na extremidade das patas eram ligados por uma membrana. Todos se deslocavam com saltos irregulares — ora sobre duas patas, ora sobre quatro. Por algum motivo fiquei aliviado ao perceber que não tinham mais de quatro membros. As vozes coaxantes e uivantes, sem dúvida usadas para a comunicação articulada, sugeriam todas as nuances expressivas de que os rostos inchados careciam.

Mas apesar de toda a monstruosidade, a cena não deixava de ser familiar. Eu sabia muito bem o que aquelas criaturas deveriam ser — afinal, a memória da maligna tiara em Newburyport ainda não estava fresca? Aqueles eram os sapos-peixes blasfemos de origem inominável — vivos e horripilantes —, e ao vê-los eu

também soube por que o padre corcunda no escuro porão da igreja havia me inspirado tamanho terror. O número das criaturas era incalculável. Tive a impressão de ver hordas infindáveis — e com certeza o vislumbre momentâneo que tive só poderia ter revelado uma fração ínfima do total. No instante seguinte tudo foi obscurecido por um piedoso desmaio; o primeiro em minha vida.

V.

Foi uma suave chuva diurna que me acordou do estupor em que eu me encontrava na escavação da ferrovia, e quando me arrastei em direção à estrada mais à frente não percebi nenhum rastro no barro recém-formado. O odor de peixe também havia desaparecido. Os telhados em ruínas e os coruchéus desabados de Innsmouth assomavam no horizonte cinza a sudeste, mas não percebi uma só criatura viva na desolação dos pântanos salgados ao redor. Meu relógio indicava que já era mais de meio-dia.

A realidade dos eventos recentes era um tanto incerta em meus pensamentos, mas eu sentia que algo horripilante permanecia em segundo plano. Eu precisava sair do vilarejo assolado pelas sombras — e para tanto comecei a testar meus músculos exaustos. Apesar do cansaço, da fome, da perturbação e do horror prolongados, descobri que eu era capaz de caminhar; e assim comecei a deslocar-me lentamente ao longo da estrada lamacenta que conduzia a Rowley. Antes que a noite caísse eu já havia chegado à cidade, feito uma refeição e vestido roupas apresentáveis. Tomei o trem noturno até Arkham e no dia seguinte tive uma longa e séria conversa com representantes do governo; um procedimento mais tarde repetido em Boston. O resultado destes colóquios é de conhecimento público — e, pelo bem da normalidade, eu gostaria que não houvesse mais nada a acrescentar. Talvez eu esteja sucumbindo à loucura — mas talvez um horror ainda maior — ou um portento ainda maior — esteja se aproximando.

Como se pode imaginar, desisti de quase todos os planos da minha viagem — as distrações cênicas, arquitetônicas e antiquárias que tanto me enchiam de expectativa. Tampouco me atrevi a examinar a estranha joia que supostamente integra o acervo do Museu da Universidade do Miskatonic. Contudo, aproveitei minha estada em Arkham para reunir apontamentos genealógicos que eu buscava havia muito tempo; anotações muito superficiais e apressadas, mas que teriam grande serventia mais tarde, quando eu tivesse tempo de compará-las e codificá-las. O curador da sociedade histórica na cidade — o sr. E. Lapham Peabody — recebeu-me com grande cortesia e manifestou um raro interesse quando mencionei ser neto de Eliza Orne, que havia nascido em Arkham no ano de 1867 e casado com James Williamson, de Ohio, aos dezessete anos.

Parece que um de meus tios maternos havia visitado a cidade muitos anos atrás em uma busca muito semelhante à minha; e que a família da minha avó despertava uma certa curiosidade nos nativos. O sr. Peabody explicou-me que houve muita discussão acerca do casamento de meu bisavô, Benjamin Orne, logo após a Guerra Civil; uma vez que a linhagem da noiva era um tanto enigmática. Segundo o entendimento mais comum, a moça era uma órfã da família Marsh de New Hampshire — prima dos Marsh de Essex County —, que no entanto havia estudado na França e sabia muito pouco sobre a família. Um tutor havia depositado dinheiro em um banco de Boston a fim de prover o sustento da menina e de sua governanta francesa; mas ninguém em Arkham conhecia seu nome e, assim, quando ele desapareceu, a governanta assumiu o posto graças a uma nomeação judicial. A francesa — falecida há tempos — era muito reservada, e algumas pessoas diziam que poderia ter falado mais do que falou.

Porém, o mais surpreendente era que ninguém conseguia localizar os pais da jovem — Enoch e Lydia (Meserve) Marsh — entre as famílias conhecidas de New Hampshire. Muitos achavam que a moça talvez fosse filha de algum Marsh proeminente — sem dúvida ela tinha os olhos dos Marsh. O enigma se complicou ainda mais com seu falecimento prematuro, durante o parto da minha avó — sua única filha. Como eu tivesse algumas impressões desfavoráveis acerca da família Marsh, não recebi de bom grado a notícia de que este nome pertencia à minha própria genealogia; nem tomei como elogio a insinuação feita pelo sr. Peabody de que eu também tinha os olhos dos Marsh. Entretanto, agradeci-lhe pelas informações, que sem dúvida seriam valiosas; e fiz copiosas anotações e listas bibliográficas referentes à bem-documentada família Orne.

De Boston voltei direto a Toledo, e mais tarde passei um mês inteiro em Maumee recuperando-me do meu suplício. Em setembro matriculei-me em Oberlin para o meu ano final, e até junho ocupei-me com os estudos e outras atividades saudáveis — lembrado dos terrores passados apenas pelas visitas ocasionais de funcionários do governo envolvidos na campanha lançada após os apelos que eu havia feito e as provas que eu havia apresentado. Em meados de julho — apenas um ano após os acontecimentos em Innsmouth — passei uma semana com a família da minha finada mãe em Cleveland, confrontando alguns dos meus dados genealógicos com as várias notas, tradições e heranças que subsistiam e tentando organizar os dados de maneira coerente.

A tarefa não era exatamente agradável, pois a atmosfera na casa dos Williamson sempre me deprimia. Havia algo de mórbido no ar, e minha mãe jamais me encorajava a fazer visitas aos meus avós durante a minha infância, embora sempre recebesse o pai com alegria nas vezes em que ele nos visitava em Toledo. Minha avó nascida em Arkham sempre me parecera estranha e assustadora, e não lembro de ter sentido tristeza alguma quando ela desapareceu.

Eu tinha oito anos na época, e diziam que ela tinha saído sem rumo, arrasada com o suicídio de meu tio Douglas, seu filho mais velho. Ele havia se matado com um tiro após uma viagem à Nova Inglaterra — sem dúvida a mesma viagem que motivara a breve menção a seu nome na Sociedade Histórica de Arkham.

Meu tio guardava uma certa semelhança física com a mãe, e eu também nunca gostei muito dele. Algo em relação ao olhar arregalado e fixo de ambos despertava em mim uma perturbação inexplicável. Minha mãe e meu tio Walter não eram assim. Os dois haviam puxado mais ao pai, embora o meu pobre primo Lawrence — filho de Walter — tenha sido quase uma duplicata perfeita da minha avó antes que a doença o confinasse à segregação permanente de um sanatório em Canton. Eu não o tinha visto em quatro anos, mas certa vez meu tio deu a entender que o estado dele, tanto mental como físico, era muito precário. Essa preocupação sem dúvida havia contribuído em boa parte para a morte da mãe de Lawrence dois anos antes.

Juntos, meu avô e seu filho Walter, que era viúvo, eram os únicos remanescentes da família em Cleveland, mas a memória dos velhos tempos ainda se fazia notar com grande intensidade. Eu ainda me sentia pouco à vontade por lá e tentei concluir minhas pesquisas no menor tempo possível. Inúmeros registros e tradições dos Williamson foram-me repassados pelo meu avô; mas para o material relativo aos Orne eu tive de contar com meu tio Walter, que pôs à minha disposição todos os seus arquivos, que incluíam bilhetes, cartas, recortes, heranças, fotografias e miniaturas.

Foi ao examinar as cartas e fotografias deste lado da família que comecei a sentir um certo terror relativo à minha própria genealogia. Como eu disse, o aspecto de minha avó e de meu tio Douglas sempre haviam sido motivo de inquietação para mim. Mesmo anos depois do falecimento de ambos, contemplei os rostos nas fotografias tomado por um sentimento de estranheza e repulsa ainda mais intenso. A princípio, fui incapaz de compreender meus sentimentos, mas aos poucos uma espécie de *comparação* começou a penetrar meu inconsciente, apesar da recusa de meu consciente em admitir qualquer sugestão relacionada. Estava claro que os traços característicos daqueles rostos sugeriam algo que antes não haviam sugerido — algo que resultaria em um pânico descontrolado caso assumisse a forma de um pensamento consciente.

Contudo, o choque mais violento veio quando meu tio mostrou-me as joias dos Orne, guardadas em um cofre no centro da cidade. Algumas das peças eram delicadas e inspiradoras, mas havia uma caixa de estranhas joias antigas, legadas pela misteriosa bisavó, que meu tio relutou em mostrar-me. Segundo disseme, as peças tinham um aspecto grotesco, que beirava o repulsivo, e possivelmente jamais haviam sido usadas em público; embora a minha avó gostasse de admirá-las. Havia histórias vagas que atribuíam maus agouros àquelas joias, e a

governanta francesa da minha bisavó havia dito que seria arriscado usá-las na Nova Inglaterra, embora não houvesse problema algum em exibi-las na Europa.

Enquanto desembrulhava o pacote devagar e meio a contragosto, meu tio insistiu para que eu não me espantasse com a estranheza e o desenho muitas vezes horrendo daqueles objetos. Artistas e arqueólogos haviam notado a maestria do ourives e a absoluta excentricidade dos desenhos, mas ninguém fora capaz de definir a natureza exata do material nem de atribuí-los a uma tradição artística específica. Havia dois braceletes, uma tiara e uma espécie de peitoral, sendo este último ornado com figuras de extravagância quase insuportável em alto-relevo.

Durante a descrição eu havia mantido estrita vigilância sobre os meus sentimentos, porém o meu rosto deve ter traído a escalada de meus temores. Meu tio adotou uma expressão preocupada e deteve as mãos para melhor examinar o meu semblante. Fiz um gesto indicando que continuasse a desembrulhar o pacote, o que fez com visível relutância. Ele parecia estar à espera de alguma reação quando a primeira peça — a tiara — foi revelada, mas duvido que esperasse pelo que de fato aconteceu. Nem eu mesmo esperava, pois já me imaginava preparado para a revelação que as joias trariam consigo. O que fiz foi desmaiar em silêncio, tal como eu havia feito em meio aos arbustos na escavação à beira da ferrovia no ano anterior.

Deste dia em diante a minha vida tem sido um pesadelo de maus augúrios e apreensão, e já não sei mais quanto é uma verdade horrenda e quanto é loucura. A minha bisavó tinha sido uma Marsh de linhagem desconhecida casada com um homem de Arkham — e Zadok não havia dito que a filha de Obed Marsh com uma esposa monstruosa tinha se casado com um homem de Arkham graças a alguma artimanha? O velho beberrão não havia balbuciado alguma coisa sobre a semelhança dos meus olhos e os do capitão Obed? Em Arkham, o curador também me havia dito que eu tinha os olhos dos Marsh. Então Obed Marsh era o meu próprio trisavô? Quem — ou *o quê* — era então a minha trisavó? Mas talvez tudo não passe de loucura. Não seria nada estranho se os ornamentos de ouro esbranquiçado tivessem sido comprados de algum marinheiro de Innsmouth pelo pai da minha bisavó, quem quer que tenha sido. E talvez os olhos arregalados no rosto da minha avó e do meu tio suicida não passem de fantasias da minha imaginação — a mais pura fantasia exacerbada pela sombra de Innsmouth, que pinta meus devaneios em cores tão escuras. Mas por que o meu tio teria cometido suicídio após uma viagem de cunho genealógico à Nova Inglaterra?

Por mais de dois anos evitei estas reflexões com algum sucesso. Meu pai conseguiu um emprego para mim em um escritório de seguros, e eu me enterrei na rotina o mais fundo que pude. No inverno de 1930–31, contudo, vieram os sonhos. No início eram esparsos e insidiosos, porém aumentaram em frequência e nitidez à medida que as semanas passavam. Grandes panoramas líquidos

descortinavam-se à minha frente, e eu parecia vagar por titânicos pórticos submersos e labirintos de muralhas ciclópicas tendo apenas peixes grotescos por companhia. Então *outros vultos* começavam a aparecer, enchendo-me de um horror inefável no momento em que eu despertava. Mas durante o sonho eu não sentia pavor algum — eu me sentia como um deles; usava as mesmas vestes inumanas, andava pelos mesmos caminhos aquáticos e fazia orações monstruosas em templos malignos no fundo do mar.

Havia muitas outras coisas das quais não me recordo, mas as lembranças que eu tinha toda manhã ao acordar bastariam para conferir-me o estigma do louco ou do gênio se eu ousasse confiá-las ao papel. Eu sentia que uma terrível influência aos poucos tentava arrastar-me para longe do mundo da sanidade em direção a abismos inomináveis de escuridão e isolamento; e o processo teve consequências nefastas. Minha saúde e minha aparência pioravam dia após dia, até o ponto em que fui obrigado a abandonar meu emprego para abraçar a vida monótona e reclusa de um inválido. Alguma moléstia nervosa me afligia, e por vezes eu mal conseguia fechar os olhos.

Foi então que comecei a estudar meu reflexo no espelho com crescente espanto. A lenta deterioração imposta pela doença não era uma visão agradável, mas no meu caso havia algo mais sutil e mais enigmático em segundo plano. Meu pai também pareceu notar, pois começou a me lançar olhares curiosos e quase temerosos. O que estava acontecendo comigo? Será que aos poucos eu estava ficando parecido com a minha avó e o meu tio Douglas?

Certa noite eu sonhei que encontrava a minha avó no fundo do mar. Ela morava em um palácio fosforescente de vários terraços, com jardins de estranhos corais leprosos e grotescas florescências ondulantes, e me recebeu com uma demonstração de afeto que talvez tenha sido sarcástica. Ela estava mudada — como todos os que vão para a água — e me disse que não havia morrido. Na verdade, tinha ido até um lugar descoberto pelo filho suicida e mergulhado em direção a um reino cujos prodígios — reservados também ao primogênito — meu tio havia desprezado com uma pistola fumegante. Aquele também seria o meu reino — não havia escapatória. Eu não morreria jamais e estava destinado a viver com todos aqueles que desde antes da humanidade caminham sobre a terra.

Também encontrei aquela que havia sido a avó dela. Por oitenta mil anos Pth’thya-l’yi tinha vivido em Y’ha-nthlei, para onde voltou depois que Obed Marsh morreu. Y’ha-nthlei não fora destruída quando os homens da superfície lançaram a morte contra o mar. Foi apenas ferida, mas não destruída. As Criaturas Abissais jamais seriam destruídas, ainda que a magia paleogênea dos Anciões esquecidos às vezes pudesse barrá-los. Por ora, apenas descansariam; mas algum dia, se ainda lembrarem, hão de erguer-se mais uma vez e prestar o tributo que o Grande Cthulhu exigiu. Da próxima vez seria uma cidade maior do que

Innsmouth. O plano era dispersar a raça, e para tanto haviam criado os meios necessários; mas agora ficariam à espera uma vez mais. Por ter trazido a morte da superfície eu precisaria fazer uma penitência, mas não seria pesada. Foi neste sonho que eu vi um *shoggoth* pela primeira vez, e a visão despertou-me em meio a gritos atrozes. Naquela manhã o espelho não deixou mais dúvidas de que *eu havia adquirido a aparência de Innsmouth.*

Ainda não me dei um tiro, como fez meu tio Douglas. Comprei uma automática e por pouco já não puxei o gatilho, mas certos sonhos me impediram. Os paroxismos de horror estão diminuindo, e em vez de medo eu sinto uma atração inexplicável pelas profundezas oceânicas. Ouço e faço coisas estranhas durante o sono, e acordo em uma espécie de exaltação que assumiu o lugar antes ocupado pelo horror. Não acho que eu precise esperar pela transformação completa como a maioria. Se eu procedesse assim, meu pai provavelmente me trancaria em um sanatório, como aconteceu ao meu desafortunado primo mais novo. Esplendores magníficos e inauditos me aguardam nas profundezas, e em breve hei de encontrá-los. *Iä-R'lyeh! Cthulhu fhtagn! Iä! Iä!* Não, não devo puxar o gatilho — nada me fará puxá-lo!

Pretendo ajudar meu primo a escapar do hospício em Canton para juntos seguirmos rumo às prodigiosas sombras de Innsmouth. Nadaremos até o infausto recife para mergulhar nos abismos negros até avistar as inúmeras colunas da ciclópica Y'ha-nthlei, e no covil das Criaturas Abissais habitaremos em meio a glórias e maravilhas por toda a eternidade.

Nas Montanhas da Loucura (1931)

I.

Vejo-me obrigado a falar porque os homens de ciência recusaram-se a seguir os meus conselhos sem saber por quê. É muito a contragosto que revelo as razões que tenho para me opor à possível invasão da Antártida — acompanhada de uma ampla busca por fósseis e projetos para perfurar e derreter vários pontos da ancestral calota polar em grande escala — e reluto ainda mais porque o meu alerta pode ser em vão. Dúvidas em relação aos fatos reais, tais como os revelo, são inevitáveis; contudo, se eu suprimisse o que talvez pareça extravagante não restaria nada. As fotografias terrestres e aéreas mantidas em segredo até agora contarão a meu favor; pois são particularmente vívidas e detalhadas. Mesmo assim, podem ter a veracidade posta em xeque devido aos grandes requintes concebíveis em farsas bem tramadas. Os desenhos a tinta, é claro, serão descartados como simples embustes, não obstante a estranheza da técnica que há de suscitar comentários e perplexidade entre os especialistas em arte.

No fim, nada me resta senão confiar no juízo e no renome dos poucos líderes científicos que gozam, por um lado, do pensamento independente necessário para analisar a execranda capacidade persuasiva dos meus dados à luz de certos ciclos míticos primordiais e deveras espantosos; e, pelo outro, de influência suficiente para impedir o mundo exploratório como um todo de levar a cabo qualquer plano brusco e demasiado ambicioso na região daquelas montanhas da loucura. É uma lástima que homens de reputação obscura como eu e os meus colegas, ligados apenas a uma pequena universidade, tenham poucas chances de causar impressão em assuntos de natureza singularmente bizarra ou controversa.

Também conta contra nós o fato de não sermos, em sentido estrito, especialistas nas áreas com as quais acabamos envolvidos. Como geólogo, meu objetivo com a Expedição da Universidade do Miskatonic era apenas coletar espécimes de rocha e de solo em grandes profundezas nas diversas partes do continente antártico com o auxílio da notável perfuratriz concebida pelo prof. Frank H. Pabodie, do departamento de engenharia. Eu não tinha a intenção de conduzir trabalhos pioneiros em nenhuma outra área; mas nutria a esperança de que o uso do novo dispositivo mecânico em diferentes pontos ao longo de rotas conhecidas pudesse revelar materiais até então inalcançados pelos métodos comuns de coleta. A perfuratriz de Pabodie, como o público soube a partir dos nossos relatórios, era uma máquina única e radical graças à leveza, à portabilidade e à capacidade de combinar o princípio da perfuração artesiana

convencional com o princípio da perfuração circular a fim de vencer em pouco tempo estratos de dureza variável. A ponta de aço, as hastes articuladas, o motor a gasolina, a torre desmontável de madeira, os apetrechos para dinamitação, os cabos elétricos, o trado para o carreamento dos detritos e a tubulação seccionada para as perfurações com doze centímetros de calibre e até 300 metros de profundidade formavam, somados a todos os acessórios necessários, uma carga total que podia ser transportada em três trenós puxados por sete cães cada um, graças à esplêndida liga de alumínio de que quase todos os objetos metálicos eram feitos. Quatro grandes aviões Dornier, desenhados especialmente para voos nas excepcionais altitudes necessárias à exploração do platô antártico e dotados de sistemas de partida rápida e de aquecimento para o combustível criados por Pabodie, podiam transportar todo o grupo da expedição desde a base estabelecida nos arredores da Grande Barreira de Gelo até diversos pontos mais para dentro do continente, onde podíamos servir-nos dos cães.

Planejávamos cobrir a maior área possível durante uma estação antártica — ou até mais, se necessário —, trabalhando principalmente nas cordilheiras e no platô ao sul do Mar de Ross; regiões exploradas em diferentes graus por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Devido às frequentes mudanças de acampamento, feitas de avião e envolvendo distâncias grandes a ponto de ter alguma importância geológica, esperávamos descobrir uma riqueza de material sem precedentes; em especial no estrato pré-cambriano, do qual tão poucos espécimes antárticos haviam sido coletados. Também pretendíamos obter a maior variedade possível das rochas fossilíferas superiores, uma vez que os primórdios da vida no reino inóspito do gelo e da morte são de suma importância para o nosso conhecimento relativo ao passado da Terra. Sabemos que em outras épocas o continente antártico teve um clima temperado e até mesmo tropical, e que abrigou uma fauna e uma flora das quais os liquens, os animais marinhos, os aracnídeos e os pinguins do extremo norte são simples remanescências; e esperávamos ampliar a variedade, a precisão e os detalhes relativos a esses dados. Quando uma perfuração revelava resquícios fossilíferos, nós aumentávamos o buraco com dinamite para obter espécimes com o tamanho e as condições adequadas.

Nossas perfurações, cuja profundidade variava conforme as características do solo ou da rocha no estrato superior, estavam limitadas a superfícies expostas ou quase expostas — quase sempre localizadas em encostas e elevações por causa calota de gelo sólido com um e meio a três quilômetros de espessura que recobre as regiões inferiores. Não tínhamos tempo a perder perfurando simples glaciações, embora Pabodie tivesse desenvolvido um método para enterrar eletrodos de cobre em perfurações próximas e assim derreter áreas limitadas de gelo com a corrente de um dínamo a gasolina. É este plano — que só poderíamos

levar a efeito de maneira experimental em uma expedição como a nossa — que a futura Expedição de Starkweather e Moore pretende seguir, a despeito dos alertas que fiz desde o nosso retorno da Antártida.

O público conhece a Expedição da Miskatonic graças aos frequentes relatórios que enviávamos para o *Arkham Advertiser* e para a Associated Press, e também aos artigos que eu e Pabodie publicamos mais tarde. Estávamos em quatro professores da Universidade — Pabodie, Lake, do departamento de biologia, Atwood, do departamento de física (e também meteorólogo) e eu, representando o departamento de geologia e encarregado de chefiar o grupo — e contávamos com o auxílio de dezesseis assistentes; sete alunos de pós-graduação da Miskatonic e nove hábeis mecânicos. Dos dezesseis, doze eram capacitados como pilotos de avião, mas apenas dois eram operadores de rádio competentes. Oito entendiam de navegação com bússola e sextante, bem como Pabodie, Atwood e eu. Além do mais, nossos dois navios — antigos baleeiros de madeira, reforçados para a navegação em águas geladas e dotados de vapor extra — dispunham de tripulação completa. A Fundação Nathaniel Derby Pickman, com o auxílio de algumas contribuições especiais, financiou a expedição; assim, os preparativos foram planejados com todo o cuidado apesar da ausência de grande publicidade. Os cães, os trenós, as máquinas, os materiais do acampamento e as peças ainda desmontadas dos nossos cinco aviões foram entregues em Boston, onde nossos navios foram carregados. Estávamos muito bem equipados para o nosso objetivo, e em todos os assuntos relativos às provisões, ao regime, ao transporte e às construções do acampamento nos beneficiamos com o excelente exemplo deixado por muitos predecessores recentes e excepcionalmente brilhantes. Foi o número e o renome destes predecessores que levaram a nossa expedição — por maior que fosse — a ser tão pouco notada pelo mundo em geral.

Conforme os jornais noticiaram, zarpamos do Porto de Boston no dia dois de setembro de 1930; descemos pelo litoral, atravessamos o canal do Panamá e paramos nas Ilhas Samoa e em Hobart, na Tasmânia, onde nos abastecemos com os últimos suprimentos. Nenhum dos integrantes da expedição havia estado antes nas regiões polares, e portanto depositávamos muita confiança nos capitães — J.B. Douglas, no comando do brigue *Arkham* e responsável pelo grupo marítimo, e Georg Thorfinnssen, no comando da barca *Miskatonic* — ambos baleeiros veteranos nas águas antárticas. Enquanto deixávamos o mundo habitado para trás, o sol descia cada vez mais baixo no norte e permanecia cada vez mais tempo acima do horizonte a cada dia que passava. Próximo ao paralelo 62º de latitude sul avistamos os primeiros *icebergs* — objetos de superfície plana com lados verticais —, e antes de adentrar o Círculo Polar Antártico no dia 20 de outubro, com as devidas cerimônias, já estávamos enfrentando problemas com o gelo. A temperatura cada vez mais baixa começou a preocupar-me um bocado após a

nossa longa viagem pelos trópicos, mas tentei reunir forças para os rigores ainda maiores que estavam à nossa espera. Em muitas ocasiões os curiosos fenômenos atmosféricos eram motivo de grande encantamento para mim; entre os efeitos mais impressionantes estava uma miragem muito vívida — a primeira que vi — nas quais *icebergs* distantes surgiam como as muralhas de fortalezas cósmicas inimagináveis.

Avançando em meio ao gelo, que por sorte não era muito extenso nem muito compacto, voltamos a navegar em águas abertas ao chegar na latitude 67º sul, longitude 175º leste. Na manhã do dia 26 de outubro, um forte clarão apareceu no sul, e antes do meio-dia sentimos um arrepio de emoção ao vislumbrar a vasta e sobranceira cordilheira nevada que assomava e encobria todo o panorama à frente. Por fim havíamos encontrado o posto avançado do enorme continente desconhecido e do críptico universo da morte gélida. Os picos eram sem dúvida a Cordilheira do Almirantado descoberta por Ross, e assim teríamos a tarefa de dar a volta no Cabo Adare e descer a costa oeste da Terra de Vitória até chegar ao local planejado para a nossa base, na orla do Estreito de McMurdo junto ao pé do vulcão Erebus na latitude 77º 9’ sul.

O último trecho da viagem foi vívido e instigante, com enormes picos inóspitos assomando o tempo inteiro a oeste enquanto o sol baixo do meio-dia boreal ou o sol ainda mais baixo que roça o horizonte austral à meia-noite derramava os tênues raios rubros por sobre a neve branca, o gelo e os cursos d’água azulados e os pequenos trechos negros nas encostas de granito exposto. Pelos cumes desolados sopravam furiosas rajadas intermitentes do terrível vento antártico; cujas cadências por vezes traziam vagas sugestões de um assovio musical primitivo e semissenciente, com notas em várias frequências que, por alguma razão mnemônica subconsciente, pareciam-me inquietantes e até mesmo agourentas. Algo no panorama fez-me pensar nas estranhas e inquietantes pinturas asiáticas de Nikolai Rerikh e nas descrições ainda mais estranhas e inquietantes do infame platô de Leng, mencionado no temível *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred. Mais tarde, lamentei ter examinado este livro monstruoso na biblioteca da universidade.

No dia sete de novembro, após perder de vista a cordilheira a oeste, passamos pela Ilha Franklin; e no dia seguinte divisamos os cones do Monte Erebus e do Monte Terror na Ilha de Ross, logo à frente, com a longa fileira dos Montes Parry mais além. A leste estendia-se a linha baixa e branca da Grande Barreira de Gelo, que se erguia perpendicularmente a uma altura de 60 metros, como os penhascos rochosos de Quebec, e marcava o fim da navegação rumo ao sul. À tarde entramos no Estreito de McMurdo e nos mantivemos ao largo, protegidos pelo fumegante Monte Erebus. O pico escoriáceo sobranceava a quase 3.900 metros no céu oriental, como uma gravura japonesa do sagrado Monte Fuji;

e mais além se erguia o vulto branco e fantasmagórico do Monte Terror, um vulcão extinto com 3.300 metros de altitude. Nuvens de fumaça saíam do Erebus a intervalos regulares, e um dos assistentes — um jovem brilhante chamado Danforth — apontou o que parecia ser lava no alto da encosta nevada; e acrescentou que a montanha, descoberta em 1840, sem dúvida havia inspirado Poe quando, sete anos mais tarde, escreveu sobre

> — As lavas que rolam no solo
> Sulfúreas correntes do Yaneek
> Nos inóspitos climas do polo —
> Gemem e rolam do Monte Yaneek
> Nos domínios boreais do polo.[1]

Danforth era um grande leitor de livros bizarros e havia falado um bocado a respeito de Poe. Eu mesmo fiquei interessado na cena antártica da única história longa de Poe — a perturbante e enigmática *Narrativa de Arthur Gordon Pym*. Na orla inóspita e na elevada barreira de gelo mais ao fundo, miríades de grotescos pinguins grasnavam e batiam as asas; enquanto gordas focas apareciam na água, nadando ou repousando nos enormes fragmentos de gelo que deslizavam vagarosamente ao redor.

Usando pequenos botes, vencemos a difícil travessia e chegamos à Ilha de Ross nas primeiras horas do dia 9, levando um cabo de cada navio e preparando-nos para descarregar os equipamentos por meio de um sistema de boia-calção. Nossas sensações logo ao pisar no solo antártico foram pungentes e complexas, embora neste ponto em particular as expedições lideradas por Scott e por Shackleton houvessem nos precedido. Nosso acampamento na orla congelada ao pé da encosta vulcânica era apenas provisório; o quartel-general ficava a bordo do *Arkham*. Descarregamos todo o equipamento de perfuração, os cães, os trenós, os tanques de gasolina, o aparelho experimental para derreter o gelo, as câmeras comuns e aéreas, as peças dos aviões e outros acessórios, incluindo três pequenas estações de rádio portáteis (além daquelas nos aviões) capazes de manter contato com o equipamento do *Arkham* de qualquer lugar do continente antártico que pudéssemos visitar. O equipamento do navio, capaz de se comunicar com o mundo exterior, transmitiria boletins de notícia para a poderosa estação de rádio do *Arkham Advertiser* em Kingsport Head, Massachusetts. Planejávamos terminar nosso trabalho em um único verão antártico; mas, caso a tarefa se mostrasse além das nossas capacidades, passaríamos o inverno no *Arkham* e mandaríamos o *Miskatonic* para o norte antes que as águas congelassem a fim de buscar suprimentos para mais um verão.

Não me parece necessário repetir o que os jornais mencionaram sobre o início dos trabalhos: a escalada do Monte Erebus; as escavações bem-sucedidas em diversos pontos da Ilha de Ross e a singular velocidade com que o aparato de Pabodie as executava, mesmo em camadas de rocha sólida; os testes preliminares do equipamento para derreter o gelo; a perigosa subida à Grande Barreira, com trenós e suprimentos; e a montagem de cinco enormes aviões no acampamento situado no alto da Barreira. Nossa equipe em terra — vinte homens e 55 cães do Alasca — gozava de saúde extraordinária, embora até esse ponto não houvéssemos sofrido com temperaturas demasiado baixas nem tempestades de vento. Durante a maior parte do tempo o termômetro oscilava entre -18º e -7º ou -4º graus, e nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra havia-nos preparado para rigores como esses. O acampamento na Barreira era semipermanente e funcionava como armazém temporário de gasolina, provisões, dinamite e outros suprimentos. Apenas quatro aviões eram necessários para carregar o material da expedição; o quinto, tripulado por um piloto e dois homens dos navios, permanecia no armazém temporário como meio de resgatar-nos a partir do *Arkham* caso todos os aviões exploradores fossem perdidos. Mais tarde, quando não estávamos usando os aviões para transportar material, empregávamos um ou dois para fazer o transporte da equipe entre o armazém temporário e outra base permanente no grande platô que se estende 1.000 ou 1.100 quilômetros ao sul, além da Geleira Beardmore. Apesar dos relatos quase unânimes sobre as ventanias e tempestades formidáveis que descem do platô, resolvemos dispensar qualquer base intermediária; arriscamo-nos em nome da economia e da provável eficácia do plano.

Notícias transmitidas pelo rádio fizeram menção ao emocionante voo de quatro horas sem escalas que a nossa esquadra fez através do platô gelado no dia 21, em meio aos enormes picos que se erguiam no oeste e aos silêncios inexplorados que ecoavam o som dos motores. O vento foi um obstáculo apenas moderado, e nossos radiogoniômetros ajudaram-nos a atravessar a densa névoa com a qual nos deparamos. Quando a colossal elevação assomou à nossa frente entre as latitudes 83º e 84º, sabíamos ter chegado à Geleira Beardmore, a maior geleira de vale no mundo, e também que o mar congelado estava dando lugar a um litoral inóspito e montanhoso. Por fim estávamos entrando de fato no ancestral mundo branco entregue à morte através dos éons no sul absoluto; e no instante mesmo em que nos demos conta, avistamos o pico do Monte Nansen no leste distante, erguendo-se a mais de 4.500 metros.

O estabelecimento da base sul acima da geleira, na latitude 86º 7’, longitude 174º 23’ leste, e as perfurações e dinamitações espantosamente rápidas e eficazes realizadas em diversos pontos durante as viagens de trenó e os breves voos de aviões entraram para os anais da história; bem como a escalada árdua e triunfante

do Monte Nansen empreendida por Pabodie e dois alunos de pós-graduação — Gedney e Carroll — nos dias 13–15 de Dezembro. Estávamos a cerca de 2.500 metros acima do nível do mar e, quando perfurações experimentais revelaram chão sólido sob uma camada de neve e gelo de apenas quatro metros em certos pontos, fizemos amplo uso do pequeno aparato derretedor e das perfuratrizes e dos explosivos em diversos locais onde nenhum outro explorador havia pensado em coletar espécimes minerais. Os granitos pré-cambrianos e os arenitos Beacon assim obtidos confirmaram a nossa suspeita de que o platô tinha uma composição idêntica à maior parte do continente a oeste, embora esta diferisse um pouco das regiões a leste abaixo da América do Sul — que, segundo pensávamos na época, formariam um continente menor e independente graças a uma junção congelada do Mar de Ross com o Mar de Weddell, embora Byrd tenha desmentido a hipótese desde então.

Em alguns dos arenitos, dinamitados e cinzelados depois que as perfurações revelaram-lhes a natureza, encontramos marcas e fragmentos fósseis de extraordinário interesse — em especial samambaias, algas marinhas, trilobitas, crinoides e moluscos como lingulídeos e gastrópodes — sendo que todos pareciam ter desempenhado um papel importante na história primordial da região. Também havia uma estranha formação triangular estriada com cerca de trinta centímetros no diâmetro máximo que Lake montou a partir de três fragmentos de ardósia trazidos por uma explosão em grande profundidade. Os fragmentos foram colhidos em um ponto mais a oeste, próximo à Cordilheira da Rainha Alexandra; e Lake, como biólogo, parecia ver na estranha marca algo particularmente enigmático e instigante, embora o meu olhar geológico visse pouco mais do que alguns efeitos ondulatórios bastante comuns em rochas sedimentares. Uma vez que a ardósia não passa de uma formação metamórfica contra a qual um estrato sedimentar é pressionado, e uma vez que a simples pressão causa distorções em quaisquer marcas preexistentes, não vi qualquer motivo para espanto na depressão estriada.

No dia 6 de janeiro de 1931, Lake, Pabodie, Danforth, todos os seis alunos, quatro mecânicos e eu voamos por cima do Polo Sul em dois dos grandes aviões e fomos obrigados a fazer uma aterrissagem forçada por conta de uma ventania que por sorte não evoluiu para uma tempestade. Este foi, conforme os jornais noticiaram, apenas um dentre vários voos de observação nos quais tentávamos registrar novas características topográficas em áreas ainda inexploradas. Nossos primeiros voos foram um tanto decepcionantes neste aspecto, embora tenham nos oferecido magníficos exemplos das fantásticas miragens existentes nas regiões polares, das quais a viagem pelo mar já havia oferecido uma pequena amostra. Montanhas longínquas pairavam no céu como cidades encantadas, e muitas vezes todo aquele mundo branco dissolvia-se no panorama de ouro, prata e matizes

escarlate que remetia aos sonhos de Dunsany e a uma expectativa aventureira enfeitiçada pelo baixo sol da meia-noite. Em dias nublados enfrentávamos problemas consideráveis para voar, pois nessas condições a terra nevada e o céu fundiam-se em um vazio opalescente sem horizonte visível que marcasse a junção entre os dois.

No fim resolvemos pôr em prática o plano original de voar 800 quilômetros para o leste com todos os quatro aviões exploradores e estabelecer uma nova sub-base em um ponto que, segundo a nossa concepção equivocada, ficaria na menor divisão continental. Amostras geológicas colhidas por lá seriam um tanto desejáveis para fins de comparação. Nossa saúde permanecia excelente; o suco de limão compensava a dieta constante de comida salgada e enlatada, e as temperaturas quase sempre acima de -18º permitiam-nos dispensar as peles mais pesadas. Estávamos em pleno verão, e com a pressa e o cuidado necessários poderíamos concluir os trabalhos até março e evitar o tédio de um inverno passado na longa noite antártica. Muitas tempestades de vento implacáveis haviam-nos assolado vindas do oeste, porém evitamos maiores estragos graças à engenhosidade de Atwood, que concebeu abrigos rudimentares para os aviões e quebra-ventos feitos com pesados blocos de neve, e sugeriu que reforçássemos as instalações do acampamento principal com neve. Nossa boa estrela e nossa eficiência pareciam quase sobrenaturais.

O mundo exterior conhecia o nosso plano e foi devidamente informado quanto à estranha e obstinada insistência de Lake para que fizéssemos uma viagem de exploração a oeste — ou, a bem dizer, a noroeste — antes da mudança definitiva para a nova base. Dava a impressão de ter refletido muito, e com radical ousadia, a respeito da marca triangular estriada na ardósia; e de nela ter percebido certas contradições relativas à Natureza e aos períodos geológicos que lhe aguçaram a curiosidade ao máximo, e assim o incitaram a empreender mais perfurações e dinamitações na formação a oeste de onde os fragmentos exumados haviam saído. Lake tinha a estranha convicção de que a marca seria o rastro deixado por algum organismo volumoso, desconhecido e absolutamente inclassificável em estágio evolutivo avançado, ainda que a rocha pertencesse a uma época tão remota — o período Cambriano, ou mesmo Pré-Cambriano — a ponto de excluir não apenas a possibilidade de vida altamente evoluída, mas a de qualquer forma de vida além dos organismos unicelulares ou no máximo dos trilobitas. Os fragmentos com as estranhas marcas tinham entre 500 milhões e um bilhão de anos.

II.

Penso que a imaginação popular reagiu com entusiasmo aos boletins de rádio sobre a partida de Lake em direção ao noroeste, rumo a regiões jamais tocadas por passos humanos ou exploradas pela imaginação humana; embora não tenhamos feito menção a suas desvairadas esperanças de revolucionar toda a biologia e toda a geologia. As expedições de trenó e as escavações preliminares feitas com Pabodie e cinco outros entre 11 e 18 de janeiro — marcadas pela perda de dois cães em uma capotagem durante a travessia de uma das grandes cristas de gelo — revelou cada vez mais ocorrências da ardósia arqueana; e até mesmo eu me interessei pela singular profusão de marcas fósseis no substrato inconcebivelmente ancestral. As marcas, contudo, pertenciam a formas de vida muito primitivas que não encerravam nenhum grande paradoxo a não ser a ocorrência de certas formas de vida em rochas pré-cambrianas, como parecia ser o caso; assim, não percebi bom-senso algum no pedido de Lake para que fizéssemos um interlúdio em nosso programa — um interlúdio que precisaria dos quatro aviões, de inúmeros homens e de todo o aparato mecânico da expedição. No fim, não vetei o plano; mas decidi que não acompanharia a expedição a noroeste, por mais que Lake tenha solicitado os meus conhecimentos geológicos. Enquanto estavam longe, permaneci na base com Pabodie e cinco homens para tratar dos planos relativos à mudança em direção ao leste. Como parte dos preparativos, um dos aviões havia começado a levar um grande suprimento de gasolina para o Estreito de McMurdo; mas esse transporte podia esperar. Fiquei com um trenó e nove cães, pois seria arriscado ficar sem nenhum meio de transporte, ainda que apenas temporariamente, no mundo desabitado de uma morte que perdura através dos éons.

A subexpedição de Lake rumo ao desconhecido, como todos hão de recordar, enviava os próprios boletins a partir dos transmissores de ondas curtas nos aviões; que por sua vez eram captados, ao mesmo tempo, pelo nosso equipamento na base ao sul e pelo *Arkham* no Estreito de McMurdo, de onde eram retransmitidos para o mundo exterior em ondas de até cinquenta metros. A partida foi no dia 22 de janeiro, às quatro horas da manhã; e a primeira mensagem que recebemos chegou apenas duas horas mais tarde, quando Lake falou em aterrissar para derreter a camada de gelo e começar uma pequena escavação em um ponto situado a 480 quilômetros de distância. Seis horas depois, uma segunda mensagem eufórica falou a respeito de um trabalho digno de castor, graças ao qual um poço fora cavado e dinamitado, culminando assim na descoberta de fragmentos de ardósia com diversas marcas similares à que havia causado o espanto original.

Três horas mais tarde um rápido boletim anunciou a retomada do voo apesar dos fortes ventos contrários; e, quando enviei uma mensagem protestando contra mais este risco, Lake respondeu de maneira um tanto lacônica que o novo

espécime fazia qualquer risco valer a pena. Percebi que o entusiasmo estava prestes a transformar-se em motim, e que eu não teria como impedir que pusesse o sucesso de toda a expedição a perigo; mas era terrível pensar que haveria de embrenhar-se cada vez mais fundo naquela traiçoeira e sinistra imensidão branca de tempestades e mistérios desconhecidos que se estendia por cerca de 2400 quilômetros até o litoral conhecido apenas em parte da Terra da Rainha Mary e da Terra de Knox.

Passada mais uma hora e meia chegou uma mensagem duplamente eufórica do avião de Lake, que por pouco não operou a inversão dos meus sentimentos e fez com que eu desejasse estar na expedição.

“22h05. Em pleno voo. Após a nevasca, divisamos à nossa frente uma cordilheira maior do que qualquer outra vista até hoje. Talvez se equiparem ao Himalaia, a dizer pela altura do platô. Latitude provável 76º 15’, longitude 113º 10’ leste. Vai até onde a vista alcança para os dois lados. Suspeita de dois cones fumegantes. Todos os cumes pretos e nenhum coberto de neve. A ventania impede a navegação.”

Logo a seguir Pabodie, eu e os homens ficamos com a respiração suspensa junto do receptor. A simples ideia daquela titânica barreira montanhosa a 1.100 quilômetros de distância exacerbou o nosso espírito aventureiro; e muito nos alegrou saber que a descoberta tocara à nossa expedição, embora não a nós próprios. Depois de mais meia hora Lake fez outro contato.

“O avião de Moulton foi obrigado a aterrissar no platô junto aos sopés, mas ninguém se feriu e talvez o estrago tenha conserto. Vamos transferir o essencial para os outros três na hora de retornar ou se outros deslocamentos forem necessários, mas por ora não há necessidade de mais voos longos. As montanhas ultrapassam a capacidade da imaginação. Farei um voo de reconhecimento no avião de Carroll, com toda a carga em terra. Os senhores não fazem ideia do que estamos vendo. Os picos mais altos devem passar de 10 mil metros. O Everest perdeu a vez. Atwood fará as medições com o teodolito enquanto eu e Carroll nos encarregamos do voo de reconhecimento. O mais provável é que eu estivesse errado quanto aos cones, pois as formações parecem estratificadas. Talvez sejam de ardósia pré-cambriana misturada a outros estratos. Estranhos efeitos no horizonte — seções de cubos regulares grudadas aos cumes mais altos. Panorama maravilhoso à luz fúlgida do sol baixo. Como a terra de mistérios em um sonho ou o portal para um mundo desconhecido de maravilhas inexploradas. Queria que o senhor estivesse aqui para estudar.”

Ainda que em termos técnicos fosse hora de dormir, nenhum de nós pensou por um instante sequer em ir para a cama. O mesmo deve ter acontecido no Estreito de McMurdo, onde o armazém temporário e o *Arkham* recebiam as mensagens; pois o cap. Douglas enviou uma mensagem felicitando a todos pela

importante descoberta, e Sherman, o responsável pelo armazém, repetiu as felicitações. Evidente que lamentamos o avião danificado; mas torcemos para que o estrago pudesse ser consertado sem grandes dificuldades. Às 23h chegou outra mensagem de Lake.

"Eu e Carroll estamos sobrevoando os sopés mais altos. Não nos atrevemos a explorar os picos mais altos com este tempo, porém mais tarde vamos tentar. A subida foi medonha e é difícil voar a esta altitude, mas vale o esforço. A cordilheira é maciça, então não consigo ver mais além. Os picos mais altos ultrapassam o Himalaia e são muito esquisitos. A cordilheira parece ser composta de ardósia pré-cambriana, com sinais de vários outros estratos sublevados. Enganei-me quanto ao vulcanismo. Estende-se para os dois lados até onde a vista alcança. A neve cessa por volta dos 6.500 quilômetros de altitude. Estranhas formações nas montanhas mais elevadas. Grandes blocos cúbicos atarracados com lados perfeitamente verticais e linhas retangulares de muralhas verticais atarracadas, como os antigos castelos asiáticos engastados em rocha nas pinturas de Rerikh. Impressionantes de longe. Voamos até chegar mais perto, e Carroll chegou a cogitar que sejam formados por partes separadas, mas a impressão deve ser resultado das intempéries. Muitas extremidades apresentam desgastes e erosão, como se houvessem passado milhões de anos expostas a tempestades e mudanças climáticas. Algumas partes, e em especial as parte mais altas, parecem feitas de uma rocha mais clara do que qualquer outro estrato visível nas encostas, o que indica uma origem cristalina. Durante um voo rasante avistamos inúmeras bocas de caverna, algumas de contorno muito regular, quadrado ou em semicírculo. O senhor precisa vir investigar. Acho que vi uma formação quadrada no alto de um cume. A altura parece ser entre 15 mil e 10 mil metros. Estamos a 6.500 em um frio de rachar. O vento uiva e assovia enquanto atravessa os desfiladeiros e entra e sai das cavernas, mas até agora não ofereceu riscos ao voo."

Por mais meia hora Lake teceu comentários intermináveis e manifestou a intenção de escalar alguns cumes a pé. Respondi que eu o acompanharia assim que pudesse mandar um avião, e que Pabodie e eu nos encarregaríamos de traçar o melhor plano para a gasolina — onde e como concentrar o suprimento em vista da mudança na expedição. Sem dúvida as operações de Lake, bem como as atividades aeronáuticas, exigiriam o transporte de uma grande quantidade de combustível até a nova base que pretendia estabelecer no pé das montanhas; e talvez o voo a leste não pudesse ser realizado ainda naquela estação. Assim, chamei o cap. Douglas e pedi que descarregasse a maior quantidade possível dos navios e transportasse-a para o topo da Barreira com a única matilha que nos restava. Precisávamos traçar um caminho em linha reta através da região desconhecida entre Lake e o Estreito de McMurdo.

Mais tarde, Lake entrou em contato para dizer que seria mais propício manter o acampamento onde o avião de Moulton fora obrigado a aterrissar, e onde os reparos já estavam em andamento. A camada de gelo era muito fina, com o chão escuro visível aqui e acolá, e o plano era derreter o gelo e detonar o solo naquele exato ponto antes de empreender qualquer escalada ou viagem de trenó. Falou sobre a majestade inefável do cenário e sobre a estranha sensação de estar abrigado pela fileira de vastos pináculos silenciosos a erguer-se como uma muralha que tocava o céu nos confins do mundo. As observações feitas com o teodolito de Atwood determinaram que os cinco picos mais altos tinham entre 9.150 e 10.360 metros de altura. O panorama arrasado pelo vento sem dúvida foi motivo de perturbação para Lake, pois sugeria a existência de rajadas prodigiosas, mais violentas do que tudo o que havíamos encontrado até então. O acampamento localizava-se a pouco mais de oito quilômetros do ponto onde os sopés mais altos erguiam-se de repente. Quase flagrei uma nota de alarme subconsciente naquelas palavras — transmitidas através de um vazio glacial de 1.100 quilômetros — quando pediu que todos abandonassem a nova região o mais depressa possível. Estava se preparando para descansar após um dia inteiro de pressa, esforço e resultados quase sem precedentes.

Na manhã seguinte tive uma conversa a três pelo rádio com Lake e o cap. Douglas; combinamos que um dos aviões de Lake voaria até a minha base para buscar-me — junto com Pabodie e outros cinco homens — e transportar todo o combustível que pudesse. O restante, a depender da nossa decisão quanto à viagem a leste, poderia esperar mais alguns dias, uma vez que Lake tinha gasolina suficiente para as necessidades imediatas do acampamento e das perfuratrizes. Por fim a antiga base sul teve de ser reabastecida; porém, se adiássemos a viagem a leste, não a usaríamos antes do verão seguinte, e neste meio-tempo Lake precisaria despachar um avião para explorar uma rota direta entre as novas montanhas e o Estreito de McMurdo.

Pabodie e eu nos preparamos para fechar a base por um período curto ou longo, conforme o caso. Se passássemos o inverno na Antártida, o mais provável seria voar direto da base de Lake para o *Arkham* sem retornar. Algumas das nossas tendas cônicas já estavam reforçadas com blocos de neve endurecida, e então resolvemos completar o serviço estabelecendo um vilarejo esquimó completo. Graças a um generoso estoque de barracas, Lake dispunha de tudo o que a base poderia precisar mesmo após a nossa chegada. Enviei uma mensagem dizendo que Pabodie e eu estaríamos prontos para a jornada em direção ao norte após um dia de trabalho e uma noite de descanso.

Não pudemos manter o ritmo do trabalho após as 16h, no entanto; por volta deste horário, Lake começou a enviar mensagens absolutamente extraordinárias e eufóricas. Seu dia de trabalho havia começado de maneira nada auspiciosa, pois

um reconhecimento aéreo das superfícies rochosas quase expostas revelou uma ausência total dos estratos arqueanos e primordiais que procurava e que, ademais, formavam parte importante dos pináculos colossais que avultavam a uma distância tentadora do acampamento. As rochas avistadas pareciam ser arenitos jurássicos e comancheanos e xistos permianos e triássicos, com ocorrências esparsas de afloramentos negros e reluzentes que sugeriam um carvão duro e rico em ardósia. Lake ficou um tanto desanimado, pois esperava encontrar amostras com mais de 500 milhões de anos. Acreditava que, para redescobrir o veio de ardósia arqueana no qual havia encontrado as estranhas marcas, teria de fazer uma longa viagem de trenó desde os sopés até as encostas mais íngremes das gigantescas montanhas.

Mesmo assim, estava decidido a fazer perfurações locais de acordo com o programa geral da expedição; e assim montou a perfuratriz e pôs cinco homens a trabalhar consigo enquanto os outros terminavam de montar o acampamento e consertar os estragos no avião. A rocha mais macia à vista — um arenito encontrado a cerca de quatrocentos metros do acampamento — foi escolhida como local das primeiras extrações; e a perfuratriz fez excelente progresso sem que muitas detonações suplementares fossem necessárias. Por volta de três horas mais tarde, logo após a primeira detonação de grandes proporções, os gritos da equipe de perfuração fizeram-se ouvir; e o jovem Gedney — que atuava como capataz — chegou correndo ao acampamento com a espantosa notícia.

A equipe tinha encontrado uma caverna. No início da perfuração o arenito havia dado vez a um veio de calcário comancheano repleto de minúsculos fósseis de cefalópodes, corais, equinoides e espiríferos, com sugestões ocasionais de esponjas silicosas e ossos de vertebrados marinhos — estes últimos, provavelmente teleósteos, tubarões e ganoides. Por si só a descoberta era importante, uma vez que havia revelado os primeiros fósseis coletados pela expedição; mas quando logo depois a perfuratriz atravessou o estrato em um ponto que parecia ser uma formação oca, uma nova e ainda mais intensa onda de entusiasmo tomou conta dos escavadores. Uma grande explosão revelou o segredo oculto pela superfície; e então, através de uma abertura irregular com talvez um metro e meio de largura por um de espessura, surgiu aos pés dos ávidos pesquisadores uma formação calcária erodida pelas águas subterrâneas que corriam em um mundo tropical extinto mais de cinquenta milhões de anos atrás.

A camada oca não tinha mais de dois metros ou dois metros e meio de profundidade, mas estendia-se em todas as direções e apresentava uma leve corrente de ar que sugeria um amplo sistema de galerias subterrâneas. O chão e o teto ostentavam inúmeras estalactites e estalagmites de grandes proporções, algumas das quais se tocavam para formar uma coluna; mas o mais importante era o enorme depósito de conchas e ossos que em certos trechos chegava a

obstruir a passagem. Arrastada desde florestas ignotas com samambaias arbóreas e fungos mesozoicos, e florestas de cicadófitas do período Terciário, palmeiras e angiospermas primitivas, a miscelânea óssea continha mais exemplares do Cretáceo, do Eoceno e de outras espécies animais do que um paleontólogo seria capaz de contar ou classificar em um ano inteiro. Moluscos, exoesqueletos crustáceos, peixes, anfíbios, répteis, pássaros e mamíferos primitivos — grandes e pequenos, conhecidos e desconhecidos. Não admira que Gedney tenha voltado para o acampamento aos gritos, nem que todos os presentes tenham abandonado o serviço e corrido o mais depressa possível em meio ao frio enregelante até o ponto em que a torre assinalava o recém-descoberto portal de acesso a segredos recônditos da Terra e a éons desaparecidos.

Depois de apaziguar o primeiro ímpeto da curiosidade, Lake tratou de escrever uma mensagem na caderneta e pediu ao jovem Moulton que voltasse correndo ao acampamento a fim de transmiti-la por rádio. Foi a primeira notícia que recebi sobre a descoberta, na qual se mencionavam conchas primitivas, ossos de ganoides e placodermes, resquícios de labirintodontes e tecodontes, grandes fragmentos cranianos de mosassauros, vértebras e couraças de dinossauros, dentes e ossos das asas de pterodáctilos, fragmentos de arqueoptérices, dentes de tubarões do Mioceno, crânios de pássaros primitivos e crânios, vértebras e outros ossos de mamíferos primitivos como paleotérios, xifodontes, dinoceratos, hiracotérios, oreodontes e titanotérios. Não havia nenhum animal mais recente como o mastodonte, o elefante, o camelo verdadeiro, o cervo e as espécies bovinas; e assim Lake concluiu que os últimos depósitos remontavam ao período Oligoceno, e que o estrato oco permanecera ressequido, morto e inacessível durante pelo menos trinta milhões de anos.

Por outro lado, a predominância de formas de vida muito primitivas era singular ao extremo. Embora a formação calcária, a dizer pela incrustação de fósseis típicos como as *Ventriculites*, remontasse sem dúvida ao Comancheano e não a períodos anteriores, os fragmentos soltos na cavidade rochosa incluíam uma surpreendente quantidade de organismos característicos de períodos mais antigos — tais como peixes rudimentares, moluscos e corais típicos do Siluriano ou do Ordoviciano. A conclusão inevitável era que, naquela parte do mundo, houvera uma espantosa e única continuidade entre as formas de vida de 300 milhões de anos atrás e aquelas de apenas trinta milhões de anos atrás. Até que ponto essa continuidade estendera-se após o Oligoceno, quando a caverna fora bloqueada, estava além de qualquer especulação. De qualquer modo, a chegada do terrível período glacial no Pleistoceno cerca de 500 mil anos atrás — um mero ontem comparado à idade da caverna — deve ter posto fim a todas as formas de vida primitivas que lograram sobreviver no local.

Lake não se deu por satisfeito com a primeira mensagem, mas escreveu e despachou através da neve um segundo boletim que chegou ao acampamento antes que Moulton pudesse retornar. Depois, Moulton ocupou-se do rádio em um dos aviões; e assim transmitiu para mim — e para que o *Arkham* retransmitisse para o mundo exterior — os frequentes pós-escritos que Lake enviava através de uma série de mensageiros. Quem acompanhou as notícias dos jornais há de recordar a euforia que os relatos feitos naquela tarde causaram entre os homens de ciência — relatos que, passado todo esse tempo, levaram enfim à organização da mesma Expedição Starkweather-Moore que ora tento angustiosamente impedir. Talvez seja melhor reproduzir as mensagens de Lake na íntegra, tal como foram enviadas e traduzidas a partir da taquigrafia a lápis por McTighe, o operador da nossa base.

"Fowler fez uma descoberta de suma importância nos fragmentos de arenito e calcário coletados após a detonação. Diversas marcas triangulares estriadas como aquelas na ardósia arqueana, provando que a fonte sobreviveu desde 600 milhões de anos atrás até o período Comancheano sem grandes alterações morfológicas ou redução de tamanho. No máximo, as marcas comancheanas parecem mais primitivas ou decadentes. Enfatizar a importância da descoberta na imprensa. Será para a biologia o que Einstein foi para a matemática e a física. Alinha-se ao meu trabalho anterior e expande as conclusões. Parece indicar, conforme eu suspeitava, que na Terra houve um ou mais ciclos de vida orgânica anteriores às mais antigas células arqueozoicas conhecidas. Evoluiu e especializou-se há pelo menos um bilhão de anos, quando o planeta ainda era jovem e não podia ser habitado por quaisquer formas de vida ou estruturas protoplásmicas normais. Cabe perguntar quando, onde e como se deu esse desenvolvimento."

***

"Mais tarde. Ao examinar os fragmentos esqueléticos de grandes sáurios marinhos e terrestres e de mamíferos primitivos, encontrei singulares ferimentos ou danos à estrutura óssea que não podem ser atribuídos a predadores ou animais carnívoros de qualquer período. São de dois tipos — perfurações retas e profundas e possíveis incisões cortantes. Um ou dois casos de ossos arrancados. Poucos espécimes afetados. Solicitei lanternas elétricas ao acampamento. Pretendo ampliar a área de busca subterrânea cortando estalactites."

***

“Ainda mais tarde. Encontrei um fragmento muito peculiar de pedra-sabão com cerca de quinze centímetros de largura por quatro de espessura estranho a todas as formações locais visíveis. Esverdeado, porém sem indícios quanto ao período de formação. Superfície curiosamente lisa e regular. Formato de estrela de cinco pontas com as extremidades quebradas e sinais de outras divisões em ângulos agudos no centro da superfície. Pequena depressão lisa no centro da superfície contínua. Estou curioso quanto à origem e às alterações climáticas sofridas. Talvez um estranho caso de erosão aquática. Carroll, ao examiná-la com uma lupa, acha que consegue perceber outras marcas de relevância geológica. Grupos de pontinhos em padrões regulares. Os cães estão irrequietos e parecem odiar a pedra-sabão. Preciso verificar se exala algum odor específico. Enviarei mais notícias assim que Mills trouxer as lanternas e explorarmos a área subterrânea.”

***

“22h15. Descoberta importante. Às 21h45, durante o trabalho no subsolo, Orrendorf e Watkins encontraram o fóssil monstruoso de uma criatura desconhecida em forma de barril; provavelmente um vegetal, ou então um espécime gigante de radiário marinho desconhecido. Tecido preservado por sais minerais. Resistente como o couro, embora apresente espantosa flexibilidade em certas partes. Marcas de pedaços quebrados nas laterais e extremidades. Um metro e oitenta de ponta a ponta, um metro de diâmetro central e trinta centímetros de diâmetro nas extremidades. Parece um barril com cinco protuberâncias em vez de aduelas. Fraturas laterais, como que de ramificações menores, estão presentes no equador das protuberâncias. Nos sulcos entre as protuberâncias encontram-se formações curiosas. São cristas ou asas que abrem e fecham como leques. Todas muito danificadas à exceção de uma, que tem mais de dois metros de comprimento. A disposição das partes lembra certos monstros da mitologia antiga, e em especial as Coisas Ancestrais mencionadas no *Necronomicon*. Estas asas parecem ser membranosas e prendem-se à estrutura de um tubo glandular. Minúsculos orifícios visíveis na ponta das asas. As extremidades enrugadas do corpo não oferecem nenhum indício relativo à composição do interior ou às partes faltantes. Farei uma dissecação quando voltarmos ao acampamento. Não sei dizer ao certo se vegetal ou animal. Diversas características evidentes de primitividade extrema. Toda a equipe foi encarregada de cortar estalactites e procurar novos espécimes. Mais ossos com marcas de ferimentos encontrados, mas estes terão de esperar. Problemas com os cães. Não

suportam o novo espécime e provavelmente haveriam de despedaçá-lo se não os mantivéssemos afastados.”

***

“23h30. Atenção, Dyer, Pabodie, Douglas. O assunto é de alta — eu diria até transcendental — importância. O *Arkham* precisa retransmitir este comunicado à Estação de Kingsport Head o mais rápido possível. O estranho espécime em forma de barril é a coisa arqueana responsável por deixar as marcas nas rochas. Mills, Boudreau e Fowler descobriram um grupo com outros treze em um ponto subterrâneo a doze metros da entrada. Também mais fragmentos de pedra-sabão arredondados e trabalhados — em formato de estrela, mas sem marcas de quebra a não ser em algumas das pontas. Quanto aos espécimes orgânicos, oito aparentam estar completos, com todas as partes. Todos foram trazidos à superfície, afastando os cães. Não suportam essas coisas. Prestem muita atenção à descrição e repitam-na para evitar qualquer mal-entendido. Os jornais precisam receber a informação exata.

“Os objetos têm dois metros e quarenta centímetros de ponta a ponta. Torso em forma de barril de um metro e oitenta formado por cinco segmentos com diâmetro central de noventa centímetros e trinta centímetros nas extremidades. Cinza-escuro, flexível e extremamente resistente. Asas membranosas da mesma cor, com dois metros e dez centímetros de comprimento, estendem-se a partir dos sulcos entre os segmentos, embora estivessem recolhidas quando da descoberta. As asas apresentam estrutura tubular ou glandular, coloração cinza-claro e orifícios nas pontas. Bordas serrilhadas. Próximo ao equador, no vértice central de cada um dos cinco segmentos em forma de aduela, encontram-se cinco sistemas de braços ou tentáculos cinza-claro firmemente recolhidos junto ao torso, porém expansíveis até uma distância aproximada de um metro. Como os braços de um crinoide primitivo. Cada apêndice de oito centímetros de diâmetro divide-se após quinze centímetros em cinco subapêndices, cada um dos quais se divide após vinte centímetros em cinco tentáculos ou gavinhas de formato afunilado, o que resulta em um total de 25 tentáculos por apêndice.

“No alto do torso um pescoço bulboso e primitivo de coloração cinza-claro com sugestões de guelras sustenta uma cabeça amarelada de cinco pontas em forma de estrela-do-mar coberta por cílios duros de oito centímetros em várias cores prismáticas. A cabeça é grossa e inchada, mede cerca de sessenta centímetros de ponta a ponta e apresenta projeções de tubos amarelados e flexíveis de oito centímetros em cada uma destas. A abertura no centro do topo é provavelmente uma cavidade respiratória. Na extremidade de cada tubo,

protegido por uma membrana retrátil de coloração amarelada, encontra-se um globo vítreo de íris vermelha, sem dúvida um olho. Cinco tubos avermelhados um pouco mais longos saem dos ângulos internos da cabeça em formato de estrela-do-mar e terminam em intumescências da mesma cor que, ao serem pressionadas, abrem-se para revelar orifícios em forma de campânula com diâmetro máximo de cinco centímetros e revestidos por projeções brancas e afiadas como dentes. Possíveis bocas. Os tubos, os cílios e as pontas da cabeça em formato de estrela-do-mar estavam firmemente presos para baixo quando da descoberta, com os tubos e as pontas agarrados ao pescoço bulboso e ao torso. Flexibilidade surpreendente apesar da resistência.

"Na base do torso observa-se uma estrutura similar à cabeça, porém com funções distintas. Um pseudopescoço bulboso de coloração cinza-claro, sem evidências de guelras, sustenta uma estrutura esverdeada de cinco pontas em forma de estrela-do-mar. Os braços robustos e musculosos de um metro e vinte de comprimento têm dezoito centímetros de diâmetro na base e afunilam até cerca de seis centímetros na ponta. Cada ponta está ligada ao vértice de um triângulo membranoso esverdeado repleto de veias finas com vinte centímetros de comprimento e quinze de largura na extremidade. Este triângulo é a nadadeira, a barbatana ou o pseudópodo que deixou marcas nas rochas de um bilhão a cinquenta ou sessenta milhões de anos atrás. Dos ângulos internos da estrutura em forma de estrela-do-mar saem tubos avermelhados de sessenta centímetros de comprimento com oito centímetros de diâmetro na base que afunilam até cerca de três centímetros na extremidade. Orifícios nas extremidades. Todas as partes extremamente resistentes e coriáceas, porém muito flexíveis. Braços de um metro e vinte centímetros de comprimento dotados de nadadeiras sem dúvida usadas para locomoção marinha ou de alguma outra espécie. Quando movidos, sugerem um tônus muscular impressionante. Quando da descoberta, todos estes apêndices estavam firmemente presos por cima do pseudopescoço e da base do torso, de maneira análoga aos apêndices na outra extremidade.

"Ainda não sei ao certo se devo atribuir a descoberta ao reino animal ou vegetal, mas as chances de que seja um animal parecem maiores. O mais provável é que se trate de um estágio evolutivo muito avançado dos radiários, que no entanto conservou certas características primitivas. As semelhanças com os equinodermos são inconfundíveis apesar de algumas evidências contraditórias. As asas deixaram-me intrigado em vista do provável *habitat* marinho, mas talvez sirvam para a navegação aquática. A simetria apresenta um curioso caráter vegetal e na essência sugere uma estrutura orientada em função de uma base e de um topo em vez da típica estrutura animal com frente e costas. O período evolutivo fabulosamente primordial, anterior aos mais simples protozoários arqueanos conhecidos, dificulta quaisquer conjecturas relativas à origem.

“Os espécimes completos apresentam uma semelhança tão pronunciada em relação a certas criaturas dos mitos antigos que a sugestão de uma existência ancestral fora da Antártida torna-se inevitável. Dyer e Pabodie leram o *Necronomicon* e viram os pesadelos que Clark Ashton Smith pintou baseado no texto, e assim hão de entender quando eu mencionar as Coisas Ancestrais que criaram toda a vida na Terra como resultado de uma zombaria ou de um equívoco. Os estudiosos acham que a crença deve ter origem em um mórbido tratamento criativo dispensado a certos radiários tropicais muito antigos. O mesmo em relação às coisas do folclore pré-histórico mencionadas por Wilmarth — ramificações dos cultos a Cthulhu *etc.*

“Um amplo campo de estudos foi inaugurado. A dizer pelos demais espécimes encontrados, os depósitos devem remontar ao fim do Cretáceo ou ao início do Eoceno. Estavam sob enormes estalagmites. Escavá-los foi uma tarefa árdua, mas a resistência dos espécimes evitou quaisquer danos. O estado de preservação foi um milagre operado pelo calcário. Não encontramos mais nada até agora, mas as buscas serão retomadas mais tarde. O desafio agora é carregar catorze espécimes colossais até o acampamento sem a ajuda dos cães, que latem enfurecidos quando estão por perto. Com nove homens — três ficarão para cuidar dos cães — poderemos manejar os trenós sem grandes problemas, embora as rajadas de vento soprem com força. Precisamos estabelecer contato aéreo com o Estreito de McMurdo para começar o transporte do material. No entanto, ainda preciso dissecar uma dessas coisas antes de qualquer descanso. Quisera eu ter um laboratório de verdade aqui. Dyer devia dar um tapa na testa por haver tentado impedir a minha viagem a oeste. Primeiro, as maiores montanhas do mundo, e agora isto. Se essas criaturas não forem o ponto alto da expedição, sequer imagino o que possa ser. Estamos feitos no mundo científico. Meus parabéns, Pabodie, pelo equipamento que abriu a caverna. Agora será que o *Arkham* poderia retransmitir a descrição?”

***

Pabodie e eu tivemos reações quase indescritíveis ao receber o relato, e nossos companheiros não ficaram para trás no entusiasmo. McTighe, que havia traduzido às pressas alguns dos pontos altos à medida que o equipamento receptor zumbia, transcreveu a mensagem na íntegra a partir da versão taquigrafada assim que o operador de Lake saiu do ar. Todos perceberam a importância histórica da descoberta, e mandei meus cumprimentos a Lake assim que o operador do *Arkham* terminou de retransmitir o trecho descritivo conforme o solicitado; e meu exemplo foi seguido por Sherman, do armazém temporário no Estreito de

McMurdo, e pelo cap. Douglas do *Arkham*. Mais tarde, como chefe da expedição, acrescentei certos comentários a serem retransmitidos pelo *Arkham* ao mundo exterior. Descansar, é claro, seria absurdo em meio a tanta euforia; e o meu único desejo era chegar ao acampamento de Lake o mais depressa possível. Fiquei decepcionado ao saber que os ventos implacáveis das montanhas haviam tornado o deslocamento aéreo impossível.

Mesmo assim, passada uma hora e meia o meu interesse reavivou-se a ponto de afastar a decepção. Lake estava mandando outras mensagens e relatou que o transporte dos catorze grandes espécimes até o acampamento fora um sucesso. A empreitada foi extenuante, pois eram muito pesados; mas nove homens haviam dado conta do serviço. Naquele instante, alguns membros da equipe estavam construindo um canil de neve a uma distância segura do acampamento, onde os cães poderiam ser alimentados com maior conveniência. Os espécimes foram todos colocados sobre a neve endurecida próxima ao acampamento, a não ser por aquele em que Lake fazia uma rústica tentativa de dissecação.

Essa dissecação mostrou-se uma tarefa mais árdua do que havia imaginado de início; pois mesmo com o calor de um fogão a gasolina na barraca-laboratório recém-montada, os tecidos enganosamente flexíveis do espécime escolhido — um dos mais robustos e intactos — não perderam nada da resistência mais do que coriácea. Lake não sabia ao certo como fazer as incisões necessárias sem valer-se de uma força que poderia destruir todas as sutilezas estruturais que buscava desvendar. Na verdade, dispunha de outros sete espécimes intactos; mas o número era demasiado pequeno para justificar qualquer desperdício, a não ser que a caverna mais tarde revelasse um estoque ilimitado. Assim, afastou o espécime e buscou outro que, embora apresentasse resquícios da estrutura em forma de estrela-do-mar nas duas extremidades, sofrera um grave esmagamento e apresentava uma ruptura parcial dos tecidos em um dos profundos sulcos no torso.

Os resultados, transmitidos às pressas pelo rádio, foram espantosos e intrigantes. Não se poderia esperar delicadeza ou precisão de um trabalho realizado com instrumentos que mal eram capazes de cortar o tecido anômalo, mas o pouco que se conseguiu bastou para deixar-nos todos confusos e perplexos. A biologia existente teria de ser completamente revisada, pois aquela coisa não era resultado de nenhum crescimento celular conhecido pela ciência. Mal havia indícios de fossilização e, apesar da idade de talvez quarenta milhões de anos, os órgãos internos estavam em prefeito estado de conservação. A estrutura coriácea, incorruptível e quase indestrutível, era um atributo inerente à organização daquela coisa, que pertencia a algum ciclo paleogêneo de evolução invertebrada muito além dos nossos poderes de especulação. A princípio, tudo o que Lake descobriu foram tecidos secos; mas, à medida que o calor da barraca promoveu o degelo,

notou a presença de umidade orgânica e de um odor fétido no lado incólume da coisa. Não era sangue, mas um fluido espesso de coloração verde escura que parecia desempenhar o mesmo papel. Quando Lake chegou a este ponto, todos os 37 cães já estavam no canil ainda incompleto próximo ao acampamento; e mesmo à distância os animais começaram a latir furiosamente quando farejaram o odor acre e penetrante.

Em vez de oferecer respostas em relação à estranha entidade, a dissecação provisória aprofundou ainda mais o mistério. Todos os palpites relativos aos membros externos estavam corretos e, com base nessa evidência, não poderia haver muita dúvida quanto a classificá-la como um animal; mas a inspeção dos órgãos internos revelou tantas evidências vegetais que Lake viu-se mais uma vez às escuras. A criatura era dotada de sistema digestório e circulatório, e fazia a excreção através dos tubos avermelhados junto à base em forma de estrela-do-mar. À primeira vista, o aparelho respiratório parecia metabolizar oxigênio em vez do dióxido de carbono; e havia estranhos indícios de câmaras para o armazenamento de ar e de métodos para trocar a respiração através do orifício externo por no mínimo dois outros sistemas respiratórios completamente desenvolvidos — guelras e poros. A criatura era anfíbia e provavelmente adaptada a longos períodos de hibernação sem ar. Os órgãos vocais pareciam estar ligados ao sistema respiratório principal, mas exibiam anomalias muito além de qualquer explicação imediata. A fala articulada através de sílabas parecia quase inconcebível; mas assovios musicais emitidos em várias frequências eram muito prováveis. O sistema muscular apresentava um desenvolvimento quase sobrenatural.

O sistema nervoso era complexo e desenvolvido a ponto de provocar consternação em Lake. Embora muito primitiva e arcaica em certos aspectos, a coisa era dotada de um conjunto de gânglios centrais e nervos conectivos que revelavam um caso extremo de desenvolvimento especializado. Os cinco lóbulos cerebrais apresentavam uma evolução surpreendente; e havia sinais de um sistema sensorial, parcialmente servido pelos cílios duros na cabeça, que envolvia fatores estranhos a todos os outros organismos terrestres. Era provável que a entidade tivesse mais de cinco sentidos, o que impedia qualquer predição baseada em analogias com os hábitos de outros seres vivos. Lake imaginou que o organismo teria pertencido a uma criatura de grande sensibilidade organizada em várias funções diferentes no mundo ancestral; um tanto quanto as formigas e abelhas de hoje. Reproduzia-se como os criptógamos vegetais, e em especial como as pteridófitas; era dotado de esporângios na ponta das asas e sem dúvida evoluíra a partir de um talo ou de protalo.

Mesmo assim, dar-lhe um nome neste ponto seria uma loucura consumada. Tinha o aspecto de um radiário, mas sem dúvida era algo mais. Era em parte

vegetal, mas apresentava três quartos da estrutura animal. Os contornos simétricos e outros atributos ofereciam certeza quanto à origem marinha; porém a extensão das adaptações tardias permaneciam incertas. As asas, afinal de contas, eram uma persistente sugestão de ambientes aéreos. Como a criatura poderia ter alcançado um estágio evolutivo complexo na Terra recém-nascida ainda a tempo de deixar marcas em rochas arqueanas estava tão além da capacidade humana que Lake chegou a pensar nos mitos primordiais sobre os Grandes Anciões que vieram das estrelas e criaram a vida na Terra como resultado de uma zombaria ou de um equívoco; e também nos relatos desvairados a respeito de criaturas cósmicas oriundas do espaço sideral feitos por um colega folclorista no departamento de inglês da Universidade do Miskatonic.

De fato, Lake chegou a considerar a possibilidade de que as marcas pré-cambrianas pertencessem a um antepassado menos desenvolvido dos espécimes descobertos; porém descartou a hipótese logo após examinar as qualidades estruturais avançadas dos fósseis mais antigos. Os contornos mais tardios davam sinais de decadência, não de maior evolução. O tamanho dos pseudópodos havia diminuído, e toda a morfologia apresentava um aspecto rústico e simplificado. Além do mais, os nervos e órgãos examinados davam mostras de regressão a partir de formas ainda mais complexas. Havia uma incidência surpreendente de partes atrofiadas e vestigiais. No geral, pouca coisa fora resolvida; e Lake recorreu à mitologia para encontrar um nome provisório — e, numa veia jocosa, chamou o achado de “As Criaturas Ancestrais”.

Por volta das 2h30, após decidir que postergaria a conclusão dos trabalhos a fim de repousar um pouco, cobriu o organismo dissecado com uma lona, saiu da barraca-laboratório e estudou os espécimes intactos com renovado interesse. O perene sol antártico havia começado a amaciar um pouco os tecidos, de maneira que as pontas da cabeça e os tubos de dois ou três exemplares davam sinais de querer se abrir; mas Lake não acreditou que houvesse qualquer risco de decomposição na atmosfera abaixo de zero. O que fez a seguir foi levar todos os espécimes intactos mais para perto uns dos outros e armar uma barraca sobressalente por cima, a fim de protegê-los dos raios diretos do sol. A medida também ajudaria a manter possíveis odores longe dos cães, cujas hostilidades começavam a ser um problema apesar da distância considerável e das muralhas de gelo cada vez mais altas que um grande número de homens apressava-se em erguer ao redor do canil. Fomos obrigados a prender as pontas da lona que recobria a barraca com pesados blocos de neve para mantê-la no lugar em meio ao vendaval que começava, pois as montanhas titânicas pareciam estar a ponto de mandar-nos rajadas impiedosas. As apreensões iniciais quanto aos súbitos ventos antárticos reavivaram-se e, sob a supervisão de Atwood, todas as precauções necessárias foram tomadas a fim de reforçar as barracas, o novo canil e os abrigos

improvisados dos aviões com neve no lado que dava para as montanhas. Estes últimos abrigos, construídos com blocos sólidos de neve a intervalos esparsos, não haviam chegado sequer perto da altura ideal; e Lake enfim chamou todos os envolvidos em outras tarefas para ajudar neste trabalho.

Já passava das quatro horas quando Lake preparou-se para encerrar a transmissão e sugeriu que todos nós também descansássemos durante a pausa que a equipe faria quando as muralhas do abrigo estivessem um pouco mais altas. Travou uma animada conversa com Pabodie através do éter e repetiu os elogios às incríveis perfuratrizes que o haviam auxiliado na descoberta. Atwood também mandou saudações e elogios. Transmiti a Lake as minhas felicitações e reconheci que estivera certo quanto à viagem a oeste; e combinamos de fazer contato através do rádio às dez da manhã. Se os ventos tivessem amainado, Lake mandaria um avião buscar a equipe na minha base. Logo antes de me recolher, enviei uma última mensagem ao *Arkham* pedindo que moderassem o tom das notícias a serem retransmitidas para o mundo exterior, uma vez que o relatório completo parecia radical o bastante para despertar uma onda de incredulidade se não viesse acompanhado de provas substanciais.

III.

Nenhum de nós, segundo penso, dormiu um sono profundo ou restaurador naquela manhã; pois a emoção da descoberta de Lake e a crescente fúria do vento nos impediam. Mesmo em nosso acampamento, as rajadas eram tão violentas que não conseguíamos deixar de nos perguntar quão pior haveriam de ser no acampamento de Lake, situado diretamente sob os vastos picos desconhecidos que as engendravam e faziam-nas soprar. McTighe estava de pé às dez horas e tentou fazer contato com Lake no rádio, conforme o combinado, mas alguma interferência elétrica no ar tumultuoso a oeste parecia impedir a comunicação. Mesmo assim, logramos contatar o *Arkham*, e Douglas disse que tampouco havia conseguido falar com Lake. O capitão não sabia nada a respeito do vento, pois mal soprava no Estreito de McMurdo apesar da fúria constante em nosso acampamento.

Passamos o dia apreensivos, escutando o rádio e tentando estabelecer contato com Lake de tempos em tempos, porém sem sucesso. Por volta do meio-dia, uma ventania desvairada irrompeu do oeste e fez com que temêssemos pela segurança das nossas instalações; mas passado algum tempo o vento amainou e só tornou a soprar em intensidade moderada às 14h. Depois das 15h tudo ficou quieto, e assim redobramos os nossos esforços para estabelecer contato com Lake. Ao pensar que dispunha de quatro aviões, todos equipados com um excelente transmissor de ondas curtas, não conseguíamos pensar em nenhum incidente capaz de avariar todos os equipamentos de uma só vez. Instaurou-se um

silêncio pétreo; e quando pensamos na força vertiginosa que o vento deveria ter atingido no ponto onde Lake estava, não conseguíamos afastar as mais catastróficas suposições.

Às 18h nossos temores haviam se tornado intensos e definitivos e, após uma deliberação via rádio com Douglas e Thorfinnssen, decidi tomar as providências necessárias a uma investigação. O quinto avião, que havíamos deixado no armazém temporário do Estreito de McMurdo com Sherman e dois outros marujos, estava em boas condições e pronto para decolar a qualquer momento; e tudo indicava que a própria emergência para a qual fora poupado abatia-se naquele mesmo instante sobre nós. Contatei Sherman pelo rádio e pedi que me recebesse na base com o avião e os dois marujos o mais depressa possível, uma vez que as condições atmosféricas eram altamente favoráveis. Logo discutimos quem faria parte da equipe de investigação; e decidimos que incluiríamos todos os homens, bem como o trenó e os cães que eu tinha comigo. Nem mesmo toda esta carga seria páreo para um dos imensos aviões construídos segundo as nossas especificações para o transporte de maquinário pesado. De vez em quando eu tentava contatar Lake pelo rádio, porém sem sucesso.

Sherman, com os marujos Gunnarsson e Larsen, decolou às 7h30 e relatou um voo tranquilo a partir de várias coordenadas. Era meia-noite quando chegaram à nossa base, e todos os homens discutiram o que fazer a seguir. Seria arriscado atravessar a Antártida em um único avião sem nenhuma base de apoio, mas ninguém se acovardou diante do que parecia ser uma necessidade premente. Às duas da manhã nos recolhemos para um breve repouso depois de carregar parcialmente o avião, mas dentro de quatro horas estávamos todos de pé para terminar a carga e os preparativos de viagem.

Às 7h15 do dia 25 de janeiro, começamos a voar para o norte sob o comando de McTighe com uma tripulação de dez homens, sete cães, um trenó, um suprimento de combustível e de provisões e outros itens que incluíam o equipamento de rádio do avião. A atmosfera estava clara e tranquila, e a temperatura, relativamente amena; e esperávamos enfrentar poucos obstáculos para chegar à latitude e à longitude fornecidas por Lake. Nossas apreensões diziam respeito ao que poderíamos encontrar, ou não encontrar, ao fim da jornada; pois o silêncio continuava sendo a única resposta a todas as comunicações enviadas ao acampamento.

Até os menores incidentes ocorridos durante o voo de quatro horas e meia estão gravados para sempre na minha lembrança devido à posição crucial que ocupam na minha vida. A viagem marcou a minha perda, aos 54 anos, de toda paz e de todo o equilíbrio que a mente normal possui graças à nossa maneira corriqueira de conceber a Natureza externa e as leis da Natureza. A partir daquele ponto nós todos — mas em particular o aluno Danforth e eu — haveríamos de

defrontar-nos com um mundo pavorosamente amplificado de horrores à espreita que nada pode apagar da nossa memória, e que evitaríamos compartilhar com a humanidade em geral se ao menos pudéssemos. Os jornais publicaram os boletins que enviamos a partir do avião, relatando a viagem sem escalas, as duas batalhas travadas contra as ventanias nas grandes altitudes, o vislumbre da superfície rachada onde Lake havia feito uma perfuração três dias atrás e a visão de um grupo dos estranhos cilindros de neve fofa descritos por Amundsen e Byrd enquanto cortávamos o vento pela infindável distância do platô congelado. Chegou um momento, porém, em que as nossas sensações já não podiam mais ser traduzidas em palavras que a imprensa fosse compreender; e um ponto mais além em que nos vimos de fato obrigados a adotar uma regra de censura.

O marujo Larsen foi o primeiro a divisar a linha irregular de cones e pináculos aziagos à nossa frente, e os gritos que deu levaram-nos todos às janelas da cabine. Apesar da nossa velocidade, as montanhas custavam a assomar; e assim soubemos que deviam estar infinitamente distantes, visíveis apenas graças à espantosa altura a que se erguiam. Aos poucos, no entanto, ergueram-se como maus presságios no céu ocidental; e permitiram-nos distinguir cumes de rocha nua, inóspita e escurecida, e captar a estranha sensação de fantasia que inspiravam quando vistos na luz avermelhada da Antártida com o provocante cenário e as iridescentes nuvens de cristais de gelo ao fundo. No geral, o espetáculo era marcado por uma sensação persistente de mistérios espantosos e revelações possíveis; como se aqueles coruchéus rústicos saídos de um pesadelo fossem as pilastras de uma terrível ponte em direção a esferas proibidas de sonho e a abismos insondáveis do tempo, do espaço e de dimensões remotas. Não pude afastar a impressão de que eram coisas malignas — montanhas da loucura cujas encostas mais ermas acabavam em um nefando abismo supremo. O fundo de nuvens agitadas e cintilantes trazia mais sugestões inefáveis de um *além* vago e etéreo do que de espaços terrenos; e conjurava pensamentos terríveis sobre a distância, o isolamento, a desolação e a morte que perdura através dos éons no inexplorado e desconhecido mundo antártico.

Foi o jovem Danforth quem chamou a nossa atenção para as curiosas regularidades no alto do panorama montanhoso — regularidades como os fragmentos de cubos perfeitos que Lake havia mencionado e que de fato justificavam a referência às sugestões oníricas de templos primordiais em ruínas no alto dos nebulosos pináculos orientais pintados de maneira tão estranha e sutil por Rerikh. De fato havia algo digno de um Rerikh a assombrar todo aquele continente extraterreno de mistérios montanhosos. Sentime assim pela primeira vez em outubro, quando avistamos a Terra de Vitória, e naquele instante fui mais uma vez tomado pelo mesmo sentimento. Também fui invadido pela inquietante revelação de semelhanças míticas e arqueanas; de que aquele reino letal

correspondia ao infame platô de Leng mencionado nas escrituras primitivas. Os mitólogos associam Leng à Ásia Central; porém a memória racial do homem — ou de seus predecessores — é longa, e pode ser que certas histórias tenham atravessado países e montanhas e templos de horror mais antigos do que a Ásia e mais antigos do que todos os mundos humanos conhecidos. Alguns místicos ousados insinuaram uma origem anterior ao Pleistoceno para os fragmentos dos Manuscritos Pnakóticos, e sugeriram que os devotos de Tsathoggua seriam tão estranhos à humanidade quanto o próprio Tsathoggua. Leng, onde quer que pudesse situar-se no tempo e no espaço, não era uma região da qual eu gostaria de me aproximar; tampouco me agradava a proximidade de um mundo que outrora tivesse engendrado as enigmáticas monstruosidades arqueanas descritas por Lake. Naquele instante arrependi-me de ter lido o execrando *Necronomicon* e conversado tanto com Wilmarth, o desconcertante folclorista erudito da universidade.

Esse estado de espírito sem dúvida exacerbou a minha reação à bizarra miragem que surgiu ante nossos olhos no zênite opalescente enquanto nos aproximávamos das montanhas e começávamos a discernir as ondulações cumulativas dos sopés. Eu havia presenciado dezenas de miragens polares nas semanas anteriores, muitas das quais me pareceram dotadas de uma vividez tão impressionante e fantástica quanto a ilusão à minha frente; mas esta última tinha uma qualidade completamente nova e obscura de simbolismo ameaçador, e assim estremeci quando o labirinto fremente de muralhas e torres e minaretes fabulosos emergiu dos perturbados vapores gélidos acima das nossas cabeças.

O efeito foi o de uma cidade ciclópica de arquitetura desconhecida ao homem e até mesmo à imaginação humana, com enormes agregações de cantaria negra que corporificavam perversões monstruosas das leis da geometria e atingiam os mais grotescos extremos de uma sinistra bizarria. Havia cones truncados com terraços e sulcos laterais, encimados aqui e acolá por altaneiros cilindros às vezes tumefactos e amiúde colmados por fileiras de estreitos discos protuberantes; e singulares construções planas que se debruçavam para além das beiradas e sugeriam pilhas de incontáveis pranchas retangulares ou lâminas circulares ou estrelas de cinco pontas dispostas de maneira que cada uma avançasse um pouco mais do que a anterior. Havia fusões de cones e pirâmides erguendo-se solitárias ou sobranceando cilindros ou cubos ou cones truncados mais planos e pirâmides, e eventuais coruchéus aciculados dispostos em grupos de cinco. Todas essas estruturas febris pareciam estar amarradas por pontes tubulares que conduziam de uma à outra em diversas alturas vertiginosas, e a escala insinuada pelo todo era opressiva e aterrorizante em virtude do absoluto gigantismo. O tipo genérico de miragem não era muito diferente das formas mais delirantes observadas e desenhadas pelo baleeiro ártico *Scoresby* em 1820; mas

naquela hora e naquele lugar, com os obscuros e desconhecidos picos montanhosos erguendo-se majestosos à nossa frente, a anômala descoberta de um mundo ancestral nos pensamentos e a mortalha de um provável desastre a envolver a maior parte da nossa expedição, parecíamos todos ver naquilo a mácula de uma malignidade latente e de um portento infinitamente sinistro.

Sentime aliviado quando a miragem começou a se dissipar, embora durante o processo os torreões e cones dignos de um pesadelo tenham assumido, por alguns instantes, formas distorcidas de horror ainda maior. Enquanto toda a miragem desfazia-se em turbilhão opalescente, voltamos o olhar mais uma vez em direção ao norte e percebemos que o fim da jornada não estava longe. As montanhas desconhecidas à nossa frente erguiam-se de maneira vertiginosa, como a terrível muralha de gigantes; e as curiosas regularidades impunham-se com uma clareza impressionante mesmo sem o auxílio do binóculo. Neste ponto, sobrevoávamos os sopés mais baixos, e conseguíamos ver, em meio à neve, ao gelo e ao solo exposto do enorme platô alguns pontos mais escuros que acreditarmos ser o equipamento e as escavações de Lake. Os sopés mais altos erguiam-se a uma distância de oito a dez quilômetros adiante e formavam uma cordilheira quase à parte da medonha linha de picos mais altos que o Himalaia um pouco além. Por fim, Ropes — o aluno que havia rendido McTighe no comando — deu início aos procedimentos de aterrissagem fazendo uma curva para a esquerda, em direção ao ponto escuro cujas dimensões indicavam o acampamento. Durante a manobra, McTighe transmitiu a última mensagem não censurada que o mundo receberia da nossa expedição.

Todo mundo pôde ler os breves e insossos boletins enviados durante o resto da nossa estadia na Antártida. Algumas horas após a aterrissagem, enviamos um cauteloso relato da tragédia que encontramos e, muito a contragosto, anunciamos o massacre de toda a equipe de Lake, promovido pelo vento formidável do dia anterior, ou da noite que o precedeu. Onze mortos, e o jovem Gedney desaparecido. O público relevou a ausência de detalhes ao imaginar o choque que esse triste evento deveria ter ocasionado, e acreditou em nós quando dissemos que as mutilações impostas pela ação do vento haviam deixado os corpos em condições impróprias para o transporte. Na verdade, orgulho-me ao ver que, mesmo em meio à tristeza, à confusão absoluta e ao horror que se apoderava da nossa alma, pouco extrapolamos a verdade em relação a qualquer detalhe. A verdadeira importância do ocorrido estava naquilo que não nos atrevemos a contar — naquilo que sequer agora eu contaria, não fosse a necessidade de alertar outros quanto a terrores inomináveis.

O vento havia de fato promovido uma profunda devastação. A sobrevivência de toda a equipe, mesmo sem levar em conta o resto, seria um tanto incerta. A tempestade, com a fúria das partículas geladas em frenesi, deve ter ultrapassado

qualquer outra coisa encontrada pela expedição até aquele ponto. O abrigo de um dos aviões — e todos foram encontrados em condições precárias — estava quase pulverizado; e a torre de perfuração distante estava reduzida a destroços. O metal exposto dos aviões e perfuratrizes em terra fora polido pelas vergastadas do vento, e duas das barracas menores haviam cedido apesar do reforço de neve. As superfícies de madeira expostas às rajadas estavam riscadas e com a tinta arrancada, e todos os rastros na neve haviam sido obliterados. Também é verdade que nenhum dos espécimes biológicos arqueanos encontrados apresentava condições de ser transportado por inteiro. Coletamos alguns minerais de uma enorme pilha desabada, dentre os quais vários fragmentos da pedra-sabão esverdeada com estranhos contornos de cinco pontas e tênues marcas de pontos agrupados que havia motivado tantas comparações incertas; e alguns fósseis, dentre os quais os ossos mais comuns dos espécimes curiosamente danificados.

Nenhum dos cães sobreviveu, pois o canil de neve construído às pressas nos arredores do acampamento desabou quase por completo. O vento poderia ter feito aquilo, embora o maior estrago no lado voltado para o acampamento, que não era de onde as rajadas haviam soprado, possa indicar uma agitação intensa ou uma tentativa de fuga por parte dos próprios animais. Todos os três trenós haviam desaparecido, e tentamos dizer a nós mesmos que o vento poderia tê-los soprado rumo ao desconhecido. O equipamento de perfuração e derretimento havia sofrido estragos graves demais para justificar qualquer tentativa de salvá-los, e assim os usamos para fechar o inquietante portal de acesso ao passado aberto por Lake. Da mesma forma, deixamos no acampamento os dois aviões mais avariados; pois a equipe restante tinha apenas quatro pilotos ao todo — Sherman, Danforth, McTighe e Ropes —, embora Danforth estivesse com os nervos abalados demais para pilotar. Recuperamos todos os livros, equipamentos científicos e outros objetos que pudemos encontrar, embora o vento houvesse levado muita coisa. As barracas sobressalentes e as peles estavam desaparecidas ou muito estragadas.

Foi por volta das 16h, depois que uma ampla busca aérea levou-nos a dar Gedney por perdido, que enviamos a nossa cautelosa mensagem para que o *Arkham* a retransmitisse; e acho que fizemos bem ao tratar do assunto em termos vagos e casuais. O máximo que dissemos sobre tumultos referia-se aos nossos cães, que demonstravam uma inquietação frenética perto dos espécimes biológicos, conforme o relato do pobre Lake levaria a esperar. Acho que não mencionamos as mostras dessa mesma inquietação que deram ao farejar as estranhas pedras-sabão esverdeadas e certos outros objetos na região devastada; objetos estes que incluíam instrumentos científicos, aviões e máquinas, no acampamento e no local da perfuração, cujas partes haviam sido afrouxadas,

movidas ou de alguma outra maneira alteradas por ventos sem dúvida imbuídos de curiosidade e ímpeto sem iguais.

Quanto aos catorze espécimes biológicos, fomos um tanto vagos. Dissemos que os remanescentes estavam todos danificados, porém mesmo assim eram suficientes para provar a descrição espantosamente precisa de Lake. Foi difícil manter as nossas emoções pessoais à parte — e não mencionamos números nem explicamos como havíamos encontrado as vítimas. Neste ponto havíamos combinado de não fazer nenhuma transmissão que sugerisse loucura da parte dos homens de Lake, embora parecesse loucura encontrar seis monstruosidades imperfeitas enterradas de pé com todo o cuidado em sepulturas nevadas de três metros de profundidade e cobertas por montes de cinco pontas com grupos de pontos dispostos exatamente como aqueles nas estranhas pedras-sabão esverdeadas do período Terciário ou Mesozoico. Os oito espécimes intactos mencionados por Lake pareciam ter sido levados pelo vento.

Também tomamos muito cuidado para não transtornar a paz de espírito do público; assim, Danforth e eu falamos pouco sobre a nossa pavorosa viagem às montanhas no dia seguinte. Foi a circunstância de que apenas um avião extremamente leve poderia atravessar uma cordilheira daquela altura que por sorte limitou a tripulação no voo de reconhecimento a nós dois. Quando retornamos à 1h, Danforth estava à beira da histeria, porém manteve uma expressão admiravelmente serena. Não tive dificuldade em convencê-lo a não mostrar os nossos esboços e as demais coisas que trazíamos nos bolsos, não contar aos outros nada além do que havíamos combinado de transmitir para o mundo exterior e esconder os filmes fotográficos para que nós os revelássemos em segredo mais tarde; de modo que parte da minha história será novidade não apenas para o público em geral, mas também para Pabodie, McTighe, Ropes, Sherman e os outros. De fato, Danforth sabe guardar segredos melhor do que eu; pois viu — ou imaginou ter visto — algo que se recusa a contar até mesmo para mim.

Como todos sabem, nosso boletim trouxe a história de uma subida árdua; a confirmação da teoria de Lake segundo a qual os grandes picos seriam compostos de ardósia arqueana e de outras dobras geológicas primordiais que não haviam sofrido mutações pelo menos desde a metade do Comancheano; um comentário enfadonho sobre a regularidade das formações cúbicas e das muralhas; a descoberta de que a boca das cavernas indicava veios calcários erodidos; a conjectura de que certas encostas e desfiladeiros talvez permitissem a travessia de toda a cordilheira por montanhistas veteranos; e uma observação de que no outro lado da misteriosa cordilheira encontra-se um imenso e sobranceiro superplatô tão antigo e imutável quanto as próprias montanhas — com seis mil metros de elevação e grotescas formações rochosas que se projetam através de uma fina

camada de gelo e com baixos sopés graduais entre a superfície geral do platô e os precipícios íngremes dos mais altos picos.

Todos os dados apresentados eram verdadeiros e bastaram para satisfazer os homens no acampamento. Atribuímos a nossa ausência de dezesseis horas — um tempo mais longo do que o voo, a aterrissagem, o reconhecimento e a coleta de espécimes minerais exigia — a um longo período de condições climáticas adversas; e contamos a verdade sobre a aterrissagem nos sopés mais distantes. Por sorte a nossa história soou realística e prosaica o suficiente para não incitar o restante da equipe a repetir o voo. Se alguém houvesse tentado, eu precisaria recorrer a toda a minha persuasão para impedir — e não sei o que Danforth teria feito. Durante a nossa ausência, Pabodie, Sherman, Ropes, McTighe e Williamson trabalharam como castores nos dois aviões em melhor estado, preparando-os para voar mais uma vez apesar da inexplicável pane nos mecanismos.

Decidimos carregar todos os aviões na manhã seguinte e voltar para a antiga base o mais depressa possível. Embora indireta, essa ainda era a forma mais segura de chegar ao Estreito de McMurdo; pois um voo em linha reta através das mais desconhecidas infinitudes de um continente entregue à morte através dos éons traria inúmeros riscos adicionais. Não poderíamos continuar a exploração após a nossa trágica perda e a ruína do equipamento de perfuração; e as dúvidas e os horrores que nos circundavam — e que não ousávamos revelar — infundiam-nos o desejo de escapar daquele mundo de desolação austral e loucura iminente assim que tivéssemos a chance.

Como o público bem sabe, nosso retorno ao mundo não incluiu mais desastres. Todos os aviões chegaram à antiga base na noite do dia seguinte — 27 de janeiro — após um voo sem escalas em alta velocidade; e no dia 28 chegamos ao Estreito de McMurdo em duas etapas, com uma única escala muito breve por conta de um defeito no aerofólio ocasionado pela fúria do vento enquanto sobrevoávamos a barreira de gelo além do grande platô. Passados mais cinco dias o *Arkham* e o *Miskatonic*, com toda a tripulação e todo o equipamento a bordo, afastou-se do gelo cada vez mais espesso e avançou até o Mar de Ross com as zombeteiras montanhas da Terra de Vitória assomando no ocidente com o perturbado céu antártico ao fundo e transformando os uivos do vento em assovios musicais que me enregelaram os ossos. Menos de duas semanas mais tarde deixamos para trás o último resquício de território polar e demos graças aos céus por estarmos longe de um reino assombrado e amaldiçoado onde a vida e a morte, o espaço e o tempo fizeram alianças negras e blasfemas nas épocas desconhecidas desde que a matéria borbulhou e efervesceu pela primeira vez na crosta recém-resfriada.

Desde o nosso retorno, trabalhamos sem descanso para desencorajar as explorações antárticas, e mantivemos certas incertezas e palpites em segredo com impressionante unidade e lealdade. Nem mesmo o jovem Danforth, que sofreu um colapso nervoso, revelou coisa alguma para os médicos — de fato, como eu já afirmei, Danforth imagina ter visto algo que se recusa a contar até mesmo para mim, embora eu ache que o desabafo poderia fazer bem a seu estado mental. Talvez assim pudesse explicar e aliviar certas angústias, embora talvez a visão não tenha passado de um delírio provocado por um choque anterior. Esta é a impressão que tenho após os raros momentos de irresponsabilidade em que sussurra coisas desconexas para mim — coisas que repudia com veemência assim que se recompõe.

Será um trabalho árduo manter outras expedições longe do interminável sul congelado, e alguns de nossos esforços podem trazer prejuízos diretos à nossa causa se despertarem atenção indevida. Desde o início deveríamos ter pensado que a curiosidade humana é perene, e que os resultados anunciados pela nossa expedição seriam capazes de lançar outros aventureiros na antiga busca ao desconhecido. Os relatórios sobre as monstruosidades biológicas enviados por Lake acirraram os ânimos de naturalistas e paleontólogos; no entanto, fomos sensatos o bastante para não mostrar as partes que retiramos dos espécimes enterrados nem as fotografias dos espécimes nas condições em que os encontramos. Também nos furtamos a mostrar os mais enigmáticos dentre os ossos com cicatrizes e as pedras-sabão esverdeadas; enquanto Danforth e eu nos encarregamos de ocultar as fotografias e esboços feitos no superplatô no outro extremo da cordilheira, bem como as coisas amassadas que alisamos, examinamos em profundo terror e trouxemos de volta em nossos bolsos. Mas agora a expedição Starkweather-Moore está se mobilizando com uma organização muito superior à da nossa equipe. Se não forem dissuadidos, chegarão ao núcleo mais profundo da Antártida para derreter o gelo e perfurar o solo e acabarão libertando aquilo que pode ser o fim do mundo que conhecemos. Assim, vejo-me enfim obrigado a quebrar o silêncio — até mesmo em relação àquela coisa suprema e inominável para além das montanhas da loucura.

IV.

É apenas tomado por hesitação e repugnância enormes que permito à lembrança voltar ao acampamento de Lake e ao que de fato encontramos por lá — e também àquela outra coisa para além da terrível parede montanhosa. Sinto-me constantemente tentado a pular os detalhes e oferecer apenas insinuações em vez de fatos concretos e deduções inelutáveis. Assim, espero que me seja lícito passar depressa pelo restante; o restante que diz respeito ao horror no acampamento. Falei sobre o terreno devastado pelo vento, os abrigos danificados,

o maquinário fora de lugar, as várias perturbações dos cães, os trenós sumidos e outros itens desaparecidos, as mortes de homens e cães, o sumiço de Gedney e os seis espécimes biológicos enterrados de maneira insana, com texturas estranhamente intactas apesar de todos os danos estruturais, vindos de um mundo sepulto há quarenta milhões de anos. Não lembro se mencionei que, ao descobrir os corpos dos cães, percebemos que um estava faltando. Não pensamos muito sobre o assunto até mais tarde — e, a bem dizer, só eu e Danforth pensamos.

As coisas que venho guardando para mim dizem respeito aos corpos e a certos detalhes sutis que podem ou não conferir uma lógica incrível e horrenda ao caos aparente. Na época, tentei evitar que os homens pensassem sobre os detalhes; pois seria muito mais simples — muito mais normal — atribuir tudo a um surto de loucura da parte de alguns homens na equipe de Lake. A dizer pelo que encontramos, o demoníaco vento da montanha deve ter sido suficiente para levar qualquer um à loucura no centro de todo o mistério e de toda a desolação da Terra.

O que coroava a anormalidade da situação, no entanto, era o estado dos corpos — de homens e cães. Todos haviam tomado parte em algum terrível conflito, e estavam esquartejados e mutilados de maneira absolutamente inexplicável e demoníaca. As mortes, até onde pudemos determinar, haviam decorrido em função de estrangulamento ou laceração. Os cães sem dúvida haviam começado a escaramuça, pois o estado do precário canil dava indícios de um arrombamento a partir de dentro. A instalação fora construída a uma certa distância do acampamento por conta do ódio que os animais sentiam pelos infernais organismos arqueanos, mas o cuidado parecia ter sido em vão. Vendo-se abandonados em meio à ventania monstruosa e protegidos apenas por frágeis paredes de altura insuficiente, os cães devem ter corrido em pânico — não sabemos se por causa do próprio vento ou de algum outro odor sutil exalado pelos espécimes saídos de um pesadelo. Os espécimes, claro, estavam protegidos sob a lona de uma barraca; mas o baixo sol antártico havia batido na lona por muito tempo, e Lake tinha dito que o calor fazia com que os tecidos estranhamente intactos e resistentes das criaturas relaxassem e se expandissem. Talvez o vento tenha arrancado a lona protetora e arrastado as criaturas, assim tornando manifestas suas qualidades olfatórias mais pungentes, apesar da incrível antiguidade a que remontavam.

O que quer que tenha sido, no entanto, foi algo horrendo e repugnante. Talvez seja melhor deixar as reservas de lado e narrar o pior de uma vez por todas — embora acompanhado de uma opinião categórica, baseada em observações de primeira mão e nas mais rígidas deduções minhas e de Danforth, segundo a qual o desaparecido Gedney não era de forma alguma responsável pelos horrores que encontramos. Eu afirmei que os corpos haviam sofrido mutilações terríveis. Devo

agora acrescentar que alguns haviam sofrido incisões e subtrações estranhas e desumanas, feitas a sangue-frio. O mesmo sucedeu aos cães e aos homens. Os corpos mais saudáveis e mais gordos, fossem bípedes ou quadrúpedes, tiveram os tecidos mais sólidos removidos como que por um hábil açougueiro; e os contornos das incisões vinham salpicados com o sal retirado das provisões saqueadas nos aviões — o que conjurava as mais horrendas associações. A coisa havia se passado em um dos rústicos abrigos para os aviões de onde a aeronave fora arrastada, e os ventos subsequentes apagaram todos os rastros capazes de fornecer uma teoria plausível. Retalhos, arrancados das roupas das vítimas humanas, não ofereciam nenhuma pista. Seria inútil mencionar a impressão sutil de certos rastros tênues em um canto protegido do abrigo em ruínas — porque esta impressão não dizia respeito a pegadas humanas, mas estava claramente misturada aos comentários sobre rastros fósseis que o pobre Lake vinha fazendo nas semanas anteriores. Era preciso tomar cuidado com a própria imaginação ao pé daquelas sobranceiras montanhas da loucura.

Conforme eu expliquei, Gedney e um dos cães haviam desaparecido. Quando chegamos ao terrível abrigo, demos falta de dois cães e dois homens; mas a barraca de dissecação relativamente intacta onde entramos depois de investigar as monstruosas sepulturas tinha algo mais a nos revelar. A barraca não estava nas condições em que Lake a havia deixado, uma vez que as partes cobertas da monstruosidade primordial não estavam na mesa improvisada. De fato, já havíamos percebido que uma das seis coisas imperfeitas e enterradas de maneira insana — a que exalava um odor particularmente odioso — deveria corresponder às partes reunidas da entidade que Lake havia tentado analisar. Em cima e ao redor da mesa havia outras coisas espalhadas, e não demoramos até perceber que eram as partes resultantes da cuidadosa — embora estranha e canhestra — dissecação de um homem e de um cão. Preservarei os sentimentos dos sobreviventes omitindo a identidade do homem. Os instrumentos anatômicos de Lake tinham desaparecido, mas descobrimos indícios de que haviam sido limpos. O fogão a gasolina também havia sumido, mas ao redor do lugar onde tinha estado encontramos uma grande quantidade de fósforos descartados. Enterramos os restos humanos ao lado dos outros dez homens, e os restos caninos junto com os outros 35 cães. Quanto às estranhas manchas na mesa do laboratório e à mixórdia de livros ilustrados manuseados com desleixo e espalhados ao redor, estávamos confusos demais para fazer qualquer especulação.

Estes foram os principais horrores do acampamento, mas outras coisas pareciam igualmente enigmáticas. O desaparecimento de Gedney, do cão, dos oito espécimes intactos, dos três trenós e de certos instrumentos, de livros técnicos e científicos ilustrados, materiais de escrita, lanternas elétricas e baterias, mantimentos e combustível, aquecedores, barracas sobressalentes, casacos de

pele e outros itens estava muito além de qualquer conjectura razoável; assim como os borrões de tinta em certos pedaços de papel e as curiosas evidências de manuseio e experimentação inexplicáveis ao redor dos aviões e de todos os demais equipamentos mecânicos no acampamento e no local da perfuração. Os cães pareciam abominar o maquinário desordenado. Havia também a bagunça na despensa, o desaparecimento de certos mantimentos e o cômico amontoado de latas, abertas das maneiras mais inusitadas e nos lugares mais improváveis. A profusão de fósforos intactos, quebrados ou queimados constituía outro enigma menor; assim como as duas ou três lonas e casacos de pele que encontramos no chão com cortes peculiares e inesperados, possivelmente resultantes de esforços canhestros para adaptá-los a formas inimagináveis. O descaso com os corpos humanos e caninos e o insano sepultamento dos espécimes arqueanos danificados estavam todos de alguma forma ligados à essa aparente loucura destruidora. Para uma eventualidade como a presente, tivemos o cuidado de fotografar todas as principais evidências da insana desordem que encontramos no acampamento; e usaremos as fotografias para reforçar nossos apelos contra a partida da Expedição Starkweather-Moore.

Nossa primeira providência depois de encontrar os corpos no abrigo foi fotografar e abrir a fileira de sepulturas insanas com os montes de neve de cinco pontas. Não pudemos deixar de perceber a semelhança entre os pavorosos montes com grupos de pontos e a descrição que o pobre Lake fizera das estranhas pedras-sabão esverdeadas; e quando encontramos as pedras na grande pilha mineral vimos que a semelhança era de fato muito estreita. Note-se que o contorno geral parecia sugerir de maneira abominável a cabeça de estrela-do-mar observada nas entidades arqueanas; e concordamos que a sugestão deve ter exercido uma forte influência sobre as mentes fragilizadas da abalada equipe de Lake. Nosso primeiro vislumbre das entidades sepultadas foi um instante terrível que remeteu os meus pensamentos — bem como os de Pabodie — de volta a alguns dos chocantes mitos primordiais que havíamos lido e escutado. Todos concordamos que a simples visão e a presença contínua daquelas coisas — junto com a opressiva solidão polar e o demoníaco vento da montanha — deve ter contribuído para levar a equipe de Lake à loucura.

Pois a loucura — centrada em Gedney, por ser o único possível sobrevivente — foi a única explicação oferecida de maneira espontânea por todos os que se pronunciaram; embora eu não seja ingênuo a ponto de negar que todos possam ter nutrido suspeitas fantásticas que a sanidade impediu de formar-se por completo. Sherman, Pabodie e McTighe fizeram um voo abrangente por todo o território próximo à tarde, varrendo o horizonte com binóculos em busca de Gedney e dos objetos desaparecidos; porém nada foi encontrado. A equipe relatou que a titânica barreira da cordilheira estendia-se até onde a vista alcançava para ambos os lados,

sem nenhuma diminuição na altura ou na estrutura essencial. Em alguns dos cumes, no entanto, os cubos regulares e muralhas pareciam ainda mais marcantes e mais simples; e apresentavam semelhanças fantásticas às ruínas de montanhas asiáticas pintadas por Rerikh. A distribuição das enigmáticas bocas de caverna nos pináculos de rocha nua parecia mais ou menos regular até onde se podia ver a cordilheira.

Apesar de todos os horrores predominantes, ainda dispúnhamos de fervor científico e espírito de aventura suficientes para indagar-nos a respeito do reino desconhecido além daquelas misteriosas montanhas. Segundo os nossos cautelosos relatos, fomos descansar à meia-noite após o nosso dia de terror e perplexidade; mas não sem esboçar o plano de um ou mais voos de altitude para atravessar a cordilheira em um avião leve equipado com uma câmera aérea e instrumentos geológicos a partir da manhã seguinte. Ficou decidido que Danforth e eu faríamos o primeiro, e acordamos às 7h prontos para o voo; mas os fortes ventos — mencionados no rápido boletim que enviamos ao mundo exterior — atrasaram nossa decolagem quase até as nove horas.

Já tive ocasião de repetir a história vaga que contamos aos homens no acampamento — e que retransmitimos ao mundo exterior — após o nosso retorno, dezesseis horas mais tarde. Agora tenho o terrível dever de expandir esse relato completando as piedosas lacunas com pistas do que realmente vimos no oculto mundo tramontano — pistas das revelações que enfim levaram Danforth a um colapso nervoso. Como eu queria convencê-lo a dizer uma palavra franca a respeito da coisa que imagina ter visto — ainda que não passe de ilusão nervosa — e que talvez tenha sido a gota d’água; mas Danforth recusa-se terminantemente. Tudo o que posso fazer é repetir os sussurros desconexos que ouvi a respeito daquilo que o pôs a gritar enquanto o avião cruzava os céus em meio ao desfiladeiro torturado pelo vento após o choque real e tangível do qual partilhei. Eis o meu último apelo. Se os indícios evidentes quanto à sobrevivência de horrores ancestrais que ora revelo não forem suficientes para evitar que outros se envolvam na exploração profunda da Antártida — ou ao menos impedi-los de penetrar muito fundo na superfície do supremo deserto glacial de segredos proibidos e desolação amaldiçoada pelos éons — a responsabilidade por males inomináveis e talvez imensuráveis não será minha.

Danforth e eu, depois de estudar as anotações feitas por Pabodie no voo à tarde e de conferir as medições com um sextante, calculamos que o desfiladeiro mais baixo por onde poderíamos passar ficava um pouco à direita, era visível a partir do acampamento e ficava entre 7.000 e 7.300 metros acima do nível do mar. Foi rumo a esse ponto que decolamos em nosso voo exploratório. O acampamento, localizado em sopés que se erguiam em um elevado platô continental, estava a cerca de 3.600 metros de altitude; de modo que o aumento

real na altitude não era tão grande quanto talvez pareça. Não obstante, estávamos perfeitamente conscientes do ar rarefeito e do frio intenso à medida que subíamos; pois, em virtude das condições de visibilidade, fomos obrigados a deixar as janelas da cabine abertas. Todos vestíamos as nossas peles mais pesadas.

Enquanto nos aproximávamos dos formidáveis picos, que pairavam obscuros e sinistros acima da linha de neve cortada por uma fenda e por geleiras intersticiais, percebíamos cada vez melhor as formações regulares que se agarravam às encostas; e mais uma vez pensamos nas estranhas pinturas asiáticas de Nikolai Rerikh. Os primitivos estratos rochosos desgastados pelo tempo corroboravam todos os relatórios enviados por Lake e provavam que aqueles pináculos nevados vinham dominando o panorama desde uma época surpreendentemente antiga na história da Terra — talvez por mais de cinquenta milhões de anos. Seria inútil tentar adivinhar o quão mais altos poderiam ter sido outrora; porém tudo naquela estranha região sugeria influências atmosféricas obscuras, desfavoráveis à mudança e calculadas para retardar o processo climático habitual de erosão rochosa.

No entanto, foi a profusão de cubos regulares, muralhas e bocas de caverna nas encostas o que mais nos fascinou e perturbou. Estudei-os com um binóculo e tirei várias fotografias aéreas enquanto Danforth pilotava; e por vezes eu o rendia nos controles — embora os meus conhecimentos de aviação fossem um tanto amadores — a fim de permitir que usasse o binóculo. Não tivemos dificuldade para ver que boa parte do material que compunha aquelas coisas era um quartzito arqueano de coloração clara, diferente de todas as outras formações visíveis na superfície ao redor; nem que aquela regularidade era extrema e espantosa em um grau que o pobre Lake mal havia conseguido sugerir.

Conforme havia nos dito, as extremidades haviam sofrido desabamentos e desgastes ao longo de incontáveis éons de exposição às intempéries; mas a robustez e a dureza sobrenaturais do material haviam-nas salvado da obliteração. Muitas partes, em especial aquelas mais próximas das encostas, pareciam feitas da mesma substância que compunha a superfície rochosa ao redor. O arranjo geral lembrava as ruínas de Machu Picchu, nos Andes, e as muralhas ancestrais de Kish, escavadas por uma expedição conjunta do Museu Field e da Universidade de Oxford em 1929; e tanto Danforth como eu em certos momentos tínhamos a mesma impressão de *blocos ciclópicos separados* que Lake tinha atribuído a Carroll, que o acompanhou durante o voo. Como explicar a existência daquelas coisas naquele lugar estava francamente além das minhas capacidades, e como geólogo senti que eu havia aprendido uma lição de humildade. Formações ígneas muitas vezes apresentam estranhas irregularidades — como a famosa Calçada dos Gigantes na Irlanda —, mas aquela cordilheira estupenda, apesar das suspeitas

iniciais de Lake em relação a cones fumegantes, era sem dúvida de origem não vulcânica na estrutura visível.

As curiosas bocas das cavernas, ao redor das quais a concentração de estranhas formações parecia mais abundante, traziam mais um enigma — ainda que um enigma menor — em virtude da regularidade dos contornos. Muitas vezes, conforme Lake havia informado no relatório, apresentavam um formato quadrado ou semicircular; como se os orifícios naturais tivessem sido trabalhados de maneira a atingir um maior grau de simetria por mãos envoltas em mistério. A quantidade e a ampla distribuição das formações eram muito impressionantes, e sugeriam que toda a região fosse perpassada por galerias subterrâneas resultantes da dissolução do estrato calcário. Os vislumbres que tivemos não penetravam muito fundo, mas pudemos ver que as cavernas não apresentavam estalactites ou estalagmites. As encostas na proximidade imediata das aberturas pareciam invariavelmente lisas e regulares; e Danforth achou que as fissuras e lascas impostas pelo clima formavam desenhos um tanto singulares. Impressionado como estava pelos horrores e estranhezas que havíamos descoberto no acampamento, sugeriu que as lascas apresentavam uma vaga semelhança com os inexplicáveis grupos de pontos salpicados nas ancestrais pedras-sabão esverdeadas e replicados de maneira pavorosa nos montes de neve nascidos da loucura e erguidos sobre as seis monstruosidades enterradas.

Ganhamos altitude ao voar por cima dos sopés mais altos e em direção ao desfiladeiro relativamente baixo que havíamos escolhido. À medida que avançávamos, dirigimos o olhar para baixo em direção à neve e ao gelo que cobriam a rota por terra, imaginando se poderíamos ter nos lançado à empreitada com o equipamento mais simples de outras épocas. Para nossa relativa surpresa, percebemos que o terreno era muito menos acidentado do que se poderia esperar; e que, apesar das fendas e de outros pontos difíceis, não poderia deter os trenós de um Scott, de um Shackleton ou de um Amundsen. Algumas das geleiras pareciam conduzir a desfiladeiros expostos ao vento por um tempo incomum, e quando chegamos ao desfiladeiro escolhido descobrimos que não era exceção.

Nossos sentimentos de expectativa enquanto nos preparávamos para dar a volta na crista e vislumbrar um mundo inexplorado mal se deixam escrever no papel, embora não tivéssemos motivo para suspeitar que as regiões para além da cordilheira fossem diferentes daquelas já vistas e atravessadas. O toque de mistério perverso na barreira de montanhas e no convidativo mar de céu opalescente vislumbrado por entre os cumes era um assunto demasiado sutil e tênue para ser descrito em palavras. Antes, pareciam repletos de vago simbolismo psicológico e indefiníveis associações estéticas — algo relacionado a poesias e pinturas exóticas, e a mitos arcaicos à espreita em tomos proibidos e execrandos. Até mesmo o vento carregava um traço peculiar de malignidade consciente; e por

um instante tive a impressão de que o som composto incluía um bizarro uivo ou assovio musical com notas em várias frequências enquanto a rajada soprava para dentro e para fora das onipresentes e ressonantes cavernas. Havia uma sugestão difusa de repulsa reminiscente nesse som, tão complexa e inefável quanto qualquer outra dessas impressões sombrias.

Nesse ponto, após uma ascensão gradual, o aneroide marcava uma altitude de 7.185 metros; e havíamos deixado a região de neves perenes muito abaixo de nós. No alto havia apenas encostas escuras e nuas e o princípio de geleiras irregulares — porém com aqueles cubos, muralhas e cavernas insinuantes a acrescentar um portento sobrenatural, onírico e fantástico. Ao olhar para a cordilheira de pináculos sobranceiros, imaginei ter visto aquele mencionado pelo pobre Lake, com uma muralha exatamente no cume. A montanha parecia estar perdida nos meandros de uma estranha névoa antártica; uma névoa, talvez, como aquela responsável por sugerir a Lake a presença de vulcões. O desfiladeiro assomou à nossa frente, liso e açoitado pelo vento em meio a ásperas e malignas colunatas. Mais além se estendia um céu ataviado com vapores rodopiantes e iluminado pelo baixo sol polar — o céu daquele reino longínquo jamais observado por olhos humanos.

Mais alguns metros de altitude e poderíamos contemplar aquele reino. Danforth e eu, incapazes de falar a não ser gritando em meio aos uivos e assovios do vento que varava o desfiladeiro e somava-se ao rumor dos motores, trocávamos olhares um tanto eloquentes. Então, depois de subir mais alguns metros, enfim olhamos para o outro lado da divisão rumo aos segredos insondados de uma Terra primitiva de estranheza absoluta.

V.

Recordo que nós dois gritamos ao mesmo tempo em um misto de espanto, surpresa, terror e descrença em nossos próprios sentidos quando finalmente atravessamos o desfiladeiro e vimos o que se escondia do outro lado. Para mim parece claro que devemos ter criado alguma teoria natural em nosso subconsciente a fim de preparar nossas faculdades para aquele momento. Provavelmente imaginamos coisas como as grotescas pedras castigadas pelas intempéries no Jardim dos Deuses no Colorado, ou nas fantásticas rochas simétricas escavadas pelo vento no deserto do Arizona. Talvez tenhamos até mesmo cogitado avistar uma miragem como a que tínhamos encontrado na manhã anterior ao nos aproximar daquelas montanhas da loucura. O fato é que devemos ter recorrido a alguma explicação racional quando nossos olhos varreram o interminável platô vergastado pelas tempestades e captaram o labirinto quase infinito de rochas colossais, regulares e geometricamente eurrítmicas que erguiam as cristas desabadas e lascadas acima de uma camada glacial que não passava de doze ou quinze metros nas partes mais espessas, ainda que em outros pontos fosse visivelmente mais fina.

O efeito da visão monstruosa foi indescritível, pois alguma violação demoníaca das leis naturais parecia certa desde o princípio. Em um platô de antiguidade infernal, a 6 mil metros de altitude, exposto a condições climáticas fatais desde uma época pré-humana ocorrida a não menos de 500 mil anos atrás, estendia-se quase até os limites da visão um emaranhado de pedras ordenadas que apenas o desespero da razão ameaçada poderia atribuir a qualquer causa que não fosse consciente e artificial. Havíamos descartado, por força do pensamento científico, qualquer teoria em que os cubos e muralhas não figurassem como resultado de processos naturais. Como poderia ser de outra forma, uma vez que a humanidade mal se diferenciava dos grandes símios na época em que a região sucumbiu ao atual reinado da perene morte glacial?

No entanto, o ímpeto da razão parecia abalado de maneira irremediável, pois o labirinto ciclópico de blocos cúbicos, curvos e angulosos era dotado de características que afastavam toda a possibilidade de refúgio. Aquela sem dúvida alguma era a cidade blasfema vislumbrada na miragem, porém em uma realidade crua, objetiva e inelutável. O portento, afinal, tinha uma base física — havia um estrato horizontal de cristais de gelo em suspensão, e a surpreendente remanescência da pedra havia projetado a própria imagem até o outro lado das montanhas de acordo com as simples leis da reflexão. Esse vulto havia sofrido distorções e exageros, e apresentava características ausentes na fonte; mas

naquele instante, quando nos defrontamos com a fonte, pensamos que era ainda mais horrenda e ameaçadora do que a imagem distante que havia projetado.

Apenas o incrível e sobrenatural volume das colossais torres e muralhas de pedra havia protegido aquela monstruosidade da aniquilação completa nas centenas de milhares — talvez milhões — de anos passados em meio às rajadas de um rochedo inóspito. "*Corona Mundi*… Pináculo do mundo…" Toda sorte de epítetos fantásticos surgiam em nossos lábios enquanto, tomados pela vertigem, olhávamos para baixo em direção ao inacreditável espetáculo. Mais uma vez pensei nos quiméricos mitos primordiais que haviam me assombrado com tanta persistência desde o primeiro vislumbre da morte no mundo antártico — no demoníaco platô de Leng, nos Mi-Go, ou Abomináveis Homens das Neves dos Himalaias, nos Manuscritos Pnakóticos repletos de insinuações pré-humanas, no culto a Cthulhu, no *Necronomicon* e nas lendas hiperbóreas do amorfo Tsathoggua e das crias estelares ainda mais temíveis associadas e esta semientidade.

A coisa estendia-se por quilômetros incontáveis em todas as direções e apresentava variações de espessura quase desprezíveis; a bem dizer, enquanto nossos olhares seguiam-na para a direita e para a esquerda junto à base dos sopés graduais que a separavam da base da montanha em si, chegamos à conclusão de que não enxergávamos variação alguma a não ser por uma pequena interrupção à esquerda do desfiladeiro por onde havíamos chegado. Havíamos chegado, graças ao mais puro acaso, a uma parte limitada de um todo com extensão incalculável. Os sopés apresentavam um número menor das grotescas estruturas de pedra, o que estabelecia uma ligação entre a terrível cidade e os familiares cubos e muralhas que sem dúvida formavam postos avançados da montanha. Estas últimas, bem como a boca das cavernas, eram tão abundantes no interior como no exterior das montanhas.

O inominável labirinto de pedra consistia, na maior parte, de muralhas de gelo cristalino de 3 a 45 metros de altura e um metro e meio a três metros de espessura. As muralhas eram compostas por prodigiosos blocos de ardósia negra primordial, xisto e arenito — alguns blocos chegavam a medir 1,2 x 1,8 x 2,4 metros —, embora em muitos pontos fossem escavadas em um leito sólido e irregular de ardósia pré-cambriana. As construções apresentavam dimensões um tanto desiguais; havia inúmeras galerias de grande extensão bem como estruturas menores e independentes. As formas predominantes eram cones, pirâmides e terraços; embora também houvesse cilindros perfeitos, cubos perfeitos e outras formas retangulares, e uma singular distribuição de edifícios com um plano horizontal de cinco pontas que sugeria de maneira rústica as fortificações modernas. Os construtores haviam feito uso hábil e constante do princípio do arco, e no esplendor de outrora talvez houvesse cúpulas na cidade.

Todo o emaranhado sofrera os estragos monstruosos causados pelas intempéries, e a superfície glacial de onde as torres erguiam-se estava repleta de blocos desabados e ruínas imemoriais. Nos pontos em que a glaciação era transparente, pudemos ver as partes mais baixas de pilhas gigantes, e notamos pontes de cantaria preservadas no gelo que ligavam diferentes torres em várias alturas diferentes acima do solo. Nas muralhas expostas, pudemos detectar os pontos irregulares onde aquelas pontes e também outras ainda mais altas haviam existido. Um exame mais atento revelou incontáveis janelas; algumas fechadas com venezianas feitas de madeira petrificada, embora muitas outras causassem uma impressão sinistra e ameaçadora quando escancaradas. Muitas das ruínas, é claro, estavam sem o teto e apresentavam extremidades superiores irregulares, ainda que erodidas pelo vento; ao passo que outras, de formato mais acentuadamente cônico ou piramidal, ou ainda protegidas por estruturas próximas mais altas, mantinham o contorno intacto apesar dos desabamentos e lascas onipresentes. Com o binóculo, conseguimos distinguir o que pareciam ser esculturas decorativas arranjadas em listras horizontais — esculturas que exibiam o curioso grupo de pontos cuja presença nas ancestrais pedras-sabão naquele instante assumiu um significado muito mais profundo.

Em diversos pontos as construções estavam totalmente em ruínas e a camada de gelo profundamente fendida como resultado de vários processos geológicos. Em outros, o trabalho em pedra estava desgastado até o nível da glaciação. Um longo trecho que se estendia desde o interior do platô até uma rachadura junto aos sopés a cerca de um quilômetro e meio à esquerda do desfiladeiro que tínhamos atravessado não apresentava nenhuma construção; e o mais provável, segundo concluímos, seria que representasse o curso de algum grande rio que, no período Terciário — milhões de anos atrás — havia atravessado a cidade em direção a algum prodigioso abismo subterrâneo na barreira das cordilheiras. Sem dúvida era acima de tudo uma região de cavernas, pélagos e mistérios subterrâneos muito além da compreensão humana.

Ao recordar as nossas sensações e lembrar da nossa estupefação ao vislumbrar a monstruosa remanescência de éons que julgávamos ser anteriores à humanidade, espanta-me termos conseguido manter qualquer resquício de equilíbrio. Claro que sabíamos que alguma coisa — a cronologia, a teoria científica ou a nossa própria consciência — estava terrivelmente errada; mas conseguimos manter compostura suficiente para pilotar o avião, observar muitas coisas em detalhe e tirar uma série de fotografias que ainda podem ser muito úteis para nós e para o mundo em geral. No meu caso, os hábitos científicos de longa data podem ter ajudado; pois, acima da perplexidade e da sensação de ameaça, ardia o vivo desejo de compreender melhor aquele segredo ancestral — de saber que criaturas haviam construído e vivido naquele lugar gigantesco, e que relação

com o mundo da época ou de outras épocas uma concentração de vidas tão singular poderia ter mantido.

Aquela não era uma cidade comum. Deveria ter sido o núcleo primário e o centro de algum capítulo arcaico e inacreditável da história da Terra, cujas ramificações periféricas, recordadas apenas de maneira nebulosa nos mais obscuros e distorcidos mitos, haviam desaparecido por completo em meio ao caos das convulsões terrenas muito antes de qualquer raça humana conhecida emergir dos símios. Lá estava uma megalópole paleogênea diante da qual as fabulosas cidades de Atlântida e Lemúria, Commoriom e Uzuldaroum e Olathoë no país de Lomar seriam coisas recentes pertencentes ao hoje — sequer ao ontem; uma megalópole que entraria para o rol de blasfêmias pré-humanas mencionadas apenas ao sussurros, tais como Valúsia, R’lyeh, Ib no país de Mnar e a Cidade Sem Nome da Arábia Deserta. Enquanto voávamos acima daquele emaranhado de torres titânicas escavadas em rocha nua, minha imaginação por vezes desvencilhava-se de todas as amarras e perdia-se no reino das associações fantásticas — chegando até mesmo a forjar elos entre o mundo perdido e alguns dos meus sonhos mais desvairados relativos ao horror insano no acampamento.

O tanque de combustível do avião estava cheio apenas em parte a fim de mantê-lo o mais leve possível, e portanto deveríamos ter cautela em nossas explorações. Mesmo assim, percorremos uma vasta extensão de chão — ou, antes, de ar — após descermos até um nível onde os ventos tornaram-se quase irrelevantes. Não parecia haver limite para a cordilheira nem para o comprimento da terrível cidade de pedra que bordejava os sopés interiores. Os oitenta quilômetros de noite em todas as direções não exibiam nenhuma alteração significativa no labirinto de rocha e de cantaria que se erguia como um cadáver através do gelo eterno. Havia, no entanto, certas irregularidades altamente chamativas, tais como os entalhes no cânion onde o largo rio outrora havia cortado os sopés e corrido em direção à foz na Grande Barreira. Os promontórios na entrada do curso d’água haviam sido transformados em colunatas ciclópicas; e algo a respeito do formato de barril ornado com protuberâncias despertou lembranças vagas, confusas e odiosas tanto em Danforth como em mim.

Também nos deparamos com vários espaços abertos em forma de estrela-do-mar — sem dúvida esplanadas públicas; e percebemos diversas ondulações no terreno. Em geral, os pontos onde escarpas íngremes se erguiam haviam sido escavados e transformados em edifícios de pedra; mas havia pelo menos duas exceções. Uma estava muito deteriorada para revelar o que em outras épocas repousava sobre o pináculo, mas a outra ainda ostentava um fantástico monumento cônico escavado na rocha sólida e vagamente similar àquele que se encontra na famosa Tumba da Serpente no ancestral vale de Petra.

Voando rumo ao interior do continente, descobrimos que a largura da cidade não era infinita, embora o comprimento ao longo dos sopés parecesse interminável. Após cinquenta quilômetros as grotescas construções de pedra começaram a ficar mais escassas, e passados outros dez quilômetros chegamos a uma desolação ininterrupta, sem qualquer vestígio de interferência senciente. O curso do rio para além da cidade parecia marcado por uma larga faixa de superfície afundada, enquanto a terra assumia um caráter mais acidentado e dava a impressão de um suave aclive à medida que sumia nas névoas do ocidente.

Até esse ponto ainda não havíamos feito nenhuma aterrissagem, mas abandonar o platô sem uma tentativa de entrar nas estruturas monstruosas seria inconcebível. Assim, decidimos encontrar um lugar plano nos sopés mais próximos do desfiladeiro, onde aterrissamos e nos preparamos para uma exploração a pé. Embora o suave aclive das encostas estivesse em parte coberto por escombros, um voo em baixa altitude revelou um grande número de possíveis locais para a aterrissagem. Após escolher aquele mais próximo ao desfiladeiro, porquanto no voo seguinte mais uma vez atravessaríamos a cordilheira para retornar ao acampamento, às 12h30 descemos em um campo nevado plano e sólido, sem nenhum obstáculo e muito bem adaptado a uma decolagem suave e favorável mais tarde.

Não pareceu necessário proteger o avião com uma barricada de neve por um tempo tão curto e em um local imune às rajadas de vento; apenas nos certificamos de que os esquis de pouso estivessem bem guardados e que as partes vitais do mecanismo ficassem ao abrigo do frio. Para a jornada a pé, deixamos para trás as peles mais pesadas e levamos conosco um equipamento que consistia de uma bússola portátil, uma câmera fotográfica de mão, provisões leves, volumosos cadernos e papéis, um martelo de geólogo e um cinzel, sacos para a coleta de espécimes, rolos de corda e poderosas lanternas elétricas com baterias sobressalentes; equipamento este colocado no avião para que, se acaso a chance surgisse, pudéssemos fazer uma aterrissagem, tirar fotografias a partir do solo, fazer desenhos e esboços topográficos e obter espécimes de rocha de alguma encosta nua, afloramento ou caverna. Por sorte tínhamos um suprimento extra de papel que decidimos rasgar, colocar em um saco e usar segundo o antigo princípio da trilha para demarcar a nossa rota em quaisquer labirintos recônditos que pudéssemos explorar. O expediente poderia ser usado caso encontrássemos um sistema de cavernas com correntes de ar suaves o bastante para permitir a adoção de um método mais simples e mais rápido que o método habitual de fazer marcas na rocha durante uma primeira exploração.

Ao avançar pela neve endurecida em direção ao espantoso labirinto de pedra que assomava à nossa frente com os matizes opalinos do ocidente ao fundo, tivemos uma impressão quase tão intensa de estar diante de um portento como a

que havíamos sentido ao nos aproximar do desfiladeiro quatro horas atrás. Verdade que havíamos adquirido uma certa familiaridade visual com aquele incrível segredo oculto pela barreira dos pináculos; no entanto, o prospecto de efetivamente transpor as muralhas primordiais erguidas por seres conscientes talvez um milhão de anos atrás — antes de qualquer humanidade conhecida — revestia-se de espanto e de terror latente por força das anomalias cósmicas que sugeria. Embora o ar rarefeito naquela altitude formidável tornasse nosso progresso mais difícil do que o habitual, tanto Danforth como eu resistíamos bem e nos sentíamos à altura de praticamente qualquer obstáculo que pudesse surgir. Foram necessários poucos passos até que nos defrontássemos com uma ruína desgastada até o nível da neve, enquanto cinquenta ou setenta metros adiante havia uma enorme muralha de cinco pontas com o contorno preservado que se erguia a uma altura irregular de cerca de três metros. Dirigimo-nos a essa última; e quando enfim conseguimos tocar nos blocos ciclópicos, sentimos que havíamos estabelecido uma ligação sem precedentes e quase blasfema com éons consignados ao esquecimento e em geral interditos à nossa espécie.

A muralha, que tinha formato de estrela e media talvez 90 metros de ponta a ponta, era construída com blocos irregulares de arenito jurássico com cerca de 1,8 x 2,4 metros de superfície. Havia uma fileira de seteiras ou janelas em arco com cerca de 1,2 metro de largura por 1,5 metro de altura dispostas em intervalos regulares ao longo das pontas e ângulos internos da estrela, com a base a cerca de 1,2 metro da superfície congelada. Olhando através das frestas, pudemos ver que a altura total da cantaria era de 1,5 metro, que não existiam partições internas e que havia resquícios de entalhes ou baixos-relevos nas paredes internas; fatos que já havíamos antecipado no voo rasante por cima daquela muralha e de outras semelhantes. Embora suspeitássemos da existência de níveis mais baixos, todos os resquícios destas coisas encontravam-se totalmente obscurecidos pela profunda camada de neve e de gelo naquele ponto.

Esgueiramo-nos para dentro de uma janela e em vão tentamos decifrar os desenhos quase apagados nas paredes internas, mas não tentamos perturbar o chão congelado. Nossos voos de reconhecimento haviam indicado que muitas construções na cidade poderiam estar menos invadidas pelo gelo e que talvez pudéssemos descobrir interiores desobstruídos que nos levassem ao verdadeiro nível térreo se entrássemos em uma das estruturas que ainda conservavam o telhado. Antes de abandonarmos a muralha tivemos o cuidado de fotografá-la e de estudar, tomados pela mais absoluta perplexidade, o trabalho feito sem argamassa na cantaria ciclópica. Desejamos que Pabodie estivesse conosco, pois graças aos conhecimentos de engenharia poderia ter nos ajudado a entender como aqueles blocos titânicos poderiam ter sido manipulados na época incrivelmente remota em que a cidade fora construída.

A descida de oitocentos metros até a cidade, com o vento uivando uma selvageria inútil em meio aos picos que se alçavam ao céu em segundo plano, ficou para sempre gravada na minha lembrança. Além de mim e de Danforth, qualquer outra pessoa só poderia conceber aqueles fenômenos ópticos em pesadelos fantásticos. Entre nós e os tumultuosos vapores do ocidente estendia-se o monstruoso emaranhado de torres escavadas em pedra negra; as formas incríveis e bizarras impressionavam-nos a cada novo ângulo de visão. Era uma miragem na solidez da pedra, e se não fosse pelas fotografias eu ainda questionaria a existência de tais coisas. O estilo do trabalho em cantaria era idêntico ao da muralha que havíamos examinado; mas as formas extravagantes das construções urbanas transcendem qualquer tentativa de descrição.

As próprias fotografias não ilustram mais do que um ou dois estágios da bizarria infinita, da variedade infindável, da opulência sobrenatural e do exotismo absolutamente extraterreno. Havia formas geométricas para as quais Euclides mal poderia encontrar um nome — cones irregulares e truncados de todas as maneiras possíveis; terraços com toda sorte de desproporções intrigantes; postes com singulares avultamentos bulbosos; colunas partidas dispostas em estranhos grupos; e conjuntos de cinco pontas ou cinco protuberâncias imbuídos de uma insanidade grotesca. Ao chegar mais perto, pudemos ver através de certas partes transparentes da camada de gelo e perceber algumas das pontes de pedra tubulares que ligavam as estruturas em vários níveis. Não parecia haver ruas organizadas, sendo a única estrada larga um trecho aberto a cerca de um quilômetro e meio à esquerda, onde o antigo rio sem dúvida havia atravessado a cidade em direção às montanhas.

Nossos binóculos mostraram que grupos de pontos e listras horizontais de esculturas quase apagadas eram muito frequentes no exterior, e quase pudemos imaginar como seria o aspecto da cidade em épocas passadas — embora a maioria dos telhados e das torres houvesse perecido. O todo formava um complexo emaranhado de ruelas e becos; todos cânions profundos, que em alguns casos mal passavam de túneis devido à cantaria sobranceira e às pontes em arco que os encimavam. Espraiada abaixo de nós, a cidade assomou como uma fantasia onírica que tivesse por fundo a névoa do ocidente, através de cuja extremidade setentrional o baixo e rubro sol antártico do início da tarde esforçava-se por refulgir; e quando por um instante o sol encontrava uma obstrução mais densa e por breves instantes mergulhava o cenário em trevas, o efeito era o de uma sutil ameaça que não tenho a pretensão de conseguir representar. Até mesmo os discretos uivos e assovios do vento que não sentíamos nos grandes desfiladeiros montanhosos atrás de nós assumiram uma nota de malignidade ainda mais pungente. O último estágio da nossa descida até a cidade foi excepcionalmente íngreme e abrupto, e um afloramento rochoso no local onde

o declive se acentuava levou-nos a pensar que um terraço artificial outrora havia existido naquele ponto. Debaixo da geleira, acreditamos que devia haver um lance de escadas ou algo parecido.

Quando enfim mergulhamos na cidade labiríntica, cambaleando em meio à cantaria desabada e afastando-nos da proximidade opressiva e da altura vertiginosa das onipresentes paredes lascadas e prestes a ruir, nossas sensações mais uma vez acirraram-se a tal ponto que só posso admirar-me com a compostura que conseguimos manter. Danforth estava com os nervos à flor da pele e começou a especular de maneira um tanto insultuosa a respeito do horror no acampamento — uma atitude que ressenti ainda mais porque eu me via obrigado a concordar com certas conclusões que pareciam inevitáveis em face de muitas características inerentes à remanescência daquela antiguidade saída de um pesadelo. As especulações também afetaram o juízo do meu colega; pois a certa altura — no local onde uma ruela tomada por escombros fazia uma curva abrupta — insistiu que havia descoberto indícios de certas marcas no chão que em nada lhe agradavam; enquanto em outros pontos deteve-se a fim de escutar um discreto som imaginário vindo de um ponto indefinível — um assovio musical abafado, segundo disse, não muito diferente do som produzido pelo vento nas cavernas, mas por algum motivo inexplicável ainda mais perturbador. A incessante repetição das *cinco pontas* nas construções circunjacentes e nos poucos arabescos distinguíveis nas paredes parecia carregada de obscuras sugestões sinistras às quais não tínhamos como escapar; e instilavam-nos uma terrível certeza subconsciente relativa às entidades primevas que haviam construído e habitado aquele lugar profano.

Mesmo assim, nosso ímpeto científico e aventureiro não se deu por vencido; e seguimos mecanicamente o plano de coletar espécimes de todos os diferentes tipos de rocha presentes no trabalho em cantaria. Precisávamos de um conjunto abrangente a fim de tirar conclusões precisas em relação à idade do lugar. Nada nas muralhas externas dava a impressão de ser posterior ao Jurássico e ao Comancheano, e em todo o lugar não havia um único fragmento de rocha formada após o Plioceno. Tivemos a certeza absoluta de estar vagando em meio a uma morte que havia reinado por pelo menos 500 mil anos.

Avançávamos por aquele labirinto crepuscular ensombrecido pelas pedras parando a cada abertura para examinar os interiores e buscar possíveis rotas de ingresso. Algumas estavam além do nosso alcance, enquanto outras conduziam a ruínas invadidas pelo gelo tão destelhadas e inóspitas quanto a muralha na encosta. Uma delas, embora espaçosa e convidativa, parecia levar a um abismo sem fundo e sem nenhum meio visível de descida. De vez em quando tínhamos a chance de estudar a madeira petrificada de uma veneziana remanescente e ficávamos impressionados com a fabulosa antiguidade sugerida pela textura ainda

visível. Aquelas coisas remontavam a gimnospermas e coníferas do Mesozoico — em especial a cicadófitas do Cretáceo — e a palmeiras e angiospermas primitivas do período Terciário. Nada mais recente do que o Plioceno pôde ser encontrado. Quanto à disposição das venezianas — cujas extremidades sugeriam a antiga presença de estranhas dobradiças havia muito desaparecidas —, o uso parecia ter sido muito variado; algumas se localizavam no exterior e outras no interior das profundas seteiras. Pareciam estar incrustadas na rocha e assim ter sobrevivido à desintegração dos antigos suportes provavelmente metálicos.

Passado algum tempo chegamos a uma fileira de janelas — nas projeções de um descomunal cone de cinco protuberâncias com o ápice ainda intacto — que levava até um vasto e bem preservado recinto com assoalho em pedra; porém estavam a uma altura muito grande para que nos facultassem descer sem uma corda. Tínhamos um rolo conosco, mas não queríamos empreender uma descida de seis metros a não ser em caso de absoluta necessidade — em especial no ar rarefeito do platô, onde grandes exigências são feitas ao mecanismo do coração. O enorme recinto deveria ter sido uma espécie de salão, e nossas lanternas elétricas iluminaram esculturas marcantes, distintas e um tanto surpreendentes, dispostas nas paredes em amplas listras horizontais separadas por listras igualmente amplas de arabescos convencionais. Prestamos muita atenção ao lugar, planejando entrar por lá a não ser que encontrássemos outro acesso mais fácil ao interior.

Por fim, no entanto, encontramos a abertura que procurávamos; uma arcada com cerca de um metro e oitenta de largura por três de altura, marcando o fim da antiga ponte aérea que havia funcionado como via de acesso cerca de um metro e meio acima do nível da glaciação. As arcadas, é claro, eram repletas de andares superiores; e neste caso um dos andares encontrava-se preservado. A construção que adentramos consistia em uma série de terraços regulares à nossa esquerda, em direção ao ocidente. Do outro lado da ruela, onde abria-se uma outra arcada, havia um cilindro decrépito sem janelas e com um curioso volume cerca de três metros acima da abertura. O interior estava mergulhado na mais completa escuridão, e a arcada parecia dar para um poço de vazio incomensurável.

Pilhas de escombros facilitavam ainda mais o acesso à construção à esquerda, mas hesitamos por um instante antes de aproveitar a chance tão desejada. Embora houvéssemos transposto aquele emaranhado de mistério arcaico, um novo ímpeto seria necessário para conduzir-nos ao interior de uma construção que remontava a um fabuloso mundo ancestral cuja natureza revelava-nos cada vez mais facetas de horror. No fim, contudo, demos o salto necessário; e cambaleamos ao longo dos escombros para atravessar a seteira. O piso à nossa frente era feito com grandes placas de ardósia e parecia formar a saída de um longo e alto corredor com paredes esculpidas.

Após observar as várias arcadas internas que saíam do corredor e perceber a provável complexidade das galerias interiores, decidimos recorrer ao sistema da trilha de papel para o desbravamento do terreno. Até aquele momento as nossas bússolas, somadas a frequentes lances de olho em direção à vasta cordilheira entre as torres às nossas costas, haviam bastado para nos orientar; mas desse ponto em diante, um substituto artificial seria necessário. Assim, reduzimos o papel sobressalente a pedaços de tamanho razoável, pusemo-los em um saco a ser carregado por Danforth e nos preparamos para usá-los com a maior parcimônia que a cautela nos facultasse. O método provavelmente evitaria que nos perdêssemos, uma vez que não parecia haver vento encanado no interior da cantaria primordial. Caso algum vento soprasse, ou então nos víssemos privados de nosso estoque de papel, sem dúvida poderíamos recorrer ao método mais seguro, embora mais tedioso, de fazer marcas nas rochas.

Era impossível imaginar o tamanho do território que havíamos desbravado sem nos pormos à prova. A ligação estreita e frequente entre diferentes construções parecia sugerir que poderíamos atravessar de uma para outra em pontes localizadas abaixo do gelo a não ser nos pontos obstruídos por desabamentos locais e fraturas geológicas, pois apenas uma glaciação moderada parecia ter invadido as descomunais construções. Quase todas as áreas de gelo transparente haviam revelado janelas submersas completamente fechadas, como se a cidade tivesse se mantido nesse estado uniforme até que a camada glacial cristalizasse a parte inferior para todo o sempre. Na verdade, a impressão era de que o lugar havia sido fechado e abandonado de maneira deliberada em um éon obscuro e remoto, e não acometida de repente por uma calamidade súbita ou mesmo por um declínio gradual. Será que a chegada do gelo fora prevista e a população sem nome havia se retirado em massa em busca de uma morada que não estivesse fadada ao ocaso? As condições fisiográficas exatas relativas à formação do manto de gelo naquele ponto teriam de esperar uma solução mais tardia. Estava claro que não fora um evento súbito. Talvez a pressão de neves acumuladas houvesse desencadeado o processo; e talvez uma enchente do rio, ou o rompimento de um dique glacial antigo na grande cordilheira, tivesse ajudado a criar as singulares condições observáveis. A imaginação era capaz de fantasiar praticamente qualquer coisa em relação àquele lugar.

VI.

Seria muito dificultoso oferecer um relato detalhado e consecutivo de nossas andanças pelas galerias cavernosas de cantaria primeva entregues à morte através dos éons; por aquele monstruoso covil de segredos ancestrais que então ecoava,

pela primeira vez após épocas incontáveis, o som de passos humanos. A afirmação é particularmente verdadeira porque boa parte do drama e da revelação tinha origem em um simples exame dos onipresentes entalhes nas paredes. As fotografias que tiramos à luz das lanternas oferecem provas contundentes de tudo o que estamos revelando, e lastimo não termos levado mais filme conosco. Da maneira como aconteceu, fizemos esboços grosseiros de certas características relevantes depois que os filmes acabaram.

A construção em que havíamos entrado apresentava tamanho e complexidade enormes, e ofereceu-nos uma amostra impressionante da arquitetura daquele passado geológico inominado. As partições internas eram menos volumosas do que as paredes externas, mas encontravam-se em ótimo estado de conservação nos níveis mais baixos. Meandros labirínticos, envolvendo diferenças irregulares entre os diferentes níveis, eram uma característica de todo o conjunto; e sem dúvida acabaríamos perdidos logo no início se não fosse pela trilha de papel rasgado que deixamos para trás. Decidimos começar pelos andares superiores, mais decrépitos, e assim subimos pelo labirinto a uma distância de aproximadamente 30 metros até o ponto em que a mais alta fileira de aposentos abria-se em meio à neve e às ruínas para o céu polar. A subida deu-se por cima das íngremes rampas ou planos inclinados com frisos transversais que por toda parte faziam as vezes de escada. Todos aposentos que encontramos apresentavam formas e proporções inimagináveis — desde estrelas de cinco pontas até triângulos e cubos perfeitos. Seria razoável dizer que na média os aposentos mediam 9 x 9 metros e tinham 6 metros de altura, embora existissem alguns recintos muito maiores. Depois de proceder a um exame minucioso das regiões superiores e do nível glacial, fomos descendo de andar em andar rumo à parte submersa, onde logo percebemos estar em um labirinto constante de câmeras e passagens interligadas que provavelmente conduziam a áreas ilimitadas muito além daquele edifício em particular. O volume e o gigantismo ciclópico de todo o cenário ao redor aos poucos se tornaram opressivos; e havia uma vaga sugestão de algo profundamente inumano em todas as formas, dimensões, proporções, decorações e nuances arquitetônicas daquele blasfemo trabalho em cantaria arcaica. Logo percebemos, a partir do que os entalhes nos revelaram, que a monstruosa cidade tinha milhões de anos.

Ainda não sabemos explicar os princípios de engenharia usados para estabelecer o equilíbrio aberrante e o encaixe anômalo entre as enormes massas rochosas, mas está claro que o princípio do arco foi amplamente utilizado. Nos aposentos que visitamos não foi encontrado um único objeto móvel, circunstância esta que corroborou nossa suspeita de que a cidade tenha sido abandonada segundo algum plano. A principal característica decorativa era o sistema quase universal de escultura nas paredes; que em geral corria do chão até o teto em

listras horizontais contínuas de um metro de largura intercaladas com listras de largura idêntica ocupadas por arabescos geométricos. Havia exceções à regra, mas essa preponderância era marcante. Muitas vezes, contudo, surgia uma série de cartuchos lisos com estranhos grupos de pontos entalhados ao longo de uma das listras com arabescos.

A técnica, conforme percebemos, era madura, sofisticada e exibia o mais alto grau de refinamento estético, embora fosse absolutamente estranha a qualquer tradição artística conhecida na história da raça humana. Na delicadeza da execução, nenhuma escultura que eu tivesse visto seria páreo. Os mais ínfimos detalhes da vegetação elaborada e da vida animal estavam representados com uma vividez impressionante, apesar da imponente escala dos entalhes; e os desenhos mais convencionais eram legítimas maravilhas da execução rebuscada. Os arabescos evidenciavam o amplo uso de princípios matemáticos e consistiam de curvas de simetria obscura e ângulos inspirados pela noção de cinco. As listras pictóricas seguiam uma tradição altamente formalizada e envolviam um tratamento deveras singular da perspectiva; mas eram dotadas de um ímpeto artístico capaz de nos comover, apesar do abismo de vastos períodos geológicos que nos separava. O método dependia de uma singular justaposição da seção transversal com a silhueta bidimensional, e revelava uma psicologia analítica muito além de qualquer outra raça da antiguidade conhecida. Seria inútil tentar comparar essa arte com qualquer outra exposta em nossos museus. Os que virem as nossas fotografias provavelmente descobrirão os equivalentes mais próximos em certas concepções grotescas dos mais ousados futuristas.

O traçado dos arabescos consistia de linhas em baixo-relevo entalhadas a uma profundidade de 2,5 a 5 centímetros nas paredes. Quando encontrávamos cartuchos com grupos de pontos — sem dúvida inscrições em algum alfabeto desconhecido e primordial —, a depressão na superfície lisa era de cerca de quatro centímetros, e os pontos eram entalhados um centímetro mais fundo. As listras pictóricas eram em baixo-relevo e tinham o plano de fundo cerca de cinco centímetros mais fundo do que a superfície original da parede. Em alguns exemplares descobrimos vestígios de uma antiga coloração, ainda que éons incontáveis tivessem obliterado e banido para sempre os pigmentos outrora aplicados na maioria dos objetos. Quanto mais estudávamos a técnica maravilhosa, mais nos tomávamos de admiração por aquelas coisas. Por trás das estritas convenções, era possível captar a observação minuciosa e precisa e a habilidade técnica dos artistas; e, a bem da verdade, as próprias convenções simbolizavam e acentuavam a essência ou a diferenciação vital de cada objeto delineado. Também sentimos que afora essas obras-primas reconhecíveis havia outras espreitando além do alcance de nossas percepções. Certos toques esparsos faziam vagas sugestões de símbolos e estímulos latentes aos quais outra

conformação mental e emocional, somada a um aparato sensorial diferente ou mais completo, teria atribuído significados profundos e pungentes.

As esculturas sem dúvida retratavam a vida na época desaparecida em que foram criadas e representavam uma grande quantidade de acontecimentos históricos. Foi a aberrante mentalidade histórica da raça primitiva — uma circunstância fortuita que operou, por simples coincidência, como um verdadeiro milagre em nosso favor — que transformou os entalhes em itens tão esclarecedores e levou-nos a privilegiar a fotografia e a transcrição dos objetos em detrimento de quaisquer outras considerações. Em certos aposentos o arranjo predominante variava segundo a presença de mapas topográficos, mapas celestes e outros desenhos científicos em grande escala — o que corroborava de maneira ingênua e terrível tudo o que havíamos deduzido a partir dos frisos e lambris pictóricos. Ao insinuar a revelação feita pelo conjunto das nossas descobertas, só me resta esperar que o relato não desperte uma curiosidade maior do que a cautela e a sanidade naqueles que me derem crédito. Seria uma tragédia se outras pessoas fossem atraídas para aquele reino de morte e de horror pelo alerta que pretende desencorajá-las.

As esculturas nas paredes eram interrompidas por altas janelas e enormes passagens com três metros e meio de altura que, em alguns casos, haviam preservado as tábuas petrificadas — polidas e repletas de entalhes intrincados — das portas e venezianas. Todos os acessórios metálicos tinham desaparecido havia muito tempo, mas algumas das portas ainda estavam no lugar e precisaram ser forçadas para que nos deslocássemos de um recinto ao outro. Esquadrias com inusitadas vidraças transparentes — na maior parte elípticas — haviam sobrevivido em alguns pontos, embora em número pequeno. Também havia uns quantos nichos de grande magnitude, em geral vazios, mas por vezes contendo algum objeto bizarro de pedra-sabão verde que estava quebrado ou então fora considerado insignificante demais para justificar o transporte. Outras aberturas sem dúvida tinham alguma relação com as instalações mecânicas de outrora — aquecimento, iluminação e afins — sugeridas em inúmeros entalhes. Os tetos em geral eram lisos, mas por vezes apareciam decorados com pedra-sabão verde e outros azulejos em grande parte desabados. Alguns pisos também eram revestidos por azulejos similares, embora a pedra nua predominasse.

Conforme já tive ocasião de dizer, todos os móveis estavam ausentes; mas as esculturas davam uma noção clara dos estranhos dispositivos que outrora haviam enchido os ecoantes salões tumulares. Acima da camada de gelo a maioria dos pisos estava coberta de detritos, ruínas e escombros; porém mais para baixo a situação se amenizava. Em algumas das câmaras e passagens inferiores havia pouco além de grãos de poeira e incrustações antigas, enquanto certas áreas tinham o aspecto imaculado de um ambiente recém-varrido. Claro, nos pontos

onde havia rachaduras e desabamentos, os níveis inferiores estavam tão obstruídos quanto os superiores. Uma esplanada central — como em outras estruturas avistadas a partir do avião — impedia que a escuridão completa tomasse conta do lugar; de modo que raras vezes precisávamos recorrer às lanternas elétricas nos aposentos superiores a não ser para examinar os detalhes nas esculturas. Abaixo da calota polar, no entanto, a penumbra se adensava; e em muitas partes do meândrico piso térreo a escuridão era quase absoluta.

Para se ter uma ideia rudimentar dos nossos pensamentos e sensações quando adentramos o labirinto escavado em cantaria inumana entregue ao silêncio dos éons é necessário invocar um caos perturbador de disposições anímicas, memórias e impressões fugidias. A suprema antiguidade e a mortífera desolação do lugar seriam o bastante para assoberbar qualquer pessoa sensível, porém a esses fatores somavam-se o horror inexplicável no acampamento e as súbitas revelações feitas pelas terríveis esculturas que nos rodeavam. Quando nos deparamos com uma escultura intacta, na qual nenhuma ambiguidade interpretativa poderia subsistir, um breve exame bastou para revelar-nos a horrenda verdade — e seria ingênuo dizer que Danforth e eu não a havíamos concebido, por mais que tenhamos nos furtado a sequer insinuá-la um para o outro. Naquele instante acabaram-se as nossas misericordiosas dúvidas quanto à natureza dos seres que haviam construído e habitado a monstruosa cidade morta milhões de anos atrás, quando os ancestrais do homem ainda eram mamíferos primitivos e enormes dinossauros andavam pelas estepes tropicais da Europa e da Ásia.

Até esse ponto seguíamos aferrados a uma alternativa desesperada e insistíamos — cada um para si — que a onipresença daqueles motivos de cinco pontas simbolizava apenas uma exaltação cultural ou religiosa do objeto arqueano natural que havia corporificado a qualidade que representava; tal como os motivos de Creta exaltavam o touro sagrado, os do Egito o escaravelho, os de Roma o lobo e a águia e os de várias tribos selvagens a imagem de um animal totêmico. Porém, logo nos vimos privados até mesmo desse refúgio solitário, e assim fomos obrigados a encarar a enlouquecedora revelação que o leitor dessas páginas sem dúvida antecipou há muito tempo. Ainda hoje, mal consigo traçar as linhas no papel, mas talvez não seja necessário.

As coisas que construíram e habitaram aquele pavoroso templo de cantaria na época dos dinossauros não eram dinossauros, porém algo muito mais temível. Os dinossauros eram criaturas novas e relativamente descerebradas — mas os construtores da cidade eram sábios e antigos, e haviam deixado resquícios em rochas que mesmo na época já haviam sido assentadas cerca de um bilhão de anos atrás… rochas assentadas antes que a vida na Terra tivesse criado os mais simples grupos celulares… rochas assentadas antes que a vida na Terra existisse em

qualquer forma. Eram os próprios criadores e escravizadores dessa vida, e sem nenhuma sombra de dúvida a inspiração para os demoníacos mitos primordiais augurados em obras como os Manuscritos Pnakóticos e o *Necronomicon*. Eram os Grandes Anciões que haviam descido das estrelas quando a Terra ainda era jovem — os seres cuja substância uma evolução anômala havia moldado e cujos poderes nosso planeta jamais havia engendrado. E pensar que apenas um dia antes Danforth e eu tínhamos visto fragmentos daquela milenar substância fossilizada… e que o pobre Lake e toda a equipe tinham visto a forma completa das criaturas…

Com certeza seria impossível relatar em ordem todos os estágios pelos quais passamos enquanto descobríamos o que hoje sabemos sobre esse capítulo monstruoso da vida anterior à humanidade. Após o primeiro choque de revelação inelutável fomos obrigados a fazer uma parada a fim de nos restabelecer, e só começamos nossa exploração sistemática às três horas da tarde. As esculturas na construção em que entramos remontavam a um período mais recente — talvez dois milhões de anos atrás — conforme revelaram as características geológicas, biológicas e astronômicas; e constituíam uma arte que parecia decadente em comparação aos espécimes que descobrimos nas construções mais antigas depois de atravessar algumas pontes sob a camada de gelo. Um prédio escavado em rocha sólida parecia remontar a quarenta ou cinquenta milhões de anos atrás — ao baixo Eoceno ou ao Cretáceo — e continha baixos-relevos de qualidade artística insuperável se comparados a tudo que encontramos, salvo por uma assombrosa exceção. Concordamos que aquela era a estrutura doméstica mais antiga que havíamos atravessado.

Se não fosse o auxílio oferecido pelas lanternas, eu me furtaria a mencionar o que encontrei e o que inferi, por medo de ser taxado de louco. Claro, as partes infinitamente antigas da história contada pelo quebra-cabeça — representando a vida de seres pré-terrenos com cabeça em formato de estrela-do-mar em outros planetas, em outras galáxias e em outros universos — podem ser interpretadas como a mitologia fantástica desses próprios seres; no entanto, essas partes às vezes trazem desenhos e diagramas tão próximos às mais recentes descobertas da matemática e da astrofísica que mal sei o que pensar. Que outros me julguem quando virem as fotografias que pretendo divulgar.

Não havia um único conjunto de esculturas que contasse mais do que uma fração da história; tampouco encontramos os vários estágios históricos na ordem apropriada. Alguns dos enormes recintos abrigavam conjuntos escultóricos independentes, enquanto em outros casos uma crônica sequencial era contada ao longo de uma série de câmaras e corredores. Os melhores mapas e diagramas estavam localizados nas paredes de um pavoroso abismo que se estendia abaixo do substrato mais antigo — uma caverna com cerca 60 metros quadrados e

dezoito metros de altura que sem dúvida fora alguma espécie de centro educacional. Havia muitas repetições instigantes do mesmo material em cômodos e construções diferentes; uma vez que certos capítulos da experiência e certas fases históricas vividas pela raça sem dúvida haviam sido motivos caros a diferentes artistas ou habitantes. Às vezes, no entanto, diferentes versões do mesmo tema mostravam-se úteis para a compreensão de detalhes controversos e para o preenchimento de lacunas.

Ainda me espanto ao ver o quanto descobrimos no curto tempo ao nosso dispor. Claro, ainda hoje temos apenas uma ideia rudimentar do todo; e muitas conclusões vieram apenas mais tarde, a partir de um estudo das fotografias e dos esboços que fizemos. Talvez tenha sido esse estudo — as memórias revividas e as impressões vagas somadas à sensibilidade geral e ao suposto vislumbre de um horror derradeiro cuja essência recusa-se a revelar até mesmo para mim — a causa imediata do estado de colapso em que Danforth hoje se encontra. No entanto, tinha de ser assim; pois não podíamos divulgar nosso alerta de maneira inteligente sem informações completas, e a divulgação do alerta é uma necessidade premente. Certas influências duradouras naquele mundo antártico ignoto de tempo desordenado e estranhas leis naturais exigem que quaisquer avanços na exploração sejam desencorajados.

VII.

A história completa, até onde pudemos decifrá-la, em breve será publicada em um periódico oficial da Universidade do Miskatonic. Aqui, ofereço apenas um esboço desorganizado e confuso dos detalhes mais importantes. Mito ou não, as esculturas faziam referência à chegada daqueles seres espaciais com cabeça em forma de estrela-do-mar vindos do espaço cósmico a uma Terra jovem e ainda desabitada — e também à chegada de muitas outras entidades alienígenas que de tempos em tempos desbravam os confins do espaço. As criaturas pareciam capazes de atravessar o éter interestelar voando em enormes asas membranosas — uma estranha confirmação de histórias relativas ao folclore das colinas que ouvi há muito tempo de um colega antiquário. Viveram por um longo período no fundo do mar, construindo cidades fantásticas e travando batalhas terríveis contra adversários inominados graças a dispositivos complexos que empregavam princípios de energia desconhecidos. Sem dúvida o desenvolvimento científico e mecânico das criaturas ultrapassava o conhecimento da humanidade de hoje, embora utilizassem saberes mais amplos e elaborados apenas quando necessário. Algumas das esculturas sugeriam que houvessem passado por um estágio de vida mecanizada em outros planetas, porém desistido ao perceber que os resultados

eram emocionalmente insatisfatórios. A rigidez quase sobrenatural da organização e a singeleza das necessidades naturais tornavam as criaturas particularmente aptas a viver em grandes altitudes sem os frutos mais especializados da indústria artificial sem precisar sequer de roupas, a não ser pela ocasional proteção contra os elementos.

Foi no fundo do mar, a princípio no intuito de obter alimento e mais tarde para outros fins, que primeiro criaram a vida na Terra — usando as substâncias disponíveis de acordo com métodos conhecidos havia muito tempo. Os experimentos mais elaborados vieram depois da aniquilação de vários inimigos cósmicos. Haviam feito a mesma coisa em outros planetas; e criaram não apenas os alimentos necessários, mas também certos aglomerados protoplásmicos multicelulares capazes de moldar os tecidos em toda sorte de órgãos temporários quando sujeitos à sugestão hipnótica — escravos ideais para desempenhar o trabalho pesado na comunidade. Esses aglomerados viscosos eram sem dúvida o que Abdul Alhazred chamava aos sussurros de “shoggoths” no terrível *Necronomicon*, embora sequer o árabe louco tenha insinuado que tais criaturas existissem na Terra, a não ser nos sonhos dos que mascassem uma certa erva alcaloide. Após sintetizar as formas mais simples de alimento e criar um bom estoque de shoggoths, os Anciões com cabeça de estrela permitiram que outros grupos celulares evoluíssem para formar as mais variadas formas de vida animal e vegetal; porém sempre extirpando quaisquer presenças indesejáveis.

Com a ajuda dos shoggoths, cujas expansões eram capazes de erguer pesos prodigiosos, as pequenas e baixas cidades submarinas transformaram-se em vastos e imponentes labirintos de pedra que mais tarde ergueram-se até a superfície. Na verdade, os Anciões já tinham habitado a terra em outras partes do universo, e provavelmente mantinham inúmeras tradições de construção em solo firme. Enquanto estudávamos a arquitetura de todas as cidades paleogênicas esculpidas em pedra, incluindo aquela cujos longos corredores entregues à morte através dos éons nós galgávamos, percebemos uma estranha coincidência que ainda não tentamos explicar sequer para nós mesmos. As partes mais altas das construções, que na cidade ao redor sem dúvida haviam sido arruinadas pelas intempéries havia muito tempo, apareciam em contornos marcantes nos baixos-relevos; e exibiam vastos agrupamentos de coruchéus aciculados, frágeis remates nos ápices de cones e pirâmides e fileiras de finos discos horizontais protuberantes a encimar cilindros. Foi exatamente o que vimos na monstruosa e agourenta miragem, projetada por uma cidade morta cujo panorama estivera ausente por dezenas e centenas de milhares de anos, que surgiu ante o nosso olhar incrédulo do outro lado das inexploradas montanhas da loucura quando nos aproximamos pela primeira vez do malfadado acampamento de Lake.

Quanto à vida dos Anciões, tanto no fundo do mar como após a migração para a terra, inúmeros tomos podiam ser escritos. Os que habitavam águas rasas continuaram a fazer amplo uso dos olhos na extremidade dos cinco tentáculos cefálicos principais e a praticar a arte da escultura e da escrita como de costume — sendo a escrita executada com um estilete em superfícies de cera à prova d'água. Os que habitavam as profundezas oceânicas, embora usassem um curioso organismo fosforescente para obter luz, suplementavam a visão com sentidos especiais que operavam graças aos cílios prismáticos que tinham na cabeça — sentidos que conferiam aos Anciões uma independência parcial da luz em caso de emergência. As formas da escultura e da escrita sofreram singulares mudanças ao longo da descida, incorporando o que pareciam ser processos de revestimento químico — provavelmente destinados a fixar a fosforescência — que os baixos-relevos não puderam esclarecer. As criaturas moviam-se no mar em parte nadando — com os braços laterais crinoides — e em parte agitando o grupo de tentáculos inferiores, onde estavam localizados os pseudópodos. Por vezes davam longos saltos com o uso concomitante de dois ou mais pares das asas membranosas. No solo firme em geral valiam-se dos pseudópodos, mas de vez em quando subiam a grandes alturas e percorriam longas distâncias voando. Os inúmeros tentáculos delgados em que os braços crinoides dividiam-se eram delicados, flexíveis, robustos e dotados de coordenação neuromuscular precisa, o que garantia habilidade e destreza absolutas em todas as operações artísticas e manuais.

A resistência daquelas coisas era quase inacreditável. Mesmo as pressões terríveis dos mais profundos abismos oceânicos pareciam incapazes de machucá-los. Poucos espécimes pareciam morrer a não ser como resultado de violência, e os cemitérios eram um tanto limitados. Descobrir que as criaturas enterravam os mortos na vertical e cobriam-nos com montes de cinco pontas despertou pensamentos que exigiram uma pausa e um tempo para que Danforth e eu nos recompuséssemos após a revelação feita pelas esculturas. As criaturas multiplicavam-se por esporulação — como as pteridófitas, segundo Lake havia imaginado —, porém, em virtude da resistência e da longevidade prodigiosas, e da consequente ausência de necessidade, não estimulavam o desenvolvimento de novos protalos em grande escala, salvo quando tinham novas regiões a colonizar. Os indivíduos jovens atingiam a maturidade em pouco tempo e recebiam uma educação muito além de tudo o que podemos imaginar. A vida intelectual e estética das criaturas apresentava um altíssimo grau de desenvolvimento e produziu um sólido conjunto de costumes e instituições que pretendo descrever em detalhe na minha monografia. Estes variavam de acordo com o *habitat* terrestre ou marinho, mas compartilhavam os mesmos fundamentos e a mesma essência.

Embora fossem, como os vegetais, capazes de extrair nutrientes de substâncias inorgânicas, as criaturas preferiam alimentos orgânicos e particularmente os de origem animal. Consumiam exemplares da vida marinha no mar, porém em terra cozinhavam as iguarias. Caçavam e criavam animais — e abatiam-nos com armas afiadas que deixaram estranhas marcas em certos ossos fósseis encontrados pela nossa expedição. Resistiam muito bem a todas as temperaturas normais; e em estado natural podiam viver na água até o ponto de congelamento. Durante a grande glaciação do Pleistoceno, no entanto — ocorrida quase um milhão de anos atrás —, os habitantes em terra precisaram recorrer a medidas extraordinárias, como por exemplo o aquecimento artificial; mas por fim o frio letal parece tê-los obrigado a voltar para o mar. Segundo a lenda, durante os voos pré-históricos através do espaço cósmico as criaturas tinham absorvido substâncias químicas que as haviam tornado quase independentes de comida, ar e condições climáticas apropriadas; porém na época da grande glaciação o método fora esquecido. De qualquer forma, não poderiam manter-se nesse estado artificial por muito tempo sem sofrer as consequências.

Como apresentassem estrutura semivegetal e portanto não acasalassem, os Anciões não tinham as bases biológicas necessárias ao estágio familiar da vida mamífera; mas parecem ter organizado grandes moradias baseadas no princípio da ocupação confortável do espaço e — segundo deduzimos a partir das ocupações e co-habitantes representados nas esculturas — da associação mental por afinidade. Concentravam a mobília no centro dos enormes salões, deixando todas as paredes livres para o tratamento decorativo. A iluminação, no caso dos habitantes terrestres, era obtida através de um dispositivo que apresentava prováveis características eletroquímicas. Na terra e no mar, usavam curiosas mesas, cadeiras e sofás de estrutura cilíndrica — pois repousavam e dormiam em pé, com os tentáculos abaixados —, e também suportes para os conjuntos articulados de superfícies pontilhadas que formavam seus livros.

O sistema de governo era sem dúvida complexo e provavelmente socialista, embora as esculturas não ofereçam nenhuma certeza a esse respeito. Havia um amplo comércio local e entre diferentes cidades; objetos de cinco pontas, achatados e repletos de inscrições funcionavam como dinheiro. Provavelmente as menores dentre as várias pedras-sabão encontradas por nós fossem unidades dessa moeda. Embora a cultura fosse em grande parte urbana, havia uma agricultura limitada e uma pecuária bem desenvolvida. A mineração e a uma atividade industrial limitada também eram praticadas. As viagens eram comuns, mas a migração permanente era bastante rara a não ser pelos grandes movimentos de expansão da raça. Para a locomoção individual nenhum meio externo era necessário, uma vez que os Anciões pareciam capazes de alcançar enormes velocidades em terra, no ar e na água. Objetos, no entanto, eram transportados por

animais de carga — shoggoths nas profundezas do mar e uma curiosa variedade de vertebrados primitivos no período mais tardio de existência terrena.

Esses vertebrados, bem como uma infinitude de outras formas de vida — animais e vegetais, marítimas, terrestres e aéreas — eram produto de uma evolução desgovernada que agia sobre as células vitais produzidas pelos Anciões, porém escapavam ao raio de atenção das criaturas. Assim, desenvolveram-se sem nenhum empecilho, pois não entraram em contato com os seres dominantes. As formas de vida inconvenientes eram sistematicamente exterminadas. Achamos curioso encontrar, em algumas das últimas e mais decadentes esculturas, a figura de um cambaleante mamífero primitivo, usado em terra ora como alimento, ora como um divertido bufão dotado de inconfundíveis rasgos símios e humanos. Durante a construção das cidades em terra, as enormes pedras das torres mais altas em geral eram içadas por pterodáctilos de grande envergadura, pertencentes a uma espécie até então desconhecida pela paleontologia.

A persistência com que os Anciões sobreviveram a várias mudanças geológicas e a inúmeras convulsões da crosta terrestre era quase milagrosa. Embora poucas ou nenhuma das primeiras cidades pareçam ter sobrevivido ao período Arqueano, não houve interrupção alguma na civilização ou na transmissão de registros históricos. O lugar de chegada à Terra foi o Oceano Antártico, e pelo que tudo indica as criaturas chegaram pouco depois que a matéria formadora da lua foi arrancada do Pacífico Sul. De acordo com os mapas esculpidos, todo o globo estava debaixo d’água, com cidades de pedra espalhadas cada vez mais longe do Antártico à medida que os éons passavam. Outro mapa exibia uma vasta extensão de terra seca ao redor do Polo Sul, onde é evidente que algumas das criaturas estabeleceram colônias experimentais, ainda que os centros urbanos tenham sido transferidos para as profundezas oceânicas mais próximas. Mapas mais tardios, que mostram a rachadura e a movimentação desta massa terrestre, bem como o arrasto de certas partes outras em direção ao norte, corroboram de maneira exemplar as teorias da deriva continental recentemente propostas por Taylor, Wegener e Joly.

O surgimento de novas terras no Pacífico Sul trouxe novos acontecimentos de grande magnitude. Algumas das cidades marinhas foram irremediavelmente destruídas, mas esta não foi a pior desventura. Uma outra raça — uma raça terrena de criaturas com corpos em forma de polvo e provavelmente correspondente à fabulosa prole ancestral de Cthulhu — logo desceu a partir da infinitude cósmica e precipitou uma guerra monstruosa que por algum tempo levou os Anciões de volta ao mar — um golpe devastador em vista das colônias cada vez mais numerosas. Mais tarde a paz foi estabelecida, e as novas terras foram dadas à prole de Cthulhu enquanto os Anciões ficaram com o mar e as terras mais antigas. Novas cidades terrestres foram estabelecidas — a maior delas

no Antártico, pois a região da chegada à Terra era sagrada. A partir de então, o Antártico tornou a ser o centro da civilização dos Anciões, e todas as cidades construídas lá pela prole de Cthulhu foram arrasadas. De repente as terras do Pacífico afundaram mais uma vez, levando junto a temível cidade de pedra de R'lyeh e todos os polvos cósmicos; e mais uma vez os Anciões reinaram supremos sobre a Terra, a não ser por um temor obscuro sobre o qual evitavam falar. Em uma época mais tardia as cidades pontilhavam todas as áreas terrestres e aquáticas do globo — daí a minha sugestão, na monografia a ser publicada em breve, para que os arqueólogos façam perfurações sistemáticas com o aparato desenvolvido por Pabodie em certas regiões muito afastadas.

A tendência dominante ao longo do tempo foi da água para a terra; um movimento encorajado pelo surgimento de novas massas terrestres, embora o oceano jamais tenha sido abandonado de todo. Outra razão para o movimento rumo à terra foi a dificuldade em criar e controlar os shoggoths dos quais toda a vida marinha dependia. Com o passar do tempo, conforme as esculturas confessavam cheias de tristeza, a arte de criar vida a partir da matéria inorgânica foi esquecida; e então os Anciões precisaram recorrer à moldagem das formas já existentes. Em terra, os grandes répteis mostraram-se muito adaptados; mas os shoggoths do mar, que se reproduziam por fissão e haviam adquirido um perigoso grau de inteligência, passaram a representar um problema formidável.

Os shoggoths sempre haviam sido controlados pelas sugestões hipnóticas dos Anciões, e assim modelavam a resistente plasticidade de seus corpos em diversos órgãos e membros temporários; mas a partir desse ponto começaram a exercer os poderes de modelagem corpórea de forma independente, adotando várias formas imitativas sugeridas por hipnoses passadas. Ao que tudo indica, as criaturas desenvolveram um cérebro bastante estável cujos impulsos independentes e por vezes obstinados ecoavam a vontade dos Anciões sem necessariamente a obedecer. As imagens esculpidas desses shoggoths instilaram horror e repulsa em Danforth e em mim. Em geral apareciam como entidades amorfas compostas por uma substância verde e gelatinosa que parecia um aglutinado de bolhas; e tinham em média cinco metros de diâmetro quando em formato de esfera. A verdade, no entanto, é que apresentavam forma e volume em constante mutação; estendiam apêndices e formavam órgãos temporários de visão, audição e fala como os de seus criadores, de maneira espontânea ou como resultado de sugestão hipnótica.

Os shoggoths parecem ter ficado intratáveis por volta do período Permiano, cerca de 150 milhões de anos atrás, quando uma verdadeira guerra foi deflagrada pelos Anciões marinhos no intuito de subjugá-los mais uma vez. Os retratos da guerra e das decapitações levadas a cabo pelo shoggoths, que em geral também deixavam a vítima envolvida em uma viscosa substância verde, eram imbuídos de

uma qualidade temível, não obstante o abismo de eras incontáveis que nos separava. Os Anciões brandiram curiosas armas de perturbação molecular contra as entidades rebeldes, e no fim obtiveram uma vitória completa. Desse ponto em diante as esculturas mostravam o período em que os shoggoths foram domesticados e treinados por Anciões que brandiam armas tal como os cavalos selvagens do oeste americano foram domesticados pelos caubóis. Embora durante a rebelião os shoggoths tenham se mostrado capazes de viver fora d'água, a transição não foi incentivada; pois a utilidade das criaturas em terra seria pouco compatível com o trabalho de controlá-las.

Durante o período Jurássico os Anciões defrontaram-se com novos invasores vindos do espaço sideral — desta vez seres meio fungoides e meio crustáceos oriundos de um planeta identificável como o remoto e recém-descoberto Plutão; seres com certeza idênticos àqueles que figuram em certas lendas contadas aos sussurros no norte e conhecidos no Himalaia como Mi-Go, ou Abomináveis Homens das Neves. A fim de combater essas criaturas os Anciões tentaram, pela primeira vez desde a chegada à Terra, aventurar-se mais uma vez no éter planetário; mas a despeito de todas as preparações tradicionais, descobriram-se incapazes de abandonar a atmosfera terrestre. Qualquer que tenha sido o segredo das viagens interestelares, estava perdido para a raça das criaturas. No fim os Mi-Go expulsaram os Anciões de todas as terras ao norte, embora não dispusessem de meios para investir contra o fundo do mar. Aos poucos começou o lento recuo da raça ancestral em direção ao *habitat* antártico originário.

Era curioso perceber nas batalhas representadas que tanto a prole de Cthulhu como os Mi-Go pareciam ser compostos de matéria ainda mais estranha a tudo o que conhecemos do que a substância dos Anciões. As criaturas eram capazes de sofrer transformações e reintegrações impossíveis aos adversários, e portanto davam a impressão de ter saído de abismos ainda mais remotos do espaço sideral. Os Anciões, a não ser pela anormal resistência e pelas características vitais peculiares, eram seres estritamente materiais, e devem ter se originado no *continuum* do espaço-tempo; enquanto as fontes primordiais das outras criaturas só podem ser imaginadas com a respiração suspensa. Tudo isso, claro, se aceitarmos que as anomalias e ligações extraterrenas atribuídas aos inimigos invasores não sejam pura mitologia. Talvez os Anciões tenham criado uma estrutura cósmica a fim de justificar as eventuais derrotas sofridas, uma vez que o orgulho e o interesse histórico sem dúvida formavam o elemento mais importante no aparato psicológico da raça. É interessante notar que os anais deixados pelas criaturas silenciem a respeito de muitas raças potentes e desenvolvidas de seres cujas culturas e cidades sobranceiras são mencionadas de maneira persistente em certas lendas obscuras.

As mudanças sofridas pela Terra ao longo dos vários períodos geológicos figuravam com impressionante vividez em muitos dos mapas e cenas entalhados em pedra. Em certos casos a ciência atual precisará ser revista, enquanto em outros certas deduções ousadas recebem uma confirmação magnífica. Como eu disse, a hipótese de Taylor, Wegener e Joly segundo a qual todos os continentes são fragmentos de uma massa terrestre antártica original que se rachou em virtude da força centrífuga e deslizou sobre uma superfície tecnicamente viscosa no interior da terra — uma hipótese sugerida por evidências como os contornos complementares da África e da América do Sul e a maneira como as grandes cordilheiras se erguem — recebe uma notável confirmação dessa fonte singular.

Mapas que sem dúvida mostravam o mundo carbonífero de cem milhões de anos atrás exibiam falhas significantes e abismos que mais tarde haveriam de separar a África dos reinos outrora contínuos da Europa (na época a Valúsia da infernal lenda primeva), da Ásia, das Américas e do continente antártico. Outras representações — sendo a mais importante uma relacionada à fundação, ocorrida cinquenta milhões de anos atrás, da vasta cidade morta que nos rodeava — exibiam os contornos de todos os continentes atuais. No mais recente espécime — que remontava talvez ao Plioceno —, um mundo próximo ao de hoje aparecia claramente delineado, apesar da ligação do Alasca com a Sibéria, da América do Norte com a Europa através da Groenlândia e da América do Sul com o continente antártico através da Terra de Graham. No mapa carbonífero, todo o globo — tanto o fundo dos oceanos como as massas terrestres fendidas — trazia símbolos das vastas cidades de pedra erguidas pelos Anciões, porém nos mapas mais recentes o retorno gradual em direção ao Mar Antártico era muito claro. O espécime plioceno não mostrava nenhuma cidade em terra a não ser no continente antártico e no extremo da América do Sul, tampouco quaisquer cidades oceânicas ao norte do paralelo cinquenta de latitude sul. O conhecimento e o interesse relacionados ao mundo setentrional, a não ser por um estudo dos litorais feito provavelmente durante longos voos executados graças às asas membranosas que se abriam como leques, haviam se reduzido a zero entre os Anciões.

A destruição das cidades pelo surgimento das montanhas, a separação centrífuga dos continentes, as convulsões sísmicas das profundezas oceânicas e outras causas naturais eram assunto de inúmeros registros; e era curioso observar que o número de substitutos decrescia à medida que as eras passavam. A vasta megalópole defunta que se estendia ao nosso redor parecia ter sido o último grande centro da raça; um lugar construído no início do Cretáceo depois que um terremoto de proporções titânicas obliterou uma predecessora ainda mais vasta e não muito distante. Aquela região parecia ser o ponto mais sagrado de todos, o local onde os primeiros Anciões haviam se fixado no fundo de um mar primordial. A nova cidade — cujas várias características reconhecíamos nas

esculturas, ainda que se estendesse em todas as direções por mais de cento e cinquenta quilômetros ao longo da cordilheira e além de todos os limites do nosso reconhecimento aéreo — parecia abrigar certas pedras sagradas usadas na construção da primeira cidade submarina que, mais tarde, foram impelidas em direção à luz da superfície após longas épocas passadas em meio ao colapso geral do substrato.

VIII.

Naturalmente, Danforth e eu estudamos com vivo interesse e uma sensação muito pessoal de espanto tudo o que dizia respeito às circunjacências imediatas do distrito onde nos encontrávamos. O material, é claro, apresentava-se em grande abundância; e no emaranhado nível térreo da cidade tivemos a sorte de encontrar uma casa de uma época muito tardia cujas paredes, embora um pouco danificadas por uma rachadura próxima, continham esculturas decadentes que narravam a história da região para muito além do período representado no mapa do Plioceno que forneceu o nosso último vislumbre do mundo anterior à humanidade. Foi este o último lugar examinado em detalhe, pois sentimos que nos havia dado um novo objetivo imediato.

Com certeza estávamos em um dos mais estranhos, mais inexplicáveis e mais terríveis confins do globo terrestre. Dentre todos os países existentes, aquele era infinitamente o mais antigo; e nos vimos tomados pela convicção de que o pavoroso terreno elevado devia efetivamente ser o fabuloso platô de Leng, que até mesmo o ensandecido autor do *Necronomicon* relutou em discutir. A enorme cordilheira era incrivelmente longa — começava como uma pequena serra na altura da Terra de Luitpold, na costa do Mar de Weddell, e atravessava quase todo o continente. A parte mais alta estendia-se em um imponente arco a partir da latitude 82º, longitude 60º leste até a latitude 70º, longitude 115º leste, com o lado côncavo voltado para o nosso acampamento e o lado convexo situado na região do extenso litoral congelado visto por Wilkes e Mawson no Círculo Antártico.

Porém, até os mais monstruosos exageros da natureza davam a impressão de uma inquietante proximidade. Eu já disse que esses picos são mais altos até do que o Himalaia, porém as esculturas impedem-me de afirmar que sejam os mais altos na face da Terra. Essa honra sinistra permanece reservada a algo que metade das esculturas hesitava em representar, enquanto a outra metade fazia insinuações repletas de evidente repulsa e trepidação. Parece ter havido uma parte das antigas terras — a primeira parte a erguer-se das águas depois que a Lua se desprendeu da Terra e os Anciões desceram das estrelas — que passou a ser evitada por conta de associações obscuras a um mal inefável. As cidades construídas por lá ruíram

antes da hora e acabaram desertas. Então, quando o primeiro grande terremoto fez a região estremecer durante o período Comancheano, uma pavorosa fileira de picos ergueu-se de repente em meio aos mais terríveis rumores e ao caos — e assim surgiram as mais elevadas e mais terríveis montanhas da Terra.

Se a escala das esculturas estivesse correta, essas coisas abomináveis devem ter ultrapassado em muito os 12 mil metros de altura — espantosamente maiores até mesmo do que as pavorosas montanhas da loucura que havíamos atravessado. Pareciam estender-se desde a latitude 77º, longitude 70º leste, até a latitude 70º, longitude 100º leste — menos de 500 quilômetros de distância da cidade morta, de maneira que poderíamos ter vislumbrado os temíveis picos no ocidente longínquo se não fosse pela tênue névoa opalescente. O extremo setentrional também deve ser visível a partir do extenso litoral do Círculo Antártico na Terra da Rainha Mary.

Alguns dos Anciões, na época da decadência, haviam feito estranhas preces para as montanhas; mas nenhuma criatura jamais se aproximou delas ou atreveu-se a descobrir o que havia do outro lado. Nenhum olhar humano as tinha fixado, e ao analisar as emoções suscitadas pelos entalhes rezei para que ninguém jamais as visse. Existem colinas protetoras ao longo do litoral mais além — a Terra da Rainha Mary e a Terra do Kaiser Wilhelm — e agradeço aos céus por ninguém ter obtido sucesso na escalada. Não sou mais tão cético quanto eu costumava ser em relação a velhas histórias e velhos temores, e não rio mais dos artistas primordiais que às vezes acreditavam ver relâmpagos prenhes de significado deterem-se em cada um dos cumes sobranceiros e um brilho inexplicável que irradiava dos terríveis pináculos durante toda a longa noite polar. Pode haver um significado deveras real e deveras monstruoso nos antigos sussurros pnakóticos a respeito de Kadath na Desolação Gelada.

Mas o terreno imediato não era menos estranho, ainda que não sofresse com maldições inefáveis. Logo após a fundação da cidade, a grande cordilheira tornou-se o centro dos principais templos, e muitos entalhes mostravam as grotescas e fantásticas torres que haviam furado o céu onde então víamos apenas muralhas e cubos agarrados à rocha. Ao longo das eras as cavernas apareceram e foram transformadas em anexos dos templos. Com a chegada de épocas ainda mais recentes, todos os veios de calcário na região foram erodidos pelas águas subterrâneas, e assim as montanhas, os sopés e as planícies transformaram-se em uma verdadeira rede de cavernas e galerias interligadas. Muitas esculturas gráficas retratavam as explorações nas profundezas da terra e a descoberta final do soturno mar estígio que se ocultava nas entranhas da Terra.

O enorme pélago noctífero fora sem dúvida alguma escavado pelo grande rio que corria desde as horríveis montanhas sem nome a oeste, que em outras épocas fazia uma curva na base da serra dos Anciões e corria ao lado da cordilheira até

desaguar no Oceano Índico, entre a Terra de Budd e a Terra de Totten no litoral de Wilkes. Com o passar do tempo, a água erodiu a base calcária da montanha no ponto onde o rio fazia a curva até que as insidiosas correntes se juntassem às águas subterrâneas para escavar um abismo ainda mais profundo. Por fim, o enorme volume de água desembocou nas colinas ocas e deixou seco o leito que outrora corria em direção ao oceano. Grande parte da cidade mais tardia que encontramos fora construída em cima do antigo leito. Os Anciões, cientes do que havia ocorrido e sempre dispostos a dar vazão ao senso artístico, haviam transformado em colunatas esculpidas os promontórios nos sopés onde o grande fluxo começava a descida rumo às trevas eternas.

O rio, em outras épocas atravessado por opulentas pontes de pedra, era claramente aquele cujo antigo curso tínhamos avistado durante o voo de reconhecimento. A posição do rio nos diferentes entalhes da cidade possibilitou que nos orientássemos em relação à cena tal como havia sido em vários estágios da história milenar e entregue à morte através dos éons que dizia respeito ao local; e assim pudemos esboçar um mapa feito às pressas mas bastante detalhado das principais características — esplanadas, construções importantes e similares — para servir de guia às futuras expedições. Não tardou para que nos sentíssemos capazes de reconstruir, em nossa fantasia, toda a glória da cidade a um ou dez ou cinquenta milhões de anos atrás, pois as esculturas mostravam-nos exatamente qual era o aspecto das construções e montanhas e esplanadas e subúrbios e paisagens, bem como o da exuberante vegetação terciária. O lugar deve ter ostentado uma beleza maravilhosa e mística, e enquanto pensava a respeito eu quase esqueci do suor frio causado pelo sentimento de opressão sinistra com que a antiguidade inumana e a magnitude e a morte e o crepúsculo glacial da cidade haviam sufocado e oprimido o meu espírito. No entanto, de acordo com certas esculturas os habitantes da cidade haviam se defrontado com o jugo de um terror opressivo; pois havia um gênero de cena sombria e recorrente em que os Anciões eram representados encolhidos de pavor diante de algum objeto — jamais retratado nos murais — localizado no grande rio e impelido pelas águas através de ondulantes florestas de cicadófitas rematadas por trepadeiras desde as terríveis montanhas a ocidente.

Foi apenas na casa mais tardia com os entalhes decadentes que obtivemos o prenúncio relativo ao desastre final que precipitou o abandono da cidade. Sem dúvida deve ter havido muitas esculturas da mesma antiguidade em outro lugar, apesar das energias e aspirações minguantes em um período de inquietude e incerteza; a bem dizer, descobrimos evidências muito convincentes da existência de outras logo a seguir. Mesmo assim, este foi o primeiro e único conjunto com o qual tivemos contato. Pretendíamos continuar a exploração mais tarde; pois, como eu disse, as circunstâncias ditavam outro curso de ação imediata. Mesmo

assim, haveria um limite — pois quando toda a esperança de uma longa ocupação futura mostrou-se frustrada, os Anciões não poderiam ter feito outra coisa senão abandonar de vez os adornos escultóricos. O golpe de misericórdia, é claro, foi a chegada da glaciação que outrora enfeitiçou a maior parte da terra e que jamais abandonou os malfadados polos — a glaciação que, no outro extremo do mundo, pôs fim às terras fabulosas de Lomar e da Hiperbórea.

Seria difícil determinar com precisão quando essa tendência começou na Antártida. Hoje se acredita que os períodos glaciais tenham começado a cerca de 500 mil anos do presente, mas nos polos esse flagelo terrível deve ter começado muito antes. Todas as estimativas qualitativas são ao menos em parte resultado de adivinhações; porém é muito provável que as esculturas decadentes tenham sido feitas há menos de um milhão de anos e que o efetivo abandono da cidade estivesse completo muito antes do início do Pleistoceno — 500 mil anos atrás — conforme os cálculos feitos em relação à superfície total da Terra.

Nas esculturas decadentes havia sinais de vegetação mais escassa por toda a parte, e também de uma vida rural menos intensa da parte dos Anciões. As casas apareciam equipadas com aquecedores, e os viajantes de inverno agasalhavam-se com tecidos protetores. Então descobrimos uma série de cartuchos (estando os grupos contínuos muitas vezes interrompidos nessas esculturas mais tardias) que retratavam a constante migração rumo aos mais próximos refúgios de calor — enquanto uns fugiam para as cidades submarinas saídos da orla longínqua, outros arrastavam-se em meio à rede de galerias calcárias nas colinas ocas em direção ao abismo negro de águas subterrâneas.

No fim, o abismo próximo aparentava ter recebido a maior parte da colonização. Parte do motivo, sem dúvida, foi a sacralidade histórica da região; porém outros fatores determinantes devem ter sido a oportunidade de seguir usando os grandes templos nas montanhas perpassadas por galerias subterrâneas e de manter a enorme cidade terrestre como residência de verão e base de acesso a diversas minas. A ligação entre as antigas e as novas moradas tornou-se ainda mais eficaz graças à implementação de vários desníveis e outras melhorias ao longo das rotas comunicantes, que incluíam a abertura de numerosos túneis entre a metrópole ancestral e o abismo negro — túneis com um declive acentuado cujas bocas desenhamos com o maior cuidado, segundo as nossas mais ponderadas estimativas, no mapa que estávamos preparando. Era evidente que pelo menos dois túneis localizavam-se a uma distância razoável do ponto onde nos encontrávamos; pois ambos ficavam no extremo montanhoso da cidade, um a menos de quinhentos metros do antigo leito do rio e o outro talvez a duas vezes essa distância na direção contrária.

O abismo, ao que tudo indicava, tinha projeções de terreno seco em certos pontos; mas os Anciões construíram a nova cidade debaixo d’água — sem dúvida

movidos pela certeza de um calor mais uniforme. A profundidade do mar oculto aparenta ter sido enorme, pois assim o calor interno da Terra poderia garantir a habitação por um período indefinido. As criaturas não parecem ter enfrentado dificuldades para adaptar-se em caráter temporário — e por fim em caráter permanente — à vida submarina; afinal, jamais haviam permitido que as guelras atrofiassem. Muitas esculturas mostravam que sempre haviam feito visitas frequentes aos parentes submarinos em toda parte e também que tinham o hábito de banhar-se nas profundezas do grande rio. A escuridão nas profundezas da Terra tampouco seria obstáculo para uma raça acostumada às longas noites antárticas.

Por mais decadente que fosse o estilo, as esculturas tardias adquiriam uma qualidade verdadeiramente épica ao retratar a construção da nova cidade nas cavernas subaquáticas. Os Anciões adotaram métodos científicos; extraíram rochas insolúveis do coração das montanhas perpassadas por galerias subterrâneas e empregaram trabalhadores experientes da cidade submarina mais próxima para executar a construção segundo os melhores procedimentos conhecidos. Os trabalhadores levaram consigo tudo o que era necessário para cuidar da nova empresa — tecidos de shoggoth a fim de criar carregadores de pedra e outros animais de carga para a cidade nas cavernas e outras matérias protoplásmicas a serem transformadas em organismos fosforescentes a fim de prover iluminação.

Enfim uma poderosa metrópole ergueu-se no fundo do mar estígio; a arquitetura em muito lembrava a da cidade em terra, e a execução do trabalho evidenciava pouca decadência em virtude do elemento matemático preciso inerente às operações arquitetônicas. Os shoggoths recém-criados atingiram um tamanho enorme e desenvolveram uma inteligência bastante singular, e apareciam recebendo e executando ordens com uma rapidez fabulosa. Pareciam conversar com os Anciões imitando-lhes a voz — uma espécie de assovio musical com notas em várias frequências, se a dissecação efetuada pelo pobre Lake estava correta — e receber mais ordens faladas do que sugestões hipnóticas em relação às épocas anteriores. Mesmo assim, eram admiravelmente mantidos sob controle. Os organismos fosforescentes providenciavam luz com grande eficácia e sem dúvida compensavam a perda das familiares auroras polares da fantástica noite glacial.

A arte e a decoração ainda eram praticadas, embora sofressem com uma certa decadência. Os Anciões parecem ter notado esse declínio; e em muitos casos anteciparam a política de Constantino, o Grande, transplantando para a nova morada certos blocos particularmente vistosos de escultura antiga retirados da cidade terrestre, tal como o imperador, em uma época de declínio bastante similar, privou a Grécia e a Ásia das obras de arte mais vistosas para conferir à

nova capital bizantina esplendores maiores do que seu povo seria capaz de criar. Sem dúvida o transporte dos blocos esculpidos não se deu em maior escala porque no início a cidade terrestre não foi abandonada por completo. Na época do abandono completo — o que deve ter ocorrido antes que o Pleistoceno polar alcançasse um estágio muito avançado — os Anciões talvez estivessem satisfeitos com a arte decadente — ou então deixaram de reconhecer os méritos superiores dos entalhes mais antigos. Seja como for, o fato era que as ruínas entregues ao silêncio dos éons ao nosso redor não tinham sofrido um saque escultural completo; muito embora todas as melhores estátuas avulsas, bem como outros artigos, tivessem sido levados.

Os cartuchos e os lambris que contavam essa história eram, como eu já disse, os mais tardios que encontramos em nossa busca limitada. Deixaram-nos com uma imagem de Anciões que andavam de um lado para o outro entre a cidade terrestre no verão e a cidade da caverna marinha no inverno, por vezes estabelecendo comércio com cidades submarinas mais afastadas da costa antártica. O destino inelutável da cidade terrestre deve ter se revelado ao redor dessa época, pois as esculturas exibiam diversos sinais da aproximação maligna do frio. A vegetação era cada vez mais escassa, e as terríveis neves do inverno não mais se derretiam por completo sequer em pleno verão. Os rebanhos de sáurios estavam quase todos mortos, e os mamíferos estavam em situação precária. Para lidar com o mundo da superfície, tornou-se necessário adaptar alguns dos shoggoths amorfos e resistentes ao frio à vida terrestre; algo que os Anciões até então relutavam em fazer. O grande rio estava morto, e águas mais rasas haviam perdido a maioria dos habitantes a não ser pelas focas e baleias. Todos os pássaros haviam voado para longe, a não ser pelos enormes e grotescos pinguins.

Resta-nos apenas imaginar o que ocorreu a seguir. Por quanto tempo a cidade na caverna teria sobrevivido? Estaria ainda hoje lá nas profundezas, como um cadáver pétreo em meio às trevas eternas? Teriam as águas subterrâneas enfim congelado? A que destino haviam sido entregues as cidades submarinas do mundo extraterreno? Será que os Anciões teriam se aventurado em direção ao norte para além da insidiosa calota polar? A geologia moderna não conhece indício algum desse movimento. Seria possível que os terríveis Mi-Go ainda representassem uma ameaça nas extraterrenas terras do norte? Alguém poderia saber ao certo o que poderia e o que não poderia subsistir até o dia de hoje nos abismos noctíferos e inexplorados das mais profundas águas da Terra? Aquelas coisas pareciam capazes de suportar qualquer pressão — e às vezes os homens do mar fisgam objetos estranhos. Será que a teoria da baleia assassina teria de fato explicado as cicatrizes vorazes e misteriosas nas focas antárticas observadas na geração passada por Borchgrevink?

Os espécimes descobertos pelo pobre Lake não poderiam ser explicados assim, pois a localização geológica demonstrava que tinham vivido no que deve ter sido uma época muito remota na história da cidade terrestre. De acordo com a localização, não poderiam ter menos de trinta milhões de anos; e pensamos que na época a cidade da caverna, e a bem dizer a própria caverna, ainda não poderiam existir. As criaturas teriam recordado uma cena mais antiga, com a exuberante vegetação do período Terciário por toda a parte — uma jovem cidade terrestre cercada de artes florescentes e atravessada por um grande rio que corria desde o norte ao longo da base das poderosas montanhas em direção ao um oceano tropical longínquo.

Mesmo assim, não conseguíamos parar de pensar naqueles espécimes — em especial nos oito ainda intactos que sumiram do acampamento brutalmente atacado de Lake. Havia algo de anormal a respeito de tudo aquilo — as estranhas ocorrências que vínhamos tentando a todo custo atribuir a alguma loucura — aqueles túmulos pavorosos — a quantidade e a *natureza* do material desaparecido — Gedney — a resistência extraterrena daquelas monstruosidades arcaicas e as singulares abominações que as esculturas relacionavam à raça… Danforth e eu tínhamos visto um bocado nas últimas horas e estávamos preparados para acreditar e manter sigilo em relação a muitos segredos incríveis e aterrorizantes da Natureza primordial.

IX.

Conforme eu tive ocasião de dizer, nosso estudo das esculturas decadentes provocou uma mudança em nosso objetivo imediato. A mudança, é claro, dizia respeito às avenidas cinzeladas do obscuro mundo interior, cuja existência havíamos ignorado até então, embora logo estivéssemos desejosos de encontrá-las e explorá-las. A partir das proporções evidentes nas esculturas, deduzimos que uma caminhada descendente com cerca de oitocentos metros por qualquer um dos túneis próximos haveria de levar-nos aos confins de vertiginosos penhascos ensombrecidos que dominavam o grande abismo e de onde saíam as estradas aprimoradas pelos Anciões que levavam à orla rochosa do oceano recôndito e noctífero. Contemplar a realidade concreta do fabuloso pélago era uma tentação que parecia irresistível uma vez que a descobrimos — embora percebêssemos que seria necessário começar a jornada de imediato se quiséssemos fazê-la durante a nossa primeira incursão.

Eram oito horas da noite, e não dispúnhamos de baterias sobressalentes o bastante para deixar nossas lanternas arderem para sempre. Tínhamos nos dedicado com tanto afinco aos exames e aos esboços sob a camada de gelo que

nosso estoque de baterias fora submetido a pelo menos cinco horas de uso quase ininterrupto; e apesar da fórmula seca especial, a bateria só funcionaria por cerca de outras quatro — embora, ao manter uma desligada salvo no caso de passagens particularmente interessantes ou difíceis, pudéssemos estender essa margem a níveis seguros. Não havia condições de ficar sem iluminação no interior das catacumbas ciclópicas; a fim de empreender a viagem pelo abismo, teríamos de abandonar a decifração dos entalhes nas paredes. Claro que pretendíamos retornar ao lugar para dias e talvez semanas dedicados ao estudo e à fotografia — pois a curiosidade tinha vencido o horror havia muito tempo —, mas naquele momento precisávamos nos apressar. Nosso suprimento de papel estava longe de ser ilimitado, e relutávamos em sacrificar os cadernos ou os papéis de rascunho sobressalentes a fim de aumentá-lo; mas acabamos por nos desfazer de um grande caderno. Se tudo mais desse errado, poderíamos recorrer às marcas na rocha — e ainda seria possível, mesmo no caso de nos perdermos, retornar à luz do dia por uma ou outra passagem se houvesse tempo suficiente para a tentativa e o erro. Enfim nos pusemos a caminhar, cheios de expectativa, rumo ao túnel mais próximo.

De acordo com os entalhes segundo os quais havíamos desenhado o nosso mapa, o acesso não poderia estar a muito mais de quatrocentos metros do ponto onde nos encontrávamos; e ao longo do caminho havia sólidas construções que pareciam ser exploráveis a partir dos níveis subglaciais. A abertura em si parecia estar no nível subterrâneo — no ângulo mais próximo aos sopés — de uma enorme estrutura pública de cinco pontas e talvez relacionada a alguma cerimônia, que tentamos identificar a partir do voo exploratório sobre as ruínas. Não conseguimos lembrar de nenhuma estrutura similar avistada durante o voo e assim concluímos que as partes superiores haviam sido danificadas ou ainda destruídas pela fenda glacial que avistamos. Nessa última hipótese era provável que o túnel estivesse obstruído, e assim teríamos de recorrer ao outro mais próximo — que ficava a menos de um quilômetro e meio em direção ao norte. O curso do rio impedia-nos de tentar o acesso por qualquer um dos túneis mais ao sul para essa jornada; e de fato, se os dois acessos mais próximos estivessem obstruídos, talvez as nossas baterias não resistissem à tentativa em mais um túnel ao norte — localizado a cerca de um quilômetro e meio além da nossa segunda opção.

À medida que galgávamos os nebulosos meandros do labirinto com o auxílio do mapa e da bússola — atravessando salões e corredores em todos os estágios de ruína e de preservação, subindo rampas, cruzando portas elevadas e pontes e tornando a descer, encontrando passagens obstruídas por pilhas de escombros, apressando-nos ao longo de trechos preservados e surpreendentemente imaculados, tomando rotas erradas e refazendo o percurso (e nestes casos

recolhendo a trilha de papel que havíamos deixado) e de vez em quando chegando ao fundo de uma escavação aberta por onde filtrava a luz do sol —, nos sentimos inúmeras vezes tentados pelos entalhes nas paredes ao longo do caminho. Muitos devem ter retratado acontecimentos de enorme relevância histórica, e apenas o prospecto de revê-los em outra ocasião fez com que nos resignássemos a deixá-los para trás. De vez em quando reduzíamos a marcha e acendíamos a segunda lanterna. Se tivéssemos mais filme, com certeza teríamos feito breves pausas a fim de registrar certos baixos-relevos em foto, porém os demorados esboços manuais estavam fora de cogitação.

Mais uma vez encontro-me num ponto em que a tendência a hesitar ou a sugerir em vez de afirmar é quase irresistível. No entanto, é necessário revelar todo o restante a fim de justificar meu objetivo ao desencorajar quaisquer explorações futuras. Estávamos prestes a nos deparar com o suposto local de entrada do túnel — após cruzar uma ponte do segundo andar em direção ao que parecia ser a extremidade de uma muralha pontuda e descer até um corredor em ruínas particularmente rico em esculturas tardias com evidentes propósitos ritualísticos — quando, por volta das 20h30, o apurado olfato jovial de Danforth deu-nos o primeiro indício de algo fora do comum. Se houvéssemos levado um cão, imagino que o animal teria dado o alerta com maior antecedência. A princípio não sabíamos dizer o que havia de errado com o ar puro que havíamos respirado até então, mas passados alguns segundos as nossas memórias reagiram de modo bastante pronunciado. Peço licença para tentar pôr o ocorrido em palavras sem estremecer. Havia um certo odor — e este odor guardava uma semelhança vaga, sutil e inconfundível com o cheiro nauseante que havíamos sentido ao abrir o insano túmulo de horror dissecado pelo pobre Lake.

Evidente que na hora a revelação não foi tão clara como agora parece. Havia várias explicações possíveis, e trocamos uns quantos sussurros indecisos. O mais importante, no entanto, foi que não recuamos sem antes investigar melhor; pois tendo chegado tão longe não nos deixaríamos intimidar por nada menos do que um desastre iminente. De qualquer modo, nossas suspeitas eram insanas demais para que acreditássemos. Coisas como aquelas não acontecem em um mundo normal. O puro instinto irracional deve ter nos levado a atenuar o facho da única lanterna acesa — pois já não nos sentíamos tentados pelas sinistras e decadentes esculturas que nos espreitavam das paredes — e a reduzir nossa marcha a um cauteloso andar na ponta dos pés enquanto cruzávamos passagens cada vez mais atulhadas de escombros e destroços.

Os olhos e o nariz de Danforth provaram ser mais aguçados do que os meus, pois foi ele quem primeiro notou a estranha aparência dos destroços quando atravessamos várias arcadas obstruídas que levavam a câmaras e corredores do andar térreo. O lugar não dava a impressão de incontáveis milênios de abandono,

e quando aos poucos intensificamos o facho da lanterna percebemos que um certo trecho apresentava indícios de movimentação recente. A natureza irregular dos escombros escondia quaisquer marcas definidas, mas as superfícies mais lisas sugeriam o arrastamento de objetos pesados. Em um dado ponto imaginamos ter encontrado rastros paralelos, como os de criaturas em plena corrida. A descoberta nos levou a parar outra vez.

E foi durante essa pausa que sentimos — dessa vez ao mesmo tempo — um outro odor vindo de um ponto mais à frente. Paradoxalmente, era um odor ao mesmo tempo menos e mais apavorante — menos apavorante no sentido intrínseco, porém infinitamente aterrorizante naquele lugar e naquelas circunstâncias… a não ser, é claro, que Gedney… Pois o odor era o simples e familiar odor de gasolina — gasolina comum.

A partir deste ponto, deixo quaisquer explicações relativas às nossas motivações para agir aos psicólogos. Soubemos naquele instante que uma terrível extensão dos horrores perpetrados no acampamento havia se arrastado para o tenebroso cemitério dos éons, e a partir de então não pudemos mais duvidar da existência de circunstâncias inefáveis — presentes ou ao menos recentes — muito próximas a nós. No fim deixamos que a curiosidade abrasadora — ou a ansiedade — ou a auto-hipnose — ou vagos pensamentos relativos ao nosso dever para com Gedney — ou sabe-se lá o quê — impelisse-nos adiante. Em um sussurro, Danforth tornou a mencionar o rastro que imaginou ter visto em uma curva nas ruínas mais acima; e também o discreto assovio musical — revestido de um significado extraordinário à luz dos relatórios feitos por Lake sobre a dissecação, apesar da semelhança com os ecos produzidos pela boca das cavernas em meio à ventania nos picos — que imaginou ter escutado logo a seguir nas profundezas desconhecidas aos nossos pés. Eu, por minha vez, sussurrei alguma coisa a respeito das condições em que encontramos o acampamento — a respeito do que havia desaparecido e de como a loucura de um sobrevivente único poderia ter concebido o inconcebível — uma jornada desvairada através das monstruosas montanhas e um mergulho na cantaria primordial inexplorada.

Porém, não logramos convencer um ao outro, e sequer a nós próprios, de nada muito definido. Tínhamos desligado a lanterna e estávamos parados, e mal percebemos que um fio de luz da superfície evitava que a escuridão fosse absoluta. Depois que o instinto nos impeliu adiante, passamos a nos guiar usando lampejos ocasionais da lanterna. Os destroços revirados haviam causado uma impressão da qual não conseguíamos nos desvencilhar, e o cheiro de gasolina ficou mais intenso. Cada vez mais ruínas se apresentavam aos nossos olhos e impediam o avanço dos nossos pés, e em um dado ponto vimos que o caminho à frente estava prestes a acabar. Estávamos corretos em nossa impressão pessimista

relativa à fenda avistada durante o voo. Nosso túnel não tinha saída, e sequer poderíamos chegar ao nível subterrâneo que franqueava acesso ao abismo.

Os rápidos lampejos da lanterna nas paredes cobertas de entalhes grotescos ao longo dos corredores bloqueados em que nos encontrávamos revelavam várias passagens em vários estágios de obstrução; e de uma delas o odor de gasolina — abafando quase por completo aquele outro odor sutil — tresandava de modo bastante pronunciado. Enquanto fixávamos o olhar, tivemos a certeza de que uma discreta limpeza dos escombros fora efetuada havia não muito tempo naquela abertura em particular. Qualquer que fosse o horror à espreita, acreditamos que uma via de acesso direto estava claramente manifesta. Creio que ninguém se surpreenderá ao saber que aguardamos um tempo considerável antes de esboçar o movimento seguinte.

Mesmo assim, quando nos aventuramos ao interior da arcada obscura, nossa primeira impressão foi de anticlímax. Em meio ao entulho da cripta esculpida — um cubo perfeito com cerca de seis metros de lado — não havia nenhum objeto prontamente discernível; e por instinto procuramos, ainda que em vão, uma passagem mais além. Em um segundo momento, porém, a visão aguçada de Danforth distinguiu um ponto onde os destroços espalhados pelo chão haviam sido mexidos; e ligamos as duas lanternas na potência máxima. Embora a luz tenha nos revelado algo simples e corriqueiro, reluto em fazer esse relato por conta das implicações que encerra. Era um espaço plano improvisado em meio aos destroços, sobre o qual repousavam vários objetos espalhados sem nenhum critério aparente, e em um dos cantos uma quantidade razoável de gasolina parecia ter sido derramada ainda a tempo de deixar um forte odor até mesmo na altitude extrema do superplatô. Em outras palavras, aquilo só poderia ser uma espécie de acampamento — um acampamento feito por seres exploradores que, como nós, viram-se obrigados a voltar devido à obstrução no caminho até o abismo.

Permita-me ser claro. Os objetos espalhados vinham todos do acampamento de Lake e consistiam em latas abertas de maneira tão inusitada quanto as que encontramos no acampamento devassado, vários fósforos gastos, três livros ilustrados com manchas algo curiosas, um tinteiro vazio e a caixa de papel correspondente, uma caneta-tinteiro quebrada, alguns fragmentos de peles e de lona, uma bateria usada com panfleto de instruções, um cartão que acompanhava o aquecedor da nossa tenda e um sortimento de papéis amassados. A descoberta já parecia ruim o bastante, mas quando abrimos os papéis amassados e vimos o que escondiam, sentimos que havíamos nos defrontado com o pior. No acampamento, havíamos descoberto papéis com manchas inexplicáveis que podiam ter nos preparado, porém a revelação nas profundezas obscuras de criptas

anteriores à humanidade em uma cidade saída de um pesadelo era quase mais do que poderíamos suportar.

Um Gedney enlouquecido poderia ter feito os grupos de pontos que imitava aqueles encontrados nas pedras-sabão esverdeadas, bem como os pontos que encontramos nos insanos montes de cinco pontas erguidos sobre as sepulturas; e poderia ter feito esboços apressados e grosseiros — com variável nível de precisão — que exibissem os contornos das partes vizinhas à cidade e traçassem o caminho desde um ponto circular representado fora da nossa rota anterior — um ponto que identificamos como sendo uma enorme torre cilíndrica que aparecia em certos entalhes e um vasto abismo circular avistado durante o voo de reconhecimento — até a estrutura de cinco pontas onde nos encontrávamos e a boca do túnel lá dentro. Repito que poderia ter feito tais esboços; pois o material diante de nós fora sem dúvida compilado da mesma forma que o nosso, a partir das esculturas tardias em algum lugar do labirinto glacial, embora não a partir das mesmas que havíamos visto e usado. Porém, o suposto borra-tintas jamais poderia ter executado os esboços com uma técnica estranha e segura de si que talvez superasse, a despeito da pressa e do desleixo, qualquer uma das esculturas decadentes das quais haviam sido copiados — a técnica característica e inconfundível dos próprios Anciões no antigo esplendor da cidade morta. Há quem possa dizer que Danforth e eu somos loucos por não ter fugido nesse instante, uma vez que as nossas conclusões — não obstante o evidente desvario — estavam a essa altura completas e apresentavam um caráter que não preciso sequer descrever àqueles que leram o meu relato até esse ponto. Talvez estivéssemos loucos — pois eu não disse que aqueles picos atrozes eram montanhas da loucura? Mesmo assim, julgo perceber algo no mesmo espírito — embora de forma menos extrema — nos homens que perseguem bestas mortíferas embrenhados nas selvas africanas no intuito de fotografá-los ou estudar seus hábitos. Ainda que estivéssemos meio paralisados de terror, em nosso espírito ardia a chama do espanto e da curiosidade que triunfou no final.

É claro que não pretendíamos encarar aquilo — ou aqueles — que sabíamos ter estado lá, mas sentimos que já haveriam se afastado. Naquele ponto, teriam encontrado o acesso vicinal ao pélago e ido ao encontro de quaisquer fragmentos noctíferos do passado que talvez espreitassem no abismo supremo — o abismo supremo em que jamais haviam posto os olhos. Ou, se porventura este acesso também estivesse bloqueado, teriam seguido rumo ao norte em busca de outro. Lembramos que eram ao menos em parte independentes da luz.

Ao recordar aquele momento, mal consigo lembrar de que forma exata as nossas emoções assumiram — que mudança de objetivo imediato acirrou a tal ponto a nossa expectativa. Não pretendíamos de maneira alguma encontrar o que temíamos — mas não nego que podemos ter nutrido um desejo oculto e

inconsciente de entrever certas coisas a partir de um lugar a salvo de quaisquer olhares. Não me parece correto dizer que abdicamos o desejo de vislumbrar o abismo, embora um novo objetivo houvesse se apresentado sob a forma do grande local circular indicado nos esboços amassados que encontramos. De pronto nós o reconhecemos como a monstruosa torre cilíndrica representada nas mais antigas esculturas, que no entanto aparecia como uma prodigiosa abertura circular vista de cima. Algo no tratamento dispensado à imagem até mesmo naqueles diagramas traçados às pressas levou-nos a imaginar que os níveis subglaciais ainda pudessem representar alguma característica de singular importância. Talvez exibissem maravilhas arquitetônicas ainda ocultas aos nossos olhares. A torre remontava a tempos imemoriais segundo as esculturas em que aparecia — a bem dizer, fora uma das primeiras construções na cidade. As esculturas, caso se encontrassem preservadas, teriam uma importância simbólica indiscutível. Além do mais, naquela situação a torre poderia oferecer uma ligação conveniente com o mundo da superfície — um caminho mais curto do que aquele que desbravávamos com tanta cautela e por onde os outros exploradores provavelmente teriam descido.

No fim, o que fizemos foi examinar os terríveis esboços — que confirmavam os nossos quase à perfeição — e tomar o curso indicado em direção ao local circular; o curso que os nossos predecessores sem nome deviam ter atravessado duas vezes antes de nós. O outro portal do abismo estaria logo além. Não é necessário relatar a jornada — durante a qual continuamos a deixar uma econômica trilha de papel —, que apresentou as mesmas peculiaridades do caminho usado para chegar até o beco sem saída; a única diferença era uma tendência maior a permanecer no nível térreo e até mesmo a descer rumo aos corredores subterrâneos. De vez em quando podíamos discernir certas marcas perturbadoras em meio aos destroços ou ao entulho sob os nossos pés; e após deixarmos o cheiro de gasolina para trás, mais uma vez percebemos — quase que em um espasmo — aquele odor mais terrível e mais persistente. Depois que o caminho se afastou do nosso curso original, por vezes varríamos as paredes com o brilho furtivo da lanterna; e em quase todas as ocasiões percebemos as esculturas quase onipresentes que parecem ter constituído um importante veículo estético para os Anciões.

Por volta das 21h30, enquanto atravessávamos um corredor em arco com um piso cada vez mais congelado que parecia localizar-se um pouco abaixo do nível térreo e um teto que baixava à medida que avançávamos, percebemos a forte luz do sol refulgindo mais à frente e pudemos desligar a lanterna. Tínhamos a impressão de estar chegando ao enorme sítio circular, e de que não podíamos estar muito afastados da superfície. O corredor terminava em um arco excepcionalmente baixo para aquelas ruínas megalíticas, mas pudemos ver

bastante coisa antes de emergir do outro lado. Mais além se estendia um prodigioso espaço circular — com 60 metros de diâmetro — repleto de destroços e de várias outras arcadas obstruídas semelhantes àquela que estávamos prestes a atravessar. As paredes — onde havia espaço — tinham recebido entalhes bastante ousados que formavam uma espiral de proporções heroicas; e exibiam, a despeito da erosão causada pelos elementos em um local aberto, um esplendor artístico muito além de qualquer outra coisa que houvéssemos encontrado até então. O chão repleto de entulho estava coberto por uma espessa camada de gelo, e imaginamos que o verdadeiro fundo estivesse a uma profundidade considerável.

Porém, o objeto que mais chamava a atenção no local era a titânica rampa de pedra que, evitando as arcadas por meio de uma acentuada curva para fora em direção à superfície, subia em espiral pela estupenda parede cilíndrica como se fosse a contraparte interna dos ornatos que em outras épocas haviam escalado as monstruosas torres ou zigurates da antiga Babilônia. Apenas a velocidade do voo e a perspectiva que fazia a espiral desaparecer contra a parede interna da torre haviam nos impedido de notar essa característica ainda no ar, e assim nos levaram a procurar outro caminho para o nível subglacial. Pabodie talvez pudesse ter explicado que tipo de engenharia mantinha a estrutura no lugar, mas a nós restavam apenas a admiração e o espanto. Enxergamos mísulas e colunas robustas aqui e acolá, mas o que vimos não parecia adequado à função exercida. Aquela coisa estava extraordinariamente bem conservada até o alto da torre — uma circunstância notável em vista da exposição aos elementos — e o abrigo oferecido tinha feito muito pela proteção das bizarras e perturbadoras esculturas cósmicas nas paredes.

Quando chegamos ao espantoso brilho tênue no interior do monstruoso cilindro — um monumento de cinquenta milhões de anos e sem dúvida a estrutura de antiguidade mais primordial em que pusemos os olhos — notamos que as laterais atravessadas pela rampa subiam de modo vertiginoso a uma altura de dezoito metros. Ao relembrar o nosso voo de reconhecimento, pudemos estimar a espessura da glaciação externa em cerca de doze metros, uma vez que o abismo hiante avistado em pleno ar estava no topo de um monte com cerca de seis metros de cantaria desabada com três quartos da própria circunferência protegidos graças às colossais paredes curvas de uma fileira de ruínas mais elevadas. Segundo as esculturas, a torre original havia se erguido no centro de uma esplanada circular; e talvez atingisse 150 ou 180 metros de altura, com fileiras de discos horizontais próximos ao topo e uma carreira de coruchéus aciculados ao longo da borda superior. A maior parte dos blocos de cantaria havia desabado para o lado de fora — uma coincidência fortuita, pois de outra forma a rampa poderia ter desabado e assim todo o interior estaria obstruído. Percebemos

que a rampa apresentava um desgaste profundo; enquanto todas as arcadas no fundo pareciam ter sido parcialmente desobstruídas havia não muito tempo.

Levamos não mais do que um instante para concluir que aquela era de fato a rota por onde aqueles outros haviam descido, e que seria a rota natural para a nossa própria subida apesar da longa trilha de papéis que havíamos deixado para trás. A entrada da torre não ficava mais longe dos sopés e do nosso avião do que o grande prédio com terraços por onde havíamos entrado, e qualquer avanço da exploração subglacial que pudéssemos empreender naquela viagem ficaria restrito aos arredores. É estranho, mas ainda estávamos considerando viagens futuras — mesmo depois de tudo o que tínhamos visto e deduzido. Então, quando seguimos o nosso rumo em meio aos destroços do enorme recinto, nos deparamos com uma cena que se sobrepôs a todos os outros assuntos.

Era um arranjo de três trenós dispostos com todo o cuidado no ângulo mais distante da parte inferior da rampa, que até então havia permanecido oculta à nossa visão. Lá estavam — os três trenós que haviam sumido do acampamento de Lake —, abalados por um uso excessivo que devia ter incluído trajetos forçados por longas extensões de pedra nua e destroços, bem como um tanto de transporte manual nos pontos de navegação impossível. Os trenós haviam sido carregados e afivelados com esmero, e continham objetos bastante familiares — o fogão a gasolina, latas de combustível, estojos de instrumentos, latas de provisões, lonas sem dúvida repletas de livros e outras repletas de conteúdos menos evidentes — tudo retirado do equipamento de Lake. Depois do que havíamos encontrado na outra câmara, estávamos em certa medida preparados para essa descoberta. O choque maior veio quando demos um passo à frente e abrimos uma das lonas cuja silhueta havia nos instilado uma singular inquietação. Parece que Lake não era o único interessado em coletar espécimes típicos; pois lá estavam mais dois, ambos congelados, em perfeito estado de preservação, com bandagens adesivas cobrindo ferimentos no pescoço e enrolados com evidente cuidado a fim de evitar maiores danos. Eram os corpos do jovem Gedney e do cão desaparecido.

X.

Muitas pessoas talvez nos considerem frios e loucos por termos pensado no túnel rumo ao norte logo após nossa descoberta funesta, e não tenho a pretensão de afirmar que teríamos revivido tais pensamentos se não por força de uma circunstância específica que nos influenciou e desencadeou toda uma nova série de especulações. Tornamos a cobrir o corpo do pobre Gedney com a lona e ficamos parados em uma espécie de perplexidade muda até que certos sons atingissem a nossa consciência — os primeiros sons desde a nossa descida,

quando deixamos para trás o descampado onde o vento da montanha entoava lamentos sutis em meio às alturas sobrenaturais. Por mais familiares e prosaicos que fossem, no longínquo reino da morte aqueles sons revestiam-se de um caráter mais inesperado e mais exasperante do que quaisquer ruídos grotescos ou fabulosos poderiam apresentar — pois mais uma vez perturbavam todas as nossas noções de harmonia cósmica.

Se ainda fosse um resquício daquele bizarro assovio musical com notas em várias frequências que o relatório de Lake nos havia levado a esperar das criaturas — e que, de fato, nossa imaginação sobrecarregada vinha percebendo em cada uivo do vento desde que abandonamos o horror no acampamento —, ao menos haveria uma espécie de congruência infernal com a região entregue à morte através dos éons que nos rodeava. A voz de outras épocas pertence apenas ao cemitério de outras épocas. O que aconteceu, no entanto, foi que o barulho fez desabarem todas as nossas convicções mais profundas — toda a nossa concepção da Antártida como um deserto de gelo tão absoluta e irrevogavelmente desprovido até mesmo dos mais rudimentares vestígios de vida natural quanto o disco estéril da lua. O que escutamos não foi a nota formidável e a blasfêmia sepulta de uma terra ancestral a partir de cuja dureza sobrenatural um sol polar renegado por eras sem fim havia evocado uma resposta monstruosa. Não; era algo revestido de uma normalidade tão zombeteira e de uma trivialidade tão inconfundível que estremecemos ao concebê-lo naquele lugar, onde tais coisas não deveriam estar presentes. Para ser breve — foi apenas o grasnado estridente de um pinguim.

O som abafado emergiu dos recônditos subglaciais quase em frente ao corredor por onde havíamos chegado — regiões na exata direção do outro túnel rumo à vastidão do abismo. A presença de um pássaro aquático naquela direção — na superfície de um mundo que por eras havia se resumido a uma longa e uniforme ausência de vida — só poderia levar a uma única conclusão; portanto a nossa primeira reação foi verificar a realidade objetiva do som. De fato, a ocorrência se repetiu; e por vezes parecia vir de mais de uma garganta. Em busca da origem dos sons, entramos por uma arcada de onde muitos destroços haviam sido retirados; e retomamos ao desbravamento de novos territórios — com um novo suprimento de papel retirado com inegável repulsa de uma das lonas nos trenós — deixando a luz do dia para trás.

À medida que o chão congelado dava vez ao entulho, discernimos curiosos rastros ainda muito visíveis; e em certo momento Danforth encontrou uma marca cuja descrição seria desnecessária ao extremo. O caminho indicado pelos grasnados dos pinguins era exatamente o mesmo ditado pelo mapa e pela bússola como rota de acesso à entrada do túnel mais ao norte, e nos regozijamos ao perceber que uma estrada sem pontes no nível térreo e no subterrâneo parecia

desobstruída. O túnel, segundo o mapa, deveria começar no nível subterrâneo de uma imponente estrutura piramidal que durante o voo de reconhecimento deixou-nos com a vaga impressão de estar notavelmente bem conservada. Ao longo do caminho uma única lanterna revelava a costumeira profusão de entalhes, mas não paramos a fim de examiná-los.

De repente um vulto branco assomou à nossa frente, e então ligamos a segunda lanterna. É estranho notar a que ponto a nova missão nos havia levado a esquecer quaisquer temores relativos às coisas que poderiam estar à espreita nos arredores. Os outros haviam deixado o equipamento no grande espaço circular, e portanto deviam ter feito planos de retornar após a jornada em direção ou até mesmo ao interior do abismo; porém nesse ponto abandonamos toda a cautela, como se jamais houvessem existido. O vulto branco e cambaleante tinha um metro e oitenta de altura, mas tivemos a impressão de perceber quase de imediato que não era um dos outros. Estes últimos eram maiores e mais escuros e, segundo os entalhes, locomoviam-se na superfície terrena com movimentos rápidos e confiantes, apesar da estranheza do aparato tentacular marítimo. Mesmo assim, seria inútil negar que aquela coisa branca tenha nos instilado um profundo terror. Por um instante nos vimos presa de um terror primitivo quase mais intenso do que o pior de nossos medos racionais em relação àqueles outros. Fomos ofuscados por um anticlímax quando o vulto branco entrou por uma arcada lateral à nossa esquerda para juntar-se a outros dois exemplares da mesma espécie, que o chamavam com notas estridentes. Era apenas um pinguim — embora fosse uma espécie colossal, maior do que todos os pinguins-rei conhecidos, e monstruosa na combinação de albinismo e ausência de olhos.

Depois de seguir aquela coisa ao longo da arcada e apontar o facho das duas lanternas em direção ao distraído e indiferente grupo de três, vimos que todos eram albinos desprovidos de olhos pertencentes à mesma espécie desconhecida e gigante. A estatura dos pássaros nos fez pensar em alguns dos pinguins arcaicos representados nas esculturas dos Anciões, e não tardamos a concluir que aqueles espécimes pertenciam à mesma linhagem — e que sem dúvida haviam sobrevivido graças a algum refúgio em regiões internas mais quentes, onde a escuridão perpétua havia destruído a pigmentação e atrofiado os olhos das criaturas até transformá-los em meras frestas inúteis. Não duvidamos por um instante sequer que habitassem o vasto abismo que procurávamos; e esse indício de calor e de clima habitável no interior do pélago despertou a veia mais curiosa e perturbadora da nossa fantasia.

Refletimos também sobre o que teria levado aqueles três pássaros a se aventurar tão longe do *habitat* natural. O silêncio e as condições predominantes na grande cidade morta evidenciavam que o lugar não era o palco de uma colônia sazonal, e a manifesta indiferença do trio em relação à nossa presença fazia

parecer estranha a ideia de que a passagem daqueles outros pudesse tê-los assustado. Seria possível que os outros tivessem perpetrado agressões ou tentado aumentar o estoque de carne? Perguntamo-nos se o odor pungente que os cães tanto haviam detestado poderia causar antipatia semelhante nos pinguins; afinal, estava claro que os pássaros ancestrais tinham mantido excelentes relações com os Anciões — uma relação amistosa que deve ter subsistido nas profundezas do abismo enquanto ainda restavam Anciões. Após lamentar — em um paroxismo do velho espírito científico — a impossibilidade de fotografar aquelas criaturas anômalas, nós os deixamos entregues aos próprios grasnados e avançamos rumo ao abismo que sabíamos estar ao nosso alcance e cuja direção exata vinha indicada pelos rastros ocasionais dos pinguins.

Pouco tempo depois uma abrupta descida por um longo e baixo corredor desprovido de portas e de esculturas levou-nos por fim ao que imaginávamos ser a entrada do túnel. Passamos mais dois pinguins e ouvimos outros logo adiante. Então o corredor acabou em um amplo espaço aberto que nos fez prender a respiração — um perfeito hemisfério invertido, sem dúvida a grande profundidade subterrânea, medindo trinta metros de diâmetro por quinze da altura, com arcadas baixas em todas as direções exceto uma, onde havia um cavernoso nicho preto em arco que perturbava a simetria da cripta até uma altura de quase cinco metros. Era a entrada do grande abismo.

No vasto hemisfério, cujo teto côncavo fora entalhado por um artista exímio porém decadente de maneira a representar a abóbada celeste, alguns pinguins albinos cambaleavam — forasteiros, porém forasteiros indiferentes e cegos. O túnel negro estendia-se a uma distância indefinível por um declive acentuado, e a entrada tinha adornos grotescos nas jambas e nos lintéis. No limiar daquela boca críptica, pensamos ter sentido um sopro de ar um pouco mais quente e talvez até um resquício de vapor; e imaginamos que entidades, além dos pinguins, o ilimitado vazio aos nossos pés e as galerias contínuas entre a terra e as titânicas montanhas poderiam ocultar. Também imaginamos que os vestígios de fumaça no topo da montanha suspeitados pelo pobre Lake, bem como a estranha névoa que nós mesmos havíamos percebido ao redor do pico colmado pelas muralhas, pudessem ser causados por uma tortuosa evaporação das águas em regiões ainda inexploradas do núcleo terrestre.

Ao entrar, percebemos que a largura do túnel — ao menos no trecho inicial — era de aproximadamente cinco metros para cada lado; com as laterais, o chão e a arcada do teto construídos na tradicional cantaria megalítica. As laterais tinham decorações esparsas de cartuchos ornados com desenhos convencionais em um estilo tardio e decadente; e tanto as esculturas como a construção em si pareceram extraordinariamente bem conservadas. O chão estava quase limpo, a não ser por uma pequena quantidade de detritos com rastros que sinalizavam a saída dos

pinguins e a entrada daqueles outros. Quanto mais avançávamos, maior o calor; de modo que logo precisamos desabotoar nossas pesadas vestimentas. Imaginamos se haveria manifestações ígneas mais abaixo, e se as águas daquele oceano ensombrecido seriam quentes. Após um breve intervalo o trabalho em cantaria dava lugar à rocha nua, embora o túnel mantivesse as mesmas proporções e apresentasse o mesmo aspecto de regularidade entalhada. Em certos pontos o declive variável era tão acentuado que ranhuras no chão faziam-se necessárias. Em muitas ocasiões notamos pequenas galerias laterais ausentes em nossos diagramas; nenhuma capaz de dificultar o nosso retorno, e todas muito bem-vindas como refúgios possíveis caso nos defrontássemos com entidades indesejadas ao retornar do abismo. O odor indescritível daquelas coisas era muito peculiar. Sem dúvida foi uma temeridade suicida aventurar-se por aquele túnel nas condições em que nos encontrávamos, porém em certas pessoas os encantos do desconhecido são mais fortes do que o senso comum imagina — e a bem dizer não foi outro o motivo que nos levou à extraterrena desolação polar. Vimos diversos pinguins ao longo do caminho e especulamos sobre a distância que teríamos de percorrer. Os entalhes nos haviam levado a prever uma descida íngreme com cerca de um quilômetro e meio até o abismo, mas nossas perambulações anteriores haviam nos mostrado que em termos de escala os mapas não eram muito confiáveis.

Após cerca de quatrocentos metros aquele cheiro inominável acentuou-se ao extremo mais uma vez, e começamos a prestar estreita atenção às várias aberturas laterais pelas quais passávamos. Não havia vapores visíveis na entrada, mas o fato devia-se com certeza à ausência do ar frio contrastante. A temperatura subia depressa, e não ficamos surpresos ao encontrar um perturbador amontoado de material familiar. Eram peles e lonas retiradas do acampamento de Lake, mas não nos detivemos para estudar as formas bizarras em que os materiais haviam sido cortados. Logo além deste ponto percebemos um evidente aumento no tamanho e no número das galerias laterais, e concluímos estar na região densamente perpassada por túneis subterrâneos sob os mais altos sopés. O cheiro indescritível veio acompanhado de outro odor um pouco menos fétido — de que natureza não saberíamos dizer, embora tenhamos pensado em organismos pútridos e talvez em fungos subterrâneos desconhecidos. A seguir, nos deparamos com uma expansão surpreendente do túnel para a qual os entalhes não nos haviam preparado — o alargamento e o alteamento de uma elevada caverna elíptica de aspecto natural e de chão plano; com cerca de 20 metros de comprimento por 15 de largura e muitas passagens laterais enormes que avançavam em direção a trevas enigmáticas.

Embora a caverna parecesse natural, uma inspeção com as duas lanternas sugeriu que houvesse se formado a partir da destruição artificial de várias paredes

entre galerias adjacentes. As paredes eram ásperas, e a elevada abóbada do teto estava repleta de estalactites; mas o piso de rocha sólida fora alisado segundo métodos artificiais e estava livre de destroços, detritos e até mesmo de pó em um grau efetivamente fora do comum. A não ser pelo corredor em que estávamos, o mesmo se aplicava ao piso de todas as enormes galerias que dele partiam; e a singularidade da circunstância era tal que não pudemos senão cogitar em vão. O novo e curioso miasma que veio suplementar o cheiro indescritível era pungente ao extremo nesse trecho, a ponto de destruir quaisquer resquícios do outro. Algo a respeito daquele lugar de chão polido e quase brilhante inspirou-nos maior estupefação e maior horror do que todas as coisas monstruosas encontradas até então.

A regularidade da passagem logo à nossa frente, somada à maior proporção de excrementos de pinguim no local, impedia qualquer confusão relativa ao curso correto em meio à pletora de cavernas igualmente enormes. Mesmo assim, resolvemos demarcar o nosso caminho com papel rasgado para o caso de enfrentarmos alguma dificuldade mais adiante; pois rastros na poeira, é claro, não poderiam ser esperados a partir daquele ponto. Quando voltamos a explorar a passagem, lançamos o facho da lanterna nas paredes do túnel — e detivemos o passo no mesmo instante, espantados com a mudança suprema e radical que se havia operado nos entalhes daquele trecho. Havíamos percebido, é claro, a grande decadência na escultura dos Anciões durante a época da escavação dos túneis; e de fato havíamos notado a execução artística inferior dos arabescos logo às nossas costas. Porém, na seção mais profunda além da caverna, notava-se uma mudança repentina que transcendia qualquer explicação — uma mudança não apenas de mera qualidade, mas também de natureza intrínseca, envolvendo uma degradação tão profunda e tão calamitosa da execução artística que nada no ritmo do declínio observado até então poderia ter nos levado a esperá-la.

Essas novas obras degeneradas eram rústicas, chamativas e desprovidas de qualquer acabamento mais detalhado. As listras apresentavam entalhes de profundidade exagerada e estavam dispostas de maneira a seguir a linha geral dos cartuchos esparsos nas seções anteriores, mas as partes em relevo não alcançavam o nível da superfície geral. Danforth imaginou que pudesse ser um segundo entalhe — uma espécie de palimpsesto formado após a obliteração de um desenho prévio. A obra tinha um caráter puramente decorativo e convencional; e consistia em espirais e ângulos rústicos que tentavam, de maneira grosseira, seguir a quíntica tradição matemática dos Anciões, porém mais como paródias do que como um perpetuamento dessa tradição. Não conseguimos afastar o pensamento de que algum elemento sutil mas de profunda estranheza fora acrescentado à técnica — um elemento, segundo imaginou Danforth, responsável por aquela substituição manifestamente laboriosa. Apresentava semelhanças e ao mesmo

tempo profundas dessemelhanças em relação a tudo o que nos havíamos acostumado a reconhecer como sendo a arte dos Anciões; e o tempo inteiro eu me lembrava de outras coisas híbridas como as canhestras esculturas palmirenas feitas à moda romana. Que outros também houvessem percebido aqueles entalhes foi-nos sugerido pela presença de uma bateria de lanterna caída próximo a um dos desenhos mais característicos.

Como não podíamos dedicar muito tempo ao estudo, seguimos em frente após um breve golpe de vista; mas a intervalos frequentes projetávamos os fachos das lanternas nas paredes a fim de ver se descobríamos outras mudanças decorativas. Não encontramos nada, embora os entalhes aparecessem apenas a intervalos esparsos por conta das numerosas bocas dos túneis laterais de chão liso. Víamos e escutávamos um número menor de pinguins, mas imaginamos ter captado a vaga impressão de um coro infinitamente distante dos pássaros em algum recôndito nas entranhas da Terra. O novo e inexplicável odor atingiu uma intensidade abominável, e mal conseguíamos notar a presença do outro cheiro indescritível. Lufadas de vapor mais adiante prometiam um maior contraste de temperatura e a relativa proximidade às noturnais escarpas marítimas do grande abismo. Então, de repente, nos defrontamos com certas obstruções no chão polido à nossa frente — obstruções que com certeza não eram pinguins — e ligamos a segunda lanterna após nos certificarmos de que os objetos permaneciam imóveis.

XI.

Mais uma vez chego a um ponto em que sinto dificuldade para prosseguir. Hoje eu devia estar endurecido; porém certas experiências e sugestões deixam feridas profundas que não cicatrizam jamais e resultam em uma sensibilidade ainda maior a quaisquer reminiscências do horror original. Vimos, como eu disse, certas obstruções no chão polido à nossa frente; e posso acrescentar que quase no mesmo instante o nosso olfato foi acossado por uma curiosa intensificação do estranho miasma preponderante, claramente misturado ao fedor indescritível daqueles outros que haviam chegado antes de nós. A luz da segunda lanterna não deixou restar dúvida quanto à natureza das obstruções, e só nos atrevemos a chegar mais perto quando conseguimos ver, mesmo à distância, que eram tão incapazes de nos fazer mal quanto os seis espécimes descobertos nas monstruosas sepulturas cobertas por montes de cinco pontas no acampamento de Lake.

De fato, estavam tão incompletos quanto a maioria dos que havíamos encontrado — embora a poça de espesso líquido verde-escuro que se acumulava ao redor demonstrasse que aquela incompletude era muito mais recente. Parecia haver apenas quatro, embora os relatórios de Lake sugerissem não menos do que

oito criaturas no grupo que nos havia precedido. Encontrá-las naquele estado foi algo totalmente inesperado, e nos pusemos a imaginar que tipo de embate monstruoso teria ocorrido na escuridão subterrânea.

Pinguins, se atacados em grupo, retaliam com bicadas ferozes; e nossos ouvidos asseguravam-nos quanto à presença de uma colônia mais além. Será que aqueles outros teriam perturbado a morada dos pássaros e suscitado uma perseguição assassina? Não era o que as obstruções sugeriam, pois bicos de pinguim aplicados contra os resistentes tecidos dissecados por Lake dificilmente poderiam explicar os danos terríveis que nosso olhar aos poucos começava a distinguir. Além do mais, os enormes pássaros haviam nos parecido singularmente pacatos.

Teria então havido uma escaramuça entre aqueles outros, e seriam os quatro espécimes faltantes os responsáveis? Neste caso, onde estariam? Próximos a ponto de constituir uma ameaça iminente? Tomados de ansiedade, nos pusemos a examinar algumas passagens laterais à medida que continuávamos a nossa aproximação lenta e francamente hesitante. Independente do motivo, o conflito sem dúvida havia assustado os pinguins e desencadeado as andanças fora do perímetro habitual. Portanto, o confronto devia ter ocorrido próximo à colônia audível a duras penas no precipício insondável mais abaixo, uma vez que não havia sinais de que aquele fosse o *habitat* natural dos pássaros. Cogitamos que talvez se tratasse de uma pavorosa briga ocorrida durante uma fuga, na qual os espécimes mais fracos tentavam chegar aos trenós quando foram abatidos pelos algozes. Era possível imaginar o demoníaco embate travado entre as criaturas monstruosas sem nome enquanto saíam do abismo negro em meio a nuvens de pinguins frenéticos que grasnavam e cambaleavam ao redor.

Admito que nos aproximamos das incompletas obstruções estiradas no chão com vagareza e relutância. Quem dera que, em vez de nos aproximarmos, tivéssemos corrido às pressas para longe daquele túnel blasfemo de chão polido e viscoso, repleto de esculturas degeneradas a troçar e a zombar das coisas que haviam suplantado — corrido antes de ver o que vimos, e antes que os nossos pensamentos ardessem com algo que jamais nos permitirá respirar com tranquilidade outra vez!

Nossas duas lanternas estavam voltadas para os objetos prostrados, de modo que não tardamos a perceber o fator dominante na incompletude. Por mais mutilados, esmagados, retorcidos e lacerados que estivessem, o ferimento em comum era a decapitação total. A cabeça tentaculada em forma de estrela-do-mar fora removida de todos os espécimes; e ao nos aproximar notamos que a remoção parecia ser antes o resultado de uma sucção ou de um arrancamento infernal do que de qualquer outra forma mais corriqueira de corte. A sânie nauseabunda formava uma poça esverdeada cada vez maior; mas o odor pútrido era em parte

abafado por aquele fedor mais recente e mais estranho, que lá tresandava com maior pungência do que em qualquer outro ponto da nossa rota. Apenas quando chegamos perto das obstruções estiradas pudemos associar o segundo miasma inexplicável a uma fonte imediata — e assim que o fizemos Danforth, recordando certas esculturas muito vívidas que retratavam a história dos Anciões no Permiano, há 150 milhões de anos, soltou um grito torturado cuja histeria ecoou pelo corredor arcaico ornado pelos malignos entalhes em palimpsesto.

Por pouco eu mesmo não ecoei o grito; pois também havia testemunhado as esculturas primordiais e sentido uma repulsiva admiração pela forma como o artista de nome ignorado sugeria a substância viscosa descoberta ao lado de certos Anciões prostrados na incompletude — mortos e reduzidos a um atroz estado de decapitação pelos temíveis shoggoths durante a grande guerra da ressujeição. As esculturas pareciam infames e dignas de um pesadelo mesmo ao representar eventos transcorridos em eras passadas e ancestrais; pois os shoggoths e os horrores que perpetravam não deveriam ser vistos por olhos humanos nem retratados por quaisquer outros seres vivos. O autor louco do *Necronomicon* havia jurado, embora com certo nervosismo, que nenhum destes seres fora criado neste planeta e que apenas sonhadores drogados eram capazes de concebê-los. Protoplasmas amorfos e zombeteiros capazes de refletir quaisquer formas e órgãos e processos — aglutinações viscosas de células borbulhantes — esferoides borrachudos de cinco metros com infinita capacidade plástica e dúctil — escravos de sugestões hipnóticas, construtores de cidades — cada vez mais ressentidos, cada vez mais argutos, cada vez mais anfíbios, cada vez mais miméticos — meu Deus! Que loucura havia levado até mesmo os Anciões a usar e a esculpir tais criaturas?

A seguir, quando Danforth e eu avistamos a brilhante e iridescente viscosidade negra que se grudava aos corpos decapitados e trescalava a fetidez suprema daquele novo odor desconhecido cuja origem apenas uma imaginação doentia poderia conceber — se grudava aos corpos e reluzia com menos intensidade em uma parte lisa da amaldiçoada parede reesculpida onde havia *vários grupos de pontos* — foi então que compreendemos as profundezas mais recônditas do pavor cósmico. Não era medo dos quatro espécimes desaparecidos — pois tínhamos motivo suficiente para crer que não fariam mal algum. Pobres demônios! Afinal de contas, não eram criaturas malévolas. Eram apenas os homens de uma outra época e de uma outra esfera do ser. A Natureza pregou-lhes uma peça infernal — a mesma que seguirá pregando em outros que, por força da loucura, da insensatez ou da crueldade humana possam surgir em meio aos horrores da morta ou adormecida devastação polar —, e esse foi o retorno trágico que os aguardou.

Não eram sequer selvagens — pois de fato o que haviam feito? Um despertar terrível no frio de uma época desconhecida — talvez um ataque de quadrúpedes peludos que latiam em frenesi e uma defesa atordoada contra os agressores e os igualmente frenéticos símios brancos com uma estranha parafernália… pobre Lake, pobre Gedney, pobres Anciões! Foram cientistas até o fim — pois acaso fizeram algo que não teríamos feito na mesma situação? Meu Deus, que inteligência, que persistência! Foi um confronto prodigioso, similar apenas ao dos familiares e antepassados que haviam descoberto coisas apenas um pouco menos incríveis! Radiários, plantas, monstros, crias estelares — não importa o que tenham sido, eram homens!

Atravessaram os picos nevados em cujas encostas outrora haviam celebrado cultos religiosos e andado em meio às samambaias. Encontraram a cidade morta sob a influência de uma maldição e leram sobre os últimos dias de existência tal como havíamos feito. Tentaram alcançar os semelhantes ainda vivos em profundezas fabulosas às quais nunca tinham se aventurado — e o que encontraram? Todos esses pensamentos ocorreram em uníssono a Danforth e a mim quando desviamos o rosto daqueles vultos decapitados cobertos de viscosidade e olhamos em direção às abomináveis esculturas em palimpsesto e aos grupos pontilhados de viscosidade ainda fresca na parede ao lado — olhamos e entendemos o que deveria ter triunfado e sobrevivido na submersa cidade ciclópica do abismo noctífero rodeado de pinguins, que de tempos em tempos expelia um trêmulo sopro de névoa pálida e sinistra como que em resposta ao grito histérico de Danforth.

O choque ante o reconhecimento da decapitação e da viscosidade monstruosa reduziu-nos a estátuas mudas e imóveis, e foi apenas em conversas posteriores que descobrimos a verdadeira identidade dos nossos pensamentos naquele instante. Tivemos a impressão de passar éons nesse estado, mas na verdade não passaram mais do que dez ou quinze segundos. A odiosa névoa pálida revoluteou como se fosse impelida adiante por algum volume que avançasse mais atrás — e então veio um som que pôs a perder muito do que havíamos decidido, e ao fazê-lo quebrou o feitiço e permitiu que corrêssemos como loucos para além dos confusos pinguins grasnantes, ao longo dos corredores megalíticos tomados pelo gelo, até o grande círculo aberto e para o alto da arcaica rampa espiralada em uma busca instintiva e frenética pela sanidade do ar exterior e pela luz do dia.

Conforme dei a entender, o novo som pôs a perder muito do que havíamos decidido; pois era o que a dissecação feita pelo pobre Lake nos havia levado a atribuir às criaturas que pouco tempo atrás tínhamos dado por mortas. Mais tarde Danforth afirmou ter sido aquele o mesmo som que percebeu de forma infinitamente abafada no ponto além da curva no nível supraglacial; e sem dúvida

guardava uma semelhança pavorosa com os assovios do vento que havíamos escutado perto das altaneiras cavernas montanhosas. Mesmo correndo o risco de parecer infantil, disponho-me a acrescentar um outro detalhe; mesmo que apenas por conta da maneira impressionante como a impressão de Danforth ecoou a minha. A leitura em comum foi o que nos levou a fazer essa interpretação, embora Danforth tenha mencionado estranhas ideias relativas a certas fontes ocultas que Poe talvez possa ter consultado enquanto escrevia *Arthur Gordon Pym* um século atrás. Todos devem recordar que nesta narrativa fantástica existe uma palavra de significado desconhecido, embora terrível e prodigioso, ligada à Antártida e eternamente gritada pelos gigantes pássaros espectrais que habitam os recônditos dessa região maligna. *"Tekeli-li! Tekeli-li!"* Essa foi a palavra exata que imaginamos ter ouvido nas vibrações do som repentino emitido por trás da névoa branca — o insidioso assovio musical com notas em várias frequências singulares.

Estávamos em plena fuga antes que três notas ou sílabas fossem pronunciadas, embora soubéssemos que a destreza dos Anciões permitiria que um eventual sobrevivente do massacre despertado pelo grito e disposto a dar caçada alcançasse-nos em instantes. No entanto, tínhamos a vaga esperança de que uma conduta não agressiva e uma demonstração de inteligência pudesse levar a criatura a poupar-nos em caso de captura, ainda que por mera curiosidade científica. Afinal de contas, se não tivesse o que temer, não teria por que nos fazer mal. Uma vez que qualquer tentativa de se esconder seria um recurso ocioso naquela circunstância, usamos a lanterna para dar um rápido lance de olhos para trás e notamos que a névoa estava se dissipando. Poderíamos ver, enfim, um espécime vivo e completo daqueles outros? Mais uma vez escutamos o assovio musical — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"*.

Então, ao perceber que de fato estávamos deixando o nosso perseguidor para trás, ocorreu-nos que a entidade pudesse estar ferida. Mesmo assim, não podíamos correr riscos, pois a aproximação era sem dúvida uma reação ao grito de Danforth, e não uma fuga motivada por qualquer outra entidade. A relação temporal era próxima demais para admitir dúvidas. Quanto à localização do pesadelo menos concebível e menos mencionável — aquela fétida e inavistada montanha de protoplasma viscoso cuja raça havia conquistado o abismo e enviado pioneiros a terra para reesculpir e arrastar-se pelos subterrâneos das colinas —, não fazíamos a menor ideia; e sentimos uma profunda aguilhoada ao ter de abandonar um Ancião provavelmente ferido — talvez o único sobrevivente — aos perigos de uma recaptura e de um destino inominável.

Graças aos céus não diminuímos a marcha. A névoa revoluteante parecia mais densa e seguia à frente com velocidade cada vez maior, enquanto os pinguins às nossas costas grasnavam e gritavam e davam sinais de um pânico

surpreendente em vista da confusão relativamente pequena quando os passamos. Mais uma vez escutamos o sinistro assovio em várias frequências — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"* Nós havíamos nos enganado. A coisa não estava ferida, mas havia apenas detido o passo ao encontrar os corpos dos semelhantes mortos e a demoníaca inscrição viscosa logo acima. Jamais descobriríamos o que dizia a mensagem infernal — mas as sepulturas no acampamento de Lake haviam dado mostras da importância que atribuíam aos mortos. Logo a nossa lanterna revelou a ampla caverna onde vários caminhos convergiam mais adiante, e nos sentimos aliviados ao deixar aquelas mórbidas esculturas em palimpsesto — que se faziam sentir mesmo sem que as víssemos — para trás.

Outro pensamento despertado pela aproximação da caverna foi a possibilidade de despistar a criatura em nosso encalço em meio à confusa junção das imensas galerias. Havia diversos pinguins albinos no espaço aberto, e parecia claro que o temor despertado pela entidade que se aproximava era extremo a ponto de desafiar qualquer explicação. Se naquele ponto reduzíssemos a luminosidade da lanterna ao mínimo necessário e mantivéssemos o facho apontado para frente, os grasnados e os movimentos assustados dos enormes pássaros em meio à névoa talvez abafassem os nossos passos, ocultassem o nosso rumo verdadeiro e de algum modo levassem o nosso perseguidor a seguir uma pista falsa. Em meio à turbulenta e espiralante neblina, o chão baço e repleto de entulho no túnel principal, apesar do evidente contraste em relação aos mórbidos subterrâneos polidos em outras partes, não seria uma característica muito perceptível; sequer — pelo menos segundo as nossas estimativas — para os sentidos especiais que, embora de maneira imperfeita, tornavam os Anciões independentes de luz em casos de emergência. Para dizer a verdade, também estávamos um pouco temerosos de perder o nosso próprio caminho na pressa. Tínhamos resolvido continuar sempre adiante em direção à cidade morta; pois as consequências de perder o caminho nas desconhecidas galerias dos sopés eram inconcebíveis.

Nossa sobrevivência e nosso retorno à superfície são provas suficientes de que a coisa deve ter entrado na galeria errada enquanto nós seguimos pelo caminho acertado. Só os pinguins não poderiam ter nos salvado, porém somados à névoa parecem ter contribuído de maneira decisiva. Um destino benigno foi o que manteve os vapores revoluteantes densos o bastante no momento crucial, pois o tempo inteiro a névoa se transformava e ameaçava desaparecer. De fato, os vapores dissiparam-se por um breve momento antes que deixássemos o nauseabundo túnel reesculpido e emergíssemos na caverna; e tivemos um primeiro vislumbre da entidade que se aproximava quando lançamos um último olhar temeroso para trás antes de reduzirmos o facho da lanterna e nos juntarmos aos pinguins para escapar da perseguição. Se o destino que nos protegia era

benigno, aquele que nos propiciou esse vislumbre era algo infinitamente oposto; pois àquele relance momentâneo pode ser atribuída pelo menos a metade dos horrores que nos assombram desde então.

O motivo que nos levou a olhar para trás talvez não tenha sido mais do que o instinto imemorial do perseguido de avaliar a natureza e a rota do perseguidor; ou talvez tenha sido uma tentativa automática de responder uma questão subconsciente levantada por um dos nossos sentidos. Durante a fuga, com todas as nossas faculdades centradas no escape, não estávamos em condições de observar e analisar detalhes; porém as nossas células cerebrais devem ter analisado a mensagem transmitida pelo olfato. Só mais tarde percebemos do que se tratava — pois o afastamento da viscosidade fétida que cobria aquelas obstruções decapitadas e a concomitante aproximação da entidade perseguidora não haviam provocado a alteração olfativa esperada. Na proximidade daquelas coisas prostradas, o novo e inexplicável miasma era preponderante; mas naquela altura deveria ter dado vez à fedentina inominável associada àqueles outros. Porém, não foi o que sucedeu — pois o novo e insuportável cheiro pareceu surgir em estado puro, e tornava-se mais e mais pungente a cada instante que passava.

Então olhamos para trás — ao mesmo tempo, segundo parece; embora não haja dúvidas de que o movimento incipiente de um tenha provocado a imitação do outro. Apontamos o facho das duas lanternas na potência máxima em direção à névoa momentaneamente atenuada; talvez movidos por um desejo primitivo de ver o quanto pudéssemos, ou em uma tentativa menos primitiva mas também inconsciente de atordoar a entidade antes que apagássemos a luz e desviássemos dos pinguins frenéticos rumo ao centro do labirinto. Gesto desafortunado! Nem o próprio Orfeu nem a esposa de Ló pagaram mais caro ao olhar para trás. E mais uma vez aquele assovio pavoroso em várias frequências — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"*

Hoje me disponho a ser franco — embora eu não consiga ser direto — em relação ao que vimos; embora na época tenhamos sentido que não poderíamos discutir o assunto sequer um com o outro. Jamais as palavras que chegam ao leitor serão capazes de sequer insinuar o horror da visão. Nossa consciência sofreu um abalo tão profundo que me admiro ao perceber que conseguimos apagar as lanternas como havíamos planejado e seguir pelo túnel correto em direção à cidade morta. Apenas o instinto deve ter nos salvado — talvez mais do que a razão seria capaz; mas, se assim foi, pagamos um alto preço. A razão que nos resta sem dúvida é pouca. Danforth sofreu um colapso total, e a minha primeira lembrança em relação ao restante da jornada é ouvi-lo entoar uma fórmula histérica na qual apenas eu, dentre todos os homens, seria capaz de ver mais do que a algaravia dos loucos. Os ecos em falsete reverberavam em meio aos grasnados dos pinguins; reverberavam pelas arcadas à frente e — graças a Deus — pelas arcadas então desertas às nossas costas. Danforth não poderia ter

começado aquilo durante a fuga — pois de outra forma não teríamos corrido às cegas e hoje não estaríamos vivos. Estremeço ao pensar no que a menor diferença na reação nervosa poderia ter causado.

"South Station — Washington — Park Street — Kendall — Central — Harvard…" O coitado estava recitando as estações do túnel que ia de Boston a Cambridge em nossa tranquila terra natal a milhares de quilômetros, na Nova Inglaterra, porém em mim o ritual não despertava sentimentos de irrelevância nem de pertencimento ao lar. Despertava apenas horror, pois eu conhecia precisamente a monstruosa e nefasta analogia sugerida. Quando olhamos para trás, esperávamos ver — se a névoa estivesse tênue o bastante — o avanço de uma entidade terrível; porém havíamos formado uma ideia bastante clara dessa entidade. O que vimos, no entanto — pois a névoa maligna de fato estava mais tênue — foi algo distinto ao extremo, incomensuravelmente mais atroz e detestável. Era a total e absoluta corporificação da "coisa que não devia existir" mencionada pelo romancista fantástico, cuja analogia mais compreensível seria a de um enorme trem nos subterrâneos do metrô visto a partir da plataforma — a enorme dianteira negra emergindo como um colosso das profundezas subterrâneas infinitas, constelado por estranhas luzes coloridas e ocupando toda a prodigiosa escavação como um pistão ocupa um cilindro.

Mas não estávamos em uma plataforma de metrô. Estávamos nos trilhos enquanto a coluna plástica de fétida iridescência negra espremia-se ao mesmo tempo que escorria para frente como que em uma fístula de cinco metros, ganhando velocidade blasfema e arrastando diante de si uma nuvem espessa e revoluteante do pálido vapor abissal. Era uma coisa medonha, indescritível, maior do que qualquer trem de metrô — um aglomerado informe de bolhas protoplásmicas dotadas de tênue luminosidade com miríades de olhos temporários que surgiam e desapareciam como pústulas de luz esverdeada por toda a dianteira que avançou para cima de nós, esmagando os pinguins e deslizando pelo chão reluzente que aquilo e outras entidades semelhantes haviam privado de todo o entulho. Mesmo nessa hora escutamos o quimérico e zombeteiro grito — "*Tekeli-li! Tekeli-li!*". E por fim lembramos que os demoníacos shoggoths — tendo recebido a vida, o pensamento e a configuração orgânica dos Anciões, e não dispondo de linguagem alguma salvo aquela expressa pelos grupos de pontos — *tampouco dispunham de voz, salvo pela imitação dos opressores de outrora.*

XII.

Danforth e eu temos lembranças de emergir no grande hemisfério entalhado e de refazer o caminho pelos aposentos e corredores ciclópicos da cidade morta; porém são apenas fragmentos oníricos que não envolvem nenhuma lembrança referente à volição, aos detalhes ou aos esforços físicos empreendidos. Foi como se flutuássemos em um mundo ou em uma dimensão de névoa, onde não existissem o tempo, as relações causais nem as direções. A luz cinzenta no interior do vasto espaço circular fez com que nos recompuséssemos um pouco; mas não chegamos perto dos trenós nem tornamos a olhar na direção de Gedney e do cão. Os dois repousam em um estranho e titânico mausoléu, e espero que o fim do planeta encontre-os em um repouso imperturbado.

Foi enquanto subíamos a imensa rampa em espiral que sentimos pela primeira vez a falta de ar e a exaustão terrível que a nossa corrida no platô de ar rarefeito havia produzido; mas sequer o medo do colapso foi capaz de deter-nos antes que reencontrássemos a normalidade no reino exterior do céu e do sol. Tivemos um sentimento vagamente apropriado ao deixar para trás aquelas épocas soterradas; pois à medida que seguíamos o nosso arquejante caminho pelo cilindro de dezoito metros de altura em cantaria primordial, vislumbramos às nossas costas uma procissão contínua das esculturas heroicas feitas segundo a técnica mais antiga e mais pura da raça extinta — uma despedida dos Anciões, escrita cinquenta milhões de anos atrás.

Quando enfim chegamos ao topo, nos vimos no alto de um enorme monte de blocos desabados; as paredes curvas da cantaria erguiam-se a oeste nas partes mais altas, e os picos sobranceiros das enormes montanhas revelavam-se além das estruturas mais arruinadas em direção ao leste. O baixo sol antártico da meia-noite lançava desde o horizonte austral um olhar flamejante que atravessava as frestas das ruínas irregulares, e a antiguidade e a morte da cidade digna de um pesadelo pareceram-nos ainda mais impressionantes em contraste com outras coisas relativamente comuns e familiares como o cenário polar. O céu era uma massa tumultuosa e opalescente de tênues vapores gélidos, e o frio enregelava-nos as entranhas. Exaustos, apoiamos no chão as bolsas de equipamento às quais havíamos nos agarrado como que por instinto durante a fuga desesperada e em seguida reabotoamos nossas pesadas vestes para a cambaleante descida monte abaixo e para a caminhada através do labirinto de pedra imemorial como os éons em direção os sopés onde o nosso avião aguardava. Em relação ao que nos havia posto em fuga na escuridão dos recônditos e arcaicos pélagos terrestres, não dissemos sequer uma palavra.

Em menos de quinze minutos encontramos a encosta íngreme em direção aos sopés — que parecia ter sido um antigo terraço — por onde havíamos descido, e pudemos enxergar o vulto sombrio do avião em meio às ruínas esparsas na encosta logo à frente. No meio da subida, fizemos uma pausa a fim de

recobrar o fôlego e nos voltamos mais uma vez para trás a fim de observar o fantástico emaranhado paleogêneo de incríveis formas em pedra que se descortinava a nossos pés — um traçado místico com o ocidente desconhecido ao fundo. Enquanto descansávamos, notamos que a névoa matinal havia se dissipado no céu longínquo; os incessantes vapores gélidos haviam subido em direção ao zênite, onde contornos zombeteiros pareciam estar prestes a executar um desenho bizarro que no entanto temiam exibir como algo definido ou conclusivo.

Logo divisamos, na brancura suprema do horizonte atrás da grotesca cidade velada, uma fantástica e difusa linha de pináculos violeta cujos picos aciculados delineavam uma silhueta onírica contra os tons róseos do céu ocidental. O platô ancestral inclinava-se em direção às alturas cintilantes, com o antigo curso do rio de outrora a cortá-lo como uma listra de sombra irregular. Por um instante perdemos o fôlego ao contemplar a cósmica beleza extraterrena da cena, e a seguir um horror vago tornou a instilar-se em nossas almas. Aquela linha violeta não poderia ser outra coisa que não as terríveis montanhas da terra proibida — os picos mais altos da Terra e a origem de todo o mal terreno; abrigos de horrores inomináveis e segredos arqueanos; evitadas e adoradas por aqueles que temeram esculpi-las; inacessíveis a todas as criaturas da Terra, porém visitadas por relâmpagos sinistros e estranhos raios que cruzavam as planícies da noite polar — sem dúvida o arquétipo desconhecido da temível Kadath na Desolação Gelada além do abominável Platô de Leng, mencionado com relutância nas blasfemas lendas primordiais. Fomos os primeiros seres humanos a vê-las — e peço a Deus que sejamos também os últimos.

Se as figuras e os mapas esculpidos na cidade pré-humana estivessem corretos, aquelas crípticas montanhas violeta não deveriam estar a menos de 500 quilômetros de distância; e mesmo assim uma tênue essência fantástica sobranceava acima das remotas alturas nevadas, como a extremidade serrilhada de um monstruoso planeta alienígena prestes a orbitar céus desconhecidos. A altura das montanhas, portanto, deve ter sido formidável e transcendido em muito quaisquer medidas conhecidas — suficiente para elevá-las aos tênues estratos atmosféricos povoados pelos espectros gasosos que certos aviadores destemidos mal viveram para mencionar aos sussurros após quedas inexplicáveis. Enquanto eu as contemplava, pensei com certo nervosismo nas sugestões esculpidas do que o grande rio de outrora havia arrastado desde as encostas amaldiçoadas em direção à cidade — e perguntei-me quanta prudência e quanta loucura não teriam motivado os temores dos Anciões que as entalharam com tanta parcimônia. Lembrei-me de que o extremo setentrional deveria ficar próximo da Terra da Rainha Mary, onde naquele exato instante a expedição de Sir Douglas Mawson sem dúvida trabalhava a menos de mil e quinhentos quilômetros de distância; e desejei que nenhum destino infausto concedesse a Sir Douglas e aos demais

membros da equipe um vislumbre do que poderia ocultar-se além da cordilheira litorânea. Eis os pensamentos que em parte contribuíram para o meu estado precário naquele instante — e Danforth parecia estar em condições ainda piores.

Antes de atravessarmos a grande ruína em forma de estrela e chegarmos ao avião, no entanto, nossos temores centraram-se na cordilheira menor porém impressionante cuja silhueta estendia-se à nossa frente. A partir daqueles sopés as encostas negras e cravejadas de ruínas erguiam-se de modo pavoroso e ameaçador tendo por fundo o oriente, o que mais uma vez nos fez recordar as estranhas pinturas asiáticas de Nikolai Rerikh; e quando pensamos nas infernais galerias que as perpassavam, e nas entidades amorfas que poderiam ter aberto caminhos fétidos até as ocas alturas escavadas do mais sobranceiro pináculo, não conseguimos conceber sem pavor a ideia de mais uma vez passar ao lado das sugestivas cavernas voltadas ao céu onde o vento produzia sons que lembravam um maligno assovio musical com notas em várias frequências. A fim de piorar ainda mais a situação, notamos resquícios evidentes de névoa ao redor de vários cumes — como o pobre Lake deve ter feito quando se enganou a respeito do vulcanismo — e lembramos com trepidação da névoa que havíamos despistado pouco tempo atrás; e também do blasfemo e horripilante abismo de onde todos aqueles vapores emanavam.

Tudo estava bem com o avião, e com certa falta de jeito vestimos as peles mais grossas para levantar voo. Danforth não teve dificuldades para dar a partida no motor, e fizemos uma decolagem suave por cima da cidade de pesadelo. Abaixo de nós a primordial cantaria ciclópica estendia-se como havia feito na primeira vez em que a avistamos — em um tempo tão recente e ao mesmo tempo infinitamente remoto —, e logo começamos a ganhar altitude e a fazer manobras para experimentar a força do vento antes de atravessar o desfiladeiro. Em um nível mais alto deve ter havido grandes tumultos atmosféricos, pois as nuvens de cristais de gelo que pairavam no zênite faziam toda sorte de movimentos fantásticos; mas aos 7.300 metros — a altitude necessária para a travessia do desfiladeiro — encontramos condições bastante razoáveis. Enquanto nos aproximávamos dos cumes protuberantes o estranho assovio do vento mais uma vez tornou-se manifesto, e pude ver que as mãos de Danforth tremiam nos controles. Por menos experiência que eu tivesse, imaginei que naquele momento eu talvez fosse um piloto mais adequado para efetuar a perigosa travessia entre os pináculos; e quando sinalizei a minha disposição em assumir o comando, Danforth não protestou. Tentei assenhorar-me da minha compostura e da minha habilidade como piloto e fixei o olhar no céu vermelho à minha frente, entre as muralhas do desfiladeiro — recusando-me terminantemente a prestar atenção nos sopros dos vapores montanhosos e desejando que eu tivesse os ouvidos tapados

com cera, como os homens de Ulisses na costa das Sereias, para manter o inquietante assovio do vento longe dos meus pensamentos.

Danforth, no entanto, rendido da pilotagem e com os nervos sujeitos a uma tensão perigosa, não conseguia parar quieto. Percebi movimentos agitados e bruscos quando olhava para trás em direção à cidade que se afastava no horizonte, para frente em direção aos picos infestados de cavernas e repletos de incrustações cúbicas, para o lado em direção ao mar negro de sopés nevados cobertos de muralhas e para cima, em direção ao céu turbulento e coalhado de nuvens grotescas. No instante em que eu tentava manobrar em segurança através do desfiladeiro, os gritos ensandecidos do meu colega quase nos precipitaram ao desastre quando deitaram por terra a minha compostura e levaram-me a executar movimentos caóticos nos controles. Um segundo mais tarde a minha resolução triunfou e levamos a travessia a bom termo — mas temo que Danforth nunca mais seja o mesmo.

Disse eu que Danforth recusou-se a me descrever o horror final que o levou a esse paroxismo de insanidade — um horror que julgo ser a principal causa do colapso a que sucumbiu. Trocamos breves fragmentos de conversa aos gritos em meio aos assovios do vento e os ruídos do motor quando chegamos ao lado seguro da cordilheira e começamos a descida em direção ao acampamento, porém o assunto era em grande parte relacionado ao pacto de silêncio feito enquanto nos preparávamos para abandonar a cidade de pesadelo. Certas coisas não se prestavam ao conhecimento público e a discussões levianas — e hoje eu não estaria fazendo esse relato se não fosse a necessidade de impedir a Expedição Starkweather-Moore, bem como outras, a qualquer custo. É absolutamente necessário, para a paz e a segurança da humanidade, que certos recônditos obscuros e mortos e certas profundezas inexploradas da Terra permaneçam em paz; de outro modo, as abominações que dormem talvez despertem para uma nova vida, e então os blasfemos pesadelos remanescentes podem arrastar-se e deslizar para longe de negros covis em busca de novas e maiores conquistas.

Tudo o que Danforth deu a entender foi que o horror final era uma miragem. Segundo disse, não foi nada relacionado aos cubos e às cavernas das ecoantes, vaporosas e labirínticas montanhas da loucura que atravessamos; mas um único vislumbre fantástico e demoníaco, entre as tumultuosas nuvens no zênite, daquilo que se escondia além das montanhas a oeste que os Anciões tinham evitado e temido. O mais provável é que tenha sido uma alucinação causada pelas tensões que havíamos enfrentado e pela miragem avistada na morta cidade trasmontana próximo ao acampamento de Lake no dia anterior; mas a impressão de Danforth foi tão real que o homem até hoje sofre com as consequências.

Em certas ocasiões, falou aos sussurros coisas desconexas e irresponsáveis sobre “o fosso negro”, “as paredes entalhadas”, “os proto-shoggoths”, “os sólidos

sem janela de cinco dimensões”, “o cilindro inominável”, “o antigo farol”, “Yog-Sothoth”, “a gelatina branca primordial”, “a cor que caiu do espaço”, “as asas”, “os olhos na escuridão”, “a escada para a lua”, “o original, o eterno e o imortal” e outros conceitos bizarros; mas ao recobrar o juízo repudia tudo e atribui essas noções às curiosas e macabras leituras feitas durante a juventude. Na verdade, Danforth foi um dos poucos que se atreveu a ler na íntegra o carcomido exemplar do *Necronomicon* guardado a cadeado na biblioteca da universidade.

Quando atravessamos a cordilheira, as alturas celestes sem dúvida estavam um tanto vaporosas e tumultuosas; e embora eu não tenha avistado o zênite, posso imaginar que os redemoinhos descritos pelos cristais de gelo tenham assumido formas um tanto estranhas. A imaginação, conhecendo a vividez com que cenas distantes por vezes podem ser refletidas, refratadas e ampliadas por essas camadas de nuvens turbulentas, não teria dificuldade em providenciar o restante — e é claro que Danforth não fez alusão a nenhum desses horrores específicos enquanto a memória não teve chance de recorrer às leituras de outrora. Seria impossível ver tanta coisa em um olhar momentâneo.

Na hora, os gritos que deu limitaram-se à repetição de uma única palavra insana de origem evidente: *“Tekeli-li! Tekeli-li!”*.

---

[1] “Ulalume” (*ii*, 15–19), poema composto por Edgar Allan Poe em 1847. [N. da E.]

O Assombro das Trevas (1935)

(*Dedicado a Robert Bloch*)

Vi o abismo do negro universo
Onde os astros vagueiam no escuro
Onde vagam em horror indizível,
Sem passado, presente ou futuro.

— Nêmesis

Investigadores cautelosos hesitarão em questionar a crença popular de que Robert Blake foi morto por um raio ou por um profundo choque nervoso proveniente de uma descarga elétrica. É verdade que a janela para a qual estava voltado encontrava-se intacta, mas a natureza já se mostrou capaz de muitos feitos extraordinários. A expressão em seu rosto poderia muito bem ter origem em algum estímulo muscular obscuro sem relação alguma com o que viu, enquanto as anotações em seu diário são claramente o resultado de uma imaginação fantasiosa excitada por certas superstições locais e certos assuntos obscuros nos quais se aprofundara. Quanto às condições anômalas na igreja abandonada de Federal Hill — o investigador perspicaz não tarda em atribuí-las a um certo charlatanismo, consciente ou inconsciente, com o qual Blake mantinha relações secretas.

Afinal de contas, a vítima foi um escritor e pintor devotado ao campo da mitologia, do sonho, do terror e da superstição, ávido em sua busca por cenas e efeitos de natureza bizarra, espectral. Sua primeira estada na cidade — em visita a um estranho homem tão interessado em ocultismo e sabedoria secreta quanto o próprio Blake — acabara em meio ao fogo e à morte, e algum instinto mórbido deve tê-lo levado de volta ao lar em Milwaukee. Apesar das negativas no diário, Blake devia conhecer as velhas histórias, e sua morte pode ter cortado pela raiz uma farsa de proporções gigantescas, destinada a ter reflexos literários.

Contudo, entre os que examinaram e correlacionaram todas as evidências, há muitos que defendem teorias menos racionais e menos triviais. Estes tendem a

interpretar literalmente o conteúdo do diário de Blake e apontam fatos relevantes como a autenticidade indubitável do antigo registro da igreja, a existência comprovada da malquista e pouco ortodoxa seita da Sabedoria Estrelada antes de 1877, o sumiço documentado de um repórter investigativo chamado Edwin M. Lillibridge em 1893 e — acima de tudo — a expressão de pânico monstruoso e transfigurador no rosto do jovem artista quando seu corpo foi encontrado. Foi um adepto dessa versão que, levado ao extremo do fanatismo, atirou na baía a singular pedra angulosa e a estranha caixa lavrada em metal encontradas no velho coruchéu da igreja — no escuro coruchéu sem janelas, e não na torre onde o diário de Blake afirma que estas coisas foram originalmente encontradas. Mesmo tendo recebido inúmeras censuras oficiais e extraoficiais, este homem — um físico renomado com um gosto por lendas inusitadas — asseverou ter livrado a Terra de algo perigoso demais para habitá-la.

Entre as duas escolas opinativas, o leitor deve escolher a de sua filiação. Os documentos relatam os detalhes tangíveis de maneira cética, deixando a outros a tarefa de pintar o quadro tal como Robert Blake o via — ou imaginava ver — ou fingia ver. Façamos então um resumo atento, desapaixonado e sem pressa da nefasta cadeia de eventos segundo as opiniões expressas por seu principal ator.

O jovem Blake voltou a Providence no inverno de 1934-5, quando ocupou o piso superior de um vistoso prédio em um gramado próximo à College Street — no alto do enorme morro a Oeste junto ao campus da Brown University e atrás do prédio de mármore da John Hay Library. Era um lugar agradável e fascinante em um pequeno oásis paisagístico que lembrava os vilarejos antigos, onde enormes gatos amistosos tomavam sol no alto de um conveniente galpão. A quadrada casa georgiana tinha trapeiras no telhado, vão da porta em estilo clássico, com entalhes em leque, janelas pequenas e todas as outras características típicas das casas do início do século *xix*. Dentro haviam portas de seis painéis, pisos de tabuão, uma escadaria curva em estilo colonial, consolos brancos do período adâmico e, nos fundos, alguns cômodos três degraus abaixo do nível da casa.

O escritório de Blake, de orientação sudoeste, dava para o jardim da frente em um lado, enquanto as janelas a Oeste — diante das quais ficava a sua escrivaninha — revelavam o alto do morro e comandavam um esplêndido panorama dos telhados por toda a cidade baixa e também dos pôres do sol místicos que lhes chamejavam por detrás. No horizonte longínquo ficavam as colinas púrpura do campo aberto. Mais atrás, a uns três quilômetros de distância, erguia-se o vulto espectral de Federal Hill, salpicado com aglomerações de telhados e coruchéus cujas silhuetas remotas oscilavam cheias de mistério, assumindo formas incríveis enquanto a fumaça da cidade espiralava em direção ao céu e as envolvia. Blake tinha a curiosa impressão de estar olhando para um

mundo desconhecido, etéreo, que poderia ou não se refugiar em sonhos caso um dia resolvesse procurá-lo e desvendá-lo pessoalmente.

Após solicitar o envio da maioria dos livros que tinha em casa, Blake comprou móveis antigos de acordo com a nova morada e dedicou-se a escrever e a pintar — morando sozinho e cuidando ele próprio dos simples afazeres domésticos. O estúdio ficava em um quarto voltado para o Norte, no sótão, onde as trapeiras propiciavam uma iluminação admirável. Durante aquele primeiro inverno Blake escreveu cinco de suas mais célebres histórias — “The Burrower Beneath”, “The Stairs in the Crypt”, “Shaggai”, “In the Vale of Pnath” e “The Feaster from the Stars” — e pintou sete telas; estudos de monstros inomináveis, inumanos, e cenários alienígenas e extraterrenos.

Ao pôr do sol, muitas vezes sentava-se à escrivaninha e ficava olhando como que num sonho em direção ao Ocidente — as torres negras do Memorial Hall logo abaixo, o campanário do tribunal geórgico, os sobranceiros pináculos do centro da cidade e, ao longe, o difuso outeiro rematado pelos coruchéus, cujas ruas desconhecidas e empenas labirínticas exerciam tamanha influência sobre sua imaginação. Dos poucos conhecidos na região, aprendeu que a colina mais distante era o bairro italiano, ainda que a maioria das casas fossem herança de antigos americanos e irlandeses. De tempos em tempos Blake apontava o binóculo para aquele mundo espectral e inalcançável além da fumaça; escolhia telhados e chaminés e coruchéus individuais e especulava sobre os mistérios curiosos e bizarros que poderiam abrigar. Mesmo com o instrumento óptico, Federal Hill parecia de alguma forma alienígena, meio fabulosa e ligada aos portentos irreais e intangíveis nas histórias e telas do próprio Blake. A sensação persistia por muito tempo depois que o morro desaparecia no crepúsculo violeta, salpicado de lâmpadas, e as luzes do tribunal e o holofote vermelho do Industrial Trust iluminavam-se para deixar a noite grotesca.

De todos os objetos distantes em Federal Hill, uma certa igreja enorme e escura era o que mais fascinava Blake. A construção ficava muito visível durante certas horas do dia, e ao pôr do sol a enorme torre e o coruchéu pontiagudo erguiam-se como sombras contra o céu chamejante. A igreja parecia ficar em terreno elevado; pois a sinistra fachada e a lateral norte, avistada de viés com o telhado oblíquo e o alto de enormes frestões, dominavam orgulhosas as inúmeras cumeeiras e chaminés ao redor. De aspecto particularmente tétrico e austero, o templo parecia ser construído em pedra manchada e desgastada pela fumaça e pelas tempestades de mais de um século. O estilo, pelo que se via com o binóculo, era remanescente dos primórdios do neogótico que precedeu o opulento período Upjohn e mantinha algumas das silhuetas e proporções da época georgiana. Talvez datasse de 1810 ou 1815.

À medida que os meses passavam, Blake observava a severa estrutura distante com crescente interesse. Como as enormes janelas jamais se acendessem, ele sabia que a construção devia estar abandonada. E quanto mais observava, mais sua fantasia excitava-se, até que por fim começou a imaginar coisas um tanto curiosas. Blake acreditava que uma aura vaga e singular de sordidez pairava sobre a igreja, de modo que os pombos e andorinhas evitavam-lhe os beirais esfumaçados. Ao redor de outras torres e campanários o binóculo revelava grandes revoadas de pássaros, mas na igreja eles não pousavam jamais. Enfim, foi isso o que Blake pensou e anotou em seu diário. Ele mostrou o lugar a vários amigos, mas nenhum deles jamais estivera em Federal Hill ou tinha a mais remota ideia sobre o que a igreja era ou havia sido.

Na primavera uma grande inquietude apossou-se de Blake. Ele havia começado seu tão planejado romance — baseado na suposta sobrevivência do culto às bruxas no Maine —, mas, por algum estranho motivo, não conseguiu levar a ideia adiante. Com frequência cada vez maior, sentava-se à janela oeste e punha-se a observar o morro longínquo e o austero coruchéu negro evitado pelos pássaros. Quando as delicadas folhas surgiram nos galhos do jardim, o mundo foi tomado por uma nova beleza, mas a inquietação de Blake só fez aumentar. Foi então que pensou pela primeira vez em atravessar a cidade e escalar aquela fabulosa colina em direção ao mundo de sonhos envolto em fumaça.

No fim de abril, logo antes do Walpurgis à sombra dos éons, Blake fez sua primeira incursão rumo ao desconhecido. Depois de avançar pelas intermináveis ruas do centro e pelos ermos quarteirões decrépitos mais além, enfim chegou até a avenida ascendente com a escadaria de degraus gastos pelo século, os pórticos dóricos abaulados e as cúpulas de vidros baços que, segundo imaginava, conduziriam ao inalcançável mundo além da névoa que de longa data conhecia. Havia imundas placas brancas e azuis com nomes de ruas que não significavam nada para ele, e nesse instante Blake percebeu os rostos estranhos e sombrios da multidão de passantes e os símbolos estrangeiros acima de curiosas lojas em construções marrons desgastadas pelo tempo. Em nenhuma parte ele encontrou os objetos que avistara de longe; assim, mais de uma vez imaginou que a Federal Hill daquele vislumbre longínquo era um mundo de sonho que jamais seria galgado em vida por pés humanos.

De vez em quando surgia a fachada de uma igreja em ruínas ou de um coruchéu prestes a desmoronar, mas nunca o vulto obscuro que ele procurava. Quando perguntou a um lojista pela enorme igreja de pedra, o homem sorriu e sacudiu a cabeça, ainda que falasse inglês de bom grado. À medida que Blake subia, a região tornava-se cada vez mais estranha, com intrincados labirintos de agourentas ruelas marrons que conduziam eternamente ao Sul. Ele atravessou duas ou três avenidas largas e, a certa altura, imaginou ter vislumbrado uma torre

familiar. Mais uma vez perguntou a um comerciante pela imponente igreja de pedra, e nessa segunda tentativa ele poderia jurar que a alegação de ignorância era falsa. O rosto bronzeado do homem tinha uma expressão de medo que ele tentava ocultar, e Blake o viu fazer um curioso gesto com a mão direita.

Então, de repente, um coruchéu negro delineou-se contra o céu anuviado à sua esquerda, acima dos incontáveis telhados marrons que ladeavam as emaranhadas ruelas ao Sul. Blake soube no mesmo instante do que se tratava e apressou-se pelas vielas sórdidas e sem pavimentação que subiam a partir da avenida. Por duas vezes ele perdeu o caminho, mas por algum motivo não ousou fazer perguntas aos patriarcas e donas de casa que estavam sentados na soleira das portas nem às crianças que gritavam e brincavam no barro das vielas sombrias.

Enfim avistou a torre a Sudoeste, e um enorme vulto de pedra ergueu-se, sinistro, no fim de uma ruela. Nesse instante Blake estava em uma praça aberta, de pavimentação esquisita, com um elevado muro de aterro no extremo oposto. Este era o fim de sua busca; pois sobre o vasto platô com grades de ferro e coberto de hera que a muralha sustentava — um mundo à parte, menor, dois metros acima das ruas em volta — assomava um vulto titânico e nefasto cuja identidade, apesar da nova perspectiva de Blake, estava além de qualquer dúvida.

A igreja deserta apresentava sinais de profunda decrepitude. Alguns dos altos contrafortes de pedra haviam desabado, e muitos remates frágeis jaziam meio perdidos entre ervas daninhas e gramas marrons e negligenciadas. As fuliginosas janelas góticas estavam em boa parte intactas, embora vários mainéis de pedra estivessem faltando. Blake perguntou-se como as vidraças pintadas com tamanha negrura poderiam ter resistido tão bem aos conhecidos hábitos dos garotos mundo afora. As portas maciças estavam em excelentes condições e firmemente trancadas. Em torno do espigão da muralha, cercando todo o terreno, havia uma cerca de ferro cujo portão — no alto do lance de escadas que subia desde a praça — estava fechado a cadeado. O caminho do portão até a igreja estava coberto por mato. A desolação e a decadência estendiam-se como uma mortalha sobre o lugar, e nos beirais vazios de pássaros e nas muralhas negras, despidas de hera, Blake sentiu um toque sinistro que não seria capaz de definir.

Havia pouquíssimas pessoas na praça, mas Blake viu um policial no lado norte e aproximou-se dele com perguntas acerca da igreja. O homem era um irlandês robusto, e a Blake pareceu estranho que não fizesse muito mais do que se persignar e balbuciar coisas sobre as pessoas jamais falarem a respeito daquela construção. Quando Blake o pressionou, o policial irlandês disse às pressas que o padre italiano advertia a todos contra a igreja, jurando que outrora um mal monstruoso havia habitado o lugar e lá deixado sua marca. O próprio irlandês ouvira histórias lúgubres contadas a meia-voz por seu pai, que relembrava certos sons e rumores da infância.

Nos velhos tempos uma seita vil reunia-se lá — uma seita clandestina que invocava coisas terríveis dos ignotos abismos da noite. Fora preciso um excelente padre para exorcizar o que então surgiu, embora algumas pessoas dissessem que apenas a luz poderia bani-lo. Se o padre O'Malley estivesse vivo ele teria muitas histórias para contar. Mas naquele ponto não havia mais nada a fazer, salvo esquecer a igreja. Ela já não prejudicava ninguém, e seus proprietários estavam mortos ou vivendo em lugares distantes. Todos haviam fugido como ratos após os ameaçadores boatos de 1877, quando as pessoas começaram a notar que de tempos em tempos alguém sumia da vizinhança. Um dia a cidade tomaria a frente e assumiria a posse da construção devido à inexistência de herdeiros, mas essa medida não resultaria em nada de bom. O melhor seria deixá-la ruir com o passar dos anos e não mexer com coisas que devem descansar para sempre em abismos sombrios.

Depois que o policial afastou-se, Blake ficou contemplando o soturno monte dos coruchéus. Ficou empolgado com a ideia de que aos outros a estrutura parecesse tão sinistra quanto para si, e assim passou a imaginar que verdade esconder-se-ia por trás das velhas histórias contadas pelo policial. O mais provável era que fossem meras lendas motivadas pelo aspecto maléfico da construção, mas as semelhanças com uma de suas próprias histórias eram incríveis.

O sol da tarde emergiu de trás das nuvens que se dispersavam, mas pareceu incapaz de iluminar as paredes manchadas e fuliginosas do velho templo que assomava no altaneiro platô. Era estranho que o verde primaveril não houvesse tocado as ervas marrons e secas daquele pátio cercado. Aos poucos Blake aproximou-se do terreno elevado e começou a examinar o muro e a cerca enferrujada em busca de uma via de ingresso. Sobre o templo obscuro pairava um fascínio terrível, a que não se podia resistir. A cerca não tinha nenhuma abertura próxima aos degraus, mas no lado norte algumas barras estavam faltando. Blake subiu os degraus e caminhou pelo estreito espigão da muralha, por fora da cerca, até alcançar a passagem. Se as pessoas nutriam um temor tão intenso pela construção ele não haveria de encontrar nenhum obstáculo.

Blake estava no aterro e já quase no interior da cerca antes que alguém o notasse. Então, olhando para baixo, viu as poucas pessoas que estavam na praça afastarem-se e fazer o mesmo gesto que o lojista da avenida fizera com a mão direita. Muitas janelas fecharam-se, e uma mulher gorda disparou em direção à rua e arrastou algumas crianças pequenas para dentro de uma casa decrépita e sem pintura. A falha no cercado não oferecia dificuldades à passagem, e sem demora Blake estava a desbravar o emaranhado de mato putrescente no terreno abandonado. Aqui e acolá o fragmento desgastado de uma lápide indicava que o local era um antigo cemitério; mas isso deveria ter sido em épocas remotas. O

vulto descomunal da igreja pareceu-lhe ainda mais opressivo de perto, mas Blake logo se recompôs e aproximou-se para tentar abrir as enormes portas da fachada. Todas estavam trancadas a chave, e assim ele começou a rodar o perímetro da construção ciclópica em busca de alguma entrada secundária mais acessível. Sequer nesse instante Blake poderia dizer ao certo se desejava entrar naquele covil de abandono e escuridão, mas a estranheza do lugar impelia-o adiante.

Uma janela aberta e desprotegida que dava para o porão ofereceu-lhe a passagem necessária. Ao perscrutar o interior, Blake viu um abismo subterrâneo de teias de aranha e poeira, iluminado pelos tênues raios de sol que filtravam pela janela a Oeste. Destroços, barris velhos, caixas arruinadas e várias peças de mobiliário surgiram diante de seus olhos, embora tudo estivesse coberto por uma mortalha de poeira que abrandava todos os contornos salientes. As ruínas enferrujadas de uma fornalha de ar quente indicavam que o prédio estivera em uso e em boas condições até a metade do período vitoriano.

Agindo quase por instinto, Blake deslizou o corpo pela janela e desceu do outro lado, no chão de concreto forrado de pó e obstruído pelos destroços. O porão abobadado era amplo e não tinha repartições; em um canto à direita, envolto em densas trevas, havia uma arcada sombria que sem dúvida conduzia ao andar superior. Blake foi acometido por um peculiar sentimento de opressão por estar de fato no interior da igreja espectral, mas logrou contê-lo enquanto procedia a uma cautelosa exploração — encontrando em seguida um barril intacto em meio ao pó e rolando-o até a janela aberta para assim garantir seu egresso. Então, tomando coragem, atravessou o amplo espaço festoado por teias de aranha em direção à arcada. Meio sufocado pela onipresença do pó e coberto por diáfanas fibras fantasmáticas, Blake ganhou e começou a galgar os degraus carcomidos que se erguiam rumo às trevas. Não havia iluminação alguma, mas ele prosseguia às apalpadelas. Passada uma curva acentuada, encostou numa porta logo à frente e, depois de tatear mais um pouco, encontrou sua antiga trava. A porta abriu para dentro, e além do umbral Blake percebeu um corredor iluminado, com painéis roídos pelos cupins em ambos os lados.

Depois de chegar ao térreo, Blake começou uma rápida exploração. Todas as portas internas estavam destrancadas, de modo que lhe foi possível transitar à vontade entre os vários ambientes. A gigantesca nave era um lugar quase preternatural com os aglomerados e as montanhas de pó que recobriam os bancos, o altar, o púlpito e o dossel, e também com as titânicas cordas de teia de aranha que se estendiam em meio aos arcos pontiagudos da galeria e envolviam o conjunto das colunas góticas. No geral, aquela desolação silenciosa irradiava uma horripilante luz plúmbea, enquanto os raios do sol poente filtravam pelos estranhos vitrais enegrecidos das enormes janelas absidais.

Os vitrais nessas janelas estavam tão obscurecidos pela fuligem que Blake mal pôde decifrar o que representavam, mas o pouco que conseguiu identificar não lhe agradou em nada. Os desenhos eram em grande parte convencionais, e o conhecimento de Blake acerca de símbolos obscuros revelou-lhe um bocado sobre alguns dos vetustos motivos. Os poucos santos representados traziam no semblante expressões visivelmente criticáveis, ao passo que um dos vitrais parecia trazer simples espirais de peculiar luminosidade. Afastando-se das janelas, Blake notou que a cruz envolta por teias de aranha logo acima do altar não era uma cruz convencional, mas representava o *ankh* primitivo ou a *crux ansata* do Egito umbroso.

Nos fundos, em uma sacristia junto à abside, Blake descobriu uma escrivaninha podre e estantes que se erguiam até o teto, repletas de livros bolorentos e rotos. A essa altura ele recebeu o primeiro choque de horror objetivo, pois os títulos dos livros disseram-lhe um bocado. Eram as coisas negras e proibidas sobre as quais a maioria das pessoas em sã consciência jamais ouviu falar, ou então ouviu falar apenas em sussurros furtivos e temerosos; os repositórios proscritos e temidos de ambíguas fórmulas secretas e imemoriais que haviam acompanhado o fluxo do tempo desde a juventude dos homens e das eras difusas e fabulosas anteriores ao nascimento do primeiro homem. O próprio Blake lera uns quantos deles — uma versão latina do execrando *Necronomicon*, o sinistro *Liber Ivonis*, o infame *Cultes des Goules* do Comte d'Erlette, o *Unassprechlichen Kulten* de Von Juntz e o infernal *De Vermis Mysteriis* do velho Ludvig Prinn. Mas havia outros que conhecia apenas de nome, ou sequer assim — os *Manuscritos Pnakóticos*, o *Livro de Dzyan* e um volume caindo aos pedaços com caracteres absolutamente indecifráveis, que no entanto trazia certos símbolos e diagramas pavorosamente familiares aos iniciados nas ciências ocultas. Ficou evidente que os rumores locais não eram infundados. O lugar outrora havia sediado uma ordem maléfica mais antiga do que a humanidade e maior do que o universo conhecido.

Na escrivaninha decrépita havia um pequeno registro encadernado em couro que continha estranhos apontamentos em algum sistema criptográfico. As anotações no manuscrito consistiam nos símbolos tradicionais usados hoje na astronomia e em tempos remotos na alquimia, na astrologia e em outras artes duvidosas — figuras representando o sol, a lua, os planetas, os aspectos e os signos zodiacais —, amontoados em páginas inteiras de texto, com divisões e quebras de parágrafo que sugeriam que cada símbolo correspondia a uma letra do alfabeto.

Na esperança de mais tarde resolver o criptograma, Blake pôs o volume no bolso do casaco. Muitos dos enormes tomos nas estantes fascinavam-no a extremos inefáveis, e ele sentiu-se tentado a tomá-los de empréstimo em um

momento oportuno. Imaginou como os livros poderiam ter permanecido lá por tanto tempo sem que ninguém os perturbasse. Seria ele o primeiro a vencer o medo implacável e dominador que por quase sessenta anos havia protegido aquele lugar deserto contra os visitantes?

Ao dar por encerrada a exploração no piso térreo, Blake mais uma vez atravessou a poeira da nave espectral em direção ao vestíbulo, onde avistara uma porta e uma escadaria que julgava conduzir à torre e ao coruchéu enegrecidos — objetos que conhecia de longe havia muito tempo. A subida foi uma experiência sufocante, visto que o pó acumulava-se em grossas camadas enquanto as aranhas mostravam do que eram realmente capazes naquele espaço exíguo. A escada era uma espiral com degraus altos e estreitos, e a espaços Blake passava por uma janela baça que oferecia um vertiginoso panorama da cidade. Mesmo sem ter visto corda alguma no andar de baixo, esperava descobrir um sino ou um carrilhão na torre cujos frestões e adufas seu binóculo amiúde examinara. Porém ele estava fadado à decepção; pois, quando ganhou o alto da escadaria, encontrou o interior da torre vazio de sinos e visivelmente equipado para fins muito diferentes.

O aposento quadrado, com cerca de cinco metros de lado, recebia a iluminação tênue de quatro frestões, um em cada extremo, cobertos pela proteção das adufas decrépitas. Estas, por sua vez, haviam sido guarnecidas com telas firmes e opacas, que no entanto já estavam em boa parte apodrecidas. No centro do chão poeirento erguia-se um pilar de pedra estranhamente anguloso com cerca de um metro e vinte de altura e sessenta centímetros de diâmetro, coberto em ambos os lados por hieróglifos bizarros, de execução primitiva e absolutamente irreconhecíveis. No pilar repousava uma caixa metálica de peculiar formato assimétrico; a tampa estava aberta para trás e o interior abrigava o que, sob o denso pó das décadas, parecia ser um objeto oval ou um esfera irregular com cerca de dez centímetros de comprimento. Ao redor do pilar, quase em círculo, estavam dispostas sete cadeiras góticas de espaldar alto e muito bem conservadas, enquanto atrás delas, ao longo dos painéis escuros que revestiam as paredes, viam-se sete imagens colossais de estuque arruinado, pintadas de preto, que lembravam acima de tudo os crípticos megálitos entalhados da misteriosa Ilha da Páscoa. Em um dos cantos da câmara recoberta por teias de aranha havia uma escada incrustada na parede, conduzindo a um alçapão fechado que dava acesso ao coruchéu sem janelas logo acima.

Quando Blake acostumou-se à iluminação tênue, percebeu os peculiares baixo-relevos na estranha caixa de material amarelado. Ao aproximar-se, tentou limpar a poeira com as mãos e com um lenço, e notou que as figuras eram de uma raça monstruosa e inteiramente alienígena; representações de entidades que, embora parecessem vivas, não guardavam semelhança alguma com as formas de

vida que evoluíram em nosso planeta. A esfera de dez centímetros revelou-se na verdade um poliedro quase negro com veios rubros e inúmeras superfícies planas irregulares; ou uma notável espécie de cristal, ou um objeto factício entalhado em rocha de alto polimento. O poliedro não tocava no fundo da caixa; mantinha-se suspenso por meio de uma cinta de metal ao redor de seu centro, com sete apoios de formato inusitado que se estendiam na horizontal até os ângulos da parede interna da caixa, na altura do topo. A pedra, uma vez percebida, exerceu sobre Blake um fascínio quase alarmante. Ele mal conseguia desgrudar os olhos do objeto e, enquanto observava as superfícies brilhosas, por pouco não o imaginava transparente, com difusos universos fabulosos no interior. Em sua imaginação flutuavam cenas de orbes alienígenas com enormes torres de pedra e de outros orbes com montanhas titânicas sem nenhum sinal de vida, e de espaços ainda mais remotos onde apenas uma agitação na negrura indefinível indicava a presença de consciência e de vontade.

Quando por fim desviou o olhar, foi para notar um peculiar amontoado de pó no canto mais distante, próximo à escada que dava acesso ao coruchéu. Blake não saberia dizer por que motivo aquilo chamou sua atenção, mas algo na silhueta transmitiu-lhe uma mensagem inconsciente. Enquanto caminhava com dificuldade naquela direção e desvencilhava-se das teias de aranha à medida que avançava, começou a perceber alguma coisa funesta. A mão e o lenço não tardaram em revelar a verdade, e Blake arquejou com uma atordoante mistura de emoções. Era um esqueleto humano, que deveria estar lá desde muito tempo. As roupas estavam viradas em andrajos, mas alguns botões e fragmentos de tecido indicavam um terno masculino cinza. Havia mais evidências — sapatos, fivelas de metal, enormes abotoaduras de punhos duplos, um alfinete de gravata à moda antiga, um crachá de repórter com o nome do antigo *Providence Telegram* e uma carteira de couro caindo aos pedaços. Blake examinou atentamente esta última, descobrindo em seu interior diversas cédulas antigas, um calendário promocional de celuloide de 1893 com o nome “Edwin M. Lillibridge” e um papel coberto de apontamentos a lápis.

Este papel era de natureza um tanto críptica, e Blake o leu com muita atenção junto à baça janela oeste. O texto desconexo incluía frases como as que seguem:

> Prof. Enoch Bowen volta do Egito em maio de 1844 — compra a antiga Igreja do Livre-Arbítrio em julho — autor de célebres trabalhos arqueológicos ocultistas.
> Dr. Drowne da 4ª Batista alerta contra a Sabedoria Estrelada no sermão de 29 dez. 1844.
> Congregação 97 no fim de 1845.

1846 — 3 desaparecimentos — primeira menção ao Trapezoedro Reluzente.
7 desaparecimentos 1848 — começam as histórias de sacrifício de sangue.
Investigação 1853 não dá em nada — histórias de sons.
Pe. O'Malley fala em adoração ao demônio com a caixa encontrada entre a grandes ruínas egípcias — diz que eles invocam uma coisa incapaz de existir na luz. Foge da luz fraca e é banido pela luz forte. Então precisa ser invocado outra vez. Provavelmente recebeu a informação no leito de morte de Francis X. Feeney, que se converteu à Sabedoria Estrelada em 1849. Segundo dizem essas pessoas o Trapezoedro Reluzente mostra-lhes o céu & outros mundos, & o Assombro das Trevas de algum modo lhes conta segredos.
História de Orrin B. Eddy 1857. Invocam-no olhando para o cristal & falam em uma língua que lhes é própria.
200 ou mais na cong. 1863, sem contar os homens na frente de batalha.
Garotos irlandeses reúnem-se em frente à igreja após o desaparecimento de Patrick Regan em 1869.
Artigo velado no J. de 14 de março de 1872, mas as pessoas não comentam.
6 desaparecimentos 1876 — comitê secreto convoca o prefeito Doyle.
Providências prometidas para fev. 1877 — a igreja fecha em abril.
Gangue — garotos de Federal Hill — ameaçam o dr. — e os sacristãos em maio.
181 pessoas deixam a cidade ainda em 1877 — sem menção de nomes.
Histórias de fantasmas começam por 1880 — confirmar relatos de que ninguém entra na igreja desde 1877.
Pedir a Lanigan a fotografia do lugar tirada em 1851…

Após recolocar o papel na carteira e guardar esta última no bolso, Blake virou-se para examinar o esqueleto empoeirado. As implicações desses apontamentos eram claras, e não havia dúvida de que aquele homem havia chegado ao edifício deserto quarenta e dois anos atrás em busca de um furo de reportagem que ninguém mais fora destemido o suficiente para investigar. Talvez ninguém mais conhecesse o plano — como saber? Mas o homem jamais voltou à redação. Teria algum medo enfrentado com bravura conseguido vencê-lo e assim provocado um ataque cardíaco? Blake debruçou-se sobre os ossos brilhantes e estudou seu peculiar aspecto. Alguns estavam espalhados, e uns poucos pareciam ter se dissolvido nas extremidades. Outros haviam adquirido um estranho tom amarelo, que de certo modo sugeria algum chamuscamento. Alguns retalhos de

tecido também estavam chamuscados. O crânio estava em condições um tanto peculiares — manchado de amarelo e com um orifício chamuscado na calota, como se algum ácido poderoso houvesse corroído a ossatura sólida. O que teria acontecido ao esqueleto durante as quatro décadas passadas no silencioso mausoléu estava além da imaginação de Blake.

Antes que desse por si, ele estava mais uma vez olhando em direção à pedra e deixando que aquela curiosa influência conjurasse um desfile nebuloso em sua imaginação. Viu procissões de silhuetas inumanas cobertas por mantos e capuzes e avistou quilômetros intermináveis de deserto cercado por monolitos lavrados que alcançavam o céu. Viu torres e muralhas nas profundezas noturnas sob o mar e redemoinhos siderais em que rastros de névoa sombria pairavam ante o brilho diáfano da fria neblina grená. E ainda mais adiante vislumbrou um abismo infinito de escuridão, onde vultos sólidos e semissólidos eram percebidos apenas pelas agitações do vento e forças nebulosas pareciam impor ordem ao caos e estender uma chave para todos os paradoxos e arcanos dos universos conhecidos.

Então de repente o encanto foi quebrado por um surto de medo obstinado, indefinível. Sufocado, Blake afastou-se da pedra, ciente de que uma invisível presença alienígena vigiava-o de perto com terrível atenção. Ele sentiu-se ligado a algo — algo que não estava na pedra, mas que havia olhado através dela em sua direção — algo que haveria de segui-lo incansavelmente graças a uma percepção além da visão física. Sem dúvida o lugar estava irritando seus nervos — como não poderia deixar de ser em vista de um achado tão macabro. A luz também se extinguia, e, como não tivesse uma lanterna ou fósforos consigo, Blake sabia que teria de ir embora logo.

Foi nesse instante de crepúsculo iminente que julgou ter visto uma luminosidade tênue na esquisita pedra angulosa. Tentou olhar para outro lado, mas alguma compulsão obscura atraiu novamente o seu olhar. Será que não havia uma sutil fosforescência radioativa em torno daquela coisa? O que os apontamentos do morto haviam dito sobre um Trapezoedro Reluzente? O quê, afinal de contas, seria aquele covil abandonado de maldade cósmica? O que acontecera naquele lugar, e o que ainda poderia estar a espreita por trás das sombras evitadas pelos pássaros? Um miasma furtivo parecia haver surgido em algum local próximo, ainda que sua origem não fosse evidente. Blake pôs a mão sobre a caixa aberta havia tanto tempo e cerrou-a. A tampa moveu-se com facilidade sobre as dobradiças alienígenas e fechou-se sobre a pedra, que cintilava a olhos vistos.

Com o distinto clique da caixa fechando, um rumor discreto fez-se ouvir na escuridão eterna do coruchéu acima, no outro lado do alçapão. Ratos, sem dúvida — os únicos seres vivos a revelarem sua presença naquele vulto amaldiçoado desde o momento em que entrara. Mesmo assim o rumor no coruchéu assustou

Blake a tal ponto que, às raias do desespero, arrojou-se escadaria abaixo, atravessou a nave espectral, adentrou o porão abobadado, saiu em meio ao acúmulo de pó na praça deserta e desceu as ruelas fervilhantes e assombradas de Federal Hill em direção à normalidade das ruas centrais e das familiares calçadas de tijolo no distrito universitário.

Nos dias a seguir, Blake não contou a ninguém sobre a expedição. Em vez disso, leu uma porção de coisas em certos livros, examinou jornais antigos no arquivo central e laborou com ardor no criptograma daquele volume encadernado em couro descoberto entre as teias da sacristia. O código, ele logo percebeu, não era nada simples; e após reiterados esforços Blake convenceu-se de que a língua não era inglês, latim, grego, francês, espanhol, alemão nem italiano. Estava claro que teria de beber nas fontes mais profundas de sua estranha erudição.

Todas as noites o velho impulso de olhar para o Ocidente retornava, e ele via o coruchéu negro como outrora, em meio aos telhados eriçados de um mundo distante, meio fabuloso. Mas agora havia uma outra nota de terror. Blake conhecia a herança maligna que lá se escondia e, de posse desse conhecimento, sua visão exacerbava-se de maneiras um tanto bizarras. Os pássaros da primavera aos poucos retornavam e, enquanto Blake observava seus voos ao pôr do sol, desviavam do coruchéu macabro e solitário com uma intensidade até então jamais vista. Quando uma revoada chegava perto, os pássaros rodopiavam e dispersavam-se em um pânico confuso — e não era difícil imaginar seus chilreios desesperados, incapazes de alcançá-lo a tantos quilômetros.

Foi naquele junho que o diário de Blake registrou sua vitória sobre o criptograma. O texto, segundo pôde averiguar, estava escrito na obscura língua aklo, usada por certos cultos malignos ancestrais e conhecida de Blake graças a suas pesquisas anteriores. O diário guarda uma estranha reticência em relação ao conteúdo da mensagem, mas é evidente que Blake ficou assombrado e desconcertado. Há referências a um Assombro das Trevas que desperta quando alguém olha para o Trapezoedro Reluzente, além de conjecturas insanas acerca dos negros abismos do caos de onde fora invocado. Este ser caracteriza-se por deter todo o conhecimento e exigir sacrifícios monstruosos. Algumas das anotações de Blake demonstram um temor de que a coisa, a seu ver já conjurada, pudesse espreitar livremente; embora afirme que a iluminação pública funciona como uma muralha intransponível.

Em relação ao Trapezoedro Reluzente as referências são fartas; Blake trata-o como uma janela que se abre ao tempo e ao espaço e descreve sua trajetória desde a época em que foi criado no sombrio planeta Yuggoth, antes mesmo que os Anciões trouxessem-no à Terra. O artefato foi preservado e posto em sua curiosa caixa pelas coisas crinoides da Antártida, salvo das ruínas pelos homens-serpente de Valúsia e admirado éons mais tarde em Lemúria pelos primeiros humanos.

Atravessou terras e mares estranhos e afundou com Atlântis antes que um pescador minoano capturasse-o em sua rede e vendesse-o a mercadores de tez escura vindos da umbrosa Khem. O faraó Nephren-Ka construiu ao redor do Trapezoedro um templo com uma cripta fechada e a seguir fez aquilo que levou seu nome a ser apagado de todos os monumentos e registros. Então o objeto dormiu nas ruínas daquele mausoléu destruído pelos sacerdotes e pelo novo faraó, até que a pá dos escavadores mais uma vez restaurasse-o à luz do dia para amaldiçoar a humanidade.

Por estranho que seja, no início de julho os jornais corroboraram as anotações de Blake, porém de modo tão sumário e casual que só mesmo o diário chamou atenção para essas contribuições. Parece que um novo terror vinha pairando sobre Federal Hill desde que um forasteiro adentrara a temível igreja. Aos sussurros, os italianos comentavam estranhas movimentações e estrondos e arranhões vindos do sombrio coruchéu sem janelas e pediam aos padres que banissem a entidade que assombrava seus sonhos. Alguma coisa, diziam, estava de guarda dia e noite na porta, esperando um momento escuro o suficiente para se aventurar mais longe. Os jornais faziam menção às antigas superstições locais, mas não esclareciam muita coisa a respeito dos motivos para tamanho horror. Evidente que os repórteres de hoje não são antiquários. Ao escrever essas coisas no diário, Blake expressa uma curiosa espécie de remorso e fala sobre o dever de enterrar o Trapezoedro Reluzente e banir a entidade que havia conjurado, deixando que a luz do dia invadisse o proeminente coruchéu nefando. Ao mesmo tempo, no entanto, demonstra a perigosa dimensão de seu fascínio e admite um desejo mórbido — presente até mesmo em sonhos — de visitar a torre amaldiçoada e mais uma vez contemplar os segredos cósmicos da pedra cintilante.

Então, na manhã de 17 de julho, alguma notícia do *Journal* despertou no diarista um grave surto de horror. Não passava de uma variante sobre o tema algo jocoso da inquietude em Federal Hill, mas para Blake a notícia era terrível ao extremo. À noite uma tempestade comprometera o sistema de iluminação da cidade por uma hora inteira, e neste interlúdio escuro os italianos haviam quase enlouquecido de pavor. Os que moravam próximo à temível igreja juravam que a coisa no coruchéu aproveitara-se da ausência de iluminação pública para descer até a nave da igreja, cambaleando e debatendo-se de maneira viscosa, absolutamente horripilante. Após algum tempo, subiu cambaleante até a torre, onde ouviram-se sons de vidro quebrando. Aquele ser poderia ir até onde as trevas alcançassem, mas a luz sempre o poria em fuga.

Quando a corrente elétrica voltou houve uma terrível comoção na torre, pois até mesmo a tênue iluminação que filtrava pelas janelas fuliginosas e protegidas por adufas era demais para a coisa. Ela cambaleou e deslizou até o coruchéu

envolto em trevas bem a tempo — pois uma exposição prolongada à luz tê-la-ia mandado de volta ao abismo de onde o forasteiro louco a invocara. Durante aquela hora no escuro, sob a chuva, multidões reuniram suas preces ao redor da igreja com velas acesas protegidas por papéis dobrados e guarda-chuvas — uma vigília de luz para salvar a cidade do pesadelo que espreita nas trevas. Segundo os que estavam mais próximos à igreja, em um dado momento a porta externa chacoalhou de maneira horripilante.

Mas o pior ainda estava por vir. Aquela noite, no *Bulletin*, Blake leu sobre o que os repórteres haviam encontrado. Enfim cientes do inusitado valor jornalístico daquele desespero, dois deles resolveram desafiar as multidões frenéticas de italianos e esgueirar-se igreja adentro pela janela do porão, após uma tentativa frustrada de entrar pelas portas. Descobriram que a poeira do vestíbulo e da nave espectral havia sido revirada de forma bastante peculiar, com almofadas rotas e o forro dos bancos de cetim atirados por toda parte. Um odor envolvia toda a construção, e aqui e acolá surgiam manchas amarelas e retalhos que pareciam chamuscados. Ao abrir a porta de acesso à torre depois de uma pausa momentânea por conta de um ruído suspeito no andar superior, encontraram o estreito lance de escadas em espiral quase limpo por algo que se arrastara ao passar.

No interior da torre, a cena era bastante similar. Os repórteres mencionavam o pilar de pedra heptagonal, as cadeiras góticas viradas e as bizarras imagens de estuque; mas era estranho que não constasse nada acerca da caixa metálica e do velho esqueleto mutilado. O que mais perturbava Blake — afora as menções de manchas e chamuscados e odores pungentes — era o detalhe final que explicava o estilhaçamento das vidraças. Todas as vidraças dos frestões estavam quebradas, e dois deles haviam sido obscurecidos de maneira primitiva e apressada com o forro dos bancos de cetim e da crina das almofadas, socados no espaço entre as lâminas das adufas externas. Outros fragmentos de cetim e tufos de crina estavam espalhados pelo chão recém-pisado, como se alguém tivesse sido interrompido no ato de restaurar a torre ao estado de escuridão absoluta em que outrora se encontrava.

Manchas amarelas e retalhos chamuscados apareceram na escada que conduzia ao coruchéu sem janelas, mas quando um dos repórteres subiu, abriu o alçapão horizontal e direcionou o facho da lanterna para dentro daquele espaço negro e fétido, não viu nada além de trevas e de um amontoado heterogêneo de fragmentos disformes próximo à entrada. O veredicto, claro, era charlatanismo. Alguém havia pregado uma peça nos montanheses supersticiosos, ou então algum fanático tentara incitar o medo tendo o bem da população em vista. Ou talvez alguns dos moradores mais jovens e mais sofisticados tivessem armado uma farsa complexa para enganar o mundo lá fora. Houve um desdobramento divertido

quando um policial foi enviado para averiguar os relatos. Três policiais em sequência arranjaram pretextos para se furtar à tarefa, e o quarto foi contrariado e voltou em pouco tempo sem nenhuma informação a acrescentar.

Desse ponto em diante o diário de Blake registra uma maré crescente de horror insidioso e apreensão nervosa. Ele se censura por não tomar uma atitude e faz especulações mirabolantes sobre as consequências de um outro colapso na rede elétrica. Já se verificou que em três ocasiões — sempre durante tempestades — Blake telefonou para a companhia elétrica em uma veia frenética e pediu que se tomassem medidas desesperadas para evitar uma pane no fornecimento de luz. Vez por outra seus apontamentos demonstram preocupação com o fato de os repórteres não terem encontrado a caixa metálica com a pedra nem o esqueleto profanado ao explorar a torre. Blake supôs que esse objetos houvessem sido removidos — mas sequer imaginava para onde, por quem ou pelo quê. Seus maiores medos, no entanto, diziam respeito a si próprio e à ligação profana que julgava existir entre a sua mente e a do horror que espreitava no coruchéu longínquo — aquela coisa monstruosa da noite, invocada por sua imprudência do supremo espaço obscuro. Blake parecia sentir constantes impulsos contrários à sua vontade, e visitantes lembram que, na época, ficava absorto junto à escrivaninha, observando pela janela oeste o longínquo outeiro do coruchéu proeminente além da fumaça citadina. Seus monótonos apontamentos concentram-se em pesadelos e no fortalecimento da ligação profana durante o sono. Há menção a uma noite em que despertou completamente vestido, na rua, enquanto caminhava ao Oeste, na direção de College Hill. Muitas e muitas vezes ele reafirma que a coisa no coruchéu sabe onde encontrá-lo.

A semana após o dia 30 de julho é relembrada como a época de seu colapso parcial. Blake sequer se vestia, e solicitava a comida por telefone. Os visitantes perceberam as cordas que mantinha junto à cama, e Blake afirmava que o sonambulismo forçara-o a amarrar os tornozelos à noite com nós que provavelmente o manteriam preso ou então fariam com que acordasse durante o esforço para desatar as amarras. No diário ele relatava a assombrosa experiência que precipitara o colapso. Após recolher-se na noite do dia 30, Blake de repente viu-se às apalpadelas em um recinto quase tomado pela escuridão. Tudo o que via eram fachos curtos, tênues e horizontais de luz azulada, mas ao mesmo tempo percebia um miasma pungente e escutava uma mistura de sons abafados e furtivos acima de sua cabeça. Ao menor movimento ele esbarrava em alguma coisa, e a cada ruído ouvia-se um som como que em resposta vindo de cima — uma vaga movimentação, somada ao discreto ruído de madeira roçando contra madeira.

Em dado momento suas mãos tateantes encontraram um pilar de pedra sem nada no topo, e a seguir ele viu-se agarrado aos degraus de uma escada incrustada na parede e quando então subiu indeciso por aquele caminho em direção a um

fedor ainda mais intenso, quando uma súbita rajada quente e escaldante veio a seu encontro. Diante de seus olhos surgiu uma gama caleidoscópica de imagens espectrais, todas elas desaparecendo a intervalos na figura de um vasto abismo insondável da noite, onde giravam sóis e planetas de negrura ainda mais profunda. Blake pensou nas lendas ancestrais do Caos Supremo, em cujo centro estende-se Azathoth, o deus cego e idiota, Senhor de Todas as Coisas, rodeado por sua horda convulsa de dançarinos irracionais e amorfos e embalado pelos suaves trenos de uma flauta demoníaca tocada por mãos inomináveis.

Então uma súbita percepção do mundo exterior atravessou o transe e despertou-o para o horror inefável da situação. O que foi, ele jamais ficou sabendo — talvez alguma explosão tardia dos fogos de artifício que se fazem ouvir por todo o verão em Federal Hill quando os habitantes saúdam seus vários santos padroeiros, ou os santos de seus vilarejos nativos na Itália. O fato é que ele gritou, caiu da escada em desespero e, cambaleando, atravessou às cegas o chão obstruído da câmara escura onde se encontrava.

Blake reconheceu de imediato o lugar e precipitou-se de qualquer jeito pela estreita escada em espiral, tropeçando e batendo-se a cada curva. Houve uma fuga excruciante através de uma vasta nave tomada por teias de aranha cujas arcadas fantasmáticas erguiam-se aos reinos das sombras zombeteiras, uma agitação às cegas através de um porão cheio de entulho, uma escalada até as regiões de ar fresco e iluminação pública do lado de fora e uma corrida desesperada em que desceu uma pavorosa encosta com empenas desmesuradas, atravessou uma cidade mórbida e silente com torres negras e subiu o íngreme precipício a Oeste até chegar a sua antiga morada.

Ao recobrar a consciência pela manhã, notou que estava deitado no chão do escritório e vestido dos pés à cabeça. Sujeira e teias de aranha cobriam-lhe as vestes, e cada centímetro de seu corpo apresentava inchaços e contusões. Ao encarar o espelho, Blake notou que seu cabelo estava todo chamuscado, e um odor vil parecia exalar de seu casaco. Foi nesse instante que seus nervos sucumbiram. A partir de então, passando os dias exausto em seu roupão, Blake fez pouco mais além de olhar pela janela oeste, estremecer com a ameaça dos trovões e fazer anotações delirantes em seu diário.

A grande tempestade começou pouco antes da meia-noite no dia oito de agosto. Raios caíam sem parar nos mais diversos pontos da cidade, e houve relatos de duas impressionantes bolas de fogo. A chuva era torrencial, e ao mesmo tempo uma salva de trovões impedia o sono de milhares de habitantes. Blake encontrava-se num estado de frenesi absoluto devido à sua preocupação com o sistema elétrico, e tentou telefonar para a companhia de energia perto da uma hora da manhã, ainda que nesse horário o fornecimento de luz já estivesse temporariamente suspenso por razões de segurança. Ele registrou tudo no diário

— os hieróglifos grandes, nervosos e amiúde indecifráveis contam sua própria história de angústia e desespero crescente e de apontamentos rabiscados às cegas, no escuro.

Blake teve de manter a casa às escuras para conseguir enxergar a rua, e parece que durante a maior parte do tempo permaneceu junto à escrivaninha, espiando ansioso através da chuva e seguindo os quilômetros cintilantes de telhados no centro da cidade até a constelação de luzes distantes que assinalava Federal Hill. De tempo em tempo fazia anotações canhestras no diário, e assim frases desconexas como “As luzes não podem se apagar”; “Ele sabe onde estou”; “Preciso destruí-lo”; e “Ele está me chamando, mas talvez não queira o meu mal desta vez” encontram-se espalhadas por duas páginas.

Então as luzes de toda a cidade apagaram-se. Foi exatamente às 2:12 da manhã, de acordo com os registros da companhia elétrica, mas o diário de Blake não faz menção à hora. A entrada diz apenas “As luzes se foram — que Deus me ajude”. Em Federal Hill estavam outros observadores tão ansiosos quanto ele, e grupos de homens encharcados desfilavam pela praça e pelas ruelas em torno da igreja com velas protegidas por guarda-chuvas, lanternas elétricas, lampiões a óleo, crucifixos e todo tipo de amuletos obscuros comuns ao sul da Itália. Eles abençoavam cada novo relâmpago e faziam gestos crípticos de temor com a mão direita quando algo na tempestade fez com que os relâmpagos diminuíssem e por fim cessassem. Um vento repentino apagou a maioria das velas, de modo que a cena ficou envolta em trevas ameaçadoras. Alguém chamou o padre Merluzzo, da Spirito Santo Church, que se apressou até a fatídica praça a fim de pronunciar quaisquer sílabas de ajuda que pudesse. Quanto aos incansáveis e curiosos sons no interior da torre negra não podia haver a menor dúvida.

Em relação ao que ocorreu às 2:35 temos o testemunho do padre, um homem jovem, inteligente e culto; do patrulheiro William J. Monohan da Estação Central, um policial da mais alta confiança que havia parado naquele ponto do trajeto para averiguar a multidão; e da maioria dos setenta e oito homens que se haviam reunido em volta do enorme muro da igreja — em particular daqueles que estavam no quarteirão de onde a fachada leste era visível. Claro, não havia nada que se pudesse atribuir em caráter definitivo ao reino do sobrenatural. As possíveis causas de um acontecimento assim são várias. Ninguém é capaz de falar com autoridade sobre os obscuros processos químicos que operam no interior de uma igreja vasta, antiga, malventilada e deserta que abriga os objetos mais heterogêneos. Vapores mefíticos — combustão espontânea — pressão de gases resultantes de uma longa putrefação — qualquer um desses incontáveis fenômenos pode ter sido o causador. Além do mais, a possibilidade de charlatanismo intencional não pode ser excluída sob hipótese alguma. A coisa em

si foi um bocado simples e durou menos de três minutos. O padre Merluzzo, homem devotado à exatidão, olhava constantemente para o relógio.

Começou com o sensível aumento dos sons desordenados no interior da torre negra. Já havia algum tempo que a igreja vinha emanando odores estranhos e vis, mas naquele instante as exalações tornaram-se intensas e repulsivas. Por fim vieram sons de madeira despedaçando-se e de um objeto grande e pesado caindo no pátio contíguo à sobranceira fachada leste. A torre ficou invisível sem o lume das candeias, mas à medida que o objeto se aproximava do chão as pessoas compreenderam que se tratava da fuliginosa adufa do frestão leste.

Imediatamente a seguir um miasma insuportável emanou das alturas ocultas, provocando sufocamentos e náuseas entre os observadores trêmulos e quase prostrando aqueles que estavam na praça. No mesmo instante o ar tremeu com a vibração de um ruflar de asas, e um repentino vento leste que ultrapassou em força todas as rajadas anteriores levou os chapéus e arrastou os guarda-chuvas gotejantes da multidão. Não se podia ver nada com muita clareza, embora alguns espectadores que estavam olhando para cima imaginem ter visto uma enorme mancha de negrura ainda mais profunda espalhar-se contra o breu do céu — algo como uma nuvem de fumaça amorfa que disparou com a velocidade de um meteoro rumo ao leste.

Isso foi tudo. Os observadores estavam atônitos com o susto, o pavor e o desconforto, e mal sabiam o que fazer, ou mesmo se deviam fazer alguma coisa. Sem saber o que tinha acontecido, mantiveram a vigília; e passado um instante uniram-se em uma prece coletiva quando o clarão súbito de um relâmpago tardio, seguido por um estrondo ensurdecedor, rasgou os céus chuvosos. Meia hora depois a chuva parou, e passados mais quinze minutos a iluminação pública voltou a funcionar, mandando os vigilantes encharcados e exaustos aliviados para casa.

O jornais do dia seguinte, ao noticiar a tempestade, dedicaram pouca atenção a esses incidentes. Parece que o clarão súbito e a ruidosa explosão que sucederam os acontecimentos em Federal Hill foram ainda mais assombrosos em direção ao leste, onde o surgimento do miasma singular também foi noticiado. O fenômeno atingiu seu ápice em College Hill, onde o estrondo despertou todos os habitantes adormecidos e deu azo às especulações mais fabulosas. Dentre os que estavam despertos, poucos avistaram o fulgor anômalo próximo ao cume da montanha ou perceberam a inexplicável rajada de vento que quase desfolhou as árvores da rua e arrancou as plantas dos jardins. Todos concordavam em que o raio súbito e solitário deveria ter caído em algum lugar da vizinhança, embora o local exato da queda não tenha sido encontrado. Um jovem membro da fraternidade Tau Omega pensou ter visto uma grotesca e horrenda nuvem de fumaça no ar assim que o fulgor preliminar iluminou o céu, mas este relato não foi confirmado. Os poucos

observadores, no entanto, estavam todos de acordo em relação à violenta rajada do Oeste e ao fedor insuportável que precedeu o trovão a seguir, e os testemunhos acerca do momentâneo odor de queimado após o som do trovão são igualmente unânimes.

Esses detalhes foram discutidos a fundo devido à sua provável ligação com a morte de Robert Blake. Estudantes no prédio Psi Delta, cujas janelas superiores nos fundos dão para o escritório de Blake, perceberam o semblante difuso na janela oeste pela manhã do dia nove e perguntaram-se o que estaria errado com aquela expressão. Quando à noite viram o rosto ainda na mesma posição, ficaram preocupadas e esperaram para ver se as luzes do apartamento seriam acesas. Mais tarde tocaram a campainha do apartamento escuro e, por fim, chamaram um policial para arrombar a porta.

O corpo enrijecido estava sentado junto à escrivaninha, em frente à janela, e quando os invasores viram os olhos fixos, vidrados, e as marcas de horripilante e convulsivo pavor naquela fisionomia contorcida, desviaram o olhar em uma consternação nauseante. Logo em seguida o corpo foi encaminhado à autópsia e, apesar da janela intacta, o legista deu como causa da morte choque elétrico, ou tensão nervosa induzida por descarga elétrica. A expressão horrenda no rosto de Blake foi ignorada como sendo um possível resultado do espanto profundo que acomete pessoas de imaginação fértil e emoções descontroladas. Estas qualidades o legista deduziu a partir dos livros, pinturas e manuscritos encontrados no apartamento, e também das entradas rabiscadas às cegas no diário sobre a escrivaninha. Blake havia persistido em seus apontamentos até o último instante, e o lápis de ponta quebrada foi descoberto no rigor espasmódico de sua mão direita.

As anotações feitas após a queda de luz eram altamente desconexas e legíveis apenas em parte. A partir delas alguns investigadores tiraram conclusões bastante incompatíveis com o materialismo do veredicto oficial, mas tais especulações têm pouca chance de persuadir os conservadores. A tese defendida por esses teóricos imaginativos tampouco se beneficiou da ação do supersticioso dr. Dexter, que atirou a curiosa caixa e a pedra angulosa — um objeto sem dúvida dotado de luz própria, como se viu no sombrio coruchéu desprovido de janelas onde foi encontrado — no canal mais profundo de Narragansett Bay. O excesso de imaginação e o desequilíbrio neurótico por parte de Blake, agravados pelo conhecimento do antigo culto ao mal cujos resquícios havia descoberto, compõem a interpretação mais aceita de seus frenéticos apontamentos finais. Eis aqui suas notas — ou tudo o que se pode apreender delas:

> Ainda sem luz — já deve fazer cinco minutos. Tudo depende da iluminação. Yaddith faça com que resista!… Alguma influência parece

estar atravessando… A chuva e o trovão e o vento ensurdecem… A coisa está controlando a minha mente…
Problemas de memória. Vejo coisas que jamais conheci. Outros mundos e outras galáxias… O escuro… A luz parece escura e a escuridão parece iluminada…
Não pode ser a montanha e a igreja de verdade o que vejo na escuridão. Deve ser uma impressão retiniana provocada pelos relâmpagos. Deus queira que os italianos estejam nas ruas com velas se os relâmpagos cessarem!
Do que estou com medo? Não seria um avatar de Nyarlathotep, que na umbrosa Khem ancestral assumiu a forma de um homem? Lembro-me de Yuggoth, e do longínquo Shaggai, e do vazio supremo dos planetas negros…
O longo voo alado através do vazio… incapaz de atravessar o universo de luz… recriado pelos pensamentos aprisionados no Trapezoedro Reluzente… mande-o através de horríveis abismos cintilantes…
Meu nome é Blake — Robert Harrison Blake e moro na East Knapp Street, 620, em Milwaukee, Wisconsin… Estou neste planeta…
Azathoth tende piedade! O relâmpago já não brilha — que horror — vejo tudo com a sensação monstruosa de que não está à vista — o claro é escuro e o escuro é claro… as pessoas na montanha… guardam… velas e amuletos… os padres…
Sem percepção da distância — o longe é perto e o perto é longe. Sem luz — sem binóculo — vejo o coruchéu — a torre — janela — ouço — Roderick Usher — louco ou enlouquecendo — a coisa se mexe e se agita na torre.
Eu sou a coisa e a coisa é eu — quero sair… preciso sair e unificar as forças… a coisa sabe onde estou…
Sou Robert Blake, mas vejo a torre no escuro. Um odor monstruoso… sentidos transfigurados… as tábuas do frestão cedendo e quebrando… Iä… ngai… ygg…
Estou vendo — cada mais perto — vento infernal — azul titânico — asa negra — Yog Sothoth salve-me — o olho abrasador de três lóbulos…

A Sombra Vinda do Tempo (1935)

I.

Após vinte e cinco anos de pesadelos e terror, dos quais fui salvo apenas por uma convicção desesperada na origem mítica de certas impressões, reluto em afirmar a verdade do que julgo ter encontrado na Austrália Ocidental na noite do dia 17–18 de 1935. Tenho motivos para crer que minha experiência tenha sido, no todo ou em parte, produto de uma alucinação — para a qual, a bem dizer, havia razões de sobra. Mesmo assim, confesso que o realismo dessas impressões foi a tal ponto horripilante que às vezes perco a esperança. Se aquilo de fato aconteceu, então a humanidade deve estar pronta para aceitar noções a respeito do cosmo e do próprio lugar que ocupa no turbulento redemoinho do tempo cuja simples menção tem um efeito paralisante. Deve também ficar de guarda contra um certo perigo à espreita que, embora não seja capaz de engolir toda a raça dos homens, pode trazer horrores monstruosos e inimagináveis para certos indivíduos mais audazes. É por isso que peço, com todas as minhas forças, que abandonem de vez todas as tentativas de encontrar os fragmentos de cantaria desconhecida e primordial que a minha expedição tinha por objetivo investigar.

Admitindo-se que eu estivesse acordado e em pleno domínio das minhas faculdades, a experiência que tive naquela noite não se compara a nada que outrora tenha se abatido sobre homem algum. Foi, além do mais, uma confirmação pavorosa de tudo que eu havia tentado descartar como mito e sonho. Quis o destino misericordioso que não existisse nenhuma prova, pois no terror que tomou conta de mim eu perdi o espantoso objeto que — caso fosse real e tivesse sido retirado daquele abismo insalubre — teria servido como prova irrefutável. Quando me deparei com o horror eu estava sozinho — e até hoje não o revelei para ninguém. Não tive como impedir que outros fizessem escavações naquela direção, mas por enquanto a sorte e as areias inconstantes frustraram todas as tentativas de localizá-lo. Agora preciso fazer um relato definitivo — não apenas por conta do meu próprio equilíbrio mental, mas também para alertar todos os que se dispuserem a levá-lo a sério.

Escrevo estas páginas — que nas primeiras partes trarão informações familiares aos leitores atentos de jornais e periódicos científicos — na cabine do navio que está me levando para casa. Pretendo entregá-las ao meu filho, o prof. Wingate Peaslee, da Universidade do Miskatonic — o único membro da minha família que se manteve ao meu lado após a estranha amnésia de anos atrás, e também a pessoa mais bem-informada a respeito dos detalhes pertinentes ao meu caso. No mundo inteiro, Wingate é a pessoa menos predisposta a ridicularizar este meu relato sobre aquela noite fatídica. Não lhe ofereci nenhum relato oral antes

de zarpar, pois achei que seria melhor fazer a revelação por escrito. A leitura e a releitura nos momentos de maior conveniência devem fornecer-lhe um retrato mais convincente do que a minha língua confusa seria capaz de oferecer. Wingate pode fazer o que achar melhor com este relato — inclusive apresentá-lo, com as devidas explicações, em qualquer lugar onde possa servir para o bem. É em benefício dos leitores ainda não familiarizados com as primeiras etapas do meu caso que prefacio minha revelação com um sumário abrangente da situação anterior.

Meu nome é Nathaniel Wingate Peaslee, e aqueles que recordam as notícias de jornal da geração passada — ou ainda as cartas e os artigos publicados em periódicos de psicologia seis ou sete anos atrás — devem saber quem sou e o que represento. A imprensa publicou inúmeros detalhes sobre a estranha amnésia que me acometeu entre 1908 e 1913, e muito se falou sobre as tradições de horror, loucura e bruxaria que espreitam o antigo vilarejo de Massachusetts, desde então o local da minha residência. Mesmo assim, eu gostaria de deixar claro que não há nada de sinistro ou de anormal na minha linhagem e na minha vida pregressa. Trata-se de um detalhe importante em vista da sombra que se projetou sobre mim de maneira tão súbita, vinda de fontes *externas*. Pode ser que séculos de maus augúrios tenham conferido à decrépita Arkham assombrada por sussurros uma vulnerabilidade particular no que diz respeito a tais sombras — embora até isso pareça duvidoso à luz dos outros casos que mais tarde tive a oportunidade de estudar. Mesmo assim, o fato mais importante a ressaltar é que a minha genealogia e o meu passado são completamente normais. O que veio, veio de *algum outro lugar* — de onde, no entanto, ainda hoje eu hesito em afirmar de maneira categórica.

Sou filho de Jonathan e Hannah (Wingate) Peaslee, ambos de antigas famílias tradicionais de Haverhill. Nasci e cresci em Haverhill — na velha casa da Boardman Street, próxima à Golden Hill — e só fui para Arkham quando entrei na Universidade do Miskatonic, aos dezoito anos. Foi em 1889. Depois da minha graduação, estudei economia em Harvard e voltei para a Universidade do Miskatonic como professor de Economia Política em 1895. Por treze anos levei uma vida tranquila e feliz. Em 1896 casei-me com Alice Keezar, de Haverhill, e meus três filhos, Robert K., Wingate e Hannah nasceram em 1898, 1900 e 1903, respectivamente. Em 1898 fui nomeado professor adjunto, e em 1902, professor-titular. Em nenhum momento tive o menor interesse por ocultismo ou parapsicologia.

Na quinta-feira, 14 de maio de 1908, fui acometido por uma estranha amnésia. Foi um acontecimento súbito, embora mais tarde eu tenha percebido que certos vislumbres difusos algumas horas antes — visões caóticas que me perturbaram ao extremo justamente pelo ineditismo — devam ter formado os

sintomas premonitórios. Minha cabeça doía, e eu tinha a estranha sensação — totalmente nova para mim — de que alguém estava tentando controlar meus pensamentos.

O colapso ocorreu às 10h20, enquanto eu dava uma aula de Economia Política IV — sobre a história e as tendências da economia — para alunos do segundo e do terceiro anos. Comecei a ver formas estranhas diante dos meus olhos e a sentir que eu estava em um recinto grotesco sem nenhuma relação com a sala de aula. Meus pensamentos e minha fala distanciaram-se da matéria e os alunos perceberam que algo estava muito errado. Em seguida caí inconsciente na minha cadeira, em um estupor do qual ninguém conseguiu me despertar. Minhas faculdades só tornaram a ver a luz de um mundo normal cinco anos, quatro meses e treze dias mais tarde.

Tudo o que sei a respeito do que aconteceu a seguir, é claro, me foi contado por outras pessoas. Não demonstrei nenhum sinal de consciência por dezesseis horas e meia, embora tenham me conduzido à minha casa na Crane Street nº 27 e me dispensado os melhores cuidados médicos. Às três horas da manhã do dia 15 de maio os meus olhos se abriram e eu comecei a falar, mas logo os médicos e os meus familiares assustaram-se com a maneira da minha expressão e da minha linguagem. Era evidente que eu não tinha nenhuma lembrança da minha identidade ou do meu passado, mas por algum motivo eu dava a impressão de querer ocultar essa ausência de conhecimento. Meus olhos fixavam-se de maneira estranha nas pessoas ao meu redor, e as flexões dos meus músculos faciais eram de todo irreconhecíveis.

Até a minha forma de falar parecia estranha e de origem estrangeira. Eu usava meus órgãos vocais de maneira desajeitada e experimental, e minha dicção tinha uma qualidade um tanto empolada, como se eu houvesse aprendido a língua inglesa à base de muito estudo nos livros. Minha pronúncia era estrangeira e bárbara, ao passo que a maneira da expressão parecia incluir a um só tempo resquícios de arcaísmos curiosos e expressões de cunho absolutamente incompreensível. Vinte anos mais tarde, fui lembrado dessa última característica de maneira muito vívida — e aterrorizante — pelo mais jovem médico que me atendia. Nesse período tardio, uma frase começou a ser usada — primeiro na Inglaterra e mais tarde nos Estados Unidos — e, embora apresentasse notável complexidade e inquestionável novidade, reproduzia de maneira exata as enigmáticas palavras do estranho paciente de Arkham em 1908.

Meu vigor físico não tardou a voltar, mas precisei me reeducar no uso das mãos, das pernas e do aparato corpóreo como um todo. Por conta disso e de outras deficiências inerentes ao meu lapso mnemônico, passei algum tempo sob os mais estritos cuidados médicos. Quando notei que minhas tentativas de ocultar o lapso haviam falhado, admiti que não me lembrava de nada e passei a

demonstrar interesse por toda sorte de informação. A bem dizer, os médicos ficaram com a impressão de que perdi o interesse na minha personalidade assim que o diagnóstico de amnésia foi aceito como algo natural. Perceberam que meus maiores esforços concentravam-se no aprendizado de certos aspectos da história, da ciência, das artes, das línguas e do folclore — alguns incrivelmente abstrusos, outros ridiculamente simples — que permanecem, em certos casos de maneira um tanto singular, fora da minha consciência.

Ao mesmo tempo, perceberam que eu detinha um domínio inexplicável sobre várias outras esferas de conhecimento praticamente desconhecidas — um domínio que eu parecia mais inclinado a ocultar do que a demonstrar. Por vezes, em tom casual, eu fazia alusões a acontecimentos específicos em épocas remotas muito além dos limites da história canônica — e tentava fazer essas referências passarem por gracejos ao ver a perplexidade que despertavam. E eu falava sobre o futuro de uma forma que em duas ou três ocasiões chegou a inspirar pavor. Esses lampejos impressionantes logo cessaram, embora alguns observadores tenham atribuído esse desaparecimento mais a uma precaução furtiva da minha parte do que a qualquer esvanecimento de um estranho conhecimento subjacente. Na verdade, eu parecia demonstrar uma avidez sem precedentes por aprender a língua, os costumes e as perspectivas da época em que me encontrava, como se fosse um estudioso de algum país estrangeiro longínquo.

Assim que me foi possível, passei a frequentar a biblioteca da universidade em todos os horários; e em pouco tempo comecei a fazer viagens ocasionais e a frequentar cursos em universidades americanas e europeias, o que motivou inúmeros comentários pelos anos a seguir. Em nenhum momento senti falta de contatos eruditos, pois minha condição havia me transformado em uma espécie de celebridade entre os psicólogos da época. Tornei-me objeto de estudo como caso clássico de personalidade secundária — embora de vez em quando os estudiosos parecessem ficar perplexos diante de algum estranho sintoma ou resquício bizarro de uma zombaria velada.

A verdadeira amizade, no entanto, era rara. Algo no meu aspecto e na minha fala parecia despertar temores e aversões indefiníveis em todos aqueles com quem eu me relacionava, como se eu fosse uma criatura infinitamente distante de tudo o que é normal e sadio. A noção de um horror negro e oculto ligado a abismos imensuráveis e à ideia de *distância* era singularmente disseminada e persistente. Minha própria família não era exceção. Desde o meu estranho despertar, minha esposa passou a me tratar com horror e repulsa, jurando que uma criatura alienígena havia usurpado o corpo do homem com quem se havia casado. Em 1910 ela obteve o divórcio legal, e não consentiu em me ver sequer após o meu retorno à normalidade, em 1913. Esses sentimentos foram compartilhados

pelo meu filho mais velho e pela minha filha pequena — desde então eu nunca mais os vi.

Apenas o meu segundo filho Wingate foi capaz de vencer o medo e a repugnância inspirados pela minha transformação. Ele também sentia que eu era um estranho, mas, embora tivesse apenas oito anos na época, agarrou-se à crença de que a minha antiga personalidade haveria de voltar. Quando isso aconteceu, Wingate me procurou, e os tribunais concederam-me a guarda do garoto. Nos anos seguintes, ajudou-me com os estudos a que me dediquei, e hoje, aos 35 anos, Wingate é professor de psicologia na Universidade do Miskatonic. Não me espanto com o horror que causei — pois sem dúvida o intelecto, a voz, os pensamentos e as expressões faciais do ser que despertou no dia 15 de maio de 1908 não pertenciam a Nathaniel Wingate Peaslee.

Não tentarei fazer um relato extenso da minha vida entre 1908 e 1913, uma vez que os leitores podem encontrar todos os fatos essenciais — tal como eu mesmo fiz — nos arquivos públicos e em periódicos científicos. Fui encarregado das minhas próprias finanças e passei a gastar o meu dinheiro de maneira lenta e criteriosa em viagens e estudos em vários centros de conhecimento. Minhas viagens, no entanto, eram singulares ao extremo, e envolviam longas estadias em lugares ermos e desolados. Em 1909 passei um mês no Himalaia, e em 1911 chamei muita atenção por conta de uma viagem a camelo pelos desertos ignotos da Arábia. Nunca fui capaz de descobrir o que aconteceu durante essas viagens. No verão de 1912, afretei um navio e naveguei pelo norte gelado nos arredores de Spitsbergen, demonstrando sinais de decepção mais tarde. Mais tarde, no mesmo ano, passei semanas sozinho além de todos os limites explorados em caráter prévio ou subsequente no enorme sistema de cavernas calcárias no oeste da Virgínia — labirintos negros tão complexos que nenhuma tentativa de refazer meus passos foi sequer cogitada.

Minhas estadias nas universidades foram marcadas por um aprendizado em velocidade espantosa, como se a personalidade secundária fosse dotada de uma inteligência muito superior à minha própria. Descobri também que o meu volume de leitura e de estudo solitário era fenomenal. Eu conseguia memorizar todos os detalhes de um livro apenas no tempo necessário para folhear as páginas, e minha habilidade para interpretar números complexos de maneira instantânea era espantosa. Às vezes apareciam relatos quase tétricos sobre o meu poder de influenciar os pensamentos e as ações de outras pessoas, embora eu pareça ter evitado quaisquer demonstrações desta faculdade.

Outros relatos tétricos diziam respeito à minha intimidade com os líderes de grupos ocultistas, e certos eruditos suspeitavam de um envolvimento com bandos nefandos de abomináveis hierofantes ancestrais. Esses rumores, mesmo que jamais tenham sido provados na época, eram sem dúvida despertados pelo

conhecido teor das minhas leituras — pois a consulta a livros raros nas bibliotecas não pode ser efetuada em segredo. Existem provas tangíveis — na forma de notas marginais — de que eu tenha lido coisas como o *Cultes des Goules* do Comte d'Erlette, o *De Vermis Mysteriis* de Ludvig Prinn, o *Unaussprechlichen Kulten* de Von Junzt, os fragmentos restantes do enigmático *Livro de Eibon* e o temível *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred. Além do mais, uma nova e maléfica onda de atividade nas seitas clandestinas coincidiu com a minha singular transformação.

No verão de 1913, comecei a apresentar sinais de tédio e desinteresse e a insinuar que em breve eu poderia sofrer uma nova transformação. Comecei a falar sobre o retorno das lembranças de minha vida pregressa — embora a maioria das pessoas não acreditasse em mim, uma vez que todas as lembranças que eu relatava eram triviais e poderiam muito bem ter sido colhidas nos meus antigos papéis. Por volta do meio de agosto voltei para Arkham e reabri minha casa na Crane Street, que havia passado tanto tempo fechada. Lá, instalei um mecanismo de aspecto deveras curioso, construído em várias etapas por vários fabricantes de instrumentos científicos na Europa e nos Estados Unidos e mantido longe dos olhos de qualquer pessoa inteligente o suficiente para analisá-lo. Aqueles que o viram — um mecânico, uma criada e a nova governanta — disseram que era uma estranha mistura de hastes, rodas e espelhos com cerca de sessenta centímetros de altura, trinta centímetros de largura e trinta centímetros de profundidade. O espelho central era circular e convexo. Todos os fabricantes de peças que puderam ser localizados corroboraram esses depoimentos.

Na noite de sexta-feira, 26 de setembro, dispensei a governanta e a criada até a tarde seguinte. As luzes da casa permaneceram acesas até tarde, e um homem magro, de tez escura e aparência curiosa chegou em um automóvel. Por volta da uma da manhã as luzes se apagaram. Às 2h15 um policial viu que a casa estava às escuras, mas o carro do forasteiro permanecia estacionado na calçada. Pelas quatro da manhã o carro havia partido. Foi apenas às seis horas que uma estranha voz hesitante solicitou ao dr. Wilson que comparecesse à minha casa para curar-me de uma doença de caráter um tanto peculiar. Essa chamada — uma chamada de longa distância — foi mais tarde rastreada até um telefone público na North Station, em Boston, porém até hoje nenhuma pista sobre a identidade desse magro forasteiro foi encontrada.

Quando chegou à minha casa, o médico me encontrou inconsciente na sala de estar — em uma poltrona com uma mesa logo à frente. Na superfície da mesa, arranhões indicavam o local onde um objeto de peso considerável havia estado. A estranha máquina havia desaparecido, e desde então ninguém teve notícias a respeito dela. Sem dúvida o forasteiro magro e de tez escura a havia levado embora. Na lareira da biblioteca foi encontrada uma grande quantidade de cinzas

resultantes da queima de todos os documentos que eu havia escrito desde o surto de amnésia. O dr. Wilson notou que a minha frequência respiratória estava bastante alterada, mas depois de uma injeção hipodérmica tudo voltou ao normal.

Às 11h15 do dia 27 de setembro estremeci vigorosamente, e meu semblante impassível como uma máscara começou a dar sinais de expressão. De acordo com o dr. Wilson, a expressão não era a da minha personalidade secundária, mas guardava inúmeras semelhanças com o meu semblante normal. Por volta das 11h30, balbuciei algumas sílabas muito curiosas — sílabas que pareciam estranhas a qualquer idioma humano. Também dei a impressão de estar lutando contra alguma coisa. Então, logo após o meio-dia — quando a governanta e a criada já haviam retornado —, comecei a balbuciar frases em inglês.

"…dentre todos os economistas do período, Jevons é quem melhor exemplifica essa tendência dominante da correlação científica. A tentativa de associar o ciclo comercial de prosperidade e depressão com o ciclo físico das manchas solares talvez seja o ápice da…"

Nathaniel Wingate Peaslee havia retornado — um espírito ainda perdido naquela manhã de quinta-feira em 1908, com a toda a classe de economia a observá-lo junto da mesa surrada em cima do tablado.

II.

Meu retorno à vida cotidiana foi um processo difícil e doloroso. A perda de mais de cinco anos cria mais complicações do que se pode imaginar, e no meu caso inúmeros assuntos tiveram de ser resolvidos. O que ouvi sobre as minhas atitudes desde 1908 me deixou atônito e transtornado, mas tentei encarar a situação da maneira mais filosófica possível. Quando enfim recuperei a guarda de Wingate, o meu segundo filho, levei-o para morar comigo na casa da Crane Street e tentei retornar à vida acadêmica — pois o meu antigo posto foi-me oferecido pela universidade.

Voltei a trabalhar em fevereiro de 1914, mas permaneci no cargo por apenas um ano. Foi o tempo de que precisei para compreender a extensão das sequelas deixadas pela minha experiência. Embora — segundo eu esperava — as minha faculdades estivessem intactas e a minha personalidade não apresentasse nenhuma lacuna, eu havia perdido a energia nervosa dos velhos tempos. Devaneios vagos e estranhas ideias me assombravam o tempo inteiro, e quando a eclosão da Guerra Mundial fez com que meus pensamentos se voltassem para a história, flagrei-me pensando sobre outras épocas e outros acontecimentos da maneira mais estranha possível. Minha concepção do *tempo* — minha capacidade de distinguir entre a consecutividade e a simultaneidade — parecia levemente alterada, de modo que passei a formular quimeras sobre viver em uma época e

projetar a consciência rumo à eternidade para obter conhecimento sobre épocas passadas e futuras.

A guerra dava-me a estranha impressão de *recordar* certas *consequências longínquas* — como se eu soubesse como havia de acabar e pudesse vê-la em *retrospectiva*, à luz de informações futuras. Todas essas quase-memórias vinham acompanhadas por dores intensas e por um sentimento de que alguma espécie de barreira psicológica artificial tentava bloqueá-las. Quando venci a timidez e sugeri a existência dessas impressões a outras pessoas, obtive as mais variadas reações. Houve quem me encarasse com evidente desconforto, porém certos integrantes do departamento de matemática falaram sobre novos desdobramentos das teorias da relatividade — na época discutidas apenas em círculos acadêmicos — que mais tarde se tornariam tão famosas. Segundo me disseram, o dr. Albert Einstein reduzia o *tempo* a uma simples dimensão.

Mesmo assim, os sonhos e as sensações de desconforto foram tomando conta de mim, até que em 1915 vi-me obrigado a abandonar o trabalho regular. Algumas dessas impressões começaram a traçar um contorno bastante perturbador — levando-me a crer que a amnésia tinha sido uma espécie de *troca profana;* que, na verdade, a minha personalidade secundária tinha sido uma força invasora vinda de regiões desconhecidas, e que a minha personalidade legítima tinha sido deslocada à força. Assim, fui levado a fazer especulações vagas e aterradoras quanto ao paradeiro da minha personalidade legítima durante os anos em que outra entidade havia ocupado o meu corpo. O conhecimento singular e a estranha conduta desse antigo ocupante passaram a me perturbar cada vez mais à medida que eu descobria detalhes em conversas, jornais e periódicos. Certas estranhezas que haviam causado estupefação pareciam harmonizar-se de maneira terrível com uma bagagem de conhecimento negro que borbulhava nos abismos do meu subconsciente. Lancei-me em uma busca frenética por informações acerca dos estudos e das viagens daquele *outro* ao longo dos anos em que permaneci nas sombras.

Porém nem todos os meus problemas eram de natureza semiabstrata. Havia os sonhos — e estes pareciam tornar-se cada vez mais vívidos e concretos. Sabendo como a maioria das pessoas haveria de encará-los, eu raramente fazia qualquer menção ao assunto, a não ser para o meu filho e para alguns psicólogos de confiança; e no fim comecei a fazer um estudo científico de outros casos semelhantes no intuito de averiguar o quão típicas ou atípicas seriam visões similares entre as vítimas de amnésia. Meus resultados, obtidos mediante consultas a psicólogos, historiadores, antropólogos e especialistas em saúde mental de comprovada experiência, bem como a um estudo que incluía todos os relatos de personalidade dupla desde as lendas de possessão demoníaca até a

realidade médica presente, a princípio trouxeram-me mais preocupações do que alívio.

Logo descobri que os meus sonhos não tinham nenhum equivalente na volumosa bibliografia sobre casos verídicos de amnésia. No entanto, ainda restavam uns poucos relatos que por anos me deixaram perplexo e chocado em virtude das inúmeras semelhanças com a minha vivência pessoal. Alguns eram fragmentos de folclore antigo; outros, casos históricos nos anais da medicina; e um ou dois diziam respeito a velhas anedotas relegadas ao silêncio na história canônica. Assim, tive a impressão de que, conquanto a minha moléstia fosse prodigiosamente rara, casos isolados vinham ocorrendo a longos intervalos desde a aurora da humanidade. Alguns séculos traziam registros de um, dois ou três casos; outros, nenhum — ou ao menos nenhum que tenha sobrevivido à passagem do tempo.

Em essência, os relatos eram sempre idênticos — uma pessoa de intelecto arguto via-se de repente tomada por uma vida secundária e, por um período ora mais, ora menos longo, vivia uma existência totalmente alienígena, marcada a princípio por dificuldades articulatórias e motoras, e mais tarde por uma vasta aquisição de conhecimentos científicos, históricos, artísticos e antropológicos; aquisição esta levada a cabo com uma voracidade febril e uma capacidade de absorção totalmente fora dos padrões. Mais tarde ocorria o retorno da consciência original, que a partir de então se via atormentada por sonhos vagos e indefiníveis que sugeriam fragmentos de memórias horripilantes, apagados graças a uma técnica elaborada. A impressionante semelhança entre alguns dos pesadelos descritos e os meus próprios — uma semelhança que chegava aos menores detalhes — não deixou nenhuma dúvida quanto a natureza típica do fenômeno. Um ou dois casos revestiam-se de uma aura ainda mais intensa de familiaridade vaga e blasfema, como se me houvessem sido comunicados através de algum canal sônico do cosmo demasiado mórbido e horripilante para a contemplação. Em três instâncias havia menções explícitas à máquina desconhecida que permanecia na minha casa antes da segunda troca.

Outro motivo nebuloso de inquietação durante a minha busca foi a maior frequência de casos em que um vislumbre breve e fugidio dos pesadelos típicos era concedido a pessoas não atingidas por uma amnésia típica. Em geral essas pessoas tinham dotes intelectuais medíocres ou ainda menores — em certos casos, mal poderiam ser concebidos como veículos de vasta erudição ou de aquisições mentais prodigiosas. Por um instante, essas pessoas eram tomadas por uma força externa — e em seguida assaltadas por uma tênue e fugaz memória de horrores inumanos.

Pelo menos três casos semelhantes tinham sido registrados nas últimas cinco décadas — o último apenas quinze anos atrás. Será que alguma coisa estava

andando às cegas através do tempo desde um abismo ignoto da Natureza? Será que esses casos mais brandos seriam *experimentos* monstruosos e sinistros de caráter e autoria muito além de qualquer crença respaldada pela razão? Eis algumas das especulações informes a que eu me entregava nas horas de fraqueza — devaneios estimulados pelos mitos descobertos em meus estudos. Eu não podia duvidar de que a existência de certas lendas persistentes de antiguidade imemorial, aparentemente ignoradas pelas vítimas e pelos médicos ligados aos casos recentes de amnésia, constituísse um notável e espantoso desdobramento de lapsos mnemônicos como o meu.

Quanto à natureza dos sonhos e das impressões que se insinuavam com tamanho clamor, ainda hoje temo falar. Tudo parece saber a loucura, e por vezes achei que eu estava de fato perdendo a razão. Será que um tipo peculiar de alucinação afetava as vítimas dos lapsos de memória? Parecia concebível que os esforços do subconsciente para preencher lacunas inexplicáveis com pseudomemórias pudesse resultar em estranhos devaneios imaginativos. Essa, a bem dizer (embora no fim uma teoria do folclore alternativa tenha me parecido mais plausível), era a crença de muitos alienistas que me ajudaram na busca por casos paralelos e compartilharam a minha perplexidade em relação às analogias perfeitas eventualmente descobertas. Os alienistas não tratavam essa condição como uma loucura verdadeira, preferindo classificá-la como um distúrbio neurótico. Minha determinação em buscar a origem do problema a fim de analisá-lo, em vez de empreender vãs tentativas de ignorar ou esquecer o ocorrido, estava em pleno acordo com os melhores princípios da psicologia, segundo me disseram. Eu dava especial valor aos conselhos dos médicos que haviam me estudado durante o período em que estive possuído pela outra personalidade.

Meus primeiros sintomas não foram visuais, mas diziam respeito às impressões abstratas que já tive ocasião de mencionar. Havia também um profundo e inexplicável sentimento de horror em relação a *mim mesmo.* Comecei a sentir um medo inexplicável de ver a minha própria forma, como se os meus olhos pudessem descobrir algo completamente alienígena e inconcebivelmente abominável. Ao olhar para baixo e descobrir a forma humana de sempre, trajando roupas azuis ou cinza, eu era sempre tomado por uma curiosa sensação de alívio, mesmo que para obtê-lo eu precisasse vencer um terror infinito. Eu evitava os espelhos tanto quanto possível e sempre fazia a barba no salão do barbeiro.

Foi necessário muito tempo para que eu enfim relacionasse esses sentimentos de frustração às fugazes impressões visuais que comecei a ter. A primeira dessas relações estava ligada à estranha sensação de uma contenção externa e artificial aplicada às minhas memórias. Eu sentia que meus vislumbres tinham um significado profundo e terrível, bem como uma pavorosa ligação com a minha pessoa, mas alguma influência consciente me impedia de compreender

esse significado e essa ligação. Logo veio a estranheza em relação ao elemento do *tempo*, acompanhada por esforços desesperados para encaixar os vislumbres oníricos fragmentários no padrão cronológico e espacial conhecido.

A princípio os vislumbres eram muito mais estranhos do que assustadores. Eu tinha a impressão de estar no interior de uma enorme câmara abobadada, cujas arestas em cantaria sobranceira quase se perdiam nas sombras mais acima. Qualquer que fosse a época ou o local da cena, o princípio do arco era conhecido e usado com a mesma prodigalidade demonstrada pelos romanos. Havia janelas redondas de dimensões colossais e altaneiras portas em arco, e pedestais ou mesas da altura de um aposento comum. Enormes estantes de madeira escura recobriam as paredes, repletas do que pareciam ser imensos tomos com estranhos hieróglifos nas lombadas. A cantaria exposta apresentava entalhes curiosos, sempre com desenhos curvilineares e matemáticos, e havia inscrições gravadas com os mesmos caracteres que adornavam os livros descomunais. A pedraria em granito escuro era megalítica e monstruosa, com linhas de blocos com topos convexos onde se encaixavam as fileiras de fundo côncavo que repousavam logo acima. Não havia cadeiras, mas o alto dos vastos pedestais estava repleto de livros, papéis e o que parecia ser material de escrita — estranhos jarros de um metal púrpura e longas hastes com as pontas manchadas. Por mais alto que fossem os pedestais, às vezes eu tinha a impressão de vê-los de cima. Alguns sustentavam globos de cristal luminoso que faziam as vezes de lâmpadas, bem como máquinas inexplicáveis formadas por tubos vítreos e hastes de metal. As janelas tinham vidros e gelosias construídas com barras robustas. Mesmo que não me atrevesse a chegar mais perto e olhar para fora, eu conseguia ver as formas balouçantes de plantas similares a samambaias. O piso era recoberto por lajes octogonais maciças, mas não havia tapeçarias nem outros elementos decorativos.

Mais tarde tive visões em que eu atravessava os corredores em pedra ciclópica, subindo e descendo os gigantescos planos inclinados de cantaria monstruosa. Não havia escadas em lugar algum, tampouco passagens com menos de nove metros de largura. Algumas das estruturas por onde eu deslizava pareciam alçar-se rumo ao céu por centenas de metros. Havia diversos níveis de abóbadas negras mais abaixo, e também alçapões jamais abertos, trancados com barras de metal que sugeriam uma ameaça formidável. Eu tinha a impressão de ser um prisioneiro, e o horror pairava sobre tudo ao meu redor. Senti que os hieróglifos curvilineares nas paredes arrasariam a minha alma com a mensagem que encerravam se eu não estivesse sob a proteção de uma ignorância piedosa.

Ainda mais tarde os meus sonhos passaram a incluir panoramas das grandes janelas redondas e do titânico telhado achatado, com jardins curiosos, uma grande área vazia e um alto parapeito de pedra com arremates protuberantes, aonde se chegava depois de atravessar o mais alto plano inclinado. As construções gigantes

espalhavam-se por léguas quase infinitas, todas elas com um jardim próprio e dispostas ao longo de estradas pavimentadas com sessenta metros de largura. Apresentavam grandes diferenças no aspecto individual, mas poucas tinham menos do que cinquenta metros quadrados ou trezentos metros de altura. Muitas pareciam ilimitadas a tal ponto que deviam ter uma fachada de centenas de metros, enquanto outras erguiam-se a altitudes montanhosas no firmamento cinza e vaporoso. Pareciam ser feitas de pedra ou de concreto, e a maioria era construída na mesma cantaria curvilinear observável na construção em que eu me encontrava. Os tetos eram retos e cobertos por jardins, e tinham uma notável tendência a apresentar parapeitos com arremates protuberantes. Às vezes observavam-se terraços e níveis mais elevados, e grandes vãos livres em meio aos jardins. As grandes estradas sugeriam movimento, mas durante as primeiras visões não consegui obter mais detalhes a partir dessa impressão.

Em certos lugares eu vislumbrava enormes torres cilíndricas que se erguiam muito acima de qualquer outra estrutura. Estas pareciam dotadas de uma natureza totalmente única, e evidenciavam antiguidade e dilapidação prodigiosas. Eram construídas com uma espécie bizarra de cantaria quadrada em basalto e apresentavam um leve afunilamento em direção ao topo arredondado. Em nenhuma delas se via o menor sinal de janelas ou de quaisquer outras aberturas que não as enormes portas. Também notei algumas construções mais baixas — desmoronando com as intempéries dos éons — que guardavam alguma semelhança com a arquitetura básica das obscuras torres cilíndricas. Ao redor dessas aberrações de cantaria quadrada pairava uma aura inexplicável de ameaça e de temor concentrado, como aquela inspirada pelos alçapões trancados.

Os onipresentes jardins pareciam quase medonhos devido à própria estranheza, e apresentavam formas de vegetação bizarras e desconhecidas que se debruçavam ao longo de amplos caminhos ladeados por monólitos repletos de entalhes bastante singulares. As mais comuns eram plantas similares a samambaias de tamanho descomunal; algumas verdes, outras de um sinistro palor fungoide. Em meio a esta flora sobranceavam enormes coisas espectrais que se assemelhavam a calamites, com troncos similares ao bambu que se erguiam a alturas fabulosas. Também havia incríveis espécies vegetais similares às cicadófitas, e grotescos arbustos verde-escuro e árvores de aspecto conífero. As flores eram pequenas, incolores e irreconhecíveis, e floresciam em canteiros geométricos em meio ao restante da vegetação. Em alguns dos jardins nos terraços havia flores maiores e mais vívidas de contornos quase repulsivos, que sugeriam reprodução artificial. Fungos de tamanhos, silhuetas e cores inconcebíveis espalhavam-se pelo cenário em padrões que indicavam uma desconhecida mas bem-estabelecida tradição de horticultura. Nos jardins mais extensos, no térreo, parecia haver alguma tentativa de preservar as irregularidades

da Natureza, mas nos terraços havia mais seletividade e mais evidências da arte da topiaria.

O tempo estava quase sempre úmido e encoberto, e às vezes trazia chuvas impressionantes. De vez em quando, no entanto, viam-se relances do sol — que aparentava uma grandeza anômala — e também da lua, cujas marcas apresentavam diferenças que nunca pude compreender com exatidão. Quando o céu noturno estava claro — o que acontecia muito raramente —, eu via constelações quase irreconhecíveis. Contornos familiares às vezes surgiam de maneira aproximada, mas qualquer duplicação mais ou menos exata era bastante rara; e, a dizer pela posição dos grupos que fui capaz de reconhecer, senti que eu devia estar no hemisfério sul, próximo ao Trópico de Capricórnio. O horizonte longínquo era quase sempre vaporoso e indistinto, mas eu conseguia perceber que grandes selvas de árvores e samambaias desconhecidas, *calamites*, *lepidodendra* e *sigillaria* espalhavam-se para além da cidade, com as frondes fantásticas a tecer zombarias nos vapores inconstantes. De vez em quando sugestões de movimento apresentavam-se no céu, porém minhas visões jamais conseguiam se transformar em certeza.

Por volta do outono de 1914, comecei a ter sonhos infrequentes em que eu flutuava acima da cidade e pelas regiões vizinhas. Eu via estradas intermináveis de vegetação pavorosa com troncos malhados, canelados e listrados, e passava por cidades tão estranhas quanto aquela que persistia em me assombrar. Via construções monstruosas de pedra negra ou iridescente nos vales e nas clareiras onde um crepúsculo perpétuo reinava, e atravessava longos caminhos acima de pântanos tão escuros que eu pouco tinha a dizer quanto à vegetação úmida e exuberante que os encobria. Certa vez encontrei uma área de incontáveis quilômetros repleta de ruínas basálticas com arquitetura semelhante à das poucas torres sem janelas e de topo arredondado na cidade assombrosa. Em outra ocasião encontrei o mar — uma interminável extensão vaporosa além dos píeres de pedra colossal em uma gigantesca cidade de arcos e domos. Grandes sugestões de sombras informes moviam-se mais acima, e em certos pontos a superfície agitava-se com jorros anômalos.

III.

Como eu disse, a princípio essas visões não apresentaram nenhuma qualidade aterrorizante. Sem dúvida, muitos já tiveram sonhos mais estranhos — compostos por fragmentos avulsos da vida cotidiana, figuras e leituras arranjados em padrões inéditos e fantásticos pelos incontroláveis caprichos do sono. Por algum tempo aceitei as visões como algo natural, embora eu não costumasse ter sonhos extravagantes. Muitas das anomalias vagas, pensei eu, deviam se originar

em fontes triviais demasiado numerosas para qualquer tipo de identificação, ao passo que outras pareciam refletir conhecimentos livrescos relativos a plantas e a outras condições do mundo primitivo de cento e cinquenta milhões de anos atrás — o mundo Permiano ou Triássico. Ao longo dos meses, no entanto, o elemento de terror começou a surgir com força cada vez maior. Foi nessa época que os sonhos passaram a se apresentar com o aspecto de *memórias*, e os meus pensamentos começaram a relacioná-los às minhas perturbações abstratas cada vez mais intensas — o sentimento de limitação mnemônica, as curiosas impressões relativas ao *tempo*, a sensação de uma repulsiva troca com a minha personalidade secundária de 1908–1913 e, algum tempo mais tarde, a inexplicável repulsa em relação à minha própria pessoa.

Quando certos detalhes passaram a figurar nos sonhos, o horror multiplicou-se por milhares de vezes — até que, em outubro de 1915, senti que eu precisava tomar alguma providência. Foi quando resolvi me dedicar ao estudo de outros casos de amnésia e de visões, pois senti que assim eu poderia analisar o meu problema de maneira objetiva e livrar-me da influência emocional. Como já foi dito, no entanto, o resultado foi praticamente o oposto em um primeiro momento. Fiquei muito perturbado ao descobrir sonhos tão similares aos meus, em especial porque alguns dos relatos eram antigos demais para que quaisquer conhecimentos geológicos — e portanto qualquer ideia quanto à natureza das paisagens primitivas — estivessem ao alcance da vítima. Além do mais, diversos relatos traziam detalhes e explicações horríveis em relação às visões de enormes construções e jardins selvagens — e em relação a outras coisas. As visões e impressões vagas já eram perturbadoras o bastante, mas as insinuações e os depoimentos de outros sonhadores sabiam a loucura e blasfêmia. Para piorar tudo ainda mais, minha pseudomemória começou a trazer-me sonhos cada vez mais delirantes e vislumbres de revelações iminentes. Mesmo assim, em geral os médicos consideraram o meu método bastante salutar.

Estudei psicologia de maneira sistemática, e esse estímulo levou o meu filho Wingate a fazer o mesmo — e os estudos levaram-no ao atual cargo de professor universitário. Em 1917 e 1918 frequentei cursos especiais na Universidade do Miskatonic. Nesse ínterim a minha pesquisa em registros médicos, históricos e antropológicos ganhou o caráter de uma busca incansável; envolveu viagens a bibliotecas distantes e chegou até mesmo a incluir leituras dos pavorosos tomos de sabedoria oculta pelos quais a minha segunda personalidade havia demonstrado um mórbido interesse. Alguns destes últimos eram os mesmos exemplares que eu tinha lido ainda na minha condição alterada, e fiquei profundamente perturbado com certas anotações marginais e *correções ostensivas* do texto execrando em uma caligrafia e em um estilo que pareciam estranhamente inumanos.

Essas marcações estavam, na maioria dos casos, escritas nos idiomas dos respectivos livros, que o autor da marginália conhecia com erudição profunda e evidente. Uma nota apensa ao *Unaussprechlichen Kulten* de Von Junzt, no entanto, chamava atenção por um motivo alarmante. A nota consistia de certos hieróglifos curvilineares escritos na mesma tinta usada para fazer as correções em alemão, porém não seguia nenhum padrão humano reconhecível. E esses hieróglifos apresentavam semelhanças inconfundíveis com os caracteres tantas vezes encontrados em meus sonhos — caracteres cujo significado eu por vezes imaginava compreender ou me via prestes a recordar. Para completar o quadro da minha negra confusão, meus bibliotecários asseguraram-me de que, segundo os registros dos volumes, todas essas anotações deviam ter sido feitas por mim durante o meu estado secundário. No entanto, eu era e ainda sou ignorante em todas as três línguas envolvidas.

Depois de juntar registros esparsos, antigos e modernos, antropológicos e médicos, encontrei uma mistura bastante consistente de mito e alucinação com um nível de abrangência e desvario que me deixou de todo estupefato. Encontrei um único consolo — o fato de que os mitos remontavam a épocas remotas. Que conhecimento perdido poderia ter trazido imagens do Paleozoico ou do Mesozoico para essas fábulas primitivas eu não saberia dizer, mas as imagens estavam lá. Portanto, havia uma base para a formação de um tipo fixo de delírio. Sem dúvida os casos de amnésia haviam criado o padrão geral do mito — mas a partir de então os acréscimos fantasiosos dos mitos devem ter reagido com os pacientes de amnésia e colorido as pseudomemórias destes. Eu mesmo havia lido e ouvido todas as antigas lendas durante o meu lapso de memória — minhas buscas traziam fartas evidências. Neste caso, não seria natural que meus sonhos e emoções subsequentes apresentassem as cores e as formas de tudo que a minha memória houvesse apreendido durante o estado secundário? Alguns dos mitos apresentavam ligações importantes com outras lendas nebulosas do mundo pré-humano, em especial no que diz respeito aos mitos hindus referentes a vertiginosos abismos de tempo que formam parte da sabedoria dos teosofistas modernos.

Tanto os mitos primordiais como as alucinações modernas sugeriam que a humanidade seria apenas uma — talvez a menor — dentre as várias raças altamente evoluídas surgidas durante a longa e em boa parte desconhecida história do planeta. Segundo essas insinuações, criaturas de formas inconcebíveis haviam erguido torres em direção ao céu e explorado todos os segredos da Natureza antes que o primeiro anfíbio se arrastasse para fora do mar quente de trezentos milhões de anos atrás. Algumas dessas criaturas tinham vindo das estrelas; umas poucas eram tão antigas quanto o próprio cosmo; e outras haviam surgido depressa a partir de germes terrestres tão anteriores aos primeiros germes

do nosso ciclo vital quanto estes são anteriores a nós próprios. Havia diversas menções à passagem de bilhões de anos e a ligações com outras galáxias e universos. A bem dizer, o tempo não existia da maneira como é compreendido em termos humanos.

No entanto, a maioria das lendas e impressões dizia respeito a uma raça mais recente, de forma estranha e intrincada e sem nenhuma semelhança com outras formas de vida conhecidas pela ciência, que viveu apenas até cinquenta milhões de anos antes do surgimento do homem. Tudo indicava que essa era a raça mais evoluída dentre todas as outras, pois foi a única a conquistar o segredo do tempo. As criaturas haviam aprendido tudo o que se sabia *ou que algum dia haveria de se saber* na Terra graças às mentes mais privilegiadas que tinham o poder de projetar-se rumo ao passado e ao futuro através de abismos de milhões de anos para estudar a sabedoria de todas as épocas. Os feitos dessa raça deram origem a todas as lendas sobre *profetas*, inclusive aquelas presentes na mitologia humana.

Vastas bibliotecas guardavam volumes de textos e ilustrações que encerravam a totalidade dos anais terrestres — histórias e descrições de todas as espécies que haviam existido e ainda haveriam de existir, com registros completos das respectivas artes, proezas, idiomas e psicologias. Com esse conhecimento que abarcava os éons, a Grande Raça podia escolher, dentre todas as épocas e todas as formas de vida, os pensamentos, as artes e os processos que melhor se adequassem à natureza e à situação em que viviam. O conhecimento do passado, obtido graças a uma espécie de projeção mental para além dos cinco sentidos conhecidos, era mais difícil de obter do que o conhecimento relativo ao futuro.

Nesse último caso o curso era mais simples e mais material. Com o auxílio mecânico necessário, as criaturas projetavam as consciências adiante no tempo e sondavam o nebuloso caminho extrassensorial até se aproximar do período desejado. Então, depois dos testes preliminares, aferravam-se aos melhores espécimes da forma de vida mais evoluída do período, entrando no cérebro do organismo e em seguida instalando as próprias vibrações enquanto a mente deslocada voltava até o período do usurpador e permanecia no corpo deste último até que o processo se invertesse. A mente projetada, no corpo do organismo futuro, passava-se por um membro da raça cuja forma exterior ostentasse; e logo aprendia, com a maior rapidez possível, tudo o que houvesse para aprender sobre a época escolhida e as informações e técnicas nela disponíveis.

Nesse meio-tempo a mente do hospedeiro, deslocada para a época e o corpo do usurpador, era guardada com todo o cuidado. Impediam-na de ferir o corpo que ocupava e privavam-na de todo conhecimento prévio com técnicas de interrogatório. Muitas vezes o interrogatório era conduzido no idioma nativo da mente hospedeira, pois explorações anteriores do futuro haviam trazido registros

desse idioma. Se a mente viesse de um corpo cujo idioma a Grande Raça fosse incapaz de reproduzir por motivos físicos, as criaturas desenvolviam engenhosas máquinas capazes de reproduzir o idioma alienígena, como em um instrumento musical. Os integrantes da Grande Raça eram imensos cones rugosos com três metros de altura que tinham a cabeça e outros órgãos presos a membros extensíveis com trinta centímetros de largura que saíam do ápice. Falavam estalando ou raspando as enormes patas ou garras presentes na extremidade de dois desses quatro membros e caminhavam expandindo e contraindo uma camada viscosa presa à enorme base de três metros.

Quando o espanto e o ressentimento da mente cativa se dissipavam, e quando (no caso de criaturas com um aspecto físico muito diferente) o horror relativo à estranha forma temporária desaparecia, o prisioneiro tinha a chance de estudar o novo ambiente e experimentar um sentimento de espanto e de sabedoria similar ao do usurpador. Uma vez tomadas as devidas precauções, e em troca dos serviços adequados, permitiam-lhe desbravar todo o mundo habitado em aeronaves titânicas ou nos enormes veículos similares a barcos e equipados com motores atômicos que andavam pelas grandes estradas, bem como frequentar à vontade as bibliotecas que continham os registros do passado e do futuro do planeta. Assim, vários prisioneiros faziam as pazes com o destino, pois eram todos dotados de intelectos extremamente argutos para os quais a exploração dos mistérios ocultos da Terra — capítulos fechados de passados inconcebíveis e redemoinhos vertiginosos de um futuro que incluía anos muito além da época em que originalmente viviam — constitui, não obstante os horrores abismais tantas vezes revelados, a experiência suprema da vida.

De vez em quando alguns prisioneiros tinham a chance de encontrar outras mentes capturadas no futuro — de trocar experiências com intelectos que viviam cem ou mil ou um milhão de anos antes ou depois da época em que existiam. Todos eram incentivados a escrever no próprio idioma a respeito de si próprios e do período em que viviam; e esses documentos eram armazenados em um vasto arquivo central.

Cabe dizer que havia um tipo particularmente triste de prisioneiro com privilégios bem maiores do que aqueles oferecidos à maioria. Eram os exilados moribundos *permanentes*, cujos corpos futuros haviam sido capturados por integrantes moribundos da Grande Raça que, na iminência da morte, tentavam escapar à extinção mental. Esses exilados melancólicos não eram comuns como se poderia imaginar, uma vez que a longevidade da Grande Raça diminuía o apego que tinham à vida — em especial no caso das mentes superiores capazes de projeção. A partir desses casos de projeção permanente de mentes provectas surgiram inúmeras mudanças duradouras na história recente — inclusive na história da humanidade.

Quanto aos casos típicos de exploração — uma vez que o conhecimento desejado fosse adquirido no futuro, a mente usurpadora construía um aparato idêntico àquele responsável pelo voo inicial e revertia o processo de projeção. Mais uma vez tornava a ocupar o próprio corpo na própria época, enquanto a mente cativa retornava ao corpo futuro que de pleno direito habitava. No entanto, quando um dos corpos morria durante a troca essa restauração não era possível. Nesses casos, é claro, a mente exploradora precisava — tal como a dos que tentavam escapar da morte — viver uma vida no futuro, em um corpo alienígena; ou então a mente cativa — como os exilados moribundos permanentes — terminava os dias na forma e na época passada a que pertencia a Grande Raça.

Esse destino era menos temível quando a mente cativa também pertencia à Grande Raça — uma ocorrência não muito rara, uma vez que em todos os períodos essas criaturas sempre estiveram muito interessadas no próprio futuro. O número de exilados moribundos permanentes da Grande Raça era muito pequeno — em boa parte devido às tremendas penalidades associadas ao deslocamento da mente de futuras mentes da Grande Raça por parte do moribundo. Através da projeção, providências eram tomadas para aplicar essas penalidades nas mentes transgressoras enquanto ocupavam os corpos futuros — e às vezes uma nova troca era efetuada à força. Casos bastante complexos de deslocamentos de mentes exploradoras ou mesmo aprisionadas por outras mentes oriundas de várias regiões do passado haviam sido descobertos e cuidadosamente retificados. Em todas as épocas desde o descobrimento da projeção mental, uma pequena mas importante parcela da população era constituída por mentes da Grande Raça oriundas de épocas passadas, que estavam de visita por períodos ora mais, ora menos longos.

Quando uma mente prisioneira de origem alienígena era devolvida ao próprio corpo futuro, via-se privada de tudo o que havia aprendido na época da Grande Raça através de um complexo processo de hipnose mecânica — um processo necessário em vista das consequências problemáticas do transporte de conhecimento em grandes quantidades. Os poucos casos de transmissão direta haviam causado — e em tempos futuros haveriam de causar ainda outros — grandes desastres. Foi em consequência de dois casos assim que (segundo os antigos mitos) a humanidade aprendeu o que sabia sobre a Grande Raça. Dentre todas as coisas que haviam *sobrevivido fisicamente* desde aquele mundo a éons de distância, restavam apenas certas ruínas de grandes pedras em lugares desertos e nas profundezas oceânicas, bem como partes do texto presente nos temíveis Manuscritos Pnakóticos.

Assim a mente em retorno voltava à própria época apenas com visões tênues e fragmentárias de tudo que havia vivido desde a captura. Todas as memórias que podiam ser erradicadas eram erradicadas, de modo que na maioria dos casos apenas um vazio à sombra dos sonhos alcançava o momento da primeira troca.

Algumas mentes lembravam mais do que outras, e às vezes o encontro casual de memórias oferecia pistas relativas ao passado proibido de épocas futuras. Não deve ter havido uma única época em que grupos ou cultos não tenham celebrado algumas dessas pistas em segredo. O *Necronomicon* sugeria a presença de um culto nesses moldes entre os humanos — um culto que por vezes auxiliava as mentes que viajavam através dos éons desde a época da Grande Raça.

Nesse ínterim os integrantes da Grande Raça tornaram-se quase oniscientes, e se dedicaram a organizar trocas com mentes de outros planetas e explorar o passado e o futuro desses outros mundos. Da mesma forma, tentaram compreender os anos anteriores e a origem do orbe negro e entregue à morte através dos éons de onde a própria herança mental havia surgido — pois a mente da Grande Raça era mais antiga do que a forma corpórea. Os seres de um mundo ancestral moribundo, depois de alcançar a sabedoria graças à obtenção de conhecimentos ocultos e supremos, haviam partido em busca de um novo mundo e de uma espécie em que pudessem ter uma longa vida; e assim projetaram as próprias mentes em massa para a raça mais apta a hospedá-los — as criaturas em forma de cone que povoavam a nossa Terra um bilhão de anos atrás. Assim surgiu a Grande Raça, enquanto as inúmeras mentes enviadas rumo ao passado foram abandonadas para morrer no horror de formas estranhas. Mais tarde a raça enfrentaria a morte uma segunda vez, e sobreviveria graças a outra migração das melhores mentes para o corpo de seres futuros dotados de maior longevidade física.

Eis o pano de fundo composto por lendas e alucinações entremeadas. Quando, por volta de 1920, dei uma forma coerente às minhas descobertas, senti um discreto alívio na tensão que os estágios iniciais da pesquisa haviam causado. Afinal, e a despeito de todos os devaneios provocados por emoções cegas, não haveria uma explicação lógica para a maioria desses fenômenos? Um simples acaso poderia ter levado minha mente a estudos obscuros durante o período da amnésia — e além do mais eu tinha estudado as lendas proibidas e encontrado os integrantes de cultos ancestrais e mal-afamados. Sem dúvida, essa era a origem do material que compôs os sonhos e os sentimentos de perturbação que me assolaram após o retorno da minha memória. Quanto às notas marginais em hieróglifos oníricos e em idiomas que ignoro atribuídas a mim pelos bibliotecários — eu poderia muito bem ter aprendido os rudimentos dessas línguas em meu estado secundário, enquanto os hieróglifos sem dúvida tinham sido engendrados pela minha fantasia a partir das descrições feitas em antigas lendas e *apenas mais tarde* entremeados aos meus sonhos. Tentei verificar certos detalhes em conversas com infames líderes de cultos, mas nunca consegui estabelecer as relações necessárias.

Às vezes o estranho paralelismo entre tantos casos diferentes em tantas épocas diferentes continuava me preocupando como no início das pesquisas, mas por outro lado eu tinha a impressão de que o folclore de veia fantástica tinha um caráter muito mais universal no passado do que no presente. Provavelmente todas as outras vítimas com sintomas semelhantes aos meus tinham um conhecimento familiar de longa data sobre as histórias que eu havia descoberto apenas no estado secundário. Quando essas vítimas perdiam a memória, associavam-se às criaturas dos mitos domésticos — os fabulosos invasores que deslocavam a mente dos homens — e assim embarcavam em uma busca por conhecimentos que pudessem levar de volta para um suposto passado inumano. Quando a memória retornava, invertiam o processo associativo e viam-se não mais como usurpadores, mas como as antigas mentes cativas. Por esse motivo os sonhos e as pseudomemórias seguiam o padrão convencional dos mitos.

Não obstante uma certa ponderosidade, essas explicações por fim suplantaram todas as outras no meu intelecto — em boa parte devido à fraqueza de todas as outras teorias rivais. Um número considerável de eminentes psicólogos e antropólogos aos poucos aceitou a minha hipótese. Quanto mais eu refletia, mais convincente parecia o meu raciocínio; até que por fim consegui erguer uma barricada poderosa contra as visões e impressões que ainda me acossavam. E se eu visse coisas à noite? Não seriam nada além das coisas sobre as quais eu tinha lido e ouvido falar. E se eu apresentasse estranhas aversões e perspectivas e pseudomemórias? Estas também seriam ecos dos mitos absorvidos no estado secundário. Nada que eu pudesse sonhar, nada que eu pudesse sentir poderia ter qualquer significado real.

Fortalecido por essa filosofia, consegui melhorar o meu equilíbrio nervoso, mesmo que as visões (mais do que as impressões abstratas) estivessem cada vez mais frequentes e mais repletas de detalhes perturbadores. Em 1922, mais uma vez me senti apto a desempenhar um trabalho regular e pus os meus conhecimentos recém-adquiridos em prática aceitando um cargo de professor de psicologia na universidade. Minha última cátedra de economia política tinha sido ocupada havia muito tempo — e além do mais os métodos de ensinar a matéria haviam sofrido grandes mudanças desde o meu auge. Nessa época o meu filho estava começando os estudos de pós-graduação que culminaram no atual professorado, e por esse motivo fizemos muito trabalho conjunto.

IV.

Continuei, no entanto, a manter um registro minucioso dos sonhos extravagantes que me visitavam com tanta frequência e de maneira tão vívida. Um registro desses, segundo eu imaginava, despertaria interesse genuíno como

documento psicológico. Os vislumbres ainda se pareciam demais com *memórias*, embora eu lutasse contra essa impressão com uma razoável margem de sucesso. Ao escrever, eu tratava esses avantesmas como coisas vistas; mas em qualquer outra situação considerava-as simples ilusões diáfanas trazidas pela noite. Nunca mencionei esses assuntos em conversas casuais, embora menções a elas tenham — como não poderia deixar de ser — ocasionalmente suscitado rumores acerca da minha saúde mental. É engraçado pensar que esses rumores circularam apenas entre os leigos, sem um único adepto entre os médicos ou psicólogos.

Quanto às visões que tive depois de 1914, pretendo mencionar aqui apenas umas poucas, uma vez que registros e relatos completos encontram-se à disposição de qualquer pesquisador sério. É evidente que com o passar do tempo as inibições foram desaparecendo, pois o escopo das minhas visões sofreu um aumento descomunal. Mesmo assim, nunca foram mais do que fragmentos desconexos que não evidenciavam nenhuma motivação clara. Nos sonhos, aos poucos tive a impressão de adquirir uma liberdade cada vez maior para explorar o ambiente em que eu me encontrava. Flutuei ao longo de estranhas construções de pedra, indo de uma a outra através de passagens subterrâneas descomunais que pareciam ser a via usual de deslocamento. Às vezes, nos níveis mais baixos, eu encontrava os enormes alçapões trancados ao redor dos quais pairava uma aura de medo e de maus agouros. Vi gigantescas piscinas tesseladas, bem como recintos fornidos com utensílios curiosos e inexplicáveis dos mais variados tipos. Havia cavernas colossais dotadas de mecanismos intrincados cujos contornos e propósitos eram completamente ignorados por mim, e cujo *som* se manifestou apenas depois de vários anos sonhando. Aproveito para ressaltar que a visão e a audição foram os únicos sentidos que exercitei no mundo visionário.

O verdadeiro horror começou em maio de 1915, quando tive o primeiro vislumbre das *criaturas vivas.* Foi antes que as minhas pesquisas ensinassem-me o que esperar dos mitos e dos relatos de caso. À medida que as barreiras mentais cediam, passei a vislumbrar grandes massas de vapor translúcido em diversas partes das construções e nas ruas lá embaixo. Estas últimas tornaram-se cada vez mais sólidas e distintas, até que, passado algum tempo, pude enfim discernir contornos monstruosos com uma alarmante facilidade. Pareciam enormes cones iridescentes, com cerca de três metros de altura e dez metros de largura na base, feitos de um material estriado, semielástico e escamoso. Dos ápices saíam quatro membros cilíndricos flexíveis, cada um com trinta centímetros de espessura e composto por uma substância estriada como a que compunha os cones. Esses membros ora se contraíam quase até desaparecer, ora estendiam-se a uma distância de cerca de três metros. Dois deles terminavam em enormes garras ou pinças. Na extremidade de um terceiro havia quatro apêndices vermelhos em forma de trompete. O quarto terminava em um globo amarelado e irregular com

cerca de sessenta centímetros de diâmetro e dotado de três grandes olhos dispostos ao longo da circunferência central. Acima da cabeça havia quatro ramificações cinzentas e delgadas que sustentavam apêndices similares a flores, enquanto da parte inferior pendiam oito antenas ou tentáculos esverdeados. A grande base do cone central era rematada por uma substância cinza e borrachenta que deslocava toda a entidade por meio de expansão e contração.

As ações das criaturas, embora inofensivas, causaram-me ainda mais horror do que a aparência — pois não é nem um pouco salubre observar seres monstruosos desempenhar ações intrinsecamente humanas. Essas entidades moviam-se de maneira inteligente através dos grandes recintos, pegando livros nas estantes e levando-os para as grandes mesas, ou vice-versa, e por vezes escrevendo com uma haste curiosa presa entre os tentáculos esverdeados. As enormes pinças eram usadas para carregar os livros e conversar — a comunicação era efetuava através de cliques e de arranhões. As entidades não trajavam nenhum tipo de indumentária, mas usavam pastas ou bolsas suspensas do alto do tronco cônico. Em geral mantinham a cabeça próxima ao topo do cone, porém muitas vezes a erguiam ou a abaixavam. Os outros três grandes membros tinham uma tendência natural a permanecer em repouso nas laterais do cone, contraídos a um comprimento de cerca de um metro e meio quando em desuso. A dizer pela velocidade com que liam, escreviam e operavam as máquinas (as que repousavam em cima das mesas pareciam de algum modo ligadas ao pensamento), concluí que a inteligência das criaturas seria muito superior à do homem.

Depois, passei a vê-las por toda parte; reunidas em grandes câmaras e corredores, às voltas com máquinas monstruosas em meio às criptas abobadadas e correndo ao longo das vastas estradas em gigantescos carros em forma de barco. Logo venci o meu temor, pois as entidades pareciam ser parte natural do ambiente que habitavam. Comecei a perceber diferenças individuais entre os diversos indivíduos, e alguns pareceram estar sujeitos a algum tipo de contenção. Esses últimos, embora não apresentassem nenhuma variação física, demonstravam uma variedade de gestos e de hábitos que os diferenciava não apenas da maioria, mas em grande medida também uns dos outros. Escreviam no que parecia ser, para a minha visão turva, uma enorme variedade de caracteres — jamais empregando os hieróglifos curvilineares usados pela maioria. Alguns, segundo imaginei, usavam o nosso próprio alfabeto. Muitos trabalhavam em uma velocidade muito inferior à massa geral das entidades.

Durante todo esse tempo a *minha participação* nos sonhos parecia resumir-se à de uma consciência sem corpo dotada de uma visão mais ampla do que o normal; capaz de flutuar livremente ao redor, e no entanto restrita aos caminhos e à velocidade de tráfego normal. Apenas em agosto de 1915 as sugestões de existência corpórea começaram a me trazer inquietações. Digo “inquietações”

porque a primeira fase consistiu apenas em uma associação puramente abstrata e no entanto infinitamente terrível da repulsa que eu sentia em relação ao meu próprio corpo às cenas das minhas visões. Por algum tempo a minha grande preocupação durante os sonhos foi evitar qualquer relance em direção ao meu corpo, e ainda me lembro de como me senti grato pela total ausência de grandes espelhos naqueles estranhos aposentos. Fiquei profundamente transtornado ao notar que eu nunca via aquelas mesas descomunais — cuja altura não poderia ser inferior a três metros — a partir de um nível inferior ao da superfície.

A tentação mórbida de olhar em direção ao meu próprio corpo tornou-se cada vez maior, e em uma noite fatídica não pude mais resistir. A princípio o olhar que dirigi para baixo não revelou absolutamente nada. No instante seguinte, associei esse resultado ao fato de que a minha cabeça encontrava-se na extremidade de um pescoço flexível de enorme comprimento. Ao retrair o pescoço e olhar para baixo, percebi o vulto escamoso, rugoso e iridescente de um cone com três metros de altura e três metros de largura na base. Foi nesse instante que acordei metade dos habitantes de Arkham com os meus gritos ao emergir do abismo do sono.

Apenas depois de semanas de horrendas repetições consegui resignar-me a essas visões de mim mesmo naquela forma monstruosa. Nos sonhos, passei a me deslocar em meio a outras entidades desconhecidas, lendo os terríveis livros guardados nas intermináveis prateleiras e escrevendo por horas sem fim nas grandes mesas com uma haste manejada pelos tentáculos verdes que pendiam da minha cabeça. Fragmentos do que eu lia e escrevia permaneciam na minha memória. Eram os horrendos anais de outros mundos e outros universos, e de ímpetos de formas de vida amorfas além de todos os universos. Havia registros de estranhas ordens do ser que haviam povoado o mundo em passados esquecidos, e horripilantes crônicas de inteligências dotadas de corpos grotescos que o povoariam milhões de anos após a morte do último ser humano. Li capítulos da história humana cuja existência nenhum erudito de nossa época sequer concebe. Muitos desses textos estavam escritos no idioma dos hieróglifos, que estudei de maneira estranha, com o auxílio de máquinas que rangiam e revelavam o que sem dúvida era uma língua aglutinativa com sistemas de radicais sem nenhum parentesco com os idiomas humanos. Outros volumes eram escritos em outras línguas desconhecidas aprendidas com o mesmo sistema. Muito pouco estava escrito em línguas que eu compreendesse. Excelentes ilustrações — tanto as que faziam parte dos registros como as que formavam coleções à parte — forneceram-me uma ajuda inestimável. E o tempo todo eu tinha a impressão de estar compondo uma história da minha própria época em inglês. Ao despertar, eu me lembrava apenas de fragmentos isolados e desprovidos de qualquer

significado em relação às línguas desconhecidas que o meu ser onírico havia aprendido, embora frases inteiras da história permanecessem comigo.

Aprendi — mesmo antes que o meu ser terreno houvesse estudado casos paralelos ou os antigos mitos que sem dúvida estavam na origem dos sonhos — que as entidades ao meu redor pertenciam à mais grandiosa raça do mundo, que havia conquistado o tempo e enviado mentes exploradoras a todas as épocas. Além do mais, eu sabia que me haviam capturado na minha própria época enquanto um *outro* usava o meu corpo nessa mesma época, e que algumas das outras estranhas formas hospedavam mentes capturadas em circunstâncias análogas. Eu parecia conversar, em uma estranha língua compostas por cliques, com intelectos exilados de todos os confins do sistema solar.

Havia uma mente oriunda do planeta que conhecemos como Vênus, que viveria durante incalculáveis épocas vindouras, e outra de uma lua distante de Júpiter que vivia seis milhões de anos no passado. Quanto às mentes terrenas, havia alguns indivíduos da raça semivegetal dotada de asas e cabeça em forma de estrela-do-mar oriunda da Antártida paleogênea; um representante do povo reptiliano da fabulosa Valúsia; três dos hiperbóreos adoradores hirsutos e pré-humanos de Tsathoggua; um dos abomináveis Tcho-Tchos; dois das hostes aracnoides da última época da Terra; cinco da robusta resistente espécie coleóptera posterior à humanidade, para a qual a Grande Raça um dia haveria de transferir as mentes mais argutas em massa ao defrontar-se com uma ameaça formidável; e vários outros pertencentes às mais variadas ramificações da humanidade.

Conversei com a mente de Yiang-Li, um filósofo do império de Tsan-Chan, que deve ascender no ano 5.000 d.C.; com a mente de um general dos negros macrocéfalos que dominavam a África do Sul no ano 50.000 a.C.; com a mente de um monge florentino do século XII chamado Bartolomeo Corsi; com a mente de um rei de Lomar que havia reinado nesse terrível domínio polar 100 mil anos antes que os amarelos e atarracados Inuros atacassem do norte; com a mente de Nug-Soth, um feiticeiro no exército dos conquistadores sombrios do ano 16.000 d.C.; com a mente de um romano chamado Titus Sempronius Blaesus, que tinha sido questor na época de Sula; com a mente de Khephnes, um egípcio da 14ª dinastia que me revelou o horripilante segredo de Nyarlathotep; com a mente de um sacerdote do reino de Atlântida; com a mente de James Woodville, um gentil-homem de Suffolk que vivia na época de Cromwell; com a mente de um astrônomo da corte no Peru pré-Inca; com a mente do físico australiano Nevil Kingston-Brown, que há de falecer em 2518 d.C.; com a mente de um arquimago da Yhe que desapareceu no Pacífico; com a mente de Teodotides, oficial greco-báctrio do ano 200 a.C.; com a mente de um francês provecto da época de Luís XIII chamado Pierre-Louis Montmagny; com a mente de Crom-Ya, um líder

cimério de 15.000 a.C.; e com tantos outros que meu cérebro não foi capaz de armazenar os segredos chocantes e prodígios vertiginosos que me revelaram.

Toda manhã eu acordava com febre, às vezes em uma tentativa frenética de verificar ou desacreditar informações ao alcance do conhecimento humano moderno. Fatos tradicionais revestiram-se de aspectos novos e duvidosos, e admirei-me com o devaneio onírico capaz de engendrar complementos tão surpreendentes à história e à ciência. Estremeci ao pensar nos mistérios que o passado poderia ocultar e tremi diante das ameaças que o futuro poderia trazer. As insinuações presentes na fala das entidades pós-humanas em relação ao destino da humanidade produziram em mim um efeito que não pretendo deixar registrado. Depois do homem haveria uma poderosa civilização de besouros, cujos corpos a elite da Grande Raça capturaria assim que um destino monstruoso se abatesse sobre o mundo ancestral. Mais tarde, à medida que a Terra se aproximasse do fim, as mentes projetadas mais uma vez migrariam através do tempo e do espaço — para outra parada nos corpos das entidades vegetais bulbosas que habitam Mercúrio. Mas depois haveria outras raças que se aferrariam de maneira patética ao planeta gelado e viveriam escondidas no núcleo repleto de horror até o inelutável fim.

Nos meus sonhos eu expandia sem parar a história da minha própria época que estava preparando — meio por vontade própria, meio por conta das promessas de mais oportunidades para pesquisas e viagens — para o arquivo central da Grande Raça. O arquivo era uma estrutura subterrânea colossal próxima ao centro da cidade, que passei a conhecer bem por força de frequentes trabalhos e consultas. Construído para durar tanto quanto a Grande Raça, e também para resistir às mais extremas convulsões do planeta, esse repositório titânico ultrapassava todas as demais estruturas na robustez maciça e montanhosa da construção.

Os registros, escritos ou impressos em enormes folhas de celulose resistentes ao extremo, eram encadernados em livros que se abriam na parte de cima, e eram armazenados em estojos individuais feitos de um estranho e levíssimo metal inoxidável de coloração acinzentada, decorados com padrões matemáticos e ostentando o título nos hieróglifos curvilineares da Grande Raça. Esses estojos eram guardados em fileiras de cofres retangulares — estantes fechadas e trancadas — feitas do mesmo metal inoxidável e trancadas com segredos de operação complexa. A história que escrevi foi colocada em um dos cofres referentes ao mais baixo nível dos vertebrados — a seção dedicada à cultura humana e às raças hirsutas e reptilianas que a precederam na dominação terrestre.

No entanto, nenhum sonho me forneceu uma visão abrangente da vida cotidiana. Apenas fragmentos nebulosos e desconexos, que com certeza não se apresentavam na sequência correta. Para dar um exemplo, tenho apenas uma ideia

bastante imperfeita no que diz respeito ao meu alojamento no mundo onírico, embora eu acredite ter ocupado todo um enorme recinto de pedra. Aos poucos minhas restrições como prisioneiro desapareceram, de modo que as visões passaram a incluir vívidos périplos por estradas no meio da selva, estadias em estranhas cidades e explorações das obscuras e imponentes ruínas sem janelas que os integrantes da Grande Raça evitavam por conta de um curioso temor. Também houve longas viagens marítimas em enormes navios com vários conveses e capazes de velocidades impressionantes, e viagens por regiões selvagens em aeronaves fechadas e em forma de projétil movidas por repulsão elétrica. Além do amplo oceano quente havia outras cidades pertencentes à Grande Raça, e no continente longínquo eu discernia os rústicos vilarejos das criaturas aladas com focinhos pretos que se tornariam a raça dominante depois que a Grande Raça enviasse as mais ilustres mentes rumo ao futuro para escapar de um horror insidioso. As planuras e a vegetação exuberante eram sempre as principais características da cena. As colinas eram baixas e esparsas, e em geral apresentavam sinais de atividade vulcânica.

Sobre os animais que vi eu seria capaz de escrever volumes inteiros. Todos eram selvagens; pois a cultura mecanizada da Grande Raça tinha dispensado os animais domésticos havia muito tempo, e as fontes de alimento eram exclusivamente vegetais ou sintéticas. Répteis desajeitados de grande porte arrastavam-se em paludes vaporosos, esvoaçavam na atmosfera pesada ou nadavam nos mares e lagos; e nos espécimes avistados imaginei reconhecer vagamente os protótipos arcaicos e primitivos de inúmeras formas — dinossauros, pterodáctilos, ictiossauros, labirintodontes, ranforrincos, plesiossauros e outros — descritas pela paleontologia. Quanto a pássaros ou mamíferos, jamais os encontrei.

O solo e os pântanos ganhavam vida graças a cobras, lagartos e crocodilos, e insetos zumbiam sem parar em meio à exuberância da vegetação. Ao longe, no mar, monstros insuspeitos e ignotos jorravam colunas de espuma em direção ao céu vaporoso. Certa vez desci até o fundo do mar em um gigantesco submarino equipado com holofotes e vislumbrei horrores vivos de espantosa magnitude. Vi também as ruínas de incríveis cidades submersas e a riqueza da vida crinoide, braquiópode, coral e ictíica que se alastrava por toda parte.

No que diz respeito à fisiologia, à psicologia, ao folclore e à história detalhada da Grande Raça, minhas visões preservaram informações escassas, e muitos dos detalhes esparsos registrados neste documento foram colhidos nos meus estudos de antigas lendas e de outros casos, e não em meus próprios sonhos. Depois de algum tempo, é claro, as minhas leituras e as minhas pesquisas ultrapassaram as diversas fases dos sonhos, de modo que certos fragmentos oníricos vinham explicados *a priori* e ratificavam o que eu havia aprendido.

Assim surgiu a minha consoladora hipótese de que as leituras e as pesquisas similares levadas a cabo pela minha personalidade secundária deveriam estar na origem de toda a abominável tessitura de pseudomemórias.

O período dos meus sonhos parecia remontar a pouco menos de 150 milhões de anos, no período de transição entre o Paleozoico e o Mesozoico. Os corpos ocupados pela Grande Raça não representavam nenhuma linha de evolução terrestre ou sequer descrita pela ciência, mas pertenciam a um tipo orgânico peculiar, singularmente homogêneo e altamente especializado que apresentava tanto características animais quanto vegetais. A ação celular sem precedentes evitava grande parte da fadiga e eliminava por completo a necessidade de dormir. O alimento, assimilado através dos apêndices em forma de trompete na extremidade de um dos membros flexíveis, apresentava sempre um aspecto semifluido que em quase nada se assemelhava à comida de outros animais descritos pela ciência. As criaturas tinham apenas dois dos sentidos que reconhecemos — visão e audição, sendo esta última desempenhada pelos apêndices florais na extremidade das ramificações cinzentas que ostentavam no alto da cabeça —, mas também eram dotadas de vários outros sentidos incompreensíveis (que, no entanto, eram de difícil utilização para as mentes cativas que habitavam os estranhos corpos). Os três olhos eram dispostos de maneira a permitir uma visão mais ampla do que o normal. O sangue era uma sânie verde-escura e viscosa. As criaturas eram desprovidas de sexo, e reproduziam-se através de sementes ou esporos que se acumulavam nas bases do cone e germinavam apenas dentro d’água. Grandes tanques rasos eram usados para a criação da prole — sempre, no entanto, limitada a um número reduzido em função da longevidade da espécie, que em geral vivia por quatro ou cinco mil anos.

Indivíduos defeituosos eram silenciosamente descartados assim que os defeitos eram percebidos. A doença e a proximidade da morte, na ausência do tato e da sensação de dor física, eram percebidas apenas por meio de sintomas visuais. Os mortos eram incinerados em cerimônias suntuosas. Às vezes, como já tive ocasião de dizer, uma mente arguta escapava da morte projetando-se rumo ao futuro; mas casos assim não eram comuns. Quando ocorriam, a mente exilada vinda do futuro era sempre tratada com a maior delicadeza possível até a dissolução do invólucro estranho que a envolvia.

A Grande Raça parecia formar uma nação ou uma liga mais ou menos coesa, com grandes instituições comuns, ainda que houvesse quatro divisões claras. O sistema político e econômico de cada unidade era uma espécie de socialismo fascista, em que os principais recursos eram distribuídos de maneira igual, e o poder, delegado a um pequeno comitê governamental eleito pelo voto de todos os indivíduos capazes de passar em certos testes educacionais e psicológicos. A

organização familiar não era muito valorizada, ainda que os laços entre pessoas de descendência comum fossem reconhecidos e os jovens fossem em geral criados pelos progenitores.

As semelhanças com as atitudes e as instituições humanas manifestavam-se de maneira mais evidente nas áreas ligadas a elementos tratados com um alto nível de abstração ou no domínio sobre as necessidades básicas e não especializadas comuns a todo tipo de vida orgânica. Algumas poucas semelhanças surgiram através da adoção consciente, uma vez que a Grande Raça sondava o futuro e copiava o que lhe aprouvesse. A indústria, altamente mecanizada, exigia pouco tempo de cada cidadão; e o abundante tempo livre era ocupado com atividades intelectuais e estéticas dos mais variados tipos. As ciências haviam alcançado um estágio quase inacreditável de desenvolvimento, e a arte era uma parte essencial da vida, embora no período dos meus sonhos já houvesse passado da crista e do meridiano. A tecnologia recebia estímulos poderosos graças à constante luta pela sobrevivência e pela manutenção da integridade física das grandes cidades, ameaçadas pelas prodigiosas convulsões geológicas das épocas primordiais.

O crime era uma prática muito rara e sempre coibida por uma polícia eficiente ao extremo. As punições iam desde a restrição de privilégios ou o encarceramento até a pena de morte ou grandes suplícios emocionais, e jamais eram administradas sem uma minuciosa análise prévia das motivações para o crime. O belicismo, nos últimos milênios em boa parte civil, ainda que ocasionalmente direcionado contra invasores reptilianos e octópodes, ou ainda contra os Grandes Anciões alados e com cabeça em formato de estrela-do-mar vindos da Antártida, era um acontecimento infrequente, embora sempre causasse imensa devastação. Um exército gigantesco equipado com armamentos elétricos capazes de façanhas impressionantes estava sempre a postos por motivos raramente mencionados, mas sem dúvida relativos ao constante temor inspirado pelas ruínas ancestrais e pelos enormes alçapões trancados nos níveis subterrâneos mais profundos.

Esse temor em relação às ruínas basálticas e aos alçapões devia-se em boa parte a sugestões tácitas — ou, na melhor das hipóteses, a sussurros furtivos. Nenhum detalhe a esse respeito podia ser encontrado nos livros que ocupavam as estantes comuns. O assunto era o único tabu que subsistia naquela sociedade, e parecia estar relacionado a terríveis conflitos passados e à ameaça futura que algum dia obrigaria a Grande Raça a enviar as mentes mais privilegiadas em massa para o futuro. Por mais imperfeitas e fragmentárias que fossem as outras coisas vislumbradas em sonhos e nas lendas, esse assunto permanecia envolto em um mistério ainda mais espantoso. Os antigos mitos evitavam-no — ou talvez as eventuais alusões tenham sido removidas por algum motivo. Nos meus sonhos e

no de outras vítimas de amnésia, as pistas eram muito raras. Os integrantes da Grande Raça jamais faziam qualquer menção ao tema, e tudo o que se podia descobrir vinha apenas das mentes cativas mais observadoras.

Segundo esses fragmentos de informação, na origem do temor estava uma terrível raça ancestral de semipólipos — entidades alienígenas que haviam chegado através do espaço vindas de universos infinitamente longínquos para dominar a Terra e três outros planetas solares cerca de seiscentos milhões de anos atrás. Eram compostos apenas em parte de matéria — ao menos segundo a nossa concepção de matéria — e tinham consciência e percepção completamente diferentes de todos os outros organismos terrestres. Para dar um exemplo, os sentidos dessas criaturas não incluíam a visão; viviam em um mundo mental de estranhas impressões não visuais. Mesmo assim, eram materiais o suficiente para usar implementos de matéria quando a encontravam em outras zonas cósmicas; e precisavam de habitações — habitações um tanto peculiares. Embora os *sentidos* das criaturas conseguissem atravessar qualquer tipo de barreira material, a *substância* de que eram compostos não conseguia; e certas formas de atividade elétrica podiam destruí-las por completo. Eram capazes de se locomover pelo ar, embora não fossem dotadas de asas ou de qualquer outro meio visível de levitação. As mentes dessas criaturas eram talhadas de maneira a tornar qualquer tipo de contato com a Grande Raça impossível.

Quando chegaram à Terra, construíram opulentas cidades basálticas repletas de torres sem janelas e tornaram-se predadores ferozes dos seres que aqui encontraram. Assim era quando as mentes da Grande Raça atravessaram o vácuo desde o obscuro mundo transgaláctico conhecido nos perturbadores e duvidosos Fragmentos de Eltdown como Yith. Graças aos instrumentos que criaram, os recém-chegados não tiveram dificuldades para subjugar as entidades predadoras e fazê-las recuar para as cavernas no interior da Terra que haviam incorporado à morada em nosso planeta e começado a habitar. Então trancaram as entradas e deixaram as criaturas entregues à própria sorte, ocupando a seguir a maioria das grandes cidades e preservando certas construções importantes por motivos mais relacionados à superstição do que à indiferença, à temeridade ou à preservação científica e histórica.

No entanto, com o passar dos éons surgiram indícios vagos e maléficos de que as Coisas Ancestrais estavam cada vez mais fortes e numerosas no mundo interior. Houve irrupções esporádicas de caráter particularmente odioso em certas cidades pequenas e remotas da Grande Raça e também em algumas das cidades ancestrais desertas que a Grande Raça não havia povoado — lugares onde os caminhos para os abismos não estavam trancados ou vigiados de maneira adequada. A partir de então precauções adicionais foram tomadas, e muitos dos caminhos acabaram fechados para sempre — embora em alguns pontos

estratégicos os integrantes da Grande Raça tenham mantido os alçapões trancados a fim de possibilitar uma investida eficaz contra as Coisas Ancestrais, caso algum dia surgissem em lugares inesperados; fissuras recentes causadas pelas mesmas alterações geológicas que haviam obstruído alguns caminhos e aos poucos ocasionado uma redução no número de estruturas e ruínas extraterrenas deixadas pelas entidades vencidas.

As irrupções das Coisas Ancestrais devem ter causado um choque indescritível, pois deixaram marcas indeléveis na psicologia da Grande Raça. O horror era tanto que sequer o *aspecto* das criaturas era mencionado — em momento algum fui capaz de obter informações claras sobre a aparência que tinham. Havia sugestões veladas de uma *plasticidade monstruosa* e de *lapsos temporários de visibilidade*, enquanto outros sussurros fragmentários faziam alusões a uma capacidade de *controlar rajadas de vento* e empregá-las para fins militares. Singulares ruídos de *assovios* e pegadas colossais com cinco dedos circulares também pareciam estar associadas às criaturas.

Era evidente que o destino temido pela Grande Raça — o destino que um dia haveria de precipitar milhões de mentes privilegiadas rumo ao abismo do tempo em busca de corpos estranhos num futuro mais seguro — estava relacionado a uma derradeira irrupção bem-sucedida dos Seres Anciões. As projeções mentais através de diferentes épocas haviam pressagiado o horror, e a Grande Raça decidiu que nenhum indivíduo em condições de fugir haveria de presenciá-lo. A história mais tardia do planeta deixava claro que o ataque seria uma vingança, e não uma simples tentativa de reocupar o mundo exterior — pois as projeções revelavam a permanência de raças subsequentes sem nenhum tipo de conflito com as entidades monstruosas. Talvez as entidades tivessem preferido os abismos interiores da Terra à superfície instável e castigada pelas tempestades, uma vez que, para elas, a luz nada significava. Talvez também estivessem enfraquecendo aos poucos com o passar dos éons. Na verdade, era certo que estariam extintas na época da raça pós-humana de besouros que as mentes em fuga ocupariam. Nesse meio-tempo, a Grande Raça mantinha uma vigilância constante, com armamento pesado sempre a postos apesar do total banimento do assunto nas conversas cotidianas e nos registros escritos. Mesmo assim, a sombra de um temor inominável pairava sobre os alçapões trancados e as escuras torres ancestrais sem janelas.

V.

Esse foi o mundo de onde toda noite meus sonhos traziam-me ecos abafados e distantes. Não tenho a menor esperança de conseguir dar uma ideia sequer aproximada do horror e do espanto contido nesses ecos, pois consistiam de uma

qualidade intangível ao extremo — uma vívida sensação de *pseudomemória*. Conforme eu disse, meus estudos aos poucos forneceram-me uma defesa contra essas sensações sob a forma de explicações psicológicas racionais; e essa influência redentora ganhou força graças ao suave toque do hábito adquirido com a passagem do tempo. Apesar de tudo, no entanto, o terror insidioso retornava de vez em quando. Mesmo assim, não conseguia mais tomar conta de mim como antes; e depois de 1922 passei a viver uma vida normal de trabalho e recreação.

Com o passar dos anos comecei a sentir que a minha experiência — somada aos casos análogos de folclore relacionado — devia ser resumida e publicada em forma definitiva para o benefício dos pesquisadores sérios; assim, preparei uma série de artigos que davam conta de todo o período e ilustravam, com esboços bastante rudimentares, algumas das formas, cenários, motivos decorativos e hieróglifos vislumbrados nos meus sonhos. Os artigos foram publicados em diferentes ocasiões, entre 1928 e 1929, no *Journal of the American Psychological Society*, mas não chamaram muita atenção. Nesse ínterim, continuei a registrar minuciosamente os meus sonhos, ainda que o montante cada vez maior de registros tivesse atingido proporções um tanto problemáticas.

No dia 10 de julho de 1934, a Psychological Society me encaminhou a carta que culminou na fase mais horrenda de toda a minha provação insana. Tinha sido franqueada em Pilbarra, na Austrália Ocidental, e trazia a assinatura de uma pessoa que, conforme descobri mais tarde, era um engenheiro de minas de notável prestígio. A correspondência trazia algumas fotografias muito interessantes. Proponho-me a reproduzir o texto na íntegra, para que todos os leitores possam compreender a intensidade do efeito que a carta e os registros fotográficos tiveram sobre mim.

Por algum tempo, permaneci atônito e incrédulo; pois, embora muitas vezes houvesse pensado que poderia haver alguma base factual subjacente para certas fases das lendas que haviam pintado meus sonhos com cores tão extravagantes, eu continuava despreparado para me defrontar com os resquícios tangíveis de um mundo perdido e remoto a ponto de desafiar a imaginação. Os elementos mais devastadores foram as fotografias — que, contra um fundo de areia e com realismo frio e incontestável, retratavam certos blocos de pedra carcomidos pelo tempo, desgastados pela água e castigados pelas tempestades cujos topos levemente convexos e cujas bases levemente côncavas contavam a própria história. Quando as estudei com uma lupa percebi de maneira clara, em meio aos escombros e lascas, os traços dos enormes desenhos curvilineares e dos hieróglifos ocasionais que se revestiam de um significado para mim tão odioso. No entanto, eis aqui a carta, que fala por si própria:

49. Dampier Str.
Pilbarra, Austrália Ocidental,
18 de maio de 1934
Prof. N.W. Peaslee,
a/c Am. Psychological Society,
30, E. 41st Str., Nova York, E.U.A.

Caro Senhor,
Uma recente conversa com o dr. E.M. Boyle, de Perth, bem como alguns periódicos com artigos seus que me foram enviados recentemente, levaram-me a lhe escrever para relatar certas coisas que observei no Grande Deserto Arenoso a leste da mina de ouro nos arredores daqui. Em vista das peculiares lendas sobre antigas cidades com enormes construções em cantaria e estranhos desenhos e hieróglifos descritas pelo senhor, acredito ter me deparado com algo de suma importância.
Os aborígenes sempre contaram histórias sobre "grandes pedras cheias de marcas", e parecem nutrir um profundo temor em relação a essas coisas. Por algum motivo, relacionam-nas às próprias lendas raciais sobre Buddai, o velho de estatura gigantesca que permanece adormecido no subterrâneo com a cabeça apoiada no braço e que há de devorar o mundo no dia em que despertar. Existem lendas muito antigas e já em parte esquecidas sobre enormes cabanas subterrâneas construídas com pedras enormes, onde as passagens levam cada vez mais fundo e onde coisas terríveis aconteceram. Os aborígenes dizem que certa vez um grupo de guerreiros que fugia de uma batalha desceu por um desses caminhos e nunca mais voltou, e ventos horripilantes começaram a soprar de lá desde então. No entanto, em geral não se aproveita muito do que esses nativos dizem.
Mesmo assim, tenho mais coisas a dizer ao senhor. Dois anos atrás, enquanto eu fazia prospecção no deserto, cerca de 800 quilômetros a leste, deparei-me com alguns exemplares de pedra trabalhada que mediam cerca de 90 x 60 x 60 centímetros, desgastados e lascados ao extremo. Em um primeiro momento não consegui encontrar nenhuma das marcas relatadas pelos aborígenes, mas depois de um exame mais atento consegui perceber linhas gravadas em grande profundidade, apesar do desgaste. Eram curvas um tanto peculiares, como as que os aborígenes haviam tentado descrever. Imagino que fossem cerca de 30

ou 40 blocos, alguns quase enterrados na areia, e todos dentro de um círculo com cerca de trezentos metros de diâmetro.
Depois de encontrá-los, examinei atentamente os arredores e fiz uma medição precisa do local com os meus instrumentos. Também registrei os 10 ou 12 blocos mais característicos, e envio as fotografias para que o senhor as analise. Comuniquei a descoberta e entreguei fotografias para as autoridades em Perth, mas ninguém parece haver tomado providência alguma. Mais tarde encontrei o dr. Boyle, que tinha lido os seus artigos no *Journal of the American Psychological Society*, e no momento oportuno fiz menção às pedras. O dr. Boyle foi tomado por um vivo interesse e demonstrou particular entusiasmo quando mostrei-lhe as fotografias, dizendo que as pedras e as marcas correspondiam de maneira exata àquelas encontradas na cantaria com que o senhor sonhou e que se encontra descrita nas lendas. Ele pretendia escrever para o senhor, mas infelizmente teve contratempos. Nesse ínterim, enviou-me a maioria dos periódicos com os artigos escritos pelo senhor e, pelos desenhos e descrições, não tardei a perceber que as minhas pedras são aquelas a que o senhor se refere. O senhor pode tirar as suas próprias conclusões a partir das fotografias em anexo. Acredito que mais tarde o senhor deva ser contatado diretamente pelo dr. Boyle.
Agora percebo a importância que essas descobertas terão para o senhor. Sem dúvida estamos diante dos resquícios de uma civilização desconhecida mais antiga do que qualquer outra jamais sonhada, responsável pela formação da base para as lendas que o senhor discute. Como engenheiro de minas, tenho algum conhecimento de geologia, e posso lhe assegurar que aqueles blocos sugerem uma antiguidade assombrosa. São compostos principalmente de arenito e granito, embora haja um exemplar feito de um tipo bastante singular de *cimento* ou *concreto*. Todos exibem marcas relativas à ação da água, como se aquela parte do mundo tivesse ficado submersa para tornar a emergir muito tempo mais tarde — depois da construção e da utilização dos blocos. Refiro-me a centenas ou milhares de anos — ou Deus sabe quanto tempo mais. Não gosto sequer de pensar a respeito.
A dizer pelo minucioso trabalho que o senhor tem feito para rastrear as lendas e tudo que aquilo com que se relacionam, creio que em breve o senhor possa liderar uma expedição ao deserto para fazer escavações arqueológicas. Tanto o dr. Boyle como eu estamos dispostos a participar desse trabalho caso o senhor — ou alguma organização que o senhor conheça — possa fornecer os subsídios necessários. Posso conseguir cerca de doze mineiros para fazer a parte mais pesada da escavação —

os aborígenes seriam inúteis, pois descobri que nutrem um temor que beira a paranoia em relação ao local. Boyle e eu não pretendemos comentar o assunto com mais ninguém — afinal, o senhor é quem deve levar o crédito pelas descobertas.
A expedição sairia de Pilbarra e chegaria ao local após quatro dias viajando de trator — um equipamento necessário. O local fica a sudoeste do caminho seguido por Warburton em 1873, 160 quilômetros a sudeste de Joanna Spring. Outra alternativa seria transportar o material pelas águas do Rio De Grey — mas todos esses detalhes podem ser discutidos mais tarde. *Grosso modo*, as pedras encontram-se em um ponto próximo à latitude 22º 3’ 14’ sul e à longitude 125º 0’ 39’ leste. O clima é tropical, e as condições do deserto são um desafio tremendo. Qualquer expedição deve ser feita no inverno — em junho, julho ou agosto. Receberei de muito bom grado qualquer correspondência referente ao assunto, e desde já me coloco à disposição para ajudá-lo no que o senhor decidir fazer. Depois de ler seus artigos, fiquei muito impressionado com o profundo significado de todo esse assunto. O dr. Boyle deve lhe escrever em breve. Caso um contato mais rápido seja necessário, o senhor pode enviar um telegrama por rádio para Perth.
Espero ansiosamente uma resposta sua.
Saudações cordiais,
Robert B.F. Mackenzie.

Quanto ao efeito imediato dessa missiva, muito pode ser encontrado na imprensa. Consegui obter subsídio da Universidade do Miskatonic para realizar a expedição, e tanto o sr. Mackenzie como o dr. Boyle prestaram-me um auxílio inestimável no que dizia respeito aos acertos na Austrália. Não oferecemos muitos detalhes ao grande público, uma vez que o assunto poderia receber um indesejável tratamento sensacionalista ou jocoso por parte do jornalismo barato. Assim, os relatos impressos eram raros; mas a divulgação na imprensa foi suficiente para dar conta da nossa busca por ruínas australianas e noticiar os diversos preparativos antes da viagem.

Os professores William Dyer, do departamento de geologia da universidade (líder da Expedição Antártica da Miskatonic em 1930–1931), Ferdinand C. Ashley, do departamento de história antiga, e Tyler M. Freeborn, do departamento de antropologia — ao lado de Wingate, o meu filho — foram os meus companheiros. Meu correspondente Mackenzie chegou a Arkham no início de 1935 e nos ajudou com os últimos preparativos. Mackenzie era um senhor competente e afável, com cerca de cinquenta anos, detentor de uma erudição

invejável e de uma grande familiaridade com as condições de viagem no continente australiano. Tratores estavam à nossa espera em Pilbarra, e afretamos um navio a vapor de calado baixo o suficiente para subir o rio até aquele ponto. Estávamos preparados para escavar nas condições mais minuciosas e científicas possíveis, examinando cada grão de areia e evitando mexer em quaisquer objetos que pudessem estar na posição original.

Zarpamos de Boston a bordo do *Lexington* no dia 28 de março de 1935 e fizemos uma agradável viagem pelo Atlântico e pelo Mediterrâneo, através do Canal de Suez, ao longo do Mar Vermelho e através do Oceano Índico até chegar ao nosso destino. Desnecessário dizer que a mera visão do litoral da Austrália Ocidental me deprimiu e que detestei o rústico vilarejo minerador e as desalentadoras minas de ouro onde os tratores receberam os últimos carregamentos. O dr. Boyle nos recebeu e, apesar da idade um pouco avançada, demonstrou ser uma companhia agradável e inteligente — e os conhecimentos que tinha de psicologia levaram-no a longas discussões comigo e com o meu filho.

Sentíamos um misto de expectativa e desconforto quando enfim nossa equipe de dezoito homens partiu em direção às léguas áridas de areia e rocha. Na sexta-feira, dia primeiro de março, passamos a vau por um braço do Rio De Grey e adentramos o reino de absoluta desolação. Uma espécie de terror apossou-se de mim à medida que avançávamos rumo ao local onde se escondia o mundo primevo por trás das lendas — um terror sem dúvida reforçado por inquietantes sonhos e pseudomemórias que continuavam a me assaltar com uma força infatigável.

No dia 3 de junho, uma terça-feira, avistamos o primeiro dos blocos parcialmente soterrados. Não sou capaz de descrever as emoções que tomaram conta de mim quando toquei — na realidade objetiva — um fragmento de cantaria ciclópica idêntico aos blocos que recobriam os corredores das minhas construções oníricas. Havia resquícios de entalhes — e minhas mãos tremeram quando reconheci parte do padrão decorativo curvilinear que para mim se revestia de um caráter infernal em virtude dos anos de pesadelos torturantes e pesquisas enigmáticas.

Um mês de escavações resultou em um total de 1.250 blocos em vários estágios de desgaste e desintegração. A maioria era composta por megálitos entalhados com extremidades curvas. Uma minoria era composta por pedras menores, chatas, lisas e de corte quadrado ou octogonal — como os pisos e calçamentos nos meus sonhos —, enquanto outras poucas eram particularmente volumosas e curvadas ou inclinadas de maneira a sugerir o uso em abóbadas, ou mesmo como partes de arcadas ou marcos de janelas redondas. Quanto mais fundo e mais em direção ao nordeste nós cavávamos, mais blocos encontrávamos,

mas não conseguíamos descobrir nenhum sinal de disposição organizada nas ruínas. O professor Dyer ficou estarrecido com a idade imensurável dos fragmentos, e Freeborn descobriu vestígios de símbolos que sugeriam relações obscuras com lendas de antiguidade infinita oriundas de Papua e da Polinésia. O estado de conservação e a dispersão espacial dos blocos faziam revelações tácitas sobre os ciclos vertiginosos do tempo e sobre convulsões geológicas de violência cósmica.

Tínhamos um avião à nossa disposição, e meu filho Wingate fez diversos voos a altitudes variadas no deserto de areia e rocha a fim de procurar sinais de contornos tênues em grande escala — diferenças no nível do terreno ou vestígios de blocos espalhados. Não obteve resultado algum; pois quando imaginava ter encontrado algum indício promissor, a viagem seguinte substituía-o por outro, igualmente vago — resultado da ação do vento sobre as areias inconstantes. Uma ou duas dessas sugestões efêmeras, no entanto, tiveram sobre mim um efeito bastante peculiar e desagradável. Pareciam encaixar-se de maneira horrível com algo que eu houvesse lido ou sonhado, sem no entanto ser capaz de recordar. Havia uma terrível *pseudofamiliaridade* a respeito dessas impressões — que de alguma forma levaram-me a olhar com desconfiança e apreensão para a abominável e estéril paisagem que se estendia a norte e a nordeste.

Por volta da primeira semana de julho fui tomado por um misto de emoções inexplicáveis em relação à região nordeste. Eu sentia horror e curiosidade — mas, além disso, também uma ilusão persistente e enigmática de *memória.* Tentei tirar essas ideias da cabeça com os mais variados expedientes psicológicos, porém sem sucesso. Também passei a sofrer com a insônia, mas recebia quase de bom grado em virtude da redução na quantidade de sonhos. Adquiri o hábito de fazer longas caminhadas solitárias à noite no deserto — em geral rumo ao norte ou ao nordeste, para onde a soma dos meus novos e estranhos impulsos pareciam me atrair.

Às vezes, durante essas caminhadas, eu encontrava outros fragmentos parcialmente soterrados de cantaria ancestral. Embora houvesse menos blocos visíveis naquela região do que no local por onde havíamos começado as escavações, tive certeza de que a quantidade debaixo da superfície seria muito abundante. O chão era menos nivelado do que no local do nosso acampamento, e os fortes ventos que sopravam de vez em quando dispunham a areia em dunas temporárias — expondo assim vestígios das pedras ancestrais enquanto cobriam outros traços. Eu me sentia ansioso para que as escavações chegassem àquele território, mas ao mesmo tempo sentia um pavor indescritível das revelações que poderiam trazer. Os motivos são óbvios. Meu estado piorava a cada dia — em especial porque eu não conseguia explicá-lo.

O estado precário da minha saúde mental pode ser demonstrado pela minha reação à estranha descoberta que fiz em um de meus passeios noturnos. Foi na noite de 11 de julho, quando uma lua gibosa mergulhou as misteriosas dunas de areia em um curioso palor. Depois de avançar para além dos meus limites habituais, deparei-me com uma grande pedra que exibia diferenças notáveis em relação a todas as outras encontradas até aquele momento. Estava quase toda soterrada, porém me abaixei e cavouquei a areia com as mãos para mais tarde estudar o objeto com cuidado e suplementar o brilho do luar com o facho da minha lanterna elétrica. Ao contrário das outras pedras enormes, aquela exibia um corte perfeitamente quadrado, sem nenhuma superfície côncava ou convexa. Também parecia ser esculpida em uma substância basáltica muito diferente do granito, do arenito e eventualmente do concreto que formava os demais fragmentos.

De repente me levantei, virei de costas e corri o mais depressa que eu podia até o acampamento. Foi uma fuga inconsciente e irracional, e apenas quando cheguei perto da minha barraca percebi por que eu havia fugido. Foi então que me ocorreu. A estranha pedra negra remontava a algum dos meus sonhos ou a alguma das minhas leituras e estava associada aos horrores absolutos nas lendas de éons imemoriais. Era um dos blocos daquela cantaria basáltica ancestral que a mítica Grande Raça tanto temia — as ruínas altas e sem janelas deixadas pelas coisas furtivas, semimateriais e alienígenas que supuravam nos abismos mais profundos da Terra, cujos poderes eólicos e invisíveis os alçapões trancados e as sentinelas eternamente a postos tentavam conter.

Passei a noite acordado, mas ao raiar do dia percebi que eu havia sido ingênuo ao permitir que a sombra de um mito me impressionasse daquela forma. Em vez de ficar assustado, eu devia ter demonstrado o entusiasmo de um descobridor. Na manhã seguinte contei a todos os outros sobre a minha descoberta — Dyer, Freeborn, Boyle e o meu filho — e saí para ver mais uma vez o bloco anômalo. No entanto, o fracasso estava à nossa espera. Eu não tinha prestado atenção na localização exata da pedra, e um vento posterior havia mudado toda a configuração das dunas de areia inconstante.

VI.

Chego enfim à parte crucial e mais difícil da minha narrativa — ainda mais difícil porque não consigo ter nenhuma certeza quanto à realidade do que ocorreu. Às vezes sou invadido por um desconfortável sentimento de que não foi sonho nem alucinação; e é esse sentimento — em vista das implicações devastadoras que a realidade objetiva da minha experiência haveria de suscitar — que me impele a fazer esse registro. Meu filho — um psicólogo formado com

conhecimentos profundos e de primeira mão sobre o meu caso — vai ser o primeiro juiz em relação ao que tenho a dizer.

Em primeiro lugar, permita-me esboçar os elementos básicos da situação. Na noite de 17–18 de julho, recolhi-me cedo após um dia de fortes ventanias, mas não consegui dormir. Depois de me levantar pouco antes das onze horas, aflito como sempre por aquele estranho sentimento relativo à paisagem ao norte, saí para um dos meus típicos passeios noturnos; vi e saudei uma única pessoa — um mineiro chamado Tupper — ao sair das nossas instalações. A lua, que começava a ir de cheia para minguante, brilhava no céu limpo e derramava sobre as areias ancestrais uma radiância branca e leprosa que por algum motivo pareceu-me dotada de malignidade infinita. Não havia vento, e as rajadas tampouco voltaram a soprar por quase cinco horas, como podem atestar Tupper e outros que passaram a noite em claro. O australiano me viu desaparecer a passos lépidos em meio às dunas pálidas que guardavam os segredos do nordeste.

Por volta das 3h50 uma forte rajada soprou, acordando todos no acampamento e derrubando três das nossas barracas. O céu estava limpo, e o deserto, ainda blasonado pelo brilho leproso do luar. Enquanto a equipe se ocupava das barracas, minha ausência foi percebida — mas, em vista dos meus passeios anteriores, a circunstância não foi motivo de alarme. E mesmo assim três homens — todos australianos — deram a impressão de pressentir algo sinistro no ar. Mackenzie explicou para o professor Freeborn que aquele era um temor presente no folclore dos aborígenes — pois os nativos tinham urdido um curioso mito sobre os ventos fortes que a longos intervalos sopravam pelo deserto quando o céu estava limpo. Aos sussurros, diziam que essas lufadas vinham das enormes cabanas subterrâneas de pedra onde coisas terríveis aconteciam — e que nunca são percebidas, salvo em lugares próximos às grandes pedras entalhadas. Por volta das quatro horas as rajadas cessaram de maneira tão repentina como haviam começado, deixando as dunas de areia com um aspecto novo e desconhecido.

Eram pouco mais de cinco horas e a túmida lua fungoide afundava no oeste quando cheguei cambaleando de volta ao acampamento — sem chapéu, com as roupas em farrapos, o rosto arranhado e ensanguentado e sem a minha lanterna elétrica. A maioria dos homens tinha voltado para a cama, mas o prof. Dyer estava fumando um cachimbo em frente à barraca. Ao ver-me naquele estado resfolegante e quase frenético, tratou de chamar o dr. Boyle, e os dois puseram-me na cama e cuidaram de mim. Meu filho, despertado pelo burburinho, logo se juntou aos meus colegas; e juntos tentaram fazer com que eu me acalmasse e pegasse no sono.

Mas o sono me escapava. Meu estado psicológico era extremamente anômalo — diferente de qualquer outro que houvesse me acometido até então. Depois de algum tempo insisti em falar — e assim expliquei a minha situação em

frases elaboradas e nervosas. Disse que eu havia cansado e resolvi me deitar na areia para tirar um cochilo. Segundo meu relato, tive sonhos ainda mais assustadores do que o normal — e quando fui despertado pelas rajadas súbitas os meus nervos não aguentaram. Saí correndo em pânico, tropeçando em pedras parcialmente soterradas e assim reduzindo as minhas roupas a farrapos deploráveis. Devo ter dormido por um bom tempo — o que justificaria as várias horas de ausência.

Quanto a coisas estranhas vistas ou vividas, não fiz nenhuma referência — nesse quesito, demonstrei a mais absoluta discrição. Mas relatei uma mudança de opinião relativa à expedição como um todo, e solicitei a interrupção imediata das escavações rumo ao nordeste. Meu raciocínio apresentava evidentes sinais de fraqueza — pois eu falava em uma escassez de blocos, em um desejo de não ofender os mineiros supersticiosos, em uma possível falta de subsídios da parte da universidade e em outras coisas inexatas ou irrelevantes. Como seria de se esperar, ninguém prestou atenção a esses desejos — nem mesmo o meu filho, cuja preocupação com a minha saúde era bastante óbvia.

No dia seguinte voltei a andar pelo acampamento, mas não tomei parte nas escavações. Ao ver que eu não poderia interromper os trabalhos, decidi voltar para casa o mais rápido possível por causa dos meus nervos, e fiz meu filho prometer que me levaria de avião até Perth — mil e seiscentos quilômetros a sudoeste — assim que terminasse de examinar a região que eu tanto queria deixar em paz. Se a coisa que eu tinha vislumbrado ainda estivesse visível, pensei que talvez eu pudesse tentar um alerta específico, mesmo que ao custo do ridículo. Talvez os mineiros conhecedores do folclore local pudessem me apoiar. Para me fazer um agrado, meu filho examinou a região na mesma tarde, sobrevoando todo o terreno que eu pudesse ter coberto durante a minha caminhada. Porém, nada do que eu havia descoberto foi avistado. O caso do bloco basáltico se repetia mais uma vez — a areia inconstante havia apagado todos os vestígios. Por um momento eu lamentei a perda de um objeto espantoso em um surto de pavor — mas no instante seguinte tive certeza de que a perda fora misericordiosa. Ainda creio que toda a minha experiência foi uma ilusão — especialmente se, conforme espero com todas as forças, aquele abismo infernal jamais for encontrado.

Wingate levou-me até Perth no dia 20 de julho, mas não quis abandonar a expedição e voltar para casa. Permaneceu ao meu lado até o dia 25, quando o vapor com destino a Liverpool zarpou. Agora, em uma cabine do *Empress*, entrego-me a longas e frenéticas meditações sobre o assunto — e cheguei à conclusão de que o meu filho deve pelo menos ser informado. Caberá a Wingate decidir sobre a ampla divulgação do assunto. Para melhor enfrentar qualquer eventualidade, preparei este resumo da minha vida pregressa — que muitos já conheciam a partir de fontes esparsas —, e agora pretendo contar, da maneira

mais breve possível, o que parece ter acontecido durante o tempo que passei longe do acampamento naquela noite odiosa.

Com os nervos à flor da pele e levado a uma espécie de avidez perversa por aquele ímpeto apavorante, inexplicável e pseudomnemônico em direção ao nordeste, continuei arrastando os pés sob o brilho intenso da lua maligna e agourenta. Aqui e acolá eu percebia, absconsos pela areia, os primordiais blocos ciclópicos deixados para trás por éons inominados e esquecidos. A antiguidade incalculável e o horror à espreita naquela desolação monstruosa começaram a me oprimir como nunca dantes, e não pude deixar de pensar em meus sonhos enlouquecedores, nas terríveis lendas por trás dessas fantasias e nos temores demonstrados pelos nativos e mineiros em relação ao deserto e às pedras entalhadas.

Mesmo assim, continuei arrastando os pés como se rumasse a um encontro quimérico — cada vez mais assaltado por devaneios túrbidos, compulsões e pseudomemórias. Lembrei-me dos possíveis contornos de algumas fileiras de pedras avistadas do ar pelo meu filho e indaguei por que me pareciam a um só tempo tão agourentas e familiares. Algo forçava o trinco da minha lembrança enquanto outra força desconhecida tentava manter o portal inviolado.

Não havia vento, e as areias pálidas curvavam-se para cima e para baixo como ondas do mar congeladas. Eu não sabia para onde estava indo, mas por algum motivo segui adiante com uma fatídica convicção. Meus sonhos transbordaram para o mundo real, de modo que cada megálito absconso na areia parecia fazer parte dos intermináveis cômodos e corredores de cantaria inumana, entalhados e decorados com hieróglifos e símbolos que eu conhecia muito bem dos anos passados como cativo da Grande Raça. Em certos momentos imaginei ver aqueles horrores cônicos oniscientes executando tarefas cotidianas ao meu redor, e evitei olhar para baixo por medo de me descobrir como um semelhante das criaturas. Contudo, a cada instante eu via os blocos encobertos pela areia e ao mesmo tempo os cômodos e corredores; a lua maligna e agourenta e ao mesmo tempo as lâmpadas de cristal luminoso; o deserto interminável e ao mesmo tempo as samambaias balouçantes e as cicadófitas no outro lado das janelas. Eu estava desperto e sonhando ao mesmo tempo.

Não sei por quanto tempo nem por quantos quilômetros — e, a bem dizer, sequer em que direção — eu havia caminhado quando divisei a pilha de blocos revelada pelo vento diurno. Era o mais numeroso grupo avistado em um único lugar até então, e causou-me uma impressão tão profunda que as visões dos éons fabulosos desfizeram-se no mesmo instante. Mais uma vez havia apenas o deserto e a lua maligna e as ruínas de um passado ignoto. Cheguei mais perto e me detive, e projetei o facho adicional da minha lanterna elétrica em direção à pilha tombada. Uma duna havia sido levada pelo vento, revelando um amontoado

elíptico irregular de megálitos e outros fragmentos menores com cerca de doze metros de largura e sessenta centímetros a dois metros e meio de altura.

Desde o primeiro momento percebi que aquelas pedras apresentavam características sem nenhum precedente. Não apenas a simples quantidade de blocos era inédita, mas algo nas linhas carcomidas pela areia chamou minha atenção enquanto eu as examinava sob o facho misto da lua e da minha lanterna. Não que apresentassem qualquer diferença essencial em relação aos espécimes anteriores. Era mais sutil. A impressão não surgia durante a contemplação de um bloco individual, mas apenas quando eu corria os olhos por vários deles. Foi então que a verdade enfim se revelou. Os desenhos curvilineares em muitos daqueles blocos estavam *intimamente relacionados* — eram partes de um vasto efeito decorativo. Pela primeira vez naquela desolação estremecida pelos éons eu havia me deparado com uma massa de cantaria na disposição ancestral — uma massa tombada e fragmentária, é verdade, porém remanescente no sentido mais literal da palavra.

Depois de subir em uma das pedras mais baixas, pus-me a escalar a pilha com grande esforço, limpando a areia aqui e acolá com os dedos e o tempo inteiro tentando interpretar as variações no tamanho, no formato, no estilo e nas relações dos desenhos. Passado algum tempo, pude conceber uma ideia vaga quanto à natureza da estrutura obliterada e dos desenhos que outrora recobriam as vastas superfícies de cantaria primordial. A identidade perfeita do todo com alguns dos meus vislumbres oníricos deixou-me inquieto e aterrorizado. Vi-me diante do que em outras épocas havia sido um corredor ciclópico com nove metros de altura, pavimentado com blocos octogonais e adornado com uma abóbada de estrutura robusta. Haveria cômodos à direita, e na extremidade oposta um daqueles estranhos planos inclinados desceria em curva até níveis ainda mais profundos.

Tive um violento sobressalto quando esses pensamentos me ocorreram, pois sugeriam mais do que os meros blocos haviam insinuado. Como eu sabia que aquele nível ficava no subterrâneo? Como eu sabia que o plano em aclive estaria atrás de mim? Como eu sabia que a longa passagem subterrânea até a Esplanada dos Pilares estaria à esquerda no nível imediatamente superior? Como eu sabia que a sala das máquinas e o túnel à direita que levava até o arquivo central estariam dois níveis abaixo de mim? Como eu sabia que haveria um daqueles horrendos alçapões trancados com barras de aço no fundo da construção, quatro níveis abaixo? Perplexo ante essa intrusão do mundo onírico, notei que eu estava tremendo e banhado em suor frio.

Então, em um derradeiro e insuportável momento, senti aquele tênue e insidioso sopro de ar frio que vinha de uma depressão próxima ao centro do enorme monte. No mesmo instante, como já havia acontecido antes, minhas visões desvaneceram e tornei a ver apenas o luar maligno, o deserto à espreita e

aquele túmulo de cantaria paleogênea. Algo real e tangível, e no entanto repleto de infinitas sugestões de mistérios noctíferos, confrontou-me naquele instante. Aquele sopro de ar poderia significar apenas uma coisa — um abismo oculto de grandes proporções sob os blocos desordenados na superfície.

Minha primeira reação foi pensar nas sinistras lendas aborígenes sobre enormes cabanas subterrâneas em meio aos megálitos onde horrores são perpetrados e os grandes ventos nascem. Depois os pensamentos relativos aos meus próprios sonhos retornaram, e senti vagas pseudomemórias instigarem minha lembrança. Que tipo de lugar estava abaixo de mim? Que fonte primeva e inconcebível de ciclos míticos ancestrais e pesadelos assombrosos eu estaria prestes a descobrir? Hesitei apenas por um instante, pois havia mais do que curiosidade e ardor científico me impelindo adiante e lutando contra os meus crescentes temores.

Eu parecia movimentar-me de forma quase automática, como o refém de um destino inescapável. Depois de guardar a lanterna no bolso, lutando com forças que jamais imaginei possuir, arrastei um titânico fragmento de pedra e a seguir outro, até sentir uma forte rajada cuja umidade criava um estranho contraste com o árido clima desértico. Uma fissura preta começou a se abrir, e por fim — quando terminei de mover todos os fragmentos pequenos o bastante para o deslocamento — o luar leproso refulgiu sobre uma abertura larga o suficiente para facultar a minha passagem.

Saquei a lanterna e lancei o facho reluzente para o interior da passagem. Lá embaixo havia um caos de cantaria desabada que formava um declive irregular em direção ao norte em um ângulo aproximado de quarenta e cinco graus, sem dúvida resultante de algum colapso vindo de cima em tempos idos. No desnível entre a passagem subterrânea e a superfície do deserto havia um abismo de trevas impenetráveis em cujo extremo superior era possível discernir os sinais de abóbadas gigantescas e sujeitas a uma fadiga tremenda. Naquele ponto, segundo me pareceu, as areias do deserto repousavam diretamente sobre as fundações de uma estrutura titânica que remontava à juventude da Terra — embora eu me declare incapaz de sequer conceber como podem ter se mantido intactas durante éons de convulsões geológicas.

Em retrospecto, a mera sugestão de uma descida repentina e solitária a um pélago envolto em mistério — num momento em que meu paradeiro não era conhecido por vivalma — parece ser o supremo apogeu da minha insanidade. Talvez tenha sido isso mesmo — porém naquela noite eu me aventurei sem hesitar na descida. Mais uma vez a atração e o impulso fatal que a cada instante pareciam guiar meus passos fizeram-se presentes. Acendendo a lanterna apenas a intervalos a fim de poupar as baterias, empreendi uma descida tresloucada pelo sinistro e ciclópico declive no outro lado da abertura — às vezes com o rosto

voltado para frente quando encontrava apoios sólidos para os pés e as mãos, e em outros momentos encarando a pilha de megálitos enquanto me agarrava e tropeçava de maneira precária. Em duas direções ao meu lado, paredes distantes de cantaria entalhada e desabada assomavam tênues sob o facho direto da lanterna. À frente, no entanto, havia somente uma negrura interminável.

Não registrei a passagem do tempo durante a trabalhosa descida. Meus pensamentos fervilhavam com tantas insinuações e imagens portentosas que meus arredores imediatos pareceram afastar-se a distâncias incalculáveis. Minhas sensações corpóreas morreram, e até o medo permaneceu apenas como uma gárgula estática e fantasmagórica que me encarava com malícia impotente. Por fim cheguei a um nível repleto de blocos desabados, fragmentos informes de pedra e areia e detritos de toda espécie imaginável. No outro lado — talvez a nove metros de distância — erguiam-se paredes maciças que culminavam em descomunais abóbadas de aresta. Com alguma dificuldade, notei que apresentavam entalhes, porém a natureza exata das figuras escapava à minha percepção. O que mais me impressionou foi a abóbada em si. O facho da minha lanterna não alcançava o teto, mas as partes menos elevadas dos arcos monstruosos eram bem distintas. Apresentavam uma identidade tão perfeita com o que eu tinha visto em incontáveis sonhos com o mundo arcaico que comecei a tremer vigorosamente pela primeira vez.

Atrás de mim, no alto, uma cintilação tênue servia como lembrança do distante mundo enluarado lá fora. Algum vago resquício de cautela sugeriu que eu não devia perdê-lo de vista, pois de outra forma correria o risco de ficar sem guia para o meu retorno. Avancei rumo à parede à minha esquerda, onde os resquícios dos entalhes eram mais visíveis. O chão repleto de entulho representava uma travessia tão dificultosa quanto a descida inicial, mas com algum esforço consegui abrir passagem. A certa altura empurrei alguns blocos e chutei os detritos para examinar o aspecto do calçamento — e estremeci diante da fatídica e absoluta familiaridade sugerida pelas grandes pedras octogonais cuja superfície abaulada mantinha-se quase na configuração original.

A uma distância conveniente da parede, apontei a lanterna com um movimento lento e cuidadoso em direção aos resquícios dos entalhes. Algum fluxo aquático de outrora parecia ter agido sobre a superfície de arenito, mas havia certas incrustações bastante singulares para as quais não pude encontrar nenhuma explicação. Em certos pontos a cantaria estava muito solta e desfigurada, e indaguei por quantos éons mais aquele edifício primordial e oculto poderia manter os traços remanescentes da forma originária em meio às convulsões terrestres.

Mas o que mais me entusiasmou foram os próprios entalhes. Apesar da decrepitude ocasionada pelo tempo, ainda era relativamente fácil percebê-los a

curta distância; e a familiaridade íntima e absoluta de cada detalhe atordoou a minha imaginação. Que os atributos mais genéricos da cantaria ancestral parecessem familiares não estaria além da credibilidade ordinária. Ilustrando de maneira poderosa os urdidores de certos mitos, haviam se corporificado em uma tradição de folclore críptico que, depois de chamar minha atenção durante o período amnésico, de alguma forma suscitou vívidas imagens no meu subconsciente. Mas como eu poderia explicar a precisão exata e minuciosa com que cada linha e cada espiral nos estranhos desenhos correspondia aos sonhos que me visitaram por mais de vinte anos? Que iconografia obscura e ignota poderia ter reproduzido as nuances dos sombreados que, de maneira persistente, exata e incansável, faziam cerco às minhas visões oníricas noite após noite?

Não se tratava de mera coincidência ou de uma semelhança remota. Em termos absolutos e definitivos, o primevo corredor milenar e oculto pelos éons que eu desbravava era o original de algo que em sonhos me era tão familiar quanto a minha própria casa na Crane Street, em Arkham. É verdade que em meus sonhos o lugar se revelava no esplendor que havia antecedido a decadência, porém a constatação em nada prejudicava a premissa de identidade. Eu tinha um senso de orientação absoluto e atroz. A estrutura por onde eu andava me era familiar. Familiar também era o lugar que ocupava naquela terrível cidade onírica ancestral. Percebi, com instintiva e pavorosa certeza, que eu poderia visitar sem me perder qualquer ponto no interior da estrutura ou da cidade que havia escapado às devastações de incontáveis eras. Por Deus, qual seria o significado de tudo aquilo? Como eu haveria aprendido tudo o que sabia? E que terrível realidade poderia estar por trás das antigas histórias a respeito de seres que tinham habitado aquele labirinto de pedra ancestral?

As palavras não conseguem transmitir mais do que uma mera fração da magnitude de horror e perplexidade que me devorava o espírito. Eu conhecia o lugar. Sabia o que encontraria à frente e acima de mim antes que as miríades de pisos sobranceiros tivessem se reduzido a poeira e escombros e ao deserto. Não é mais necessário, pensei enquanto sentia um calafrio, manter a tênue mancha do luar à vista. Fiquei dividido entre um anseio de fugir e um misto febril de curiosidade ardente e fatalidade inelutável. O que teria acontecido à descomunal megalópole da antiguidade nos milhões de anos desde a época dos meus sonhos? Quantos dos labirintos subterrâneos que atravessavam a cidade e ligavam todas as torres titânicas haveriam sobrevivido às turbulências da crosta terrestre?

Será que eu havia encontrado todo um mundo soterrado de arcaísmo profano? Será que eu ainda poderia encontrar a residência do calígrafo e a torre onde S’gg’ha, uma mente cativa dos vegetais carnívoros com cabeça em forma de estrela-do-mar originários da Antártida, havia entalhado certas figuras nos espaços vazios das paredes? Será que a passagem dois níveis abaixo, que levava

ao salão das mentes cativas, ainda estaria desobstruída e atravessável? Nesse salão, a mente cativa de uma entidade impressionante — uma criatura semiplástica que habitava o interior oco de um planeta transplutoniano desconhecido dezoito milhões de anos no futuro — guardava um objeto que havia modelado em barro.

Fechei os olhos e levei a mão à cabeça na vã e ridícula tentativa de afastar esses insanos fragmentos oníricos da minha consciência. Então, pela primeira vez, senti de maneira distinta o frio, o movimento e a umidade do ar que me rodeava. Tremendo, percebi que uma vasta cadeia de abismos negros entregues à morte através dos éons sem dúvida avultava em um ponto adiante e abaixo de mim. Pensei nas terríveis câmaras, passagens e rampas tal como eu as recordava dos meus sonhos. Será que o caminho até o arquivo central ainda estaria aberto? Mais uma vez aquela fatalidade inelutável tornou a instigar minha lembrança enquanto eu me lembrava dos impressionantes registros que outrora permaneciam nos estojos retangulares de metal inoxidável.

Lá, segundo os sonhos e as lendas, repousava toda a história pregressa e futura do *continuum* do espaço-tempo cósmico — escrito por mentes cativas oriundas de todos os orbes em todas as épocas do sistema solar. Loucura, é claro — mas eu não tinha adentrado um mundo noctífero tão insano quanto eu próprio? Pensei nas estantes de metal trancadas e nos curiosos movimentos necessários para abrir o segredo de cada uma. Tive uma recordação muito vívida da minha estante. Quantas vezes eu havia repetido o intrincado procedimento de giros e pressões na seção dos vertebrados terrestres, localizada no nível mais baixo! Todos os detalhes eram novos e ao mesmo tempo familiares. Se houvesse um cofre como o que aparecia nos meus sonhos, eu poderia abri-lo em um instante. Foi nesse ponto que a loucura me dominou por completo. No momento seguinte eu estava saltando e tropeçando pelos escombros rochosos em direção à inesquecível rampa que conduzia às profundezas mais abaixo.

VII.

A partir desse ponto, minhas impressões deixam de ser confiáveis — na verdade, tenho a desvairada esperança de que tudo não passe de um sonho demoníaco — ou de uma ilusão nascida no delírio. A febre assolava meus pensamentos, e eu via tudo através de uma névoa — às vezes de maneira intermitente. Os débeis raios da minha lanterna perdiam-se na escuridão predominante, revelando detalhes fantasmáticos de paredes e entalhes que me sugeriam uma horrenda familiaridade, malogrados como estavam pela decadência dos éons. Em certo ponto uma enorme parte da abóbada havia desabado, e assim precisei me arrastar por cima de um imponente amontoado de pedras que chegava

quase até o teto irregular e coberto por grotescas estalactites. Era o apogeu supremo de todos os pesadelos, tornado ainda mais medonho pela nota blasfema das pseudomemórias. Apenas um detalhe parecia novo — a saber, a minha própria estatura em relação à cantaria monstruosa. Sentime oprimido por uma sensação inédita de pequenez, como se a visão daquelas paredes sobranceiras a partir de um corpo humano normal fosse radicalmente nova e anômala. De tempos em tempos eu lançava olhares nervosos em direção ao meu corpo, perturbado como estava pela minha forma humana.

Avancei pela negrura do abismo saltando, correndo e cambaleando — muitas vezes caindo e me machucando, e quase destruindo a minha lanterna em uma ocasião. Eu conhecia cada pedra e cada recôndito daquele labirinto demoníaco, e em alguns pontos o facho da minha lanterna iluminava arcadas obstruídas e decrépitas, porém mesmo assim familiares. Certos cômodos haviam desabado por completo; outros estavam repletos de escombros. Em alguns notei certos objetos de metal — ora quase intactos, ora quebrados ou ainda esmagados — que reconheci como os monstruosos pedestais das mesas que surgiam em meus sonhos. Não me atrevi a imaginar o que poderiam ser na verdade.

Encontrei a rampa que conduzia aos níveis inferiores e comecei a descida — embora depois de algum tempo meu progresso tenha sido interrompido por uma enorme fissura irregular cujo ponto mais estreito não podia ter menos de um metro e vinte centímetros. Nesse ponto a cantaria havia cedido, revelando trevas insondáveis nas profundezas abaixo. Eu sabia da existência de outros dois subterrâneos naquele edifício titânico, e estremeci com terror renovado quando me lembrei do alçapão trancado com barras de metal no último nível. Não haveria guardas naquela situação — pois o que espreitava lá embaixo há muito tempo tinha executado o odioso desígnio e sucumbido em um longo ocaso. Na época da raça pós-humana de besouros, já estaria morto. Mesmo assim, ao recordar as lendas nativas, estremeci mais uma vez.

Precisei fazer um tremendo esforço para saltar por cima do abismo hiante, uma vez que o chão repleto de escombros me impedia de tomar impulso — mas a loucura me impelia adiante. Escolhi um lugar próximo à parede esquerda — onde a fissura era menos larga e apresentava um ponto de aterrissagem livre de detritos perigosos — e, depois de um momento frenético, cheguei ao outro lado em segurança. Tendo enfim ganhado o nível inferior, segui aos tropeções pela arcada da sala das máquinas, onde me deparei com ruínas fantásticas parcialmente soterradas por mais escombros da abóbada desabada. Tudo era como eu lembrava, e assim escalei os montes que bloqueavam o acesso a um amplo corredor transverso cheio de confiança. Notei que aquela rota me levaria pelos subterrâneos da cidade até o arquivo central.

Eras incontáveis pareciam desfilar à minha frente enquanto eu tropeçava, saltava e me arrastava ao longo do corredor repleto de entulho. De vez em quando eu percebia os entalhes nas paredes manchadas pelo tempo — alguns familiares, outros talvez acrescentados em épocas posteriores aos meus sonhos. Uma vez que aquela era uma passagem subterrânea que ligava diferentes edificações, não havia arcadas a não ser nos pontos em que o caminho atravessava os níveis inferiores de prédios variados. Em algumas dessas intersecções eu me virava para olhar em direção a corredores e aposentos que despertavam vívidas memórias. Apenas por duas vezes deparei-me com alterações radicais em relação ao cenário dos meus sonhos — e em uma delas pude discernir os contornos barrados da arcada que eu recordava.

Fui tomado por um forte tremor e tive um surto repentino de fraqueza debilitante enquanto percorria um apressado e hostil trajeto em meio à cripta no interior de uma das colossais torres sem janelas em ruínas cuja cantaria basáltica sugeria uma origem pavorosa mencionada apenas aos sussurros. Essa cripta primordial era redonda e media sessenta metros de uma extremidade à outra, sem apresentar nenhum entalhe na cantaria escura. O piso estava livre, à exceção da areia e do pó, e pude ver as passagens que subiam e desciam para outros níveis. Não havia escadas ou rampas — na verdade, em meus sonhos essas torres ancestrais permaneciam intocadas pela fabulosa Grande Raça. As criaturas que as haviam construído não precisavam de escadas ou rampas. Nos sonhos, a passagem descendente permanecia trancada e vigiada por guardas nervosos. Mas naquele instante estava aberta — negra e escancarada, emanando uma corrente de ar frio e úmido. Quanto às cavernas ilimitadas de noite perpétua que poderiam estar à espreita lá embaixo, não me atrevo sequer a imaginá-las.

Mais tarde, depois de escalar uma parte muito obstruída do corredor, cheguei a um local onde o teto tinha cedido por completo. Os escombros erguiam-se como uma montanha, e enquanto eu os escalava adentrei um vasto espaço vazio onde a minha lanterna não revelou nem paredes nem abóbadas. Pensei que aquele devia ser o porão da casa dos fornecedores de metal, que dava para uma esplanada próxima ao arquivo. O que teria acontecido estava muito além das minhas conjecturas.

Encontrei a continuação do corredor no outro lado da montanha de pedras e detritos, mas depois de uma curta caminhada me deparei com uma passagem completamente bloqueada onde as ruínas da abóbada quase tocavam o teto perigosamente abaulado. Como pude empurrar e afastar blocos suficientes para franquear uma passagem e como me atrevi a perturbar os fragmentos compactados sabendo que a menor alteração no equilíbrio poderia ter derrubado as incontáveis toneladas de cantaria escorada logo acima de mim são perguntas para as quais até hoje não tenho resposta. Era a loucura em estado puro que me

impelia adiante e guiava meus passos — se, de fato, a minha aventura subterrânea não foi — conforme espero — uma alucinação infernal ou parte de um sonho. De qualquer modo, abri — ou sonhei ter aberto — uma passagem onde eu pudesse me enfiar. Enquanto me contorcia pelo monte de entulho — com a lanterna acesa enfiada fundo na boca — senti minha pele ser rasgada pelas fantásticas estalactites do teto irregular logo acima de mim.

Eu estava perto da grande estrutura arquivística subterrânea que parecia ser o meu objetivo. Após deslizar e descer o outro lado da barreira e desbravar o caminho ao longo do trajeto restante acionando a lanterna apenas a breves intervalos, cheguei a uma cripta baixa e circular — em estado de conservação esplêndido — com arcos que se abriam em todas as direções. As paredes, ou ao menos as partes que estavam ao alcance da minha lanterna, estavam cobertas de hieróglifos e entalhadas com os símbolos curvilineares típicos — alguns deles acrescidos em uma época posterior aos meus sonhos.

Percebi que aquele era o meu destino final e, no mesmo instante, virei-me em direção a uma arcada familiar à esquerda. Quanto à minha capacidade de encontrar um caminho desimpedido para todos os demais níveis remanescentes, acima ou abaixo da rampa, eu não tinha dúvida. Aquela pilha vasta e protegida pela Terra, que abrigava os anais de todo o sistema solar, fora construída com habilidade e resistência fora do comum para durar tanto quanto o próprio sistema. Blocos de tamanho monstruoso, assentados com precisão matemática e fixados com cimentos de assombrosa dureza haviam se combinado para formar uma estrutura firme como o núcleo rochoso do planeta. Lá, depois de eras mais prodigiosas do que eu poderia conceber em sã consciência, a massa soterrada erguia-se com todos os contornos essenciais, com os amplos corredores empoeirados praticamente livres do entulho predominante em outros corredores e recintos.

A caminhada relativamente fácil a partir deste ponto afetou meus pensamentos de maneira curiosa. Toda a avidez frenética até então frustrada por obstáculos extravasou-se em uma espécie de velocidade febril, e literalmente corri pelas monstruosas passagens de teto baixo para além da arcada. Eu já não me impressionava mais com a familiaridade do ambiente ao redor. Por todos os lados assomava o porte monstruoso das grandes portas de metal cobertas por hieróglifos que protegiam as estantes do arquivo; algumas na posição original, outras abertas, e ainda outras amassadas e entortadas por movimentações geológicas sem força suficiente para estilhaçar a cantaria titânica. Aqui e acolá uma pilha empoeirada logo abaixo de uma estante vazia parecia indicar a localização dos estojos derrubados por abalos sísmicos. Em alguns pilares havia grandes símbolos ou letras proclamando as classes e as subclasses dos volumes.

Em dado momento me detive em frente a uma estante aberta, onde vi alguns dos familiares estojos metálicos ainda na posição original em meio à poeira onipresente. Estendendo a mão, alcancei com alguma dificuldade um espécime fino e o coloquei no chão a fim de examiná-lo. O título estava escrito com os hieróglifos curvilineares predominantes, mas algum detalhe na disposição dos caracteres sugeria uma estranheza sutil. Eu estava perfeitamente familiarizado com o singular mecanismo do fecho curvo, e assim tratei de abrir a tampa ainda imune à ferrugem para ter acesso ao livro que estava lá dentro. Conforme o esperado, o exemplar media cerca de cinquenta por quarenta centímetros e tinha outros sete de espessura; e as capas de metal fino abriam pela parte de cima. As firmes páginas de celulose pareciam ter resistido às miríades de ciclos temporais que haviam atravessado, e assim comecei a estudar as letras rústicas de estranha pigmentação que compunham o texto — símbolos completamente distintos dos tradicionais hieróglifos entalhados e de qualquer outro alfabeto conhecido pela erudição humana — com a assombrosa impressão de uma pseudomemória. Ocorreu-me que aquela devia ser a linguagem empregada por uma mente cativa que eu havia conhecido em meus sonhos — a mente vinda de um grande asteroide onde subsistiam partes significativas da vida primeva e do folclore arcaico do planeta que o havia originado. Ao mesmo tempo, lembrei-me de que aquele nível do arquivo era devotado aos volumes que tratavam de planetas não terrestres.

Quando parei de examinar o impressionante documento percebi que a minha lanterna estava começando a falhar, e assim me apressei em instalar a bateria sobressalente que eu sempre tinha comigo. A seguir, equipado com essa radiância mais intensa, retomei a corrida febril pelos labirintos intermináveis de passagens e corredores — reconhecendo de vez em quando uma estante familiar e sentindo uma vaga irritação por conta das condições acústicas que faziam minhas pegadas ecoarem naquelas catacumbas onde o silêncio e a morte haviam perdurado através dos éons. Até as marcas que meus sapatos deixavam na poeira intocada por milênios me fizeram estremecer. Se meus sonhos insanos encerrassem qualquer resquício de verdade, jamais um ser humano havia galgado aqueles calçamentos imemoriais. Quanto ao objetivo particular da minha corrida desvairada eu não tinha nenhuma ideia consciente. No entanto, um impulso de latência maligna incitava minha vontade tresloucada e minhas lembranças enterradas, de modo que eu tinha a vaga impressão de não estar correndo ao acaso.

Cheguei a uma rampa descendente e a segui rumo a profundezas ainda mais recônditas. Vários níveis ficaram para trás à medida que eu corria, porém não me detive a fim de explorá-los. Minha cabeça perturbada havia começado a pulsar em um ritmo que logo pôs minha mão a tremer em uníssono. Eu queria destravar

alguma coisa, e senti que conhecia todos os intrincados giros e pressões necessários à tarefa. Seria como um cofre moderno com um segredo de combinação. Sonho ou não, uma vez eu havia conhecido os movimentos — e ainda os conhecia. Como um sonho — ou mesmo um fragmento de folclore absorvido de maneira inconsciente — poderia ter me ensinado um detalhe tão minucioso é algo que não tentei explicar sequer a mim mesmo. Estava além de qualquer pensamento coerente. Toda essa experiência — a familiaridade chocante com um conjunto de ruínas desconhecidas e a identidade perfeita entre tudo o que eu via à minha frente e o cenário que apenas sonhos e fragmentos míticos poderiam ter sugerido — não era um horror que desafiava a razão? Provavelmente eu acreditava — como hoje ainda acredito em meus momentos de maior lucidez — que não poderia estar desperto, e que toda a cidade enterrada não passava de uma alucinação febril.

Por fim cheguei ao nível mais baixo e saí pela direita da rampa. Por alguma razão nebulosa, tentei abafar meus passos, mesmo que assim eu perdesse velocidade. Houve um trecho que temi atravessar naquele último nível encravado nas profundezas da Terra, e enquanto me aproximava lembrei-me do motivo para o meu temor. Era um dos alçapões trancados com barras de metal e vigiados de perto. Não haveria guardas naquela situação; assim, comecei a tremer e segui na ponta dos pés tal como eu havia feito ao atravessar a cripta de basalto onde um alçapão similar se escancarava. Senti uma corrente de ar frio e úmido, como eu havia sentido antes, e desejei que o meu trajeto seguisse em outra direção. Por que eu tinha de seguir aquele trajeto específico? Eu não sabia.

Quando cheguei ao trecho, percebi que o alçapão estava escancarado. Logo adiante as estantes recomeçavam, e no chão em frente a uma delas divisei uma pilha coberta por uma fina camada de pó onde alguns estojos haviam caído pouco tempo atrás. No mesmo instante um novo surto de pânico tomou conta de mim, embora eu não soubesse dizer o que o havia desencadeado. Pilhas de estojos caídos não eram raras, pois ao longo de incontáveis éons o labirinto escuro havia sido estremecido pelas convulsões da Terra e por vezes ecoado o clangor de objetos que desabavam. Apenas quando a travessia do trecho estava quase concluída percebi o motivo de tremores tão violentos.

Não era a pilha de objetos, mas algo relativo à poeira espalhada no chão o que me perturbava. À luz da minha lanterna, a poeira não apresentava o aspecto homogêneo esperado — havia pontos onde parecia mais fina, como se algo a houvesse tocado poucos meses atrás. Não pude ter certeza, pois mesmo esses pontos estavam cobertos por uma fina camada de poeira; mas uma vaga suspeita de regularidade nas marcas imaginadas foi motivo de grande inquietação. Quando aproximei a lanterna de um desses estranhos pontos, não gostei do que vi — pois a ilusão de regularidade era muito perfeita. Era como se houvesse linhas regulares

de impressões compostas — impressões feitas de três em três, cada uma com cerca de trinta centímetros quadrados e consistindo de cinco marcas quase circulares de oito centímetros, estando uma sempre à frente das quatro restantes.

Essas possíveis linhas de impressões com trinta centímetros quadrados pareciam seguir em dois sentidos, como se algo tivesse se deslocado para um lado e em seguida retornado. Eram impressões muito tênues, e talvez fossem resultado de uma ilusão ou de uma coincidência; mas havia um elemento de terror difuso na maneira como se dispunham ao longo do chão. Pois em uma das extremidades jazia a pilha de estojos que devia ter caído não muito tempo atrás, e no outro lado estava o agourento alçapão com o vento frio e úmido, escancarado sem nenhum guarda à vista e revelando abismos que desafiavam a imaginação.

VIII.

A magnitude e a preponderância do meu estranho sentimento de compulsão podem ser demonstradas pela conquista do medo. Nenhum motivo racional poderia ter me impelido adiante depois das misteriosas impressões e das insidiosas pseudomemórias que despertavam. Minha mão direita, embora tremesse de pavor, continuava pulsando de ansiedade para abrir o segredo pressentido. Antes de dar por mim eu havia passado a pilha de estojos recém-caídos e estava correndo na ponta dos pés ao longo de passagens cobertas por uma poeira absolutamente homogênea em direção a um ponto a respeito do qual eu parecia deter um conhecimento mórbido e terrível. Minha mente fazia perguntas cuja origem e relevância mal haviam me ocorrido. Será que a estante seria acessível a um corpo humano? Será que a minha mão humana seria capaz de executar os movimentos lembrados através dos éons que o segredo requeria? Será que o segredo permanecia intacto e em bom estado de funcionamento? E o que eu faria — o que me atreveria a fazer — com o que (naquele instante comecei a perceber) eu ansiava por encontrar e ao mesmo tempo temia? Será que eu me defrontaria com a verdade impressionante e avassaladora de algo muito além do nosso conceito de normalidade ou com um mero despertar?

No instante seguinte eu havia cessado a minha corrida na ponta dos pés e estava parado, olhando para uma fileira de estantes repletas de hieróglifos que inspiravam uma familiaridade enlouquecedora. Estavam em um estado de preservação quase perfeito, e apenas três portas nos arredores haviam se aberto. Meus sentimentos em relação a essas estantes não podem ser descritos em palavras — tamanha a força e a insistência da impressão de um antigo conhecimento. Eu estava olhando para o alto, em direção a uma estante próxima ao topo e totalmente fora do meu alcance, imaginando o que fazer para me aproximar. Uma porta aberta na quarta prateleira a contar do chão poderia me

ajudar, e as fechaduras das portas trancadas poderiam servir como apoios para os meus pés e as minhas mãos. Eu prenderia a lanterna entre os dentes, como havia feito em outros lugares onde havia precisado de ambas as mãos. Acima de tudo, eu não podia fazer barulho. Seria complicado descer com o objeto desejado, mas provavelmente eu conseguiria prender o fecho móvel na gola do casaco e carregá-lo como uma mochila. Logo voltei a me perguntar se o segredo permaneceria intacto. Quanto à minha capacidade de repetir os movimentos familiares eu não tinha a menor dúvida. Mas eu esperava que o segredo não estalasse nem rangesse — e que meus dedos operassem-no com a destreza necessária.

No instante mesmo em que pensava essas coisas eu já havia posto a lanterna na boca e começado a escalar. Os segredos salientes eram maus apoios; mas, como eu tinha imaginado, a prateleira aberta me ajudou um bocado. Usei a porta e a extremidade da própria abertura na escalada e consegui evitar quaisquer estalos mais audíveis. Equilibrado sobre a parte superior da porta e me inclinando o máximo para a direita, consegui tocar no segredo que eu buscava. Meus dedos, um pouco anestesiados pela escalada, a princípio estavam muito desajeitados; mas logo percebi que tinham uma anatomia propícia. E o ritmo mnemônico que as animava era intenso. Através dos abismos desconhecidos do tempo, os intrincados movimentos secretos chegaram até o meu cérebro — pois em menos de cinco minutos de tentativas veio o clique cuja familiaridade pareceu ainda mais impressionante porque meus pensamentos conscientes não o esperavam. No instante seguinte a porta de metal se abriu devagar, apenas com rangidos mínimos.

Atônito, olhei para a fileira de estojos cinzentos que se revelaram e senti o acesso poderoso de uma emoção inexplicável. Quase fora do alcance da minha mão direita havia um estojo cujos hieróglifos curvados fizeram-me tremer com sentimentos infinitamente mais complexos do que o simples aguilhão do medo. Ainda tremendo, consegui soltá-lo em meio a uma chuva de poeira grossa e trazê-lo para junto do meu corpo sem nenhum barulho que pudesse chamar atenção. Como os demais estojos que eu havia manuseado, media pouco mais do que quarenta por cinquenta centímetros e apresentava desenhos matemáticos em baixo-relevo. A espessura era de quase oito centímetros. Mantendo-o preso entre o meu corpo e a superfície que eu havia escalado, mexi no fecho e por fim soltei o gancho. Abri a capa e desloquei o pesado objeto até as minhas costas, deixando o gancho preso à gola do meu casaco. Com as mãos livres, desci com certa dificuldade até o chão empoeirado e me preparei para inspecionar a minha recompensa.

Ajoelhado na poeira grossa, tornei a deslocar o estojo e coloquei-o no chão à minha frente. Minhas mãos estavam trêmulas, e eu temia pegar o livro encerrado lá dentro quase tanto quanto eu o desejava — e me sentia compelido a pegá-lo.

Aos poucos eu havia compreendido o que haveria de encontrar, e a revelação quase paralisou minhas faculdades. Se a coisa estivesse lá — e se eu não estivesse sonhando —, as implicações estariam muito além do que o espírito humano pode suportar. O que mais me atormentava era a incapacidade momentânea de perceber que o cenário ao meu redor fazia parte de um sonho. O sentimento era atroz — e torna a se manifestar sempre que recordo a cena.

Por fim retirei o livro do estojo com as mãos ainda trêmulas e examinei fascinado os conhecidos hieróglifos estampados na capa. Parecia estar em ótimas condições, e as letras curvilineares do título puseram-me em um estado quase hipnótico, como se eu fosse capaz de compreendê-los. Na verdade, não posso jurar que eu não os tenha lido em algum pavoroso acesso temporário a memórias sobrenaturais. Não sei quanto tempo se passou antes que eu me atrevesse a abrir a fina capa metálica. Eu postergava e inventava desculpas. Tirei a lanterna da boca e a desliguei para economizar as baterias. Então, no escuro, reuni minha coragem — e enfim abri a capa sem acender a lanterna. Por último, projetei um breve facho de luz sobre a página exposta — mas não antes de me preparar para suprimir qualquer som a despeito do que eu pudesse encontrar.

Olhei por um instante e por pouco não desabei. Rangendo os dentes, no entanto, consegui manter silêncio. Deixei-me cair no chão e levei a mão à testa em meio às trevas que me cercavam. O que eu temia e esperava estava lá. Ou eu estava sonhando, ou o tempo e o espaço haviam se transformado em uma zombaria. Eu devia estar sonhando — mesmo assim, resolvi testar o horror levando aquela coisa de volta para mostrá-la ao meu filho, caso fosse de fato uma realidade concreta. Meus pensamentos giravam a uma velocidade pavorosa, ainda que não houvesse nenhum objeto visível na escuridão ininterrupta ao meu redor. Ideias e imagens de terror absoluto — despertadas pelas possibilidades que o meu relance havia aberto — assoberbaram-me e embotaram-me os sentidos.

Pensei nas possíveis marcas na poeira e estremeci ao escutar o som da minha própria respiração enquanto pensava. Mais uma vez acendi a lanterna por um breve instante e olhei para a página como a vítima de uma serpente olha para os olhos e as presas do algoz. Então, com dedos trêmulos, no escuro, fechei o livro, guardei-o no estojo e fechei a tampa e o curioso gancho do fecho. Era aquilo o que eu precisava levar de volta para o mundo exterior, se realmente existisse — se o abismo realmente existisse — se eu e o mundo inteiro realmente existíssemos.

O momento exato em que me pus de pé e comecei a caminhada de volta não pode ser determinado. Parece-me estranho — e bastante ilustrativo do meu grau de alheamento em relação ao mundo normal — que eu não tenha olhado para o relógio uma única vez durante todas aquelas horas terríveis passadas no subterrâneo. De lanterna em punho, e com o agourento estojo debaixo do braço,

me vi andando na ponta dos pés em uma espécie de pânico silencioso ao passar em frente ao abismo de onde o vento soprava e pelas sugestões de marcas à espreita no corredor. Reduzi minha cautela à medida que eu subia os intermináveis aclives, mas não pude afastar por completo uma sombra de apreensão que eu não havia sentido na jornada em direção ao fundo.

Eu temia ter de atravessar mais uma vez aquela cripta basáltica mais antiga do que a própria cidade, onde lufadas frias emanavam de profundezas entregues aos próprios desígnios. Pensei naquilo que a Grande Raça havia temido, e no que ainda podia estar à espreita — ainda que em uma forma débil ou moribunda — lá no fundo. Pensei nas possíveis marcas com cinco círculos e no que os sonhos haviam me dito a respeito dessas marcas — e nos estranhos ventos e assovios que as acompanhavam. E pensei nas histórias dos aborígenes modernos, em que o horror dos grandes ventos e das ruínas subterrâneas inomináveis era um elemento recorrente.

Graças a um símbolo entalhado em uma parede, eu sabia a que nível me dirigir, e por fim cheguei — depois de passar pelo outro livro que eu havia examinado — ao vasto espaço circular com o entroncamento das arcadas. À minha direita, reconhecível de imediato, estava o arco por onde eu havia chegado. Mais uma vez o atravessei, ciente de que o restante do trajeto seria mais árduo por conta do estado precário da cantaria no exterior do arquivo central. Meu novo fardo encerrado no estojo de metal pesava nas minhas costas, e comecei a sentir uma dificuldade cada vez maior de manter-me em silêncio enquanto tropeçava em toda sorte de destroços e fragmentos.

Então cheguei ao monte de escombros que tocava o teto, onde eu havia franqueado uma estreita passagem. Meu pavor ao pensar em me contorcer mais uma vez até o outro lado mostrou-se infinito; pois a passagem inicial havia feito algum barulho, e naquele instante — depois de ver as terríveis marcas — eu temia fazer barulho acima de qualquer outra coisa. E o estojo agravava o problema de atravessar o estreito túnel. Mesmo assim, escalei a barreira da melhor forma possível e empurrei o estojo à minha frente através da abertura. Então, com a lanterna na boca, impeli o meu próprio corpo para frente — rasgando as costas mais uma vez nas estalactites. Quando tentei pegá-lo mais uma vez, o estojo caiu pela encosta de entulho, provocando um clangor inquietante e despertando ecos que me fizeram suar frio. Precipitei-me em direção ao objeto no mesmo instante e consegui recuperá-lo sem nenhum outro som — mas no instante seguinte o deslocamento dos blocos sob os meus pés causou estrondos sem precedentes.

Esses estrondos foram a minha ruína. Afinal, seja em sonho ou na realidade, ouvi em resposta sons terríveis que vinham de algum lugar longínquo às minhas costas. Imaginei ter ouvido um assovio estridente, distinto de todos os sons

terrestres e além de qualquer descrição verbal adequada. Pode ter sido apenas a minha imaginação. Nesse caso, o que veio a seguir foi uma ironia macabra — uma vez que, não fosse pelo terror inspirado por essa primeira coisa, a segunda talvez jamais acontecesse.

Da maneira como foi, meu frenesi era absoluto e incontido. Depois de pegar a lanterna com a mão e me agarrar debilmente ao estojo, corri e saltei adiante sem nenhuma ideia na cabeça a não ser um desejo ardente de sair daquelas ruínas de pesadelo para o mundo desperto de luar e deserto vários níveis acima. Mal percebi quando cheguei à montanha de escombros que sobranceava rumo à vasta escuridão além do teto desabado, e me bati e me cortei repetidas vezes durante a fuga, enquanto subia pela encosta íngreme repleta de blocos e fragmentos afiados. Então veio o grande desastre. Meus pés escorregaram no exato instante em que eu atravessava o cume às cegas, despreparado para a súbita descida logo à frente, e assim me vi no meio de uma violenta avalanche de cantaria maciça, cujo estrondo digno de uma canhonada rasgou o ar negro da caverna com uma ensurdecedora série de reverberações que abalou a terra.

Não me lembro de emergir desse caos, mas um fragmento momentâneo de consciência sugere que corri, cambaleei e tropecei ao longo da passagem em meio ao clamor — com o estojo e a lanterna ainda nas mãos. Quando me aproximei da primordial cripta de basalto que tanto me apavorava a loucura absoluta se instaurou, pois quando os ecos da avalanche silenciaram eu escutei uma repetição daquele terrível assovio alienígena que eu já imaginava ter ouvido antes. Dessa vez não havia margem para dúvidas — e, o que era pior, o assovio saía de um ponto não às minhas costas, mas *à minha frente.*

Devo ter gritado. Tenho uma vaga recordação de correr pela infernal cripta basáltica das Coisas Ancestrais e de ouvir aquele maldito som alienígena assoviando pela porta escancarada que se abria para as infindáveis trevas subterrâneas. Havia também um vento — não apenas uma brisa fria e úmida, mas uma rajada violenta e constante que soprava com frigidez e selvageria do pélago abominável onde os assovios obscenos se originavam.

Tenho lembranças de saltar e avançar sobre obstáculos dos mais variados tipos enquanto a torrente de vento e som estridente ganhava intensidade a cada momento e parecia retorcer-se de propósito ao meu redor enquanto investia contra mim desde os abismos às minhas costas e sob os meus pés. Mesmo estando às minhas costas, o vento tinha a singular capacidade de dificultar o meu progresso em vez de ajudá-lo, agindo como um nó de correr ou um laço jogado ao meu redor. Sem perceber o barulho que eu fazia, subi uma enorme barreira de blocos e mais uma vez cheguei à estrutura que conduzia de volta à superfície. Lembro-me de vislumbrar a arcada que dava para a sala de máquinas e de abafar um grito quando vi a rampa que descia em direção a um daqueles alçapões blasfemos que

devia estar escancarado dois níveis abaixo. Mas em vez de gritar repeti várias vezes para mim mesmo que tudo não passava de um sonho do qual eu logo haveria de acordar. Talvez eu estivesse no acampamento — talvez na minha casa em Arkham. Com a sanidade fortalecida por essas esperanças, comecei a subir a rampa em direção ao nível superior.

Eu sabia que teria de reatravessar a fissura de um metro e vinte, mas estava demasiado aflito por outros temores e só percebi a totalidade do horror quando eu estava prestes a encontrá-lo. Na descida, o salto havia sido fácil — mas será que eu conseguiria vencer a falha com a mesma destreza na subida, e além do mais prejudicado pelo medo, pela exaustão, pelo peso do estojo metálico e pela atração sobrenatural exercida por aquele vento demoníaco? Pensei nessas coisas apenas no último instante, e pensei também nas entidades sem nome que poderiam estar à espreita nos abismos negros abaixo do despenhadeiro.

Minha lanterna frenética começava a dar sinais de fraqueza, mas por conta de alguma memória obscura eu pressenti a proximidade da fissura. As rajadas gélidas e estridentes e os assovios nauseantes às minhas costas funcionaram naquele instante como um opiáceo misericordioso, embotando a minha imaginação ao horror do abismo hiante logo à frente. Então percebi novas rajadas e assovios *na minha frente* — marés de abominação que saíam pela fissura vindas de profundezas inimaginadas e inimagináveis.

Foi nesse momento que a essência mais pura dos pesadelos se abateu sobre mim. A sanidade se esvaiu — e, ignorando tudo a não ser o impulso animal da fuga, simplesmente me arrojei rumo à superfície em meio aos escombros da rampa como se o abismo sequer existisse. Quando percebi a borda do precipício, investi todas as reservas de força que eu ainda possuía em um salto frenético, porém no mesmo instante fui apanhado em um redemoinho pandemônico de sons abomináveis e escuridão absoluta e materialmente tangível.

Esse foi o fim da minha experiência, até onde consigo lembrar. Quaisquer impressões ulteriores pertencem unicamente ao domínio do delírio fantasmagórico. Sonho, loucura e memória se fundiram em uma série de alucinações fantásticas e fragmentárias que não podem manter relação alguma com qualquer realidade. Houve uma queda odiosa por léguas incalculáveis de uma escuridão viscosa e senciente, e uma babel de ruídos totalmente estranhos a tudo o que sabemos sobre a Terra e a vida orgânica em nosso planeta. Sentidos dormentes e rudimentares pareceram despertar no meu âmago, sugerindo abismos e vácuos povoados por horrores flutuantes que levavam a penhascos desprovidos de sol e a oceanos e cidades fervilhantes com torres basálticas sem janelas, onde nenhuma luz jamais brilhava.

Segredos do planeta primordial e de éons imemoriais passaram pela minha cabeça sem a ajuda da visão ou da audição, e assim eu soube de coisas que nem

os meus sonhos mais desvairados haviam sequer insinuado. O tempo inteiro os dedos frios do vapor úmido me agarravam e me cutucavam, e aqueles odiosos e quiméricos assovios gritavam como demônios por cima da babel e do silêncio que se alternavam nos redemoinhos de escuridão ao redor.

A seguir tive visões da cidade ciclópica dos meus sonhos — não em ruínas, mas tal como eu a havia sonhado. Eu estava mais uma vez no meu corpo cônico e inumano, misturado a multidões de indivíduos da Grande Raça e a mentes cativas que carregavam livros de um lado para o outro nos corredores espaçosos e nas enormes rampas. No entanto, por cima dessas imagens surgiam clarões momentâneos de uma consciência não visual que envolvia batalhas desesperadas, de embates para se libertar dos tentáculos preênseis de um vento assoviante, de um voo insano como o de um morcego através do ar semissólido, de uma fuga desesperada pela escuridão vergastada por ciclones e de tropeços e cambaleios frenéticos na cantaria desabada.

Em certo momento houve um clarão bastante singular e intrusivo de uma semivisão — a suspeita tênue e difusa de uma radiância azulada muito acima de mim. Depois veio um sonho em que eu escalava e me arrastava enquanto era perseguido pelo vento — em que eu me contorcia sob um luar sardônico através de uma pilha de entulho que deslizava e desabava atrás de mim no meio de um mórbido furacão. Foi a pulsação maligna e monótona do luar enlouquecedor que por fim marcou o meu retorno ao que eu outrora havia conhecido como o mundo real e objetivo.

Eu me arrastava de bruços pelas areias do deserto australiano, e ao meu redor uivava um tumulto de ventos como eu jamais tinha conhecido na superfície do nosso planeta. Minhas roupas estavam em farrapos, e todo o meu corpo era uma massa de batidas e arranhões. Minha consciência retornou muito devagar, e em nenhum momento eu soube dizer com certeza em que ponto minhas verdadeiras memórias haviam dado lugar aos sonhos delirantes. Parecia ter havido uma pilha de blocos titânicos, um abismo mais abaixo, uma monstruosa revelação do passado e um horror digno de um pesadelo no fim — mas quanto seria real? Minha lanterna tinha desaparecido, assim como qualquer estojo de metal que eu pudesse ter descoberto. Teria havido um estojo — ou um abismo — ou um monte? Com a cabeça erguida, olhei para trás e vi apenas as estéreis areias ondulantes do deserto.

O vento demoníaco amainou, e a túmida lua fungoide afundou na vermelhidão a oeste. Pus-me de pé e comecei a cambalear rumo ao sudoeste, na direção do acampamento. O que havia acontecido comigo na realidade? Será que eu tinha apenas sofrido um colapso no deserto e arrastado um corpo assolado por sonhos inquietantes ao longo de quilômetros de areia e blocos soterrados? De outra forma, como eu poderia continuar vivendo? Nessa nova dúvida, toda a

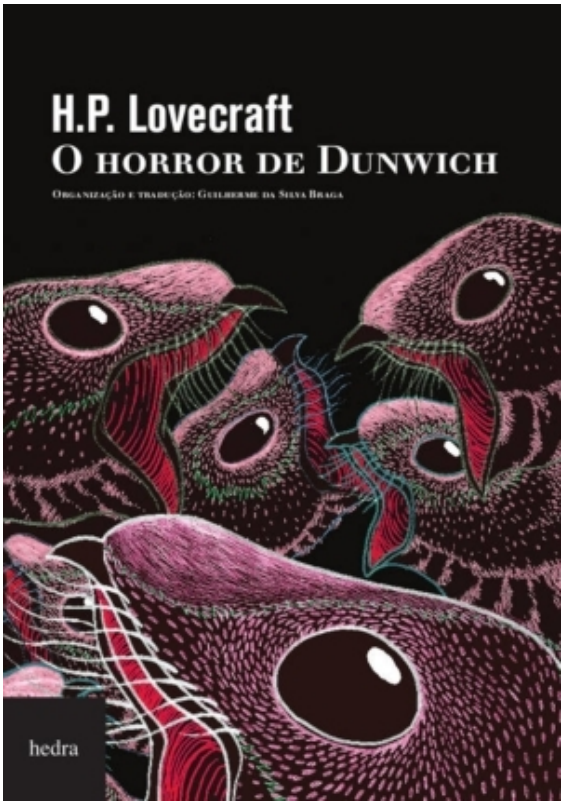
minha fé na irrealidade nascida dos mitos e surgida nas minhas visões dissolveu-se mais uma vez na antiga dúvida infernal. Se aquele abismo era real, então a Grande Raça era real — e os ensinamentos e as capturas no vórtice cósmico do tempo não seriam mitos ou pesadelos, mas uma realidade terrível e avassaladora.

Será que eu havia, na realidade atroz, visitado o mundo pré-humano de cento e cinquenta milhões de anos atrás naqueles dias obscuros e enigmáticos de amnésia? Será que o meu corpo presente havia servido como veículo para uma medonha consciência alienígena egressa dos paleogêneos abismos do tempo? Será que eu, como mente cativa daqueles horrores rastejantes, teria de fato conhecido a amaldiçoada cidade de pedra na época do apogeu primordial e me arrastado por aqueles vastos corredores na forma abominável do meu captor? Seriam aqueles sonhos torturantes de mais de vinte anos o resultado de atrozes e monstruosas *memórias?* Teria eu de fato conversado com mentes oriundas dos mais inalcançáveis confins do espaço e do tempo, aprendido os segredos do universo, passados e futuros, e escrito os anais do meu próprio mundo para os estojos metálicos daquele arquivo titânico? E seriam aqueles outros — aquelas horrendas Coisas Ancestrais dos ventos enlouquecedores e dos assovios demoníacos — na verdade uma ameaça remanescente à espreita, aguardando e definhando em abismos negros enquanto as mais variadas formas de vida desenvolviam-se em ciclos multimilenares na superfície de um planeta devastado pelos éons?

Não sei. Se aquele abismo e os horrores que encerrava forem reais, não resta esperança. Neste caso, seria uma verdade incontestável que sobre o mundo da humanidade paira uma incrível e zombeteira sombra vinda do tempo. Graças ao destino misericordioso, não existe nenhuma prova de que essas coisas sejam mais do que novas fases em meus sonhos nascidos de mitos. Eu não trouxe de volta o estojo metálico que serviria de prova, e até agora os corredores subterrâneos tampouco foram encontrados. Se as leis do universo forem bondosas, jamais serão encontrados. Mesmo assim, preciso contar ao meu filho o que vi ou imagino ter visto, e permitir que use o próprio juízo como psicólogo para avaliar a realidade da minha experiência e transmitir meu relato a outras pessoas.

Afirmei que a espantosa realidade por trás dos meus tormentosos anos oníricos depende, em caráter absoluto, da realidade do que julguei ter visto naquelas ruínas ciclópicas soterradas. Foi difícil para mim registrar por escrito essa revelação crucial, embora nenhum leitor tenha deixado de adivinhá-la. É claro que a revelação estava no livro encerrado no estojo metálico — o estojo que retirei do covil esquecido em meio à poeira intocada de um milhão de séculos. Nenhum olhar tinha visto, nenhuma mão havia tocado aquele livro desde a chegada do homem a esse planeta. Mesmo assim, quando acendi a lanterna sobre a página no pavoroso abismo megalítico, percebi que as letras de estranha

pigmentação impressas sobre as frágeis páginas de celulose escurecidas pelos éons na verdade não eram hieróglifos inominados que remontavam à juventude da Terra. Eram apenas as letras do nosso alfabeto, traçando palavras da língua inglesa na minha própria caligrafia.


H.P. Lovecraft
O horror de Dunwich
Organização e tradução: Guilherme da Silva Braga
hedra

O horror de Dunwich

Lovecraft, H.P.

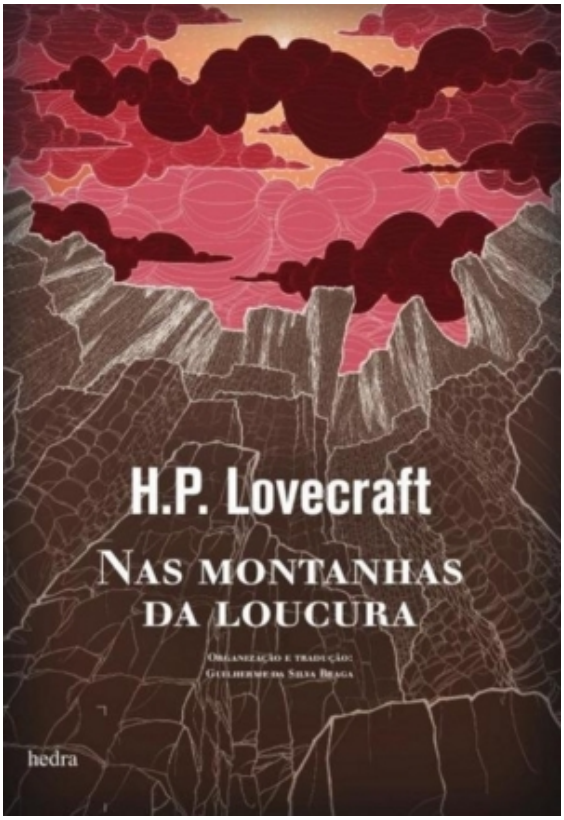
9788577154678

106 páginas

Compre agora e leia

O horror de Dunwich é uma novela essencial ao ciclo mítico de Cthulhu. Em 1913, no vilarejo de Dunwich, a albina Lavinia Whateley dá à luz um menino com feições de bode, filho de um pai desconhecido. Wilbur causa espanto devido a seu desenvolvimento de rapidez sobrenatural. Em seus estudos, ele descobre Necronomicon — o temível compêndio de sabedoria oculta escrito pelo árabe louco Abdul Alhazred. Mais tarde, ao perceber que dispõe apenas de uma tradução inglesa incompleta do documento, Wilbur sai em busca da rara edição latina para dar continuidade ao misterioso ritual em família que atinge o ponto culminante com O horror de Dunwich. O apêndice traz quatro textos relacionados à importância do Necronomicon na obra de Lovecraft: os contos "História do Necronomicon" e "O sabujo", além de duas cartas escritas pelo autor.

Compre agora e leia


H.P. Lovecraft
NAS MONTANHAS
DA LOUCURA
ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO:
GUILHERME DA SILVA BRAGA
hedra

Nas montanhas da loucura

Lovecraft, H.P.

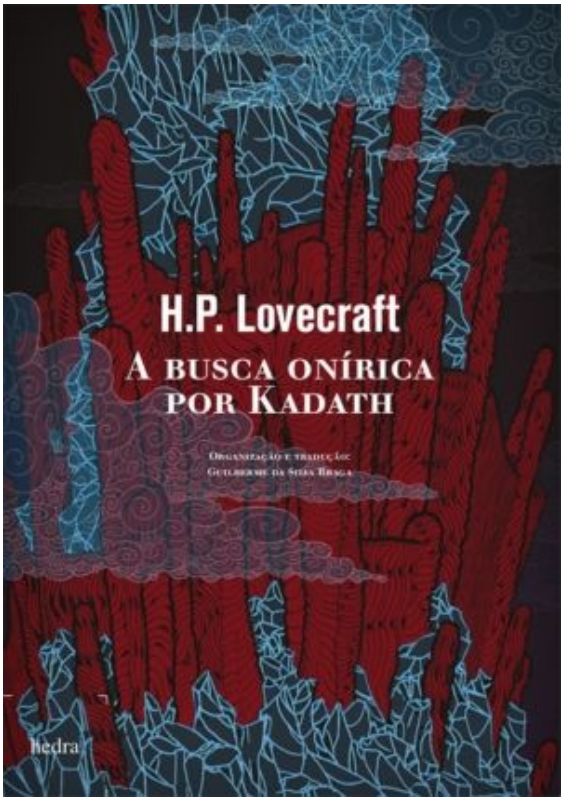
9788577154302

132 páginas

Compre agora e leia

Um dos grandes clássicos da literatura fantástica do século XX, Nas montanhas da loucura é uma importante chave interpretativa para toda a obra de H.P. Lovecraft. O título é parte da Série Lovecraft, provavelmente as melhores traduções e edições já feitas da obra do escritor. Sob o manto glacial da Antártida, uma expedição científica promovida pela Universidade do Miskatonie descobre surpreendentes indícios de civilização muito anteriores à humanidade em nosso planeta. O volume traz um apêndice com as anotações feitas por Lovecraft para a composição da novela, uma carta escrita ao correspondente Frank Belknap Long em que discute a transição do horror sobrenatural para a ficção científica e uma tradução em verso do soneto "Antarktos".

Compre agora e leia


H.P. Lovecraft
A BUSCA ONÍRICA POR KADATH
Organização e tradução
Guilherme da Silva Braga
hedra

A busca onírica por Kadath

Lovecraft, H.P.

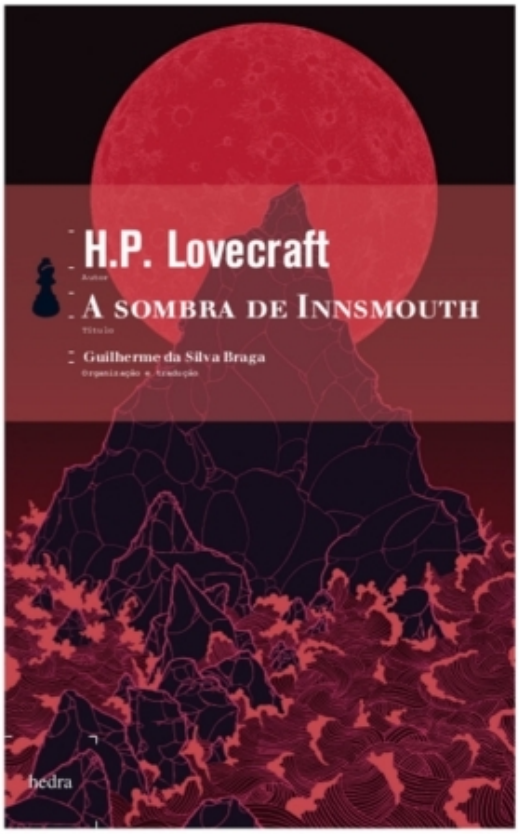
9788577154296

170 páginas

Compre agora e leia

A novela pertence ao Ciclo dos Sonhos e é protagonizada por Randolph Carter, o alter ego de Lovecraft. Depois de sonhar com uma fabulosa cidade ao pôr do sol e de acordar sem ter contemplado a grandeza do maravilhoso panorama criado por sua fantasia, Carter pede a permissão dos deuses da terra para visitar a cidade. Para cumprir a jornada, ele mergulha no mundo dos sonhos e empreende uma jornada repleta de perigos em busca de Kadath.

Compre agora e leia


H.P. Lovecraft
Autor
A sombra de Innsmouth
Título
Guilherme da Silva Braga
Organização e tradução
hedra

A sombra de Innsmouth

Lovecraft, H.P.

9788577154289

136 páginas

Compre agora e leia

Única obra do autor publicada em vida, que apresenta ao leitor os horrores de um universo onde aberrações monstruosas ameaçam o futuro da espécie humana. A história é o perturbador relato de um jovem que, durante uma viagem pela Nova Inglaterra, vê-se obrigado a passar uma noite em Innsmouth - o vilarejo portuário em ruínas que não consta em nenhum mapa e esconde um mistério tão profundo quanto as águas que o banham. O apêndice do volume contém uma carta de Lovecraft a Alvin Earl Perry, na qual expõe um método para a narração de histórias e discute a insatisfação que sentia em relação ao mercado editorial, e uma árvore genealógica dos principais personagens da novela concebida especialmente para esta edição.

Compre agora e leia

H.P. Lovecraft
A SOMBRA VINDA DO TEMPO
Organização e tradução:
Guilherme da Silva Braga
hedra

A sombra vinda do tempo

Lovecraft, H.P.

9788577154326

118 páginas

Compre agora e leia

"'A sombra vinda do tempo' é um passo adiante na dialética — que Lovecraft havia descoberto e desenvolvido havia anos — entre o clássico conto de horror e o gênero 'cósmico' que ele, de modo especial, tinha em vista", segundo Giuseppe Lippi. O professor Peaslee recobra a memória após sofrer de amnésia por cinco anos e começa a pesquisar seus estranhos sonhos. As investigações levam-no até a Austrália Ocidental e a um simples pedaço de papel que encerra a derradeira verdade sobre as viagens através do tempo. O volume traz em apêndice as notas do autor para a criação da novela, além da colaboração de Lovecraft para o conto "O desafio do além", escrito em conjunto com outros quatro autores Compre agora e leia

Table of Contents

H.P. Lovecraft e o moderno conto de terror Guilherme da S. Braga
Dagon (1917)
O navio branco (1919)
Os gatos de Ulthar (1920)
Celephaïs (1920)
Os outros deuses (1921)
A música de Erich Zann (1921)
O que a lua traz consigo (1922)
Ar frio (1926)
O chamado de Cthulhu (1926)
O modelo de Pickman (1926)
A cor que caiu do espaço (1927)
A busca onírica por Kadath (1927)
O caso de Charles Dexter Ward (1927)
O horror de Dunwich (1928)
Um sussurro nas trevas (1930)
A sombra de Innsmouth (1931)
Nas montanhas da loucura (1931)
O assombro das trevas (1935)
A sombra vinda do tempo (1935)